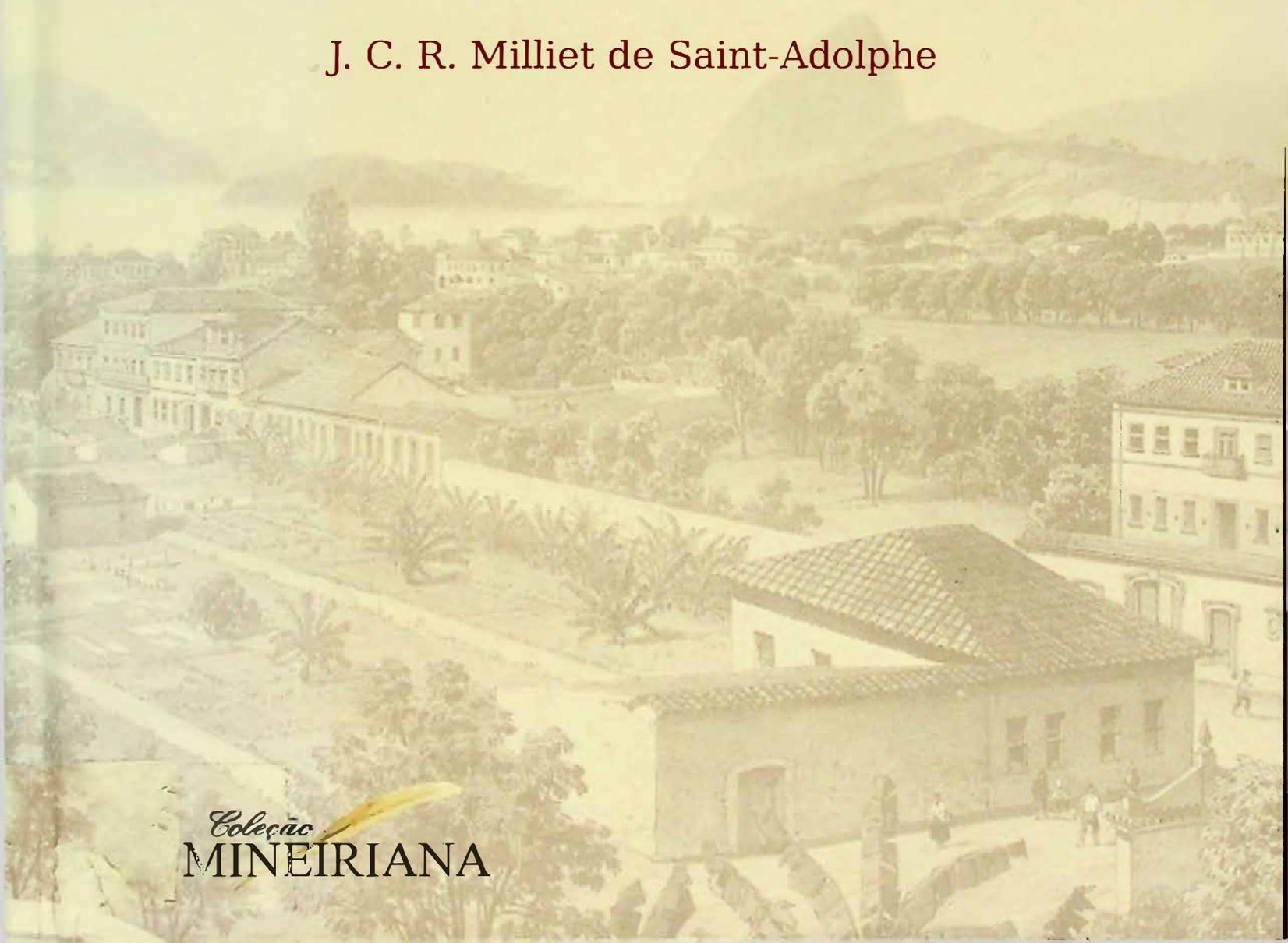


DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Coleção
MINEIRIANA



Governo Federal
Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República
Ministro Marcelo Côrtes Neri

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Sergei Suarez Dillon Soares

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Daniel Ricardo de Castro Cerqueira

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Cláudio Hamilton Matos dos Santos

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Rogério Boueri Miranda

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

Diretor de Estudos e Políticas Sociais

Herton Ellery Araújo

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Renato Coelho Baumann das Neves

Chefe de Gabinete

Bernardo Abreu de Medeiros

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Governo do Estado de Minas Gerais
Governador Alberto Pinto Coelho
Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão
Secretária Renata Maria Paes Vilhena



A FJP tem por finalidade realizar estudos, projetos de pesquisa aplicada, prestar suporte técnico a instituições públicas e privadas, formar e capacitar recursos humanos, bem como coordenar o sistema estadual de estatística, observadas as diretrizes formuladas pela Seplag.

Presidente

Marilena Chaves

Vice-presidente

Rosane Marques Crespo Costa

Diretora do Centro de Estudos de Políticas Públicas

Paulo Camilo de Oliveira Penna

Juliana Rodrigues de Paula Chiari

Diretor do Centro de Estatística e Informações

Frederico Poley Martins Ferreira

Diretora do Centro de Pesquisas Aplicadas

Maria Aparecida Arruda

Elisa Maria Pinto da Rocha

Diretora da Escola de Governo

Professor Paulo Neves de Carvalho

Luciana Moraes Raso Sardinha Pinto

Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças

Maria José Pires de Almeida

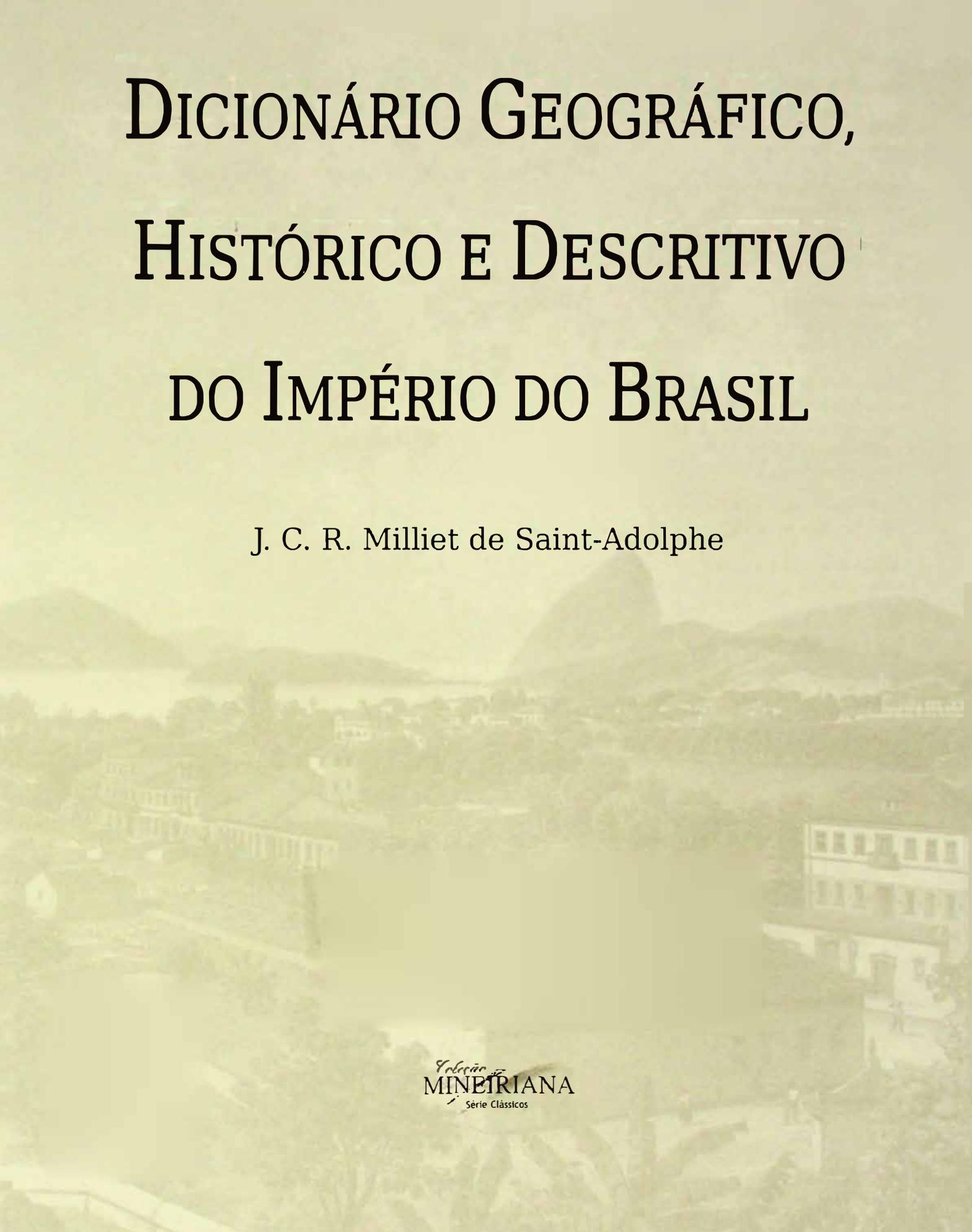
Chefe de Gabinete

Andrea Maria Ladeira Rodrigues

Assessora de Comunicação Social

Olívia Bittencourt

URL: <http://www.fjp.mg.gov.br>

The background of the cover is a sepia-toned illustration of a city, likely Rio de Janeiro, viewed from an elevated perspective. In the foreground, there are buildings and a street. In the middle ground, a bay or harbor is visible with a few boats. In the background, there are large, rounded mountains, including one that resembles Sugarloaf Mountain. The overall tone is historical and atmospheric.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Coletânea
MINERIANA
Série Clássicos

Coordenação editorial

Fundação João Pinheiro

Maria Marta Martins de Araújo

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Marco Aurélio Costa

Indicação para publicação

Roberto Borges Martins

Estudos críticos

Maria do Carmo Andrade Gomes

Renato Pinto Venâncio

Atualização toponímica e produção de índices

Maria do Carmo Andrade Gomes

Maria Marta Martins de Araújo

Camila Borges Freitas

Camila Lobato Rajão

Transcrição e modernização ortográfica

Olga Maria Alves de Sousa

Revisão ortográfica e gramatical

Heitor Vasconcelos Corrêa Dias

Apoio Administrativo

Luzia Oliva Barros

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Moraes e José Arnaldo Mendes | UTOPIKA EDITORIAL

Agradecimentos

Nemer Fornaciari Design e Manolo Garcia Florentino, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa

Imagem da capa

Gravura de Eugène Ciceri (1813-1890). Laranjeiras – Rio de Janeiro (RJ), 1852.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Saint-Adolphe, J. C. R. Milliet de

S132d Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil / estudo crítico Maria do Carmo Andrade Gomes, Renato Pinto Venâncio ; tradução e acréscimos Caetano Lopes de Moura – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2014.

1104p. 2 v., : il. (Coleção Mineiriana. Clássicos)

ISBN 978-85-85930-62-2

1. História – Brasil. 2. Geografia – Brasil. 3. Império – Brasil. 4. Mapas – Brasil. I. Gomes, Maria do Carmo Andrade; Venâncio, Renato Pinto; Moura, Caetano Lopes de (Trad.). II. Título.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E DESCRITIVO DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Tradução e acréscimos
Caetano Lopes de Moura

Estudos críticos
Renato Pinto Venâncio
Maria do Carmo Andrade Gomes

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

Belo Horizonte, Brasília

2014

Conselho Editorial da Coleção Mineiriana

Amilcar Vianna Martins Filho

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Bernardo Novais da Mata Machado

Caio César Boschi

Carlos Antônio Leite Brandão

Douglas Cole Libby

Eleonora Santa Rosa

Fábio Lucas Gomes

Friedrich Ewald Renger

Guy de Almeida

Juliana Rodrigues de Paula Chiari

Lucília de Almeida Neves Delgado

Marcus Vinícius de Freitas

Maria Efigênia Lage de Resende

Maria Marta Martins de Araújo

Marilena Chaves

Mário Borges Neto

Roberto Borges Martins

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO,
HISTÓRICO E DESCRITIVO
DO IMPÉRIO DO BRASIL

J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe

Primeiro volume

Apresentação

Criado em setembro de 1964, o IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada completa 50 anos em 2014, comemorando relevante e substancial trajetória no tocante à produção de estudos e pesquisas sobre a economia e a sociedade brasileiras e à geração de conhecimentos necessários à formulação de políticas públicas, não apenas em âmbito federal, mas também na criação de parâmetros para atuação governamental nas diferentes esferas.

E é, portanto, no contexto desse acontecimento especial que o IPEA, em parceria com a Fundação João Pinheiro, de Minas Gerais, reedita uma das obras basilares da história da ocupação territorial e da evolução urbana no Brasil, publicada originalmente em 1845.

Graças ao trabalho minucioso da equipe de história da FJP, o Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil, de autoria do escritor francês, Milliet de Saint-Adolphe, vem novamente a público em edição crítica e aumentada; acompanhada de estudos introdutórios, índices e de atualização toponímica das principais localidades existentes no Brasil à época de sua elaboração. Salienta-se, em particular, este abrangente trabalho de pesquisa em torno do Dicionário e de sua contribuição para a história e toponímia do Brasil, o qual tem também por função estimular a realização de novas investigações, sobretudo na dimensão local, por meio das quais será possível avançar com maior propriedade nas relações históricas entre as comunidades do passado e as atuais povoações brasileiras.

Além da perspectiva comemorativa, a reedição desta obra alcança os objetivos estatutários do IPEA no sentido de oferecer à sociedade brasileira elementos para o conhecimento e solução de seus desafios, neste caso, contribuindo para a reflexão sobre a sua história e formação de suas identidades culturais e urbanas.

Finalmente, ressaltamos a importância desta parceria institucional com a Fundação João Pinheiro, concebida no seio da Coleção Mineiriana, que permitiu, juntamente com o apoio dado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG, o acesso a esta obra rara e de consulta obrigatória para a compreensão e análise dos diferentes processos que determinaram a configuração histórica e geográfica do Brasil.

Sergei Suarez Dillon Soares
Presidente do Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada (Ipea)

Apresentação

A Fundação João Pinheiro, por meio de sua renomada Coleção Mineiriana, oferece aos pesquisadores mais uma importante obra de referência para os estudos sobre a formação histórica de Minas Gerais e de todo o país: a reedição crítica do Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil, de Milliet de Saint-Adolphe.

Escrita durante 26 anos de residência do autor em território nacional, a obra teve sua primeira edição em 1845 e abarca os mais variados temas relacionados à geografia e história do então império brasileiro, com destaque para a descrição, por vezes circunstanciada, das povoações e vilas da época. Na verdade, uma das primeiras publicações capaz de ultrapassar o recorte provincial e oferecer “uma descrição geral e circunstanciada de todo o Império”, conforme remarca o tradutor Caetano Lopes de Moura em seu prólogo.

De acordo com os objetivos maiores da Coleção Mineiriana de fomentar a pesquisa e contribuir para a ampliação dos conhecimentos históricos disponíveis, o Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil teve sua ortografia modernizada e vem acrescido de índices que muito facilitam a sua consulta, sobretudo o índice remissivo que agrupa os verbetes pelas 18 províncias de então.

Cabe destacar ainda os estudos críticos que acompanham e enriquecem ainda mais a publicação. O primeiro, de autoria do historiador Renato Pinto Venâncio, busca desvendar alguns aspectos da vida nebulosa de Milliet de Saint-Adolphe e do processo de construção do dicionário. A recepção da obra também é objeto de reflexão do estudo crítico, tendo em vista seu interesse para melhor entendimento da importância da publicação no contexto da época, como no tocante à divulgação do Brasil junto aos governos e imigrantes europeus.

De autoria da historiadora e pesquisadora da Fundação João Pinheiro, Maria do Carmo Andrade Gomes, o segundo estudo detém-se sobre a documentação cartográfica que acompanhou a edição original e que também é reproduzida na presente publicação: um mapa geral do Brasil e cinco planos de cidades e portos brasileiros. A análise dessas representações vem acompanhada de breve panorama da situação geopolítica e da produção cartográfica do período, elemento essencial para compreensão das motivações dos mapeamentos e dos propósitos de sua inserção no dicionário.

Por fim, não custa reiterar a relevância dessa publicação, cujo interesse transcende as fronteiras de Minas Gerais e que corresponde plenamente aos fins maiores da Coleção Mineiriana, programa de pesquisa e edição voltado à memória histórica, mantido pelo Centro de Estudos de Políticas Públicas da Fundação João Pinheiro, com 20 anos de existência e 41 títulos publicados.

Marilena Chaves
Presidente da Fundação João Pinheiro

SUMÁRIO GERAL DA OBRA

(PRIMEIRO E SEGUNDO VOLUMES)

Critérios editoriais	15
A construção de um Dicionário	17
<i>Renato Pinto Venâncio</i>	
Exatas e imprecisas: as imagens cartográficas do Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil	27
<i>Maria do Carmo Andrade Gomes</i>	
Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil	35
Aviso ao leitor	36
Dedicatória	37
<i>João Pedro Aillaud</i>	
Prólogo do tradutor	39
<i>Caetano Lopes de Moura</i>	
Primeiro volume	43
Segundo volume	543
Índice remissivo dos verbetes por província do Império	
Alagoas	1019
Bahia	1020
Ceará	1024
Espírito Santo	1026
Goiás	1027
Maranhão	1030
Mato Grosso	1031
Minas Gerais	1035

Pará 1042
Paraíba 1047
Pernambuco 1048
Piauí 1050
Rio de Janeiro 1051
Rio Grande do Norte 1056
Santa Catarina 1057
São Paulo 1059
São Pedro do Rio Grande 1062
Sergipe 1065

Índice antroponímico 1066
Índice dos topônimos atualizados 1078

Cartografia

Carta do Império do Brasil 1091, 1092, 1093
Plano da baía e cidade do Rio de Janeiro 1095
Plano da Bahia 1097
Plano de Pernambuco 1099
Plano do porto e cidade do Maranhão 1101
Plano do porto do Pará 1103

Critérios editoriais

Obra ambiciosa, editada inicialmente em 1845, o Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil se propõe a fornecer um panorama geral do estágio de desenvolvimento de cada província, cidade, vila e aldeia, destacando seus aspectos históricos, dados de população, comércio, indústria, agricultura e mineração. No âmbito da geografia, traz o nome e a descrição dos rios, lagoas, serras e dos montes, dedicando especial atenção, no caso das aglomerações urbanas, aos estabelecimentos escolares e, no tocante aos rios, às condições de navegação, transformando-se num verdadeiro guia para o viajante interessado em percorrer o vasto território brasileiro.

A preocupação com o progresso material das localidades é uma constante e aparece por meio de observações pontuadas ao longo das descrições, principalmente em relação à necessidade do desenvolvimento da agricultura por parte das populações.

Cabe salientar que, para além de seus amplos objetivos, o dicionário enseja ser também um registro de memória dos homens que se destacaram na formação histórica do Brasil. Como bem diz o autor:

“Dever-se-ia eternizar o nome daqueles que empregam o seu tempo e capitais a bem do público serviço, e pelo mesmo teor entregar ao público desprezo a memória dos que empecem ao progresso das instituições e trabalhos, que redundam em proveito de todos.”¹

As fontes utilizadas pelo autor foram as mais diversas. Destacando-se as obras de diferentes viajantes e a documentação oficial do Império, como os decretos da Assembleia Geral e das assembleias provinciais.

Em que pesem os 26 anos gastos por Milliet de Saint-Adolphe na redação do dicionário, a obra possui o caráter de um empreendimento coletivo e deve ser destacado o papel importante exercido pelo editor João Pedro Aillaud e por Caetano Lopes de Moura. Moura, além da tradução, foi responsável por numerosas observações e adições feitas ao texto original.

A obra já nasceu aberta a incorporações, inclusive, futuras, como demonstra a abrangente lista de correspondentes no Brasil e em Portugal para receber possíveis correções e retificações.

Tal abertura é que nos impulsionou a também acrescentar, nesta edição, a atualização toponímica das principais aglomerações urbanas do século XIX, utilizando para isso as bases de dados e informações históricas dos municípios brasileiros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e outras fontes complementares.

¹ SAINT-ADOLPHE, J.C.R. Milliet de. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil*. Belo Horizonte: FJP; Brasília: IPEA, 2014, p.344.

Nos padrões da Coleção Mineiriana, o Dicionário geográfico, histórico e descritivo de Milliet de Saint-Adolphe está sendo editado com sua ortografia atualizada, acrescido de índices que facilitam a busca de informações, como o índice dos verbetes agrupados pelas províncias existentes à época da edição da obra, o índice antroponímico e o índice de topônimos atualizados.

Em 1845, o império do Brasil possuía 18 províncias, as mesmas da época da Independência: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Pedro do Rio Grande, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Essa divisão administrativa se manteve praticamente a mesma em todo o período imperial. Foi criada apenas a província do Amazonas em 1850, desmembrada da província do Pará, e elevada a comarca de Curitiba à província independente, em 1853, com a denominação de província do Paraná. Ao agrupar os verbetes pelas províncias existentes em 1845, a presente edição oferece importante instrumento de auxílio à pesquisa, tendo em vista a disposição alfabética dos verbetes.

O dicionário contou com duas edições, em 1845 e 1863, a primeira tendo sido utilizada para a presente edição pela Coleção Mineiriana.

A premissa básica adotada no preparo da edição foi manter o texto o mais próximo possível do original. Apesar da atualização ortográfica, foram mantidos vocábulos da época, a pontuação, a sintaxe, o modo de expressão e a grafia de alguns nomes próprios. A ordem alfabética dos verbetes foi alterada em alguns casos, dada a nova grafia. Alguns poucos saíram da letra de origem, como *sipó* que saiu da letra *s* e foi para a *c*, como *cipó*. Para evitar possíveis erros, os topônimos não foram atualizados, mas sua escrita foi modernizada, de modo a mantê-los o mais próximo possível da forma utilizada pelo autor. Em obediência a essa normativa, manteve-se a grafia dos topônimos mesmo nos casos em que tal atualização seria mais simples, como em *Maçaió*, atual *Maceió*. Os algarismos arábicos foram escritos por extenso, com exceção dos que compõem as datas e as tabelas constantes do dicionário. De modo geral, as formas entre parênteses (V.) foram mantidas como aparecem no original, mesmo naqueles casos em que não foram encontrados os verbetes correspondentes aos nomes relacionados.

A construção de um dicionário

Renato Pinto Venâncio

Jean Claude-Rose de Milliet de Saint-Adolphe, comumente referido como Milliet de Saint-Adolphe, publicou duas edições do *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil* entre 1845 e 1863. Embora essa obra seja referência obrigatória para muitos pesquisadores, a vida de seu autor é pouco conhecida. Sabe-se, contudo, de sua permanência no Brasil durante vários anos, como, aliás, é sublinhado na própria capa do livro em questão: “Obra coligida e composta durante vinte e seis anos de residência e de longas peregrinações por diversas províncias do Império”.

Milliet de Saint-Adolphe chegou ao Brasil em 1816, na mesma data da *Missão Artística Francesa*, e residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou como tipógrafo.² Por essa época, na nova capital do império português, existia uma pequena comunidade de comerciantes franceses, formada em decorrência da “abertura dos portos” e das perseguições políticas da Restauração.³ O autor do *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil* veio acompanhado de um filho, Auguste, que se tornou proprietário de uma loja na Rua do Ouvidor⁴ e faleceu em 1852.⁵

São esparsas as informações a respeito da origem do autor do dicionário. O sobrenome “Milliet” é considerado por genealogistas originário da Savoia, região ao sul da França.⁶ Ao escrever à irmã, em 1821, Saint-Adolphe a endereça a Saint-Genis-Laval, localidade relativamente próxima à mencionada. No entanto, atribuir essa origem geográfica ao autor do dicionário é algo hipotético, pois não localizamos documento algum que a confirme. A mesma desinformação é constatada em relação às datas de nascimento e de morte de Milliet de Saint-Adolphe. Trata-se de dado nem mesmo registrado – como normalmente é feito – nas fichas catalográficas do acervo da Biblioteca Nacional da França.⁷

² Carta do sr. Milliet de Saint-Adolphe à sua irmã, na França, relatando os acontecimentos que precederam a partida de d. João VI e sua família para Lisboa em abril de 1821. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1821. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Cód. L. 320, doc. 34.

³ Como é sabido, a Missão Francesa foi responsável pela vinda de destacados artistas e intelectuais franceses, fugindo à perseguição política após a queda do império napoleônico e do reestabelecimento dos governos monárquicos no contexto da Santa Aliança, ver: SCHWARCZ Lília Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 310. Eis a composição demográfica dessa comunidade: “nove teriam chegado antes da paz europeia; quatro em 1815; 45 em 1816; 108 em 1817; 38 em 1818 e 37 em 1819.” Ver: DUMONT, Juliette. *Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses no Brasil no início do século XIX*. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil, séculos XIX-XX*. São Paulo: Ed. UNESP. 2009, p.107.

⁴ Diário do Rio de Janeiro, 01 de agosto 1823, p.3.

⁵ Correio Mercantil, 20 de março de 1852, p. 3: “Leilão hoje sexta-feira em presença de um delegado do consulado francês dos elegantes trastes de mogno, escolhidos, da casa do Sr. Leger, porcelanas, cristais, prata de lei, bronzes, quadros, fatos, bela roupa fina de cama, mesa e de vestir, algumas bijuterias e um excelente relógio de ouro, bela pele de onça, etc, etc; tudo de genuína propriedade do finado Sr. Augusto Milliet de Saint-Adolphe.”. (Grifo nosso)

⁶ Disponível em: <http://www.geneanet.org/genealogie/fr/milliet.html>. Acesso em: 20 fev. 2013.

⁷ No acervo da Biblioteca Nacional da França constam dois livros desse autor. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/servelet/biblio?ID=30948580&SN1=0&SN2=0&idNoeud=1.1.1.1.1&FormatAffichage=0&host=catalogue>. Acesso em: 20 fev. 2013. Na última reedição de parte do dicionário, os respectivos organizadores, na apresentação, também não identificaram a naturalidade de Milliet de Saint-Adolphe, assim como as datas de nascimento e de óbito desse autor, ver: MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, J. C. R. *Dicionário da provincia de Sergipe* (eds. Francisco José Alves; Itamar Freitas). Aracaju: Editora UFS, Fundação Oriêdo Teixeira, 2001, p.9-11.

Por outro lado, sua filiação política é explicitada na publicação *Quelques Observations sur les Constitutions de l'Empire*, panfleto de 16 páginas, publicado em 1815, do qual também constava que o autor residia na rua Poissonnière, em Paris.⁸ Conforme é possível observar pela leitura desse texto, tratava-se de um partidário de Napoleão. Isso deve ter lhe valido perseguições políticas após a Restauração. Outro motivo para sua vinda ao Brasil talvez decorresse da perda do cargo militar (“inspecteur des convois d’artillerie”), num contexto de desestruturação do exército francês, após um longo período de guerras.⁹

O *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil* estava longe, contudo, de ser obra de apenas um autor. Na capa, dois outros nomes são mencionados. Um é João Pedro Aillaud, “Vice-consul de Portugal em Caen, Cavaleiro da Ordem de Cristo” – o que o remete a uma origem aristocrática – e autor de *Notice sur l'état Actuel de la Publication de l'Atlas de M. le vte de Santarem*, publicado em 1846. Além da carreira diplomática, era proprietário de uma renomada livraria parisiense, a “J.P. Aillaud”, voltada à divulgação e eventual publicação de obras luso-brasileiras. Em 1839, lançou a *Historia do Brasil, desde o seu Descobrimento por Pedro Alvares Cabral até a Abdicação do Imperador D. Pedro I*, de Francisco Solano Constâncio. Cinco anos mais tarde veio a público nova edição do *Castrioto Lusitano ou História da Guerra entre Brasil e Hollanda*, de Fr. Raphael de Jesus e cuja edição original datava de 1679. Nela, lê-se que fora publicada “debaixo dos auspícios do Augusto Soberano do vasto Império Brasil”. O mesmo é observado no prefácio do dicionário. Consta ali um agradecimento ao “alto Patrocínio de Vossa Majestade Imperial”, D. Pedro II. Essa parceria estava apenas se iniciando e veio a se consolidar nas décadas seguintes, com a criação do selo editorial: “J.-P. Aillaud, Guillard & Cie livreiros de suas majestades o imperador do Brasil e el-rei de Portugal”.¹⁰

O terceiro nome citado na capa é de Caetano Lopes de Moura. Moura foi o tradutor e, como ele mesmo reconhece, responsável por “numerosas observações adicionais” ao dicionário. Nesse sentido, pode ser considerado coautor, principalmente quando se sublinha que essa obra nunca chegou a ser publicada em francês. Caetano Lopes de Moura tinha outras afinidades biográficas com Milliet de Saint-Adolphe, pois também integrou o exército francês e chegou a conhecer pessoalmente Napoleão.¹¹ Embora de origem humilde e afrodescendente – filho de um *carpinteiro* e definido como *pardo* – Caetano Lopes de Moura estudou medicina na Europa e aí viveu durante a idade adulta, até falecer em 1860. Ao realizar a tradução,

⁸ Milliet de Saint-Adolphe, J. C. R. *Quelques observations sur les constitutions de l'Empire*. Paris: l'auteur, 1815.

⁹ A presença de muitos bonapartistas no Brasil chegou mesmo a preocupar autoridades francesas e austríacas. A esse respeito, afirma uma especialista: temia-se “um proselitismo liberal ou uma tentativa de agrupamento e ação na América. Dispomos, em torno dessa questão, de vários documentos que provêm de autoridades francesas”. Com efeito, em tom quase paranoico, o cônsul francês no Rio de Janeiro alertou várias vezes as autoridades de seu país de origem, a respeito de supostas conspirações articuladas no Novo Mundo para resgatar Napoleão da ilha de Santa Helena, que aí residiu entre 1815 até sua morte em 1821. Ver; DUMONT, Juliette. Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses no Brasil no início do século XIX. In VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil, séculos XIX-XX*. São Paulo: Ed. UNESP. 2009, p.112-113.

¹⁰ Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/servlet/ListeNotices?host=catalogue>. Acesso em: 20 fev. 2013.

¹¹ Ver a biografia desse autor: VEIGA, Cláudio. *Um brasileiro no exército de Napoleão*. São Paulo: Ática, 1979. Ver também: BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Edição eletrônica [CD-ROM]. Organização e estudo crítico Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2011.

era um intelectual experiente e respeitado. Em 1845, já havia traduzido 22 obras, como *Ivanhoé*, de Walter Scott; *O Último dos Moicanos*, de James Fenimore Cooper; *Os Natchez: novela americana*, de Chateaubriand; e as *Máximas e Sentenças Morais*, do Duque de La Rochefoucauld. Além dessas traduções do inglês e francês, em 1838 também traduziu do alemão para o português *Contos a Meus Filhos*, de Katzebue. Como escritor, Caetano Lopes de Moura foi igualmente prolífico. Em 1847, prefaciou a edição portuguesa d'Os *Lusíadas* e editou textos medievais do *Cancioneiro Alegre de El-Rei D. Diniz*. No ano anterior, publicou *História de Napoleão Bonaparte desde seu Nascimento até sua Morte; Seguida da Descrição das Cerimônias que Tiveram Lugar na Trasladação de Seu Corpo da Ilha de Santa Helena para Paris e de seu Funeral* e ainda teve tempo para elaborar um *Novo Guia da Conversação Moderna, em Francês e Português, para Uso dos Viajantes e das Pessoas que se Dão ao Estudo das Duas Línguas*.¹²

A publicação do *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil* era uma iniciativa de fôlego: cerca de 4.000 verbetes que, de acordo com a apresentação de J.P. – Aillaud, deviam dar conta da “descrição geográfica e ao mesmo tempo a história natural, civil, eclesiástica, militar e comercial do vasto Império”, dimensão também sublinhada na capa, onde o subtítulo apresenta a ambição do conteúdo: “a origem e história de cada província, cidade, vila e aldeia; sua população, comércio, indústria, agricultura e produtos mineralógicos; nome e descrição de seus rios, lagoas, serras e montes; estabelecimentos literários, navegação, e o mais que lhes é relativo”. Em outras palavras, a obra deveria identificar dados da toponímia, geologia, meio-ambiente, história, economia, demografia, cultura etc de cada localidade brasileira, além de indicar os principais acidentes geográficos do espaço nacional.

Essa tarefa consistia em um enorme desafio, pois eram raras as instituições culturais da época. Inexistiam institutos históricos regionais e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, ainda estava constituindo seu acervo. O mesmo pode ser afirmado em relação aos arquivos e às bibliotecas públicos: eram instituições raras e na maioria das províncias não chegaram a ser implantadas antes da segunda metade do século XIX.¹³ Tal dificuldade era contrabalançada pela crescente publicação de livros de síntese no período. Nesse sentido, cabe destacar a publicação, em 1817, da *Corografia Brasília: ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*, de Manuel Ayres de Casal. Organizada em dois volumes, essa obra apresentava as províncias, indicando de forma sumária os nomes das vilas, dos rios etc. A publicação inspirou outras semelhantes, como a *Corografia, ou Abreviada Historia Geográfica do Imperio do Brasil*, de Domingos José Antônio Rebello, lançada em 1829. Ou ainda o *Dicionário Topográfico do Império do Brasil*, de José

¹² BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Edição eletrônica [CD-ROM]. Organização e estudo crítico Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2011.

¹³ CASTRO, César Augusto. *História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus, 2000, p.25. JARDIM, José Maria. Instituições arquivísticas: estrutura e organização. A situação dos arquivos estaduais. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v.21, 1986, p.39-42. Uma exceção parece ter sido Minas Gerais. No prólogo do dicionário é registrado o agradecimento a Baptista Caetano, dono de uma portentosa biblioteca, localizada em São João del Rei. Em 1827, ela foi doada à câmara local, que a transformou em biblioteca pública, a primeira da província de Minas Gerais. O viajante britânico Robert Walsh, “durante sua estadia em São João del Rei, em 1828, afirmou que o acervo era constituído de aproximadamente mil volumes e que se encontrava instalado em uma das salas da Câmara Municipal. A biblioteca ficava aberta das nove da manhã à uma da tarde e em seu interior os livros ficavam ‘dispostos ao longo das paredes, numa sala bem arrumada, com uma mesa de leitura no centro’”. Disponível em: http://www.acervos.ufsj.edu.br/site/obras_raras/apresentacao.html. Acesso em: 20 fev. 2013.

Saturnino da Costa Pereira, publicado em 1834. O mesmo pode ser afirmado em relação às variantes regionais desse tipo de estudo. É o caso da *Corografia Paraense, ou Descrição Física, Historica e Politica da Provincia do Gram-Para*, de Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, publicada em 1833, e da *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais*, de Raimundo José da Cunha Matos, publicada em 1837.

Embora no dicionário não haja notas ou referências bibliográficas, é possível, por meio dos textos do prólogo e dos verbetes, rastrear fontes bibliográficas e documentais arquivísticas utilizadas na pesquisa. A *Corografia Brasílica: ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil* é uma das obras citadas. O mesmo pode ser inferido em relação à *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais* e ao *Dicionário Topográfico do Império do Brasil*. A essa lista devem ser acrescentados os estudos de história local, como *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*, de Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, cuja primeira edição é de 1835, assim como os *Anais da Província de São Pedro*, de José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo, obra lançada em 1839. O dicionário também registra escritos do período colonial. No verbete dedicado ao Rio Doce, que cruza os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, Milliet de Saint-Adolphe faz uso dos relatos de sertanistas do século XVI, como Sebastião Fernandes Tourinho. Em relação aos séculos seguintes, cita, por exemplo, o bandeirante Manuel Correia, que desbravou Goiás em 1647. Há, por outro lado, numerosos verbetes que mencionam os testemunhos de jesuítas, como Manuel da Nóbrega e José de Anchieta,¹⁴ ou então Simão de Vasconcelos, autor da *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, publicada em 1663.

Como se vê, Milliet de Saint-Adolphe realizou uma extraordinária pesquisa erudita. Não é raro identificar nos verbetes referências ainda hoje pouco citadas, mesmo por especialistas, como é o caso do relato do médico italiano, Antônio Cialli, que, em 1749, registrou as supostas propriedades medicinais das águas de Lagoa Santa, Minas Gerais. Destaca-se ainda a menção a naturalistas, viajantes e historiadores estrangeiros que, durante a primeira metade do século XIX, escreveram inúmeros relatos a respeito do Brasil, como foram os casos de Peter Lund, Peter Claussen, Ferdinand Denis, Auguste de Saint-Hilaire, Alcide d'Orbigny, Spix e Martius, Eschwege, Gardner, Mawe, Ackerman, Southey, Henderson, J.J. Sturz, Grant Walsh, Morris, Mard, Koster, Fraasier, Von Langsdorff.

O subtítulo também indica que a pesquisa contou com o auxílio d'um sem número de manuscritos,... e de muitos documentos oficiais. A fonte documental mais citada foi a legislação. Aliás, desde o século XVIII, existiam grandes compilações da legislação portuguesa.¹⁵ Cabe também sublinhar que os textos das leis do Brasil império eram amplamente divulgados. Ao final de cada ano, a *Collecção das Leis* era publicada na

¹⁴ Em 1812, a Academia Real das Sciencias de Lisboa publicou cartas de José de Anchieta, junto a outros testemunhos, na *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas*. Ver: BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Edição eletrônica [CD-ROM]. Organização e estudo crítico Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2011.

¹⁵ Ver, por exemplo: *Coleção das leis, decretos e alvarás que compreende o feliz reinado del rei fidelissimo D. José o I nosso senhor desde o ano de 1750*. Lisboa: M. Rodrigues, 1760; RIBEIRO, José Anastasio de Figueiredo. *Síntesis cronológica de subsídios: ainda os mais raros para a história e estudo crítico da legislação portuguesa*. Lisboa: Oficina da Academia Real das Ciências, 1790.

forma de livro e distribuída entre câmaras municipais, tribunais, faculdades, seminários e consulados no país. Tal procedimento começou a ser registrado antes mesmo da Independência: em 1810, a Imprensa Régia reuniu e imprimiu, no Rio de Janeiro, as leis, os decretos e alvarás sancionados nos dois anos anteriores.¹⁶

A partir de 1835, essa iniciativa foi reproduzida pelos governos provinciais. Também era possível a consulta direta à documentação do governo central, assim como à documentação provincial ou camarária. Daí o prólogo mencionar que Milliet de Saint-Adolphe procurou

se informar miudamente de tudo quanto dizia respeito às diferentes cidades, vilas e províncias, peregrinou por muitas delas, e com uma paciência digna dos maiores elogios foi fazendo assento dos decretos, leis, e decisões do governo concernentes à criação de novas províncias, comarcas, vilas, e freguesias, à fundação de hospitais, abrimento de estradas, construção e lançamento de pontes e mais providências de reconhecida utilidade pública (Grifo nosso).

Outra fonte de informação importante foi a documentação cartográfica, citada por meio de referência a latitudes e longitudes das localidades estudadas. A pesquisa a esse tipo de registro era facilitada em razão da existência, no Rio de Janeiro, do *Real Arquivo Militar*, instituição criada em 1808 e que reunia o acervo cartográfico espalhado em diversas repartições administrativas:

Sendo-me presente a grande vantagem, de que será ao meu real serviço, e até a necessidade absoluta que já existe, de haver um Arquivo Central onde se reúnam e conservam todos os mapas e cartas tanto das costas, como do interior do Brasil, e também de todos os meus Domínios Ultramarinos, e igualmente onde as mesmas cartas hajam de copiar-se quando seja necessário e se examinem, quanto à exatidão com que forem feitas, para que possam depois servir de base, seja a retificação de fronteiras, seja a planos de fortalezas e de campanha, seja a projetos para novas estradas e comunicações, seja ao melhoramento e novo estabelecimento de portos marítimos: hei por bem criar um Arquivo Militar que ficará anexo à Repartição de Guerra, mas que será também dependente das outras Repartições do Brasil, Fazenda e Marinha, a fim que todos os meus Ministros de Estado possam ali mandar buscar, ou copiar os planos, de que necessitarem para o meu real serviço...¹⁷

Embora o acesso a esse arquivo fosse restrito à administração régia, é possível que Milliet de Saint Adolphe tenha obtido autorização para consultá-lo. Sua rede de apoio, registrada no prólogo, incluía respeitados dirigentes políticos – como Diogo Feijó (1784-1843) ou Evaristo da Veiga (1799-1837) – assim como

¹⁶ Disponível em:

http://www.brown.edu/Facilities/John_Carter_Brown_Library/CBPT/codigo.htm. Acesso em: 21 de fev. 2013.

¹⁷ Decreto de 7 de Abril de 1808 - Cria o Real Arquivo Militar e dá-lhe Regimento. Disponível em: http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/_sn/anterioresa1824/decreto-40139-7-abril-1808-572035-norma-pe.html. Acesso em: 21 de fev. 2013.

governadores, senadores, deputados, militares e, a partir de 1841, o próprio imperador, que se incumbiu de financiar a publicação do dicionário.¹⁸

A importância da documentação cartográfica também pode ser inferida de outras maneiras. Uma delas é a existência de verbetes que citam informações de plantas arquitetônicas, como no caso de Sepetiba, porto de Angra dos Reis, que, em 1813, ganhou “uma planta regular”. Ou então de São João del Rei, cidade que, em 1836, foi contemplada com “uma cadeia desenhada sobre uma nova planta”. Cabe ainda destacar a existência de um anexo com reprodução de mapas e planos: *Atlas do Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil*.

Conforme mencionamos, a visita *in loco* também foi outra fonte de informação. Não é possível saber ao certo as províncias ou cidades visitadas por Milliet de Saint-Adolphe, mas a lista de autoridades agradecidas, “em nome do autor”, sugere que esses deslocamentos foram em direção ao Piauí, Ceará, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Em várias localidades era possível consultar livros e documentos arquivísticos conservados em seminários, câmaras, assembleias e demais repartições administrativas. Nos verbetes, há numerosas referências a “relatórios de presidentes de província” ou então a “listas nominativas de habitantes” – definidas como “róis de população” ou “registros de alistamento”. O tom confessional de alguns verbetes também sugere lugares visitados, como no caso da ermida de Matozinhos, na localidade mineira de Congonhas do Campo, onde há uma apreciação não muito positiva de Aleijadinho – embora esse codinome não seja citado:

Essa capela pequena, se bem que rica de painéis, foi fundada em 1758, e acha-se no centro dum terraço cercado dum parapeito de pedra onde se vêem várias estátuas também de pedra, que seriam argumento da infância da arte, se não se soubesse eram elas obras de um homem, apaixonado pela escultura, que achando-se privado de mãos fazia atar nos cotos dos braços os instrumentos com que as havia lavrado.

Em relação ao método, o prólogo salienta a classificação dos *materiais que havia coligido por ordem alfabética*. Tratava-se de uma moda intelectual generalizada pelo Iluminismo francês. Dessa forma, os dicionários enciclopédicos, para além do registro do léxico, começam a ser um poderoso instrumento de divulgação de conhecimentos, como nos casos dos dedicados à filosofia, agricultura, medicina etc.¹⁹

A recepção da obra é outro aspecto crucial para contextualizar seu significado e sua importância. Em abril de 1846, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro enalteceu seu lançamento. No entanto,

¹⁸ No exemplar da obra existente na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, consta carimbo indicando ela pertencer à Biblioteca Particular de S. M. (Sua Magestade). Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart1004808/cart1004808.pdf. Acesso em: 20 fev. 2013.

¹⁹ REY, Roselyne. La vulgarisation médicale au XVIIIe siècle: le cas des dictionnaires portatifs de santé. *Revue d'histoire des sciences*, t.44 (3-4), 1991, p.418.

foi imediatamente composta uma “comissão encarregada de apontar erros que por ventura possa conter o Dicionário geographico, histórico e descritivo do Imperio do Brasil”.²⁰ Tal preocupação, aliás, também esteve presente no muitas vezes citado “prólogo”, de autoria de Caetano Lopes de Moura: “Porém todas as obras dos homens” – afirma o tradutor – “são imperfeitas, em trabalho de tanta vastidão devem necessariamente encontrar-se alguns erros, e inexatidões”. Por insistência desse último, foi incluída no primeiro volume uma lista de livreiros – de Lisboa, Porto e Coimbra, assim como da Corte e das capitais provinciais da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão e Pará – “a quem poderão entregar as correções e retificações ... para serem remetidas a Pariz a J.P. Aillaud, editor da dita obra”.

Tanta preocupação tinha sua razão de ser. Relacionava-se à importância da toponímia nas representações cartográficas. Em 1750, o Mapa das Cortes – ao servir para definir as fronteiras com as colônias espanholas – consolidou nos meios diplomáticos portugueses o reconhecimento dessa importância. Sob a influência do racionalismo iluminista, a cartografia somava a identificação toponímica dos lugares com precisos estudos de engenheiros militares. Por isso mesmo, os mapas tornaram-se documentos cada vez mais utilizados em acordos internacionais de delimitação de fronteiras. Chegou-se a afirmar que, no Brasil, à semelhança de várias outras regiões do mundo, assiste-se nesse século “uma verdadeira febre cartográfica”, com o objetivo de municiar os representantes diplomáticos de “informações precisas sobre as áreas em disputa”.²¹

O valor probatório dos mapas dependia, porém, de uma gama imensa de informações que eles consolidavam. Esse conhecimento, contudo, estava longe de ser isento de implicações políticas. Um exemplo: o reconhecimento e a aceitação de topônimos em língua portuguesa validavam pretensões sobre territórios espanhóis. Esse campo de pesquisa, dessa maneira, se torna um elemento de luta política, levando os estudiosos a afirmar que “não raro, é o mapa que precede o território e não o contrário”. A toponímia bem orientada pela cartografia também passa a sustentar ações de “campanhas militares, viagens de exploração das terras desconhecidas, empreendimentos comerciais ou de prospecção mineral, entre outros fins” nas quais ela podia ser empregada.²²

Ora, conforme mencionamos, na elaboração das representações cartográficas, o registro toponímico é fundamental. O estímulo à busca da precisão, no entanto, criava um problema: os mapas rapidamente ficavam desatualizados em razão do acúmulo de novas informações. Durante o período pós-Independência, herdou-se esse desafio, dimensão que estimulou a publicação de obras monumentais de síntese, como o *Atlas do Império do Brasil*, 1868, de Cândido Mendes de Almeida – reproduzido em jornais, livros escolares,

²⁰ Ata da 148ª Sessão em 30 de abril. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t.VIII, 1846, 287.

²¹ FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012, p. 15.

²² FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012, pgs. 24 e 67.

acordos diplomáticos etc.²³ Talvez por isso os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, embora críticos dos erros e das omissões do dicionário, o saudaram de forma entusiástica, principalmente no tocante aos registros das áreas fronteiriças, como no caso da Colônia de Sacramento, atual Uruguai, região de centenárias disputas de fronteiras. Eis o que afirma o conselheiro José Antônio Lisboa:

*Os mapas ingleses e franceses nos privam de ordinário das missões orientais do Uruguai: tanto quanto me recordo Mr. Milliet reconhece a nossa posse, e seguramente o seu Dicionário seria uma autoridade que muito competentemente contrabalançaria a dos mapas, que muitas vezes servem de argumento presuntivo nas questões de limites.*²⁴

Com efeito, embora reconheça o domínio espanhol nessa região após 1750, o dicionário sublinha sua origem portuguesa. Bem mais relevante ainda foi seu reconhecimento, em tratados internacionais, como testemunho fidedigno da posse portuguesa nas áreas fronteiriças da Amazônia.²⁵

Em outras palavras, a contribuição de Milliet de Saint-Adolphe foi reconhecida e ele foi convidado para ser sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No entanto, conforme sublinhamos anteriormente, isso não o eximiu de críticas. Aliás, estímulos para que fosse feita uma nova edição da obra são documentados. Em 1852, a comissão de avaliação do dicionário emite um juízo bastante crítico:

*O Sr. Milliet de Saint-Adolphe prestou-nos um verdadeiro serviço com a publicação da sua obra; mas o ilustre literato é o primeiro a reconhecer, que Ela está longe de atingir a perfeição: pondo em tributo principalmente a Corografia de Ayres Casal, e o Dicionário Topográfico do falecido senador José Saturnino da Costa Pereira, o Sr. Milliet cometeu muitos dos erros em que caíra o primeiro, e ainda ao segundo escaparam, e incorreu ainda em novos...*²⁶

Milliet de Saint-Adolphe, contudo, não assume a culpa sozinho. Alguns anos antes de ser publicada a avaliação acima, ele escreveu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro explicando que, “além das imperfeições que lhes são pessoais, o tradutor Sr. Caetano Lopes de Moura suprimiu e omitiu muita coisa que o autor julgava útil”.²⁷ Tal situação parece, inclusive, ter azedado a relação entre os dois, a ponto de o tradutor suprimir - na autobiografia escrita em 1852 - qualquer referência ao autor francês.²⁸

²³ Esse atlas foi organizado para guiar a viagem mental dos filhos da elite política e intelectual do império através do território nacional, ver: BORGES, Maria Eliza Linhares. Atlas: com eles também se escrevem memórias nacionais. In: DUTRA, Eliana Rodrigues de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas. Séculos XVII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006, p.372.

²⁴ Ata da 164ª Sessão em 22 de abril. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ts. IX-X 9-10, 1847, p.267-268.

²⁵ Isso ocorreu em 1899, no acordo diplomático a respeito da fronteira do Amapá e da Guiana Francesa, referente à região do Oiapoque, ver: *Réponse du gouvernement de la République française au mémoire des États-Unis du Brésil sur la question de frontière soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération suisse*. Paris: Imprimerie Nationale, 1899, p.228-229.

²⁶ Relatório do primeiro secretário interino, o Sr. Dr. J.M. de Macedo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t.XV, 1852, p.492.

²⁷ Ata da 164ª Sessão em 22 de abril. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ts. IX-X 9-10, 1847, p.267.

²⁸ MDURA, Caetano Lopes de. Biografia do Dr. Caetano Lopes de Moura escrita por ele mesmo (1852). *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, t.III (8), 1912, p.277-293; t.III (9), 1912, p.75-96; t.III (10), 1912, p.205-230.

No que diz respeito à recepção da obra, cabe ainda sublinhar sua importância no contexto de crise e extinção do tráfico internacional de escravos. Nesse sentido, Caetano Lopes de Moura reconhece, no prólogo, o impacto positivo que o dicionário poderia ter no estímulo à imigração de trabalhadores livres, provenientes da Europa e de “demais partes do mundo”, atraídos pelas muitas vezes exaltadas “salubridade do clima ... fertilidade do solo, e ... hospitalidade do governo e dos habitantes do Brasil”:

Para tão útil fim nada pode contribuir com mais eficácia do que o divulgarem pela Europa e pelas demais partes do mundo as excelências de um tão ditoso clima, e com quanto os diversos escritores ... não o hão feito senão parcialmente, e cada um debaixo de diferente ponto de vista; era mister, e o interesse do Brasil estava imperiosamente reclamando, que saísse à luz uma obra que encerrasse, não já uma notícia sucinta desta ou daquela província, desta ou daquela outra cidade ou vila, mas sim uma descrição geral e circunstanciada de todo o Império.

Nas províncias, o dicionário também teve boa acolhida. Antes mesmo de seu efetivo lançamento, jornais publicaram chamadas de subscrições destinadas a encomendas de impressão. Em 25 de fevereiro de 1845, o pernambucano *Diário Novo* anunciou:

Subscreve-se para esta obra importante na livraria da rua da Cruz do bairro do Recife n. 56, e o preço da subscrição dela encadernada elegantemente é 12\$800 ... Adverte-se que a subscrição estará aberta até o fim do corrente Fevereiro porque devendo concluir-se em Paris a impressão em fins do próximo mês de Março, convém que antecipadamente sejam pedidos os exemplares correspondentes ao numero dos Srs. Subscritores. Adverte-se igualmente que a mesma obra não poderá ser vendida pelo mesmo preço pelo qual é cedida aos subscritores, atento o alto preço dela em Paris.²⁹

Dois meses mais tarde, foi a vez de um jornal maranhense anunciar: “Esta obra publicada por subscrição, será entregue nesta Livraria [Livraria Frutuoso] em Junho... Preço da assinatura para esta obra interessante 12:800 encadernada”.³⁰ Em 1846, o dicionário era encontrado em livrarias, conforme indica uma notícia de jornal carioca: “vende-se na rua do Ouvidor n. 87, loja de Mongle”.³¹

Para se compreender o impacto dessa obra, cabe sublinhar que, na época de sua publicação, os problemas de delimitação de fronteiras também eram vivenciados no nível municipal e provincial. Querelas desse tipo se estenderam pelo período republicano e regularmente utilizaram o dicionário como fonte de informação,³²

²⁹ Cabe lembrar que a publicação atrasou e o dicionário foi lançado somente em outubro de 1845. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/> Acesso em: 24 fev. 2013.

³⁰ *Publicador Maranhense*, 2 de abril de 1845, p. 3. Disponível em: [http://hemerotecadigital.bn.br.](http://hemerotecadigital.bn.br/) Acesso em: 24 fev. 2013.

³¹ *Diário do Rio de Janeiro*, 25 de fevereiro de 1846, p. 2. Disponível em: [http://hemerotecadigital.bn.br.](http://hemerotecadigital.bn.br/) Acesso em: 24 fev. 2013.

³² Em Minas Gerais, por exemplo, no início do século XIX, os acordos com o governo de Goiás levaram em conta os dados levantados por Milliet de Saint-Adolphe, ver: SALLES, Francisco Antônio de. Questões de limites entre os Estados de Minas e Goyaz. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. t.9 (3-4), 1904, p.805. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br.](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br) Acesso em: 24 fev. 2013.

inspirando várias gerações de eruditos que procuraram corrigir ou aprimorar seu conteúdo.³³

Logo após seu lançamento, a obra de Milliet de Saint-Adolphe se tornou fonte de consulta para confecção dos relatórios oficiais do império.³⁴ Ao longo da primeira metade do século XX, o *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil* foi consultado por inúmeros historiadores, sociólogos, economistas e antropólogos e era fonte em vários livros clássicos das ciências sociais brasileira.³⁵ Nas últimas décadas, porém, a referência a ele foi se tornando rara. Por isso mesmo, sua reedição abre caminho para releituras e novas descobertas do saber enciclopédico nele contido.

³³ Em 1852, José Marcelino Pereira de Vasconcelos comunica ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ter publicado na França as *Correções e Accrescimentos ao Dicionário Geographico do Império do Brazil*; sendo um estudo específico para a província do Espírito Santo, ver *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t.XV, 1852, p.492. O mesmo afã de revisão de Milliet de Saint-Adolphe é percebido nos volumes de: MOREIRA PINTO, Alfredo Moreira. *Apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1894-99. Em Minas Gerais, esses esforços podem ser constatados em vários volumes da Revista do Arquivo Público Mineiro ou no trabalho de síntese: BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Saterb, 1968. O erudito Hélio Gravata, até a década de 1990, perseguiu erros e omissões no dicionário, indicando as seguintes localidades mineiras não contempladas com verbetes: Santo Antonio dos Taboões, São João, Arantes, Bação, Morro de São Vicente, Ribeirão, Botafogo, Teixeira, Engenho d'Água, Carreiros, Pires, Santo Antonio do Monte, Salto, Betim, Santo Antonio do Leite, Saboeiro, Boa Vista, Chapada, Macedos, Bela Vista, São Gonçalo do Monte, Xistos, Taquaral, Santana, Contenda, Aranha (nome antigo Jesus Maria José da Boa Vista), Nossa Senhora das Dores da Boa Vista, Bento Leite, Saramenha, Vieira, Lobo Leite (nome antigo de Soledade), Moreiras, Gomes, Curralinho, São Gonçalo do Tijuco, São Julião, Bocaina, Ribeiro, José Correia e São Caetano da Moeda. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/gravata/search.php>. Acesso em: 23 fev. 2013.

³⁴ Isso ocorria principalmente em relação aos dados estatísticos de população, ver, por exemplo: *Anuario Político, Historico e Estatistico do Brazil*. Rio de Janeiro: Firmin Ditot Irmãos, 1846, v. 1, p.395. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=TD0-AAAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=Anuario+Político,+Historico+e+Estatistico+do+Brasil&hl=en&sa=X&ei=vnHAUbTkD8fyDQG03oCIDw&ved=OCC4Q6AEwAA#v=onepage&q=Anuario%20Político%2C%20Historico%20e%20Estatistico%20do%20Brasil&f=false>. Acesso em: 23 fev. 2013.

³⁵ Eis alguns desses estudos: Alfred Métraux, *Migrations historiques des tupi-guarani* (1927); Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo* (1942); Câmara Cascudo, *Geografia dos mitos brasileiros* (1947); e Florestan Fernandes, *A organização social dos Tupinambá* (1949).

Exatas e imprecisas: as imagens cartográficas do Dicionário histórico, geográfico e descritivo do império do Brasil

Maria do Carmo Andrade Gomes

O mapa geral *Império do Brasil* e as cinco plantas dos portos brasileiros que acompanham o *Dicionário histórico, geográfico e descritivo do império do Brasil* não são datados nem apresentam autoria explícita. Além disto, os próprios autores do dicionário não tecem comentário algum sobre as imagens inseridas na obra.

Como foi corretamente apontado no estudo crítico de Renato Pinto Venâncio, o Dicionário geográfico insere-se no conjunto de obras de cunho corográfico que, ao longo do século XIX, vieram responder à necessidade de se constituir o *corpus* de um conhecimento geográfico sobre a nação em construção. Especialmente quanto aos aspectos descritivos do território, o texto do dicionário, em sua totalidade, pode ser visto como uma cartografia em prosa, um guia de viagem, ou ainda um roteiro de navegabilidade. Muitos de seus verbetes comportam-se como mapas narrados, como é exemplo o verbete do Rio Doce, que palmilha o percurso do rio, ou o verbete sobre a vila de São João del Rei, que sugere vivamente uma observação *in loco* da paisagem urbana, à maneira dos viajantes oitocentistas. A despeito desse teor cartográfico do texto, o mapa e os planos não guardam com ele clara relação dialógica.

Para um entendimento do conteúdo nele representado e da genealogia técnica própria da linguagem cartográfica, faz-se necessária uma breve análise da situação geopolítica e da produção cartográfica do período, em busca de dados que permitam inferir sobre as motivações dos mapeamentos e dos propósitos de sua inserção na obra.

Os planos exatos dos portos brasileiros

Publicado em 1845, o dicionário é apresentado como um produto de décadas de pesquisas e viagens de Milliet de Saint-Adolphe pelo Brasil, onde teria vivido por 26 anos. Trazendo consigo seu passado de oficial bonapartista, Saint-Adolphe chegou ao Brasil no ano de 1816 – quando a paz europeia selada em Viena passou a permitir a entrada de franceses na ex-colônia portuguesa, agora elevada a Reino Unido. Nesse período, a ex-colônia, com sua imensa costa e seu interior desconhecido dos europeus, apresentava-se como um objeto de renovado e ampliado interesse das nações europeias, em especial das potências Inglaterra e França. A necessidade de expansão das rotas marítimas e de segurança dos portos para as potências beligerantes impulsionou a produção de conhecimentos náuticos e geográficos, de cartografias do mar, das costas e dos portos.

Segundo Martins³⁶, a constituição de rotas de comunicação seguras e estrategicamente localizadas, rotas que se adensaram em redes ao longo do século XIX, seria a origem do poderio marítimo da Inglaterra. O império britânico já tinha privilégios de acesso à colônia brasileira desde antes da abertura dos portos. Com a vinda da Corte portuguesa, escoltada pela Marinha Britânica, escapando da invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, aprofundou-se essa relação de tutela. O Brasil passou a abrigar uma base naval da Marinha Britânica. Segundo Martins,

*Além de policiar os mares contra a pirataria e o tráfico negreiro, o dever principal da Marinha Real Britânica nas bases navais era obter informações mais precisas para o uso de navegantes britânicos, na corrida contra a primazia francesa.*³⁷

Em que consistia essa primazia francesa? A França, mesmo perdendo a guerra, manteve-se como potência econômica e voltou a disputar as rotas comerciais marítimas. O novo império sul-americano em que se transformava o Brasil era um mercado importante, e à França interessava aprofundar as relações comerciais. Para alcançar seus propósitos impunha-se a construção das chamadas estradas do mar, que exigiam conhecimento seguro das rotas marítimas que conduzissem à imensa costa brasileira e penetrassem seus portos mais importantes. Até o final do século XVIII, a tradição cartográfica francesa era a mais sólida da Europa. O aparato oficial de produção do conhecimento náutico e cartográfico havia sido instituído desde 1720, quando a França criou o seu *Dépot des Cartes et Plans de la Marine*, enquanto o almirantado inglês só passou a investir na qualidade de seu saber e de suas cartas náuticas em 1795, com a criação do seu Departamento Hidrográfico. A partir de então, a produção cartográfica inglesa começou a se desenvolver em ritmo e qualificação compatíveis com os avanços do império britânico, capacitando-se para competir em rigor e qualidade com a produção francesa. Nesse contexto de disputa comercial e territorial, a cartografia náutica e as cartas hidrográficas tornaram-se importantes instrumentos das nações concorrentes.³⁸

A França foi o país que mais investiu nesses mapeamentos na costa brasileira ao longo do século XIX. A partir da segunda década dos oitocentos, gerações de cartógrafos militares franceses fazem a cobertura cartográfica da costa brasileira em sucessivos empreendimentos até a sua consolidação, com os trabalhos de Ernest Mouchez, que, entre 1856 e 1865, refez todo o mapeamento.

A primeira das missões francesas no Brasil interessa-nos mais especialmente. Dela resultaram as matrizes cartográficas posteriormente aprimoradas pelas outras missões. Algumas dessas matrizes foram reproduzidas no *Dicionário geográfico e histórico* de Saint-Adolphe: os cinco planos dos portos brasileiros do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão e Pará. Trata-se da comissão hidrográfica liderada pelo então capitão da marinha francesa Albin-Reine Roussin, que percorreu a costa brasileira de Santa Catarina

³⁶ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes; o olhar britânico* (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

³⁷ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes; o olhar britânico* (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.72.

³⁸ O BRASIL, a França e o Mar. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha/EMC Edições, 2009.

até o Pará entre 1819 e 1820. Segundo Roussin, o *Dépôt de la Marine* francês sentiu necessidade de obter cartas precisas da costa do Brasil e decidiu patrocinar a expedição, sob as ordens do rei da França, Luís XVI. Dessa expedição resultou a produção dos documentos cartográficos (uma carta geral da costa brasileira e 14 cartas náuticas do litoral e dos portos brasileiros) além de dois documentos textuais. Em 1821, Roussin publicou em Paris o livro *Navigacion aux Côtes du Brésil*, definido pelo autor como uma memória, parte do trabalho completo que seria publicado em 1827, com o título de *Le Pilot du Brésil*.³⁹

Sob o comando de Roussin, os mapeamentos foram realizados pelos oficiais franceses Alexandre Givry e Charles Louis Gressier, engenheiros-hidrografos. Os textos de Roussin deixam claro que o interesse dos franceses era conhecer a costa brasileira de forma expedita, detendo-se no levantamento de dados necessários à grande navegação, e não à navegação de cabotagem. Todo o levantamento da costa foi feito conjugando dois métodos de levantamento: uma rede contínua de triângulos articulada às medidas tomadas pela observação astronômica a partir do mar. Na escala definida, as cartas mostrariam tudo o que era de interesse na costa a uma distância de uma ou duas léguas, oferecendo aos navegadores o necessário, sem detalhamentos que pudessem comprometer a clareza da carta, sua principal qualidade. A cobertura cartográfica obedecia a uma estratégia militar, realizada de forma urgente e discreta, sem maior aproximação com as autoridades e comunidades das áreas mapeadas.

Quanto à toponímia inscrita nas cartas, Roussin afirmou ter considerado a nomenclatura do país como forma de garantir segurança aos dados:

*A costa do Brasil, ainda que muito mal figurada nos mapas até então, não se apresenta com detalhes topográficos que exijam uma nomenclatura muito extensa. Mas os erros dos mapas têm levado a uma confusão na designação dos lugares que um mesmo ponto, muitas vezes um ponto imaginário, é indicado por cinco ou seis nomes diferentes, tanto quanto são as cartas (...) Me dediquei a recolher os nomes usados no país, fazendo escrever, sempre que possível, pelos próprios habitantes...*⁴⁰

A busca por informações seguras e a exatidão das cartas também se expressa na preocupação de Roussin quanto à impossibilidade de se aproximar de certos trechos para traçar a costa e a necessidade de se utilizar muitos *dados de outrem*. Mesmo procurando os dados os mais exatos possíveis, o cartógrafo Alexandre Givry teve o cuidado de colocar explicações nas cartas, os navegadores tendo sido instados a observá-las.

Comparando-se as cartas publicadas no *Le Pilot du Brésil* com os planos do Dicionário de Saint-Adolphe, é possível afirmar com segurança tratem-se essas últimas de cópias ligeiramente modificadas daquelas. As

³⁹ ROUSSIN, [Albin-Reine]. *Navigacion aux côtes du Brésil*. Paris: Imprimerie Royale, 1821.

ROUSSIN, [Albin-Reine]. *Le pilot du Brésil ou description des côtes de l'Amérique Méridionale, comprises entre l'Île de Santa Catarina e celle de Maranhão, avec les instructions nécessaires pour atterrir et naviguer sur ces côtes*. Paris: Imprimerie Royale, 1827. Nesta obra, Roussin é identificado como contra-almirante, membro do Conselho do Almirantado e detentor de diversos títulos honoríficos.

⁴⁰ ROUSSIN, [Albin-Reine]. *Le Pilot du Brésil*...p.22.

diferenças se dão em torno do recorte ou da escala da área representada, das variações toponímicas e da qualidade gráfica. De maneira geral, os planos do dicionário apresentam uma resolução gráfica de menor qualidade e os recortes das áreas são menores. A escala e a toponímia foram quase inteiramente traduzidas para o português.

Nos planos originais de Givry e Gressier, a toponímia mistura termos em francês e português. Conforme notas contidas nos documentos cartográficos, os dados foram coletados a partir de pilotos ou outros informantes brasileiros e portugueses embarcados com essa missão. Tanto as informações toponímicas da costa como outros dados descritivos do interior do continente teriam sido posteriormente corrigidos a partir da obra de Manuel Ayres de Casal, *Corografia Brasileira*.

É importante sublinhar que tanto Aires do Casal como o almirante Roussin são autores citados em diversos trechos do dicionário, o que leva ao entendimento de terem sido fontes importantes na sua elaboração. De Roussin e sua obra *Pilot du Brésil*, Saint-Adolphe cita referências toponímicas, posições geográficas, descrições de pontos da costa e avaliações de condições de navegabilidade. Para além das referências explícitas no texto do Dicionário e da inserção das cópias das cartas da expedição do almirante francês, a conexão entre as duas obras – Dicionário e o *Pilot du Brésil* – se expressa na qualidade do texto de Saint-Adolphe como roteiro de navegação da costa e penetração pelo interior: generoso nas indicações relativas à navegação da costa brasileira, seus verbetes relativos aos portos, às baías e entradas de rios quase sempre trazem informações quanto à localização, natureza do comércio marítimo, segurança para navios de guerra (existência de forte, fogo de artilharia), condições de ancoragem (ventos, profundidade do porto) e capacidade de penetração de embarcações pelo interior.

O último comentário nesse esforço comparativo entre os dois conjuntos cartográficos diz respeito aos gravadores e impressores das obras. Os planos publicados por Roussin trazem créditos para o gravador Ambroise Tardieu (1788-1841), também cartógrafo e membro de uma renomada família de gravadores franceses. Tardieu foi responsável por importantes trabalhos cartográficos, como o Atlas de Malte-Brun⁴¹ e a versão francesa do mapa dos Estados Unidos de John Arrowsmith, de 1806.

Já os planos dos portos e das baías do Dicionário de Saint-Adolphe trazem a inscrição de seu impressor, Kaepelin (E. Kaepelin), um litógrafo com sólida produção na impressão de mapas, conforme se presume pelas obras que atestam sua contribuição, algumas com a inscrição Kaepelin & Cie.⁴² Segundo uma obra publicada em Paris em 1874, de autoria de Dionise Kaepelin (seu sócio, cujo presumível parentesco não é esclarecido), sobre a história e a técnica da litografia e da fotolitografia, E. Kaepelin foi um dos primeiros a utilizar a fotolitografia na França, tendo prestado serviços aos ministérios da Guerra e da Marinha, em especial na

⁴¹ Atlas universel de géographie, ancienne et moderne, dressé par Ambroise Tardieu pour l'intelligence de la géographie universelle par Malte-Brun. Paris: Fume. 1842.

⁴² No catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal podemos encontrar o seu nome ligado a impressões de mapas antigos como a publicação do Atlas do Visconde de Santarém, em 1849, ou a primeira edição em tamanho original do Mappemonde de Fra Mauro, de 1854.

transposição para a pedra das cartas manuscritas traçadas pelos oficiais da engenharia militar.⁴³ A impressão litográfica de gravuras transpostas foi aperfeiçoada por E. Kaepelin, o que o tornou muito importante pela grande economia que trouxe para o trabalho com os mapas oficiais franceses. A habilidade em realizar a transposição de maneira a manter a qualidade das cópias e o menor custo delas devem ter concorrido para a decisão de Saint-Adolphe – ou de seus editores – de inserir tais imagens em sua obra.

A carta *imprecisa* do Império

Desde sua fundação, o império brasileiro contou com o forte *legado cartográfico* resultante dos projetos iluministas da metrópole portuguesa.⁴⁴ No entanto, tanto os contornos das fronteiras territoriais do novo país em formação quanto seus recortes administrativos internos permaneceram imprecisos ao longo das primeiras décadas do século XIX. Enquanto a costa foi gradativamente descrita e desenhada em diferentes escalas por sucessivos mapeamentos, quase toda a margem ocidental do país era um esboço cartográfico, de fronteiras indefinidas e/ou contestadas. A disposição interna das províncias também possuía grandes áreas imprecisas, pontos cegos e zonas de conflito. Aliados aos obstáculos técnicos e orçamentários para se mapear um território de dimensões continentais, esses fatores retardaram em décadas a produção de uma cartografia oficial que apresentasse o império brasileiro com a segurança e o orgulho próprios desse tipo de imagem.

Até a publicação em 1846 da *Carta Corográfica do Império do Brasil*, elaborada por Conrad Jacob Niemeyer, os mapas gerais do Império seriam confeccionados por autores estrangeiros, especialmente por cartógrafos ingleses e franceses, na linhagem das cartas gerais que compunham os atlas universais muito disseminados no período.⁴⁵

Sobre a carta *Império do Brasil*, publicada no dicionário, não foi possível localizar sua matriz ou genealogia que permitam estabelecer com segurança sua autoria ou datação. Na carta, o interior do país não apresenta qualquer divisão entre as províncias. São localizadas apenas pela inserção da toponímia. Os contornos externos são percebidos pelo uso da cor, mas os contornos ocidentais são apresentados de forma mais imprecisa do que já vinha sendo publicado nas edições cartográficas do período. Diferentes atlas europeus alternavam padrões de representação dos instáveis limites do país na região amazônica, incluindo ou excluindo áreas a partir de posições geopolíticas adotadas em seus países ou redes científicas. O mapa do Dicionário exime-se de um claro posicionamento, dissolvendo parte dos contornos na mancha de cor verde que avança sobre a fronteira ocidental e só se interrompe na quadratura que delimita a representação. Um levíssimo pontilhado acompanha a mancha da cor verde e demarca, a partir do extremo sul, na lagoa Mirim,

⁴³ Kaepelin, D. Lithographie, cromolithographie, autographie, gravure sur pierre, machines à imprimer. In: *L'art de prendre la parole*. Paris: Librairie Scientifique, Industrielle et Agricole, 1874.

⁴⁴ Kantor, I. Mapas em trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822). *Araucaria*, v.12, n.24, 2010. p.123.

⁴⁵ Ao longo do século XIX, a proliferação dos atlas e mapas impressos na Europa concorreu para a fixação de limites e afirmação das identidades territoriais dos Estados nacionais. Em meados do século XIX a produção de atlas pelos diferentes países europeus atingia seu auge, caracterizando uma cartografia concorrencial. PEIXOTO, R. A. *A máscara da Medusa: a construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

essa fronteira ocidental, e vem a se interromper na localidade de São José, pouco abaixo do forte Príncipe da Beira, às margens do rio Guaporé. Por um longo trecho na extremidade oeste da bacia do Amazonas, a imprecisão é acentuada pelo fato de o uso da cor não corresponder ao pontilhado, que corta em linha reta a margem esquerda do grande rio. Os dois signos de delimitação – cor e linha pontilhada – voltam a se corresponder a partir da confluência do rio Solimões com o Amazonas e seguem demarcando a fronteira norte até o cabo Orange, na foz do rio Oiapoque. Já na região sul, os contornos da carta seguem a tradição dos mapas franceses das primeiras décadas do século XIX, nos quais os traçados são desfavoráveis às posições brasileiras, refletindo a forte posição do governo francês, aliado das pretensões de Buenos Aires.

Além do silêncio dos autores, também no contexto imediato de recepção da obra de Saint-Adolphe no Brasil não há menção à carta geral do Império. Em abril de 1847, o engenheiro e professor Pedro de Alcântara Lisboa encaminhou carta ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nela dá notícia de sua comissão na capital portuguesa, presume-se que relativa à recolha de informações sobre tudo quanto pudesse interessar ao IHGB em relação à história e geografia do Brasil. Alcântara Lisboa recomendou ao instituto que empreendesse o árduo trabalho de corrigir a obra, conforme fora pedido pelo próprio Saint-Adolphe, *para que não se agravem as equivocacões que de ordinário lesam os interesses do Brasil em obras desse gênero, obras que podem entranhar-se por todos os países da Europa*.⁴⁶ Alcântara Lisboa fez em seguida outra observação importante na defesa do trabalho de Saint-Adolphe e sugestiva dos interesses geopolíticos que concorriam para as edições de livros e mapas no período, em especial no jogo diplomático em curso, no qual o império brasileiro empenhava-se para garantir e estender seu território:

*Os mapas ingleses e franceses nos privam de ordinário das missões orientais do Uruguai; tanto quanto me recorde M. Milliet reconhece a nossa posse, e seguramente o seu Dicionário seria uma autoridade que muito competentemente contrabalançaria a dos mapas, que muitas vezes servem de argumento presuntivo das questões de limites.*⁴⁷

Entretanto, ao confrontarmos texto e mapa no Dicionário, somos levados a concluir que Alcântara Lisboa, por ocasião da avaliação acima, teve acesso ao texto, mas não às imagens cartográficas que acompanham a obra de Saint-Adolphe. Os verbetes das aldeias das antigas missões e da província de São Pedro do Rio Grande são legitimadores dos limites conquistados pelo império brasileiro no sul do território, conforme lemos no seguinte trecho:

No ano seguinte, por convenção feita com os Estados vizinhos, recobrou o Brasil os seus antigos limites, na beira-mar, ao norte de Cerro Largo, seguindo o rumo da serra Geral até a cabeceira do rio Arapeí, afluente do Uruguai, com condição que a Colônia do Sacramento ficaria pertencendo, como dantes o era, ao Estado Cisplatino, em compensação do distrito de Alegrete e das Sete Missões. (...) A província

⁴⁶ *Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, tomo IX, 1847, p.267.

⁴⁷ *Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, tomo IX, 1847, p.267-8.

de São Pedro do Rio Grande confronta, da parte do norte, com a de Santa Catarina (...); da banda do poente, uma parte do rio Uruguai, no ponto em que passa por diante das Sete Missões e do distrito da vila de Alegrete, forma o limite natural entre ela e o estado de Entre Rios.⁴⁸ (grifo nosso)

Fica evidente que esse e outros trechos do dicionário não guardam relação com o mapa que o acompanha, onde o limite da província de São Pedro, ou seja, do império do Brasil, é claramente distinto, sem abarcar a parte oriental do rio Uruguai ou as aldeias das referidas missões, que ficam em território uruguaio. O mapa *Império do Brasil* mantém, portanto, os limites do extremo sul nas mesmas linhas dos mapas de outros franceses, como Beauchamp (1815), Brué (1836) e Lapie (1829), entre outros.⁴⁹

Essa contradição entre texto e mapa é parte do enigma que cerca as motivações do autor e de seus editores quanto à produção de sua obra monumental e quanto à inserção das imagens cartográficas nela. De um lado o conjunto dos planos dos portos apresentam clareza e profusão de dados e coerência entre as informações textuais e cartográficas que descrevem a costa brasileira e as condições de navegabilidade e penetração em seu interior. De outro lado, uma posição ambivalente quanto às fronteiras e à soberania do Império em formação, obscurecida pela inserção de um mapa geral descontextualizado, com toponímia arcaica e limites difusos, desprovido de mínimas informações espaciais sobre as subdivisões provinciais, já disponíveis, embora com informações distorcidas, em diversas cartas publicadas no período.⁵⁰ A imprecisão da carta geral sugere sua inserção apenas para cumprir uma difusa função simbólica de representação do Império. Já os planos dos portos podem ser claramente percebidos, em sua exatidão, como chaves de leitura gráfica do grande roteiro de penetração do território que era o Dicionário como um todo.

⁴⁸ SAINT-ADOLPHE, J. C. R. *Dicionário* ... p. 894-5.

⁴⁹ Carte du Brésil. In: Lapie, M. *Atlas universel de géographie ancienne et moderne*. précédé d'un abrégé de géographie physique et historique. Paris: P. C. Lehuby, 1841. Carte du Brésil. 1836. In: Brué, A. H. *Atlas universel de géographie physique, politique, ancienne et moderne*. Paris: P. C. Lehuby Librairie-Éditeur, [1844]. BEAUCHAMP, Alphonse. Nova carta do Brasil e da América Portuguesa. 1821. In: *História do Brasil desde o seu descobrimento em 1500 até 1810*. Lisboa: Oficina de J. F. M. de Campos, [1817-18-].

⁵⁰ Além de Brué, citam-se as cartas de Buchon e Malte-Brun. Carte géographique, statistique et historique du Brésil. In: BUCHON, J. A. *Atlas géographique, statistique, historique et chronologique des deux Amériques et des îles adjacentes*. Paris: Librairie de J. Carez, Éditeur, 1825. Carte de Brésil, 1836. In: MALTE-BRUN, C. *Atlas Complet du précis de la Géographie Universelle*. Paris: Aimé André Libraire-Éditeur. 1837.

**DICIONÁRIO GEOGRÁFICO,
HISTÓRICO E DESCRITIVO
DO IMPÉRIO DO BRASIL**

CONTENDO

A ORIGEM E HISTÓRIA DE CADA PROVÍNCIA, CIDADE, VILA E ALDEIA;
SUA POPULAÇÃO, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, AGRICULTURA E PRODUTOS MINERALÓGICOS;
NOME E DESCRIÇÃO DE SEUS RIOS, LAGOAS, SERRAS E MONTES;
ESTABELECIMENTOS LITERÁRIOS,
NAVEGAÇÃO, E O MAIS QUE LHE É RELATIVO.

Obra coligida e composta durante vinte e seis anos de residência
e de longas peregrinações por diversas províncias do Império, com o auxílio
dum sem número de manuscritos, e de obras publicadas em diversas línguas
por escritores tanto antigos como modernos,
e de muitos documentos oficiais,

POR

J. C. R. MILLIET DE SAINT-ADOLPHE;
E TRASLADADA EM PORTUGUÊS DO MANUSCRITO INÉDITO FRANCÊS,
COM NUMEROSAS OBSERVAÇÕES E ADIÇÕES,

PELO

Dr. CAETANO LOPES DE MOLIRA,
NATURAL DA CIDADE DA BAHIA.

PUBLICADA PELAS DILIGÊNCIAS E DEBAIXO DA DIREÇÃO LITERÁRIA

DE J. P. AILLAUD,
VICE-CÔNSUL DE PORTUGAL EM CAEN,
Cavaleiro das Ordens de Cristo e de N. S. da Conceição de Vila Viçosa.

DEDICADO (COM PERMISSÃO ESPECIAL) A SUA MAJESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRASIL.

**Ornada dum Mapa geral do Brasil, e de cinco Planos
das cidades e portos principais.**

TOMO PRIMEIRO.

PARIS.

EM CASA DE J. P. AILLAUD, EDITOR,
11, QUAI VOLTAIRE.

1845

AVISO AO LEITOR

As longitudes desta obra são calculadas segundo o meridiano de Paris.

PARIZ. – NA TYPOGRAFIA DE FAIN E THUNOT,
Rua Racine, 28, perto do Odeon.

Senhor,

Uma obra especialmente consagrada ao Brasil, que encerra a descrição geográfica e ao mesmo tempo a história natural, civil, eclesiástica, militar e comercial do vasto Império, à testa do qual foi a Providência servida colocar a VOSSA Magestade Imperial, devia por todos os títulos apresentar no frontispício o seu augusto Nome. Bem que me lisonjeasse ser ela de natureza a merecer tão insigne honra, e que me tivesse esmerado em torná-la digna de ser posta debaixo do alto Patrocínio de VOSSA Magestade Imperial, ainda assim me não animaria a tanto, se VOSSA Magestade Imperial, por graça especial, me não houvera a isso autorizado.

Digne-se pois acolher benignamente, com aquela bondade que costuma prestar a tudo o que pode contribuir para o progresso da civilização e das ciências, esta obra que respeitoso e reverente consagra,

Senhor,

A VOSSA Magestade Imperial,

O Editor

João Pedro Aillaud,

Vice-Cônsul de Portugal em Caen.

PRÓLOGO DO TRADUTOR

A importância política e comercial duma nação depende necessariamente da bondade de suas instituições civis, das produções do seu solo e indústria, e primeiro que tudo de sua posição geográfica. Apliquemos ao Brasil a última destas proposições, que é duma evidência manifesta, e viremos a entender que poucos são os Estados, que considerados debaixo deste ponto de vista, ocupam um tão distinto lugar entre as demais nações. Colocado no centro do mundo civilizado, cercado pela Europa, América do Norte, México e mais Estados das Índias Ocidentais, os portos do mar Pacífico, a Oceania, a Austrália, as Índias Orientais e a China, este vasto continente, uma das mais mimosas partes da imensa herança do primeiro homem, *novo* se nos reportarmos à época de seu descobrimento, e talvez o mais antigo de todos se nos referirmos àquela em que surgiu do seio do oceano universal que alagava a superfície de nosso planeta, segundo as recentes investigações geológicas do Dr. Lund, com perto de novecentas léguas de costa, parece que havia sido predestinado pela Providência para ser o centro das transações comerciais de todo o mundo civilizado.

Seus portos são a arribada cômoda e indispensável de quantos navios retalham em diversas direções as ondas do grande Oceano, por isso que se acham a cinquenta dias de viagem dos de Portugal, França, Inglaterra e mais nações mercantis da Europa, a vinte e cinco para trinta do cabo da Boa Esperança, sessenta a setenta de Java, setenta a oitenta da China, trinta e três a quarenta de Valparaíso pelo cabo de Horn, quarenta a cinquenta de Lima, cinquenta e cinco a sessenta da Nova Zelândia, e sessenta a setenta da Nova Holanda, e tal é a vantagem de sua posição geográfica que podemos afoitamente afirmar, que uma esquadra brasileira que cruzasse entre o cabo de Santo Agostinho e a costa ocidental da África, em sendo de forças suficientes, interceptaria dentro de pouco tempo o comércio marítimo da Europa com as demais partes do mundo. Pelo que diz respeito às instituições civis deste novo Império, quem bem as estudar, despido de todo o estranho afeto, com quanto sejam elas de bem recente data, confessará, que se não correm parelhas em perfeição com as das nações mais civilizadas da Europa, bem pouco lhes ficam devendo; demais que não foram elas compradas à custa de tanto sangue, nem com sacrifício e violação do direito sagrado da propriedade. No concernente às produções do seu solo, qual delas há aí por mais preciosa e rara que seja que a terra do Brasil não ofereça em grande cópia? Digam-nos Spix e Martius, Eschwege, Mawe, Ackerman, Southey, Henderson, J.J. Sturz, Grant Walsh, Morris, Mard, Auguste de Saint-Hilaire, Alcide d'Orbigny, Koster, Fraasier, Van Langsdorf, o príncipe de Newvied, e outro muitos sábios e naturalistas que exploraram diversas províncias deste Império, o primeiro em grandeza depois do Chinês e Russo. Se no que diz relação à indústria fabril ainda muito se deseja, pede também a razão que se levem em conta os obstáculos invencíveis, que encontrava todo o gênero de progresso no antigo sistema colonial, e o raro contato que em consequência dele tinham os povos do Brasil com as nações industriosas da Europa; estado de cousas que não há ainda meio século que tomou diversa face. O atraso em que ainda está a agricultura deve imputar-se essencialmente à sede do ouro que lavrava na maior parte dos aventureiros Portugueses que primeiro se estabeleceram no Brasil, os quais em vez de amanharem as terras, se entregaram exclusivamente à mineração; inconveniente que se aumentou com a lavra e busca de diamantes, a qual privava a agricultura duma grande

quantidade de braços. Verdade é que a população do Império não corresponde com a vastidão de seu território; que com serem numerosos os povoados, ainda são poucos se se comparam com os que seriam mister que houvessem; porém a emigração europeia, a boa fé com que o Governo Brasileiro tem religiosamente cumprido com os ajustes que tem feito com os diversos colonizadores; o desvelo com que em todo o tempo tem favorecido e alentado quantos hão contribuído para o aumento de sua população e indústria fabril e rural; a bondade com que repetidas vezes tem generosamente acudido até aqueles que hão cavado a sua própria ruína, por se haverem embarcado em especulações temerárias, tudo nos afiança que convidados e atraídos da salubridade do clima, da fertilidade do solo, e da hospitalidade do governo e dos habitantes do Brasil, novos colonos se determinarão a ir povoar os sertões dum país tão favorecido da natureza, que poucos são os europeus que o hão visitado que em êxtase de admiração se não vissem a ponto de exclamar com Lery: “*Sus! Sus! mon âme! Il te faut dire ta joie;*” dum país onde com qualquer indústria e com muito pouco trabalho podem ter certeza de viverem numa abundância, de que nunca desfrutarão no encerro das cidades da Europa.

Para tão útil fim nada pode contribuir com mais eficácia do que o divulgarem-se pela Europa e pelas demais partes do mundo as excelências dum tão ditoso clima, e com quanto os diversos escritores que atrás deixamos nomeados tenham tratado do Brasil, não o hão feito senão parcialmente, e cada um debaixo de diferente ponto de vista; era mister, e o interesse do Brasil estava imperiosamente reclamando, que saísse à luz uma obra que encerrasse, não já uma notícia sucinta desta ou daquela província, desta ou daquela outra cidade ou vila, mas sim uma descrição geral e circunstanciada de todo o Império: movido destas razões M. Milliet de Saint-Adolphe, no longo espaço de mais de vinte e seis anos que residiu no Brasil, depois de haver compulsado quantos livros pode encontrar na Biblioteca Imperial do Rio de Janeiro, e consultado obras dos escritores modernos, pôs um estudo particular em se informar miudamente de tudo quanto dizia respeito às diferentes cidades, vilas e províncias, peregrinou por muitas delas, e com uma paciência digna dos maiores elogios foi fazendo assento dos decretos, leis, e decisões do governo concernentes à criação de novas províncias, comarcas, vilas, e freguesias, à fundação de hospitais, abrimento de estradas, construção e lançamento de pontes e mais providências de reconhecida utilidade pública, e classificando a cópia imensa de materiais que havia coligido por ordem alfabética, de tão longo e consciencioso trabalho resultou o presente *Dicionário histórico descritivo e geográfico*, cuja utilidade é tão evidente que seria desnecessário encarecê-la.

Encarregados pelo Editor o senhor J. P. Aillaud da redação e transladação em português do manuscrito original inédito do autor, esmeramo-nos no desempenho deste dever, na certeza de que fazíamos ao nosso país um assinalado serviço, e contribuímos com quanto podemos para levar à maior perfeição uma obra a todos os respeitos única no seu gênero, revendo-a e enriquecendo-a com numerosas adições para a tornar digna da nação para que é especialmente destinada, e do Monarca ilustrado que a governa, e debaixo de cujos auspícios tem de sair à luz.

Porém todas as obras dos homens são imperfeitas, e em um trabalho de tanta vastidão devem necessariamente encontrar-se alguns erros, e inexatidões; aqueles de que nos advertimos irão numa errata, e não é de estranhar que sejam eles em grande número, à vista dos que se encontram na *Corografia brasileira*, a melhor obra que deste gênero tem sido publicada; e pelo que diz respeito aos outros, pedimos em nome

do editor às pessoas que depararem com alguns, tenham a bondade de entregar as retificações e correções deles às pessoas cujos nomes se acharão no fim da presente introdução, para estas lhes remeterem a Paris, na certeza de que na segunda edição aparecerão emendados os artigos respectivos. Observaremos todavia que não obstante as imperfeições e erros que no presente dicionário se poderão encontrar, ficará ele sendo um monumento nacional, um mapa geral do Império do Brasil, onde se poderão ir classificando as diversas modificações que se forem fazendo em sua divisão territorial, bem como na ereção de novas províncias, comarcas, cidades, vilas, etc.

Não acabaremos sem dar (em nome do autor) os devidos agradecimentos aos senhores Antônio Joaquim de Moura, deputado do Ceará, conde de Beaurepaire, governador do Piauí, Raimundo José da Cunha Matos, governador de Mato Grosso, Evaristo Ferreira da Veiga, deputado, Antônio Diogo Feijó, ex-regente, o major Caetano Pinheiro, José Joaquim Vieira Souto, deputado, José Saturnino da Costa Pereira, governador de Mato Grosso e senador, Manoel do Nascimento Castro e Silva, deputado do Ceará, Batista Caetano de Almeida, deputado de Minas Gerais, Holanda Cavalcante, senador, Manuel Bernardino de Souza e Figueiredo, juiz de direito, e Francisco Claudio Alvares de Andrade, brigadeiro e comandante da Ilha Grande, os quais todos, e cada um em particular, o ajudaram com suas informações, e com os necessários esclarecimentos. Poderíamos ajuntar a esta lista muitas outras pessoas a quem o autor é devedor de preciosas notícias e informações, mas ela se estenderia desmedidamente, e muito além do quadro limitado desta introdução.

CAETANO LOPES DE MOURA
Paris, 30 de outubro de 1845.

Nomes das pessoas a quem se poderão entregar as correções e retificações ao DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DO IMPÉRIO DO BRASIL para serem remetidas a Paris a J. P. AILLAUD , editor da dita obra.

Rio de Janeiro, aos senhores E. e H. Laemmert, livreiros.

- | | |
|-------------|--|
| — | — Avrial irmãos, negociantes.- |
| Bahia, | — Carlos Poggetti, livreiro. |
| Pernambuco, | — Ignacio Francisco dos Santos e Cia, livreiros. |
| Maranhão, | — Bolli e Chavannes irmãos, negociantes. |
| — | — Francisco Fructuoso Ferreira, livreiro. |
| Pará, | — Gerardo Antônio Alves e filho, negociantes. |
| Lisboa, | — Viúva Bertrand e filhos, livreiros. |
| Porto, | — Moré, livreiro. |
| Coimbra, | — J. OrceI, livreiro. |

A

Abacaxis. Ribeiro da província do Pará, no distrito da vila de Borba, que se perde no canal conhecido com o nome de Canomá e de Maué, e é assim chamado do nome duma tribo de Índios que residiam em suas margens.

Abaeté.¹ Aldeia da província do Pará, em um território cercado pelo rio Tocantins, o ribeiro Mojú e o Iguará, os quais se juntam a doze léguas da baía Guajará que recebe o Mojú. Esta aldeia faz parte do distrito de vila do Conde, cinco léguas mais ao norte. As terras são excelentes para o cultivo, porém não produzem quanto delas se podia esperar, por serem mal agricultadas pelos Índios. A igreja de Abaeté, dedicada a N. S. da Conceição foi restaurada em 1840. Uma lei provincial de 30 de setembro do ano antecedente suprimiu o título de paróquia de que gozava a igreja de vila do Conde, e o transferiu para a da aldeia de Abaeté, por se ter ali aumentado por extremo a população nos últimos anos.

Abaité.² Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de São Francisco, à pequena distância do confluente do ribeiro de que tomou o nome. Por meio deste lugar passa a estrada real que vai da Vila de Pitangui à província de Goiás pela cidade de Paracatu. O nome de Abaité, que tem este lugar e o ribeiro, lhes veio do de uma tribo de Índios que habitavam nas vizinhanças. Os naturalistas alemães Spix e Martius certificam que nelas existem minas de chumbo.

Abaité. Rio da comarca de Paracatu, na província de Minas Gerais. Tem a nascente principal na serra da Mata da Corda, se dirige de oeste a nordeste por espaço de quarenta léguas, recebendo à esquerda os ribeiros Abaeté e Chumbo, e vai desaguar no rio de São Francisco pela margem esquerda, doze léguas abaixo da embocadura do Andaia. Suas margens oferecem ótimos prados, e nas montanhas que rega encontra-se minas de chumbo e de prata que ainda estão virgens. Neste rio é que foi achado por três malfeitores condenados a desterro perpétuo o diamante da Coroa

portuguesa, chamado o Regente. O pároco do lugar, a quem os degradados o mostraram, o levou em pessoa ao governador de Minas Gerais em 1800, e intercedeu por aqueles infelizes. O governador enviou o diamante a Lisboa, e o Príncipe regente, depois D. João VI, fez graça aos condenados. As despesas que de então por diante se fizeram com a exploração dos diamantes excedem de muito a receita.

Abaité. Ribeiro considerável da província de Minas Gerais, que se despenha de rochedo em rochedo por entre serras pouco habitadas de este a oeste, distância de vinte léguas até a aldeia ou lugar do seu nome, onde se lança no rio de São Francisco, pela margem esquerda, cinco léguas mais abaixo que o ribeiro chamado Borrachudo.

Abadia.³ Pequena vila da província da Bahia, cabeça da nova comarca de Itapicuru. Está assentada na margem do ribeiro Ariquitiba, no confluente dele com o rio Real. Foi esta vila criada por Vasco Fernandes César de Menezes, quarto vice-rei do

¹ Atual cidade de Abaetetuba/PA. (N/E)

² Atual cidade de Abaeté/MG. (N/E)

³ Atual cidade de Jandaíra/BA. (N/E)

Abadia

Brasil, em virtude duma decisão real de 28 de abril de 1728. Um decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832 criou ali uma escola de primeiras letras. A assembleia provincial, havendo criado a comarca de Itapicuru, escolheu por cabeça dela a vila de Abadia, e a começar do ano de 1842 ficou sendo o assento dum colégio eleitoral. Seu porto é acessível às sumacas que ali aportam sem muito custo e estabelecem um comércio seguido de açúcar, farinha de mandioca, tabaco e algodão. Avalia-se em mais de mil e duzentos o numero dos vizinhos deste distrito, que cultivam os gêneros que formam a base de seu comércio, e gozam duma abundância que não conhecem os moradores das vilas do interior da mesma província. A comarca de Sergipe, havendo sido criada província em 1820, entrou em contenda com a da Bahia sobre certa porção do território de Abadia situada na margem esquerda do rio Real: durou o litígio até o ano de 1843, em que um decreto imperial de 23 de setembro declarou que toda a margem

esquerda do dito rio pertencia à província de Sergipe.

Abadia.⁴ Lugar medíocre da província de Minas Gerais, na comarca de Frio.⁵ A sua igreja, da invocação de N. S. da Abadia, é filial da de Rio Preto, na cabeceira do rio Araçuai.

Abadia e Monjolos.⁶ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Velhas. A igreja deste lugar, da invocação de N. S. da Abadia, é filial da paróquia da vila do Bom Despacho.

Abiaí. Lago da província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra, e perto do mar, do comprimento de duas léguas do norte ao sul, e de um de largura, em cuja direção o atravessa o rio Ipopoca. Nele deságuam vários ribeiros, sendo os mais consideráveis o Jaguarema e o Camaçari, que suportam somente canoas na estação das chuvas. Abunda este lago em peixe, e ao pé dele há um grande engenho de açúcar, que tem o mesmo nome.

Abraão. Enseada assaz grande formada pela ponta este da

Ilha Grande, entre a dita ilha, e o continente da província do Rio de Janeiro. Os navios acham-se nela amparados dos ventos do sudoeste.

Abrantes.⁷ Vila da província e da comarca da Bahia, a sete léguas ao nordeste desta cidade, e a um do mar. Ao princípio era simplesmente uma aldeia onde os jesuítas catequizavam os Índios nas margens do rio de Joanes, de cujo nome se intitulava. Com a proteção destes religiosos, uma igreja dedicada ao Espírito Santo alcançou o título de paróquia, e a aldeia o de vila nos últimos anos do século XVII. Havia muito tempo que existia nesta vila uma escola de primeiras letras para os meninos, um decreto de 16 de junho de 1832 juntou-lhe outra para as meninas. Abrantes é o assento dum colégio eleitoral. Apenas o seu distrito encerra dous mil habitantes, quase todos de raça indígena, os quais se ocupam no cultivo da mandioca, bem que em geral sejam mais inclinados à caça e à pesca, do que em fazer florescer a agricultura, sendo o país por extremo fértil e às

⁴ Atual cidade de São Gonçalo do Rio Preto/MG. (N/E)

⁵ O autor refere-se presumivelmente à comarca do Serro Frio. (N/E)

⁶ Atual cidade de Bom Despacho/MG. (N/E)

⁷ Atual cidade de Camaçari/BA. (N/E)

abas duma das cidades principais do império do Brasil.

Abrolhos. Ajuntamento de quatro ilhas pedregosas e estéreis, defronte do continente meridional da província da Bahia, três das quais demoram ao norte, e se acham quase pegadas umas às outras, e separadas da quarta obra de uma légua da parte do sul. São estas ilhas, em razão das restingas e rochedos que as rodeiam, consideradas como o mais perigoso escolho que se encontra em toda a costa do Brasil, conforme o está dizendo o nome que lhe foi posto, que quer *dizer penedos, penbascos pontiagudos*. Do meio das duas ilhas mais consideráveis que jazem ao norte se erguem dous rochedos, que se elevam acima do nível do mar, um de quarenta metros e outro de trinta e cinco. Com terem esta elevação não se podem divisar, ainda quando o tempo é claro, das gáveas dum navio, senão na distância de vinte milhas. A ilha de Santa Bárbara é a mais oriental, e a maior dentre elas. Seu cume acha-se em dezessete graus, cinquenta e sete minutos e quarenta e quatro segundos de latitude, e em quarenta e um graus, dous minutos e nove segundos de longitude oeste. As restingas e alfaques dos Abrolhos começam ao nas-

cente, a trinta e nove graus de longitude oeste; assim que não seria prudente com vento largo de passar além deste ponto em longitude, estando-se entre dezessete graus e vinte e seis minutos de latitude onde estes baixos começam da parte do norte, e dezoito graus e cinco minutos onde eles fenecem da banda do sul, ocupando deste modo o espaço de vinte léguas norte e sul, e quase pouco mais ou menos outro tanto de este a oeste. Os parcéis dos rochedos dos Abrolhos foram apelidados, pelos Portugueses, *parcel das Paredes*. Entre eles, como entre a ilha do sul, e as outras três que ficam ao norte, todas encrespadas de rochedos, existem largas passagens, nas quais os fundos variam, tendo desde oito até cem braças, e uma vez que nelas se entra, deve-se navegar com toda a cautela. Os barcos costeiros frequentam um canal menos perigoso, entre os parcéis e o continente; esse esteiro é quase em linha reta de norte ao sul, e tem constantemente uma ou duas léguas de largo. Deste canal as embarcações pequenas passam aos rios que nele vem desembocar, nos quais encontram os portos das vilas de Alcobaça, Caravelas, Porto Alegre, Prado e Viçosa. As ilhas e rochedos dos Abrolhos

são duma completa esterilidade; alguns cactos, e certa espécie de beldroega agreste são os únicos vegetais que ali se encontram. Na ponta setentrional da ilha mais ao norte, algumas gotas d'água doce filtram ao longo dos rochedos, e nas quatro ilhas acha-se sal marinho cristalizado por efeito do sol. Algumas tartarugas frequentam estes rochedos, onde um bando imenso de aves marinhas vem depor seus ovos, que são preferíveis à carne. Os pescadores da Bahia costumam todos os anos ir à ilha de Santa Bárbara pescar e salgar o peixe conhecido com o nome de garoupa, que se vende em todas as cidades daquela província.

Abuna. Morro altíssimo na margem esquerda do rio da Madeira, entre a cachoeira da Figueira ou Araras, e a da Pederneira, em nove graus e cinco minutos de latitude, defronte do confluente do rio Abuna, que nasce nos Estados espanhóis que hoje pertencem aos independentes. É este pico a terra mais oriental do Brasil por aquela parte.

Acaia. Morro ao sudoeste da Ilha Grande, na província do Rio de Janeiro, o qual junto com o de Cairuçu formam a entrada da baía ou angra dos

Acará

Reis, e jaz em vinte e três graus, quinze minutos e doze segundos de latitude, e em quarenta e seis graus, quarenta e nove minutos e vinte e oito segundos de longitude. Os navios de guerra podem dobrá-los sem perigo.

Acará.⁸ Antiga freguesia, e nova e medíocre vila da província do Pará, distância de dez léguas ao sudoeste da cidade de Belém, capital da sobredita província. Está vantajosamente assentada nas margens do rio, de cujo nome se intitula, e foi condecorada com o título, e prerrogativa de vila, reinando o Imperador D. Pedro I, por isso que havia sofrivelmente medrado em população, em razão da vantagem do sítio, e da vizinhança do rio, que oferecia fácil navegação aos fazendeiros de suas adjacências para o transporte e condução do supérfluo dos produtos de sua agricultura e indústria, e é de presumir com toda a probabilidade, que sendo esta pequena vila o entreposto dos gêneros que descem pelo rio, tivesse engrossado muito mais, e adquirido certa importância comercial, se não tivera rebentado, depois da abdição do Imperador, a fatal

revolução de 1835, que tantos estragos fez nesta província, e que só foi pacificada, em 1839, pela prudente e vigorosa conduta do marechal Andrea. (V. *Pará*.)

Acará. Rio da província do Pará que, nascendo no coração de florestas que nunca foram exploradas, rega sucessivamente diferentes territórios da província, e da vila a quem dá o nome, e vai abocar na margem direita do rio Mojú, cousa de quatro léguas ao sul da cidade de Belém.

Acaracú.⁹ Freguesia da província do Ceará, em dous graus e cinquenta minutos de latitude, e quarenta e dous graus e trinta minutos de longitude oeste; jaz ao pé do mar na margem direita do rio do mesmo nome. A sua igreja foi por muito tempo filial da freguesia de Almofala, mas como a povoação desta tivesse sofrido grande diminuição, e de Acaracú fosse em aumento, a assembleia geral por decreto de 7 de setembro de 1832 ordenou a translação do título de paróquia à igreja de Acaracú, com o nome de Barra de Acaracú. Seu território confina presentemen-

te a leste com o de Almofala, ereta outra vez em paróquia no ano de 1838, e ao oeste com o de Jericoacoara, e tem obra de dez léguas de extensão desde o mar até as mais altas montanhas. Os habitantes do território de Acaracú se elevam a dous mil e quinhentos, cultivam algodão e milho, aplicam-se à pesca, salgam peixes e exportam-nos ao longe.

Acaracú. Rio da província do Ceará que nasce do vertente setentrional da serra Tatajuba, que separa o distrito de Quixeramobim do da cidade de Januária, outrora vila de Sobral, avizinha-se da serra Boritamá, engrossando com as águas dos ribeiros Macacos, Jucurutu, Guraíra à direita, e à esquerda, ao pé da cidade Januária, com as do Jaibara, o que o torna navegável até o mar, distância de obra de vinte e quatro léguas. Sua embocadura, que jaz a seis léguas da aldeia de Jericoacoara, é cômoda para os barcos costeiros que se acham ao abrigo defronte da freguesia de Acaracú. Discorre este rio cinquenta léguas numa direção tortuosa, dirigindo-se para o norte. Durante as secas algumas porções de seu leito

⁸ Atual cidade de Acará/PA. (N/E)

⁹ Atual cidade de Acaraú/CE. (N/E)

ficam descobertas, mas nem ainda neste mesmo tempo deixa de ser navegável em distância de seis léguas até o lugar onde há maré.

Acaracú. Montanha assaz elevada na província do Ceará, algumas léguas ao oeste do rio deste nome, e à igual distância do mar, donde os navegantes a divisam.

Acaracú. Banco de areia na costa da província do Ceará, a este da embocadura do rio que lhe dá o nome. Devem os navios evitá-lo, bem que raramente se quebrem nele as ondas, por causa da uniformidade de seu declívio no mar.

Acaracuzinho. Lago da província do Ceará, no distrito da vila de Mecejana.

Acarai. Rio da província da Bahia, que nasce na serra dos Aimorés, donde despenha fazendo mil voltas e cachoeiras que fazem andar muitos engenhos de serrar madeiras. O taboado e mais madeiras de construção são conduzidos por este rio à vila de Camamu, donde se transportam em bar-

cos para a cidade da Bahia. As embarcações ligeiras, como as lanchas, sobem por este rio acima até a primeira cachoeira, que se acha em distância de sete léguas do mar.

Acarape.¹⁰ Pequena aldeia, e serra da província do Ceará, ambas a este da Serra Grande, entre a cidade Januária e Vila Viçosa.

Acari.¹¹ Antiga aldeia e freguesia do distrito de Vila Nova do Príncipe, e atualmente vila da província do Rio Grande do Norte. Sua igreja é dedicada a N. S. da Guia. Um decreto da assembleia geral, de 3 de outubro de 1832, havia criado nesta aldeia uma escola de primeiras letras; porém em 1835, quando se efetuaram as reformas da constituição, a assembleia legislativa provincial erigiu esta freguesia em vila, e outra lei provincial de 30 de outubro de 1838 criou nela um colégio eleitoral.

Acaúma. Aldeola da província de Paraíba, que faz parte do distrito de Vila Nova de Souza. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição.

Aceci. Em 1572, Sebastião Fernandes Tourinho, morador da capitania de Porto Seguro, empreendeu subir bem acompanhado pelo rio Doce acima, e foi ter a um rio que ele assinalou em seu roteiro com o nome de *Aceci*. A trinta léguas abaixo do ponto em que este rio se lança no rio Doce, e na margem esquerda, descobriu Tourinho pedras finas de cor azul que se supõe serem turquesas, e a seis léguas mais acima, na margem oposta, ao pé dum lago, achou esmeraldas e safiras, e nas montanhas, que segundo o seu cálculo jaziam a setenta léguas do conflúente do rio Aceci, apanhou muitas pedras verdes, e a seis léguas dali do lado do sul encontrou também finíssimo cristal e outras pedras finas verdes e vermelhas. Os Índios que este viajante aventureiro encontrou nas margens daquele rio eram da grande família dos Tupis ou Tupinambás. Tourinho e os que com ele eram aventuraram-se ainda a entrar noutro rio perto do lugar onde tinham apanhado aquelas pedrarias (era o Jequitinhonha) e foram sair ao mar. Pouco tempo depois

¹⁰ Atual cidade de Acarapé/CE. (N/E)

¹¹ Atual cidade de Acari/RN. (N/E)

Acejutibiró

Antônio Dias Adorno noutra exploração encontrou as mesmas pedras, e depois dele Diogo Martins Cão e Marcos de Azevedo Coutinho exploraram estas paragens antes das investigações de Salvador Corrêa de Sá. Tem-se atualmente por certo que o Aceci é o *Suaçuí-Grande* do tempo atual.

Acejutibiró ou Traição. Baía da província de Paraíba, uma légua ao norte da embocadura do rio Mamanguape, por seis graus e quarenta e um minutos de latitude, e trinta e sete graus e dezessete minutos de longitude. Esta baía faz uma espécie de meia lua de duas léguas de largura do norte ao sul, e de quase outro tanto de fundo de este a oeste; duas pequenas ilhas a separam do mar, e formam três bocas, das quais a que fica ao norte é a mais frequentada dos barcos costeiros, que ali acham de seis até dez braças de fundo num espaço de obra de três mil metros de comprimento e de largura. As costas vizinhas desta baía, e as duas ilhas que se acham adiante dela são muito baixas, e deixam as embarcações expostas a todos os ventos. O navio que levava o primeiro Bispo do Brasil para Lisboa naufragou nes-

ta costa em 1556. Os passageiros e a equipagem tomaram a resolução de voltar para Pernambuco por terra, por ser este o lugar mais perto onde podiam encontrar navios; desgraçadamente foram acossados, e mortos uns após outros pelos Índios Caetés, que de princípio pareceram acatar o prelado, e ao final lhe deram igual destino. Alguns dos naufragados tiveram a dita de escapar da morte e de chegar a Pernambuco onde contaram aquela funesta aventura, e dali por diante ficou-se chamando aquela baía a da *Traição*. Por detrás desta baía e na margem esquerda do rio Acejutibiró está situada a vila de São Miguel. O rio Acejutibiró poderia tornar-se navegável para as embarcações ligeiras, se se fizesse desaguar nele desde o seu nascente vários ribeiros que se perdem nos areais antes de se lançarem no mar.

Aconans. Tribo indígena da grande raça dos Cariris, que dominaram no interior da província de Pernambuco. Os Aconans residiam nas margens do lago Comprido, perto do rio de São Francisco. Os jesuítas os fizeram descer para

a aldeia que eles haviam assentado na margem esquerda deste rio. (V. *Colégio*.)

Acroás. Tribo indígena valerosa que dominava nas margens do rio Corrente, tributário do de Paranaíba na província de Goiás. Em 1750 eles fizeram aliança com o governador D. Marcos de Noronha. A aldeia em que eles habitavam tomou o nome de Douro, e foram governados com doçura pelos jesuítas até a extinção desta ordem nos estados de Portugal. Logo que se intentou governá-los militarmente, eles se refugiaram nos matos com armas de fogo, e depois de haverem inquietado durante alguns anos as povoações vizinhas, vieram a fazer, no começo do século em que estamos, uma nova convenção com o governador, a qual ainda está em vigor; mas eles começam a diminuir sensivelmente na aldeia em que se acham.

Açú ou Assú.¹² O alfabeto da língua indígena no Brasil e nos Estados espanhóis não tinha a letra S, substituiu-se lhe um Ç com cedilha. Uma antiga aldeia de Índios na província do Rio Grande do

¹² Atual cidade de Açú/RN. (N/E)

Norte conservou longo tempo o nome de Açú. (V. *Vila da Princesa*.)

Açú. Povoação e salinas situadas entre a embocadura do rio das Piranhas e do Apodi ou Mossoró, que se lançam no Oceano ao norte da província do Rio Grande do Norte. (V. *Apodi, Mossoró e Piranhas*.)

Açú. Comarca da província do Rio Grande do Norte, que se compõe dos distritos das vilas de Extremoz, Porto Alegre, Toiras e Vila da Princesa.

Açú. Assim chamavam os Índios ao rio que passava ao pé da aldeia em que viviam. Os Portugueses lhe deram o nome de Piranha, que prevaleceu, por isso que nele se pescava grande quantidade desta espécie de peixe.

Açuá. Serra diamantina da província da Bahia: deve-se estabelecer nela uma administração semelhante à da Tejuca. Dão-lhe também o nome de Acuruá.

Açú das Torres.¹³ Freguesia da província da Bahia, numa

praia do mar chamada Praia do Forte, por haver ali um pequeno forte para impedir o desembarque ao inimigo. Jaz esta freguesia a uma légua a este da torre de Ávila. Um decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832 dotou dum escola de primeiras letras.

Acupe. Ribeiro considerável que deságua na Bahia de Todos os Santos. Serve para o transporte dos produtos do recôncavo que são conduzidos à Bahia com a maré que o engrossa de doze em doze horas. Sua embocadura jaz na margem ocidental da Bahia, a uma légua, pouco mais ou menos, da do Serigi.

Acuri. Povoação da província de Minas Gerais, do território da freguesia da vila de São Romão. Está assentada na margem esquerda do rio de São Francisco, entre os confluentes do rio Pardo e do Urucaia.

Acuruá. Serra diamantina da província da Bahia. Em 1843 propôs-se um decreto para pôr esta serra debaixo da mesma organização que em

1833 regulou a da Tejuca. (V. *Açuá*.)

Afogados.¹⁴ Povoação da província de Pernambuco junto ao mar, e na margem esquerda dum das bocas do rio Capibaribe, uma légua ao sul da cidade do Recife. Esta povoação tem três igrejas com as invocações de N. S. da Paz, N. S. do Rosário, e de São Miguel. Uma delas foi erigida há pouco tempo em paróquia. Tem este lugar um porto cômodo para grandes barcos, e nele se faz um comércio seguido de algodão e de açúcar. O território desta nova freguesia é regado pelo braço do Capibaribe conhecido com o nome de Afogados, e plantado de canas-de-açúcar, que alimentam muitos engenhos uma grande parte do ano. Sua população passa de mil habitantes, que se ocupam do comércio e cultivo das canas-de-açúcar.

Agá.¹⁵ Aldeia da província do Espírito Santo, na margem dum angra, cousa de quatro léguas ao norte da embocadura do rio Itapemirim, e duas léguas ao sul da do Piúma. Tira esta aldeia o nome

¹³ Atual distrito de Açú da Torre, município de Mata de São João/BA. (N/E)

¹⁴ Atual bairro de Afogados, cidade de Recife/PE. (N/E)

¹⁵ Atual cidade de Piúma/ES. (N/E)

Água

que tem duma alta montanha que se vê por detrás dela, cujo pico serve de guia aos navegantes ao sul da província. Abunda esta montanha em águas excelentes.

Água ou **Águas**. Ilheta na baía de Niterói, ou de Rio de Janeiro, ao norte da ilha do Governador. Deram-lhe este nome por isso que tem muito boa água.

Água Branca. Grande serra da província das Alagoas, ao sul da serra Borborema, donde ela se estende a mui grande distância. Nos bosques que a revestem vivem ainda alguns Índios selvagens. Ao pé dela está situada a povoação da Conceição, que faz parte da freguesia de Paracatu. Do alto desta serra se ouve o ruído da catadupa de Paulo Afonso, que se acha distante dali sete léguas.

Água Branca. Serra da província de Mato Grosso, por onde passava a velha estrada de Cuiabá para a província de Goiás, e para a de São Paulo. Era esta estrada tão fragosa que, em muitos passos, os almocreves se viam

obrigados a conduzir as cavalgadas uma a uma, especialmente na estação das chuvas, por ser então maior o perigo.

Água Branca Pequeno rio da província de Mato Grosso. Desce da serra de seu nome, a duas léguas da cidade de Cuiabá, e atravessa a nova estrada que foi feita em 1840, em lugar da serra da Água Branca que era, por extremo, perigosa. Passam os viajantes este rio numa barca a este efeito destinada, porém os animais passam a nado.

Água Choca.¹⁶ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Itu. A Igreja que ali havia da invocação de N. S. do Patrocínio foi ereta em paróquia em virtude dum decreto da assembleia geral de 16 de agosto de 1832. Outro decreto da mesma data ordenou a criação na mesma freguesia duma escola de primeiras letras.

Água Fria.¹⁷ Vila que foi da província da Bahia, na comarca da Cachoeira, a vinte e seis léguas pouco mais ou menos da cidade da Bahia. No

meado do século XVI os jesuítas se introduziram no Brasil com a missão e intuito de catequizar os Índios e civilizá-los, e penetrando no interior do país, encontraram uma aldeia de índios Tapuias num lugar singularmente agreste, onde eles se estabeleceram em 1562, e fizeram edificar uma igreja dedicada a São João Batista, e pregando aos Índios uma moral doce, foi-se o número destes progressivamente aumentando; e esta povoação, toda composta de Índios, gozava das regalias de vila de há muito tempo, como muitas outras da província, sem que se pudesse saber em que época fora criada a vila. A distância em que se achava de estradas reais, e de rios navegáveis, o agreste do sitio, e, sobretudo, a diminuição sensível da povoação, lhe fizeram perder os privilégios de que gozava na minoridade de D. Pedro II, e tornou-se uma freguesia em virtude dum decreto de 10 de julho de 1832, que ordenou que seus arquivos fossem transferidos para a povoação da Purificação dos Campos, que foi criada vila do mesmo nome, e todavia um decreto

¹⁶ Atual cidade de Monte Mor/SP. (N/E)

¹⁷ Atual cidade de Água Fria/BA. (N/E)

de 16 do mês precedente havia criado uma escola de primeiras letras na antiga vila de Água Fria. O território desta freguesia, com ser assaz grande, não tem senão mil habitantes, que se dão ao cultivo do tabaco, mandioca e canas-de-açúcar, e à criação de gados, que se vendem na Bahia.

Água Maré.¹⁸ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito da Vila da Princesa, com um pequeno porto de mar na embocadura do rio que lhe dá o nome. Tem este lugar uma linda igreja e uma escola de primeiras letras criada por decreto de 3 de outubro de 1832. Seu porto é frequentado de embarcações costeiras, que vem ali carregar algodão e outros gêneros.

Água Maré. Rio da província do Rio Grande do Norte. Sai das matas e corre do sul ao norte, paralelamente e ao oriente do rio das Piranhas, lançando-se no mar entre a ponta do Tubarão e a dos Três Irmãos, defronte dos bancos de areia chamados as Urcas, ao oeste do banco de São Roque.

Aguapeí. Rio da província de Mato Grosso. Nasce na serra de que toma o nome, junto à nascerça do rio Alegre, e segue a mesma direção que ele. Ao noroeste apenas se entre um e outro há uma légua de distância. A quatorze graus e oitenta e dous minutos de latitude ambos se precipitam nos campos, à pequena distância. O rio Aguapeí parece afastar-se com custo do Alegre, e se dirige para o Jaurú, onde entra pela margem esquerda, a três léguas aquém do registo, ou posto militar que ali se acha estabelecido. As pessoas que fazem viagem pelo Aguapeí devem precaver-se contra uma cachoeira que se acha a três léguas de seu confluente. Poder-se-ia com pouca despesa abrir um canal de comunicação no lugar onde este rio se ajunta quase com o Alegre, antes de se despenharem nos campos. Por este meio a navegação do Paraguai se juntaria à do Guaporé, e poder-se-ia ir por água não só de Cuiabá à cidade de Mato Grosso, mas até se estabeleceria a comunicação do rio da Prata com o Amazonas por meio dos rios Alegre e Guaporé.

Aguapeí. Serra da província de Mato Grosso, que faz parte da cordilheira Parecis. Dela nascem os rios Alegre e Aguapeí, o primeiro tributário do Guaporé, e o segundo do Jaurú.

Aguapeí. Rio da província de São Paulo que se lança no Paraná pela margem esquerda, oito léguas abaixo da cascata ou cachoeira de Jupuíá, e dez léguas acima da ilha de Manoel Homem. O curso deste rio é desconhecido, e sua embocadura no Paraná não tem senão obra de doze braças de largura.

Aguapeí-Açu. Pizarro applicava este nome a dous rios da província do Rio de Janeiro, chamados pela gente da terra Guapi-Mirim, Guapi-Açu. (V. *estes nomes*.)

Aguapeí-Mirim. Rio da província do Rio de Janeiro, chamado também Iguapé-Mirim. (V. *Iguapé-Mirim*.)

Água Preta.¹⁹ Freguesia da província de Pernambuco, na comarca de Rio Formoso. Foi sua igreja criada freguesia pela assembleia provincial, e nela reside um delegado do chefe da polícia da província.

¹⁸ Atual cidade de Guimarães/RN. (N/E)

¹⁹ Atual cidade de Água Preta/PE. (N/E)

Água Quente

Água Quente. Povoação da província de Goiás, sessenta e uma léguas a nor-nordeste da cidade, e seis ao sudoeste da vila de Traíras. Está esta povoação assentada aos treze graus e trinta e cinco minutos de latitude, perto da margem direita do rio Maranhão, légua e meia acima de seu confluente com o das Almas. Seu território, abundante em ouro, foi descoberto por Manoel Rodrigues Tomar, em 1732. Ele começou a edificar este lugar, que se aumentou consideravelmente com alguns aventureiros que alguns anos antes se tinham estabelecido um pouco mais abaixo sobre o mesmo rio, no de Maranhão, onde pela putrefação das águas estanques por ocasião duma cheia, se declarou uma epidemia que deu cabo da maior parte da povoação. As minas de Água Quente eram tão ricas que nelas se achou um pedaço de ouro de quarenta e três libras de peso. Para pôr termo a inumeráveis altercações e debates que se originaram entre o dono da terra, e os que haviam achado o ouro, fizeram-no as autoridades partir para Lisboa, onde foi posto no Museu real,

reinando D. João V. Água Quente tem duas igrejas, uma paroquial dedicada a São Sebastião, e outra com a invocação de N. S. das Mercês. Sua povoação não arriba de mil habitantes. Um lago d'águas termais, que se acha a um quarto de légua ao nordeste desta povoação, lhe deu o nome que tem. As águas deste lago são quentes e sulfurosas e fazem um ribeiro que passa pela terra e que tem em todo o tempo a mesma quantidade d'água antes de se ir perder no rio Maranhão. À pequena distância deste lago, do lado oposto da povoação, existem cavernas que são o terror dos habitantes, das quais ninguém se atreveu a avizinhar senão o brigadeiro Raimundo da Cunha Matos, porém os que o seguiam teimaram em o não acompanhar. Certifica este general que as tais cavernas ou cavidades não são nem tão profundas, nem tão medonhas como vulgarmente se imagina, e é de parecer que uma flora deste lugar enriqueceria a medicina e outras ciências de úteis descobrimentos.

Aguaraí. Pequeno rio da província de São Pedro do Rio

Grande. (V. *Igurai-Açu e Igurai-Mirim*).

Aguari. Rio da Guiana Brasileira. (V. *Araguari*.)

Águas Belas.²⁰ Nome que se dá também por vezes à povoação de *Porto Real*, na província das Alagoas, por causa das águas límpidas de que é regada. (V. *Porto das Pedras*, vila.)

Águas Boas.²¹ Antiga vila da província do Maranhão. (V. *Icatú*.)

Águas Claras. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que deságua no rio de São João, distrito da cidade de Cabo Frio.

Água Suja.²² Freguesia da província de Minas Gerais, ao pé do confluente dum pequeno rio do nome da povoação, que está assentada na margem direita do Araçuaí. Sebastião Lemos, com um grande número de Paulistas, fundou em 1725 as aldeias de Paiol, Itaípaba e Água Suja. Edificou-se uma igreja com a invocação de N. S. da Con-

²⁰ Atual cidade de Porto de Pedras/AL. (N/E)

²¹ Atual distrito de Águas Boas, município de Monção/MA. (N/E)

²² Atual cidade de Berilo/MG. (N/E)

ceição, nas margens de ambos os rios, aos dezesseis graus e trinta e oito minutos de latitude. Ela foi erigida em paróquia em 1729. Fica esta freguesia distante da cidade de Minas Novas obra de nove léguas ao nordeste. Contam-se presentemente cem casas térreas que formam uma rua comprida, estreita e mal calçada. Todas as terças desta freguesia são férteis em ouro, e a povoação consta de oito mil habitantes, que se ocupam da mineração do ouro, donde resulta a abastança que se observa nela, seus moradores, cultivam milho, arroz, algodão, e canas-de-açúcar. Alguns indivíduos fabricam aguardente, e outros se ocupam em fazer toalhas e guardanapos.

Água Suja. Pequeno rio da província de Minas Gerais, cujas águas enturvam as do rio Araçuaí, em que se lança pela margem direita, nove léguas ao nordeste da vila de Fanado, hoje cidade das Minas Novas, e uma abaixo da povoação do mesmo nome.

Aguiar.²³ Povoação da província de Paraíba, no distrito de Vila Nova de Souza, regada do ribeiro que tem o mesmo nome.

Aguiar.²⁴ Antigo posto militar da província da Bahia, estabelecido no distrito de Vila Verde para reprimir os acoметimentos dos Botocudos, e impedir o contrabando dos diamantes entre as províncias de Minas Gerais e da Bahia. Atualmente é uma aldeia povoada pelos Índios que se juntaram àquele posto militar para se livrarem das incursões doutros índios, seus inimigos.

Aí. Forte da província de Pernambuco, seis léguas ao norte da cidade do Recife, em sete graus, quarenta e sete minutos e treze segundos de longitude oeste. Defende a entrada do rio de seu nome.

Aí. Ribeiro da província de Pernambuco, cinco léguas ao norte da cidade de Olinda. A serrania, que como uma muralha natural se estende ao longo desta província, faz uma abra no lugar onde corre este ribeiro, na qual as embarcações, que não demandam senão uma braça d'água, acham um bom abrigo de frente do forte do mesmo nome.

Aimbirés ou **Aimborés.** Antiga tribo indígena, que se

suspeita ser descendente dos Tapuias, e vive nas serras que demoram entre as províncias da Bahia, do Espírito Santo, e do Rio de Janeiro pela parte do norte. (V. *Aimorés e Botocudos.*)

Aimorés. Serra do Brasil que corre ao longo do mar em maior ou menor distância dele, quase na direção do norte ao su-sudoeste. O vertente oriental desta serra faz parte das comarcas dos Ilhéus, de Porto Seguro, de toda a província do Espírito Santo, e das comarcas de Campos e de Cabo Frio, na província do Rio de Janeiro. Estende-se esta serra até o rio Macacu, que a separa da serra dos Órgãos. O vertente ocidental faz parte da vasta província de Minas Gerais. Esta serra deve o nome que tem às numerosas tribos Aimborés que nela residiam. Os Portugueses por corrupção chamaram a estes Índios Aimorés, e hoje são geralmente conhecidos com o nome de Botocudos (V. *esta palavra*). Encerram estas serras árvores balsâmicas, cujos produtos gozam de grande reputação na Europa, como são a copaíba, que dá o bálsamo deste nome, a almécega, que

²³ Atual cidade de Aguiar/PB. (N/E)

²⁴ Atual distrito de Vale Verde, município de Porto Seguro/BA. (N/E)

Aimorés

dá a goma elástica, o pau-brasil, o tatagiba, que dá uma cor amarela, a araribá, o vinhático, o jacarandá, o cedro, cerejeira, a canela, o óleo, que serve para canoas, o arco-de-pipa, merindibá, pau-de-ferro, pau-de-rei, parobos branco e vermelho, sapucaia, tapinoã e outras espécies pouco conhecidas. Desgraçadamente uma grande parte destas produções de nenhum proveito é para o comércio, por causa dos Índios bravos que residem no interior destas serranias, e por falta de comunicação tanto por terra, como por água.

Aimorés. Índios que antigamente residiam nas serras fronteiras ao mar nas províncias da Bahia, do Espírito Santo, e do Rio de Janeiro. Crê-se geralmente que eles provinham da grande família dos Tapuias, que vivem no norte do Brasil. Quando estes Índios não estavam pintados tinham a pele branca, como os das demais raças; eram intrépidos na peleja, e faziam a guerra unicamente para exercitarem o seu valor, e fazer mal indistintamente aos indígenas, e aos europeus; não tinham vivenda certa, nem

cabanas. Como de ordinário pintavam o corpo com goma copal, e que eram rolhos e refeitos, querem alguns que por isso lhes dessem os Portugueses o nome de Botocudos (*V. esta palavra.*) Andavam os Aimorés nus, e sempre em ranchos compostos de quarenta famílias, e algumas vezes mais: não tinham outras armas senão arcos e setas, e atravessavam os rios em jangadas grosseiramente obradas.

Airão.²⁵ Aldeia paroquial da província do Pará, na margem direita do rio Negro, obra de 40 léguas acima do lugar onde este rio entra no das Amazonas. Sua igreja é dedicada a Santo Elias, e seus moradores são Índios de diversas tribos.

Ajuaná. Rio da província do Pará na Guiana Brasileira; deita-se pela margem esquerda no rio Negro, acima da aldeia de Santa Izabel. Suas margens abundam em *pechuris* que dão uma espécie de noz-moscada.

Ajuruoca.²⁶ Vila novamente criada na província de Minas Gerais, na serra da Mantiqueira, e faz atualmente parte da comarca de Sapucaí.

Seu nome é composto de duas palavras índias: de *ajurú* que quer dizer papagaios, e de *oca*, pedra furada; por isso que as primeiras casas que neste lugar se fizeram foram edificadas ao pé dum rochedo erguido, furado e cavado pelas águas, onde se vinham pousar em bandos os papagaios. Simão da Cunha Gago, natural de São Paulo, explorando as matas da Mantiqueira com outros sertanejos, assentou morada na margem dum lago, onde ele e os seus erigiram uma capela que dedicaram a N. S. (*V. Ajuruoca*, lago.) Com o pretexto de civilizar os Índios obteve Simão da Cunha Gago em 1744 uma autorização do governador de São Paulo, para se estabelecer com os seus no interior das matas, onde só se ocuparam da mineração do ouro às ocultas, e desemparraram o país em 1762, quando ali se criou uma justiça particular, e que a igreja alcançou o título de freguesia. Eram neste tempo a extensão e limites de cada província tão pouco conhecidos, que o governador de Minas Gerais mandando explorar em 1780 terras que ele supunha serem auríferas, grande foi a admiração de seus emissários

²⁵ Atual cidade de Airão/AM. (N/E)

²⁶ Atual cidade de Ajuruoca/MG. (N/E)

quando encontraram naquelas serras estradas e aldeias que haviam sido feitas por Gago, e seus companheiros, e sucessores. Um sem número de aventureiros agregando-se aos moradores destas aldeias, dentro de pouco tempo foi todo o ouro tirado; assim que se viram obrigados a voltarem-se para a agricultura, e hoje é este território rico e abundante em tabaco, milho, mandioca, canas-de-açúcar, e café, tesouros inexauríveis. Um decreto da assembleia geral de 14 de abril de 1834 elevou esta aldeia à categoria de vila, debaixo da condição expressa que os habitantes fariam construir à sua custa uma prisão com as qualidades estabelecidas no § 21 do Art. 179 da constituição; que edificariam igualmente uma casa municipal, e os demais acessórios duma vila, não devendo a municipalidade, dizia o decreto, ser instalada, senão depois da execução final daqueles edifícios. Jaz a vila de Ajuruoca em vinte e dous graus e vinte e quatro minutos de latitude, cinquenta e cinco léguas ao sudoeste da cidade de Ouro Preto, e trinta e seis ao noroeste da do Rio de Janeiro. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição, e tem por filiais as das

aldeias de Gupiará, Lagoa, Porto do Curvo, e Varadura. Construiu-se recentemente nesta vila uma ponte sobre o rio Ajuruoca. Seu distrito encerra doze mil habitantes dados à agricultura e à criação de porcos, que levam aos mercados do Rio de Janeiro. É neste distrito que existe a majestosa mole de rochedos cavados das águas que formam a soberba cascata chamada Banhos, onde as águas se despenham com fracasso da altura de oitenta metros, e parecem encrespar-se contra os rochedos que as repulsam.

Ajuruoca. Serra da província de Minas Gerais, que faz parte da Mantiqueira. Do cume de seus rochedos se debruça a mole d'água que forma a majestosa cascata vulgarmente chamada a cachoeira dos Banhos. (V. *Ajuruoca*, vila.). Esta montanha serve de retiro a bandos infinitos de papagaios.

Ajuruoca. Registo, ou posto militar, estabelecido na Mantiqueira, cinco léguas pouco mais ou menos ao sul da vila do mesmo nome, para repressão do contrabando de ouro e de diamantes entre as

províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Este posto também tem o nome de *Picão de Ajuruoca*.

Ajuruoca. Lago da província de Minas Gerais, na serra da Mantiqueira, junto à serra do mesmo nome. Este lago e serra foram descobertos em 1759, por Simão da Cunha Gago. (V. *Ajuruoca*, vila).

Alagoa. Aldeia pouco importante da província de Paraíba, no distrito de Vila Real de São João. Está esta aldeia assentada à borda dum lago, treze léguas ao oeste da cabeça de seu distrito.

Alagoa. Ribeiro da província de Santa Catarina, que se lança no mar a cinco léguas ao sul do ribeiro de Iboipitini e seis léguas ao norte do Araranguá.

Alagoa do Bé. Aldeia e lago da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

Alagoa do Norte.²⁷ Antiga aldeia da província das Alagoas. (V. *Santa Luzia*, vila.)

Alagoa do Pau. Aldeia da província de Paraíba, com uma escola de ensino mútuo,

²⁷ Atual cidade de Santa Luzia do Norte/AL. (NE)

Alagoa Dourada

estabelecida por decreto da assembleia geral de 13 do outubro de 1831.

Alagoa Dourada.²⁸ Aldeia paroquial da província de Minas Gerais, a três léguas ao noroeste da vila de São José. Sua igreja foi erigida em freguesia em virtude dum decreto da assembleia geral em data de 14 de julho de 1832, que lhe destinou por filiais as igrejas das aldeias de Curralinho, Desterro, Lage, e Olhos d'Águas.

Alagoa Grande.²⁹ Aldeia da província das Alagoas, no distrito da vila de Brejo da Areia, com uma capela da invocação de N. S. da Boa Viagem, e uma escola de ensino mútuo, criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831. Seus moradores são Índios.

Alagoa Nova.³⁰ Aldeia da província de Paraíba, sobre um lago do mesmo nome, no distrito de Vilanova da Rainha. Por ela passa a estrada que vai da cidade de Paraíba à vila de Brejo da Areia. Sua igreja é da invocação de Santana, e seus moradores cultivavam algodão, e outros gêneros para o seu uso.

Alagoas. Província marítima do Brasil, que deve este nome a vários lagos que nela existem, os quais comunicam uns com outros, e também com os rios que se vão lançar no mar. É situada entre oito e dez graus de latitude; confina pelo norte com o rio Una, que a separa da província de Pernambuco, ao oeste com a serra dos Dous Irmãos, onde se juntam as províncias de Pernambuco e de Piauí. O rio de São Francisco a separa da província de Sergipe ao sul, e o Oceano a banha pela banda de leste. Os Portugueses, excitados pela prosperidade das diversas colônias do Brasil, vieram no princípio do século XVII estabelecer-se nestas paragens então ocupadas pelas nações Tupinambás, divididas em diversas tribos apelidadas Chocas, Pipipãs, Umãs, e Vouvês; bem que com os mesmos costumes e quase o mesmo idioma, estas tribos faziam umas às outras continuamente a guerra, viviam errantes nos matos e sítios agrestes, e sustentavam-se de mel, de frutos agrestes, e da caça. Os homens andavam inteiramente nus, contentavam-se com uma só mulher, e tinham por armas

arcos e setas; as mulheres traziam à roda da cintura uma teia ligeira feita de cascas de árvores, com franjas que lhes desciam até o meio das coxas. Atualmente, os Índios se aplicam ao cultivo da mandioca, milho, e abóboras; porém ainda de todo se não desabituarão da caça, de que são por extremo apaixonados, e tem para si que podem com direito atirar a qualquer animal que encontram nas matas e montanhas, quer seja doméstico, quer não. Esta província foi muito tempo uma das comarcas da de Pernambuco, e os Holandeses a guerrearam continuamente em todo o tempo que ocuparam a cidade do Recife. No reinado de D. João IV, vários degradados e colonos para ali foram por diversas vezes mandados; porem em 1818 um alvará de D. João VI de 12 de janeiro elevou esta comarca à categoria de província com governador, junta de finanças e os demais empregos administrativos que havia nas outras províncias, assinando-lhe por limite setentrional o rio de São Francisco. As planícies vizinhas do mar são baixas, arenosas, e pouco próprias

²⁸ Atual cidade de Lagoa Dourada/MG. (N/E)

²⁹ Atual cidade de Alagoa Grande/PB. (N/E)

³⁰ Atual cidade de Alagoa Nova/PB. (N/E)

para o cultivo das plantas delicadas e anuais; mas as do interior, e pelo mesmo teor as terras altas, são por extremo férteis e sempre vestidas de arvoredos de árvores de qualidade superior. Os ribeiros, rios e lagos, que entre si se comunicam naquelas vastas planícies, tornam-nas mais fecundas, ao passo que facilitam o transporte dos gêneros, e o escoamento das águas pluviais. Apesar da superabundância d'água, e das espessas matas que ocupam grande parte desta província, seu território é sadio, o ar puro, exceto nas margens do rio de São Francisco, acima da famosa cachoeira de Paulo Afonso cujos habitantes são sujeitos a febres intermitentes em certa estação do ano. As arvores crescem rapidamente nesta província, que prove de madeiras os estaleiros da Bahia, Pernambuco e Maçaió. Entre as numerosas espécies de árvores que ali se dão encontram-se as que produzem o bálsamo de copaíba, o benjoim e o copal. No interior destas matas que se estendem ao oeste vivem diversas tribos de Índios nômadas, que com dificuldade se acostumam à vida civil, e antepõem a tudo a caça da onça, do cabrito montês, das antas, macacos, tatus e outros animais, que povoam os bosques. Os lagos

acham-se muitas vezes coalhados de aves aquáticas, e um sem número de pássaros de todas as cores e tamanho gorjeiam por entre os ramos. Nos sítios mais agrestes do sertão desta província há ouro e amianto, porém em pequena quantidade. As pedras calcárias, graníticas e as que servem para filtrar são ali mui abundantes, bem como a argila de diversas cores. As principais serras da província das Alagoas são as de Araripe, Água Branca, Barriga, Comunati, Marambaia, Negra, e Olho d'Água. Sua parte oriental é regada pelos rios de Alagoas, Camaragiba, Cururipe, Jiquiá, Poxim, Santo Antônio Grande, Santo Antônio-Mirim, e Una; o Moxotó e o Pajeú banham a parte ocidental. Encerra esta província as cidades das Alagoas e de Maçaió, a primeira antiga, e a segunda moderna que serve de capital; as vilas de Atalaia, Penedo, Porto Calvo, Porto das Pedras, Poxim; Santo Antônio e São Miguel: ela se divide em quatro comarcas, a saber: Alagoas, Atalaia, Maçaió e Penedo. Nos distritos do interior cria-se algum gado, mas não em quantidade suficiente para o consumo dos habitantes das vilas e cidades do litoral das Alagoas. A agricultura consiste em tabaco, algodão e canas-de-açúcar,

que são transportados para os portos da Bahia e do Recife. A beira-mar abunda em marisco, e em diversas qualidades de peixes, bem como os lagos em que se pescam tartarugas. As frutas mais abundantes são as mangas, pinhões, jacas, laranjas, e cajus. Apesar de tantas vantagens quantas são as de que goza esta província, apenas se a sua povoação chega a cem mil homens numa extensão de terra de obra de cinco mil e duzentas léguas quadradas. Atribui-se esta penúria de habitantes à primitiva impolítica repartição das terras. Com efeito, quando os Holandeses foram expulsos de Pernambuco, concedeu-se a um certo numero de indivíduos neste distrito, para eles e seus herdeiros, cinco e até dez léguas de costa em recompensa dos serviços que haviam prestado ao Estado e à família real, e estes grandes proprietários não concederam licença a qualquer outro para se estabelecerem em suas terras senão pondo-lhe condições essencialmente prejudiciais ao aumento da agricultura e da população, condições que ainda hoje se exigem em quase todo o Brasil. Os principais portos desta província são os de Maçaió, das Alagoas, de Porto Calvo, e da vila de Penedo na margem esquerda do rio de

Alagoas

São Francisco. A província de Alagoas nomeia cinco deputados para a assembleia legislativa geral, e três senadores. Sua assembleia legislativa provincial é composta de vinte e oito deputados, que recebiam em 1840 três mil e duzentos reis por dia durante o tempo da sessão. Organizaram-se de fresco nesta província quatro missões para a civilização dos Índios nômadas. Os missionários têm a seu cargo o industriá-los na agricultura, e instruí-los nas máximas da religião cristã. A primeira missão pertence ao distrito de Atalaia, a segunda ao de Palmeiras, a terceira ao da vila de Penedo, e a quarta ao de Porto Calvo.

Alagoas. Comarca da província deste nome, que compreende os distritos da cidade das Alagoas, e os das vilas de Santa Luzia e de São Miguel.

Alagoas.³¹ Cidade da província do mesmo nome, ambas assim chamadas pelas lagoas que nelas se acham. Está esta cidade assentada na margem meridional da lagoa Mandaú, pelos três graus e quarenta e três minutos de latitude, e trinta e oito graus e dezoito

minutos de longitude oeste. Foi largo tempo uma aldeia que tinha o nome da lagoa junto à qual se achava, porém em 1624 foi criada vila com o nome de Madalena. Em 1633, os Holandeses, depois de a saquearem, deitaram-lhe fogo. Com a restauração de D. João IV ao trono de Portugal aumentou esta vila em povoação com os colonos dos Açores que se mandavam para a província de Pernambuco, de que esta vila fazia então parte. No princípio do último século já esta vila fazia um comércio anual de vinte mil arrobas de tabaco de superior qualidade, que valia nos mercados da Bahia trinta e quarenta por cem mais que os tabacos das demais províncias. Tomou esta vila o nome de Alagoas, com que era já também conhecida, quando por carta imperial de 8 de março de 1823 lhe foi conferido o título de cidade. Há nesta cidade uma escola de primeiras letras, e uma cadeira de latim, e uma junta para a conservação das madeiras de preço. O palácio do governador nada tem de importante. A igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição; há ainda mais três com a invocação da Senhora do Patrocínio, do Rosário e do

Bonfim, e dous conventos, um de carmelitas, e outro de franciscanos. O mercado abunda em peixe do mar e d'água doce, e outros víveres: as frutas mais vulgares são jacas e laranjas. Como a população da cidade das Alagoas, longe de ir em aumento, se conservasse no mesmo ser, foi-lhe por extremo fatal a disposição da lei de 9 de dezembro de 1839, adotada pela assembleia provincial, que transferiu à vila de Maçaió, elevada à categoria de cidade, o assento do governo provincial e de sua assembleia legislativa. Cultivam-se em grande as canas-de-açúcar no distrito da cidade das Alagoas, que tem muitos engenhos: porém como a maior parte das terras pertencem aos grandes proprietários, não costumam estes conceder a outrem parte delas senão com condições onerosas, e prejudiciais à agricultura, como são as de não plantar senão canas-de-açúcar para os seus engenhos, e os víveres necessários para sua família. A população desta cidade e de seu distrito não passa atualmente de quatro mil almas.

Alagoas. Rio; assim intitulam a dous canais que estabelecem

³¹ Atual cidade de Marechal Deodoro/AL. (N/E)

a comunicação entre os dous lagos principais da província das Alagoas, vulgarmente chamados lago do Norte, e lago do Sul. O canal do norte, que dá saída às águas do lago Manguaba, é estreito, e não admite outras embarcações a não ser canoas ou jangadas, no decurso de dez léguas, que tanto tem ele de noroeste a sueste. O do sul, que sai do lago Mandaú, é mais largo e mais profundo e tem cinco léguas de oeste a leste antes de receber as águas do primeiro; ambos eles se perdem nas planícies arenosas de Maçaió. Os produtos das margens do lago Mandaú e terras adjacentes descem pelo canal em barcos e são ao depois carregados em carros e conduzidos por espaço de duas léguas aos portos de Jaguará e de Pajussara, conforme a estação. (V. *Ponta Verde*.)

Alagoinhas.³² Aldeia paróquia da província da Bahia, no distrito da vila de Inhambupe. A igreja é dedicada a Santo Antônio de Lisboa, e foi criada freguesia por um alvará de 7 de novembro de

1816. Um decreto de 16 de junho de 1832 a dotou duma escola de primeiras letras.

Albardão. Grande montanha da província de São Pedro do Rio Grande, que serve de limite entre o Estado Oriental de Montevidéu³³, e o império do Brasil. As águas que descem desta montanha da parte do nascente vão-se juntar com as do chamado rio Grande, e as que se debruçam pela encosta ocidental se confundem com as do rio da Prata.

Albuquerque.³⁴ Aldeia, e antigo presidio da província de Mato Grosso, na serra do mesmo nome, a dezenove graus e trinta minutos de latitude e trinta e dous graus e três minutos de longitude. Foi esta aldeia fundada em 1778 pelo governador de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres, para morada de várias tribos de Índios Quinquinados e Guatos, que foram, ao depois, civilizados pelo missionário italiano José de Monserrate. Seu distrito presidial é fertilizado por nu-

merosos ribeiros, e circunscrito a leste pelo Paraguai, ao norte pelo Jaurú, e pelo Paraguai-Mirim ao oeste e sul. A serra de Albuquerque, em que está assentada esta aldeia, se acha defronte do confluente do rio Taquari. Seus moradores, pela maior parte Índios, cultivam milho, feijões e outros legumes, e se alimentam de peixe. Cria-se também ali algum gado vacum e cavalos, porém em pequena quantidade.

Albuquerque. Serra da província de Mato Grosso singular por sua forma que é a dum quadrado formado pela reunião de muitos rochedos tendo, pouco mais ou menos, dez léguas de cada face. O Paraguai corre ao longo da base oriental desta serra que o obriga a dirigir-se para leste, e então passa por diante da aldeia Albuquerque. O rio Taquari se junta com o Paraguai de frente desta serra.

Albutuí. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões, por onde passa dirigindo-se do

³² Atual cidade de Alagoinhas/BA. (N/E)

³³ Estado Oriental de Montevidéu, Estado Oriental, Estado de Montevidéu ou Estado Oriental do Uruguai são expressões toponímicas utilizadas pelo autor para designar a região a leste do rio Uruguai que se tornou independente em 1828, formando o Estado do Uruguai. (N/E)

³⁴ Atual distrito de Albuquerque, município de Corumbá/MS. (N/E)

Alcântara

norte ao sudoeste para se deitar no Uruguai.

Alcântara. Nova comarca da província do Maranhão, criada em 1832 pela assembleia geral. Compreende o distrito da cidade de Alcântara, e o da vila de São Bento. Os habitantes desta comarca passam por ser dum gênio pacífico e prudente, e não terem nunca tido parte nas diferentes revoluções que rebentaram nesta província depois da independência do Brasil.

Alcântara.³⁵ Antiga vila da província do Maranhão, hoje cidade e cabeça da comarca do seu nome, agradavelmente situada numa assomada da costa ao oeste da baía de São Marcos, a dous graus, vinte e três minutos e trinta e três segundos de latitude sul, e quarenta e seis graus, quarenta e três minutos e vinte e dous segundos de longitude oeste, a quatro léguas ao noroeste da cidade de São Luís. Alcântara é defendida por um forte, e o seria muito melhor por uma fortaleza feita na ilha do Livramento, que defenderia o porto onde podem entrar brigues de toda a grandeza. Deve esta nova cidade a sua primeira

origem aos jesuítas, que, estabelecendo-se neste belo sítio, ganharam a afeição dos Índios e atraíram um grande numero de catecúmenos de ambos os sexos. Ao norte de seu estabelecimento haviam estes religiosos feito várias salinas, que foram abandonadas depois da extinção desta ordem. A vila de Alcântara havia sido, nos antigos tempos, capital duma capitania chamada de *Cuma*, nome duma baía vizinha mais ao oeste. Sua igreja paroquial é dedicada a São Matias; além desta há ainda mais quatro com diversas invocações, um convento de carmelitas, e outro de N. S. das Mercês. Em 1832 a assembleia geral dividiu a província do Maranhão em seis comarcas, e assinalou por cabeça duma delas a vila de Alcântara. A assembleia legislativa provincial criada em virtude do artigo 1º da lei das reformas da constituição lhe deu o título de cidade por lei de 1840. O distrito desta nova cidade encerra as melhores terras da província para o cultivo dos algodoeiros, que com o arroz forma a parte mais rendosa do comércio de seus habitantes.

Alcântara. Aldeia da província de Minas Gerais, na

comarca de Paracatu, fazendo parte do território paroquial da vila de Araxás. Seus habitantes se dão à criação de gado vacum e cavalariço que levam a vender aos diferentes mercados de sua província.

Alcântara. Rio da província do Rio de Janeiro, que em seu nascente na serra Piba Pequena não é mais que um ribeiro, porém que, depois de ter atravessado a estrada real ao norte de São Gonçalves e de ter engrossado com o cabedal de vários ribeiros, se torna profundo, largo e navegável na distância duma légua em linha reta, e de perto de quatro, se se contam todas as suas voltas. Neste curso juntam-se lhe outros ribeiros, e tem pequenos portos, sendo o mais considerável o de Guaxindiba. Estes portos se enchem com a maré montante, e então é que as barcas podem sair e entrar por espaço duma hora ou de duas, conforme a maior ou menor distância em que se acham do mar. A embocadura do Alcântara, que também se chama Guaxindiba, é situada entre a do Macucú, e o morro de Taúna.

³⁵ Atual cidade de Alcântara/MA. (N/E)

Alcatraz. Reunião de ilhetas de frente da costa da província de São Paulo, ao sul da baía de São Sebastião. O pico da mais importante destas ilhetas acha-se em vinte e quatro graus, seis minutos e cinco segundos de latitude, e aos quarenta e oito graus, seis minutos e quarenta e sete segundos de longitude oeste.

Alcobaça.³⁶ Pequena vila marítima da província da Bahia, na comarca de Caravelas, na embocadura e margem esquerda do rio Itanhém. Às bordas deste rio, no decurso do século XVIII, foram catequizados os Índios duma tribo, apelidada Macharis, e a aldeia que eles ali fizeram conservou durante longo tempo o mesmo nome. Eles edificaram uma capela dedicada a São Bernardo, que foi ao depois substituída por outra da mesma invocação aprovada por carta régia de 9 de novembro de 1771. No ano seguinte foi a aldeia de Itanhém criada vila com o nome São Bernardo de Alcobaça, porém este aumento de nome só se encontra nos documentos públicos. Os alvarás de 20 de outubro, e de 22 de dezembro de 1795, determinando que as igrejas

das grandes aldeias gozariam de todas as prerrogativas das paróquias, a de São Bernardo de Alcobaça foi como tal considerada. Jaz esta vila ao oeste e defronte da extremidade norte do parcel dos Abrolhos, a dezessete graus e trinta e um minutos de latitude e quarenta e um, trinta e três de longitude oeste. Seu distrito se estende pouco de norte a sul, sendo circunscrito da primeira destas partes pelo da vila do Prado, e da segunda a algumas léguas da vila pelo de Caravelas. A leste banha-o o mar, ao oeste se estende até a serra dos Aimorés. No princípio do século atual, o distrito de Alcobaça tinha apenas quinhentos habitantes, todos Índios, que não se ocupavam senão em pescar e caçar, enquanto as mulheres cultivavam algum milho e mandioca. Porém como a povoação de Caravelas se tivesse consideravelmente aumentado, obra de trezentos lavradores se foram estabelecer no distrito de Alcobaça, o que lhe pôde ter dado um aumento de oitocentas almas.

Alcobaça. Forte no rio Tocantins, vinte e seis léguas acima da vila de Cameté. Serviu

antigamente neste ponto de limite à província do Pará e à de Goiás começando pelo forte de Arroios na margem esquerda, léguas mais acima do de Alcobaça.

Aldeia Carlota. Na província de Mato Grosso. (V. *Carlota*, aldeia.)

Aldeia das Pedras. Aldeia da província de Goiás. Foi esta aldeia fundada em 1741, na estrada que vai da vila de Meia Ponte à cidade de São Paulo, a trinta e cinco léguas ao sul de Vilanova de Santa Cruz. Ali foram postos os Índios Bororós, que se trouxeram de Cuiabá, para rebaaterem os insultos dos Caia-pós, que roubavam os viandantes e as casas que se achavam em sítios desertos. Em 1811, uma parte dos Índios desta aldeia foi transferida para as margens do rio Araguaia, de sorte que os que ali remanescem são mui poucos.

Aldeia do Campo. Antiga aldeia da província do Espírito Santo ao sul do rio Doce, e três léguas pouco mais ou menos ao norte de Aldeia Velha. Ambas elas foram feitas pelo jesuíta Afonso Brás, fundador do colégio da cidade de

³⁶ Atual cidade de Alcobaça/BA. (N/E)

Aldeia Goitacaze

Vitoria, em 1557, no tempo em que ele dirigia este grande estabelecimento. A Aldeia do Campo pertence ao distrito da vila de Almeida, outrora dos Reis Magos. Seus moradores se ocupam de fazer cal que exportam, e de cultivar os gêneros necessários para o seu consumo.

Aldeia Goitacaze. Antiga aldeia da província do Espírito Santo, nas cabeceiras do rio dos Reis Magos, fundada pelos jesuítas da aldeia do nome deste rio com dous fins, de poderem entranhar-se no sertão para converter os Índios, e de terem ali uma casa onde pudessem recolher aqueles dos religiosos que infringiam as regras da ordem. No princípio de século atual mandou-se para esta aldeia um destacamento. O naturalista Auguste de Saint-Hilaire na sua viagem qualifica de povoação esta aldeia, e dá-lhe o nome de Pequiri-Açu.

Aldeia Maria. Na província de Goiás. (*V. Maria.*)

Aldeia Velha.³⁷ Aldeia muito antiga da província do Espírito Santo, duas léguas ao norte da vila de Almeida. Esta aldeia, bem como a vizinha

chamada Aldeia do Campo, foi fundada em 1556, pelo missionário Afonso Brás, antes do qual ela era governada pelo chefe de tribo Maracaia-Guaçú, ou Grande Gato, que mais tarde acompanhou o governador geral Mendo de Sá na sua expedição contra Villégagnon, comandante francês que ocupava a ilha a que deu o seu nome na baía do Rio de Janeiro. Seus habitantes descendem dos Índios da grande nação Tupis, e foram longo tempo governados pelos jesuítas. A Aldeia Velha fez ao depois parte da freguesia da vila de Almeida, até que uma lei provincial de 16 de março de 1837 elevou a sua igreja à categoria de paróquia da província, dando-lhe por limites, ao norte, o rio Doce, e o ribeiro Preto ao sul. Os índios deste território fazem canoas e gamelas com os troncos de árvores; fabricam óleo de mamona para o seu uso, e às vezes o exportam. As mulheres fiam algodão e fazem panos grosseiros e fiados que se empregam na Bahia e Rio de Janeiro, em torcidas para bugias e velas.

Aldeia Velha.³⁸ Aldeia da província do Rio de Janeiro,

na comarca e distrito de Cabo Frio. Está assentada nas montanhas orientais da serra dos Aimorés, junto ao nascente do ribeiro que tem o mesmo nome, e se junta ao de Ipucá, cujas águas engrossa. Nesta aldeia não existe já senão um pequeno número de famílias.

Aldeia Velha. Pequeno rio da província do Espírito Santo, no distrito da Vila Nova de Almeida, que se forma com a junção das águas do Piriqui-Açu e do Piriqui-Mirim, além dos quais ele passa pela Aldeia Velha, onde chegam facilmente as sumacas. Este rio, em sua embocadura no mar, tem sempre de oito a quatorze palmos de fundo, segundo a altura da maré.

Aldeia Velha. Ribeiro caudaloso da província do Rio de Janeiro, que rega o território da aldeia do mesmo nome, bem como o da aldeia de Ipucá, onde se ajunta ao ribeiro de Ipucá, tributário do rio de São João.

Aldeias Altas. Comarca da província do Maranhão, criada por lei da assembleia geral de 15 de janeiro de 1832. Com-

³⁷ Atual distrito de Nova Almeida, município de Serra/ES. (N/E)

³⁸ Atual distrito de Aldeia Velha, município de Silva Jardim/RJ. (N/E)

punha-se em primeiro lugar do distrito de Caxias e de Brejo, mas a assembleia provincial tirando-lhe a vila de Brejo, para fazer uma nova comarca deste nome, a de Aldeias Altas tomou o de Caxias, que hoje conserva (V. *Caxias*, comarca) e compõe-se dos distritos de Caxias e de Codó.

Aldeias Altas. Assim chamaram os Portugueses as numerosas aldeias que eles destruíram fazendo guerra aos Índios Timbiras, que viviam na margem do rio Itapicurú. Outros Índios, de mistura com alguns brancos, ali se estabeleceram passado tempo, e fundaram a aldeia chamada Aldeias Altas, hoje cidade de Caxias. (V. *Caxias*.)

Alegre. Rio da província de Mato Grosso: nasce na serra Aguapeí, aos quinze graus e vinte minutos de latitude, perto do rio do mesmo nome. Ambos correm para o norte, a pequena distância um do outro, até se precipitarem dum grande altura nos campos Parecis. Ali o rio Aguapeí toma uma direção totalmente oposta à do rio Alegre, que segue sempre a mesma, passa pelo arraial ou aldeia de Casal

Vasco, recebe sete léguas mais abaixo as águas do pequeno rio dos Barbados, e três léguas mais adiante engrossa do dobro as águas do Guaporé, a quem se lhe junta pela margem esquerda, meia légua acima da cidade de Mato Grosso. Se se abrisse um canal entre o Alegre e o Aguapoí no lugar onde este muda de direção, alcançar-se-ia uma navegação fácil entre o Paraguai, a cidade de Mato Grosso, e a província do Pará, pelo intermediário do Jaurú, do Guaporé, e do rio da Madeira.

Alegre. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que rega o território paroquial de Campo Alegre, e se lança no rio Paraíba pela margem direita, acima da vila de Rezende.

Alegres.³⁹ Aldeia paroquial da província de Minas Gerais, entre os rios Sono e Catingas, na comarca de Paracatu. Sua igreja, dedicada a Santana, foi decorada do título de paróquia por uma resolução real de 16 de setembro de 1813, e um decreto da assembleia geral de 28 de junho de 1831 criou nesta aldeia uma escola de primeiras letras. Chamam-na

também vulgarmente Santana dos Alegres.

Alegrete.⁴⁰ Pequena vila da província de São Pedro do Rio Grande, cabeça do distrito de seu nome, fazendo parte da comarca das Missões. Está assentada numa colina na margem esquerda do rio Ibirapuitá, sete léguas acima de sua junção com o Ibicuí. Uma aldeia, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição Aparecida, foi a sua primeira origem, e estava assentada ao pé da margem direita do rio Inhanduí, chamado também Arerungá. Em 1816, os independentes dos Estados espanhóis deitaram fogo a esta aldeia então conhecida com o nome de Aparecida, quando o marquês de Alegrete os obrigou a evacuar aquele país. Este governador fez edificar uma igreja com a mesma invocação, mas em outra colina mais remota junto ao Ibirapuitá, perto da qual se fizeram algumas casas. A solicitação do marquês de Alegrete, obteve esta igreja o título de paróquia, e a aldeia tomou o nome de seu protetor. Como os habitantes se achassem a grande distância das justiças e da

³⁹ Atual cidade de João Pinheiro/MG. (N/E)

⁴⁰ Atual cidade de Alegrete/RS. (N/E)

Alenquer

administração municipal da vila do Rio Grande, um decreto de 25 de outubro de 1831 concedeu a esta aldeia a honra do título de vila, e ali instituiu dous juizes ordinários, além da câmara municipal, e assinou por limites de seu distrito os seguintes: a leste, o distrito de Capaçava; ao norte, o rio Ibicuí, até a sua embocadura no Uругuai; ao oeste, a margem esquerda deste último rio, e por ela abaixo até a junção do Arapeí e do ribeiro Piraí-Guaçu. Cultivavam-se em outro tempo neste distrito os cereais, mas o transporte de trigo da Europa e do Chile, quando os portos do Brasil se abriram ao comércio, e a grande abundância de farinha que os Americanos ali introduziram em 1820, foram causa de deixarem os moradores semelhante lavra em um país, onde o trigo é atacado de ferrugem antes do tempo da ceifa. O distrito de Alegrete é por extremo fértil, e rico em pastagens onde se cria grande quantidade de gado vacum, cavalari e muar, que são levados aos mercados das vilas do interior da província de São Paulo.

Alenquer.⁴¹ Vila da província do Pará, na Guiana Brasileira. Está assentada nas margens duma das torrentes que saem do lago Surubiú, quatorze léguas ao norte de Santarém, e tem uma igreja dedicada a Santo Antônio de Lisboa. Os habitantes do distrito de Alenquer são uma mistura de Índios, de brancos, e de mestiços; eles cultivam milho, mandioca, arroz, tabaco; colhem excelente cacau, e alguns criam gado.

Alfeé.⁴² Aldeia da província de Minas Gerais. (V. *Santana do Alfeé*.)

Algodão. Pequena ilha da província do Rio de Janeiro, na costa do distrito da vila de Parati.

Algodoeiro. Pequeno território do distrito de Campos, na província do Rio de Janeiro, que nos antigos tempos havia sido plantado de algodoeiros, donde lhe veio o nome que tem.

Alhandra.⁴³ Pequena e miserável vila da província de Paraíba. Está assentada numa eminência a duas léguas do

mar, três léguas ao sul de vila do Conde, e dez também ao sul da cidade de Paraíba. Foi antigamente a aldeia Urutuauí citada muitas vezes pelos autores pelo nome abreviado de Urutauí, que teve em o século passado o nome de vila. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Assunção, que foi edificada pelos padres do Oratório com um hospício no tempo em que a vila era uma simples aldeia. Havia também a igreja do Rosário que pertencia aos negros. O distrito de Alhandra pode ter quatro léguas de norte a sul entre o rio Abiaí e Goiana, e oito ou nove de leste a oeste: as terras são excelentes mas desamparadas, pela indolência dos habitantes. Ao norte serve-lhe de limite o distrito do Conde, ao oeste o do Pilar e o de Goiana, ao sul o de Goiana, que faz parte da província de Pernambuco, ao oriente o mar. A aldeia paroquial de N. S. da Penha de França, que em povoação compete com a da vila de Alhandra, e a de Pitimbu, fazem parte deste distrito, onde se veem ainda as aldeias Abiaí, Brandão, Camusi, Outeiro, Tabatinga,

⁴¹ Atual cidade de Alenquer/PA. (N/E)

⁴² Atual distrito de Santana do Alfeé, município de São Domingos do Prata/MG. (N/E)

⁴³ Atual cidade de Alhandra/PB. (N/E)

Tabu e Cupissurá, que são restos de antigos engenhos atualmente em ruína. Os de Cupissurá e de Tabatinga andam com água. Os habitantes do distrito de Alhandra são avaliados em duzentos, quase todos Índios, duma indolência extrema, vivendo da pesca, e do fabrico de esteiras de palha Peripiri (V. *este nome*) que trocam pelos víveres cultivados pelos brancos e mestiços.

Almada.⁴⁴ Aldeia da província da Bahia, agradavelmente situada entre a Cordilheira e o lago Itaípe. Foi em princípio uma aldeia de Índios, aos quais se juntaram alguns brancos que acharam o sítio saudável e aprazível. A igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição. A população indígena deste território tem diminuído e a dos brancos se tem aumentado. Avalia-se a totalidade a obra de quinhentos indivíduos que cultivam mandioca, arroz, feijões, cujo supérfluo é conduzido a São Jorge dos Ilhéus, juntamente com as madeiras de construção que vem pelo lago e rio Itaípe.

Almas. Povoação da província de Goiás, vinte e cinco léguas a leste da vila da Na-

tividade, e perto do rio de Manoel Alves. Sua igreja é filial da igreja paroquial desta vila. Os habitantes se dão à criação do gado, mas em pequena quantidade, cultivam algodão e os víveres do país.

Almas. Serra da província de Minas Gerais, e limítrofe da província da Bahia, nas vizinhanças da comarca da Jacobina. Ela se estende obra de quinze léguas do norte ao sul, e dá origem ao rio Patipé, que se lança no Oceano, e a vários ribeiros que seguem diversos rumos.

Almas. Ilha da província do Rio de Janeiro, fronteira à costa do distrito de Parati.

Almas. Rio da província de Goiás. O lago Paio José, na serra, dos Pireneus, é o seu principal nascente; ele rega o distrito de Meia Fonte, engrossa com as águas de vários ribeiros e discorre por espaço de vinte léguas do este ao noroeste, e antes de atravessar a estrada do este da província onde há uma ponte, um pouco mais abaixo recebe o rio Uruú que lhe aumenta em dobro as águas, e então se dirige em direitura para o norte por espaço de

trinta léguas, passando entre a vila do Pilar e a povoação de Água Quente, e se junta com o rio Maranhão aos quatorze graus e vinte e dous minutos de latitude, onde deságua entrando pela margem esquerda, no cabo dum curso total de cinquenta léguas, pouco mais ou menos. Neste rio podem navegar grandes barcos até a embocadura do Uruú, sobretudo na estação das chuvas, e as canoas o navegam em todo o tempo. Na mesma província e mais ao nordeste corre o ribeiro Almas, que se lança no rio Paraná depois de haver passado pela vila de Cavalcante. Os rios Almas e Uruú podem ser considerados como o nascente meridional dos Tocantins.

Almas. Pequeno rio da província de Minas Gerais. Nasce nas montanhas perto da margem esquerda do Abaité, corre do sudoeste ao noroeste, e leva o tributo de suas águas ao rio Sono, depois de se ter engrossado com as do ribeiro de Santo Antônio.

Almas. Ribeiro da província de Goiás, que rega a vila de Cavalcante, e se perde abaixo dela no rio Paraná.

⁴⁴ Atual distrito de Castelo Novo, município de Ilhéus/BA. (N/E).

Almeida

Almeida.⁴⁵ Antiga vila da província do Espírito Santo, assentada agradavelmente num alto, defronte do mar, junto à embocadura do rio dos Reis Magos. Em 1580 estabeleceram-se os jesuítas na margem deste rio, e ali doutrinarão um grande número de Índios que empregaram por meios doces a levantar uma igreja que ainda subsiste, e dedicaram-na aos Reis Magos. Fizeram também levantar ao pé da igreja uma casa para os noviços que vinham da Europa aprender a língua dos Índios Tupis, para ao depois irem fazer novos prosélitos no interior das terras. Defronte da igreja havia um largo cercado ao redor pelas cabanas dos Índios, todas cobertas de palha, onde os Portugueses não penetraram, senão depois de passados muitos anos. Uma portaria de 12 de novembro de 1759 concedeu o título de paróquia à Igreja dos Reis Magos, e um alvará de 12 de fevereiro do mesmo ano, que foi posto em execução em janeiro seguinte, conferiu a esta povoação o título de vila com o nome de Almeida, que hoje ainda tem. Tem esta pequena vila uma praça mui grande; o vasto edifício,

obra dos jesuítas, serve atualmente de casa municipal, de cadeia e de morada do cura. Compõe-se a povoação de Índios, brancos e mestiços cujo número vai todos os dias em aumento. Em nenhum distrito da província se multiplicaram os Índios tanto, como neste, assim que, o número dos habitantes é de quatro mil, os quais se aplicam à pesca, e à lavra dos víveres de primeira necessidade, exportam madeiras de construção, e louça de barro que fabricam. As mulheres cultivam, colhem e fiam algodão. Estes diversos produtos de indústria se vendem nos mercados da cidade da Vitória e do Rio de Janeiro. Antes da proibição do corte das madeiras de lei, o comércio desta vila era muito mais considerável. Seu distrito tem por limites: ao norte, o rio Doce, a nove léguas da vila; ao sul, o rio Caraípe, distância de duas léguas; a leste, o Oceano, e ao oeste, a serra dos Aimorés, na parte em que ainda não foi explorada. As laranjas e mais frutas são dum sabor esquisito.

Almeirim.⁴⁶ Pequena vila da província do Pará, na Guiana Brasileira: está agradavelmente

situada na margem esquerda do rio das Amazonas, na embocadura do rio Paru. Os Holandeses fizeram neste lugar um forte no tempo em que estiveram de posse das províncias do norte do Brasil, para se porem a seguro das hostilidades dos Portugueses e dos Índios. Este forte está hoje em ruína. A vila de Almeirim foi criada depois da expulsão dos Holandeses. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição, e os arredores são povoados de arvoredos que fornecem madeiras de construção, em cujo trato se ocupam os naturais do país, bem como no cultivo do milho, arroz, mandioca e algodão, e sustentam-se sobretudo de peixe.

Almofala. Povoação outra freguesia do distrito da cidade Januária, na província do Ceará. Está situada na embocadura do rio Aracati, ao norte da serra Mandaú e do monte Acaracu. Sua igreja era da invocação de São Bento, mas alcançando o título de paróquia mudou-se na de N. S. da Conceição. Um decreto de 5 de setembro de 1832 lhe tirou este título para conferi-lo à aldeia de Acaracu, de que

⁴⁵ Atual vila de Nova Almeida, município de Serra/ES. (N/E)

⁴⁶ Atual cidade de Almeirim/PA. (N/E)

ela veio a ser filial: porém uma lei da assembleia provincial de 10 de setembro de 1838 a reintegrou nas honras e título de paróquia. A maior parte da povoação de Almofala se compõe de Índios Tramembés, aos quais se agregaram alguns brancos; mas há obra de vinte anos que a povoação índia tem diminuído duma maneira sensível. Os brancos cultivam mandioca, milho e feijões nas terras altas que ficam mais ao pé do mar; as baixas são ordinariamente salitrosas e os moradores se contentam com colher delas com pouco trabalho arroz e batatas doces. A torre da igreja da Conceição, que se avista do mar por entre os coqueiros, acha-se aos dous graus cinquenta e seis minutos e trinta segundos de latitude, e aos quarenta e dous graus e oito minutos de longitude oeste.

Alpercatas. Rio da província do Maranhão, chamado por outros *Alpricatas*; nasce nas terras dos Índios Timbiras, e é navegável para as canoas por espaço de quinze a dezoito léguas. Facilitar-se-ia muito

mais a navegação se se fizessem minar os rochedos de São Pedro. As águas deste rio vão engrossar as do Itapicuru, 30 léguas abaixo da cidade de Caxias. Alguns autores hão confundido o Alpercatas com o rio das Balsas, que nasce muito mais ao sul no mesmo distrito, e que deságua no Parnaíba.

Alter do Chão.⁴⁷ Pequena vila da província do Pará, nas margens dum lago que ao pé dela comunica com o rio Tapajós. Jaz esta vila cinco léguas ao sul da vila de Santarém, e cento e setenta da cidade de Belém. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Saúde. Ao princípio esta vila era uma aldeia de Índios Hibiraribes; seus habitantes cultivam cuidadosamente os cacauzeiros, e vivem da caça e da pesca.

Altinho.⁴⁸ Freguesia da província de Pernambuco, na comarca do Bonito.

Alto Amazonas. Segunda comarca da província do Pará, criada por lei provincial n.º 17 de 1839. Dá-se-lhe oitenta mil

léguas quadradas com tão somente trinta mil habitantes.

Alto das Balanças. Serra da província de Ceará, que serve de limite aos distritos de Mecejana e de Baturité.

Alto do Morro.⁴⁹ Pequena povoação da província de Minas Gerais, sobre a nova estrada entre as cidades de Ouro Preto e de Barbacena.

Alto dos Bois.⁵⁰ Aldeia da província de Minas Gerais, na comarca de Serro, entre a aldeia da Penha e a cidade de Minas Novas. Foi formada em 1809 pelos índios da tribo de Macunis, perseguidos pelos Botocudos e protegidos por três colonos Portugueses. Um deles chamado Antônio Gomes ocupou-se em civilizar os Índios, e o governo lhe conferiu o título de diretor dos Índios do distrito. Começou então ele a tratar de lhes ensinar a ler, escrever e contar, e de instruí-los nos deveres da religião cristã; o número de Índios que vivem nesta aldeia é de mais de cem. Faz-se nela excelente queijo. O milho,

⁴⁷ Atual distrito de Alter do Chão, município de Santarém/PA. (N/E)

⁴⁸ Atual cidade de Altinho/PE. (N/E)

⁴⁹ Atual distrito do Alto Maranhão, município de Congonhas/MG. (N/E)

⁵⁰ Atual cidade de Angelândia/MG. (N/E)

Alto Grajaú

as vinhas e o trigo, e também os algodoeiros, dão-se mui bem nas terras desta aldeia.

Alto Grajaú. Uma das comarcas projetadas em 1840, pela assembleia legislativa da província do Pará. Está estabelecida sobre o rio Alpercatas, entre a propriedade nacional de São Miguel e Campo Largo, nas vizinhanças do ribeiro Cedro e da estrada de Guajará a Pastos Bons.

Alto Paraguai Diamantino.⁵¹ Vila da província de Mato Grosso. (*V. Diamantino.*)

Alvarenga. Ribeiro aurífero da província de Minas Gerais, que foi descoberto em 1781 pelo governador D. Rodrigo José de Menezes, no território de Cuijaté. Caminha na direção de leste, engrossa-se com os ribeiros Santo Antônio e São José, e vai desaguar no rio Manhuaçu, um dos grandes afluentes do rio Doce.

Alvarens.⁵² Pequena vila da província do Pará; era em outros tempos a aldeia Caiçara. Jaz nas margens dum

lago, cinco léguas ao oeste do rio Tefé. Sua igreja paroquial é dedicada a São Joaquim. Um canal feito pela natureza estabelece a comunicação do lago com o rio Tefé pela margem esquerda, e dos moradores de Alvarens com os da vila de Nogueira, que se acha mais ao norte, na mesma margem do Tefé, e com os da vila de Ega, que jaz na margem direita. Sua povoação consta de trezentas almas, quase todas de raça indígena. As terras são mui sujeitas às formigas e aos piuns na estação das chuvas.

Álvaro. Nome dado à segunda cachoeira do rio Coxim, na província de Mato Grosso: acha-se esta cachoeira meia légua abaixo da dos Três Irmãos, e em igual distância da de Rebaló. Sobe-se e desce-se por ela com facilidade.

Alvelos.⁵³ Pequena vila da província do Pará, na margem meridional do rio das Amazonas, quatro léguas acima da embocadura do rio Cuari. É a antiga aldeia deste nome, fundada pelo padre Samuel Fritz, nos fins do século XVI. Ajuntou este padre ali um número prodigioso de Índios que dou-

trinou na religião cristã e tratou de civilizar. A igreja da vila de Alvelos é dedicada a Santana. Sua povoação consta de Índios de diversas tribos confundidas atualmente umas com outras, os quais fabricam manteiga com ovos de tartarugas que mandam para o Pará e Maranhão, onde estes gêneros tem muita extração. Colhem também cacau, balsamo de copaíba, cravo e sal-saparrilha; fazem louça de barro, tijolos, esteiras, e panos de algodão, e redes.

Amacu. Lago da Guiana Brasileira, nas margens do qual está situada a aldeia Pirará.

Amadús. Índios que vivem nas margens do Araguaia, perto da ilha do Bananal. Esta tribo parece achar-se atualmente mesclada com outras.

Amaiauaú. Rio da província do Pará, afluente do rio Negro. (*V. Branco, Quecuené.*)

Amambaí. Rio da província de Mato Grosso, Sua direção é pouco conhecida, o que se sabe é que deságua no Paraná pela margem direita, doze léguas mais abaixo da junção

⁵¹ Atual cidade de Diamantino/MT. (N/E)

⁵² Atual cidade de Alvarães/AM. (N/E)

⁵³ Atual cidade de Coari/AM. (N/E)

do rio Ivinheimá, defronte dum ilha que tem quatro léguas de comprimento. Dão-lhe também o nome de *Miamaia*.

Amambaí. Serra da província de São Paulo, limítrofe com a de Mato Grosso. Rega-a o rio do mesmo nome.

Amapá.⁵⁴ Posto que serve de limite ao Brasil, na margem do ribeiro Caiamocá, quarenta léguas ao nordeste da vila de Macapá. Acha-se este posto em dous graus e doze minutos de latitude norte, e em cinquenta e um graus e sete minutos de longitude oeste. É o ponto do rio Oiapoque onde os franceses se estabeleceram em 1837, sobre a margem direita, e que eles largaram em 1840, por isso que já nenhum receio tinham da transmigração dos rebeldes da província do Pará.

Amar-e-Querer. Serra da província do Rio de Janeiro, que faz parte da dos Aimorés, no distrito de Cabo Frio.

Amargoso. Braço oriental do rio das Piranhas, ao oeste da ponta do Tubarão. As canoas podem subir por ele acima até chegar ao rio.

Amaro Leite. Povoação da província de Mato Grosso, na margem esquerda do rio das Mortes, tributário do Araguaia. Foi criada pelo sertanejo que lhe deu seu nome; depois que se endireitou a estrada que vai de Goiás a Cuiabá, cessou de existir este lugar de que já se não veem vestígios.

Amaro Leite. Aldeia da província de Goiás, no distrito da nova vila de Tocantins, dezesseis léguas ao oeste da vila do Traíras. Deve este nome ao primeiro habitante deste sitio. Sua igreja é dedicada a Santo Antônio de Lisboa, e filial da de São José, na cabeça do distrito. Estando esta igreja sobremaneira arruinada, o presidente a assinalou, em 1839, por uma das que deviam ser restauradas.

Amazonas. Nome do maior e mais profundo rio do mundo. Sua embocadura foi descoberta em 1500, por Vicente Yanes Pinzon, um dos companheiros de Cristóvão Colombo. Ele tomou posse das terras duma e de outra margem em nome d'El-Rei de Portugal, e noutra viagem, assaltado duma horrível tempestade, pereceu juntamente com seu irmão

Aires Pinzon. Pretenderam que, tendo penetrado pela vez primeira muito avante nesta embocadura, fizera Pinzon a seu irmão Aires a pergunta seguinte: "Ainda isto é mar?" e que o irmão lhe respondera: "Ah! não," e que os marinheiros repetindo estas ultimas sílabas compuseram o nome que foi muito tempo dado a este rio (mar-ah-não) até então conhecido dos Índios com o de Paraná-Guaçú. Por outra parte os Espanhóis sustentam que este rio deve o seu nome ao capitão Marañon, seu compatriota, que serviu debaixo das ordens do célebre Pizarro, que outros autores citaram como tendo sido o primeiro espanhol que explorou o nascente deste rio. A este respeito o que é certo é que em 1540 Francisco Orelana, lugar-tenente do dito Pizarro, se embarcou no pequeno rio Casca ao pé de Quito, e penetrou à aventura no rio Napo e no de Paraná-Guaçú ou Maranhão; e que passando por diante das embocaduras dos rios Atuma e Jamundaz, guardadas de árvores do cravo, divisou ao longo das margens povos esbeltos, armados de arcos e de setas, que lhe fizeram bom rosto e lhe tolheram o desembarque, e observou

⁵⁴ Atual cidade do Amapá/AP. (N/E)

Amazonas

mais que todos aqueles povos eram imberbes, como o são em geral os naturais do país, de sorte que os tomara por mulheres guerreiras; que voltando para a Espanha todos os oficiais que o acompanharam afirmaram ser verdade quanto a imaginação lhes sugerira em uma viagem tão longa como arriscada, e para dar mais verossimilhança a este conto ajuntaram que um cacique os havia advertido de se precaverem, quando fossem entrados no rio Jamundás. Alcançou Orelana do rei de Espanha autorização para estabelecer no Peru uma colônia subindo pelo Maranhão acima, que então tomou o nome de Amazonas; porém andou em vão em procura da embocadura, e depois de vários padecimentos ocasionados pelas tempestades, e pela diuturnidade da navegação, viu-se na necessidade de estabelecer em 1545 a sua colônia na costa de Caracas, onde morreu. Passados quinze anos o vice-rei do Peru encarregou o general Orsua de verificar os fatos anunciados em Espanha por Orelana e seus companheiros, e de ir em demanda do Eldorado. Orsua foi assassinado no decurso desta exploração por um de seus soldados, que se intitulou rei, e levou a morte e a devastação por onde quer que

passou, até chegar à ilha da Trindade onde foi esquarterado com os seus cúmplices, sem deixar informação alguma sobre o resultado da comissão de seu general. Em 1636, alguns missionários se abandonaram fiados na Providência à corrente dum rio que corria ao pé da cidade de Quito, acompanhados duma escolta de que era comandante João Palácio, o qual nesta viagem foi assassinado pelos Índios da aldeia de Anete. Os missionários se retiraram imediatamente depois deste assassinato, e desceram até São Luiz do Maranhão, onde chegaram no ano seguinte. Jacome Raimundo de Noronha governava então interinamente os Estados do Maranhão: ouvida a relação dos missionários, fez armar quarenta e sete barcas, com setenta Portugueses e mil e duzentos Índios, debaixo do comando de Pedro Teixeira. Este oficial superior levava por instrução de se transportar a Quito, e de reconhecer por mar e por terra o país que ia explorar. No cabo de sete meses de jornada chegou Teixeira em 24 de junho de 1638 ao rio e porto de Paiamina, onde tomou algum descanso; depois, fazendo-se acompanhar de Bento Rodrigues de Oliveira, seu lugar-tenente, se transportou

por terra a Quito, depois de haver entregue o comando da expedição a Pedro da Costa Favel. Teixeira e Oliveira foram muito bem tratados e festejados pelos moradores de Quito, pelo contentamento que tiveram de saber que os seus missionários haviam chegado a salvamento à capital do Maranhão. Teixeira e os seus tornaram-se a embarcar num pequeno rio que ficava muito mais perto da cidade que o porto em que haviam desembarcado, e levaram consigo o padre Cunha, que nos deixou em espanhol uma relação circunstanciada da viagem que então fizeram até Belém. O rio das Amazonas nasce das altas montanhas do Peru; mas ignora-se ainda qual seja o rio que lhe dá o nascimento. As primeiras relações que a este respeito apareceram foram contraditórias, e as dos modernos não hão sido mais que cópias infieis das primeiras. Os naturais do Chile pretendem que o nascente principal deste rio se acha em seu território, e fazem-no nascer do lago Chucuito ou Titicaca, a quinze graus de latitude, com o nome de Beni, e se dirige para o norte e nordeste até se juntar com o rio Apurimá ou Apurimaco a onze graus de latitude, correndo dali em diante com o nome de

Ucayale até se reunir com o Tanguaragás, donde eles fazem começar o rio que vai desembocar no Oceano. Os habitantes de Quito põem o nascente do rio das Amazonas a oito léguas ao sul desta cidade caminhando para nor-nordeste nos Andes, e ao depois para o leste com o nome de Napo, até tornar-se no das Amazonas. Os da Nova Colômbia sustentam que o rio Caquetá, que rega o país onde se formam os rios Hiapura, Negro, e Orenoco, é o verdadeiro nascente do Amazonas. Enfim os geógrafos concordam em fazê-lo nascer do lago Lauricocla, ou Lauricocha, no distrito de Guanuco, entre onze e doze graus de latitude meridional, debaixo do nome de Tanguaragá, donde se dirige para o norte nas montanhas dos Andes, passando a trinta léguas ao nordeste, de Lima. Segundo a opinião deles este rio corre por espaço de mais de cento e cinquenta léguas por um leito semeado de rochedos e cachoeiras que não admite o navegarem por ele os mais ligeiros barcos, até engrossar-se com os rios Guanamá e Pulcão; que dali em diante sua corrente encontra menos estorvos até a vila de Jaen de Bracamoros, antes da qual ele recebe ainda à esquerda o Chinchipé que

vem do norte, e quase defronte o Chachapóias que vem do sul. Perto de Jaen o Tanguaragás se inclina ao nor-nordeste, e quarenta léguas mais avante se engrossa com as águas do rio Santiago, e lá a sua largura é já de cento e cinquenta toesas com doze a vinte braças de fundo. Voltando então positivamente para leste, seu leito se estreita num canal natural formado pelos rochedos, de duas léguas de comprimento e de vinte e cinco toesas de largura, pouco mais ou menos, apelidado pelos peruanos Pungo de Manseriché. É no cabo deste canal que está assentada a vila de Borja, em quatro graus e vinte e oito minutos de latitude meridional. A corrente deste passo é tão rápida que se faz a viagem em menos duma hora. As canoas e barcos não podem subir nem descer por ele senão quando as águas estão baixas. As balsas descem em todo o tempo, mas nunca podem subir. Vinte léguas mais abaixo se lhe vem unir pela margem esquerda o rio Marona, que sai do vulcão Sangai, e o Pastaça, que nasce ao norte do mesmo vulcão. Vinte léguas abaixo deste ultimo rio, mas sobre a margem esquerda, se lhe ajunta o rio Gualagá, igualmente considerado por alguns autores como a verdadeira origem do

Amazonas. Sobre a margem esquerda acham-se os rios Chambirá e o Tigre, na embocadura deste está situada a missão espanhola Yameos. Vinte e oito léguas mais baixo e pela margem oposta, o rio Ucayale lhe traz um volume d'água igual ao do Tanguaragás. É na reunião destes dous rios que ele tomava em outro tempo o nome de Maranhão até se ir lançar no Oceano; hoje porém o que está em uso é o do Amazonas. Dali por diante correm as suas águas com majestade para o Oriente, engrossando-se com as dum sem número de rios: à esquerda o Nanaí; muito mais abaixo e a mais de trinta léguas do Ucayale, o Napo lhe vem trazer o seu enorme tributo, depois de ter regado as cidades espanholas de Aquidona, e de Anete. Abaixo das ilhas formadas pela embocadura do Napo, a obra de quinhentas léguas do mar, o rio das Amazonas tem já mais de novecentas toesas de largo. A missão espanhola Povas é a última que se encontra à esquerda descendo pelo rio abaixo, o qual se inclina subitamente para o sueste, para continuar a correr a leste, depois de receber à direita o rio Cassiquin, e trinta léguas mais adiante o Jabari, que forma deste lado o limite oeste do Brasil. Sobre a margem es-

Amazonas

querda, a trinta e cinco léguas do Jabari, vem-se-lhe juntar da província de Popaiã e da de Columbia o rio Putumayo, apelidado pelos Portugueses *Eça*, e tido por limite e separação dos antigos domínios Espanhóis ao ocidente da Guiana Brasileira. Vinte e cinco léguas mais longe, encontra-se sobre a margem esquerda o rio Jutai, fácil de navegar até á província de Cusco; aquém e além de sua embocadura veem-se as antigas aldeias Eviratoá e Trauquatuá. Trinta e quatro léguas mais abaixo o rio Juruá, que vem de mui longe, assim com o Tefé se lhe ajunta, bem que com custo suas límpidas águas se misturem com as do Amazonas. É defronte da embocadura do Tefé que começa sobre a margem esquerda do rio um vasto território de obra de cem léguas, regado e muitas vezes inundado pelos braços do Hiapura, que se sucedem na ordem seguinte: o Anati-parana; o Eviratiba, o Manhaná, o Uaranapú, o corpo do rio Hiapura, o Uananá, o Copeiá, o Jucará e o Cadajá. Em ambas as margens do Amazonas, na parte a que os Portugueses deram o nome de Solimões, ainda atualmente pouco habitada, ou povoada de Índios bravos, existem vários rios grandes e pe-

quenos com diversos nomes entre a embocadura do rio Jabari e a do Purú. Todos são guarnecidos de árvores de cravo, e de salsaparrilha, e tendo nome das tribos que dominaram em suas margens. Abaixo do rio Purú, e na margem esquerda, quarenta léguas mais abaixo do ultimo braço do Hiapura, entra majestosamente no Amazonas o rio Negro, apelidado pelos Índios *Guriguacurú* um forte Brasileiro, situado em quatro graus de latitude, defende a entrada de sua larga embocadura, passando a qual se veem ilhas de diversas grandezas, e a dez léguas deste forte ainda se divisam as águas do rio. Quarenta e quatro léguas mais abaixo vê-se sobre a margem direita o impetuoso madeira, o mais considerável de quantos são tributários do Amazonas. Na margem esquerda e defronte duma ilha de perto de sessenta léguas de comprimento (para onde os Tupinambás, segundo a opinião geral, se retiraram no século XVI, quando evacuaram Pernambuco em consequência das guerras que tiveram com os Portugueses), encontra-se sucessivamente os rios Urubú, ou Barurú, o Aniba ou Sacará, o Atumá, e o Jamundaz, e também o Canomá na margem direita. Passada esta ilha tem o rio

mais duma légua de largo. Encontra-se em seguimento sobre a margem esquerda, e a vinte léguas distantes um do outro, o pequeno rio Cunaris e o Trombeta, muito mais considerável, apelidado pelos Índios *Orixamicá*, na margem oriental de cuja embocadura está assentada a vila de Óbidos, outrora aldeia dos Índios Pauxis cujo nome tinha, a cujo porto chega a maré. A quarenta léguas da vila de Óbidos o rio Tapajós vem trazer ao Amazonas pela margem direita o prodigioso tributo de suas águas, depois de haver regado as pequenas vilas de Santa Cruz, de Aveiro e de Santarém. Sobre a margem esquerda e muito mais abaixo da vila de Óbidos se acha a embocadura do rio Guarupatúba, que vem de Columbia, e que é apelidado pelos habitantes *Iriquiriqui*. Suas aluviões fertilizam as margens onde se cria o melhor arroz que dá a América. Pela mesma margem recebe o Amazonas até entrar no mar o Urubucuará, e o Anarapucú, onde demorava Vila Vistosa, hoje abandonada; o Parú ou Genipapa que banha a vila do Desterro, o Jari quase defronte da vila de Gurupá, e cinquenta léguas após o Aruará junto ao cabo do Norte. Quase em igual distância destes dous rios que

acabamos de mencionar está assentada na margem do Amazonas a vila de Macapá. Sobre a margem direita e a obra de sessenta léguas abaixo do Tapajós se encontra a embocadura do rio Xingu, cujas águas regam as vilas de Borba, Souzel, Pombal, Veiros, e Porto de Moz, e doze léguas avante a vila de Gurupá, onde há registo ou posto além do qual não devem passar as canoas e barcos que sobem ou descem pelo Amazonas sem serem visitados pelo comandante. Passado este forte o rio das Amazonas se divide em duas partes em extremo desiguais pela ilha Marajó ou de Joanes. O braço meridional, chamado *Tagipuru*, é estreitíssimo, e suas águas correm contra a ilha Marajó, deixando por vezes apenas passagem para os barcos. Engrossa-se sucessivamente o Tagipuru com o tributo dos rios Anapú, Pacajás, e Araticú, os quais têm canais naturais pelos quais eles se comunicam uns com outros. Todas estas águas, represadas mais abaixo da parte do oriente pelo curso rápido do rio dos Tocantins, formam a baía Guajarú, que tem obra de duas léguas de largo, e com a qual se vem juntar os rios Moju e Guama. Estas águas, cuja corrente é menos rápida e turbulenta que as do rio com que se mis-

turam, formam a larga embocadura que os antigos tomavam pelo braço meridional do rio das Amazonas, e que é hoje conhecida pela dos Tocantins. Depois da reunião do rio Xingu com o Amazonas, que tem já neste ponto duas léguas de largo, este rio corre para o nordeste, alargando-se cada vez mais até embocar no Oceano, entre a ponta Margari, na extremidade oriental da ilha Marajó, e o cabo Norte, no continente setentrional. Os navegantes contam trinta e duas léguas marinhas entre estas duas pontas. Supõe-se que em linha reta pode este rio ter novecentos e oitenta léguas do Brasil, porém os viajantes, que o exploraram, dão-lhe um total de mil e dez léguas brasileiras de três mil braças cada uma, o que equivale a mil, trezentos e cinquenta e seis léguas de França de duas mil toesas. Defronte do cabo Macapá, onde a embocadura do Amazonas se acha apertada ou estreitada pelas ilhas que se avizinham da de Marajó, um fenômeno extraordinário se repete três dias a fio em todas as marés de lua nova e cheia: chamam-no os naturais do Brasil *pororoca*. No momento em que a força da maré sobrepuja a da corrente do rio, três enormes moles d'água, e por vezes quatro, e

umas após outras à direita e à esquerda, e o estrondo que fazem com a rapidez com que se lançam ouve-se a mais de duas léguas de distância. Elas derribam e metem no fundo quanto encontram. Atribui-se este fenômeno à maré represada largo tempo pela impetuosidade das águas do rio, e poucos minutos lhe bastam para romper por aquele obstáculo e pôr-se subitamente ao nível com as outras partes, onde por espaço de seis horas ela sobe e cresce gradualmente antes de chegar ao mais alto ponto ou ao preamar. É no mês de junho que as águas do Amazonas são mais baixas; as cheias são no mês de novembro, e nos seguintes. No rio Tanguaragás e nos demais nascentes do Amazonas que descem das cordilheiras navega-se de ordinário numa espécie de canoas feitas de vimes, chamadas *balsas*, mui bem alcatroadas de modo que lhes não possa entrar água. A elasticidade deste gênero de embarcações faz que podem passar sem perigo por cima dos rochedos. Nos grandes rios, porém que são tributários do Amazonas, e também neste, desde a vila de Borja até o Pará, navega-se em grandes barcos com velas e remos, evitando-se de passar perto das margens por se achar o rio nesta parte obs-

Amazonas

truído com ilhetas, e troncos de árvores. Da vila de Borja em diante, onde não se encontram cachoeiras, seguem os barcos a veia d'água afastando-se sempre das margens que são baixas e vestidas de arvoredos. O curso do Amazonas é rápido. Suas águas louras, mas não argilosas, formam uma infinidade de ilhas que admitem cultivo por serem amiúde submergidas. Seu leito é semeado dum grande número de moções que se formam e se destroem em cada cheia. A maré chega a cento e oitenta léguas da ponta do Macapá, onde cessa de manifestar-se o fenômeno chamado *pororoca*. Os ventos são ali fortíssimos, de sorte que os que navegam se veem obrigados a abrigarem-se por detrás das ilhas ou nas embocaduras dos rios, mas logo que eles se acalmam a força da corrente faz com que as águas se lancem e se serenem. Acha-se no Amazonas e rios que são dele tributários várias espécies de peixes do gênero dos *gymnotas*, que ocasionam um violento choque elétrico, e causam um adormecimento semelhante ao que causam as tremelgas: o manati ou lamentino é ali abundante, bem como o peixe buxo, que, seco e pulverizado, serve para clarificar toda sorte de líquidos. As

tartarugas, jacarés e crocodilos são maiores que nos demais rios da América. Posto que situado debaixo da linha equinocial, em todo o curso deste rio é o clima por extremo temperado, talvez em razão da umidade que fornecem as matas, e nas regiões mais elevadas o ar em geral é frio. Infinitas tribos de Índios povoam as margens do Amazonas, quais ferozes, quais tímidos, e mais ou menos civilizados, e diferentes das tribos vizinhas na linguagem, e na corporatura. As árvores de que mais abundam as suas margens são o castanheiro do Maranhão, o cacauzeiro, a árvore do cravo, e cedros cujas franças se escondem nas nuvens, e cujos troncos tem mais de vinte pés de circunferência. Os Índios das margens do Amazonas fabricam chocolate sem açúcar, manteiga, guaraná, massa que dissolvida na água tem várias virtudes, entre outras a de produzir o efeito contrário do ópio; o extrato de guaranhem, da casca da árvore do mesmo nome, remédio empregado com sucesso nas debilidades do estômago; cultivam canas-de-açúcar, algodão e tabaco que prosperam nas várzeas das margens do rio, desde o confluente do Ucayale e do Tan-

guaragás até o mar; nos altos também se dão mui bem os cafeeiros. Um viajante que no fim do século precedente partiu de Jaen de Bracamoras, e desceu numa embarcação conduzida por alguns Índios até a vila de Macapá, dá as diferentes distâncias entre os diferentes pontos do Amazonas da maneira seguinte:

Da lagoa donde nasce o Tanguaragás até a Vila de Jaen conta ele.....léguas 150
De Jaen ao rio Santiago sobre a esquerda do Amazonas, e onde sua largura é já de 150 braças.....39
De Santiago à cidade de Borja.....à esquerda 9
Ao rio Marona.....id. 20
Ao Pastaça.....id. 15
Ao Gualaga.....à direita 18
Ao Chambirá.....à esquerda 35
Ao Tigre.....id. 16
Ao Ucayale.....à direita 25
Ao Nanaí.....à esquerda 12
Ao Napo.....id. 20
À aldeia Povas onde o Amazonas tem de largo 900 braçasid. 4
Ao Cassiquin.....à direita 15
Ao Jabari, limite do Brasilid. 26
Do Jabari ao Putumayo ou Eça.....à esquerda 35
À aldeia Eviratoá.....à direita 2
Ao Jutai.....id. 24
A Tranquatuhá.....id. 4
Ao Juruá..... id. 35

Ao Tefé.....id. 38
Dali sobre a esquerda co-
meçam os braços do rio
Hiapura, da largura de 100
léguas, e defronte dos quais
recebe os rios:

Camóia abaixo do Tefé
.....à direita 20
Ao Cuari.....id. 22
Ao Purú.....id. 44
Ao Rio Negro, onde está o
forte.....à esquerda 32
Ao rio da Madeira..à direita 35
Ao Urubu ou Barururú
.....à esquerda 5
Ao Anibá, ou Sacará.....id. 15
Ao Canomá.....à direita 12
Ao Jamundas.....à esquerda 14
Ao Orixaminá ou Trombeta,
além da vila de Óbidos.. id. 10
Ao Tapajós.....à direita 40
Ao Gurupatuba ou Iriquiriqui
.....à esquerda 14
Ao Urubucuará.....id. 12
Ao Parú..... id. 20
Ao Xingu.....à direita 15
Ao registo de Gurupá...id. 10
Ao Jari.....à esquerda 10
À vila de Macapá defronte da
ilha de Marajó..... id. 22
Da vila de Macapá ao cabo
Norte no mar..... id. 26

Se não houve engano da parte
deste viajante, o curso total do
rio das Amazonas, segundo o

cômputo das distâncias por
ele assinaladas, viria a ser de
novecentas e duas léguas, o
que é muito menos da que os
geógrafos lhe assinam; tam-
bém podemos supor que o
viajante suputava as horas de
caminho que fazia, sem aten-
der ao grau de velocidade
maior ou menor, com que se
levava a embarcação, em que
navegava.

Ambuá. Tribo de Índios da
província do Pará, que foram
doutrinados com muitos ou-
tros, na margem esquerda do
rio das Amazonas. Todos os
indivíduos destas diversas tri-
bos foram transferidos em
1753, pelo missionário José de
Santa Teresa Ribeiro, para a
vila de Nogueira, nas margens
do rio Tefé, a fim de a povoar.

Amaniús. Tribo de Tupinam-
bás que dominava numa parte
das margens do Moju, na pro-
víncia do Pará.

Amontada.⁵⁵ Aldeia paroquial
da província do Ceará, no
distrito da vila de Sobral; é
situada ao pé do mar e do
ribeiro Mandaú, além da serra
deste nome e da de Meruóca.
Sua igreja paroquial é dedicada

a São Bento e a N. S. da
Conceição. Os habitantes do
território da freguesia de A-
montada vivem derramados
em terras pouco próprias para
a agricultura; pescam, salgam
peixes, colhem batatas doces,
e os mais industriosos criam
gado. Quase todos são de raça
índia, e bem que residam lon-
ge da igreja, são muito exatos
em assistirem aos officios divi-
nos.

Amparo.⁵⁶ Aldeia da pro-
víncia do Rio de Janeiro, no
distrito da vila de Barra
Mansa. Sua igreja, dedicada a
N. S. do Amparo, foi escolhida
para filial da freguesia de Piraí
em 1833, e uma lei da as-
sembleia provincial a elevou à
categoria de paróquia. Os
habitantes se dão ao cultivo
do café, que exportam, e dos
víveres necessários para seu
consumo.

Amparo.⁵⁷ Freguesia da pro-
víncia de Minas Gerais, na
nova comarca do Rio Grande.
Sua igreja, dedicada a Santo
Antônio, foi criada paróquia
por uma lei da assembleia
geral de 14 de julho de 1832,
que lhe assinalou por filiais
as igrejas do Bom Jesus dos

⁵⁵ Atual cidade de Amontada/CE. (N/E)

⁵⁶ Atual distrito de Nossa Senhora do Amparo, município de Barra Mansa/RJ. (N/E)

⁵⁷ Atual cidade de Santo Antônio do Amparo/MG. (N/E)

Amparo

Perdões, de Santana, de Jacaré e do Bom Jesus da Cana Verde. A freguesia de Santo Antônio do Amparo é a mesma que fez sucessivamente parte das paróquias de São João del Rei, de Tamanduá e de Campo Belo.

Amparo.⁵⁸ Aldeia e nova paróquia da província de São Paulo, no distrito da vila de Bragança. Sua igreja, dedicada a N. S. do Patrocínio, foi criada paróquia por uma lei da assembleia provincial de 2 de março de 1839. Os habitantes derramados no território paroquial cultivam e exportam para a cidade de São Paulo milho, feijão e açúcar.

Amparo. Pequena povoação da ilha de Itamaracá, que faz parte da província de Pernambuco. Há nela uma capela da invocação de N. S. do Patrocínio e um engenho de açúcar.

Amparo. Forte da província do Ceará, chamado também por vezes Tartaruga, provavelmente em razão de sua forma, que se assemelha a deste animal; foi construído em 1613, por Jerônimo de Albuquerque, e Martim Soares Moreno, quando foram fazer desalojar

os Franceses, que se tinham estabelecido na ilha de Maranhão. Moreno comandava ainda este forte em 1731, que era o único estabelecimento português naquela província nessa época. Os Holandeses tomaram-no alguns anos depois, e desemparraram-no pelo tempo adiante sem dele colherem fruto algum. (V. *Fortaleza*, cidade.)

Amucú. Lago da província do Pará, na Guiana Brasileira, perto, e ao sudoeste da serra Pacaraimá.

Anadia.⁵⁹ Pequena vila da província das Alagoas, cabeça da comarca do seu nome, quatorze léguas a oeste da cidade de Alagoas. Deve a sua origem a Índios, e brancos que se juntaram no Quilombo dos Palmares depois que foi destruído. Esta povoação foi criada vila em 1765. Faz-se nela um comércio ativo de algodão que vem dos distritos do sertão. Esta vila tem uma igreja paroquial da invocação de N. S. da Piedade, e seu terreno é próprio para o cultivo dos gêneros do país. A povoação é de mil e duzentos habitantes, pouco mais ou menos, brancos, Índios e mes-

tiços, cultivadores e mercadores de algodão em rama, que trocam por aqueles estofos da Europa, e mais objetos que se não podem fabricar no país.

Anajatuba. Um dos braços do rio Mamuna, na província do Maranhão. A maré dá a este braço a aparência dum soberbo rio no ponto em que ele se lança na baía de São José. Acha-se ao pé duma povoação onde foi sufocada imediatamente uma sedição fomentada em 1840 por um sargento, que foi preso em companhia de seus cúmplices.

Anapú. Rio da província do Pará, na comarca do Grão Pará. Nasce de matas desconhecidas, e corre por cima de arrecifes onde não admite nem canoas, mas ao depois tomando um curso mais suave e brando, se vai perder, por entre muitas ilhas, no Tagipuru, defronte da grande ilha de Marajó. Suas margens são povoadas de grande quantidade de árvores de cravo do Brasil.

Anapurú.⁶⁰ Antiga aldeia da província do Maranhão. (V. *Brejão*, vila da mesma província.)

⁵⁸ Atual cidade de Amparo/SP. (N/E)

⁵⁹ Atual cidade de Anadia/AL. (N/E)

⁶⁰ Atual cidade de Anapurus/MA. (N/E)

Anarapucú. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira; suas margens são habitadas por Índios civilizados; seu curso é pouco conhecido, passada Vilanova; deságua no Amazonas, entre a embocadura do Urubucuará ao ocidente e a do rio Paru ao oriente. O território que este rio rega é fértil em arroz e salsaparrilha.

Anatiparaná. Nome do braço mais oriental do rio Hiapura, um dos grandes afluentes do Amazonas.

Anauená ou Anavilhaná (ilhas molhadas). Rio da província do Pará, na Guiana Brasileira; corre por entre matas de árvores de cravo, e vai desaguar no rio Napo, pela margem esquerda, entre a vila de Rio Negro e a povoação de Airão.

Anavilhaná. Rio do Pará. (V. *Anaena*.)

Ancoras. Grupo de ilhas da província do Rio de Janeiro, ao norte do Cabo Frio, e a éssueste do cabo dos Búzios. Serve de abrigo aos navios, e o fundo em roda é excelente para a ancoragem dos de alto bordo.

Andaiá.⁶¹ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, sobre a margem esquerda do rio de São Francisco, e ao norte do rio de que tem o nome. Esta povoação, em razão de sua ótima situação, é por alguns chamada Boa Vista. Sua igreja é dedicada a N. S. das Dores. Os habitantes de seu termo cultivam canas-de-açúcar, algodão e víveres para o seu uso, e criam algum gado.

Andaiá. Rio da província de Minas Gerais; nasce das serras Bambuí e Saudade, corre com velocidade por espaço de trinta e cinco léguas do sul ao nordeste, recebendo o ribeiro Funchal, e outros menos importantes, e vai desaguar no rio de São Francisco, pela margem esquerda, um pouco mais abaixo que o Paraopeba pela margem oposta.

Andaiá.⁶² Pequena povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Tejuco; há nela um posto militar encarregado de reprimir o contrabando de diamantes, e uma igreja dedicada a Santana, filial da cidade Diamantina, a sete léguas da qual jaz, e a dezessete ao norte da cidade do Serro.

Andaraí ou Andraí.⁶³ Enfiada de casas de campo na freguesia do Engenho Velho, entre a povoação de Mata-Porcos, e a serra do Tejuco, perto do Rio de Janeiro.

Andorinhas. Ribeiro da província do Rio de Janeiro; perde-se no rio de Magé.

Andraí. Ribeiro da província da Bahia; nasce ao pé da serra Orobó, e vai engrossar com suas águas o Paraguaçu.

André Alves. Décima sexta cachoeira do rio Coxim. As canoas devem passá-la sem carga, e as fazendas transportam-se por terra. Ela se acha meia légua abaixo da cachoeira Pedra-Redonda, e outro tanto acima da Jaurú.

André Francisco. Vasta fazenda que forma hoje uma povoação na província de Minas Gerais, e no território parquial de Itaberaba.

Andrequecé.⁶⁴ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade Diamantina. Sua igreja é da invocação de N. S. das Mercês, e depende da desta cidade.

⁶¹ Atual cidade de Dores do Indaiá/MG. (N/E)

⁶² Atual cidade de Quartel Geral/MG. (N/E)

⁶³ Atual bairro de Andaraí, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁶⁴ Atual distrito de Andrequicé, município de Corinto/MG. (N/E)

Angical

Angical.⁶⁵ Freguesia da província da Bahia, comarca do Rio de São Francisco. Deve o seu nome a um terreno onde se criam muitas árvores da espécie a que chamam Angico. Esta povoação se acha no distrito da vila de Campo Largo, a três léguas do rio Grande, tributário do de São Francisco. Sua Igreja é dedicada a Santana do Sacramento e foi feita paróquia em 1821, separada para isto da de Campo Largo.

Angicos.⁶⁶ Nova vila da província do Rio Grande do Norte. Era nos tempos passados a aldeia de São José dos Angicos, que fazia parte do distrito da Vila da Princesa, com uma igreja da invocação dos Anjos. Uma lei da assembleia geral de 3 de outubro de 1832 criou nela uma escola de primeiras letras, e a mesma assembleia lhe conferiu o título de vila; mas as provinciais tendo sido criadas em virtude da lei da reforma da constituição de 1834, uma lei, de 28 de março privou deste título, que lhe foi no ano seguinte, em 13 de outubro, restituído por outra assembleia da mesma província. Os

habitantes do distrito desta vila, que se avaliam em dous mil, cultivam algodão, arroz, feijão, mandioca; sendo o primeiro destes gêneros a base principal de seu comércio.

Angra dos Reis.⁶⁷ Cidade da província do Rio de Janeiro, numa ponta do continente no meio da baía, ou angra de que tem o nome, aos vinte e três graus e quatro minutos de latitude, e quarenta e seis, quarenta e oito de longitude oeste, a vinte e quatro léguas oés-sudoeste da cidade do Rio de Janeiro. Alguns habitantes Portugueses da capitania de São Vicente vieram estabelecer-se nesta ponta do continente ao pé da pequena ilha de Gipoia, então ocupada pelos Índios Goianás, e ali edificaram uma igreja em honra da Senhora da Conceição, e esta povoação tomou desde então o nome de Angra dos Reis, que Martim Afonso de Souza havia dado à baía, quando nela ancorara em 6 de janeiro 1532. Documentos há que provam que a povoação de Angra dos Reis já existia em 1592, e que gozava do título de vila em 1608; mas alguns dos da vila havendo

assassinado o vigário, o arcebispo da Bahia, irritado contra eles, não lhes quis mandar outro, e os habitantes, vendo-se privados de todo socorro espiritual, se foram estabelecer a uma légua mais ao norte, e lá foram instaladas as autoridades civis, dando a esta nova povoação o título de vila da Ilha Grande, para se não verem incursos na animadversão do prelado. A primeira pedra da igreja paroquial ali foi assentada a 16 de fevereiro de 1624; mas enquanto durou a fábrica desta igreja, que levou perto dum século a fazer-se, serviram-se da dos frades capuchos, fazendo Fr. Constantino da Cruz as funções de pároco sem ter o título; sucederam-lhe vários eclesiásticos até o ano de 1636 que Roque Lopes de Queiroz, apresentado por El-Rei, tomou posse desta igreja na qualidade de vigário. Esta vila foi longo tempo da jurisdição da capitania de São Vicente, e do ouvidor geral do Rio de Janeiro. Um alvará de 27 de junho de 1808 criou na vila da Ilha Grande um juiz de fora, e deu o governo militar dela a um brigadeiro, com o fim de

⁶⁵ Atual cidade de Angical/BA. (N/E)

⁶⁶ Atual cidade de Angicos/RN. (N/E)

⁶⁷ Atual cidade de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

atalhar os excessos de algumas famílias poderosas que se apossavam de todos os empregos, e iludiam as leis; criou-se igualmente uma cadeira de latim, em virtude duma consulta régia de 24 de janeiro de 1814, e, sucessivamente, várias escolas de primeiras letras para os meninos e meninas. Uma lei de 1833 dividiu a província do Rio de Janeiro em seis comarcas, e a vila da Ilha Grande veio a ser cabeça da de seu nome; mas a lei da reforma da constituição tendo criado uma assembleia legislativa em cada província, a da do Rio de Janeiro conferiu à vila da Ilha Grande o título de cidade, e restituiu-lhe o nome de Angra dos Reis que antigamente tinha; assim que é ela presentemente cabeça duma das oito comarcas em que se acha repartida a província, e o assento duma legião de guarda nacional. A comarca de Angra dos Reis, em virtude duma lei provincial de 13 de abril 1835, foi formada dos distritos das vilas do Itaguaí, de Mangaratiba, e de Parati. A posição desta nova cidade, situada de frente dum porto cômodo na baía, parece dever contribuir grandemente para sua prosperidade; desgraçadamente encontra-se grandíssima dificuldade em a prover duma estrada por terra, e a espécie

de promontório, ao pé do qual está fundada, lhe não permite de se dilatar, salvo se o governo quisesse vender em pequenos lotes os belos sítios e estabelecimentos que ocupam os religiosos. Nesse caso a cidade poderia acrescentar-se em dobro, estendendo-se pelas montanhas que pertencem ao convento. À exceção duma, todas as ruas desta cidade são estreitas, mal alinhadas e mal calçadas, e algumas o não são de todo em todo. Contínuas virações lhe purificam o ar, e as montanhas que a cercam fornecem aos moradores excelentes olhos d'água. Os edificios mais notáveis são a igreja paroquial, dedicada a N. S. da Conceição, a casa da câmara, o convento dos carmelitas, e dos capuchos, e uma fonte que oferece uma soberba perspectiva na extremidade da única rua alinhada que há na cidade. As igrejas de N. S. da Lapa e de Santa Luzia, bem que assaz elegantes depois que foram concertadas, são mui inferiores à da Conceição. Um hospital ali foi também construído pelo vigário Manoel da Cunha de Carvalho, e a assembleia provincial de 1836 concedeu a este hospício licença para adquirir até a importância de sessenta contos em bens de raiz. O porto de frente da cidade forma um

meio círculo, cujas extremidades são guarnecidas de redutos que lhe defendem a entrada. Faz-se neste porto e cidade um comércio ativo com o Rio de Janeiro, principalmente em café, que lhe vem por água de diversos pontos de seu distrito. A povoação, pela maior parte branca, é avaliada em mais de três mil habitantes. O distrito de Angra dos Reis consiste atualmente na freguesia da cidade, na de Mambucaba e na de São Francisco Xavier na Ilha Grande. Ele se acha limitado ao norte pelo distrito de São João do Príncipe ou São João Marcos, a este pelo de Mangaratiba, ao oeste pelo de Parati, e do lado do sul pelo mar que o cerca de todas as partes. Seu colégio eleitoral se compunha em 1840 de vinte e cinco eleitores. Segundo o novo modo de administração da polícia imperial, o distrito policial de Angra dos Reis compreende a freguesia da cidade, e as do Ribeirão da Ilha Grande e de Mambucaba. Os gêneros do país são ali cultivados em grande. Os cacauzeiros prosperam nas terras baixas, as matas oferecem excelentes madeiras de construção, de marcenaria, e tinturaria, como o angelim, bicuíba, o bracoí, os canelheiros amarelos, pardos e negros, o cedro, o cuticaem, os garaúnas

Angra dos Reis

amarelo e preto, o jenipapo, ibirapitanga, ipê, jacarandá, o jataí, louro, massaranduba, óleo, sapucaia e tatagiba.

Angra dos Reis. Baía da Ilha Grande, na província do Rio de Janeiro. Seu comprimento de este a oeste é de 20 léguas entre os territórios de Guaratiba e de Parati. Ela se acha separada do mar pelos areais de Marambaia, e pela Ilha Grande cujo nome passou ao continente vizinho. O almirante Martim Afonso de Souza deitou ali ferro em dia de Reis, 6 de janeiro de 1532, e foi este o motivo que lhe fez ter o nome que ainda hoje conserva. A parte que fica a este da Ilha Grande é vulgarmente conhecida com o nome de baía de Santa Cruz, e a que demora ao oeste da mesma ilha e da cidade de Angra dos Reis com o de baía de Parati. Três bocas ou aberturas permitem a entrada desta baía. A que jaz entre os areais de Marambaia e o território de Guaratiba, apenas dá passo às canoas, ao passo que a que se acha entre a Ilha Grande e o mencionado areal ou praia de Marambaia tem pelo menos duas léguas de largo, sem oferecer o menor embaraço. Enfim a terceira abertura ou boca entre a parte

do oeste da Ilha Grande e a ponta de Joatinga do continente oferece uma vasta entrada de três léguas de largo. As angras de Abrahão e da Estrela oferecem um abrigo seguro aos maiores navios de guerra, e os brigues podem avizinhar-se do porto de Sape-tiba na baía chamada da Santa Cruz. A ponta Maria Albarda a oeste da Ilha Grande e a que lhe fica fronteira no continente, onde jaz a cidade de Angra dos Reis, estreitando-se formam a segunda parte indiferentemente apelidada pelos habitantes baía da Ilha Grande ou baía de Angra dos Reis, a qual é guarnecida ao longo de suas margens duma quantidade de ilhetas quase todas cultivadas, mas de que uma terça parte não tem habitantes. Um sem número de ribeiros vem de todas as partes trazer o tributo de suas águas a esta baía, e pelo mesmo teor os rios Guandú, Itaguaí e Mambucaba. No meio de cada porto desta grande baía muitos navios de linha poderiam entrar ao mesmo tempo com seis a trinta braças de fundo. Os navios acham-se ali abrigados de todos os ventos, e sobretudo dos do sul, ou do sudoeste, que são os mais perigosos na costa do Brasil.

Angu.⁶⁸ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Barbacena, sobre o ribeiro de seu nome. Sua igreja é da invocação da Madre de Deus, e depende da igreja paroquial de São Francisco de Paula. Uma lei provincial de 27 de março de 1841 criou nesta povoação um tribunal de justiça de paz, assinando-lhe por limites o Paraíba, o ribeiro Angu que nele se lança, o do Aventureiro, a fazenda da Boa Vista, e o ribeiro Pântano, que deságua também no Paraíba.

Anhanduí-Açú. Rio da província de Mato Grosso: nasce perto do nascente do rio Embotetiú ou Mondego. Caminha para o sueste, por espaço de quarenta e cinco léguas, através de matas não exploradas, e vem confundir suas águas com as do rio Pardo pela margem direita, dez léguas antes da reunião deste com o Paraná. Nos diferentes dialetos dos Índios do Brasil: *i* ou *ig* significa água; *açu* ou *guaçu* quer dizer grande, e *anhang* ou *anhand*, diabo; é destes três nomes que se compõe o de Anhanduí-Açu.

Anhanduí-Mirim. Décima sexta cachoeira do rio Pardo,

⁶⁸ Atual distrito de Angustura, município de Além Paraíba/MG. (N/E)

entre a torrente chamada da Capoeira, e a cachoeira Jupιά do Tejuco. É fácil de descer, mas é mister fazer força de remos para subi-la. O ribeiro que dá o nome a esta cachoeira perde-se abaixo dela pela margem do sul.

Anhanduí-Mirim. Ribeiro considerável da província de Mato Grosso, afluente do rio Pardo, com o qual se ajunta pela margem direita, a quinze léguas abaixo do rio Sucuriú, e doze acima da junção do Anhanduí-Açu.

Anhangapi. Aldeia da província do Pará, sobre o rio Guamo. É povoada de Índios, que se entregam antes à pesca que ao cultivo das terras.

Anhangatini. Rio da província do Pará, e um dos afluentes do rio da Madeira, sobre a margem direita, aos cinco graus e trinta minutos de latitude sul. Suas margens são habitadas pelos Índios Mundrucus, que ainda estão por civilizar.

Anható-Mirim. Pequena ilha da baía de Santa Catarina, separada do continente por um canal de perto de cem braças, e da vila de Santa Catarina de

mais de dous mil. Uma fortaleza defende este passo conjuntamente com o forte da ilha Ratone, e o de São José na ilha que dá seu nome à província. A fortaleza de Santa Cruz da ilha Anható-Mirim acha-se em vinte e sete graus, vinte e cinco minutos e trinta e dous segundos de latitude, e em cinquenta e um, um minuto e quatorze segundos de longitude oeste.

Anhaú-Mirim.⁶⁹ Nome Índio duma aldeia da província do Rio de Janeiro, que quer dizer: campo pequeno. Por corrupção chamam-na presentemente Inhomirim. (V. *este nome*.)

Anhebig. Aldeia a trinta léguas da cidade da Bahia, onde os jesuítas edificaram uma igreja da invocação do apóstolo Santo André.

Anhonhecanhuva. Rio da província de Minas Gerais, assim chamado dos Índios por isso que se some por debaixo da terra; os Portugueses deram-lhe o nome de Sumidouro. Dias Pais o descobriu em 1673, tendo sido encarregado por Afonso Furtado de Mendonça, que então governava a Bahia, do descobrimento de esmeraldas. Pais

perdeu nesta entrada a maior parte dos seus antes de encontrar o lago Vupabuçu (V. *este nome*). Depois dele outros Paulistas empreenderam a mesma exploração; mas uns põem este rio extraordinário nas matas da serra das Esmeraldas, perto do rio Itamarandiba, ao passo que outros assentam havê-lo achado no território paroquial de Gaspar Soares, cinquenta léguas ao sueste do mesmo Itamarandiba, e todos certificaram que suas margens eram ricas em minas de ouro e de platina.

Anhumás. Duodécima cachoeira do rio Coxim; é transitável, e acha-se a uma légua abaixo da do Rebaló, e em igual distância acima da do Bicudo.

Anibá. Rio da província do Pará, na Guiana Brasileira. Nasce do lago Sacará, de que às vezes tem o nome, e desemboca no rio das Amazonas, pela margem esquerda, entre os confluente dos rios Barururú e Jamundás. Suas margens são habitadas por Índios meio civilizados, que cultivam alguns víveres, e colhem plantas medicinais que trocam por panos e utensílios de ferro.

⁶⁹ Atual distrito de Inhomirim, município de Magé/RJ. (N/E)

Anicuns

Anicuns.⁷⁰ Povoação da província de Goiás, a doze léguas oeste-sudoeste da cidade, na margem direita do rio Bois, e perto do de seu nome. Salvador Marciana descobriu neste lugar, em 1809, abundantes minas de ouro, e um homem pardo, chamado Luciano, quase no mesmo tempo achou no leito destes dous rios alguns diamantes mui pequenos e quantidade de pedras preciosas. Dentro em três anos tiraram-se destas minas quatrocentos e quarenta e oito marcos de ouro, cujo quinto entrou nos cofres do Estado. A igreja da aldeia de Anicuns é dedicada a São Francisco de Assis, e foi, muito tempo, dependente da paróquia de Anta, e depois anexada à catedral da cidade de Goiás; porém em 1841 uma lei provincial de 7 de junho a desanexou, e elevou à categoria de paróquia. Um decreto de 3 de outubro de 1832 havia já ali criado uma escola de primeiras letras para os meninos. Os moradores estabeleceram uma sociedade de mineralogia que corresponde com a da cidade de Goiás; quase todos são mineiros; alguns, porém, lavram as terras, que são excelentes, e dum rendimento mais certo que as minas.

Anicuns. Pequeno rio da província de Goiás. Nasce na serra Dourada, ao sul da cidade de Goiás, corre de norte a sueste, e se ajunta com o rio Bois, afluente do Turvo, que deságua no Cururuí, tributário do Paraná. Em 1809, o conde da Palma, que governava a província, mandou descer algumas pessoas por este rio, e certificou-se que se podia por ele navegar em canoas e embarcações ligeiras até o Paraná, donde, subindo-se pelo rio Tietê, se poderia ir até Porto Feliz, na província de São Paulo.

Anjos. Aldeia da província de São Pedro do Rio Grande, nas margens do rio Butucaraí: é povoada de Índios Butucaris, que vivem da pesca e de alguns víveres que cultivam.

Anamanhá. Lago da província do Pará, no distrito da vila de Borba; as águas que dele transbordam se vão reunir às do rio Madeira pela margem esquerda, por um canal cavado pela natureza perto da cabeça do distrito.

Anarapucú. Rio afluente do das Amazonas, onde deságua abaixo do Gurupatuba, quase diante da ilha de Marajó.

Anta. Freguesia da província de Goiás, aos treze graus e quatorze minutos de latitude, treze léguas ao noroeste da cidade de Goiás. Foram descobertas as minas deste lugar em 1739, por um habitante de São Paulo, chamado Calhamares, e tirou-se delas ouro de mais de vinte e quatro quilates, mas atualmente o que se acha não passa acima de vinte e três. Está este lugar situado em montanhas dum aspecto não menos triste que pitoresco. O ar é saudável, e o nome que tem lhe vem dum de seus primeiros moradores, que ali fez edificar uma igreja ao Bom Jesus, igreja que foi criada paróquia por um alvará de 10 de janeiro de 1755, e tem por filial a igreja de São Sebastião da freguesia de Santa Rita. As minas do território de Anta foram por muito tempo abandonadas; mas em 1803 o sargento-mor José Zefirino Monteiro de Mendonça inventou um novo método de extrair o ouro das pedras, e o trabalho desta extração contribuiu para o aumento da povoação. O território desta paróquia linda com os de Goiás e de Crixo, é por extremo fértil, e contém dois mil e quatrocentos vizinhos que tem em pouco a agricultura, e se

⁷⁰ Atual cidade de Anicuns/GO. (N/E)

vão empobrecendo à medida que o ouro se vai tornando raro. Junto desta povoação há uma montanha, conhecida nesta província com o nome de Macacos, que produz nos meses de agosto e setembro certo betume que dizem ser sulfuroso, e mais outra chamada Fecho d'Anta, em que se cria certa goma aromática, semelhante ao incenso.

Anta. Pequeno lago do distrito da cidade de Cabo Frio, na província do Rio de Janeiro, ao pé do lago Iraruamá.

Anta Esfolhada. Aldeia da província do Rio Grande do Norte, com um tribunal de justiça de paz.

Antas. Pequeno rio da província de São Pedro do Rio Grande: nasce das vertentes ocidentais da serra Geral, corre ao oés-sudoeste pelos campos da vacaria, e vai juntar-se com o rio Taquari, sobre a margem esquerda, vinte léguas antes do confluente deste no Jacuí. As canoas podem subir pelo rio Antas acima obra de quinze léguas.

Antas. Pequeno rio da província de Goiás, entre a cidade

deste nome e a vila de Meia Ponte. Há aí uma ponte que dá serviço à estrada imperial. Este rio, bem como o precedente, tira o seu nome duma quantidade de antas, que em suas margens em outro tempo viviam. O rio Antas serve de limite ao território da paróquia de Bonfim, e vai desaguar no rio Araguaia.

Antas. Cachoeira do rio Xopotó, na província de Minas Gerais, a vinte graus e trinta e seis minutos de latitude. É desta cachoeira que começa a navegação do rio Doce, porque a parte superior deste rio Xopotó se acha semeada de escolhos.

Antonina.⁷¹ Pequena vila da província de São Paulo, sobre a angra de Itapemá, no fundo e margem meridional da baía de Paranaguá; está assentada num pequeno promontório defronte das bocas dos ribeiros Cachoeira e Nhundi-quará, a vinte e cinco graus e vinte e nove minutos de latitude, e cinquenta e um, dous minutos de longitude oeste, obra de sessenta léguas ao sudoeste da cidade de São Paulo. Um decreto de 1797 lhe conferiu o título de vila,

mas não gozou dos privilégios de vila senão no governo de Antônio Manoel de Melo Castro e Mendonça, em 1800. No fim do ano de 1841, os habitantes reclamaram por que se estabelecesse em seu porto uma alfândega. A igreja paroquial de Antonina é dedicada a N. S. do Pilar. Um caminho praticado nas montanhas estabelece a comunicação entre a vila de Curitiba e um ribeiro onde os moradores de Antonina vão carregar em machos as fazendas de que é mister, e as conduzem em canoas para a vila. O porto é abrigado dos ventos, e pode-se nele entrar a todo o tempo, tendo três braças de fundo. O comércio desta vila consiste em arroz, farinha de mandioca, carne seca, coirama, madeiras de construção e cordoalha de imbé. O distrito de Antonina é muito mais sadio que o de Paranaguá mais a este. Avalia-se a mais de seis mil o número de seus habitantes, que cultivam e fabricam os gêneros de que atrás falamos.

Antônio Dias Abaixo.⁷² Freguesia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Piracicaba,

⁷¹ Atual cidade de Antonina/PR. (N/E)

⁷² Atual cidade de Antônio Dias/MG. (N/E)

Antônio Moreira

cousa de vinte léguas a este da vila Caeté. A abundância de ouro que havia neste território foi causa que a ele acudissem muitos aventureiros, e nele se estabeleceu um indivíduo do nome que hoje tem esta povoação. Edificaram uma igreja a N. S. de Nazaré, que gozou largo tempo das prerrogativas de paróquia; mas a diminuição dos habitantes e do ouro que ali os tinha trazido a fez descer à categoria de filial da paróquia de São Miguel de Piracicaba, até 1832, época em que um decreto de 14 de julho a reintegrou em paróquia, e lhe destinou por filiais as igrejas das povoações de São João da Alagoa, Santana de Alfê, de Chapada e de Lavras Novas. Outro decreto de 7 do mês seguinte lhe conferiu uma cadeira de primeiras letras. Os moradores do distrito desta paróquia se avaliam em dous mil e trinta, pela maior parte cultivadores, bem que ainda alguns se ocupam da extração do ouro. Os que se dão à criação de gado são de ordinário os mais abastados. Se a companhia da navegação tornar navegáveis os rios tributários do Doce, a freguesia de Antô-

nio Dias merecerá ter o nome de vila.

Antônio Moreira.⁷³ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Barbacena, a dez léguas ao sul da qual jaz, a dous mil, cento e trinta e cinco pés de França⁷⁴ acima do nível do mar, e faz parte da freguesia da Assunção.

Antônio Pereira.⁷⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Mariana. Esta povoação foi em outro tempo mui florescente, mas acha-se de presente muito descaída depois que se esgotaram as minas. A igreja, dedicada a N. S. da Conceição, gozou largos tempos do título de paróquia, que lhe foi tirado por lei de 14 de julho de 1832, por causa da penúria da povoação, e ficou dependente da freguesia de Inficionado, conservando sempre a escola de primeiras letras que ali fora criada três meses antes. Uma gruta cavada em rocha numa montanha vizinha encerrava um altar com uma imagem de N. S., onde concorriam nos sábados muitos fiéis, e em 15 de agosto havia uma festa a

que assistia imenso povo. Uma lei provincial de 3 de abril de 1840 restituiu à igreja desta povoação o título de paróquia, criou uma justiça de paz, e assinou-lhe por limites os que dantes tinha. Encontra-se ainda neste território ouro e, sobretudo, bastante ferro.

Apá. Pequeno rio da província de Mato Grosso, que, depois de regar o presidio ou justiça de São Carlos, se lança no Paraguai pela margem esquerda, abaixo do confluente do rio Correntes ou Branco.

Apanha-Peixe. Lago da província do Rio Grande do Norte, junto à margem direita do rio Apodi. Tem perto de uma légua de circunferência, mas nas secas acha-se a descoberto.

Aparecida. Aldeia da província do Rio de Janeiro, com uma igreja da invocação de N. S. Aparecida, novamente erigida em paróquia. Um decreto de 16 de novembro de 1842 ordenou que se criaria nesta aldeia um correio.

⁷³ Atual localidade de Paula Lima, município de Juiz de Fora/MG. (N/E)

⁷⁴ O autor refere-se à antiga medida de comprimento que corresponde aproximadamente a um pé humano. No caso, a referência à França demonstra que existiam discretas diferenças entre as medidas em pés, de acordo com os países que as utilizavam. (NE)

⁷⁵ Atual distrito de Antônio Pereira, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

Aparecida. Nome primitivo da vila de Alegrete da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *este nome*.)

Aparecida de Cláudio.⁷⁶ Lugar de vila da província de Minas Gerais, na comarca de Rio das Mortes. Sua igreja é da invocação de N. S. Aparecida, e filial da freguesia de Oliveira.

Aperé. Rio que vem dos estados dos independentes Es-panhóis, e deságua no Mamoré sobre a margem esquerda, dez léguas acima do confluyente do rio Jacumá.

Apiacas. (V. *Apiacás*.)

Apiacás. Nação de Índios que vive nas margens do Arinos, na província de Mato Grosso. Uma de suas aldeias, sita na margem direita deste rio, é guarnecida dum renque de casas de madeira, mais altas do que o são de ordinário as cabanas dos selvagens. Os Apiacás vivem da caça e da pesca, e servem-se do fogo e de machados de pedra para cavar as canoas, que conduzem com suma facilidade.

Apiaiá.⁷⁷ Vila pobre e pouco povoada da província de São

Paulo, na quarta comarca; e sobre a estrada de Curitiba, aos vinte e quatro graus e vinte e dous minutos de latitude. No ano de 1600, alguns indivíduos assentaram vivenda entre os nascentes do Iguapé, nas margens do rio Apiaiá, para extrair ouro em minas que foram mais ou menos rendosas no decurso dum século; porém, à proporção que o ouro ia diminuindo, diminuía também a povoação deste lugar: assim que foi em vão que se deu o título de paróquia à igreja dedicada a Santo Antônio de Lisboa, com o fim de ali reter os habitantes; continuaram as emigrações mesmo em 1770, quando esta povoação foi elevada à categoria de vila pelo governador D. Luiz Antônio de Souza Botelho. Achando-se então ouro em certa montanha que ainda não tinha sido explorada, um raio de esperança animou os habitantes de Apiaiá, mas esgotada esta mina volveram ao antigo estado de miséria. O distrito desta vila é um deserto montanhoso, e pitoresco entre a cordilheira que acompanha o mar, e o rio Paranapanema. Avalia-se a população a mil e oitocentos habitantes derramados em duas

ou três léguas quadradas de terra; o restante do distrito é habitado por Índios bravos, chamados Bugres. Alguns habitantes criam gado vacum que levam a vender às cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro; outros não cultivam senão os víveres de que é mister, e canas-de-açúcar de que fazem aguardente.

Apiaiá. Ribeiro da província de São Paulo; nasce das cordilheiras fronteiras ao mar, junto ao nascente do rio Iguape, mas corre em sentido oposto, rega a vila a quem dá o nome, e no cabo de muitas voltas vai se lançar no rio Paranapanema pela margem esquerda.

Apiaputanga. Nome primitivo do rio dos Reis Magos, na província do Espírito Santo. (V. *Reis Magos*.) É de pouca importância para a navegação, em razão de ser por extremo estreito.

Apinagés ou **Apinagués.** Antiga nação de Índios bravos, que discorriam pela província de Goiás por terra e em canoas entre os rios Tocantins e o Araguaia. São estes Índios de alta estatura, de cabelos compridos, de gênio belicoso;

⁷⁶ Atual cidade de Cláudio/MG. (N/E)

⁷⁷ Atual cidade de Apiaiá/SP. (N/E)

Apodi

contam-se até dezesseis cabos de guerra. Um governador do Pará havia estabelecido não longe deles, sobre o rio Tocantins, um posto de trezentos homens com dous comandantes, com ordem de fazerem ali plantações de víveres não só para os seus soldados, mas também para os Índios; acostumaram-se estes àquela sorte de alimentos, e deram-se-lhes alguns instrumentos de agricultura; veio, porém, outro governador que suprimiu aquele estabelecimento que tão útil era à civilização, e por cima disto as tropas portuguesas assaltaram os Índios no meio da paz, os quais, depois de haverem lutado com valor, se bem que com desigualdade de forças, abandonaram o país natal, e se retiraram às margens desertas do Araguaia, onde ainda se encontram cinco aldeias. Estes Índios são hábeis em construir e navegar em canoas feitas de troncos de árvores; ainda se não comunicam com os Brasileiros, bem que sejam dum gênio brando. Andam inteiramente nus, vivem da caça, pesca e dos frutos agrestes. Vivem em paz com seus vizinhos, e são governados em cada aldeia por um chefe.

Apodi.⁷⁸ Freguesia da província do Rio Grande do Norte, três léguas ao oeste da serra Martins, e quase na mesma distância da vila de Porto Alegre, de cujo distrito faz parte. Esta povoação, que é a cabeça dum colégio eleitoral em virtude duma lei provincial de 10 de outubro de 1838, teve largo tempo por igreja paróquial, dedicada a N. S. da Conceição, uma simples choupana, porém a nova igreja é dedicada a São João Batista. Seu território linda da parte do norte com os das paróquias das vilas de Porto Alegre e da Vila da Princesa, a este com o território paróquial de Pau de Ferro, da parte do sul com a província de Paraíba, e da do oeste com a do Ceará. O algodão é a única riqueza dos habitantes, que chegam a mil e duzentos. No distrito, e junto a um ribeiro, há um nascente d'água tépida, conhecido no país com o nome de *Água do Milbo*.

Apodi. Rio da província do Rio Grande do Norte, nasce nas densas matas de que toma o nome, corre por espaço de quarenta léguas, regando os distritos de Porto Alegre e da Vila da Princesa, e vai desa-

guar no Oceano ao oeste da ponta de Mel. Dá-se de ordinário o nome de Mossoró à sua embocadura, por causa da vizinhança das salinas, e duma aldeia desse nome. Na estação das chuvas este rio engrossa as águas das lagoas Apanha-Peixe, Paco e Vargeo, que demoram sobre sua margem direita. Grossos barcos podem subir por este rio acima desde o mar até Santa Luzia, obra de dez léguas, e as canoas navegam em todo o seu comprimento até às matas que ocultam o seu nascente. O rio Apodi engrossa-se com uma infinidade de ribeiros, o mais considerável dos quais é o Upanemá, que nele entra pela margem direita, cinco léguas acima da sua embocadura no Oceano.

Aporá.⁷⁹ Freguesia da província da Bahia, no distrito da vila de Inhambupe, perto da serra que lhe dá o nome. A principal estrada do interior da província passa pelo meio desta povoação. Sua igreja, dedicada a São José, foi feita paróquia por um alvará de 16 de janeiro de 1817, com o nome de N. S. da Conceição de Aporá, e um decreto de 1832 lhe concedeu uma escola

⁷⁸ Atual cidade de Apodi/RN. (N/E)

⁷⁹ Atual cidade de Aporá/BA. (N/E)

de primeiras letras. Seu território, desmembrado do da freguesia de Muritiba, é sobremaneira fértil, e produz excelente tabaco. Seus habitantes são avaliados a mil.

Aporá. Serra do interior da província da Bahia, no distrito da vila de Inhambupe, cinco léguas a este da povoação de Muritiba, pode ter obra de quatro léguas de circuito em sua base, por onde passa a estrada real do interior da província.

Apucarana. Serra da província de São Paulo, no distrito da vila de Guarapuava, ao oeste do rio Tibagi. É aurífera, e foi explorada pelos primeiros habitantes de São Paulo, que a deixaram por outras mais remotas onde o ouro era mais abundante.

Aquirás.⁸⁰ Pequena e pobre vila, se bem que a mais antiga da província do Ceará. Está situada entre o lago Aquirás e o Oceano, sobre o ribeiro Pacoti onde o dito lago se despeja, e deve a sua primeira origem ao estabelecimento feito neste lugar pelo padre Cristóvão de Lisboa para doutrinar os Índios Tapuias, por cujo motivo a sociedade

de Jesus alcançou-lhe o título de vila com o nome de São José de Riba Mar, hoje posto de todo em todo em esquecimento. Deu-se-lhe, volvidos tempos, o do lago que lhe fica vizinho, cujas águas regam a vila antes de se irem confundir com as do Oceano. Seu território arenoso e árido, e, além disto, a dificuldade de suas comunicações com o interior foram causas da pouca importância de que em todo o tempo foi esta vila, com ter sido a capital da capitania até o ano de 1810, em que a ouvidoria do Ceará foi transferida para a vila da Fortaleza. Sua igreja, dedicada a São José de Riba Mar, foi a primeira paróquia do país, e acha-se situada junto da ponta chamada do Coco. O distrito de Aquirás da banda do norte é cercado pelo Oceano, da do este pelo rio Jaguaribe, que o separa do de Aracati; da do sul linda com o novo distrito de Baturité, e da do oeste com os de Arronches e de Mecejana: regam-no os ribeiros ou pequenos rios Choro e Pirangi, que vem do distrito de Montemor o Novo: contam-se nele dous mil Índios e três mil brancos ou mestiços que vivem na aldeia de Montemor o Velho; as povoações de Casca-

vel, de Catingas de Góis e de Jequi encerram a maior parte dos habitantes deste distrito, os quais se empregam no cultivo dos gêneros do seu consumo, e no do algodão que se exporta para a vila de Aracati; fabrica-se também nesta vila grande quantidade de aguardente, e de rapadura ou açúcar bruto cristalizado.

Araçá ou **Varaçá.** Rio da Guiana Brasileira, afluente do rio Negro, onde deságua pela margem esquerda, entre as vilas de Barcelos e de Moreira. Suas margens eram em outro tempo habitadas pelos Índios Goianas, que deram seu nome ao país. Engrossa-se este rio com as águas do Dimene, que nele entra pela margem esquerda.

Araçabatuba. Ponta de terra ao sul da ilha de Santa Catarina, onde está situado o forte da Conceição, que defende a entrada da baía do nome desta ilha. (V. *Araçatuba*.) Dá-se também por vezes a esta ponta o nome de Naufragados.

Araçaíba. Ilha da província do Rio de Janeiro, defronte do distrito da vila de Parati. É em parte cultivada, mas sem povoação.

⁸⁰ Atual cidade de Aquiraz/CE. (N/E)

Araçais

Araçais. Lugarejo pouco considerável da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza; é provável que o nome que tem, lhe vem da grande quantidade de araçazeiros que ali havia.

Aracaju.⁸¹ Aldeia da província de Sergipe, numa eminência da montanha de que tem o nome. Jaz à pequena distância do rio Cotinguiba, sobre a margem direita, e a duas léguas pouco mais ou menos do mar. Esta aldeia é povoada em grande parte pelos descendentes dos Tupinambás que foram civilizados pelos jesuítas. Empregam-se no fabrico de tijolos e telhas, e cultivam os víveres de que é mister. Em 1806, estava ainda vivo um de seus moradores que tinha cento e vinte e oito anos, e ainda se ocupava de fazer tijolos; chamava-se ele Cristóvão de Mendonça. Em 1840, o presidente da província requereu o estabelecimento duma alfândega no porto desta aldeia, na embocadura do rio.

Aracanga-Acú. Quadragésima oitava cachoeira do rio Tietê. Acha-se cinco léguas depois da de Aracanga-Mirim, e a uma légua antes da de

Utupéba. Os barcos não podem subi-la, nem descê-la com carga; a qual se transporta por terra.

Aracanga-Mirim. Quadragésima sétima cachoeira do rio Tietê, uma légua abaixo da cachoeira Aroçatuba, e cinco antes da de Aracanga-Acú. As embarcações podem subir e descer por ela aliviadas de metade da carga.

Aracari. Canal entre o continente e o sul da ilha de São Francisco, que faz parte da província de Santa Catarina: serve de entrada à parte meridional da baía de São Francisco; acha-se neste ponto uma barca para o transporte das pessoas que vão e vem da ilha para o continente. Só canoas podem passar por entre os rochedos deste canal, o qual mais adiante toma o nome de rio de São Francisco, e em sua embocadura, ao norte da ilha do mesmo nome, podem as corvetas manobrar.

Aracati.⁸² Vila a mais considerável e de maior comércio da província do Ceará, cabeça da comarca de seu nome, em quatro graus e trinta e dois minutos de latitude, e quaren-

ta graus e quinze minutos de longitude oeste. Está assentada na margem direita do rio Jaguaribe, três léguas acima de sua embocadura. Os Índios Potiguares, que dominavam primitivamente o Ceará, davam o nome de *Aracati* ao vento do norte, que é ali por vezes perigoso, e aplicavam a mesma denominação a uma aldeia onde os Portugueses se estabeleceram depois da expulsão dos Holandeses do Brasil. Esta povoação, composta de Índios e de Portugueses, foi criada vila por D. João V em 1723. Era esta vila, já neste tempo, o depósito dos algodões, couros, e outros produtos dos distritos vizinhos do rio Jaguaribe, porém seu comércio diminuiu duma maneira sensível em consequência das cheias que arearam o rio, e o encheram de mouchões tanto em sua foz, como na parte que jaz entre o mar e a vila, de sorte que as sumacas não podem ali entrar, nem dali sair senão nas grandes marés de lua nova, ou cheia. Graças à indústria dos habitantes de Aracati, a preeminência comercial desta vila se há conservado, por isso que com louvável atividade souberam

⁸¹ Atual cidade de Aracaju/SE. (N/E)

⁸² Atual cidade de Aracati/CE. (N/E)

abrir caminho através de espessas matas, para por ele conduzirem as suas fazendas às vilas de Natal, de Paraíba, e até à província de Pernambuco. Um alvará de 27 de junho de 1817 havendo ordenado a divisão do Ceará em duas comarcas, criou em Aracati um juiz de fora, do civil, do crime e dos órfãos com jurisdição na vila de São Bernardo, e em várias povoações. As ruas desta vila são largas, e pouco mais ou menos alinhadas, e as casas as mais delas térreas. A igreja paroquial é dedicada a N. S. do Rosário; a casa da câmara é um belo edifício; tem mais quatro igrejas, que são: a do Bom Jesus do Bonfim, de N. S. do Livramento, do Bom Jesus dos Navegantes, e de São Gonçalo; uma escola de primeiras letras para os meninos, outra para as meninas; e uma cadeira de latim. Com o aumento da povoação dos distritos vizinhos, o comércio desta vila se tornou muito mais considerável do que dantes era, com quanto sejam mui raras as relações comerciais que nela se tem com o interior da província, e com as vilas de Quixeramobim, de São João do Príncipe, e de Icó. Seus

produtos são transportados em direitura para a cidade de Paraíba, ou para a do Recife de Pernambuco. O distrito de Aracati se continua, a este, com a província do Rio Grande do Norte; ao sul, com o distrito de São Bernardo; ao oeste, com o Jaguaribe, que o separa do de Aquirás; e da banda do norte o cerca o oceano por espaço de dezoito léguas entre o Jaguaribe e o rio Apodi, que perto do mar toma também o nome de Mossoró. A terra é em geral arenosa e seca nas planícies, sobretudo nas vizinhanças de Apodi, e do mar. Os outeiros são mais férteis, neles se cultivam os algodoeiros, e mais plantas do país. Compreende este distrito as povoações de Caiçara, de Catingas de Góis, de Jequi, Mossoró, Retiro Grande e Retiro Pequeno. Sua população, no mesmo ser, há vinte anos, é de seis mil homens, a maior parte de raça branca.

Aracati. Grande montanha da província do Ceará, algumas léguas ao sul da vila de Aracati. Seu cume acha-se em quatro graus, quarenta e dous minutos e dez segundos de latitude, e quarenta graus,

quinze minutos e cinco segundos de longitude oeste.

Aracati. Rio da província do Ceará que corre pelos desertos na direção do sul ao norte obra de trinta léguas, e vai desaguar no Oceano, sete léguas a este da embocadura do rio Acaracu. Uma ilha, da largura de meia légua, divide o Aracati, defronte do mar, em duas partes desiguais: a mais considerável é apelidada Aracati-Açú, a mais pequena, que fica ao oeste, tem o nome de Aracati-Mirim. Os barcos grandes navegam pelo Aracati-Açú, ao passo que as canoas apenas podem vogar no Aracati-Mirim.

Araçatiba.⁸³ Lugarejo da província e distrito do Espírito Santo. Sua igreja é da invocação de N. S. da Ajuda.

Araçatuba. Ilheta fortificada na entrada meridional da baía de Santa Catarina, entre a ponta Araçatuba e a de Pinheiro. Os navios não podem entrar nesta baía sem vento em popa, tempo belo e maré enchente, e devem guardar-se de se cozer muito com esta ilheta, e com a ponta de Araçatuba, apelidada Naufraga-

⁸³ Atual distrito de Araçatiba, município de Viana/ES. (N/E)

Araçoiaba

dos. A fortaleza da ilha de Araçatuba foi construída em 1742, pelo engenheiro José da Silva Pais.

Araçoiaba. Grande serra da província de São Paulo, no distrito de Soracaba. (V. *Guaçoiava*.) A palavra índia Araçoiaba significa *cobre-sol*, e os naturais do país deram este nome à serra, por isso que esconde em sombra grande extensão de terra, especialmente quando o sol entra no signo do cancro, que é o inverno da América meridional.

Araçuaí.⁸⁴ Povoação da província de Minas Gerais, num sítio ameno, composto de planícies, colinas, ribeiros e bosquetes, descoberto em 1744 por Antônio Magalhães de Barros. Penhorado da beleza do sítio assentou ele ali morada, resoluta a cultivar um tão rico solo, e sua presença fez que para ali concorressem novos colonos que levantaram uma igreja a N. S. das Mercês, nome que ainda alguns lhe dão hoje. Esta igreja é filial da de São Pedro da cidade de Minas Novas, e jaz na margem direita da cabeceira do rio Araçuaí, vinte e seis léguas oés-sudoeste desta cidade, e

dezesseis ao nor-nordeste de Vila do Príncipe. A povoação de Araçuaí, ou das Mercês, é a origem das da Penha, da Piedade, e de outras derramadas ao longo dos ribeiros que constituem o rio Araçuaí. As casas são de terra, telhadas, dispostas em renque de cada lado da igreja com janelas estreitas.

Araçuaí. Rio da província de Minas Gerais, cujas águas que são assaz profundas, contêm crisólitas e outras pedras finas. Nasce este rio nas serras que demoram ao norte de Vila do Príncipe, e se dirige para o nordeste paralelamente com o rio Jequitinhonha, em distância de pouco mais ou menos dez léguas, com o qual se junta pela margem esquerda, abaixo do lugar onde é sita a povoação de Tocoios. O único tributário de alguma consideração que engrossa este rio pela margem esquerda é o ribeiro Preto, o qual lhe dobra o volume d'água, e o torna navegável para as canoas algumas léguas abaixo da povoação Araçuaí, mas pela margem direita entram nele os ribeiros de Santo Antônio, de Itamarandiba, Fanado, Bom Sucesso e Água Suja. O rio

Araçuaí se pode facilmente tornar navegável para barcos por espaço de quarenta léguas, entre o seu confluyente e o do ribeiro assaz considerável de Santo Antônio. Tendo o governo concedido, em 1835, um privilegio à companhia da navegação do rio Doce e adjacentes, é para desejar que se forme outra sociedade para tornar navegável o rio Jequitinhonha, que também vai desembocar no mar, a três graus ao sul da cidade da Bahia, junto da vila de Belmonte.

Araguaia. Grande rio que separa a província de Goiás da de Mato Grosso. A primeira origem deste rio é o ribeiro Caiapós, na serra deste nome, pouco mais ou menos em dezenove graus de latitude, o qual toma o nome de Araguaia quando se engrossa com as águas do Bonito e do Barreiros que o tornam navegável. Dá-se por vezes o nome de rio Grande à reunião destes três ribeiros, a qual corre para o norte em países inhabitados até além da estrada que vai de Goiás a Cuiabá. Dali em diante o Araguaia recebe sucessivamente sobre a direita o rio Claro, quarenta léguas mais adiante o Verme-

⁸⁴ Atual cidade de Araçuaí/MG. (N/E)

lho; algumas léguas mais abaixo o Tesouras, e dezoito léguas mais ao norte o rio Crixá. Deste ponto em diante o Araguaia discorre ainda o espaço de dez léguas, e então se divide em dous braços quase iguais, metendo-se de permeio um espaço de terra de sessenta a setenta léguas de comprido e trinta de largo, a que dão o nome de ilha de Bananal. O braço ocidental conserva o nome do rio, e recebe as águas dos das Mortes e de São José, do Vertente, Ponta e Tapirapes. A reunião do braço oriental com o precedente se faz aos nove graus e vinte e cinco minutos de latitude. Este braço tem o nome de Furo, e antes de sua junção se engrossa com as águas do Chavantes. Os dous braços do Araguaia são semeados de ilhas e de rochedos, mas nem as primeiras, nem os segundos servem de estorvo à navegação. Depois da reunião destes dous braços, as margens do Araguaia são altas, profundo seu leito até ir topar no Tocantins, com o qual se junta pela margem esquerda em seis graus, pouco mais ou menos, de latitude, e a duzentos e vinte léguas pelo menos da cidade de Goiás. D. Fran-

cisco de Souza Coutinho, governador do Pará, foi o primeiro que fez explorar o Araguaia para ver se por aquela via podia comunicar com as províncias do interior. Porém D. João Manoel de Menezes achando-se em Belém embarcou-se no Tocantins, subiu pelo Araguaia, rio Vermelho e do Peixe até a povoação de Santa Rita, e dali foi por terra até a cidade de Goiás, quando, em 1800, este fidalgo veio tomar posse do governo desta província. Nesse tempo o porto do Rio Grande, presentemente vila do Porto Imperial, sobre a estrada que vai a Cuiabá, era a única povoação que existia sobre o Araguaia. O conde da Palma fez alimpar o rio até o dos Tocantins quando em 1809 fundou a vila de São João das Duas Barras, e seu sucessor Fernando Delgado Freire de Castilho em 1815 distribuiu certo número de colonos em suas margens, desde a povoação da Piedade até ao pé da vila de São João das Duas Barras, no ângulo que existe entre este rio e o dos Tocantins.

Araguari. Rio da província do Pará, na Guiana Brasileira. É sobre sua margem direita, a

algumas léguas de sua embocadura no Oceano, que se estabeleceu a colônia de D. Pedro II em 1840. Este rio fica ao sul do Oiapoque.

Arais. Nação indígena que dominava na província de Goiás, especialmente nas vizinhanças do rio das Mortes, afluente do Araguaia. Presentemente são poucos os indivíduos desta grande nação que existem.

Arais.⁸⁵ Nome primitivo da povoação de Santo Antônio de Amaranto, província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá.

Aramari.⁸⁶ Lugarejo da província da Bahia, no distrito de Santo Amaro da Purificação. Um decreto de 9 de agosto de 1819 estabeleceu nesta povoação um mercado em todas as quartas feiras, em contemplação do donativo feito por Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França do terreiro onde se vende gado vacum, cavalar, e muar, além doutros muitos objetos de comércio, e consumo do país.

Aramucu. Pequeno rio da Guiana Brasileira no distrito de Mazagão. Seu curso é tor-

⁸⁵ Atual cidade de Barra do Garças/MT. (N/E)

⁸⁶ Atual cidade de Aramari/BA. (N/E)

Aranapucu

tuoso, cristalinas as águas, passa perto da povoação de Arraiolos, e perde-se no Amazonas, dividindo-se em dous braços.

Aranapucu. Rio da província do Pará. (V. *Anarapucú*.)

Arangueruçu. Cachoeira do rio Tietê, que tem de queda duas braças e meia. (N. B. Esta cachoeira não entra no número das cinquenta e seis que neste rio se conhecem.)

Aranha.⁸⁷ Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca de Rio das Velhas. Sua igreja, da invocação de Santa Quitéria, é filial da igreja paroquial da Piedade de Paraopeba.

Araniani. Nome dado pelos Índios ao rio Embotetiú, ou Mondego, antes dos Portugueses haverem penetrado nestas terras.

Arapeí. Rio que divide o Estado Oriental do Uruguai do distrito brasileiro de Alegrete, ao sudoeste da província de São Pedro do Rio Grande. Nasce do vertente ocidental da serra Herval, e corre de este a oeste até o

Uruguai, onde deságua pela margem esquerda, trinta e seis léguas abaixo do rio Ibicuí.

Araquara.⁸⁸ Pequena e nova vila da província de São Paulo, na margem direita do rio Tietê, oito léguas depois que ele se ajunta com o Piracicaba. Algumas minas de ouro bem pouco rendosas fizeram que ali concorressem no século passado alguns aventureiros. Estabeleceram-se estes neste lugar, que se tornou animado pela passagem dos que iam por água à Cuiabá. Aumentou-se gradualmente esta povoação agrícola por espaço dum século. Edificou-se uma igreja dedicada a São Bento que foi elevada à categoria de paróquia. Um decreto de 16 de julho de 1832 conferiu a esta freguesia o título de vila com o nome de São Bento de Araquara, dando-lhe uma sesmaria duma légua quadrada de terra por patrimônio, e desanexando o seu distrito do da vila da Constituição, deixou ao arbítrio do conselho provincial o assinalar os limites respectivos dum e doutro distrito. Avalia-se em mil e seiscentos o número dos habitantes do distrito da vila de Araquara, que cultivam os

gêneros de seu consumo, fabricam açúcar, aguardente, e criam gado, fontes de riqueza muito mais duráveis que as minas, as quais foram postas em abandono.

Araquara. Grande serra da província de São Paulo, entre os rios Pardo, tributário do Grande, o Piracicaba, tributário do Tietê, e o Pipirá. É desta serra que nasce o rio, e ribeiro de seu nome.

Araquara. Montanha da província de São Paulo na margem direita do Tietê, oito léguas abaixo do confluente do rio Piracicaba. Cumpre que se não confunda esta montanha com a serra do mesmo nome que se acha a grande distância. A montanha Araquara é frequentemente envolta em exalações que fazem presumir que deve ser rica em diversas minas metálicas.

Araquara. Pequeno rio da província de São Paulo. Corre por entre as sinuosidades e gargantas da serra Araquara, caminhando para o nordeste, engrossa-se com o ribeiro do mesmo nome, e depois de haver regado a nova vila de

⁸⁷ Atual distrito de Aranha, município de Brumadinho/MG. (N/E)

⁸⁸ Atual cidade de Araraquara/SP. (N/E)

São Bento de Araquara, vai levar o tributo de suas águas ao rio Pardo, afluente do Paraná.

Araquari. Entrada do canal que separa a ilha de São Francisco do continente da província de Santa Catarina. (V. *Aracari*.)

Araquitiba. Ribeiro da província da Bahia, que rega o distrito de Abadia, e deságua no rio Real a cinco léguas antes de sua embocadura no Oceano. Apenas se neste ribeiro podem vogar as canoas.

Arará. Povoação da província de Piauí, nas margens do Parnaíba, entre a junção do rio Gurgueia e do Canindé. Por ela passa a estrada que vai do Maranhão à província de Goiás. Os viandantes descansam ordinariamente na vizinhança deste povo, na propriedade do mesmo nome, uma das trinta fazendas fundadas por Domingos Afonso Mafrense, as quais foram reunidas aos domínios da Coroa, por ocasião da extinção dos jesuítas.

Arará. Ribeiro que rega o território paroquial de São

João do Príncipe, ou São João Marcos, antes de ir engrossar com suas águas o ribeirão das Lages, na província do Rio de Janeiro.

Araraguará. Povoação da província de São Paulo. Cabeça dum colégio eleitoral que tinha, em 1843, doze eleitores.

Araraí. Ilha da província do Pará, no meio da larga embocadura do rio dos Tocantins, com três léguas de comprimento, e meia de largo. A parte da margem direita do Tocantins que fica defronte desta ilha é conhecida vulgarmente com o nome de Limoeira, e a da esquerda com o de Marapatá

Araranguá. Rio que nasce da grande cordilheira que separa a província de Santa Catarina da de São Pedro do Rio Grande. Seu curso é rápido, e na direção de noroeste ao norte. O leito é profundo, e a largura por extremo diversa até o mar, onde se lança entre os penedos chamados Pedras Mosteiros por isso que se assemelham às torres dum igreja. Sua embocadura se acha em vinte e nove graus e onze minutos de latitude, e

terá perto de cem braças de largura, mas é às vezes perigosa nos temporais. Os barcos sobem por este rio acima obra de cinco léguas até Três Portos, e as canoas doze. A estrada que vai de Porto Alegre a São Paulo atravessa o Araranguá na parte em que este rio não é navegável, mas onde a corrente tem muita força na estação das chuvas. Seria para se desejar que se fizesse neste ponto uma ponte a fim de evitarem-se os acidentes frequentes que experimentam os viandantes nas repentinhas cheias. Nas margens do Araranguá existem excelentes minas de carvão de terra, cuja extração não foi até agora intentada.

Araranhanduba. Nome da terceira cachoeira do rio Tietê. Acha-se entre a cachoeira Juri-Mirim e a Itanhaém, mediando entre elas distância de meia légua. As embarcações podem salvá-la forçando a voga.

Ararapira.⁸⁹ Aldeia da província de São Paulo, no fundo dum enseada da baía Cananea, apelidada primitivamente pelos Índios Tarapandê. Jaz a quatro léguas ao sueste da vila de Cananea, e tem uma igreja

⁸⁹ Atual cidade de Guaraqueçaba/PR. (N/E)

Ararapira

da invocação de São José da Marinha. Acima desta aldeia pode-se ainda navegar obra de duas léguas para o oeste. Se se abrisse um canal num chão pantanoso e baixo, que estabelecesse a comunicação do ribeiro Varadouro com o rio Ararapirá, até à baía ou lago de Pinheiro, cuja extremidade comunica com a baía de Paranaguá, a facilidade da navegação faria que as margens da baía, lago e rios seriam ocupadas por novos moradores, e as terras postas em cultivo.

Ararapira. Rio da província Curitiba, pouco considerável, e no qual não podem vogar as canoas, senão na estação das chuvas. Nasce na cordilheira de Cubatão, rega os distritos de Paranaguá e de Cananeia, e vai desaguar no Oceano, quatro léguas ao sul da baía de Cananeia, e sete ao norte da de Paranaguá.

Araraquarinha. Pequena ilha da província do Rio de Janeiro, defronte do distrito da vila de Parati.

Araraquarú. Ilha um pouco maior que a precedente, e em sua vizinhança.

Araras. Tribo considerável de Índios que habitam ao sul da Mundrucanie, nas pro-

víncias de Mato Grosso e do Pará, entre o rio Madeira e o Tapajós. Entre todas as tribos esta está em foro de preparar os mais belos ornatos de penas. Trazem os narizes furados e neles metidas penas de diversas cores, e pintam de preto a boca. Andam nus, armados de arcos e setas e duma espécie de sarabatana.

Araras. Serra mui comprida da província de Minas Gerais, vizinha das de Goiás e Bahia. É habitada, e deve o seu nome à grande quantidade de aves deste nome que ali se encontraram. Dela nascem de diferentes pontos os rios Pardo, Urucaia, Japoré e Carinhenha, todos tributários do rio de São Francisco.

Araras. Nome de outra serra da província de Goiás, que se estende de norte a sul, obra de vinte léguas, ao oriente e ao longo do rio das Almas.

Araras ou Figueira. Nona cachoeira que se encontra subindo-se pelo rio da Madeira acima. (V. **Figueira**.)

Araras. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, um dos principais tributários do rio Piabanha. Rega as terras altas do termo da freguesia de Inhomirim.

Arari ou Saúde. Rio da província do Pará, na comarca do Grão Pará. Conhece-se mal o seu curso, o que se sabe é que se ajunta com o Tocantins muito além da embocadura do Araguaia. As águas deste rio passam por medicinais, e preservativas das obstruções viscerais, motivo por que lhe dão também o nome de rio da Saúde.

Arari. Ribeiro considerável da ilha Marajó, na província do Pará. Nasce dum lago que há no interior desta ilha, corre ao norte, e vai se perder no Amazonas. Com a maré podem os barcos subir por este ribeiro, e aportar no interior da ilha.

Arari. Fazenda agrícola nacional na província do Pará, ao pé do lugarejo de Santa Maria, sobre o rio Branco, afluente do rio Negro.

Aricá. Pequeno rio da província de São Pedro do Rio Grande, apelidado com frequência *Vacari-Mirim*. Nasce do norte da montanha conhecida com o nome de Cuchilha-Grande que faz parte da Serra-Geral, corre ao sueste, e vai desaguar no Jacuí superior. Em 1784, os Espanhóis intentaram ficar com este rio, quando se fez entre as Coroas de Portugal e de

Espanha a demarcação destes Estados.

Araripe. Serra altíssima da província das Alagoas, a cinquenta léguas do mar, que serve de limite, ao norte, à província de Pernambuco, ao sul, às do Ceará e Piauí, e ao oeste, à de Paraíba. Sem embargo de estar a trinta léguas de distância do rio de São Francisco, do cume dela se avista a coluna d'água que se solta em borrifos na cachoeira de Paulo Afonso, e ouve-se o estrépito que faz quebrando-se nos rochedos, quando o vento assim o permite. Faz esta serra parte da cordilheira Hibiapaba da banda do sul, e dela nascem os ribeiros Salgado e Piranha, que caminham, um, para o norte, e outro para este, e os rios Moxotó e Pajeú, que correm para o sul, e vão engrossar com suas águas o rio de São Francisco.

Araripe de Baixo e Araripe do Meio são duas pequenas povoações da província de Pernambuco, na comarca de Goiana; a primeira é decorada duma capela de N. S. do Ó, e a segunda duma do Menino Jesus, ambas devem a sua origem a dous engenhos que ainda de presente trabalham.

Araritaguba.⁹⁰ Antiga aldeia da província de São Paulo, criada vila em 1797 com o nome de Porto Feliz. (*V. este nome.*)

Araruama. Grande lago da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio. Dão-lhe os habitantes este ultimo nome, posto que tenha o dito lago sido por muitos apelidado Iriruama. É de forma irregular, tem seis léguas de comprimento de oeste a este, e comunica com o mar perto da cidade de Cabo Frio por meio dum canal chamado Itajurú. Sua maior largura é de pouco mais ou menos duas léguas. Medas de areia maiores ou menores, segundo a irregularidade do lago, encerram salinas naturais, e o separam do Oceano. Em sua extremidade ocidental existe o porto vulgarmente chamado do Capitão-Mor, e na margem setentrional o de Matarúna, a duas léguas de distância do primeiro. Estes dous portos são os mais frequentados: nelles se carregam as lanchas, e barcos de açúcar, arroz, milho, feijões e café, e transportam à cidade de Cabo Frio os mencionados gêneros que são baldeados em navios que os levam ao Rio de Janeiro. As

águas deste canal engrossam com a maré por via do canal de Itajurú, e no meio dele acha-se em todo o tempo quatro a doze braças de fundo, de sorte que os navios que não demandam mais de dez pés d'água podem ali entrar em todas as marés. Vários ribeiros engrossam com suas águas as deste lago; os mais consideráveis são o Francisco Leite e o Mataruna. Há alguns anos que se fala dum projeto de canalização de sessenta léguas desde a cidade de Campos, até a do Rio de Janeiro por via do Paraíba, e dum sem número de lagos, entre os quais os mais consideráveis são o Jacaré, que dá no Paraíba, o Lago Feio, o Jaguaruba, o Carapébú, o Comprido, o Curitiba, o rio São José, os lagos Inhutrunaíba, Araruama, Saquerêma, Maricá, Itaipú, e furando a serra da Viração entrar-se-ia na baía de Niterói ou de Rio de Janeiro. Se este projeto fosse posto em execução, além dos grandes proveitos que o sertão do país colheria desta navegação, evitar-se-iam os temporais que se experimentam no mar, e sobretudo os inconvenientes da embocadura do Paraíba que fica grande parte do ano entulhada

⁹⁰ Atual cidade de Porto Feliz/SP. (N/E)

Arassuaí

com as areias que as águas acarretam.

Arassuaí. Nome de várias povoações, e rios. (V. *Araçuaí*.)

Araticu. Pequeno rio da comarca do Grão Pará. Nasce ao oriente da nascente do Jacundás, e como ele se lança no Tagipuru defronte da ilha de Marajó.

Arauari. Rio da província do Pará na Guiana Brasileira, corre por sítios desconhecidos, e algumas léguas antes de sua embocadura, lança um braço pela margem esquerda que vai perder-se no rio das Amazonas com o nome de Arauará, e o corpo do rio continua a endireitar-se para o oriente até desaguar no oceano ao norte, perto do cabo deste nome; e ali toma também por vezes o de Aguari.

Araújo. Ilha cultivada da província do Rio de Janeiro, defronte do distrito de Parati. Deve o nome ao seu primeiro habitante.

Araújo. Registo sobre o rio Mucuri na província da Bahia. Foi instalado no século passado para reprimir as entradas

dos selvagens, e a do contrabando dos diamantes de Minas Gerais.

Araújo Lima. Colônia sobre o Araguari, na província do Pará. Foi formada em 1839 ou 1840 de militares veteranos com suas famílias, e deu-se-lhe o nome do Regente⁹¹ que governava no tempo de sua criação.

Araxás.⁹² Vila da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, cento e dez léguas a és-sueste da cidade de Goiás, e pouco mais ou menos cento e sessenta a oés-noroeste da do Ouro Preto. Nos últimos anos do século passado, alguns habitantes de Minas Gerais se foram estabelecer ao oeste de Paracatu, para tratar da criação do gado, e agricultarem aquelas excelentes terras que haviam primitivamente sido possuídas pelos Índios da tribo Araxás. Edificaram estes novos colonos uma igreja da invocação de São Domingos; como o número dos povoadores se aumentasse rapidamente, estabeleceu ali o governo um presídio, que dependia da província de Goiás. Em igreja de São Domingos obteve o título

de paróquia, com o que se animaram os habitantes a edificar mais três dedicadas a N. S. das Dores, a São Sebastião e a Santo Antônio de Lisboa. Novos colonos fizeram ao depois edificar mais outra igreja a São Pedro de Alcântara, oito léguas a oeste da povoação de Araxás, e uma segunda a N. S. do Patrocínio a vinte léguas ao norte. Este vasto território paroquial, e pelo mesmo teor o de Desemboque, foram anexados à província de Minas Gerais por um alvará de 4 de abril de 1816, o qual suprimiu o presídio, e reuniu estas duas freguesias à comarca de Paracatu criada no ano precedente. Abunda de terras ricas em pastos, e próprias para a agricultura; as águas salitradas de que são regadas, com que muito folgam os gados, foram causa do aumento progressivo da povoação derramada no território de Araxás. Um decreto da assembleia geral de 28 de junho de 1832 criou nela uma escola de primeiras letras, e uma lei de 31 de outubro seguinte a elevou à categoria de vila, assinando-lhe por distrito os termos das freguesias de Araxás, de Separados e de Uberava. Em 1838

⁹¹ Pedro de Araújo Lima (N/E)

⁹² Atual cidade de Araxá/MG. (N/E)

edificou-se uma casa municipal. Existem neste distrito em três diferentes pontos fontes de águas minerais, o barão de Eschwege, sábio mui distinto, as julgou próprias para curar a lepra, a sarna, e para resolver os bócios. Avalia-se presentemente em mais de cinco mil os habitantes do distrito de Araxás, os quais se ocupam da criação de gado, do fabrico de panos de algodão, e de queijos que exportam para as vilas comerciantes da província de Minas Gerais, onde fazem provimento de ferro, panos, e outros objetos de que necessitam.

Araxiá. Nome indígena do rio Marmelos, antes dos Portugueses assim o apelidarem. (V. *Marmelos*.)

Arcos. Registo da província da Bahia, junto ao grande salto do Jequitinhonha, que foi ali instalado no princípio do século corrente para reprimir os insultos dos selvagens, e o contrabando dos diamantes.

Arcos.⁹³ Antiga povoação da província do Pará, sobre a baía Turiaçú. (V. *Turiaçú*, vila.)

Areias.⁹⁴ Pequena vila da província de São Paulo, sobre a estrada real que vai da cidade de São Paulo às províncias de Minas Gerais, e do Rio de Janeiro. A aldeia de Areias fez largo tempo parte do distrito da vila de Lorena, e tinha uma igreja paroquial dedicada a Santana; um alvará de 28 de novembro de 1816 a pôs na categoria de vila do Brasil com o nome de São Miguel das Areias, dando-lhe por patrimônio meia légua quadrada no território onde estava asentada a aldeia, e uma légua quadrada de terras incultas, com condição que a casa da câmara, a prisão e mais acessórios municipais seriam construídos às expensas dos moradores. O distrito da vila das Areias compreende quanto se encerra entre as serras Bocaina e Mantiqueira, e entre os ribeiros Itaguaçava, e Jaçú, e é limítrofe com a província do Rio de Janeiro. O clima é sadio, as terras férteis, e produzem atualmente uma grande quantidade de café: numerosos ribeiros regam as fraldas das montanhas, onde se cultivava milho, arroz, feijão, mandioca, e canas-de-açúcar. Avalia-se o numero dos habitantes deste distrito a mais de

seis mil almas. Seu principal comércio consiste em café, e galinhas, que se levam em machos aos mercados do Rio de Janeiro.

Areias. Pequeno lugarejo da província do Maranhão, perto da margem esquerda do rio Parnaíba. Os rebeldes que se haviam entrincheirado nele foram atacados, e derrotados em 8 de dezembro de 1839.

Areias. Povoação da província de Sergipe a este da serra Paracatuba, e ao sul do rio Real, do qual se acha a uma légua de distância. Deve fazer parte da freguesia de Tomar.

Areias. Pequeno rio da província de Goiás, atravessa as estradas do sul e de este, antes de se juntar com o rio Corumbá. Em cada uma destas estradas há uma ponte sobre este rio.

Areias. Rio da província do Pará: corre por entre espessas matas em terras chãs, mas inabitadas, e vai levar o tributo de suas águas ao Amazonas um pouco mais abaixo que o rio Xingu, e bem perto do Tagipuru.

⁹³ Atual cidade de Turiaçu/MA. (N/E)

⁹⁴ Atual cidade de Areias/SP. (N/E)

Aretipicaba

Aretipicaba. Nome indígena que tinha a baía Formosa, antes de ser habitada pelos Europeus. (V. *Formosa*, baía.)

Arês.⁹⁵ Aldeia, outrora vila, da província do Rio Grande do Norte. Era uma aldeia de Índios Groaíras, assentada nas margens do lago do mesmo nome, dez léguas ao sul da cidade do Natal, e a três do mar, faz hoje parte do distrito da nova vila de Goianinha. Quando os Holandeses estavam de posse desta província, intentaram abrir um canal para que os navios costeiros pudessem entrar neste lago, e tornassem mais próspera esta aldeia; mas o príncipe Maurício de Nassau teve de voltar para a Europa antes de haver posto em execução este projeto. Depois da expulsão dos Holandeses, os jesuítas formaram um estabelecimento considerável numa língua de terra que entra pelo lago, e ali reuniram um grande numero de Índios que doutrinaram. Em 1690 a sociedade de Jesus alcançou o título de vila para esta aldeia que então tomou o nome de Arês. Conservou esta povoação o título de vila até o ano de 1832, em que foi transferido à povoação de Goianinha, em razão do aumento

de sua população, e de sua situação vantajosa sobre a estrada que vai da cidade do Natal à da Paraíba. A aldeia de Arês é ornada duma grande praça, onde está situada a igreja paroquial de São João Batista, e um hospício fundado pelos jesuítas. Os miasmas que se exalam dos lagos vizinhos são ali pouco nocivos em razão da viração da terra e do mar que se sucedem alternativamente. Uma escola de primeiras letras, estabelecida por decreto de três de outubro de 1832, foi para esta aldeia uma fraca compensação da perda do título e prerrogativas de vila. Seus habitantes são Índios no número de quatrocentos, que não se ocupam senão de pesca, e só cultivam os gêneros de que é mister para seu próprio uso.

Aricunane. Tribo considerável de Índios valerosos, mas dum gênio brando. Vivem nas margens do rio da Madeira e de seus afluentes, do salto de Teotínio para cima.

Arinos. Antiga nação índia que vivia nas margens do rio que guarda este nome. Foi pouco conhecida dos Portugueses, e acha-se presentemente de todo em todo extinta

Arinos. Grande rio aurífero da província de Mato Grosso: nasce do vertente setentrional da cordilheira Parecis, a este dos nascentes do Paraguai, a treze graus e meio de latitude; corre por espaço de obra de duzentas léguas do sul para o nor-nordeste. Acha-se na margem direita deste rio uma aldeia de Índios Apiacás, cujas cabanas são mais altas que as dos demais Índios. Este rio se engrossa pela margem direita com as águas do rio Preto, com as do Sumidouro trinta léguas mais abaixo, e com as do Chacurué, quando está para juntar-se com o Juruêna: entre o grande número de rios que se lhe ajuntam pela margem esquerda citaremos o Carujurá, o Mambarçará, o Apiacás, o do Ouro e o Azevedo, todos pouco, ou nada conhecidos. O Juruena e o Arinos reunidos em nove graus e trinta minutos formam o rio Tapajós, afluente do Amazonas. Foi nos montes donde nasce o Arinos, que o mestre de campo Antônio de Almeida Falcão descobriu em 1745 as minas de ouro de Santa Isabel. João de Souza Azevedo, natural de Porto Feliz, foi o primeiro que reconheceu o curso deste rio. Embarcou-se para esta explo-

⁹⁵ Atual cidade de Arês/RN. (N/E)

ração em sua vila natal nos fins do ano de 1740, para transportar-se à cidade de Cuiabá por rios navegados havia perto de trinta anos. Estando no ano seguinte nesta cidade, resolveu-se a empreender novos descobrimentos, e acompanhado de poucos desceu pelo rio Porrudos ou São Lourenço até chegar ao Paraguai, pelo qual subiu perto de vinte léguas, e entrou no rio Sipotuba, então desconhecido dos habitantes de São Paulo. Como se achasse perto de seu nascente na impossibilidade de ir por ele mais avante, buscou nas vizinhanças outro rio que se encaminhasse para o norte ou este, e sem se inquietar se encontraria ou não em breve tempo com alguma nação civilizada, abandonou-se à corrente do Sumidouro, e passou dele no Arinos, e sucessivamente no Tapajós e no Amazonas, até ir ter à cidade de Belém, donde teve ainda o valor de voltar para Cuiabá pelo rio da Madeira, e recolheu-se a sua terra depois duma ausência de três anos. Mais de meio século depois João Viegas fez pouco mais ou menos a mesma viagem pelo rio Arinos; mas Antônio Thomé de Souza foi o pri-

meiro que em 1812 desceu por este rio, e fez transportar fazendas em canoas pelos rios Tapajós e Arinos, que vendeu em Cuiabá; viagem muito mais breve, e menos trabalhosa que a do rio da Madeira. Os nascentes do Arinos sendo mui vizinhos dos do Paraguai e do Cuiabá, seria proveitoso para o comércio das províncias centrais que o governo provincial estabelecesse uma ou várias povoações neste ponto, e que por meio duma companhia se abrissem canais que estabelecessem a comunicação entre os rios Guaporé, Paraguai, Arinos e Cuiabá.

Aririú. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São José. Há sobre este rio uma ponte que dá serventia à estrada real.

Ariró. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Mangaratiba, onde se lança na baía da Angra dos Reis.

Ariró. Registo da província de São Paulo, na fronteira da do Rio de Janeiro, dez léguas oés-sudoeste da cidade de Angra dos Reis.

Armação.⁹⁶ Povoação da província do Rio de Janeiro, seis léguas ao norte de Cabo Frio, e perto do cabo dos Búzios. Deve a sua origem em 1740 ao negociante Brás de Pina, que fez escolha da comodidade daquele sítio, para nele formar um estabelecimento de pescaria e de fabrico de azeite de baleia. Tem esta povoação por moradores obra de cinquenta famílias de pescadores, que cultivam os víveres de seu consumo, e salgam peixes, o que faz o único objeto de seu comércio.

Armação.⁹⁷ Povoação da província do Rio de Janeiro, na margem nordeste da baía Niterói, assentada na raiz duma montanha mui alta do mesmo nome, que faz quase uma ilha na baía. Estabeleceram-se neste lugar desde o ano de 1636 armazéns para a pesca da baleia, e no século seguinte foram aumentados e acrescentados em número por uma sociedade privilegiada que lhe ajuntou laboratórios, e fez edificar uma igreja da invocação de Santo Inácio. Anos há que uma parte dos armazéns foram convertidos numa cordoaria, e o restante numa prisão para substituir a

⁹⁶ Atual cidade de Armação dos Búzios/RJ. (N/E)

⁹⁷ Atual bairro Ponta da Armação, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

Armação da Piedade

da cidade de Niterói, que era insuficiente em razão do aumento da povoação deste distrito. Na rampa da montanha, e por detrás dos estabelecimentos que acabamos de mencionar, se avistam aqui e ali algumas casas de campo postas no pino de rochedos cortados a prumo, e rodeadas de verdura, o que dá a este lugar um aspecto pitoresco e agradável. O privilégio exclusivo da pesca da baleia foi abolido em todas as cidades do Brasil em 1801.

Armação da Piedade.⁹⁸

Lugarejo na península, e também cabo do continente, que forma com a ponta Rapa, ao norte da ilha de Santa Catarina, a entrada da baía deste nome. Jaz o cabo em vinte e sete graus, vinte e dous minutos de latitude, e cinquenta graus e cinquenta e nove minutos de longitude oeste; e foi nesta península que em 1746 os Portugueses formaram o primeiro estabelecimento de pescaria e de fabrico de azeite de baleia na província de Santa Catarina, à imitação dos da Bahia e do Rio de Janeiro. No espaço de doze anos, termo de cada contrato de 1765 a 1777, mataram-se ali quinhentas e

vinte e três baleias que deram cada uma quinze pipas de azeite, e os demais peixes em proporção de sua corpulência. Era tão rendoso nesta época o monopólio da pesca, que se formaram novas armações no litoral da província. Com a abolição dos contratos privilegiados na costa do Brasil veio o governo a meter-se de posse do direito da pesca da baleia, e o deu de arrendamento àquele que mais desse assim que aqueles diversos estabelecimentos receberam novas aplicações. A armação da Piedade atualmente não é mais que uma medíocre povoação, cuja igreja, tão antiga como o estabelecimento, é da invocação de N. S. da Piedade, e serve de filial à igreja parquial da vila de São Miguel da Terra Firme. Os habitantes se dão à pesca, cultivam os gêneros de seu consumo, e exportam arroz.

Arneiros.⁹⁹ Freguesia da província do Ceará, sobre a margem esquerda do rio Jaguaribe, obra de quatorze léguas ao sul da vila de São João do Príncipe. Sua igreja, dedicada a N. S. da Paz, goza de há muito tempo do título de paróquia, ao passo que a da cabeça da comarca é sua filial.

No vasto termo desta freguesia acham-se muitas salinas naturais, assim a maior parte das águas são salobres. A povoação de Arneiros é muito superior à da vila de São João do Príncipe, cabeça da comarca. Os habitantes vivem da caça e pesca, e cultivam muita pouca cousa, e criam alguns bois e cavalos.

Arnesto. Povoação e campos da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá, com uma capela de N. S. do Rosário.

Aroaquí. Tribo indígena que dominava nas terras vizinhas da margem esquerda do rio Negro, entre o Jaguapiri e o Anavilhana, seus afluentes.

Aroçatuba. Quadragésima sexta cachoeira do rio Tietê. Acha-se a uma légua abaixo da Guaicurutubá-Açú, e pouco mais ou menos em igual distância acima da Araracanga-Mirim. As embarcações podem passá-la com carga.

Aroeira. Pequena ilha da baía do Rio de Janeiro ou Niterói, que deve o seu nome a um arbusto deste nome; é dependente do termo da freguesia da ilha do Governador.

⁹⁸ Povoado de Armação da Piedade, município de Governador Celso Ramos/SC. (N/E)

⁹⁹ Atual cidade de Arneiroz/CE. (N/E)

Arraias. Pobre povoação da província de Mato Grosso, nas margens dum ribeiro tributário do rio das Mortes, no meio de imensas matas. Tirou-se dali ouro de vinte e três quilates porém achou-se também de cor tirando sobre o verde que só tinha dezessete.

Arraias. Nome dum grupo de ilhas do rio da Madeira, muito além do salto Teotônio, na província do Pará.

Arraial. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Pilão Arcado, sobre a margem esquerda do rio de São Francisco, com uma escola de primeiras letras criada por lei da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Arraial da Canoa. Aldeia pouco importante, no distrito da vila de Piancó da província de Paraíba, regada pelo rio Piancó, afluente do Piranhas.

Arraial do Brejo do Zacarias.¹⁰⁰ Povoação da província da Bahia, no distrito de Pilão Arcado. Tem como a precedente uma escola de primeiras letras, criada por lei de 16 de junho de 1832.

Arraial Velho.¹⁰¹ Dá-se vulgarmente este nome à velha povoação dos Morrinhos, na margem direita do rio de São Francisco. (V. *Morrinhos e Cardoso*.)

Arraial Velho.¹⁰² Lugarejo que parece não ser mais que um arrabalde da vila de Sabará, com uma ponte sobre o rio que atravessa a estrada real.

Arraias.¹⁰³ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, na comarca Cavalcante, cento e dez léguas ao nordeste da vila deste nome. Está assentada nas margens do ribeiro Arraias, afluente do rio da Palma, a doze graus e quarenta e dous minutos de latitude. Este ribeiro aurífero foi descoberto em 1740; no ano seguinte, o governador da província, D. Luiz Mascarenhas, fez proceder em sua presença ao alinhamento das ruas dum povoação a que pôs nome Arraias, do qual se derivou o do ribeiro que por ela passa e se vai lançar no rio Maranhão. Quando em 1754 se tratou de regular com uniformidade a arrecadação do quinto real, ocorreram cenas sanguinolentas, que obrigaram

o governo a estabelecer nesta aldeia uma justiça especial afim de pôr-lhes termo. Em 1790, sendo governador da província Tristão da Cunha de Menezes, descobriu-se ao pé de Arraias uma nova mina de ouro cuja cor parda tirava a preto, o que fez que se desse a esta mina o nome de *Descoberta do Ouro Preto*. Com efeito este ouro, mui bom, não obstante aquela cor particular, era ali tão abundante, que dizem que em uma só noite os moradores subtraíram ilicitamente a quantidade de três arrobas. A igreja de Arraias, dedicada a N. S. do Remédio, foi criada paróquia em 1755. Um decreto da assembleia geral dotou Arraias dum escola de primeiras letras em 9 de Junho de 1831, e uma lei da assembleia provincial lhe concedeu as honras e título de vila. O distrito de Arraias é sadio e montanhoso; sua povoação é avaliada em mais de dous mil habitantes que tiram algum ouro, cultivam os gêneros do país, e cuja principal riqueza consiste na criação de gados.

Arraiolos. Freguesia da província do Pará, na Guiana Brasileira. Está assentada nu-

¹⁰⁰ Atual povoado de Brejo do Zacarias, município de Pilão Arcado/BA. (N/E)

¹⁰¹ Atual cidade de Matias Cardoso/MG. (N/E)

¹⁰² Atual localidade de Arraial Velho de Santana, município de Sabará/MG. (N/E)

¹⁰³ Atual cidade de Arraias/TO. (N/E)

Arrassariguana

ma colina cujas faldas são regadas pelo rio Aramucú, cinco léguas antes de se lançar no Amazonas. Tem esta povoação duas praças além da igreja paroquial, que é dedicada a N. S. do Rosário. Seus moradores cultivam alguns víveres, e vivem em grande parte da pesca.

Arrassariguana.¹⁰⁴ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de São Roque.

Arrependidos.¹⁰⁵ Povoação da província de Minas Gerais, perto da província de Goiás, e sobre a estrada real que vai da cidade de Paracatu à de Goiás. Está situada num vale entre a serra dos Cristais e a de Tabatinga, a vinte e oito léguas ao oeste da cidade de Paracatu, e a treze a este da vila de Santa Luzia da província de Goiás. Nesta povoação, que se acha na extrema desta província e da de Minas Gerais, existe um registro.

Arrepiada. Serra da cordilheira Aimorés, ao oeste da cidade da Vitória. Compõe-se duma cadeia de montanhas que oferecem diferente aspecto, segundo a posição de quem as observa. Aqui veem-

se elevar-se até as nuvens os cumes chatos, redondos ou cônicos de algumas delas, e separando-se da mole, deixarem entre ela e eles abras mais ou menos grandes, revestidas de verdura; mais longe rochas áridas, tismadas com o tempo, quais estreitas e perpendiculares, quais chatas e largas, e por vezes debruçadas, como se estivessem por momentos a despenharem-se de colina em colina na subjacente planície. Tal é o painel, digno do pincel dum artista, que se apresenta aos olhos do navegante, que voga ao longo da costa, entre a baía do Espirito Santo e a embocadura do rio Guarapari.

Arrepiados.¹⁰⁶ Nome duma freguesia, duma serra aurífera e dum ribeiro, que dela nasce, rega a aldeia, e vai engrossar o pequeno rio chamado Casca, na província de Minas Gerais, distrito da vila do Presídio de São João Batista. Ao pé da serra dos Arrepiados acha-se a freguesia do mesmo nome que deve a sua origem ao governador de Minas D. Rodrigo José de Menezes em 1781, o qual foi explorar o deserto habitado pelas tribos errantes de Puris, repartiu com mais de

trezentos indivíduos que o acompanharam às terras auríferas, e encarregou a Antônio Veloso de Miranda de distribuir as que se fossem achando, e de arrecadar o quinto real. A igreja desta povoação obteve o título de paróquia por lei da assembleia geral que desmembrou o termo da freguesia da vila do presídio de São João Batista para engrandecer o de Arrepiados.

Arroio. Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Santo Antônio da Patrulha, na margem do ribeiro de que tem o nome, que ali se lança no mar. Em 1742 construiu-se neste lugar uma capela dedicada a N. S. da Conceição, que foi criada paróquia em 1773 com o nome de Conceição de Arroio. Seu termo acha-se separado da banda do norte do da província de Santa Catarina pelo ribeiro chamado Torres; ao oeste o lago Barroso o divide do da freguesia de São Luís de Mostardas, e o pequeno rio Capivari lhe serve de limite com o da de Viamão. Um alistamento feito nesta província em 1814 dava por população desta freguesia o número seguinte:

¹⁰⁴ Atual cidade de Araçariquama/SP. (N/E)

¹⁰⁵ Atual cidade de Corumbaíba/GO. (N/E)

¹⁰⁶ Atual cidade de Araponga/MG. (N/E)

Branços de ambos os sexos	837
Índios.....	19
Livres de diversas cores	180
Escravos.....	538
Recém-nascidos.....	74
1648 indivíduos.	

Mas este número tem antes diminuído que aumentado, por causa das guerras de que este país tem sido o teatro, e também pela indolência natural dos habitantes, entretanto que as terras longe do mar são bastante férteis.

Arroio Grande.¹⁰⁷ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Serrito do Jaguarão, sobre o ribeiro de que toma o nome, e perto da extremidade setentrional do lago Mirim. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por uma resolução real de 31 de janeiro de 1812, com o nome de Espírito Santo de Arroio Grande. Em 1814, a população deste território era de mil e duzentas almas, porém as continuadas guerras entre esta província e Montevideu, e a rebelião de 1835 devem de a ter diminuído.

Arroio Grande. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina; tem por origem vários lagos conhecidos com o nome de *Lagoinhas*; lança-se no mar cinco léguas ao norte da embocadura do rio Mampituba.

Arroios. Último lugar da província de Goiás, sobre o Tocantins. Acha-se uma légua acima do forte de Alcobaça, onde começa a província do Pará. A maré chega a este forte, mas não passa adiante.

Arrojado. Ribeiro considerável da província de Pernambuco, que nasce da serra Paranã, e depois de correr por terras inabitadas, vai-se lançar no rio Correntes. Asenta-se que podem navegar nele canoas.

Arronches.¹⁰⁸ Vila e antiga aldeia de Índios dóceis que foram doutrinados na religião católica pelos jesuítas, que lhes fizeram erigir uma igreja da invocação do Bom Jesus dos Aflitos e de N. S. dos humildes; e obtiveram, segundo dizem, o título de vila para esta aldeia, que prosperou até a extinção da sociedade nos

Estados Portuguezes, depois da qual tem gradualmente deperecido. Sem embargo de sua pouca população, conserva-se sempre ali a igreja e casa da câmara, cujos baixos servem de prisão, e à roda da qual vive obra duma dúzia de famílias indígenas com outras tantas de origem europeia. Seu termo, com ter duas léguas de comprido, não encerra mais que mil habitantes, Índios, brancos e mestiços que cultivam os víveres de seu consumo.

Arrozal.¹⁰⁹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Pirai. Sua igreja, dedicada a São João Batista, foi criada paróquia por um decreto de 13 de abril de 1839. Os moradores de seu território, no número de mil e setecentos, cultivam, além dos víveres de seu consumo, grande quantidade de arroz e de café, que exportam para o Rio de Janeiro, de cuja cidade fica esta freguesia em distância de dezoito léguas.

Arrozal. Aldeia da província de Goiás, perto da de São Paulo, entre os rios Correntes e Tiquirá. Está situada no

¹⁰⁷ Atual cidade de Arroio Grande/RS. (N/E)

¹⁰⁸ Atual distrito de Parangaba, município de Fortaleza/CE. (N/E)

¹⁰⁹ Atual distrito de Arrozal, município de Pirai/RJ. (N/E)

Aruapiará

meio de terras paludosas, que se poderiam ensecar com sargentas que dariam fácil saída às águas, as quais iriam juntar-se com as dos mencionados rios.

Aruapiará. Ilha do rio da Madeira, junto ao confluente dum pequeno rio pouco conhecido que tem o mesmo nome.

Aruari. Rio da província do Pará, na Guiana Brasileira. Em seu curso pouco frequentado lança este rio um braço a que uns chamam Aruará, e outros Carapapuri, que corre para o sul, e vai perder-se na embocadura do Amazonas, e o corpo se lança no mar, ao norte do Cabo do Norte, sessenta léguas ao sul da embocadura do rio Oiapoque.

Arvoredo. Pequena ilha coberta de arvoredo, ao norte da de Santa Catarina, e três léguas a és-nordeste da ponta do Gancho no continente, e ao su-sueste da pequena ilha Galé. Jaz esta ilha em vinte e sete graus, dezesseis minutos e quarenta e sete segundos de latitude, e cinquenta graus e quarenta e nove minutos

quinze segundos de longitude oeste, tem perto de quatro léguas de circunferência, e os navios podem-na costear.

Ascensão ou Trindade. Ilha do oceano Atlântico, descoberta em 1770 por Tristão da Cunha, no dia da Ascensão. Acha-se em vinte graus trinta e oito minutos de latitude, dezoito léguas a este da costa da província do Espirito Santo. Esta ilha não é habitada, bem que lhe não faleçam nem matas, nem águas, cabras e outros gêneros de veação. Suas margens são escabrosas, e os navegantes que se veem na necessidade de desembarcar, tem por costume meterem numa garrafa bem arrolhada os avisos que julgam dar aos que podem ali aportar ao depois.

Ascesi. Ribeiro da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro. Nasce na serra do Cristal, e volve em suas águas ametistas.

Assu. V. *Açu*.

Assunção.¹¹⁰ Pequena vila da comarca do Rio de São Fran-

cisco, na província da Bahia. Está situada na extremidade ocidental da ilha do mesmo nome, dividida pelo rio de São Francisco, cinco léguas abaixo da vila de Santa Maria. A ilha poderá ter cinco léguas de comprimento. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Assunção. A ilha e a vila são habitadas por Índios civilizados há muito no número de quatrocentos e sessenta, que se dão ao cultivo da mandioca, milho, melancias, bem que a caça e a pesca sejam a sua principal ocupação.

Assunção.¹¹¹ Freguesia do distrito de Vila Viçosa, na província do Ceará. Sua igreja paroquial é da invocação de N. S. da Assunção.

Assunção. Serra da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Jacuí. Os moradores da freguesia de Cabo Verde, de que ela faz parte, tiram dela algum ouro, e criam gado.

Atalaia.¹¹² Vila da província das Alagoas, seis léguas ao oeste da cidade deste último nome. Uma reunião de Índios da raça dos Caboclos, que se

¹¹⁰ Atual povoado de Ilha de Assunção, município de Cabrobó/PE. (N/E)

¹¹¹ Atual cidade de Viçosa do Ceará/CE. (N/E)

¹¹² Atual cidade de Atalaia/AL. (N/E)

distinguiam pela regularidade das feições e gentileza do corpo, foi a primeira origem desta vila. Os colonos tendo-se agregado aos Índios edificaram uma igreja a N. S. das Brotas que não tardou de ser criada paróquia. O aumento progressivo da povoação lhe fez alcançar o título de vila em 1727 com o nome de Atalaia. Seu distrito se estendeu então ao ocidente até os confins da província, mas foi ao depois em 1832 coartado para se formarem os de Vila Nova da Assembleia e de Vila Nova da Imperatriz. A serra Bananal o separa ao oeste destas duas vilas, e forma o limite da província de Piauí. Este distrito é regado por infinitos ribeiros; as terras são fortes, mas férteis nas produções do país. Nela cresce espontaneamente a ipe-cacuanha. Avalia-se em mais de dous mil o número de seus habitantes, que lavram, além dos gêneros de consumo ordinário, algodão, tabaco, e canas-de-açúcar que levam a vender às cidades da Bahia e do Recife. Há recentemente neste distrito uma missão de Índios que doutrinados na religião fazem grandes progressos na civilização.

Atalaia. Torre da província de São Pedro do Rio Grande onde há um farol que indica aos navegantes a entrada do porto da cidade de Rio Grande. Acha-se esta torre em trinta e dous graus, oito minutos de latitude, e cinquenta e quatro graus, vinte e sete minutos de longitude oeste. Junto a este farol existe uma angra onde os navios acham seis braças de fundo, e onde podem esperar que se proporcione uma ocasião favorável para entrarem no porto. A uma milha a luz do farol se distingue perfeitamente, e vai diminuindo conforme a distância.

Ataqui. Ponta a mais ocidental da ilha Maranhão, na baía de São Marcos. Jaz em dous graus, trinta e três minutos e quatro segundos de latitude sul, e quarenta e seis graus, quarenta minutos e quarenta e sete segundos de longitude oeste.

Atibaia.¹¹³ Vila da terceira comarca da província de São Paulo, dez léguas ao norte da cidade deste nome, e na estrada que vai à província de Minas Gerais. Deve o seu nome ao ribeiro que a rega, e foi criada vila em 1769 pelo

governador de São Paulo D. Luiz Antônio de Souza Botelho, com o nome de São João de Atibaia. Sua igreja paróquial é dedicada a São João Batista. O distrito desta vila poderá ter treze léguas de comprimento e cinco de largo, confrontando ao norte com o de São Carlos, a este com o de Bragança e de São José, ao sul com o da cidade de São Paulo, e ao oeste com o de Jundiá. Avalia-se o número de seus habitantes em sete mil, que cultivam os gêneros do país, fazem criação de gado e de porcos, e são sujeitos ao bócio.

Atinineni. Grande lago da província do Pará, na Guiana Brasileira, entre o rio Negro e o Hiapura; transborda as suas águas no Cadajá, braço oriental do Hiapura, que se lança no rio das Amazonas. Este lago comunica também com o Rio Negro, entre a vila de Moura, e a povoação de Airão. Suas margens são povoadas de copaibeiras.

Atumá. Rio da província do Pará, tributário do Amazonas pela margem esquerda, entre o confluente do rio Negro, e o Jamundás.

¹¹³ Atual cidade de Atibaia/SP. (N/E)

Autumucui

Autumucui. Lago da província da Bahia, no distrito de Belmonte, uma légua ao oeste do canal da Salsa. Nele deságua o ribeiro conhecido com o nome de Riacho, que frequentam as canoas por espaço de uma légua.

Avanhandava-Açú. Trigésima-sexta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Tietê. Transportam-se por terra as fazendas e embarcações obra de trezentas e setenta braças. Este salto ou queda tem a altura de seis braças pelo menos, e acha-se meia légua abaixo da cachoeira Avanhandava-Mirim, e duas léguas acima da Escaramuça.

Avanhandava-Açú. Décimo-oitavo arrecife que se encontra quando se desce pelo rio Coxim. Não tem mais altura que meia braça, porém ainda assim rechaça com tanta impetuosidade as águas e as impele em um canal estreito que poderá ter trezentas braças de comprimento, que veem-se obrigados os viajantes a transportar as fazendas por terra subindo ou descendo, ao passo que as embarcações entram sem carga pelo canal. *Anhang* no idioma dos Índios quer dizer diabo.

Avanhandava-Mirim. Trigésima-quinta cachoeira do rio Tietê. Acha-se um quarto de légua abaixo da cachoeira do Campo, e meia acima da Avanhandava-Açú. As embarcações podem-na subir e descer com carga.

Avanhandava-Mirim. Décima-nona cachoeira do rio Coxim; encontra-se descendo pelo rio abaixo a meia légua do salto, ou cachoeira Avanhandava-Açú, e uma légua antes da Choradeira. Devem-se transportar as fazendas por terra, as canoas sobem-na sem carga puxadas à sirga.

Aveiro.¹¹⁴ Vila da província do Pará, sobre a margem direita do rio Tapajós. Acha-se num sitio ameno, e povoada de Índios. Fica a cento e quarenta léguas distante da cidade de Belém, e vinte acima da vila de Santarém. A fertilidade do solo, sua posição na margem dum rio navegável seriam motivos para um aumento progressivo, se ali se estabelecessem colonos industriosos, ainda quando se limitassem a cultivar somente os cacauzeiros, e algodoeiros, cujos produtos constituiriam um ramo rendoso de comércio.

Aveiro. Registo na parte superior do rio da Santa Cruz, na província da Bahia, para comprimir as tribos dos Índios bravos da cordilheira dos Aimorés, e os contrabandistas de diamantes ao sair da província de Minas Gerais.

Azevedo. Rio da província de Mato Grosso, que deve o seu nome a João da Cunha Azevedo, primeiro que dentre os Portugueses se lembrou de descer pelos rios Arinos e Tapajós em 1746. O rio Azevedo engrossa com suas águas as do Tapajós sobre a margem direita, a grande distância da reunião dos rios Juruena e Arinos, onde o Tapajós emprestou o nome que tem a uma tribo de Índios que viviam neste lugar.

¹¹⁴ Atual cidade de Aveiro/PA. (N/E)

B

Babionga. Baía da província de Santa Catarina, entre a ilha de São Francisco e o continente. (V. *São Francisco*, ilha e rio.)

Bacabal.¹¹⁵ Lugarejo da província do Maranhão, nas margens do rio Preto, e perto do rio Anatajuba. Deste povo que consta de algumas choupanas foram os rebeldes expulsos em novembro de 1839.

Bacairis. Índios da província de Mato Grosso, que dominavam nas margens do rio das Mortes; julga-se que pertencem às tribos Parecis, por serem mui bem feitos do corpo.

Bacalhau.¹¹⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto. Sua igreja foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, com o nome de Barra do Bacalhau, e assinaram-lhe por filiais as igrejas de Tapera e de Columbau.

Bacalhau. Ribeirão da província de Goiás, que passa ao pé da vila de Tocantins, e se lança pela margem esquerda no pequeno rio Bagagem. Em certas quadras do ano podem nele vogar canoas.

Bacamarte.¹¹⁷ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Campina Grande, de que fica distante quatro léguas. Jaz esta povoação na serra de que tomou o nome, na estrada que vai de Pernambuco para o sertão das províncias do norte. A principal indústria dos habitantes consiste no cultivo, e colheita do algodão.

Bacamarte. Povoação da província de Paraíba, que faz parte da cordilheira Borborema, e onde jaz a povoação de seu nome.

Bacanga. Ribeiro que vai engrossar o pequeno rio Maranhão, na ilha deste nome, e ao sul da cidade de São Luiz, capital da província.

Bacaxá. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro. Nasce na serra Sambé, corre

para o és-nordeste, recebendo em si os ribeiros Ouro, Domingos e Comboatá, e depois de oito léguas de caminho atravessa o lago Juturnaíba em todo o seu comprimento, e vai sair pela margem setentrional, e juntar-se dali a uma légua com o rio de São João. As canoas o navegam na parte que fica antes do lago, e as lanchas na que jaz entre este e o rio de São João. Dá-se também o nome de Bacaxá à emposta regada por este rio, onde se veem ao pé das montanhas algumas casas que pertencem à freguesia de São Sebastião de Mataruna.

Bacuri. Tribo de Índios da província de Mato Grosso, que vivem entre os nascentes do rio Arinos no estado de simples natureza.

Baependi.¹¹⁸ Pequena vila da província de Minas Gerais, sobre um ribeiro de que deriva o nome, cinquenta léguas ao sudoeste da cidade de Ouro Preto, e quarenta e cinco ao noroeste do Rio de Janeiro, em vinte e dous graus e quatro minutos de latitude. Baependi foi muito tempo uma povoa-

¹¹⁵ Atual cidade de Bacabal/MA. (N/E)

¹¹⁶ Atual cidade de Guaraciaba/MG. (N/E)

¹¹⁷ Atual cidade de Riachão do Bacamarte/PB. (N/E)

¹¹⁸ Atual cidade de Baependi/MG. (N/E)

Baepina

ção agrícola até que um alvará de 19 de julho de 1814 lhe concedeu o título de vila debaixo do nome de Santa Maria de Baependi. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, não teve as honras de paróquia senão em 1816, em que foi por tal reconhecida por um alvará de 23 de janeiro. No princípio do ano de 1837 as autoridades municipais requereram à assembleia geral que lhes fosse concedida a quantia necessária para a fábrica da casa municipal, e no fim do ano seguinte foi feita a prisão. O distrito da vila de Baependi ao princípio era composto dos termos das freguesias de Ajuruoca, de Baependi e de Pouso Alto; porém estas duas freguesias tendo alcançado o título de vilas, acha-se o dito distrito muito diminuído, e pelo mesmo teor o número de seus habitantes, que se avalia ainda em nove mil. Este distrito é povoado aqui e ali de matas, e retalhado de ribeiros. As terras são em geral férteis, nelas se faz em grande o cultivo do tabaco, que está em reputação de ser o melhor da província, de milho, feijões, que servem ao consumo dos habitantes,

os quais fazem um comércio considerável de porcos que levam a vender ao Rio de Janeiro. Ao pé dum ribeiro tributário do Rio Verde existem águas minerais gasosas e sulfúricas.

Baepina.¹¹⁹ Povoação da província do Ceará. (V. *Biapina*.)

Bagagem. Rio da província de Goiás, que nasce da serra Viadeira, corre obra de quarenta léguas do sul para o norte, e vai perder-se no rio Maranhão, depois de se haver engrossado com as águas do ribeiro Bacalhau.

Bagauris. Grande cachoeira do rio Doce, entre os confluente do rio Correntes e do Saçuí Pequeno. Um rochedo à feição duma ilha divide as águas do rio em duas partes, e as faz tombar de rochedo em rochedo, ora em massa, ora em cascata, com o que este passo se torna inacessível às embarcações por espaço de obra de cem braças. Seria fácil, minando-se, abrir um canal ao longo destas rochas, o qual, ainda que tivesse algumas voltas para quebrar a força da corrente,

evitaria o incômodo de transportarem-se as fazendas por terra, como presentemente se pratica.

Bagé.¹²⁰ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Piratini. Sua igreja é dedicada a São Sebastião. Os nascentes do rio Camacua se acham nas montanhas do distrito desta freguesia, que foi criada baronia por D. João VI. A povoação é de dous mil indivíduos, entrando neste número os moradores da antiga justiça de Santa Tecla, que hoje fazem parte dela. O barão de Caxias, general em chefe do exército na província de São Pedro do Rio Grande, se apoderou desta povoação, obrigando os rebeldes a abandoná-la em abril de 1843, e pôs nela um corpo de dous mil homens.

Bahia. Província marítima do Brasil descoberta em 1500 por Pedro Álvares Cabral, que, navegando para a Índia, foi obrigado por um temporal a abrigar-se na baía de Porto Seguro. Estava então este país ocupado pela nação Tupinambás, a mais considerável da

¹¹⁹ Atual cidade de Ibiapina/CE. (N/E)

¹²⁰ Atual cidade de Bagé/RS. (N/E)

América meridional, repartida em diversas tribos que, não obstante falarem a mesma língua, e terem pouco mais ou menos os mesmos costumes, faziam umas às outras continuamente guerra. Três anos depois deste descobrimento, El-Rei D. Manoel mandou Cristóvão Jaques a reconhecer o país, e pôr nele padrões com as armas de Portugal; um destes padrões foi posto na entrada da baía de Todos os Santos. Crê-se comumente que este navegante tornou a voltar em 1513, com o intento de explorar especialmente o que constitui de presente a província da Bahia, e que o naufrágio de Diogo Álvares Correia, que viveu com os Tupinambás com o nome de Caramuru, aconteceu no ano seguinte. D. João III, sucessor de D. Manoel, fez doação dos novos descobrimentos a alguns grandes do reino em recompensa dos serviços que haviam rendido ao Estado. Pedro de Campos Tourinho obteve cinquenta léguas de costa na baía a que Cabral havia dado o nome de Porto Seguro, as quais voltaram para o domínio da Coroa no reinado d'El-Rei D. José. Jorge de Figueiredo foi gratificado com outras tantas léguas mais para o norte, que tomaram o nome de capitania dos Ilhéus,

a qual voltou também para a Coroa em 1761. A Francisco Pereira Coutinho coube toda a parte desta província que jaz entre o rio de São Francisco e a baía de Todos os Santos. Povoou-a ele com grande número de colonos que a fizeram prosperar no decurso de sete anos, enquanto se conservou em paz com os Índios, porém rompendo-se entre estes e os novos colonos a guerra, por haver um Português morto o filho do cabeceira duma das tribos mais belicosas, os Tupinambás invadiram a colônia e a tal ponto a arruinaram, que os Portugueses se viram obrigados a abandoná-la e a refugiarem-se na capitania dos Ilhéus, cujos moradores viviam em boa harmonia com os naturais do país. Vendo-se os Tupinambás com aquela súbita retirada privados dos objetos e gêneros da Europa, a que se tinham acostumado, propuseram paz a Francisco de Souza Coutinho, convidando-o a vir de novo estabelecer-se no mesmo lugar, o que aquele aceitou com grande alvoroço, e embarcou-se com todos os seus no único navio que lhes restava; porém sendo assaltados duma tempestade, naufragaram nos bancos de areia que jazem ao norte da ilha de Itaparica, onde os que

escaparam das ondas foram vítimas do furor dos Índios, à exceção de Caramuru, e seus filhos e de alguns Portugueses versados no idioma indiano. Perecendo neste naufrágio o donatário desta capitania, ficou ela devoluta à Coroa. Mandou então El-Rei D. João III a Tomé de Souza, que se tinha distinguido na África e na Índia, com o título de Vice-Rei, com ordem de fazer edificar uma cidade no sítio que para isso lhe parecesse mais acomodado. Partiu Tomé de Souza de Lisboa com uma armada de cinco navios, a bordo dos quais se achavam seiscentos voluntários e algumas famílias pobres a quem se haviam prometido terras, e quatrocentos degradados de ambos os sexos. Deu fundo esta expedição defronte das ruínas da cidade fundada por Coutinho em 29 de março de 1549. Achou Tomé de Souza ali o velho Caramuru com sua numerosa família, o qual lhe facilitou os meios de renovar a paz e aliança com todos os povos daquelas vizinhanças. Fez-se o governador estimar de todos os chefes das diferentes tribos por sua prudência, e equidade, assim que o novo estabelecimento começou logo a prosperar, e se foi engrossando todos os anos com a vinda de novos colonos, e de muitas órfãs

Bahia

mandadas pela Rainha para serem casadas com os principais empregados da administração, a quem além do dote se concediam certas graças. A Tomé de Souza, cuja memória é grata aos Brasileiros e aos Portugueses, sucedeu no governo em 1554 Duarte da Costa. Durante o governo de Tomé de Souza, chegou à Bahia o primeiro Bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, nomeado a este bispado por D. João III em 1541, e confirmado pelo Papa em 1544. Duarte da Costa entregou o governo em 1558 a Mendo de Sá. Os talentos e a atividade deste novo governador foram de sumo proveito ao Brasil. Por duas vezes foi ele ao Rio de Janeiro para dali expulsar os Franceses; mas antes de interpretar esta expedição, teve o dissabor de ver a província desolada com uma doença epidêmica em que sucumbiram infinitos Portugueses e Índios convertidos, doença que foi seguida dum tal fome que muitos Índios se viram obrigados a vender a liberdade em troca de sustento. Neste entretanto sucedeu a morte d'El-Rei D. João III, zeloso protetor da povoação do Brasil, e cinco anos depois em 1577 a de Mendo de Sá, que foram ambas uma calamidade para aquele país o

qual, debaixo dos auspícios destes dous homens verdadeiramente grandes, fazia rápidos progressos. Luiz de Brito e Almeida governou algum tempo esta província depois da morte de Mendo de Sá, protegeu e favoreceu a Sebastião Fernandes Tourinho, que descobriu várias minas, e guerreou com os Índios que vinham atacar os Portugueses dentro de suas próprias vivendas. Sucedeu-lhe Lourenço da Veiga, que tomou posse do governo do Brasil, no 1º de janeiro de 1578, e continuou nele durante os primeiros anos da ocupação de Filipe II; vindo a falecer na Bahia aos 7 de junho de 1588, poucos dias antes de lhe chegar o sucessor Manoel Teles Barreto, o qual trazia ordens do novo monarca, segundo as quais na falta de governador devia a província ser administrada pelo Arcebispo e provedor-mor, providência assaz bem entendida que não tardou de ser posta em prática por ocasião da morte de Manoel Teles Barreto, ocorrida em março de 1587. Apenas havia esta regência tomado posse do governo, que o comodoro Withrington veio assolar a Bahia por espaço de seis semanas. Colonizava neste tempo Cristóvão de Barros a capitania de Sergipe. Francisco

Giraldo, que havia sido nomeado por sucessor a Manoel Teles Barreto, não tomou conta do governo por estar o porto da Bahia bloqueado. Seguiu-se-lhe D. Francisco de Souza de 1591 a 1602, e após este Diogo Botelho, que se retirou seis anos depois sem ter feito cousa digna de memória. Sucedeu-lhe em 1608 Diogo de Menezes, que visitou várias províncias, instalou na cidade da Bahia o primeiro tribunal da relação em virtude dum ordem régia de 1609. Veio rendê-lo Gaspar de Souza em dezembro de 1613, o qual, seguindo o exemplo de seu predecessor, fez diversas excursões no interior da província para se inteirar das necessidades de seus administrados. Recebendo ordem de expulsar das margens do Amazonas todos os estrangeiros que ali se tinham estabelecido, assentou a sua residência na cidade de Olinda, donde despachou a Jerônimo de Albuquerque com algumas tropas, as quais juntas com as que haviam chegado de Portugal debaixo do comando de Alexandre de Moura, deitaram fora da ilha de Maranhão os Franceses em 1615. Sucedeu-lhe no governo D. Luiz de Souza em 1617, e depois de haver residido na Bahia, entregou em outubro de 1622 o governo a Diogo de

Mendonça Furtado, o qual tendo sido cercado na cidade pelos Holandeses foi preso em 1624, e conduzido à Holanda. Estando os holandeses senhores da cidade, ajuntaram-se os Portugueses no recôncavo debaixo das ordens do auditor geral Antônio de Mesquita e Oliveira, do coronel Lourenço Cavalcante de Albuquerque, e de João de Barros Cardoso, e fortificaram-se a certa distância do rio Vermelho. O Bispo D. Marcos Teixeira, e depois dele Francisco Nunes Marinho de Eça, governaram interinamente a província até a chegada de Matias de Albuquerque, que tomou posse do governo em 22 de setembro do mesmo ano. Os Holandeses, achando-se destituídos de munições de guerra e de víveres, viram-se na necessidade de abrir mão daquela conquista, retirando-se no 1º de maio de 1625. No decurso desta luta a corte de Espanha assentou que era prudente dividir o Brasil em dous governos, e suprimiu o tribunal da relação estabelecido na Bahia. Em novembro de 1625 veio governar esta província Francisco Rolim de Moura, o qual logo no ano depois entregou o governo a Diogo Luiz de Oliveira, conde de Miranda, ao tempo que Pedro de Albuquerque gover-

nava o Pará e o Maranhão. Governou o conde de Miranda a província da Bahia por tempo de nove anos, e depois de ter ali estabelecido uma fundição, entregou o governo a Pedro da Silva, apelidado o Duro, em 1635. Defendeu este Pernambuco contra os Holandeses, e em janeiro de 1639 entregou o governo a D. Fernando Mascarenhas, nomeado capitão general do Brasil. Seis meses depois de ter tomado posse do governo, passou D. Fernando a Pernambuco na esperança de expulsar daquela praça os Holandeses, deixando o governo entregue ao conde de Óbidos, mas tendo sido mal sucedido na expedição, foi nela feito prisioneiro, e tornando a Lisboa foi metido em prisão numa fortaleza onde esteve detido até que rebentou a revolução que pôs no trono de Portugal o duque de Bragança. Porém antes deste grande acontecimento havia Filipe IV conferido o título de vice-rei do Brasil ao marquês de Montalvão, o qual partiu imediatamente para o Brasil, uma parte do qual se achava em poder dos Holandeses. Foi recebido o marquês, como tal, pelas autoridades da Bahia em 5 de junho de 1640, quase ao mesmo tempo que subia ao trono o duque de Bragança.

Mandou imediatamente o marquês o seu filho a El-Rei D. João IV que havia sido aclamado em todo o Portugal jurar-lhe em seu nome obediência, e significar-lhe o como o havia aclamado em todo o Brasil, o que não obstante por intrigas do jesuíta Francisco de Vilhena foi preso, e conduzido a Lisboa por ordem do Bispo Pedro da Silva Sampaio, do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra e do provedor-mor Lourenço de Brito Correia, que formaram o governo provisório. Porém o novo monarca inteirado da lealdade do marquês fez prender dous dos triúmviros pelo novo capitão general Antônio Teles da Silva, que governou desde 26 de agosto de 1642 até 22 de dezembro de 1647, e voltando para Lisboa pereceu num naufrágio. Seu sucessor Antônio Teles de Menezes fez a guerra aos Holandeses, que se tinham apoderado da ilha de Itaparica, e em 7 de março de 1650 entregou o governo a João Rodrigues de Vasconcelos e Souza, conde de Castelo Melhor, que teve ordem d'El-Rei para fazer construir todos os anos um galeão de setecentas até oitocentas toneladas, e de instalar de novo na Bahia o tribunal da relação que Filipe IV mandara su-

Bahia

primir. O novo governador, depois de haver executado estas ordens, entregou afinal o governo ao conde de Atouguia, D. Jerônimo de Ataíde, em 4 de janeiro de 1654, o qual foi rendido em 18 de junho de 1657, por Francisco Barreto de Menezes, que veio por terra de Pernambuco, depois de haver contribuído juntamente com Vidal, João Fernandes Vieira, Henrique Dias e Camarão a expulsar os Holandeses das praças do Brasil, de que estavam de posse havia vinte e quatro anos. A Francisco Barreto de Menezes sucedeu com patente de segundo vice-rei do Brasil o conde de Óbidos, D. Vasco de Mascarenhas, o qual foi, como tal, recebido na Bahia em 24 de junho de 1663, deu instruções gerais aos capitães-mores das diversas capitânicas do Brasil, e foi rendido pelo capitão general Alexandre de Souza Freire em 13 de junho de 1667. O sucessor deste governador havendo naufragado na ponta de Santo Antônio junto à Bahia guardou Souza Freire o governo do Brasil até a vinda de Afonso Furtado de Mendonça Castro e Menezes, visconde de Barbacena, que dele tomou posse em 8 de maio de 1671. Este novo governador, depois de haver encarregado Fernando Dias Pais da exploração

das esmeraldas, faleceu em 26 de novembro de 1675. Por sua morte o senado da câmara organizou um governo interino, composto de três membros, o qual teve a glória de receber D. Gaspar Barreto de Mendonça, Arcebispo eleito do Brasil, e durou até a chegada de Roque da Costa Barreto, que tomou posse do governo em 15 de março de 1678. Foi este governador o que estabeleceu a casa da pólvora no subúrbio e campo chamado do Desterro. Sucedeu-lhe no governo em 3 de maio de 1682 Antônio de Souza de Menezes, que havendo perdido um braço combatendo com os Holandeses em Pernambuco, trazia um de prata, motivo por que lhe puseram o apelido de *Braço de prata*. Foi este governador morto numa sedição feita pelos habitantes do país, que se queixavam de seu governo, e a cujas queixas havia já o governo deferido, mandando rendê-lo antes de findo o tempo de seu governo por D. Antônio Luiz de Souza Telo de Menezes. Os naturais da Bahia tiveram motivo para se louvarem da humanidade deste governador na peste que grassou nesta cidade em 1687. Viram-no nesta ocasião socorrer com o seu aos necessitados, assistir aos doentes sem receio do contágio, e

prodigar-lhes nos últimos momentos todas aquelas consolações de que podiam necessitar. Sucedeu-lhe no governo em 4 de junho de 1687 Matias da Cunha, bem conceituado pelo governo que havia feito no Rio de Janeiro; porém como se achasse adiantado em anos, e adoecesse, a guarnição, que o amava e respeitava, tendo-o por morto, amotinou-se, e juntando-se fora da cidade exigiu que se lhe pagassem nove meses de soldo que se lhe estava a dever. O senado, para evitar maiores desordens, satisfez imediatamente a dívida, porém a guarnição receando o castigo que sabia havia merecido, não quis largar as armas sem que primeiro o Arcebispo, que havia sido já escolhido para governar por falecimento do governador, lhe concedesse um indulto e perdão geral, e vindo a saber que o governador não era morto, exigiu que o perdão fosse por ele confirmado. Entretanto faleceu o governador, e as tropas entraram na cidade, e assistiram às suas exéquias. Governaram interinamente a província o Arcebispo D. Manoel da Ressurreição e o Chanceler da relação Manoel Carneiro de Sá até o dia 10 do mês de outubro de 1690, em que tomou posse do governo

Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho. Vinha este governador autorizado a criar vilas, autorização de que não fez uso, contentando-se com alcançar do governo que houvesse na Bahia uma casa de moeda. Sendo despachado por vice-rei da Índia, entregou o governo em 22 de maio de 1694 a João de Lencastro, que concluiu o estabelecimento da casa da moeda em consequência das ordens reais de 8 de março próximo passado, criou a vila de Caravelas, confirmada em 7 de junho de 1701 por El-Rei D. Pedro II, e entregou no ano seguinte o governo a D. Rodrigo da Costa, depois de o haver administrado oito anos consecutivos. A D. Rodrigo da Costa sucedeu, em 8 de setembro de 1703, Luiz César de Menezes, que foi rendido em 3 de maio de 1710 por D. Lourenço de Almada. Um alvará de 23 de setembro do ano antecedente havia ordenado a divisão da província da Bahia em cinco comarcas, pô-lo o novo governador em execução, dando-lhes os nomes de Bahia, Ilhéus, Jacobina, Porto Seguro e Sergipe, e em 14 de outubro de 1711 entregou o governo a Pedro de Vasconcelos e Souza, o qual fez dar princípio à construção do navio *Padre Eterno*, que não teve a

satisfação de ver concluído pelos alevantamentos que ocorreram nesse tempo na Bahia, os quais foram causa que El-Rei D. João V o mandasse render por D. Pedro Antônio de Noronha, a quem conferiu o título de vice-rei do Brasil. Durante o seu governo deu o vice-rei uma nova pauta e regulamento da alfândega; fez cunhar moedas de ouro na Bahia, e lançar ao mar o navio começado no tempo de seu antecessor. D. Sancho de Faro e Souza, conde de Vimieiro, que o veio render com o mero título de governador em 21 de agosto de 1718, morreu em 13 de outubro do ano seguinte. Por ocasião de seu falecimento ficaram interinamente governando a província o Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vida, o mestre de campo João de Araújo e Azevedo, e o ouvidor geral Caetano de Brito e Menezes, que entregaram o governo nas mãos do 4º vice-rei do Brasil, Vasco Fernandes César de Menezes, em 23 de novembro de 1720. Criou este vice-rei durante o seu governo as vilas do Rio de Contas, de Maragogipe, de Santo Amaro da Purificação, de Abadia, de Itapicuru e de Inhambupe; deu providências severas contra os vagabundos e salteadores, que faziam grande dano aos moradores da

província. Em 1727 descobriram-se as minas de Araçuá; em 1729 castigou com a pena de morte os cabeças duma revolução militar que houve na Bahia, e puniu com penas menos severas os que tinham menos culpa; neste ano houve um tremor de terra no Brasil. Entregou este vice-rei o governo em 11 de maio de 1735 a André de Melo e Castro, conde das Galveias e 5º vice-rei, que governou até o ano de 1749 em que foi rendido a 16 de novembro por D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e Ataíde, o qual em 1755 se recolheu a Portugal, deixando encarregado da administração da província ao Arcebispo D. José Botelho de Matos, conjuntamente com o chanceler-mor da Cunha Souto Maior, e o coronel Lourenço Monteiro, os quais entregaram o governo a D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, em 23 de dezembro de 1755. Foi este vice-rei rendido por D. Antônio de Almeida Soares e Portugal, marquês de Lavradio e 7º vice-rei do Brasil, em 9 de janeiro de 1760, o qual faleceu em julho seguinte no campo de Nazaré. Achan-do-se vagos o governo e o arcebispo, nomeou o senado por governador interino a Tomás Robim de Barros Barreto: porém esta no-

Bahia

meação não tendo sido aprovada por El-Rei D. José, passaram a tomar conta do governo o chanceler José Carvalho de Andrade, e o coronel Gonçalo Xavier de Barros e Alvino, em 21 de junho de 1761, e em 29 de julho do ano seguinte juntou-se-lhes o Arcebispo eleito D. Manoel de Santa Inês. No decurso desta regência assentou o governo português de transferir a residência dos vice-reis para o Rio de Janeiro, donde se podia, mais facilmente que da Bahia, receber notícias das novas províncias de São Pedro e de Santa Catarina, e das de Goiás e Mato Grosso, sendo que por mar as comunicações eram fáceis para as províncias do norte. D. Antônio Rolim de Moura Tavares, conde de Azambuja, chegou à Bahia com patente de capitão general, e tomou posse do governo nesta qualidade em 25 de março de 1763, porém tendo-lhe chegado a nomeação de vice-rei para o Rio de Janeiro, encarregou o governo da província, em 31 de outubro de 1767 a uma regência composta do Arcebispo D. Manoel de Santa Inês. Entregou este o governo a D. Luiz de Almeida Portugal Soares, Eça Alarcão Melo Silva e Mascarenhas, conde de Avintes e marquês de Lavradio, em

19 de abril de 1768, o qual foi rendido pelo conde de Pavolide José da Cunha Gram Ataíde e Melo em 11 de outubro de 1769. Em agosto precedente, tinha havido um ligeiro tremor de terra na cidade às nove horas da noite. Recolheu-se o conde de Pavolide para Portugal em 3 de abril de 1774, deixando o Arcebispo D. Joaquim Borges de Figueiroa, o chanceler Miguel Serrão Diniz, e o coronel Manoel Xavier Ala encarregados do governo até a chegada de seu sucessor, Manoel da Cunha Menezes, o qual foi instalado pela regência no governo em 8 de setembro de 1774, e o entregou em 13 de novembro de 1779 a Afonso Miguel de Portugal e Castro, marquês de Valença e de Vimioso, o qual se retirou em 31 de julho de 1783. Formou-se uma regência de que foram membros o Arcebispo D. Antônio Correia, o chanceler José Inácio de Brito Bocarro, e o coronel José Clarke Lobo, a qual administrou a província até o dia 6 de janeiro de 1784, em que entregou o governo a D. Rodrigo José de Menezes e Castro, o qual fez construir um hospital para os leprosos, tulhas para as farinhas, e um matadouro; delineou a praça da Piedade, fez alargar várias ruas que eram por extremo

estreitas, e entregou o governo a D. Fernando José de Portugal e Castro em 18 de abril de 1788, o qual governou a província por espaço de quatorze anos, fez consertar parte da cadeia, e por meios moderados comprimiu uma conspiração que se descobriu em 1798. O arcebispo D. Antônio Correia, o chanceler Firmino de Magalhães Siqueira da Fonseca e o marechal Florêncio José Correia de Melo foram encarregados do governo depois de partido o governador, e o entregaram a Francisco da Cunha e Menezes em 5 de abril de 1802. Deve-se a este governador a praça de São Bento onde depois se construiu o teatro. Sucedeu-lhe em 14 de dezembro de 1805 João de Saldanha da Gama de Melo e Torres, conde da Ponte, o qual governava quando o príncipe regente em 1807 arribou à Bahia. Morreu o conde da Ponte nesta cidade em 24 de maio de 1809, ficando o governo interino a cargo do Arcebispo D. José de Santa Escolástica, do chanceler Antônio Luiz da Cunha e do marechal de campo João Batista Vieira Godinho. O conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, que acabava de ser vice-rei do Rio de Janeiro, foi nomeado pelo príncipe regente para o

governo da Bahia em 30 de setembro de 1810. Este governador deu favor ao estabelecimento duma biblioteca pública, projeto que havia sido concebido pelo erudito Pedro Gomes Ferrão, a qual foi aberta em 1811, tendo o governador ajuntado oito mil volumes aos três mil dados pelo fundador. Facilitou a muitos Baianos os meios para se irem formar em Coimbra, e aos seus desvelos deve esta cidade o estabelecimento duma imprensa, duma gazeta e duma folhinha: pôs a última mão à fábrica do teatro que se abriu em 13 de maio de 1812; em 17 de dezembro de 1814 assentou a primeira pedra do edificio da praça do Comércio, e mandou fazer o passeio público, onde o senado da câmara mandou levantar em 18 do mês de fevereiro seguinte um obelisco para perpetuar a memória da residência do príncipe regente na cidade. Ao passo que este ativíssimo governador fazia construir o cais da alfândega, oficinas para se consertarem as armas, abrir um canal de perto de setecentas toesas para juntar a enseada do Papagaio com a baía onde jaz situada a cidade, fazer as estradas do rio Vermelho e do de São Pedro, dava calor com sua presença à construção da fragata *União* de cinquenta

peças, e à do *Príncipe D. Pedro* de quarenta e quatro, de dous brigues que tinham por nome o *Satélite* e o *Príncipezinho*, e de doze barcas canhoneiras e três avisos. Ele fez que se concluísse o edificio da praça do Comércio, que foi inaugurada em 28 de janeiro de 1817. O corpo do comércio lhe fez presente duma magnífica espada, e em 6 de setembro seguinte o seu retrato foi posto na sala principal do estabelecimento. No fim deste ano mandou o mesmo governador com grande prontidão um certo número de tropas para Pernambuco, as quais chegaram a tempo de comprimir o movimento republicano que nesse ano se manifestou naquela cidade, e por fim em 26 de janeiro de 1818 entregou o governo a seu sucessor D. Francisco de Assis Mascarenhas, então conde e hoje marquês da Palma. Este novo governador ocupou-se de facilitar a navegação do rio Jequitinhonha, a fim de ativar o comércio entre as províncias da Bahia e de Minas Gerais: mandou alimpar o canal Salsa que estabelece a comunicação do Jequitinhonha com o rio Patipe, e povoou de novas colônias as margens deste rio, ao mesmo tempo que fazia construir na cidade o mercado chamado de São João. Governou o conde de Palma

a província da Bahia até o dia 10 de fevereiro de 1812, em que uma junta provisória proclamou as bases da constituição que se havia de fazer em Portugal. Não quis o conde a presidência que se lhe oferecia da sobredita junta, e foi ao Rio de Janeiro dar conta a El-Rei D. João VI do modo por que se tinha havido. Desde então foram todas as províncias administradas por semelhantes juntas, até que estabelecendo-se o governo imperial foram as ditas juntas suprimidas, e as províncias governadas por um presidente e um secretário, como ainda hoje em dia o são, com algumas modificações feitas ao depois pela lei das reformas da constituição de 1835. Constava a província da Bahia ao princípio da cidade deste nome e das terras sucessivamente abandonadas pelos donatários. Em 1696, El-Rei D. Pedro II nomeou um ouvidor para a vila de São Cristóvão, ou Sergipe, e este termo foi desde então considerado como uma segunda comarca desta província. D. João V, havendo reunido à coroa muitas das antigas concessões, criou duas comarcas mais com o nome de Ilhéus e de Jacobina, e El-Rei D. José, havendo comprado ao donatário a concessão de Porto

Bahia

Seguro, formou este país a quinta comarca da Bahia. Em 1820, D. João VI desmembrou da província da Bahia a comarca de Sergipe, e conferiu-lhe o título de província. Depois desta época formaram-se várias novas comarcas, de sorte que atualmente contam-se treze na província de que tratamos, as quais são: Bahia, Barra do Rio Grande, Cachoeira, Caravelas, Ilhéus, Itapicuru, Jacobina, Nazaré, Porto Seguro, Rio de Contas, Santa Sé, Santo Amaro e Valença. Estas treze comarcas são divididas em quarenta e oito distritos, que têm por cabeças as vilas seguintes: Alboim, Água Fria, Abrantes, Bahia, Barcelos, Barra do Rio de Contas, Belmonte, Boipede, Cachoeira, Caeteté, Camamu, Campo Alegre, Caravelas, Carinhenha, Xiquexique, Conde, Feira, Ilhéus, Inhambupe, Itaparica, Jacobina, Jaguaripe, Jequiçá, Jeremoaba, Joazeira, Maragogipe, Maraú, Monte Santo, Nazaré, Olivença, Pambu, Pilão Arcado, Pombal, Porto Alegre, Prado, Rio de Contas, Santa Cruz, Santarém, Santo Amaro, São Francisco, Soure, Trancoso, Tucano, Urubu, Valença, Viçosa, Vilanova da Rainha e Vila Verde.

A província da Bahia tem por limites da parte do norte o rio Real, que a separa

da de Sergipe; da do oeste a comarca de São Francisco, na margem esquerda do rio deste nome, onde uma enfiada de montanhas incultas a divide da província de Goiás; da do sul serve-lhe de separação da província do Espírito Santo o rio Mucuri, e pela parte do este cerca-a o Oceano por espaço de cento e quarenta léguas de costa, entre onze graus e trinta minutos, e dezoito graus e vinte minutos de latitude sul. Desde a vila de Porto Alegre até a baía de Todos os Santos corre a costa quase em direitura ao norte, mas da boca desta baía em diante, até o rio Itapicuru, dirige-se ao nor-nordeste. A cordilheira dos Aimorés, repartida nas serras Cairu, Cupiaba, Itaracá, Mangabeira, Pedra Branca e Tromba, atravessa do norte ao sul esta província, e é avistada dos navegantes que se orientam pelos montes Itapera, Camisão, Santo, Chapéu e Pascoal, para entrarem nos diversos pequenos portos. As mais altas serras do interior são as das Almas, Catulés, Cincurá, Montes Altos, Muri-beca, Tiubé e Urubu. Um grande número de rios retalham a província da Bahia em diferentes direções; os mais consideráveis são o Jequitinhonha, chamado também rio Grande ou Belmonte

nas vizinhanças do mar, o rio de Contas, o Patipe e o Itapicuru que deságuam no Oceano, e o Paraguaçu, tributário da baía de Todos os Santos, e infindos ribeiros que nascem do vertente ocidental da cordilheira dos Aimorés, que poderiam ser de grande proveito, se se tornassem navegáveis até o rio de São Francisco, onde quase todos eles vão desaguar pela margem direita. O rio Grande e o Carinhenha, que serve de limite à província de Minas Gerais, são pela margem esquerda os únicos dignos de nota. Como quer que os colonos de todo tempo preferissem assentar morada à beira do mar ou dos rios, uma grande parte da província da Bahia se acha ainda por cultivar. Seu território tem grandes planícies e infinitas colinas na parte que olha para o oriente, e uma corda considerável de montanhas na que respeita o ocidente. As terras mais próprias ao cultivo do tabaco e das canas-de-açúcar são as chamadas Masapé. As minas de ouro e de cobre são raras e pouco abundantes; acham-se também algumas de prata que não têm sido trabalhadas por se presumir seriam de pouco rendimento; as de ferro, granito e diferentes argilas são por extremo abundantes em certas

localidades, assim como as pedras calcárias, o salitre, pedras de amolar e cristais. Reparte-se o ano nesta província em duas estações, uma seca e outra chuvosa. Os principais produtos da agricultura são açúcar, algodão, tabaco e café, que se exportam para a Europa, e mandioca, arroz, feijões e milho que se consomem no país. E todavia esta província paga um tributo enorme às do norte que abastecem os seus mercados de gado vacum e cavalari. Entre o sem número de árvores que povoam grande parte desta província distinguem-se por seu préstimo o vinhático, o araribá, o angelim, o buranhém, o cedro, jacarandá, cabiúna, jequitibá, ipê, merindiba, sapucaia, pau-de-arco, o pau-brasil e o tatagiba, o primeiro bem conhecido e o segundo que dá uma tinta amarela excelente. As gomas elemi e copal, o sangue de drago, são de superior qualidade, bem como várias plantas medicinais, como a jalapa, a ipecacuanha, o açafão, o urucu, etc. As laranjas ali são excelentes, há grande quantidade de frutas, mangas, jacas, etc. A população da província da Bahia é pouco mais ou menos de seiscentas e cinquenta mil

almas, numa superfície que se supõe ser de quatorze mil léguas quadradas. A guarda nacional de toda a província constava em 1839 de trinta e sete legiões que formavam oitenta e um batalhões de infantaria, cinco legiões de cavalaria divididas em vinte e quatro esquadrões, e seis companhias de artilharia criadas tão somente nas principais vilas. Manda esta província à assembleia geral quatorze deputados e sete senadores à câmara alta. Sua assembleia legislativa provincial se compunha de trinta e seis deputados, que recebiam entre os anos de 1838 a 1841 cinco mil réis por dia durante o tempo das sessões e das prorogações, além duma indenidade proporcionada à distância em que se achavam da Bahia, onde esta assembleia se ajunta.

Bahia. Comarca da província de mesmo nome. Tinha em outro tempo quarenta léguas de costa desde o rio Real até o Jiquiriçá, e trinta e cinco da beira-mar ao sertão da comarca de Jacobina; porém depois de 1833 se achava de tal modo diminuída que se encerra nos distritos das vilas de Abrantes, de Jaguaripe, Maragogipe, e no da cidade da Bahia que é a cabeça dela.

Bahia.¹²¹ Cidade da primeira ordem do império do Brasil, em doze graus, cinquenta e cinco minutos e quarenta segundos de latitude, e quarenta graus, cinquenta minutos e vinte e três segundos de longitude oeste, duzentas e quarenta léguas ao nor-nordeste do Rio de Janeiro, e cento e cinquenta léguas ao su-sueste de Pernambuco. Cristóvão Jaques reconheceu em 1503 a baía a que pôs o nome de Todos os Santos, por isso que nela entrara em o primeiro de novembro, e ali assentou um padrão com as armas d'El-Rei de Portugal. Em 1534 havendo El-Rei D. João III feito doação de cinquenta léguas de terra entre a baía de Todos os Santos e o rio de São Francisco a Francisco Pereira Coutinho, tratou este donatário de povoar esta parte do Brasil, para onde partiu acompanhado dum grande número de colonos, e estabeleceu nas vizinhanças da baía dous engenhos de açúcar, quando por ocasião do successo que no artigo precedente referimos, naufragou diante da ilha de Itaparica. Voltando a capitania por falecimento deste donatário para a coroa, mandou El-Rei

¹²¹ Atual cidade de Salvador/BA. (N/E)

Bahia

D. João III a Tomé de Souza com ordem de edificar ali uma cidade, o que este executou, dando-lhe o nome de São Salvador da baía de Todos os Santos. Foi esta cidade tomada pelos Holandeses em 1624, os quais a conservaram até os 20 de abril do ano seguinte, que vendo-se bloqueados por mar por uma armada portuguesa e espanhola tiveram de evacuá-la. Foi esta mesma cidade de novo bloqueada pelos Holandeses em 1638, porém Pedro da Silva, que era nesse tempo governador general do Brasil, lhes fez levantar o bloqueio com perda de mil e quinhentos homens, e por esta brilhante defesa obteve o título de conde de São Lourenço. Foi esta cidade desde o princípio de sua fundação a capital do Brasil até o ano de 1763, no qual El-Rei D. José transferiu a sede dos Vice-Reis para o Rio de Janeiro, por entender que daquele ponto se podia com mais facilidade dirigir as operações militares nas novas províncias do Rio Grande e de Santa Catarina, frequentemente acometidas pelos Espanhóis.

A cidade da Bahia, depois da do Rio de Janeiro, é a mais importante do Brasil tanto pelo que diz respeito ao comércio, como no concernente à população que consta de mais de cem mil

almas. À entrada da Bahia há um farol para governo dos navegantes. Sete fortes mais ou menos consideráveis a defendem de toda invasão inimiga, tais são o de Santo Antônio, de Santa Maria, de São Dionísio, São Filipe, São Francisco, de Monserrate e o de São Marcelo, vulgarmente chamado forte do mar, o qual se acha defronte da extremidade setentrional da cidade a duzentas braças de distância e defende o arsenal da marinha. Encerra esta cidade um grande número de edifícios públicos; os principais dentre eles são o palácio do governo, de forma quadrada, com seiscentos e dous pés de face por todas as partes, o da moeda, a casa da câmara, o palácio do Arcebispo, que comunica com a sé, a alfândega, a fundição, a misericórdia, o hospital militar, o seminário dos órfãos, o lazareto, as tulhas, o matadouro, o teatro, a praça do Comércio, o passeio público. O território da cidade é repartido em dez freguesias; a saber a Sé, criada em 1552 com o nome de São Salvador; N. S. da Vitória, instituída no mesmo ano; São Pedro, no de 1673, juntamente com a de Santana e de N. S. da Conceição; as do Santíssimo Sacramento e N. S. do Pilar, criadas em 1718; Santo

Antônio, do ano de 1745; N. S. da Penha, de 1760, e N. S. das Brotas, de 1821. Além destas igrejas paroquiais há infinitas outras disseminadas pela cidade, umas que pertencem a diversas confrarias, e outras aos mosteiros de religiosos e religiosas, as quais se acham no melhor estado de conservação possível. Tais são o convento dos beneditinos, os dos carmelitas descalços e calçados, dos franciscanos, capuchos e esmoleres da Terra Santa; dous recolhimentos, e quatro conventos de freiras; um seminário, uma casa de recreio dos jesuítas, convertida em hospital dos lázaros, onde existe um ótimo plantio de pimenteiras da Índia. Com serem de bem recente data, não deixam de ser importantes os estabelecimentos científicos que se encontram na antiga capital do Brasil. Já falamos em outro lugar da biblioteca pública instituída em 1811. É quase da mesma data a fundação do seminário, o qual foi acrescentado em 1814, e enriquecido com as cadeiras de latim, retórica, filosofia, grego, história eclesiástica, teologia moral, e dogmática, mecânica aplicada às artes e ofícios, química e agricultura. Faremos também uma honrosa menção da escola de cirurgia, e da sociedade da agricultura.

Divide-se a cidade da Bahia em duas partes, *alta e baixa*. A *baixa* ou *praia* consta de uma rua do comprimento da cidade, correndo do norte ao sul por espaço de uma légua, desde o subúrbio do *Bonfim* até o sítio apelidado *Gamboá*, encontrada por cinco travessas de curta extensão. É nesta parte da cidade que gira a força do comércio, e nela moram os negociantes; nela se acham a alfândega, e os imensos armazéns chamados *trapiches*, onde se depositam todos os gêneros comerciais da província; a praça do Comércio, que, se se não distingue no primor da arquitetura, merece toda a contemplação pelo requisito de haver sido construída com as mais preciosas madeiras indígenas; a igreja da Conceição, que deixamos mencionada, célebre pela singularidade de haver sido feita com pedras de cantaria vindas de Lisboa, cortadas e prontas; o arsenal, o estaleiro, onde se construíram vários navios, e as tulhas. O restante dos edifícios mais notáveis que acima apontamos acham-se na cidade alta, que é das duas partes a mais populosa e habitada pelas pessoas mais ricas e qualificadas; é nela que se acha o passeio público com bancos de pedra e grades de ferro, ornado do obelisco rememo-

rativo do desembarque do príncipe regente, que reinou ao depois com o nome de João VI. Do vasto terrado deste passeio, povoado de árvores no melhor estado de vegetação que dar-se pode, se avista uma parte da cidade, e ao mesmo tempo a baía com todas as suas ilhas, e a vasta extensão de oceano. É também nesta parte da cidade que se acham várias fábricas, como a do tabaco, apelidada *área preta*, construída com grande dispêndio por M. Meurron, a de vidro que dizem estar parada, a de garrafas, várias fábricas de destilar aguardente, imprensas, e as demais oficinas e ofícios próprios duma grande cidade.

A situação desta antiga metrópole do Brasil tem motivado a admiração de todos os estrangeiros que a visitaram. “Na margem oriental da baía de Todos os Santos, diz um viajante francês, o chão elevando-se oferece aos olhos do observador um anfiteatro de figura irregular, coroado duma multidão de casas que parecem haver sido lançadas por efeito dum terremoto nas concavidades e lombas desvariadas daquele monte para ludibrio das ondas, que enfurecidas se quebram nos cimentos da cidade, a qual vista de longe disseras surgir do fundo do

Oceano. A baía de Todos os Santos é muito mais espaçosa que a do Rio de Janeiro, e quem está dentro dela cuidaria estar ainda no mar alto, se a não abrigara a ilha de Itaparica.” Igual sensação produziu na alma do escritor não menos elegante que instruído, que publicou há alguns anos um trabalho precioso sobre o Brasil, a vista da cidade de que tratamos. “É impossível, diz M. Ferdinand Denis, que se não sinta um homem involuntariamente arrebatado de admiração no momento em que entra na imensa baía de Todos os Santos; à esquerda a ilha de Itaparica, coberta perenemente duma soberba vegetação, lhe oferece por espaço de muitas léguas suas matas, e dilatadas plantações; à direita ergue-se em anfiteatro a cidade, mais ao longe os montes distantes alçam aos céus os azulados cumes, e parecem surgir do meio do mar. Este sentimento de admiração sobe de ponto quando se atenta no atrevido da fundação da cidade de São Salvador; ao passo que inumeráveis casas acompanham as sinuosidades da praia, os vastos edifícios da cidade alta, rodeados duma multidão doutros mais pequenos, se prolongam até a rampa da colina, e se erguem no meio de mil plantas e árvores que verdejam.”

Baía Negra

O porto da Bahia é um dos de mais trato da América. Nele podem fundear com segurança os navios, quaisquer que sejam as suas dimensões, posto que os baixios da ponta de Santo Antônio, e os da ilha de Itaparica o estreitem, mais do que nô-lo dá a entender a vista. Os navios de guerra dão de ordinário fundo defronte da cidade, ao sudoeste do forte do mar, os do comércio se adiantam na baía, e vão surgir entre este forte e a ponta de Monserrate, e tanto estes, como aqueles, se podem dali abastecer, e reparar comodamente. O principal comércio deste porto consiste em açúcar, tabaco, algodão, café e alguma aguardente de cana. Um número considerável de navios da Europa ali aportam anualmente, e voltam carregados destes gêneros em câmbio dos objetos fabricados que levam. O dinheiro de ouro e de prata, e pelo mesmo teor o papel moeda são mais abundantes nesta cidade que nas demais do Império, excetuando todavia a do Rio de Janeiro. O conde dos Arcos, no tempo em que governou a província da Bahia, embelezou esta cidade, e a ele

devem os moradores dela o melhoramento da estrada de Rio Vermelho, e a do rio de São Pedro a que dá serventia uma ponte concluída em 1820.

Baía Negra. Lago da província de Mato Grosso, sobre a margem direita do Paraguai, assim chamado em razão da cor escura de suas águas. Serve este lago de limite neste ponto entre a província de Mato Grosso e o Peru, e nele deságuam os ribeiros que retalham as planícies que demoram ao sul, e ao oeste da serra de Albuquerque. Um canal formado pela natureza de obra de seis léguas de comprimento estabelece a comunicação deste lago com o Paraguai, onde verte a demasia das águas onze léguas abaixo do lugar em que está sita a Nova Coimbra.

Baião.¹²² Antiga freguesia da província do Pará, na margem esquerda do rio Tocantins, doze léguas acima da vila de Cametá, com uma igreja parquial dedicada a Santo Antônio. Povoam-na Índios de mistura com alguns brancos e mestiços. Seu território é mui próprio para os cacauzeiros, a mandio-

ca, algodão, café, e sobretudo para o arroz. A posição desta povoação, a vizinhança do rio, e a fertilidade das terras lhe afiançam uma futura prosperidade.

Baía de Parati. Nome que vulgarmente se dá à parte oés-sudoeste da baía de Angra dos Reis na província do Rio de Janeiro.

Bailique, aliás Penitência.¹²³ Ilha da província do Pará na embocadura do rio das Amazonas, perto da junção do rio Araguari, e vinte léguas ao sudoeste do cabo do Norte. Tem esta ilha duas léguas de comprimento, e há nela uma aldeia dum cento de famílias de Índios e de soldados às ordens do comandante de Macapá. Deram-lhe os Portugueses o nome de Penitência, porque as embarcações arfam sensivelmente naquelas vizinhanças por ser ali o mar por extremo bravo.

Bairro.¹²⁴ Povoação considerável da província de São Paulo, uma légua ao norte da vila de São Sebastião, em vinte e três graus e quarenta e cinco minutos de latitude, e em quarenta e sete graus e cin-

¹²² Atual cidade de Baião/PA. (N/E)

¹²³ Atual distrito de Bailique, município de Macapá/AP. (N/E)

¹²⁴ Atual cidade de São Sebastião/SP. (N/E)

quenta minutos de longitude oeste. Há nesta povoação um convento de franciscanos, e todos os moradores são Índios que se ocupam da pesca, ao passo que as mulheres fazem alguns vasos de barro.

Bairro das Silveiras.¹²⁵ Povoação da província de São Paulo, no distrito da vila de Lorena. Sua igreja alcançou o título de paróquia por decreto da assembleia geral de 9 de novembro de 1830. Avalia-se sua população em duas mil almas. Os moradores cultivam os gêneros de seu consumo, e algum café que levam em machos ao Rio de Janeiro, distância de quarenta léguas.

Bairro de Toledo.¹²⁶ Freguesia da província de São Paulo, no distrito de Piracicaba. (V. *Toledo*.)

Baixo Amazonas. Terceira comarca da província do Pará, a qual compreende uma vasta extensão de terra que é vulgarmente conhecida com o nome de *Guiana Brasileira*, cujos principais distritos são os das vilas de Barcelos, Macapá, Manaus e Óbidos,

com mais outras vilas que são de pouca importância. Foi esta comarca criada em 1839 por lei provincial. Sua população é de trinta mil habitantes.

Balança. Lugarejo da província do Ceará, seis léguas a oeste da vila de São João do Príncipe, nas fronteiras da província acima dita com a de Piauí.

Balsas. Rio que nasce da serra Tabatinga, caminha para o norte por terras desconhecidas, e dobrando ao depois para o oriente se junta pela margem esquerda com os ribeirões Coelho, Macapá, Nevas, e pela direita com os Baleinha e Santa Isabel, e cinco ou seis léguas mais abaixo se une pela margem esquerda com o Paranaíba, e o engrossa doutro tanto. Tira este rio o nome que tem duma espécie de jangadas com que os Índios costumam subir pelos rios acima; as canoas vogam por ele por espaço de vinte léguas depois de sua junção com o Paranaíba.

BambuÍ.¹²⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, perto

da margem direita do rio do mesmo nome, entre o de São Francisco e a serra da Canastra: jaz a sessenta e cinco léguas oés-noroeste da cidade de Ouro Preto, na estrada que vai a Goiás, passando pela serra da Parida. Sua igreja, da invocação de Santo Amaro, foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 23 de janeiro de 1816. Sua povoação é de quatro mil moradores que vivem derramados, e tratam da extração do ouro, criação de gados e comércio.

BambuÍ. Rio da província de Minas Gerais. Nasce nas serras Alegre e Marcela, rega a povoação de seu nome, e oito léguas abaixo dela vai engrossar o rio de São Francisco por sua margem esquerda. Seu curso total, que sofre mais ou menos as canoas, é de vinte e quatro léguas pouco mais ou menos.

BambuÍ. Canal natural que serve de comunicação do lago Cururupina com o Maricá, na província do Rio de Janeiro. Descem e sobem por ele em todo o tempo do ano as canoas.

¹²⁵ Atual cidade de Silveiras/SP. (N/E)

¹²⁶ Atual cidade de Santa Bárbara do Oeste/SP. (N/E)

¹²⁷ Atual cidade de Bambuí/MG. (N/E)

Banabuiú

Banabuiú. Pequeno rio da província do Ceará. Nasce da serra de Boa Vista, vizinha da dos Cairns, dirige-se ao norte, a este do rio Salgado, e vai engrossar com suas águas o Jaguaribe, uma légua abaixo do lugar onde se lhe ajunta o Salgado. As águas do Banabuiú não são salobres como as do Salgado.

Bananal.¹²⁸ Pequena vila da província de São Paulo. Era uma povoação do mesmo nome, que pertencia ao distrito da vila das Areias, e que tinha uma igreja da invocação do Bom Jesus, que um decreto da assembleia geral de 10 de julho de 1832 erigiu em vila, deixando ao conselho provincial a faculdade de determinar os termos de seu distrito. Está esta vila assentada na margem direita do Paraíba, e por ela passa a estrada que vai da cidade de São Paulo à do Rio de Janeiro. Seus habitantes cultivam em grande os gêneros do país, e em particular café e canas-de-açúcar, e fornecem os mercados do Rio de Janeiro de grande quantidade de galinhas e doutras criações.

Bananal. Pequena povoação da província do Rio de Janeiro,

no distrito da vila de Resende. Deve a sua origem a um engenho situado nas margens do ribeiro de que tem o nome, o qual se lança pela margem direita no Paraíba. Sua igreja, dedicada a São Sebastião, foi decorada com o título de paróquia por lei provincial de abril de 1839. O ribeiro Bananal é navegável com canoas mais de uma légua além do seu ajuntamento com o Paraíba.

Bananal. Um dos primeiros lugares que foram povoados pelos Portugueses na província de Goiás. É hoje uma aldeia situada no cotovelo que fazem juntando-se os rios Bugres e Vermelho, junto à cidade de Goiás.

Bananal. Serra da província de Alagoas, que é um dos limites do novo distrito de Vilanova da Assembleia e do da antiga vila de Atalaia.

Bananal. Ilha assaz grande da província de Goiás, feita por dous braços quase iguais do rio Araguaia. Sua extremidade meridional jaz em doze graus e trinta minutos de latitude, e a setentrional em três, e vinte e cinco minutos. Esta ilha, coberta de vastas matas, foi descoberta no tempo do

governador José de Almeida de Vasconcelos Sobral e Carvalho, na ocasião em que em 1773 enviou algumas tropas contra os Chavantes. Este governador criou ali uma aldeia a que pôs o nome de Santana, e uma justiça intitulada Nova Beira, com mais outras nove aldeias pouco importantes com os nomes de Anadia, Angeja, Cunha, Lmações, Lavradio, Melo, Ponte de Lima, São Pedro e Seabra, as quais foram povoadas pelos Índios Javaés e Carajás, já civilizados; porém os governadores que lhe sucederam deixaram ao desamparo estas povoações de modo que hoje já nenhuma delas subsiste. A ilha que ao princípio tinha o nome de Santana tomou o de Bananal, por se terem ali prodigiosamente multiplicado as bananeiras plantadas pelos primeiros descobridores. Há no meio dela um lago que se supõe ter seis léguas de largo e vinte e quatro de comprido de norte a sul, com um canal ou sangradouro que vai ter num dos braços do Araguaia. Navega-se neste lago com grandes barcos até o Araguaia, porém são ali muito para temer as tempestades. É no braço oriental do Araguaia, justamente defronte da ilha do

¹²⁸ Atual cidade de Bananal/SP. (N/E)

Bananal, braço que não tem menos de oitenta léguas de comprimento e trinta de largo, que se lhe ajunta o rio das Mortes.

A situação desta ilha no Araguaia, suas terras que são excelentes para o cultivo de todos os vegetais do país, a facilidade de comunicação por água com as cidades de Goiás e de Belém no Pará, prometem um soberbo porvir a este vasto território, que está pedindo gente e braços que o cultivem.

Bananal. Pequeno rio da província de São Paulo que rega o distrito da vila de seu nome. Suporta canoas por espaço de muitas léguas até o rio Paraíba, com quem se ajunta pela margem direita.

Bananeira. Terceira cachoeira que se encontra seguindo o curso do rio Guaporé, em doze graus e trinta e cinco minutos de latitude. Jaz abaixo do lugar onde se lhe ajunta o rio Paragau, entre a grande cachoeira chamada Guajuru, e a do Pau Grande. Posto que transitável para as canoas com carga, não deixa por isso de ser algum tanto arriscada.

Bananeira. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no

distrito de Cabo Frio, junta-se com o rio de São João sobre a margem esquerda.

Bananeiras. Vila medíocre e de pouco trato da província de Paraíba; foi originalmente uma povoação do mesmo nome, a qual como se fosse engrossando, e tornando-se sucessivamente mais populosa, a assembleia provincial, por lei promulgada no ano de 1835, a elevou à categoria de vila. Sua igreja, de que é padroeira Santana, só depois desta época é que foi condecorada com o título de paróquia do Brasil. Há nesta vila uma feira no sítio chamado Várzea.

Bangu.¹²⁹ Povoação da província do Rio de Janeiro na freguesia de Jacarepaguá, regada pelo rio do mesmo nome, que é assaz rápido, mas leva muita pouca água nos tempos secos. Há neste povo um engenho.

Bangué. Décima cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Pardo, indo para a província de Mato Grosso. Perto dela deságua o pequeno rio Sucuriú, e três léguas mais abaixo se acha o salto Curau. As cachoeiras que se acham antes da de Bangué são de fácil trânsito, assim que

Baojuba Grande

não é mister mais que um dia para se chegar a esta.

Banhos. Magnífica cachoeira do rio Ajuruoca ao sueste da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Baependi. As águas despenhando-se de rochedo em rochedo dum grande altura produzem os mais admiráveis efeitos de ótica, especialmente quando o sol doura os rochedos; nas raízes deles, e numa espécie de lapa que a natureza parece haver ali feito para se tomarem os banhos, as águas que escumavam fervem com menos furor.

Baniba. Tribo de Índios da Guiana brasileira que dominavam nas margens do rio Ixié. Como fossem dum gênio pacífico juntaram-se com outras tribos nas vilas e aldeias que jazem nas margens do rio Negro.

Banquinho. Primeira cachoeira do rio Sanguessuga, logo à saída da fazenda de Camapuã. Passa-se em canoas com carga.

Baojuba Grande. Nome de dous ribeiros da província de Minas Gerais que vão engrossar o rio Chopotó, não muito longe do seu nascente.

¹²⁹ Atual bairro de Bangu, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Baranhão

Baranhão. Vigésima cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo, quatorze léguas abaixo da ilha Pequena, e sete acima da do Esteirão. Pode-se subir, e descer por ela em canoa sem a aliviar da carga; a quatro léguas acima desta cachoeira se ajunta com o Tietê o rio Piracicaba.

Baraú. Rio da província de Mato Grosso, tributário do Xingu. Veio-lhe o nome duma tribo de Índios que estão ainda por se civilizarem.

Barbacena.¹³⁰ Antiga vila e hoje nobre cidade de Minas Gerais, vinte e quatro léguas ao sul da cidade de Ouro Preto, e cinquenta e nove ao nor-noroeste da do Rio de Janeiro, em vinte e um graus e vinte e um minutos de latitude. Os Índios Puris viviam naquelas adjacências, onde os jesuítas os doutrinaram, e fundaram para este efeito uma aldeia junto do nascente do rio das Mortes, a que deram o nome de Borda dos Campos, a qual assim se conservou até a extinção da ordem. Passado tempo, fundou-se a pequena distância desta aldeia uma nova igreja dedicada a N. S. da Piedade.

Em torno desta igreja se ergueram imediatamente algumas casas, que formaram uma pequena povoação com o nome de Igreja Nova. Um alvará de 16 de janeiro de 1752 lhe conferiu o título de paróquia, ao mesmo tempo que a trinta e duas outras igrejas da mesma província. O visconde de Barbacena, Luiz Antônio Furtado de Mendonça, visitando a província, no tempo em que dela era governador, ficou penhorado da magnífica vista daquele sítio, e tomou aquela aldeia debaixo de sua proteção e alcançou de sua proteção e alcançou d'El-Rei lhe conferisse o título e prerrogativas de vila com o nome de Barbacena. Uma carta imperial de 17 de março de 1823 a qualificou de nobre e leal vila, e uma lei provincial de 9 de março de 1840 lhe concedeu afinal o título de cidade. Está assentada no cume de duas montanhas, três mil quinhentos e trinta pés acima do nível do mar. Seus ares são saudáveis, as ruas largas e alinhadas; as duas principais calçadas com passeio de cada lado, as casas baixas com seu quintal detrás. A igreja paroquial se acha no meio duma grande praça, onde vão dar as duas ruas

principais. Há ainda mais três igrejas, a casa da câmara, com uma cadeia construída por um novo modelo, uma escola de primeiras letras para os meninos e outra para as meninas. Avalia-se a população desta cidade em perto de três mil habitantes. A passagem frequente dos almocreves aumenta de dia em dia a povoação. Tem muitas estalagens e armazéns bem guarnecidos, casas de pasto e lojas de bebidas, e teria algumas fábricas, se não fora a aversão natural que têm geralmente os habitantes dos países auríferos a tudo quanto é indústria fabril. Seu distrito abraça parte da serrania da Mantiqueira que se estende por todo o Brasil, e compõe-se das freguesias de Ibitipoca, Engenho dos Matos, Simão Pereira e Barbacena, nas quais se contam pouco mais ou menos doze mil habitantes que se empregam na agricultura, extração de ouro, e exportam para o Rio de Janeiro grande quantidade de café e de algodão.

Barbados. Penetrando os Paulistas nos sertões de Mato Grosso pela parte do norte,

¹³⁰ Atual cidade de Barbacena/MG. (N/E)

encontraram pela primeira vez Índios com barba, e deram-lhes o nome de Barbados, bem como ao rio em cujas margens os encontraram. Passa esta tribo por valerosa, e ocupa ainda ao nascente deste rio um território de obra de quatorze léguas de extensão, entre o rio precedente e o Sipotuba.

Barbados. Rio da província de Mato Grosso, que nasce da serra Tapirapuã, onde suas águas são auríferas; é assaz profundo, e depois de correr obra de trinta léguas, se lança no Paraguai, sobre sua margem direita, entre os confluente dos rios Negro e Sipotuba. Deve o seu nome como já dissemos aos Índios, que os Paulistas ali encontraram, os quais não tinham como os das demais tribos o costume de se carpirem as barbas.

Barbados. Rio da província de Mato Grosso, formado pela superabundância das águas dos lagos Cervo e Rabeca, corre ao sul, faz um grande salto, na serra Jauru, quatro léguas ao norte do rio Aguapeí, e vai-se lançar no rio

Alegre, três léguas antes deste juntar-se com o Guaporé.

Barbalha.¹³¹ Freguesia da província do Ceará, no distrito da vila do Crato. Jaz duas léguas ao sueste desta vila, na estrada que vai ter à vila de Bom Jardim. Sua igreja é dedicada a Santo Antônio, e fez largo tempo parte da freguesia de São José da Missão Velha, até que foi dela desanexada, e elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 30 de agosto de 1838. No ano seguinte concedeu-se-lhe uma escola de primeiras letras. Uma lei provincial de 5 de setembro de 1840 anexou-lhe a freguesia da Missão Velha, que foi suprimida. Seu território paroquial tem grande extensão, e é ocupado por dous mil e novecentos habitantes, que cultivam os diversos gêneros do país, para o bastecimento daquelas partes da província cujas terras são impróprias para o cultivo, por serem arneiros, e salinas.

Barbalho. Um dos fortes que defende a entrada do porto da cidade da Bahia.

Barcarena.¹³² Povoação da província do Pará, entre o rio Moju e o ribeiro Uraiengá. É uma nova freguesia que supre a falta da da pequena vila do Conde, que os Índios deixaram arruinar juntamente com as casas.

Barcelos.¹³³ Vila da província do Pará, sobre a margem direita do rio Negro, oito léguas acima da povoação de Poiares, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, há muito paróquia. Esta vila era em outro tempo a residência do chefe da comarca de Rio Negro; hoje se acha povoada pela maior parte de Índios Manaus, e de mais alguma gente entre pescadores, cultivadores, e homens de negócio.

Barcelos.¹³⁴ Aldeia da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, vantajosamente situada sobre o rio Maraú, entre a vila deste nome e a baía de Camamu. Sua igreja é dedicada a N. S. das Candeias, e tem uma escola de primeiras letras, instituída por um decreto de 16 de junho de 1832. Seus moradores se dão à agricultura, e preparam o ticum. Esta aldeia é qualificada frequentemente com o título de vila.

¹³¹ Atual cidade de Barbalha/CE. (N/E)

¹³² Atual cidade de Barcarena/PA. (N/E)

¹³³ Atual cidade de Barcelos/AM. (N/E)

¹³⁴ Atual distrito de Barcelos do Sul, município de Camamu/BA. (N/E)

Barcelos

Barcelos. Povoação da província do Espírito Santo, pertencente à freguesia de Viana, que deve a sua origem a um registo que em 1812 se estabeleceu na cordilheira dos Aimorés, para repelir as agressões dos Índios, e por cobro no contrabando de ouro e diamantes. Está esta povoação assentada nas nascentes do Rio Pardo e de Santa Maria.

Baré. Grande nação de Índios de gênio pacífico, posto que valeroso, da Guiana Brasileira. Moravam no alto do rio Negro, em várias aldeias que se converteram em vilas depois que eles se civilizaram.

Barra.¹³⁵ Vila da província do Espírito Santo: está assentada na margem direita e na embocadura do rio Cricaré, ou de São Mateus, três léguas ao sueste da vila deste último nome. Uma igreja, edificada em 1812, teve o título de freguesia em virtude dum decreto da assembleia geral de 11 de agosto de 1831, que lhe ajuntou parte do termo da freguesia da vila de São Mateus, assinando-lhe por limites neste ponto os rios Preto e de Santana; ao norte,

o rio Mucuri o separa da província da Bahia; e ao sul, confina com o território da freguesia de Barra Seca. Uma lei da assembleia provincial concedeu a esta povoação o título de vila com o nome de Barra de São Mateus, ainda que vulgarmente a apelidam vila da Barra. Consta o seu distrito unicamente do termo de sua freguesia.

Barra. Uma das primeiras povoações da província de Goiás, fundada pelo filho de Bartolomeu Bueno da Silva, em 1727, na qual ele morreu em 1740, com oitenta e dous anos de idade. Sua população era considerável no tempo em que custava pouco a extração do ouro das minas; mas quando os mineiros para extraí-lo recorreram às máquinas e à água, viram-se reduzidos à miséria, e a ruína das pontes que havia nos rios que atravessam a estrada do norte foi um golpe fatal para esta povoação, onde apenas subsistem em pé quarenta mesquinhas casas arredadas da estrada atual. Jaz a povoação da Barra à margem do rio Vermelho, no lugar onde com ele se junta o Bugres, cinco léguas ao noroeste da cidade

de Goiás. Sua igreja, da invocação de N. S. do Rosário, foi a primeira que houve nesta província, e serviu de freguesia até o ano de 1744, que se transferiu este título à de Santana de Vila Boa, hoje cidade, e capital de Goiás, de que passou a ser filial. O território da Barra é retalhado dum grande número de ribeiros, cuja umidade é origem de febres intermitentes a que são sujeitos os moradores, que cultivam o mate, ou chá do Paraguai. Acham-se nele vieiros de amianto.

Barra.¹³⁶ Povoação do continente da província de Santa Catarina, pertencente à freguesia de Tejucas Grandes, no distrito da vila de São Miguel.

Barra. Nome da única cachoeira que oferece o rio Taquari, na província de Mato Grosso. Jaz em dezoito graus e vinte e quatro minutos de latitude, trinta léguas acima da povoação de Pouso Alegre, e uma légua abaixo do confluente do rio Sanguessuga, que ali deságua. Os que vão de São Paulo a Cuiabá por este rio são obrigados a aliviar as canoas de metade da carga para passar além desta cachoeira.

¹³⁵ Atual cidade de Conceição da Barra/ES. (N/E)

¹³⁶ Atual cidade de Barra Velha/SC. (N/E)

eira, quer vão água acima quer água abaixo, e a fazerem transportar por terra as fazendas.

Barra da Anta.¹³⁷ Registo da província de Minas Gerais, no rio Paraíba, onde se cobram os direitos de entrada e de saída dos gêneros exportados para as províncias vizinhas.

Barra da Jangada. (V. *Jangada e Parapamba*.)

Barra da Palma.¹³⁸ Vila da província de Goiás. (V. *São João da Palma*.)

Barra da Palmela. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Campanha.

Barra da Pomba.¹³⁹ Registo da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Paraíba, e no confluente do rio Pomba. Arrecadam-se ali os direitos de saída dos gêneros, que passam para a província do Rio de Janeiro.

Barra das Éguas.¹⁴⁰ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Para-

catu, assentada na margem do rio das Éguas, afluente do Paracatu. Sua igreja é dedicada a N. S. da Glória, e sua população consta de mil habitantes que se ocupam na criação de gado vacum, e cavalar, e vivem arredados uns dos outros.

Barra das Velhas.¹⁴¹ Povoação considerável da província de Minas Gerais, noventa léguas ao norte da cidade de Ouro Preto, na margem direita do rio de São Francisco, no lugar onde se lhe ajunta o rio das Velhas. Dá-se-lhe também por vezes o nome de Araçuaí, sem que se saiba o motivo, donde vem que mui facilmente se pode confundir com um povo que jaz sobre o rio deste nome. Atribui-se a origem da Barra das Velhas a Manuel Borba Gato que ali se achava estabelecido em 1679, quando um dos seus matou dum tiro o intendente do ouro D. Rodrigo de Castelo Branco. Está situada esta povoação numa vasta planície anualmente inundada por ambos os rios que a fertilizam; e serve de depósito do sal que se tira das salinas, e que se consome

Barra de Cairuçu

no interior da província. Sua igreja dedicada à N. S. do Bom Sucesso e às Almas foi elevada à categoria de paróquia em 1775; há mais outra igreja além da freguesia com a invocação de N. S. do Rosário. O termo de sua freguesia faz atualmente parte do distrito de Formigas, e pode ter aproximadamente trinta léguas do norte ao sul, ao longo das margens do rio, cujas águas formando frequentes lagoas tornam o país pouco sadio, donde vem que sua povoação não arriba a mais de três mil habitantes, os quais se aplicam à extração de ouro, e ao comércio de peleteria, além do cultivo dos gêneros do consumo ordinário.

Barra de Acaracu.¹⁴² Freguesia da província do Ceará. (V. *Acaracu*.)

Barra de Cairuçu. Entrada a oeste da baía de Angra dos Reis. Tem três milhas entre o promontório Cairuçu, e a ponta Acaiaí ao sudoeste da ilha Grande. Os navios acham nela de vinte a vinte e seis braças de fundo, e em toda a

¹³⁷ Atual cidade de Sapucaia/RJ. (N/E)

¹³⁸ Atual cidade de Paranã/TO. (N/E)

¹³⁹ Atual cidade de Itacoara/RJ. (N/E)

¹⁴⁰ Atual cidade de Correntina/BA. (N/E)

¹⁴¹ Atual distrito de Barra do Guaicuí, município de Várzea da Palma/MG. (N/E)

¹⁴² Atual cidade de Acaraú/CE. (N/E)

Barra de Paulica

sua largura não existe rochedo ou banco de areia em que se possa naufragar.

Barra de Paulica. Lugarejo da província do Maranhão junto ao rio Itapicuru.

Barra de São Mateus.¹⁴³ Província do Espírito Santo. (V. *Barra*, vila.)

Barra de São Miguel.¹⁴⁴ Nova vila da província das Alagoas, perto da embocadura do pequeno rio de São Miguel, que se lança no Oceano quinze léguas ao norte da embocadura do rio de São Francisco. Uma escola de primeiras letras foi instituída por lei provincial de 6 de julho de 1839, numa povoação de pouca importância, que foi ao depois criada vila por se achar por extremo distante da de São Francisco de que dependia.

Barra do Bacalhau.¹⁴⁵ Pequena freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Bacalhau*.)

Barra do Coxim. Segundo escolho que se encontra no rio

Taquari, quando se sobe por ele acima antes de se chegar ao rio Coxim. As embarcações sobem por esta cachoeira com grande custo, e é mister toda a cautela ao descê-la.

Barra do Longá.¹⁴⁶ Lugarejo da província de Piauí no confluente do rio Longá com o Parnaíba. Foi neste lugar que o célebre Raimundo Gomes foi completamente derrotado em 1839 pelo coronel José Francisco de Miranda Osório.

Barra de Maio. Braço do rio Parnaíba, em que este rio se reparte pela margem esquerda a três léguas do mar, onde ele também vai ter, dirigindo-se para o noroeste por espaço de seis léguas.

Barra do Pará. Lugarejo da província de Minas Gerais, no confluente do Pará com o rio de São Francisco, dez léguas ao nor-noroeste da vila de Pitangui. Sua primeira origem foi um registo estabelecido antigamente neste lugar.

Barra do Puiú.¹⁴⁷ Freguesia da província do Ceará a este da vila de São João do Príncipe, e em seu distrito. Elevada a sua igreja à categoria de paróquia, desanexou-se parte do distrito da vila, e da freguesia de Arreiras para formar-lhe o termo.

Barra do Rio das Velhas.¹⁴⁸ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava. Sua igreja é dedicada a Santana. Jaz na confluência do rio Paranaíba com o das Velhas.

Barra do Rio de Contas.¹⁴⁹ Vila da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, em quatorze graus e dezoito minutos de latitude, e quatro graus e vinte minutos de longitude oeste. Esta florescente vila agradavelmente situada entre dous ribeiros, cujas águas passam por mui especiais para têmpera do aço, está situada sobre a margem meridional do rio de Contas. Há nela uma escola de primeiras letras, e uma ponte no mais caudaloso dos ribeiros

¹⁴³ Atual cidade de Conceição da Barra/ES. (N/E)

¹⁴⁴ Atual cidade de Barra de São Miguel/AL. (N/E)

¹⁴⁵ Atual cidade de Guaraciaba/MG. (N/E)

¹⁴⁶ Atual distrito de Barra do Longá, município de Buriti dos Lopes/PI. (N/E)

¹⁴⁷ Atual povoado da Barra do Puiú, município de Tauá/CE. (N/E)

¹⁴⁸ Atual cidade de Indianópolis/MG. (N/E)

¹⁴⁹ Atual cidade de Itacaré/BA. (N/E)

que junto a ela passam, uma casa municipal com sua competente cadeia, uma igreja paroquial dedicada ao arcanjo São Miguel, e um bom porto para os barcos costeiros. Contém o distrito desta vila, obra de três mil habitantes, quase todos Índios, que cultivam uma grande quantidade de mandioca, e cacau que exportam para a Bahia.

Barra do Rio de São João.¹⁵⁰

Lugar de muito comércio na estrada do Rio de Janeiro para a cidade de Campos, no distrito da vila de Macaé, aos vinte e dous graus e trinta e cinco minutos de latitude, e quarenta e quatro graus e vinte e oito minutos de longitude oeste. No princípio do século XVII, os jesuítas formaram o estabelecimento rural, a que deram o nome de Campos Novos, ao pé da margem direita dum rio; alguns colonos se vieram estabelecer nas vizinhanças da margem oposta e perto do mar, onde fizeram edificar uma igreja da invocação de São João Batista, numa pequena eminência vizinha do rio que de então em diante tomou o nome de São João, e

a aldeia o de Barra do Rio de São João. A igreja paroquial da aldeia de Ipuca achando-se de todo em todo arruinada no decurso do ano de 1801, os habitantes desta povoação ofereceram a sua para se nela assentar interinamente a pia batismal; porém em consequência de várias dissidências e altercações que tiveram com o vigário, dirigiram contra ele em 1818 várias reclamações, e no de 1819, nada havia ainda sido decidido sobre o assunto; um decreto de 30 de junho de 1830 ordenou a criação duma escola de primeiras letras neste lugar, cujo principal comércio e indústria consistem no fabrico e venda de taboado, e madeiras de construção cortadas nas matas do sertão, e conduzidas por água nos lagos e ribeiros que engrossam o rio de São João. O porto é cômodo, e oferece doze a quinze pés d'água às embarcações, e os brigues nele podem entrar em todas as marés. Os habitantes do território paroquial andam por quatro mil, a maior parte dos quais pertencem à Barra do Rio de São João; os que residem nas montanhas e colinas se ocupam de agricultura, e os dos campos do co-

Barra do Rio Grande

mércio de taboado e madeiras de construção. Os campos acham-se separados do mar por grandes medas de areia que é mister em certas ocasiões abrir à força de braços, para dar escoamento às águas das chuvas que durante o inverno alagam tudo, e geram febres e outras moléstias.

Barra do Rio Grande.¹⁵¹ Vila da província da Bahia na comarca do Rio de São Francisco, no confluente do rio Grande com o rio que dá seu nome à comarca. Foi esta vila criada por alvará de 15 de janeiro de 1810; mas outro alvará de 3 de junho de 1820 desanexou da província de Pernambuco a comarca chamada do Sertão para constituir a do rio de São Francisco, anexa atualmente à província da Bahia. Assim que a vila da Barra do Rio Grande veio a ser a cabeça, e a residência do novo ouvidor com jurisdição sobre as vilas e terras da Barra do Rio Grande, de Campo Longo, e de Pilão Arcado a quem o mesmo alvará dava o título de vila, e sobre a freguesia de Carinhonha atualmente também vila. A igreja dedicada às Chagas de São Francisco era há muito

¹⁵⁰ Atual cidade de Casimiro de Abreu/RJ. (N/E)

¹⁵¹ Atual cidade da Barra/BA. (N/E)

Barra do Rio Negro

tempo freguesia. Só em 1832 é que um decreto criou neste lugar uma escola de primeiras letras. O distrito da vila da Barra do Rio Grande é por extremo estéril; o único produto de exportação é o sal. O rio de São Francisco terá defronte da vila mil braças de largura, e sua passagem é bem frequentada. Um decreto imperial de 28 de outubro de 1831 ordenou que duas barcas às expensas das autoridades locais fariam o serviço e dariam passagem aos viandantes, sem que por isso se obstasse o estabelecimento doutras barcas no mesmo rio, pelo qual sobem barcos em grande número até as vilas de Salgado, e de São Romão, e pelo Guaicuí ou das Velhas, e ali levam cargas de sal, que se espalham e repartem em todo o norte da província de Minas Gerais, e trazem em retorno os objetos necessários para a subsistência dos habitantes das terras onde se acham as salinas. Contém este distrito pouco mais ou menos quatro mil almas.

Barra do Rio Negro.¹⁵² Antiga vila da província do Pará, mais conhecida em outro tempo com o nome de

Rio Negro. Está assentada na margem esquerda do rio de que toma o apelido, a três léguas do lugar onde ele se lança no Amazonas, em três graus e meio de latitude sul, e sessenta e dous graus e trinta e dous minutos de longitude oeste. Deve esta vila a sua primeira origem a um forte feito, segundo é fama, pelo governador Pedro César de Menezes conforme alguns escritores em 1674; ao passo que outros sustentam que em 1756 não havia senão oito missões nas margens do rio Negro, o que não destrói a antiguidade deste forte que podia ali ter sido feito anteriormente ao estabelecimento das missões no século XVII. Estava assentado este forte num outeiro situado na boca oriental do rio Negro, e nele se vieram recolher os Índios das tribos Baré, Baniba e Passé, para se defenderem doutras tribos que os perseguiram. Levantaram ali os Portugueses uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, e aquela povoação composta de raças diversas foi honrada por El-Rei D. José com o título de vila, que veio a ser cabeça duma nova comarca chamada então do Rio

Negro. A vila de Barra do Rio Negro é atualmente o depósito dos diversos gêneros que vêm por este rio e por seus afluentes. Há nela três estabelecimentos nacionais dirigidos por agentes nomeados pelo governo: a saber a cordoaria de piaçaba, a fábrica de panos de algodão, e a de telhas e tijolos. Em 1842, os moradores da Barra do Rio Negro alcançaram do governo que desanexasse da província do Pará toda a parte que jaz sobre a margem esquerda do rio das Amazonas, para constituir uma nova província de que é centro a vila da Barra do Rio dos Negros.

Barra do Rio São Francisco.¹⁵³ Vila da província da Bahia. (V. *Barra do Rio Grande*.)

Barra dos Ilhéus. Entrada duma baía formada pela península de Muta, e várias ilhetas que a defendem. (V. *Camaamu e São Jorge dos Ilhéus*.)

Barra Falsa. Entrada da baía de Todos os Santos, na extremidade su-sudoeste da ilha de Itaparica e ao norte da Ponta Garcia do continente. É esta entrada estreita, sinuosa, semeada de escolhos, pouco

¹⁵² Atual cidade de Manaus/AM. (N/E)

¹⁵³ Atual cidade da Barra/BA. (N/E)

profunda e com três léguas de comprimento: os arrais dos barcos não se deliberam a entrar nela, senão quando a isso são obrigados, ou por terem que fazer em algum ponto do litoral do canal, ou porque o vento lhes não permite tomar a principal entrada.

Barra Grande.¹⁵⁴ Aldeia da província das Alagoas, seis léguas ao norte da vila de Porto das Pedras, e duas léguas ao sul do rio Una. Os Holandeses se apoderaram deste lugar em 1636, fizeram prisioneira a guarnição do forte, e passados alguns dias o desampararam. Atualmente não é mais que um pequeno porto de mar sem importância, e que seria ignorado se não tivera servido em 1824 de quartel general das tropas imperiais que pelejavam com as da efêmera república do Equador, organizada em Pernambuco.

Barra Grande. Largo canal da província de São Paulo, que separa a ilha Guaíbe, ou Santo Amaro, da de Enguaguaçu, na qual se acha a cidade de Santos e a vila de São Vicente. (V. *Bertioga*, rio.)

Barra Longa ou **São José.**¹⁵⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto. Está assentada sobre o rio Gualacho, na margem direita do confluente do ribeiro Carmo. Sua igreja paroquial é dedicada a São José, e tem por filiais as das aldeias Saúde e Santana do Deserto. Em 1841 fez-se uma ponte sobre o rio Gualacho defronte da povoação, que consta de cinco mil habitantes, pela maior parte agricultores.

Barra Mansa.¹⁵⁶ Vila da província do Rio de Janeiro, sobre a margem direita do rio Paraíba, na margem do pequeno rio de que tomou o nome. No princípio do corrente século algumas famílias se agregaram a um engenho que ali havia de há muito. Em 1820, uma capela da invocação de São Sebastião serviu de ponto de reunião a um número prodigioso de particulares que para ali corriam convidados não da abundância da terra, mas sim de sua fertilidade e propriedade para plantação e cultivo do café, e a população indo em aumento dentro de dez anos, a assembleia geral

Barra Mansa

assentou de conferir-lhe o título de vila por um decreto de 3 de outubro de 1832, conservando-lhe o nome de Barra Mansa. Em 1833, um novo decreto de 15 de janeiro anexou o colégio eleitoral desta vila ao da de Resende, da qual se acha distante obra de cinco léguas, porém por um decreto da assembleia provincial do ano de 1840, foi a vila mencionada designada para cabeça do colégio eleitoral. A estrada real que vai do Rio de Janeiro à cidade de São Paulo, e a que vai a Minas Gerais, pela serra da Mantiqueira, passam pela vila de Barra Mansa. A igreja de São Sebastião foi durante largos anos filial da de Resende, e só seis anos depois que Barra Mansa teve o nome de vila, é que uma lei provincial de 15 de maio de 1839 lhe conferiu o título de freguesia. Em 1841, fez-se junto a esta vila uma ponte sobre o rio Bananal. O distrito de Barra Mansa faz parte da nova comarca de Resende, e consta de seu território paroquial, que compreende a aldeia do Espírito Santo, cuja igreja é filial da de São Sebastião, e o território paroquial da do Amparo.

¹⁵⁴ Atual distrito de Barra Grande, município de Maragogi/AL. (N/E)

¹⁵⁵ Atual cidade de Barra Longa/MG. (N/E)

¹⁵⁶ Atual cidade de Barra Mansa/RJ. (N/E)

Barra Mansa

Limita-o ao norte, a serra Tunifer; a leste, o ribeiro Minhocas; ao sul, o rio Pirai; e ao oeste, uma linha lançada da Barra da Cachoeira à serra Tunifer. A população é de seis mil habitantes pela maior parte lavradores, especialmente de café.

Barra Mansa. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro, que rega a vila de seu nome e se lança no rio Paraíba. Navegam por ele as canoas por espaço de uma légua quando muito, e há nele uma ponte de madeira que dá serventia à estrada que vai do Rio de Janeiro à província de São Paulo e à de Minas Gerais.

Barrancas. Angra da lagoa dos Patos, na província de São Pedro do Rio Grande. Os navios que vão e vêm neste lago acham nela um ótimo abrigo contra os ventos furiosos chamados Pampeiros.

Barra Nova. Assim também se chama a embocadura do ribeiro Jeúpe, na província da Bahia.

Barra Pequena. Pequeno rio do distrito de Parati, na pro-

víncia do Rio de Janeiro, que não admite senão canoas.

Barras.¹⁵⁷ Aldeia da província de Piauí, na comarca de Campo Maior. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, foi criada paróquia por uma lei provincial de 30 de dezembro de 1839. Para se formar o seu termo, desmembraram-se os de Campo Maior e de Parnaíba.

Barra Seca.¹⁵⁸ Freguesia da província do Espírito Santo, na comarca de São Mateus. Deve esta povoação a sua origem a algumas famílias que no princípio do século em que estamos assentaram vivenda sobre a margem do rio Itabapoana, para segurança das quais contra os insultos dos Botocudos, que vivem na cordilheira dos Aimorés, se estabeleceu ali um posto militar. Esta povoação ao princípio era conhecida com o nome do rio junto ao qual se achava, e pelo tempo adiante tomou o nome de Barra Seca, pela falta d'água que ali se experimenta na falta de chuvas. Tendo-se um grande número de Índios posto debaixo da proteção do governo, um decreto da assembleia geral de

11 de agosto de 1831 conferiu o título de paróquia à igreja deste lugar, assinalando por limites ao termo dela o rio Doce, na parte que respeita ao sul; ao oeste, os rios Preto e Santana; ao norte, o território paroquial da vila de São Mateus; e a leste, o Oceano. Na beira-mar as terras são arenosas, e por conseguinte pouco férteis, mas no interior são muito mais substanciais. O número de habitantes anda por nove mil, pela maior parte lavradores de algodão, e de mantimentos.

Barra Velha. Dá-se este nome ao braço principal do rio Parnaíba no lugar em que ele se lança no mar. Sobem por este braço acima cinco léguas os barcos que vão à vila de Parnaíba.

Barreiras.¹⁵⁹ Pequena povoação da província de Minas Gerais, com uma igreja filial da matriz da cidade de Minas Novas.

Barreiro. Ribeiro da província de Mato Grosso, que se lança no rio Coxim sobre a margem direita, oito léguas além do lugar onde se lhe

¹⁵⁷ Atual cidade de Barras/PI. (N/E)

¹⁵⁸ Atual distrito de Barra Seca, município de Jaguaré/ES. (N/E)

¹⁵⁹ Atual cidade de Carbonita/MG. (N/E)

Barururus

ajunta o Camapuã, e dez acima do confluente do Coxim com o Taquari.

Barreiros. Ribeiro da província de Goiás, primeiro que todos os outros conhecido. Corre ao sul da cidade de Goiás, e junta-se com o Bonito, perto do Caiapó. A reunião de suas águas constitui o rio Araguaia, conhecido neste lugar com o nome de rio Grande. O Barreiros admite canoas por espaço de muitas léguas.

Barreta. Povoação da província do Pará, no distrito da vila de Vigia. Rega-a um ribeiro do mesmo nome.

Barriga. Serra mui alta da província das Alagoas, a vinte léguas do mar, e quatro léguas ao oeste da vila de Anadia. É no encosto oriental desta serra que subsistiu perto de setenta anos o famoso quilombo dos Palmares. (V. esta palavra.)

Barriguda. Montanha do distrito de Porto Alegre, na província do Rio Grande do Norte, povoada de cultivadores de algodão.

Barros. Lago da província de São Pedro do Rio Grande, que

terá cousa de quatro léguas de comprimento do norte ao sul, e até duas de largura, perto da serra do Mar, dúvida ao oeste da praia das Torres. Chamam-lhe também *lagoa da Serra*. O excesso das águas vai ter por um canal natural ao ribeiro Capivari.

Barros. Pequeno rio da província de Minas Gerais, no distrito de Barbacena. Nasce no território da freguesia do Engenho do Mato, recebe as águas do ribeiro chamado Juiz de Fora e de vários outros pela margem esquerda, e pela direita as do ribeiro Novo, e depois de correr obra de dez léguas perto da estrada que vai do Rio de Janeiro a Barbacena, se lança pela margem direita no rio Preto, que engrossando-se com suas águas toma o nome de Paraibuna.

Barroso.¹⁶⁰ Pequena povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja da invocação de São José, filial da de Turvo.

Baruri. Pequeno rio da província do Pará, na Guiana brasileira. Seu curso é pouco conhecido; lança-se no rio

Negro, pela margem direita, acima da vila de Moreira.

Baruriú-Açu. Vigésima sexta cachoeira do rio Tietê. Desce-se e sobe-se facilmente. Acha-se meia légua depois da de Baruriú-Mirim, e uma légua antes da do Sapesal.

Baruriú-Mirim. Vigésima quinta cachoeira do rio Tietê. É, como a precedente, fácil de se subir e descer. Acha-se meia légua abaixo da cachoeira Bauru, e meia légua acima da de Baruriú-Açu.

Barururu. Um dos afluentes do rio das Amazonas, pela margem esquerda. (V. *Urubu*, rio.)

Barururus. Índios bravos da margem esquerda do Amazonas, que vivem ao oriente do rio Negro, e na parte superior daquele de que derivam o nome, que os Portugueses abreviaram em Urubu. Eles se mostram às vezes nas ilhas que se encontram na embocadura deste rio, e tem por armas machados de pedra, arcos e setas feitas de espinhas de peixe. Dormem em casas que fazem no cimo das árvores,

¹⁶⁰ Atual cidade de Paula Cândido/MG. (N/E)

Bassuí

tanto por causa das inundações, como para se subtraírem às incursões de seus inimigos.

Bassuí.¹⁶¹ Povoação do distrito da vila de Maricá na província do Rio de Janeiro. Jaz na margem e princípio do lago de Maricá, no interior do distrito. As terras altas são excelentes para o café, e as chãs para as canas-de-açúcar.

Batalha. Pequena povoação da província de Paraíba, quatro léguas ao oeste da cidade, e sobre a margem direita do rio de que a província tira o nome que tem, com uma pequena igreja da invocação de N. S. da Batalha, em memória dum ação em que os Pernambucanos ficaram com a melhoria pelejando com os Holandeses.

Batata. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, entre as cordilheiras Aimorés e dos Órgãos. Ajunta-se com o rio Macacu sobre a margem esquerda, e é neste ponto que ambos juntos começam a admitir canoas.

Batatais.¹⁶² Vila nova da província de São Paulo, na sétima comarca. Era uma antiga freguesia que foi elevada à categoria de vila pela assembleia provincial, em virtude dum lei de 14 de março de 1839, que a nomeou por cabeça da comarca de que faz parte, assinando todavia Vila Franca para residência do juiz de direito.

Batateira. Pequeno rio da província do Ceará, no distrito da vila do Crato, e ao norte da serra Araripe. Suas margens são cobertas de canaviais. Os moradores se ocupam no fabrico da rapadura e destilação de aguardente que se consome no distrito.

Batoque. Grande plaga marítima na freguesia de Cascavel, província do Ceará.

Batovi ou **Batuvi.** Pequeno lugar da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Santa Tecla, que se tornou célebre em 1801, em que os Portugueses bateram completamente os Espanhóis, que se viram obrigados a retirar-se para além do rio Jaguarão. Este lugar serviu

também de quartel general das tropas imperiais comandadas pelo general João Paulo, quando ele tornou a entrar no distrito de Alegrete que havia evacuado em 1840.

Batuque. Ilha do rio da Madeira, acima do Araias ou Arara.

Baturité. Nova comarca da província do Ceará, criada por lei provincial de 9 de janeiro de 1841, desanexando-se, para a formar, do distrito de Fortaleza os de Baturité e da vila da Imperatriz.

Baturité.¹⁶³ Vila da província do Ceará, e cabeça da comarca que tem o mesmo nome. Deve a sua origem aos Índios Cairiris, ajuntados pelos missionários na serra Baturité. No princípio do século passado formaram os jesuítas uma aldeia neste lugar que tomou o nome de Montemor, a que depois juntaram o epíteto de Velho. Uma igreja dedicada a N. S. da Conceição gozou das prerrogativas de freguesia desde a fundação desta aldeia. Aos Índios vieram ao depois juntar-se alguns brancos cativados da excelência das

¹⁶¹ Atual bairro de São José do Imbassaí, cidade de Maricá/RJ. (N/E)

¹⁶² Atual cidade de Batatais/SP. (N/E)

¹⁶³ Atual cidade de Baturité/CE. (N/E)

terras para o cultivo, misturaram-se as raças e a nova geração foi em aumento à medida que a dos Índios diminuía, ou ficava no mesmo ser, até que, em 1831 a assembleia geral se deliberou a conceder à povoação de Montemor Velho o título de vila com o nome da serra de Baturité em que se acha assentada. A assembleia legislativa provincial tendo criado uma oitava comarca na província fez escolha desta vila para cabeça dela, e assento dum colégio eleitoral. Os habitantes do distrito de Baturité, que se elevam a dous mil e duzentos, são pela maior parte cultivadores e colhem o melhor algodão da província. Alguns também se empregam na criação de gado.

Baturité. Grande serra que faz parte da cordilheira de Borborema, na província do Ceará. As montanhas de que ela é formada são mui férteis e bem povoadas. Alguns autores dão a esta serra o nome de Botarité, mas o de Baturité é mais corrente presentemente.

Baul. Montanha altíssima no continente da província de Santa Catarina, por detrás da

vila de Porto Belo. Rega-lhe a raiz o ribeiro Luiz Alves. É o ponto mais elevado da província depois da montanha chamada Camberela, pelo qual se orientam os mestres dos barcos para embocarem nos diversos rios daquelas partes.

Bauré ou **Baurus**, segundo alguns. Rio que nasce na província espanhola Chiquitos a dezessete graus de latitude, atravessa uma parte da província de Mato Grosso dirigindo-se do sul para o norte, e depois de correr obra de cinquenta léguas se ajunta pela margem esquerda com o rio Guaporé, que lhe leva pouca vantagem em largura e volume d'água. Faz-se esta junção cento e dezesseis léguas abaixo da cidade de Mato Grosso.

Bauru. Vigésima quarta cachoeira do rio Tietê. Podem subir por ela e descer as embarcações sem serem aliviadas. Acha-se esta cachoeira entre a de Itapuiá e a de Baruriú-Mirim, distância de meia légua umas das outras.

Beja.¹⁶⁴ Pequena vila, ou antes aldeia da província do Pará, oito léguas a leste da cidade de Belém, e duas ao sul de vila do

Conde, no território compreendido entre a baía de Guajará, o rio Tocantins, o Moju e o canal a doze léguas que estabelece a comunicação do Tocantins com o Moju. É povoada de Índios civilizados.

Bejuí. Undécima cachoeira do rio Tietê, que se desce e sobe sem muito custo. Acha-se meia légua abaixo da cachoeira Pirapó Grande, e outro tanto antes da dos Pilões.

Belém.¹⁶⁵ Cidade e capital da província do Pará, em um grau e vinte e sete minutos de latitude sul, e cinquenta graus e vinte minutos de longitude oeste, noventa léguas ao oeste da ilha do Maranhão, e cousa de cento e oitenta léguas ao noroeste da cidade Oeiras, e a vinte e quatro do mar. Está assentada na margem meridional da baía Guajará, cercada ao oeste pelo rio Moju, a leste pelo Guamá, ao sul pelo Acará, tributário do Moju, ambos os quais se lançam na baía Guajará, na margem direita do Tocantins. Deve esta cidade a sua primeira origem a Francisco Caldeira, comandante da expedição mandada pelo governador

¹⁶⁴ Atual distrito de Beja, município de Abaetetuba/PA. (N/E)

¹⁶⁵ Atual cidade de Belém/PA. (N/E)

Belém

general do Brasil Alexandre de Moura, em dezembro de 1615, para o fim de ali formar estabelecimentos militares, e expulsar os estrangeiros que vinham traficar com os Índios. Francisco Caldeira pôs a expedição a seguro em um forte que fez fundar, e que dedicou a Santa Maria. Alguns colonos fizeram à roda do forte algumas casas, e os frades capuchos mandados do Reino fundaram o hospício de Una, primeiro monumento útil e religioso da província do Pará. Souberam estes religiosos atrair a si as tribos índias pacíficas que doutrinaram e ampararam contra os insultos das tribos guerreiras. Apenas se havia acabado a fábrica do hospício, quando os soldados, e moradores da nascente vila rebelando-se depuseram e meteram em prisão o comandante por isso que este se havia negado a castigar um seu sobrinho que havia assassinado um capitão que era geralmente estimado. Caldeira foi mandado para Lisboa por seu sucessor Fragoso de Albuquerque em 1622. Dali em diante tanto a vila de Belém, como a cidade de São Luiz foi repartida em bandos ou facções ora militares, ora civis e monásticas, as quais infringindo as leis e ordens dos soberanos cometiam as maiores atrocidades

contra as pessoas dos desgraçados Índios, sendo as pessoas revestidas dos primeiros empregos as que davam o exemplo. Fragoso de Albuquerque, Bento Maciel, João Velho do Vale, Pedro Maciel e Victor Maciel, foram os que se assinalaram mais nestes atos de barbaridade. A maior parte dos capitães-mores da província deveram suas nomeações à intriga, e o povo com estas mudanças nada ganhava. Assim a vila de Belém não se tornou realmente florescente, senão depois dos governadores mandados expressamente pelos Reis de Portugal. Luiz do Rego Barreto foi em 1633 o primeiro governador do Pará. Infelizmente os que lhe sucederam foram meros capitães-mores dependentes dos governadores do Maranhão. Inácio do Rego foi nomeado governador em 1652, seguiram-se depois dele vários capitães-mores. Os governadores do Maranhão visitaram a vila de Belém e alguns mesmo ali residiram, como foi Pedro César de Menezes, que fez pôr em estado de defesa o porto e os pontos da província que lhe pareceram mais importantes; concedeu terras a duzentos e oitenta e quatro habitantes da ilha do Faial, que tinham ficado arruinados por uma erupção vulcânica em 1676. Passados anos, Francisco de

Sá de Menezes pacificou os Paraenses que se haviam declarado contra os jesuítas por isso que estes tinham à sua disposição um grande número de Índios que diziam eram seus escravos, e contra a companhia de comércio autorizada pelo governo, que pretendiam fixava arbitrariamente o preço das drogas, e especiarias que comprava por sua conta, e mais arbitrariamente ainda os diversos objetos de importação determinados em seus regimentos. Foi durante a residência deste governador em Belém que se efetuou a revolução de Beckman na cidade de São Luiz. Sucedeu-lhe no governo Gomes Freire de Andrade, que pôs termo a esta revolução e residiu na vila de Belém, a qual só teve o título de cidade no ministério do marquês de Pombal. A cidade de Belém é grande, bem povoada, suas ruas são alinhadas, mas só as principais são calçadas. O palácio do governador e a Sé são dous soberbos edifícios. A maior parte das casas são feitas de pedra e cal com solidez e elegância. Além do palácio e da Sé merecem alguma contemplação a igreja de Santana, da forma duma cruz grega com seu zimbório no meio, e a de São João Batista que é de forma octógona, e outras

muitas com diversas invo-
cações. Um convento que foi
convertido em quartel, um
arsenal, o palácio episcopal,
um seminário onde se ensina
o latim, a teologia, e a música
vocal, são depois destes os
monumentos dignos de notar-
se. Um decreto de 8 de no-
vembro de 1827 aumentou a
dotação deste seminário duma
terra de vinte braças de frente
que provinha de alguns ar-
mazéns antigos que foram
demolidos. Tem demais esta
cidade um colégio com ca-
deiras de latim, retórica, e fi-
losofia, às quais, por decreto
de 1839, se juntaram uma de
geometria e outra de francês;
uma escola de primeiras letras
para meninas, outra para me-
ninos, e uma escola normal
onde se instruem os que se
dedicam ao professorado. En-
tre os estabelecimentos úteis
da cidade de Belém, tem mui-
distinto lugar a casa da mi-
sericórdia, o hospital dos le-
prosos que se deve transferir
para a fazenda do Pinheiro,
outro hospício mais, um jar-
dim botânico, de que se não
tem todo o cuidado que se
devera, mas que é rico de
plantas exóticas e indígenas.
Existem também dous con-
ventos, um de carmelitas, e

outro de capuchos, que se
acham ainda de posse da
maior parte do terreno em
que está fundada a cidade.
Divide-se esta em três fre-
guesias: primeira a da Sé,
dedicada a N. S. da Graça;
segunda a de Santana; e
terceira a da Campina, criada
com o nome de Santa Trin-
dade por lei provincial de 4 de
setembro de 1840. O porto de
Belém é situado sobre a baía
de Guajará, e pode receber
navios de comércio e de alto
bordo, bem que o seu fundo
não seja por toda a parte o
mesmo: a entrada dele é de-
fendida por duas fortalezas
fundadas sobre dous roche-
dos. A maré sobe nele até dez
ou doze pés de alto. Seu co-
mércio consiste em arroz,
cacau, algodão, salsaparrilha,
café, coirama e sola, cravo,
tapioca, bálsamo de copaíba,
goma elástica, pecurim, e
castanhas chamadas do Ma-
ranhão. O território desta
cidade se tornou mais sadio
depois que se romperam as
matas e maninhos. Observam-
se ali poucas doenças, à
exceção das febres intermiten-
tes, que se manifestam nos
lugares expostos às cheias, po-
rém são pouco rebeldes, em
razão da viração do mar que

refresca durante a noite o ar, e
o purifica, como o faz de dia
o vento da terra. Esta cidade é
a sede da assembleia legislativa
provincial, que consta de vinte
e oito membros eleitos pelos
colégios eleitorais dos distritos
segundo o número de seus ha-
bitantes. Nela também re-
sidem o presidente da pro-
víncia, o governador das ar-
mas, e o Bispo do Pará. Sua
povoação é de dez mil ha-
bitantes pela maior parte de
origem europeia.

Belém.¹⁶⁶ Aldeia da província
da Bahia, fundada pelos je-
suítas para doutrinarem os
Índios. Está situada uma légua
ao nor-nordeste da cidade da
Cachoeira, perto da serra da
Conceição. Sua igreja é dedi-
cada a N. S. de Belém; e seus
habitantes, quase todos Ín-
dios, são obra de duzentos.
Uma escola de primeiras letras
foi ali criada por decreto de 16
de junho de 1832.

Belém. Povoação conside-
rável da província de São
Pedro do Rio Grande, no
distrito de Alegrete, sobre a
margem esquerda do Uruguai,
duas léguas pouco mais ou
menos acima do confluente
do rio Arapeí. Está assentada

¹⁶⁶ Atual distrito de Belém da Cachoeira, município de Cachoeira/BA. (N/E)

Belém

na margem esquerda dum ribeiro que tem o nome de Jacuí, e é tributário do Uru-guai. Há neste lugar um posto da alfândega da jurisdição do de São Borja, no distrito das Missões.

Belém.¹⁶⁷ Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Piauí, oito léguas ao norte da serra chamada Pedra Branca, célebre pelos acontecimentos que nela se passaram em 1837 e 1838. (*V. Pedra Bonita.*) Está esta povoação assentada na parte superior do rio Poti, mais conhecido nestes sítios com o nome de Carateús.

Belém.¹⁶⁸ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Jundiá. Sua igreja, dedicada a N. S. de Belém, foi erigida em freguesia por decreto da assembleia geral de 9 de novembro de 1830: sua povoação é de mil almas, e seu comércio consiste na exportação dos gêneros do país para o consumo das províncias de Goiás e Mato Grosso.

Belém do Descalvado.¹⁶⁹ Lugar de pouca importância da província de São Paulo, no distrito da vila de Araraquara.

Bela Água. Povoação da província do Maranhão, na comarca de Caxias, sobre o rio de que toma o nome. No mês de agosto de 1840 o capitão Domingos José Aires, com sua companhia apoderou-se nesta povoação das bagagens de Raimundo Gomes que fez a sua submissão ao governo no ano seguinte.

Beliago. Um dos escolhos que se encontram na parte superior do rio Taquari; que faz que as águas corram com tanta rapidez que para vingar aquele passo é mister forçar a voga, e descer com toda cautela. Acha-se entre a povoação de Pouso Alegre, e a cachoeira Barra do Coxim na província de Mato Grosso.

Belmonte.¹⁷⁰ Vila da província da Bahia, na margem direita da embocadura do rio Jequitinhonha, vulgarmente apelidado naquele ponto: *Rio Grande e Belmonte.* Está

assentada esta vila numa aprazível colina donde lhe vem o nome, a doze léguas ao norte de Porto Seguro, e sessenta pouco mais ou menos ao sul da cidade da Bahia, em quinze graus, cinquenta e um minutos e quatro segundos de latitude, e quarenta e um graus, quatorze minutos e vinte e oito segundos de longitude oeste. Deve o seu nascimento aos Índios Botocudos das tribos Manhão e Comacã, reunidas em 1750 pelos desvelos do padre José Araújo Ferraz, que teve o saber de atraí-los a si, e fazer com que viessem residir naquela aldeia, onde os conservou pregando-lhes o Evangelho e favorecendo-os e protegendo-os. Alguns habitantes que viviam derramados pela costa tendo-se agregado aos Índios, e estabelecido-se ao pé da igreja então dedicada à Madre de Deus, um alvará elevou em 1764 esta aldeia à categoria de vila, dando-lhe o nome de Belmonte, e sua igreja paroquial tomou o de N. S. do Carmo que atualmente tem. Os edifícios mais notáveis desta vila são a casa da

¹⁶⁷ Atual cidade de Belém/PB. (N/E)

¹⁶⁸ Atual cidade de Itatiba/SP. (N/E)

¹⁶⁹ Atual cidade de Descalvado/SP. (N/E)

¹⁷⁰ Atual cidade de Belmonte/BA. (N/E)

câmara e a cadeia; o mais consiste em três ruas alinhadas que terão obra de oitenta casas, rodeadas de coqueiros que lhes dão um ar agradável. Há nesta vila uma escola de primeiras letras para os meninos; sua povoação é de seiscentos habitantes todos pescadores, lavradores ou homens do mar. O porto de Belmonte não poderá jamais ser de grande importância, por isso que a embocadura do Jequitinhonha mesmo na preamar não tem mais de duas braças d'água de fundo, o que não obstante pode vir a ser o depósito dos algodões de Minas Novas que ainda conservam a antiga reputação, do sal, e doutros objetos de que necessita a comarca de Jequitinhonha; então as embarcações costeiras poderão estabelecer as relações comerciais entre a cidade da Bahia e o interior da província de Minas Gerais. O distrito da vila de Belmonte confronta, ao norte, com o rio Comandatuba; a leste, com o mar; ao sul, com o ribeiro Mugiquiçaba, o qual deságua numa pequena angra chamada *Concha*; e ao oeste, com a cordilheira dos Aimorés. As terras são baixas e férteis, porém sujeitas a serem ala-

gadas. A população deste distrito se eleva a mil e duzentos habitantes.

Belmonte. Rio da comarca de Porto Seguro. (V. *Rio Grande e Jequitinhonha*, rio.)

Beltrão. Aldeia da província do Rio de Janeiro. (V. *São Luiz Beltrão*.)

Benevente.¹⁷¹ Vila da província do Espírito Santo, quinze léguas ao sul da cidade de Vitória, e vinte e cinco ao nordeste da de Campos. Deve o seu princípio aos jesuítas, que fundaram nesta província as aldeias de Reritigbá, Guarapari, São João e Reis Magos. Nos anos de 1565 ou 67, o padre José Anchieta se estabeleceu na rampa duma montanha defronte do rio apelidado pelos Índios Iritiba ou Reritigbá, e ali ajuntou diversas tribos de Índios que viviam derramados por aquelas vizinhanças, e batizou-os numa igreja que ele havia feito edificar à Assunção de N. S. que era de sua devoção particular. (V. *Reritigbá*, aldeia.) A esta igreja que fazia as vezes de freguesia da nova povoação de Índios juntaram os religiosos da

companhia um edifício vasto e sólido para o recebimento e morada dos missionários, que ali doutrinavam os Índios que se lhes apresentavam muitas vezes obrigados da necessidade, e outras por mera curiosidade; os quais, cativados da bondade dos padres e da doçura da moral que lhes ensinavam, acabaram por se virem estabelecer na aldeia. Deste modo se foi a povoação engrossando gradualmente até que um alvará de 7 de junho de 1755 lhe conferiu o título de vila com o nome de Benevente, alvará que não foi posto em execução pelo ouvidor da capitania do Espírito Santo, Francisco de Sales Ribeiro, senão no ano de 1761, em 14 de fevereiro. No cimo duma montanha que fica por detrás da vila está assentada a igreja dedicada a N. S. da Assunção, que foi criada paróquia pelo alvará de 22 de dezembro de 1795, comum a todas as grandes aldeias do Brasil. O antigo edifício fabricado pelos jesuítas foi repartido em três partes. A primeira, mais próxima da igreja, serve de residência ao vigário; na segunda se fazem as sessões dos tribunais, e serve de morada ao juiz de

¹⁷¹ Atual cidade de Anchieta/ES. (N/E)

Benevente

direito quando vem visitar a vila, e a terceira serve de casa da câmara e de cadeia. De frente da vila de Benevente há uma enseada onde podem abrigar-se dos ventos os navios e brigues, e é um dos três portos da província mais frequentado. Constroem-se neste porto navios mercantes que passam por ser de muita duração. Há dali transporte contínuo de fazendas e gêneros para o Rio de Janeiro. O território paroquial desta vila é o de seu distrito, que tem por limites, ao norte, a serra Guarapari; ao oeste, a cordilheira dos Aimorés; ao sul, o rio Piúma, que o separa do de Itapemirim; e a leste, o mar Oceano. Suas terras são excelentes. Avalia-se em três mil o número de seus habitantes, pela maior parte cultivadores. Orobó, pequena povoação da criação também dos jesuítas, que a dotaram duma igreja de N. S. do Bom Sucesso, pertence ao distrito de Benevente.

Benevente. Rio da província do Espírito Santo, chamado dos Índios Iriritiba, e por corrupção Reritigbá. Nasce na cordilheira dos Aimorés, ao norte do rio Piúma, corre em direitura

para leste por espaço de dez léguas, regando o distrito da vila de Benevente até lançar-se no Oceano junto a dita vila. Sua embocadura oferece um bom porto aos navios mercantes, as canoas vão e vêm continuamente de Benevente ao porto distância de três léguas, e vão pelo rio acima até passar a povoação que chamam também Reritigbá. Acha-se esta embocadura a vinte graus e cinquenta minutos de latitude.

Benfica.¹⁷² Freguesia da província de São Paulo. A fábrica de ferro de São João de Ipanema se acha no seu território. (*V. Ipanema.*)

Benfica.¹⁷³ Povoação dos subúrbios do Rio de Janeiro, pertencente à freguesia do Engenho Novo. Abriram os moradores dela um canal que vai ter à baía de Niterói, por onde navegam os barcos na maré montante. Faz-se neste lugar um comércio ativo dos gêneros que se consomem na capital.

Benfica. Pequeno lugar da província do Pará, nomeado pela primeira vez na folhinha de 1835.

Bengala. Ribeiro tributário do rio Macacu, na província do Rio de Janeiro. Rega o território da freguesia da Trindade.

Bengalas. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cantagalo. Nasce da parte setentrional da serra do Morro Queimado, dirige-se para o norte, rega a vila de Nova Friburgo com o nome de rio do Ouro, e seguindo o mesmo rumo, troca este nome no de Bengalas, e se ajunta com o rio Grande, pela margem direita, depois de haver discorrido cousa de doze léguas. Ambos estes rios unidos em um só caminham oito léguas mais, antes de se lançarem pela margem direita no Paraíba. Os naturais do país ora lhe dão o nome de Rio Grande, ora o de Bengalas, indiscriminadamente.

Beni. Nome que deram os Espanhóis ao rio da Madeira desde o seu nascente junto à Santa Cruz da Serra até o lugar onde ele se ajunta com o rio Mamoré na província de Mato Grosso.

Bento Gomes. Ribeiro da província de Mato Grosso,

¹⁷² Atual cidade de Iperó/SP. (N/E)

¹⁷³ Atual bairro de Benfica, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

que depois de fertilizar os arredores da vila de Poconé se lança num pântano, que verte o supérfluo de suas águas no Paraguai.

Bento Rodrigues.¹⁷⁴ Pequena povoação da província de Minas Gerais, cousa de três léguas ao norte da cidade de Mariana, entre Camargos e Inficionado.

Bertioga.¹⁷⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, oito léguas oés-sudoeste da cidade de Barbacena. Sua igreja dedicada a Santo Antônio fez largo tempo parte da freguesia de Ibitipoca, de que se achava em distância de seis léguas ao norte, e foi elevada à categoria de freguesia em 1827 ou 1828.

Bertioga. Nome do canal que separa a ilha de Santo Amaro (outrora Guaíba) da terra firme da província de São Paulo. Acha-se no meio duma planície paludosa. As chalupas não podem navegar por ele senão na preamar, porque nas marés vazantes às vezes se acha em seco.

Betim.¹⁷⁶ Povoação do distrito de Sabará na província de Minas Gerais. Sua igreja é um dos curatos do Curral del Rei.

Bexiga. Pequena ilha da costa de Parati, na província do Rio de Janeiro.

Bezerros.¹⁷⁷ Freguesia da província de Pernambuco, na comarca do Bonito. Uma lei provincial de 12 de abril de 1839 desmembrou o território paroquial da vila de Bonito para constituir o desta freguesia a que assinalou por limites os ribeiros Jangada e Piranguí, o Engenho Ilha das Flores, o alto da serra dos Mocós, e o ribeiro Riachão.

Biapina.¹⁷⁸ Povoação da província do Ceará, no distrito de Vila Viçosa, sobre a serra Carnutim, quatorze léguas ao su-sueste desta vila. Sua igreja, dedicada ao apóstolo São Pedro, é filial da de Vila Viçosa. Dá-se também a este lugar às vezes o nome de Baepina.

Biberibe. Ribeiro da província de Pernambuco, que

Bicudo

nasce nas serras que demoram ao oeste da cidade de Olinda, que rega com suas águas. Os moradores do Recife vão buscar água ao pé de Olinda, onde se construiu um dique que alimenta as fontes desta cidade; as águas que dele saem correm ao longo do istmo ao sul de Olinda, e se misturam com as do mar e do rio Capibaribe entre as três divisões de que se compõe a cidade do Recife.

Bica. Ilha da província do Rio de Janeiro no distrito de Mangaratiba. (V. *Guaíba*.)

Bicas.¹⁷⁹ Pequena povoação da província de Minas Gerais, pertencente à freguesia da Piedade de Paraopeba.

Bicudo.¹⁸⁰ Povoação da província de Minas Gerais, sobre a margem esquerda do rio das Velhas, acima do pequeno rio chamado Bicudo que ali se lhe ajunta. Sua igreja dedicada a N. S. do Pilar é filial da da vila de Curvelo. A estrada da margem esquerda do rio das Velhas passa por esta povoação.

¹⁷⁴ Atual povoado de Bento Rodrigues, município de Mariana/MG. (N/E)

¹⁷⁵ Atual cidade de Ibertioga/MG. (N/E)

¹⁷⁶ Atual cidade de Betim/MG. (N/E)

¹⁷⁷ Atual cidade de Bezerros/PE. (N/E)

¹⁷⁸ Atual cidade de Ibiapina/CE. (N/E)

¹⁷⁹ Atual cidade de Bicas/MG. (N/E)

¹⁸⁰ Atual localidade de Beltrão, município de Corinto/MG. (N/E)

Bicudo

Bicudo. É o maior dos afluentes da margem esquerda do rio das Velhas. Nasce este rio ao oeste da vila de Curvelo, corre por seu distrito obra de quinze léguas rumo de nordeste, e vem desaguar no rio das Velhas, duas léguas além do lugar onde se lhe ajunta pela margem oposta o rio Pardo.

Bicudo. Décima terceira cachoeira ao longo do rio Coxim; procede da força das águas dum ribeiro chamado João Bicudo que se lhe ajunta neste lugar, o que dá uma grande veemência à corrente do rio. Acha-se entre a cachoeira Anhumas e a Vamiranga, em distância de meia légua umas das outras. Vinga-se com facilidade.

Biguaçu. Pequeno rio do continente da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Miguel, algumas léguas ao norte da embocadura do rio Maruí. É navegável por espaço de quatro léguas, para grandes canoas. Sua largura varia até o mar, sendo ora de dez, ora de doze braças. Uma ponte dá serventia à estrada real. No tempo antigo servia este rio

de limite natural entre os Índios Patos da província de São Pedro do Rio Grande, que dominavam até ali, e os Carijós da província de São Paulo.

Bimbarra. Pequena ilha no fundo da baía de Todos os Santos, ao norte da das Vacas.

Biraçoiaiva. Serra da província de São Paulo. (V. *Araçoiaiba*, *Guaraçoiaiva* e *Quiraçoiaiva*.)

Biraqueira. Ribeiro da província de Santa Catarina, na terra firme, que não tem outra importância, senão a de servir de limite à nova freguesia de Morrinhos pela parte do norte.

Boa Morte.¹⁸¹ Pequena povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio Paraopeba, seis léguas oés-noroeste da vila de Queluz. Sua igreja, da invocação de N. S. da Boa Morte, é filial da de Congonhas de Queluz.

Boassica. Lago da província do Rio de Janeiro, perto do mar, entre os rios das Ostras e o Macaé. Vários ribeiros de pouco porte o alimentam; o mais considerável tem o mesmo nome que o lago, que dizem ter duas mil e quatro-

centas braças de comprido, e quinhentas onde é mais largo. As águas são salobres, e o peixe abundante.

Boassu.¹⁸² Lugarejo, porto e pequeno rio, no território da freguesia de São Gonçalo da província do Rio de Janeiro. A embocadura do rio é mui difícil para os barcos grandes, tanto quando querem entrar na baía de Niterói, como quando têm de tornar para o porto.

Boa Viagem.¹⁸³ Pequena povoação da província do Ceará, na estrada que vai da vila de Quixeramobim à de Marvão, na província de Piauí.

Boa Viagem. Ilha alta, redonda, formada dum só rochedo alcantilado, na baía de Niterói ou Rio de Janeiro, que fecha a entrada do saco de São Francisco, ou baía de Jurujuba. Neste ponto se estabeleceu uma bateria obra da na rocha que corresponde com o forte Gravatá. Uma caserna, várias casas, e uma linda igreja que passa por ser a mais antiga da província, e que é dedicada a N. S. da Boa Viagem, coroam a sumidade desta ilha. Os homens do mar partindo do Rio de Janeiro

¹⁸¹ Atual localidade de Boa Morte, município de Belo Vale/MG. (N/E)

¹⁸² Atual bairro de Boaçu, cidade de São Gonçalo/RJ. (N/E)

¹⁸³ Atual cidade de Boa Viagem/CE. (N/E)

Boa Vista

para qualquer outro porto não se descuidam de encomendar-se à proteção da Senhora.

Boa Vista. Nome que os primeiros povoadores do Brasil deram a diversas serras, montanhas e azinhagas das cordilheiras donde se descobre grande parte do país e onde se fundaram várias povoações, e se fundaram outras no decurso do tempo com a mesma denominação.

Boa Vista. Comarca da província de Pernambuco, criada por lei da assembleia provincial de 5 de maio de 1840.

Boa Vista.¹⁸⁴ Terceira parte da cidade do Recife de Pernambuco, na terra firme. A assembleia legislativa a condecorou com o título de vila, e escolheu-a por cabeça da comarca de seu nome (V. *Recife*, cidade.)

Boa Vista. Pequena povoação da província de Goiás, no distrito da vila de Carolina. No começo do século atual nada mais era que um mero registo que se havia estabelecido no norte da província, nas margens do rio Tocantins, ao redor

do qual vieram assentar vivenda algumas famílias. Esta povoação indo em aumento, o presidente da província, com o parecer do conselho provincial, a decorou com o título de vila por uma resolução de 18 de abril de 1834; porém como o número dos habitantes se conservasse no mesmo ser, e os rendimentos municipais fossem insuficientes para cobrir as despesas da administração, uma lei provincial de 5 de dezembro de 1840 lhe retirou o título de vila, e anexou o seu distrito ao da vila de Carolina; ficou todavia Boa Vista com uma justiça de paz, cuja jurisdição é distinta da de Carolina, e separada pelo ribeirão Sobradinho e pelo rio Tocantins. As ilhas que se acham neste rio defronte de Boa Vista são de sua jurisdição.

Boa Vista. Aldeia da província de Mato Grosso, na comarca de Cuiabá, sobre a margem esquerda do pequeno rio Jatubá, afluente do Porudos. Está assentada num sítio aprazível, na estrada que vai a Goiás, e tem uma ponte no rio. Seus habitantes são Índios e cultivadores.

Boa Vista.¹⁸⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, na serra da Mantiqueira, sobre a estrada do Rio de Janeiro, e no distrito da nova vila de Ajuruoca. Um decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832 conferiu a sua igreja, dedicada a N. S. da Boa Vista, o título de freguesia de que gozava a igreja de Santana de Itajubá. Há nesta povoação um registo que arrecada os direitos de entrada e de saída da província de Minas Gerais. Os limites de seu território paroquial são os que se haviam assinalado à freguesia de Itajubá.

Boa Vista.¹⁸⁶ Aldeia da província de Minas Gerais, na margem direita do rio de São Francisco, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, filial da freguesia de Contendas. Este lugar teve diversos nomes, e foi conhecido com o de *Pedras de Maria da Cruz*, e de *Pedras do Padre*. (V. *Morrinhos*, de São José e a Minas Gerais.)

Boa Vista. Povoação do continente da província de Santa Catarina, perto do rio Maruí, na estrada que corre

¹⁸⁴ Atual cidade de Recife/PE. (N/E)

¹⁸⁵ Atual cidade de Itajubá/MG. (N/E)

¹⁸⁶ Atual distrito de Pedras de Maria da Cruz, município de Januária/MG. (N/E)

Boa Vista

entre a vila de Lages, e a de São José.

Boa Vista. Povoação da província de Paraíba, perto da serra Piancó, no distrito da vila deste último nome, e na parte superior do rio das Piranhas.

Boa Vista. Aldeia da província do Maranhão, no distrito de Anatajuba, e perto do ribeiro Iguará.

Boa Vista. Pequena povoação da província de Mato Grosso, na serra chamada Chapada, três léguas ao sul da povoação de São Vicente Ferreira, e a quatro da de Santana. Suas minas, descobertas em 1735, há muito que estão abandonadas.

Boa Vista. Palácio Imperial, uma légua ao oeste da cidade do Rio de Janeiro, por detrás da povoação de São Cristóvão, da baía e da estrada real da província de Minas Gerais. Era uma casa de campo dos jesuítas, à qual D. João VI e seu filho o Imperador D. Pedro ajuntaram várias construções que a tornam algum tanto irregular. Os jardins são espaçosos e variados, o solo

mais ou menos alto. É a residência ordinária da família imperial.

Boa Vista. Serra da província do Ceará, que a separa da de Piauí. É um braço sueste da cordilheira Hibiapaba. Dela nascem o rio Jaguaribe, que corre para o norte, e o Poti ou Carateús, cujo rumo é mais para o oeste.

Boa Vista. Montanha solitária que jaz no meio duma planície, sobre a margem direita do rio Real, na província de Sergipe.

Boa Vista. Azinhaga entre a cordilheira dos Órgãos e a dos Aimorés, no alto da serra do Morro Queimado. É o ponto mais alto da estrada que vai do Rio de Janeiro para a vila de Nova Friburgo. Quando El-Rei D. João VI criou esta vila, havia neste passo um posto para estorvar que os colonos suíços se ausentassem de seu distrito sem autorização do chefe de polícia, e aos estrangeiros dali irem sem passaporte.

Boa Vista de Andaia.¹⁸⁷ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Andaia*.)

Bobos. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina, no distrito da vila de Porto Belo, no qual se fez uma ponte que dá serventia à estrada real.

Bocaina.¹⁸⁸ Povoação da província de Piauí, no distrito de Valença, sobre o ribeiro das Guaribas, afluente do rio Itaim. Sua igreja, da invocação de N. S. da Conceição, é filial da da vila de Valença.

Bocaina.¹⁸⁹ Povoação da província de Minas Gerais. Fez muito tempo parte do território da freguesia de Ibitipoca; mas em virtude dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, foi anexada à freguesia do Presídio de Rio Preto, na comarca do Rio da Paraíba.

Bocaina. Grande serra da província do Rio de Janeiro, braço da cordilheira dos Órgãos, que se prolonga ao oeste até o rio Paraíba: dela nasce o rio Piraí, um dos grandes afluentes do precedente. Na estrada real que vai à cidade de São Paulo por esta serra, há um registo na separação das duas províncias.

¹⁸⁷ Atual cidade de Dores do Indaiá/MG. (N/E)

¹⁸⁸ Atual cidade de Bocaina/PI. (N/E)

¹⁸⁹ Atual distrito de São Domingos da Bocaina, município de Lima Duarte/MG. (N/E)

Bocaino.¹⁹⁰ Pequena povoação da província de São Paulo, no distrito da vila das Areias. Passa por este lugar a estrada da cidade de São Paulo, e se divide em duas, uma que vai ter à província de Minas Gerais, e outra que se dirige para a do Rio de Janeiro.

Bocas.¹⁹¹ Antiga aldeia da província do Pará. (V. *Oeiras*, vila.)

Boiguiçaba. Antiga aldeia de Índios da província da Bahia, a cinco léguas do mar, e em igual distância da margem direita do rio Jequitinhonha. Povoam-na Índios Maxacaris civilizados, que cultivam unicamente os gêneros necessários para o seu sustento.

Boim.¹⁹² Pequena vila da província do Pará, chamada também Vila Boim. Está situada na margem esquerda do rio Tapajós, quinze léguas acima de seu confluente com o Amazonas. Sua igreja paroquial é dedicada a Santo Inácio. A vantagem de seu sítio ao pé dum grande rio, e a fertilidade das terras lhe afixam no

futuro um certo grau de importância, se nela se estabelecerem colonos industriais.

Boipeba.¹⁹³ Aldeia da província da Bahia, no continente da nova comarca de Valença. (V. *Nova Boipeba*, vila.)

Boipeba. Ilha situada defronte do continente da província da Bahia, pertencente à nova comarca de Valença. Está separada da ilha Tinharé da parte do norte, e do continente pela do oeste por canais estreitos, e pode ter duas léguas quadradas de extensão. Dá arroz e piaçaba, principais objetos do comércio de seus habitantes.

Boipeba Velha.¹⁹⁴ Uma das mais antigas vilas da província da Bahia, pois que sua igreja foi freguesia desde 1608. Está situada na margem ocidental da ilha de que tomou emprestado o nome. É pobre e pouco povoada, motivo por que a assembleia provincial teve de retirar-lhe o título de vila, por não chegarem os seus rendimentos para as despesas da administração. Possui há muito tempo esta antiga vila

uma escola de primeiras letras. Seu porto fica perto do canal que separa a ilha Boipeba da de Tinharé, e nela não se faz com a Bahia outro comércio tirando o de piaçaba, arroz e casca de mangue para as fábricas de curtume.

Bois. Pequeno rio aurífero da província de Goiás. Nasce nos limites da província de Mato Grosso, corre para o sul, engrossa-se com as águas do ribeiro Anicuns, e doutros de menos cabedal, e depois de várias voltas por terras despovoadas, ajunta-se com o rio Turvo. No princípio deste século, o conde da Palma, tendo o governo da província, fez explorar este rio, e achou que se podia navegar nele, bem como no Turvo e no Cururuí, que recebe em si o Turvo antes de se ir juntar com o Paraná; o que facilitaria a navegação do centro da província de Goiás até a de São Paulo, subindo-se pelo Tietê acima, afluente do Paraná. Porém atualmente a estrada por terra parece merecer a preferência.

Bois. Rio da província e comarca de Mato Grosso. Sua

¹⁹⁰ Atual cidade de Bocaina/SP. (N/E)

¹⁹¹ Atual cidade de Oeiras do Pará/PA. (N/E)

¹⁹² Atual distrito de Boim, município de Santarém/PA. (N/E)

¹⁹³ Atual cidade de Nilo Peçanha/BA. (N/E)

¹⁹⁴ Atual distrito de Velha Boipeba, município de Cairu/BA. (N/E)

Bojuru

origem é pouco conhecida, bem como o seu curso e margens, por serem povoadas de Índios bravos; vai desaguar sobre a margem esquerda do rio Xingu.

Bojuru. Pequena povoação da província de São Pedro do Rio Grande, junto à lagoa do Tesoureiro.

Bom. Ribeiro da província de São Paulo, tributário do rio Joaí.

Bom Abrigo. Ilha assaz alta, fronteira à costa da província de São Paulo, ao sul da boca da baía Tarapandê ou de Cananea, que pode ter uma légua de comprimento; seu ponto culminante se acha em vinte e cinco graus, seis minutos e quarenta e nove segundos de latitude, e em cinquenta, dezessete minutos e cinquenta e um segundos de longitude oeste. Os navios mercantes que têm de entrar na baía onde se acham o porto e a vila de Cananea navegam ao norte desta ilha, porém os barcos passam pelo sul, entre ela e o continente, governando-se com cautela.

Bombaça. Ribeirão da província de Minas Gerais, em cujas margens há algumas casas, a que se dá vulgarmente o mesmo nome. Corre por espaço de doze léguas de oeste a leste, e vai desaguar no rio Doce, pela margem esquerda, obra de dez léguas abaixo do confluente do rio Gualacho. A estrada que vai de Ouro Preto a Cuiaté passa junto da boca deste rio.

Bombas. Dá-se este nome à ponta do continente que se adianta mais no mar, e que se encontra na província de Santa Catarina, a leste da baía das Garoupas. Acha-se em vinte sete graus e nove minutos de latitude, e cinquenta, cinquenta e cinco minutos de longitude oeste.

Bombué. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava; é o assento dum colégio eleitoral que dá dez eleitores.

Bom Despacho.¹⁹⁵ Povoação da província de Minas Gerais na comarca do Rio das Velhas. Sua igreja dedicada a N. S. do Bom Despacho foi elevada à categoria de paróquia por um

decreto de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filiais às das povoações de Abadia, Monjolos e Soure.¹⁹⁶

Bom Jardim.¹⁹⁷ Vila da província do Ceará, na comarca do Crato. Está assentada num fértil vale da serra dos Cairiris Novos, cento e vinte léguas ao sueste da cidade de Fortaleza, e dezesseis léguas ao sul da vila do Crato. Ao princípio era uma aldeia de Índios chamados Cairiris novos, por isso que foram vistos algum tempo depois dos Cairiris de Pernambuco. Agregaram-se-lhes sucessivamente vários colonos, e a povoação indo em aumento, um alvará de 30 de abril de 1814, que todavia não foi posto em execução senão dous anos depois, elevou este lugar à categoria de vila com o nome de Santo Antônio do Bom Jardim. Assinalava este alvará por patrimônio a esta vila uma légua quadrada de terras e por distrito o território da freguesia da Missão Velha. Enfim um novo alvará de 14 de julho de 1815 conferiu à sua igreja o título de freguesia, conservando-lhe a invocação de Bom Jesus. A vila do Bom Jardim é o ponto

¹⁹⁵ Atual cidade de Bom Despacho/MG. (N/E)

¹⁹⁶ Segundo o referido decreto, as filiais da freguesia eram os curatos de Abadia, Monjolos e Saúde. (N/E)

¹⁹⁷ Atual cidade de Jardim/CE. (N/E)

onde se juntam as estradas do Maranhão por Piauí, da cidade da Fortaleza pela vila de Quixeramobim, de Aracati pela vila de Icó, as quais vão a Pernambuco, uma pela cidade de Paraíba na província deste nome, e outra pelo rio de São Francisco. O distrito da vila de Bom Jardim tem trinta léguas do norte ao sul, e vinte e cinco de leste a oeste, é circunscrito ao norte pelo distrito do Crato, ao oeste estende-se nas matas do sertão de Pernambuco, ao sul confina com o distrito de Icó, perto da fazenda de Caiçara e da aldeia das Queimadas d'El-Rei da província de Pernambuco, e a leste linda com as províncias de Paraíba e do Rio Grande do Norte. Nas montanhas um pouco elevadas deste distrito os algodoeiros são expostos às geadas, porém nas terras chãs prosperam admiravelmente, bem como os demais gêneros de cultivo do país como a mandioca e canas-de-açúcar. A população consta de seis mil habitantes, metade Índios, e seria muito maior sem as guerras cruéis que tiveram entre si o partido da legalidade e o que pretendia fosse outra vez chamado ao trono o Imperador D. Pedro I.

Bom Jardim.¹⁹⁸ Freguesia da província da Bahia, no distrito da cidade de Santo Amaro. Pertenceu em outro tempo ao território de Rio Fundo, quando a igreja desta povoação alcançou em 1832 o título de freguesia; porém como Dona Teodora de Melo Coutinho oferecesse ao governo provincial uma igreja sua da invocação da Senhora do Bom Socorro, com condição que se lhe concederia o título de freguesia, a assembleia provincial aceitou o oferecimento, e encheu a condição com que fora feito, desmembrando o termo da freguesia de Rio Fundo para fazer o da de Bom Jardim. O passo chamado de volta sobre o Jacuípe, a estrada de Inhaúma, a da cidade de Santo Amaro, as fazendas Estaleiro, Mangueira, Salgado, Sapé e Tapera são os seus principais limites. Sua população é de mil e duzentos habitantes, pela maior parte agricultores.

Bom Jardim. Aldeia da província da Bahia, sobre a margem direita do rio de São Francisco, doze léguas ao norte da vila de Urubu. Sua igreja, da invocação de N. S. do Bom Sucesso, é filial da de

Bom Jesus

Santo Antônio da vila vizinha. Seus moradores criam algum gado que mandam aos mercados da Bahia.

Bom Jardim.¹⁹⁹ Aldeia da província de Minas Gerais, comarca de Rio da Paraibuna, com uma igreja dedicada a São Domingos, filial da de Rio Preto, na mesma comarca.

Bom Jesus. Povoação da província de Pernambuco, comarca do Recife. Está assentada nas margens do Capibaribe, no lugar onde este rio lança um braço que se dirige para leste, e se perde no Oceano, no porto dos Afogados. Antes dos Holandeses ocuparem esta província, a povoação de Bom Jesus era uma das mais consideráveis; ela foi atacada, bombardeada e tomada por eles em 1632. O célebre Henrique Dias foi gravemente ferido defendendo esta posição.

Bom Jesus. Povoação da província da Bahia, em uma ilha da baía de Todos os Santos, que fica ao norte da dos Frades. Consta esta povoação de muitas casas e duas igrejas, uma da invocação do Menino Jesus, e outra de

¹⁹⁸ Atual cidade de Teodoro Sampaio/BA. (N/E)

¹⁹⁹ Atual cidade de Bom Jardim de Minas/MG. (N/E)

Bom Jesus

N. S. do Loreto. Um decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832 a dotou duma escola de primeiras letras.

Bom Jesus. Aldeia da província da Bahia, na comarca do Rio de Contas, sobre a margem direita do rio de São Francisco, quatro léguas acima da vila de Urubu, com uma igreja dedicada ao Menino Jesus, que foi durante largos anos filial da vila do Rio de Contas. Um decreto de 16 de junho de 1832 instituiu nesta povoação uma escola de primeiras letras.

Bom Jesus. Povoação da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco, sobre a sua margem esquerda, três léguas acima do confluente do rio Corrente, com uma igreja da invocação do Menino Jesus, dependente da vila de Carinhenha.

Bom Jesus. Freguesia da província de Mato Grosso, seis léguas a leste da Nova Coimbra. Sua igreja foi longo tempo filial da desta vila, porém um alvará de 16 de de-

zembro de 1803 lhe conferiu o título de paróquia, conservando-lhe a invocação de Bom Jesus. Sua povoação é de mil habitantes.

Bom Jesus.²⁰⁰ Freguesia da província do Rio Grande do Norte. (V. *Toiros*, vila.)

Bom Jesus. Ilha da baía de Niterói, ao norte da cidade do Rio de Janeiro, e ao sul da ilha do Governador. Os capuchos, a quem esta ilha pertence, têm nela uma soberba casa, com uma igreja da invocação do Bom Jesus. Esta ilha poderá ter uma légua de comprido.

Bom Jesus da Lapa.²⁰¹ Povoação da província da Bahia, numa eminência sobre a margem direita do rio de São Francisco, quinze léguas acima da vila de Urubu. Uma lapa, obra da natureza, foi convertida em igreja com o nome de Bom Jesus, à qual concorrem os povos dos arredores com toda a devoção e fé. Todos os domingos e dias santos se fazem nela os officios divinos, como em uma freguesia.

Bom Jesus da Praia. Povoação da província de Pernambuco, na margem oriental da ilha de Itamaracá, com uma capela ao Menino Jesus.

Bom Jesus do Monte.²⁰² Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Forquém*.)

Bom Jesus do Rio Pardo. Povoação da província de Minas Gerais, comarca de Sapucaí, sobre o ribeiro de seu nome que se lança no rio Pardo, afluente do rio Grande. Tem uma justiça de paz que lhe foi concedida por lei da assembleia provincial de 27 de março de 1841.

Bom Jesus dos Passos.²⁰³ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito de Ventania. Sua igreja, dedicada ao Senhor dos Passos, foi erigida em freguesia por uma lei da assembleia provincial de 3 de abril de 1840, desmembrando-a da de Ventania de que era filial.

Bom Sucesso.²⁰⁴ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Pambu, com

²⁰⁰ Atual cidade de Touros/RN. (N/E)

²⁰¹ Atual cidade de Bom Jesus da Lapa/BA. (N/E)

²⁰² Atual distrito de Furquim, município de Mariana/MG. (N/E)

²⁰³ Atual cidade de Passos/MG. (N/E)

²⁰⁴ Atual cidade de Ibitiara/BA. (N/E)

uma igreja da invocação da Senhora do Bom Sucesso, que por se achar mui distante da vila de Pambu, obteve senão o título, pelo menos as prerrogativas de freguesia.

Bom Sucesso.²⁰⁵ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Ibituruna*.)

Bom Sucesso. Pequeno rio da província de Goiás, que nasce na serra Creola, corre do sul ao norte, e vai se lançar no rio Paranã, pela margem esquerda abaixo da vila das Flores.

Bom Sucesso. Ribeiro aurífero de pouca importância, que rega a cidade de Minas Novas, outrora vila de Fanado ou do Bom Sucesso. Os primeiros sertanejos deram a este ribeiro este nome, por isso que acharam grande quantidade de ouro nas montanhas, por onde ele desce antes de juntar-se com o Fanado, cujas águas vão engrossar o rio Araçuaí.

Bom Sucesso do Rio de São Francisco.²⁰⁶ Povoação da província de São Paulo. (V. *Guaratuba*, vila.)

Bom Sucesso e Almas de Araçuaí.²⁰⁷ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Barra das Velhas*, aldeia.)

Boneçu. Povoação da província da Bahia, na comarca do mesmo nome, onde em 1836 se fez uma ponte no rio de Joanes.

Bonfim.²⁰⁸ Pequena e nova vila da província de Goiás, na comarca de Santa Cruz, quarenta e quatro léguas ao sul da cidade de Goiás e quinze léguas ao norte da vila de Santa Cruz, na estrada que vai da cidade de Goiás à de São Paulo e à do Rio de Janeiro, passando pelo sul da província de Minas Gerais. Em 1744, descobriram-se neste território minas mui abundantes de ouro, o que foi causa para que concorressem um sem número de aventureiros, os quais edificaram uma igreja ao Senhor do Bonfim, da qual tomou o nome a povoação. Às exações cometidas pelos arrecadadores do quinto cresceu, em 1749, uma proibição mal-entendida de prosseguir na extração do ouro daquelas vizinhanças, por isso que se acharam num

ribeiro alguns diamantes de pouco valor. Estes dous motivos fizeram que a maior parte dos colonos que viam com desprazer tirarem os agentes do governo proveito das minas que eles haviam descoberto, sem que eles o pudessem fazer, se retiraram do país, ao tempo que outros ou mais constantes, ou mais prudentes se aplicaram ao cultivo das terras, e à criação de gado. Quando afinal se levantou a proibição de tirar ouro, achavam-se as minas quase de todo em todo esgotadas, de sorte que mui poucos se ocupam desta exploração. A igreja desta povoação era filial da de Santa Cruz, porém um decreto da assembleia geral de 29 de abril de 1833 lhe conferiu o título de paróquia, desanexando o seu território do de Santa Cruz. As assembleias legislativas tendo sido criadas em cada província em virtude da lei das reformas da constituição de 9 de agosto de 1834 a da província de Goiás elevou este lugar à dignidade de vila da província por lei de 1836. Achando-se a igreja de Bonfim inteiramente arruinada, e os rendimentos municipais

²⁰⁵ Atual cidade de Ibituruna/MG. (N/E)

²⁰⁶ Atual cidade de Guaratuba/PR. (N/E)

²⁰⁷ Atual distrito de Barra do Guacuí, município de Várzea da Palma/MG. (N/E)

²⁰⁸ Atual cidade de Silvânia/GO. (N/E)

Bonfim

sendo insuficientes para a reedificação dela, um decreto da assembleia provincial de 1839 ordenou fosse o conserto feito à custa dos da província. Seu distrito se acha circunscrito pelos ribeiros Passa Quatro, Peixe e Piracanjuba, e pelos rios Antas e Corumbá.

Bonfim.²⁰⁹ Nova vila da província do Rio de Janeiro, na comarca do Ouro Preto, vinte e cinco léguas ao oeste da cidade deste nome. Era uma povoação situada nas montanhas ao oeste do rio Paraopeba, no distrito e ao sul da vila de Pitangui que se aumentou com o tempo. Sua igreja dedicada à Senhora do Bonfim foi afinal criada freguesia em virtude dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filiais as das povoações Conquistas, Doras da Piedade, Conceição do Pará, Piedade dos Gerais, Rio de Peixe, Santana de Paraopeba, e São Gonçalo da Ponte. A povoação continuando a aumentar-se progressivamente, a assembleia provincial a elevou à dignidade de vila por lei de 1839, que desmembrou

o distrito de Pitangui e de Tamanduá para formar o seu, cuja população é avaliada em três mil almas.

Bonfim.²¹⁰ Povoação considerável da província de Minas Gerais na comarca de Serro Frio; está assentada no lugar onde se reúnem as duas estradas que vêm das cidades de Minas Novas ou Fanado, e de Serro ou Vila do Príncipe, e donde partem duas outras, uma ao oeste para o lugar de Barra das Velhas, e outra ao norte pelo rio Verde, que separa a província de Minas Gerais da da Bahia. Sua igreja paroquial é dedicada ao Senhor Jesus do Bonfim. A comodidade e vantagens do sítio desta povoação foram causa que a população desta freguesia fosse em aumento, sendo que se avalia em dous mil habitantes.

Bonfim.²¹¹ Subúrbio ao norte da cidade da Bahia onde se acham as igrejas de Bonfim, e de Monserrate, e os estaleiros de Tapagipe. (V. esta palavra.) Um decreto da assembleia geral em data de 16 de junho de 1832, criou ali uma escola de primeiras letras para os

meninos. Há ali também um estabelecimento de ensino mútuo, situado numa bela posição na estrada que vai para a cidade.

Bonfim. Pequena povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Jequitinhonha ao pé do ribeiro de Macaúbas, afluente do rio de cujo nome se intitula a comarca, e no distrito da vila de Formigas. Consta de meio cento de casas ao redor duma igreja da invocação de N. S. do Bonfim. Seus habitantes são agricultores.

Bonfim. Fábrica de ferro da província de Minas Gerais, estabelecida em 1815 por Manoel José Alves Pereira. Estão as forjas sobre um ribeiro afluente do rio Araçuaí, entre a cidade de Serro, outrora Vila do Príncipe, e a de Minas Novas, ou Fanado. Fabricam-se nela ótimos machados, enxadas, facas e ferraduras.

Bonfim. Ponta ao oeste da ilha do Maranhão. Ela forma um ângulo à esquerda da embocadura do pequeno rio do Maranhão, e acha-se rodeada dum banco de areia que se cobre d'água nas enchentes

²⁰⁹ Atual cidade de Bonfim/MG. O autor confundiu-se quanto à província, pois a vila sempre pertenceu à província de Minas Gerais. (N/E)

²¹⁰ Atual cidade de Bocaiuva/MG. (N/E)

²¹¹ Atual cidade de Salvador/BA. (N/E)

das marés, e se estende até o porto defronte da cidade de São Luiz.

Bonfim. Pequena ilha da província do Rio de Janeiro, na baía de Angra dos Reis, com uma capela de N. S. do Bonfim.

Bonfim da Chapada. Vila da província do Maranhão. (V. *Chapada*.)

Bonfim da Mata. Aldeia da província da Bahia. (V. *Mata*.)

Bonga. Ribeiro da serra dos Órgãos que serve de limite aos termos das freguesias de Pacobaíba e de Inhomirim.

Bonito. Nova comarca da província de Pernambuco, criada por lei provincial de 5 de maio de 1840. Consta do distrito da vila de Bonito.

Bonito.²¹² Nova vila e antiquíssima povoação da província de Pernambuco, cabeça da comarca de seu nome. Jaz entre o rio Una e os nascentes do Serinhaém, trinta léguas ao sudoeste da cidade do Recife. A povoação de Bonito foi

criada vila por lei provincial de 12 de abril de 1839, que lhe assinalou por limites principais os ribeiros Jangada e Pirangi, o Engenho das Ilhas, o cume da serra dos Mocós, os nascentes do ribeiro Riachão, e o mesmo ribeiro. Cultivam os habitantes deste lugar além dos víveres de seu consumo grande quantidade de algodão, que levam pelos rios Una e Serinhaém ao Recife. A vila de Bonito é cabeça dum colégio eleitoral, que deve constar de cem a cento e dez eleitores, número que em 1841 foi levado ilicitamente a trezentos e dezoito.

Bonito. Serra da província do Rio Grande do Norte, donde nasce o ribeiro Água Boa.

Bonito. Ribeiro da província do Rio de Janeiro. Nasce da serra Sambé perto da igreja paroquial de Rio Bonito, e depois de receber em si vários ribeiros que o tornam navegável para as canoas por espaço de duas léguas, ajunta-se com o rio Cacerubu.

Bonito. Ribeiro da província de Goiás, e uma das nascentes

Boqueirão

do rio Araguaia: nasce da serra Caiapós, recebe as águas do ribeiro Barreiros, e ajunta-se ao depois com o rio Caiapó; é neste ponto que tem princípio o Araguaia com o nome vulgar de rio *Grande*.

Boqueirão.²¹³ Freguesia da província da Bahia, distrito de Jeremoabo, na serra de seu nome, perto do nascente do rio Verde afluente do de São Francisco. Sua igreja é dedicada a N. S. do Bom Caminho dos Montes. Seus habitantes criam algum gado e cultivam os gêneros de seu consumo.

Boqueirão.²¹⁴ Freguesia de fresca data no distrito da antiga vila de São Francisco, comarca e província da Bahia. Sua igreja dedicada à Madre de Deus foi criada paróquia em virtude duma lei provincial.

Boqueirão.²¹⁵ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da cidade de Pelotas. Sua igreja, que é dedicada a N. S. da Conceição, foi elevada à dignidade de paróquia por um decreto da assembleia geral de 11 de dezembro de 1833, que lhe

²¹² Atual cidade de Bonito/PE. (N/E)

²¹³ Atual cidade de Cícero Dantas/BA. (N/E)

²¹⁴ Atual cidade de Madre de Deus/BA. (N/E)

²¹⁵ Atual cidade de São Lourenço do Sul/RS. (N/E)

Boqueirão

assinou por limites o ribeiro Correntes ao sul, que a separa do termo de Pelotas de que foi desanexada; ao oeste o termo da freguesia de Canguçu, ao norte o rio Camacã, e a leste a Lagoa dos Patos.

Boqueirão. Pequena e linda povoação da província de Paraíba, nas margens do ribeiro Piancó, com uma igreja dependente da da vila de Piancó.

Boqueirão. Pequeno porto, ilha, e subúrbio da cidade de São Luiz, capital da província do Maranhão.

Boqueirão. Serra da província da Bahia, na comarca de Centocé. Dela nasce o pequeno rio Verde, cujas águas salobres se vão misturar com as do rio de São Francisco pela margem direita, abaixo de outro chamado também rio Verde que serve de limite às províncias da Bahia e de Minas Gerais. Há nesta serra uma povoação do mesmo nome.

Boqueirão. Nova missão da província da Bahia, onde os missionários doutrinam os Índios desde o ano de 1838.

Boqueirão. Pequena ilha circular aprazível, povoada de palmeiras, ao pé da ilha do Governador na parte que respeita ao norte, na baía de Niterói.

Boqueirão do Taquari. Deu-se este nome a uma malha de verdura de perto de dez léguas no lugar onde o rio Taquari sai de seu leito: começa vinte e cinco léguas abaixo da povoação de Pouso Alegre e fenece perto do Paraguai, onde o Taquari vem desaguar. É esta malha de verdura uma vasta planície alagada anualmente, onde o rio se divide ao infinito. Dá-se nela o arroz com bem pouco cultivo.

Borba.²¹⁶ Pobre e antiga vila da província do Pará, bem que vantajosamente situada numa eminência da margem direita do rio Madeira, vinte e quatro léguas acima de sua embocadura no Amazonas. Foi ao princípio uma aldeia por nome Jamari, fundada por diversas tribos índias na margem do rio de seu nome, as quais se viram obrigadas a abandoná-la para se subtraírem às perseguições da nação chamada Muras. Em 1756, quando esta povoação teve o

título de vila, estavam os Índios estabelecidos num território então apelidado Trocano. Passado tempo, para facilitar a navegação do Madeira, passaram-se os habitantes para o lugar onde ora jaz a vila de Borba em quatro graus, vinte e três minutos de latitude, defronte da ilha das Onças, e cinco léguas abaixo do confluente dum pequeno rio chamado Vantas. Sua igreja paroquial é dedicada a Santo Antônio. É esta vila o único estabelecimento de primeira utilidade para a navegação do Madeira e um pouso para as canoas, que gastam trinta dias a subir pelo Amazonas desde a cidade de Belém à da Madeira. Além dos gêneros de seu consumo os habitantes desta vila cultivam tabaco que exportam, e grande quantidade de cacau, e vivem da carne das tartarugas que ali abundam, por ser a de vaca mui rara.

Borba.²¹⁷ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da nova vila de Itabiru. Ali se há posto a justiça de paz da freguesia de Santana dos Ferros.

Borba. Posto militar da província do Espírito Santo, no

²¹⁶ Atual cidade de Borba/AM. (N/E)

²¹⁷ Atual distrito de Borba Gato, município de Ferros/MG. (N/E)

território paroquial de Viana, que tem a seu cargo a segurança da estrada que vai da cidade de Vitória à província de Minas Gerais, e a repressão das excursões dos Botocudos, não se querendo estes civilizar.

Borborema. Grande cordilheira que corre pelo norte do Brasil, como a da Mantiqueira pelo centro dele. A alta serra Araripe, donde se avistam as províncias das Alagoas, da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco, é o centro donde partem os três grandes braços desta cordilheira: um ao sul tem por serra principal a de Cairiri, e fenece no rio de São Francisco; outro conhecido com o nome de Borborema se dirige para o nordeste, caminhando em direitura para o mar pela província do Rio Grande do Norte, e o terceiro mais ocidental caminha também para o mar como o precedente e com o nome de Hibiapaba separa as províncias de Piauí e de Ceará. Subdivide-se depois esta cordilheira em uma infinidade de braços de diversa elevação e nomes. Vários cortes ou abras facilitam o trânsito dum país para outro, e em toda a sua

extensão respira-se um ar puro e sadio. Em geral acha-se povoada de imensas matas, cuja vegetação é dum vigor extraordinário; porém algumas não admitem cultivo, já por sua grande elevação e baixa temperatura, já por serem de todo descalvadas, e destituídas de terra vegetal.

Borda do Campo.²¹⁸ Povoação da província de Minas Gerais perto do nascente do rio das Mortes. Nela doutinaram os jesuítas até a extinção desta ordem os Índios Puris. Esta aldeia se acha presentemente confundida com a cidade de Barbacena.

Boritama. Serra da província do Ceará, retalhada de vales por onde correm vários ribeiros favoráveis à lavra e cultivo das canas-de-açúcar, e outros gêneros do país, ao passo que em suas encostas vegetam os algodoeiros. Quando se costeia a província do Ceará, avista-se do mar esta serra por entre a de Hibiapaba e o monte Meruoca, que se acha por detrás da embocadura do rio *Jericoacoara*.

Boriti.²¹⁹ Freguesia da província de Minas Gerais nas

margens do rio Urucaia, a um dia de navegação do rio de São Francisco. Vem-lhe este nome duma espécie de palmeiras que abundavam no lugar onde se assentou a povoação. Sua igreja é dedicada a N. S. da Rocha, e foi criada paróquia por uma resolução de 30 de maio de 1813. Sua população é de mil almas.

Boriti.²²⁰ Aldeia da província e comarca do Mato Grosso nas margens do rio Diamantino. Seus habitantes são Índios, cultivadores uns, e outros mineiros.

Bororônia. Comarca da antiga divisão da província de Mato Grosso, que compreendia as terras situadas ao sueste, povoadas pelos Índios Bororós, entre o distrito de Cuiabá e a província de Goiás, confrontando ao sul com a Camapuânia, e estendendo-se para o norte por espaço de cento e vinte léguas de comprimento, e obra de metade de largura, se bem que com grandes diferenças.

Bororós. Nação de Índios poderosa, e inimiga da dos Caiapós: residia ao oeste dos

²¹⁸ Atual cidade de Barbacena/MG. (N/E)

²¹⁹ Atual cidade de Buritis/MG. (N/E)

²²⁰ Aldeia de Buriti, município de Nova Nazaré/MT. (N/E)

Borracha

nascentes do Araguaia e ao sul da comarca de Cuiabá, dominando sobre um vasto território. Foram estes Índios submetidos no meado do século XVII, pelo Paulista Antônio Pires de Campos, que formou para eles as aldeias de Santana, de Lonhosa e de Pedras ao sul da província de Goiás, para servir-se deles contra os Caiapós que roubavam e assassinavam os passageiros, e deitavam fogo nos estabelecimentos que existiam nas províncias de Mato Grosso e de Goiás. Uma das grandes tribos dos Bororós teve por cabo um mancebo Paulista chamado também Antônio Pires de Campos, o qual, tendo sido ferido numa frechada num combate com os Caiapós, foi tratado pelos da sua tribo, que não o podendo curar, o conduziram a uma aldeia de Minas Gerais onde morreu, com grande sentimento dos Índios que o choraram, como se fora um pai, o que dizem contribuíra grandemente à sua civilização.

Borracha. Serra mui alta da província da Bahia, junto ao rio de São Francisco, e do salto ou cachoeira de Paulo Afonso. Há nela uma mina de prata e outra de cobre muito

abundante, que ainda não foram cavadas. Dá-se também por vezes a esta serra o nome de Muribeca.

Borrachudo. Lugar pouco importante da província da Bahia, na margem esquerda do rio de São Francisco, acima do ribeiro de que tem o nome. Passa por esta povoação a estrada que vai de Pitangui a Paracatu.

Borrachudo. Ribeiro da província de Minas Gerais, corre do oeste para leste nas montanhas do distrito de Paracatu, rega a povoação do seu nome, e lança-se pela margem esquerda no rio de São Francisco.

Bosaraí. Rio ao norte da província do Rio de Janeiro, no distrito de Cantagalo por onde discorre, dirigindo-se de oeste a nordeste; passa pela aldeia de Santa Rita onde começa a admitir canoas por espaço de seis léguas até a margem direita do rio Paraíba, onde se lança abaixo do lugar onde com este rio se ajunta o Pomba pela margem oposta e acima da aldeia das Pedras.

Botafogo.²²¹ Povoação considerável do distrito neutro do

Rio de Janeiro, pertencente à freguesia de São João da Lagoa. Em 1820 não era este lugar outra coisa mais que um certo número de pequenas chácaras no meio dum areal defronte da baía de Botafogo. Desapareceram a maior parte destas casinholas, e foram substituídas por magníficas casas de campo que formam um vasto meio círculo sobre a margem setentrional da baía. Em 1840 e 1841 decorou-se esta povoação dum bela estrada, e do lado oposto da baía fez-se um cais com seu competente parapeito e passeio.

Botafogo. Linda baía, uma légua ao sudoeste da cidade do Rio de Janeiro, profunda e redonda, comunicando com a de Niterói por uma larga abertura entre a montanha onde fenece a praia de Flamengo, e o célebre rochedo granítico intitulado Pão de Açúcar. A abertura ou boca desta baía fica quase a leste; cerca-a da parte do norte a povoação de Botafogo e da parte do oeste as de São Clemente e de Brocó. A caserna da Praia Vermelha, onde se exercem as recrutas de infantaria e artilharia, tem a entrada sobre a margem meridional dela.

²²¹ Atual bairro de Botafogo, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Botais. Serra ao norte da província do Rio de Janeiro, e uma das ramificações da cordilheira dos Órgãos que se estende para a margem direita do rio Paraíba. Por ela passa estrada chamada da *Palícia* que vai para a província de Minas Gerais.

Botarité. Serra da província do Ceará. (V. *Baturité*, serra.)

Botiagu. Povoação da província da Bahia, com uma capela da invocação de N. S. da Boa Viagem, dependente da igreja paroquial de Vilanova do Príncipe, e uma escola de primeiras letras criada por lei da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Botocudos. Índios que dominam na cordilheira habitada por seus maiores os Aimorés, de cuja barbaridade ainda guardam sementes. Quando os Portugueses começaram a povoar o Brasil tiveram de guerrear com os ferozes Aimorés, a quem dizem que deram o nome de Botocudos, de *boto*, e *codea*, por isso que os Índios desta nação eram rolhos, e traziam o corpo coberto duma códea de goma copal com que se pintavam

para se preservarem das ferretoadas dos mosquitos e outros insetos. Os Botocudos são mais brancos que a maior parte dos demais Índios do Brasil, porém, como seus ascendentes os Aimorés, costumam pintar a cara e mais partes do corpo. Dividem-se em várias tribos ou cabildas cada uma com seu cabo, que tem um poder absoluto sobre os seus nos negócios de maior importância como são a caça, a guerra e a escolha de uma nova morada; mas na aldeia limita-se toda a sua autoridade a compor as desavenças que são entre eles mui frequentes. Este lugar não é hereditário, escolhe-se para ele o mais bravo, e por vezes o mais atrevido se proclama por chefe da tribo, sobretudo se por ventura o que os comandava vem a morrer. Os Botocudos têm as espáduas largas, o pescoço curto, o nariz chato, as maçãs do rosto proeminentes, os pés pequenos, as extremidades inferiores delgadas, mas nervosas. Furam as orelhas, e o beijo inferior, e enfiam no buraco uma rodela de pau. São vingativos e traidores, posto que tenham um exterior alegre e um ar de franqueza. Não têm espécie alguma de

culto; consideram o sol como uma divindade a que chamam Taru, e reverenciam ainda mais a lua, quando com sua luz os protege em suas excursões noturnas. Amam e imitam as cerimônias religiosas dos cristãos, quanto isto pode compadecer-se com a vida nômade que fazem, assim que são de todos os Índios os que mais custam a civilizar-se.

Botuverava.²²² Aldeia da província de São Paulo, no distrito de Curitiba, com uma capela. Seu termo tinha em 1842 obra de dous mil habitantes.

Bourbon. Forte espanhol feito em 1792, na margem direita do Paraguai, no monte Miguel José, um dos que são chamados Fechos dos Morros, em vinte e um graus e vinte e dous segundos de latitude.

Bracarena.²²³ Serra e aldeia da província de Minas Gerais, dependente da freguesia de São Miguel de Piracicaba.

Braço. Lagoa estreita e comprida da província da Bahia, entre a cordilheira dos Aimorés e o mar, ao sul do rio Jequitinhonha. Verte o excesso

²²² Atual cidade de Botuverá/SC. (N/E)

²²³ Santuário da Serra da Piedade, município de Caeté/MG. (N/E)

Braço

de suas águas no mar, por meio do ribeiro Mugiquiçaba. Deu-se-lhe este nome porque tem a forma dum braço algum tanto curvado.

Braço. Ribeiro da província de Santa Catarina, na comarca do Norte ou de São Francisco; nasce da cordilheira, e é navegável para as canoas obra de duas léguas, e vai lançar-se na lagoa da Cruz.

Bragança. Comarca da província do Pará, criada em virtude da lei provincial nº 17 de 11 de setembro de 1839 a qual fez escolha da vila de Bragança por cabeça dela, formando-a com os distritos de Bragança, Gurupi e Turiaçu, desanexados da comarca do Grão Pará; porém outra lei de 23 de setembro do ano seguinte de 1840 aprovou a proposição do presidente da província de a compor tão somente do distrito de Bragança e de Turiaçu. Sua população é avaliada em nove mil, setecentos e oitenta e duas almas.

Bragança.²²⁴ Antiga vila da província do Pará, e cabeça da comarca de seu nome. Foi ao princípio uma aldeia de Índios

da tribo Taramambazes, na margem esquerda do rio Caité, a seis léguas do mar, onde os missionários exerceram os seus deveres evangélicos. Filipe IV da Espanha fez doação desta aldeia e de seu vasto distrito a José de Melo e Souza, mas uns e outros voltaram aos domínios da coroa em consequência da evacuação do Pará pelos Holandeses. O duque de Bragança subindo ao trono de seus avós conferiu à aldeia de Caité o título de vila com o nome de Bragança. Jaz esta vila a um grau e trinta minutos de latitude meridional, trinta léguas a és-nordeste da cidade de Belém. Uma lei provincial de 1839 fez eleição desta vila para ser cabeça duma nova comarca, e em 1840 o presidente da província solicitou a assembleia provincial de assinar a quantia necessária para o reparo da cadeia, da igreja paroquial e da ponte que estabelece a comunicação entre as duas partes de que a vila se compõe. Sua igreja paroquial é dedicada a São João Batista; há várias outras com diversas invocações. Os Índios que moram no distrito de Bragança passam por serem ótimos nadadores; eles cultivam uni-

camente os víveres de que usam, e se aplicam à pesca; o restante da povoação se ocupa do comércio e das artes liberais e em 1840 era avaliada em seis mil almas. Na embocadura do rio Caité as águas se elevam nas marés a dez ou doze pés, o que facilita poderem as navegações ir até a vila, que serve de certo modo de escala entre a cidade de São Luiz e a de Belém.

Bragança.²²⁵ Antiga vila da província de São Paulo, vinte e quatro léguas pouco mais ou menos ao nordeste da cidade de São Paulo, na estrada que vai desta capital à província de Minas Gerais, aos vinte e três graus e dous minutos de latitude, e quarenta e oito graus e trinta e seis minutos de longitude. Esta vila foi fundada em 1797 pelo governador Antônio Manoel de Melo Castro e Mendonça. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição. O distrito de Bragança confina ao oeste com o de Atibaia: posto que em terras chãs é fértil e sadio; fazem-se nele criações de gado e sobretudo de porcos que abastecem os mercados do Rio de Janeiro. Há também

²²⁴ Atual cidade de Bragança/PA. (N/E)

²²⁵ Atual cidade de Bragança Paulista/SP. (N/E)

vários engenhos, e sua população é avaliada em dez mil habitantes.

Bragança. Povoação da província do Espírito Santo, na estrada ainda pouco frequentada, que comunica com a província de Minas Gerais, oito léguas a oeste da nova vila de Viana. Foi ao princípio um simples posto militar estabelecido em 1810, entre os rios Pardo e Santa Maria, para rebater as agressões dos Botocudos da cordilheira dos Aimorés; alguns colonos tendo-se vindo por debaixo da proteção deste posto, ali edificaram uma capela que ainda hoje depende da freguesia da vila de Viana.

Bragança. Forte brasileiro, sobre o rio Guaporé, na província de Mato Grosso. (V. *Príncipe da Beira*.)

Branca. Serra da província de Minas Gerais; ela se estende do sul ao norte, até a província da Bahia. Abunda em diamantes cuja exploração pertence ao governo.

Branca. Serra da província da Bahia, na comarca da Jacobina. Numa das suas eminências se acha um olho d'água nativa.

Branca. Pequena ilha da província do Rio de Janeiro, de-

frontera da embocadura do rio Una, no distrito de Cabo Frio: os navios se acham ao abrigo dos ventos, entre ela e o continente.

Branco. Cabo da província de Paraíba, em sete graus, oito minutos e vinte e dous segundos de latitude, e trinta e sete graus, oito minutos e vinte segundos de longitude oeste, o qual não é bem aparente senão da parte do norte. A duas milhas da terra, acham-se sete braças d'água. A única ancoragem que ali se acha fica três léguas ao sul, numa pequena angra abaixo da capela da invocação de N. S. da Rocha, e ainda assim não se pode ali portar senão com tempo bom.

Branco. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira, a que os Índios davam o nome de Quecuene, e que os Portugueses chamaram Branco em razão da brancura de suas águas em contraposição com as do rio Negro, entre a povoação de Carvoeira e a vila de Moura. Nasce este rio da encosta ocidental da serra Paracaíma, engrossa-se durante um curso de mais de cem léguas com as águas de vários rios que nele se lançam por uma e outra margem, e junta-se com o rio Negro, pela margem esquerda, por quatro bocas desiguais,

Branco

separadas umas das outras por ilhas. Suas margens são frequentadas pelos Índios das tribos Manaus, Agarani, e outras. Num espaço de perto de setenta léguas, se acham as freguesias, sem igrejas, nem curas, de Santa Maria, N. S. do Carmo, São Filipe, Santo Antônio, Santa Bárbara, e o forte São Joaquim, último estabelecimento brasileiro, que se diz estar a trezentas e setenta léguas da cidade de Belém, e a cento e trinta da vila do Rio Negro. Numa propriedade nacional, sobre a margem deste rio, cria-se grande quantidade de gado. O governo provincial enviou em 1839 um missionário para pregar aos Índios e doutriná-los na religião.

Branco. Rio da província da Bahia, na comarca de São Francisco, navegável entre o seu confluente e o lugar apelidado Três Barras, onde os ribeiros Janeiro e Riachão se lhe ajuntam defronte um do outro. Une-se este rio com o rio Grande, trinta e quatro léguas acima do confluente deste último com o de São Francisco, e dez léguas acima da vila de Campo Largo.

Branco. Rio ao sul da província de Mato Grosso, tributário do Paraguai. (V. *Correntes*.)

Brandão

Brandão. Aldeia da freguesia de N. S. da Rocha de França, na província de Paraíba, com um engenho.

Branquinho. Aldeia da província de Paraíba, no distrito de Vilanova da Imperatriz.

Brasil. Vasta região da América meridional, pela maior parte debaixo do trópico de Capricórnio, entre trinta e sete e sessenta e oito graus de longitude oeste. Estende-se da extremidade norte do Pará, à extremidade sul da província de São Pedro do Rio Grande, entre a linha equinocial e o trigésimo terceiro grau de latitude sul. Ao norte da linha, a antiga Guiana portuguesa constitui uma comarca da província do Pará, com o nome de Baixo Amazonas, que se trata de criar província. O Brasil tem por limites, ao norte, o Oceano Atlântico, as Guianas francesa e inglesa e a república de Colômbia; ao oeste, o Peru, a Bolívia, o Chile e o Estado independente de Entre Rios²²⁶; ao sul, o Estado Oriental e o oceano Austral; e a leste, o mesmo oceano e o Equinocial. Sabido é que o descobrimento deste país foi um efeito do acaso, e

que Pedro Álvares Cabral, tendo dobrado o cabo de Boa Esperança fazendo viagem para a Índia, fora ali lançado por uma tempestade em 1500. Desde este momento ficou essa vasta região pertencendo à coroa portuguesa, se bem que foi pouco conhecida antes do ano de 1534, em que D. João a repartiu em diversas capitanias de que fez doação a diversos particulares que se obrigaram a povoá-las e cultivá-las. Porém o naufrágio duns, as frequentes incursões dos Índios, e vários outros acidentes que experimentaram os donatários, afinal a morte destes foram outros tantos obstáculos que se opuseram à prosperidade destes diversos Estados. Martim Afonso de Souza foi o único que teve a felicidade de ser testemunha da prosperidade de sua capitania, a que deu o nome de São Vicente, por ali haver lançado ferro em 22 de janeiro, dia em que a igreja celebra a memória de São Vicente mártir. O restante da costa do Brasil foi desde este tempo infestado por um sem número de aventureiros de diversas nações que vinham resgatar e traficar com os Índios, e carregavam os navios

de pau-brasil chamado pelos naturais ibirapitanga. Desejando El-Rei D. João III dar uma certa consistência àquelas capitanias, criou o título de governador general, e o conferiu a Tomé de Souza, a quem os donatários foram sujeitos, e que em 1549 fundou a cidade de São Salvador da Bahia. Morto El-Rei D. Sebastião em África, Filipe II tendo-se apoderado de Portugal por falecimento do Cardeal Rei, se tornou também de fato senhor do Brasil. Em 1624 os Holandeses invadiram a maior parte deste país, porém Filipe IV tendo recobrado a cidade da Bahia, despachou a D. Jorge Mascarenhas, marquês de Montalvão, com o título de vice-rei; o qual foi deposto pouco tempo depois, quando os Portugueses, sacudindo o jugo dos Espanhóis, puseram no trono de seus avós o Duque de Bragança com o nome de João IV. Nesta época várias concessões haviam entrado naturalmente nos domínios da coroa, outras foram mais tarde compradas aos herdeiros dos primeiros donatários, e a colônia, inteiramente restaurada em 1654, foi administrada por governa-

²²⁶ O autor refere-se à República de Entre Rios, estado independente que teve curta existência (1821), vindo a se tornar posteriormente a província argentina de Entre Rios. (N/E)

dores gerais de província, e um vice-rei na Bahia, ao qual eram sujeitos os primeiros, conservando todavia a faculdade de comunicarem diretamente com o soberano. Era então bem pouco conhecido o sul do Brasil, e o interior ainda menos. Assim que todo o marítimo tornou a ser dividido em cinco governos, como antes da ocupação holandesa: Pará e Maranhão na costa setentrional, e Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro na oriental, e o chefe da dinastia de Bragança houve por bem de conferir à colônia o título honroso de principado, ordenando que dali em diante o herdeiro presuntivo da coroa tomaria o título de príncipe do Brasil; apesar desta honra e do governo ilustrado de muitos dos governadores, o sistema colonial geralmente adotado nessa época por todas as potências da Europa, unicamente favorável às metrópoles, devia de necessidade retardar o progresso da civilização e prosperidade do Brasil. As proibições e privilégios continuaram a subsistir. Desde o ano de 1503, o ibi-rapitanga, ou pau-brasil, foi declarado contrato real. Em 1682, várias companhias arrendaram ao governo o comércio exclusivo do Brasil, e o direito de ali levarem os objetos da Europa e da África.

Uma lei proibiu a saída dos gêneros do Brasil em navios estrangeiros, como se observava nas colônias das demais nações. Uma ordem geral de 7 de fevereiro de 1701 proibiu o comércio de permutação entre as províncias do meio dia e as do norte, e a província da Bahia se viu na impossibilidade de prover-se do necessário na de Minas, sua vizinha, por isso que dependia de governo do Rio de Janeiro. Uma nova ordem de 14 de novembro de 1715 proibiu o estabelecimento de novas destilações de melação, em razão de que aquela fabricação empечeria à venda no Brasil das aguardentes da metrópole. Estava tanto em voga este sistema proibitivo, que esta mesma ordem foi reiterada em 1735, e que em 12 de junho de 1742 se defendeu o estabelecimento de novos engenhos do distrito de Minas Novas, que então se começava a povoar. Enfim um alvará de 5 de janeiro de 1785 ordenou a supressão no Brasil de teares, não sendo lícito fabricar, senão o pano grosseiro de algodão de que se vestiam os escravos. Sem embargo de tantos estorvos a prosperidade do país e sua população iam em aumento, faziam-se quase todos os dias novos descobrimentos no interior, e os cinco governos foram

sucessivamente desmembrados para se formarem outros. Os da Bahia e Pará experimentaram pouca mudança, mas o do Maranhão perdeu em 1758 o Piauí, e o Ceará em 1799. O governo de Pernambuco foi ainda muito mais mutilado que o do Maranhão, para formar em 1799 a província de Paraíba, em 1818 a das Alagoas, e em 1820 a do Rio Grande do Norte. O quinto governo, a saber, o do Rio de Janeiro, viu desligar-se de sua administração a província de São Paulo, criada em 1710, a de Minas Gerais dez anos depois, a de Mato Grosso em 1748, a de Goiás em 1749, e enfim as províncias de São Pedro do Rio Grande e de Santa Catarina em 1820. Todas estas províncias se repartiram em comarcas presididas por ouvidores, independentes dos governadores em tudo quanto dizia respeito à justiça, porém sujeitas às suas ordens no concernente à administração civil. Oficiais de diversas patentes comandavam nas comarcas, e recebiam ordens do governador daquela província em tudo quanto dizia respeito à milícia, e transmitiam as suas aos que lhes eram subordinados. Cada comarca se dividia em termos ou distritos municipais com seu juiz de fora que era o presidente

Brasil

da câmara, e esta era nomeada pelas pessoas de maior gradação do termo. Foi talvez essa a origem da preponderância de certas famílias que tinham, como em vínculo de morgado, o direito de nomear, e exercer os primeiros empregos civis, e pelo tempo adiante se apoderaram dos judiciais e militares, e considerando-se como superiores às leis se opuseram por vezes às determinações dos governadores. Com a chegada do príncipe regente em 1808, foram todos os portos do Brasil franqueados às nações estrangeiras, e uma carta régia de 2 de dezembro de 1815 elevou o principado do Brasil à dignidade e categoria de Reino. Falecendo em 1816 a Rainha D. Maria I, o criador da primeira monarquia hereditária da América, vendo-se a ponto de perder na Europa o trono de seus avós, se transferiu a Lisboa em 1821, deixando no Brasil D. Pedro seu filho primogênito em qualidade de príncipe regente; porém a torrente dos acontecimentos que sobrevieram tanto em Portugal, como no Brasil, obrigaram este príncipe a separar-se de Portugal, e a erigir o Brasil em Império independente, e foi aclamado Imperador na cidade do Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1822, e depois de haver

dado uma Constituição ao Império, foi reconhecido nesta nova qualidade por El-Rei seu pai, por um tratado celebrado em 1825. Desde então o Brasil viu seus portos coalhados de navios mercantes de todas as nações; sua agricultura e indústria começaram a desenvolver-se; o café, açúcar e algodão tendo uma extração rápida, e o preço destes gêneros indo gradualmente subindo, os proprietários e agricultores trataram de aumentar a produção, ao passo que o luxo se foi introduzindo nas cidades, nas vilas e até nas propriedades rurais no meio dos campos e das matas. Nos últimos anos do século passado apenas havia no Brasil dous milhões de habitantes entre livres e escravos. Com a chegada da família real aumentou-se algum tanto a povoação, especialmente nas províncias, onde ela era já considerável. Os Ingleses aproveitaram-se desta ocasião para estabelecer nas diversas cidades do Brasil várias casas de comércio; os emigrados políticos franceses que ao princípio que se retiravam em bandos para os Estados Unidos, começaram em 1816 a se encaminhar para o Brasil; militares instruídos, artistas, negociantes e um grande número de oficiais mecânicos foram ali exercer cada um a

sua indústria, e estender o comércio de sua pátria, estabelecendo-se num país de que só os Ingleses havia oito anos colhiam todo o fruto. Colônias suíças e alemãs foram para ali transportadas à custa do governo com enormíssimas despesas, e estabelecidas em diversas províncias marítimas; enfim a emigração de Italianos, e de outros muitos estrangeiros foram novas causas que deram um impulso maravilhoso ao aumento súbito da população do Brasil, avaliada atualmente em mais de quatro milhões de habitantes. O comércio do Brasil é considerável nos portos do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, donde se exporta uma quantidade considerável de café, açúcar e algodão. Os portos do Pará e do Maranhão fornecem aos estrangeiros plantas medicinais, bálsamos, resinas, madeiras de tinturaria e de marcenaria, e uma grande quantidade de algodão em bruto. O comércio de couros secos faz-se em todos os portos do Brasil, e com especialidade na província de São Pedro do Rio Grande, donde se exporta também todos os anos para as províncias marítimas do Império, e até para as Antilhas, uma quantidade prodigiosa de carne seca. Prosperava o Brasil tanto em seu comércio, como em sua

administração civil, e o Imperador D. Pedro I via com prazer florescer um estado que lhe devia a existência, e tendo enviuvado da Imperatriz Leopoldina, dous anos depois contraiu um novo casamento com a princesa Amélia, filha do príncipe Eugênio de Beauharnais; mas nesta época grassavam mais do que nunca no Brasil as ideias republicanas e oligárquicas. Havia já algum tempo que em todas as províncias grande parte dos oficiais de diversas patentes viviam num estado de indisciplina que nem o Imperador, nem as leis podiam reformar; juntaram-se com eles os descontentes, e fizeram sub-repticiamente levantar-se o povo da capital. Os juizes de paz se puseram à testa dos bandos para comprimir, senão para dirigir o movimento revolucionário, e enfim fizeram ao soberano propostas absolutamente contrárias ao espírito da constituição. Farto de desgostos o Imperador retirou-se inopinadamente durante a noite em companhia da Imperatriz, para bordo dum navio de guerra inglês onde abdicou em favor de seu filho no dia 7 de abril de 1831, logo ao romper da manhã. Assombrados os oficiais superiores,

e os juizes de paz de tão súbita resolução, se retiraram para suas casas, arrependidos do modo por que se tinham havido, e a plebe que vociferava havia alguns dias no campo da Aclamação se dispersou em silêncio durante a noite, ao passo que os principais empregados, receosos das consequências da abdicação, se determinaram na manhã seguinte a proclamar Imperador constitucional o jovem príncipe que não tinha nesse tempo senão cinco anos de idade, nomeando-lhe provisoriamente uma regência composta de três membros que foi pouco tempo depois substituída por outra do mesmo número de pessoas, mas nomeada pelo corpo legislativo. Em virtude da lei das reformas constitucionais de 9 de agosto de 1834, um regente único governou o Brasil até que um decreto de ambas as câmaras, de 29 de julho de 1841, declarou a maioridade do Imperador que não havia ainda completado 16 anos. Durante os dez anos de sua menoridade, as províncias do Brasil foram agitadas por facções que bradavam contra a tirania dos regentes e dos empregados superiores do governo. Esperava-se que a

emancipação do jovem Imperador apagaria todo o fogo das civis discórdias, porém aconteceu o contrário. A guerra civil, que assolava a província de São Pedro do Rio Grande havia seis anos, continuou, e parecia dever autorizar as demais províncias a imitarem o seu exemplo; porém felizmente que a assembleia extraordinária da nova legislação, congregada em janeiro de 1843, se abriu debaixo de melhores auspícios, e é de esperar que de acordo com o governo promulgará leis bem entendidas e enérgicas que restituirão este vasto Império à paz, que tão necessária é ao bem dos povos e à prosperidade do Estado.

Brava. Lagoa do distrito de Cabo Frio, que pode ter uma légua de largura e um pouco mais de comprimento. A navegação deste lago é por extremo perigosa por causa das montanhas que a cercam, em cujas abras por vezes sopram com excessiva violência os ventos.

Brejo.²²⁷ Vila da província do Maranhão, e cabeça da comarca de seu nome, assentada numa pequena eminência a meia légua da margem esquer-

²²⁷ Atual cidade de Brejo/MA. (N/E)

Brejo

da do rio e cinquenta e cinco léguas ao sueste da cidade de São Luiz. Era nos tempos antigos a aldeia Anapuru, onde os Índios assim chamados foram doutrinados, e civilizados pelos missionários antes da ocupação das diversas capitânicas do Brasil pelos Holandeses. Edificou-se ali uma igreja da invocação de São Bernardo. Como esta povoação estivesse muito remota das cidades da província, criou-se nela uma justiça presidial e pouco tempo depois teve a sua igreja o título de freguesia. No princípio do século presente, residindo a família real no Rio de Janeiro, um alvará de 29 de janeiro de 1820 conferiu à povoação de Anapuru o título e prerogativas de vila debaixo do nome de *São Bernardo do Brejo*, assinando-lhe por patrimônio uma légua quadrada de terreno, e desmembrando uma grande parte do distrito de Caxias para formar o seu. A revolução de 1839 foi fatal a esta cidade que foi o teatro duma luta encarnizada entre os rebeldes e as tropas imperiais. A assembleia provincial, criando a comarca de Brejo, desmembrou as de Itapicuru e de Caxias, assinando-lhe os distritos de

Tutóia e de Brejo, e escolheu esta vila por cabeça da comarca. O distrito da vila de Brejo é sujeito a ser alagado pelas cheias do Parnaíba, e pelas do rio Moni. Sua população é avaliada em três mil habitantes.

Brejo. Nova comarca da província do Maranhão, criada pela assembleia provincial que lhe assinalou por cabeça a vila de São Bernardo do Brejo. Ela se compõe do distrito desta vila e do de Tutóia, e se acha cercada ao norte pelo mar, ao nascente pelo Parnaíba, e ao ocidente pelo rio Moni.

Brejo. Comarca interior da província de Pernambuco, criada antes de 1834 pela assembleia geral, que lhe destinou por cabeça a antiga povoação de Madre de Deus, elevada à dignidade de vila com o nome de *Brejo da Madre de Deus*.

Brejo da Alagoa. Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito e ao norte da Vilanova da Rainha, ou da Campina Grande. Sua igreja é dedicada a Santana. A estrada real que estabelece a comunicação das províncias do norte com a cidade do Recife

passa por esta povoação, cujas terras são tidas pelas melhores do distrito.

Brejo da Areia.²²⁸ Vila da província de Paraíba e cabeça da comarca que tem o mesmo nome. Está situada na serra Brejo de Areia, uma das ramificações orientais da cordilheira Borborema, trinta e seis léguas a oés-noroeste da vila de Montemor. Era ao princípio uma povoação pertencente à freguesia de São Pedro e São Paulo de Manganguape, que se foi progressivamente aumentando com a frequentação da estrada que vai das províncias do norte para a cidade do Recife. Sua igreja, da invocação de N. S. da Conceição, foi criada paróquia em 1813, e um alvará de 18 de maio de 1815 lhe conferiu o título de Vila Real, conservando-lhe o seu antigo nome. Porém como os moradores não tivessem dado princípio à fábrica dos edifícios municipais que as leis exigem, não foi solenemente declarada por tal pelo ouvidor Álvares Pereira Ribeiro Cirne, senão em 30 de agosto daquele mesmo ano. Quando em 1833 a província de Paraíba foi dividida em três comarcas, a vila de Brejo

²²⁸ Atual cidade de Areia/PB. (N/E)

Brejo Grande

de Areia foi nomeada por cabeça da comarca do seu nome. Tinha já ela a esse tempo uma escola de primeiras letras de meninos, uma de meninas se lhe ajuntou por decreto da assembleia geral de 20 de junho de 1834. Uma feira de gado, e dos diversos produtos agrícolas da província, que todos os domingos e dias santos se faz nesta vila, lhe dá um certo ar de vida. O distrito dela confina ao norte com o da Vila do Príncipe na província do Rio Grande do Norte, a leste com os de São Miguel e Montemor na província de Paraíba, ao sul com o da vila da Campina Grande e ao oeste com os de Pombal e de Vila Real de São João. As terras são férteis, e seus habitantes, que se avaliam em cinco mil, cultivam os gêneros de seu consumo, e algodão que exportam para as províncias vizinhas. Depois que este distrito foi desmembrado em 1834 para formar o da nova vila da Bananeira, ficou reduzido somente às povoações de Alagoa Grande, Gamelas, Gorariba, Motunga e Pipiratuba.

Brejo da Cruz.²²⁹ Povoação da província de Paraíba. (V. *Taquaritiba*.)

Brejo da Madre de Deus.²³⁰ Nova vila da província de Pernambuco, e cabeça da comarca do Brejo sobre a margem direita do Capibaribe, cinquenta léguas ao oeste da cidade do Recife.

Brejo das Almas. Vasto território mal povoado da província de Minas Gerais ao norte da comarca de Jequitinhonha, entre a serra Gurutuba, e a parte superior do rio Verde, tributário do de São Francisco. É frequentemente alagado, seus habitantes se ocupam da criação de gado.

Brejo do Fagundo.²³¹ Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito e a leste da vila da Campina Grande, outrora Vilanova da Rainha. Sua igreja é da invocação de São João Batista. Seus habitantes cultivam em grande os gêneros do país e em particular o algodão.

Brejo do Salgado.²³² Nova vila da província de Minas Gerais. (V. *Salgado*.)

Brejo do Zacarias.²³³ Povoação da província da Bahia, comarca do Rio de São Francisco, no distrito de Pilão Arcado, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Brejo Grande.²³⁴ Freguesia da província do Ceará, no distrito da vila do Crato, oito léguas ao oeste dela, e antigamente cabeça duma justiça presidial. Sua igreja, dedicada a Santana, foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 26 de abril de 1838, com o nome de Santana do Araripe. Seu termo confronta com o da vila de São Mateus, do ribeiro Quixará até a fazenda do Pilar; a leste com o da freguesia da vila do Crato, cortando pela serra Araripe até o engenho da Serra, tendo por limite o ribeiro Correntino. Uma lei provincial de 5 de dezembro de 1841 ali fez instalar uma justiça, como a que este lugar tinha no tempo do governo d'El-Rei D. João VI.

²²⁹ Atual cidade de Brejo do Cruz/PB. (N/E)

²³⁰ Atual cidade de Brejo da Madre de Deus/PE. (N/E)

²³¹ Atual cidade de Fagundes/PB. (N/E)

²³² Atual cidade de Januária/MG. (N/E)

²³³ Atual povoado de Brejo do Zacarias, município de Pilão Arcado/BA. (N/E)

²³⁴ Atual cidade de Assaré/CE. (N/E)

Brejo Grande

Brejo Grande. Pequena povoação da província da Bahia, comarca de Jacobina, no distrito da vila de Contas, com uma escola de primeiras letras instituída por decreto de 16 de junho de 1832.

Brito. Angra do continente na baía de Santa Catarina, entre a embocadura do rio Massambu ao sul e a do Cubatão da parte do norte. É sobre esta angra cômoda para as embarcações que jaz a povoação conhecida com o nome de freguesia do Rosário.

Brotas.²³⁵ Freguesia da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá, entre o ribeiro Cuxipó-Açu e o sítio chamado Tarumá. Sua igreja, dedicada a N. S. das Brotas, foi criada freguesia por decreto de 26 de agosto de 1833, que desmembrou o território da cidade por fazer o seu, o qual se acha rodeado do rio Cuxipó-Açu, do sítio Tarumá, do ribeiro Cedral, da estrada que se dirige para o ribeiro Metim até defronte do porto da cidade, e da margem esquerda do Cuiabá até o conflúente do ribeiro Cuxipó-Açu.

Brotas. Freguesia da província da Bahia ao norte, e perto da cidade deste nome, com uma escola de primeiras letras para os meninos e outra para as meninas, criadas por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Brumadinho.²³⁶ Pequena povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Caeté, com uma igreja da invocação de São José, filial da de Morro Grande.

Brumado. Ribeiro caudaloso da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, que nasce da serra das Almas, e vai se lançar no Rio de Contas, passando pela vila deste nome.

Brumado.²³⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, quatorze léguas ao oeste da cidade do Ouro Preto. Sua igreja, dedicada à Virgem Maria, foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe deu por filiais as igrejas das povoações de Suaçuí, de Salto, e de Pedra Branca.

Brumado.²³⁸ Pequena povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Velhas, com uma igreja filial da igreja paroquial da Piedade de Paraopeba.

Brun. Fortaleza ao norte, e junto da cidade do Recife, na península arenosa que medeia entre esta cidade e a de Olinda, e entre o mar e o rio Biberibe. Serve de arsenal à província e defende ao mesmo tempo a ancoragem chamada Poço, e a entrada do porto da cidade.

Bu. Serra da província do Ceará, no antigo distrito de Mecejana.

Bugres. Nação índia bárbara e assaz numerosa, que vive no vasto território que medeia entre o rio Tietê, o Uruguai e a cordilheira, donde vem ainda atacar os habitantes das províncias de São Paulo, de Santa Catarina e de São Pedro do Rio Grande. Os Paulistas os combateram antigamente, e os vendiam como escravos. Algumas tribos destes Índios furam o beço inferior como os Botocudos, outras se distinguem pelos cabelos que

²³⁵ Atual cidade de Acorizal/MT. (N/E)

²³⁶ Atual cidade de Brumadinho/MG. (N/E)

²³⁷ Atual cidade de Entre Rios de Minas/MG. (N/E)

²³⁸ Atual distrito de Conceição do Itaguá, município de Brumadinho/MG. (N/E)

cortam em feição de coroa. As casas destes Índios são formadas de estacas, forradas e cobertas com as folhas da palmeira anã a que chamam guaricanga; são compridas, com a porta mui baixa e sempre situada num dos extremos. Cada família acende o seu fogo debaixo do mesmo teto, e os indivíduos que a compõem dormem à roda dele estendidos em esteiras com os pés para o lar. Alguns cultivam mandubis, abóboras, feijão e milho, outros fazem algumas painéis para o seu uso.

Bugres. Pequeno rio da província de Goiás, que nasce da serra que jaz ao pé da povoação de Ouro Fino, e vai juntar-se com o rio Vermelho, quatro léguas acima da cidade de Goiás. Há neste rio uma ponte que dá serventia à estrada do norte desta província.

Bujaru.²³⁹ Antiga freguesia da província do Pará, distrito da cidade de Belém, sobre o rio Guamá cujos moradores são índios civilizados.

Buraco. Forte da cidade do Recife de Pernambuco, na península arenosa que jaz

entre esta cidade e a de Olinda. Acha-se a mil e duzentos metros pouco mais ou menos ao norte da fortaleza Brun, e pouco mais ou menos quatro mil metros ao sul da cidade de Olinda. Defende a passagem para a península, e pode proteger a ancoragem do Poço.

Buranhém. Rio da província da Bahia, primitivamente chamado Cachoeiras, por isso que seu curso se acha interrompido com elas na serra dos Aimorés. Depois da última que tolhe toda espécie de navegação, vogam por este rio as canoas por espaço de sete léguas até o mar. Na margem esquerda de sua embocadura está situada a vila de Porto Seguro, cujo porto não admite navios que demandam mais de dez pés d'água. Chama-se Buranhém do nome de certas árvores de que suas margens abundam.

Buriti.²⁴⁰ Freguesia da província de Minas Gerais, sobre o rio Urucaia, dez léguas acima do lugar onde ele se ajunta com o de São Francisco. É um porto cómodo para grandes barcos. Sua igreja, dedicada a N. S. da Rocha, foi

elevada à categoria de paróquia por uma resolução real de maio de 1815, e um decreto de 28 de junho de 1831 a dotou com uma escola de primeiras letras.

Buriti. Vila da província do Maranhão, distante oito léguas da vila de Brejo, e quase em igual distância da margem esquerda do rio Parnaíba. Sua igreja é dedicada a Santana. Uma escola de primeiras letras ali foi instalada no princípio do ano de 1842. Ela fornece dez eleitores.

Buriti. Pequena povoação da província de Mato Grosso, no distrito da vila Diamantina. Seu território é rico de ouro e de diamantes porém doentio.

Butucaraí. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, também chamado por alguns Curuteí. Nasce das montanhas que ficam ao norte do espaço que medeia entre o rio Pardo, e o Jacuí, corre em direitura ao sul, e depois de haver regado a povoação de N. S. dos Anjos, se ajunta com o Jacuí pela margem esquerda, dez léguas pouco mais ou menos acima do confluente do rio Pardo. Há neste rio

²³⁹ Atual cidade de Bujaru/PA. (N/E)

²⁴⁰ Atual cidade de Buritis/MG. (N/E)

Butucari

uma ponte no passo Fandango, que dá serventia à estrada real que corre da cidade de Porto Alegre à comarca das Missões.

Butucari. Nome duma numerosa tribo de Índios que dominavam nos montes, chamados Campos de Vacaria, ao oriente dos nascentes do Jacuí, e que discorriam pelas margens dos rios Pardo e Butucaraí, onde ainda existem alguns restos deles na povoação de N. S. dos Anjos.

Buumirim. Praia do mar ao norte da boca da baía de Niterói, com algumas casas pertencentes à povoação de Jurujuba.

Búzios. Cabo da província do Rio de Janeiro, aos vinte e dous graus, quarenta e seis minutos e três segundos de latitude, e aos quarenta e quatro graus, dezesseis minutos e oito segundos de longitude oeste. A seis léguas ao nordeste do Cabo Frio se adianta este Cabo para o mar, e forma a ponta meridional duma angra profunda que tem ao norte o cabo de São Tomé.

Búzios. Agregado de três pequenas ilhas da província de São Paulo, duas léguas a leste da parte setentrional da ilha de São Sebastião. A principal

destas ilhas jaz em vinte e três graus, quarenta e quatro minutos e vinte e sete segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, vinte e seis minutos e quatro segundos de longitude oeste.

C

Caã. Tribos indianas cujas aldeias jazem entre os rios Miamaia, Escopil e Igatimi, na província de Mato Grosso. Vivem nas matas para se preservarem dos acometimentos dos Índios cavaleiros apelidados Guaicurus. Arrancham muitas famílias numa só casa; andam metidos numa espécie de saco de pano de algodão furado nos lugares que correspondem à cabeça e braços, e têm por armas arcos e flechas; fuzam-se o beijo inferior, e introduzem no buraco um cilindro duma resina transparente. Cultivam o algodão de que não mister para se vestirem, e certa espécie de mandubi.

Cabaçal. Pequeno rio aurífero da província de Mato Grosso, que se dirige para o sudoeste, e vai se lançar no Paraguai sobre a margem direita, entre o confluente do Sipotuba e Vila Maria. Em sua margem esquerda moram os Índios Bororós, e na direita os Índios civilizados das tribos Puriana, e Aravira.

Cabaceiras.²⁴¹ Nova vila da província de Paraíba. Era primitivamente uma simples povoação do distrito de Vila da Rainha com uma igreja dedicada a N. S. das Cabaças, e uma escola de ensino mútuo, criada por decreto de 13 de outubro de 1831. Um decreto de 29 de abril de 1833 conferiu o título de freguesia a sua igreja que foi desde então dedicada a N. S. da Conceição, e em 1838 ou 39 uma lei da assembleia provincial a elevou à categoria e dignidade de vila qualificando-a de Vila Federal. Compõe-se o seu distrito do seu antigo termo paroquial, o qual é por extremo fértil, e sua povoação se eleva a mil e quinhentos habitantes pela maior parte cultivadores.

Cabaibas. Tribo Índia da província de Mato Grosso, cujas aldeias se acham assentadas nas margens do rio Arinos. Estes Índios ainda não são bem conhecidos.

Cabapuana. Rio, chamado também erradamente Campuã, Reritigbá e Muribeca, o qual nasce da encosta setentrional da serra do Pico, perto do nascente do Muriaré, e

dirigindo-se em voltas em direitura a leste, obra de quinze léguas, serve de limite às províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, antes de se lançar no mar em vinte e um graus, vinte e cinco minutos de latitude, e quarenta e três graus e dezoito minutos de longitude oeste. Navegam nele canoas cousa de oito léguas até as montanhas que formam as raízes da cordilheira. Em sua emboadura que jaz cinco léguas ao norte da do Paraíba, e oferece uma espécie de angra, se acha uma ilha conhecida com o nome de Duarte Lemos com a qual se podem coser os brigues de guerra, por isso que ali encontram sete para oito braças de fundo. Nas margens desta baía existiram muito tempo ruínas duma povoação e de casas fabricadas com pedras trazidas da Europa, das quais se conjectura que Pedro Góis havia ali assentado vivenda em 1540, quando El-Rei D. João III lhe fez doação deste país. Ainda no decurso do ano de 1816 os Botocudos discorriam pelas margens deste rio, e deitavam até o mar guerreando com os negros e brancos, porém em 1820 começaram estes Índios a

²⁴¹ Atual cidade de Cabaceiras/PB. (N/E)

Cabeça

tornarem-se mais conversáveis civilizando-se.

Cabeça. Pequena povoação da província das Alagoas no distrito de Vilanova da Imperatriz.

Cabeceira do Rio Negro. Pequena povoação da província de São Pedro do Rio Grande, assentada entre os nascentes do rio Negro, um dos maiores afluentes do Uruguai.

Cabeceira do Rio Preto. Posto militar junto aos nascentes do rio Preto, ramo principal do Paraíba, para a arrecadação dos direitos de entrada dos gêneros que passam para a província de Minas Gerais, e reprimir o extravio do ouro e dos diamantes.

Cabedelo. Fortaleza da província de Paraíba, na margem direita do rio de que a província tira o nome, a uma légua do mar, em seis graus, cinquenta e sete minutos, cinquenta segundos de latitude, e trinta e sete graus, dez minutos e vinte segundos de longitude oeste. Foi esta fortaleza construída em 1582 antes da fundação da cidade Filipéa. O general holandês Sigismundo Vanscop a tomou de assalto em 19 de dezembro

de 1634, e deu-lhe o nome de Margarida, o restante da província tendo sido em breves dias ocupada pelas tropas da mesma nação. Restaurado o Brasil, tornaram os Portugueses a reconstruí-la, e puseram-lhe o nome de Cabedelo. Domina esta fortaleza toda a costa vizinha que é por extremo baixa, e seu fogo pode cruzar-se com o do forte que fica mais perto do mar na margem oposta, e tem alojamentos para oitocentos homens de presidio. Os navegantes a avistam de longe.

Cabelo Não Tem. Serra da província do Rio Grande do Norte, de que em outros tempos se tirava ouro. Deram-lhe este nome vulgar por ser descalvada, e destituída em seu cumo de toda a verdura.

Cabelos da Velha. Baía da província do Maranhão, assim chamada da alcunha que os Portugueses puseram ao terrível cabeceira dos Índios Tupinambás que dominavam no continente, ao noroeste da ilha do Maranhão. Morreu este valeroso Índio num assalto que deu em 1619 à vila de Belém, rompendo por meio das estacadas na frente de seus guerreiros, que com a morte do cabo se retiraram com precipitação, acidente este que foi uma ventura para os

Portugueses que estavam por momentos a sucumbir em razão da desigualdade do número. Jaz a baía de Cabelos da Velha entre a de Cumá ao sueste, e a de Turivaçu ao noroeste. Duas ilhetas rodeadas de bancos de areia lhe dificultam a entrada. Sua extensão é de duas léguas de fundo e outro tanto de largo; nela deságua o rio Curupuru, e vários ribeiros.

Cabenda. Ribeiro da província de Rio de Janeiro no território da freguesia de Maripocu, tributário do Guan-du-Mirim.

Cabixi. Pequeno rio da província de Mato Grosso, que nasce da serra Parecis, e discorre obra de trinta léguas antes de juntar-se com o Guaporé pela margem direita, duas léguas abaixo do monte chamado das Torres.

Cabo. Nova comarca da província de Pernambuco, criada por lei da assembleia provincial de 5 de maio de 1840. Cerca-a da banda do oriente o Oceano, e tem por cabeça a vila do Cabo Santo Agostinho.

Cabo do Norte. Cabo da Guiana brasileira, ao norte da embocadura do Amazonas, cinquenta léguas ao nordeste da vila de Macapá; nele fenece

da banda de leste o território apelidado Terras dos Coelho, separado do continente pelos rios Aruari e Aruaré que se lançam um no mar, e outro na embocadura do Amazonas. Jaz este cabo um grau, cinquenta e um minutos de latitude norte e trinta e duas léguas marinhas do cabo Magari, ao sul da embocadura do Amazonas.

Cabo Branco. Cabo da província de Paraíba. (V. *Branco*.)

Cabo Frio. Cabo da província do Rio de Janeiro, aos vinte e três graus, um minuto e dezoito segundos de latitude, e quarenta e quatro graus, vinte e três minutos e trinta e quatro segundos de longitude oeste. Uma ilha revestida de arvoredos com dous morros negros parece ali ter sido posta para proteger um promontório anguloso, de que se acha separada por um canal estreito e fundo que vai ter da parte do sul à soberba ancoragem, onde os navios se acham abrigados dos ventos. Esta ilha olhada a leste e a oeste apresenta duas montanhas distintas, sendo a que fica ao sul a mais baixa. Porém vista doutra qualquer

parte, parece uma só montanha cujo bipartido cume se avista a quinze léguas de distância, sendo o tempo sereno. Numa das eminências deste cabo se assentou em 1835 um farol, sendo a posição que lhe assinalou o governo a seguinte: cinquenta e uma milhas a és-nordeste do farol da ilha Rasa, em vinte e dous graus, cinquenta e quatro minutos e dez segundos de latitude, e quarenta e nove graus e dezoito minutos de longitude. Faremos todavia observar que o almirante Roussin no seu *Piloto do Brasil*, a quem tomamos emprestada a posição deste cabo, conta sessenta e cinco milhas e meia do Pão de Açúcar do Rio de Janeiro ao Cabo Frio, e que a indicação dos graus de longitude dada pelo governo brasileiro se não ajusta com os diversos meridianos de Greenwich, de Londres e de Paris. Os navegantes devem reconhecer este cabo para entrarem na baía de Niterói ou do Rio de Janeiro.

Cabo Frio.²⁴² Antiga cidade da província do Rio de Janeiro, cousa de duas léguas ao nor-noroeste do cabo do mesmo nome. A abundância

de pau do Brasil que oferecia esta costa atraiu a ela um sem número de contrabandistas de diversas nações que, pouco tempo depois do descobrimento desta parte da América, acoustando-se nas ilhas vizinhas, vinham ali traficar com os Índios. Era por extremo favorável a este tráfico a soberba angra que jaz entre o continente, e a ilha de Cabo Frio, porém Filipe II, aposando-se de Portugal, mandou ali fundar uma povoação portuguesa, e tendo em 1615 fortificado aquele ponto, nomeou por capitão-mor daquela pequena capitania a Estevão Gomes, que dela havia deitado fora os Holandeses, e destruído uma casa que os Franceses haviam feito numa das ilhas para servir-lhes de feitoria. Desde esse tempo tomou esta povoação o título de cidade, título que nunca lhe foi disputado, tendo por freguesia uma capela da invocação de Santa Helena. A capitania de Gomes e dos que lhe sucederam se estendia ao norte da cidade de Cabo Frio até o rio Macaé, e ao sul até a ponta ou cabo chamado *Ponta Grossa*; porém a câmara municipal se

²⁴² Atual cidade de Cabo Frio/RJ. (N/E)

Cabo Frio

não instalou ali senão passados anos, e no de 1663. O segundo vice-rei do Brasil, em virtude do regulamento dado aos capitães-mores, alargou a jurisdição municipal do Cabo Frio até o rio Paraíba, mas quando D. Pedro II criou duas novas vilas nos campos de Goitacases, a capitania de Cabo Frio voltou outra vez a seus antigos limites, a saber ao rio Macaé. Uma igreja novamente edificada, com maiores dimensões que a de Santa Helena, teve em 1678 o título de freguesia com a invocação de N. S. da Assunção. Nos fins do século passado, como a povoação interior se tivesse por extremo aumentado, o território da freguesia de Cabo Frio foi diminuindo com a criação sucessiva das freguesias de Rio Bonito em 1799, de Araruama neste mesmo ano, e de Inhutrunaíba em 1801. Doze anos depois desmembrou-se do distrito de Cabo Frio tudo quanto jaz ao norte do rio de São João para se formar o da nova vila de Macaé. Um alvará de 20 de maio de 1815 estabeleceu na cidade de Cabo Frio um juiz de fora com jurisdição sobre a nova vila. Por uma lei provincial de 13 de abril de 1835 foi esta cidade convertida em cabeça duma nova comarca do mesmo nome a que ficou pertencendo à vila de Macaé,

ela é também a residência principal duma legião da guarda nacional. Acha-se essa cidade repartida em duas partes desiguais, separadas por um canal entre a lagoa de Araruama, e o mar; uma, pouco considerável, chamada a *Passagem* (V. este nome), e outra, entre o canal e o mar, se compõe de ruas largas porém tortuosas, areadas no andar, cousa que incomoda não pouco as gentes de pé. A maior parte das casas são térreas, e os edifícios mais notáveis que se observam são a casa da câmara e por baixo dela a cadeia, o convento de Santo Antônio, a igreja e freguesia de N. S. de Assunção numa praça de forma triangular, as de São João Batista e de São Bento; na cerca deste convento vê-se uma capela no cimo duma eminência e ao lado dela um telégrafo. Há nesta cidade uma cadeira de latim, outra de filosofia e várias escolas de primeiras letras para os meninos e meninas, e um hospital para os enjeitados que se acha em ruínas antes de ser acabado. Em 1835 assentou-se por ordem do governo sobre uma montanha vizinha um farol que foi logo posto em atividade, e no ano seguinte se ordenou a construção duma ponte de pedra para juntar a cidade ao continente. O

colégio eleitoral desta cidade em 1840 constava de vinte e quatro eleitores, e sua povoação não excede a três mil e quinhentos habitantes, que em razão da insalubridade do clima são sujeitos às sezões. A baía e especialmente o porto de Cabo Frio se acham abrigados dos ventos de todas as partes por ilhas e montanhas assaz altas, e os navios de guerra encontram neles um bom e seguro surgidouro. A angra que fica ao sudoeste da cidade é destinada aos barcos e mais embarcações costeiras, que fazem frequentes viagens ao Rio de Janeiro carregados de café, açúcar e de madeiras de construção, e voltam a Cabo Frio com carne seca, bacalhau, e fazendas. O distrito de Cabo Frio consta do termo de sua freguesia e dos da de São Pedro, de Araruama, de Capivari, Squarema, Inhutrunaíba, e Rio Bonito, e tem vinte e duas léguas de costa, a saber: oito de norte a sul entre o rio de São João e o cabo, e quatorze em linha reta de este a oeste entre o cabo e a Ponta Negra, porém a partir do mar não tem mais de quinze. Da parte de leste e do sul é este distrito cercado pelo Oceano, da do norte confina com os de Macaé, e de Nova Friburgo, da do oeste com os de Itaboraá e de Maricá. O cabo

dos Búzios e o Frio são rodeados dum grande número de ilhetas. O porto da cidade é o mais importante do distrito, o da Armação que fica mais ao norte pode pelo tempo adiante tornar-se também importante; porém na costa do sul os únicos que existem são o de Squarema, onde só entram barcos, e o da Ponta Negra, numa angra ao norte da dita ponta. Vários ribeiros afluentes do rio de São João, e alguns rios de pouco cabedal, como o Bacaxá, e o Capivari, regam o distrito de Cabo Frio onde se acham também os lagos Araruama, Squarema, Inhu-trunaíba e alguns outros de menos vulto. Entre o mar, a cidade, e o lago Araruama acham-se salinas naturais que foram proibidas por cartas régias de 26 de fevereiro de 1690, e 18 de janeiro de 1691, por isso que o governo português entendia favorecer o comércio do sal de suas possessões da Europa. Não obstante as ordens régias, Domingos da Silva Ribeiro, juiz ordinário desta cidade, mandou em 1768 fechar a comunicação entre o lago Araruama e as salinas de

Maçabamba, e no ano seguinte deram as sobreditas salinas em seis meses cinquenta mil alqueires de sal; que tal era a abundância que nelas havia. O anil nasce espontaneamente nas terras chãs deste distrito, e o cultivo deste precioso vegetal mereceu a contemplação do marquês de Lavradio em seu vice-reinado, assim como a da cochonilha. Infelizmente veio a fraude atalhar a prosperidade desta indústria, sendo as únicas que restam a da agricultura dos gêneros ordinários do país, e do corte de madeiras de construção, por isso que o pau-brasil começa a ser raro.

Cabo de Santo Agostinho.²⁴³

Vila da província de Pernambuco, e cabeça da comarca que tem o mesmo nome. Era já uma freguesia no século XVII, quando os Holandeses se apoderaram de Pernambuco. Sua antiguidade, e a bondade de seu porto lhe alcançaram o título de vila que lhe foi conferido por um alvará de 15 de janeiro de 1810. Outro alvará de 27 de julho de 1811 lhe assinalou por distrito as freguesias de

Ipojuca, e de Escada. A vila de Cabo de Santo Agostinho confina ao norte com o cabo de que toma o nome, e jaz quatro léguas ao sul da cidade do Recife. Seu porto é abrigado contra os ventos do sul e sudoeste, e frequentado por barcos que ali vêm carregar açúcar e aguardente para o porto do Recife.

Cabo de Santo Agostinho.

Cabo da província de Pernambuco, quatro léguas e meia ao sul da cidade do Recife. Seu cume jaz em oito graus, vinte minutos e quarenta e um segundos de latitude, e em trinta e sete graus, dezesseis minutos e cinquenta e sete segundos de longitude oeste.

Caboto.²⁴⁴ Povoação de pouca importância da província e distrito da cidade da Bahia, com uma igreja da invocação de São Roque, e uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Cabo Verde.²⁴⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí, entre a serra da Assunção e o

²⁴³ Atual cidade de Cabo de Santo Agostinho/PE. (N/E)

²⁴⁴ Atual distrito de Caboto, município de Candeias/BA. (N/E)

²⁴⁵ Atual cidade de Cabo Verde/MG. (N/E)

Cabrado

rio Pardo, afluente do rio Grande, dezoito léguas ao sueste da vila de Jacuí. Sua igreja é dedicada a N. S. da Assunção e seu território confronta ao oeste com a província de São Paulo. Seus habitantes se ocupam especialmente da criação de gado, e do curtume de couros que se vendem no Rio de Janeiro, também alguns mineram.

Cabrado. Povoação da província de Pernambuco. (V. *Quebrobó*.)

Cabralia. Angra da província da Bahia, no distrito de Porto Seguro, onde Pedro Álvares Cabral foi conduzido pela violência dos ventos em 1500, e onde ele fez arvorar uma cruz com as armas de Portugal, dando ao país o nome de terra de Santa Cruz, e à angra ou baía o de Porto Seguro. Nela deságua o rio Buranhém, e sobre uma eminência ao norte da mesma está assentada a vila de Porto Seguro. Não se acham nesta baía senão onze a doze pés d'água de fundo, bem que em sua boca se encontrem até dezoito.

Cabras. Pequena ilha que jaz defronte da costa do distrito de Parati, na província do Rio de Janeiro.

Cabreúva.²⁴⁶ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Itu. Seu território é excelente para canas-de-açúcar, e café: nos tempos passados lavrava-se nele trigo.

Cabuçu. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Itaboraí, em cujas margens existiu outrora a aldeia que lhe deu este nome. Ele se ajunta com o de Aldeia, afluente do rio Macacu.

Cabuçu. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no território da freguesia de Marapicu. É um dos tributários do rio Guandu no qual se lança pela margem esquerda.

Cabuçu. Ribeiro da província das Alagoas que se ajunta ao Paripueira.

Caburi. Rio da Guiana brasileira. (V. *Cauaburi*.)

Caçapaba.²⁴⁷ Pequena vila da província de São Pedro do Rio

Grande, vinte e cinco léguas ao sudoeste da vila de Rio Pardo, e quarenta pouco mais ou menos oés-sudoeste da cidade de Porto Alegre. Um certo número de Índios junto com alguns Brasileiros se estabeleceram perto dos nascentes do pequeno rio apelidado Santa Bárbara, e edificaram no fim do século passado uma igreja que dedicaram a N. S. da Conceição da Cachoeira. Entre os anos de 1800 a 1815 teve esta igreja o título de freguesia, e como a povoação fosse em aumento, um decreto de 25 de outubro de 1831 lhe conferiu o de vila, assinalando-lhe por distrito o território paroquial de Caçapaba, e o da freguesia de Santa Bárbara que jaz mais ao norte, e pouco tempo depois criou-se nesta vila uma escola de ensino mútuo. O distrito da vila de Caçapaba é limitado ao norte pelo rio Jacuí, ao oeste pelos distritos de Alegrete, e das Missões, ao sul pelo rio Camacua, e a leste pela lagoa dos Patos. Avalia-se em três mil o número de seus habitantes, pela maior parte de origem indiana. O tráfico principal desta povoação consiste na criação de gado, que levam a vender à província de São Paulo.

²⁴⁶ Atual cidade de Cabreúva/SP. (N/E)

²⁴⁷ Atual cidade de Caçapava do Sul/RS. (N/E)

Caçapaba.²⁴⁸ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Taubaté da qual se acha distante quatro léguas. Um decreto de 13 de outubro de 1831 criou nesta freguesia uma escola de primeiras letras para meninos. Seu território desanexado do de Taubaté é excelente para o cultivo do tabaco, e milho, e seus habitantes criam um grande número de porcos, e galinhas que levam a vender às cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. A igreja paroquial de Caçapaba é dedicada a N. S. da Ajuda.

Cacerubu. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro. Nasce na serra de Sambé, serve de limite às freguesias de Itaboraí, de Rio Bonito e de Santo Antônio de Sá, engrossa-se sucessivamente com as águas dos ribeiros Bonito, Tanguá, Muticapira, e Iguá, sobre sua margem esquerda, e depois de fazer várias voltas por espaço de oito léguas de leste a oeste se ajunta com o rio Macacu. Podem navegar nele as canoas e com a maré sobem por ele acima os barcos.

Cachoeira.²⁴⁹ Cidade populosa e comerciante da província da Bahia, cabeça dum colégio eleitoral, e da comarca de seu nome. Está situada sobre uma e outra margem do rio Paraguaçu, perto da serra Timbora, a dezoito léguas da cidade da Bahia. É esta cidade o depósito geral dos produtos que as comarcas que ficam ao oeste enviam para receber em câmbio fazendas, instrumentos, e outros objetos de que carecem. Corta-a em duas partes desiguais o rio pelo qual sobe a maré obra de uma légua até acima do lugar onde um fundo pedregoso estorva a navegação; passa-se dum banda a outra por uma ponte de cento e sessenta metros de largo. A parte mais considerável da cidade é ornada dum fonte, cuja água é excelente, e de duas pontes de pedra sobre os ribeiros Talheiro, e Pitanga, dum casa municipal, com sua cadeia, dum igreja ereta em freguesia em 1698, dedicada a N. S. do Rosário, e das de N. S. da Conceição, de São Pedro e dum convento de carmelitas descalços. A parte que fica sobre a margem direita é habitada pela gente menos

rica, e apelidada São Félix por causa dum igreja dedicada a este santo. Há além desta outra da invocação do Menino Deus. Uma lei da assembleia provincial conferiu à vila da Cachoeira o título de cidade. Em 1839, pelos fins de dezembro, houve uma cheia extraordinária que deitou por terra grande parte das casas, subindo a mais de vinte pés de alto. Em 1804 constava o distrito da vila da Cachoeira de mil e oitenta e oito fogos, porém a povoação se aumentou a tal ponto que hoje se contam quinze mil habitantes. Belém, Muritiba, São José e Jenipapo pertencem a este distrito. É para lamentar que seja esta cidade exposta às cheias, e que se não tenham aplicado os meios necessários para remediar os males que elas costumam trazer. Os principais produtos da exportação desta cidade são tabaco e café.

Cachoeira.²⁵⁰ Pequena vila da província de São Pedro do Rio Grande, na parte superior do rio Pardo, na comarca deste nome. Sua primeira origem foi uma aldeia de Índios Butucarís, os quais, a instâncias do governador José Marcelino de

²⁴⁸ Atual cidade de Caçapaba/SP. (N/E)

²⁴⁹ Atual cidade de Cachoeira/BA. (N/E)

²⁵⁰ Atual cidade de Cachoeira do Sul/RS. (N/E)

Cachoeira

Figueiredo, fizeram uma igreja dedicada a Nossa Senhora junto à cachoeira, onde cessa de ser navegável o rio Pardo. Esta igreja alcançou em 1779 o título e prerrogativas de freguesia, com o nome de N. S. da Conceição da Cachoeira. Juntaram-se aos Índios um grande número de Brasileiros, e quando no ano de 1814 se fez o rol dos habitantes da província de São Pedro do Rio Grande, achou-se que a povoação desta freguesia era a seguinte:

Branços de ambos os sexos	4.576
Índios id	425
Homens e mulheres livres de todas as cores.....	398
Escravos de ambos os sexos	2.622
Recém-nascidos	204
—————	
	8.255 almas.

Porém nesse tempo era muito mais extenso seu território, a que pertenciam as povoações de Bagé, de Caçapaba e outras, que hoje se acham desanexas. Um alvará de 26 de abril de 1819 conferiu a esta freguesia o título de vila, com o nome de Vilanova de São João da

Cachoeira, ajuntando ao seu distrito parte do da vila de Rio Pardo, e dando-lhe por patrimônio uma légua quadrada em terras, com condição que os habitantes fariam à sua custa a casa municipal, a cadeia, e os demais acessórios próprios duma vila. O costume de apelar esta povoação Cachoeira fez que no alvará já citado que ali estabeleceu um juiz de fora, cível, crime, e de órfãos se não faz menção do prenome de Vilanova de São João. Em 1820 dotaram-na duma escola de primeiras letras. As ruas da vila da Cachoeira são largas e alinhadas, e têm um ar de asseio agradável à vista. As canoas sobem pelo rio acima até a cachoeira ao pé da qual jaz a vila. Seu distrito estende-se muito na parte que respeita ao norte, porém da banda do sul fenece logo ao pé da povoação, cujo principal tráfico consiste na criação de gado, e dalgumas bestas muares. Não se pode dizer qual seja atualmente a sua povoação por ser esse distrito desde o mês de outubro de 1835 o teatro da guerra civil, a que deu princípio Bento Gonçalves.

Cachoeira. Nova vila da província do Pará. Era uma povoação conhecida com o nome de Santa Maria, que alcançou o título de vila por lei da assembleia provincial de 1835 ou 36. Falam dela as gazetas como duma vila forte, porém em 1840 ainda não havia nela nem cadeia, nem casa da câmara. A povoação de seu distrito é de perto de quatro mil almas.

Cachoeira.²⁵¹ Aldeia da província do Pará, na ilha Marajó, sobre o rio Arari, que não é navegável senão nas grandes marés. Um alvará de 10 de fevereiro de 1821 tirou da vila de Monforte o ouvidor para o pôr nesta aldeia. Porém como a ilha de Marajó fosse ao depois incorporada na comarca do Grão Pará, ficou Monforte sendo a única vila desta grande ilha. A igreja é dedicada a N. S. da Conceição: há também nesta aldeia uma cadeia que foi acabada em 1840.

Cachoeira.²⁵² Povoação da província de Minas Gerais, sobre a margem esquerda do rio Urucaia: passa por ela a estrada que vai do distrito do Salgado e margem do rio de

²⁵¹ Atual cidade de Cachoeira do Arari/PA. (N/E)

²⁵² Atual cidade de Urucaia/MG. (N/E)

Cachoeira da Ilha

São Francisco à província de Goiás; tem esta povoação o nome duma cachoeira que dificulta a navegação do Urucaia, sem de todo interceptá-la.

Cachoeira. Pequena povoação da província do Rio de Janeiro, no território da freguesia de Jacutinga, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição.

Cachoeira.²⁵³ Povoação da província de Goiás, cinco léguas ao nordeste da vila de Traíra, e quatro a leste da de Tocantins. Minas abundantíssimas de ouro foram ali descobertas em 1736 por Antônio da Silva Cordovil; quando elas se esgotaram foi-se o número dos habitantes diminuindo, e os que se deixaram estar viram-se obrigados a estar de sobreaviso para não serem vítimas das agressões dos Índios Chavantes, cognominados Canoeiros pela extrema destreza com que governam as canoas.

Cachoeira.²⁵⁴ Pequena povoação da província do Rio de

Janeiro, no distrito de Macacu, onde este rio recebe em si o ribeiro Batata, e abaixo da serra dos Órgãos.

Cachoeira.²⁵⁵ Povoação da província de São Paulo, na margem direita do rio Paraíba, a qual se tem engrossado porque por ela passa a estrada que vai do Rio de Janeiro para a cidade de São Paulo.

Cachoeira. Povoação da província de Pernambuco, pertencente à freguesia de Itambé, com uma capela da invocação de São Sebastião.

Cachoeira.²⁵⁶ Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Cachoeira do Campo*.)

Cachoeira. Pequeno rio da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus. Crê-se ser um braço do rio Pardo ou Patipe, que dele se aparta na cordilheira dos Aimorés, donde desce e corre pelas terras chãs, até a baía dos Ilhéus. Acompanha uma estrada a corrente deste rio desde a vila de São Jorge, até a província de Minas. As canoas não sobem por este rio

senão obra de duas léguas, por causa duma cachoeira, que lhes tolhe de ir avante.

Cachoeira. Rio deste nome, na província da Bahia. (V. *Buranhém*.)

Cachoeira. Ribeiro da província de São Paulo, que se lança na baía de Paranaguá, defronte da vila de Antonina. Sobem por ele acima as canoas distância de muitas léguas.

Cachoeira da Ilha. Vigésima oitava cachoeira, e a derradeira que se encontra no rio Pardo, quando por ele se desce a partir do rio Sanguessuga. Passa-se em um dia esta cachoeira e as seis que se acham antes dela, quando as águas são favoráveis; mas gastam-se vinte e vinte e cinco dias para se subir por elas. Passadas elas o rio Pardo oferece aos navegantes obra de trinta léguas por onde se desce sem o menor obstáculo, mas algum tanto mais difícil para subir contra a veia d'água.

Cachoeira da Ilha. Sexto escolho que se encontra

²⁵³ Atual distrito de Cachoeira, município de Orizona/GO. (N/E)

²⁵⁴ Atual cidade de Cachoeiras de Macacu/RJ. (N/E)

²⁵⁵ Atual cidade de Cachoeira Paulista/SP. (N/E)

²⁵⁶ Atual distrito de Cachoeira do Campo, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

Cachoeira da Ilha

quando se sobe pelo rio Tietê desde a sua junção com o Paraná. Acha-se quatorze léguas abaixo da cachoeira Itai, e oito léguas acima da de Baranhão.

Cachoeira da Ilha. Vigésima segunda e última cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Coxim, a partir do ponto onde se lhe ajunta o Camapuã. Jaz esta cachoeira uma légua acima do rio Taquari, e outro tanto abaixo do Jiquitaia. As canoas não podem vingar este passo com carga nem ao subir, nem ao descer, e é mister transportá-las por terra, e pelo mesmo teor as fazendas.

Cachoeira do Campo.²⁵⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, quatro léguas ao oeste da cidade de Ouro Preto, assentada num sítio agradável e com uma numerosa povoação. Sua igreja, dedicada a N. S. de Nazaré, foi elevada à categoria de freguesia, sendo suas filiais as igrejas da povoação de Tejuco, de São Bartolomeu e de Casa Branca. Uma lei da assembleia provincial de 3 de abril de 1840 lhe assinalou também as

igrejas das povoações de Chiqueiro do Alemão, de Lagoa e de Rodeia. Os governadores da província tinham nos tempos passados uma casa de recreio nesta freguesia. Em 1819, El-Rei D. João VI a converteu em um estabelecimento rural que devia servir de caudelaria, e ter uma escola de agricultura; porém tudo isto foi posto em esquecimento. Todavia o Imperador D. Pedro I, entendendo de quanta importância fosse aquele estabelecimento, ordenou no mês de março de 1824 que os gastos dele se fizessem do seu bolsinho, o que assim se executou até a época de sua abdicação em 1831. O governo da triple regência intentou tomar por conta da administração pública o mencionado estabelecimento, o que ficou em litígio. Em 1841 propôs-se de fazê-lo reconhecer por propriedade da coroa ou da província. O território da freguesia de Cachoeira do Campo encerra dous mil e quatrocentos habitantes pela maior parte agricultores.

Cachoeira do Campo. Vigésima primeira cachoeira que se

encontra subindo pelo rio Tietê, entre a cachoeira Avanhandava-Mirim e a do Comboia Vaca, e é a trigésima quarta descendo de Porto Feliz. Entre a cachoeira Comboia Vaca e a de que tratamos há quatorze léguas de boa navegação.

Cachoeirão. Salto d'água do rio Doce, uma légua abaixo do passo apelidado Eme. É mister transportarem-se por terra as fazendas e as canoas até ao pé dos rochedos por cima dos quais passam as águas.

Cachoeirinha. Pequeno rio que serve de limite às províncias de Minas Gerais e da Bahia. Este rio é tributário do Pacuí, afluente do rio Verde; corre de leste a oeste, na mesma direção que o rio de que acabamos de falar.

Cachoeirinha. Pequena cachoeira do rio Jequitinhonha, na província da Bahia. Jaz a dezoito léguas pouco mais ou menos do mar, e quatro abaixo da cachoeira chamada Salto Grande. Crê-se que há oitenta léguas de distância entre esta cachoeira e a po-

²⁵⁷ Atual distrito de Cachoeira do Campo, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

voação de Tocoias, na província de Minas Gerais.

Cachoeirinha. Cachoeira do rio Doce, na província de Minas Gerais, quatro léguas acima do rio Cuiaté. Consta de rochedos graníticos por entre os quais as embarcações passam com facilidade.

Cachorros. Ribeiro da cordilheira Cubatão na província de Santa Catarina; vai engrossar o rio Pelotas, principal nascente do Uruguai.

Cachorros. Ilha da província do Rio de Janeiro, na costa do distrito de Parati, na baía de Angra dos Reis.

Cacimba. Pequena povoação da província do Maranhão, que atravessa a estrada que passa perto do rio Moni. Este lugar tornou-se célebre pela batalha que nele se deu entre os rebeldes e as tropas imperiais, no princípio de outubro de 1840, onde foi morto o tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, que havia batido os rebeldes neste mesmo ano em doze combates e escaramuças, numa e noutra margem do rio Parnaíba.

Caconda.²⁵⁸ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Franca. Um decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831 criou neste lugar uma escola de primeiras letras para os meninos.

Cadaja ou Cadaxa. Um dos braços do rio Hiapura, o mais oriental dos sete outros. Ele comunica com a lagoa Atinineni, e vai se lançar no Amazonas. (V. *Hiapura*.)

Cadeado. Salto do rio Itapicu, na província de São Paulo, perto da estrada que vai de Moretes a Graciosa.

Caeté, ou Vilanova da Rainha.²⁵⁹ Antiga vila da província de Minas Gerais, três léguas ao sueste de Sabará, e dezoito ao nordeste da cidade de Mariana, em dezenove graus e cinquenta e quatro minutos de latitude. Seu nome primitivo é derivado das palavras indianas *caá*, que significa montanha, e *eté*, mata espessa. Deve esta vila a sua origem ao Paulista Leonardo Nardez, que em 1701 descobriu abundantes minas de ouro nas matas de

Caeté

Caeté. Diversos aventureiros se estabeleceram numa planície onde o ouro se achava à flor da terra, e ali formaram uma povoação que se aumentou rapidamente. Quando o governador de São Paulo e de Minas, Antônio de Albuquerque Coelho, quis estabelecer neste país um posto militar, e assentar as bases da arrecadação dos direitos sobre o ouro, revoltaram-se os habitantes tendo por cabeças os dous irmãos paulistas Jerônimo, e Valentino Pedroso. Nesta circunstância, o governo português se houve com brandura, e D. Brás Baltazar da Silveira, que sucedeu a Antônio de Albuquerque, conferiu em 1714 à povoação de que tratamos o título de vila, com o nome de Vilanova da Rainha, o qual foi bem depressa posto em esquecimento, prevalecendo o de Caeté com o qual é vulgarmente conhecida. As ruas desta vila são largas e bem alinhadas, e as casas em geral assaz bem edificadas posto que térreas. Ela possui um hospital da Misericórdia para os doentes e enjeitados, uma escola de primeiras letras, e

²⁵⁸ Atual cidade de Caconde/SP. (N/E)

²⁵⁹ Atual cidade de Caeté/MG. (N/E)

Caeté-Mirim

uma bela igreja paroquial, dedicada a N. S. do Bom Sucesso, e duas mais inferiores da invocação de N. S. do Rosário e de São Francisco. O termo da freguesia de Caeté encerra as povoações de Morro Vermelho da Penha, Barra e Brumado, cada uma das quais tem uma igreja, filial da matriz de Caeté; as terras são férteis, e próprias para a maior parte das árvores frutíferas da Europa. Sua população é avaliada em seis mil habitantes entre agricultores, criadores de gado e mineiros. É de presumir que a vila de Caeté perdeu por algum tempo este título, sem que tenhamos podido descobrir o quando e o porquê, pois que uma lei provincial de 23 de março de 1840 lho restituiu, assinando-lhe por distrito as freguesias e povoação do Socorro, Conceição, Lapa, Taquaraçu e Roças Novas. O presidente da província criou nesta vila um colégio eleitoral em outubro de 1841.

Caeté-Mirim.²⁶⁰ Posto militar, na província de Minas Gerais, perto da povoação de Curmataí, e quinze léguas ao norte da cidade Diaman-

te, estabelecido no século passado para impedir o extravio do ouro e dos diamantes.

Caetés. Nome genérico do idioma indiano que significa *mata espessa*, e que foi aplicado a diferentes tribos de Índios que viviam embrenhadas para se subtraírem à guerra cruel que lhes faziam outras tribos. Faziam estes Índios longas jornadas, passando rios em jangadas, e levavam por onde quer que passavam a morte e a desolação. Os Tupinambás do Pará e do Maranhão se coligaram contra eles, e destruíram-nos em todos os lugares onde puderam encontrá-los. Os que escaparam se civilizaram e assentaram morada nos distritos do sul da província de Paraíba.

Caeteté.²⁶¹ Antiga povoação da província da Bahia. (V. *Vilanova do Príncipe*.)

Cágada. Ilha do arquipélago, fora da boca da baía de Niterói, ou Rio de Janeiro, entre a ilha Redonda e a Comprida.

Cágado.²⁶² Povoação da província de Minas Gerais no

distrito da vila de São João Nepomuceno, com uma igreja de que é padroeira N. S. das Mesas, dependente da matriz da vila cabeça do distrito.

Cagoatati. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Parati. Dá-se por vezes a este ribeiro o nome de Guaiataca, e a outro de menos porte o de Guaiataca-Mirim. Ambos eles se lançam na baía de Angra dos Reis.

Caí. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da cidade de Porto Alegre. Nasce da encosta meridional da serra Geral, ao pé da montanha apelidada Monte Negro, corre do norte ao sueste, obra de vinte léguas navegadas por canoas, e vai se lançar na parte mais larga do rio Jacuí, pela margem esquerda perto da cidade de Porto Alegre. A pequena distância de seu confluente corre o pequeno rio dos Sinos.

Caiá.²⁶³ Aldeia da província do Pará. (V. *Monçarás*.)

Caiacanga. Grande cachoeira do rio Curitiba, cinco léguas depois que este rio atravessa a

²⁶⁰ Atual distrito de Curimataí, município de Buenópolis/MG. (N/E)

²⁶¹ Atual cidade de Caetetê/BA. (N/E)

²⁶² Atual cidade de Mar de Espanha/MG. (N/E)

²⁶³ Atual distrito de Monsarás, município de Salvaterra/PA. (N/E)

estrada que vai da vila das Lages à de Sorocaba. Retidas as águas por enormes pedregulhos, salvam por cima deles despenhando-se noutros, e correm depois com extrema impetuosidade. Interrompe esta cachoeira a navegação deste rio que é um dos afluentes do Paraná.

Caiamá. Pequeno rio que se lança no Amazonas, seis léguas acima do lugar onde se lhe ajunta o rio Cuari. As margens do Caiamá são povoadas de árvores enormes e de Índios que vivem do que o país naturalmente lhes ministra.

Caiamá. Pequeno rio da província do Pará, que se lança no Amazonas, entre os rios Tefé e Cuari. (V. *Catuá*.)

Caiamocu. Ribeiro da província do Pará, que deságua no Oceano, aos dous graus de latitude norte. Em suas margens se acha o último posto brasileiro nas fronteiras da Guiana francesa.

Caiapó. Serra que jaz ao sul da província e cidade de Goiás, e que tem este nome

do duma tribo indiana que nela vivia. Dela nascem os rios Bonito, Barreiros e Caiapó, que reunindo-se quase em um mesmo ponto formam o rio Araguaia, conhecido vulgarmente pelos habitantes com o nome de rio Grande, comum a vários outros rios do Brasil.

Caiapó. Ribeiro da província de Goiás, na serra de que tem o nome. Depois de correr cousa de três léguas, ajunta-se com o ribeiro Bonito, já engrossado com as águas do Barreiros, e juntos tomam o nome de rio Grande, ou de Araguaia.

Caiapós. Grande nação de Índios bravos que dominavam em diversas partes das capitanias de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Algumas destas tribos bárbaras existem ainda nas matas, e se mostram nos rios da província de Goiás, porém são muito menos cruéis do que ao princípio eram. Andam quase inteiramente nus, são valerosos e intrépidos, e têm por armas arcos e flechas e certa espécie de massa. O governador de Goiás, Luiz da Cunha de Menezes,

empreendeu trazer à razão estes bárbaros, e conseguiu com meios brandos o sujeitá-los, reunindo-os em 1781 na aldeia Maria, e em outras muitas; porém partido o governador, preferiram os Índios a vida independente à sujeição, costumes e obrigações do estado de sociedade. Nas guerras que por vezes tiveram com os Brasileiros cativaram-lhes estes algumas crianças de ambos os sexos, que foram criadas nas povoações onde mostraram o valor e destreza própria dos selvagens, mas o instinto natural fez que se tornaram para as matas. Talvez devam os Brasileiros a estes princípios de civilização o sossego de que há muito tempo gozam: porque sabido é que desde 1810 nenhum ato de barbáridade há sido cometido pelos Índios Caiapós, prova de que não estão longe de se tornarem à vida civil, se se empregarem os meios da persuasão e da beneficência.

Caiari. Nome primitivo do rio Madeira. (V. *Madeira*, rio.)

Caiçara.²⁶⁴ Povoação da província de Paraíba, com uma

²⁶⁴ Atual cidade de Caiçara/PB. (N/E)

Caiçara

igreja dependente da freguesia de Catolé. Jaz esta povoação nas margens do ribeiro Carateús ou Poti.

Caiçara.²⁶⁵ Povoação assaz considerável da província do Ceará no distrito de Aracati, perto do rio Jaguaribe, e não longe do distrito da vila de São Bernardo.

Caiçara.²⁶⁶ Antigo nome da vila do Sobral, hoje cidade de Januária, chamada também de Acaracu.

Caiçara. Propriedade nacional da província de Mato Grosso. A assembleia provincial desta província propôs à assembleia geral em 1842 a incorporação desta propriedade no patrimônio da província.

Caicó.²⁶⁷ Antiga aldeia da província do Rio Grande do Norte. (V. *Vilanova do Príncipe*.)

Caiera. Ilha da baía de Niterói, pertencente à freguesia do Engenho Velho; é a que fica mais a leste do hospital dos Lázaros.

Caijuru. Povoação do distrito da vila de Caeté, na província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, filial da freguesia de Santa Bárbara.

Caioaba. Montanha elevada com um promontório na frente, na província de São Paulo, que faz um cabo na margem esquerda da embocadura do rio Guaratuba. O cume desta montanha acha-se em vinte e cinco graus, quarenta e nove minutos e trinta segundos de latitude, e em cinquenta e um graus, um minuto e trinta e oito segundos de longitude oeste.

Caiporas.²⁶⁸ Povoação da província de Paraíba sobre o rio Carateús ou Poti, dependente da freguesia de Catolé.

Cairiri. Antiga aldeia da província de Paraíba. (V. *Pilar*, vila.)

Cairiri. Aldeia de Índios na serra do mesmo nome, ao norte do rio de São Francisco, pertencente à província de Pernambuco. Conservam

estes Índios o simples nome de Cairiris.

Cairiris. Índios duma numerosa tribo, que viviam em toda a serra ou cordilheira Borborema, quando se fez o descobrimento do Brasil. Chamam-nos hoje os Cairiris Velhos, Cairiris e Cairiris Novos, segundo o lugar que habitam e o tempo em que foram conhecidos. Os que o são de há mais tempo, ou Cairiris Velhos, viviam nas serras que reúnem a província de Paraíba com a de Pernambuco, e a aldeia deles, conhecida com o nome de Cairiri, tomou o título de vila do Pilar. Outros Índios da mesma nação se foram sucessivamente descobrindo, à proporção que os Portugueses se foram entranhando nesta cordilheira. Os que foram achados na província de Pernambuco conservaram o simples nome de Cairiris, e os da província de Ceará receberam o de Cairiris Novos. São estes Índios em geral feios, rolhos e refeitos do corpo, com cabelos negros e bastos. Vivem de caça, e dos

²⁶⁵ Atual cidade de Icapuí/CE. (N/E)

²⁶⁶ Atual cidade de Sobral/CE. (N/E)

²⁶⁷ Atual cidade de Caicó/RN. (N/E)

²⁶⁸ Atual cidade de Jericó/PB. (N/E)

frutos das árvores, especialmente de diversas espécies de cocos. Os mais civilizados semeiam milho, e cultivam os algodoeiros.

Cairiris. Grande serra da cordilheira Borborema onde os Portugueses penetraram sucessivamente. Corre esta serra do oeste para o norte, junto à margem esquerda do rio de São Francisco, na província de Pernambuco. Veio-lhe este nome da tribo de Índios que nela residia, e que ainda ali tem uma aldeia onde vivem em sossego. Aham-se nesta serra vários animais petrificados, conchas e ossos de extraordinária dimensão.

Cairiris Novos. Grande serra que faz parte da cordilheira Borborema, e serve de limite à província de Ceará no distrito de Crato, e às províncias do Rio Grande do Norte, e de Paraíba. Existe nela ainda uma aldeia de Índios. Esta serra depende do distrito de Vilanova do Príncipe da província do Rio Grande do Norte.

Cairiris Velhos. Serra altíssima da província de Pernambuco; estende-se de oeste a este entre os rios Paraíba e

Capibaribe, que dela nascem bem como o rio Ipojuca. Foi nesta serra que os Portugueses encontraram os primeiros Índios Cairiris, e daí vem que lhes deram o sobreapelido de Velhos quando depararam com novas tribos da mesma nação.

Cairu.²⁶⁹ Pequena vila da província da Bahia, em treze graus e vinte e sete minutos de latitude, e quarenta e um graus e dezessete minutos de longitude oeste; situada numa pequena ilha do mesmo nome, que jaz entre a de Tinharé e a de Tupiaçu, na comarca de Valença. A principal das ruas é calçada e guarnecida de muitas casas de sobrado. A principal igreja, dedicada a N. S. do Rosário, foi criada freguesia em 1608. Em 1669 o capitão Manoel Barbosa Mesquita, acompanhado de sete homens, matou e derrotou uma cabilda de Índios que vieram acometer os habitantes no momento em que estavam assistindo aos officios divinos, os quais deveram a vida àquele intrépido oficial que morreu das feridas que nessa ocasião recebeu. A vila de Cairu tem uma cadeira de latim, uma escola de primeiras

letras, uma junta conservadora das matas, presidida pelo ouvidor da comarca que por vezes nela reside; um convento de franciscanos, uma igreja de N. S. da Lapa além da da freguesia. Seu distrito consta do da ilha em que está situada e dos do Morro e do Galião, e abunda em madeiras de construção. Avalia-se a sua população em oitocentos habitantes.

Cairuçu. Monte e promontório do distrito de Parati, na província do Rio de Janeiro. Este promontório e a ponta Acaia da Ilha Grande formam a entrada ou boca da Angra dos Reis que fica ao oeste, vulgarmente conhecida com o nome de Barra de Cairuçu, e podem-se os navios coser com ela sem perigo. O cume oriental deste monte se acha em vinte e três graus, vinte minutos e dous segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, três minutos e dezenove segundos de longitude oeste. (V. *Barra de Cairuçu.*)

Cais. Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

²⁶⁹ Atual cidade de Cairu/BA. (N/E)

Caité

Caité.²⁷⁰ Aldeia da província do Pará. (V. *Bragança*, vila da mesma província.)

Caité. Pequeno rio da província do Pará, que nasce de várias lagoas distância de oito léguas do mar, e se torna mais largo e navegável até a vila de Bragança com a maré montante.

Caiteté ou Caeteté.²⁷¹ Antiga aldeia do interior da província da Bahia. (V. *Vilanova do Príncipe*.)

Caiúva. Montanha nas costas da província de São Paulo. (V. *Caiobá*.)

Caixa Prega. Dá-se este nome à ponta cercada de rochedos da extremidade meridional da ilha de Itaparica na província da Bahia. Entre estes rochedos e os da ponta Garcia existe um canal estreito e difícil que conduz à baía de Todos os Santos. (V. *Barra Falsa*.)

Caixitoré.²⁷² Pequena povoação da província do Ceará, no distrito da cidade de Fortaleza, com uma igreja dependente

da freguesia de Canindé. Seus habitantes são de raça indiana, e cultivadores de algodão.

Cajaíba. Ilha da província da Bahia, na costa ocidental da baía de Todos os Santos, defronte da embocadura do rio Serigi. Tem perto de uma légua de comprido: suas terras com serem baixas são cultivadas pelos habitantes, a quem um decreto de 28 de junho de 1832 concedeu uma escola de primeiras letras.

Caju. Braço do rio Parnaíba que se afasta do Tutóia, e vai lançar-se no mar no cabo dum curso de muitas léguas, sendo navegável somente na estação das chuvas.

Cajuba. Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande, entre as extremidades norte das lagoas Mangueira e Mirim. Dá-se-lhe seis para sete léguas de circunferência.

Cajueiro. Porção do distrito da vila de São João do Príncipe, na província do Ceará, que abunda em pedrame e nitro de que os coureiros e curtidores do país se

servem para preparar as peles e couros.

Cajuru.²⁷³ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Franca. Um decreto da assembleia geral, de 13 de outubro de 1831, instituiu nesta freguesia uma escola de primeiras letras, e outro de 16 de agosto do ano seguinte elevou à categoria de paróquia a sua igreja com a invocação de São Bento.

Cajuru.²⁷⁴ Antiga freguesia da província de Minas Gerais entre o pequeno e o grande rio das Mortes. Sua igreja, dedicada a São Miguel, foi ereta em freguesia por virtude dum decreto de 14 de julho de 1832; mas alguns anos depois, no de 1841 em 7 de abril, a assembleia provincial lhe retirou este título anexando-a à freguesia de Santana na povoação chamada da Onça, por isso que os habitantes não tinham podido reedificar a igreja que estava de todo arruinada.

Cajuru. Vigésima sexta cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio

²⁷⁰ Atual cidade de Bragança/PA. (N/E)

²⁷¹ Atual cidade de Caeteté/BA. (N/E)

²⁷² Atual cidade de Umirim/CE. (N/E)

²⁷³ Atual cidade de Cajuru/SP. (N/E)

²⁷⁴ Atual distrito de Arcângelo, município de São João del Rei/MG. (N/E)

Pardo, afluente do Paraná. Consiste em um rochedo debruçado sobre o qual se deslizam as águas, despenhando-se da altura de trinta e cinco palmos. As canoas podem descer por este passo sem serem aliviadas, mas para subir-se por ele é mister transportarem-se por terra as fazendas, e puxarem-se à sirga as canoas. Acha-se este escolho uma légua abaixo da cachoeira Sirga do Mato, e em igual distância acima da de Cajuru-Mirim.

Cajuru-Mirim. Vigésima sétima cachoeira do rio Pardo, a partir do rio Coxim, uma légua abaixo do Salto Cajuru, e meia antes de se chegar à cachoeira da Ilha. Desce-se com facilidade, e sobe-se à sirga sem descarregar as canoas.

Calabouço. Ponta de rochedo que faz uma espécie de península entre o cais de Santa Luzia e o arsenal de terra, na cidade do Rio de Janeiro. Villegagnon, antes de partir para França, havia ali construído um forte, que o governador Mendo de Sá mandou reedificar em 1567, quando fundou a vila de São

Sebastião do Rio de Janeiro. Em 1605 o comandante da província, Martim de Sá, deu mais extensão a este forte, e pôs-lhe o nome de Santiago. A casa de detenção e de correção para os escravos havendo sido feita atualmente ao pé do forte nesta península, tomou esta ponta o nome de Calabouço, que conserva sem embargo de já não existir haverá quinze anos a prisão dos escravos que lhe fez dar este nome.

Calcanhar. Ponta baixa da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Toiros. Ela forma um ângulo, na costa, dobra rapidamente para o oeste, e se acha encoberta com os rochedos, os quais tolhem aos navegantes de avistá-la de longe. O almirante Roussin é talvez o único que segundo as observações que fez sustenta que o cabo de São Roque não é o ponto mais proeminente desta costa.

Calções. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira, que depois de fazer vários rodeios nas montanhas ao sul do rio Oiapoque, corre quase paralelamente com ele para leste, e

vai lançar-se no Oceano, em dous graus e doze minutos de latitude norte. O volume de suas águas é menor que o das do Oiapoque.

Caldas.²⁷⁵ Pequena e nova vila da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí: a qual deve a sua origem ao posto militar do Ouro Fino, antigamente estabelecido entre os nascentes do rio Pardo, afluente do rio Grande, para reprimir o contrabando de ouro neste ponto. As parcelas deste metal que se acharam nos nascentes deste rio no princípio do século passado eram de mui subido toque, donde este posto tomou o nome de Ouro Fino. Os habitantes que se estabeleceram ali edificaram uma igreja a São Francisco de Paula, a qual foi criada freguesia com a invocação de São Patrocínio. Um decreto de 17 de agosto de 1832 ali criou uma escola de primeiras letras para meninos. Como a população se conservasse no mesmo ser, a assembleia legislativa provincial de Minas Gerais, esperando aumentá-la, elevou por lei de 1839 a povoação e freguesia de Ouro Fino à categoria de vila,

²⁷⁵ Atual cidade de Caldas/MG. (N/E)

Caldas

dando-lhe o nome de Caldas, por causa das águas termais que se encontram em suas vizinhanças. Foram as auto-ridades da nova vila instaladas em 2 de dezembro do mesmo ano por ocasião do aniversário do nascimento do Imperador D. Pedro II. Avalia-se a população do distrito da vila de Caldas em dous mil habitantes entre mineiros e criadores de gado. As águas termais sulfurosas que ali existem são eficazes contra as afeições cutâneas. Há neste distrito um registo ou posto militar com o nome da vila para a arrecadação dos direitos de saída dos gêneros da província de Minas Gerais.

Caldas. Freguesia da província do Pará, na margem esquerda do rio Negro, acima da cachoeira de Maracabi e da aldeia do mesmo nome. Sua igreja é dedicada a N. S. das Caldas, e seus habitantes Índios de diversas tribos.

Caldas. Serra da província de Goiás, na comarca de Santa Cruz, a três léguas do rio Corumbá. De longe assemelha-se a um edifício quadrado do qual cada uma das faces corresponde aos quatro

ventos cardeais, tendo de extensão cousa de quatro léguas. Ao redor veem-se ótimas pastagens, vários ribeiros auríferos se debruçam de seu cume, onde existe um lago que dizem ser mui abundante em peixe.

Caldas. Águas termais, e rio da província de Goiás, a três léguas da vila de São Felis. Os olhos d'água são cinco; dum sai a água quase a ferver, e dos demais com diversos graus de calor. São estas águas conhecidas com o nome de Caldas de São Felis ou de Frei Rainaldo. O rio é formado pela reunião destes cinco olhos d'água, tem bastante longura, mas pouco fundo, e depois de correr por espaço dalgumas léguas se lança no rio Maranhão; quinze léguas acima do lugar onde se lhe ajunta o Paranatinga e o Tocantins, toma o nome que tem.

Caldas de Santa Catarina. Águas termais de três diferentes graus de calor na província de Santa Catarina, nas margens do rio Cubatão, entre a cordilheira deste nome e o Oceano. O governador da província, João Vieira Tovar

de Albuquerque, começou a fundar neste sítio em 1820 um hospital para os doentes que ali viessem restabelecer-se; depois deste governador desapareceu porém aquele estabelecimento. Seria para desejar que a assembleia legislativa da província tomasse em consideração o reedificá-lo.

Caldas de Santa Cruz.²⁷⁶ Província de Goiás. (V. *Santa Cruz*, vila.)

Caldas de Santa Luzia.²⁷⁷ Província de Goiás. (V. *Santa Luzia*, vila.)

Caldeirão. Cachoeira por extremo difícil de subir, como de descer, na parte superior do rio Negro, entre o forte de São Gabriel e a freguesia de Coané.

Caldeirão do Inferno. Nona cachoeira do rio da Madeira, três léguas abaixo do salto Jirau, e cinquenta e dous pouco mais ou menos depois da junção do rio Guaporé.

Calhau.²⁷⁸ Povoação da província de Minas Gerais, distrito da cidade de Minas Novas, sobre um ribeiro tri-

²⁷⁶ Atual cidade de Santa Cruz de Goiás/GO. (N/E)

²⁷⁷ Atual cidade de Luziânia/GO. (N/E)

²⁷⁸ Atual cidade de Araçuaí/MG. (N/E)

butário de rio Araçuaí, onde se acham várias pedras preciosas. É nesta povoação que se acha postado o quartel general dos caçadores da montanha, espécie de gendarmaria particular de certas províncias onde ainda existem selvagens, e minas de ouro.

Calonga. Lugarejo da província do Maranhão, onde os rebeldes foram derrotados no mês de maio de 1840, e João Gomes Balaia que os comandava ferido mortalmente, e preso.

Calumbau.²⁷⁹ Povoação da província de Minas Gerais, onze léguas ao sueste da cidade de Ouro Preto, na margem esquerda do rio Chopotó, acima do confluente do Piranga. Sua igreja é uma das filiais da freguesia de Bacalhau.

Calundu. Lugarejo da freguesia de Aguapé-Mirim, na província do Rio de Janeiro, com uma capela dedicada a Santana.

Camacho. Nome de diversos lagos da província de Santa Catarina, que comunicam uns

com os outros por meio de canais naturais, e dão navegação fácil às canoas com carga. São estes lagos vulgarmente chamados Jaguaruna, Gurupaba e Santa Marta, ao sul do rio Tubarão. Designa-se também com o nome de Camacho o lago da Laguna que se acha defronte dos primeiros, porém na margem oposta do rio cuja larga embocadura sai no Oceano.

Camacuã.²⁸⁰ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Caçapava. Sua igreja é dedicada a N. S. das Dores, e foi elevada à categoria de paróquia por uma lei de 29 de agosto de 1833, que lhe assinalou por termo as terras desmembradas de Bom Jesus do Triunfo, que jazem entre o ribeiro Ribeira da parte do norte, e o rio Camacuã da banda do sul. Seus habitantes são avaliados em mil e seiscentos, entre Índios e Brasileiros, que se ocupam do encharque de carnes, e da criação de gado, principal objeto de seu comércio.

Camacuã. Rio da província de São Pedro do Rio Grande,

a que alguns também chamam Icabaquam. Em seus nascentes na Cuchilha Grande achou-se em outro tempo ouro, mas em tão diminuta quantidade que ninguém tratou de aproveitá-lo. Este rio corre de cachoeira em cachoeira para leste, entre a serra de Tapes e a de Herval, e depois de percorrer cousa de trinta léguas, durante as quais se lhe juntam os ribeiros Camacuã, Palmas, Torrinhos, Santo Antônio, Camargo, Pedras e Caraá, se lança dividindo-se em vários braços na lagoa dos Patos. Os barcos não podem subir por este rio acima, senão por espaço de quatro léguas, por ser seu curso embaraçado com cachoeiras daí para cima.

Camamu.²⁸¹ Pequena se bem que florescente vila da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, assentada num sítio agradável a três léguas do mar, acima da embocadura e na margem esquerda do rio Acaraí, que vai desaguar na baía de Camamu. Deve esta vila a sua origem aos jesuítas, que em 1561 ali batizaram uma tribo de Índios Tupiniquins numa aldeia

²⁷⁹ Atual cidade de Presidente Bernardes/MG. (N/E)

²⁸⁰ Atual cidade de Camaquã/RS. (N/E)

²⁸¹ Atual cidade de Camamu/BA. (N/E)

Camamu

apelidada Macamamu, e onde edificaram uma igreja a N. S. de Assunção. Pelo tempo adiante alguns colonos portugueses se agregaram aos Índios, e a povoação foi criada vila em 1594 pelo governador da Bahia Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho. Além da matriz tem esta vila outra igreja da invocação de N. S. do Desterro, uma casa municipal com uma cadeia, uma cadeira de latim, uma escola de primeiras letras e um porto defendido pelo forte de N. S. da Graça. As sumacas sobem pelo rio Aracaí até o porto, onde se faz um comércio ativo com o da Bahia em café, farinha de mandioca, aguardente de cana, arroz, cacau e madeira de construção. Uma estrada facilita a comunicação da vila de Camamu com a comarca de Minas Novas, passando pela de Jacobina. O distrito de Camamu é mui pequeno, e contém dous mil habitantes.

Camamu. Pequena ilha, na baía deste nome, chamada também ilha das Pedras, pelos muitos rochedos que nela se encontram. Pode esta ilha ter meia légua de diâmetro, e nela

vivem várias famílias que gozam d'água excelente.

Camamu. Baía da província da Bahia, entre a dos Ilhéus e a de Todos os Santos. A península que fenece na ponta da Muta, e a ilha Quiépé, repartindo-a em duas bocas, a defendem dos marulhos e vagas do mar. Nela deságuam o rio Aracaí e o Maraú, bem como vários outros ribeiros onde as canoas e barcos ligeiros podem entrar nas marés altas. O porto da vila de Camamu, que se acha sobre o rio Acaraí, no fundo desta baía, é o único desta comarca que admite navios dum certo porte.

Camanaú.²⁸² Freguesia da província do Pará, na margem esquerda do rio Negro, trinta léguas acima da cachoeira Maracabi. Sua igreja é dedicada a São Bernardo. Os habitantes são quase todos Índios da tribo dos Barés. Quando se sobe pelo rio Negro acima, desde a aldeia de Camundé cousa de doze léguas até a freguesia de Camanaú, encontram-se um grande número de rochedos e duas cachoeiras de difícil trânsito. Duma e doutra

margem vários ribeiros ali vêm desaguar, bem como o rio Miuá, cujas margens abundam em salsaparrilha.

Camanducaia.²⁸³ Antiga freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Jaguari*, vila.)

Camapuã. Rio da província de Mato Grosso, pelo qual se vai por água desta província à de São Paulo e *vice-versa*. Nasce ao sul da montanha do Serro do Saco, discorre perto de dezoito léguas pelo distrito do mesmo nome, e ali recebe o Camapuã-Mirim, e vai se ajuntar ao rio Coxim. Seu leito é embaçado de arrecifes que as canoas não podem passar senão estando vazias. Suas margens são povoadas aqui e ali de arvoredos, e habitadas pelos Índios Caiapós, atualmente pouco mais ou menos civilizados. No lugar onde este rio se ajunta pela margem direita com o Coxim há um armazém onde se depositam as fazendas que vêm em canoas pelo ribeiro e rio Camapuã. Ali as vem tomar grandes barcos que as transportam pelo rio Coxim, Taquari, Paraguai, Porrudos ou São Lourenço e Cuiabá até

²⁸² Atual localidade de Camanaus, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. (N/E)

²⁸³ Atual cidade de Camanducaia/MG. (N/E)

a cidade deste nome. Se fora possível fazer voar os rochedos que tornam estas viagens tão custosas, os negociantes colheriam grandíssimos proveitos, e os marinheiros teriam menos trabalho, ao mesmo tempo que os consumidores teriam a melhor preço os gêneros que por aquela via recebem.

Camapuânia.²⁸⁴ Vasto distrito da província de Mato Grosso, separado da parte do norte do de Cuiabá pelos montes desta província, ao sul da república do Paraguai pelos rios Chechuí e Iguaraí, e da do nascente da província de São Paulo pelo Paraná. Este território é regado por um sem número de ribeiros auríferos, em alguns dos quais se encontram pedras preciosas; pelo rio Taquari, tributário do Paraguai, e pelos Igatimi e Pardo, que ambos deságuam no Paraná, assim como pelo das Correntes que se lança no Paraguai. Este vasto distrito está ainda em poder das tribos errantes dos Índios Caiapós, e das já quase civilizadas dos Guaicurus, os quais se alimentam de peixe e fruto, particularmente do de certos coqueiros que dão magníficos

cocos, e se embriagam com uma bebida feita de três castas de uvas de diversas cores. Há neste distrito uma grande fazenda conhecida com o nome de Camapuã, de duas palavras indianas que significam ventre ou seio torneado, a qual jaz em quinze graus e trinta e cinco minutos de latitude, e cinquenta e seis graus e dez minutos de longitude oeste, e tem uma igreja ou capela que serve de freguesia à povoação branca do distrito. O dono desta fazenda fornece aos navegantes por certo preço carros e canoas para o transporte das fazendas por terra e por água. As que vão por terra devem ser levadas em carros obra de três léguas entre o rio Sanguessuga e o Camapuã-Mirim, onde se carregam por pequenas porções em canoas que descem por este ribeiro e pelo Camapuã até o lugar onde ele se ajunta com o Coxim, ao mesmo tempo que as canoas são transportadas igualmente noutros carros até o rio Camapuã, onde se lançam na água e por ela vão até o rio Coxim onde existem armazéns para a arrecadação das fazendas. A gente do mar é obrigada a defender-se dos

Camapuã-Mirim

Índios que andam por ali vagando enquanto se carregam as canoas, e o mesmo acontece na volta. Em 1838 se abriu uma estrada, a qual atravessando o rio chamado Porrudos ou São Lourenço se dirige a leste, corta pelo rio Taquari e vai ter ao Paraná ao sul da província de Goiás, onde duas antigas estradas se dirigem uma para a cidade de São Paulo, e outra para a do Rio de Janeiro.

Camapuã-Mirim. Ribeiro da província de Mato Grosso mais frequentado em outro tempo que hoje por aqueles que transportavam fazendas da cidade de São Paulo à de Cuiabá. Seu leito é semeado de rochedos e pouco profundo, e de sorte que as canoas com carga custam a subir e a descer por ele; e com tudo canoas carregadas de fazendas, vindas em carros do rio Sanguessuga à fazenda de Camapuã, descem por este ribeiro e o rio do mesmo nome em que ele se lança, até os armazéns que se acham na margem direita do rio Coxim para as arrecadar parcialmente, e embarcá-las em totalidade nas embarcações que as devem conduzir a Cuiabá.

²⁸⁴ Atual cidade de Camapuã/MS. (N/E)

Câmara

Na volta experimentam os navegantes as dificuldades que assinalamos no artigo do distrito e da fazenda de Camapuânia.

Câmara. Povoação de pouca importância da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre. Os moradores colhem algodão e cultivam os gêneros do país.

Camaragiba.²⁸⁵ Freguesia da província das Alagoas, distrito de Porto das Pedras, sobre o ribeiro que lhe dá o nome, a uma légua pouco mais ou menos de sua embocadura no mar. Sua igreja é dedicada ao Bom Jesus. Faz-se um comércio ativo de algodão e mais gêneros do país em seu porto que admite sumacas. Seu território paroquial contém pouco mais ou menos mil habitantes.

Camaragiba. Ribeiro da província das Alagoas. Nasce na serra Marambaia, corre obra de quatro léguas para leste, e se lança no mar oito léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Maçaió, e quatro ao sul de Porto das Pedras. Os navios costeiros entram em sua embocadura e

ali carregam açúcar e algodão. A meia légua da costa acha-se quase sempre de quatorze para quinze braças de fundo.

Camarão. Serra da província do Ceará, no distrito da vila de Bom Jardim, no território da freguesia de São Cosme e São Damião. Deu-se-lhe este nome depois da expulsão dos Holandeses em honra do Índio Camarão, irmão do Cacique Japaranatuba ou Jacaúna, aliado de Martim Soares Moreno, senhor do país regado pelo rio Otongi ou Grande. Com oitocentos Índios atravessou Camarão o sertão das terras desde este rio até o Ceará, para expulsar os Holandeses de acordo com o comandante Moreno que ali foi por mar em 1731.

Camararé. Tribo indiana que vivia nas margens dum rio do mesmo nome que se lança no rio da Madeira pela margem esquerda, quatorze léguas abaixo da cachoeira de Santo Antônio. Crê-se que este rio é aurífero e que o país que ele rega deve ser abundante de ouro.

Camaratiba ou Camaratuba. Rio de pouco cabedal da pro-

víncia de Paraíba que corre de oeste para leste no distrito da vila de São Miguel, e vai lançar-se no Oceano, três léguas ao norte da baía de Acejutibiró ou da Traição. Navega-se nele em jangadas e canoas cousa dalgumas léguas, sobretudo depois que se lhe ajunta o ribeiro Pitanga.

Camaratuba. Antiga povoação da província das Alagoas. (V. *Vilanova da Imperatrix*.)

Camargos.²⁸⁶ Povoação da província de Minas Gerais, duas léguas ao norte da cidade de Mariana. Deve esta povoação a sua origem a Tomás Lopes de Camargos e seus companheiros, todos naturais de São Paulo, que descobriram minas de ouro neste lugar, no decurso do ano de 1701, e edificaram uma igreja a N. S. da Conceição, que gozou dos privilégios de freguesia até o ano de 1832, em que foi reduzida a filial da igreja paroquial de Inficionado em virtude dum decreto de 14 de julho. Deixou-se todavia subsistir nesta povoação uma escola de primeiras letras que havia sido criada onze meses antes. Avalia-se a povoação de Camargos

²⁸⁵ Atual cidade de Passo de Camaragibe/AL. (N/E)

²⁸⁶ Atual distrito de Camargos, município de Mariana/MG. (N/E)

em mil habitantes que apenas cultivam os víveres necessários para o sustento, sendo pela maior parte mineiros.

Cambambé. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no território da freguesia de Iguçu.

Cambanapu. Pequeno rio da província de Mato Grosso, cujas margens passam por fornecer o melhor chá do Paraguai, ou mate, e que se ajunta com o Paraguai pela margem esquerda em vinte e três graus e trinta e seis minutos de latitude.

Cambaúba. Povoação da província e distrito de Goiás, sobre o rio Vermelho, com uma ponte que foi destruída na cheia de 1839.

Cambebus. Nação indiana das margens do Amazonas. (V. *Omáguas*.)

Camberela. Montanha a mais alta da ilha de Santa Catarina, ao sul da cidade do Desterro. Ela serve aos navios costeiros de ponto de orientação, pois se avista desde Santos da parte

do norte, até o passo chamado as Torres da parte do sul.

Cambiriú.²⁸⁷ Freguesia da província de Santa Catarina, na comarca do norte. (V. *Camboriú*.)

Camboa.²⁸⁸ Nome primitivo da aldeia de São Fidélis, na província do Rio de Janeiro. Creem algumas pessoas que este nome é o diminutivo do dum de seus fundadores, outras pretendem que no idioma índio esta palavra significa: lago perto do mar; é porém provável que esta palavra é puramente portuguesa, e significa certa armação para apanhar peixe; pois que abaixo desta aldeia há uma espécie de cascata ou salto onde o peixe que vem do mar se acha retido, e onde os Índios ainda atualmente o apanham em covos.

Camboa. Canal que se prolonga entre a lagoa Araruama, a de Itajuru e a baía de Cabo Frio. Acha-se quase a leste da cidade deste nome.

Camboriú.²⁸⁹ Freguesia da província de Santa Catarina,

na comarca do Norte. Os naturais do país a apelidam ordinariamente Cambriú. Uma lei de 23 de março de 1839, proferida pela assembleia provincial, ordenou a fundação duma nova igreja e dum cemitério nas margens do rio Camboriú. Seu território pega ao sul com o da freguesia de Porto Belo, no monte Boi, e se estende ao norte até o ribeiro Gravatá, que o separa do da freguesia da Penha de Itapocoróia.

Camboriú. Cabo ou ponta de terra da província de Santa Catarina, ao norte da baía das Garoupas, em vinte e seis graus e cinquenta e nove minutos de latitude, e cinquenta e um e quatro minutos de longitude oeste.

Camboriú. Rio de pouco cabedal, no continente da província de Santa Catarina. Suas águas se despenham da grande cordilheira próxima ao Oceano, regam as terras da freguesia do seu nome, e vão se lançar no mar, perto da ponta do mesmo apelido. Na preamar sobem as canoas e barcos por este rio acima com

²⁸⁷ Atual cidade de Camboriú/SC. (N/E)

²⁸⁸ Atual cidade de São Fidélis/RJ. (N/E)

²⁸⁹ Atual cidade de Camboriú/SC. (N/E)

Camboropi

facilidade, mas na vazante da maré a força de sua corrente dá muito que entender aos remeiros.

Camboropi. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Cabo Frio: rega o território das aldeias de Ipuca.

Camecrã. Nome genérico de cinco tribos de Índios que povoam as matas que separam a província do Pará da de Goiás. Distinguem-se estas tribos pelos nomes de Chacamecrã, Croré-Camecrã, Ma-Camcerã, Pio-Cameerã e Poré-Camecrã. (V. *São Pedro de Alcântara*, vila.)

Camelo. Serra da província do Rio Grande do Norte, a que se deu este nome por se assemelhar com o dorso deste animal; pode ter esta serra cousa de cinco léguas de comprimento.

Cametá. Nova comarca da província do Pará, criada por lei provincial de 30 de abril de 1841. A vila de que ela tem o nome é a sua cabeça, porém seus limites e confrontações com as comarcas vizinhas ainda não haviam sido assinalados.

Cametá.²⁹⁰ Vila da província do Pará sobre a margem esquerda do rio Tocantins, vinte e seis léguas ao sudoeste da cidade de Belém. Foi nos tempos antigos uma aldeia de Índios Cametás, cujo distrito foi dado a Francisco de Albuquerque, e reunido à coroa depois da expulsão dos Holandeses no ano de 1632. El-Rei D. João IV conferiu a esta povoação o título de vila com o nome de Vila Viçosa, o que não obstante, o de Cametá prevaleceu entre os Brasileiros. É nesta vila que se depositam as fazendas que vêm pelos rios vizinhos e pelo Tocantins. Ela serve de escala às embarcações que sobem por este rio até o interior da província de Goiás. Tem esta vila uma igreja paroquial dedicada a São João Batista, um hospital, uma nova igreja que se edifica para fazer as vezes da primeira que já não é suficiente para a população atual: devem-se também construir os edifícios necessários para a casa da câmara e a cadeia, em conformidade do art. 179 § 10 da constituição. O porto da antiga aldeia de Cametá é aquele donde em 1537 se fez a vela para o Peru

Pedro Teixeira, e onde veio desembarcar depois de haver subido pelo Amazonas, e descido, vindo de Quito no ano seguinte. Um alvará de 10 de fevereiro de 1821 nomeou um juiz de fora para esta vila em lugar dos juizes ordinários que até ali administravam às partes a justiça. Esta vila populosa e florescente se distinguiu por sua fidelidade ao governo imperial todo o tempo que durou a revolução do Pará de 1835. (V. o art. *Belém*, e o de *Pará*.) Defenderam-se os habitantes contra os rebeldes e ajudaram eficazmente as tropas imperiais em suas marchas estratégicas. Uma lei provincial de 30 de setembro de 1839 assinou por limites ao distrito de Cametá o engenho situado na embocadura do ribeiro Pendabal, que o separa do de Belém neste ponto juntamente com as ilhas do Tocantins; ao sul o Furo ou canal Morujuca, e o rio Cupejó que o divide do distrito da vila de Oeiras; a leste as cabeceiras do ribeiro Tanarche, que o separa do distrito da vila de Tocantins, e ao oeste o sítio de Manoel Rodrigues e as ilhas Ingapijô. As terras das ilhas e do

²⁹⁰ Atual cidade de Cametá/PA. (N/E)

continente do distrito de Cameté são por extremo férteis e próprias para toda espécie de agricultura dos gêneros do país. Seus habitantes, avaliados em vinte mil, se empregam na agricultura, comércio e navegação. É natural que este distrito medre e engrosse em tráfico quando as comunicações por água se tornarem mais fáceis e cômodas.

Camisão. Povoação da província e comarca da Bahia, na serra de que toma o nome, a certa distância da margem esquerda do rio Paraguaçu, com uma igreja da invocação de Santana, e uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Camorim. Lago da província do Rio de Janeiro. (V. *Jacarepaguá*, lago.)

Camorupim. Lago da província do Ceará, ao pé da serra Hibiapaba, no distrito de Vilanova del Rei. Verte a superabundância de suas águas pelo canal do mesmo nome, cuja embocadura no mar não admite outras embarcações, a não ser as que

demandam mui pouca água. Dizem ser muito abundante em pescado.

Campanha.²⁹¹ Nova cidade e antiga vila da província de Minas Gerais, cabeça da comarca de Rio Verde, cinquenta e quatro léguas ao sudoeste da cidade de Ouro Preto, e setenta e dous ao noroeste do Rio de Janeiro, por vinte e um graus e trinta e um minutos de latitude. Deve a sua primeira origem a alguns habitantes de São Paulo, que exploraram várias partes do Brasil em 1720, esperando encontrar minas de ouro. As cavas que fizeram neste ponto tendo sido proveitosas, infinitos aventureiros se lhes ajuntaram, e acabaram por assentarem ali vivenda, e edificarem uma igreja que foi declarada freguesia quatro anos depois do primeiro descobrimento. Um alvará de 20 de outubro de 1798 conferiu a esta povoação e freguesia o título de vila estendendo-lhe o nome, e apelidando-a Vila da Campanha da Princesa da Beira. A primeira câmara ou municipalidade desta vila fez um donativo à princesa da Beira do terço das rendas muni-

cipais, donativo que o príncipe regente seu esposo aceitou por carta de agradecimento de 6 de novembro de 1800. Vindo a princesa a ser rainha, conservou estas rendas até a sua partida do Brasil em 1821. Uma lei provincial elevou em 1839 esta vila à categoria de cidade, com o simples nome que ora tem. É esta cidade edificada em anfiteatro sobre a rampa duma colina agradável e pitoresca. As casas entremeadas de hortas fazem um singular contraste com as montanhas áridas e descalvadas que as cercam, cheias de escavações donde se há tirado ouro. A cidade de Campanha é repartida em três ruas que correm de norte a sul, e que são custosas de subir; outras as cruzam horizontalmente. Uma quarta rua, chamada rua do Fogo, na encosta oeste da colina, é menos íngreme que as três primeiras e também a mais comerciante, e depois dela a rua Direita onde se acham os armazéns de panos e fazendas de fancaria. As casas de ordinário são térreas, e os principais edifícios consistem em uma casa municipal, cujas lojas servem de cadeia, numa igreja paroquial na extremidade superior da

²⁹¹ Atual cidade de Campanha/MG. (N/E)

Campanha de Toledo

rua Direita, dedicada a Santo Antônio do Vale, e em mais quatro com as invocações de N. S. das Dores, do Rosário, São Sebastião e São Francisco de Assis, em um teatro com duas ordens de camarotes, e uma plateia com bancos. Em 1835 tomou a municipalidade a iniciativa para fundação dum hospital. Fez-se para esse efeito uma subscrição de seis contos de réis, porém no cabo do ano seguinte de 1836 ainda se não tinha entrado senão com um conto e duzentos mil réis, bem que as despesas feitas chegassem a perto de dous contos. Tratou-se também quase no mesmo tempo de fazer uma nova casa da câmara. Há nesta cidade uma escola de primeiras letras, e uma cadeira de latim que é bem pouco frequentada, com ser a população do território da freguesia de perto de três mil habitantes. O distrito desta cidade tem o nome de Campanha do Rio Verde; posto que diminuído com a criação das vilas de Sapucaí e de Ouro Fino (V. estas palavras), sua população passa de seis mil habitantes lavradores e criadores de gado. Perto da cidade existem águas

termais que passam por mui eficazes nas doenças cutâneas.

Campanha de Toledo.²⁹²

Posto ou registo da província de Minas Gerais, para a arrecadação dos direitos, sobre os gêneros que passam para a província do Rio de Janeiro.

Campanha do Neiva. Sítio da província de Goiás, fronteiro à de São Paulo, célebre pela abundância da árvore chamada congonha, de cujas folhas se faz o mate ou chá do Paraguai.

Campelo. Lago da província do Rio de Janeiro, perto da embocadura e sobre a margem esquerda do rio Paraíba, com o qual comunica por dous canais em sua extremidade meridional, os quais formam uma ilha, cuja maior largura fica defronte do rio. Tem este lago duas léguas de norte a sul, e mais de meia de largo.

Campestre.²⁹³ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí, a qual andava anexa à freguesia de Cabo Verde, até que por lei provincial de 3 de abril de

1840, foi sua igreja posta no número das freguesias da província.

Campina Grande.²⁹⁴ Pequena vila da província de Paraíba, assentada numa colina da serra Bacamarte, trinta e cinco léguas a oeste da cidade de Paraíba. Deve esta vila origem aos Índios Cairiris, apelidados os Velhos, que foram doutrinados pelos missionários em uma aldeia a que os Portugueses ao princípio chamaram Paupina; porém em geral o nome de Campina Grande prevaleceu. Em cumprimento de diversas ordens régias foi esta aldeia instalada vila pelo ouvidor Andrade de Brederode, em 20 de abril de 1790. Governando a província de Pernambuco Jerônimo José de Melo e Castro, deu o ouvidor a esta vila o nome de Vila da Rainha, o que não obstante, prevaleceu o antigo. A maior parte das casas são térreas, à exceção das que se vão fazendo de novo, e da da câmara que tem um primeiro andar; há nela duas escolas de primeiras letras para os meninos e meninas, uma igreja paroquial dedicada a N. S. da

²⁹² Atual cidade de Toledo/MG. (N/E)

²⁹³ Atual cidade de Campestre/MG. (N/E)

²⁹⁴ Atual cidade de Campina Grande/PB. (N/E)

Campo Belo

Conceição: por ela passa a estrada real que vai da cidade de Paraíba às capitais das províncias do norte. Seu distrito confina, ao norte, com o de Brejo da Areia; a leste, com o do Pilar; ao sul, com a província de Pernambuco; e a oeste, com os distritos de Pombal e de Vila Real de São João. A falta d'água que experimenta este distrito é o flagelo que se opõe ao aumento de sua população, e que dá ocasião a frequentes emigrações. Apesar deste inconveniente em 1815 o número de seus habitantes era de cinco mil derramados pela vila, e povoação de Brejo da Alagoa, Brejo do Fagundo, Bacamarte, Cabeceira e outras. Atualmente este número é pouco mais ou menos o mesmo.

Campinas.²⁹⁵ Antiga vila e nova cidade da província de São Paulo, na quarta comarca, dezoito léguas ao norte da capital desta província, por vinte e dois graus e quarenta minutos de latitude, e quarenta e oito graus e cinquenta e oito minutos de longitude oeste. Era noutro tempo uma

povoação medíocre no meio duma vasta planície que se apelidava Campinas. Sua igreja paroquial era dedicada a São Carlos. Em virtude duma ordem régia, o governador de São Paulo Antônio Manoel de Melo Castro e Mendonça a elevou à categoria de vila do Brasil em 1797, e deu-lhe o nome do orago de sua freguesia. Com o governo constitucional, a povoação desta vila se aumentou a tal ponto, que a assembleia provincial lhe conferiu em 1840 o título de cidade. As terras do distrito da cidade de Campinas são ótimas para as canas-de-açúcar, de que há muitos engenhos e destilações, que se exportam em machos para a cidade de Santos. Avalia-se em mais de seis mil o número de seus habitantes. Confina este distrito, a oeste, com o da vila da Constituição; ao norte, com o de Araquara; e ao sul, com o de Atibaia.

Campinas. Povoação da província de Mato Grosso, sobre a margem direita do Paraguai, a duas léguas de Vila Maria. Deve-se transportar para este

lugar o arsenal da marinha, estabelecido na cidade de Cuiabá.

Campinho. Antiga povoação da província da Bahia. (V. *Vila Viçosa*, vila.)

Campo. Trigésima quarta cachoeira que se encontra no rio Tietê, na província de São Paulo. Sobem e descem por ela com facilidade as embarcações. Jaz esta cachoeira quatorze léguas abaixo da Comboiu Vaca, e somente um quarto de léguas acima da Avanhandava-Mirim.

Campo Alegre.²⁹⁶ Antiga freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Resende*, vila.)

Campo Alegre. Freguesia da província de Minas Gerais. (V. *Ajuruoca*, vila.)

Campo Belo.²⁹⁷ Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Resende, com uma igreja da invocação de São José, filial da freguesia da vila de Resende. Esta povoação é também apelidada *São José de Campo Belo*.

²⁹⁵ Atual cidade de Campinas/SP. (N/E)

²⁹⁶ Atual cidade de Resende/RJ. (N/E)

²⁹⁷ Atual cidade de Itatiaia/RJ. (N/E)

Campo Belo

Campo Belo.²⁹⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Tamanduá, e cabeça de colégio eleitoral, trinta e seis léguas a oeste da cidade de Ouro Preto, com uma igreja dedicada ao Bom Jesus, que foi criada paróquia por alvará de 24 de setembro, de 1818. Encerra seu território mil e quinhentos habitantes entre lavradores, e criadores de gado:

Campo da Palma. Campina da província de São Paulo, no distrito de Castro, onde se formou uma colônia militar, com o nome de Mata do Campo da Palma. (V. este nome.) Esta colônia depende da freguesia de Guarapuava.

Campo do Barro Branco. Propriedade nacional na província de São Paulo. Em assembleia provincial pediu a geral de anexar esta propriedade à daquela província, porém foi adiada a resolução da proposição.

Campo do Arnesto. Campo da província de Mato Grosso, (V. *Arnesto*).

Campo do Crioulo. Campina de duas léguas de extensão

pertencente ao distrito da vila de Lagarto, na província de Sergipe. Os moradores de suas vizinhanças criam gado vacum que passa por ser de superior qualidade, o que se atribui aos bons pastos salgados desta campina.

Campo do Riacho. Aldeia medíocre da província do Espírito Santo, sete léguas ao sul do rio Doce. Está assentada nas margens dum ribeiro chamado Riacho, meia légua acima de sua embocadura no mar. Seus moradores são Índios.

Campo Grande.²⁹⁹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, que deve a sua origem a Manoel de Barcelos Domingos um dos habitantes deste território no século XVII. Fundou ele uma ermida nos campos que rega o Bangu com uma capela dedicada a N. S. do Desterro, a qual foi criada freguesia em 1673, assinando-se-lhe por termo uma parte dos de Irajá, e de Jacarepaguá. Desapareceu esta capela, e passou-se mais dum século sem que os habitantes edificassem outra. Sucederam-se vários curas que exerciam

as funções de seu ministério ora nesta, ora em outra capela, até que no ano de 1808 se estabeleceram em uma igreja que se havia edificado no sítio chamado Caroba, Esta igreja, da mesma invocação, que a primeira, tem por filiais a de São José no sítio de Coqueiros, que serviu longo tempo de freguesia, e as de N. S. da Conceição na povoação de Lamarão, de Santana no sítio de Capoeiras, de N. S. da Lapa no magnífico engenho de Viegas, e uma nova igreja na margem do ribeiro Juriari, toda de pedra, e da invocação de Santo Antônio, nome dum povoação novamente feita ao pé da estrada real. O território da freguesia de Campo Grande tem por limites ao norte o de Meriti, a leste confina com o de Irajá; ao sul o ribeiro Grande e a serra Maitaraca o separam da freguesia de Jacarepaguá, e a oeste confronta com o território também das freguesias de Guaratiba, e de Maripocú. Contam-se neste território quinze engenhos, e avalia-se a população a mais de duas mil almas. Atravessa-o de leste a oeste a estrada que vai do Rio de Janeiro a São Paulo, e

regam-no os ribeiros Bangu, Taquaral, Caboçu, Mendanha e Juriari, todos de pouco cabedal em tempo seco, e impetuosos na estação das chuvas ao ponto de não serem navegáveis.

Campo Grande.³⁰⁰ Freguesia da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila da Princesa, dezesseis léguas a oeste desta vila, e conhecida também com o nome de Panema. Tem esta freguesia uma escola de primeiras letras criada por decreto de 3 de outubro de 1832. Sua igreja, dedicada a Santana, foi elevada à categoria de paróquia por lei da assembleia provincial. Uma estrada que vai da cidade de Natal à de Fortaleza, capital do Ceará, dá certa importância a Campo Grande pela passagem frequente das manadas de bois para bas-tecimento das cidades de Natal, de Paraíba e do Recife de Pernambuco, importância que deve aumentar-se à proporção que se for aumentando também a população das províncias setentrionais do Brasil.

Campo Grande. Serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre. Pertence à freguesia de Pau dos Ferros, e acha-se isolada no meio duma grande planície.

Campo Largo.³⁰¹ Vila da província da Bahia, situada na margem esquerda do rio Grande, vinte e quatro léguas acima da embocadura dele no de São Francisco. Era uma povoação medíocre do mesmo nome com uma igreja paroquial dedicada a Santana. Um alvará de 3 de junho de 1820 desanexou uma grande parte do vasto território apelidado vulgarmente sertão de Pernambuco para formar a comarca de Rio de São Francisco, anexa à província da Bahia, e conferiu a esta povoação o título de vila, correndo por conta dos moradores dela as despesas da casa da câmara, cadeia e mais requisitos próprios duma vila, e por decreto de 16 de junho de 1832 concedeu-se-lhe uma escola de primeiras letras. O distrito da vila de Campo Largo se acha circunscrito ao

Campo Maior

sul pelo rio Grande, a oeste pelo Branco, a leste pelo Preto, e estende-se ao norte entre estes dous rios até a província de Pernambuco. Avaliam-se os seus habitantes em três mil pela maior parte lavradores.

Campo Largo.³⁰² Povoação da província de São Paulo, no distrito da vila de Curitiba, e a cinco léguas dela. Uma lei provincial de doze de março de 1841 conferiu o título de paróquia a sua igreja e à de Serra Negra, deixando ao arbítrio do presidente da província a demarcação do termo das duas novas freguesias.

Campo Maior. Nome duma das comarcas da província do Ceará, criada por lei da assembleia geral, antes da lei da reforma da constituição haver instituído as assembleias provinciais.

Campo Maior.³⁰³ Pequena vila da província de Piauí, na margem do ribeiro Surubim, de que trouxe algum tempo o nome, e perto dum lago

³⁰⁰ Atual cidade de Augusto Severo/RN

Campo Maior de Quixeramobim

abundante em peixe e de muita boa água. Jaz esta vila que teve este título no meado do século passado, duas léguas a leste do rio Longá, oito na mesma direção do rio Parnaíba, e sessenta e seis ao nordeste da cidade de Oeiras, e possui duas igrejas, a paroquial dedicada a Santo Antônio, e mais outra da invocação de N. S. do Rosário. Um alvará de 8 de maio de 1811 nomeou para ela e para a de Parnaíba um juiz de fora, deixando a sua escolha o residir numa ou noutra. Atualmente residem na vila de Campo Maior um juiz municipal e um delegado do chefe da polícia da província. Seu distrito é grande e regado pelos rios Longá, e pelos ribeiros Surubim, e Marataoã. Avalia-se a sua povoação em cinco mil habitantes, cuja principal indústria consiste na agricultura dos gêneros do país, e na criação de gado, objetos mais essenciais de exportação, além das pedras de amolar.

Campo Maior de Quixeramobim.³⁰⁴ Vila central da província do Ceará, cabeça da comarca de seu nome. Está situada na margem direita do rio Quixeramobim, cinquenta

e cinco léguas ao su-sudoeste da cidade de Fortaleza, e cinquenta e dous ao nordeste da vila do Crato, por seis graus, dezoito minutos de latitude e quarenta e um graus, quarenta e seis minutos de longitude oeste. Foi largo tempo uma povoação de pastores, chamada Quixeramobim, palavra indiana que significa: *vaca gorda*. Foi-se esta povoação insensivelmente aumentando até que em 27 de junho de 1817, criando-se por um alvará a comarca do Crato, deu-se a esta povoação o título de vila com o nome de Campo Maior de Quixeramobim. É esta vila pobre, como o são todas as do interior desta província; o que não obstante, com o governo constitucional, sua população e comércio se têm sensivelmente aumentado. Uma lei da assembleia geral de 25 de agosto de 1832 lhe concedeu uma escola de primeiras letras, e uma cadeira de latim. Tem esta vila uma bela igreja paroquial dedicada a Santo Antônio, porém esteve até 1838 sem ter nem casa da câmara, nem cadeia, que foram ao depois edificadas em virtude duma lei da assembleia provincial. Acha-se esta vila

rodeada de areais regados por ribeiros e rios que se secam todos os anos. Seu distrito confina ao norte com o da vila de Montemor Novo, a oeste com o de Vilanova del Rei, defronte da fazenda Espírito Santo pertencente ao distrito de Campo Maior, e a leste com o da vila de São Bernardo. As terras chãs não são de lavra, porém as altas são por extremo férteis: nelas vivem os habitantes na estação calmosa, e na das chuvas descem para as chãs onde criam gado *vacum* em abundância, que os mercadores de Pernambuco preferem aos dos outros distritos. Avalia-se a povoação deste distrito em mais de oito mil almas.

Campo Novo. Antiga povoação da província do Espírito Santo, na comarca deste nome, cuja povoação consiste atualmente em um pequeno número de famílias indianas.

Campos ou Campos dos Goitacases.³⁰⁵ Cidade da província do Rio de Janeiro, na margem direita do rio Paraíba, a oito léguas do mar, sessenta ao nordeste da cidade do Rio de Janeiro, por vinte e um graus e trinta e dous

³⁰⁴ Atual cidade de Quixeramobim/CE. (N/E)

³⁰⁵ Atual cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

minutos de latitude, e quarenta e três graus e trinta e oito minutos de longitude oeste. A parte do Brasil que jaz ao norte e a oeste do cabo de São Tomé era antigamente ocupada pela nação Goitacases, cujas diversas tribos, dizem, andavam entre si divisas. No idioma dos Índios *Goitacomopi* significava *Campos de Delícia*. Pedro Góis da Silveira alcançou de D. João III uma concessão de terras entre as que haviam sido doadas a Martim Afonso de Souza, e Vasco Fernandes Coutinho, com o título de capitania de São Tomé, sendo o cabo deste nome o ponto mais notável desta terceira concessão. Voltou Pedro Góis a Lisboa, e associou-se com Martim Ferreira, e ambos se embarcaram com algumas famílias de colonos apercebidas de abundantes provisões de boca e de guerra, bem como doutros objetos necessários para o estabelecimento da colônia, e chegaram a salvamento à embocadura do Paraíba, em 1540. Estabeleceu-se Pedro Góis da Silveira com seus colonos no país, e manteve-se em paz com os Índios por tempo de dous anos, que foram seguidos de cinco de porfiada guerra; assim que os colonos, vendo que não recebiam socorros da Europa, se deter-

minaram a abandonar o país. Vasco Fernandes Coutinho, donatário da capitania do Espírito Santo, lhes forneceu os meios necessários para se transportarem para a dita capitania, e Pedro Góis, inteiramente arruinado, voltou só para Lisboa, depois de haver residido algum tempo em casa de seu benfeitor. Diz-se que voltara outra vez ao Brasil em 1583 em companhia de Tomé de Souza, primeiro governador deste Estado; que fizera novas tentativas e esforços para restabelecer a colônia; mas que dera de mão a este projeto, e se fora para o rio da Prata com Pedro Lopes de Souza, irmão do donatário da capitania de São Vicente, e que ambos pereceram num naufrágio. Teve Pedro Góis da Silveira dous sucessores; o segundo deste, por nome Gil Góis, se associou com João Gomes Leitão, porém como lhes falecessem capitais suficientes para formar algum estabelecimento na capitania, arrendaram várias porções dela aos irmãos Gonçalves, Manoel e Duarte Correia, de sociedade com Miguel Aires Maldonado, João Castilho, Antônio Pinto e Miguel Riscado, para ali criarem gado, e estes receberam os títulos necessários para esse efeito do procurador bastante dos donatários, datados de 19 de

agosto de 1627. Nesse entretanto faleceu Gil Góis, e em conformidade do seu testamento voltou esta capitania para a coroa, a qual concedeu novas sesmarias ao provincial dos jesuítas, aos beneditinos e carmelitas, e pelo mesmo teor a Martim Correia de Sá e a Salvador Correia de Sá e Benavides, que haviam em 1629 acossado os Índios, obrigando-os a recolherem-se às cordilheiras. Todos estes proprietários das sesmarias se uniram para fazer aos Índios uma guerra mortal, e repartiram entre si as terras. Os jesuítas estabeleceram-se sucessivamente nas aldeias cujos habitantes recebiam o batismo, e faziam a guerra aos que o não queriam receber. No decurso do século XVII parte das sesmarias foram deixadas em legado aos jesuítas e beneditinos: assim que das famílias dos proprietários associados, da dos religiosos, dos Índios submetidos e dos Portugueses e Brasileiros condenados a degredo, se formou a povoação dos Campos dos Goitacases. Salvador Correia de Sá e Benavides possuía parte das terras concedidas ao oeste do rio Iguaçu e ao sul do Paraíba, e formou ali um estabelecimento rural, e em 1652 fez edificar uma capela dedicada ao santo do seu no-

Campos

me, onde diziam missa os beneditinos, que eram senhores duma sesmaria considerável naquelas vizinhanças. Foi esta igreja privilegiada e considerada como freguesia em 1674. Já nesse tempo as sesmarias se achavam povoadas pelos protegidos dos donos delas, e um sem número de degradados, que residiam no Rio de Janeiro, inquietavam os vizinhos e cometiam vários excessos, sem que os delegados dos proprietários pudessem coibi-los. Um eclesiástico deputado pelo vigário geral do Rio de Janeiro conseguiu ajuntar no adro da igreja de São Salvador as pessoas mais pacatas e sisudas, as quais como entendessem que eram mister leis, que amparassem e defendessem os fracos dos insultos dos poderosos, armaram o povo contra estes, deitaram-nos fora da terra, elegeram uma municipalidade, armaram uma força, e deram por aquele modo princípio à vila de São Salvador, que as novas autoridades puseram debaixo da proteção imediata do soberano, mandando traslado dos atos celebrados ao ouvidor do Rio de Janeiro, em 1675. Entretanto obteve o visconde de Asseca do príncipe regente uma concessão de vinte léguas de terra, na antiga capitania de São Tomé, por carta de 15 de

setembro de 1674, que lhe punha por condição expressa de fundar ali duas vilas, uma sobre o mar, para facilitar a navegação, e outra no interior, para reprimir as agressões dos Índios, e esta nova capitania, posta debaixo da jurisdição do juiz de fora da cidade de Cabo Frio, o qual foi encarregado de a fazer reconhecer por tal, tomou o nome de *Paraíba do Sul*. Tais foram os motivos de se criarem e reconhecerem legalmente em 1677 a vila de São Salvador e a de São João da Barra, na embocadura do Paraíba. Pouco tempo depois a câmara destas duas vilas alcançou do donatário das terras que ficavam sobre a margem direita deste rio licença para transferir para ali a vila, que se achava na distância de dez léguas. Edificou-se uma nova igreja com a mesma invocação, e instalou-se afinal a nova vila em 1678. Porém o povo inquieto e turbulento talvez pelos elementos diversos e heterogêneos de que era composto, esteve sempre em oposição com o clero secular e regular, e até com as próprias autoridades. Enfim em 1720 rebentou uma revolução fomentada por Bartolomeu Bueno. A câmara havia sido excomungada, o clero queria obrigá-la a se retirar da vila. No entretanto o povo furioso

se apossou das pessoas que a compunham, e as enviou presas para o Rio de Janeiro, à exceção da do representante do donatário que teve artes de escapar-se. Luiz Vaia Monteiro, que se achava então no Rio de Janeiro e que tinha grande influência na província, sendo inimigo declarado dos sucessores do primeiro donatário, aproveitou-se destas desordens para excitar o povo contra aquela família. Aires de Saldanha de Albuquerque, que era nesse tempo governador general do Rio de Janeiro, fez marchar algumas tropas contra os rebeldes, com ordem de se apoderarem de Bartolomeu Bueno; o qual depois de se haver defendido algum tempo, vendo-se desamparado dos seus, se pôs em fuga, deixando todos os seus haveres e bens que foram sequestrados. Sem embargo da fuga e desaparecimento de Bartolomeu Bueno foram por diante as desordens e alevantamentos; e em 1728 mandaram-se novas tropas que não foram mais bem sucedidas que as primeiras. Por efeito destas comições civis no ano de 1740 recusou a câmara reconhecer o comandante militar Pedro Velho Barreto que havia sido nomeado pelo donatário que era nesse tempo o visconde de Asseca

Diogo Correia de Sá, e oito anos depois seu filho experimentou o mesmo dis-sabor. Porém o governador geral informado disto ordenou expressamente à câmara houvesse imediatamente de reconhecer o novo donatário. Irritado o povo contra os municipais, por isso que desobedeciam às ordens do governador, cercou a casa da câmara, atacou o comandante militar que teve de se retirar depois de não haver ofendido algumas pessoas, e nomeou uma nova câmara. Porém o governador Gomes Freire de Andrade fez marchar novas tropas contra os rebeldes de acordo com o ouvidor da capitania do Espírito Santo, e entrou na vila de São Salvador em julho de 1748. Foram as propriedades dos que se puseram em fuga confiscadas, a autoridade do donatário reconhecida, e ficou uma guarnição naquela capitania para manter a paz e público sossego. Porém no ministério do marquês de Pombal determinou El-Rei D. José que a capitania de Paraíba do Sul seria incorporada na do Espírito Santo por decreto de 1.º de junho de 1753, concedendo ao donatário visconde de Asseca em câmbio uma prestação anual de três mil cruzados. As pessoas comprometidas foram anis-

tiadas, o ouvidor da vila e capitania do Espírito Santo veio em nome do soberano tomar posse da vila de São Salvador e da de São João da Barra, assim que segunda vez esta porção do Brasil voltou para a Coroa. No decurso destas comições civis a vila de São Salvador havia visto elevar-se em seu distrito a fábrica da igreja da Madre de Deus, e a de N. S. da Lapa pelo missionário Ângelo de Sequeira, e o seminário que se serve ainda hoje de colégio para as classes superiores. Depois de sua reunião à coroa edificaram-se as igrejas de Santana, de São Sebastião, da Mãe dos Homens, da confraria da Misericórdia, e das confrarias ou ordens terceiras do Carmo, e de São Francisco, a igreja do Rosário, e de N. S. da Boa Morte, e a da Conceição fundada por Pedro Freire Vital. No começo do século presente achava-se o distrito da vila de Campos quase inteiramente repartido entre quatro principais fazendas, e plantado de canaviais. A porção pertencente aos jesuítas foi vendida depois da extinção desta ordem a Joaquim Vicente dos Reis. A dos beneditinos estava ainda em poder destes religiosos e se achava aumentada com diversos legados. A terceira

estabelecida por Salvador Correia de Sá estava também em poder de seus descendentes os viscondes de Asseca. A quarta criada por Miguel Aires Maldonado foi erigida em morgado da família dos Barcelos. Um decreto real de 5 de maio de 1800 pôs um juiz de fora na vila de São Salvador, criada baronia em 17 de dezembro de 1812 em favor da viúva de Brás Carneiro Leon que havia prestado grandes serviços ao Estado na chegada da família real ao Brasil. Diversas leis da assembleia geral legislativa nos anos de 1832 e 1833 ordenaram a separação das vilas e distritos de Campos e de São João da Barra da provincia do Espírito Santo, anexando-os à do Rio de Janeiro, e designando a vila de São Salvador dos Campos por cabeça duma nova comarca de seu nome, instituindo nela, além da cadeira de latim e de primeiras letras que já existiam, as de matemática, filosofia, retórica, de lingua francesa, e uma escola de primeiras letras para as meninas, cadeiras que são dadas ao concurso, quando se acham vagas. Neste mesmo ano de 1833 uma cheia do Paraíba fez grandes estragos nesta vila e em seu distrito. No de 1835 a assembleia legislativa da provincia do Rio de Janeiro, constituída em virtude

Campos da Vacaria

da lei das reformas constitucionais, decretou em 28 de março que a vila de São Salvador dos Campos seria imediatamente elevada à categoria de cidade com o nome de Campos dos Goitacases. Está esta nova cidade assentada numa planície que as virações do mar e da terra sanificam mais do que se poderia imaginar à vista da quantidade d'água e de rios de que se acha cercada. As ruas principais são as únicas que se acham calçadas, todas porém à noite são alumeadas com candeeiros. As casas em geral são térreas; e eram em 1814 mil e duzentas; atualmente passam de mil e quinhentas nas quais se contam quatro mil indivíduos de ambos os sexos. A cidade de Campos é cabeça dum colégio eleitoral que em 1840 constou de setenta e três eleitores. Seu porto não admite senão embarcações de pouco porte, porém vencendo mil dificuldades as sumacas e brigues pequenos acabam por entrar nele, quando o rio se engrossa na estação das chuvas; faz-se nele um comércio ativíssimo com o Rio de Janeiro do açúcar, café, aguardente, madeiras de construção e outros gêneros. O distrito desta

cidade se compõe das freguesias da cidade de Aldeia das Pedras, de Santa Rita, de São Gonçalo, São Sebastião, São Fidélis e de Guarulhos, e confina ao norte, como a de São João da Barra, com o rio Cabapuana que o separa da província do Espírito Santo; ao oeste confronta com a comarca de Cantagalo na cordilheira dos Aimorés; da parte do sul o rio Macaé o divide da comarca de Cabo Frio; e a leste linda com o distrito de São João da Barra. Sua comarca consta deste último distrito e do da cidade, e encerra pelo menos quarenta mil habitantes. Nos primeiros tempos os campos de Goitacases não produziam senão arroz e pastos nas terras baixas, e nas altas milho, feijão e mandioca; atualmente estes objetos são considerados como acessórios, e o principal objeto da agricultura consiste nas canas-de-açúcar, que deixam um grande benefício, e na criação de gado vacum e cavalos, e todavia o anil dá-se muito bem nas terras desta comarca, bem como os cafeeiros e cacauzeiros.

Campos da Vacaria. Vasto território ao norte da província de São Pedro do Rio

Grande, pertencente à freguesia de N. S. do Oliveira, que tem por limites, ao norte, o rio Iguaçu, tributário do Paraná, e ao sul a serra Geral. (*V. N. S. do Oliveira.*)

Campos de Itabaiana. Freguesia e nova vila da província de Sergipe. Ao princípio andava anexa ao distrito da vila do Lagarto, de cuja igreja era filial, porém foi criada paróquia por lei provincial de 1840, e no ano seguinte outra lei da mesma assembleia elevou esta freguesia à categoria de vila, com o nome que acima damos.

Campos de Serra Acima. Dá-se este nome às chãs que se acham no alto da serra Geral, ao norte da cidade de Porto Alegre, no norte da província de São Pedro do Rio Grande. Estendem-se estas terras de leste a oeste ao sul dos Campos da Vacaria, e são anexas à nova freguesia de São Francisco de Paula, que se não deve confundir com a que tem o mesmo nome na cidade de Pelotas.

Campos do Rio Real.³⁰⁶ Freguesia da província de Sergipe, anexa ao distrito da vila do Lagarto. Sua igreja é

³⁰⁶ Atual cidade de Tobias Barreto/SE. (N/E)

dedicada a N. S. dos Campos, e seu território encerra mais de mil e cem habitantes, pela maior parte lavradores.

Campos Novos.³⁰⁷ Povoação de pouca importância, na província do Rio de Janeiro, distrito de Cabo Frio, obra de uma légua ao sul do rio de São João. Foi ao princípio um estabelecimento rural, ou colégio dos jesuítas, com uma igreja da invocação de São Joaquim. Quando depois da extinção desta ordem Manoel Pereira Gonçalves arrematou esta propriedade em hasta pública, a igreja e as casas situadas num alto dominavam um quadrado, ou paralelogramo formado pelas casas dos negros, com mais algumas outras; porém tudo se arruinou, e atualmente este sítio se acha num estado deplorável.

Camuão. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, na cordilheira dos Órgãos; rega o território paroquial de Pati do Alferes, e parece ser um dos nascentes do rio Piabanha.

Camucin. Rio da província do Ceará. Nasce na serra Hiabiapaba, divide o distrito da

vila de Granja do da cidade de Januária, ou Sobral, e depois de regar o território de Granja se vai lançar no mar, oito léguas mais abaixo. A maré entra por este rio até o porto desta pequena vila que admite sumacas. Os Índios que vivem na parte superior deste rio o apelidam Croaiú.

Camundé.³⁰⁸ Aldeia da província do Pará, sobre a margem esquerda do rio Negro, quatro léguas acima da povoação de Castanheira. Sua igreja é dedicada a São João Nepomuceno, e seus habitantes Índios da tribo Baré.

Camurugé. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Santo Amaro, com uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Camusi. Lago da província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra. A freguesia da Penha de França está assentada nas margens deste lago, onde os Índios cortam a palha Piripiri com que fazem covos, esteiras, tapetes e outras obras. Avalia-se o rendimento deste gênero de indús-

tria em sete mil cruzados por ano, repartidos entre os Índios do distrito de Conde e de Alhandra.

Cana Brava. Rio da província de Goiás, cujas margens são povoadas de Índios bravos. Nele deságua o de Santa Teresa, e juntos vão unir-se ao Tocantins, sobre a margem esquerda, vinte e cinco léguas abaixo do lugar onde este rio toma o nome que tem com a junção de dous outros.

Cana Brava. Ribeiro da província de Minas Gerais, que depois de correr algumas léguas, na direção de leste a oeste, atravessa a estrada real, e vai se lançar pela margem direita no rio de São Francisco, duas léguas além da povoação de Pedra dos Anjicos. Junto deste ribeiro existe uma fazenda do mesmo nome.

Cana Brava.³⁰⁹ Antigo nome da aldeia, hoje vila de Pombal, na província da Bahia. (V. *Pombal*.)

Canacatege. Tribo de Índios da nação Macamecrã, nas matas do Tocantins, perto da

³⁰⁷ Atual bairro de Campos Novos, distrito de Tamoios, município de Cabo Frio/RJ. (N/E)

³⁰⁸ Atual localidade de Camundé, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. (N/E)

³⁰⁹ Atual cidade de Ribeira do Pombal/BA. (N/E)

Canafistula

nova vila de São Pedro de Alcântara.

Canafistula.³¹⁰ Povoação da província de Paraíba, quatro léguas ao oeste da vila do Pilar, e três léguas ao norte da freguesia de Taiabana, a que pertence, com uma pequena capela. Seus moradores são Índios pela maior parte, que cultivam os gêneros de seu consumo, e algodão que exportam.

Cananeia.³¹¹ Pequena vila marítima da província de São Paulo, agradavelmente situada no extremo duma ilha da baía Tarapandé, vulgarmente chamada Cananeia. Em 1554, o jesuíta Pedro Correia, discípulo do padre Anchieta, batizou neste sítio um sem número de Índios Tupis, e fez-lhes fazer paz com os Carijós, já aliados dos Portugueses. Quinze anos depois, os naturais de São Vicente descobriram minas de ouro nos montes da cordilheira que fica paralela ao mar, que foram lavradas muito tempo com sucesso. Ignora-se quem fosse o fundador desta vila, que teve princípio em 1587. Sua igreja foi dedicada a São João Batista, e gozou largo

tempo das prerrogativas de matriz. No século seguinte, o conde da Ilha do Príncipe quis apoderar-se duma parte das concessões disputadas pelos herdeiros de Martim Afonso e de Pedro Lopes de Souza, e com efeito o conseguiu em 1653, apossando-se das vilas de Cananeia e de Paranaguá, antes por força que por ordens régias; porém o marquês de Cascais, a quem estas vilas pertenciam, lhas tirou três anos depois, e as guardou em seu poder até o ano de 1709, em que elas tiveram a mesma destinação que as capitânicas de São Vicente e de Itanhaém, que foram compradas para se fazer a capitania ou província de São Paulo. A vila de Cananeia é mediocrementemente povoada, e jaz numa ilha da baía de seu nome. Um canal frequentado por grandes barcos a separa do continente, e acha-se distante da cidade de São Paulo, cousa de cinquenta e oito léguas, em vinte e cinco graus e três minutos de latitude, e cinquenta graus e vinte e seis minutos de longitude oeste. Seu porto só admite pequenos brigues, nele há vários estaleiros onde se constroem barcos e outras

embarcações mercantes. Em 1841 reclamaram os habitantes de Cananeia que se estabelecesse ali uma alfândega. O distrito desta vila confina, ao nordeste, com o de Iguape; ao sul, com o Oceano; ao oeste, com o distrito de Paranaguá; e ao norte, estende-se por matas desertas. Suas terras em geral são baixas na parte que é povoada, e regadas de infinitos ribeiros; assim produzem elas grande quantidade de arroz que se exporta para Santos. Nas altas se dão muito bem o café e a vanilha. Avalia-se a sua população em dous mil habitantes quando muito.

Cananeia. Baía da província de São Paulo, apelidada antigamente *Tarapandé*. É de forma irregular, e entra pela terra dentro cousa de quatro léguas, não tendo senão meia de largura: jaz entre uma península montanhosa que a cerca pela banda do sul, e duas ilhas baixas da banda do norte; uma é a plaga arenosa de Iguape, e outra a ilha onde está situada a vila de Cananeia, entre dous canais que fazem que a baía se comunica com o lago chamado *Mar Pequeno*. Os navegantes podem reconhecer a baía de

³¹⁰ Atual cidade de Caldas Brandão/PB. (N/E)

³¹¹ Atual cidade de Cananeia/SP. (N/E)

Cananeia, pelo monte Cardoso, que fica por detrás dela da parte do norte, e pela ilha do Bom Abrigo, que jaz de frente de sua entrada ou boca cossa de uma légua, e parece formar a sua margem meridional juntamente com a península que demora ao oeste de Iguape. A entrada da baía é obstruída por bancos de areia, entre os quais existe uma carreira para os brigues e outras embarcações de pouco porte. A municipalidade de Cananeia pediu à assembleia geral, em abril de 1841, autorização para ter um piloto com um bote à custa do governo para servir de guia aos navios desde a entrada da baía até o porto da vila.

Cananeia. Ponta de terra no litoral da província de São Paulo, ao sul da entrada da baía de Cananeia, e a oeste da ilha do Bom Abrigo, em vinte e cinco graus e dezesseis minutos de latitude. No princípio do século XVI Cristóvão Jaques assentou neste promontório um padrão com as armas portuguesas e com o milésimo de 1503, como acabava de fazer na baía de Acejutibiró, e na entrada da de Todos os Santos. O canal que se acha entre este promon-

tório e a ilha do Bom Abrigo é frequentado dos barcos, porém os brigues devem tomar o norte desta ilha para entrarem na baía de Cananeia, bem que esta carreira seja embaraçada com alguns bancos de areia.

Canárias. Braço do rio Paranaíba, que sai da margem esquerda do braço chamado Tutóia, e vai lançar-se no mar no cabo de légua e meia de caminho. Navegam-no as canoas na preamar e na estação das chuvas.

Canarins. Índios descendentes dos antigos Aimorés, que têm ainda uma aldeia nas montanhas que ficam ao ocidente da cordilheira dos Aimorés, pela mesma latitude que Vila Viçosa e Caravelas, onde foram vistos andarem em busca de ovos de Tartaruga nos areais destes distritos.

Canastra. Grande serra da província de Minas Gerais, ao norte e perto do rio Grande. Ela se estende do norte ao sul, a leste da serra da Parida, que serve de limite à província de Goiás. Os viajantes curiosos se desviam da estrada, e sobem pela serra da Canastra,

até a cachoeira donde nasce o rio de São Francisco, o maior dos que regam o Brasil.

Cana Verde.³¹² Nova e pequena vila da província de Minas Gerais, a três léguas da vila de Tamanduá. Sua igreja, dedicada ao Bom Jesus, foi largo tempo filial da freguesia de São Bento desta vila. Porém por um decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, passou esta igreja a sê-lo da povoação do Amparo, criada paróquia pelo mesmo decreto, até que a assembleia legislativa provincial conferiu a esta povoação no ano de 1839 o título de vila. Encerra o distrito de Cana Verde obra de três mil habitantes entre agricultores e criadores de gado.

Canaviera. Angra ao norte da ilha de Santa Catarina, no território da freguesia de N. S. das Necessidades. Os Espanhóis efetuaram um desembarque em 1776 com intento de se apoderar da ilha, que o governador Pedro Antônio da Gama Freitas abandonou não sem desar capitulando em 5 de março, dez dias depois do desembarque dos Castelhanos em Canaviera.

³¹² Atual cidade de Cana Verde/MG. (N/E)

Canavieira

Canavieira.³¹³ Povoação da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, com uma igreja da invocação de N. S., e uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Candeia.³¹⁴ Povoação da província de Minas Gerais, oito léguas a oeste da vila de Tamanduá. Vem-lhe este nome dum arbusto tortuoso semelhante a uma cepa de que o país abunda, e cujos ramos servem de candeia aos habitantes. Sua igreja, dedicada a N. S. das Candeias, dependia da igreja paroquial de Campo Belo; mas por um decreto de 14 de julho de 1832 ficou sendo filial da da vila de Formiga.

Candeias. Rio da província de Mato Grosso. (V. *Jamari*.)

Candelária. Povoação da província de Pernambuco, no distrito da vila de Cabo Santo Agostinho, à beira do mar, sobre a direita dum ribeiro do seu nome, com uma igreja da invocação de N. S. das Candeias, filial da da vila.

Candiote.³¹⁵ Povoação da província de São Pedro do Rio

Grande. Está situada na serra das Tapes, entre Santa Tecla e Canguçu.

Candongá. Serra da província de Minas Gerais, no distrito da cidade do Serro, outrora Vila do Príncipe, a oeste e perto da povoação de Tapanhuacanga; acha-se este lugar ordinariamente entulhado de gado, e dá-se nele certa planta chamada pelos habitantes *capitão do mato*, de que fazem um chá de muito bom gosto.

Canelas de André Alves. Décima sexta cachoeira do rio Coxim na província de Mato Grosso. (V. *André Alves*.)

Canguçu.³¹⁶ Nova vila e antiga freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, sobre o rio do seu nome, e ao sul do rio Camacua; uma igreja da invocação da Virgem Maria, ao redor da qual se fizeram algumas casas, deu princípio a esta povoação, a que puseram o nome dum espécie de tigre comum nas vizinhanças. Foi esta igreja elevada à categoria de freguesia por uma resolução régia de 31 de janeiro de 1812. Em

1814 a população desta freguesia era de três mil e oitocentos e seis habitantes, porém como depois dessa época ela se fosse progressivamente aumentando, a assembleia provincial conferiu a esta freguesia o título de vila em 1835. Seu distrito consta de seu próprio território paroquial, e se acha rodeado dos da cidade de Pelotas ao sul de Caçapaba ao oeste e ao norte, e a leste entesta na lagoa dos Patos. Antes da revolução que assola esta província desde 1835 avaliava-se o número de seus habitantes a perto de cinco mil. Número que deve ter grandemente diminuído com o flagelo da guerra civil.

Canguçu. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande. Corre paralelamente com o rio Camacua, rega a vila de seu nome, e se lança na lagoa dos Patos pela margem ocidental. Um banco de areia que há na lagoa defronte deste ribeiro tem também o mesmo nome, e empece grandemente a navegação entre as cidades do Rio Grande e de Porto Alegre.

³¹³ Atual cidade de Canavieiras/BA. (N/E)

³¹⁴ Atual cidade de Candeias/MG. (N/E)

³¹⁵ Atual cidade de Candiota/RS. (N/E)

³¹⁶ Atual cidade de Canguçu/RS. (N/E)

Cangueira. Primeira cachoeira que se encontra no rio Tietê quando se desce da vila de Porto Feliz, e meia légua antes de chegar à cachoeira Jumirim. A corrente é rápida, e demanda muita atenção da parte dos que governam as embarcações que descem por este rio.

Canhanga ou Canhacanga.³¹⁷ Pequena povoação da província do Rio de Janeiro em terras pertencentes à comunidade dos carmelitas; por decreto de 4 de novembro de 1833, sua igreja foi anexada à filial do palácio de Santa Cruz. (V. este nome.)

Canindé ou Porto das Piranhas.³¹⁸ Povoação da província das Alagoas sobre a margem esquerda do rio de São Francisco, quatro léguas ao sul da serra Olho d'Água e vinte léguas abaixo do salto de Paulo Afonso. O porto desta povoação fica obra de meia légua acima dela e deve este nome a certa espécie de peixe de mar que vem com a maré. Seus habitantes são Índios no número de duzentos com alguns brancos, cujo principal mister é de transportar em

carros as fazendas que vêm pelo rio no ponto em que não se pode nele navegar. Ambas as margens do rio abaixo do Porto das Piranhas são acompanhadas de rochas graníticas tismadas com o tempo, de majestoso aspecto, e da altura de mais de cem braças durante três léguas. Sucede-lhe outras montanhas dum vista mais aprazível, as quais se vão gradualmente arrasando até a vila de São Francisco sobre a direita, e até a de Penedo sobre a esquerda. A povoação de Canindé pertence ao distrito desta derradeira vila e à freguesia de Taracatu.

Canindé.³¹⁹ Freguesia da província do Ceará, no distrito da cidade de Fortaleza de que se acha distante vinte e cinco léguas mais ao sul. Sua igreja, dedicada às Chagas de São Francisco, foi elevada à categoria de freguesia por alvará de 30 de outubro de 1817, que lhe assinalou por filiais as igrejas de Curu e de Caixitoré, e uma lei provincial de 5 de setembro de 1840 criou em seu termo uma justiça particular.

Canindé. Rio da província de Piauí, que nasce na serra dos

Canoa do Banco

Dous Irmãos, dirige-se rumo do norte por espaço de cinquenta léguas, passa por junto da cidade de Oeiras, recebe em sua margem esquerda o rio Piauí, e não muito longe deste lugar mistura as suas águas com as do Paraíba pela margem direita, entre os confluente dos rios Gurgueia e Poti. As terras por onde este rio corre, que pertencem à província de Piauí, são chãs e oferecem ótimos pastos onde pastam numerosas manadas de gado vacum. A oito léguas da cidade de Oeiras nas vizinhanças deste rio existem algumas minas de ferro, que seriam de sumo proveito se fossem lavradas.

Canoa. Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito de Piancó, e sobre o rio deste nome, conhecida também pelo nome de *Arraial da Canoa*.

Canoa do Banco. Vigésima terceira cachoeira que se encontra no rio Pardo na província de Mato Grosso. Transportam-se por terra as canoas e as fazendas obra de cinquenta e seis braças. Achase esta cachoeira meia légua

³¹⁷ Atual bairro de Santa Cruz, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

³¹⁸ Atual cidade de Piranhas/AL. (N/E)

³¹⁹ Atual cidade de Canindé/CE. (N/E)

Canoa Velha

abaixo da cachoeira Sirga Comprida, e uma acima da Sirga Negra.

Canoa Velha. Oitava cachoeira do rio Pardo, na província de Mato Grosso, meia légua abaixo da cachoeira Lage Pequena, e na mesma distância da que se acha abaixo, chamado Sucuriú.

Canoeiros. Índios muito numerosos das margens do Tocantins. (V. *Chavantes*.) Em 1842 fizeram estes Índios uma nova excursão nos distritos de Pilar e de Traíras.

Canoinhas. Ribeiro que serve num ponto de limite às províncias de Santa Catarina e de São Paulo. Ele separa o distrito da Vila do Príncipe do da de Lages, e corre a cinquenta léguas da cidade de Curitiba. Foi proposto por limite da nova província deste nome.

Canomá. Pequeno rio pouco conhecido da província do Pará, que rega o sertão do distrito dos Índios Mundrucus, e no cabo dum longo caminho se ajunta ao rio Mataúra, afluente do Madeira.

Canomá. Nome dum braço do rio Madeira pela margem

direita, dez léguas abaixo da vila de Borba; então toma o nome de Tupinambarana, atravessa vários lagos e vem, mudando o último nome no de Maué, lançar-se no Amazonas, cinquenta léguas abaixo do lugar onde se lhe ajunta o Madeira, tendo recorrido obra de sessenta léguas com estes três diferentes nomes e engrossando-se com as águas de muitos rios e riachos.

Cantagalo.³²⁰ Vila da província do Rio de Janeiro, cabeça da comarca do seu nome, trinta e quatro léguas ao nordeste da cidade do Rio de Janeiro, e vinte e cinco ao oeste da de Campos. Os Índios Coroados e Goitacases dominavam nas montanhas vizinhas, o que não obstante, alguns aventureiros se afofaram a explorá-las. No governo do conde da Cunha, primeiro vice-rei que residiu no Rio de Janeiro, estes aventureiros tiraram uma grande quantidade de ouro, sem que se pudesse saber onde existissem as minas. Contentou-se o vice-rei com fazer evacuar os que se achavam estabelecidos nos nascentes do rio Macacu, onde mandou por alguns destacamentos para vigiar

sobre o contrabando de ouro e prender quantos o fizessem. Luiz de Vasconcelos e Souza, terceiro vice-rei, informado do acontecido no tempo de seu predecessor fez todas as diligências para descobrir o lugar onde estavam encerradas tamanhas riquezas num país que então estava todo coberto de matas. A dar-se crédito a antigas tradições, os agentes encarregados pelo vice-rei desta exploração ficaram assombrados, ouvindo cantar um galo num país que julgavam inteiramente despovoado; e abrindo caminho por meio das matas foram ter ao lugar onde havia cantado o galo, e nele acharam alguns indivíduos que havia muito tempo lavravam as minas, sem serem inquietados. Tal foi, segundo a tradição, o motivo que fez se desse o nome de Cantagalo a este lugar. Tendo o vice-rei a certeza da abundância das novas minas, mandou ali pôr alguns empregados para a arrecadação do quinto, e por um bando lançado em 18 de outubro de 1786 fez a todos notório que as terras auríferas seriam repartidas por todos aqueles que as quisessem lavar. Concorreram imediatamente muitos particulares aos

³²⁰ Atual cidade de Cantagalo/RJ. (N/E)

quais foram concebidas pequenas porções de terra, que foram duma lavra assaz rendosa. Estes novos habitantes edificaram uma igreja e a dedicaram ao Santíssimo Sacramento, a qual nesse mesmo ano foi declarada freguesia. Um alvará de 9 de março de 1814 conferiu a esta povoação e freguesia o título de vila com o nome de São Pedro de Cantagalo, assinando-lhe por patrimônio uma légua quadrada de terras, ou quatro sesmarias separadas, com condição que os moradores fariam as despesas necessárias para fábrica da casa da câmara e mais edifícios indispensáveis. Por decreto de 14 de junho de 1830 criou-se nesta vila uma escola de primeiras letras, e outro decreto de 3 de setembro de 1832 a nomeou por cabeça do colégio eleitoral de seu distrito; enfim em assembleia legislativa provincial a designou por cabeça da comarca do seu nome, sendo além disso a residência duma legião de guarda nacional. É esta vila ornada duma praça circular no fundo da qual se vê a igreja paroquial que se acha entre duas ruas paralelas; porém a maior parte dos habitantes

residem fora da vila onde somente se reúnem nos domingos e dias de festa para assistirem aos officios divinos, acabados os quais, se retiram. Logo que as minas começaram a esgotar-se tiveram quase todos eles a prudência de se entregarem à agricultura; como fizeram os demais habitantes das terras auríferas. Consta a povoação do território da freguesia de Cantagalo de mais de quatro mil indivíduos, e seu distrito se compõe deste território e do das freguesias do Sumidouro, Santa Rita e São Francisco de Paula: atravessam-no do sul ao norte os rios Paquequera, Bosaraí, Grande e Bengalas que se ajuntam, e vão levar o tributo de suas águas ao Paraíba, o qual separa este distrito do da província de Minas Gerais da parte do norte: da do oeste ele confronta com o da vila de Vassoura, da do sul com o da Nova Friburgo, e da de leste com a comarca de Campos. Avalia-se a sua povoação em doze mil habitantes. Os produtos deste distrito são conduzidos em bestas muares aos portos do rio Macacu, donde são transportados para o Rio de Janeiro. Está-se

atualmente abrindo uma estrada nas montanhas que deve ir ter à vila de Macaé. Deve-se este projeto ao engenheiro francês Rivièrè, que efetuou o ajuntamento das águas que se perdiam sem utilidade na lagoa Freitas às do Tejuco, e aumentou do tresdobro as que alimentam a fonte da Carioca.

Cantagalo Pequeno.³²¹ Povoação da província do Rio de Janeiro, no território pertencente ao convento do Carmo. Sua igreja, por um decreto de 4 de novembro de 1833, foi anexada à fazenda, ou palácio imperial de Santa Cruz, no distrito neutro do Rio de Janeiro.

Cantão. Povoação da província de Goiás. Seu colégio eleitoral forneceu em 1840 vinte eleitores.

Canto do Feijão.³²² Povoação da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza.

Canudos. Povoação e serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vilanova do Príncipe, com uma igreja da invocação de Santa Maria Madalena. Tira esta

³²¹ Atual bairro de Santa Cruz, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

³²² Atual cidade de Santa Helena/PB. (N/E)

Canumá

serra o nome da reunião de muitos picos, que de longe se assemelham a outros tantos canudos.

Canumá. Grande lago da província do Pará, na Guiana Brasileira. Suas margens acham-se povoadas de Índios e de alguns brancos, todos lavradores. Sobre uma delas está assentada a freguesia da Conceição. Verte este lago o supérfluo de suas águas no rio Urubu, que outros apelidam Barururu.

Canzoura. Os habitantes da freguesia de Capivari, no distrito de Campos, assim apelidam aos cortes que são obrigados a fazer nas medas de areia que o mar ajunta, duas léguas ao norte do cabo de São Tomé, quando as águas começam a alagar-lhes as fazendas. Chamam-lhes também *Barra de Caçanxa*.

Caoípe. Pequeno rio da província do Ceará, quatro léguas ao oeste da embocadura do rio que dá seu nome à província. É navegável por algumas léguas na maré montante.

Capaná. Rio da província do Pará, pouco conhecido por ser frequentado por Índios bravos; ajunta-se com o rio Madeira, quarenta e cinco léguas abaixo da vila do Crato, e pouco mais ou menos metade desta distância, entre a cachoeira Santo Antônio e a vila de Borba.

Capanema.³²³ Povoação considerável da província de Minas Gerais, seis léguas ao norte da cidade de Ouro Preto, no caminho que vai ter ao mosteiro da Caraça.

Capanema. Serra da província de Minas Gerais, ramo da grande cordilheira que separa os tributários do rio Doce dos do rio de São Francisco. Nesta serra nasce o rio Santa Bárbara, nela se cultivam macieiras, de cujas maçãs se fazem marmeladas.

Capanema. Lago da província da Bahia, na freguesia de Santiago, que verte o supérfluo das águas no riacho Guai, tributário do rio Paraguaçu.

Capão.³²⁴ Pequena povoação da província de Minas Gerais,

na estrada que vai da vila de Queluz à cidade de Ouro Preto. Não tem importância e não ser a de ter feito alguns preparativos para se defender do príncipe regente D. Pedro, na ocasião em que ele foi pôr termo à rebelião dos Mineiros, em 1822.

Capão Bonito.³²⁵ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, junto ao rio Pelotas, afluente do Uruguai, e ao sul da vila de Lage.

Capão do Cleto.³²⁶ Povoação muito antiga da margem direita do rio de São Francisco, na província de Minas Gerais. Deve a sua origem aos dous primos Cardoso e Toledo, que se tinham retirado para as margens deste rio, para se subtraírem à pena em que estavam incursos por haverem morto o ouvidor de Vila Rica. Foram os dous foragidos obrigados eles, e os seus a baterem-se com os Índios Chacriabás a quem sujeitaram e reduziram a cativo. Mas a supressão da escravidão dos Índios reduziu à miséria os descendentes de Cardoso e Toledo,

³²³ Atual localidade de Capanema, município de Santa Bárbara/MG. (N/E)

³²⁴ Atual localidade de Capão do Lana, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

³²⁵ Atual cidade de Capão Bonito do Sul/RS. (N/E)

³²⁶ Atual localidade de Capão, município de Itacarambi/MG. (N/E)

e Capão do Cleto não é mais outra cousa atualmente que uma mera fazenda.

Caparica. Posto militar da província da Bahia, no alto do rio Peruípe, para reprimir as agressões dos Botocudos contra a comarca de Porto Seguro, e vigiar sobre os contrabandistas.

Capatana. Ribeiro do distrito da vila de Castro de Avelães, na província do Pará, que se lança no Amazonas.

Capela.³²⁷ Nova vila e freguesia da província de Sergipe. Foi no princípio um engenho do distrito da vila de Santo Amaro. A bondade das terras fez que muitos particulares viessem tratar do cultivo das canas, e sua igreja, dedicada a N. S. da Purificação, foi afinal criada freguesia. A assembleia provincial, desejando contribuir para o aumento desta povoação, lhe conferiu o título de vila, e é também cabeça dum colégio eleitoral de trinta e seis eleitores.

Capelinha.³²⁸ Pequena povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade

de Minas Novas. Uma capela edificada em 1821, nas margens dum ribeiro afluente do rio Araçuai, foi causa que algumas famílias viessem para ali residir, entregando-se uns à agricultura, e outros à extração de ouro. Esta povoação pertence atualmente à nova freguesia da Penha, criada por lei da assembleia provincial de 3 de abril de 1840.

Caepuxis. Nação de Índios bravos que vivem nas margens do Araguaia.

Capibari ou Capivari. Nome de vários rios e ribeiros, escritos de ambas as formas pelos escritores portugueses. Conservaremos ambas as denominações por ser uma usada em certas províncias, e outra em outras.

Capibari.³²⁹ Pequena e nova vila da província de São Paulo, sobre o rio de seu nome, trinta léguas a oeste da capital desta província. Estabeleceram-se nos últimos anos do século passado alguns indivíduos nas margens do rio Capibari, e ali edificaram uma igreja da invocação de São João Batista, que foi muito tempo depois

Capibari

honrada com título de paróquia. Obteve esta freguesia por decreto da assembleia geral de 1831, uma escola de primeiras letras, e como a povoação se fosse aumentando, um segundo decreto de 10 de julho de 1832 lhe conferiu o título de vila, deixando ao arbítrio do conselho geral da província o determinar os limites de seu distrito, separando-o do da vila de Porto Feliz. A indústria particular dos moradores da vila de Capibari consiste na fabricação de canoas e barcos de diferentes grandezas, e na destilação de aguardente chamada cachaça. Avaliam-se em dous mil.

Capibari. Rio das matas da província de São Paulo, ao oeste do rio Tietê, com o qual se ajunta pela margem direita, seis léguas abaixo da vila de Porto Feliz. Rega a vila de seu nome, e suas margens abundam em árvores próprias para se fazerem canoas de grandíssima dimensão.

Capibari. Rio da província de Santa Catarina, sobre a estrada da vila de Lages à cidade do Desterro. Começa a admitir

³²⁷ Atual cidade de Capela/SE. (N/E)

³²⁸ Atual cidade de Capelinha/MG. (N/E)

³²⁹ Atual cidade de Capivari/SP. (N/E)

Capibari

canoas em Pouso Alto, e é dali em diante navegável por espaço de oito léguas antes de se ajuntar com o Tubarão, a duas léguas do mar.

Capibari. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, que nasce dum lago que jaz ao pé da serra Geral, rega as freguesias de Santo Antônio e de Arroio, e vai se ajuntar com o rio do Sino.

Capibari. Lago da província de São Pedro do Rio Grande, nos areais que jazem entre a lagoa dos Patos e o Oceano. Recebe dum manancial que nunca se esgotam as suas águas, que passam por serem as melhores de toda a província. Acha-se este lago perto do de Mostarda, e verte o supérfluo das águas na lagoa dos Patos.

Capibari. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, no areal das Torres, recebe as águas da lagoa Barros, correndo rumo de sueste até juntar-se com o rio Jacuí, perto do lago de Viamão.

Capibari. Ribeiro da província de São Paulo, tributário do rio Ivai.

Capibaribe. Pequeno rio da província de Pernambuco, que nasce na serra dos Cairiris Velhos, corre fazendo voltas num leito de rochas, cousa de sessenta léguas de oeste a nordeste. No ponto em que é navegável com jangadas e canoas, divide-se em duas partes desiguais; a mais fraca toma o rumo de leste, e vai se lançar no Oceano, onde a sua embocadura constitui o porto dos Afogados; a mais considerável continua a correr para o nordeste, e vai também misturar suas águas com as do mar e do Biberibe, junto à cidade do Recife.

Capibaribe-Mirim. Ribeiro da província de Pernambuco, fertiliza o distrito de Goiana, e se ajunta com o ribeiro Tracunhaém, e ambos juntos formam o rio Goiana.

Capibaribe-Mirim. Ribeiro tributário do rio Tietê, no qual se lança pela margem direita.

Capim. Ribeirão da província do Pará, tributário do rio Guamá, no qual se lança pela margem esquerda, a doze léguas da baía de Guajará.

Capimaçu. Povoação da província de Sergipe, distrito de Moruim, pertencente à freguesia do Rosário.

Capivara.³³⁰ Povoação da província de Minas Gerais, sobre a margem direita do rio de São Francisco. Deve de ser a mesma povoação indicada por M. Auguste de Saint-Hilaire, com o nome de Capão do Cleto.

Capivaras. Nome de várias ilhas do rio Mamoré, na província de Mato Grosso. Jaz aos onze graus e quatorze minutos de latitude.

Capivari.³³¹ Nova vila e antiga freguesia da província do Rio de Janeiro, comarca de Cabo Frio, cabeça de colégio eleitoral. Uma capela edificada por Maria Rodrigues, no passado século, era a única igreja que se achava num vasto território situado entre a cordilheira dos Aimorés, e o rio Bacaxá, mas a povoação tendo-se aumentado, edificou-se largo tempo depois outra igreja da invocação de N. S. da Lapa, e o Bispo do Rio de Janeiro lhe conferiu o título de freguesia por provisão do mês

³³⁰ Atual localidade de Ilha da Capivara, município de Januária/MG. (N/E)

³³¹ Atual cidade de Silva Jardim/RJ. (N/E)

Capuame

de outubro de 1810. Uma lei provincial de 8 de maio de 1841 elevou esta freguesia à categoria de vila. Seu distrito, desmembrado do da cidade de Cabo Frio, se compõe do território da freguesia, e do das aldeias velhas e novas de Ipuca, e se estende ao norte pela cordilheira dos Aimorés, até o da Nova Friburgo; a oeste, confronta com os territórios das freguesias da Trindade e Rio Bonito; ao sul, o rio Bacaxá o separa do distrito da cidade de Cabo Frio; e a leste, fica contíguo com o da vila de Macaé. Em 1835 apenas se contavam duas mil almas neste distrito, mas atualmente passam de três mil. A indústria principal da gente dele, além da agricultura dos gêneros do país, consiste no corte e preparação de madeira de construção, taboado, etc.; que vão por água pelos ribeiros de canais, até o rio de São João, donde são transportados em barcos para o Rio de Janeiro.

Capivari.³³² Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito e duas léguas ao sul da vila de Pouso Alto. Sua igreja foi elevada à categoria de freguesia por lei provincial de 1840 ou 1841.

Capivari. Deu-se largo tempo este nome a uma vasta planície da comarca de Campos. Miguel Aires Maldonado obteve por sesmaria esta planície em 1631: por direito de sucessão passou depois o mesmo campo à família dos Barcelos, que, em 1694, erigiram duas capelas, uma em Quiçamão e outra no Furado. A primeira alcançou o título de freguesia por um alvará de 12 de janeiro de 1755, com o nome de N. S. do Desterro do Capivari, mas esta povoação é mais conhecida hoje com o nome de Quiçamão.

Capivari. Serra da província do Rio de Janeiro, que faz parte da extremidade sul da cordilheira dos Aimorés a leste da serra de Santana.

Capivari. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro. Nasce da serra de seu nome, dirige-se rumo de sueste, e depois de regar a nova vila de Capivari se lança na lagoa Juturnaíba.

Capivari. Pequeno rio da província de Mato Grosso, que se lança no rio Guaporé pela margem esquerda, cinco léguas acima da cidade de

Mato Grosso, em quinze graus e quatorze minutos de latitude.

Capivari. Rio de pouco cabedal da província de Goiás. Atravessa a estrada do sul, e se lança no rio Corumbá pela margem direita. Os viajantes embarcam-se em canoas com suas bagagens e fazenda, e levam as cavalgadas arreata-das, e a nado.

Capoeira. Décima sexta cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Pardo na província de Mato Grosso; é tão rápida a corrente que é mister transportarem-se por terra canoas e fazendas. Jaz esta cachoeira meia légua abaixo da chamada Taquaral e uma légua acima de de Anhanduí-Mirim.

Capoxós. Aldeia de Índios deste nome sobre o rio de Todos os Santos, num país inabitado da província de Minas Gerais, e perto da serra das Safiras. Estes Índios estão ainda por se civilizar, não obstante terem algumas relações com a gente do país.

Capuame.³³³ Pequena povoação ao norte da província da

³³² Atual cidade de Consolação/MG. (N/E)

³³³ Atual cidade de Dias d'Ávila/BA. (N/E)

Caqueirada

Bahia, onde houve antigamente uma feira para comodidade dos habitantes do sertão de Pernambuco, e do rio de São Francisco.

Caqueirada. Ilha da baía de Niterói entre a cidade do Rio de Janeiro e a ilha do Governador. Dá-se-lhe também o nome de *Ilha dos Frades*, por pertencer ao convento de Santo Antônio. É ornada dum igreja e dum edifício que se avistam de muito longe.

Caraá. Ribeira do continente da província de Santa Catarina, que passa pela vizinhança da vila das Lages e vai se lançar no rio Iguaçu, grande afluente do Paraná. Perto deste rio há mui boa qualidade de pedras de amolar.

Carabandela.³³⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Araxá, com uma escola de primeiras letras criada provisoriamente por decreto de 28 de junho de 1831.

Caraça. Serra grande e alta da província de Minas Gerais, oito léguas, pouco mais ou menos, ao norte da cidade de Mariana. A forma com que seus diferentes picos se acham

dispostos, faz que de longe parece ver-se a figura dum homem colossal. M. Auguste de Saint-Hilaire falando desta serra expressa-se pelo modo seguinte. “A serra da Caraça é um dos sítios mais notáveis da província de Minas, já pela forma de suas montanhas, que juntas representam uma figura grotesca, já pela fertilidade de seus vales, o principal dos quais tem uma forma circular, e assemelha-se bem com um funil. Para se ir ter a esta serra, atravessam-se vales que são sucedidos por outros durante oito léguas, desde Vila Rica (cidade de Ouro Preto), até o convento que se acha numa concavidade circular de uma légua pouco mais ou menos de circunferência, e passa-se pelas povoações de São Bartolomeu e de Capanamá. Uma vez entrado neste recinto respira-se um ar suave e são, e goza-se a cada passo de novos aspectos que recriam a vista. Um sem número de ribeiros brotam de todas as partes, e se reúnem ao depois ao pé da serra, e formam um ribeiro que corre de cascata em cascata por entre rochas, aparece e desaparece alternativamente, e vai se lançar no Piracicaba. Este lugar agradável parece não pertencer à

zona tórrida, em que jaz em vinte graus e seis minutos de latitude sul. No recinto da serra da Caraça prosperam as árvores exóticas, particularmente os pessegueiros, macieiras, nogueiras, ameixieiras, pereiras e castanheiros. Dão-se também muito bem ali as batatas, o chá, trigo, cevada, e centeio. Nasceram naturalmente nas montanhas desta serra o alcaçuz, a jalapa, a sal-saparrilha, certa espécie de batata que purga, e a dioneia, que não havia sido encontrada senão na Carolina perto de Wilmington. É no meio de todas estas produções que se acha um estabelecimento para a instrução da mocidade brasileira. Neste colégio se educaram cento e setenta pensionistas que ocupam presentemente os mais distintos lugares em suas províncias e nas mais do Império; mas por descuido do governo, e por falta de conserto do edifício não pode este colégio receber senão quarenta a cinquenta discípulos.” Foi neste sítio que o padre Lourenço de Madre de Deus fez edificar de pedra e cal uma igreja elegante, e um mosteiro onde os monges viveram debaixo da sua direção das esmolas que recebiam, e do gado que criavam; e tinha

³³⁴ Atual cidade de Coromandel/MG. (N/E)

em mui bom estado uma horta e pomar com todas as árvores da Europa e da Índia. Porém o número destes homens tão interessantes se foi diminuindo, o fundador se fez velho, e morrendo em 1819, deixou a El-Rei por legado o seu estabelecimento. Em conformidade com a vontade do testador El-Rei D. João VI estabeleceu neste mosteiro um certo número de missionários de São Francisco de Paula, encarregando-os de civilizar os Índios, dar hospedagem aos peregrinos e administrar os sacramentos, conformando-se com a regra estabelecida pelo padre Lourenço. No centro desta serra, uma das mais altas da cordilheira da Mantiqueira, existe uma fonte d'água ferruginosa.

Caraga. Povoação da província de Paraíba, no distrito de Vila Real, no encruzamento das estradas, uma das quais vai à azinhaga de Embuzeiro, um dos vales da serra Borborema.

Caracu.³³⁵ Povoação, serra ou montanha, rio e banco de areia da província do Ceará. (V. *Acaracu*.)

Caraguataí. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Gravataí*.)

Caraguatatuba.³³⁶ Povoação da província de São Paulo, perto das raias da do Rio de Janeiro, sobre uma nova estrada que vai desta povoação ao rio Paraibuna.

Carai.³³⁷ Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Icarai*.)

Caraiá. Tribo indiana da Guiana brasileira que dominava na margem esquerda do rio Negro, donde foi transferida para a vila de Moura na margem direita do mesmo rio.

Caraiabas. Pequena povoação da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Parnaíba, e perto da povoação da Conceição.

Caraipe. Povoação da província do Espírito Santo, distrito da cidade de Vitória. Pertence à freguesia de Cariacica, e está assentada na margem esquerda e na embocadura do rio de que recebe o nome. Seus habitantes são Índios Goitacases.

Caraipe. Pequeno rio da província do Espírito Santo, três léguas ao norte da ponta do Tubarão, à entrada da baía que tem o nome da província. É navegável somente depois das grandes chuvas, e todas as vezes que a lagoa Jacuné sai de seu leito; porém ajudados da maré podem os barcos entrar em sua embocadura, o que pode ser causa de se tomar em consideração a povoação que jaz nas suas margens.

Carajás. Assim se apelidam várias tribos de Índios que vivem nas margens do Araguaia, fáceis de civilizar-se por serem dum gênio brando. Em 1773, o governador José de Almeida de Vasconcelos Sobral e Carvalho os ajuntou em uma aldeia da ilha Bananal, porém como ao depois os quisessem governar militarmente, retiraram-se para as matas, para nelas viverem no estado de independência.

Carandá. Pequeno rio da província de Mato Grosso, afluente do Cuiabá pela margem esquerda, perto de seu confluente com o rio Porrudos ou São Lourenço.

³³⁵ Atual cidade de Acaraú/CE. (N/E)

³³⁶ Atual cidade de Caraguatatuba/SP. (N/E)

³³⁷ Atual bairro de Icarai, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

Carandai

Carandai.³³⁸ Povoação e serra da província de Minas Gerais, junto à vila de São José. Está situada na serra do mesmo nome, donde nasce um ribeiro sobre o qual se fez uma ponte para comodidade dos moradores da vila.

Carangola. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos, afluente do rio Muriaré.

Carapana. Ilha do rio Madeira, abaixo do braço que comunica com o lago Tupinambaranas.

Caraparu.³³⁹ Freguesia da província do Pará, na comarca do Baixo Amazonas. Está situada perto do rio Guamá, e junto à costa da ponta de Tigioca.

Carapibus.³⁴⁰ Povoação da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, dependente da freguesia de Quiçamão. Está esta povoação assentada nas margens da lagoa do mesmo nome, que poderá ter

uma légua do norte ao sul, e cuja largura varia em razão da irregularidade de suas magens. Os moradores dum engenho que fica ao pé são obrigados a fazerem sarjetas nos bancos de areia para ensecarem os campos que se alagam no tempo das chuvas.

Carapina.³⁴¹ Povoação da província do Espírito Santo, no distrito da cidade de Vitória, com uma igreja que foi elevada à categoria de freguesia por lei de 16 de dezembro de 1837, pela qual se desmembrou uma parte do território da cidade para constituir o seu.

Carapotós. Tribo de Índios Cairiris que viviam na serra Comunati, da província das Alagoas. Depois da entronização da família de Bragança fizeram os jesuítas um estabelecimento na margem esquerda do rio de São Francisco, onde estes Índios foram doutrinados. (V. *Colégio*.)

Carateús. Nome posto pelos Índios ao rio Poti, entre o seu nascimento e o salto que faz

debruçando-se da cordilheira. Dava-se o mesmo nome ao território que ele rega, que constitui atualmente o distrito da vila de Piancó, na província de Paraíba.

Caraú. Pequena povoação da província de Pernambuco, no distrito de Goiana, com um engenho e uma capela da invocação de N. S. do Bom Sucesso.

Caraúba.³⁴² Povoação medíocre da província de Paraíba, no distrito de Vila Real de São João, com uma capela da invocação do apóstolo São Pedro.

Caraubal. Pequena povoação da província do Maranhão, perto das margens do Itapicuru-Mirim, e em sua parte superior. Serviu este lugar de quartel general aos rebeldes desta província uma grande parte do ano de 1840.

Caravelas.³⁴³ Vila marítima da província da Bahia, e cabeça da comarca do seu nome. Está assentada na margem setentrional duma sorte de

³³⁸ Atual cidade de Carandai/MG. (N/E)

³³⁹ Atual distrito de Caraparu, município de Santa Isabel do Pará/PA. (N/E)

³⁴⁰ Atual cidade de Carapibus/RJ. (N/E)

³⁴¹ Atual distrito de Carapina, município de Serra/ES. (N/E)

³⁴² Atual cidade de Caraúbas/PB. (N/E)

³⁴³ Atual cidade de Caravelas/BA. (N/E)

baía chamada também de Caravelas. Deve esta vila a sua origem a uns poucos de Índios que viviam ali em uma aldeia, quando o padre Anchieta foi pela primeira vez àquela província; porém a primeira igreja que neste lugar houve foi edificada em 1581 por diligências dum frade capucho francês no campo dos Coqueiros, e dedicada a Santo Antônio, assim que ainda hoje se apelida Coqueiros de Santo Antônio. A situação agradável das margens deste braço de mar foi ocasião de se ali virem estabelecer um sem número de colonos, que foram dispersados pelos Holandeses quando em 1636 se tornaram senhores da cidade da Bahia. Apesar dos inconvenientes que pareciam dever resultar da vizinhança dos Abrolhos, novos colonos edificaram uma igreja de pedra, e fundaram uma nova povoação que foi criada vila em 1701 com o nome de Santo Antônio de Caravelas, que lhe pôs o governador da Bahia D. João de Lencastre. A igreja, dedicada, como a primeira, a Santo Antônio, foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 11 de janeiro de 1755. A vila de Caravelas acha-se distante do canal que corre entre os

Abrolhos e o continente cousa de uma légua, em dezessete graus e quarenta e dous minutos de latitude, e quarenta e um graus e quarenta e dous minutos de longitude oeste. Ela possui uma cadeira de latim e uma escola de primeiras letras. Três das suas ruas são paralelas à praia onde se acha o porto, um dos mais frequentados da comarca, e donde se exporta grande quantidade de farinha de mandioca, de café e de garrupas. Está esta vila assentada numa pequena eminência defronte dum canal profundo que faz que a baía ou rio de Caravelas comunica com o Peruípe. O distrito de Caravelas tem por limites, ao norte, o de Alcobaça; a leste, o canal dos Abrolhos; ao sul, o distrito de Viçosa; e ao oeste, as altas montanhas da cordilheira dos Aimorés. De tempo imemorable se cultivava neste distrito, que encerra cinco mil habitantes, uma grande quantidade de mandioca, de milho e de feijão; porém depois que o Brasil deixou de ser colônia, os estrangeiros introduziram a plantação e cultivo dos cafeeiros, que é hoje um dos gêneros principais de exportação para a Bahia e Rio de Janeiro. A comarca de Caravelas consta dos distritos de Alcobaça, de

Caravelas, de Porto Alegre, de Prado e de Vila Viçosa. Trata-se desde 1816 de fazer uma estrada de Caravelas em direitura ao salto do rio Jequitinhonha, que ainda se não pôs em efeito.

Caravelas. Rio ou antes baía estreita, e do comprimento de três léguas, no sul da província da Bahia. No fundo dela deságua um ribeiro, e daí vem o ter-se-lhe dado o nome de rio que ainda conserva. A barra que jaz entre o continente e o parcel dos Abrolhos tem tão pouca água, que apenas podem nela entrar pequenos barcos, ao passo que o interior da baía seria susceptível de receber navios de alto bordo.

Cardoso. Monte no litoral da província de São Paulo, por detrás da baía de Cananeia, cinco léguas oés-noroeste da ilha do Bom Abrigo. Seu cume está em vinte e quatro graus, cinquenta e oito minutos e quarenta e cinco segundos de latitude, e em cinquenta graus, trinta e dous minutos e quarenta e um segundos de longitude oeste.

Cardoso.³⁴⁴ Nome que tinha antigamente uma pequena

³⁴⁴ Atual cidade de Matias Cardoso/MG. (N/E)

Cariacica

povoação situada na margem direita do rio de São Francisco, na província de Minas Gerais. (V. *Morrinhos*.)

Cariacica ou **Carijacica**.³⁴⁵ Freguesia da província do Espírito Santo, e pequeno porto da margem setentrional da baía do mesmo nome, uma légua ao nor-nordeste da cidade da Vitória, e quatro léguas a és-nordeste da povoação de Viana. Sua igreja foi criada freguesia por lei da assembleia provincial de 16 de dezembro de 1837. Seu termo confronta, ao norte, com o da Conceição da Serra; ao oeste, com o de Viana; ao sul, com o da cidade da Vitória; e a leste, é banhado pelas águas da baía, e do Oceano.

Caribes. Tribo de Índios da Guiana brasileira, perto das antigas possessões holandesas, que ainda não estão de todo civilizados.

Caricé.³⁴⁶ Povoação da província de Pernambuco, com uma igreja da invocação de N. S. do Rosário, dependente da freguesia do Desterro de Itambé.

Carijós. Nação indiana assaz numerosa que dominava nas costas da província de São Paulo, ao sul da baía de Cananea, até as vizinhanças da lagoa dos Patos. Eram estes Índios afáveis, porém suspeitosos e pusilânimes. Em 1585, os naturais de São Vicente penetraram neste país em procura de minas, e porque quisessem obrigar os Índios a ajudarem-nos em suas explorações, ou por outro qualquer motivo, foram quase todos mortos. Os habitantes da capitania de São Vicente, indignados com este acontecimento, pediram licença à câmara da vila de São Paulo para fazer a guerra aos ditos Índios, que foram afinal subjugados e reduzidos à escravidão; porém algumas das tribos mais valerosas se recolheram no interior das matas. No século seguinte um sem número de Paulistas se derramaram pela parte do sul e do oeste do país, e os Carijós que viviam nas matas se retiraram para o sertão; porém encontraram nas margens do rio Guaicuí uma cabilda deles que não tiveram mais que o tempo necessário para fugirem com suas armas e alguns

objetos que estimavam, deixando nas aldeias as mulheres decrepitas, que entendiam não tinham forças para executarem os trabalhos a que os Portugueses sujeitavam aos que dentre eles caíam em suas mãos, e daí veio o nome de rio das Velhas dado a este rio. (V. *Velhas*.) Esta nação está hoje extinta ou confundida com outras tribos reduzidas igualmente a mui poucas famílias.

Carinhenha.³⁴⁷ Vila da província da Bahia, na Comarca do Rio de São Francisco. Foi esta povoação ao princípio uma aldeia de Índios Caiapós, aos quais se agregaram alguns brancos, e edificaram uma igreja da invocação de São José, que teve o título de freguesia longo tempo depois, correndo o ano de 1813. Um decreto de 16 de junho de 1832 a dotou duma escola de primeiras letras, e outro de 6 do mês seguinte lhe conferiu o título e prerrogativas de vila, assinalando-lhe por distrito o seu próprio termo paroquial por ser assaz vasto. Está assentada esta vila na margem esquerda do rio de São Francisco, junto à emboca-

³⁴⁵ Atual cidade de Cariacica/ES. (N/E)

³⁴⁶ Atual distrito de Caricé, município de Itambé/PE. (N/E)

³⁴⁷ Atual cidade de Carinhanha/BA. (N/E)

dura do rio de que tem o nome, trinta léguas pouco mais ou menos ao norte da vila do Salgado. Avaliam-se os habitantes de seu distrito em dous mil.

Carinhenha. Rio no sertão do Brasil, que separa a província de Minas Gerais da da Bahia. Nasce na província de Goiás da chapada Santa Maria, ao norte da serra da Tabatinga, corre de leste a oeste nas montanhas por espaço de sessenta léguas, e vai se lançar no rio de São Francisco, pela margem esquerda, em treze graus e cinco minutos de latitude. Suas margens são férteis, abundam de veação, mas são unicamente povoadas pelos Índios Caiapós mais ou menos bravos, segundo a distância em que se acham do rio de São Francisco.

Carioca. Nome que se dá aos naturais do Rio de Janeiro, e que lhes vem duma anti-quíssima fonte desta cidade, reedificada por diversas vezes. Está situada ao pé do convento de Santo Antônio, quase no centro da cidade.

Caripunas. Tribo indiana da Guiana brasileira, que vive

perto das antigas possessões holandesas, e que como os Caribes, ainda não está de todo civilizada.

Cariú. Ribeirão da província do Ceará. Nasce nas montanhas que estão ao pé das províncias de Piauí e Pernambuco, rega o distrito do Crato correndo rumo de nordeste, e lança-se no rio Jaguaribe pela margem esquerda abaixo da vila de São Mateus de Inhamuz.

Carlota. Aldeia da província de Mato Grosso, que teve princípio num quilombo que foi destruído em 1770. Formou-se outro no mesmo lugar que foi de novo destruído em 1795, e repartiram-se as terras entre alguns colonos, a quem se deram víveres e instrumentos para se estabelecerem naquele lugar, que tomou o nome da princesa Carlota, mulher d'El-Rei D. João VI. Jaz esta aldeia na serra dos Parecis, a quinze léguas do Guaporé. Seus habitantes vivem com poucas comodidades por falta de comunicação com as outras povoações da província, sendo a que lhe fica mais perto a de São Vicente Ferreira, que está a dezoito léguas.

Carmo

Carmo.³⁴⁸ Freguesia da província de Goiás, na comarca da Palma, entre o confluente dos ribeiros Matança e Sucuriú, quinze léguas ao noroeste da vila da Natividade, em dez graus, quarenta e seis minutos de latitude. Suas minas de ouro foram descobertas em 1746 por Manoel de Souza Ferreira, e estão ainda em lavra. Sua igreja, da invocação de São Manoel, tem por filial a de N. S. do Rosário. Um decreto da assembleia geral de 1834 dotou esta freguesia duma escola de primeiras letras. Seus moradores são pela maior parte lavradores.

Carmo. Povoação da província de Goiás, três léguas ao norte da povoação de São Feliz. No tempo em que as minas de ouro estavam em lavra, havia neste lugar uma igreja da invocação de N. S. do Carmo, porém com a cessação da mineração tudo se acha descaído; o que não obstante, um decreto de 7 de junho de 1831 instituiu ali uma escola de primeiras letras. Em 1839, uma cheia deu cabo da ponte que dava serventia à estrada sobre a margem esquerda do Tocantins.

³⁴⁸ Atual cidade de Monte do Carmo/TO. (N/E)

Carmo

Carmo. Ribeiro da província de Minas Gerais, que foi longo tempo tido pelo principal nascente do rio Doce. Foi descoberto em 1700 pelo Paulista João Lopes de Lima, com quem se ajuntaram muitos aventureiros para lavar as minas. Rega este ribeiro as cidades de Mariana e de Ouro Preto, e depois de vários giros num curso de dezoito para vinte léguas, vai se ajuntar com o rio Gualachó, pela margem direita.

Carmo da Mata.³⁴⁹ Mediocre povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Tamanduá, com uma igreja dedicada à Virgem Maria, filial da matriz da vila de Oliveira. Alcançou esta povoação o título de freguesia por lei da assembleia provincial, em 1839 ou 1840.

Carmo do Douradinho.³⁵⁰ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade da Campanha. Sua igreja foi há pouco tempo criada paróquia, e é dedicada à N. S. do Carmo.

Carnapijo. Ilha de ribeiro da província do Pará, perto da

cidade de Belém e do rio Bracarena.

Carnaúba. Aldeia da província do Ceará, no distrito da vila de Bom Jardim, perto dos limites das províncias de Pernambuco, Ceará e Paraíba. Os índios bravos assaltaram por várias vezes esta povoação nos anos de 1837 e 1838.

Carnaubéiras. Povoação da província do Maranhão, perto da margem esquerda da embocadura do rio, ou canal de Tutóia, célebre pelo combate que houve entre as forças dos rebeldes e as imperiais, em 8 de maio de 1840.

Carnaubinha. Povoação da província de Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Toiros, perto dos nascentes do rio Massaranga-pe.

Carnutum. Serra da província do Ceará, que separa o distrito da vila Jamúria do da vila de Grajira.

Caroço. Ilha da província do Rio de Janeiro, perto da costa do distrito de Parati.

Carolina.³⁵¹ Vila da província de Goiás, fundada por um decreto da assembleia geral de 25 de outubro de 1831, num despovoado entre o rio Tocantins e o Araguaia, para atrair colonos e povoar aquele vasto território da província que jaz entre as vilas de Porto Imperial e de São João das Duas Barras. Já um decreto de 7 de junho antecedente havia criado uma escola de primeiras letras, para a qual se não nomeou mestre senão em 1840. Neste mesmo ano se estabeleceram ali correios que partem três vezes por mês para a capital da província. A passagem dos rios, e o mau estado das estradas faz que se contem trezentas léguas da vila de Carolina à cidade de Goiás posto que em direção haja menos de duzentas. Uma cheia levou em 1839 a ponte que dava serventia à estrada real do norte para esta vila. Diz-se que se deve fazer outra de madeira em razão da pobreza da câmara municipal, e que também se deve reedificar a igreja que se achava arruinada às expensas do governo provincial. A lei da assembleia legislativa da província que criou a comarca de

³⁴⁹ Atual cidade de Carmo da Mata/MG. (N/E)

³⁵⁰ Atual distrito de Douradinho, município de Machado/MG. (N/E)

³⁵¹ Atual cidade de Carolina/MA. (N/E)

Carolina escolheu a vila deste nome por cabeça. Seu distrito tem por limites, ao norte, a confluência dos rios Manoel Alves setentrional e Araguaia com o Tocantins; a leste, a cordilheira que separa a província de Minas Gerais; ao sul, o rio do Sono, afluente da margem direita do Tocantins, e o Tranqueira, afluente do mesmo rio, sobre a margem esquerda, o separa das comarcas vizinhas; e ao oeste, o Araguaia o divide da província de Mato Grosso.³⁵²

Carranca.³⁵² Nova vila e antiga freguesia da província de Minas Gerais, na estrada de Baependi a São João del Rei. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição, e foi elevada à categoria de paróquia em 1814, e por esta ocasião foi o seu distrito desanexado do de Vila da Campanha, e fez parte do de São João del Rei. Uma lei da assembleia provincial de 1841 concedeu afinal a esta freguesia o título de vila. Seu distrito, composto do seu antigo território paroquial, é regado pelo rio Grande e pelos ribeiros Angai e Capivari, tributários do rio Verde. Avalia-se a sua população a mais de quatro mil

habitantes, pela maior parte cultivadores. Deve esta vila o seu nome a uma serra vizinha que dizem oferece à vista uma carranca.

Carretão,³⁵³ Nova vila e antiga aldeia da província de Goiás, vinte e duas léguas a és-nordeste da cidade deste nome. Foi fundada em 1784 pelo governador Tristão da Cunha Menezes, que lhe pôs o nome de *Pedro Terceiro*; e a povoou de Índios Chárvantes que fez batizar. Este governador fez continuamente guerra às tribos belicosas, e estas se retraíram às matas; os que foram presos foram postos na aldeia. Passados tempos, como quase todos estes Índios tivessem fugido, foi segunda vez esta aldeia povoada com os Caiapós, os quais se civilizaram; e a igreja que tinham foi repútada freguesia em conformidade do alvará de 22 de dezembro de 1795 concernente às aldeias populosas do Brasil; porém no entretanto perdeu esta denominação de Pedro Terceiro que lhe havia dado a lisonja, e tomou o do sítio onde fora fundada que se apelidava Carretão. Desde essa época

Carunhenha

até o ano de 1810 custou esta povoação ao governo perto de vinte e cinco contos. Em 1838 a assembleia legislativa provincial lhe conferiu afinal por decreto o título de vila conservando-lhe o nome de Carretão. Consta o seu distrito do termo de sua freguesia que dantes andava anexo ao da vila do Pilar, dado que se achasse dele distante vinte e quatro léguas, e muito mais perto da cidade de Goiás. Suas terras são próprias para todas as plantações, e lavras dos vegetais do país; e teria esta povoação prosperado sensivelmente, se os habitantes, dando de mão à lavra das minas, se entregassem de todo à agricultura; aqueles dentre eles que se ocupam da criação de gado são mais abastados que os mineiros.

vessa a estrada real entre a cidade de Goiás e a vila do Pilar, com uma ponte para a serventia dela.

C
Vila e rio da pr.
Bahia, limítrofes à de Minas Gerais. (V. *Carinhenha*.)

³⁵² Atual cidade de Carancas/MG. (N/E)

³⁵³ Atual aldeamento indígena, entre os municípios de Rubiataba e Nova América/GO. (N/E).

Carvoeira

Carvoeira.³⁵⁴ Freguesia da província do Pará, na margem direita do rio Negro, obra de duas léguas acima da vila de Moura. Foi fundada primitivamente na margem oriental do rio Cuburi, a quinze léguas pouco mais ou menos do sítio onde hoje jaz. Sua igreja é dedicada a Santo Alberto, e seus habitantes são Índios das tribos Maranacuacenas, Parauanos e Manaus.

Casa Branca. Nova vila da província de São Paulo, na sétima comarca de que a vila de Franca é cabeça. Era primitivamente um arraial cuja população se aumentou consideravelmente com o governo constitucional. Sua igreja, dedicada a N. S. das Dores, foi criada freguesia, e largo tempo depois uma lei provincial de 25 de fevereiro de 1841 lhe conferiu o título de vila, desmembrando, para formar o seu, o distrito da vila de Mojimirim. Consta pois o seu distrito de seu território paroquial, do de Caconda e do de São Simão. Seus habitantes avaliados em três mil são pela maior parte agricultores, e criadores de gado.

Casa Branca.³⁵⁵ Freguesia da província de Minas Gerais no distrito da cidade de Ouro Preto, sobre a estrada que vai da vila de Queluz para a cidade de Sabará, e seis léguas oés-noroeste da de Mariana. Sua igreja, dedicada a Santo Antônio, gozou muito tempo das prerrogativas de freguesia, mas foi delas privada por um decreto de 14 de julho de 1832, que a anexou à freguesia da Cachoeira do Campo. Uma lei provincial de 7 de abril de 1841 lhe restituiu afinal o título de freguesia. Consta esta povoação de dous mil habitantes agricultores e mineiros.

Casal Vasco.³⁵⁶ Povoação da província de Mato Grosso, na fronteira dos Estados de Bolívia, em quinze graus e dezenove minutos de latitude e oito léguas oeste da capital da província. Deve esta povoação a sua origem ao registo que em 1782 se assentou nas margens do pequeno rio dos Barbados, para obstar a fuga dos escravos para os domínios espanhóis. Em 1786 houve nesta povoação um violento

terremoto em 3 de dezembro, e em 30 do mesmo mês um fogo que consumiu as duas terças partes dos edifícios. A igreja de Casal Vasco, da invocação de N. S. da Esperança, é filial da matriz da Trindade de Mato Grosso. A população de seu termo é de quatrocentos habitantes, sem falar na guarnição. O governador Luiz de Albuquerque havia ali feito uma casa de campo, que se acha convertida em estabelecimento rural nacional onde se criam bois e cavalos. Foi nestas paragens, na baía de Cervo e no lago Rebeca, que os primeiros exploradores penetrando no oeste do Brasil encontraram Índios com barba a quem puseram o nome de Barbados, que se aplicou ao depois a todas aquelas tribos cujos indivíduos traziam barba, e aos rios e ribeiros que corriam naquelas vizinhanças. A assembleia provincial pediu à geral de anexar aquela propriedade ao patrimônio da província.

Casa Redonda.³⁵⁷ Aldeia da província de Mato Grosso. (V. *Leonil*.)

³⁵⁴ Atual povoado de Carvoeiro, município de Barcelos/AM. (N/E)

³⁵⁵ Atual distrito de Glaura, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

³⁵⁶ Atual povoado de Casalvasco, município de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

³⁵⁷ Atual cidade de Costa Marques/RO. (N/E)

Casca.³⁵⁸ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila do Presídio de São João Batista, sobre a estrada que vai desta vila para a cidade de Mariana.

Casca. Pequeno rio da província de Minas Gerais cujos nascentes se acham na serra dos Arrepiados. Corre rumo do norte, recebe o ribeiro Coroados, seu principal tributário, e vai se perder na margem direita do rio Doce, abaixo do confluente do rio Chopotó, regando de passagem a povoação do seu nome.

Casca. Ribeirão da província de Mato Grosso. Nasce na cordilheira Parecis, e vai se lançar no rio Cuiabá pela margem esquerda.

Casca. Ribeiro aurífero da província de Goiás, tributário do rio Vermelho.

Casca de Anta. Grande cachoeira da serra Canastra. Consiste num rochedo a prumo donde as águas se despenham noutros rochedos da altura de cento e vinte e cinco braças, e dão nascimento ao rio de São Francisco, que

corre pela província de Minas Gerais e por outras. Acha-se esta cachoeira num deserto medonho tanto por seu próprio aspecto, como pelo fracasso das águas, e pelos vapores úmidos que surgem do fundo desta cachoeira.

Cascavel.³⁵⁹ Nova vila e antiga freguesia da província do Ceará, ao pé da serra de que toma o nome, e oito léguas ao sueste da vila de Aquirás. Sua igreja foi criada freguesia por um decreto de 4 de setembro de 1832 que lhe assinalou por termo uma parte do de Aquirás, tendo por limites a leste a serra Priaca, ao sul as povoações de Catolé e de Porteiras, ao oeste o território da freguesia de Aquirás e ao norte o mar. Uma lei provincial lhe conferiu o título de vila dando-lhe por distrito o seu próprio território parochial, e outra lei da mesma assembleia de 14 de janeiro de 1841 determinou que o dito distrito confrontaria com o de Aracati pelo sítio de Saldadinho, o ribeiro Imburana, a fazenda do defunto Diniz chamada o Curral Falso, o sítio Córrego dos Cavalos, e o de Cacimbas. Esta pequena vila é banhada pelas águas do

Castanhedos

rio Choró, e a população de seu distrito avaliada em oito mil, seiscentos e noventa habitantes, agricultores e criadores de gado.

Cassamba. Povoação da província das Alagoas, no distrito de Vilanova da Assembleia, com uma igreja filial da freguesia de Riacho do Meio.

Cassarabu ou Cassarebu. Rio da província do Rio de Janeiro. (V. *Cacerubu*.)

Cassiquiari. Canal natural que serve de limite ao Brasil na Guiana brasileira. Pode ter obra de cinquenta léguas de comprimento e faz comunicar o rio Negro com o Orenoco. Ajunta-se com o primeiro destes rios nove léguas acima da povoação de Marabitanas, onde está situado o forte de São José.

Castanhedos. Vasto território em ambas as margens do rio Mearim, na província do Maranhão. Deram-lhe este nome os primeiros exploradores portugueses que subiram por este rio acima por isso que em suas margens encontraram uma quantidade

³⁵⁸ Atual cidade de Rio Casca/MG. (N/E)

³⁵⁹ Atual cidade de Cascavel/CE. (N/E)

Castanheira

de prodigiosa das árvores que produzem as chamadas castanhas do Maranhão, de que ainda atualmente se veem não poucas.

Castanheira. Freguesia da província do Pará, na margem direita do rio Negro, quinze léguas acima da aldeia e da cachoeira Macarabi. Sua igreja é dedicada a Santo Antônio, e seus habitantes Índios de diversas tribos.

Castanheta. Canal ou rio do distrito de Campos, na província do Rio de Janeiro. (V. *Ignacu.*)

Castelhano. Ribeiro da província de São Paulo, na comarca de Curitiba, termo de Palmeira. Em 1814 achou-se neste ribeiro mercúrio metálico fluido.

Castelhanos. Povoação da província do Ceará, no distrito da cidade de Sobral, outrora vila de Sobral. Jaz esta povoação à beira do mar, entre os rios Jericoacoara e Acaraçu, e é dependente da freguesia deste último nome.

Castelhanos. Grande baía ao sul da província de São Pedro

do Rio Grande. Em 1784 se pôs neste lugar um padrão com as armas portuguesas duma parte, e as espanholas doutra para assinalar os limites dos dous Estados. Os navios encontram um bom abrigo nesta baía contra os ventos do sudoeste e do oeste, mas devem amarrar quando ventar com força de leste e de nordeste. Chamam-se também Castelhanos alguns rochedos que se adiantam no mar ao sul da entrada desta baía. (V. *Castilhos Grandes.*)

Castelo.³⁶⁰ Serra aurífera da província do Espírito Santo, descoberta em 1823. Um decreto de 17 de setembro do ano seguinte determinou fossem as terras auríferas repartidas em pequenas porções por todos aqueles que quisessem empregar-se na lavra das minas, com condição que se sujeitariam às leis das sesmarias, e ao imposto sobre o ouro.

Castilhos. Pequena ilha de frente da costa da província de São Paulo, e a pequena distância dela, ao sueste da ilha Cananeia. Poderá ter dous terços de légua de comprimento.

Castilhos Grandes. Dá-se este nome a uns rochedos negros e recortados que se acham a pequena distância da costa do Brasil em trinta e quatro graus e vinte minutos de latitude. Servem de demarcação entre os Estados do Brasil e de Montevidéu. Uma vasta baía que fica ao norte destes rochedos pode servir de abrigo a um grande número de navios de linha. (V. *Castelhanos, baía.*)

Castro.³⁶¹ Vila da província de São Paulo, na quinta comarca de que é cabeça Curitiba. Foi primitivamente uma aldeia de Índios da tribo Guarapuava, chamada Japó ou Hiapó. Em 1788 o Governador, Bernardo José de Lorena, lhe conferiu o título de vila. Está a vila de Castro assentada na parte superior do ribeiro Japó ou Hiapó e noventa e cinco léguas oés-sudoeste da cidade de São Paulo. Sua igreja paroquial é dedicada a Santo Amaro. Um decreto de 7 de dezembro de 1830 autorizou o governador a dispender cem mil réis para estabelecer um gênero de comércio, que convidasse os Índios a civilizarem-se, sem se empregar meio algum de rigor, e outro

decreto de 13 de outubro do ano seguinte ordenou a criação duma escola de primeiras letras para meninos. O distrito da vila de Castro é por extremo extenso, composto de terras chãs, sadio, e com bons pastios, onde se cria grande quantidade de cavalos, de bestas muares, e de ovelhas, cuja lã se aproveita para colchões, e de alguns bois nas terras mais altas. No princípio tinha também algumas minas de ouro, que se acham esgotadas, e em seus ribeiros achavam-se várias pedras preciosas. Com não terem os habitantes cessado de gastar o tempo em busca destes objetos de preço, a população se tem sensivelmente aumentada, e se aumenta cada dia a ponto que se axalia a oito mil habitantes a deste distrito, que da parte do sul e do oeste fica contíguo às províncias de Santa Catarina e de São Pedro do Rio Grande.

Castro de Avelães.³⁶² Freguesia a mais ocidental da província do Pará na margem direita do rio das Amazonas, acima e quase defronte da embocadura do rio Içá ou

Putumajo. Deu-lhe origem o padre Samuel Fritz, o qual formou a aldeia Eviratiá, cujos Índios foram transferidos por diversas vezes para diferentes lugares, e se acham atualmente estabelecidos junto a uma igreja que é tida em conta de freguesia e dedicada a São Cristóvão. São estes Índios de diversas tribos da nação Cambevas, os quais vivem principalmente da caça e da pesca, ao passo que as mulheres cultivam alguns víveres. O território desta freguesia é regado por vários ribeiros que se perdem no Amazonas.

Catalão.³⁶³ Freguesia da província de Goiás. Sua igreja foi consertada em 1840, segundo o pedido do presidente da província à assembleia provincial na sessão do ano precedente.

Catalão. Pequena ilha da baía Niterói, perto da ponta do Caju, légua e meia a noroeste da cidade do Rio de Janeiro.

Catas Altas.³⁶⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, seis léguas a nor-nordeste da

Catauixis

cidade de Ouro Preto. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição. Deriva-se o nome desta freguesia da palavra índia *Catá*, *coya*, cavouco, e do adjetivo *alta*. Abunda o território dela de minas de ferro, e contam-se nele perto de três mil habitantes, pela maior parte mineiros.

Catas Altas da Noruega.³⁶⁵ Freguesia considerável da província de Minas Gerais, sete léguas a leste da vila de Queluz. Sua igreja, dedicada a São Gonçalo, dependia antigamente da freguesia de Itaberava, porém uma lei provincial de 3 de abril de 1840 lhe conferiu o título de paróquia. Seu território se compõe das povoações pouco importantes de Lamim, Jiquitiba, e Morro do Chapéu, e encerra pouco mais ou menos dous mil habitantes entre mineiros e cultivadores.

Catauixis. Tribos índias do Pará que vivem nas margens dos rios Madeira, Cuari e Puru. Alimentam-se de peixe e de ovos de tartarugas que são ali muito abundantes.

³⁶² Atual cidade de Amaturá/AM (PUE)

Catete

Catete.³⁶⁶ Antigo lugarejo da província do Rio de Janeiro que atualmente é um subúrbio da capital do império do Brasil; do lado da cidade vê-se numa eminência, cuja base é banhada pelas águas da baía de Niterói, uma igreja dedicada a N. S. da Glória que parece o último remate e coroa dum dos sítios mais aprazíveis daquele distrito. (V. *Glória*.) Em 1818 a Rainha de Portugal fez reedificar uma capela que havia sido fundada em 1720 na praça do Machado, e um decreto de 30 de outubro de 1834 lhe conferiu o título de freguesia com o nome de N. S. da Glória de Catete. Desmembrou-se o território da freguesia de São José da cidade do Rio de Janeiro para formar o seu, a começar da rua que separa o passeio público da igreja da Lapa, e do convento de Santa Teresa até a ponte de Catete, e desta ponte até o fim da praia de Botafogo, que fazia parte da freguesia da Lagoa de Freitas. No território, e nascentes do ribeiro das Laranjeiras há um olho d'água ferruginosa muito medicinal.

A Câmara fez construir ali uma fonte para a utilidade dos doentes. Existe também no mesmo território, no caminho que vai ao Cosme Velho, uma capela da invocação de N. S. dos Prazeres.

Catete.³⁶⁷ Antiga povoação da província de Sergipe. (V. *Rosário*, vila.)

Catimbão. Serra da cordilheira dos Aimorés, na província do Rio de Janeiro, freguesia do Rio Bonito. Dela nasce o ribeiro Chegada que se junta com o Tinguá.

Catinga. Rio da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Nasce nas montanhas que demoram ao oriente do rio da Prata, caminha para nordeste por espaço de trinta léguas, e vai engrossar o Paracatu, lançando-se nele pela margem direita junto à povoação de Santana dos Alegres. Suas margens são povoadas, porém seu leito só admite canoas a cousa de mais de dez léguas de seu confluente.

Catingas de Góis.³⁶⁸ Povoação da província do Ceará, no distrito de Aracati, com uma capela dependente da igreja paroquial da cabeça do distrito.

Catolé.³⁶⁹ Povoação considerável e antiga freguesia da província de Paraíba, duas léguas ao su-sudoeste da vila de Piancó, com uma igreja mui bem conservada. Seus habitantes quase todos agricultores vivem em abundância. Seu território confronta ao sul com a serra de Pedra Bonita, que se tornou memorável em 1838 (V. *Pedra Bonita*), e compreende as povoações de Belém, Caiporas, Caiçara, Catolé de Baixo, Jatobá, Pilar, Rancho do Povo, e Várzea de Ema, todas sobre o ribeiro Carateús, ou Poti.

Catolé de Baixo.³⁷⁰ Povoação medíocre da província de Paraíba com uma capela dependente da igreja paroquial de Catolé, no distrito de Piancó. O ribeiro Carateús ou Poti passa pelas abas desta povoação depois de se haver

³⁶⁶ Atual bairro do Catete, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

³⁶⁷ Atual cidade de Rosário do Catete/SE. (N/E)

³⁶⁸ Atual cidade de Jaguaruana/CE. (N/E)

³⁶⁹ Atual cidade de Catolé do Rocha/PB. (N/E)

³⁷⁰ Atual povoado de Catolé de Baixo, município de Catolé do Rocha/PB. (N/E)

engrossado com outros de menos cabedal.

Catônio.³⁷¹ Povoação da província de Minas Gerais, nas montanhas donde nascem os rios Curmataí, e Jequitaí. Sua igreja, da invocação de São João Batista, é filial da freguesia de Curmataí. A estrada que vai da nova cidade do Serro à povoação de Barra do Rio das Velhas passa por este lugar.

Catu.³⁷² Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, com uma igreja paroquial da invocação de Santana, e uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Catu. Povoação da província da Bahia, na margem dum riacho afluente da baía de Todos os Santos, com uma igreja da invocação de Santo Amaro.

Catuá. Pequeno rio da província do Pará, que se lança no Amazonas, doze léguas acima do rio Cuari. Suas margens são povoadas de árvores

duma dimensão extraordinária, e de Índios que vivem da caça e da pesca, bem como de batatas-doces de que aquela terra abunda.

Catuama. Povoação da parte setentrional da ilha Itamaracá, na entrada do canal que a separa da terra firme da província de Pernambuco. Os navios de guerra encontram ali um porto cômodo, e abrigado, e todavia o número dos habitantes apenas chega a trezentos. Um reduto defende a entrada deste porto que é frequentado por barcos que nele vão tomar carga.

Catuama. Ribeiro do continente da província de Pernambuco que vai ter ao canal que o separa da ilha de Itamaracá, e parece servir de limite entre a província das Alagoas, e a de Pernambuco.

Catulés.³⁷³ Freguesia da província da Bahia, na serra do mesmo nome, pertencente ao distrito da vila de Rio de Contas, com uma igreja da invocação de N. S. do Bom Sucesso. Seus habitantes são

agricultores ou criadores de gado.

Catulés. Vasta serra da província da Bahia, que tem pelo menos quatorze léguas. Começa ao norte da do Pinga, estende-se para o noroeste, e fenece a oito léguas da vila de Urubu.

Catumbi.³⁷⁴ Antigo lugarejo que é atualmente uma espécie de subúrbio a oeste da cidade do Rio de Janeiro, com uma capela da invocação de N. S. da Conceição, em uma propriedade sita na margem direita do ribeiro apelidado Catumbi, que rega várias hortas e jardins em vales profundos por baixo do aqueduto de Santa Teresa ou do Tejuco, e vai misturar suas águas com as das lagoas que jazem entre o lugar ou subúrbio do seu nome e a estrada do palácio de São Cristóvão.

Catunduba. Nome duma das ilhas que se acham fora da boca da baía de Niterói, e uma das que estão mais perto do penedo conhecido com o nome de *Pão de Açúcar*.

³⁷¹ Atual localidade de Catoni, município de Buenópolis/MG. (N/E)

³⁷² Atual cidade de Catu/BA. (N/E)

³⁷³ Atual distrito de Catolés, município de Abalra/BA. (N/E)

³⁷⁴ Atual bairro de Catumbi, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Cauaburi

Cauaburi ou **Caburi**. Rio da província do Pará, assim chamado do nome duma tribo de Índios que residiam em suas margens. Ajunta-se com o rio Negro pela margem direita entre o confluente do rio Marauá e a cachoeira Maracabi.

Caucaia.³⁷⁵ Antiga aldeia indiana na província do Ceará. (V. *Soure*, vila.)

Cauintu. Lagoa da província do Pará, ao norte da vila de Borba, a qual deságua no rio Madeira pela margem direita.

Cautário. Ribeirão da província de Mato Grosso. Nasce na serra Parecis, corre para o ocidente, e perde-se pela margem direita no rio Guaporé a três léguas do forte do Príncipe da Beira.

Cauívas. Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, perto do rio Negro e da província de São Paulo.

Cavalcante. Comarca ao nordeste da província de Goiás, de que é cabeça a vila de seu nome. Foi criada em 1835 pela primeira legislatura provincial, constituída em virtude da lei das reformas da Constituição.

Cavalcante.³⁷⁶ Vila da província de Goiás, cabeça da comarca de seu nome, vinte léguas ao sudoeste da montanha chamada Morro do Chapéu, em igual distância a leste de São Felis, e a noventa e oito léguas nor-nordeste da cidade de Goiás, em treze graus e trinta minutos de latitude. Minas abundantes de ouro foram descobertas em 1740 por Domingos Pires, nas vizinhanças dum ribeiro chamado das Almas. As gentes que o acompanhavam edificaram uma igreja que dedicaram a Santana, a qual foi criada freguesia em 1759. Foram as ditas minas cavadas profundamente por um particular do apelido de Cavalcante, o qual ao depois passou a povoação. Duas igrejas mais foram sucessivamente edificadas; uma com a invocação do Rosário, e outra com a da Senhora da Boa Morte. O governador da província, Tristão da Cunha de Menezes, fez transferir a fundição da povoação de São Felis para a de Cavalcante: porém como as minas desta começassem afinal por serem de pouco rendimento, foi a fundição suprimida em 1806 no governo de D. Francisco

de Assis Mascarenhas, conde e depois marquês da Palma. Uma lei de 11 de novembro de 1831 conferiu a esta freguesia o título de vila, e nela foi criada uma escola de primeiras letras por decreto de 7 de junho precedente. No decurso dos anos seguintes foi esta vila escolhida para cabeça duma nova comarca, a que foram anexadas as povoações de Flores e de São Felis, ambas atualmente elevadas à categoria de vilas da província de Goiás. O distrito da vila de Cavalcante é regado por um sem número de ribeiros que fertilizam as suas terras, e a população avaliada em quatro mil habitantes pela maior parte agricultores e criadores de gado, que são vendidos nas províncias marítimas. A vila de Cavalcante é o ponto central dos correios de pé entre as províncias de Goiás, de Minas Gerais e de Mato Grosso, e fica quarenta léguas a leste da muda de Arrendidos, e setenta ao noroeste da do Porto Imperial.

Cavalinhos (rio dos). Ribeirão da província de Santa Catarina. É um dos afluentes do canal ou rio que divide a

³⁷⁵ Atual cidade de Caucaia/CE. (N/E)

³⁷⁶ Atual cidade de Cavalcante/GO. (N/E)

ilha de São Francisco da terra firme, e dá navegação por espaço de três léguas.

Cavalos. Montanha da província de Santa Catarina atravessada pela estrada imperial. O general Francisco José de Souza Soares de Andréa, presidente desta província, em 1840 mandou fazer os trabalhos necessários para que essa estrada fosse cômoda para as carruagens e carros, sendo que apenas podiam por ela transitar bestas muares.

Cavalos (rio dos). Um dos braços do rio das Piranhas, na província do Rio Grande do Norte. Deveria conservar o nome de Piranhas, por ser a principal desembocadura deste rio, onde entram grandes barcos. Jaz esta embocadura em cinco graus e oito minutos de latitude, e em trinta e oito graus e cinquenta e sete minutos de longitude oeste, entre as duas outras embocaduras do mesmo rio, conhecidas no país com os nomes de *Conchas* e de *Amargoso*.

Caveira. Ribeirão da província de Santa Catarina. Passa meia légua ao sul da vila das Lages, e vai desaguar no rio Curitiba.

Caviana. Ilha na embocadura do rio das Amazonas, ao norte da ilha Marajó. Houve nela a pequena vila de Robordelo que se acha despovoada atualmente. Terá esta ilha onze léguas de comprimento, e cinco na sua maior largura. Abunda em árvores de que se tira a madeira chamada *macaco*, e acha-se nela um soberbo estabelecimento rural conhecido com o nome de *fazenda da Caridade*, que é pertencente ao hospital da Misericórdia da cidade de Belém.

Caxambu. Serra da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Grande, afluente do Paraná, e perto do ribeiro Jacaré.

Caxias. Comarca da província do Maranhão, criada pela assembleia geral com o nome de *Aldeias Altas*, porém como depois deste tempo a assembleia provincial houvesse criado novas comarcas, esta, algum tanto desmembrada, tomou o nome da nova vila de Caxias, sua cabeça. Consta esta comarca dos distritos de Caxias, de Codó e de São José.

Caxias.³⁷⁷ Vila grande e comerciante da província do

Maranhão, cabeça da comarca de seu nome. Está situada na margem direita do rio Itapicuru, sessenta léguas pouco mais ou menos ao su-sueste da ilha de Maranhão, e cinquenta oés-noroeste da vila de Oeiras. Foi primitivamente esta vila um agregado de aldeias dos Índios Timbiras e Gamelas que se acolheram às montanhas e florestas à proporção que os Portugueses foram penetrando no coração desta província, correndo o século XVII com o desígnio de os sujeitar à escravidão, e vendê-los na cidade de São Luiz da ilha do Maranhão. No começo do século XVIII, estabeleceram-se os Portugueses nas aldeias abandonadas, e edificaram uma igreja a N. S. da Conceição, e esta povoação tomou o nome de *Aldeias Altas*. Passado tempo estabeleceu-se ali uma justiça presidial, e afinal um alvará de 31 de outubro de 1811 lhe conferiu o título, e prerrogativas de vila, dando-lhe por presidente da câmara ou municipalidade um juiz de fora encarregado de administrar a justiça aos habitantes de seu distrito. Tomou então esta vila o nome de *Caxias das Aldeias Altas*, teve por dotação légua e meia quadrada de terra, e houve por distrito em

³⁷⁷ Atual cidade de Caxias/MA. (N/E)

Caziquei

conformidade do mesmo alvará os três presídios de Aldeias Altas, Pastos Bons, e São Bernardo do Brejo. Além da igreja paroquial dedicada a N. S. da Conceição possui esta vila a de N. S. do Rosário. Em 1823 tornou-se célebre a mesma vila pela porfiada resistência do governador da província de Paraíba, João José da Cunha Fidié. Depois de haver sido derrotado pelos Imperiais na povoação de Jenipapo, retirou-se em desordem para Caxias onde comandava por Portugal o brigadeiro Luiz Manoel de Mesquita. O qual unido com o mencionado governador resistiram às tropas numerosas do Brasil desde o mês de setembro até 12 de agosto do ano seguinte em que obtiveram uma capitulação honrosa. Em 1838, 1839 e 1840, teve esta vila a desgraça de experimentar todos os males anexos à guerra civil, e foi tomada e retomada pelas forças imperiais e pelas dos rebeldes, até que o general Luiz Alves de Lima conseguiu pacificar esta província, e por tão relevante serviço foi feito barão de Caxias pelo Imperador D. Pedro II. A principal indústria dos habitantes da comarca de Caxias consiste na agricultura e criação de gado. Os navios sobem à vela pelo rio Itapicuru acima até o porto da vila do Rosário que

fica entre esta vila e a de Caxias. Esta vila e a povoação de Trezidelas que fica um pouco mais acima na margem oposta são os depósitos dos produtos da província do Maranhão. Seu distrito confronta ao norte com o de Codó, ao sul com o de Passagem Franca. Ao ocidente o rio Mearim o limita, e ao oriente o Paraíba o separa da província de Piauí.

Caziquei. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande; ajunta-se com o rio Ibicuí pela margem direita acima do lugar onde com este rio se une o Toropi.

Ceará. Província marítima no norte do Brasil, cujo nome dizem lhe viera de certa espécie de papagaio, que os naturais do país apelidavam *ciará*, bem que outros sustentam que este nome é derivado da palavra indiana *suia*, que quer dizer caça, e que os Portugueses encontrando muita naqueles arredores continuaram a servir-se deste nome que pelo tempo adiante por corrupção se veio a converter no de Ceará. Como quer que seja, o que é certo é que em 1603 o capitão Pedro Coelho de Souza teve ordem de explorar aquela costa, e de expulsar dela o Francês Bombille que acabava

de fazer um ajuste com o cabeceira Mel Redondo para levar dali todos os anos o pau do Brasil necessário para carregar alguns navios. Voltando da parte do Ceará que ainda conserva o nome deste cacique, Pedro Coelho de Souza entrou no rio Jaguaribe, e formou ali um estabelecimento onde seus descendentes vieram residir; ele porém se retirou para as margens do Paraíba; por isso que os Índios que nelas viviam eram muito mais dóceis e conversáveis. Dous missionários, Francisco Pinto e Luiz Figueira, passaram ao Ceará em 1610, na esperança de fazer um grande número de prosélitos, porém os Tapajós indignados contra eles, ignorasse por que motivo, os receberam de modo que o primeiro destes padres foi morto, e o segundo, Luis Figueira, teve de acolher-se às matas das cordilheiras, donde conseguiu, não sem grandíssimas dificuldades e perigos, recolher-se à habitação fortificada de Martim Soares Moreno, perto da embocadura do rio Potengi. Em 1612, o governador do Brasil Gaspar de Souza teve ordem de ir residir em Pernambuco, onde estaria mais à mão de dar caça aos piratas e contrabandistas que frequentavam as costas do norte. Encarregou o

governador a Jerônimo de Albuquerque de ir destruir os estabelecimentos franceses feitos em 1594 por Jacques Rifault, no Maranhão, e que Francisco Rocili acabava de fortificar. Embarcou-se Jerônimo de Albuquerque com cem homens escolhidos, e foram costeando até o rio Potengi, denominado depois rio Grande, onde se ajuntou com Martim Soares Moreno que se pôs à testa de oitocentos Índios Potiguares, com os quais se tinha aliado, e foram até as vizinhanças do rio Jericoacoara, onde fizeram um entrincheiramento, primeiro estabelecimento do Ceará em 1613, e o puseram debaixo da proteção de N. S. do Rosário, cujo nome conserva. Teve Martim Soares Moreno de sustentar nele vários assaltos dos Tapuias, comandados por marinheiros franceses, porém como recebesse do cabeceira Jacuná um reforço de Índios comandados pelo jovem Camarão, irmão do dito, conservou-se naquele posto muitos anos. Em 1642 atacaram-no os Holandeses sem sucesso, e tornaram-se a embarcar com perda de alguns dos seus. No ano seguinte interprenderam um novo acometimento que lhes foi mais funesto que o primeiro, assim que desapareceram daquelas paragens

até 1632. Nesse ano deitaram em terra quatro Índios industriados na língua holandesa, esperando por este modo conciliar-se a amizade e benevolência dos Tapuias; porém Domingos da Veiga, sucessor de Martim Soares Moreno, que acabava de conduzir um reforço de Índios aos Portugueses de Pernambuco, tendo tido artes de colher dos línguas os fez imediatamente enforcar, e os Holandeses deram-se pressa de voltar para o Recife. Passados cinco anos, recebeu Maurício de Nassau nesta mesma cidade recado dos Tapuias, que lhe propunham de se aliar com ele, e lhe faziam saber que no Ceará já não havia tropas portuguesas. Com efeito fez aquele príncipe quanto pôde para ocupar todo o Brasil, porém foi mal sucedido em seus projetos, e viu-se obrigado pouco tempo depois a se retirar. Restaurou-se inteiramente o Ceará com a revolução que em 1640 elevou ao trono o duque de Bragança. Novos colonos foram ali fixar a sua residência em diferentes épocas. Entretanto os governadores do Maranhão contendiam por vezes com os de Pernambuco sobre o governo da capitania do Ceará, de cujos comandantes militares de ordinário nomeados

pelo monarca não existem memórias depois de Domingos da Veiga, sucessor de Martim Soares Moreno em 1631. Em 1723 encarregou-se a um só ouvidor, independente do ouvidor geral da cidade de Paraíba, a administração civil e judiciária do Ceará: residia este na vila de Aquirás, a mais antiga do país; e nesse mesmo tempo os comandantes da fortaleza e da vila na embocadura do rio Ceará, não tinham governo senão sobre as tropas de linha, assim que apenas só hoje existem deles lembranças, à exceção dos três últimos a saber: de Antônio José Vitorino Borja da Fonseca, que entregou o comando a João Batista de Azevedo Coutinho Montauri, e de seu sucessor Luiz da Mata Feo, que foi substituído por Bernardo Manoel de Vasconcelos, que por carta régia de 17 de janeiro de 1799 foi nomeado primeiro governador da província do Ceará. Continuou este governador a residir na vila do forte da Assunção, mais conhecida com o nome de Fortaleza. João Carlos Augusto Oeynhausén que lhe sucedeu se distinguiu por uma administração prudente e justa. Um alvará de 24 de junho de 1810 mandou transferir o único ouvidor da província da vila de Aquirás

Ceará

para a da Fortaleza. Luiz Barba Alardo de Menezes sucedeu ao governador Oeynhausén, e um novo alvará de 27 de junho de 1817 dividiu esta província em duas comarcas, criando a do Crato. Foi nesse tempo nomeado governador do Ceará Manoel Inácio de Sampaio, que teve por sucessor Francisco Alberto Rubim, que entregou em 1821 o governo nas mãos do presidente da junta provisória e constitucional do Ceará. Uma lei da assembleia geral legislativa de 1833 dividiu de novo esta província em seis comarcas com os nomes de Aracati, Campo Maior de Quixeramobim, Crato, Fortaleza, Icó e Sobral: porém ao depois a assembleia provincial constituída em virtude da lei das reformas da constituição ajuntou-lhes duas mais, a saber: a de Baturité e de São João do Príncipe. A província do Ceará é cercada ao norte pelo Oceano obra de cento e dez léguas de costa, entre o Apodi ao oriente, e o Iguaraçu ao ocidente; em sua extremidade sul, em oito graus de latitude, faz um ângulo obtuso de trinta léguas de largo aproximadamente. A serra, e as matas de Apodi a separam a leste das províncias do Rio Grande do Norte e de Paraíba; ao sul confronta com a província de Pernambuco, e

a oeste se acha separada da província de Piauí pelas serras Borborema e Hibiapaba. Compõe-se dos distritos das vilas de Aquirás, Aracati, Botarité, Cascavel, Crato, Fortaleza, Granja, Icó, Imperatriz, Inhamuz, Jardim, Lavras, Quixeramobim, Rio do Sangue, São Bernardo, São Mateus, Sobral, hoje cidade Januária, Viçosa e Vilanova del Rei. Foi esta província por diversas vezes assolada pela peste, secas, fomes, e discórdias civis que a revezes a despovoaram. Contudo o seu comércio a tem sustentado, e se fora possível ter um bom porto emularia com a de Pernambuco. Em 1821 sua povoação era de cento e duas mil almas e em 1831 de cento e sessenta mil, sobre uma superfície de pouco mais ou menos de quatro mil e seiscentas léguas quadradas. As terras desta província são quase chãs. Na vizinhança do mar elas se levantam insensivelmente em anfiteatro obra de seis léguas até ao pé das serras Aracati, Canavieras, Ceará, Mandaú, Boritama e Hibiapaba, que formam um agregado de montanhas na direção de leste a oeste, e são outros tantos pontos pelos quais costumam orientar-se os navegantes. Os rios principais da costa nos quais entra a maré são acompanhados de

mangues cujas folhas, casca, e madeira servem para curtir toda a casta de peles e couros. O rio Jaguaribe é entre todos o mais caudaloso, o Camucin, Acaracu, Ceará, Curu e Jericoacoara têm menos cabedal. As terras altas são fecundas, as dos vales arenosas, estéreis e por vezes regadas por águas aluminosas e salitrosas. O anfiteatro que se eleva defronte da costa é povoado de coqueiros entre os quais se distingue a carnaúba, o mais útil de todos, cujo tronco ministra as madeiras principais necessárias para se fazer uma casa, os talos ou nervuras das folhas servem de caibros, e estas de telhas; o miolo, de pão nos tempos de fome, e a casca, de cordas. A marcha das estações é por extremo irregular nesta província, e todavia o clima é sadio, bem que o calor seja insuportável sobretudo nos vales e terras chãs; felizmente que o vem mitigar de dia a viração do mar, e de noite a da terra, mas acontece que por vezes faltam as chuvas, flagelo que aflige quase todas as províncias do norte do Império. Abunda esta província de plantas medicinais, de bálsamos, gomas e resinas que se perdem no interior das matas, dum sem número de madeiras de construção, de animais, e de frutas, de minas de ouro, de prata,

ferro, cobre, chumbo, de pedra-ume, sal salitre, cristal e diferentes espécies de argilas. As oito comarcas de que consta dão oito deputados à assembleia geral legislativa, quatro senadores, e vinte e oito deputados à assembleia provincial.

Ceará. Serra da província do mesmo nome, formada do agregado de quatro cabeços que se parecem com uma coroa, o mais alto dos quais tem o nome de Massarangape. Acha-se a seis léguas ao su-sudoeste da cidade de Fortaleza.

Ceará. Ribeiro que certos escritores afirmam ter dado o seu nome à província. Nasce nas montanhas que ficam por detrás da cidade da Fortaleza, rega Vila Velha, e lança-se no Oceano, entre o promontório de Mocoripe e o banco de areia do mesmo nome, navegável para as canoas somente nas grandes marés.

Ceará-Mirim. Ribeiro de bastante cabedal da província do Rio Grande do Norte. Seu primitivo nome

era Genipabu. Nasce na serra Borborema, rega várias aldeias, caminha rumo de leste, e se lança no mar, em cinco graus, quarenta e um minutos de latitude, e trinta e sete graus, trinta e quatro minutos e cinquenta e três segundos de longitude oeste. É navegável para as canoas na estação das chuvas, porém na falta delas muitos lugares de seu leito se acham em seco, ao passo que outros conservam duas braças d'água. Sua embocadura é entre as dos rios Potengi ou Grande, e o cabo de São Roque.

Cebolas.³⁷⁸ Freguesia da província do Rio de Janeiro, na serra dos Órgãos, distrito da Paraíba do Sul. Sua igreja, dedicada a Santana, foi ao princípio filial da de São José do Sumidouro, mas uma lei provincial de 15 de abril de 1839 lhe conferiu o título de freguesia, e lhe assinalou por filial a igreja do Bom Jesus de Matozinhos.

Cedro. Ilha da província do Rio de Janeiro, distrito de Parati, na baía de Angra dos Reis.

Cernambitigba

Cedros.³⁷⁹ Pequena povoação na terra firme da província de Santa Catarina, ao sul da enseada de Brito, dependente da freguesia do Rosário.

Centocé. Antiga povoação do centro da província da Bahia, criada vila com o nome de Santa Sé. (V. este nome.)

Cerca. Banco de areia à flor d'água nas marés pequenas, ao oeste da ilha do Maranhão, na baía de São Marcos. A grande ancoragem do porto da cidade de São Luiz se acha entre a ilha e este banco.

Ceri. Antiga povoação da província do Espírito Santo, duas léguas pouco mais ou menos ao sul da vila de Itapemirim.

Cernambitigba. Nome dado pelos Índios a um ribeiro da serra dos Órgãos, um dos primeiros nascentes do rio Guapimirim, na província do Rio de Janeiro. Uma capela dedicada a N. S. da Conceição, situada na margem deste ribeiro, serviu de freguesia do território de Guapimirim ou Aguapeí-Mirim. (V. estes dous nomes.)

³⁷⁸ Atual distrito de Inconfidência, município de Paraíba do Sul/RJ. (N/E)

³⁷⁹ Atual praia de Cedros, município de Palhoça/SC. (N/E)

Cerro da Buena

Cerro da Buena.³⁸⁰ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da cidade de Pelotas. Sua igreja, dedicada a N. S. da Consolação, foi elevada à categoria de paróquia do Brasil por decreto de 10 de dezembro de 1830 que assinalou por limite setentrional de seu termo a serra dos Tapes, encerrando as povoações da Estrada Nova; e doutras partes os ribeiros Pedras e Moreira, o Piratinin e o São Gonçalo.

Cerro da Vigia. Montanha escalvada e destituída de toda a vegetação, na província de São Pedro do Rio Grande, vizinha do rio Jaguarão. Serve de atalaia para observar os passos do inimigo.

Cerro do Roque. Agregado de várias montanhas ao ocidente da lagoa dos Patos, na província de São Pedro do Rio Grande. A estas montanhas se acolheu o chefe dos rebeldes, Neto, depois de haver sido derrotado em abril de 1841.

Cerro Frio. Comarca da província de Minas Gerais. (V. *Serra Frio* e *Hiviturui*.)

Cerro Irajassé. Montanhas escalvadas da província de São Pedro do Rio Grande, perto das cabeceiras do rio Negro, e ao sul da comarca das Missões.

Cerro Largo. Grupo de largas montanhas da província de São Pedro do Rio Grande, doze léguas ao sul do rio Jaguarão. São destituídas de vegetação, e acham-se num território que os de Montevideu pretendiam ser um terreno neutro.

Cerro Pelado. Montanha da província de São Pedro do Rio Grande, ao norte do rio Piratinin.

Cerro Pelado da Encruzilhada. Agregado de montanhas da província de São Pedro do Rio Grande, entre os rios Camacua e Jacuí.

Cerzedelo. Freguesia da província do Pará, na estrada da cidade de Belém para a vila de Viana da província do Maranhão, a oito léguas do mar, e quarenta e cinco ao sueste da cidade. Sua igreja é dedicada a São José. É povoada de Índios que se ocupam de pescarias, enquanto as mulheres cultivam o campo.

Chacriabás. Índios valerosos que dominavam na província de Goiás nas vizinhanças da de Minas Gerais. Andavam em contínua guerra com os Acroás seus vizinhos. O primeiro governador de Goiás fez aliança com os chefes ou cabeceiras destas duas nações, e ajuntou os Chacriabás na aldeia da Formiga que fundou para eles; mas que eles desampararam pelo tempo adiante para viverem na independência no meio das matas. (V. *Formiga*, aldeia.) Guerreavam também com os colonos que se estabeleciam nas margens do rio Paraná, mas enfraquecidos com os acometimentos de seus inimigos e com as armas de fogo dos Portugueses, fizeram um novo ajuste com o governador José de Almeida de Vasconcelos que os ajuntou na aldeia do Rio das Pedras, onde eles combateram sempre com vantagem com os Caiapós. (V. *Rio das Pedras*, aldeia.)

Chainês. Serra da província de Mato Grosso, junto ao rio Paraguai, aos dezenove graus e dezoito minutos de latitude. É separada da serra Insua, um pouco mais ao norte pelo canal de desaguamento da

³⁸⁰ Atual localidade de Cerro da Buena, município de Morro Redondo/RS. (N/E)

lagoa Mandioré. Dá-se também este nome ao braço oriental do rio Porrudos, que se lança no Paraguai.

Chamusca. Nome primitivo da povoação onde se acha a igreja de Santana das Lombas, na província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Santana das Lombas*.)

Chapada. Nova comarca da província do Maranhão, criada por lei provincial de 1841. Confronta pelo ocidente com o rio dos Tocantins, ao oriente com o rio Mearim, ao norte com a comarca de Viana e ao sul com a de Pastos Bons, de que foi desmembrada.

Chapada.³⁸¹ Nova vila da província do Maranhão, cabeça da comarca do seu nome, e dum colégio eleitoral criado em 1842. Uma povoação medíocre na parte superior do rio Grajaú foi em 1817 condecorada com o título de vila, com o nome de N. S. do *Bom Fim da Chapada*, mas de ordinário não se lhe dá senão este último nome. Uma lei provincial de 28 de maio de 1838 criou nela uma escola de

primeiras letras, e a designou por cabeça duma comarca, criada por outra lei provincial de 1841. Seu distrito confronta ao sul com o da vila do Riachão, e se estende da parte do norte até os das vilas de Viana e de Mearim: ao oeste limita-o o Tocantins, e a leste o Mearim, que o rega bem como o Alpercatas, e o Grajeú que também passa pela vila.

Chapada ou Santa Cruz da Chapada.³⁸² Freguesia da província de Minas Gerais, três léguas ao nordeste da cidade de Fanado, em dezessete graus e seis minutos de latitude, sobre o ribeiro aurífero Capivari, que vai misturar suas águas um pouco mais adiante com as do rio Araçuaí. Deve esta povoação a sua primeira origem ao descobrimento feito em 1728 duma mina abundante de ouro que foi imediatamente lavrada pelos moradores de Paiol e de Itaipaba. Edificou-se uma igreja numa praça triangular em cima dum alto onde a freguesia está assentada, e foi dedicada a Santa Cruz, e

Chapada

elevada à categoria de paróquia no ano seguinte. Edificou-se ainda uma outra igreja da invocação de N. S. do Rosário. Consta esta freguesia de duzentas casas, entre as quais apenas há uma de sobrado. Seu termo jaz entre os d'Água Suja e de Fanado, e contém dous mil e trezentos habitantes quase todos mineiros e por conseguinte tributários dos distritos agrícolas da vizinhança. Há neste termo um recolhimento de mulheres e uma igreja da invocação de Santana.

Chapada.³⁸³ Povoação da província de Minas Gerais, com uma igreja filial da freguesia de Santo Antônio da Pereira, no distrito da cidade de Mariana.

Chapada.³⁸⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade Diamantina, consta de cousa de trinta casas dispostas irregularmente e assentadas num monte árido, rodeado doutros ainda mais árido. Há neste lugar um registo para impedir o contrabando de ouro e o do diamante.

³⁸¹ Atual cidade de Grajaú/MA. (N/E)

³⁸² Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

³⁸³ Atual povoado de Chapada, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

³⁸⁴ Atual distrito de São João da Chapada, município de Diamantina/MG. (N/E)

Chapada

Chapada.³⁸⁵ Povoação por extremo florescente da província de Goiás, mais rica pela agricultura, que por suas minas de ouro. Está situada em uma montanha fértil, duas léguas ao norte da vila da Natividade. Sua igreja é da invocação de Santana, suas terras são auríferas, porém seus habitantes preferem a agricultura ao trabalho das minas.

Chapada. Grande serra que separa a província de Goiás da de Mato Grosso. A azinhaga que estabelece a comunicação entre estas duas províncias acha-se em quatorze graus, vinte e cinco minutos de latitude. Desta serra nasce o rio Porrudos, e outros de menos importância.

Chapada das Mangabeiras. Desfiladeiro ou azinhaga entre as montanhas que formam a serra da Mangabeira, ao oeste da província da Bahia. Por ela passa a estrada que vai do Maranhão à cidade de Goiás, e dela nasce o ribeiro Sobrado, afluente do rio da Palma, e o

das Ondas que vai lançar-se no rio de São Francisco.

Chapada de Guimarães.³⁸⁶ (V. *Chapada de Santana*.)

Chapada de Santana.³⁸⁷ Chamada também por vezes *Chapada de Guimarães*. A mais antiga de todas as freguesias da província de Mato Grosso, situada na garganta da serra de São Jerônimo, dez léguas a leste da cidade de Cuiabá.

Um vieiro de ouro muito abundante que se descobriu em 1735 nestas montanhas fez que a elas acodissem quase todos os aventureiros que se achavam derramados pelas margens do Cuiabá. Edificou-se dentro de pouco tempo naquele lugar uma igreja da invocação de Santana, que gozou das prerrogativas de freguesia, primeiro que nenhuma das desta província. Como a mina da serra de São Jerônimo se fosse esgotando, uma parte dos habitantes se entregou à agricultura, e fizeram grandíssimos benefícios vendendo por alto preço o produto de suas lavras aos

que se ocupavam exclusivamente nas minas. Consta esta freguesia de quatro mil habitantes.

Chapada de São Felis. Povoação da província de Goiás, seis léguas ao norte da vila de São Felis. Sua igreja, dedicada a N. S. do Carmo, é filial da matriz da vila. Seus habitantes são em pequeno número.

Chapada do Brumado.³⁸⁸ Povoação da província de Mato Grosso. (V. *São Francisco Xavier*.)

Chapadinha.³⁸⁹ Povoação da província de Maranhão que adquiriu alguma celebridade em dezembro de 1838 por haver sido o lugar, onde se ajuntavam os que seguiam a facção de Raimundo Gomes.

Chaparé. Rio dos Estados espanhóis, tributário do Mar-moré, com o qual se ajunta perto da província de Mato Grosso.

Chapéu. Morro da província da Bahia, na comarca da

³⁸⁵ Atual cidade de Chapada da Natividade/TO. (N/E)

³⁸⁶ Atual cidade de Chapada dos Guimarães/MT. (N/E)

³⁸⁷ Atual cidade de Chapada dos Guimarães/MT. (N/E)

³⁸⁸ Atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

³⁸⁹ Atual cidade de Chapadinha/MA. (N/E)

Jacobina. Sua forma grosseira, que se assemelha algum tanto a um chapéu, lhe fez dar este nome.

Chapéu de Uvas.³⁹⁰ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Engenho do Mato*.)

Charruas. Grande nação de Índios guerreiros e cruéis que dominavam na América meridional, entre o rio da Prata, a lagoa Mirim e o Uruguai. Inquietados pelos Paulistas, que vendiam como escravos quantos podiam colher, retiraram-se estes Índios ao sertão do Brasil, onde se encontram ainda algumas famílias dispersas nas matas. Serviam-se na guerra, além do arco e flechas, de lanças e fundas que manejavam com grande destreza. Eram inimigos dos Minuanos que lhes não cediam em valentia, dado que fossem menos cruéis.

Chasqueiro. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, tributário da lagoa Mirim, onde se perde ao sul do rio Piratinin.

Chavantes. Índios valerosos, porém inclinados a roubar, que dominavam nas matas do

Tocantins, e discorriam por este rio em canoas que governavam com suma destreza, motivo por que os primeiros exploradores portugueses lhes deram o nome de *Canoeiros*. Não se intimidavam estes Índios com as armas de fogo e pelejavam com lanças duma madeira por extremo rija e de vinte pés de comprido, além do arco, flechas e da clava. Eles discorrem ainda pelos rios da província de Goiás e do Maranhão, e colhem por vezes de súbito os que viajam por água, ou peregrinam por terra, e não são menos cruéis do que o eram os Paiaguás e os Acroás, seus vizinhos do sul. Algumas tribos desta nação foram catequizadas pelos jesuítas em aldeias, onde aprenderam a servirem-se das armas de fogo, e recolhendo-se às matas se tornaram formidáveis aos Portugueses, e até às tribos Macamecrãs, que se uniram em 1812 com os habitantes de São Pedro de Alcântara. Tais são os vizinhos de que os habitantes do norte da província de Goiás se devem arrecear; os quais não podem aumentar as suas plantações e lavras sem as verem expostas a serem em uma só noite arruinadas.

Chaves

Talvez que com meios brandos praticados individualmente com os Índios desta nação se conseguisse o fazer com os que os governam um tratado, que deveria ser observado de ambas as partes com todo o rigor, e que ministrando-lhes víveres os acostumassem a viver em suas aldeias, e a cultivar a terra. Uma prova do que acabamos de dizer é que já existe uma aldeia destes Índios na península formada pela confluência do rio Manuel Alves Grande com o Tocantins, que fazem algumas trocas com os moradores de São Pedro de Alcântara, dez léguas mais abaixo na mesma margem deste rio.

Chavantes. Rio da província de Goiás, tributário do Araguaia. Verte este rio as suas águas no braço ocidental deste grande rio, a poucas léguas da ponta do norte da ilha Bananal ou de Santana. Deriva este rio o nome de nação indiana que dominava em suas margens, e que ainda não foi possível sujeitar.

Chaves.³⁹¹ Vila da província do Pará, na ilha de Marajó. (V. *Vila do Equador*.)

³⁹⁰ Atual povoado de Paula Lima, município de Juiz de Fora/MG. (N/E)

³⁹¹ Atual cidade de Chaves/PA. (N/E)

Chechuí

Chechuí ou **Chichuí**. Rio que serve de limite entre o Brasil e o Estado independente do Paraguai. Nasce perto do Igatimi, recebe o Iguaraí-Açu, e vai lançar-se no Paraguai pela margem esquerda em vinte e quatro graus e doze minutos de latitude, vinte léguas abaixo do lugar onde deságua o Ipané-Açu. Os autores antigos escrevem por diferente modo o nome deste rio, chamando-o Chechuí, Xexuí e Jejuí, porém no país a pronúncia é sempre a mesma.

Chegada. Ribeiro da província do Rio de Janeiro. Nasce na serra Catimbau, rega o território da freguesia do Rio Bonito, e vai misturar as suas águas com as do pequeno rio Tinguá.

Cherentes ou **Xerentes**. Nação de Índios cujas tribos se acham em sete aldeias, na província de Goiás, perto do rio Tocantins, acima da cachoeira do Lageado, e entre os rios Preto e Maranhão. São estes Índios guerreiros, doces, ativos e próprios a todo o gênero de indústria.

Chico Santo. Vigésima cachoeira que se encontra descendo pelo rio Pardo, pelo qual se vai da província de Mato Grosso de São Paulo. Desce e sobe-se por esta cachoeira sem descarregar, nem aliviar as canoas; acha-se uma légua abaixo da do Mangabal, e meia acima da Embirucu.

Chimanos. Tribo de Índios que vivem na parte superior do rio Jabari, na província do Pará.

Chique-Chique.³⁹² Vila da província da Bahia. (V. *Xique-xique*.)

Chiqueiro do Alemão.³⁹³ Pequena povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Ouro Preto. Sua igreja é uma das três filiais da freguesia da Cachoeira do Campo.

Chiuará. Rio da Guiana brasileira. Tributário do rio Negro pela margem direita. Lança-se nele entre a povoação de Santa Isabel e a aldeia Maracabi. Seu território era antigamente possuído pelos Índios Manaus.

Chopotó.³⁹⁴ Povoação da província de Minas Gerais, na parte superior do rio que lhe dá o nome. Umhas poucas choupanas assentadas abaixo da cachoeira das Antas pelos passageiros que navegam em canoas por este rio, entre esta cachoeira e a que tem por nome *Óculos*, deram origem à povoação de Chopotó, primitivamente apelidada *Porto das Canoas*. Edificaram os habitantes uma igreja que dedicaram a São José. Tendo-se a povoação insensivelmente aumentado, criou-se ali uma escola de primeiras letras por decreto de 28 de junho de 1831, e por um segundo decreto de 14 de julho do ano seguinte foi sua igreja elevada à categoria de freguesia, tendo por filiais as das povoações de Espera, de Melo, dos Remédios e de São Caetano. Se a companhia da navegação do rio Doce estender os seus trabalhos até a cachoeira das Antas, esta freguesia será em breve uma das vilas importantes da província de Minas Gerais.

Chopotó ou **Xipotó**. Rio da província de Minas Gerais,

³⁹² Atual cidade de Xique-Xique/BA. (N/E)

³⁹³ Atual distrito de Miguel Burnier, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

³⁹⁴ Atual cidade de Cipotânea/MG. (N/E)

Cinco Pontas

considerado atualmente como o nascente mais remoto da embocadura do rio Doce. Nasce este rio num grupo de montanhas, dez léguas a leste da vila de Barbacena, corre rumo do norte e do nordeste por espaço de trinta léguas pouco mais ou menos, num leito semeado de arrecifes onde se sucedem umas às outras as cachoeiras Pirapora, Jumirim, Antas, Óculos, Jacutinga, Ponte Queimada e Inferno. Recebe o tributo de muitos outros, entre os quais se distinguem o das Pirangas, sobre a margem esquerda, e o Turvo pela direita. Abaixo da embocadura do das Pirangas, o Chopotó se afasta para o nordeste, rega a povoação de Santana do Deserto, e recebe as águas do Gualacho, antes de se engolfar no salto do Inferno, onde o rio Doce toma o nome que tem. Subindo-se ou descendo-se pelas cachoeiras das Antas, Óculos, Jacutinga e Inferno devem-se transportar por terra as fazendas e embarcações. Começa a navegação do rio Chopotó no Porto das Canoas abaixo da cachoeira das Antas, porém as canoas vão duma cachoeira a outra até a de Pirapora; e é para esperar-se que a companhia do rio Doce

alargará as suas operações até este ponto, o que seria sumamente proveitoso para a parte oriental do distrito de Barbacena que ainda está para povoar-se.

Choradeira. Vigésima cachoeira do rio Coxim, uma légua abaixo da cachoeira Avanhando-Mirim, e meia acima da Jiquitaia. É mister para vingar-se este passo dobrado número de remeiros, e força de voga.

Choró. Rio da província do Ceará. Nasce na serra de Santa Catarina, ao sul da vila de Quixeramobim, corre obra de quarenta léguas para o nor-nordeste, passando pela vizinhança do monte Cascavel, e rega a povoação deste nome. Porém em todo este curso só é navegável com canoas na estação das chuvas. Na embocadura navega-se em todo o tempo do ano, até onde deitam as marés. Serve este rio de limite aos termos das freguesias de Aquirás e de Cascavel.

Chuí. Rio que pertencia antigamente ao Brasil, e serve atualmente de limite do Estado oriental de Montevidéu, ficando neutro o território que

jaz entre ele e o rio Jaguarão. Nasce este rio no vertente oriental da serra Geral, segue diversos rumos mais ou menos na direção do Oriente, e vem juntar-se com a lagoa Mirim em sua margem ocidental, entre o Jaguarão e o Sebolati.

Chuí. Ribeiro que se perde no Oceano, e serve de limite à província de São Pedro do Rio Grande, em virtude do tratado de 1777 entre Portugal e Espanha. Nasce este ribeiro nuns areais que ele rega com suas águas, entre a ponta meridional da lagoa Mirim e o mar, em trinta e três graus e cinquenta minutos de latitude.

Churiebi. Ribeiro das Missões, onde, em 10 de fevereiro de 1756, foi derrotado o rei Nicolau I, em uma ação contra as forças combinadas de Portugal e de Espanha. (V. *São Miguel*, aldeia.)

Cima. (V. *Lagoa de Cima*.)

Cimbres.³⁹⁵ Vila da província de Pernambuco. (V. *Simbres*.)

Cinco Pontas. Forte da cidade do Recife, ao sul da ilha de Santo Antônio. Completa o sistema de defesa desta cidade

³⁹⁵ Atual distrito de Cimbres, município de Pesqueira/PE. (N/E)

Cincurá

da parte do continente. Vem-lhe o nome que tem dos cinco ângulos de que é formado.

Cincurá. Grande serra da província da Bahia, atravessada pelo rio Paraguaçu, que rompe por entre rochas, e faz a cachoeira Cincurá cuja altura é de sete braças. A cordilheira dos Aimorés fenece pela banda do norte desta serra.

Cintra.³⁹⁶ Antiga vila da província do Pará, sobre o Oceano e o rio Maracanã. Foi primitivamente uma aldeia com o nome deste rio, e alcançou o título de vila depois da expulsão dos Holandeses. Porém nunca teve casa da câmara nem cadeia sua própria, mas sim de aluguel, e sua igreja, dedicada ao arcanjo São Miguel em 1839, estava de todo arruinada. O distrito de Cintra é fértil, mas mal-agricultado, e os Índios que o povoam vão sensivelmente diminuindo.

Ciopé. Povoação da província do Ceará, no distrito da cidade da Fortaleza, com uma capela; está situada na embocadura do rio que lhe deu o nome que tem.

Ciopé. Pequeno rio da província do Ceará. Nasce na serra deste nome, corre para o norte, e vai desaguar no Oceano, seis léguas a oeste da cidade da Fortaleza.

Cipó. Povoação da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza, assim apelidada dum espécie de erva-rediça do mesmo nome.

Cipó. Ribeirão da província de Minas Gerais: vem dos montes que jazem ao norte da serra de Gaspar Soares, corre no mesmo rumo por espaço de doze léguas, engrossando-se com o tributo de vários ribeiros, dos quais o mais caudaloso é o Soberbo, e incorpora-se com o rio Guaicuí ou das Velhas, pela margem direita. Dão-se mui bem os algodoeiros nas terras de suas margens onde se não encontram moradores.

Cipó. Ribeiro da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Formiga, por onde corre por espaço de dez léguas do oriente para o poente até se ir incorporar pela margem direita com o rio Jequitaiá.

Claro. Ribeiro da província de Mato Grosso. É um dos

afluentés do rio Porrudos ou de São Lourenço.

Claro. Ribeirão da província de Goiás. Nasce na serra de Santa Marta, corre para o norte e o noroeste, engrossando-se com os ribeiros auríferos da Fatura e dos Pilões; atravessa a estrada da cidade de Goiás a Cuiabá, e no cabo dum curso de quarenta léguas vem pela margem direita dobrar o volume das águas do Araguaia, quatro léguas abaixo do registo chamado do Rio Grande. Acharam-se em 1740 pequenos diamantes neste rio, e houve um contrato privilegiado em 1749, que se suprimiu em 1801. (*V. Rio Claro*, povoação, e *Bonfim*, vila da mesma província.)

Clemente. Morro aurífero da província de Goiás, perto da vila de Santa Cruz. O governador José de Almeida de Vasconcelos fez dar principio a um canal para levar até lá as águas dum ribeiro para tirar o ouro que havia neste morro, mas seus sucessores deixaram entupir o que se havia feito, depois que foi morto o engenheiro encarregado daquela obra.

³⁹⁶ Atual cidade de Maracanã/PA. (N/E)

Coané. Freguesia da província do Pará, a doze léguas da margem direita do rio Negro, e sobre a margem direita do Ucaiari. Sua igreja é dedicada a São Joaquim, e seus habitantes Índios da tribo Vaupé.

Cobras. Ilha da baía de Niterói. (V. *Ilha das Cobras*.)

Cocais.³⁹⁷ Antiga aldeia da província de Mato Grosso, nove léguas ao noroeste da cidade de Cuiabá. Sua igreja, dedicada a São José, é uma das filiais da matriz da cidade. Sua população atual é de mais de dois mil habitantes. Em seu termo há duas capelas, uma da invocação do Menino Jesus, e outra de N. S. do Rosário. As povoações que se formaram na vizinhança destas capelas têm o nome de *Livramento* e de *Rosário*.

Cocais.³⁹⁸ Povoação da província de Minas Gerais, nove léguas ao norte da cidade de Mariana, e três a leste da freguesia do Morro Grande. Sua igreja é dedicada a Santana, e um decreto de 7 de agosto de 1832 a dotou duma escola de primeiras letras.

M. Auguste de Saint-Hilaire falando deste lugar diz que aquela paisagem tem um caráter particular; que nela se não descobre ressóbio algum da Europa; que a cor particular das montanhas, o basto arvoredado que as povoa, os mineiros que se avistam, os coqueiros que rodeiam a igreja, a forma das casas em que se encostam as bananeiras e laranjeiras, tudo é brasileiro até a própria cor das águas do Una que corre às abas desta povoação.

Cocal. Povoação medíocre da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de São João Batista, filial da freguesia de Morro Grande.

Cocal. Povoação da província de Goiás, entre as d'Água Quente e de Traíras, sessenta e cinco léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Goiás. Suas minas de ouro foram descobertas em 1749 por Diogo de Gouveia Osório. Tirou-se delas cento e cinquenta arrobas deste metal num só ano, mas no fim do século passado foram afinal desemparedadas, e postas em esquecimento. A igreja desta

Cocuruna

povoação é da invocação de São Joaquim, e filial da freguesia de Traíras.

Coco. Ponta na costa da província do Ceará, no distrito da vila de Aquirás com algumas choupanas derramadas. Sua extremidade acha-se em três graus e cinquenta e seis minutos de latitude, e em quarenta graus e trinta e nove minutos de longitude oeste.

Cococi.³⁹⁹ Povoação da província do Ceará, no distrito de São João do Príncipe, com uma capela nas margens do ribeiro Juca, que se lança no rio Jaguaribe, sobre a margem direita, quatro léguas abaixo da povoação de Arneiros.

Cocos. Povoação da província do Ceará, na serra de que recebe o nome. (V. *São Gonçalo*.)

Cocos (Ilha dos). Pequena ilha da província do Rio de Janeiro, distrito de Parati, e na baía de Angra dos Reis.

Cocuruna. Tribo de Índios ainda bravos, alguns dos quais se foram estabelecer na vila

³⁹⁷ Atual cidade de Nossa Senhora do Livramento/MT. (N/E)

³⁹⁸ Atual distrito de Cocais, município de Barão de Cocais/MG. (N/E)

³⁹⁹ Atual cidade de Parambu/CE. (N/E)

Codó

de Ega, convidados, bem como várias outras tribos, pelo missionário André da Costa.

Codó.⁴⁰⁰ Antiga povoação e nova vila da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Itapicuru, doze léguas abaixo da vila de Caxias. Por uma lei provincial de 21 de julho de 1838, que conferiu a esta povoação o título de vila, sua igreja foi elevada à categoria de freguesia. Possui esta nova vila uma escola de primeiras letras, e seus arredores são povoados de matas virgens que foram em todo o tempo o valhacouto dos negros fugidos. Talvez fosse este o motivo por que se estabeleceu em Codó, e não na Chapada, o quartel da primeira companhia dos caçadores da montanha, criados para proteger as vilas e fazendas contra as agressões dos Índios bravos.

Coiacuí ou Cojacuí. Pequeno rio da província de São Pedro do Rio Grande, que foi longo tempo disputado aos Portugueses pelos Espanhóis.

Coimbra.⁴⁰¹ Povoação da província de Mato Grosso. (V. *Nova Coimbra*.)

Coité. Serra da província de Paraíba, que faz parte da cordilheira Borborema, e serve de limite entre esta província e a do Rio Grande do Norte.

Coité.⁴⁰² Freguesia da província de Paraíba, assim chamada por se achar situada na serra deste nome. Sua igreja é dedicada a N. S. das Mercês, e há nela uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 13 de outubro de 1831. A freguesia de Coité pertencia primeiramente ao distrito de Vilanova do Príncipe, na província do Rio Grande do Norte, mas em virtude duma lei da assembleia geral de 21 de outubro de 1840, ficou pertencendo ao distrito de Brejo da Areia da província de Paraíba.

Colares.⁴⁰³ Antiga e pequena vila da província do Pará, treze léguas a oeste da cidade de Belém. Está assentada num território separado do conti-

nente por um igarapé ou canal natural que faz comunicar o Amazonas com o Tocantins. O pequeno número de habitantes de seu distrito fez que esta vila descaísse e perdesse não só o nome de vila, mas até o de freguesia; assim que sua igreja, da invocação de N. S. do Rosário, não é mais que uma filial da freguesia da vila da Vigia. Seu território é excelente para os cacauzeiros e cafeeiros.

Colégio.⁴⁰⁴ Aldeia da província das Alagoas, na margem esquerda do rio de São Francisco, quinze léguas acima de sua embocadura, e a sete de distância da vila de Penedo. Foi esta aldeia fundada pelos jesuítas para catequizarem nela os Índios da província de Pernambuco. Eles ajuntaram neste estabelecimento três tribos de Tupinambás, conhecidas com os nomes de Cairiris, Aconans e Carapotis, que vivem ainda agora de pesca e caça. Depois da extinção dos jesuítas concedeu o governo a estes Índios três léguas quadradas nas margens do rio para

⁴⁰⁰ Atual cidade de Codó/MA. (N/E)

⁴⁰¹ Atual distrito de Coimbra, município de Corumbá/MS. (N/E)

⁴⁰² Atual cidade de Cuité/PB. (N/E)

⁴⁰³ Atual cidade de Colares/PA. (N/E)

⁴⁰⁴ Atual cidade de Porto Real do Colégio/AL. (N/E)

convidá-los a empregarem-se na agricultura, porém sem sucesso; continuaram a entregar-se à ociosidade e ao uso de bebidas espirituosas. As mulheres são muito mais laboriosas, e fazem louça de terra. A igreja paroquial desta aldeia é ainda a mesma que foi feita pelos jesuítas no decurso do século XVI. Conta-se em seu território obra de cem fogos.

Colônia da Mata. Colônia de famílias alemãs, estabelecida pelo Imperador D. Pedro I na província de São Paulo, comarca de Curitiba, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 13 de outubro de 1831.

Colônia de Santo Amaro.⁴⁰⁵ Na província de São Paulo. (V. *Santo Amaro*.)

Colônia do Santíssimo Sacramento. Antiga possessão portuguesa sobre o rio da Prata, perto do confluente do Uruguai. Foi fundada em 1680. Manoel Lobo, por ordem d'El-Rei de Portugal, estabeleceu ali algumas famílias com duzentos militares. No ano seguinte foi esta colônia investida por D. José Garro, governador de Buenos

Aires, que fez passar à espada homens, mulheres e meninos. Restituíram-na os Espanhóis, passados três anos, porém tornaram a investi-la em 1703, e os Portugueses viram-se obrigados a desampará-la depois duma porfiada resistência. Voltou esta colônia a Portugal em virtude do tratado de Utrecht de 1713. Retomada pelos Espanhóis em 1735, tornou a ser entregue a seus verdadeiros possuidores quinze anos depois. Quando em 1777, os Espanhóis tornaram a apoderar-se dela, era a povoação de dous mil e quinhentos habitantes, tanto na parte fortificada, como nas três povoações fora das fortificações. Foi esta colônia restituída outra vez aos Portugueses por ocasião do tratado dos limites que se não chegou de todo a concluir. O partido espanhol independente da metrópole se apoderou dela, porém em 1823 o Estado Cisplatino tendo-se posto debaixo da proteção imperial, a colônia do Sacramento fez parte do Império até o ano de 1827, em que sucedeu a defecção desta província por instigações do general Fructuoso Rivera, e pertence atu-

Comboio Vaca

almente à República Oriental, cuja capital é Montevidéu.

Columinjuba. Serra da província do Ceará no termo de Mecejana.

Comandatuba.⁴⁰⁶ Povoação da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, quatorze léguas ao sul da vila de São Jorge, perto do mar, e adiante da serra de seu nome, em quinze graus, vinte e cinco minutos e vinte segundos de latitude. Seus habitantes são quase todos Índios.

Comandatuba. Serra da província da Bahia ao sudoeste da de Itaracá. Seu cume mais elevado está em quinze graus, vinte e dous minutos e oito segundos de latitude, e quarenta e um graus, vinte e sete minutos e quarenta e oito segundos de longitude oeste. Um pequeno rio do mesmo nome nasce desta serra e vai em direitura rumo de leste lançar-se no mar. É navegável nas grandes marés somente por espaço de uma légua.

Comboia Vaca. Nome dado à trigésima terceira ca-

⁴⁰⁵ Atual distrito de Santo Amaro, cidade de São Paulo/SP. (N/E)

⁴⁰⁶ Atual distrito de Comandatuba, município de Una/BA. (N/E)

Combríú

choeira do rio Tietê, na província de São Paulo. É fácil de subir e de descer, e acha-se duas léguas abaixo da de Tumbaú-Mirim. Entre ela e a que tem o nome de *Campo* há quatorze léguas de boa navegação em terras chãs e descobertas.

Combríú. Colônia imperial na província de Santa Catarina.

Comissário. Serra da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza, com uma medíocre povoação e uma capela.

Comorin. Lagoa e ribeiro da província do Rio de Janeiro. (V. *Jacarepaguá*, lagoa.)

Comprida. Uma das maiores ilhas da costa de Parati, na província do Rio de Janeiro. Três ilhas da mesma província são designadas com o mesmo nome. A mais considerável e conhecida é a que fica ao sudoeste da baía de Niterói, uma légua nor-noroeste da ilha Redonda.

Comprido. Ribeiro da serra de Tejuco, na província do Rio de Janeiro. Passa perto do

palácio da Mitra, e por meio dum canal praticado a meia colina por espaço de uma légua alimenta a fonte de Catumbi na cidade do Rio de Janeiro.

Comunati. Grande serra no interior da província das Alagoas, pertencente ao território da freguesia d'Águas Belas. Cobrem-na em grande parte espessas matas; o mais é plantado de algodoeiros, mandioca, milho e outros gêneros do país, e é povoado de Índios e de alguns brancos agricultores, e criadores de gado.

Conceição.⁴⁰⁷ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, na parte superior do rio da Palma, cento e vinte léguas pouco mais ou menos ao nor-nordeste da cidade de Goiás e quinze ao sueste da vila da Natividade. Em 1741, descobriram-se nas margens deste rio algumas minas de ouro. Vieram alguns aventureiros lavrá-las, e edificaram uma igreja a N. S. da Conceição, elevada à categoria de freguesia por resolução régia de 1755, mas as minas, como

fossem pouco rendosas, foram abandonadas, e os habitantes se deram ao cultivo das terras. Um alvará de 18 de março de 1809 tendo criado a comarca de São João das Duas Barras, medrou rapidamente esta freguesia, que prosperou ainda mais por haver um segundo alvará de 1814 transportado para mais perto dela a cabeça da comarca, pondo-a na vila de São João da Palma. A assembleia legislativa provincial elevou esta freguesia à categoria de vila e assinalou-lhe por distrito seu próprio território, onde se acha a povoação do Príncipe Regente. As águas em geral são ali dum sabor desagradável, quando se não está afeito. Sua população anda por dous mil habitantes entre mineiros e agricultores, sendo os mais abastados os segundos.

Conceição.⁴⁰⁸ Vila da província de São Paulo. (V. *Itanhaém*.)

Conceição.⁴⁰⁹ Vila da ilha de Itamaracá na província de Pernambuco. (V. *Conceição de Itamaracá*.)

⁴⁰⁷ Atual cidade de Conceição do Tocantins/TO. (N/E)

⁴⁰⁸ Atual cidade de Itanhaém/SP. (N/E)

⁴⁰⁹ Atual povoado de Vila Velha, município de Ilha de Itamaracá/PE. (N/E)

Conceição.⁴¹⁰ Aldeia da província das Alagoas, no distrito da vila de Poxim, sobre a margem esquerda do rio Cururipe, e a uma légua do mar. Tem uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, que se vem visitar de muito longe, no tempo em que se soleniza a festa da Senhora. Seu porto é cômodo para pequenas embarcações. Ao oeste as terras são férteis, porém nas vizinhanças do mar arenosas, e somente próprias para cajueiros.

Conceição. Freguesia da província do Pará na Guiana brasileira. Está assentada sobre a lagoa Canumá, treze léguas ao noroeste da vila de Serpa. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição, e goza das prerrogativas de freguesia em virtude do alvará de 22 de dezembro de 1795, que conferiu este título a todas as aldeias Índias. Seus habitantes são pela maior parte agricultores.

Conceição.⁴¹¹ Um dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, numa eminência em cujo cume há um forte e o

palácio episcopal da Diocese. Em 1659 os capuchos franceses se estabeleceram nesta montanha onde catequizaram muitos Índios e edificaram uma capela da invocação da Virgem Maria. Em 1707 o primeiro bispo do Rio de Janeiro escolheu aquele lugar para fazer a sua residência, e o edifício que para esse efeito fez foi sucessivamente aumentado por seus sucessores. Ajuntou-lhe o governador Gomes Freire de Andrade um forte para defender a parte da cidade exposta ao oeste, e o vice-rei conde da Cunha o aumentou com uma oficina de armeiros onde se consertam atualmente as armas por conta do governo.

Conceição.⁴¹² Povoação da província do Rio de Janeiro no termo da freguesia de Santo Antônio de Sá, e na parte superior do rio Macacu. Atravessa-a a estrada real que vai do Rio de Janeiro à colônia suíça, atualmente vila de Nova Friburgo.

Conceição. Povoação da província do Rio de Janeiro no termo da freguesia da vila de

Conceição

Cantagalo, com uma capela filial da igreja de São Pedro da Vila, e da invocação de N. S. da Conceição, e uma justiça de paz, criada por lei provincial de 23 de novembro de 1836.

Conceição. Povoação medíocre da província da Bahia, no distrito de Jaguaripe, com uma capela de N. S., e uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Conceição.⁴¹³ Povoação de pouca importância da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Caeté. Pertenceu largo tempo à freguesia de São Bartolomeu, de que foi separada em 1840.

Conceição. Pequena povoação da província de Maranhão, na comarca de Caxias, a certa distância da margem esquerda do rio Parnaíba, célebre pela derrota que nela experimentaram os rebeldes em 1840.

Conceição. Missão da província de Mato Grosso no ribeiro do mesmo nome, seis léguas acima do lugar onde se

⁴¹⁰ Atual cidade de Coruripe/AL. (N/E)

⁴¹¹ Morro da Conceição no bairro da Saúde, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁴¹² Atual cidade de Cachoeiras de Macacu/RJ. (N/E)

⁴¹³ Atual distrito de Conceição do Rio Acima, município de Santa Bárbara/MG. (N/E)

Conceição

junta com o rio Bauré, afluente do Guaporé. É povoada de algumas famílias indianas da nação Cabixi.

Conceição. Povoação de pouco vulto da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vilanova do Príncipe.

Conceição.⁴¹⁴ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Souza, assim chamada por haver nela uma capela de N. S. da Conceição.

Conceição. Pequena povoação da província de Paraíba, a dezesseis léguas da Vila Real de São João. Está situada nas montanhas. Seus habitantes são lavradores e criadores de gado.

Conceição. Povoação da província das Alagoas, na serra d'Água Branca, ao norte do rio de São Francisco, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição.

Conceição. Pequena povoação da província do Espírito Santo, fundada em 1585 pelo

padre Anchieta a algumas léguas da povoação Reritigbá.

Conceição. Serra da província da Bahia, duas léguas ao nordeste da cidade de Cachoeira. Pode ter três léguas de circunferência na base, e acha-se só no meio dum descampado. Contém minas que ainda não foram exploradas.

Conceição da Barra.⁴¹⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de São João del Rei. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição, e foi criada paróquia por decreto de 14 de julho de 1832 que lhe assinalou por termo o país que se acha encerrado entre os rios das Mortes, e por sua fili-al a igreja de São Gonçalo, e um segundo decreto de 7 de agosto seguinte instituiu nesta povoação uma escola de primeiras letras.

Conceição da Barra de São Mateus.⁴¹⁶ Antiga povoação da província do Espírito Santo. (V. *Barra*, vila.)

Conceição da Feira.⁴¹⁷ Povoação da província da Bahia, no distrito da mesma cidade, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Conceição da Lagoa.⁴¹⁸ Antiga freguesia no centro da ilha de Santa Catarina, duas léguas a leste da cidade do Desterro. Sua igreja se acha num outeiro donde os olhos se espraíam pelo mar, bem que se ache distante dele mais de uma légua. Serve esta igreja de freguesia desde 1750 sempre com a mesma invocação de N. S. da Conceição. Seu termo encerra três mil habitantes em grande parte agricultores. Na margem oriental da ilha existe uma armação de baleia que é o que deu origem a esta numerosa povoação, separada das outras freguesias da ilha. Contam-se nesta freguesia trinta engenhos.

Conceição da Raposa.⁴¹⁹ Província de Minas Gerais. (V. *Raposa*.)

⁴¹⁴ Atual cidade de Conceição/PB. (N/E)

⁴¹⁵ Atual cidade de Cassiterita/MG. (N/E)

⁴¹⁶ Atual cidade de Conceição da Barra/ES. (N/E)

⁴¹⁷ Atual cidade de Conceição da Feira/BA. (N/E)

⁴¹⁸ Atual cidade de Florianópolis/SC. (N/E)

⁴¹⁹ Atual cidade de Raposos/MG. (N/E)

Conceição da Serra.⁴²⁰ Nova vila e antiga freguesia da província do Espírito Santo, no monte de Mestre Álvaro, quatro léguas ao norte quarto de oeste da cidade de Vitória. Foi este país explorado pelos primeiros colonos que fundaram a vila do Espírito Santo em 1535, os quais foram obrigados, no cabo de muitos anos de guerra contra os Índios Goitacases, a retirarem-se para as margens do rio Cricaré, onde se acha atualmente a vila de São Mateus. Os jesuítas presididos pelo padre Afonso Brás foram os primeiros que no meado do século XVI empregaram meios brandos para subjugar estes Índios. Foi depois desta época que os colonos portugueses puderam espalhar-se nas vizinhanças da vila da Vitória, dando princípio à povoação do monte de mestre Álvaro. Uma igreja da invocação de N. S. da Conceição foi erigida em freguesia por ordem régia de 24 de maio de 1752 a qual não recebeu inteira execução senão em 1769 depois que foi edificada uma nova igreja.

Teve esta igreja paroquial por filial a igreja da povoação de São José, e a população do seu termo indo em aumento, posto que pouco sensível, atenta a diuturnidade do tempo, uma lei provincial de 1839 conferiu o título de vila à freguesia da Conceição, assinalando-lhe por distrito o país que jaz entre o rio dos Reis Magos da parte do norte, e o Cururipe da parte do sul, tendo a leste o Oceano, e ao oeste as matas impenetráveis da cordilheira dos Aimorés, que servem de limites à província de Minas Gerais. Consta este distrito de mil e quinhentos habitantes, que são quase todos agricultores.

Conceição da Serra. Aldeia de Índios Paiaguás, na província de Mato Grosso, dez léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade de Cuiabá. Foi fundada em 1814 pelo vigário de Poconé, que tomou sobre si de civilizar os Índios que viviam entre esta pequena vila e a capital da província.

Conceição de Itamaracá

Conceição das Vargens do Apodi.⁴²¹ Freguesia da província do Rio Grande do Norte. (V. *Apodi*.)

Conceição de Guarulhas.⁴²² Freguesia da província de São Paulo. Em 1842, os eleitores deste colégio eleitoral foram votar no da vila de Atibaia.

Conceição de Itamaracá.⁴²³ Vila da província de Pernambuco, na margem ocidental da ilha de Itamaracá, perto do rio Iguaçu. Dizem que fora fundada em 1535, quando Pedro Lopes de Souza veio residir nesta parte do Brasil. (V. *Itamaracá*, ilha.) Os holandeses tendo-se apossado desta vila em 1633, o príncipe Maurício de Nassau lhe deu por divisa um cacho de uvas de extraordinária grandeza, dizem que por isso que era a vinha o ramo principal da agricultura daqueles arredores; mas na restauração de Pernambuco, a vila da Conceição foi esbulhada deste título debaixo do pretexto de haverem seus habitantes favorecido as cousas do príncipe.

⁴²⁰ Atual cidade de Serra/ES. (N/E)

⁴²¹ Atual cidade de Apodi/RN. (N/E)

⁴²² Atual cidade de Guarulhos/SP. (N/E)

⁴²³ Atual povoado de Vila Velha, município de Ilha de Itamaracá/PE. (N/E)

Conceição de Mata Dentro

Todavia reintegraram-na nele, quando em 1693 os herdeiros do donatário de Itamaracá recobram esta herança, a qual foi vendida à coroa em 1763. Desde esta época em diante a vila da Conceição de Itamaracá fez parte integrante da província de Pernambuco. O que não obstante, uma provisão régia de 1688 ordenou que as autoridades judiciárias e municipais fossem transferidas para Goiana, que conservou desde então o título de vila; porém as autoridades voltaram outra vez para a vila da Conceição em 26 de novembro de 1709, segundo uns, e segundo outros em 7 de fevereiro de 1711, e o ouvidor João Guedes estabeleceu ali a sua residência em 1713. No ano seguinte seu sucessor foi residir para Goiana, e como a povoação da terra firme se ia aumentando consideravelmente, um alvará do 1º de agosto de 1714 ordenou que a jurisdição de Goiana se estenderia sobre a vila da Conceição, e outro alvará de 30 de maio de 1815 anexou a ilha de Itamaracá à comarca de Olinda, criada pelo mesmo alvará. Neste mesmo ano fez-se um alistamento do distrito da povoação da Conceição e

achou-se que se montava em doze mil habitantes. Este número não pode ser exato, pois que no tempo dos Holandeses, época de seu esplendor, não se contavam senão oito mil. O comércio e população da vila indo de dia em dia declinando, um decreto da assembleia geral de 25 de outubro de 1831 ordenava o seguinte: “Fica restaurada a vila antiga de Itamaracá, na povoação de N. S. do Pilar, com justiça e todos os oficiais de que as vilas são providas.” Mas outro decreto de 30 de agosto de 1835 ordenou a translação dos arquivos municipais, que se achavam nesse tempo no Pilar, para a antiga vila de Itamaracá. A igreja paroquial desta vila é dedicada a N. S. da Conceição, e tem por filiais as igrejas e capelas espalhadas pela ilha, como a de Santa Cruz na fortaleza do Bom Jesus na povoação da Praia, de N. S. do Pilar no Pilar, de N. S. dos Prazeres em Macaxeira, de São João Batista no engenho deste nome, e de N. S. do Patrocínio no engenho do Amparo. Há na vila uma cadeia, com uma casa da câmara. Seu distrito compreende toda ilha de seu nome, e outras mais pequenas

na vizinhança. (V. *Itamaracá*, ilha.)

Conceição de Mata Dentro.⁴²⁴ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Conceição do Serro*, vila.)

Conceição de Meruoca. Povoação da província do Ceará, na serra Meruoca, anexa ao distrito da cidade de Januária, outrora vila do Sobral. Sua igreja é dedicada a N. S. da Conceição, e seus habitantes avaliados em seiscentos são pela maior parte lavradores.

Conceição de Noruega.⁴²⁵ Povoação da província de Minas Gerais, na serra das Quatro Oitavas, dez léguas, pouco mais ou menos, a noroeste da cidade de Minas Novas, dantes vila do Fanado. Em 1785 descobriu-se um veio de ouro finíssimo nas montanhas vizinhas da serra Santo Antônio. Mais de mil aventureiros acudiram de todas as partes e formaram uma povoação que tomou o nome duma ermida da invocação de N. S. da Conceição. José de Souza Lobo, comandante do registo deste distrito, sem autorização superior fez pôr fogo a esta

⁴²⁴ Atual cidade de Conceição do Mato Dentro/MG. (N/E)

⁴²⁵ Atual povoado de Noruega, município de Botumirim/MG. (N/E)

povoação no ano seguinte, com o pretexto de que servia de acolheita aos que tratavam illicitamente de passar por fraude ouro e diamantes pela serra de Santo Antônio, porém dentro em pouco tempo tornou-se a reformar a povoação, que atualmente tem duas igrejas; uma da invocação de N. S. da Conceição e outra edificada pela confraria de São Francisco de Paula. Seu termo encerra mil e duzentos habitantes entre cultivadores e mineiros.

Conceição do Apodi.⁴²⁶ Freguesia da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre. Seu termo, que compreende as serras Martins e Serrinha, ao oeste confronta com a província de Ceará, e por as demais partes com os termos das freguesias de Porto Alegre e de Pau de Ferro.

Conceição do Estreito. Província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Estreito*.)

Conceição do Paquequera.⁴²⁷ Província do Rio de Janeiro. (V. *Sumidouro*.)

Conceição do Pará.⁴²⁸ Povoação da província de Minas Gerais, quatro léguas ao sudoeste da vila de Pitangui, sobre a margem esquerda do rio Pará. Esta povoação é atravessada pela estrada de Goiás que passa por Pitangui. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, é filial da freguesia da vila do Bonfim.

Conceição dos Prados.⁴²⁹ Antiga freguesia da província de Minas Gerais, anexa ao distrito da vila de São José. Fica esta freguesia a vinte léguas da cidade de Mariana, e seu termo contava em 1815 perto de cinco mil habitantes, lavradores e criadores de gado.

Conceição do Serro.⁴³⁰ Nova vila da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Foi uma freguesia há muito conhecida com o nome de Conceição de Mata Dentro, cuja igreja obteve esse título em 1750. Tem por filiais as

Conceição do Serro igrejas de Congonhas, Córregos, Guanhães, Paraúna, São Domingos e Tapera. No tempo da residência d'El-Rei D. João VI no estado do Brasil, estabeleceram-se oficinas necessárias para forjar ferro na povoação de Gaspar Soares, que então pertencia ao termo da freguesia da Conceição de Mata Dentro. Uma lei provincial de 23 de março de 1840 lhe concedeu o título de vila assinando-lhe por distrito municipal o termo de sua freguesia, e os do Morro de Gaspar Soares e de São Miguel das Almas. A instalação das autoridades da nova vila se fez em 11 de março do ano seguinte, no dia aniversário do nascimento da princesa Januária. Jaz a vila da Conceição a trinta e quatro léguas nor-nordeste da cidade de Ouro Preto, e doze léguas ao sudoeste da de Serro, outrora Vila do Príncipe. Duas ruas paralelas formam o seu comprimento, constam elas de obra de duzentas casas quase arruinadas, depois que a lavra das minas cessou de ser proveitosa aos habitantes. Seu

⁴²⁶ Atual cidade de Apodi/RN. (N/E)

⁴²⁷ Atual cidade do Sumidouro/RJ. (N/E)

⁴²⁸ Atual cidade de Conceição do Pará/MG. (N/E)

⁴²⁹ Atual cidade de Prados/MG. (N/E)

⁴³⁰ Atual cidade de Conceição do Mato Dentro/MG. (N/E)

Conceição do Turvo

distrito contém mais de oito mil habitantes que se ocupam ainda da extração do ouro em minas esgotadas. Nos terrenos áridos existem minas de ferro que estão por lavrar. É para se esperar que o título de vila concedido a esta freguesia servirá de estímulo a seus habitantes para se empregarem no cultivo das terras, e na extração do ferro.

Conceição do Turvo.⁴³¹ Pequena povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja de N. S. filial da igreja da freguesia de Turvo.

Concha. Angra da província da Bahia na comarca de Porto Seguro. As lanchas, sumacas, e brigues podem ali surgir e tomar carga; ao pé de terra acha-se de três para oito braças de fundo. Nesta angra desemboca o ribeiro Mugiquiçaba, que dá navegação a canoas por espaço de muitas léguas.

Conchas. Nome que se dá à boca mais ocidental do rio das Piranhas, na província do Rio

Grande do Norte. Tem cinco léguas de extensão, e as canoas e lanchas entram por ela e sobem até o rio, de que este braço se aparta pela margem esquerda.

Conde.⁴³² Antiga vila marítima da província e comarca da Bahia, na embocadura do rio Inhambupe. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. do Monte; tem uma escola de primeiras letras criada em virtude dum decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. As terras de seu distrito são excelentes para canas, tabaco e mandioca que são os únicos ramos de comércio de seus habitantes. Avaliam-se estes em dous mil.

Conde.⁴³³ Pequena vila da província de Paraíba. Está assentada numa chapada a quatro léguas do mar e cinco ao sul da cidade de Paraíba, entre os ribeiros Japoquinha e Japoca. Foi ao princípio uma povoação com o nome do ribeiro, que passou a ser vila no século XVIII. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da

Conceição, e o termo de sua freguesia que é o seu distrito encerra as povoações Aterro, Bucatuaçu, Sapé, Timbaúba, e outras de menor importância, e confina ao sul com o distrito de Alhandra, a oeste com o da vila do Pilar; a leste banha-o o Oceano, e ao norte separa-o do da cidade o profundo rio Gramame, no qual há uma ponte que dá serventia à estrada de Paraíba para o Recife, e que é consertada às expensas das municipalidades da cidade de Paraíba e da Vila de Conde. A população desta vila é mui pequena, pois não passa de oitocentos habitantes, a maior parte de raça indiana que cultivam os gêneros do país, e fazem diversas obras com a palha Peripiri. (V. esta palavra.)

Conde.⁴³⁴ Pequena vila da província do Pará, seis léguas ao sudoeste da cidade de Belém. Está situada na margem oriental do rio Tocantins, numa espécie de ilha formada por este rio e o Moju e por um canal chamado Iguapé-Mirim, que faz com que os dous rios se comuniquem. Sua igreja

⁴³¹ Atual cidade de Senador Firmino/MG. (N/E)

⁴³² Atual cidade de Conde/BA. (N/E)

⁴³³ Atual cidade de Conde/PB. (N/E)

⁴³⁴ Atual distrito de Murucupi, município de Barcarena/PA. (N/E)

tinha a invocação do arcanjo São Miguel, e gozava havia muito tempo das prerrogativas de freguesia, mas uma lei provincial de 30 de setembro de 1839 ordenou que fosse anexada à freguesia de Abaité, e que a parte de seu território, que divide o ribeiro Uraienga, ficaria pertencendo à freguesia de Barcarena. Os habitantes de Conde são pela maior parte Índios, e por conseguinte pouco industriais.

Condexa.⁴³⁵ Freguesia da província do Pará, na margem setentrional da ilha Marajó, e a oeste da vila de Chaves; é povoada de Índios.

Confusões.⁴³⁶ Freguesia da província de Piauí, na comarca de Oeiras, na parte superior do rio que dá nome à província. Os habitantes das cabeceiras de vários rios que vêm do sul desta província, não podendo cumprir com os deveres da religião em razão da distância em que se achavam das igrejas paroquiais, alcançaram que se lhes edificasse uma igreja que de-

dicaram a São Raimundo Nonato, a qual foi criada freguesia por decreto de 6 de julho de 1832. Este decreto desmembrou certas porções dos termos das freguesias de Jerumenha e de Jaicós para constituir o seu. A antiga igreja de São João, que se acha mais ao sul, e as de N. S. dos Humildes e de Santo Inácio, sobre o rio Canindé, vieram a ser suas filiais. Os habitantes desta freguesia não passam de mil e cultivam apenas os gêneros de que não mister.

Congonhas.⁴³⁷ Pequena povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Serro Frio, doze léguas a oeste da cidade de Serro. Consta tão somente de obra de sessenta casas. Sua igreja, da invocação de Santana, é filial da freguesia da vila da Conceição do Serro. A estrada real que vai de Sabará à província da Bahia passa por esta povoação. Acha-se ela em terras altas, onde as chuvas são frequentes, bem como as geadas nos meses de junho e julho, assim que nelas não prosperam as bananeiras.

Congonhas de Sabará

Congonhas. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que rega o termo da freguesia da Roça do Alferes, e vai se lançar no pequeno rio de Santana.

Congonhas. Vigésima oitava cachoeira que se encontra no rio Tietê quando por ele se desce. Acha-se oito léguas abaixo da do Sapesal, e se estende distância de uma légua, por onde podem as canoas subir e descer com facilidade, e nove léguas mais abaixo se encontra a cachoeira Vamicanga. É entre estas duas cachoeiras que o Tietê recebe pela margem direita o ribeiro Jacaré Pipira-Mirim, e duas léguas depois o rio Jacaré Pipira-Açu.

Congonhas de Sabará.⁴³⁸ Antiga freguesia da província de Minas Gerais, duas léguas forçadas ao sudoeste da vila de Sabará. Sua igreja, dedicada a N. S. do Pilar, gozou muito tempo do título de freguesia, porém como o número de seus habitantes, que em outro tempo chegavam a mil e quatrocentos, tivesse sensivel-

⁴³⁵ Atual distrito de Condeixa, município de Salvaterra/PA. (N/E)

⁴³⁶ Atual cidade de São Raimundo Nonato/PI. (N/E)

⁴³⁷ Atual cidade de Congonhas do Norte/MG. (N/E)

⁴³⁸ Atual cidade de Nova Lima/MG. (N/E)

Congonhas de Santana

mente diminuído, um decreto de 14 de julho de 1832 a anexou como filial à matriz da Raposa.

Congonhas de Santana.⁴³⁹ Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito da Vila Real de São João e a quatorze léguas dela, com uma igreja da invocação de Santana.

Congonhas do Campo.⁴⁴⁰ Antiga freguesia da província de Minas Gerais, quatro léguas a oeste da vila de Queluz. Está situada em vinte graus e trinta minutos de latitude, na margem dum ribeiro de seu nome, um dos primeiros tributários do rio Paraopeba. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, alcançou o título de freguesia por um alvará de 6 de novembro de 1746. Estabeleceu-se nesta freguesia um colégio que esteve em grande reputação, graças ao zelo de seu primeiro diretor. A maior parte das casas se acham dispostas em anfiteatro, na margem direita do ribeiro, e a igreja no topo duma praça

comprida. Avalia-se a povoação de seu termo em mais de três mil habitantes. Abundando os seus arredores em minas de ferro fez-se ali uma fundição, na qual cinco fornos podem estar em atividade.

Conquista.⁴⁴¹ Antiga povoação da província da Bahia. (V. *Vitória*, vila imperial.)

Conquistas.⁴⁴² Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja da invocação de N. S. da Boa Viagem, filial da matriz da povoação do Bonfim.

Constituição.⁴⁴³ Antiga povoação de Piracicaba e nova vila da província de São Paulo, trinta léguas ao noroeste da capital da mesma província. A igreja da povoação de Piracicaba, dedicada a N. S., foi elevada à categoria de freguesia do Brasil correndo o ano de 1810, e um decreto da assembleia geral conferiu a esta freguesia o título de vila com o nome de Constituição,

mas por força de costume tem prevalecido o antigo. Esta pequena vila está situada numa planície risonha, perto da margem direita do rio Piracicaba, e duma cachoeira que interrompe a sua navegação. A estrada que vai de Cuiabá a São Paulo, pela margem do rio de São Lourenço, passa por esta vila, a qual ao princípio pertenceu à quarta comarca da província, porém ao depois foi incorporada com a terceira. O distrito de Piracicaba ou Constituição encerra ótimos pastios onde se cria muito gado, e magníficas matas povoadas de árvores de extraordinária grandeza. Sua população é avaliada em duas mil e quinhentas almas.

Contagem.⁴⁴⁴ Povoação medíocre da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de São Gonçalo, filial da freguesia do Curral del Rei.

Contas. Rio da província da Bahia, originalmente *Jussiapé*. Nasce na serra da Tromba,

⁴³⁹ Atual povoado de Santana, município de Barra de Santana/PB. (N/E)

⁴⁴⁰ Atual cidade de Congonhas/MG. (N/E)

⁴⁴¹ Atual município de Vitória da Conquista/BA. (N/E)

⁴⁴² Atual cidade de Itaguara/MG. (N/E)

⁴⁴³ Atual cidade de Piracicaba/SP. (N/E)

⁴⁴⁴ Atual cidade de Contagem/MG. (N/E)

oito léguas ao noroeste da vila de Rio de Contas, e caminhando rumo de leste passa a cinco léguas ao sul desta vila, engrossa-se com as águas do Brumado ou Rio de Contas Pequeno pela margem direita, e meia légua depois desta junção faz uma linda cachoeira: seis léguas mais adiante o ribeiro Gavião e o Cincurá, quase na mesma distância, lhe vêm trazer o tributo de suas águas pela margem direita. Seguindo sempre o mesmo rumo, entrando na comarca dos Ilhéus, recebe este rio por sua margem esquerda os ribeiros Preto, das Pedras, Manageru, Areia, Pires, Água Branca e Orico Guaçu. Então corre rapidamente num leito de rochedos, e um pouco mais adiante encontra um menos pedregoso, e vai regar a pequena vila da Barra do Rio de Contas antes de lançar-se no Oceano, em quatorze graus e dezoito minutos de latitude, e quarenta e um graus e vinte minutos de longitude oeste. Suas margens foram primitivamente habitadas pelos Índios bravos apelidados Pataxós. As sumacas devem arredar-se do penhasco esbran-

quiçado que jaz na embocadura deste rio, por onde podem subir os barcos obra de quatro léguas até chegar à primeira cachoeira, onde se acha uma povoação considerável, com uma igreja que serve de freguesia.

Contendas.⁴⁴⁵ Freguesia num dos três morros do rio de São Francisco, ao norte da província de Minas Gerais, vulgarmente apelidados *Morrinhos*. Uma igreja elegante se acha no cume do que fica mais ao sul. Foi esta igreja edificada em 1756 e dedicada a N. S. da Conceição. O vigário de Morrinhos fez ali longo tempo a sua residência, por isso que os ares eram mais sadios, e talvez também porque a igreja nova era mais suntuosa que a antiga. Um decreto da assembleia geral, de 14 de julho de 1832, conferiu a esta igreja o título de freguesia, no cabo de oitenta anos de grandes discussões donde lhe veio o nome de Contendas. (V. *Morrinhos*.) A igreja de São José de Pedra dos Anjicos, e a de N. S. da Conceição de Boa Vista, apelidada antigamente Pedras do Padre, ou Pedras de Maria da

Cruz, são suas filiais em virtude do dito decreto.

Contins.⁴⁴⁶ Nome primitivo dado por Ponte de Leme, segundo explorador do rio Doce, a uma pequena povoação de Índios onde ele pôs um registo no sobredito rio. (V. *Linhares*, vila.)

Contrato. Arraial e passo mui frequentado do rio Caí, na província de São Pedro do Rio Grande, distrito da cidade de Porto Alegre.

Conventos. Dá-se este nome a um enorme rochedo cortado a prumo do lado do mar, ao sul do rio Araranguá, em vinte e oito graus e cinquenta e sete minutos de latitude. Sua crista larga e chata, as árvores aparadas que parecem estar detrás dum muro, e algumas fendas que dão visos de janelas fazem que de longe este rochedo se assemelha com um mosteiro, e daí lhe vem o nome de Conventos, que lhe hão posto.

Copacabana.⁴⁴⁷ Povoação da província do Rio de Janeiro, pertencente à freguesia de São João da Lagoa de Freitas. Sua

⁴⁴⁵ Atual cidade de Brasília de Minas/MG. (N/E)

⁴⁴⁶ Atual cidade de Linhares/ES. (N/E)

⁴⁴⁷ Atual bairro de Copacabana, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Copeja

igreja se acha edificada em cima duns medões de areia que formam uma ilha, quando as marés são grandes, e é da invocação de N. Senhora. Era esta praia apelidada pelos Índios *Sacopenopan*. Uma fortaleza edificada perto deste lugar defende a entrada duma azinhaga ou desfiladeiro das montanhas que jazem entre o mar e a baía de Botafogo, mas em 1842 achava-se de todo em todo arruinada.

Copeja. Um dos oito braços do rio Hiapura que se lança no Amazonas.

Coqueiros. Ilha da baía de Niterói, três léguas ao norte da cidade do Rio de Janeiro. É pertencente à freguesia da ilha do Governador.

Coqueiros.⁴⁴⁸ Povoação da província de Sergipe, onde se estabeleceu provisoriamente a alfândega da capital da província entretanto que se edificavam os edifícios necessários. Está ao pé do mar na embocadura do Irapirang ou Vaza Barris.

Coração de Jesus.⁴⁴⁹ Freguesia da província de Minas

Gerais na serra de Itucambira, treze léguas ao noroeste da vila da Formiga. Está assentada numa chapada, e consta de quarenta casas térreas que formam uma rua larga, com uma igreja da invocação do Coração de Jesus numa de suas extremidades. Era esta igreja dependente da da freguesia de Barra do Rio das Velhas, porém um decreto de 14 de julho de 1832 a elevou à categoria de paróquia. Uma lei provincial de 15 de março de 1840 desanexou esta freguesia do distrito da vila de São Romão, e a fez passar para o da vila da Formiga de Montes Claros. Seus habitantes vivem na miséria, à exceção dos que se ocupam da criação de gado.

Coragiás. Tribo de Índios que vivem em seis aldeias entre o rio Araguaia e o Tocantins. Estão ainda por se civilizar, mas são dum gênio brando. Acham-se a setenta léguas pouco mais ou menos da nova vila Pacífica.

Coral. Pequena ilha de rocha, perto da costa da província de São Paulo, ao norte dos

penedos Itacolumis, e ao sueste da baía de Paranaguá, em vinte e cinco graus, quarenta e cinco minutos e quarenta e nove segundos de latitude e cinquenta graus, cinquenta minutos e vinte segundos de longitude oeste. A duas milhas desta ilha acham-se doze braças de fundo.

Corcovado. Serra a duas léguas da cidade do Rio de Janeiro, ramo da cordilheira dos Órgãos que fenece perto do mar. Na raiz desta serra se acham represadas as águas do Tejuco, as quais encanadas no aqueduto por espaço de légua e meia vão alimentar a fonte da Carioca, e mais algumas da capital.

Corda. Ribeirão da província do Maranhão, e um dos afluentes do rio Mearim, onde entra pela margem esquerda. Em 1840 estabeleceu-se em seu confluente uma missão para a civilização dos Índios. (*V. Missão da Corda.*)

Cordeiras. Serra que faz parte da cordilheira dos Aimorés, na província do Rio de Janeiro, e pertence ao distrito da vila de Maricá.

⁴⁴⁸ Atual cidade de Barra dos Coqueiros/SE. (N/E)

⁴⁴⁹ Atual cidade de Coração de Jesus/MG. (N/E)

Corimatã. Forte posição onde os rebeldes do Maranhão se conservaram muito tempo, e donde foram expulsos em maio de 1841.

Coró. Povoação da província do Ceará. (V. *Curu*.)

Coroados. Nação indiana numerosa que dominava antigamente nas nascentes do rio Embotetiú, e a quem os Guaicurus faziam contínua guerra, considerando-a como uma tribo nômade tão daninha, como cobarde. Andavam nus estes Índios homens e mulheres, e viviam em cavernas. Os primeiros que começaram a civilizar-se faziam cabanas de cinco pés de alto, cobertas com folhas de palmeiras. Ainda hoje se encontram alguns Coroados em diversos sítios do Brasil donde são enxotados pelos demais Índios.

Coroa Grande. Bancos de areia por extremo perigosos, ao norte da ilha de Maranhão, e a leste do monte Itacolumi. Os navios que vão fundear no porto da cidade de São Luiz, devem governar-se ao norte destes escolhos, distância de

duas milhas, e outro tanto da parte do oeste para poderem entrar na baía de São Marcos, e acharão sempre de sete até vinte e duas braças de fundo. A extremidade norte destes bancos de areia se acha em dous graus, dez minutos e cinquenta segundos de latitude, e em quarenta e seis graus, dezessete minutos e cinquenta e seis segundos de longitude oeste.

Coroa Grande. Arraial da província do Maranhão, na comarca de Itapicuru, perto do lugar, onde o rio Grajeú se ajunta com o Mirim. Tem uma capela da invocação de São Benedito.

Coroás. Nação indiana da província de Goiás. Discorrem por toda a parte do norte desta província atravessando ou seguindo a direção dos rios. Dão-se à pesca, são inclinados ao roubo, porém não são ferozes.

Coroatá.⁴⁵⁰ Aldeia da província do Maranhão, nos campos dos Castanhedos, entre o rio Itapicuru e o Mearim.

Coroa Vermelha. Pequena povoação da província da

Córrego

Bahia, na comarca de Porto Seguro, a qual está anexa à freguesia de Santa Cruz. Jaz à beira do mar e ao norte desta freguesia.

Coroció. Pequena povoação da província de Pernambuco, pertencente à freguesia de Itambé. Deve a sua origem a um engenho.

Coronel. Pequena povoação da província de Paraíba, no distrito da vila de Souza, e sobre o ribeiro apelidado *Riacho do Coronel*.

Córrego ou Corvo Seco. Pequena povoação da província do Rio de Janeiro, na cordilheira dos Órgãos, na extremidade superior da bela estrada calçada perto do porto da Estrela na freguesia de Inhomirim.

Córrego.⁴⁵¹ Povoação da província de Minas Gerais, oito léguas ao sudoeste da cidade do Serro. Está assentada sobre o ribeiro que passa por ser o nascente do rio Santo Antônio, afluente do Doce. Sua igreja, da invocação de N. S. Aparecida, depende da freguesia da vila da Conceição do Serro.

⁴⁵⁰ Atual cidade de Coroatá/MA. (N/E)

⁴⁵¹ Atual distrito de Córregos, município de Conceição do Mato Dentro/MG. (N/E)

Córrego Rico

Córrego Rico. Ribeirão da província de Minas Gerais, e um dos afluentes do rio Paracatu. Deve o seu nome à abundância de ouro que se encontrava em minas que hoje estão esgotadas. As canoas vogam por este ribeiro entre o porto da Bezerra e a vila de Paracatu, o que pode dar alguma importância ao território vizinho.

Correntes.⁴⁵² Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca do Serro, sobre o rio Correntes, afluente do Doce, vinte léguas pouco mais ou menos ao sueste da cidade do Serro, outrora Vila do Príncipe. Sua igreja, dedicada a São Miguel, foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filial a igreja da povoação de Porto de Guanhões. A indústria dos habitantes desta freguesia consiste na criação de gado vacum e de porcos.

Correntes.⁴⁵³ Povoação da província de Minas Gerais, comarca do Serro, no distrito da cidade deste nome. Sua igreja, da invocação de

São Sebastião, foi criada paróquia por lei da assembleia provincial de 3 de abril de 1840, que desmembrou o termo da freguesia do Serro para formar o seu.

Correntes. Dá-se também este nome a duas povoações de pouca importância da província de Minas Gerais, na comarca de Jequitinhonha, e a dez léguas uma da outra. Uma sobre um ribeiro que se lança no rio Curumataí pela margem direita, e outra nas montanhas que jazem na margem esquerda do Jequitaiá.

Correntes. Rio que serve de limite entre o Estado independente do Paraguai, e o império do Brasil, na extrema da província de Mato Grosso. Os Espanhóis chamam-lhe rio *Branco*. Seu nascente não é bem averiguado. Suas margens são despovoadas, e em 1797 eram um lugar de degredo, bem como as margens do Madeira no norte da mesma província. O rio Correntes serve também de limite às províncias de São Pedro do Rio Grande e de São Paulo, e rega a aldeia Pequiri perto

dum destacamento da alfândega por onde se fez passar a nova estrada, que vai de São Paulo a Cuiabá, feita em 1838. Seria urgente fazer-se uma ponte nesta estrada no lugar onde o rio tem vinte braças de largo. Vai o rio Correntes ajuntar-se com o Paraguai pela margem esquerda em vinte e três graus de latitude, quatorze léguas abaixo do lugar chamado *Fecho dos Morros*.

Correntes. Rio da província da Bahia. Sai da lagoa chamada Formosa, cujo nome teve ao princípio; dirige-se num leito semeado de rochedos do norte para o sul coisa de quarenta léguas; recebe os rios das Éguas, Guará e Arrojado, e vem afinal lançar-se no de São Francisco, trinta léguas abaixo do confluente do rio Carinhonha, e quarenta acima do do rio Grande. Passada a estação das chuvas, leva este rio mui pouca água, e seca-se inteiramente quando elas de todo faltam.

Correntes. Rio da província de Minas Gerais, na comarca do Serro. Em nascendo corre de noroeste pa-

⁴⁵² Atual cidade de Guanhões/MG. (N/E)

⁴⁵³ Atual cidade de Sabinópolis/MG. (N/E)

Corumbabo

ra sueste paralelamente com o rio de Santo Antônio e o Saçuí Pequeno e entre eles, e vai lançar-se no rio Doce pela margem esquerda, um pouco acima da cachoeira Bagaúri.

Correntes. Ribeiro cristalino da província de Goiás. Nasce na serra de São Domingos, dirige-se para oeste, e desaparece numa montanha, donde torna a sair tendo perdido a limpidez de suas águas, e vai lançar-se no Paranaíba e aumentar-lhe o cabedal que nesse ponto não é grande.

Correntes. Ribeirão que separa a província de Santa Catarina da de São Paulo, e vai lançar-se no Uruguai pela margem esquerda dele.

Correntes. Dous ribeiros da província de São Pedro do Rio Grande tem este nome. Um do norte desta província se lança no rio Pelotas, e outro no centro dela se junta com a lagoa dos Patos.

Correntino. Rio da Guiana brasileira; nasce na serra Aracaí ou Carai, e suas cabeceiras

fazem parte do império do Brasil em virtude dos tratados de 1752 e 1777, porém os Ingleses, havendo expulsado os Holandeses da Guiana e achando-se senhores da parte inferior do rio, subiram até os nascentes dele no ano de 1840, e em plena paz ali puseram os seus padrões, apoderando-se sem o menor direito duma grande extensão de terras pertencentes ao império do Brasil.

Corumbá.⁴⁵⁴ Povoação da província de Goiás, sobre o rio de seu nome, e três léguas ao sul da vila de Meia Ponte. Sua igreja, dedicada a N. S. da Rocha, foi durante muito tempo filial da freguesia desta vila; porém uma lei provincial de 5 de dezembro de 1841 lhe conferiu o título de paróquia, assinando-lhe por território o termo de sua justiça de paz. Consta esta povoação de lavradores que fornecem às vilas da província toucinho, tabaco e panos de algodão. Em 1836 descobriram-se no território desta freguesia quatro olhos d'águas termais, que produziram ótimos resultados em algumas doenças cutâneas.

Corumbá. Rio da província de Goiás. Nasce na serra Cocal, descreve um grande círculo dirigindo-se para o oriente, e recebendo o tributo do São Bartolomeu e do Capivari, e tornando à longitude de seu nascimento, caminha para o sul, recebe o rio do Peixe, e vai muito mais abaixo juntar-se com o Paranaíba pela margem esquerda acima do confluente do rio das Velhas. Divide este rio o termo da freguesia de Meia Ponte do da de Bonfim quando entre eles passa. Fazem-no perder o nome de Corumbá nesta junção, posto que continue em direitura a correr para o sul, e leve mais água que o Paranaíba, o qual dobrando para a esquerda segue o rumo do primeiro. “É por costume, diz o douto general Cunha Mata⁴⁵⁵, derivado da antiguidade de seu descobrimento, que se conserva ao rio Paranaíba a prerrogativa do nome que tem.”

Corumbabo. Arraial de obra de vinte casas, e ponta de terra da província da Bahia, oito léguas ao sul da vila de Porto Seguro, a oeste do banco Itacolumi. (V. *Juasema*.)

⁴⁵⁴ Atual cidade de Corumbá de Goiás/GO. (N/E)

⁴⁵⁵ O autor refere-se ao general Raimundo José da Cunha Matos, autor da *Corografia histórica da província de Goiás*, publicada em 1836. (N/E)

Corumbiara

Corumbiara. Pequeno rio da província de Mato Grosso. Corre na serra Guajuru, rega a povoação de Viseu, e lança-se no Guaporé, em treze graus e quatorze minutos de latitude.

Cosme e Damião.⁴⁵⁶ Povoação da província do Ceará, no distrito de Icó, e na estrada que vai desta vila para a de Porto Alegre, na província do Rio Grande do Norte. Uma igreja dedicada a São Cosme e São Damião situada na serra deu o seu nome a esta povoação. É esta igreja filial da da vila de Icó. Os habitantes colhem grande quantidade de algodão e de milho.

Cotaché. Rio da província da Bahia, afluente sobre a margem esquerda do de São Mateus; suas margens acham-se povoadas de Índios bravos, e vai se perder ao pé do vertente oriental da cordilheira dos Aimorés.

Cotegipe.⁴⁵⁷ Pequena povoação da província e do distrito da Bahia, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, e uma

igreja da invocação de São Miguel que foi elevada a categoria de freguesia por lei provincial; estava esta igreja em tão mau estado que a mesma assembleia em 4 de abril de 1840 concedeu uma lotaria para que se pudesse consertar.

Cotias. Ilha da baía de Angra dos Reis, no distrito da vila de Parati, província do Rio de Janeiro.

Cotijuba. Ilha da província do Pará, perto da cidade de Belém.

Cotindiba ou Cotinguiba. Rio da província de Sergipe. Nasce ao norte da serra Ita-baiana, corre de oeste para leste de rochedo em rochedo, fazendo mil voltas até descer às terras chãs, onde entra nele a maré obra de seis léguas. Seu leito é largo e as margens guarnecidas de coqueiros e povoadas de lavradores. Vários ribeiros de que o campo é retalhado lhe vêm trazer cada um o seu tributo, sendo o mais considerável deles o Poxim que vem de mui longe. Perto da embocadura do Cotindiba veem-se ainda as

ruínas da antiga cidade de São Cristóvão, destruída pelos Holandeses em 1637. Doze léguas ao nordeste do Rio Real se acha a ponta da Miséria, nome que lhe foi dado pela dificuldade que se experimenta para entrar no rio Cotindiba, sendo que sua barra não tem senão seis a oito pés d'água. Contudo as sumacas entram por ela e vão até a vila de Laranjeiras para tomarem carga, e descem com a maré.

Coting. Pequeno rio da província do Pará na Guiana brasileira, a leste do rio Maú. Ajunta-se com um dos últimos tributários do Orenoco perto do mar. Em 1840 uma expedição inglesa governada pelo engenheiro Schomburgh e um comissário de polícia por nome Demerari em plena paz tomaram posse deste rio, e puseram um padrão com as letras iniciais R.V.

Cotinga. Ilha da província de São Paulo, no interior da baía de Paranaguá, que pode ter duas léguas de leste a oeste, e menos de uma légua de largura. Sua extremidade

⁴⁵⁶ Atual cidade de Pereiro/CE. (N/E)

⁴⁵⁷ Atual cidade de Cotegipe/BA. (N/E)

ocidental fica defronte da vila de Paranaguá.

Cotinguiba. Rio da província de Sergipe. (V. *Cotindiba*.)

Couros. Povoação da província de Goiás, no distrito da vila de Santa Luzia, sessenta léguas pouco mais ou menos a leste da capital desta província. No meado do século passado algumas minas de ouro foram causa da vinda de muitos aventureiros que edificaram neste sítio uma capela a N. S. do Rosário: estabeleceu-se nesta povoação uma justiça presidial que foi suprimida em 1774 em razão da diminuição da população, uma parte da qual se empregou no cultivo das terras e na criação de gado; foi-se o número dela aumentando sobretudo depois do estabelecimento da constituição, e a igreja do Rosário foi criada freguesia no decurso do ano de 1836, e em 1843 a assembleia legislativa pediu à assembleia geral de desanexar esta freguesia do bispado de Pernambuco, a que tinha até então pertencido, e de a pôr debaixo da direção do bispado de Goiás, a que pertencia no que diz

respeito ao civil. A lagoa Feia acha-se no território desta freguesia.

Couros. Serra da província de Goiás, e ramo da cordilheira dos Perineus, a leste dos distritos de Santa Luzia e de São João de Palma. Dão-lhe também o nome de serra *do General*, depois que um militar deste grau se foi ali estabelecer para proceder miudamente na demarcação dos limites das províncias de Goiás, Bahia, Pernambuco e Piauí. Desta serra nasce o Paranã.

Couves. Nome de duas ilhas da província de São Paulo, três léguas pouco mais ou menos a leste da baía de Ubatuba. A maior tem água, matas, e uma enseada assaz cômoda da parte do continente, e jaz em vinte e três graus, e vinte e cinco minutos e cinquenta e quatro segundos de latitude, e em quarenta e sete graus, dezessete minutos e cinquenta e quatro segundos de longitude oeste.

Covanca.⁴⁵⁸ Lugarejo da freguesia de São João de Meriti, na província do Rio de Janeiro, com uma igreja fundada em 1728 por Manoel

Coxim

Soares, que a pôs debaixo da proteção de N. S. do Bom Sucesso.

Coxilha de Santana. Corda de montanhas da província de São Pedro do Rio Grande, célebres por haver nelas o Barão de Caxias dado caça aos rebeldes em 20 de março de 1843.

Coxim. Rio da província de Mato Grosso que serve de estrada entre esta província e a de São Paulo. Nasce este rio no distrito de Camapuã, perto do nascente do pequeno rio Sanguessuga, porém correndo no sentido contrário, isto é, do sueste para o noroeste, desce de montanha em montanha cousa de quinze léguas por entre matas frequentadas das tribos errantes dos Caiapós que vogam por ele em canoas, que transportam às costas nos passos difíceis, e tomando um curso menos turbulento engrossa-se com as águas do Camapuã, e entra afinal no Taquari pela margem esquerda, em dezoito graus, vinte e quatro minutos de latitude, sendo esta última parte de seu curso avaliada em trinta léguas. Contam os viajantes na descida deste rio vinte e dous

⁴⁵⁸ Atual bairro de Covanca, cidade de São João de Meriti/RJ. (N/E)

Cramimuã

escolhos na ordem seguinte: Mangabal, Pedra Branca, Pedra Alta, Varé, Culapada, Três Pedras, Quebra Proas, Furnas, Três Irmãos, Álvaro, Robalo, Anhumas, Bicudo, Vamicanga, Pedra Redonda, André Alves, Jauru, Avanhanda-Açu, Avanhanda-Mirim, Choradeira, Jequitaí e Ilha. (V. estes nomes.) Abaixo do confluente do Camapuã recebe sucessivamente o rio Coxim, sobre a direita os ribeiros Barreiro, Inferno, Selado e Jauru, e sobre a esquerda o Paredão, o Furado, o Orelha de Anta, o Bicudo e o Taquari-Mirim. Suas margens agrestes são povoadas de coqueiros bocaiudos e guacuris. As canoas levam sete dias e às vezes oito para descer por este rio desde o Camapuã até o Taquari, e vinte e cinco para subir a mesma distância.

Cramimuã. Rio de mui pouco cabedal da província da Bahia. Desce da cordilheira dos Aimorés, rega as sinuosidades das raízes do monte Pascoal, e vem lançar-se numa pequena angra, sete léguas ao sul da vila de Porto Seguro, em dezesseis graus e

cinquenta e um minutos de latitude. Somente canoas e embarcações de pouco porte podem entrar e subir por ele até as terras chãs. Rega também este rio o registo do Cunha, entre a província da Bahia e a de Minas Gerais.

Crangé. Tribo de Índios da numerosa nação dos Macamecrãs, que vive nas matas das províncias do Maranhão e de Goiás, perto do rio Tocantins.

Cratiús. Serra nos limites das províncias de Ceará e de Piauí, da vasta corda dos Cairiris.

Crato. Comarca da província do Ceará, criada por alvará de 27 de junho de 1817. Fica ao sul da província e consta dos distritos das vilas de Icó, Quixeramobim, Bom Jardim, São João do Príncipe e São Vicente das Lavras, e teve por cabeça a vila do Crato, porém a assembleia provincial criada em virtude da lei das reformas da constituição de 9 de agosto de 1834, havendo dividido a província em oito comarcas, a de Crato se acha reduzida a seu distrito, e ao de Bom Jardim.

Crato.⁴⁵⁹ Vila agradável da província do Ceará, cabeça da comarca de seu nome. Está situada em sete graus e vinte minutos de latitude, e em quarenta e dous graus e dez minutos de longitude oeste, cem léguas ao su-sudoeste da cidade de Fortaleza. Quando as comunicações por terra entre a vila de Aracati e a província de Pernambuco se tornaram mais frequentes, agregaram-se alguns portugueses aos Índios Cairiris estabelecidos nos nascentes dos rios Salgado e Jaguaribe, entregaram-se ao cultivo das terras, e edificaram uma capela a N. S. da Rocha que ficou muito tempo dependente da freguesia de Icó, e foi ao depois erigida em freguesia. No princípio do século que corre o termo desta freguesia se estendia de norte a sul por espaço de vinte léguas, e encerrava mais de três mil habitantes. Como este número se aumentasse rapidamente, El-Rei D. João VI dividiu a província em duas comarcas, e conferiu à freguesia do Crato o título de vila por alvará de 27 de junho de 1817, que a designou por cabeça da nova comarca e por residência

⁴⁵⁹ Atual cidade de Crato/CE. (N/E)

dum ouvidor cuja jurisdição se estendia sobre as vilas de Bom Jardim, Campo Maior, Quixeramobim, Icó, São João do Príncipe e São Vicente das Lavras. Teve bem depressa a nova vila uma casa municipal com sua cadeia, e uma bela igreja, e afinal duas escolas de primeiras letras para meninos e meninas, e uma cadeira de latim criada por decreto da assembleia geral de 25 de junho de 1831. Uma lei provincial de 29 de agosto de 1838 separou o termo da freguesia do Crato do de São Mateus dando-lhes por limites o ribeiro Quixara, a fazenda do Pilar, e dali em linha reta à Serra Nova. Do alto desta vila se descobre um painel não menos variado que majestoso; ribeiros que se precipitam de todas as partes, e vão de montanha em montanha misturar suas águas com as dos rios Salgado e Jaguaribe, os quais se engrossam com elas, e depois de perderem uma parte nas terras arenosas por onde correm as levam ao Oceano. Industriosos agricultores fazem mil sarjetas nestes ribeiros para fertilizarem seus prédios semeados de milho e plantados de mandioca e de

outros vegetais que servem ao consumo das partes da província que sofrem da falta de chuvas. As margens do ribeiro Batateira são cobertas de canaviais e de engenhos. O distrito do Crato é limitado, ao norte, pelo de São João do Príncipe; a leste, pelo de Icó, e confronta ao sul com o de Bom Jardim, e a oeste com as províncias de Pernambuco e de Piauí, e é cortado de duas estradas que vão ao rio de São Francisco e de lá à cidade do Recife, uma que vem de Aracati e da cidade Fortaleza e outra da de Oeiras ao oeste. Sua povoação em 1821 era de seis mil novecentas e setenta e cinco almas, hoje contam-se perto de dez mil.

Crato.⁴⁶⁰ Pequena vila da província do Pará, sobre o rio Madeira, pouco mais ou menos cinquenta e cinco léguas acima da vila de Borba. Serve de escala às embarcações que vão a Mato Grosso. Sua igreja paroquial é dedicada a São João Batista. Seu terreno é fértil, os cacauzeiros, a salsaparrilha, e o cravo dão-se ali mui bem, e servem de estímulo à indústria de seus habitantes.

Cricaré

Crato. Ribeiro da província do Ceará; atravessa a vila de seu nome, e vai desaguar no rio Salgado.

Cricaré.⁴⁶¹ Antiga aldeia da província do Espírito Santo, nas margens do rio do mesmo nome. (V. *São Mateus*, vila.) Esta aldeia e rio eram apelidados pelos Índios *Quiricaré*.

Cricaré. Rio ao sul da província da Bahia, que nasce ao sudoeste da serra das Esmeraldas na província das Minas Gerais, onde se engrossa com vários ribeiros que partem de vertente meridional desta serra; corre para o Oriente de cachoeiras em cachoeiras em países habitados por Índios bravos e por feras. O leito do rio Cricaré ou de São Mateus nas terras chãs é largo, ele faz nelas mil voltas por espaço de dez léguas e vai se lançar no Oceano em dezoito graus e trinta e sete minutos de latitude e quarenta graus e cinco minutos de longitude oeste. Dá-se também muitas vezes a este rio o nome da vila por onde passa, cinco léguas acima de sua embocadura.

⁴⁶⁰ Atual cidade de Manicoré/AM. (N/E)

⁴⁶¹ Atual cidade de São Mateus/ES. (N/E)

Cristais

Cristais.⁴⁶² Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Tamanduá, na margem esquerda do rio de São Francisco à direita do ribeiro Ajuda, que neste lugar deságua, com uma igreja dedicada a N. S. de Ajuda, filial da freguesia de Campo Belo.

Cristais. Arraial da província do Maranhão, que não tem outra importância senão a de haver sido longo tempo ocupado pelos rebeldes, que foram desalojados em maio de 1841.

Cristais. Serra considerável a oeste da vila de Paracatu. Deve este nome às diferentes cristalizações e pedras que foram achadas pelos primeiros exploradores no século XVIII. É um ramo da serra que serve de limite às províncias de Minas Gerais e de Goiás.

Crixá.⁴⁶³ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, situada em quatorze graus e cinquenta e dois minutos de latitude, vinte e oito léguas ao norte da capital desta província, e a três da

margem ocidental do rio, que, assim como a nova vila, tira o nome duma nação de Índios que assim se apelidavam. O Paulista Domingos Rodrigues do Prado, tendo-se retirado, por causa de suas rebeliões e crueldades, da vila de Pitangui, se ajuntou, em 1726, com alguns aventureiros, entrou-se nos sertões de Goiás que se acabavam de anexar à província de São Paulo, e descobriu um rio aurífero, em cujas margens viviam os Índios Crixás: apoderou-se ele e os seus das minas, e lavrou-as ilicitamente sem pagar o quinto, exercendo novas crueldades nos Índios, e em quantos lhe eram subordinados, pelo mesmo teor que havia feito em Pitangui, e seus arredores. Gregório Dias de Silva, superintendente das minas, foi a esta nova comarca para regularizar a arrecadação dos direitos régios, escoltado dalguns soldados, e dum grande número de indivíduos que solicitavam uma porção das terras auríferas; chegou o superintendente a Crixá, mas sabendo Prado que ele vinha, receoso dos crimes que havia cometido, desamparou os companheiros, e desapareceu.

Aqueles a quem foram concedidas terras, juntos com os antigos exploradores, edificaram uma igreja a N. S. da Conceição, e no mesmo tempo estabeleceu-se naquela pequena povoação uma justiça especial para a arrecadação do quinto, e para castigar os que cometessem novos crimes. Continuando as minas a serem rendosas, edificaram-se mais três igrejas, uma a N. S. do Rosário, outra a N. S. da Abadia e a terceira a Santa Efigênia. A de N. S. da Conceição foi criada paróquia por alvará de 10 de janeiro de 1755. Além da companhia de milicianos que ao princípio se havia ali formado, ajuntou o governador Luiz da Cunha Menezes em 1780 uma companhia de artilheiros pretos, e admitiu nas dos brancos os pardos, a fim de se achar com forças para resistir aos acometimentos dos selvagens. Atualmente estas minas são apenas lavradas, e todavia o ouro que elas encerram é de mui subido quilate. A assembleia legislativa provincial de 1836 conferiu à freguesia de Crixá o título de vila, e assinalou-lhe por distrito seu próprio termo paroquial. Seus

⁴⁶² Atual cidade de Cristais/MG. (N/E)

⁴⁶³ Atual cidade de Crixás/GO. (N/E)

habitantes são cultivadores e criadores de gado, e alguns mineiros que persistem em lavrar minas já esgotadas.

Crixá. Rio navegável da província de Goiás. Nasce das serras que demoram ao norte da cidade de Goiás, encaminha-se para o noroeste, passa três léguas a leste da vila de seu nome, e vai ajuntar-se com o rio Araguaia pela margem direita, entre o confluente do Tesouras, e a ponta meridional da ilha Bannal. Seu curso total é de cinquenta léguas pouco mais ou menos. Perto do Araguaia se acham salinas naturais, de que se poderia tirar grande proveito.

Crixá. Ribeiro da província de Goiás, ao norte da comarca de Palma. Rega terras desconhecidas habitadas pelos Índios bravos duma das tribos de seu nome, e lança-se pela margem esquerda no Tocantins.

Croá. Nome de cinco ilhotas na embocadura do rio das Amazonas, e ao sudoeste da ilha Bailica ou da Penitência. São separadas umas das outras pelos braços do Amazonas e

estão despovoadas. Os habitantes de Vilanova vão várias vezes no ano fazer ali pescarias, e salgam os peixes para seu uso.

Croaiú. Rio da província de Ceará. (V. *Camucin*.)

Croatá. Aldeia da província do Maranhão, na margem esquerda do Itapicuru, cinco léguas pouco mais ou menos abaixo do confluente do rio Codó. É povoada de Índios civilizados das tribos Croatás, que deram o nome a dous riberios que se lançam no Itapicuru perto desta aldeia.

Cruará. Nome de dous arraiais da província de Rio de Janeiro, dependentes da freguesia de Pacobaíba; um com uma igreja da invocação de São Francisco, e outro numa praia arenosa chamada *Praia Grande de Cruará*, com uma igreja dedicada a São Lourenço.

Crubixá. Ribeiro da província do Espírito Santo. Desce da cordilheira dos Aimorés por entre rochedos, entre os quais se encontra certa espécie de coral de cor escura e frágil com que as mulheres dos

Botocudos costumam arrear as cabeças, pescoços, braços e pernas. Deságua este ribeiro na baía do Espírito Santo, em sua margem meridional.

Crubixais ou Curubixas. Ribeiro da província do Rio de Janeiro. É o primeiro afluente do rio de São João, no distrito de Cabo Frio. Suas águas começam a fazer navegável este rio para canoas.

Crumataú. Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor, e perto da província de Paraíba. Está esta povoação assentada nas margens do ribeiro de seu nome que se ajunta com o rio Cunhaú a poucas léguas do mar.

Crumataú. Ribeiro um pouco importante que nasce na província de Paraíba, passa à do Rio Grande do Norte, rega a povoação de seu nome, e no cabo dum curso de dez léguas se ajunta com o rio Cunhaú.

Cruz.⁴⁶⁴ Linda povoação da província do Ceará, no distrito da vila de São João do Príncipe e a dezenove léguas dela. A estrada que vai de

⁴⁶⁴ Atual cidade de Cruz/CE. (N/E)

Cruz

Piauí para a cidade do Recife pelas margens do rio de São Francisco passa por meio desta povoação. Sua igreja, da invocação da Santa Cruz, foi edificada perto da margem esquerda do rio Jaguaribe, no lugar onde, dirigindo-se do norte para o sul, faz este rio uma volta para leste. É filial da freguesia de Arneiros.

Cruz. Lagoa da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Francisco na terra firme. Tem duas léguas de comprimento paralelamente ao mar. Deram-lhe este nome porque o rio Itapicu lhe dá a forma duma cruz, atravessando-a pelo meio, antes de lançar-se no mar. É esta lagoa profunda, abundante em pescado, e nela vão desaguar os ribeiros Piranga, Upitanga, Itapicu-Mirim, Jaraçuá e Braço.

Cruz Alta.⁴⁶⁵ Povoação da província de São Paulo, na quinta comarca, chamada de Curitiba. Foi tomada no fim de 1839 pelos rebeldes, e retomada pelas tropas da legalidade, comandadas pelo

coronel Antônio de Melo e Albuquerque, em 1840.

Cruz Alta.⁴⁶⁶ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Espírito Santo da Cruz Alta*, vila.)

Cruz das Almas.⁴⁶⁷ Freguesia da província da Bahia, no distrito da Cachoeira, com uma escola de primeiras letras, criada em virtude dum decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832, e uma igreja dedicada a Santa Cruz, que teve o título de paróquia por lei da assembleia legislativa da província. Seu termo é separado do do Outeiro pelos nascentes do ribeiro da Areia ou Má Vida, e pelas demais partes se acha rodeado do termo das freguesias de São Filipe, e de Maragogipe.

Cruz do Espírito Santo.⁴⁶⁸ Povoação da província de Paraíba, com uma igreja da invocação do Espírito Santo, e uma escola de ensino mútuo, criada por decreto de 13 de outubro de 1831.

Cuari. Rio da província do Pará. Corre do sul ao norte por terras desconhecidas, e vem lançar-se no Amazonas, onde forma na margem esquerda dele uma angra de duas léguas de largo entre os confluentes dos rios Tefé e Purus.

Cubatão. Freguesia da província de Mato Grosso em meio caminho da cidade de Cuiabá à de Mato Grosso. Sua igreja dependeu largo tempo da matriz da freguesia da vila, criada com o nome de Vila Bela, hoje cidade de Mato Grosso.

Cubatão. Colônia deste nome que D. Pedro I mandou assentar nas montanhas da província de Santa Catarina.

Cubatão.⁴⁶⁹ Povoação da província de São Paulo (V. *Santa Cruz*) anexada à cidade de Santos por lei provincial do 1º de março de 1841.

Cubatão. Dão este nome os naturais de São Paulo à parte da cordilheira dos Órgãos que se estende ao longo do

⁴⁶⁵ Atual cidade de Cruzália/SP. (N/E)

⁴⁶⁶ Atual cidade de Cruz Alta/RS. (N/E)

⁴⁶⁷ Atual cidade de Cruz das Almas/BA. (N/E)

⁴⁶⁸ Atual cidade de Cruz do Espírito Santo/PB. (N/E)

⁴⁶⁹ Atual cidade de Cubatão/SP. (N/E)

mar, desde a vila de São Sebastião até o sul da província de Santa Catarina. Muitos ramos da mesma serra tomam, segundo os diferentes rumos que seguem, diferentes nomes. Abras feitas pelas torrentes servem de caminho para se passar duma província noutra. No decurso do século XVIII os jesuítas, com o pretexto de que eram sem cessar atacados pelos Índios e mestiços da vila de São Vicente, fizeram abrir uma estrada calçada nesta cordilheira quase direita, e com tão somente aquelas voltas que o declivo da montanha requeria. Mendo de Sá, então governador general do Brasil, ficou tão encantado de ver este trabalho executado com tanta perfeição, que ainda hoje dizem que se deixara subjugar pelos padres, a cujas instâncias conferiu a este estabelecimento o título de vila, com o nome de São Paulo de Piratininga, e suprimiu a vila de Santo André, fundada por João Ramalho. Dá-se frequentemente o nome de Cubatão não somente à serra onde esta estrada se acha praticada, mas também ao ribeiro que dela desce ao porto de Santa Cruz, donde se transportavam para a vila de Santos os gêneros e pro-

ductos do país com a enchente da maré. Atualmente vai-se da cidade de Santos à terra firme por uma estrada.

Cubatão. Serra da província de Goiás, que serve de limite ao distrito da cidade deste nome, e ao da vila de Jaraguá.

Cubatão. Rio da província de Santa Catarina, na comarca do sul. Nasce da grande corda de montanhas chamada Cubatão; corre para leste por espaço de dez léguas, antes de lançar-se na enseada de Brito. Perto de suas margens, e cinco léguas acima de sua embocadura existem algumas fontes d'águas termais, de distância em distância, e com diferentes graus de calor.

Cubatão. Pequeno rio da província de Santa Catarina, na comarca do Norte. Nasce também da cordilheira de seu nome, a oeste do monte da Tromba. As canoas começam a navegar por este rio e seguem a leste da falda desta montanha todas as suas voltas, obra de oito ou dez léguas, até chegarem de frente da ilha de São Francisco. Em sua entrada no canal pode este rio ter

vinte braças de largura e três de fundo.

Cubatão. Pequeno rio da província de São Paulo, tributário da baía de Paranaguá, onde vem perder-se em sua extremidade ocidental. Desce da cordilheira, faz mil giros, e entrega a esta baía o tributo de suas águas, sem com elas haver regado uma só povoação, em seis léguas de curso navegável para grandes barcos.

Cuburi. Pequeno rio da província do Pará; vem de muito longe regar o território da freguesia do Carvoeiro, e se lança no rio Negro pela margem direita, quatro léguas acima desta povoação, com o nome de Cauauri que lhe dão alguns.

Cuchiuaras. Cabildas de Índios que vivem nas margens do rio do mesmo nome, e nas do Amazonas, abaixo do rio Negro. Os homens são grandes, andam nus, e trazem grandes folhetas de ouro no nariz e nas orelhas. Têm um gosto particular para a escultura em madeira, especialmente os das tribos Zurina e Capurina, cuja aldeia tem uma légua quadrada, e cada família vive em sua casa separadamente.

Cuiabá

Cuiabá.⁴⁷⁰ Cidade capital da província de Mato Grosso, situada a meia légua do rio do mesmo nome, em quinze graus e trinta e seis minutos de latitude, e trinta e dois graus pouco mais ou menos de longitude, num outeiro que desfeiam grandemente as cavas que nele por diversas vezes se fizeram. Já dissemos que Antônio Pires de Campos, andando em demanda da aldeia dos Coxipós, explorara em 1718 o Cuiabá e os rios que nele deságuam, e que matara ou levava cativos para a província de São Paulo quantos Índios pudera colher. Após ele Pascoal Moreira Cabral, natural de São Paulo, foi assentar vivenda nos mesmos sítios, com o intento de explorar as terras que tivessem ouro, e como se lhe agregassem infindos aventureiros nas vizinhanças da aldeia hoje freguesia de São Gonçalo, foi o dito Cabral nomeado, por aqueles, intendente das ditas minas, e cobrador do quinto enquanto o governador de São Paulo não tivesse nomeado alguém para aquele lugar. Por este ato emanado da vontade do povo em 8 de abril de 1719, o qual se obrigou a

obedecer ao superior de que havia feito escolha, foi a povoação estabelecer-se na Forquilha, cujas minas pareciam ser mais fructuosas. No entretanto dous Índios Carijós, que acompanhavam a Miguel Sutil, natural de Sorocaba, conduziram-no, em companhia dum Português chamado Francisco o Barbado por alcunha, no interior das matas, onde dizem que acharam grande quantidade de ouro à flor de terra, e que nenhum trabalho tiveram senão o de apanhá-lo às mãos cheias, assim que só Miguel Sutil trouxera dali dezesseis libras de ouro. Divulgando-se esta nova na povoação da Forquilha e na aldeia Coxipó, quantos numa e noutra residiam se foram ao lugar assinalado, e tiraram mais de quatrocentas arrobas de ouro. Em 1722, Jacinto Barbosa Lopes edificou naquele lugar uma igreja ao Bom Jesus, a qual desde então serviu de freguesia da nova povoação. Neste mesmo ano, Lourenço Lemos e João Lemos, seu irmão, chegaram a Cuiabá, para arrecadar os direitos reais, porém foram tantos os atos arbitrários que cometeram que incorreram no ódio de

todos. Quiseram expulsar das minas todos os que não eram Paulistas, deram um tiro no padre que clamava contra tão flagrante injustiça, e feriram um Português, estando ouvindo missa. Estes crimes fizeram descobrir outros de que se lhes fazia culpa, e o governador ordenou que fossem presos. Acolheram-se os delinquentes às matas, onde se fortificaram e defenderam por algum tempo, até que, vendo que se não podiam manter no entrincheiramento em que se achavam, puseram-se em fuga, na qual Lourenço de Lemos foi morto dum tiro, e seu irmão preso, e conduzido a bom recado à cidade de São Paulo, donde ao depois o transferiram para a Bahia, onde foi julgado pela relação, e executado em 1724. Havendo entrado em São Paulo uma tão grande quantidade de ouro, infindos indivíduos partiram para Cuiabá, dos quais parte pereceu no caminho de cansaço e de fome, e parte em consequência das acometidas contínuas dos Índios Guaicurus e Paiaaguás. O que não obstante, foram-se as minas progressivamente povoando até a chegada do

⁴⁷⁰ Atual cidade de Cuiabá/MT. (N/E)

governador de São Paulo Rodrigo César de Menezes, em 15 de novembro de 1726. Em virtude das ordens que tinha do soberano deu este governador à povoação e freguesia de Cuiabá o título de vila, com o nome de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Correndo porém o ano de 1734 houveram numerosas emigrações, e uma boa parte dos habitantes da nova vila se passou para as margens do rio Guaporé, onde os irmãos Barros haviam descoberto novas minas. A vila de Cuiabá, assentada justamente no lugar onde Miguel Sutil havia colhido aquela grande quantidade de ouro, fica trinta léguas a leste de Vila Maria, sobre o Paraguai, e cem léguas a és-sueste da cidade de Mato Grosso. Em 1817, debaixo dos auspícios do governador João Carlos Augusto Oeynhausén, estabeleceu-se em Cuiabá uma companhia de mineração, confirmada por D. João VI, que a autorizou a pôr no seu selo a seguinte divisa: *Fortuna duce, comite virtute*. Uma carta régia de 17 de setembro do ano seguinte concedeu a esta vila a honra e título de cidade, e em 1820 foi escolhida para ser a capital da província de preferência à cidade de Mato Grosso, que gozava daquela

prerrogativa havia muito tempo, mas onde reinavam endemicamente as sezões. Atualmente a cidade de Cuiabá é a mais populosa da província, e tem acima de três mil habitantes. As ruas são quase todas calçadas, mas não mui bem alinhadas. As casas são de ordinário térreas. Os edifícios mais notáveis são a igreja do Bom Jesus, criada paróquia em 1780, as do Senhor dos Passos e de N. S. do Rosário, além da de Santo Antônio, edificada no porto na margem do rio Cuiabá por Luiz de Albuquerque, ao pé da qual se acha um arsenal que foi mandado fazer por João de Albuquerque, seu irmão. Há além disto nesta cidade uma fundição de ouro, um hospital imperial, um lazareto, uma escola de primeiras letras para meninos, e outra para meninas, criada por decreto de 26 de agosto de 1833, uma cadeira de latim e uma de filosofia. É esta cidade a sede da assembleia provincial legislativa, da presidência do governo da província, do comandante das armas e do Bispo da diocese de Mato Grosso. Seu comércio consiste na troca dos instrumentos de ferro e vários produtos das fábricas da Europa por ouro. Além das duas estradas que da Bahia e do Rio

de Janeiro vão a Cuiabá, vai-se também pelo Guaporé, Madeira e Amazonas, bem como pelo Arinos e Tapajós, à cidade de Belém e a diversos outros lugares. Pessoas há que preferem navegar pelo Camapuã, como antigamente se fazia até São Paulo. Cuiabá é a cabeça da comarca de seu nome, que encerra as povoações de Boa Vista, Bom Jesus, Carmo, Coxipó, Forquilha, Lavrinha, Mãe dos Homens, Miranda, Nosso Senhor dos Passos, Nova Coimbra, Pouso Alegre, Prazeres, Rosário, Santana, Santa Bárbara, Santo Antônio, São Gonçalo e Termo de Cuiabá, as aldeias de Boa Vista, Coçais, Insua, São João, e as vilas de Albuquerque, Poconé e Vila Maria. Contam-se nesta comarca vinte e cinco mil habitantes cultivadores e mineiros, além dum grande número de Índios meio civilizados.

Cuiabá. Rio da província de Mato Grosso, descoberto em 1718 por Antônio Pires de Campos, que com seus companheiros se entranhou nas matas para se apoderar de alguns Índios e vendê-los na província de São Paulo. No ano seguinte Pascoal Moreira Cabral, tendo seguido o mesmo caminho, deparou com minas de ouro que fez lavrar

Cuiabá

pelos seus nas margens do ribeirão Coxipó; estes exploradores deram ao rio o nome de Cuiabá; por isso que em contram em suas margens certas árvores carregadas de cabaças, a que os Paulistas chamaram *cuias*. Nasce o Cuiabá no distrito Diamantino, ao oriente e na mesma latitude que o Paraguai. Depois de sair da cordilheira Parecis, recebe em si o Cuiabá-Mirim, o Casca e outros ribeiros que o tornam navegável com canoas, bem que seu curso seja embarçado com cachoeiras durante vinte léguas; antes de passar pelas abas da cidade de Cuiabá. Abaixo desta cidade seu curso é rápido durante quinze léguas em um leito de igual largura, sem cachoeiras, recebendo sucessivamente os ribeiros Tutés, Coxipó, Guaxu e Carandá; e vai se unir ao rio Porrudos ou São Lourenço; sobre a margem direita, em dezessete graus e vinte minutos de latitude e pouco mais ou menos em sessenta graus e meio de longitude oeste. No tempo em que leva muita água, e na estação das chuvas, as canoas fazem carreira pela planície, onde a corrente é

menos forte, e onde o arroz se dá, e prospera naturalmente muito melhor que o que se semeia. O Cuiabá é um dos rios que facilitam a comunicação entre a província de São Paulo e as cidades de Cuiabá e de Mato Grosso. ⁴⁷¹ Pequena povoação da província de Minas Gerais, nas margens do rio Sabará; pertencente ao distrito de Caeté. Fazem derivar o nome deste lugar de duas palavras indianas: *Cuna* e *Aba*, que quer dizer *mulher animosa*; nenhuma propriedade porém achamos em semelhante etimologia. ⁴⁷² Cuiabá-Mirim. Ribeirão da província de Mato Grosso, que se junta com o rio Cuiabá pela margem direita; perto da cordilheira Parecis. ⁴⁷³ Cuiaté. Freguesia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de seu nome, a cinco léguas de sua junção com o rio Doce. D. Rodrigo José de Menezes, visitado as matas de Arrepiado e de Cuiaté, encontrou nas desta última uma aldeia de Índios Puris, que viviam à sombra das tropas do presídio

vizinho do rio da Pomba. Este governador formou em 1782 uma colônia de vagabundos da província nas margens do rio Cuiaté, ministrando-lhes instrumentos, sementes e miteres para poderem esperar pela colheita do que houvessem de semear; instalou-se ao mesmo tempo nesta colônia uma justiça presidial para reprimir os delitos; e erigiu-se uma igreja a N. S. da Conceição, que foi criada paróquia correndo o ano de 1810. A freguesia de Cuiaté fica a quarenta e oito léguas da cidade de Ouro Preto, em vinte graus e oito minutos de latitude. Um enorme rochedo esconde esta povoação e a ampara da banda do sul, e pode em caso de necessidade defendê-la e servir de plataforma. O termo de sua freguesia, ao sul e a leste do rio Doce, se estende desde o conflúente do Piracicaba até o do Manhuaçu, e as matas onde ninguém se atreve a penetrar. Sua população é de dous mil habitantes.

Cuiaté. Pequeno rio da província de Minas Gerais. Rega os arraiais Pinguela e

⁴⁷¹ Atual distrito de Mestre Caetano, município de Sabará/MG. (N/E)

⁴⁷² Atual distrito de Cuieté Velho, município de Conselheiro Pena/MG. (N/E)

Pega Bem, e torna-se navegável perto da povoação do seu nome. Lança-se no rio Doce pela margem direita, entre as cachoeiras Cachoeirinha e Rebojo de João Pinto.

Guipiranga. Forte brasileiro, nas margens do Amazonas.

Culabandé.⁴⁷³ Arraial da freguesia de São Gonçalo, na província do Rio de Janeiro, com uma capela de Santana, e um soberbo engenho.

Culapada. Quinta cachoeira do rio Coxim, na província de Mato Grosso. Aliviam-se as canoas para se passar este escolho, o qual se acha duas léguas abaixo da cachoeira de Varé, e meia antes da das Três Pedras.

Cumá. Aldeia da província do Maranhão, assentada nas margens do ribeiro Piracunã, que se lança no fundo da baía de Cumá. A aldeia de Cumá era a mais considerável das onze que os Tapuias tinham na terra firme, quando se aliaram com os Franceses estabelecidos na ilha do Maranhão, no fim do século XVI.

Cumá. Baía da província do Maranhão, em cuja margem está assentada a vila de Guimarães. Nela deságua o rio Piracunã, e vários ribeiros de menos cabedal. Pode ter três léguas de fundo e uma pouco mais ou menos de largo; sua boca fica a leste. (V. *Ilha dos Ovos*.)

Cunha.⁴⁷⁴ Vila da província de São Paulo, na serra Falcão, pertencente à primeira comarca de que é cabeça a vila de Taubaté. Quando, em 1660, um bando de aventureiros se abriram caminho por entre espessas matas, e atravessaram as altas serras da cordilheira dos Órgãos, para irem da vila de Parati aos distritos de Minas Gerais novamente descobertos, alguns deles assentaram morada numa destas montanhas a que puseram nome Falcão, bem como à povoação que fizeram, onde os viajores costumam tomar alguma folga. Os víveres que vendiam aos passageiros por alto preço foram para eles uma fortuna mais sólida, que a que podiam esperar da lavra das minas. A povoação Falcão, opulenta no princípio, e logo

depois considerável, mereceu a atenção do governador da província Francisco da Cunha de Menezes, que lhe conferiu o título de vila em 1785. Desde esta época o nome de Falcão mudou-se no do governador que esta vila trouxe depois. Esta vila está situada em vinte e três graus e três minutos de latitude e quarenta e sete graus e vinte minutos pouco mais ou menos de longitude oeste, perto do ribeiro Jacuí, trinta e cinco léguas a ésnordeste da cidade de São Paulo, e em igual distância a oeste da do Rio de Janeiro. Como se acha numa montanha muito alta a dez léguas do mar, o clima é sadio, mas frio mais que em nenhuma outra parte debaixo dos trópicos no Brasil. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. da Conceição, e seu termo constitui o distrito da vila, cuja população é de três mil habitantes, quase todos cultivadores ou criadores de gado.

Cunha. Registo da província da Bahia, na margem do rio Cramimua. Foi instalado com o fim de reprimir o contra-

⁴⁷³ Atual bairro de Colubandê, cidade de São Gonçalo/RJ. (N/E)

⁴⁷⁴ Atual cidade de Cunha/SP. (N/E)

Cunhaú

bando dos diamantes e as agressões dos Botocudos.

Cunhaú. Ribeirão da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor. Rega a cabeça do distrito, e lança-se no mar, perto da baía Formosa, duas léguas ao sul da ponta da Pipa. Nele deságua o ribeiro Gramació, e não sofre navegar-se senão com canoas. Seu nome primitivo era *Guaramataí*.

Cunhaú. Povoação da província de Pernambuco, antes dos Holandeses ocuparem este país. Estava situada a dezoito léguas da cidade de Paraíba: nela se assinalou Henrique Dias por sua intrepidez em 7 de janeiro de 1646.

Cunhambeba. Ilha da província do Rio de Janeiro, de pouco mais ou menos mil toesas de comprimento e quinhentas de largura.

Cunquibus.⁴⁷⁵ Nova freguesia da província de Minas Gerais, no distrito de Bependi. Sua igreja, dedicada ao Espírito Santo, foi desanexada da freguesia do Carmo, por lei de 7 de abril de 1841,

que lhe conferiu o título de paróquia.

Cunuris ou **Ycamiabas.** Povo imberbe, como o são uma grande parte das nações indianas da América meridional. Orelana, lugar-tenente de Gonçalves Pizarro, descendo pelo rio das Amazonas, e encontrando tropas de Índios armados, assentou que tinha visto um povo de mulheres guerreiras, e sobre tão falsos alicerces ideou uma fábula digna da vivacidade de de sua imaginação. Os Cunuris dominam ainda nas montanhas da margem esquerda do Amazonas, entre os rios Cunuris, Oriximina e Ycamiaba.

Cunuris. Pequeno rio da província do Pará, um dos afluentes da margem esquerda do rio das Amazonas, onde se lança acima do confluente do rio Oriximina ou da Trombeta.

Cupiçura. Povoação da província de Paraíba, no distrito de Alhandra, pertencente à freguesia da Penha de França de Tocoará. Há neste sítio um excelenteengenho d'água.

Cupioba. Povoação da província da Bahia, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, filial da igreja paroquial da vila de Nazaré.

Cupuca. Lagoa da província do Pará, cujas águas transbordam no rio Hiuruá, depois duma cachoeira que intercepta a navegação deste rio.

Curaça. Ribeiro da província da Bahia. Separa o distrito do Joazeiro do de Pambu; não admite senão canoas, e lança-se na margem direita do rio de São Francisco.

Curão. Undécima cachoeira que se encontra no rio Pardo, na província de Mato Grosso. É a mais considerável deste rio, e acha-se três léguas abaixo da cachoeira Bangué: antes de chegar aos rochedos que a precedem, descarregam-se as canoas e transportam-se por terra as fazendas obra de meia légua: depois continua-se a ir por água até ao pé da queda perpendicular que pode ter seis braças de altura; então tiram-se d'água as canoas, e levam-se por terra distância de trinta braças até aos rochedos inferiores. Para subir ainda é

⁴⁷⁵ Atual cidade de Cristina/MG. (NIE)

maior a dificuldade. Três léguas mais abaixo encontra-se uma enfiada de cachoeiras que ocupam quase sete léguas.

Curitiba. Comarca da província de São Paulo. Confina com a província de Santa Catarina, e se compõe das vilas de Antonina, Castro, Curitiba, Guaratuba, Palmeiras, Paranaguá e Vila do Príncipe. Os habitantes desta comarca pediram em 1840 que se lhes concedesse de fazer uma província independente da de São Paulo. O ministro exigiu em 30 de setembro do mesmo ano os esclarecimentos estatísticos seguintes: 1º Se era certo que aquela separação era reclamada pela opinião geral dos habitantes da comarca. 2º O número dos habitantes, com a designação de suas profissões, e o sexo e casta de cada um deles. 3º Se as tribos índias eram fáceis de civilizar-se, o número delas, e os lugares em que residiam. 4º A quanto chegava na comarca o rendimento geral, e o da província. 5º Em que distância se achava a comarca da cidade de São Paulo, a dificuldade de comunicação e quais os seus portos de mar. 6º Quais

eram as relações da comarca, com quem, e onde tinham lugar. 7º Quais eram enfim os seus limites atuais, e quais podiam ser os da província se se criasse. Renovaram os mesmos habitantes o mesmo pedido à assembleia geral em janeiro de 1843, alegando que a comarca continha sessenta mil habitantes; que o país era fértil; que o movimento da indústria e do comércio havia aumentado extraordinariamente a exportação e importação por via do porto de Paranaguá; que era necessário além disto, em razão da proximidade em que se achavam dos rebeldes de São Pedro do Rio Grande, uma administração cuja ação fosse rápida e forte, o que se não podia esperar do governo remoto da cidade de São Paulo com a qual eram tão difíceis as comunicações.

Curitiba.⁴⁷⁶ Nova cidade e mui antiga vila da província de São Paulo, cabeça da quinta comarca. Está situada nas altas serras da cordilheira Cubatão, em vinte e cinco graus e quarenta e quatro minutos de latitude, e cinquenta e um graus e cinquen-

ta e sete minutos de longitude oeste. Foi esta vila fundada pelo capitão Teodoro Ebano Pereira em 1654. Um alvará de 13 de fevereiro de 1812 fez escolha dela, por ser mais sadia que a de Paranaguá, para residência do ouvidor da comarca, a qual tomou o nome de *Paranaguá e Curitiba*, e concedeu-se-lhe uma cadeira de latim por decreto da assembleia geral de 7 de junho de 1831. A assembleia legislativa provincial, em virtude da lei das reformas da constituição, em uma de suas sessões anuais conferiu afinal o título de cidade a esta antiga vila. Fica a cidade de Curitiba noventa léguas ao su-sudoeste da de São Paulo. Suas ruas são calçadas, as casas de ordinário de tijolo, e algumas de pedra. Tem uma ponte sobre o rio, uma bela igreja paroquial, dedicada a N. S. da Luz, e duas outras das invocações de N. S. do Rosário e de São Francisco de Paula. Há nesta cidade fábricas de cobertores e doutras fazendas de lã que tem grande extração em toda a província e nas vizinhas. Seu distrito é grande, e a temperatura diversa segundo o lugar. Assim prosperam nele as árvores

⁴⁷⁶ Atual cidade de Curitiba/PR. (N/E)

Curitiba

frutíferas dos climas temperados. Avalia-se o número de seus habitantes em doze mil, cuja indústria consiste na agricultura das terras e na criação de gado vacum e cavalos e duma grande quantidade de porcos.

Curitiba. Rio da província de São Paulo que tem o nascente nas altas montanhas que demoram a oeste na mesma latitude que a vila de Paranaguá. Dirige-se em seu curso tortuoso quase para o sul, passa perto da cidade de Curitiba e recebe o ribeiro de São José, porém declinando para oeste, corre obra de doze léguas mais; antes de atravessar a estrada que vai da província de Santa Catarina para a vila de Sorocaba. Caminha então cinco léguas mais para oeste, e vai se precipitar nos rochedos da cachoeira Caiacanga (V. esta palavra), donde se não sabe ao certo o rumo que segue atravessando as vastas planícies de Guarapuaba. Um viajante se embarcou, passado o salto de Caiacanga, para ir explorar este rio, porém infelizmente o seu itinerário nos não deixa senão incertezas. Refere ele que fora sem

dificuldades até o salto da Vitória, onde encontrara cinco cachoeiras que as canoas vintgam com facilidade; mas não determina a distância que havia entre elas; afirma unicamente que navegara cento e vinte léguas por terras habitadas pelos Índios Guaianás e Puris, separados uns dos outros; que vira homens espadaúdos e grandes; que grande parte duma e doutra margem estava guarnecida de árvores muito grossas; e que enfim reconheceu que se achava no Iguaçu, pelo qual viera até o Paraná. O confluente do rio Iguaçu está em vinte e cinco graus e meio de latitude, obra de trinta léguas acima da famosa cachoeira do rio Paraná chamada Sete Quedas. É nas margens do Iguaçu, continuação do Curitiba, que existiu a aldeia de Santa Maria.

Curitiba. Registo da província de São Paulo onde se arrecadam os direitos sobre os bois, cavalos, e bestas muars que vêm das províncias de São Pedro do Rio Grande e de Santa Catarina. Está situado sobre o rio de seu nome, onze léguas a oeste da cidade de Curitiba e no distrito de Vila-

nova do Príncipe. Avalia-se em sessenta mil cabeças o número de cavalos, bois e bestas muars que passam anualmente por este registo, destinados para os mercados de Sorocaba, donde estes animais são conduzidos especialmente para as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Curitibanos. Dá-se o nome de *Campos Curitibanos* à vasta extensão de país que jaz a oeste da cordilheira de Cubatão, onde se acha a cidade de Curitiba no sul da província de São Paulo. Este país, bem que montanhoso, é ora privado de árvores, ora delas coberto; chamam-no todavia Campos, por isso que nele se criam uma infinidade de cabeças de gado. Regam-no os rios Negro, e Iguaçu ou Curitiba, e nos quais deságuam vários ribeiros.

Curmataí.⁴⁷⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, no sertão de comarca de Jequitinhonha, trinta léguas a oés sudoeste da cidade de Minas Novas, e vinte e duas léguas ao norte da do Serrô. Obra de quarenta fogos

⁴⁷⁷ Atual distrito de Curimataí, município de Buenópolis/MG. (N/E)

reunidos em um plano inclinado é o em que consiste a povoação ou freguesia de Curmatá. Sua situação no meio da verdura e à margem dum ribeiro oferece uma vista agradável. Solicitaram longo tempo os seus habitantes o título de matriz para a igreja dedicada a N. S. da Conceição, mas não puderam alcançar do governo real senão o de filial.

Foi em 1832 que um decreto de 14 de julho elevou esta igreja à categoria de paróquia, e lhe destinou por filiais as das povoações de Catônio, Rabelo, Piçarras e Tabuão. Consta esta freguesia de dous mil habitantes, lavradores e criadores de gado.

Curmatá. Serra da província de Minas Geraes, perto da povoação do mesmo nome. Dela nascem vários ribeiros, que reunidos formam o rio Curmatá. É esta serra uma porção da de Itucambira.

Curmatá. Rio medíocre da província de Minas Geraes. Nasce na serra e perto da povoação de que tira o nome; corre tortuosamente por entre

montanhas rumo a oeste-noroeste, regando a povoação de Piedade do Bagre e a de Correntes, e vai perder-se no rio das Velhas ou Guaicuí pela margem direita, oito léguas ao sul da povoação da Barra das Velhas.

Currais Novos.⁴⁷⁸ Povoação da província do Rio Grande do Norte. Pertenceu primeiramente ao distrito de Villanova do Príncipe, mas tendo uma lei provincial criado a vila de Acari, a anexou a este novo distrito. Outra lei provincial de 14 de outubro de 1839 criou nesta povoação uma escola de primeiras letras. Sua igreja é da invocação de Santana, e seus habitantes cultivadores e criadores de gado.

Curral.⁴⁷⁹ Povoação da província de Minas Geraes, no distrito da vila de Barbacena, com uma igreja da invocação de N. S. do Rosário.

Curral del Rei.⁴⁸⁰ Freguesia da província de Minas Geraes, entre o rio das Velhas ou Guaicuí e o Paraopeba, três léguas a oeste da cidade de

Sabará, e dezoito ao noroeste da de Ouro Preto. Sua igreja, dedicada a N. S. da Boa Viagem, foi elevada à categoria de paróquia em 1750; e tem por filiais as igrejas de Betim, de Contagem, e de N. S. das Neves.

Currálinho.⁴⁸¹ Freguesia da província de Goiás, no distrito da capital, da qual jaz sete léguas a leste, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 20 de setembro de 1831. Sua igreja, dedicada a N. S. de Abadia, foi longo tempo filial da de Santana da cidade de Goiás, até que foi criada freguesia por lei provincial de 8 de dezembro de 1841, que lhe destinou por termo o que tinha sendo filial.

Currálinho.⁴⁸² Povoação da província da Bahia, no distrito de Maragogipe, com uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Currálinho.⁴⁸² Pequena povoação da província de Minas Geraes, no distrito da vila de São José, com uma igreja

⁴⁷⁸ Atual cidade de Currais Novos/RN. (N/E)
⁴⁷⁹ Atual cidade de Antônio Carlos/MG. (N/E)
⁴⁸⁰ Atual cidade de Belo Horizonte/MG. (N/E)
⁴⁸¹ Atual cidade de Itaberaí/GO. (N/E)
⁴⁸² Atual distrito de Currálinho, município de Lagoa Dourada/MG. (N/E)

Curralinho

filiar da freguesia de Alagoa Dourada.

Curralinho. Serra não muito alta da província de Sergipe, perto da margem esquerda do rio Cotindiba, a oeste da serra Jarapatuba.

Curralinho ou Curralinho Velho. Dá-se este nome a dous arraiais da província do Maranhão, que não tem outra celebridade, senão a de terem sido ocupados pelos rebeldes em 1840.

Curu ou Coró. Povoação da província do Ceará, no distrito da cidade de Fortaleza. Pertence ao termo da freguesia de Canindé.

Curuá. Rio da província do Pará. Vem de longe, segundo se diz, mas seu curso não é conhecido senão a começar duma lagoa do mesmo nome que o recebe, bem como outros ribeiros, da qual em saindo dirige-se para o norte e vai lançar-se no Amazonas, nove léguas abaixo do confluente do Tapajós. É navegável desde este rio até a lagoa de seu nome, e em ambos há mui pouco peixe, mas em

recompensa abundam as tartarugas.

Curuaiú.⁴⁸³ Povoação da província do Ceará, situada nos montes entre a vila de Granja e a de Viçosa.

Curuaru. Povoação da província de Pernambuco, na comarca de Rio Bonito.

Curuatinga. Povoação de Índios nas margens do rio Curuá, na província do Pará. Os rebeldes postos em fuga se retiraram para esta povoação e foram causa de sua ruína em 1835.

Curupá.⁴⁸⁴ Vila e fortaleza da província do Pará. (V. *Gurupá*, seu verdadeiro nome.)

Curupacé. Pequeno rio da província de São Paulo. Serviu em outro tempo de limite da parte do norte à capitania de Santo Amaro. Este rio, que também se chama Juquiriqueré, vem do oeste para o norte, e lança-se na enseada de seu nome, ao norte da ponta, e da vila de São Sebastião. Navega-se com canoas.

Cururipe. Pequeno rio da província das Alagoas, que

nasce nas montanhas perto da margem esquerda do rio de São Francisco, donde se arreda correndo rumo de leste por espaço de quinze léguas, e vai desembocar no Oceano defronte do penedo D. Rodrigo, seis léguas ao norte da embocadura do mencionado rio de São Francisco. Perto do mar as águas do Cururipe são negras. Suas margens são guarnecidas de mangues e caniços e seu leito mais ou menos fundo. Sobem por ele as embarcações ligeiras sem dificuldade. As montanhas vizinhas abundam em madeiras de construção de diversas qualidades. Em 1556, o primeiro bispo do Brasil, Pedro Fernandes Sardinha, naufragou na embocadura deste rio, e tendo-se salvado ele e a companhia, no caminho foram assassinados pelos Índios Caetés perto do rio de São Miguel.

Cururu. Povoação da província do Rio Grande do Norte, do distrito da vila de Goianinha, regada pelo rio do mesmo nome.

Cururu. Pequeno rio da província do Rio Grande do

⁴⁸³ Atual cidade de Coreau/CE. (N/E)

⁴⁸⁴ Atual cidade de Gurupá/PA. (N/E)

Norte, navegável somente com canoas. Serve de limite aos distritos de Goianinha e de Mípihu e rega a povoação de seu nome. Suas margens são plantadas de canaviais e povoadas de engenhos.

Curvelo.⁴⁸⁵ Vila da província de Minas Gerais, comarca de Rio das Velhas, entre o rio das Velhas e o de São Francisco, trinta léguas ao norte da vila de Sabará, em dezoito graus e dezesseis minutos de latitude. Deve esta vila a sua origem a agricultores que criaram grandes manadas na margem esquerda do rio Guaicuí, e fundaram uma povoação que se intitulou do nome de Antônio José da Silva Curvelo, um dos principais dentre eles. Uma igreja dedicada a Santo Antônio foi ereta em freguesia por decreto de 17 de fevereiro de 1808, e uma carta régia de 15 de março de 1811 lhe assinou por território paroquial uma extensão considerável de terras, desde o rio de São Francisco ao oeste até a serra de Tejuco a leste, compreendendo as freguesias atuais de Curmataí, e de Santo Antônio de Curvelo. Tem esta freguesia por filiais as igrejas

de Santana em *Traíras*, de N. S. do Livramento em *Papagaio*, de N. S. da Piedade do Bagre, de N. S. do Livramento em Ponte, e de N. S. do Pilar em Bicudo, a oeste do rio Guaicuí ou das Velhas. Foi esta freguesia elevada à categoria de vila por decreto de 13 de outubro de 1831, que lhe assinalou por distrito do seu próprio território paroquial sobremaneira extenso. Quando se criou a comarca do Serro, logo ao princípio o distrito de Curvelo lhe foi anexado, mas uma lei provincial de 23 de março de 1840 o desligou e anexou-o à comarca do rio das Velhas. Tem este distrito ótimas terras que se acham cobertas de canaviais e das demais plantações e sementeiras do país. Seus habitantes, que andam por mil e quinhentos, são quase todos cultivadores e criadores de gado.

Custódio. Pequeno rio da província de Goiás. Atravessa a estrada do Norte, passo que é difícil em todo o tempo.

Cutia.⁴⁸⁶ Freguesia da província de São Paulo, oito léguas ao sudoeste da cidade

deste último nome, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831. Seus habitantes são lavradores.

Cutunduba. Pequena ilha do arquipélago fora da boca da baía de Niterói.

Cuxipó.⁴⁸⁷ Antiga aldeia dum tribo de Índios deste nome que o paulista Antônio Pires de Campos acometeu em 1718, e depois de os vencer, levou presos para sua província, onde foram repartidos, e depois vendidos como escravos. Miguel Sutil, perto desta mesma aldeia, lavrou algumas minas de ouro, que fizeram concorresse para aquele lugar grande número de aventureiros, e aquela povoação, chamada ao princípio *Lavras do Sutil*, alcançou em 1723 o título de arraial, com o nome de Cuxipó. Sua igreja, da invocação de São Gonçalo, é filial da freguesia de Brotas.

Cuxipó. Rio da província de Mato Grosso, dominado primitivamente pelos Índios deste nome. Nasce na serra da Chapada, recebe o ribeiro

⁴⁸⁵ Atual cidade de Curvelo/MG. (N/E)

⁴⁸⁶ Atual cidade de Cotia/SP. (N/E)

⁴⁸⁷ Atual distrito de Coxipó do Ouro, município de Cuiabá/MT. (N/E)

Cuxipó

Cuxipó, e se ajunta com o rio Cuiabá, meia légua abaixo do porto da cidade deste nome. Este rio foi explorado em 1719 pelo sertanejo Pascoal Moreira Cabral, e admite canoas desde o Cuiabá até a antiga aldeia, cuja povoação diminuiu grandemente, quando as minas se acharam esgotadas; mas do princípio deste século em diante formaram-se várias povoações pequenas em ambas as margens do rio Cuxipó, e em 1833 criaram-se duas novas freguesias. (V. *Brotas e Rio Cuiabá*, província de Minas.)

D

Daraá. Rio da província do Pará, é um dos afluentes do rio Negro pela margem esquerda, entre as freguesias de Lamalonga e de Santa Isabel.

Demacuri. Tribo de Índios que vivem nas margens do rio Caburi, afluente do Negro.

Demiti. Rio da província do Pará; nasce perto da cabeceira do rio Cuburi, caminha rumo do sul, e vai desaguar no rio Negro pela margem esquerda; entre a povoação de São Marcelino e o forte de São José.

Descoberto. Povoação situada nas cabeceiras auríferas do rio das Velhas, tributário do Paranaíba. Foi o primeiro povoado que houve no distrito da vila de Desemboque, e anda atualmente anexo à província de Minas Gerais; sendo que dantes pertencia à de Goiás.

Descoberto. Sítio onde se acham as minas de ouro da província do Espírito Santo,

na margem direita do rio Manhuaçu. Foram estas minas achadas em 1780, por um certo Bueno, e apelidadas *Descoberto*.

Descoberto. Lago da província de Goiás, a sete léguas da povoação de Moquém; dele nasce um ribeiro do mesmo nome, que se engrossa com as águas minerais do termo de Moquém, e vai desaguar no rio Crixá.

Descoberto do Ouro Preto. Povoação da província de Goiás: (V. *Arraias*, vila, e *Ouro Podre*.)

Desemboque.⁴⁸⁸ Vila da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu. Está assentada na cabeceira e sobre a margem esquerda do rio das Velhas, afluente do Paranaíba, cem léguas ao sueste da cidade de Goiás, e perto de cento e dez léguas da de Ouro Preto. Alguns degredados, tendo assentado morada nas vizinhanças do rio das Velhas, erigiram uma capela a N. S. do Desterro; e como descobrissem ouro nas nascentes do rio, infinitos aventureiros se lhes agre-

garam; de sorte que já em 1768 tinha a igreja do Desterro adquirido algumas das prerrogativas de paróquia; mas à proporção que as minas se foram esgotando, foram-se os aventureiros mudando para onde havia outras mais abundantes, e foram substituídos por alguns habitantes de Minas Gerais, que vieram ali estabelecer-se para cultivar as terras daquele termo, e tratar da criação de gado, animados e favorecidos pelo coronel José Manoel da Silva e Oliveira, assim que a povoação se estendeu a mais de sessenta léguas ao sul, em campos aprazíveis que então pertenciam à província de Goiás. Tinha nesse tempo a povoação o nome de *Desterro de Descoberto*, e trocou-o pelo de Desemboque na ocasião em que foi anexada à província de Minas Gerais, em virtude dum alvará de 6 de abril de 1816, e incorporada à comarca de Paracatu. Como a população fosse em aumento, e derramada, criaram-se successivamente as freguesias de Araxá, de Uberava, de Farinha Podre, de Separados e de Patrocínio. Um decreto da assembleia geral de 18 de junho de 1831 criou na po-

⁴⁸⁸ Atual cidade de Desemboque/MG. (N/E)

Deserta

voação de Desemboque uma escola de primeiras letras, e uma lei de 31 de outubro do mesmo ano a elevou à categoria de vila. Encerra esta vila e seu distrito obra de cinco mil habitantes, que fazem um comércio seguido com as vilas das províncias de Goiás e de Minas Gerais; uns fiam lã e algodão e fazem panos, outros cultivam os campos, fazem criação de gado vacum e cavalar, fabricam queijos, e com estes diversos ramos de indústria adquirem uma abundância, que se não encontra nos lugares onde só se cuida de mineração. O distrito de Desemboque, povoado de matas, é juntamente retalhado por alguns rios navegáveis. O barão de Eschwege, em suas peregrinações, encontrou nele águas minerais e salitradas próprias para a cura da sarna, lepra e outras doenças cutâneas, e para a do bócio ou papira. Abundam as terras deste distrito em congonha ou erva do Paraguai, de que se faz o chá chamado *mate*.

Deserta. Ilha defronte da costa do distrito de Parati, na província do Rio de Janeiro.

Destacamento das Pedras.⁴⁸⁹ Registo colocado numa colina da margem direita do rio Guaporé, na província de Mato Grosso; posição importante defronte do Peru, em doze graus e cinquenta e dois minutos de latitude.

Desterro.⁴⁹⁰ Cidade capital da província de Santa Catarina, quase no meio da costa ocidental da ilha que deu nome à província, em vinte e sete graus, vinte e cinco minutos e trinta e seis segundos de latitude, e cinquenta e um graus, zero minuto e oito segundos de longitude oeste. Deve a sua origem a Francisco Dias Velho Monteiro, que se estabeleceu em 1640 na ilha então chamada dos *Patos*, a qual quatro anos depois lhe foi dada por El-Rei D. João IV. Monteiro, e seus filhos, com o auxílio de alguns Índios, erigiu uma igreja que dedicou a N. S. do Desterro, provavelmente em 1651, segundo se infere duma grande cruz que foi achada no ano vigésimo primeiro do século seguinte com esta data. Morto Monteiro, foi a ilha abandonada, e de todo em todo destruído o estabele-

cimento que ele ali havia feito. El-Rei D. João V, durante o seu reinado, mandou por diversas vezes para esta ilha colonos tirados das ilhas dos Açores, e criou nela uma vila com o nome de Desterro, que era ainda o da invocação da nova igreja que por alvará de 5 de março de 1732 foi elevada à categoria de paróquia. O primeiro governador de Santa Catarina por nomeação régia foi o brigadeiro José da Silva Pais em 1739. Uma provisão régia, datada de 19 de novembro de 1749, nomeou a vila do Desterro por cabeça duma nova comarca desmembrada da província de São Paulo, e anexada à capitania do Rio de Janeiro. Uma capitulação desairosa a pôs em poder dos Espanhóis em 7 de março de 1777, que a evacuaram em virtude do tratado de paz concluído no ano seguinte. Em 1811, nomeou-se para esta vila, além do ouvidor da comarca, um juiz de fora, e por um decreto de 18 de março de 1818 se ordenou a fundação dum hospital com a dotação duma légua quadrada de terras na ilha.

⁴⁸⁹ Atual cidade de Costa Marques/RD. (N/E)

⁴⁹⁰ Atual cidade de Florianópolis/SC. (N/E)

Enfim El-Rei D. João VI, na ocasião em que se aprestava para voltar para Portugal, conferiu à vila de Desterro o título de cidade, o qual foi ao depois confirmado por carta imperial de 20 de março de 1823. Está esta cidade assentada numa língua de terra que se estende para o poente na baía, defronte duma ponta do continente, e o esteiro que as separa não tem mais de cento e setenta e cinco braças e meia de largo; a entrada dele se acha defendida tanto ao sul como ao norte da cidade por dous fortes situados numa e noutra praia, na chamada de fora ao norte, e na da cidade ao sul. As serras de Santa Rita e de Boa Vista, com as lagoas que se acham ao pé delas, protegem a cidade contra qualquer invasão do inimigo da parte do nascente, mas tornam-na por extremo úmida, pouco sadia, e exposta a febres intermitentes e a erisipelas, doenças que seriam muito mais frequentes e perigosas se as virações da terra e do mar não purificassem quotidianamente o ar. As ruas desta cidade são malalinhadas, por calçar, e com poucas casas. O palácio do presidente da província, e a casa da câmara pouco se diferenciam das demais. O arsenal podia ser melhor; o

hospital é pequeno e tem poucos cômodos. O do menino Jesus, dotado em 1818, foi autorizado por um decreto de 28 de setembro de 1828 a poder adquirir até oito contos de réis de bens de raiz; fez-se além deste outro hospital da confraria da Penitência em 1836, com autorização da assembleia provincial, e uma resolução da assembleia geral lhe concedeu faculdade para adquirir até dez contos de bens de raiz. Em 1841 se concluiu a construção dum matadouro situado num lugar cômodo, na ponta de terra que jaz na dianteira da cidade. A igreja matriz é dedicada a N. S. do Desterro, e há diversas capelas em diferentes sítios. Acha-se esta cidade defendida da parte da praia de fora pelo forte de São Francisco Xavier, e pelos redutos de São Luiz e de São João; da banda do sul pelo forte de Santa Bárbara, edificado em rocha defronte da praia da cidade, com uma ponte que dá serventia a esta. No terreno que jaz entre o mar e estas fortificações tinham-se construído algumas barracas que foram mandadas demolir por decreto de 25 de junho de 1834, o qual ordenou fosse todo aquele espaço de terra nivelado. Antigamente a ilha de Santa Catarina e o

Desterro

continente vizinho formavam um só distrito, porém, correndo tempo, foram separados, e hoje se acham repartidos em muitos, a saber: o continente nos das vilas das Lages, Laguna, Porto Belo, São Francisco, São José e São Miguel, e a ilha no da cidade do Desterro, e vilas do Ribeirão e da Lagoa. O distrito da cidade consta de três freguesias: a do Desterro, e as das povoações de Conceição da Lage e das Necessidades, e encerra vinte e oito engenhos e grande número de fornos de tijolo, telha, e louça de barro vidrada e por vidrar. No princípio do ano de 1838, uma trovoadacompanhada duma tromba destruiu uma parte da cidade, e fez grandíssimos estragos na ilha e no continente. Avalia-se em seis mil o número dos habitantes de seu distrito.

Desterro. Freguesia da província do Pará, na Guiana brasileira, nas margens do rio Paru, seis léguas acima da vila de Almeirim. Sua igreja é dedicada a N. S. do Desterro, e seu termo regado pelo ribeiro Vacarapi, que se lança no rio Paru, perto da povoação. Seus habitantes são agricultores e pescadores, e colhem algodão.

Desterro

Desterro.⁴⁹¹ Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de São José, com uma igreja da invocação de N. S. do Desterro, dependente da freguesia de Alagoa Dourada.

Desterro de Itambé.⁴⁹² (V. *Itambé*, província de Pernambuco.)

Desterro do Outeiro Redondo.⁴⁹³ Freguesia da província da Bahia. (V. *Outeiro Redondo*.)

Desterro do Rio das Velhas ou Descoberto do Rio das Velhas.⁴⁹⁴ (V. *Desemboque*, vila.)

Deus-te Livre. Serra escarpadíssima da província de Minas Gerais, entre a vila de Queluz e a cidade de Ouro Preto, e uma das numerosas ramificações da cordilheira da Mantiqueira, cortada pela estrada que vai de Ouro Preto para o Rio de Janeiro.

Diamantina.⁴⁹⁵ Cidade florescente da província de Minas Gerais, na cabeça do

antigo distrito de Tejuco. Está assentada num vale rodeado de altas montanhas, oito léguas ao nor-noroeste da cidade do Serro, dantes Vila do Príncipe, e cinquenta e seis ao nor-nordeste da de Ouro Preto, em dezoito graus e dez minutos de latitude, e quarenta e seis graus e vinte e dois minutos de longitude oeste, mil setecentos e trinta e oito metros acima do nível do mar. Em 1725, Sebastião Leme do Prado descobriu o ribeiro Manso, tributário do rio Jequitinhonha, e achou nele algumas pedras brancas que foram enviadas como amostras à corte de Portugal, que não fez delas grande caso. Passado três para quatro anos, o sertanista Bernardo da Fonseca Lobo penetrou em serras que não haviam sido exploradas, e achou a mesma qualidade de pedras, e entre elas uma muito maior que as outras; e como se não soubesse o valor que tinham, serviram-se delas como de tentos quando jogavam. Certo ouvidor que havia estado na Índia, conhecendo que eram diamantes,

comprou-as que quis por baixo preço, e voltou para Portugal quase no mesmo tempo em que D. Lourenço de Almeida, primeiro governador de Minas Gerais, informava à corte que as pedras achadas pareciam ser outros tantos diamantes. Um sem número de aventureiros acudiram a aproveitar-se daquele descobrimento; porém em breve foram desavindos uns com os outros por causa das terras ao ponto de virem às mãos e de se matarem. Apareceu então uma carta régia de 8. de fevereiro de 1730, que declarou eram aquelas pedras propriedade privativa da coroa, o que não tolhia que os particulares se ocupassem de descobri-las contanto que pagassem um imposto por cada negro que fosse matriculado para aquele destino. Foi ao princípio o imposto de vinte mil réis por cabeça e logo dali a três anos, no de 1733, de quarenta mil, e alguns meses depois de cinquenta mil; porém cada particular podia dispor do que os seus escravos matriculados achassem, e bem que se tivessem dado várias

⁴⁹¹ Atual cidade de Desterro de Entre Rios/MG. (N/E)

⁴⁹² Atual cidade de Itambé/PE. (N/E)

⁴⁹³ Atual cidade de São Félix/BA. (N/E)

⁴⁹⁴ Atual cidade de Desemboque/MG. (N/E)

⁴⁹⁵ Atual cidade de Diamantina/MG. (N/E)

providências para reprimir os abusos e roubos, como eles continuassem, uma ordem régia de 30 de outubro de 1733 estabeleceu uma intendência diamantina na povoação de Tejuco. De então, por diapasão ninguém pôde entrar sem licença (no termo das) sinalado por limites naturais; puseram-se alguns postos nas gargantas das montanhas e nas margens do rio, já defendido pelas serras inacessíveis que o separavam do restante do mundo. Neste vale retalhado por numerosos ribeiros auríferos e diamantinos, que vão engrossar o Jequitinhonha, depois de terem corrido por cima de rochedos próprios para ornato da boca do inferno, haviam natureza oculto o laboratório onde fabricava estas pedras de que tanto aprego fazemos. Os postos fixos que se estabeleceram em toda deste vale foram a origem das povoações que ora existem de Andaial, Chapada, Contagem, Galheira, Gouveia, Inhaí, Inhazica, Milho Verde, Paraúna, Picada, Rio Manso, Três Barras e outras de menor importância. A corte de Portugal, vendo que colhia pouco fruto das minas de diamante, resolveu-se em 1740 a arrendá-las por contrato pela importância de cento e trinta e oito contos.

Fizeram-se novos arrendamentos de três em três anos com algumas modificações, e algumas vezes do dobro desse tempo. Gomes Freire de Andrada, governador geral do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, intentou em 1751 estabelecer em Tejuco uma fundição de ouro, porém por diversos motivos foi esta fundição colocada na Vila do Príncipe, atualmente cidade do Serro. Por alvará de 1771 tomou o governo por sua conta o contrato dos diamantes na esperança de evitar os abusos e fraudes que cometiam os contratadores, empregando no serviço das minas quatro de até cinco mil negros, em vez de seiscentos como era estipulado no arrendamento. A intendência dos diamantes foi reunida à do ouro por uma disposição rigorosa, ficando o intendente geral com um poder absoluto no distrito, sendo ao mesmo tempo o distribuidor dos empregos, o comandante das tropas, e o juiz supremo em todas as demandas cujo objeto não excedia a quantia de seiscentos mil réis; nos casos crimes devia enviar os réus para Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto. Por uma disposição tão rigorosa o interesse dos particulares foi posto em esquecimento; uma parte da povoação se viu obrigada a

Diamantina

desemparar, aquele distrito; determinou-se que não haveria ali senão um certo número de mercadores; a pena de confisco e de galés se tornou frequente; foi defeso aos nacionais, como o havia sido aos estrangeiros, de penetrarem naquele distrito, o qual segunda vez se achou segregado do universo. Debaixo das ordens diretas do intendente, geral havia um administrador geral, com um ouvidor fiscal, dous tesoureiros, um guarda-livros, e seis ou oito caixeiros, o qual tinha a inspeção dos oito serviços de negros, presididos cada um por um feitor, com dous subfeitores, um capelão, e um certo número de carpinteiros e de serralheiros, encarregados cada um na parte que lhes pertencia de dirigir os trabalhos, e cooperar para eles nos pontos onde a administração deliberava que fossem feitos. A povoação de Tejuco tinha no decurso do século passado um edifício destinado para a intendência do ouro, e dos diamantes, numa caserna de cavalaria, e uma igreja da invocação de Santo Antônio, filial da igreja paroquial da Vila do Príncipe, que foi criada paróquia em virtude dum decreto régio de 27 de outubro de 1819. Além desta igreja havia outras com

Diamantina

diversas invocações, como a de N. S. do Rosário, das Mercês, do Patrocínio, do Carmo, de N. S. do Bonfim, de Santa Quitéria, e de São Francisco de Paula que é a mais bela de todas. Havia também nesta povoação uma escola de primeiras letras para os meninos; concedeu-se-lhe mais outra para as meninas em 28 de junho de 1831 por decreto da assembleia geral, a qual em 13 de outubro seguinte lhe conferiu o título de vila por decreto desta data, e um novo decreto de 25 de outubro de 1832 deu uma nova forma à administração do estabelecimento concernente aos diamantes, e afinal uma lei provincial lhe concedeu o título pomposo de cidade Diamantina. Está situada esta nova cidade numa espécie de anfiteatro irregular; suas ruas são largas e calçadas; as casas em geral são de madeira; tem um hospital da Misericórdia muito antigo, que esteve muito tempo fechado em consequência da grande seca de 1834, com mais três outros estabelecimentos menos consideráveis para o curativo dos doentes, um recolhimento de mulheres onde se educam as meninas. O distrito

da cidade Diamantina abraça as serras Gavião, Negra e Paraúna, com as freguesias de Curmataí, Gouveia, Rio Preto e Santana dos Ferros. O ar é sadio, e mais ou menos frio, segundo a situação, e altura das montanhas, porém em geral temperado. O seu distrito foi demarcado por um alvará de 8 de outubro de 1821 da maneira seguinte. Ao norte o cume da serra Gavião, e o ribeiro Inhazica até a margem esquerda do rio Jequitinhonha; a leste subindo pela mesma margem deste rio até defronte da barra do ribeiro Manso, então atravessando o rio, e correndo ao longo do sobredito ribeiro até a cabeceira dele; ao sul os vertentes setentrionais da serra Negra, e tornando a atravessar o rio segue a sua margem direita até uma de suas grandes voltas, e os vertentes da serra Paraúna; enfim a oeste desde as mencionadas vertentes até a serra Gavião. Avalia-se em quatorze mil almas a povoação deste distrito, que abunda em ótimas águas.

Diamantina.⁴⁹⁶ Vila da província de Mato Grosso, na confluência dos rios do Ouro e Diamantino, em treze graus

e vinte e três minutos de latitude, e cinquenta e nove graus e vinte e oito minutos de longitude oeste, quarenta léguas com pouca diferença ao nor-noroeste da cidade de Cuiabá. O rio Diamantino foi descoberto em 1728 por Gabriel Antunes Maciel, e seus companheiros, os quais deram então princípio à povoação conhecida com o nome de *Alto Paraguai*. Aumentou-se sucessivamente esta povoação até o ano de 1746, em que tendo-se achado no rio alguns diamantes posto que pequenos, assentou o governo de proibir até a própria extração de ouro naquele distrito, que tomou dali em diante o nome de Diamantino. Esta proibição e o terremoto que ali houve em 24 de setembro de 1749, foram causa da emigração de grande parte dos habitantes dela. Havia nela uma igreja da invocação de N. S. do Carmo, fundada em 1781, porém como se achasse arruinada, edificou-se uma nova que foi dedicada a N. S. da Conceição, e considerada como paróquia nos primeiros anos do século atual. Em 1805, levantou-se a proibição da mineração e extração de ouro, ficando o

⁴⁹⁶ Atual cidade de Diamantino/MT. (NIE)

governo somente com o comércio exclusivo dos diamantes. Entrou desde então a povoação a medrar, e em 1820 um alvará de 23 de novembro lhe conferiu o título de vila, estendendo-lhe o nome e convertendo-o no de *Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino*. Tem esta vila além da igreja paroquial a de N. S. do Rosário, e uma ponte sobre o rio do Ouro, feita à custa dos habitantes. Havia já nela uma escola de primeiras letras para os meninos; foi-lhe concedida outra para as meninas, por decreto de 26 de agosto de 1833. Está esta vila conhecida atualmente com o nome de Diamantina, postos os demais em esquecimento, numa eminência cuja base é regada pelos rios do Ouro e Diamantino que se ajuntam em sua vizinhança, e vão desaguar no Paraguai, pela margem esquerda, obra de três léguas abaixo da vila. Seu distrito é montuoso, pouco aprazível, se bem que rico em ouro e em diamantes. Avalia-se sua população em quatro mil e quinhentos habitantes entre mineiros, agricultores e criadores de gado. As montanhas distantes da vila são povoadas

de Índios das tribos Guaiurus e Paiaguás, meio civilizados, os quais não entram na conta da população da vila.

Diamantino. Pequeno rio da província de Mato Grosso, onde o sertanista Gabriel Antunes Maciel achou grande quantidade de ouro em 1728, e onde também mais tarde se acharam alguns diamantes, o que foi causa da proibição de toda extração de ouro em 1746. Recolhe este rio os ribeiros Vermelho e do Ouro, rega as terras circunvizinhas da vila de seu nome, e vai engrossar, a três léguas dela, o Paraguai, no qual se lança pela margem direita.

Divina Pastora.⁴⁹⁷ Nova vila da província de Sergipe. Era uma medíocre povoação do distrito de Laranjeiras; a assembleia provincial intentou tirá-la do estado de nulidade em que se achava, e para esse efeito lhe conferiu o título de vila por lei de 1840. Apenas se achava ela constituída em vila, quando nela houve um levantamento pouco tempo depois da emancipação do Imperador D. Pedro II, felizmente que aquele movi-

Doce

mento, meramente popular, não foi seguido doutras consequências.

Doce. Grande rio que corre pelas províncias de Minas Gerais e do Espírito Santo, e vai desembocar no Oceano, em dezenove graus e trinta e seis minutos de latitude, e quarenta e três graus e onze minutos de longitude oeste. Em 1572, Sebastião Fernandes Tourinho, que residia em Porto Seguro, intentou subir por este rio acima, porém entendendo que lhe faltavam os meios para prosseguir em sua empresa, tornou a voltar para Porto Seguro, e no ano seguinte tendo-se munido do que era mister, acompanhado duma numerosa comitiva tornou a subir, como um homem animoso que era, pelo referido rio até que chegou à província de Minas Gerais, cujas terras eram então desconhecidas, entranhando-se em matas imensas, moradas de Índios bravos, os quais o ajudaram por vezes em suas explorações e necessidades. Segundo a sua relação, supõe-se que ele subiu pelo rio Saçuí Grande, ou pelo de Santo Antônio, donde fazendo caminho por terra

⁴⁹⁷ Atual cidade de Divina Pastora/SE. (N/E)

Doce

deparou com algumas esmeraldas e outras pedras de preço, e como encontrasse um rio caudaloso (o Jequitinhonha), mandou fazer algumas canoas, e afrontando novos perigos, embarcou-se e desceu pelo rio, desviando-se cuidadosamente dos arrecifes, e foi abocar no Oceano, no lugar onde jaz atualmente a vila de Belmonte. Passados anos, alguns navegantes portugueses, como achassem no mar água doce, defronte dum rio da capitania do Espírito Santo, deram, se é certo o que se diz, ao dito rio o nome de *Doce*. Os antigos geógrafos consideravam o ribeirão do Carmo como a origem principal do rio Doce bem que outros queiram que nasça perto de Sabará do ribeiro Santa Bárbara, que deságua no Piracicaba. Porém se se entende por nascente dum rio o ponto que fica em maior distância da embocadura dele, devemos colocar o do rio Doce a doze léguas a leste da vila de Barbacena, no lugar donde começa o rio Chopotó. Corre este rio obra de vinte léguas rumo do norte, recebendo pela margem esquerda o das Pirangas, e por ambas vários ribeiros, e só oferece fácil navegação para canoas, quando, tendo regado à povoação de Santana do Deserto, se

inclina para o nordeste, engrossando-se com os ribeiros Turvo, sobre a margem direita, e com o rio Gualacho pela esquerda. As águas deste rio fazem-no desviar um pouco para o nascente, e ambos reunidos se vão despenhar no salto chamado do Inferno; debaixo deste salto é que o rio Doce toma o nome que tem, e caminhando mansamente vai recebendo pela direita o pequeno rio da Casca, pela esquerda o Piracicaba, e seis léguas mais adiante vinga por cima de arrecifes tismados com o tempo, os quais foram causa do apelido de Escura que deram a esta cachoeira. Três léguas mais adiante, sobre a sua esquerda, se acha a embocadura do rio de Santo Antônio e a do rio Correntes, a oito léguas de distância uma da outra. Abaixo da última destas embocaduras encontra-se a cachoeira Bagauris, onde um rochedo pontiagudo divide as águas do rio Doce, as quais tornam a subdividir-se antes de se ajuntarem numa espécie de caldeira formada, ao que parece, por algumas ilhotas, a qual se estende por espaço de duas léguas, e onde por causa da correnteza é mister muita destreza para governar uma canoa. No cabo desta série de ilhotas toma o rio Doce um curso mais

sereno, e passada a embocadura do Saçuí Pequeno, torna-se outra vez turbulento e sucessivamente impiedoso com a pequena cachoeira da Ilha Brava, com a de Figueira, muito mais perigosa, e na serra Beteruna, onde é mister transportarem-se por terra as embarcações distância de quinze braças, e com a do Rebojo do Capim; cinco léguas mais abaixo o rio Saçuí Grande o vem engrossar com seu tributo pela margem esquerda, depois de haver regado a comarca de Serro Frio. Passado este confluyente, recebe o rio Doce de diferentes partes um sem número de límpidos ribeiros, e faz várias voltas antes de chegar à cachoeira, apelidada Cachoeirinha, que as canoas vingam, sem serem aliviadas, e mais adiante recebe pela esquerda o ribeirão Laranjeira, e um pouco mais abaixo pela direita, o Cuiaté que nele deságua e o torna majestoso por espaço de duas léguas, passadas as quais, vários arrecifes, donde se originam algumas quedas pouco sensíveis, e redemoinhos d'água lhe dificultam a navegação, sem de todo em todo atalhá-la. Estes diferentes obstáculos são assinalados e conhecidos com os nomes de Rebojo de João Pinto, e Rebojo da Onça, a duas

léguas distantes um do outro: passado o segundo destes obstáculos, segue-se a corrente da parte direita durante o estio, e da parte esquerda na estação das chuvas. Meia légua mais adiante o leito do rio descreve algumas linhas diagonais que arremedam a um M grande, nome que vulgarmente se lhe dá, e a uma légua mais abaixo vários arrecifes apelidados o Cachoeirão interceptam a navegação, a ponto que é mister transportarem-se por terra as embarcações e as fazendas. A duas léguas do salto do Cachoeirão encontram-se ainda três redemoinhos que não são perigosos, e a ilha de Natividade, que divide o rio Doce em dous braços desiguais. Em tempo de seca, descarregam-se nesta ilha as canoas, para passarem a grande cachoeira chamada Escadinha, por ser por espaço de uma légua formada de degraus de pedra; os marinheiros levam às costas as fazendas até o porto de Souza, mas quando as águas abundam, descem as mesmas canoas em dificuldade até o registo de Lorena, junto à confluência do rio Mandu que vem do sul, e serve de limite às províncias de Minas Gerais e do Espírito Santo, e sobemna também com carga, posto que com algum custo. Entre a

embocadura do rio Mandu e o porto de Souza encontram-se algumas correntezas que se vencem com facilidade, mas que se não podem subir, senão forçando a voga ou levando as embarcações à sirga. Além do porto de Souza encontram-se os ribeiros Alves, Poncas, e Joana duma parte, e da outra o Lima. Então o rio Doce corre majestosamente durante dez léguas entre várias montanhas graníticas, e doze por uma planície antes de ir regar a vila de Linhares; três léguas depois dela, toma para su-sueste cousa de sete léguas e vai lançar-se no Oceano, dividido em dous braços por um banco de areia estável, que jaz ao sul da vila de São Mateus. As margens do rio Doce são povoadas pelos Botocudos, e a esta vizinhança desagradável e perigosa se atribuiu durante muito tempo o abandono em que está posta uma navegação tão dilatada, que oferece grandíssimos proveitos efetivos às duas províncias que este rio fertiliza, e que seria de sumo interesse para o comércio das cidades da Bahia e do Rio de Janeiro; a verdadeira causa porém desta renúncia são os miasmas que se exalam continuamente das águas estanques e lagoas que existem nas matas, que acompanham as margens do

rio Doce, e as de seus afluentes. A companhia anglo-brasileira da navegação por meio do vapor neste rio foi autorizada pela assembleia geral de 1835 a estabelecê-la não somente nele, mas também em todos os que lhe são tributários. Esta companhia devia destruir, ou pelo menos abaixar os arrecifes que fossem disso susceptíveis desde o mar até a cidade de Mariana. Tiveram princípio os seus trabalhos em 1839. Devia a companhia estabelecer colônias nas margens dos rios a curtas distâncias, sem dispêndio da parte do governo imperial, e somente concedendo-se-lhe duas léguas de terra em todos os pontos de novo povoados. Em 1841, pôs a dita companhia em movimento o seu primeiro barco de vapor, porém teve de lutar não só contra os obstáculos que lhe oferecia na parte inferior o rio Doce, mas também contra o ciúme e intrigas de algumas pessoas influentes. Como as primeiras operações fossem mal sucedidas, desgostaram-se os acionistas, e tudo ficou parado. O presidente da província de Minas Gerais na assembleia de 1843 se expressava a este respeito nesta substância: "Ignoro que contrato fez esta companhia para efetuar a navegação através

Doce

das cachoeiras, ou evitando-as por canais laterais. Poder-se-ia dizer que ela se ocupa mais das matas de que pode desfrutar, que da utilidade do país; pois que não pôs em parte alguma uma povoação capaz de cultivar meia légua de terra; assim que, enquanto durar o privilégio desta companhia, a navegação do rio Doce será vítima dos acionistas, a quem se conferiu o direito de conservar em pousio grandes extensões de terra, que impedem a outros de povoar." Se fora possível dar maior fundo à embocadura do rio Doce, a cidade de Vitória colheria grandíssimo proveito de se abrir um canal perto da vila de Linhares, o qual estabeleceria a comunicação do rio Doce com o de Santa Maria.

Doce. Lagoa da província das Alagoas, no distrito da cidade de Maçaió.

Dominga. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que serve de limite às freguesias de Rio Bonito, de Mataruna, e juntamente aos distritos das vilas de Macacu e de Cabo Frio, e às comarcas de Cabo

Frio e de Itaboraí. Deve este ribeiro o nome que tem a uma mulher que se estabeleceu antes de todos em suas margens, e nasce do vertente setentrional das montanhas do termo de Squarema, e depois de haver corrido para o sul ajunta-se com o rio Bacaxá. Não admite canoas senão quando se engrossa com as chuvas.

Dom Marcos.⁴⁹⁸ Aldeia da província do Rio de Janeiro. (V. *Leonissa*.)

Dom Marcos. Ribeiro caudaloso da província de São Pedro do Rio Grande; desce da serra Geral, e vai perder-se no rio Jacuí pela margem direita, acima do ribeiro Santa Bárbara.

Dom Pedro Segundo.⁴⁹⁹ Colônia da província do Pará, na margem direita do rio Araguari. Foi fundada em março de 1840, por diligência do presidente da província, Bernardo de Souza Franco. Seu sucessor João Antônio de Miranda colocou nela militares a quem foram concedidas terras para eles, e suas famílias.

Dom Rodrigo. Arrecifes quase à flor d'água a uma légua pouco mais ou menos da embocadura do rio Cururipe. Os barcos costeiros devem coser-se com eles, tanto ao sul, como ao norte, para entrarem no rio. Despedaçam-se as ondas neles, e acham-se em remanso no surtidouro, o qual jaz entre eles e a terra firme.

Dores ou Nossa Senhora das Dores.⁵⁰⁰ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de São João del Rei, doze léguas ao sudoeste da cidade de Barbacena. Sua igreja, atualmente dedicada a N. S. do Rosário, foi criada paróquia em 1820.

Dores. Povoação da província do Rio de Janeiro. Seu termo pertenceu sucessivamente primeiro ao distrito de Resende, depois ao de Barra Mansa, e atualmente compete ao de Valença. Sua igreja, da invocação de N. S. das Dores, por ficar em grande distância doutras freguesias goza das prerrogativas de paróquia, bem que não tenha o título. Em 1836 fez-se uma ponte sobre o rio Paraíba logo à

⁴⁹⁸ Atual cidade de Itaocara/RJ. (N/E)

⁴⁹⁹ Atual cidade de Ferreira Gomes/AP. (N/E)

⁵⁰⁰ Atual cidade de Dores de Campos/MG. (N/E)

entrada de seu termo, a qual dá serventia à estrada que vai da vila de Valença à cidade do Rio de Janeiro, passando pela vila de São João do Príncipe.

Dores.⁵⁰¹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati. Deu-lhe este nome uma igreja que tem de N. S. com esta invocação. Foi ela muitos anos filial da de Santana da sobredita vila, até que um decreto da assembleia provincial de 1840 lhe conferiu o título de paróquia. Neste mesmo ano se estabeleceu nesta povoação um correio.

Dores.⁵⁰² Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Triunfo, e cabeça dum colégio eleitoral da mesma província.

Dores de Piedade.⁵⁰³ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da nova vila de Bonfim, quinze léguas a oeste da cidade de Ouro Preto. Sua igreja é filial da de Bonfim.

Dores do Pântano.⁵⁰⁴ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila das Lavras do Funil. Sua igreja, da invocação de N. S. das Dores, foi criada paróquia por decisão régia de 7 de outubro de 1814.

Dourada. Serra aurífera da província de São Paulo, nos campos de Guarapuava, a oeste do rio Tabaji, afluente do Parapanema.

Dourada. Serra aurífera da província de Goiás. É a continuação da cordilheira dos Pireneus, que começa ao sul da cidade de Goiás, e corre por entre matas até avizinhar-se da província de Mato Grosso.

Dourada ou Encantada. Lagoa situada nas matas virgens da cordilheira dos Aimorés. Na estação das chuvas as suas águas engrossam o Piauí, afluente do Jequitinhonha. Dá-se por certo que é a lagoa Vupabuçu que Sebastião Fernandes Tourinho descobriu em 1573. (V. *Vupabuçu*, lagoa.)

Dourados

Douradinhas.⁵⁰⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí. Sua igreja, dedicada a São João Batista, foi elevada à categoria de paróquia por lei da assembleia geral de 1832, e um decreto da mesma assembleia de 7 de agosto do dito ano criou nesta freguesia uma escola de primeiras letras; porém em 1840 foi esta igreja despojada deste título por lei provincial de 15 de março que o conferiu à igreja de N. S. da povoação de Escaramuça.

Dourado. Ribeiro da província do Rio de Janeiro; rega o termo da aldeia de Ipuçá, e vai desaguar no rio de São João, perto da povoação da Barra do Rio de São João. Vê-se perto deste ribeiro um pé de jiquiá que tem cinquenta e seis palmos de circunferência.

Dourados. Serra da província de Mato Grosso, ao sul da das Pedras de Amolar, nas margens do Paraguai. Por detrás desta serra se acham as lagoas Oberava, Gaíba e Mandioré, que, ajuntando-se nas cheias anuais, fazem como um mar.

⁵⁰¹ Atual cidade de Parati/RJ. (N/E)

⁵⁰² Atual cidade de Sentinela do Sul/RS. (N/E)

⁵⁰³ Atual cidade de Piedade dos Gerais/MG. (N/E)

⁵⁰⁴ Atual cidade de Boa Esperança/MG. (N/E)

⁵⁰⁵ Atual distrito de Douradinho, município de Machado/MG. (N/E)

Douro

Douro. Aldeia da freguesia de Goiás, na serra do mesmo nome, trinta e duas léguas a és-sueste da vila da Natividade. Foi fundada juntamente com a aldeia da Formiga, sua vizinha, em 1754, pelo primeiro governador desta província D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, que colocou nela os Índios Acroás catequizados pelos jesuítas, os quais a desempararam e se acolheram às matas, quando ao governo religioso sucedeu o militar. A igreja desta aldeia era dedicada a São José. Não se esqueceram totalmente os Índios desta povoação, e todos os anos alguns deles nela vão morar por algum tempo, e algumas famílias ali ficam, e continuam a viver, segundo seu costume, antes de caça e de pesca que do cultivo das terras. Junto desta aldeia se acha o registo do mesmo nome, no vertente nordeste da serra, para impedir o contrabando de ouro e de diamante, e para arrecadar os direitos de entrada dos objetos que se importam para a província de Goiás.

Douro. Serra mui alta que serve de limite às províncias de Goiás e de Minas Gerais. Continua-se com as serras de São Domingos e da Tabatinga, pelas extremidades norte e sul, deixando entre elas as

gargantas, onde estão os registos Douro e São Domingos.

Douro. Registo ou posto da alfândega, na cordilheira que separa a província de Goiás da de Minas Gerais e da Bahia, a quatorze léguas da Chapada das Mangabeiras. Foi primitivamente criado para impedir o contrabando do ouro, e consta desde 1840 de quatorze homens com um comandante e um recebedor.

Dous Irmãos. Serra que separa a província das Alagoas da de Piauí. Consta de dous montes quase semelhantes por meio dos quais passa a estrada que vai de Oeiras ao rio de São Francisco. Serve também esta serra de limite entre o distrito de Atalaia e o de Vilanova da Assembleia, na província das Alagoas.

Duas Irmãs. Ilhotas da província do Rio de Janeiro, de frente da costa do distrito de Parati.

E

Ecequibo ou **Essequibo**.

Rio da Guiana brasileira, perto da serra Baracaina: separa a província do Pará da Guiana holandesa. Os Ingleses asentaram padrões nas margens, e cabeceira deste rio que nunca pertenceu nem aos Holandeses nem a eles, mas sim, aos Portugueses; deságua este rio no Orenoco.

Ega.⁵⁰⁶ Pequena e antiga vila da província do Pará, na margem direita do rio Tefé, a duas léguas do Amazonas, e a trezentas e trinta com pouca diferença da cidade de Belém. Deve o seu princípio ao padre Samuel Fritz, que doutrinou os Índios nas margens do rio, de que tomou o nome a aldeia. Morto o padre Samuel, dispersaram-se os Índios; porém, passado tempo, o missionário André da Costa tendo-se estabelecido naquelas vizinhanças com alguns Índios Cocurunas, Jumas, Tamuanas, e outros na ilha chamada dos Veados, levou-os para a aldeia deserta por isso

que a terra lhe parecia melhor que a da ilha. A aldeia, de novo povoada, foi elevada à categoria de vila com o nome de *Ega*, e sua igreja, dedicada a Santa Teresa, alcançou, no decurso do século passado, o título e prerrogativas de paróquia. Transferiu-se para a nova vila a escola de primeiras letras de meninos que havia sido criada na aldeia de São Paulo, em virtude duma lei provincial de 25 de junho de 1841. Os moradores de seus distritos são Índios, que cultivam os gêneros do país, apanham salsaparrilha, mel, cacau, e pechurim que trocam pelos objetos de que hão mister.

Éguas. Ribeirão da província de Minas Gerais; nasce ao norte da cidade de Paracatu na serra de Olho d'Água, descreve quase um semicírculo dirigindo-se rumo do norte, e deságua pela margem esquerda no rio Paracatu, doze léguas pouco mais ou menos abaixo do Porto da Bezerra.

Éguas. Ribeirão da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. Nasce nos

montes da serra da Tabatinga, que divide esta província da de Goiás, corre por terras auríferas, rega o termo da povoação da Glória, e vai unir-se com o rio Correntes.

El-Rei. Antiga capitania do Brasil, atualmente província de São Pedro do Rio Grande. Deram-lhe este nome por não haver sido dada a ninguém.

El-Rei. Lagoa da província do Pará, na margem direita do rio Amazonas, entre os rios Madeira e Puru.

Elvas.⁵⁰⁷ Lugarejo da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, pertencente à freguesia de Cajuru.

Embaú. Rio do continente da província de Santa Catarina, que dá navegação a canoas; seu leito tem quase sempre quarenta braças de largo, bem que ofereça só dez em sua embocadura no Oceano, a qual fica perto da boca meridional da baía de Santa Catarina. Os barcos sobem por esta embocadura acima obra de três léguas.

⁵⁰⁶ Atual cidade de Tefé/AM. (N/E)

⁵⁰⁷ Atual distrito de Emboabas, município de São João del Rei/MG. (N/E)

Embaú

Embaú.⁵⁰⁸ Povoação da província de São Paulo, com uma igreja da invocação do Bom Jesus da Cachoeira. Jaz a pequena distância ao sul da serra da Mantiqueira.

Embituba. Pequeno porto de mar do continente da província de Santa Catarina, perto do cabo do mesmo nome, e seis léguas ao nordeste de Santana de Vilanova, a cuja freguesia pertence. Deve esta povoação origem a uma armação de baleia, dependente da de Garopaba. Os brigues e corvetas podem descarregar neste estabelecimento, e porem-se em seguro contra os ventos do sul e do sudeste.

Embotetiú ou Mondego. Rio da província de Mato Grosso: nasce dez léguas ao nordeste da fazenda de Camapuã, engrossa-se com as águas dos pequenos rios Verde e Zezere, rega a povoação fortificada de Miranda, e doze léguas mais adiante se lança no Paraguai, cinco léguas abaixo da boca meridional do rio Taquari. Os Portugueses chamam a este

rio Mondego, e os Espanhóis dão-lhe o nome de Araniani. Seria melhor conservar-lhe o primitivo. Este rio é navegável até ao pé de seu nascente. Em sua margem direita, e a vinte léguas do lugar onde conflui com o Paraguai, estava assentada a cidade espanhola Xerez, destruída pelos Paulistas em 1620.

Embuzeiro. Lugarejo e desfiladeiro profundo da cordilheira Borborema, por onde se comunicam as partes orientais e ocidentais da província de Paraíba. Com ser esta estrada por extremo fragosa é continuamente frequentada.

Eme ou Voltas do Eme. Rápidas correntes que se encontram no rio Doce, nos lugares onde as águas se acham entaladas em canais cavados em rocha, as quais parecem imitar a figura dum M num espaço de perto dum quarto de légua. Acham-se estas voltas entre o Rebojo da Onça, e o salto chamado Cachoeirão. É mister para vingar-se este passo dobrado número de remeiros.

Encabelados. Tribos de antigos Tapuias da província do Pará, derramadas pelas margens dos rios tributários do Amazonas. Deram-lhe os primeiros exploradores este nome por isso que tanto os homens, como as mulheres traziam os cabelos compridos, e envolviam neles o corpo até a cintura.

Encantada. Lagoa da província da Bahia, na comarca de Jacobina. Veio-lhe este nome duma ilhota que flutua à discrição dos ventos, como por encanto. As águas desta lagoa se escoam, quando são muito abundantes, por um ribeiro que deságua na margem esquerda do rio Paraguaçu, e é também conhecido com o nome de *Encantado*.

Encantada. Lagoa da província de Piauí, a certa distância do rio Parnaíba. Dizem que um braço deste rio atravessa a lagoa, e sai de sua extremidade setentrional com o nome de rio Iguaraçu.

Encantada. Lagoa da província de Santa Catarina, a

⁵⁰⁸ Atual cidade de Cachoeira Paulista/SP. (N/E)

cinco léguas da ponta Gamboa.

Encantada. Lagoa no coração da cordilheira dos Aimorés. (V. *Dourada e Vupabuçu.*)

Encarnação.⁵⁰⁹ Lugarejo da província da Bahia, no distrito da vila de Jaguaripe, com uma igreja dedicada à Encarnação de N. S., e uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Encruzilhada.⁵¹⁰ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, ao sul do rio Jacuí, perto do pequeno rio de Santa Bárbara, treze léguas ao oeste da vila de Rio Pardo, e no distrito da vila de Caçapava. Um oratório erigido em honra de Santa Bárbara, no fim do século passado, foi declarado filial privilegiado da igreja do Rosário da vila de Rio Pardo, com quinze léguas de terra de norte a sul, e quase outro tanto de este a oeste, confrontando da parte do norte com a fazenda de Manoel José Machado, o Iraí ou Iroí, o

ribeiro Pequiti e o campo de Antônio Gonçalves; a oeste, com um ribeiro que atravessa a estrada real, e vai desaguar no Irapuã, e é um dos nascentes do rio Camacua; ao sul, com o ribeirão Camacua-Mirim; e a leste, com um dos braços do Capivari, na vizinhança da fazenda de Inácio Xavier Mariano, a estância de Mateus Simões Pires, e o ribeiro Capivari. A igreja, construída em pedra de cantaria, às expensas dos habitantes, e dedicada a Santa Bárbara, foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 8 de novembro de 1819, que lhe assinou o mesmo termo, o qual é entremeado de montes regados por límpidas águas. A população consta de dous mil habitantes. A nova igreja é situada junto à embocadura do pequeno rio de Santa Bárbara, que se une a pequena distância pela margem direita com o rio Jacuí.

Enforcados. Povoação da província de Sergipe, com uma igreja da invocação de Jesus, Maria, José. O coadjutor da povoação de

Engenho Novo

Pé de Banco deve residir na povoação dos Enforcados para celebrar a missa nos domingos e dias de festa.

Engenho do Mato.⁵¹¹ Freguesia da província de Minas Gerais, seis léguas ao sul da cidade de Barbacena, e trinta pouco mais ou menos também ao sul da cidade de Ouro Preto. Sua igreja, dedicada a N. S. da Assunção, foi criada paróquia no ano de 1752, e acha-se acima do nível do mar setecentos e trinta e seis metros e sessenta centímetros. O rio Barros, que nasce ao sul desta freguesia, rega o seu termo que consta de três mil habitantes, e pelo qual passa a estrada que vai do Rio de Janeiro a Barbacena.

Engenho Novo.⁵¹² Freguesia da província do Rio de Janeiro, duas léguas a oeste da cidade deste nome. Sua igreja, dedicada ao Arcanjo São Miguel, depois da extinção dos jesuítas, foi anexada como filial à da freguesia do Engenho Velho, e criada paróquia na menoridade do Imperador D. Pedro II.

⁵⁰⁹ Atual povoado de Encarnação, município de Salinas da Margarida/BA. (N/E)

⁵¹⁰ Atual cidade de Encruzilhada do Sul/RS. (N/E)

⁵¹¹ Atual localidade de Paula Lima, município de Juiz de Fora/MG. (N/E)

⁵¹² Atual bairro de Engenho Novo, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Engenho Velho

Engenho Velho.⁵¹³ Freguesia dos arredores do Rio de Janeiro, que deve a sua primeira origem a um engenho dos jesuítas, com uma igreja dedicada a São Francisco Xavier. Depois da extinção desta ordem serviu aquela igreja de filial da da povoação de Irajá, e foi ao depois condecorada com o título de paróquia, em virtude do alvará de 22 de setembro de 1795, relativo às aldeias em geral. Seu termo confronta pela parte do norte com os do Engenho Novo e de São Cristóvão; ao oeste, com os de Campo Grande e de Jacarepaguá; ao sul e a leste, com o de Santana da cidade do Rio de Janeiro. Os engenhos converteram-se há muito em casas de recreio e nos palácios de São Cristóvão e episcopal. No princípio deste século o Engenho Novo, Mataporcos, Andaraí, São Cristóvão, Ponta do Caju, nada mais eram que uns pequenos lugarejos que pertenciam a esta freguesia, hoje porém são grandes povoações, e o Engenho Novo e São Cristóvão, freguesias. A estrada de São Paulo passa pela parte que fica a leste deste termo, que é retalhado de

caminhos que servem de passeios aos habitantes do Rio de Janeiro. É regada esta freguesia por diversos ribeiros, alguns dos quais são navegáveis em sua embocadura, quando a maré sobe a dois ou três pés. O Maracanã, repartido em vários braços, rega a tapada do palácio da Boa Vista em São Cristóvão; o ribeiro Comprido encanado leva a maior parte de suas águas ao Rio de Janeiro, e alimenta a fonte do Lagarto, na rua Nova do Conde, e o mais se derrama nas terras do palácio episcopal; o ribeiro Catumbi se perde regando um sem número de hortas que abastecem de hortaliça os mercados da capital. Não se pode avaliar ao certo o número dos habitantes do termo atual do Engenho Velho, porque a maior parte deles tem seu domicílio na cidade do Rio de Janeiro.

Engração. Nome que antigamente tinha a ilha de São Francisco, na província de Santa Catarina. (V. *São Francisco*, ilha e vila.)

Enguaguaçu. Ilha da província de São Paulo, cercada

por um braço de mar, conhecido no sul com o nome de rio de São Vicente, e no norte com o de Barra Grande, onde está assentada a cidade de Santos. A vila de São Vicente fica à margem do rio de seu nome. É esta ilha baixa, apaulada, e por conseguinte pouco sadia. A margem oriental que olha para o Oceano está guarnecida de lindas quintas onde os negociantes de Santos passam as noites em companhia de suas famílias, tomam banhos e gozam dum ar mais puro que o da cidade. Imperando D. Pedro I ajuntou-se esta ilha com o continente por uma estrada feita sobre pilares de obra de uma légua. A ilha de Enguaguaçu tinha perto de seis léguas de circunferência, quando se fundaram as vilas de São Vicente e de Santos; hoje parece continuar-se com o continente.

Enseada de Brito. Angra da província de Santa Catarina. (V. *Brito e Rosário*.)

Entrada da Mata. Colônia alemã na província de São Paulo, no distrito da vila de Curitiba. Foi fundada por D. Pedro I, em 1826, com uma

⁵¹³ Região da Grande Tijuca, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

igreja paroquial. Um decreto de 13 de outubro de 1831 a dotou duma escola de primeiras letras.

Enxu ou **Exu**. Ribeiro do distrito de Vilanova del Rei ou de Ipu Grande. (V. estes nomes.) Serve de limite às províncias de Ceará e de Piauí.

Escada.⁵¹⁴ Povoação da província de Pernambuco, no distrito do Cabo de Santo Agostinho, com uma igreja dedicada a N. S. das Escadas, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Escadinhas. Série de degraus cavados em rocha, nas serras da cordilheira dos Aimorés, por onde se despenha o rio Doce, entre a embocadura do Guandu e o Porto de Souza, na província do Espírito Santo. Na estação das chuvas desce-se e sobe-se por esta longa cachoeira sem muito trabalho, seguindo-se o canal meridional; mas em tempo de seca o canal da margem esquerda sendo por extremo perigoso, e o da margem direita levando pouca água, descarregam-se as canoas na

ilha da Natividade, donde se transportam por terra as fazendas até o Porto de Souza, a uma légua desta ilha, e as embarcações descem sem carga.

Escalvada. Serra da província de Mato Grosso, nas margens do Paraguai, mais de cem léguas ao norte de Fecho dos Morros. Deu-se-lhe este nome pelo estado de nudez de seu cume; fica na extremidade sul da serra Parecis.

Escalvada. Grande serra da província de Goiás, ao sul da Dourada, donde se estende para a parte de oeste.

Escaramuça.⁵¹⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da cidade da Campanha do Rio Verde, criada por lei provincial de 15 de março de 1840, que conferiu a sua igreja o título de paróquia, de que estava de posse a da povoação do Douradinho.

Escaramuça. Trigésima sétima cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo. Fica duas léguas abaixo do salto Avanhadava-Açu, e a três a-

Escura

cima da cachoeira Utupanema. Passa-se com as embarcações carregadas, mas com custo por causa do grande número de voltas que faz ali o rio por entre os arrecifes.

Escaramuça. Nome duma das cachoeiras do rio Sapucaí. (V. *Sapucaí*, rio.)

Escura. Cachoeira do rio Doce, na província de Minas Gerais. A queda é de sete braços num fundo de granito, entre a junção do rio Piracicaba e a do de Santo Antônio. Precipitam-se as águas com impetuosidade numa caldeira obrada pelas mãos da natureza de dez braços pouco mais ou menos de diâmetro, e vão caindo de cachoeira em cachoeira até acharem um terreno mais chão. Transportam-se por terra pela margem esquerda as canoas do alto da rocha até a caldeira, donde partem somente com meia carga para vingarem as subsequentes cachoeiras, tendo a cautela de coserem-se com a margem esquerda, onde ainda assim se encontram alguns obstáculos.

⁵¹⁴ Atual cidade de Escada/PE. (N/E)

⁵¹⁵ Atual cidade de Paraguaçu/MG. (N/E)

Escuro

Escuro. Registo da província de Minas Gerais, nos montes do distrito da vila Januária, os quais dividem esta província da da Bahia. Cobram-se nele os direitos de saída dos gêneros que se exportam para as províncias vizinhas.

Escuro. Rio da província de Minas Gerais. Nasce ao norte da serra Pindaíba, corre para leste couda de vinte e cinco léguas, e ajunta-se com o rio da Prata que vem do sul. As águas destes dous pequenos rios tomam nesta confluência o nome de Paracatu.

Espanto. Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila da Cachoeira. Rega-a o ribeiro do mesmo nome.

Espera.⁵¹⁸ Povoação da província de Minas Gerais, nas margens do ribeiro do mesmo nome, tributário do rio Chopotó, com uma igreja, filial da matriz da povoação de Chopotó.

Espera. Grupo de rochedos com duas pequenas ilhas mais aparentes, ao oeste da ilha de Maranhão, entre a ilha do Medo e a ponta de Ataqui.

Deram-lhe este nome os marítimos que ali se vão abrigar à espera que cesse a luta da montante da maré com a corrente do rio Mearim, luta bem conhecida com o nome de *Pororoca*. Outros muitos lugares do Amazonas onde semelhantes fenômenos se observam receberam o nome de *Espera*. (V. *Amazonas* e *Mearim*, onde se trata das *Pororocas*.)

Esperança. Freguesia da província de São Paulo, no distrito da Vila do Príncipe. Sua igreja, dedicada a N. S. da Esperança, foi criada paróquia em razão da grande distância em que se achava da vila: está a dita igreja situada na raiz do monte Capivaruçú.

Esperará. Nome posto por Francisco Caldeira, em 1615, à baía Turivaçu, quando explorava a costa do Pará para fundar uma vila; prevaleceu porém o que dantes lhe haviam dado os Índios.

Esperas. Serra e lugarejo da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza. O lugarejo acha-se nos montes de que consta a serra das Esperas, e tem uma igreja da

invocação da Senhora da Expectação.

Espinhaça. Alta serra da província de Minas Gerais, na comarca de Rio de Jequitinhonha. Domina a certa distância a freguesia de Curmataí. Dá-se também este nome à grande cordilheira da Mantiqueira.

Espinharas. Serra da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vilanova do Príncipe. Faz parte da cordilheira Borborema, e serve de limite à província de Paraíba. Dela nasce o ribeiro Espinharas, que rega com suas límpidas águas o termo da freguesia dos Patos.

Espírito Santo. Pequena província marítima do Brasil, entre dezoito graus e trinta minutos e vinte e um graus e vinte minutos de latitude, e entre quarenta e dous e quarenta e seis graus de longitude oeste. Da parte do norte, suas confrontações não são bem determinadas, e correm por algumas léguas ao norte do rio Cricaré ou de São Mateus, e pelo distrito de Porto Alegre da província da Bahia; limita-a da parte do oeste o rio

⁵¹⁸ Atual cidade de Rio Espera/MG. (N/E)

Guandu, e as serras da cordilheira dos Aimorés a separam da província de Minas Gerais; da do sul o rio Cabapuana a divide da província do Rio de Janeiro, e da de leste cerca-a o Oceano por espaço de setenta léguas, na direção de norte e sul. Por uma carta dada em Évora, no 1º de junho de 1534, deu El-Rei D. João III a Vasco Fernando Coutinho, em recompensa dos serviços que ao estado prestara na Ásia, cinquenta léguas de terra ao norte do rio Cabapuana. Levou consigo Coutinho, indo tomar posse daquelas terras obra de sessenta indivíduos, entre os quais se achavam algumas pessoas distintas mandadas a desterro, e fundou uma povoação com um forte e um engenho; porém desejando aumentá-la, encarregou a D. Jorge de Menezes do governo dela, e partiu para Portugal, para prover-se de novos colonos e dos objetos cuja necessidade lhe ensinara a experiência. Durante sua longa ausência tiveram os colonos de defender-se dos Tupiniquins, que se haviam confederado com os Goitacases para os expulsar das terras que consideravam eram suas. Com a chegada do missionário Afonso Brás, primeiro da Companhia de Jesus, que de-

sembarcou na capitania do Espírito Santo em 1551, esperava-se uma nova ordem de cousas, porém os Índios em cardumes continuaram a inquietar os colonos, e a destruir quantas plantações podiam, na persuasão de que eram elas uma prova da escravidão que se lhes aparelhava. Numa destas escamuças foi morto D. Jorge, e igual destino teve D. Simão de Castelo que lhe sucedeu. Vendo-se os infelizes colonos decimados, abandonaram a povoação, e retiraram-se para as margens do rio Cricaré. Achando Coutinho, quando voltou, a colônia deserta, e os colonos reduzidos à miséria, juntou-se com eles, e pediu ajuda a Mendo de Sá Barreto, governador general do Brasil, que fez imediatamente partir da Bahia uma expedição comandada por Fernando de Sá, seu filho. Juntas estas forças, investiram os Portugueses com as belicosas nações indianas que se conservavam ainda confederadas, e mataram-lhes infinita gente e grande parte de seus melhores cabos de guerra, porém o bravo Fernando de Sá foi morto nesta ação. Ficaram os Portugueses depois desta vitória decisiva na posse pacífica da vila do Espírito Santo, fundada por Coutinho, e doutra que em sua ausência

havia sido fundada por seus lugar-tenentes D. Jorge e D. Simão e pelos padres da Companhia de Jesus, a qual desde então tomou o nome de Vitória. Em 1570 descobriram-se minas de ouro nesta capitania, porém como a sede deste metal não lavrasse ainda muito nessa era, não teve este descobrimento consequências. Em 1587, novos missionários vindos da Europa fundaram vários colégios sucessivamente nas aldeias de Reritigba, Guarapari, São João, Reis Magos, que com diversos nomes são atualmente as vilas principais desta província. Em 1625, Salvador Correia de Sá, indo socorrer a Bahia, investida pelos Holandeses, encontrou com uma frota deles, na baía do Espírito Santo, onde haviam desembarcado gente com o intento de se apoderarem da terra; este intrépido militar derrotou as tropas que estavam em terra, e meteu-lhes no fundo oito navios, o que foi causa que aqueles estrangeiros perderam a vontade de guerrear no sul do Brasil. Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, descendente do donatário da capitania do Espírito Santo, vendeu o direito que tinha àquelas terras no fim do século XVII a Francisco Gil de Araújo pela importância de

Espírito Santo

quarenta mil cruzados, e em 1717 El-Rei D. João V a resgatou pelo mesmo preço para incorporá-la nos bens da Coroa. No decurso de dous séculos, que tanto durou o governo dos Índios pelos jesuítas, deram aqueles prova da mais constante docilidade. Missionários de pouca idade se entranhavam nas matas, e cada trimestre faziam descer para a aldeia dos Reis Magos obra de quarenta famílias, e durante o tempo que nela residiam, davam os jesuítas aos cabeceiras delas uma noção dos misteres e officios indispensáveis no estado de sociedade, e ensinavam às mulheres e às meninas a fiar algodão e fazer pano, ao passo que se não descuidavam de doutriná-los na religião. No cabo dos três meses voltavam aqueles Índios para suas aldeias, e sucediam-lhes outros. Em 1720 o religioso encarregado do governo do convento havendo abusado do poder que tinha sobre os Índios, queixaram-se estes ao governador da Bahia, o qual obrigou o religioso a dar por findo o tempo de seu governo, e seu sucessor repôs tudo no antigo pé, governando por meios brandos. Segundo as ordens d'El-Rei D. Pedro II era defeso aos estrangeiros o entrar na aldeia de Reritigba sem licença do

superior do convento. No temporal eram os Índios sujeitos à autoridade dum capitão-mor de sua própria nação que os padres escolhiam entre os neófitas mais instruídos. Os meninos que mostravam aptidão para este ou aquele officio, ou para a música, eram enviados para o Rio de Janeiro, onde os jesuítas lhes faziam ensinar no convento, e voltavam ao depois ensinar aos outros o que haviam aprendido. Os bens não eram comuns entre os Índios do Brasil, como no Paraguai; cada um trabalhava para si, à exceção de quando era mister cultivar as terras do convento: nesse caso cada aldeia trabalhava um certo número de dias; o mesmo se praticava em tudo quanto era concernente à Igreja. Com tanta doçura e prudência governavam os jesuítas os Índios, que em 1750 avaliava-se o número destes nesta província a mais de quarenta mil. Tudo mudou de face com a extinção desta ordem, e os Índios, parte morreram de intemperança, e parte se acolheram às matas, e esta capitania foi governada por diversos capitães-mores subordinados aos vice-reis do Brasil, até o ano de 1809, em que foi criada província independente por D. João VI, ainda então príncipe regente.

Seu primeiro governador foi Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, seguiu-se-lhe Francisco Alberto Rubim, que entregou o governo em 1818 a Baltazar de Souza Botelho de Vasconcelos; o qual no cabo de dous anos e meio foi substituído por uma junta constitucional, e em virtude de novas leis imperiais foi esta junta substituída por um presidente da província, como o são atualmente as demais do império do Brasil. A província do Espírito Santo pode dizer-se que só é povoada na vizinhança da costa, onde se acham a cidade de Vitória, e as vilas de Almeida ou Reis Magos, de Barra Seca, Benevente, Espírito Santo, Guarapari, Itapemirim e São Mateus. No interior se veem as novas vilas de Linhares, Serra e Viana, criadas pela assembleia legislativa provincial, as quais por sua importância podem-se considerar como pequenas povoações. As altas montanhas da cordilheira dos Aimorés continuam a servir de morada aos Índios bravos, descendentes dos antigos Aimorés e Tupis, atualmente apelidados *Puris* e *Botocudos*. Espessas matas de árvores prestadias jazem ignoradas, e perdidas para o comércio, a medicina e as artes. Os rios que fertilizam esta província correm do ocidente para o

oriente, à exceção do Guandu que se dirige do sul para o norte na cordilheira, e vai lançar-se no rio Doce. Todas as embocaduras dos diferentes rios são frequentadas dos barcos costeiros, e canoas de várias dimensões sobem por eles acima até as faldas da cordilheira donde nascem. Os principais dentre eles são o Benevente ou Reritigba, o Cabapuana, o Caráipe e o rio Doce, que lhes leva grande vantagem, o Guandu, o Guarapari, Itapemirim, o Jecu ou dos Reis Magos, e o rio de Santa Maria que corre aos pés do outeiro em que está asentada a cidade de Vitória: o Camboapina é um canal de perto de duas léguas de comprimento que os jesuítas fizeram cavar pelos Índios para o Jecu comunicar com a baía do Espírito Santo, a fim de evitar atravessar por mar a distância que existe entre a embocadura deste rio e a entrada ou boca da baía. O clima desta província é em geral sadio, as terras férteis, as embocaduras dos rios profundas com portos seguros e cômodos, e contudo a agricultura tem feito poucos progressos. Em 1816D. João VI, subindo ao trono de Portugal por falecimento de sua mãe, ordenou aos

governadores das províncias de Espírito Santo e de Minas Gerais de abrir estradas na cordilheira que as separa, e de tornar navegáveis os rios que o pudessem ser, isentando do pagamento de direitos os que ali se estabelecessem por espaço de dez anos; encomendou além disto aos governadores de conceder meia légua quadrada de terra aos que se obrigassem a cultivá-la. Logo que se estabeleceu o governo imperial, vários estrangeiros fizeram ali algumas plantações de café, porém este gênero é ainda de pouca importância no comércio de exportação desta província, o qual consiste em açúcar bruto, aguardente de melaço, algodão, farinha de mandioca, arroz, milho, madeiras de construção e de tinturaria, drogas medicinais, e peixe salgado. A população da província do Espírito Santo constava em 1812 de onze mil e novecentos indivíduos livres de ambos os sexos, e de mais de doze mil escravos, o que fazia um total de vinte e quatro mil almas; em 1834 este número se havia grandemente aumentado e subia a quarenta mil indivíduos de todas as condições e cores, sem falar nos Índios que ainda não estão civilizados,

numa superfície de perto de três mil léguas quadradas de terra, os quais são sujeitos à diocese do Rio de Janeiro, à exceção dos que vivem ao norte do rio Doce que dependem do arcebispado da Bahia. Propôs-se há pouco de fazer um bispado nesta província, a qual foi dividida em três comarcas com os nomes de Itapemirim, São Mateus e Vitória, por lei da assembleia legislativa provincial, cada uma com seu juiz de direito em sua cabeça. Os colégios eleitorais de princípio não nomearam senão um deputado para a assembleia legislativa do Império, porém crescendo a população com o governo constitucional, esta assembleia aumentou-lhe a representação de mais outro na legislatura de 1838. Atualmente fornece esta província três candidatos para a nomeação de um senador, dous deputados à assembleia geral, e vinte e dous membros para a assembleia legislativa provincial, cujas sessões se fazem na cidade da Vitória. Os sobreditos membros vencem três mil réis por dia todo o tempo que duram as sessões e durante a prorrogação da assembleia.

Espírito Santo

Espírito Santo.⁵¹⁷ Antiga capital da província deste nome, fundada, em 1535, por Vasco Fernando Coutinho, que fez um forte para se defender dos Aimorés, que continuaram a atacar aquela nova povoação até 1558 em que foram derrotados por Fernando de Sá. Desde então começou esta vila a florescer; estabeleceu-se nela um comércio ativo, teve uma alfândega, e seu porto foi frequentado por navios vindos da Europa, da Ásia e da África; mas todo esse esplendor se eclipsou, não lhe ficando senão o prestígio de sua antiguidade ao qual talvez deva o ter conservado o título de vila. E contudo seus rendimentos municipais deitavam a mais que os da vila da Vitória, antes de ser cidade. A igreja paroquial da vila do Espírito Santo, dedicada a N. S. do Rosário, é a mais antiga da província, bem que não tivesse o título de paróquia senão em 1750. Há na vila, vulgarmente apelidada *Vila Velha*, ainda mais outra situada num alto por detrás dela da invocação de N. S. da Rocha, onde dizem missa, e celebram os mais ofícios divinos os

religiosos de São Francisco. Foi esta igreja fundada em 1558, por um frade espanhol por nome Pedro Palácio, que morreu nesta ermida no cabo de quinze anos com reputação de santidade. A *Vila Velha* consiste em obra de quarenta casas cobertas de palha, perto da entrada e na margem meridional da baía do Espírito Santo, entre o monte Moreno e o da Penha, e seus habitantes são pescadores. O distrito da vila do Espírito Santo é separado ao norte do da cidade de Vitória pela baía por uma parte, e pelo rio de Santa Maria por outra; ao oeste o canal Camboapina o divide da freguesia de Viana; ao sul estende-se a quatro léguas da vila e vai pegar com o de Guarapari, e a leste serve-lhe de limite o Oceano. Avalia-se a sua população em mil almas pouco mais ou menos.

Espírito Santo. Lugarejo da província do Rio de Janeiro sobre o rio Bananal, afluente do Paraíba, com uma ponte de madeira construída em 1836, e uma igreja dedicada ao Espírito Santo, que por causa da distância que se acha, goza dos privilégios de paróquia.

Espírito Santo. Freguesia da província de Sergipe, na margem esquerda do rio Real, que pertencia antigamente ao distrito de Abadia da província da Bahia, e que foi reunida à de Sergipe. Sua igreja, dedicada ao Espírito Santo, foi criada paróquia por lei da assembleia provincial de 6 de março de 1841, dotando-a igualmente duma escola de primeiras letras para meninos. Seu termo pega com a província da Bahia, servindo-lhe de limite ao sul o rio Real, e da parte do norte confina com os da freguesia de Santa Luzia e de Itabaianinha.

Espírito Santo. Baía da província do mesmo nome, cuja entrada ou boca é formada pelo monte Moreno da banda do sul e pela ponta Piraé, apelidada de Tubarão pelo almirante Roussin, e tem uma légua de largo. Duas ilhas a pequena distância ao nor-noroeste do monte Moreno ocupam parte desta baía onde vêm desaguar numerosos ribeiros. Para se ir da entrada dela ao porto da cidade da Vitória, deve-se deixar à esquerda os arrecifes Pacotes, coser-se com a ponta

⁵¹⁷ Atual cidade de Vila Velha/ES. (N/E)

que jaz ao pé do monte Moreno, tendo à direita os arrecifes da Baleia e do Cavallo quase à flor d'água, e governar em direitura para o oeste, donde se avista o palácio do governo da província. Os navios grandes devem guardar-se destes dois escolhos, e doutros muitos, que por isso que na maré vazante se não veem, são muito mais perigosos. Se se explorasse a parte norte e a do interior da baía, pode ser que se achasse uma carreira menos arriscada, que a que presentemente se segue.

Espírito Santo. Forte da República Oriental defronte da província de São Pedro do Rio Grande, em trinta e dous graus de latitude. Os Espanhóis dão-lhe o nome de Mochera.

Espírito Santo. Grande serra da província de Minas Gerais, que se estende de sul ao norte entre o rio Guaicuí ou das Velhas, e o de São Francisco até quase a confluência deles.

Espírito Santo. Rio da província do mesmo nome. (V. *Santa Maria*.)

Espírito Santo da Cruz Alta.⁵¹⁸ Nova vila da província de São Pedro do Rio Grande. Era a antiga freguesia da Cruz Alta a oeste dos campos de Vacaria, e ao norte dos nascentes do rio Jacuí. Sua igreja paroquial é dedicada ao Espírito Santo. Esta povoação foi criada vila por lei da assembleia legislativa provincial, com o nome que acima apontamos. Seu distrito é regado pelo rio Uruguai que o separa da província de Santa Catarina ao norte, ao oeste estende-se até o termo das Missões; ao sul pega com o distrito da vila de Cachoeira, e a leste fenece na serra Geral. Sua população é avaliada em quatro mil habitantes de que só duzentos são de raça indiana; todos se aplicam ao cultivo das terras.

Esposende. Freguesia da província do Pará, na Guiana brasileira, na encosta duma colina, perto da junção do ribeiro Tubaré com o rio Aramuçu, e três léguas a noroeste da povoação de Arraiolos. Sua igreja é dedicada a N. S. do Rosário, e seus habitantes Índios.

Estância.⁵¹⁹ Vila da província de Sergipe, cinco léguas ao sudoeste da cidade de São Cristóvão, e cabeça da comarca do seu nome. Foi largo tempo uma pequena povoação, que se aumentou prodigiosamente do século passado em diante, à custa da pequena vila de Santa Luzia que jaz duas léguas mais ao sul. Tinha já esta povoação duas escolas de primeiras letras uma para meninos e outra para meninas, quando por decreto de 25 de outubro de 1831 se lhe conferiu o título de vila constitucional, conservando-lhe seu antigo nome, reduzindo Santa Rita à categoria de mera freguesia, por isso que sua população ia anualmente declinando. Jaz a vila constitucional de Estância a cinco léguas do mar, na margem esquerda do pequeno rio Piauí, tributário do Real; é decorada de duas igrejas, uma da invocação de N. S. da Guadalupe, criada paróquia pelo já mencionado decreto de 25 de outubro de 1831, e outra dedicada a N. S. do Rosário, e é cabeça dum colégio eleitoral com quarenta eleitores. As sumacas sobem pelo Piauí até o porto da vila

⁵¹⁸ Atual cidade de Cruz Alta/RS. (N/E)

⁵¹⁹ Atual cidade de Estância/SE. (N/E)

Estanhado

de Estância, junto à ponte que dá serventia à estrada imperial que vai de Minas Gerais à cidade de São Cristóvão. Seu comércio consiste principalmente em algodão e tabaco que se exporta em direitura para a Bahia, donde se recebe em câmbio objetos das fábricas da Europa. O termo da freguesia desta vila é separado do de Santa Luzia ao sul pelo ribeiro Ariquitiba, e tem por limite ao norte o rio Real que divide também o seu distrito do da capital da província. Compõe-se ele das duas freguesias de N. S. da Guadalupe e de Santa Rita, confrontado com o rio Real, ao norte, com a serra Itaparua ao sul, e com o Oceano a leste. Seus habitantes, quase todos lavradores, andam por três mil. O doutor Barros Pimentel apresentou ao governo uma amostra de carvão de pedra, tirada duma mina abundante que existia perto do rio Piauí.

Estanhado. Povoação da província de Piauí, na margem direita do rio Parnaíba, abaixo do rio Poti. É um passo mui frequentado onde se pôs uma barca em virtude dum decreto

da assembleia geral de 28 de agosto de 1833.

Esteirão. Vigésima primeira cachoeira do rio Tietê na província de São Paulo, no cabo de seis léguas de boa navegação passada a cachoeira Baranhão. Acha-se duas léguas acima da de Pitunduba.

Estiva.⁵²⁰ Freguesia da província da Bahia, na terra firme, entre as ilhas Tinharé e Itaparica. Sua igreja, dedicada a São Gonçalo e ao Senhor do Bonfim, foi ereta em paróquia por decreto de 19 de julho de 1832, que assinou por limites ao seu termo, ao norte, o ribeiro São Bernardo; ao oeste, o caminho da Aldeia; ao sul, os ribeiros João Dias e Jiquiriçá; e a leste, o Oceano e o rio Jaguaripe. Há nesta freguesia uma justiça de paz e uma escola de primeiras letras para os meninos, criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Estrada Nova. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, na serra dos Tapes, dependente da freguesia de Cerro da Buena.

Estreito.⁵²¹ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, e praia arenosa entre a praia de Pernambuco e o canal chamado *Rio Grande*, por onde se escoam as águas dos rios da província que vão ter às lagoas Mirim e dos Patos. Por largo tempo desembarcavam-se nesta praia os degradados de Portugal e do Brasil, e as mulheres de má vida. Estes degradados fizeram uma povoação na parte onde as terras eram melhores, e erigiram uma igreja a N. S. da Conceição, que obteve o título de paróquia em 1765, com o nome de *Conceição do Estreito*; porém em 1820 o vigário foi residir para a povoação de São José, que se tinha tornado mais considerável, e a igreja dela, da invocação de N. S. dos Navegantes, foi nesse mesmo ano erigida em paróquia; e desde esse tempo ficou a da Conceição sendo sua filial. Acha-se esta igreja mais perto do mar que da lagoa dos Patos, a oito léguas pouco mais ou menos ao nordeste da nova vila de São José do Norte. Esta povoação e seu termo fazem parte do distrito desta vila, e constam de terras

⁵²⁰ Atual distrito de Estiva, município de Jaguaripe/BA. (N/E)

⁵²¹ Atual distrito de Estreito, município de São José do Norte/RS. (N/E)

Extrema

cobertas duma areia solta que se junta em medas com o vento, bem que de quando em quando se observem algumas malhas de verdura, onde a vegetação tem mais vigor, sobretudo nas praias que demoram mais ao norte de Pernambuco e das Torres. A povoação é avaliada em oitocentos para novecentos homens.

Estreito.⁵²² Povoação da província de Paraíba, perto da azinhaga que divide a serra de Espinharas da de Borborema, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, dependente da da freguesia de Patos.

Estrela.⁵²³ Povoação de muito comércio da província do Rio de Janeiro, com um porto no rio Inhumirim, uma légua alentada acima de sua embocadura na baía Niterói. Este porto é dos desta baía o mais frequentado, por ser o lugar onde se reúnem os almo-creves da província de Minas Gerais, que trazem cargas de diversos gêneros para o consumo da cidade do Rio de Janeiro, donde levam ferro em

barra, sal, farinha de trigo, fazendas de luxo e vinho. Num outeiro que domina esta povoação há uma igreja dedicada a N. S. da Estrela, fundada em 1650 por Simão Botelho, que era então o único possuidor duma vasta sesmaria nas margens do rio Inhumirim.

Estrela. Serra da província do Rio Grande do Norte, e da cordilheira Borborema.

Estrela. Enseada da baía de Angra dos Reis formada por uma ponta da Ilha Grande. Os maiores navios acham nesta enseada de sete até trinta e cinco braças de fundo, e estão amparadas contra os ventos do sul e do sudoeste.

Estrondo. Serra da província de Goiás, entre a povoação de Lavrinhas e o rio Araguaia. Os primeiros exploradores que penetraram neste país deram-lhe este nome porque ouviram de longe o ruído que faziam as águas nas cavernas que nela existem.

Eusébio. Lago da província do Ceará, ao nascente da antiga aldeia de Mecejana.

Eviratiba. Nome dum braço do rio Hiapura, que se perde no Amazonas.

Eviratuá. Nome duma das seis aldeias fundadas na margem do Amazonas pelo missionário Samuel Fritz no fim do século XVII. (V. *Castro de Avelães*.)

Exaltação. Missão espanhola defronte da província de Mato Grosso, na margem esquerda do rio Mamoré, quinze léguas abaixo da junção do Iruamé. Dá-se-lhe uma população de mil almas.

Expectação. Fazenda da província de São Paulo. Um dos donos dela ajuntou em outro tempo mais de mil Índios armados de arcs e flechas.

Extrema.⁵²⁴ Povoação da província de Minas Gerais, que foi assim chamada por ser o ponto mais remoto da província que foi povoado. Jaz sobre um alto na margem direita do rio de São Francisco, seis léguas ao norte da povoação da Barra do Rio das Velhas. Faz-se nesta povoação

⁵²² Atual povoado de Estreito, município de Campina Grande/PB. (N/E)

⁵²³ Porto da Estrela, atual distrito de Inhumirim, município de Magé/RJ. (N/E)

⁵²⁴ Atual cidade de Ibiá/MG. (N/E)

Extrema

um grande comércio de sal, porém seus arredores são pouco saudáveis. Uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, e aqui e ali alguns palmares fazem que esta povoação tenha um aspecto muito aprazível.

Extrema. Grande serra da província do Ceará que separa o distrito de Crato do de São João do Príncipe.

Extrema. Pequeno rio da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Serro. É um dos afluentes do rio Itacumbirucu.

Extremas. Lugarejo da província de Paraíba, na cabeceira do rio das Piranhas, no distrito de Piancó.

Extremoz.⁵²⁵ Vila pequena e de mui pouco trato da província do Rio Grande do Norte, quatro léguas pouco mais ou menos ao norte da cidade do Natal e a três do mar. Foi em princípio uma aldeia de certa tribo de Índios chamados Guajirus, nome derivado da lagoa e rio em cujas margens viviam. Uma língua de terra se adianta pela

lagoa na vizinhança desta aldeia, dela se serviram os Holandeses para fazerem uma estrada por cima dela, e transportarem o que lhes era mister para a cidade do Natal de que estavam senhores: porém, partido o príncipe Maurício de Nassau, foi esta obra de tanta utilidade posta em abandono: ainda existem as ruínas dela que ocupam uma grande extensão. Depois da restauração do Brasil, em 1654, estabeleceram-se os jesuítas nesta aldeia, que foi criada vila mais dum século depois, em maio de 1760, com o nome de Extremoz, que atualmente tem. Está assentada nas margens da lagoa Guajiru, que é formada pelo rio do mesmo nome, e da qual nasce um ribeiro ou canal que vai ter ao mar, dando em seu curso origem a diversos pântanos. A igreja paroquial da vila de Extremoz é dedicada a N. S. dos Prazeres e a São Miguel. Um decreto de 3 de outubro de 1832 criou nesta vila uma escola de primeiras letras, e, em 1840, o governo provincial a escolheu para cabeça dum colégio eleitoral. Seu distrito, que em outros tempos era vastíssimo, acha-se

atualmente circunscrito ao norte pelo rio Massaranguape, a oeste pelo distrito da vila de Porto Alegre, ao sul pelo da cidade do Natal, e a este pelo mar, e consta em grande parte de terras baixas e arenosas, onde se contam mil e setecentos habitantes cultivadores e criadores de gado cavalari.

Exu.⁵²⁶ Povoação de pouca importância da província de Pernambuco, nas extremas das províncias de Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, que adquiriu certa celebridade por ter sido escolhida por quartel pelos rebeldes em 1842.

⁵²⁵ Atual cidade de Extremoz/RN. (N/E)

⁵²⁶ Atual cidade de Exu/PE. (N/E)

F

Facão. Serra mui elevada que é uma ramificação da cordilheira dos Órgãos, e cujo cume serve de limite às províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Um sem número de aventureiros se enanhamaram nas matas espessas desta serra pelo caminho praticado, em 1660, para estabelecer a comunicação entre as províncias de Goiás e de São Paulo, em demanda das minas de ouro, que haviam sido descobertas por alguns moradores de São Paulo e de Taubaté. No princípio do século seguinte foi aquele caminho proibido, e afinal, em 1715, levantou-se esta proibição a fim de facilitar a comunicação entre a vila de Parati e as que jazem por detrás da cordilheira que corre ao longo do mar.

Facão. Serra da província de Goiás, passado o lugar onde o rio das Almas se ajunta com o Maranhão. É nela que se acha a cachoeira do mesmo nome que interrompe a navegação do rio Maranhão, a cinco léguas do passo Pirapetinga,

onde a estrada real atravessa o dito rio.

Fagundes. Ribeirão da cordilheira dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro. Rega o termo de Inhumirim, e ajunta-se com o pequeno rio Piabanha, que leva então ainda mui pouca água.

Fagundes.⁵²⁷ Povoação da província de Paraíba, entre o rio deste nome e o Manganuape, pertencente à freguesia do Livramento, no distrito da cidade.

Fajacuoca. Sítio da província do Pará, nas margens do rio Curu, no distrito e a oeste da cidade de Fortaleza, onde se acham minas abundantes de salitre.

Famosa. Grande lagoa da província de Goiás, na ilha Bananal, que separa o rio Araguaia em duas partes. (V. *Bananal*.)

Fanado ou Bom Sucesso de Araçuaí. (V. *Minas Novas*, cidade.)

Fanado. Ribeiro da província de Minas Gerais, tributário do rio Araçuaí, que rega uma das

partes da cidade de Minas Novas.

Fanha. Alta serra da província de Goiás, entre a vila de Crixá e a povoação de Lavrinhas.

Farinha. Pequena povoação da província do Rio de Janeiro, sobre a estrada de Barbacena, entre o rio Paraíba, e seu afluente o Paraibuna.

Farinha. Dá-se este nome a um território da província de Goiás, vizinho da do Maranhão, no distrito da vila de Carolina.

Farinha Podre.⁵²⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila do Desemboque. No princípio do século em que estamos algumas famílias desta província se foram estabelecer numa corda de outeiros, que jazem ao norte do pequeno rio Uberava, o qual se lança no das Velhas, e eram conhecidos com o nome de Farinha Podre, talvez por se ter ali achado uma certa quantidade de farinha de mandioca corrupta, que por esquecimento deixara algum dos sertanejos que iam em demanda

⁵²⁷ Atual cidade de Fagundes/PB. (N/E)

⁵²⁸ Atual cidade de Uberlândia/MG. (N/E)

Faro

de minas de ouro. Edificaram as sobreditas famílias uma igreja a N. S. do Carmo, que foi condecorada com o título de paróquia por decreto da assembleia geral, que lhe assinalou por termo, ao sul, uma grande porção do da freguesia de N. S. do Desterro de Desemboque, e ao norte, parte dos de Uberava e de Araxá. A povoação branca consta de trezentos habitantes cultivadores e criadores de gado; o restante consiste em Índios Caiapós e de outras tribos, que, bem que civilizados, ainda se não afizeram ao amanho das terras.

Faro.⁵²⁹ Antiga vila da Guiana brasileira, hoje simples freguesia da província do Pará, situada sobre a lagoa Jamundá, doze léguas a leste da vila de Óbidos, e sete acima da confluência do rio Jamundá com o Amazonas. Sua igreja é dedicada a São João Batista. Seus habitantes colhem grande quantidade de cacau, cultivam os víveres de seu consumo, e algodão que exportam, e fabricam com ovos de tartaruga certa espécie de manteiga que tem grande exportação nas vilas desta província.

Fartura. Ribeirão da província de Goiás, que nasce perto das nascentes do rio Urubu, e vai engrossar o rio dos Pilões perto de sua junção com o Claro, afluente do Araguaia. O Fartura tem grande corrente na estação das chuvas, e fica em seco na falta delas.

Faxina.⁵³⁰ Nome que tinha antigamente a vila de Itapeva, na província de São Paulo. (V. *Itapeva*.)

Faxinal. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Porto Alegre, perto do ribeiro Pareci.

Fazenda de Tiaia. Povoação da província de Ceará, no distrito da vila de Viçosa.

Fecho da Anta. Montanha da província de Goiás, no termo da freguesia da Anta. Acha-se nesta montanha certa espécie de árvore que dá uma goma aromática que se assemelha ao incenso.

Fecho dos Morros. Os primeiros exploradores das margens do Paraguai deram

este nome à serra estreita e elevada que se prolonga de este a oeste em direitura a outra serra que jaz na margem oposta, não havendo entre elas senão uma passagem de cinquenta braças pouco mais ou menos de largura. Está esta corda de montanhas em vinte e um graus e vinte minutos de latitude, e parece encerrar da parte do norte os vastos campos Parecis, alagados durante quatro meses cada ano por espaço de cento e vinte léguas pelas águas do Paraguai, que correndo dali em diante encanadas e com mais regularidade tomam o nome de *Baixo Paraguai*. Suas margens, particularmente à esquerda, têm grande elevação.

Feia. Grande lagoa da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos, cinco léguas pouco mais ou menos ao sul do rio Paraíba. Tem esta lagoa uma figura sobremaneira irregular, e nela deságuam o Ururá e o Macabu da parte do norte, onde ela tem quatro léguas de largo; da parte do sul, uma península com uma légua de largura entra por esta lagoa, adian-

⁵²⁹ Atual cidade de Faro/PA. (N/E)

⁵³⁰ Atual cidade de Itapeva/SP. (N/E)

tando-se irregularmente para o centro dela, e a divide em duas metades, sendo a maior delas a que fica ao oeste. Supõe-se que suas margens têm de extensão vinte e quatro léguas, tanto as da circunferência, como as da península. As violentas ressacas que nela se manifestam com o menor vento foram causa do nome que lhe puseram os Portugueses, que vieram assentar morada em suas margens. A parte da península que fica a leste comunica com o mar por um canal artificial chamado *Furado*, feito no princípio do século passado pelo morgado José de Barcelos Maldonado, o qual mandou também abrir o da *Onça*, que faz com que a lagoa de que tratamos comunica com o canal ou rio Iguaçu, que se lança no Furado a pequena distância do mar. A barra do Furado acha-se por vezes entupida com as areias que os ventos acarretam, mas as ondas e a corrente das águas acabam por desentupí-la. Estes úteis trabalhos ensejaram e restituíram à agricultura grandes empostas de terra que se acham atualmente convertidas em excelentes prados

naturais. Abundava a lagoa Feia em peixe de água doce, e também do mar que nela se introduzia pelo Furado. Presentemente é tão pouco profunda que só admite canoas. A igreja da invocação de N. S. dos Remédios, que fez as vezes de paróquia desde 1694 até 1756, foi fundada na península, e vista de longe parece estar assentada no meio da lagoa.

Feia. Lagoa da província de Minas Gerais, perto da margem esquerda do rio de São Francisco, três léguas além do confluente do rio Bambuí. É circular e pode ter cinquenta braças de diâmetro. A abundância das águas abriu um canal por onde esta lagoa se comunica com o rio. Povoam-na grande quantidade de sucuris e jacarés.

Feia. Lagoa da província de Goiás, na comarca de Palma, perto da povoação de Couros. É povoada de jacarés e de traíras, peixe voraz do gênero *scomber*. Seu triste aspecto e o das montanhas que, cercandoa em redor, fazem como uma praça de uma légua de diâmetro, lhe valeram o nome que tem. Dá esta lagoa nas-

cença a certo rio chamado Preto, que corre a leste, e vai se ajuntar ao Paracatu Grande, na comarca do Rio de São Francisco.

Feira ou Feira de Santana.⁵³¹ Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira; assim chamada por uma feira ou mercado que nela há nas quartas feiras de cada semana. Sua principal igreja é dedicada a Santana, tem mais outra da invocação de Santa Bárbara, bem como uma escola de primeiras letras criada por decreto de 16 de junho de 1832. Esta povoação, passados anos, foi também escolhida para cabeça dum colégio eleitoral.

Felis da Costa. Grande lagoa da província de Goiás, perto da serra dos Pireneus; dá-se-lhe perto de vinte léguas de circuito. As águas que dela escoam são um dos vertentes do rio Maranhão. Pretendem algumas pessoas que há nesta lagoa aljôfares.

Fêmeas. Ribeirão da província da Bahia, na comarca de Rio de São Francisco. Nasce a oeste da serra da Tabatinga, e depois de correr

⁵³¹ Atual cidade de Feira de Santana/BA. (N/E)

Fernando de Noronha

por espaço de doze para quinze léguas, vai ajuntar-se com o rio Grande, cinco léguas abaixo da confluência do Mosquito, e três acima da do rio das Ondas.

Fernando de Noronha. Ilha pertencente ao império do Brasil, setenta e cinco léguas a és-nordeste do cabo de São Roque, descoberta pelo navegante português de quem tomou o nome que tem. Está em três graus e quarenta e oito a cinquenta e dois minutos de latitude, e em trinta e quatro graus e quarenta e quatro a cinquenta minutos de longitude oeste, e pode ter três léguas de comprido e de largo. Acha-se rodeada de arrecifes, particularmente da parte do nordeste, onde a ilhota dos Ratos se acha separada dela somente por alguns parcéis. Esta ilha não falece d'água, mas a camada de terra vegetal de que se acham revestidos os rochedos de que consta é tão delgada, que poucos lugares dela são susceptíveis de amanho; cresce a isto o faltarem as chuvas às vezes muitos anos a fio. Os Holandeses apoderaram-se dela em 1628 e desemparraram-na, passado pouco tempo. Em 1738 os Portugueses construíram sete fortins para que a companhia holandesa das Índias a não

tomasse, e no cabo de três anos puseram nela algumas tropas com dous capelães. Há nesta ilha casernas para alojamento das tropas e dos degradados.

Ferrados. Nova povoação da província da Bahia. O missionário Ludovico, vindo da Europa na menoridade do Imperador D. Pedro II, depois de ter adquirido algum conhecimento da língua dos Tupis, se entranhou nas matas e catequizou os Índios, e os ajuntou no lugar apelidado *os Ferrados*, onde se estabeleceram muitas famílias índias por ele batizadas e doutrinadas, as quais se ocupam em diversos misteres.

Ferreira. Primeira povoação da província de Goiás, fundada, em 1670, por Bartolomeu Bueno da Silva, natural de São Paulo, o qual explorando esta província bem acompanhado, e levando consigo seu próprio filho de idade de doze anos, se demorou alguns anos neste lugar para apanhar o ouro que dizem se achava à superfície da terra. Passados cinquenta anos, o filho, que tinha o mesmo nome que o pai, empreendeu uma nova exploração nesta província, povoada então unicamente de Índios bravos e de feras, e

descobrimdo a terra aurifeira onde havia residido na puerícia, determinou de assentar ali morada com os que trouxera consigo para empregar-se no trabalho das minas. Esta povoação nascente apelidou-se *Ferreira*, segundo alguns, por isso que ali havia grande quantidade de rãs que, coaxando, imitavam o ruído que faz o ferreiro quando bate o ferro em cima da bigorna, e segundo outros do nome duma espécie de picanço. Como quer que seja, está esta povoação assentada na confluência do ribeiro de seu nome com o rio Vermelho, a leste da cidade de Goiás, de que parece ser um mero subúrbio. Sua igreja, dedicada a São João Batista, foi decorada com painéis, em 1761, por diligências de José Gomes.

Ferreira. Uma das ilhas da costa do distrito da vila de Parati, na província do Rio de Janeiro.

Ferreira. Pequeno rio da província de Goiás, que separa o termo da freguesia da cidade deste último nome do da freguesia de Anta, com uma ponte na estrada do Norte. Veio-lhe este nome do da povoação fundada no lugar onde ele se ajunta com o rio Vermelho.

Ferreira. Ilha da baía de Niterói, defronte do termo de São Cristóvão.

Ferro. Ilha do rio de São Francisco, seis léguas abaixo da aldeia Canindé e três léguas também abaixo do ribeiro Jacaré. Um sem número de aves ali vão depor seus ovos, quais na areia, quais nas árvores e relva.

Ferrugem. Cachoeira na cabeceira do rio Jecu, no termo da freguesia de Viana, na província do Espírito Santo.

Fidalgo.⁵³² Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito de Sabará.

Figueira. Ilha e salto do rio Doce, entre os dous confluente dos rios Saçuí. Acha-se o salto na serra Ibituruna, abaixo da ilha de seu nome, e antes do Rebojo do Capim. Convém fazer transportar por terra as fazendas e as embarcações obra de vinte e cinco braças de distância. A ilha ainda está por povoar-se.

Figueira. Ilha da província de São Paulo, ao su-sueste da ilha Cananeaia. É de forma circular.

Figueira ou Araras. Dão-se indistintamente ambos estes nomes à quarta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Madeira, a qual fica seis léguas abaixo da do Ribeirão e a quatorze do rio Guaporé. Passada esta cachoeira, o rio se inclina para o ocidente até nove graus e quarenta e cinco minutos de latitude, e dali volta subitamente para o nordeste. Subindo-se por este rio esta cachoeira é a nona. A ponta que se adianta de sua margem direita perto do seu derradeiro cotovelo é a terra mais ocidental do Brasil.

Figuras. Serra em seguimento da da Mangabeira, que serve neste ponto de limite às províncias de Goiás e da Bahia, e da qual nasce o rio Preto ou Dourado, o mais caudaloso dos afluentes do rio Grande, tributário do de São Francisco.

Figuras. Lugarejo da província da Bahia, no distrito de Jacobina. Deram-lhe princípio as minas de ouro, as quais como se esgotassem, ficou reduzido ao estado em que hoje o vemos.

Flores

Flamengos. Ilha da baía de Niterói ou de Rio de Janeiro, defronte da capela de N. S. das Neves, no termo da freguesia de São Gonçalo.

Flamengos. Nome posto a um soberbo cais da cidade do Rio de Janeiro, entre a igreja da Glória e a baía de Botafogo, guarnecido de casas de campo bem alinhadas.

Flechas. Ilha do rio Madeira, acima do confluente do das Arraias.

Flores.⁵³³ Pequena vila da província de Pernambuco, cabeça da comarca de seu nome. Era nos tempos passados uma povoação com um julgado no termo da freguesia de Quebrobó, de que foi desanexada por alvará de 15 de janeiro de 1810, que lhe conferiu o título de vila. Está assentada nas cabeceiras do rio Pajeú, perto da serra Araripe. Seu distrito contém mil e oitocentos habitantes.

Flores.⁵³⁴ Nova vila e antiga freguesia da província de Goiás, na comarca de Cavalcante, vinte léguas ao sueste da vila deste nome, perto

⁵³² Atual distrito de Fidalgo, município de Pedro Leopoldo/MG. (N/E)

⁵³³ Atual cidade de Flores/PE. (N/E)

⁵³⁴ Atual cidade de Flores de Goiás/GO. (N/E)

Flores

da margem direita do rio Paranã, em quatorze graus e vinte minutos de latitude, e quarenta e nove graus e trinta segundos de longitude. No meado do século XVIII, como a povoação de Flores se achasse a grande distância das vilas que nesse tempo havia nesta província, estabeleceu-se nela um presídio, e sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, foi elevada à categoria de paróquia; pelo tempo adiante uma confraria de pretos erigiu outra a N. S. do Rosário; enfim em 1834 a assembleia geral a dotou duma escola de primeiras letras, e mais tarde a assembleia provincial lhe conferiu o título de vila, destinando-a para cabeça dum colégio eleitoral. Consta o distrito desta nova vila do termo de sua antiga freguesia, que compreendia a aldeia de Mato Grosso e a povoação de Santa Rosa. Avalia-se o número de seus habitantes em dous mil e quatrocentos, os quais se acham derramados num vasto território por extremo fértil, bem que em algumas partes sujeito às febres intermitentes.

Flores. Povoação medíocre da província do Ceará, a cinco léguas da vila de São João do Príncipe, com uma igreja da invocação de N. S. do Carmo, que foi ao princípio filial da freguesia dos Arneiros, e depois da de Vila Próxima. Em 1839 a assembleia provincial, por lei de 16 de setembro, lhe conferiu afinal o título de paróquia, assinando-lhe por termo ao norte a fazenda de Tirici; a leste, o ribeiro do mesmo nome e a fazenda Joaninha; ao sul, o ribeiro da Roça até a fazenda da Soledade inclusivamente, e a oeste as matas; mas outra lei da mesma assembleia, de 28 de agosto de 1840 a despojou deste título, e anexou a igreja e seu termo à vila de São João do Príncipe, a quem havia pertencido.

Flores do Rio Preto. Registo da província de Minas Gerais, onde se cobram os direitos de saída dos gêneros que passam para a província do Rio de Janeiro. Acha-se este registo nas margens do rio Preto, na comarca de Paraibuna.

Folha.⁵³⁵ Povoação da província de Sergipe, cabeça dum

colégio eleitoral, com uma igreja da invocação de São Pedro; donde vem o chamarem-na também alguns *São Pedro da Folha*.

Fonte Boa.⁵³⁶ Freguesia da província do Pará, entre os rios Jutai e Juruá. É resto da antiga aldeia Traquatuá, fundada pelo padre Samuel Fritz. A maior parte dos Índios foram transferidos no século XVIII pelo padre José de Santa Teresa Ribeiro, para o lugar onde está atualmente a vila de Nogueira. Os poucos que ficaram, e os que depois se lhes agregaram alcançaram para a igreja da aldeia, dedicada a N. S. da Guadalupe, o título de paróquia com o nome que hoje tem. É esta freguesia regada de vários pequenos rios que vão desaguar no das Amazonas, e servem de abrigo no caso de tormenta aos que por ele cursam.

Formiga.⁵³⁷ Nova vila da província de Minas Gerais, na nova comarca de Rio Grande, e cabeça dum colégio eleitoral. Foi largo tempo uma simples povoação do termo da freguesia da vila de Tamanduá,

⁵³⁵ Atual cidade de Porto da Folha/SE. (N/E)

⁵³⁶ Atual cidade de Fonte Boa/AM. (N/E)

⁵³⁷ Atual cidade de Formiga/MG. (N/E)

situada na vizinhança do nascente do ribeiro da Formiga que se lança no rio Grande pela margem direita. Sua igreja, dedicada a São Vicente Ferreira, foi criada paróquia em 1822, porém não gozou das prerrogativas deste título senão por virtude dum decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinou por filiais as igrejas de Candeia e de Sete Lagoas. Enfim uma lei da assembleia provincial de 1839 a elevou à categoria de vila com o nome de *Vilanova da Formiga*, bem que em geral seja mais conhecida com o de Formiga que aqui lhe damos. Avalia-se a sua população em dous mil habitantes pela maior parte criadores de gado e lavradores.

Formiga. Aldeia da província de Goiás, trinta léguas a és-sueste da vila da Natividade, e dous ao norte da aldeia Douro. Foi povoada em 1754 por Índios Chacriabás que se acolheram às matas com armas de fogo, das quais tinham aprendido a servir-se quando os comandantes militares vieram tomar o lugar aos jesuítas que os doutrinavam. Povoava-se e despo-

voa-se cada ano esta aldeia, vindo os Índios regularmente residir algum tempo naquelas ruínas.

Formiga. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito e serra de Piancó, que é regado pelos nascentes do rio Piranhas.

Formigas.⁵³⁸ Vila, posto que pequena, agradável e mercantil da província de Minas Gerais, na comarca de Jequitinhonha, oitenta léguas ao nor-nordeste da cidade de Ouro Preto, e vinte a oés-noroeste da cidade de Minas Novas, outrora vila de Fanado. Teve origem em 1698 pelo mesmo teor que a povoação de Itucambira. Os primeiros que para ali vieram residir edificaram uma capela a São José que foi largos anos filial da freguesia de Itucambira, porém como os arredores de Formigas fossem mais amenos que os da paróquia, foi-se aquela povoação aumentando progressivamente no decurso do século passado, e tornou-se essencialmente mercantil, quando se abriram várias estradas para facilitar as comunicações

entre a cidade da Bahia e as vilas de Fanado e de São Romão, então simples freguesias: até que uma lei da assembleia geral, de 13 de outubro de 1831, lhe conferiu o título de vila com o nome de Formigas de Montes Claros, assinalando-lhe por distrito os termos das freguesias de Barradas Velhas, Contendas, Formigas e Morrinhos, e contudo só no ano seguinte obteve a sua igreja o título de paróquia, por decreto de 14 de julho, com a invocação de N. S. da Conceição, dando-lhe por filiais as de Bonfim e de Macaúba. A vila de Formigas consta de mais de duzentas casas telhadas, as mais delas térreas, e tem uma praça assaz espaçosa e oblonga, no topo da qual se vê a igreja paroquial situada um pouco obliquamente. Os habitantes desta vila dão-se em geral ao comércio de gado, couros, peletaria, que vendem na cidade da Bahia, e salitre que levam para a cidade de Ouro Preto, e às vezes para a do Rio de Janeiro. Por lei provincial, de 15 de março de 1840, acha-se o distrito desta vila aumentado com a povoação do Coração de Jesus,

⁵³⁸ Atual cidade de Montes Claros/MG. (N/E)

Formigueira

que andava anexa ao de São Romão.

Formigueira. Segunda cachoeira que se encontra descendo pelo rio Pardo, na província de Mato Grosso: sobem por ela as canoas com meia carga e puxadas à sirga. Fica esta cachoeira a duas léguas abaixo da das Pedras de Amolar, à qual se sucedem mais nove, em menos de sete léguas que se podem descer em doze horas, e em que a subir se gastam quinze dias.

Formosa.⁵³⁹ Aldeia da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco, sobre o rio Preto, afluente do rio Grande, doze léguas acima da freguesia de Santa Rita do Rio Preto. Sua igreja é dedicada a N. S. do Bonfim.

Formosa ou Aretipicaba. Baía da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor. A costa tomando subitamente para o sul e cavando-se, para continuar ao depois como ao princípio, para o norte, deixa uma abra de obra de duas léguas, e forma esta baía que tem de

profundidade cousa de uma légua. Os navios estão dentro dela abrigados contra os ventos do sul, e nas vazantes das marés acham quatro braças d'água num fundo semeado de bancos de coral. A ponta de terra da entrada desta baía que mais se adianta é a da banda do sul, e jaz em seis graus e vinte e três minutos e doze segundos de latitude, e em trinta e sete graus e vinte minutos e vinte e sete segundos de longitude oeste. Nesta espécie de promontório assentou Cristóvão Jacques o padrão com as armas de Portugal, prosseguindo em 1503 as suas explorações para a banda do sul, e outro tanto fez na Bahia, em Cananea e em Maldonado.

Formosa. Lagoa da província de Goiás, na serra Itiquira, perto da dos Perineus. Dá origem a um dos principais nascentes do rio Maranhão que rega esta província. Tem esta lagoa quatro léguas de comprimento com tão somente meia de largo.

Formosa.⁵⁴⁰ Nova vila e antiga povoação da província de

Pernambuco, cabeça da comarca de Rio Formoso. Está assentada na margem esquerda do rio Serenhém, perto do mar e a quinze léguas pouco mais ou menos da cidade do Recife. Sua igreja, edificada no cume dum outeiro, se avista de longe e acha-se em oito graus e trinta e nove minutos e quarenta segundos de latitude, e em trinta e sete graus e vinte e quatro minutos e trinta e sete segundos de longitude oeste. Em 1840, além do juiz de direito, residia nesta vila um prefeito. Os habitantes de seu distrito são quase todos lavradores.

Formoso. Rio da província de Pernambuco, o qual desembocando no mar, ao sudoeste das ilhotas de Santo Aleixo, faz uma calheta entre o forte Tamandaré, e o rio Serenhém. Na vazante da maré apenas as canoas podem cursar por ele.

Forquém.⁵⁴¹ Freguesia da província de Minas Gerais, cinco léguas a leste da cidade de Ouro Preto, sobre o ribeirão do Carmo já en-

⁵³⁹ Atual povoado de Formosa, município de Macururé/BA. (N/E)

⁵⁴⁰ Atual cidade de Sirinhaém/PE. (N/E)

⁵⁴¹ Atual distrito de Furquim, município de Mariana/MG. (N/E)

grossado com as águas do Catete e do Seminário. Sua igreja, dedicada ao Bom Jesus do Monte, teve por filiais as das povoações de Gualacho do Norte, Lixa, Ponte Nova e Ubá. Perto desta freguesia o Carmo corre num leito de rocha do feitio duma escada, obra de meia légua antes de juntar-se com o rio Gualacho. O termo da freguesia de Forquém encerra seiscentos habitantes entre cultivadores e mineiros, sendo os primeiros os mais abastados.

Forquilha.⁵⁴² Nome duma das primeiras povoações da província de Mato Grosso, assentada na margem oriental do rio Cuiabá, quinze léguas pouco mais ou menos acima de seu confluente com o Porrudos ou de São Lourenço. As minas de ouro que foram descobertas em 1719, por Pascoal Moreira Cabral, foram ocasião de virem ali assentar morada infinitos aventureiros, que trataram logo de edificar uma igreja que dedicaram a N. S. da Penha de França. O bispo do Rio de Janeiro pôs nela um padre com jurisdição sobre todos os dos novos descobrimentos desta parte do Brasil. Como se

descobrissem novas minas mais ricas no lugar onde jaz atualmente a cidade de Cuiabá, achou-se desamparada esta povoação, que serve presentemente de porto àquela cidade, bem que dela diste cousa de uma légua. Foi nos arredores da povoação de Forquilha que, com a introdução das plantações e cultivo das canas-de-açúcar, e com os espirituosos que delas se tiram, o brigadeiro Antônio de Almeida conseguiu tornar o país mais sadio do que o era no tempo de Moreira Cabral.

Forquilha. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Sete Missões. Jaz entre os rios Toropi e Jaguarí, e sobre a margem direita do Ibicuí, no ponto em que este rio não pode ser navegado por grandes barcos.

Forquilha. Povoação da província de Curitiba, nos campos que têm o mesmo nome, a qual se tornou célebre pela vitória que os Paulistas e Curitibaanos, comandados pelo coronel Melo Bravo, alcançaram na batalha que deram aos rebeldes do Rio Grande, em janeiro de 1840, e pela de

12 do mês seguinte, em que o coronel Antônio de Melo e Albuquerque os derrotou completamente, tendo durado a ação desde as sete horas da manhã até às quatro da tarde.

Forquilha. Pequeno porto de mar da província de São Pedro do Rio Grande, no rio Mampituba, três léguas acima de sua embocadura. As sumacas sobem pelo rio até este porto, que pertence ao distrito da vila da Patrulha.

Forquilha. Lagoa do continente da província de Santa Catarina; assim chamada por causa de dous ribeiros que nela deságuam fazendo uma espécie de forquilha. Tem esta lagoa cousa de meia légua de comprimento e quase outro tanto de largura, e comunica com o mar por meio do ribeiro Garopaba, assim que alguns lhe dão este nome, o que se deve evitar, aliás poderá confundir com a lagoa Garopaba, que jaz ao sul do rio Tubarão.

Fortaleza.⁵⁴³ Cidade capital da província do Ceará, que deve a sua origem a uma fortaleza dedicada a N. S. do Rosário, edificada num sítio

⁵⁴² Atual cidade de Cuiabá/MT. (N/E)

⁵⁴³ Atual cidade de Fortaleza/CE. (N/E)

Fortaleza

árido, no fundo dum abra que jaz ao oeste da ponta de Mocaripe. Martim Soares Moreno, colono recomendável e oficial de distinção, governou largos anos esta fortaleza, e nela se defendeu dos Tapuias, e em 1624 obrigou os Holandeses a retirarem-se. Agregaram-se às abas da fortaleza muitos Índios e Portugueses, e edificaram uma igreja a São José para lhes servir de paróquia. Achava-se esta povoação debaixo da proteção e governo do comandante do forte, quando em 1654 foram os Holandeses expulsos do Brasil, e tomou nesta ocasião o título de vila, com o nome de *Forte da Assunção*, e assim se conservou muito tempo, até que em 1808 se nomeou para a vila da Fortaleza um juiz de fora, com jurisdição sobre as vilas de Aquirás, Arronches, Mecejana e Soure. Por um alvará de 24 de junho de 1810, o ouvidor do Ceará, que residia na vila de Aracati, recebeu ordem de se ajuntar com o governador da Fortaleza, e a vila por este ato passou a ser a capital do Ceará: circunstância que fez que fosse honrada com o título de cidade por carta imperial de 17 de março de 1823, que lhe pôs o nome de *Fortaleza da Nova Bragança*, bem que seja geralmente conhecida

somente pelo de Fortaleza. Está esta cidade situada em três graus e quarenta e dois minutos de latitude, e quarenta graus e cinquenta e quatro minutos de longitude oeste. Divide-se em velha e nova: a primeira, que é a mais antiga, acha-se na embocadura do rio Ceará, que deságua na calheta formada pelo promontório Mocaripe; a segunda está encostada no vertente oeste do mesmo promontório. Em ambas elas as ruas são mal-alinhadas, e as casas térreas. O palácio do governador não se desenhava contra as casas dos particulares, e contudo há nesta cidade de há muito uma cadeia de latim e uma escola de primeiras letras, um hospital, duas igrejas: a paroquial da invocação de São José e a de São Francisco de Paula, e de fresco uma alfândega. Um decreto da assembleia geral de 25 de junho de 1831 instituiu nesta cidade cadeiras de retórica, geometria, filosofia e francês. Em 1836 concluiu-se a fábrica dum casa de correção. Na Fortaleza há uma prisão militar, uma capela da Assunção de N. S., e em 1839 abriu-se uma subscrição para fundar um hospital da Misericórdia. Jaz esta cidade cento e sessenta léguas a leste da de São Luiz do Maranhão, e cento e dez a

nor-nordeste da de Oeiras. Nela residem o governo provincial e a assembleia legislativa provincial composta de vinte e oito deputados, o presidente do governo, o comandante militar e o Bispo, e é cabeça da comarca de seu nome, a qual compreende o seu distrito municipal e os de Aquirás, Arronches e Soure. A população da cidade se limita a três mil habitantes, mas em toda a comarca contam-se mais de dezesseis mil, entrando nesta conta os escravos que passam de dous mil. A baía em cuja margem está assentada a cidade de Fortaleza está exposta a todos os ventos, desde o do noroeste até o do este, mas na estação em que cursam os do sul, os navios de alto bordo encontram nela uma boa ancoragem, e um fundo de tufo coberto de vasa arenosa com seis até dez braças d'água, distância de três milhas da terra. Os barcos costeiros entram no porto da cidade por duas aberturas da rocha que a domina, distantes uma da outra obra de duzentas braças, onde acham na enchente da maré braça e meia até duas braças d'água. Consiste o principal comércio deste porto e cidade em algodão, coirama, e excelentes tâmaras, que são conduzidos para Pernambuco e

para o Maranhão. Várias estradas partem desta cidade, sendo a mais frequentada a que se dirige para o nascente, passando pelas vilas de Aquirás e de Aracati, e sucessivamente pelas cidades do Natal, da Paraíba e de Pernambuco. Uma segunda estrada que se dirige para o poente passa pelas vilas de Soure e de Granja no Ceará, vai ter a Parnaíba, na província de Piauí, e fenece na cidade de São Luiz do Maranhão; a terceira se encaminha para o sul, passa por Montemor o Novo, ganha a margem esquerda do Jaguaribe, sobe ao longo deste rio até a vila de Icó, e vai ter ao rio de São Francisco, no ponto onde se encontra a estrada que conduz à capital da província de Pernambuco. Todas estas estradas se acham em mau estado, e com o inconveniente que em alguns pontos dela se experimenta a falta d'água potável no tempo de seca. O distrito da cidade Fortaleza foi mui vasto noutros tempos, porém depois que foram criadas as assembleias legislativas provinciais coarctaram-no fortemente, para formar os distritos das vilas novamente criadas. Cerca-o pelo norte o Oceano; a leste, confronta com os distritos de Aquirás e de Aracati; ao sul, com os das

novas vilas de Botarité e de Vila da Imperatriz; a oeste, com o da vila de Soure, que se acha de certo modo encravado no da capital da província. Sua população consta de dez mil almas.

Fortaleza. Lugarejo da província de Maranhão, na comarca de Caxias. Sua população consta unicamente dum certo número de famílias. Em 1839 foram os rebeldes derrotados neste lugar em 11 de dezembro, pelas tropas imperiais comandadas pelo capitão Ernesto Emiliano Madeira.

Forte de Coimbra. Forte da província de Mato Grosso. (V. *Nova Coimbra.*)

Frade. Monte elevadíssimo da grande cordilheira dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro, entre a cidade de Angra dos Reis e a vila de Parati, na freguesia de Mambucaba. Como o seu cume se assemelhasse, visto de longe, com o capelo dum frade, deram-lhe os primeiros exploradores este último nome: dele nascem vários ribeiros tributários do Mambucaba.

Frade. Nome duma serra que separa a província do Rio Grande do Norte da do

Franca

Ceará, e que serve também de limite dos distritos de Porto Alegre e de Vilanova do Príncipe, pertencentes à primeira destas duas províncias, e do de Icó, que pertence à segunda. Em sua encosta ocidental se acha uma povoação com o mesmo nome, do distrito de Icó e do termo da freguesia do Riacho do Sangue.

Frade. Ribeirão da província da Bahia, cinco léguas ao sul da vila de Porto Seguro, assim apelidado por se ter nele salvado dum naufrágio um Franciscano. Rega este ribeiro um país ameno, e por ele acima sobem distância de muitas léguas as canoas.

Frades (Ilha dos). Ilha da baía de Todos os Santos, uma légua ao norte de Itaparica. É montuosa, e tem pouco mais ou menos uma légua de comprimento.

Fragoso. Freguesia da Guiana brasileira oriental. Está assentada na margem direita do rio Jari, doze léguas ao sudoeste da vila de Mazagão, e a sete do rio das Amazonas. Sua igreja é dedicada a Santo Antônio.

Franca. Nova comarca da província de São Paulo, criada com a designação de *sétima*

Franca

comarca da província, por lei provincial de 14 de março de 1839, de que é cabeça a nova vila de Franca. Compreende esta comarca os distritos de Franca, de Mujimirim e de São Carlos, que ficam ao norte da província, e foram desanexados da terceira comarca, vulgarmente chamada de *Jundiáí*.

Franca ou Vila Franca do Imperador.⁵⁴⁴ Nova vila da província de São Paulo, assentada na margem direita do rio Muji, e cabeça da sétima comarca desta província. Já no século XVIII a povoação de Franca estava num estado florescente; sua igreja, da invocação de N. S. da Conceição, era paróquia, e seus moradores fabricavam panos de lã e de algodão, e chapéus de feltro de lã. Em 1836 a assembleia legislativa provincial conferiu a esta povoação o título de vila, aumentando-lhe o distrito com parte do de Mujimirim; assim que ele se estende do sul ao norte, entre o rio Jaguari e o Grande, perto do lugar onde se aparta da província de Minas Gerais. Contam-se nele cinco mil habitantes culti-

vadores e criadores de gado. Em 1838 foi esta vila o teatro da rebelião fomentada por Anselmo Ferrreira de Barcelos, e, em 1839, tendo-se formado a sétima comarca, foi escolhida para residência do juiz do direito.

Francesa. Ilha da província do Rio de Janeiro, ao sudoeste e perto do Cabo Frio, com um porto seguro e cômodo. Nos primeiros tempos do descobrimento do Brasil, estabeleceram-se os Franceses nesta ilha, onde se achavam abrigados contra os temporais, enquanto traficavam com os Índios e carregavam os navios de pau-brasil.

Frechal. Lago da província do Pará, entre o rio Madeira, em que deságua, e o Tapajós; entre a vila de Borba, e o canal chamado Furo dos Tupinambaranas ou rio Canomá.

Freguesia Velha. Povoação da província da Bahia, no distrito de Vilanova da Rainha, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Freicheiras. Povoação da província de Piauí, célebre por se terem nela fortificado os rebeldes em 1839, donde foram desalojados com perda em 15 de julho de 1840.

Freitas. Lagoa da província do Rio de Janeiro, duas léguas ao sul da capital, em cuja margem está assentado um jardim botânico onde se cultivam à custa do governo plantas exóticas que se dão de graça aos cultivadores e curiosos que desejam propagá-las no Brasil. Abunda esta lagoa em peixe, e acha-se separada do mar por um banco de areia amontoada pelas ondas. É mister às vezes fazer-lhe sanjas para aliviar a lagoa, quando as águas são demasiadas.

Frio. Cabo na província do Rio de Janeiro. (V. *Cabo Frio*.)

Fundão. Nome duma ilha que se acha à entrada da baía de Niterói, a qual tem mui pouca altura. (V. *Rasa*, ilha.)

Fundão. Mina de ouro riquíssima, descoberta em 1770 ao sul da cidade de Goiás, e atualmente esgotada.

⁵⁴⁴ Atual cidade de Franca/SP. (N/E)

Funil. Cachoeira do rio Iguaçu, quatro léguas antes de sua junção com o Paraná. Deu-se-lhe este nome porque faz como um funil, onde as águas correm cada vez mais comprimidas pelos rochedos, que se vão estreitando progressivamente, até que tendo-os passado se despenham e caem perpendicularmente sobre rochas obra de trinta e três braças mais adiante.

Funil Grande. Quadragésima quarta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Tietê abaixo. Acha-se uma légua abaixo da do Funil Pequeno, e quase em igual distância acima da de Guaicurituba-Açu. Aliviam-se as canoas de metade da carga que se transporta por terra para poder-se vingar esta cachoeira.

Funis. Passo através de rochas que se encontra no rio de Contas, na província da Bahia. Depois de se ter engrossado com as águas do caudaloso ribeiro Grugungi, corre este rio por cima de arrecifes que seria mister destruir com minas para facilitar a navegação.

Furado. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito da nova vila de Piancó, no termo de sua freguesia e nas margens do rio Piancó.

Furado. Canal do distrito de Campos, que faz que a lagoa Feia se comunica com o mar, qualificado pelos naturais com o nome de rio. Foi aberto no princípio do século XVIII, por José de Barcelos Machado, ao sul duma das partes quase separada da lagoa por muitas léguas até o mar. Recebe este canal outros muitos que comunicam com várias lagoas do distrito, e vai verter o supérfluo de suas águas no Oceano, ao sudoeste do cabo de São Tomé. Curram por todo ele as canoas, bem como pelos outros que nele fenecem, e pela lagoa, donde podem subir pelo Ururaí e pelo Macabu até ao pé da cordilheira dos Aimorés. Dá-se também o nome de *Furado* à península, que entra pela lagoa Feia, bem como à igreja que se acha no meio dela.

Furna. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Contas, assim chamada por causa duma caverna que se acha na vizinhança. Sua igreja, da invocação de São Bernardo, é filial da da freguesia da vila.

Furnas. Ribeirão da província de Minas Gerais: corre de nordeste para o sul num vasto território onde pode ser navegado por canoas, porém,

Furo do Japim

antes de atravessar a estrada do sul, oferece uma soberba queda de obra de vinte braças de alto, e a pouca distância da dita estrada se ajunta com o rio das Velhas.

Furnas. Oitava cachoeira do rio Coxim, na província de Mato Grosso. As canoas devem subi-la e descê-la descarregadas. Acha-se esta cachoeira meia légua abaixo da das Três Pedras, e duas estiradas antes da dos Três Irmãos.

Furnes. Povoação da Guiana brasileira, na margem esquerda do rio Negro, abaixo do forte de São Gabriel. Seus habitantes são Índios da nação Barés.

Furo. Braço oriental do rio Araguaia, formado pela ilha Bananal ou de Santana, no norte da província de Goiás. Seu comprimento, que é de perto de sessenta léguas, achase semeado de ilhotas e de arrecifes que não empecem a navegação. Neste braço deságua o Chavante pela margem direita.

Furo do Japim. Iguara, ou canal natural, na província do Pará, na margem esquerda do Tocantins, o qual comunica com o braço do rio das Amazonas, chamado Tagipuru,

Furo dos Tupinambaranas

defronte da margem meridional da ilha Marajó.

Furo dos Tupinambaranas.

Iguara, ou canal natural, na província do Pará. (V. *Canomá* e *Maué*.)

G

Gabarra ou **Porto da Gabarra**.⁵⁴⁵ Povoação da província do Maranhão, na margem direita do rio Itapicuru, entre a vila de Caxias e a de Itapicuru-Mirim.

Gado Bravo. Serra da província da Bahia, na comarca do Rio de Contas, que dizem ser aurífera. Os moradores dela lavram e cultivam as margens de vários ribeiros que dela baixam.

Gaíba. Serra da província de Mato Grosso, a pouca distância da margem direita do Paraguai e da lagoa Gaíba. Chamam-na também da *Pedra de Amolar*, por haverem nela muitas deste préstimo.

Gaíba. Lagoa da província de Mato Grosso, entre a lagoa Oberava da parte do norte, e a de Mandioré da parte do sul; as quais comunicam umas com outras por canais naturais. Despeja-se a Gaíba por outro canal do mesmo gênero no Paraguai, onde entra pela margem direita entre as serras

Dourada e Insua. Quando o Paraguai se engrossa e sai de seu leito, suas águas juntas com as destas três lagoas inundam as terras adjacentes, e fazem como um mar mediterrâneo em cujas bordas vivem os Índios Guatós, que são dóceis e de boa índole.

Gaiola. Lugarejo da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Monim, no distrito da vila de Manga, célebre pela vitória que as tropas imperiais alcançaram na batalha que deram aos rebeldes comandados por Raimundo Gomes.

Galé. Ilhota de rocha situada defronte do continente da província de Santa Catarina, quatro léguas ao norte da baía e ilha deste nome, em vinte e sete graus e dez minutos de latitude. Um ribeiro que vem desembocar no mar faz nesta ilha uma abra, que serve de abrigo às embarcações de pouco porte.

Galeão. Ilha da baía Niterói ou do Rio de Janeiro, ao noroeste da ponta da Armação.

Galera. Pequeno rio da província de Mato Grosso, o qual, nascendo nos campos Parecis, uma légua ao norte do nascente do Sararé, corre paralelamente com ele ao princípio, e depois se aparta, e vai regar a povoação de São Vicente Ferreira, ajuntando-se, passadas duas léguas, com o rio Guaporé pela margem direita, dezoito pouco mais ou menos abaixo da cidade de Mato Grosso.

Galheira.⁵⁴⁶ Registo da comarca do Serro, colocado entre o de Gouveia e o das Três Barras, e como eles destinado a vigiar sobre o contrabando de ouro e diamante na província de Minas Gerais.

Galveias. Registo da província da Bahia, colocado na cabeceira do rio de São Mateus, para vigiar naquele ponto sobre o contrabando de diamante que se poderia fazer pelas raias da província de Minas Gerais, e também para reprimir os Índios bravos da cordilheira dos Aimorés.

Gamelas. Nome duma tribo de Índios que viviam nos

⁵⁴⁵ Atual distrito de Porto das Gabarras, município de Anajatuba/MA. (N/E)

⁵⁴⁶ Atual localidade de Galheiros, município de Diamantina/MG. (N/E)

Gamelas

sertões das províncias do norte do Brasil. (V. *Gameleiros*, Índios.)

Gamelas. Serra e povoação da província de Paraíba, no distrito de Vilanova de Souza. Ambas derivam o nome que tem do duma tribo de Índios que viviam nesta serra, quando pela primeira vez nela se estabeleceram os exploradores portugueses.

Gamelas. Lugarejo do distrito de Brejo de Areia, na província de Paraíba, frequentado pelos Índios deste nome, quando os Portugueses o fundaram.

Gameleira. Lugarejo da província da Bahia, nas margens do ribeirão Jacuípe. Algumas minas de ouro que junto deste ribeirão se descobriram deram origem a este lugar, edificando os aventureiros que nelas trabalhavam uma igreja, que dedicaram a N. S. da Graça. Acha-se hoje quase despoado.

Gameleiros ou **Gamelas.** Índios da grande nação dos Tupinambás, que devem este apelido ao costume que

tinham de fazerem um buraco no meio do beijo inferior, e de alargá-lo quanto podiam tapando-o com uma rodela de cuia.

Gambu. Ribeiro que nasce da serra Piba Pequena, na província do Rio de Janeiro, vai fertilizar com suas águas parte da freguesia de São Gonçalo, e se ajunta afinal com o ribeiro Aldeia.

Gancho. Ponta da terra firme da província de Santa Catarina, que separa da baía deste nome a das Tijucas, assim chamada em razão da semelhança que tem com um gancho. Jaz esta ponta em vinte e sete graus e dezesseis minutos de latitude.

Ganchos (Ilha dos). Ilha da província do Rio de Janeiro, defronte da costa do distrito de Parati.

Ganhamoroba. Ribeiro da província de Sergipe, e um dos últimos afluentes do rio Cotindiba. Tratou-se em 1843 de estabelecer uma alfândega um pouco além do lugar, onde este ribeiro se ajunta com o rio.

Garambéu.⁵⁴⁷ Povoação da província de Minas Gerais, nas margens de rio Grande, perto duma ponte que dá serventia à estrada que vai de Serranos à cidade de São João del Rei, com uma igreja da invocação de Santana, filial da da freguesia de Ibitipoca, de que jaz distante quatro léguas.

Garanhuns. Nova comarca da província de Pernambuco, criada por lei da assembleia provincial de 5 de maio de 1840, compreendendo do distrito da vila de seu nome, e os de Simbres.

Garanhuns.⁵⁴⁸ Vila da província de Pernambuco, cabeça da nova comarca de seu nome. Jaz na serra Garanhuns, setenta léguas pouco mais ou menos ao sudoeste da cidade do Recife. Foi nos tempos passados o presídio de Santo Antônio, do distrito da vila de Flores, e teve o título de vila por alvarás de 15 de janeiro de 1810 e de 5 de dezembro de 1815. O ouvidor que provisoriamente residia na vila de Flores foi assistir na de Garanhuns, e como passados anos a assembleia legislativa provincial

⁵⁴⁷ Atual cidade de Santana do Garambéu/MG. (N/E)

⁵⁴⁸ Atual cidade de Garanhuns/PE. (N/E)

aumentasse o número das comarcas da província, tomou uma delas o nome desta vila, onde reside um juiz de direito, e cuja igreja paroquial é dedicada a Santo Antônio. O principal comércio dos habitantes da vila de Garanhuns consiste na exportação dos gêneros que cultivam, sendo o principal o algodão, e na do gado vacum e cavalariça a cuja criação se aplicam.

Garanhuns. Serra da cordilheira Borborema, nas províncias das Alagoas e de Pernambuco, donde nascem diversos rios que ajuntando-se fazem uma das nascentes do rio Una, onde se encontra grande quantidade de benjoeiros.

Garatuni. Rio da província do Rio Grande do Norte. (V. *Tareiri*.)

Garcia. Ponta da terra firme, ao sul da ilha de Itaparica, que forma a entrada ou boca da baía de Todos os Santos, apelidada Barra Falsa. Dista da ponta Caixa Prega da dita ilha obra de meia légua.

Garcia. Ribeiro do continente da província de Santa Cata-

rina, entre a baía deste nome e a vila das Lages. Na distância que vai duma à outra, que é de quarenta léguas em linha reta, deve-se abrir uma estrada em lugar da que até o presente se seguia, e estabelecer duas colônias, uma das quais deve ser colocada nas margens deste ribeiro.

Garcia. Décima terceira cachoeira do rio Tietê, uma légua abaixo da dos Pilões, e légua e meia acima da de Matias Peres. Passam-na as canoas com carga.

Garopaba.⁵⁴⁹ Povoação do continente da província de Santa Catarina, na comarca do sul, assentada numa enseada da costa a pequena distância do rio de que tomou o nome, seis léguas ao sudoeste da ponta meridional da ilha de Santa Catarina. Foi em sua origem uma armação de pescaria de baleia fundada em 1795. Sua igreja, da invocação de São Joaquim, depende da da freguesia do Rosário.

Garopaba. Lagoa situada no sul da província de Santa Catarina, entre a lagoa de Santa Marta, na qual deságua

Garoupas

por um canal natural, susceptível de navegação, e a lagoa Jaguaruna, cujas águas recolhe por via doutro canal ou desaguadouro que também dá navegação a canoas. Estas diversas lagoas que abundam em mui bom pescado são vulgarmente conhecidas com o nome de *Lagoas de Camacho*.

Garoto. Lago da província do Ceará, cujas águas, saindo fora do álveo, alagaram as terras adjacentes, e causaram grandes prejuízos em 1842. O presidente da província, no discurso que fez na abertura das sessões da assembleia provincial de 12 de outubro do mesmo ano, pediu que se lhe concedesse a quantia necessária para fazer os trabalhos que eram misteres, para conter as águas, e evitar a repetição de semelhantes aluviões.

Garoupas.⁵⁵⁰ Antiga povoação da província de Santa Catarina. (V. *Porto Belo*, vila.)

Garoupas. Linda enseada da província de Santa Catarina, na terra firme, seis léguas ao nor-nordeste da ponta Rapa, na extremidade setentrional da

⁵⁴⁹ Atual cidade de Garopaba/SC. (N/E)

⁵⁵⁰ Atual cidade de Porto Belo/SC. (N/E)

Garulho

ilha que deu nome à província. A vila de Porto Belo está assentada no fundo desta enseada, que é formada pela ponta das Garoupas da banda do sul, e pela de Itapeba da parte do norte, e na qual deságuam os rios Bupeba e os dous Pirequês, todos de pouco cabedal. Uma esquadra poderia achar-se dentro dela amparada contra os ventos do sudoeste e do oeste, que são os mais temíveis na costa do Brasil, e acharia duas até dez braças de fundo, não muito longe desta baía, e da parte do poente, existe uma lagoa do mesmo nome, e um ribeiro que admite canoas.

Garulho. Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Santo Amaro, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto de 14 de junho de 1830.

Gaspar Soares.⁵⁵¹ Freguesia da província de Minas Gerais, na serra de que tomou o nome, dezoito léguas ao sudoeste da Vila do Príncipe, e trinta ao norte da cidade de Ouro Preto. Era no princípio uma simples povoação, cuja igreja, dedicada a N. S. do

Pilar, foi elevada à categoria de paróquia por decisão régia de 13 de abril de 1818, ficando em seu termo as povoações de Itambé, Joaninha, Rosário e Santo Antônio de Baixo, cada qual com sua capela. Por lei de 15 de março de 1840, foi esta freguesia e seu termo anexados ao distrito da Conceição, criada pela mesma lei vila. A serra de Gaspar Soares, em que está assentada a igreja paroquial, encerrava algumas minas de ouro, que se acham atualmente de todo em todo esgotadas, mas em recompensa ficaram-lhe abundantes minas de ferro: por cujo motivo o intendente dos diamantes, Manoel Ferreira da Câmara Bitancourt e Sá, determinou de assentar, em 1812, uma fundição por conta do governo, na qual havia uma fornalha do molde das da Alemanha, que podia fundir de cada vez trinta quintais de mineral de ferro; porém infelizmente havia frequentemente falta d'água. Motivo por que o mesmo intendente, no cabo de seis anos, mandou alevantar mais três fornalhas um pouco mais abaixo da primeira e de feição catalã, e como se experimentasse a mesma falta d'água, assentou

de novo outras num sítio que, ficando numa baixa, podia-se conduzir para ele as águas do Picão, o que foi posto em execução, abrindo-se um canal de sete pés de largo e do comprimento de meia légua. Ocupa esta fundição obra de cem pessoas. Os metalurgistas Spix e Martius afirmam que na serra de Gaspar Soares existem minas de platina.

Gato (Ilha do). Ilha situada diante da entrada da baía de Niterói. (V. *Rasa*, vila.)

Gávea. Grupo de montanhas à borda do mar, três léguas ao sudoeste da cidade do Rio de Janeiro, em vinte e dous graus e cinquenta e nove minutos de latitude, e quarenta e cinco graus, quarenta e dous minutos e cinquenta e oito segundos de longitude oeste. Orientam-se por ele os marítimos para reconhecerem a entrada da baía do Rio de Janeiro, quando ainda estão ao largo. Uma destas montanhas se eleva por cima das outras, e é algum tanto parecida com uma fortaleza; pretendem alguns que esta serra, vista ao sueste da baía do Rio de Janeiro, representa um ho-

⁵⁵¹ Atual cidade de Morro do Pilar/MG. (N/E)

mem recostado, sendo a mais alta a cabeça, as mais baixas as diversas partes do corpo e o Pão de Açúcar os pés. Na raiz desta serra se acha a abra, e barra do rio Tejuco.

Gavião. Serra da província do Ceará, que separa o distrito da cidade de Januária do da vila de Granja.

Gavião. Ribeiro da província da Bahia, que rega o distrito da Vila do Príncipe, recolhe o ribeiro Santo Antônio, perto da povoação de Santo Antônio da Barra, e se ajunta com o rio de Contas pela margem direita.

Gairu. Serra da província da Bahia, a alguma distância da margem direita do rio Paraguaçu.

Gé. Nome de várias tribos da grande nação dos Tupinambás, distintas entre si com os apelidos de Au-Gé, Canacatá-Gé, Cran-Gé, Paico-Gé e Pontuca-Gé. Viviam estes Índios nas extremas das províncias de Goiás e do Maranhão, falavam o idioma dos Gameleiros ou Timbiras, e tinham os mesmos usos e costumes.

General ou Serra do General. Na província de Goiás. (V. *Couras*, serra.)

Genipabu. Rio que, nascendo da serra Borborema do lado da província do Ceará, corre para este, e vai desembocar no mar, depois de haver atravessado a província do Rio Grande do Norte, onde é vulgarmente conhecido com o nome de *Ceará-Mirim*.

Gerais do Salobre. Povoação da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de São Francisco. Seu termo topa no rio Catinhenha ao norte; ao sul, no ribeiro chamado da Missão; e ao oeste, em serras inabitadas que o separam da província de Goiás. Sua igreja foi declarada filial da de Morrinhos, que jaz doutra banda do rio, por decreto de 14 de julho de 1832.

Geribatiba. Povoação de pouca importância da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Campos, assentada à borda do canal Furado, ao noroeste do Olho d'Água, no termo da freguesia de Capivari.

Geru.⁵⁶² Antiga aldeia da província da Bahia, na comarca

Ginepabu

hoje província de Sergipe, fundada pelos jesuítas que lhe puseram o nome de Geru, num chão distante légua e meia do rio Real. No fim do século passado foi esta aldeia elevada à categoria de vila, e sua igreja, da invocação de N. S. do Bom Socorro, à de paróquia, por ordem régia, segundo a qual devia a câmara ser composta de brancos e de Índios em número igual. Porém como apesar destas providências nenhum progresso houvesse ali feito a indústria, a assembleia legislativa provincial tirou-lhe o nome de vila, e anexou-a ao distrito da nova vila de Itabaianinha; assim que de presente é indiferentemente chamada *Geru* ou *Tomar do Geru*. Goza esta povoação de ótimos ares e águas, e seus habitantes, que andam por quinhentos, pela maior parte Índios, não conhecem outra indústria, a não ser a do cultivo dos gêneros ordinários do país, e de algodão que levam a vender à Bahia ou a Pernambuco.

Ginepabu ou Gunepabu. Rio da Guiana brasileira, atualmente conhecido por todos com o nome de Pará. (V. este nome.)

⁵⁶² Atual cidade de Tomar do Geru/SE. (N/E)

Gipóia

Gipóia. Grande ilha, na baía de Angra dos Reis, a oeste da nova cidade deste nome, outrora vila da Ilha Grande. Tem duas léguas de comprimento de sueste a noroeste, e várias fábricas de açúcar e de anil, cuja planta dá-se ali espontaneamente.

Giticapananá. Rio da província do Pará. Corre por terras pouco conhecidas, e lança-se no rio das Amazonas, pela margem direita, cinco léguas abaixo do confluente do rio Tefé.

Glória.⁵⁵³ Lindo bairro da cidade do Rio de Janeiro, num outeiro da margem ocidental da baía de Niterói. É um anfiteatro regular, povoado de casas entremeadas com hortas, aos pés do qual se quebram mansamente as ondas, e que de longe oferece um gracioso aspecto. No cimo do outeiro vê-se com admiração a elegante igreja que dá mor realce a tão risonho quadro, e o terrado que a cerca em roda, todo de lajedo com um parapeito, donde se descortina à direita a entrada da baía, entre dous penedos graníticos de mais de cem braças de altura,

e ao redor a vasta cordilheira dos Órgãos, que forma uma barreira circular em torno duma das mais formosas baías que há no mundo. A igreja da Glória foi, em princípio, uma simples ermida em que se recolheu em 1671 Antônio de Caminha. A imagem de N. S., a cujo serviço ele se havia dedicado, se tornou célebre pelos milagres que fazia, assim que todos os sábados era imenso o concurso de povo que ali havia. Morto o ermitão, o doutor Cláudio Gurgel de Amaral, que era dono daquele sítio, fez doação, por escritura pública de 20 de junho de 1699, da ermida e terras à confraria que já se achava nela estabelecida, pondo-lhe por condição que ela faria edificar à sua custa a igreja que hoje vemos, a qual foi acabada em 1714. Além da missa que se dizia regularmente todos os sábados, solenizava-se com toda a pompa em 15 de agosto a festa de N. S. Ora como, passados anos, a família real viesse no de 1808 residir no Brasil, e assistisse àquela solenidade, a afluência do povo foi em aumento até a partida do Imperador D. Pedro I. De

então por diante a confraria de N. S. da Glória com o dinheiro destinado aos fogos de vistas, que se tornavam cada ano mais dispendiosos, instituiu uma escola de primeiras letras para os meninos das famílias pobres do bairro. É para desejar que à imitação desta confraria se determinem as demais a propagar no Brasil tão úteis e liberais instituições. (V. *Catete, Rio de Janeiro* [província do].)

Glória.⁵⁵⁴ Freguesia da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco. No meado do século XVIII, algum ouro que foi achado num sítio desconhecido das margens do ribeiro das Éguas, afluente do rio Correntes, foi ocasião para ali concorrerem vários aventureiros, os quais edificaram uma igreja em honra e louvor de N. S. da Glória. Esta igreja foi afinal criada paróquia correndo o ano de 1809, e já neste tempo contavam-se em seu termo dous mil habitantes, os quais atualmente se entregam de preferência à criação de gado cavalariço e vacum, e ao cultivo e amanho das terras, bem que ainda

⁵⁵³ Atual bairro da Glória, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁵⁵⁴ Atual cidade de Glória/BA. (N/E)

alguns deles tratem da extração do ouro.

Goarinos.⁵⁵⁵ Povoação da província de Goiás. (V. *Guarinos*, aldeia.)

Goiana. Nova comarca da província de Pernambuco, criada por lei provincial de 1840, assaz extensa bem que formada unicamente do distrito da cidade de Goiana e do da vila de Conceição de Itamaracá.

Goiana.⁵⁵⁶ Antiga vila e nova cidade da província de Pernambuco, cabeça da comarca de seu nome, assentada numa planície regada pelos rios Tracunhaém, Capibaribe-Mirim e mais alguns, os quais ajuntando-se além da cidade tomam o nome de rio Goiana. Quando os Holandeses se apoderaram desta vila, já a sua população era considerável. Antônio Filipe Camarão a recobrou e defendeu em 1636, e vendo-se obrigado a abandoná-la, se retirou em boa ordem com a guarnição e habitantes, através de matas intransitáveis, às províncias de Alagoas e Bahia, onde chegou depois de ter visto

morrer de fome e de cansaço grande parte dos que o acompanhavam. Havendo os Holandeses evacuado o Brasil em 1654, estabeleceram-se alguns engenhos ao longo do Goiana, os quais com o correr do tempo se converteram em outras tantas povoações, que dependiam da antiga capitania de Itamaracá, que havia outra vez entrado nos domínios da Coroa, no decurso do ano de 1763. A povoação de Goiana foi reputada vila desde o ano de 1785, época em que o juiz e a câmara de Itamaracá para ela se transferiram, posto que se vissem obrigados a ir todos os anos, como em romaria, à antiga vila no dia de N. S. da Conceição. (V. *Conceição de Itamaracá*.) Por ordem régia de 20 de novembro de 1709, foram outra vez estas autoridades instaladas na vila de Itamaracá, o que não obstante a vila de Goiana continuou a medrar em comércio e população em razão da vantagem do sítio; assim que, passados anos, veio a ser reintegrada nas prerrogativas de que gozava e a ser reconhecida por cabeça da antiga capitania de Itamaracá. Porém, em 1713, Manoel de

Goiana

Souza Tavares e o ouvidor João Guedes Alcatarado a privaram de novo desta regalia, indo residir em Itamaracá. Feliciano Pinto de Vasconcelos, que lhe sucedeu no cargo, deu em todos os anos algumas audiências na vila de Goiana, e em 1719 o governador de Pernambuco aprovou este estado provisório de cousas, o qual durou até o ano de 1742, em que El-Rei D. João V estabeleceu definitivamente a residência do ouvidor na vila de Goiana. Um alvará do 1º de agosto de 1808 substituiu o ouvidor por um juiz de fora dependente do ouvidor de Pernambuco, e em 1815 o distrito e a vila de Goiana foram anexados à comarca de Olinda, criada por alvará de 30 de maio do mesmo ano. Tendo a assembleia geral legislativa dividido a província de Pernambuco em nove comarcas, foi a vila de Goiana escolhida para cabeça da de seu nome, e uma lei provincial de 1840 lhe conferiu afinal as honras de cidade. Esta nova cidade é grande, mercantil, provida de pontes de madeira nos rios que por ela passam, de várias fontes e de

⁵⁵⁵ Atual cidade de Guarinos/GO. (N/E)

⁵⁵⁶ Atual cidade de Goiana/PE. (N/E)

Goiana

bastantes igrejas, como são a matriz, dedicada a N. S. do Rosário, as do Senhor dos Mártires, da Senhora do Patrocínio, do Rosário, da Soledade com um recolhimento, a do convento do Carmo e a da Misericórdia. Há nela uma fábrica de curtume, armazéns onde se depositam as mercadorias, e todas as quintas-feiras uma feira de gado. Seu principal comércio consiste em algodão, açúcar, aguardente de cana, couros curtidos e por curtir, madeiras de marcenaria, carpintaria e tinturaria, e óleo de mamona, gêneros que se levam para o porto do Recife. O porto de Goiana fica a três léguas do mar, e tem bastante fundo para os navios costeiros de grande porte; seu distrito é um dos mais férteis da província de Pernambuco, e abrange, além da freguesia da cidade, as das povoações de Tejucopaba e de Itambé, confinando, ao norte, com a província de Paraíba; ao oeste, com a do Ceará; ao sul, com o distrito de Iguaraçu, e fenecendo a leste no Oceano. Avalia-se a sua população em trinta mil habitantes, cinco mil proprietários, comerciantes e artífices residentes na cidade, e o restante cultivadores.

Goiana. Rio da província de Pernambuco, formado pela reunião dos ribeiros Tracunhaém e Capibaribe-Mirim, às abas da cidade de Goiana, donde corre de rumo leste obra de quatro léguas, e vai lançar-se no Oceano, três léguas ao norte da ilha de Itamaracá, entre a ponta das Pedras e a dos Coqueiros, em sete graus e trinta e dois minutos de latitude, e trinta e sete graus e oito minutos de longitude oeste. Seu leito é largo e profundo, e as sumacas sobem por ele até perto da cidade.

Goianinha.⁵⁵⁷ Vila da província do Rio Grande do Norte, sete léguas ao sul da cidade do Natal, perto da lagoa Groaíras. Era uma mera povoação do distrito da vila de Arês, que se engrossou rapidamente no decurso do século passado e princípio do presente, por se achar situada na estrada que jaz entre a província do Ceará e a cidade do Recife. Um decreto de 7 de agosto de 1832 conferiu afinal a esta povoação o título de vila, suprimindo ao mesmo tempo o de que gozava Arês, e ordenando a translação de seus arquivos para a nova vila

de Goianinha, e outro decreto de 3 de outubro seguinte lhe concedeu uma escola de primeiras letras. A igreja paroquial desta vila é dedicada a N. S. dos Prazeres. Goianinha é atualmente cabeça do distrito de Arês, confrontando, ao norte, com o de Mipibu; a oeste, com o de Vilanova do Príncipe; ao sul, com o de Vila Flor, e fenecendo a leste no Oceano. Sua população é avaliada em mil e quinhentos habitantes entre cultivadores e homens de negócio. No tempo da ocupação holandesa, o príncipe Maurício de Nassau intentou abrir um canal do comprimento de meia légua duma das extremidades da lagoa Groaíras ao mar. Se este projeto se viesse a pôr em efeito, é fora de dúvida que a povoação das margens desta lagoa e das de várias outras que entre si se comunicam daria um novo impulso e muito maior desenvolvimento ao comércio.

Goiás. Nação índia numerosa que ocupava o sertão da província do mesmo nome, e que sempre viveu em boa harmonia com os Portugueses desde que ali penetraram.

⁵⁵⁷ Atual cidade de Goianinha/RN. (N/E)

Eram os Índios do Brasil que tinham a tez mais clara, de gênio brando, pacíficos e engenhosos. Passam por serem o tronco de que descendem os demais Índios amigos da paz, que viviam debaixo do governo de chefes independentes. Subsistem mui poucos, e talvez nenhum.

Goiás. Grande província do sertão do Brasil, entre oito e vinte graus de latitude e cinquenta e quatro e quarenta e oito de longitude oeste, confinando ao norte com as províncias do Pará, Maranhão e Piauí; a leste, com as de Piauí, Bahia e Minas Gerais; ao sul num só ponto com a província de São Paulo; e ao oeste, com a de Mato Grosso, na direção do sul ao norte. Depois do descobrimento dos diversos rios por onde se podia ir para as vilas de Cuiabá e de Vila Bela, partiu de Guaporé o Paulista Manoel Correia, em companhia dos seus, e encaminhando-se para o levante, atravessou o rio Araguaia, entranhou-se nas matas de Goiás em 1647, e foi ter às margens do ribeiro Arais, povoadas de Índios da tribo deste nome. Se nos remetemos ao que ele diz em seu roteiro, foi deste ribeiro que ele tirou dez oitavas de ouro, servindo-se dum prato de estanho para o desem-

baraçar da terra; orientando-se no cabo de sua exploração pelos rios que corriam para o sul, voltou para São Paulo, trazendo consigo grande número de Índios que lhe levavam a bagagem no decurso de sua expedição. Quase nesse mesmo tempo outros aventureiros se dirigiam para a banda do norte, e alguns para a do oriente. Os primeiros foram ter à província do Pará, e os segundos às da Bahia e Pernambuco; alguns houve que, não se atrevendo a expor-se por mais tempo aos perigos de toda a sorte que haviam há tanto afrontado, voltaram por mar para suas terras. Um dos mais intrépidos dentre os aventureiros do seu tempo, Bartolomeu Bueno da Silva, correndo o ano de 1682, partiu da vila de São Paulo com um filho de idade de doze anos, e uma numerosa companhia, desejoso de enriquecer-se, e seguindo as pisadas de Manoel Correia internou-se nas matas e deitou até o rio Vermelho. Como observasse que as Índias do gentio Goiás traziam ao pescoço algumas folhetas de ouro, obrigou os maridos a dizer-lhe donde tiravam aquele metal; e fez-se obedecer deles, pondo fogo em um pouco de aguardente que havia deitado num prato, ameaçando-os de pôr por aquele

modo fogo em todos os rios, se se não sujeitassem em tudo às suas ordens. Admirados os Índios daquele fenômeno fizeram quanto Bartolomeu Bueno da Silva lhes ordenou, apelidando-o dali em diante o *Anhanguera*, termo que na língua deles equivalia ao de diabo ou feiticeiro. Tendo Bueno ajuntado ele e os seus quanto ouro pôde, voltou para São Paulo com um grande número de Índios de que se havia apoderado por força no momento da partida. Bartolomeu Bueno da Silva, filho do precedente, foi encarregado pelo governador de São Paulo, Rodrigo César de Menezes Sabugosa, de ir, em companhia de João Leite da Silva Ortiz, em demanda de minas de ouro e de esmeraldas. Organizaram eles uma companhia de cem homens bem armados, e partiram de São Paulo em 1722. Bueno entendia seguir o itinerário de seu pai, porém depois de haver descoberto os rios dos Pilões, Corumbá, das Almas, da Perdição e Rico sem atinar com os sítios onde em sua pueria residira, o cansaço, os acometimentos dos Índios Caiapós, as contendas que tinha com seu colega, e as que diariamente se levantavam entre os cabos e seus subordinados, os quais

Goiás

os desamparavam, e morriam em terras desconhecidas, todas estas causas reunidas o obrigaram a deferir aos rogos dos poucos que lhe guardavam fidelidade, e a voltar com eles em direitura para São Paulo, onde chegou envergonhado de não trazer mais que trinta oitavas de ouro no cabo duma expedição que havia durado três anos. Porém cobrando alentos com as exortações do mesmo governador abalançou-se a uma nova exploração nos fins do ano de 1725, e depois de muitos meses de marcha, rompendo por meio de espessas matas, e atalhado frequentemente por torrentes e precipícios, chegou a uma terra onde encontrou índios certos de haverem ali estado Europeus. Dous Índios de grande idade que lhe trouxeram os seus, o reconheceram pelo filho do velho *Anhanguera*, e o conduziram ao sítio onde ele havia residido em companhia de seu pai quarenta anos atrás. Estabeleceu-se Bueno com sua gente nas vizinhanças do ribeiro aurífero, que desaguardava no rio Vermelho, e colheu bastante ouro. Porém como os Índios se temessem de serem tratados pelo filho, como o tinham sido pelo pai, e reduzidos à condição de escravos, reuniram-se, e inves-

tiram com os novos vizinhos por diversas vezes, porém sem grande sucesso. Bueno filho, mais cordato que seu pai, tratou de aliar-se sinceramente com os daquela nação; houve algumas uniões dos seus com as famílias índias, e aquele feliz aventureiro, depois de haver dado princípio às povoações de Ferreira, Santana, Barra e Ouro Fino, as mais antigas da província, voltou para São Paulo e apresentou ao governador oito mil oitavas de ouro, fruto de suas laboriosas explorações e buscas. Durante sua ausência Rodrigo César de Menezes havia sido rendido por Antônio da Silva Caldeira Pimentel, que ficou sobremaneira contente por se terem feito aqueles descobrimentos no tempo de seu governo, e em virtude duma ordem régia de 14 de março de 1731, conferiu a Bartolomeu Bueno da Silva a patente de capitão-mor, encarregando-o do governo das terras por ele descobertas, concedendo-lhe faculdade para distribuir por porções as terras auríferas, e autorizando-o arrecadar o quinto determinado pela lei. Acudiram de toda a parte infinitos aventureiros, e fundaram as povoações de Meia Ponte, Santa Cruz, Crixá e outras onde as minas eram rendosas; porém a carestia extraordi-

nária dos objetos de primeira necessidade fez com que, em vez de se enriquecerem, se viam obrigados a viver miseravelmente, sem ter com que se cobrirem, e por conseguinte a se entregarem aos vícios e à paixão do jogo, e por fim ao roubo, e aos mais horríveis atos de barbaridade contra os próprios compatriotas e contra a infeliz nação Goiás, de que extinguiram grande parte. Reberentaram frequentes sedições e alevantamentos, e não obstante haver uma ordem régia de 11 de fevereiro de 1736 erigido o país de Goiás em comarca dependente do governador de São Paulo; não obstante haverem tanto o primeiro ouvidor geral Agostinho Pacheco Teles, como o segundo Gregório Dias da Silva, empunhado a vara da justiça, não obstante ter ido em pessoa à povoação de Santana o governador D. Antônio Luiz de Távora, e elevá-la à categoria de vila com o nome de Vila Boa, para perpetuar a memória de seu fundador, e dos Índios que o tinham acolhido, estas diversas providências, longe de diminuir, aumentaram ainda mais a inimizade entre as diversas facções, por isso que os roubadores e matadores não recebiam o merecido castigo. Enfim, em 1739, o go-

vernador D. Luiz de Mascarenhas determinou de pôr termo àqueles excessos, e indo em pessoa à comarca, instalou na vila o senado da câmara, mandou armar uma força, como um monumento da pronta justiça que intentava fazer nos malfeitores, e ordenou a construção da cadeia e duma igreja em alvenaria, em lugar da que tinha sido feita por Bueno. Receosos do merecido castigo, a maior parte dos indivíduos que se achavam culpados se retiraram para o norte da província, e fundaram algumas povoações nas margens do rio Maranhão até então desertas. Nos três anos que D. Luiz de Mascarenhas gastou em visitar a província, fundou este ativo governador as povoações de Cavalcante, da Conceição e Natividade na parte do norte, e na do sul as aldeias de Lanhosa, Rio das Pedras e Santana, nas quais pôs os Índios Bororós civilizados, os quais deviam opor-se aos insultos dos Caiapós, que assassinavam os passageiros na estrada de São Paulo, e devastavam os estabelecimentos e habitações que se achavam longe do povoado. Estabeleceu em Vila Boa e em São Felis fundições de ouro nas quais se cobrava o quinto. Passados anos, um alvará de 8

de novembro de 1744 desanexou esta comarca da província de São Paulo, criando-a província independente. Dous anos depois uma bula pontificia de 6 de dezembro estabeleceu no Brasil duas prelações, uma na província de Mato Grosso, e outra na de Goiás. Em 1749 tinham-se achado alguns diamantes posto que mui pequenos no rio Claro, e no dos Pilões; proibiu-se imediatamente toda a extração de ouro naquele distrito, e Gomes Freire de Andrade, que estava naquele tempo encarregado da administração das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Goiás, foi em pessoa a esta última, e instalou nela os contratadores Joaquim Caldeira Brant, e seu irmão Filisberto, que se tinham obrigado a estabelecer um serviço de duzentos negros, para a busca dos diamantes na terra regada pelos dous rios acima mencionados. Vedada que foi toda a extração de ouro, viram-se os habitantes obrigados a desemparearem o país. No fim deste mesmo ano D. Marcos de Noronha, que foi ao depois conde dos Arcos, entrou em Vila Boa, com o título de primeiro governador general da província de Goiás, e tomou posse do governo em 8 de novembro. Demarcou o

novo governador a província, assinando-lhe por limites ao nascente o rio dos Arrepêndidos; ao sul, o rio Grande e o Paraná; ao poente o rio das Mortes e o Araguaia, nas raia da província de Mato Grosso; a confrontação do norte ficou por determinar por se achar infestada por cabildas de Índios bravos. Fez este governador aliança com os Índios Acroás e Chacriabás, os quais foram postos nas aldeias Duro e Formiga. No tempo de seu governo se descobriram as minas de Cocal, que renderam em um ano cento e cinquenta arrobas de ouro. D. Álvaro Xavier Botelho, conde de São Miguel, foi o segundo governador de Goiás, em 1755. No tempo do seu governo se acharam as minas de ouro de Tesouras. Sucedeu-lhe, em 1759, João Manoel de Melo, que governou despoticamente a província por tempo de dez anos, despotismo desculpável por ser necessário para refrear os assassinatos frequentes e para fazer com que as leis fossem respeitadas. Dispendeu este governador trinta mil cruzados para criar uma justiça em São Felis, uma tesouraria provincial em Vila Boa, um regimento de cavalaria, e dez companhias de milícia em toda a província, e para

Goiás

fazer uma cadeia segura. Fez uma guerra cruel aos Índios Chavantes na ilha do Bananal, onde fez passar a espada quantos se rendiam, e faleceu em abril de 1770. O senado da câmara de Vila Boa ajuntando-se com as pessoas de mais consideração da vila procedeu à nomeação duma comissão de três membros para governar interinamente a província; mas o vice-rei do Rio de Janeiro, entendendo que aquela nomeação era contrária às leis então em vigor, enviou o brigadeiro Antônio Furtado de Mendonça, a quem a comissão entregou o governo em 17 de agosto do mesmo ano. Nos dous anos que durou este ínterim, descobriram-se as minas do Fundão, e do Jaraguá. José de Almeida de Vasconcelos Sobral e Carvalho veio por nomeação régia tomar posse do governo em 26 de julho de 1772, e pôs termo às violências e vexações que praticavam os recebedores dos direitos, instituiu guardas urbanos ou ordenanças, ocupou-se da navegação do Tocantins que teve a satisfação de ver efetuar-se até o Pará em 1773; porém teve a imprudência de empenhar-se numa guerra ruinosa contra os Chavantes nas margens do Araguaia, e no distrito do Pilar; bem que

afinal conseguiu reduzir à obediência as tribos Javaés e Carajás, as quais foram postas na ilha do Bananal ou de Santana, fundou a aldeia de Mossâmedes para os Acroás; mandou fazer uma nova ponte sobre o rio Vermelho em Vila Boa, cujas ruas principais fez calçar, e igualmente uma fonte para o serviço dos habitantes. Durante o seu governo acharam-se as minas de Bonfim, que estavam perdidas, as quais foram de novo trabalhadas sem embargo de se acharem sitas no distrito onde ainda estava em vigor o contrato dos diamantes. Entregou este governador o governo nas mãos duma regência de três membros, em conformidade duma disposição geral aplicável a todas as províncias do Brasil do alvará de 12 de dezembro de 1770 a qual devia fazer as vezes do governador, no caso de morte ou ausência dele. Era esta regência formada do ouvidor geral, do militar de maior patente, e do primeiro membro do senado da câmara da capital da província. Entregou a regência o governo da província a Luiz da Cunha de Menezes, em 17 de outubro de 1778. O agrado com que este novo governador recebeu os Índios Caiapós, e o bom tratamento que lhes fez foram causa de se

assujeitarem, e de virem residir na aldeia Maria que para eles fundou em 1780. Criou companhias de artilharia de pretos nas povoações de Crixá, Pilar e Traíras, e também em Vila Boa, reformou a administração da província, edificou o açougue, fez de novo três pontes que haviam sido levadas pela cheia em 1782, e desenhou o passeio público, que foi ao depois suprimido com o vão pretexto de absorverem as raízes das árvores as águas do chafariz que ficava a pequena distância; fez um novo regulamento para a milícia, e conquistou o amor de todos a quem tratava como a filhos. Sucedeu-lhe no governo em junho de 1783 Tristão da Cunha Menezes, seu irmão. Em seu governo foram os Índios Caiapós transferidos, como se foram prisioneiros, para diferentes aldeias com o pressuposto de fazer com que se esquecessem de seu país natal. Fundou a aldeia de Carreton para nela pôr três mil Chavantes, os quais a desepararam, e se foram para as matas, onde recobraram a brutal independência por que suspiravam. Fez navegar pelo rio dos Tocantins até a cidade de Belém, obra de quinhentas e trinta léguas, e por esta via mandou para o Pará tropas em 1789: transferiu, em 1796,

para Cavalcante a fundição de ouro de São Felis, e três anos depois estabeleceu correios em todas as estradas da província e fundou os registos de Ouro Preto e do Ribeirão das Éguas. Pouco tempo antes de Tristão da Cunha governar a província, foi eleito primeiro prelado de Goiás, em 1782, D. Vicente do Espírito Santo, o qual faleceu antes de tomar posse desta prelazia que havia trinta e cinco anos que fora criada. D. José Nicolau de Azevedo Coutinho Gentil, prelado de Cuiabá, juntou à prelazia de Cuiabá a de Goiás, e em nenhuma delas residiu. D. João Manoel de Menezes, que sucedeu a Tristão da Cunha no governo, partiu de Belém e subindo pelo rio dos Tocantins, e sucessivamente pelos rios Araguaia, das Tesouras e do Peixe até a povoação de Santa Rita, a dezesseis léguas de Vila Boa, foi àquela capital tomar posse do governo em 25 de fevereiro de 1800. Por diligência deste novo governador se organizaram várias sociedades com o intuito de beneficiar o país, sociedades que se desfizeram logo que foram formadas, em prejuízo dos pobres pelas intrigas dos ricos. Foi em seu governo que o distrito Diamantino dos Rios Claro e dos Pilões viu cessar a proibição da mine-

ração e extração de ouro, com condição porém que os diamantes que se achassem seriam depositados nos cofres do Estado, recebendo o portador certa indenização, e para esse fim estabeleceu-se um registo nas margens do rio dos Tocantins, entre os confluente dos rios Itacaiúna e Araguaia. Em 1802, foi nomeado prelado de Goiás D. Vicente Alexandre de Tovar, o qual partiu de Lisboa cinco anos depois, e morreu no ano de 1808, na vila de Paracatu, estando de jornada para sua prelazia. D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, atualmente marquês, foi tomar posse do governo da província acompanhado dum alcaide por assim o exigirem os levantamentos que nela haviam, e chegou a Vila Boa em 26 de fevereiro de 1804. Restabelecido em todos os pontos o público sossego, desvelou-se o governador em diminuir as despesas da administração e aumentar os rendimentos; para conseguir este resultado mandou fazer duas remessas dos gêneros do país, as quais descendo pelo Araguaia e Tocantins chegaram ao Pará, dando por aquele modo um novo impulso ao comércio: mandou abrir uma estrada nova para São Paulo, que devia

atravessar os rios dos Anicuns e dos Bois; malogrou-se porém esta tentativa, mas não de todo, pois dela resultou o novo descobrimento das minas dos Anicuns, que haviam sido achadas pelos primeiros sertanistas. Do recenseamento que este governador mandou fazer em 1808, constava a população da província nesse ano de trinta e quatro mil e novecentos e treze habitantes entre livres e escravos; ulteriormente foi a província de Goiás dividida em duas comarcas, pelo governador, em virtude dum decreto do príncipe regente de 18 de março de 1809, e determinados os seus limites. No fim deste ano veio tomar posse daquele governo o brigadeiro Fernando Delgado Freire de Castilho, o qual fez alguns melhoramentos na administração dos correios, estabelecendo a comunicação entre o Rio de Janeiro e o Pará por via de Goiás, e dando mais atividade a este serviço entre Arrependidos, Cavalcante e Porto Real, presentemente Porto Imperial sobre o rio Araguaia; suprimiu em cumprimento duma ordem régia os direitos de entrada sobre os gêneros do Pará com o fim de promover a navegação do Araguaia, cujas margens povoou com novos colonos por espaço de

Goiás

duzentas léguas, e fundou o Porto do Rio Grande, e a nova vila de São João das Duas Barras, a que pôs o nome *Santa Maria*; criou ainda mais uma nas margens do Tocantins, perto do confluente do rio de Manoel Alves, e foi o promotor duma sociedade mercantil entre as províncias de Goiás e Pará. Sucedeu-lhe no governo Manoel Inácio de Sampaio, em 1820, o qual no ano seguinte teve de entregá-lo a uma junta administrativa, a qual foi substituída logo depois por outra junta intitulada provisória, cujos membros foram escolhidos pelo príncipe regente D. Pedro. Administrou esta junta a província desde 10 de abril de 1822 até 14 de setembro de 1824. Dali em diante o governo da província de Goiás, como o das demais províncias do Império, foi confiado a um presidente com seu secretário, assistidos dum conselho provincial, e foram sucessivamente chamados a este cargo Caetano Lopes da Gama, Miguel Lino de Moraes, José Rodrigues Jardim e diferentes outros, e no cabo deles D. José de Assis Mascarenhas, e Francisco Teixeira dos Santos.

Depois da morte de D. Vicente, ocorrida em 1808, ficou vacante a prelazia de Goiás, até que foi erigida em bispado.

Estende-se esta província obra de trezentas léguas, entre o rio Manoel Alves Setentrional, na fronteira da província do Maranhão, e o rio Grande da parte do sul, nas adjacências da de São Paulo, e duzentas das cordilheiras que a separam ao nascente das províncias da Bahia e de Minas Gerais, até as que, juntamente com o rio Araguaia, a dividem ao ocidente da de Mato Grosso. Este vasto território, ao princípio, foi uma simples comarca da província de São Paulo. Em 1748, El-Rei de Portugal lhe conferiu o título de província. Um alvará de 18 de março de 1809 a dividiu em duas comarcas, uma apelidada Goiás, e outra mais ao norte chamada São João das Duas Barras. Em 1833, uma lei da assembleia geral a repartiu em quatro comarcas, a saber: Cavalcante, Goiás, Palma e Santa Cruz; mas a requerimento do povo de cada uma das vilas a assembleia legislativa provincial, criada em virtude da lei das reformas da constituição de 9 de agosto de 1834, desmembrou por diversas vezes estas quatro comarcas, assim que atualmente consta esta província de oito, que são: Arraias, Carolina, Cavalcante, Flores, Goiás, Palma, Porto Imperial e Santa Cruz. Um juiz de

direito tem a seu cargo a administração da justiça em cada uma destas comarcas. Em 1842 contavam-se nesta província dezessete vilas, a saber: Arraias, Bonfim, Carolina, Catalão, Cavalcante, Flores, Goiás, Jaguará, Meia Ponte, Natividade, Pilar, Porto Imperial, Santa Cruz, Santa Luzia, São João da Palma, Tocantins e Traíras. Além das igrejas das freguesias destas diferentes vilas havia nove outras nas povoações mais ou menos consideráveis. O clima é geralmente sadio em quase toda a província, à exceção de alguns campos sujeitos ao inconveniente das cheias e das águas estanques que delas resultam, as quais originam sezões, e doenças cutâneas semelhantes à lepra. A estação do calor e das trovoadas cai no intervalo entre o mês de novembro e o de abril, no restante do ano o tempo se reparte entre dias de chuva e de sol, que é o que no país se chama inverno. A face do terreno desta província é coberta de montes entremeados de vastas campinas, menos povoadas que os lugares altos. A serra dos Pireneus, ramo da cordilheira que jaz no centro da província, é o ponto mais elevado de seu vasto território. As ciências naturais e a agricultura suspiram por que saia à luz a flora

que M. Auguste de Saint-Hilaire fez em 1817, em suas peregrinações por esta serra, que oferece diversidade de plantas segundo os diversos graus de elevação, e donde nascem vários rios que fertilizam as subjacentes terras. O Tocantins e o Araguaia recebem o tributo dum sem número doutros mais ou menos caudalosos, que se dirigem para o norte, e as águas deles reunidas se vão confundir com as do oceano Paraeno: os rios Corumbá, das Velhas e Paranaíba recebem os de menos cabedal que caminham para o sul, os quais, depois de o haverem engrossado com suas águas, se unem ao Paraná, e este repartindo-se em vários braços se ajunta com o Uruguai, e forma o rio da Prata, que desemboca no oceano Atlântico austral. Parece verossímil que por via destes rios não seria difícil organizar-se um sistema de canalização que redundaria em proveito desta província do Império, estabelecendo no sertão dela a comunicação do Tocantins com o rio da Prata. Há muito que existem nesta província quatro estradas que podiam ser melhores: a estrada do norte, que vai da cidade de Goiás à vila de São João da Barra, e dali ao Pará; a do sul,

a qual passa pela vila de Meia Ponte, donde dobrando sobre a direita se encaminha para a província de São Paulo; a de leste, que vai também da cidade de Goiás a Meia Ponte, e continuando a correr para o nascente, passa pela povoação de Arrepellidos, e se reparte na província de Minas Gerais em duas, uma que vai à Bahia; e outra que se dirige para o Rio de Janeiro; enfim a estrada de oeste, que começando, como as precedentes, na cidade de Goiás, vai ter a Porto do Rio Grande, onde atravessa o Araguaia, e se encaminha para as cidades de Cuiabá e de Mato Grosso. As terras chãs da província de Goiás, mal povoadas, são pouco produtivas por serem arentas, não assim as altas, e aquelas que se acham povoadas de árvores, as quais são férteis, e quando são bem amanhadas, dão em abundância milho, mandioca, arroz e feijões, e nelas medram igualmente os algodoeiros, as canas-de-açúcar, os cafeeiros, o tabaco, as melancias, bananeiras e laranjeiras. As videiras dão uvas duas vezes por ano; as diversas espécies de cereais foram em outro tempo cultivadas, e para cada uma delas acha-se torrão próprio. Nasceram ali espontaneamente a baunilha, salsaparrilha, rui-barbo e sene, e a família das

Goiás

palmeiras é por extremo numerosa, sendo uma das mais belas espécies aquela a que chamam *brutiz*, cujas raízes anunciam a presença d'água, e de cujo fruto fazem os Índios, e faziam também os antigos sertanistas certa espécie de bebida, que arremedava ao vinho na cor e no gosto. Encontra-se também nas terras desta província o angico, que dá uma goma que tem o cheiro do âmbar; a árvore que produz a goma copal, o ibirapitanga ou pau do Brasil, a anilheira e cochonilha, plantas que poderiam ser para os habitantes objeto dum rendoso comércio se na preparação dos produtos delas houvesse mais lealdade, e consciência. As madeiras de construção e de marchetaria abundam por toda a parte, e ficam inutilizadas por falta de meios de transporte. As figueiras, marmeleiros e macieiras prosperam, dando-se o devido amanho às terras. As árvores frutíferas são sem número. Os gados vacum e cavalar prosperam extraordinariamente nesta província, bem como os porcos, e as matas são povoadas de antas, onças, javalis, de guarás, espécies de lobos menos daninhos que os da Europa, de tamanduás, cotias, pacas, e diversas espécies de macacos, e duma infinidade de pás-

Goiás

saros. Os lagos abundam em répteis da qualidade do minhocão, sucuriú, jacaré e outros monstros anfíbios. A mineralogia desta província é pouco conhecida; o que ela até aqui tem fornecido consiste em ouro, e em ferro de que se não tem tratado, diamantes, várias pedras preciosas, cristais de diversas cores, granito, pedras calcárias, sal-gema, diferentes espécies de argila e tabatinga. A superfície da província de Goiás é avaliada em vinte e cinco mil léguas quadradas, e todavia uma extensão de terra que poderia alimentar milhões de homens acha-se povoada unicamente de sessenta mil habitantes sujeitos ao governo imperial, e de doze mil que vivem no estado de independência, que são Índios das tribos Acroás, Apinagés, Caiapós, Carajás, Chavantes, Javaés, Tapacoás e Xerentes. Os gentios Bororós, Chacriabás e Goiás se apagaram e se confundiram com os Brasileiros. Posto que se possa atribuir à má direção do governo que presidiu desde o princípio a administração desta província a sua limitada população, não nos devemos esquecer de

que é um país novamente povoado, e que foram necessários séculos às nações mais civilizadas da Europa para chegarem ao estado em que se acham, e que em algumas delas ainda muito a este respeito se deseja. A província de Goiás nomeia dous deputados para a assembleia geral legislativa, e um senador. Sua assembleia provincial legislativa se compõe de vinte membros que fazem as suas sessões na cidade de Goiás. Estes membros recebiam em 1840 um subsídio de três mil e duzentos réis por dia durante o tempo das sessões e em sua prorrogação, e uma indenidade para as despesas da jornada.

Goiás.⁵⁵⁸ Cidade do Brasil, capital da província de seu nome, assentada num vale nas duas margens do ribeirão Vermelho, em dezesseis graus e vinte minutos de latitude, e em cinquenta e um graus e quarenta minutos de longitude ocidental. Pode-se quase dizer que esta cidade se acha no centro do Brasil, estando trezentas e setenta léguas ao sul da cidade de Belém, e quase a outra tanta

distância da de Porto Alegre, e a duzentas e quarenta léguas do mar Oceano, e igual distância dos Estados do Peru. A história da fundação desta cidade sendo a mesma que a da província, por evitar repetições, referindo-nos ao artigo precedente, diremos que o conde de Sarzedas, D. Antônio Luiz de Távora, governador desta província, em cumprimento duma ordem régia de 11 de fevereiro de 1736, foi a Goiás eleger um lugar para fundar uma vila; que foi ele quem instalou na povoação de Santana o primeiro ouvidor da comarca, e estabeleceu juízes ordinários e tabeliães em todos os povos na jornada que fez em 1737; que foi também em companhia do ouvidor Dias da Silva visitar o norte da comarca, onde havia grandes discórdias e desavenças entre os habitantes por ocasião dos novos descobrimentos, querendo uns que pertencessem à província de São Paulo, e outros à do Maranhão. Voltando desta jornada faleceu o conde de Sarzedas, na povoação de Traíras, e a de Santana não foi solenemente elevada à categoria de vila senão

⁵⁵⁸ Atual cidade de Goiás/GO. (N/E)

no ano de 1739 por D. Luiz Mascarenhas, que lhe pôs o nome de *Vila Boa de Goiás*, em memória da probidade e fidelidade de Bueno filho, o qual faleceu três anos depois com setenta e quatro de idade, e para perpetuar igualmente a lembrança da nação hospitaleira que havia quase inteiramente sucumbido ao mortífero chumbo dos aventureiros que tinham ido em demanda de minas de ouro, e que era tida por tronco principal de todas as tribos pacíficas da província. Teve o senado da câmara de Vila Boa a sua primeira sessão em o 1º de abril do mesmo ano em que fora criado. No de 1744 um alvará de 8 de novembro desanexou da província de São Paulo o território de Goiás, criando-o província independente daquele governo. O conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, que tomou posse do governo da nova província na qualidade de governador quatro anos depois do alvará acima citado, estabeleceu em 1750 uma fundição de ouro em Vila Boa, e fez edificar às expensas dos habitantes uma nova igreja muito mais sólida que a primeira. No governo de seu sucessor D. Álvaro Xavier Botelho, conde de São Miguel, foi esta igreja elevada à categoria de pa-

róquia por ordem régia de 1758, mas o primeiro vigário não entrou de posse senão passados quatro anos. O governador João Manoel de Melo, que sucedeu ao conde de São Miguel, estabeleceu na vila, em 1762 a tesouraria da província, e mandou fazer a cadeia em cumprimento das ordens que para esse efeito recebera. José de Almeida de Vasconcelos de Sobral e Carvalho, que o veio render, mandou fazer uma fonte e uma ponte sobre o rio Vermelho. Seu sucessor Luiz da Cunha Menezes recebeu em Vila Boa, com grandes demonstrações de amizade, uma deputação de quarenta Índios Caiapós, os quais dali em diante se tornaram mais tratáveis e se converteram em fiéis aliados do governo. Deve-se a este governador o alinhamento das ruas da cidade, e a demarcação de seu distrito, bem como o conserto de três pontes, e a alameda de árvores que servia de passeio público. Um recenseamento feito em 1804 provou que a povoação desta capital da província era então de nove mil quatrocentos e setenta e cinco entre livres e escravos. Tendo esta província sido dividida em duas comarcas em 1809, Vila Boa foi cabeça da de Goiás. Um alvará de 25 de maio de 1815 criou nesta vila

Goiás

uma junta de justiça provincial a qual era composta do governador da província, do ouvidor da comarca e do juiz de fora da vila, e sentenciava afinal, e uma carta régia de 17 de setembro seguinte lhe concedeu as honras de cidade. Esta cidade é atualmente o lugar da residência do governo e da assembleia legislativa da província. Nela residem o presidente, o governador das armas e o bispo de Goiás. O calor é extremo no verão, mas temperado cada noite pelas virações. O sítio onde jaz a cidade é desigual, as ruas mal calçadas, e as casas as mais delas térreas. Os edifícios mais notáveis são o palácio do governo, a casa da câmara, a cadeia, a fundição do ouro, o matadouro, o passeio público, e duas pontes sobre o rio Vermelho, que separa a cidade em duas partes, e que apenas admite canoas. Há também nesta cidade um hospital da caridade, o qual por decreto da assembleia geral de 10 de julho de 1832, recebeu uma prestação de um milhão e duzentos mil réis por ano até a instalação da assembleia legislativa provincial de 1835. Possui esta cidade duas escolas de primeiras letras, uma para meninos e outra para meninas, uma cadeira de latim, outra de filosofia, e também de geo-

Goitacases

metria e de francês; uma igreja paroquial dedicada a Santana, a de São Francisco de Paula, com mais seis outras com as invocações de N. S. de Abadia, das Barrocas, da Boa Morte, do Carmo, do Rosário e da Lapa. Esta última igreja, uma parte da cidade, e as habitações das margens do rio Vermelho e das de seus afluentes, foram destruídas na cheia de 18 de fevereiro de 1839, sendo avaliada a perda em oitenta e um milhões, duzentos e dezessete mil e duzentos réis. Consiste o comércio desta cidade nos objetos ordinários de consumo, por isso que o luxo ainda não pôde penetrar no interior dela. A assembleia legislativa da província que ali tem as suas sessões compõe-se de vinte membros, em conformidade da lei das reformas da constituição de 9 de agosto de 1834. No ano seguinte dividiu esta assembleia a província em cinco comarcas; a que recebeu o nome de Goiás encerra as vilas de Crixá, de Meia Ponte e do Pilar, com seus respectivos distritos além do da cidade.

Goitacases. Grande nação de Índios que dominou largo tempo nas terras que jazem entre o rio Cabapuana e o cabo de São Tomé, e que delas repeliram por diversas vezes

os Portugueses, que uns após outros pretenderam ali estabelecer-se. Se é certo o que afirma o padre Vasconcelos, escritor do século XVII, eram estes Índios ferozes, cruéis e antropófagos, e nas terras em que viviam viam-se montões dos inimigos que haviam morto e comido no cabo da batalha de envolta com os das feras que matavam nas caçadas. E contudo antes do tempo em que Vasconcelos vivia não poucos Goitacases haviam recebido o batismo, e viviam nas aldeias onde ainda em nossos dias moram os que deles descendem, que são em grande número. Verdade é que antes da vinda dos Portugueses, os Sacarus, os Guarus ou Guarulhos, e várias outras tribos de Goitacases, comiam por vezes os prisioneiros de guerra, porém não os matavam unicamente por isso que folgavam de os maltratar, conforme o dá a entender Vasconcelos. Eram estes Índios de alta estatura, fornidos de carne, com cabelos compridos, pretos e duros, e serviam-se com tal destreza dos arcos, que raras vezes erravam o alvo a que atiravam. Eram igualmente ótimos corredores e nadadores, e por ambos estes meios se tiravam das mãos dos inimigos. Viviam em comunidade nas terras cer-

cadadas d'água em cabanas feitas de folhas de palmeiras suspensas nos troncos das árvores, e destas guaridas saindo de improviso investiam com os inimigos, e se por ventura eram rechaçados em razão da desigualdade de número, ou das armas de fogo dos Europeus, salvavam-se a nado, e se retraíam aos paus, onde era impossível segui-los a cavalo sem manifesto perigo. Acham-se atualmente estes Índios derramados nas comarcas de Campos e de Cabo Frio, e ao sul da província do Espírito Santo; e residem em aldeias, abstendo-se sempre de se misturar com os brancos: são engenhosos, destros, alegres, e duma índole branda, sendo bem tratados, porém desconfiados e vingativos se lhes faz alguma injustiça; gostam de bebidas espirituosas, e parece que não está em poder deles o precaver-se para o futuro.

Goitacases. Aldeia da província do Espírito Santo, no distrito da vila de Almeida. Foi fundada no fim do século XVI, pelos jesuítas, a três léguas da vila de Almeida que ora existe; seus moradores são Índios que, além do amanho da terra necessário para os víveres de que hão mister, fazem tijolo, telhas e gamelas.

Golfos. Lagoa da província de Goiás, a meia légua por detrás do rio Paranatinga, povoada de jacarés, e de enormes serpentes, chamadas *sucuriús* e *minhocões*.

Gombo. Forte da cidade da Bahia, abaixo do passeio público.

Gorabira.⁵⁵⁹ Povoação do distrito da vila de Brejo de Areia, na província de Paraíba. (V. *Vila da Independência*.)

Gorinos.⁵⁶⁰ Tribo de Índios e aldeia da província de Mato Grosso. (V. *Guarinos*.)

Gorutuba.⁵⁶¹ Vila, serra e rio da província de Minas Gerais. (V. *Gurutuba*.)

Gouveia.⁵⁶² Freguesia da província de Minas Gerais, distância de oito léguas ao poente da cidade Diamantina, a qual procedeu dum registo que ainda ali existe destinado a vigiar no contrabando de ouro e diamantes. Sua igreja, da invocação de Santo Antônio, era filial da paróquia da vila de Tejuco, de que foi desanexada por lei provincial de 7 de abril de 1841, que, conferindo-lhe

o título de paróquia, lhe assinalou por filial a igreja de N. S. das Mercês de Andrequecé.

Governador. Grande ilha da baía Niterói, duas léguas ao nordeste da cidade do Rio de Janeiro. Miguel Aires Maldonado era no princípio do século XVII o único possuidor e dono duma ilha chamada dos *Sete Engenhos*; vendeu-a a viúva a Salvador Correia de Sá, que foi por largo tempo governador do Rio de Janeiro, e superintendente das minas do Brasil. Dali em diante tomou a ilha o nome de ilha do Governador, que até hoje conserva. Em 1710 já se achava ela repartida entre diversos senhorios e povoada de alguns centos de habitantes, os quais alcançaram do arcebispo para uma capela que haviam erigido a N. S. de Ajuda as prerrogativas de paróquia. Pedro Nunes Garcia, um dos proprietários da ilha e serventuário da capela, determinou de fazer no ano de 1742 uma igreja em pedra, e no ano seguinte, como se achasse concluído o coro, transferiu-se para a nova igreja

Governador

a pia batismal, mas não teve a dita de a ver de todo concluída, o que se efetuou em 1754. Um alvará de 12 de janeiro seguinte elevou esta igreja à categoria de paróquia. Tem ela por filiais três capelas dentro de seu próprio termo no meio da baía, no qual se compreendem nove ilhotas que se acham a pequena distância: entre estas ilhotas as d'Água, Boqueirão, Laranjeiras, Rijo e Suécio são povoadas, mas não assim as de Aroeira, de Manoel Rodrigues, do Milho e da Palma, as quais jazem desertas, por serem mui pequenas. A ilha do Governador tem pouco mais ou menos duas léguas de largura de banda a banda em vários lugares, porém as suas margens são por extremo recortadas, e entremeadas de pontas e angras com tamanha irregularidade que vem a ter mais de sete léguas de circunferência, oferecendo aos grandes barcos em diferentes partes pequenos portos onde se podem descarregar. O solo desta ilha é saibroso; nele medram as pitangueiras, de cujo fruto se faz uma espécie de geleia acídula dum gosto

⁵⁵⁹ Atual cidade de Guarabira/PB. (N/E)

⁵⁶⁰ Atual cidade de Guarinos/GO. (N/E)

⁶⁰¹ Atual distrito de Gorutuba, município de Porteirinha/MG. (N/E)

⁵⁶² Atual cidade de Gouveia/MG. (N/E)

Graça

agradável. Cultiva-se também nela a erva de Angola que se dá aos cavalos, e nos altos, e em algumas baixas onde a terra tem mais substância, canas-de-açúcar, mandioca, milho e feijão. A coroa tem ali uma casa apelidada conforme o costume palácio imperial. As únicas fábricas que nesta ilha se observam são alguns fornos de tijolo, e de cal feita com conchas de marisco. Nas eminências e em alguns sítios onde a terra tem mais fundo acham-se alguns arroios d'água potável que se perdem nos areais. Um decreto de 21 de junho de 1834 criou nesta ilha uma escola de primeiras letras.

Graça. Ilha da província de Santa Catarina, separada do continente por um canal abusivamente apelidado rio de São Francisco. Em 1807 fez-se nesta ilha e na boca do canal que olha para o norte uma armação de baleia. A vila de São Francisco fica na margem ocidental desta ilha, duas léguas acima da armação de que acabamos de falar, a qual hoje se acha quase inteiramente arruinada. Atualmente a ilha da Graça é geralmente conhecida com o nome de *ilha de São Francisco*.

Graciosa.⁵⁶³ Povoação da província de Curitiba, regada pelos ribeiros Itupaba e Piranga, e cortada pela estrada da cidade de Curitiba ao registo de Moretos. Há nesta povoação outra estrada que vai à vila de Antonina.

Gradaús. Tribo índia que vive nas margens do rio Araguaia, perto da ilha Bananal.

Grajeú. Pequena vila da província do Maranhão, nas margens do rio de que tomou o nome. Foi largo tempo uma medíocre povoação que a assembleia provincial elevou à categoria de vila, depois de a haver feito freguesia em 1840.

Grajeú. Rio da província do Maranhão. Nasce da serra do Negro, rega a pequena vila de Codó, a da Chapada e a de seu nome, e recolhendo o ribeiro Santana, que lhe dobra o volume das águas, corre obra de sessenta léguas paralelamente com o rio Mearim, com o qual se ajunta pela esquerda, algumas léguas acima da vila de Mearim.

Gramácio.⁵⁶⁴ Antiga aldeia da província do Rio Grande do Norte. (V. *Vila Flor*.)

Gramácio. Ribeiro da província do Rio Grande do Norte, que rega o distrito da vila de Arês, e o de Vila Flor perto da qual se ajunta com o rio Cunhaú.

Gramame, originalmente **Guaramama.** Rio sobremaneira estreito, se bem que fundo, da província de Paraíba. Nasce no distrito da vila do Pilar, corre por espaço de oito léguas, dividindo o distrito da vila do Conde do da cidade de Paraíba, e vai se lançar no Oceano, numa calheta que se acha por detrás dos rochedos que formam a muralha que ampara a província, duas léguas ao sul de Cabo Branco. Tem este rio uma ponte de madeira para serventia da estrada, cuja conservação e conserto correm por conta das duas câmaras, a cujo distrito serve de limite.

Grande. Serra da província do Ceará, nos distritos da vila do Crato e de Bom Jardim. Jaz entre a serra Timonha e a Araripe. Quase todos os ribeiros que nascem desta serra são auríferos.

Grande. Ilha da província do Rio de Janeiro. (V. *Ilha Grande*.)

⁵⁶³ Atual cidade de Curitiba/PR. (N/E)

⁵⁶⁴ Atual cidade de Vila Flor/RN. (N/E)

Grande. Rio da província de Minas Gerais: nasce da serra da Mantiqueira, perto do registo do Picão, entre a nasença dos rios Preto e Verde; engrossa-se com as águas de vários ribeiros de pouca importância, dirigindo-se para o norte obra de quarenta léguas na comarca do Rio das Mortes; tomando depois para noroeste, recolhe pela margem direita o rio do nome desta comarca, que é o primeiro afluente de algum vulto que nele entra. Até este lugar não admite este rio canoas, senão abaixo da ponte de Garambéu, que fica quinze léguas acima: continuando a correr rumo do oeste, atravessa imensas terras chãs e altas, recolhendo pela esquerda o rio Sapucaí, o ribeiro de São Pedro e o rio Pardo, um dos que dividem a província de Minas Gerais da de São Paulo. Na confluência deste último rio serve também o rio Grande de limite à mesma província, ficando-lhe à direita a província de Goiás, e ali se ajunta com o rio Paranaíba, e ambos reunidos correm com o nome de Paraná, caminhando para o sudoeste até se irem despenhar no salto Urubu Ponga. (V. este nome e *Paraná*.) É para lamentar que tenha o rio Grande tantos arrecifes que empecem a

navegação; porém a assembleia provincial de Minas Gerais, entendendo quão proveitosa seja à província o multiplicarem-se as vias de comunicação, porá todo o estudo em facilitar a navegação dos numerosos rios que a retalham.

Grande. Rio da província da Bahia. Nasce na serra Paranaíba, nas vizinhanças do registo de São Domingos, e corre rumo de noroeste por espaço de cinquenta léguas, engrossando-se à direita e à esquerda com as águas dos ribeiros do Mosquito, das Fêmeas, das Ondas e Branco, até que se lhe ajunta pela margem esquerda o rio Preto, que é o que lhe traz mais água, e quatorze léguas mais abaixo vai este rio Grande desaguar no de São Francisco, quarenta léguas abaixo do lugar onde também nele desemboca o Correntes. O rio Grande, tido até aqui em pouca conta, merecia ser mais bem conceituado, por isso que é navegável por espaço de trinta e quatro léguas sem o menor embaraço, entre o ribeirão Branco e o rio de São Francisco, e que as canoas sobem quatro léguas mais entre o dito ribeirão Branco e o das Ondas. As terras de ambas as margens são de lava; suas águas potáveis en-

Grande

cerram excelente pescado, e mudam de cor conforme as dos afluentes que nele entram. A vila de Campo Largo está assentada na margem esquerda deste rio, vinte e quatro léguas acima do de São Francisco.

Grande. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro no distrito da vila de Cantagalo. Nasce no vertente setentrional da cordilheira dos Órgãos, e correndo para o nordeste separa o distrito de Cantagalo do da Nova Friburgo, e no cabo dum curso de cinco para seis léguas, que se navega com mais ou menos facilidade em canoa, ajunta-se com o rio Bengalas, cinco léguas ao nordeste da vila de Cantagalo. Unidos estes dous rios inclinam-se para o norte obra de oito léguas, apelidando-se indiscriminadamente ora Grande, ora Bengalas, até se ajuntarem pela margem direita com o Paraíba, abaixo da aldeia de São José de Leonissa.

Grande. Dá-se indiferentemente este nome e o de *Belmonte*, à parte do rio Jequitinhonha, que atravessa a província da Bahia antes de ir desembocar no Oceano.

Grande. Assim apelidam por vezes a parte do rio Araguaia, que se atravessa quando se vai

Grande

de Goiás para a cidade de Mato Grosso.

Grande. Lagoa da província e ilha de Santa Catarina. (V. *Lagoa Grande*.)

Grande. Lagoa da província de Mato Grosso, no distrito da cidade deste nome. Despeja-se por dous ribeiros que vão se lançar no rio das Mortes, grande afluente do Araguaia.

Granja.⁵⁶⁵ Pequena vila da província do Ceará, na comarca de Januária, sobre a margem esquerda do rio Camucim. Jaz a cinco léguas do mar, cinquenta e quatro pouco mais ou menos oés-noroeste da cidade de Fortaleza, e doze a nor-nordeste da vila de Viçosa, em três graus e dez minutos de latitude, e quarenta e três graus e nove minutos de longitude oeste. Sua igreja, a única do distrito que goza das preeminências de paróquia, é dedicada a São José, e como se achasse arruinada, a assembleia provincial concedeu em 1839 uma lotaria para reconstruí-la de novo, e uma lei da mesma assembleia de 15 de setembro do mesmo ano

instituiu um júri nesta vila, ao qual se anexou o distrito de vila de Viçosa. Como os rendimentos da vila de Granja não chegassem para as despesas anexas a uma cabeça de distrito, acha-se privada de casa de câmara e de cadeia, e todavia a vila é cortada pela estrada que vai da cidade de Fortaleza à do Maranhão e à capital da província de Piauí, e tem um porto cômodo. O distrito de Granja tem por limites, ao norte, o Oceano; a oeste, o rio Iguaraçu, que o separa da província de Piauí, e que alguns creem que é um braço do Parnaíba; ao sul, confronta com o distrito de Viçosa; e a leste, com o da cidade de Januária, outrora vila do Sobral. Compreende este distrito as povoações de Hiboçu, Livramento e Olho d'Água, cada uma com sua igreja. Suas terras são férteis, e com bastante água; motivos suficientes para o aumento da população, todavia sucede o contrário. Em 1822 andavam por seis mil os moradores deste distrito, número que deve ter diminuído com as guerras intestinas e as vinganças particulares de que esta povoação tem sido o teatro. O único comércio de exportação

que faz esta vila consiste em algum algodão e em quinze mil couros curtidos.

Grão Mogor.⁵⁶⁶ Nova vila da província de Minas Gerais, na comarca de Jequitinhonha, e na serra de que tomou o nome. Era no princípio deste século uma povoação de pouca importância chamada *Extrema*, que se engrossou, por isso que a estrada de Goiás por São Romão até a província da Bahia, se foi tornando de dia em dia mais frequentada. Em 1840 a assembleia provincial, por lei de 23 de março, lhe conferiu o título de vila com o nome que ora tem, e seu distrito se formou dos termos de sua própria freguesia e dos de Gurutuba e Santo Antônio, desmembrados do distrito de Formiga: rega-o um sem número de ribeiros que aumentam o cabedal dos afluentes do rio de São Francisco por uma parte, e por outra dos do Jequitinhonha. Consta a sua população de agricultores e criadores de gado.

Grão Pará. Comarca da província do Pará, a qual encerrava originalmente todos

⁵⁶⁵ Atual cidade de Granja/CE. (N/E)

⁵⁶⁶ Atual cidade de Grão Mogol/MG. (N/E)

os distritos povoados nas margens do Amazonas e nas do mar, e de que era cabeça a cidade de Belém; porém uma lei provincial de 11 de setembro de 1839 criou a nova comarca de Bragança, ao nascente da do Grão Pará, e em 1840 tratava-se de criar outra no ocidente que se devia estender até o rio Araguaia, encerrando os distritos de Cametá, Melgaço, Oeiras e Tocantins, e tendo por cabeça a vila de Cametá.

Grapiúna. Pequeno rio da província da Bahia, afluente do rio Jequitinhonha, em que entra pela margem direita uma légua antes de ele desembocar no Oceano. Navegam por este rio acima as canoas por espaço de três léguas.

Grataú.⁵⁶⁷ Povoação da província do Rio de Janeiro, na margem direita do Paraíba, em que há um registo.

Gravatá. Ponta de terra na baía de Niterói, com um forte que defende o cais de São Domingos e a cidade. O fogo de sua artilharia cruza com o do forte de Vilagalhão e da ilha de Boa Viagem, e pode

alcançar os navios que intentassem entrar por força na baía para investir a capital.

Gravataí. Ribeirão da província de São Pedro do Rio Grande, que nasce ao sul da serra Geral, rega a aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, e caminhando do norte para o su-sudoeste vai lançar-se no lago Viamão, perto da cidade de Porto Alegre. Sobem por ele as canoas obra de seis léguas. Alguns lhe dão o nome de *Rio da Aldeia*.

Groáiras.⁵⁶⁸ Aldeia mui antiga da província do Rio Grande do Norte. (V. *Arês*, outrora vila.)

Groáiras. Lagoa da província do Rio Grande do Norte. Pode ter três léguas de comprimento. A vila de Arês e a aldeia Papari jazem nas bordas desta lagoa. No tempo em que os Holandeses dominavam nesta província, o príncipe Maurício de Nassau teve o intento de cortar légua e meia de terra que separa a enseada do Tibau da lagoa, mas vendo-se obrigado a voltar para Europa, aquele projeto não teve efeito. Uma das ilhas desta lagoa

Grugungi

havia sido fortificada pelos Holandeses. Henrique Dias a atacou em 6 de janeiro de 1648, entrando com seus soldados na lagoa com água até a cintura, e a tomou apesar do fogo dos inimigos. Esta lagoa recolhe o ribeiro Cururu, e comunica com a lagoa Papari e com o rio Tareiri, que leva ao Oceano o excesso de suas águas, é abundante de pescado, e tem bastante fundo.

Grossa. Ponta de terra da província de São Paulo, em vinte e três graus, cinquenta e nove minutos e vinte e quatro segundos de latitude, e quarenta e oito graus, quarenta e quatro minutos e cinquenta e quatro segundos de longitude oeste. Forma esta ponta a entrada da baía de Santos da parte do norte, ficando-lhe defronte da banda do sul a de Taipu.

Gurgeia.⁵⁶⁹ Povoação e rio da província de Piauí. (V. *Gurguéia*.)

Grugungi. Ribeirão da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus, em cujas margens viviam originalmente os Ín-

⁵⁶⁷ Fazenda em Angra dos Reis, cidade de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

⁵⁶⁸ Atual cidade de Arês/RN. (N/E)

⁵⁶⁹ Atual cidade de Bom Jesus/PI. (N/E)

Grupiúna

dios Pataxós. Seu nascente acha-se na serra da Cincurá, donde corre para o sul, engrossando-se com as águas do ribeiro Salinas, e vai juntar-se pela margem esquerda com o rio Jussiape ou de Contas, cujas águas engrossa de metade.

Grupiúna. Ribeiro da província de Paraíba, no distrito da vila de São Miguel, que se lança no Oceano perto da baía de Acejutibiró ou da Traição.

Grutas do Inferno. Deu-se este nome às cavernas naturais que se acham na montanha em que estão assentadas a povoação e fortaleza da Nova Coimbra, na província de Mato Grosso e sobre a margem direita do Paraguai. No vertente setentrional da montanha existe uma abertura que dá passo a duas espécies de antecâmaras, uma de braça e meia de comprido, e uma de largo, e outra algum tanto maior. Desce-se para elas por uma ladeira que tem obra de vinte braças de comprimento, guarnecida de estalactites, que provém da filtração contínua da abóbada. No cabo da ladeira entra-se numa sala parecida com uma mesquita, de cuja abóbada pendem estalactites de diferentes formas e tamanhos, e o mesmo se observa no chão. À esquerda

a parede se acha revestida duma incrustação de espalto, que com o reflexo da luz arremeda uma soberba cascata. Pode esta sala ter cinquenta braças de comprido e dezoito de largo, e no fundo dela existe um espaço de seis braças pelo menos coberto d'água límpida porém de mau sabor, que dá da parte de fora origem a um ribeiro represado frequentemente pelas águas do Paraguai, nas cheias que alagam todos os anos por várias vezes os campos vizinhos. Os naturais do país não se atreviam a entrar nestas grutas que foram pela primeira vez exploradas pelo engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, em 1791, levando em sua companhia o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira que as debuxou e descreveu. Em 1795, várias pessoas curiosas entraram nelas e com fachos viram que no ribeiro que as águas ali formavam havia jacarés, e que um deles tinha uma pata de menos.

Guacenduba. Vasto território da província do Maranhão, entre os rios Mirim e Monim, outrora povoado por várias tribos de Tupinambás.

Guaí. Ribeiro que recebe o excesso das águas da lagoa Capanema, na província da Bahia, e vai se perder no rio

Paraguaçu, depois de haver regado a vila de Maragogipe. Cursam por ele as canoas por espaço de três léguas.

Guaia Guçu. Tribo de Índios que viviam nas margens do Araguaia perto da ilha do Bananal.

Guaianases. Nação de Índios assaz numerosos que eram mais pacíficos que os Tamoios, e dominavam na província de São Paulo, antes da fundação da capitania de São Vicente. Na chegada de Martim Afonso obedecia esta nação a dous chefes por nome Tebireça e Caí Obi; o primeiro dos quais havia dado uma de suas filhas a João Ramalho que dizem naufragara naquelas costas. (V. *Santo André*, vila.)

Guaíba. Lagoa da província de Mato Grosso. (V. *Gaíba*.)

Guaíbe. Ilha da província de São Paulo, ao norte da de Enguaguaçu ou São Vicente, as quais ambas formam a baía de Santos. A ponta meridional da ilha Guaíbe, chamada *Ponta Grossa*, jaz em quarenta e oito graus, quarenta e quatro minutos e cinquenta e quatro segundos de longitude oeste. Achava-se esta ilha compreendida na doação de dez léguas de terra feita por El-Rei

de Portugal a Pedro Lopes de Souza, irmão do almirante vice-rei Martim Afonso de Souza, donatário da capitania de São Vicente. A ilha e o restante da doação estavam ainda por povoar, quando Pedro Lopes, numa viagem que fez em 1542, desapareceu, sem que se soubesse o que fora feito dele. Seu filho, de que era tutora a mãe, morreu deixando por herdeiro seu irmão mais moço, chamado como seu tio Martim Afonso, o qual pereceu em África na catástrofe d'El-Rei D. Sebastião. Residia então na ilha Guaíbe com sua família Jorge Ferreira, representante da mãe dos menores e de sua filha Dona Jerônima de Albuquerque e Souza. Jorge Ferreira era genro de João Ramalho, casado com a filha do chefe índio Tebireça, e vivia com sua mulher e uma numerosa família na ilha, onde haviam edificado uma capela a Santo Amaro, donde veio chamar-se esta ilha Santo Amaro ou Guaíbe. Em 1576 os moradores dela se viram obrigados a se recolherem para a ilha Enguaguaçu, em Santos, sabendo se vinham avizinando os Tamoios que haviam sido expulsos havia nove anos do Rio de Janeiro. Estes Índios inimigos implacáveis dos Portugueses tendo inundado, como uma torrente,

outros lugares da província, Ferreira fez construir na ilha um forte para pôr-se a seguro de qualquer súbito acometimento, porém nestes entretimentos Dona Isabel de Lima e Souza, sucedeu na herança por morte de sua mãe Dona Jerônima, nomeou por seu substituto na ilha Guaíbe a Pascoal Fernando, o qual se conservou largo tempo na fortaleza de seu predecessor sem que se lhe agregasse família alguma em razão das febres que na dita ilha grassavam. Falecendo Dona Isabel sem ter enviado colonos para povoar a ilha, e fazê-la prosperar, e não tendo deixado filhos, foi sua herança disputada por pessoas poderosas, e a semelhança de nomes com os do primeiro donatário Martim Afonso, e do filho de Pedro Lopes último donatário varão da concessão de Guaíbe, deu uma espécie de direito aparente a numerosos competidores. Originou-se uma demanda que se tornou cada vez mais intrincada, e no dédalo judiciário as capitancias do almirante e de Lopes de Souza se acharam confundidas, sobretudo por causa duma certidão ambígua e ditada pela condescendência do governador general do Brasil D. Luiz de Souza, na qual atestava que as terras pertencentes a Martim Afonso de Souza consistiam em oitenta léguas de costa, sem fazer menção das de Itamaracá nas vizinhanças de Pernambuco, que Martim Afonso o moço herdara por morte de seu irmão, nem da capitania de São Vicente de Martim Afonso seu tio. Durou a demanda perto de dous séculos até que D. João V deu talho no negócio, incorporando na Coroa ambas as concessões, dando ao marquês de Cascais quarenta mil cruzados por lhe parecerem mais bem fundadas as suas pretensões. A ilha Guaíbe ou Santo Amaro tem pouco mais ou menos quatro léguas de comprimento e três de largo, e está separada do continente por um canal que por vezes é qualificado com o nome de rio, posto que nas pequenas marés tenha mui pouca água; chamam-no no país Bertioga. A ilha Guaíbe recebeu este nome de certa espécie de árvores de que se achava coberta, quando Martim Afonso de Souza desembarcou nela a sua gente, no tempo em que tratava de lançar os alicerces à primeira colônia portuguesa do Brasil. O genro de João Ramalho veio residir nela em 1560, depois da abolição da vila de Santo André: ela foi depois habitada por Pascoal Fernando, e suces-

Guaíbe

Guaíbe

sivamente por outros em diversas épocas; porém não teve nunca povoação suficiente para alcançar o título de paróquia, e ainda menos o de vila. Se o governo provincial concedesse nela terras, ou obrigasse os proprietários atuais a cultivá-las e a ensecar os paus, esta ilha em breve adquiriria uma certa importância, e poder-se-iam abrir nela dous portos, um ao norte perto da boca da Bertioga, no lugar onde havia antigamente uma armação de baleia, e outro na baía defronte da cidade de Santos.

Guaíbe. Ilha entre o continente e a ilha do Maranhão, na província deste nome, quatro léguas ao poente da embocadura do rio Mo-nim.

Guaíbe. Ilha da província do Rio de Janeiro; é povoada, e acha-se no termo da freguesia da vila de Mangaratiba. Esta ilha parece repartir em duas partes a baía de Angra dos Reis. Suas terras são excelentes para mandioca, milho e feijões. Dá-se-lhe também o nome de *Bica*.

Guaicuí. Nome posto pelos Índios da província de Minas Gerais, ao rio apelidado

pelos primeiros exploradores *rio das Velhas*.

Guaicurituba-Açu. Quadragésima quinta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Tietê, uma légua depois da do Funil Grande, e outro tanto antes do Aroçatuba. Descem-na e sobem-na as embarcações sem ser mister aliviá-las.

Guaicurituba-Mirim. Quinquagésima cachoeira do rio Tietê, uma légua abaixo da Upetuba e doze acima da Itupirá. Descem e sobem por ela com facilidade as embarcações, e meia légua abaixo desta cachoeira se lança no Tietê pela margem direita o ribeiro Sucuri.

Guaicurus. Nação de Índios que dominavam nas adjacências de ambas as margens do rio Paraguai, entre dezoto e vinte e três graus de latitude, formidáveis por sua cavalaria, donde lhes veio o apelido de *Cavaleiros*, que lhes deram os primeiros exploradores. Viviam estes Índios da caça, pesca e frutos que a terra lhes oferecia com abundância, e guerreavam com as nações que lhes igualavam em poder, e ainda melhor com as que lhes eram inferiores. Os missionários e os Paulistas internando-se nos sertões de Mato Grosso se apoderaram

de quantos puderam colher, os primeiros para os industriar na religião, e os segundos para os reduzir a cativo. Irritados os Guaicurus se acolheram ao coração das matas, e a título de represália destruíram os estabelecimentos dos Europeus e levaram prisioneiros quantos lhes caíram nas mãos; outros dum natural mais brando deixaram-se guiar pelos conselhos dos missionários, e converteram-se a ser vassallos de Portugal. Combatiam estes Índios a cavalo armados de lança e clava, e algumas vezes de arco e flecha, e discorriam juntos em corpo vinte e quatro léguas por dia, atacando de improviso aqueles que intentavam submeter, quando estavam despercebidos. Transportavam seu domicílio para onde quer que se reputavam em segurança, e onde sabiam deviam achar mais veação, e melhor pescaria, bem como abundante colheita da espécie de cocos chamados boca-juvas. Nenhuma esperança punham nos produtos da agricultura, a cujos trabalhos ainda em nossos dias repugna-lhes sujeitar-se. São estes índios de estatura mediana, de cor de cobre, refeitos, bem marcados na proporção dos membros, afeitos ao frio, fome e sede, e chegam à extrema velhice,

única doença de que morrem: têm por costume carpírem-se o corpo; os cabelos são coridos, os dentes mal-apostos, mas são, vivo o engenho, bem que propenso à melancolia. Os homens andam nus com uma simples tanga: coram-se de plumas nos dias de festa, e trazem os braços, os dedos polegares das mãos e as pernas metidas numa espécie de ajorcas feitas também de penas mais pequenas que as da cabeça; furam o beijo inferior, e metem no buraco um pedaço de pau de três polegadas de comprimento e da grossura do canudo duma pena. Têm mui grande cuidado de seus cavalos, armas e canoas, e ajudam as mulheres a aprestar a comida. Estas são mal feitas do corpo que trazem pintado, e envelhecem dentro de pouco tempo; acompanham os maridos em suas excursões a cavalo ou em canoas, quando moças, se por ventura se acham grávidas, tratam de abortar com medo de serem abandonadas dos maridos; mas em tendo vinte e cinco para trinta anos de idade guardam os filhos: sua ocupação ordinária consiste em fiar algodão, fazer dele panos, cozer louça de barro, e fazer esteiras e cordas. A riqueza dos Guaicurus consiste no número de cavalos, que trazem marcados

pelo mesmo teor que as mulheres. Falam diverso idioma do dos Tupinambás, que é quase a língua geral do Brasil; sua pronúncia é doce, se bem que algum tanto gutural, e suas arengas são sempre acompanhadas de gestos e trejeitos. Suas excursões se fazem de noite, e para cada uma delas nomeiam um cabo, e excitam-se antes dela, trazendo à lembrança os altos feitos de seus antepassados que antes queriam morrer, do que fugir do inimigo. Atacam de improviso os inimigos, e durante a ação servem-se dum corno para animar os seus, e assustar os contrários. No cabo da expedição os que trazem prisioneiros, sobretudo se é a primeira vez que isso lhes acontece, são muito festejados. Fazem uma só festa no ano, a qual dura muitos dias no tempo em que o sol se avizinha do signo de Tauro, o que lhes anuncia que está próxima a colheita dos cocos bocaiuvas de que em parte se alimentam: contam os anos pelo número de vezes que não visto a estação das frutas, e marcam no tronco das árvores as luas que se sucedem no decurso do ano. Têm por médicos certa espécie de feiticeiros que fomentam e chupam as partes lesadas, e fazem certos malefícios para

anunciar a melhora, ou morte do doente. Cada tribo escolhe a terra que lhe há de servir de cemitério. As mulheres em morrendo, enfeitam-nas com o que têm de melhor, e levam-nas aos parentes que as acompanham ao jazigo, onde as enterram com todos os seus enfeites, e pelo mesmo teor com todas as suas armas os homens, em honra dos quais imolam à porta do cemitério o cavalo que mais estimavam; enquanto os assistentes recontam tristemente os prazeres de que desfrutaram em companhia do defunto. Os guaicurus que vivem ao sul do rio Mondego ou Embotateú, e ao nascente do Paraguai, ocupam sete aldeias, cujas ruas são largas, e as cabanas forradas e telhadas de esteiras de folhas de palmeira. A população se divide em três classes distintas. A primeira é a das famílias infatuadas de descenderem de pessoas que ocuparam os primeiros lugares: os homens fazem-se tratar por capitães, e as mulheres por donas. A segunda classe, que é em maior número, consta dos soldados e simples guerreiros com suas famílias, e a terceira, que é a mais numerosa de todas, compõe-se dos escravos e dos descendentes deles, os quais se não podem en-

Guaipacaré

troncar com nenhuma família das duas primeiras classes. Posto que doutrinados na religião cristã, estes Índios ainda se não descativaram de todo de suas crenças errôneas, e admitem dous espíritos, um bom, e outro mau, e creem nos feiticeiros. Por ordem d'El-Rei D. José fez-se, em 1771, um tratado com o cabeceira *Queima*, a quem nesse tempo obedeciam os Guaicurus, o qual só foi posto em execução, em 1791, governando a capitania João de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres; obrigou-se o governador a receber os Índios por vassallos d'El-Rei de Portugal, como eram os Portugueses, e de sua parte os chefes índios, batizados com os nomes de João Queima de Albuquerque e de Paulo Joaquim José Ferreira, prometeram de tratar e acolher os Europeus como amigos. Dá-se por certo que os Paiaguás, nação que era senhora da navegação do Paraguai, pertenciam à dos Guaicurus ou índios cavaleiros, e que estes se separavam deles, acusando-os de serem os autores do dano que havia sido feito aos Portugueses e

Espanhóis em ambas as margens do Paraguai, e que fora por ocasião desta separação que se fizera o tratado de 1771. Os Paiaguás recolheram-se às nascentes do rio, e se entranharam nas matas que rega o Arinos, onde se encontram derramados em cabildas que se intitulam do nome daquele que as comanda. Estes nomes insubsistentes e mudáveis foram coligidos por alguns autores que fizeram um longo catálogo das nações indianas do Brasil.

Guaipacaré.⁵⁷⁰ Antiga povoação da província de São Paulo, que foi criada vila em 1788 com o nome de Lorena. (V. este nome.)

Guaira.⁵⁷¹ Antiga vila situada na margem esquerda do rio Paraná em vinte e quatro graus e trinta e cinco minutos de latitude. Foi fundada pelos Espanhóis com o nome de *Ciudad Real*, e demolida pelos Paulistas em 1631.

Guaiticá. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Parati. (V. *Ca-goatati*.)

Guajaí. Pequeno rio da província do Rio Grande do Norte, o qual depois de haver regado o distrito da cidade do Natal, se ajunta com o rio Potengi ou Grande pela margem esquerda nas adjacências de sua embocadura no mar.

Guajará. Baía da província do Pará, sobre a qual jaz a cidade de Belém. Procede da reunião do volume das águas dos rios Tagipuru, Guamá e Moju, que se ajuntam com o Tocantins.

Guajarutas. Tribo de Índios bravos que povoam as margens do ribeiro Guajuru, na província de Mato Grosso, nas vizinhanças da dos Moquéns. Muitas das tribos vizinhas estiveram largo tempo sujeitas a um Português chamado Domingos Álvares da Cruz, por cuja morte como se dispusessem a voltar para as matas, conteve-as o jesuíta Agostinho Lourenço. Atualmente é raro que tenham comunicação com os vassallos do Império.

Guajiru.⁵⁷² Nome que originalmente tinha a vila de Extremoz, e igualmente a lagoa em cuja margem está

⁵⁷⁰ Atual cidade de Lorena/SP. (N/E)

⁵⁷¹ Atual cidade de Guaira/PR. (N/E)

⁵⁷² Atual cidade de Extremoz/RN. (N/E)

assentada esta vila, cujas águas se despejam no Oceano, em cinco graus e trinta minutos de latitude, depois de formarem várias lagoas nas terras que jazem entre ela e o mar. Encerra esta lagoa várias qualidades de pescado, e engrossa-se com as águas dum ribeiro a que hão dado o mesmo nome.

Guaju. Ribeiro que não tem outra importância senão a de servir de separação entre as províncias de Paraíba e do Rio Grande do Norte. Nasce nas montanhas que jazem ao poente do distrito de Vila Flor, e vai lançar-se no mar nas adjacências e ao norte da enseada dos Marcos. Dá navegação a canoas por espaço de cinco para seis léguas.

Guajuru. Ribeirão da província de Mato Grosso. Ignora-se o rumo em que corre, sabe-se somente que deságua no rio Guaporé, duas léguas abaixo da confluência do Paraguai defronte das cachoeiras de seu nome.

Guajuru Grande. Cachoeira do rio Guaporé, na província de Mato Grosso, em treze graus e quarenta minutos de latitude, entre a cachoeira Bananeira e a Guajuru-Mirim. Sobem-na as canoas com carga, mas é mister

puxá-las à sirga, e forçar a voga.

Guajuru-Mirim. Cachoeira do rio Guaporé, na província de Mato Grosso, entre a cachoeira Guajuru Grande, e o confluente do rio Ubaí. Dá fácil navegação às canoas. Nas adjacências desta cachoeira existe um registo chamado também *Guajuru*.

Gualacho. Povoação da província de Minas Gerais, com uma igreja, dedicada a N. S. da Conceição, filial da matriz da freguesia de Forquim: jaz este povo na margem esquerda do rio Gualacho.

Gualacho. Nome de dous pequenos rios da província de Minas Gerais que se distinguem pelo apelido *de Norte e de Sul*. Ambos eles nascem da serra de Ouro Preto: o do sul se engrossa à direita com as águas do ribeiro do Carmo, à esquerda do Gualacho do Norte, e com as do ribeiro do Peixe antes de se juntar com o rio Chopotó, onde as águas de ambos, juntas com as do das Pirangas, se despenham dos rochedos chamados salto do Inferno. Talvez se pudesse abrir uma vala na confluência do Gualacho com o Chopotó que comunicasse

Guandu

com o rio Piracicaba, por via do ribeiro da Prata ou de qualquer outro, e outra que fosse ter deste rio ao de Santo Antônio; por meio delas se facilitaria a navegação entre o sul da província de Minas Gerais e o rio Doce, passadas as cachoeiras do Inferno e Escura.

Guamá. Rio da província do Pará. Vem do nascente e caminhando para o norte, recebe em primeiro lugar o ribeiro Capim, e doze léguas mais adiante deságua na baía Guajará ao sul da cidade de Belém, perto da embocadura do rio Moju.

Guamame. Serra da província do Ceará sobre a margem esquerda do rio Jaguaribe, e a cinco léguas do mar: prolonga-se por espaço de oito léguas do nascente para o poente.

Guanapu. Um dos tributários do Baixo Amazonas. (V. *Anapu*.)

Guandu. Rio da província do Rio de Janeiro, que deve a sua origem à confluência do ribeirão das Lages com o rio de Santana, os quais correm em sentido oposto, dirigindo-se o primeiro quase do poente para nascente e o segundo *vice-versa* até se encontrarem,

Guaneí

e é neste ponto que suas águas reunidas tomam o nome de Guandu. A corrente deste rio é rápida e caminha em direitura do norte para o sul, recolhendo pela margem direita vários ribeiros de pouco cabedal até lançar-se na baía de Angra dos Reis de Santa Cruz. O capitão-mor Manoel Pereira Ramos mandou abrir uma vala na margem direita deste rio, para que as águas, que quando chovia alagavam e destruíam quanto ali se achava, se despejassem no Itaguaí, e por aquele meio restituiu à agricultura terras, que até então ficavam por cultivar, ao passo que as águas do vale aumentando o volume das do Itaguaí, algumas léguas antes de sua embocadura, foram causa que ele desse navegação a barcos. Os moradores das margens destes dous rios conservam ainda viva a memória do benfeitor de seu país. Dever-se-ia eternizar o nome daqueles que empregam o seu tempo e capitais a bem do público serviço, e pelo mesmo teor entregar ao público desprezo a memória dos que empecem o progresso das instituições e trabalhos, que redundam em proveito de todos.

Guaneí. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Alegrete. Vem do centro deste distrito e caminhando para o poente obra de vinte e cinco léguas entra no Uruguai pela margem esquerda, entre os confluentes dos rios Ibicuí e Arapeí.

Guanhães.⁵⁷³ Povoação da província de Minas Gerais, nas margens do ribeiro de cujo nome se intitula, com uma igreja da invocação de N. S. do Porto de Guanhões, filial da da freguesia de Correntes. Na margem do ribeiro Guanhões, seis léguas ao nascente da cidade do Serro, outrora Vila do Príncipe, existe uma fábrica de ferro, e na povoação uma escola de primeiras letras para meninos, criada por decreto de 7 de agosto de 1832.

Guanhões. Ribeiro da província de Minas Gerais. Nasce das serras que jazem ao nordeste da cidade do Serro, e ajunta-se com o rio do Peixe, afluente do de Santo Antônio. Dá-se este ribeiro navegação a canoas por espaço de oito léguas desde a povoação de seu nome até a sua junção com o do Peixe, que daí por diante toma o nome de rio, até juntar-

se pela margem esquerda com o de Santo Antônio.

Guanilhosa. Aldeia da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio, seis léguas a oeste da lagoa Boacica. Está esta aldeia assentada na margem dum ribeiro, cujas límpidas águas apenas admitem canoas.

Guapeí. Grande rio dos Estados pertencentes antigamente à Espanha, que nasce nos Andes, corre ao nascente passa dez léguas na mesma direção arredado da cidade de Santa Cruz, e inclinando-se ao depois para o norte entra no Mamoré pela margem direita em dez graus de latitude no cabo dum curso de perto de cento e cinquenta léguas.

Guapiaçu. Rio da província do Rio de Janeiro, que foi sucessivamente apelidado *Aguapeí*, *Aguapé* e afinal *Guapi*. Nasce este rio do cume da cordilheira dos Órgãos, três léguas ao poente da serra do Morro Queimado, e começa a correr para o sudoeste, recolhendo em si vários ribeiros que dão navegação a canoas, dado que o seu principal afluente seja o pequeno rio Piracinunga: perto do lugar

⁵⁷³ Atual cidade de Guanhões/MG. (N/E)

onde este se lhe ajunta existe uma ponte de madeira larga e em bom estado de conservação; por debaixo da qual passam grandes barcos carregados de lenha com os mastros derribados. Entre as cabeceiras dos rios Guapiaçu e Macacu, há uma pedra de pedra sabão que serve para a construção das bocas das fornalhas dos engenhos, por serem de muita dura, e resistirem ao fogo mais intenso.

Guapimirim.⁵⁷⁴ Freguesia assaz grande da província do Rio de Janeiro, entre a baía Niterói e a serra dos Órgãos. Teve princípio em uma ermida fundada em 1608, nas margens do ribeiro Cernambitigba, por Pedro Gago e seu irmão Estevão. A povoação é derramada, e as casas disseminadas em um vasto território. Francisco da Silveira Dias, prelado do Rio de Janeiro, conferiu em 1670 a esta ermida o título de paróquia. Como no seguinte século esta igreja se achasse arruinada, transportou-se a pia batismal para uma capela que ficava a três quartos de légua de distância, a qual havia sido edificada em 1713, e dedicada a

N. S. da Conceição; onde esteve até que foi outra vez transferida para uma igreja erigida nas adjacências do rio Guapimirim, no sítio chamado *Igranamixama*. Foi esta igreja sagrada em 1753, e um alvará de 15 de janeiro de 1755 a reconheceu e declarou definitivamente paróquia. Em 8 de novembro de 1843, fez-se nesta igreja uma solenidade digna de ser relatada, e vem a ser que J. J. Lodi, surdo e mudo de nascença, mandou dizer uma missa cantada cuja música composta por ele foi executada por outros surdos e mudos. Estende-se o termo desta freguesia da banda do norte ao alto da cordilheira dos Órgãos, da do nascente os rios Piracinunga e Macacu o separam da freguesia de Santo Antônio de Sá; a baía de Niterói a banha da parte do sul, e da do poente vizinha com o termo da freguesia da vila de Magé, a cujo distrito pertence. Há nesta freguesia vários engenhos e fábricas de aguardente de cana, e muitos fornos de tijolo que se acham em atividade. Seus habitantes, que passam de dous mil se aplicam à agricultura e ao comércio de lenhas; que descem pelos ribeiros Cernambitigba

Guaporé

e outros até o rio Guapimirim, donde são transportados para o Rio de Janeiro em grandes barcos.

Guapimirim. Rio da província do Rio de Janeiro, a que alguns chamaram também, como ao Guapiaçu, *Agnapé*, e que é geralmente apelidado pelos indígenas *Guapi*. Nasce este rio da serra dos Órgãos, corre do norte para o sul por espaço de sete léguas, regando o termo da freguesia de seu nome, e vai desaguar na baía Niterói, entre as embocaduras dos rios Magé e Macacu. O Guapimirim leva vantagem aos demais afluentes desta baía, na profundidade do álveo e em ter a embocadura livre de baixios; de modo que podem nele navegar grandes barcos cousa de uma forte légua, e entrar e sair em todas as marés; as canoas sobem por ele acima cinco léguas mais.

Guaporé. Grande rio da província de Mato Grosso. Nasce este rio da serra Aguapéi, continuação da cordilheira Parecis, entre os nascentes dos rios Juruena e Jauru, em quatorze graus e quarenta e dous minutos de latitude, e se precipita de

⁵⁷⁴ Atual cidade de Guapimirim/RJ. (N/E)

Guará

cachoeira em cachoeira por espaço de sete léguas, dirigindo-se rumo do sul, paralelamente com o Jauru, o qual nesse ponto se desvia para o nascente; continua o Guaporé no mesmo rumo, e perto duma quebrada da estrada real toma para o noroeste até a cidade de Mato Grosso, tendo já recolhido em si as águas dos ribeiros Barreiro, Pindaíba e Capivari, e as do rio Alegre, meia légua antes de chegar à sobredita cidade, e seguindo o mesmo rumo faz um sem número de voltas, regando as aldeias Lamego e Leonil, e o forte do Príncipe da Beira com a aldeia do mesmo nome que lhe é contígua, e recebe sucessivamente pela direita o rio Sararé, três léguas abaixo da cidade de Mato Grosso, o Galera, a dezoito léguas da mesma cidade, e a grandes distâncias uns dos outros os ribeirões Cabixi, Piolho, Corumbiara, Mequéns, São Simão, Cautário, ao passo que pela margem esquerda se lhe ajunta, vinte e seis léguas abaixo da cidade de Mato Grosso, o rio Verde, a cinquenta e seis o Paragau, a cento e seis o Bauré ou Baurus, a cento e vinte o Itunama

ou Tunama, e a cento e trinta e seis o Ubaí, que vem das terras dos Chiquitos. Faz este rio grandes voltas, e é semeado de várias ilhas em seu curso inferior. Os Espanhóis chamam-no Itenez, e conservam-lhe este nome até a sua confluência com o Marmoré, em onze graus e cinquenta e quatro minutos de latitude. O curso total deste rio é de duzentas e cinquenta e cinco léguas aproximadamente. Da junção destes dois rios é que começa o Madeira, e os navegantes contam duzentas e cinco léguas deste ponto à cidade de Mato Grosso, no decurso das quais se encontram, no rio Guaporé, cinco cachoeiras entre o conflúente do Paragau e o princípio do rio Madeira, que são as seguintes: Guajuru Grande, Guajuru-Mirim, Bananeira, Pau Grande e Lages. (V. estes nomes.)

Guará. Ribeirão da província da Bahia, na comarca do Rio de São Francisco; sai da falda oriental da serra Paranã e vai desaguar no rio Correntes.

Guarabira.⁵⁷⁵ Antiga povoação da província de Paraíba. (V. *Vila da Independência*.)

Guaraçoiava. Serra da província de São Paulo, originalmente apelidada indiscriminadamente *Araçoiaba*, *Biraçoiava* e *Quiraçoiava*. Tem esta serra três léguas de comprimento com proporcionada largura, é regada pelo rio Ipanema, e jaz a três léguas da vila de Sorocaba, a cujo distrito pertence. Em 1590, Afonso Sardinha, natural da capitania de São Vicente, estando ocupado em extrair ferro dalgumas minas que ali se achavam, deparou com uma de prata. Tomou-a imediatamente o governo por sua conta, e desamparou-a depois, sem tirar dela o menor proveito. É rica esta serra em minas de ferro, e tem tamanha altura que a sombra dela se estende sobre grande parte das terras adjacentes, e subsiste muito tempo depois do nascer do sol.

Guaracuí. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati, um dos que deságuam na baía de Angra dos Reis.

Guaraju. Tribo de Índios que dominavam nas margens do Corumbiara, na proximidade do Guaporé. A aldeia em que

⁵⁷⁵ Atual cidade de Guarabira/PB. (N/E)

eles viviam tomou, em 1779, o nome de Viseu. Em 1843, os Bolivianos entraram armados nas terras vizinhas desta aldeia, de que houve receio que se quisessem apoderar.

Guaramataí. Rio da província do Rio Grande do Norte. (V. *Cunhaú*.)

Guaranhuns. Serra do sertão da província de Pernambuco, setenta léguas ao sudoeste da cidade.

Guaranis. Nação considerável de Índios que dominavam nas matas entre o Paraná, Paraguai e Uruguai, cujo nome, segundo o sentir de alguns autores, quer dizer *guerreiro*. Antes de serem doutrinados pelos jesuítas, eram um povo nômade que reduzia a cativo os indivíduos das outras nações, os entroncava em suas famílias para aumentar seu número e poder: o que deu ocasião a supor-se eram de tribos diferentes os Índios que dominavam nas terras cercadas por estes três rios. Penetraram nelas os jesuítas, em 1620, e em menos de cinco anos fundaram dife-

rentes aldeias, as quais encerravam obra de cinquenta mil Índios que viviam em comunidade. Como estes povos tivessem por costume aliar-se com outros, facilmente se deixaram subjugar pelas nações que se conservaram sem mescla. Pelo que diz respeito aos usos e costumes, poucos diferem dos dos Tapes e Minuanos. (V. estas palavras.)

Guarapari.⁵⁷⁶ Vila marítima da província do Espírito Santo, em vinte graus e quarenta e três minutos de latitude, e em quarenta e dois graus e cinquenta e dois minutos de longitude oeste. Seu nome é derivado de duas palavras índias, de *guará*, formosa ave do gênero íbis, que são numerosíssimas naqueles sítios, e de *pari*, que quer dizer laço, armadilha. Seguindo o exemplo do jesuíta Afonso Brás, fundador do colégio da cidade da Vitória, vieram da Europa outros missionários, e entre eles o padre Anchieta, estabeleceram-se num alto vizinho da embocadura do rio Guarapari, no decurso do ano de 1587, e edificaram uma igreja a Santana. A doce moral que

Guarapari

pregavam aos Índios lhes granjeou numerosos prosélitos que foram batizados, e ficaram vivendo debaixo da direção dos padres, e passados anos vieram alguns Portugueses assentar vivenda naqueles sítios já povoados por estes novos cristãos. Em 1687, Francisco Gil de Araújo, tendo alcançado o beneplácito d'El-Rei, para tomar posse da capitania do Espírito Santo, que havia há pouco comprado por quarenta mil cruzados aos donatários dela, conferiu a esta aldeia o título de vila, cerimônia que se fez com toda a solenidade, no 1º de março de 1689. Mandou o novo donatário também fazer uma igreja, dedicada a N. S. da Conceição, que foi elevada à categoria de paróquia por alvará de 11 de janeiro de 1775. O porto desta antiga vila é mui frequentado dos barcos costeiros, e amparado dos ventos pelas ilhas Calvado, Rasa e Guarapari, que fazem uma baía cômoda, sucedendo-se ordenadamente do sul para o norte, e seu principal comércio consiste em fiado de algodão, madeira de construção e bálsamo do Peru, que se embarcam para o Rio de Janeiro. Confronta o

⁵⁷⁶ Atual cidade de Guarapari/ES. (N/E)

Guarapari

distrito desta vila, da parte do norte, com o da cidade da Vitória; da do sul, com o de Benavente; da do poente ignora-se quais sejam os seus limites, por isso que se estendem pelas matas da cordilheira dos Aimorés, e o Oceano o cerca pela banda do nascente. As águas nas terras chãs são más, e geram febres intermitentes, que arruinam a saúde dos habitantes, e fazem com que as terras sejam mal-agricultadas. Se se ensecassem os pauis que jazem entre o mar e as montanhas, restituir-se-ia à agricultura grande quantidade de terras, e os habitantes se veriam isentos do flagelo que os dizima anualmente.

Guarapari. Serra considerável da cordilheira dos Aimorés, cinco léguas ao poente da vila de seu nome. É nas montanhas de que ela consta que se colhe a maior parte do bálsamo conhecido com o nome de peruviano. O ponto mais elevado desta serra acha-se em vinte graus, e cinquenta minutos e quinze segundos de latitude, e em quarenta e cinco graus, vinte e oito minutos e trinta e dois segundos de longitude oeste.

Guarapari. Monte da província do Espírito Santo, na margem direita do rio de que toma o nome, e onde está situada a igreja matriz da freguesia de Santana de Guarapari.

Guarapari. Rio da província do Espírito Santo. Nasce da cordilheira dos Aimorés, cinco léguas ao nordeste da vila de Benevente, atravessa várias lagoas, e vai lançar-se no Oceano, entre o monte Guarapari e o de Perocão. É estreito e profundo em sua embocadura e dá navegação aos barcos que nele entram com facilidade, cosendo-se com o monte Guarapari. As canoas vão até a cordilheira, que oferece pontos de vista encantadores.

Guará Piranga.⁵⁷⁷ Povoação e rio da província de Minas Gerais. (V. *Piranga*.)

Guarapuava.⁵⁷⁸ Pequena vila da província de São Paulo, perto do rio Iguçu, na estrada que vai para a província de São Pedro do Rio Grande. Uma igreja dedicada a N. S. de Belém, que existia nos campos de Guarapuava, foi decorada com o título de paróquia por

decreto da assembleia legislativa de 9 de novembro de 1830, que lhe concedeu a quantia de vinte e cinco mil réis por ano para ser empregada num gênero de comércio que pudesse influir nos ânimos dos Índios bravos, e trazê-los à civilização. Como esta povoação se achasse sobremaneira distante das cabeças do distrito, um decreto da mesma assembleia lhe conferiu o título de vila, assinando-lhe por distrito as terras situadas entre o rio Iguçu, tributário do Paraná, e o Paranapanema. Jaz esta vila mais de oitenta léguas ao sudoeste da cidade de São Paulo. Seus habitantes, agricultores e criadores de gado, veem-se anojados com os Índios bravos que vivem nas vizinhanças, os quais até agora se não quiseram sujeitar a viver no estado de sociedade.

Guarás ou Guarazes. Ilha da província de Santa Catarina, ao sueste da ponta Embituba.

Guaratiba.⁵⁷⁹ Freguesia da província do Rio de Janeiro, doze léguas oés-sudoeste da cidade do mesmo nome, com um porto perto do mar, na barra de Guaratiba, que

⁵⁷⁷ Atual cidade de Piranga/MG. (N/E)

⁵⁷⁸ Atual cidade de Guarapuava/PR. (N/E)

⁵⁷⁹ Atual bairro de Guaratiba, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

forma a boca da baía de Angra dos Reis, em sua extremidade oriental, onde só podem entrar canoas em razão dos arrecifes que se acham neste passo, perto do pequeno porto da fazenda dos carmelitas, conhecido com o nome de Ponto das Pedras. No lugar em que jaz o porto de Guaratiba, erigiu-se, no meado do século XVII, uma capela dedicada ao Salvador do mundo, a qual, por se achar mui longe da freguesia de Jacarepaguá, alcançou algumas prerrogativas paroquiais em 1676. Arruinando-se esta capela, os que nela celebravam os officios divinos se estabeleceram sucessivamente na de Santo Antônio, em 1690, e na de N. S. da Saúde, em 1730, as quais também se arruinaram, por isso que os fazendeiros não gostavam de ter em suas fazendas e em suas próprias casas os padres, sabendo que estes mandariam nelas mais do que eles; por outra parte era a povoação tão pobre que não tinha meios para reedificar a primeira destas igrejas com maiores dimensões; assim que foi mister, correndo o ano de 1743, transportar-se a pia batismal para uma pequena

capela de N. S. da Conceição, que foi aumentada como atualmente se vê, e acabada de todo em 1750. Em 1755, um alvará de 12 de janeiro elevou esta igreja à categoria de paróquia, com a antiga invocação do Salvador. Seu termo confronta, da parte do norte, com os de Campo Grande e de Maripocu; ao poente com o rio Guandu, a baía de Santa Cruz ou de Angra dos Reis, e a barra de Guaratiba, que lhe servem de limites; da parte do sul cerca-o o Oceano, e da do nascente pega com o termo da freguesia de Jacarepaguá. Avalia-se a sua população em mais de quatro mil habitantes de todas as condições, que cultivam os gêneros do país, os quais, tirando os do consumo, são exportados para o Rio de Janeiro pelos portos de Sepetiba, Guaratiba e Sernambitiba. Neste termo, que é regado pelos ribeiros Piraquê, Itabuca e Capão, acham-se derramadas várias capelas; como são a de Santo Antônio, na ilha da Bica; a de Santana, na fazenda dos carmelitas, a de N. S. das Dores, na ilha e aldeia de Marambaia; a de N. S. do Desterro, à borda do mar, e a de São Francisco de

Guaratinguetá

Paula com pia batismal, edificada em 1760 nas terras de Magarça. O termo da freguesia de Guaratiba pertence ao distrito neutro da cidade do Rio de Janeiro.

Guaratinguetá.⁵⁸⁰ Antiga vila da província de São Paulo, situada perto da margem direita do rio Paraíba, quarenta e oito léguas pouco mais ou menos, ao nordeste da cidade de São Paulo. Foi esta vila fundada em 1651 pelo capitão-mor Dionísio da Costa, então representante do donatário da capitania de São Vicente. Um alvará de 9 de outubro de 1817 nomeou-lhe um juiz de fora em lugar dos ordinários, com alçada sobre as vilas de Cunha e de Lorena. A igreja matriz desta vila é dedicada a N. S. do Rosário, e outra da invocação de São Gonçalo. As casas são de taipa, e os habitantes de seu distrito, que andam por sete mil, se aplicam à criação de gado grosso e de porcos, e ao amanho das terras, que são excelentes para o cultivo do tabaco, canas e café, bem como para os mantimentos ordinários. Sua situação sobre a estrada de São Paulo para o Rio de Janeiro, dá uma certa

⁵⁸⁰ Atual cidade de Guaratinguetá/SP. (N/E)

Guaratuba

atividade ao seu comércio, sobretudo com a vila de São João do Príncipe, que fica seis léguas mais para o nascente. A meia légua da vila há uma capela da Senhora da Aparecida, que está em muita veneração.

Guaratuba ou Vilanova de São Luiz.⁵⁸¹ Pequena vila da província de São Paulo, na margem meridional do rio ou baía de Guaratuba, setenta e três léguas ao sudoeste da capital da província, e distante do mar um pouco mais de uma légua. Teve origem em 1656, quando o marquês de Cascais, herdeiro da condessa de Vimieiro, fundou a capitania de Paranaguá. Como alguns indivíduos da capitania de São Vicente tivessem nesse tempo assentado morada nas margens do rio Saí, na parte do continente que jaz entre o canal apelidado rio de São Francisco, e o rio Guaratuba, trataram de edificar uma capela a N. S. do Bom Socorro, para lhes servir de freguesia, de que se não acha o título. D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, governador geral da província de São Paulo, fundou uma vila na

margem meridional do rio Guaratuba, em 1771, e pôs-lhe o nome de *Vilanova de São Luiz*, posto que tenha prevalecido o do rio ou baía, em cuja margem está assentada. Uma igreja feita de novo, e dedicada a São Luiz, foi nesta mesma ocasião criada paróquia, para fazer as vezes da do Bom Socorro, na margem do Saí, por não dar este rio navegação a barcos. O porto de Guaratuba poderia ser dalguma importância, se houvessem boas estradas que facilitassem o transporte dos gêneros do dito porto para as vilas do Príncipe, de Curitiba e outras do interior do país. Os habitantes deste distrito cultivam os mantimentos ordinários e especialmente arroz, fazem barcos e taboado.

Guaratuba. Rio da província de São Paulo, cinco léguas ao norte do rio Saí, o qual serve de limite às províncias de São Paulo e de Santa Catarina. Deriva este rio o nome que tem de certas aves aquáticas chamadas *guarás*, que se encontram em bandos em todo ele, especialmente depois que se engrossa com as águas de vários ribeiros de maior ou

menor cabedal; nasce da serra que corre ao longo do mar, abaixo da vila de Curitiba, acompanha todas as suas voltas caminhando para o sul, e fazendo juntamente com vários outros uma espécie de baía ou de lagoa, de três léguas de comprido, e de três quartos de légua de largo, rega a falda meridional do monte Caioabá, e lança-se afinal no mar, entre o promontório que este monte forma e a ponta Guaratuba. Dá navegação a lanchas até a vila, a duas léguas do mar, e a canoas por largo espaço, podendo estas subir pelos diferentes afluentes deste rio, que imprópriamente é chamado baía.

Guaraú. Ribeirão da província de Paraíba, no distrito da cidade deste nome. Vem do distrito de Montemor, e se lança pela margem esquerda no Paraíba, sendo o mais caudaloso de seus afluentes.

Guarda Velha.⁵⁸² Antigo registo da província de São Pedro do Rio Grande, na serra Viamão. (V. *Santo Antônio da Patrulha*, vila.)

Guaribas. Lagoa da província do Pará, entre o rio Tapajós e o Madeira, no qual se sangra.

⁵⁸¹ Atual cidade de Guaratuba/PR. (N/E)

⁵⁸² Atual cidade de Santo Antônio da Patrulha/RS. (N/E)

Guatibas. Ribeiro da província de Piauí, que se ajunta com o rio Itaim, pela margem direita.

Guaribas. Lagoa da província do Ceará, perto da vila que foi de Mecejana, e defronte do distrito de Aquirás.

Guaribas. Ilha do rio Madeira, perto da confluência do Jamari, um pouco abaixo da cachoeira de Santo Antônio. Tem esta ilha uma légua de comprimento.

Guarinos. Tribos de Índios pacíficos da província de Goiás. (V. *Guarinos*, aldeia.)

Guarinos.⁵⁸³ Aldeia da província de Goiás, e uma das muitas que ali fundou o coronel Antônio Pires de Campos em 1742, para se precaver contra as acometidas e entradas dos Índios bravos, e onde colocou os Índios Guarinos, dos quais tomou esta aldeia o nome que tem. Jaz três léguas ao sudoeste da vila do Pilar, de cuja matriz é filial a sua capela. Está atualmente reduzida a algumas famílias que fazem ao todo quarenta pessoas.

Guaru ou Guarulhos. Índios da província do Espírito

Santo, os quais foram civilizados pelos primeiros missionários que penetraram nesta parte da província. (V. *Santo Antônio dos Guarulhos*, povoação da província do Rio de Janeiro.)

Guarulhos.⁵⁸⁴ Freguesia considerável da província do Rio de Janeiro. (V. *Santo Antônio dos Guarulhos*.)

Guarulhos. Lugarejo da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Santo Amaro, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 14 de junho de 1830.

Guatós. Tribos de Índios da nação Parecis, que dominavam nas margens dos rios, ao norte da cidade de Cuiabá. São dóceis, mas por extremo indolentes. Vivem da caça e da pesca, em que têm suma destreza.

Guaxindiba.⁵⁸⁵ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, com um porto, onde as águas avultam nas enchentes das marés, com as que lhe traz o rio de Alcântara, a quem em certos pontos chamam Guaxindiba. Jaz este lugarejo na margem direita deste rio, e

Gueguez

pertenceu largo tempo à freguesia de São Gonçalo.

Guaxindiba. Ribeirão da província do Espírito Santo. Nasce na serra Itaúna, que separa o termo da freguesia da Barra Seca do da de São Mateus, e dirigindo-se para o nascente, vai lançar-se no Oceano, uma légua ao norte do rio Cricaré ou São Mateus. (V. *Itaúnas*.)

Guaxu. Nome de dous ribeiros da província de Mato Grosso, um de maior cabedal que o outro: ambos vão juntar-se com o rio Cuiabá, pela margem esquerda, acima do porto da cidade deste nome e do ribeiro Tutês, que também nele entra pela margem oposta.

Gueguez. Nação índia que dominava originalmente nas cabeceiras do rio Parnaíba, nas raías das províncias de Goiás e de Piauí. Em 1766, perto de mil destes Índios foram transferidos para o norte da cidade de Oeiras, onde se lhes havia preparado a aldeia hoje conhecida com o nome de vila de São Gonçalo do Amarante; porém desertaram juntamente com os Acroás, e voltaram

⁵⁸³ Atual cidade de Guarinos/GD. (N/E)

⁵⁸⁴ Atual cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. (N/E)

⁵⁸⁵ Atual bairro de Guaxindiba, distrito de Manjalo, município de São Gonçalo/RJ. (N/E)

Guia

outra vez e tornaram a fugir para os matos, segundo que era mais abundante a colheita dos frutos das terras onde viviam. Acham-se ainda alguns de todo estabelecidos em São Gonçalo do Amarante.

Guia. Freguesia da província do Pará, na margem direita do rio Negro, quatro léguas acima da povoação de Iparaná. Sua igreja é dedicada a N. S. da Guia, e seus moradores Índios das tribos Banibás.

Guia. Povoação da província de Paraíba, na margem esquerda do rio do mesmo nome. Um convento de carmelitas, com uma igreja da invocação de N. S. da Guia, foi a origem deste povo que se intitulou da sobredita invocação. Por um decreto de 12 de novembro de 1840, foi esta igreja escolhida para fazer as vezes de paróquia em lugar da da povoação do Livramento, conservando o mesmo termo.

Guia. Ponta de terra da América meridional que mais se adianta para o levante. Está situada na província de Paraíba, em sete graus, vinte e seis minutos e vinte e cinco

segundos de latitude, e trinta e sete graus, sete minutos e vinte e nove segundos de longitude oeste.

Guia. Ponta de terra da ilha Maranhão, ao sul do grande surgidouro, e a uma milha da ilha do Medo, em dous graus, trinta minutos e quarenta e três segundos de latitude, e quarenta e seis graus, trinta e oito minutos e cinquenta e seis segundos de longitude oeste.

Guiana brasileira. Vasto país que se compõe dos antigos domínios portugueses, determinados pelo tratado de Utrecht de 1777. Confina a Guiana, da banda do norte, com os rios Oiapoque, Orinoco e Cassiquiari; da do ocidente fenece numa linha traçada entre o forte de São José, na cabeceira do rio Negro, e o da Tabatinga, na margem direita do Amazonas; da do sul serve-lhe de limite o mesmo Amazonas, e da do oriente o Oceano; e jaz debaixo dos dous trópicos, entre quatro graus de latitude norte, e outro tanto de latitude sul. Os dias são ali iguais em todas as estações do ano, o clima quente, porém tem-

perado com os ventos frios das serras. Os habitantes são pela maior parte Índios de diversas nações, que falam diverso idioma, e têm diferentes costumes. As árvores tornam-se mui corpulentas nas vizinhanças dos rios; as do cravo, e os cacauzeiros dão-se espontaneamente: as canas e o tabaco prosperam nas terras chãs, e os algodoeiros e cafeeiros nas altas.

Guimarães. Nova comarca da província do Maranhão, entre o rio Turiaçu ao ocidente, e o mar ao oriente. Foi criada por lei provincial de 15 de junho de 1838 a qual desanexou da comarca de Alcântara o distrito de Guimarães, conferiu o título de vila à freguesia de Santa Helena, e elegeu a vila de Guimarães para cabeça à categoria de vila por outra lei provincial de 3 de outubro de 1841, consta atualmente esta comarca dos distritos de Cururupu, Guimarães e Santa Helena.

Guimarães.⁵⁸⁶ Pequena e antiga vila da província do Maranhão, cabeça da nova comarca do mesmo nome. Jaz sobre a margem se-

⁵⁸⁶ Atual cidade de Guimarães/MA. (N/E)

tentrional da baía de Cumá, treze léguas ao noroeste da cidade de São Luiz. Sua igreja paroquial é dedicada a São José. Um decreto da assembleia geral, de julho de 1834, concedeu à câmara desta vila, que era mui pobre, todas as ilhas que jazem ao longo da costa de seu distrito até a baía de Turiaçu que se achavam sem possuidores legítimos. A população de seu distrito é avaliada em dous mil habitantes, pela maior parte agricultores. Seu porto é acessível às sumacas e brigues.

Guimarães.⁵⁸⁷ Lugarejo da província do Ceará, no distrito da cidade de Januária, outrora vila do Sobral. Por ele passa um ribeiro a que se dá também o nome de Guimarães. Há neste povo uma capela da invocação de N. S. do Rosário.

Guimarães.⁵⁸⁸ Aldeia e serra da província de Mato Grosso e de Goiás, onde é mais conhecida com o nome de arraial da *Chapada de Santana*, ou aldeia de *Santana*. (V. estas palavras.)

Guiriri. Rio da província do Pará. Vem das terras dos Arinos, ainda não bem conhecidas, e vai engrossar o rio Xingu, em que entra pela margem esquerda, no ponto em que o seu álveo começa a ter menos arrecifes.

Gupiara.⁵⁸⁹ Povoação da província de Minas Gerais, na estrada que vai do Rio de Janeiro para São João del Rei, três léguas ao sul da nova vila de Ajuruoca, com uma igreja da invocação de Santana.

Guraíras. Pequeno rio da província do Ceará, cujas cabeceiras servem de limite aos distritos de Montemor o Novo e o de Quixeramobim, e que em seu curso rega o distrito da cidade Januária e vai entrar pela margem esquerda no rio Acaracu, cinco léguas acima desta cidade.

Guréu. Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Arês, ao norte da ponta da Pipa.

Gurgueia.⁵⁹⁰ Povoação da província de Piauí, no distrito

Gurgueia

da vila de Pernaguá. Jaz sobre o rio do mesmo nome e tem uma igreja da invocação do Bom Jesus, que foi elevada à categoria de paróquia, por lei provincial de 22 de setembro de 1838.

Gurgueia. Rio da província de Piauí. Nasce da serra de que toma o nome, e serve de separação entre as províncias de Piauí e de Pernambuco. Corre este rio vinte léguas para o norte antes de recolher em si pela margem direita o Paraim, e continuando em seu curso vinte e cinco léguas mais, rega com suas águas avermelhadas e pouco saudáveis a vila de Jerumenha, e quatro léguas mais abaixo se lança pela margem direita no rio Parnaíba. Seu leito é raso e rápida a sua corrente, que só dá fácil navegação às canoas nas ocasiões de cheia: em sua junção com o Parnaíba é semeado de arrecifes que empecem a navegação; em suas margens pasta grande quantidade de gado, porém os que as povoam são sujeitos grande parte do ano a febres intermitentes.

⁵⁸⁷ Atual cidade de Groairas/CE. (N/E)

⁵⁸⁸ Atual cidade de Chapada dos Guimarães/MT. (N/E)

⁵⁸⁹ Atual povoado de Gupiara, município de Aiuruoca/MG. (N/E)

⁵⁹⁰ Atual cidade de Bom Jesus/PI. (N/E)

Guriguacuru

Guriguacuru. Nome original do rio Negro, tributário do Amazonas, antes dos Portugueses haverem penetrado neste país. (V. *Negro*, rio.)

Gurinhém ou **Gurunhém.**⁵⁹¹ Povoação da província de Paraíba, no distrito do Pilar, com uma igreja da invocação de N. S. do Rosário, filial da matriz de Itabaiana, de que dista três léguas. Um decreto de 13 de outubro de 1931 criou uma escola de ensino mútuo nesta povoação, que é regada pelo rio Gurinhém, afluente do Paraíba. Seus habitantes cultivam os víveres de consumo ordinário e exportam algodão.

Gurupá.⁵⁹² Pequena e engraçada vila da província do Pará, na margem direita do Amazonas, doze léguas abaixo da confluência do rio Xingu. Foi originalmente uma aldeia de Índios Tupinambás. Os Holandeses fizeram nela um forte no tempo em que estiveram senhores desta província, e nela existe presentemente um registo onde todas as embarcações que sobem e descem pelo rio são visitadas.

El-Rei D. Pedro II de Portugal fundou nesta povoação, em 1693, um hospital, na ocasião em que lhe conferiu o título de vila. Sua igreja matriz é dedicada a Santo Antônio; seus moradores cozem telhas e tijolos, colhem cacau, salsaparrilha e cravo, que são outros tantos ramos de indústria e de comércio de exportação para as diversas vilas da província. Em 1840 a câmara desta vila requeria um subsídio para consertar o porto e as igrejas das freguesias de seu distrito, bem como para fazer uma cadeia mais segura.

Gurupatuba. Rio da província do Pará, na Guiana brasileira. Nasce da serra Tumucucuraque, e correndo para o sul, obra de sessenta léguas, vai desaguar no rio Amazonas, depois de haver banhado as faldas da colina, onde está assentada a vila de Montalegre. (V. *Montalegre*, vila.) As margens do Gurupatuba são férteis em razão dos nateiros que nelas depositam as cheias, e dão grande quantidade de arroz de superior qualidade. Os Índios chamam a este rio *Iriquiriqui*.

Gurupi.⁵⁹³ Antiga e pobre vila da província do Pará, na margem da baía, e perto da embocadura do rio do mesmo nome. Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador general do Estado do Maranhão, foi quem debuxou o plano desta vila em 1628, que entendia devia servir de escala entre as cidades de Belém e de São Luiz, e pôs-lhe o nome de Vera Cruz. Em 1661, era esta vila a capital duma capitania; mas a diminuição progressiva da fundura da baía e do porto a privou de todas as suas regalias. No princípio do século que corre, esta vila, que foi largo tempo apelidada do nome da baía, e de seu porto, não tinha nem cadeia, nem casa da câmara, e estava reduzida a uma simples freguesia. Por lei provincial de 1836 foram-lhe de novo conferidas as prerrogativas de vila, porém ainda assim em 1840 não tinha igreja onde se celebrassem os officios divinos, porque a antiga se achava totalmente arruinada.

Gurupi. Alta serra da província do Pará, por detrás da baía e da vila do mesmo no-

⁵⁹¹ Atual cidade de Gurinhém/PB. (N/E)

⁵⁹² Atual cidade de Gurupá/PA. (N/E)

⁵⁹³ Atual localidade de São José do Gurupi, município de Viseu/PA. (N/E)

me. Por ela se orientam os navegantes que vão ao Pará, e os que querem entrar na baía de Gurupi.

Gurupi. Baía da província do Pará e da do Maranhão, que recolhe o rio de seu nome, e que juntamente com ele, por lei da assembleia geral de outubro de 1836, serve de limite marítimo a estas duas províncias. Numa das suas margens jaz a antiga vila de Vera Cruz, hoje Gurupi⁵⁹⁴ o ângulo de leste de sua entrada tem o nome de *cabo Gurupi*, e acha-se em um grau de latitude meridional, e quarenta e oito graus e trinta e cinco minutos de longitude oriental.

Gurutuba.⁵⁹⁵ Grande freguesia da província de Minas Gerais, na comarca de Jequitinhonha. Em 1760, Manoel Afonso da Sequeira, com dous irmãos seus, descobriram o rio aurífero de Gurutuba, e asentaram morada em suas margens. Uma capela da invocação de Santana, sita na fazenda chamada da *Serra Branca*, foi largo tempo a única igreja que havia num vasto território que pertencia à freguesia de Morrinhos.

Aqueles dos moradores que residiam mais distantes dela erigiram sucessivamente a igreja de São José, do Pilar e de Santo Antônio. A de São José, por ser a mais central, por um decreto de 14 de julho de 1832, recebeu o título de paróquia, ficando as duas outras mais distantes assinaladas por filiais dela. Um segundo decreto de 7 de agosto seguinte instituiu nesta freguesia uma escola de primeiras letras. Consta o seu vasto termo de altas serras e de dilatados campos, e encerra obra de sessenta fazendas, onde há dez anos não havia senão mil e seiscentos habitantes, que se ocupam na criação de gados, os quais levam a pastar nos montes e vales, conforme a estação, o que não tolhe de perderem muitos de calor e de fome nos tempos secos. Alguns indivíduos bateiam ainda as areias dos ribeiros que engrossam o rio Gurutuba para colher algum ouro: para evitar o contrabando deste metal bem como o dos diamantes, estabeleceu-se ali um registo. Por lei de 24 de março de 1840, as povoações de São José, Santo Antônio e Santana foram to-

Gurutuba

das três anexadas ao distrito da nova vila do Grão Mogor. (V. este nome.)

Gurutuba. Grande serra da província de Minas Gerais, no norte da comarca de Jequitinhonha. Prolonga-se esta serra trinta e cinco léguas do sul para o norte, ao nascente do rio de São Francisco, desce a serra do Grão Mogor até a confluência do rio Verde com o Gurutuba, entre os quais fenece defronte da província da Bahia.

Gurutuba. Rio mediocrementemente aurífero da província de Minas Gerais, descoberto em 1759 por Manoel Afonso de Sequeira, natural de São Paulo. Em um curso de perto de trinta e cinco léguas do sul para o nor-noroeste, segue este rio a direção dum vale que se estreita ora mais, ora menos, segundo a disposição da serra Gurutuba, e vai-se engrossando com as águas de vários ribeiros, até chegar à extremidade setentrional dela, em treze graus e quarenta e seis minutos de latitude, e ali se ajunta com o rio Verde, tributário do São Francisco.

⁵⁹⁴ Atual cidade de Boa Vista do Gurupi/MA. (N/E)

⁵⁹⁵ Atual distrito de Gurutuba, município de Porteirinha/MG. (N/E)

H

Herval.⁵⁹⁶ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, na serra que tem o mesmo nome, e perto do rio Jaguarão. Sua igreja é dedicada a São João Batista, e seu termo confronta, da parte do sul, com o Estado Oriental, ou de Montevidéu.

Herval. Serra da província de São Pedro do Rio Grande, ao norte do rio Jaguarão; dela tiram origem vários rios e ribeiros tributários da lagoa dos Patos.

Hiapura. Rio considerável, chamado Caquetá no Popaiã, o qual nasce na província de Micoa, onde se engrossa com as águas de vários rios que nele entram depois de haverem regado as terras da província de Bogotá, e toma o nome de Hiapura no cabo dum canal que o faz comunicar com o Orenoco, servindo neste ponto de limite ao império do Brasil; e depois de haver corrido obra de cem

léguas de noroeste para sueste, divide-se em nove braços durante outras tantas léguas antes de se ajuntar com o Amazonas. Os nove braços de que falamos começando do oeste para leste são o Anatiparaná, o Eviratiba, o Manhaná, o Varanupu, o corpo do Hiapura, o Uuana, Copeja, Hicara, enfim o Cadaja, que é o mais oriental de todos. Estes ramos deixam entre uns e outros outras tantas ilhas, que são totalmente submergidas nas cheias. Passa este rio por várias freguesias do Brasil, e pela vila de Marripe, que lhe fica à esquerda, dez léguas antes de ajuntar-se com o Amazonas.

Hibiapaba. Cordilheira que ocupa grande extensão, correndo de leste a oeste na província do Ceará, repartida nas serras da Biapina, Boa Vista, Boritama, Cocos e outras de menos vulto. Serve esta cordilheira de limite à província de Piauí, ao nascente da embocadura do Parnaíba, onde fenece perto do mar. Encontram-se nela minas de ferro e de cobre, mas poucas

ou nenhuma de ouro, e é cortada de várias estradas com diversos rumos, que vão ao Maranhão, à cidade de Fortaleza, às vilas de Parnaíba, Viçosa e Granja, bem como à cidade de Oeiras, pelas vilas de Marvão e de Sobral. Quando os exploradores portugueses penetraram pela primeira vez nesta serra, acharam-na povoada de trinta aldeias de Tapuias que obedeciam ao célebre cabo índio apelidado Mel Redondo. Alguns autores chamam esta cordilheira *Biapina*, em vez de Hibiapaba.

Hibiraribe.⁵⁹⁷ Antiga aldeia da província do Pará, atualmente vila. (*V. Alter do Chão*, vila.)

Hiboaçu.⁵⁹⁸ Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de Granja, com uma igreja da invocação de Santo Antônio. Seus moradores se aplicam ao amanho das terras, e exportam algum algodão.

Hicara. Oitavo braço do rio Hiapura, grande tributário do das Amazonas, com

⁵⁹⁶ Atual cidade de Herval/RS. (N/E)

⁵⁹⁷ Atual distrito de Alter do Chão, município de Santarém/PA. (N/E)

⁵⁹⁸ Atual distrito de Pessoa Anta, município de Granja/CE. (N/E)

quem se incorpora o Copeja e o Cadaja.

Hicatu.⁵⁹⁹ Vila da província do Maranhão. (V. *Icatu*.)

Higuaçu. Nome de vários rios e vilas do Brasil, derivado das palavras índias *big*, água, e *açu*, grande. Escrevem alguns este nome com dous ss, o que é pouco conforme com sua etimologia, pois que o idioma dos Índios carecia desta letra. (V. *Iguaçu*, vila e rio.)

Higuaraçu. Nome de muitos rios e vilas do Brasil, como o precedente. (V. *Iguaraçu*, vila e rio.)

Hinhangabaú. Ribeiro que rega a cidade de São Paulo, e perto dela se ajunta com o Tamandataí, tributário do Tietê.

Hipanema. Ribeiro da província de São Paulo, ao pé do qual se acha a fábrica imperial de ferro de São João de Hipanema, e que se ajunta com o rio Sorocaba, de que é um dos afluentes pela margem esquerda.

Hipiauguí. Ribeiro da província de Mato Grosso, nas terras dos Caiapós. Nasce da mesma serra que o Araguaia, corre porém em sentido contrário, e para o sul, e vai lançar-se no Pequiri, afluente do Porrudos ou de São Lourenço. Navegam por quase todo ele os Índios em pirogas.

Hitu.⁶⁰⁰ Vila da província de São Paulo. (V. *Itu*.)

Hivituruí ou **Hivitujaí.** Deram os Índios este nome, que em seu idioma significa vento frigidíssimo, ao alto serro célebre pelas riquezas que dele se extraíram depois do ano de 1685, em que Fernando Dias Pais o explorou, e a que os Portugueses puseram o nome de Serro Frio, com que é vulgarmente conhecido. Hivituruí era também o nome da aldeia, que foi criada vila em 1714, trocando este nome no de Vila do Príncipe, atualmente cidade do Serro.

Hortigas. Lagoa da província de Goiás, na estrada real de Cuiabá, e perto do rio Araguaia, que é apelidado por

Humildes

alguns lagoa do *Padre Aranda*. Ignora-se quais sejam as suas dimensões, por se achar em montanhas de difficil acesso, e por ser povoada de jacarés e sucuris.

Hotinga. Ribeiro da província de Minas Gerais, que se lança no rio Jequitinhonha, pela margem esquerda, nas vizinhanças da província da Bahia.

Humildes.⁶⁰¹ Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira, com uma capela de N. S. dos Humildes, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Humildes.⁶⁰² Freguesia da província de Piauí, no distrito da cidade de Oeiras. Sua igreja, da invocação de N. S. dos Humildes, está situada ao pé do nascente do rio Canindé.

⁵⁹⁹ Atual cidade de Icatu/MA. (N/E)

⁶⁰⁰ Atual cidade de Itu/SP. (N/E)

⁶⁰¹ Atual distrito de Humildes, município de Feira de Santana/BA. (N/E)

⁶⁰² Atual cidade de Paulistana/PI. (N/E)

I
Iapó Guaçu. Campos que jazem nas faldas da serra dos Tapes e ao poente dela, na província de São Pedro do Rio Grande, por trinta e um graus de latitude. Deles nascem os rios Negro e Ibicuí.

Ibaré. Rio que corre por terras ignotas da província de Mato Grosso, e vai desaguar no Marmoré pela margem oriental, doze léguas acima da missão espanhola de São Pedro.

Ibiapaba. Cordilheira da província do Ceará. (V. *Hibiapaba*.)

Ibicuí. Grande rio da província de São Pedro do Rio Grande, que rega os distritos de Alegrete e das Missões. Vários ribeiros que vêm da banda do nascente e da do norte da cuchilha de Santana, dão nascimento a este rio que também se apelida rio de Santa Maria; correndo então rumo de norte, recolhe pela direita os ribeiros Taquarembó, Jaguari e Caziiquei, e pela esquerda o Ponche Verde, Ibicuí-Mirim e Içaíca, e

encontrando-se com o Toropi, abaixo da confluência do Caziiquei, engrossa-se com suas águas, e se torna um rio caudaloso: dirige-se então para o ocidente, recebendo mais sobre a direita os pequenos rios Jaguari, Nanduí, e Itu, nas Missões, e sobre a esquerda o Ibirapuita no distrito de Alegrete, e vai juntar-se com o Uruguai pela margem esquerda em vinte e nove graus e meio de latitude. O Ibicuí dá navegação, em todo o seu curso que é assaz tortuoso, a barcos e a canoas segundo as localidades por espaço de cem léguas. A começar do ponto em que se lhe ajunta o Toropi, até o de sua junção com o Uruguai, serve este rio de separação e limite entre os distritos de Alegrete e das Missões.

Ibicuí-Mirim. Nome de dous ribeiros da província de São Pedro do Rio Grande: um que se ajunta com o Toropi, na comarca das Missões, pela margem esquerda; outro que entra também pela mesma margem no rio de Santa Maria, principal nascente do Ibicuí, no distrito de Alegrete.

Ibirapuita. Rio da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Alegrete; dirige-se este rio em primeiro lugar para o nor-nordeste, recolhe o ribeiro Ibirapuita Chico acima da vila de Alegrete, cujas terras rega; engrossa-se depois com as águas doutro apelidado Inhanduí, e vai juntar-se com o rio Ibicuí, pela margem esquerda, dez léguas antes da sua junção com o Uruguai. Passa este rio por aurífero, mas não tem sido explorado por habitarem nas cabeceiras dele Índios Minuanos e Charruas. Pode-se ir por água de Alegrete a Montevidéu, sem outro tropeço que o do Grande Salto do Uruguai.

Ibitipoca.⁶⁰³ Antiga freguesia e atualmente simples povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Paraibuna. A começar do ano de 1725, apareceram frequentes leis e ordens régias proibindo que se abrissem caminhos entre o país das minas novamente descoberto, e as províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo, para atalhar o contrabando de ouro em pó. Os faisqueiros que residiam nos sítios então

⁶⁰³ Atual cidade de Conceição de Ibitipoca/MG. (N/E)

conhecidos com os nomes de Ibitipoca e de Ajuruoca deixaram fechar os caminhos existentes, porém abriram veredas só deles conhecidas, e por meio delas comunicavam com os que viviam nos montes, e até com os que residiam na província do Rio de Janeiro. Em 1780, Francisco Antônio Rebelo, ajudante de ordens de D. Rodrigo José de Menezes, governador de Minas, deparou com vários povos numa emposta de terra, de doze léguas do norte ao sul, de que ninguém tinha conhecimento, e deitou até as margens dos rios Preto e Paraiibuna, onde, passado pouco tempo, mandou o governador estabelecer registos que coibiram o contrabando de ouro e de diamantes, que por ali se fazia sem estorvo. Repartiu o governador as terras auríferas com seiscentas ou setecentas famílias, e converteu as veredas em estradas públicas, e por este modo fez que se pagasse exatamente o quinto. Os antigos e novos mineiros do termo de Ibitipoca fizeram repetidos requerimentos para alcançar o título de paróquia para uma igreja que eles haviam erigido

a N. S. da Conceição; o que só lhes foi concedido em 1815, por decisão régia de 23 de setembro de 1818, que desanexou o seu termo da freguesia da vila de Barbacena, a que pertencia, e de que se achava perto de dez léguas ao sudoeste. Os moradores da povoação de Santa Rita andavam na mesma reclamação, porém não tiveram igual fortuna. Os de Ibitipoca, falecendo-lhes o ouro das minas, se entregaram à ociosidade, e parte da povoação se dispersou por falta de conserto da igreja, que se achava de todo arruinada, por cujo motivo um decreto de 14 de julho de 1832 transferiu o título de paróquia para a nova igreja de Santa Rita, e ordenou que a da Conceição ficaria sendo filial da nova matriz, o que não obstante, um decreto de 7 de agosto seguinte instituiu na povoação que acabava de despojar do título de freguesia uma escola de primeiras letras para meninas. A população desta freguesia, avaliada em outro tempo em mais de duas mil almas, apenas consta presentemente de mil e duzentos habitantes, entre os quais é

Iboipitinho

raro se encontrem mineiros, tendo-se quase todos convertido ao amanho das terras, e ao cultivo dos cafeeiros, cujos produtos levam em machos à cidade do Rio de Janeiro.

Ibituruna.⁶⁰⁴ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, com uma igreja da invocação de N. S. do Bom Sucesso, filial da de N. S. de Nazaré, e uma capela de São Gonçalo, na outra banda da serra do mesmo nome.

Ibituruna. Serra da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, sobre a margem direita do rio Grande e do das Mortes, dezesseis léguas ao poente da vila de São João del Rei. Rega-lhe a falda da parte do oeste um ribeiro do mesmo nome que deságua no rio Grande.

Iboipitinho. Pequeno rio da província de Santa Catarina, que vai lançar-se no Oceano, onze léguas ao norte do Arraranguá, em trinta graus e dezenove minutos de latitude. Dá navegação com as marés e cheias.

⁶⁰⁴ Atual cidade de Ibituruna/MG. (N/E)

Icabaquá

Icabaquá. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, que rega as terras das Sete Missões, e dirigindo-se do nordeste para o sudoeste, se lança no Uruguai.

Icabaquam. Rio da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Camacua*, rio.)

Içana. Rio da província do Pará. Nasce nos Estados que foram da Espanha, e se ajunta com o rio Negro em sua cabeceira, e pela margem direita, vinte léguas acima do forte de São Gabriel. Dá navegação a canoas por espaço de seis dias de jornada, até uma cachoeira, passada a qual, navega-se mais um dia para se chegar à barra do rio Cojari.

Icapara. Canal natural da província de São Paulo, que estabelece a comunicação entre a extremidade norte da lagoa chamada Mar Pequeno com o Oceano. Suas tortuosidades, e alguns empecilhos que lhe obstruem o álveo, são causa de não ser frequentado dos marítimos. Com pouca despesa se viria a cabo com estes obstáculos, se se tratasse de alentar a navegação interior

do distrito de Iguape, que viria a ser importante.

Icapó. Rio da província do Pará, em cujas margens jaz uma aldeia do mesmo nome, povoada de Índios da tribo Pacuna. Entra este rio no Amazonas pela margem direita, perto do lugar onde se lhe ajunta o Jutai.

Icarai.⁶⁰⁵ Aldeia da província do Rio de Janeiro, que dizem haver sido fundada para uma tribo de Índios do nome de Carai, que acompanharam a Mendo de Sá, na expedição que fez contra os Franceses que se tinham estabelecido na ilha de Vileganhão; bem que outros sustentem que o lugar onde é sita esta aldeia se chamava Guarii, nome derivado do duma ave paludal apelidada pelos Índios Guará, e das palavras *hi* ou *ig*, água. Seja qual for a etimologia deste nome, o certo é que já em 1660 havia neste lugar uma igreja da invocação de São João Batista, que era filial da matriz de São Sebastião do Rio de Janeiro, a qual havia sido edificada num outeiro que rega o campo de São Bento e é banhado das águas da baía Jurujuba, chamada

vulgarmente Saco de São Francisco. Tendo-se arruinado esta igreja, o padre que nela servia passou-se para uma ermida vizinha, dedicada a N. S. das Necessidades, a qual foi elevada à categoria de pároquia do Brasil por alvará de 18 de janeiro de 1696; porém como também esta ermida se viesse a arruinar, construíram os fregueses outra mais vasta no lugar onde estivera a primeira, e para ela foi transferida a pia em 1744, e as imagens de São João e de N. S. da igreja arruinada. Aluindo-se o coro desta igreja em 1832, passou-se o pároco para a vila da Praia Grande. (V. *Niterói*, cidade.) Existe ainda em pé a igreja de Icarai, e em suas adjacências vivem algumas famílias índias misturadas com as diferentes raças do país.

Icatu.⁶⁰⁶ Cidade antiquíssima da província do Maranhão, situada sobre a margem direita do rio Monim, a três léguas da baía de São José, e doze a és-sueste da cidade de São Luiz. Jerônimo de Albuquerque lhe conferiu o título de vila em 1616, com o nome de *Águas Boas*; alguns dos governadores do Ma-

⁶⁰⁵ Atual bairro de Icarai, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

⁶⁰⁶ Atual cidade de Icatu/MA. (N/E)

ranhão nela residiram por mero recreio, e a câmara alcançou deles não poucos privilégios. No princípio do século XVIII foi esta vila devastada pelos Índios Caiçazes, que fizeram o mesmo em todos os estabelecimentos que se achavam nas margens do rio Monim, para se vingar do rapto de muitos dos seus, feito pelos Portugueses para os reduzir à escravidão. Possui esta vila uma igreja matriz dedicada a N. S. da Conceição, e um porto de mar acessível aos navios; porém os baixios do rio Monim fazem que não possam entrar sem tomar piloto. O distrito da vila de Icatu é cercado da banda do nascente pelo de Tutóia; da do sul pelo distrito da vila de Manga; da do poente pelo de Itapicuru, e da do norte o banham as águas da baía de São José. Seus habitantes são quase todos agricultores, e além dos víveres do consumo colhem algodão de superior qualidade.

Icó. Tribo indiana que dominava nas margens do rio do Peixe, afluente do das Piranhas. Agregou-se a outras tribos de que consta atualmente a população da vila de

Porto Alegre e seu distrito, na província do Rio Grande do Norte.

Icó. Nova comarca da província do Ceará, criada por lei da assembleia geral. Consta dos distritos de Icó, de São Vicente das Lavras, de São Mateus e do Riacho do Sangue, e confina com as províncias de Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Icó.⁶⁰⁷ Vila a mais mercantil e populosa da província do Ceará. Está assentada num vale que rega o rio Salgado, duas léguas antes de sua junção com o Jaguaribe, oitenta ao sul da cidade da Fortaleza, e vinte e oito ao nor-nordeste da vila do Crato. Conferiu-lhe o título de vila um alvará de 27 de junho de 1817, o qual dividiu o Ceará em duas comarcas. A vila de Icó é presentemente a cabeça da comarca de seu nome, e tem três igrejas: a paróquia, que é dedicada a N. S. da Expectação, e as de N. S. do Bonfim e de N. S. do Rosário. Possui também duas escolas de primeiras letras, uma para meninos e outra para meninas, com uma cadeira de latim. Como as águas dos poços e do rio sejam salobres, veem-se

Icó

os habitantes obrigados a irem buscar melhores a mais de uma légua da vila. Não havendo pois nela água nativa, um poço artesiano seria sumamente útil; pois que com alguns canos poder-se-ia fornecer aos moradores água excelente: se isso se realizasse, a vila de Icó seria preferida a muitas outras do Equador por sua salubridade. As casas são quase todas de madeira, e acham-se arrimadas aos montes numa espécie de vale, o que faz que o calor é insuportável; por felicidade as cheias do rio o moderam algum tanto, e facilitam a sementeira das melancias que se dão mui bem, bem como o arroz, milho e mais culturas, nas terras cobertas de nateiro, o que não acontece com as árvores, por serem salitrosas as camadas inferiores. Faz-se nesta vila um comércio seguido de farinha de mandioca e de açúcar que vem do distrito de Crato, e também de sal que se tira das salinas de Açú, de bois, courama e de algodão, que vem dos distritos do sertão, e são conduzidos por terra para Pernambuco. As estradas de Aracati para a vila de São Bernardo, da cidade da Fortaleza para as vilas de Montemor o Novo e

⁶⁰⁷ Atual cidade de Icó/CE. (N/E)

Igaíba

de Campo Maior de Quixeramobim, da cidade de Oeiras, vindo do poente para a vila de São João do Príncipe, se juntam na vila de Icó, donde saem ainda mais duas, uma que vai para o nascente, passando pelas cidades do Natal e de Paraíba, e chega a Pernambuco; e outra que, dirigindo-se para o sul, atravessa as vilas do Crato e de Bom Jardim, e correndo ao longo das margens do rio de São Francisco acaba também por ir ter a Pernambuco, atravessando os sertões desta província. O distrito da vila de Icó, da parte do norte, se estende até a confluência do rio Junqueira com o Salgado, nas adjacências dos distritos de São Bernardo e de Quixeramobim; da do nascente chega até a cordilheira, a qual o separa das províncias do Rio Grande do Norte e de Paraíba; da do sul, confronta com o distrito de São Vicente das Lavras, e da do poente com o de São Mateus. A ele pertencem as povoações da Missão Nova, de Santo Antônio, e outras de menor importância. Numa planura assaz elevada deste distrito acham-se três nascentes d'água fria, tépida e a ferver, e

em diversos sítios se descobriram parcelas de ouro; porém a falta d'água e de máquinas para a levarem à altura necessária fizeram que se não curasse até o presente da extração deste metal. Em um recenseamento feito em 1821, achou-se que a população deste distrito era de cinco mil e quinhentos habitantes, que passam pelos mais civis da província. Depois desta época foi o distrito de Icó por diversas vezes desmembrado, e ainda assim dá-se-lhe atualmente uma população de sete mil habitantes, entre comerciantes, lavradores e criadores de gado.

Igaíba ou **Ingaíba**. Nome primitivo da baía ou saco de Mangaratiba, e do pequeno rio que nele deságua. Esta baía, que se acha na província do Rio de Janeiro, é uma mera enseada da baía de Angra dos Reis, que banha do norte ao sul a costa ocidental de Mangaratiba, e recolhe pela margem oriental o rio Igaíba.

Igarapé-Mirim.⁶⁰⁸ Nova vila da província do Pará. Foi uma antiga aldeia situada nas margens do Igarapé-Mirim,

espécie de canal natural por meio do qual o rio dos Tocantins comunica com o Moju, doze léguas acima da junção destes dous rios. Em 1835 foi esta povoação queimada pelas forças imperiais, que se viram obrigadas a abandoná-la aos rebeldes, e que a tornaram a cobrar no ano seguinte. Foi feita vila em 1839 ou 1840, por decreto da assembleia provincial que lhe conferiu este título.

Igatimi. Rio da província de Mato Grosso entre o Paraguai e o Paraná. Vem dos montes Amambuí e Maracaju, corre obra de vinte e seis léguas em direitura para o sul até o passo dos Guaicurus, e seis léguas mais abaixo recolhe à esquerda o ribeirão Bogas, e andadas dez mais o Escopil, nas adjacências do Forquilha. Entre estes dous rios a navegação do Igatimi é trabalhosa por causa de obra de vinte cachoeiras ou correntezas que se encontram no limitado espaço de cinco léguas quando muito: continua este rio a correr ainda mais doze léguas, e ajunta-se à direita com o Paraná, em vinte e quatro graus e quarenta minutos de latitude; e três

⁶⁰⁸ Atual cidade de Igarapé-Miri/PA. (N/E)

léguas acima da cachoeira que tem o nome de Sete Quedas. Seu álveo é tortuoso, e suas margens são povoadas aqui e ali de arvoredos. Na margem setentrional do Igatimi é que, em 1767, se assentou o arraial dos Prazeres, destruído dez anos depois pelos Espanhóis.

Igatimi. Rio da província de São Pedro do Rio Grande. (*Iguatimi.*)

Igrapiúna.⁶⁰⁹ Antiga e pequena vila da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus. Consta de casas derramadas ao longo do rio que lhe dá o nome que tem e duma igreja paroquial dedicada a N. S. das Dores. A assembleia geral, por decreto de 16 de junho de 1832, instituiu nesta vila uma escola de primeiras letras. Os barcos costeiros encontram um bom abrigo na boca do rio Igrapiúna. Este distrito consta tão somente de mil habitantes, que cultivam os gêneros do consumo, e grande quantidade de arroz que exportam em barcos.

Iguá.⁶¹⁰ Povoação da província do Rio de Janeiro, no

distrito da vila de Itaboraá, na margem do ribeiro de cujo nome se apelida. A igreja, dedicada a N. S. da Conceição, foi a primeira que se erigiu em 1622, no termo então conhecido com o nome de Tapacará, e gozou das honras de matriz desde o ano de 1679, honras de que se viu despojada quando se concluiu a fábrica da igreja de Itaboraá.

Iguabe.⁶¹¹ Povoação da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio, na margem setentrional da lagoa Araruama, com um engenho, e uma capela da invocação de N. S. da Conceição, dependente da igreja matriz atual da povoação de Mataruna.

Iguaçu. Nos diversos idiomas dos indígenas do Brasil as palavras *ig* ou *hi* significavam *água*, e as de *açu* ou *guaçu*, *grande*. Daí provém o escrever-se indiferentemente *Higuaçu* e *Iguaçu*. *Higuaraçu* e *Iguaraçu*. (V. estas palavras.)

Iguaçu.⁶¹² Vila da província do Rio de Janeiro, na margem direita do rio de seu nome. Em 1699, José Dias de Araújo

Iguaçu

edificou em suas próprias terras uma capela a N. S. da Piedade, e seu filho mandou fazer em seu lugar uma igreja maior, que fez as vezes de paróquia desde o ano de 1710. Passados nove anos, o termo de Serapuí foi desanexado do de Iguaçu, e reunido à freguesia de Jacutinga. Em 1755, um alvará de 24 de janeiro conferiu à igreja de N. S. da Piedade as honras de paróquia; conquanto se achasse sobremaneira arruinada, tratou-se então de fazer outra de pedra muito maior, cuja fábrica por várias vezes interrompida durou desde 1760 até 1793. Em 1833 a povoação de Iguaçu foi elevada à categoria de vila do Brasil, título de que foi despojada por lei da assembleia provincial de 13 de abril de 1835, que ordenou seria o seu distrito dividido em duas partes, uma anexada ao de Vassouras, e outra ao de Magé, repartindo-se entre os arquivos delas os livros e papéis da câmara suprimida. Manifestaram os habitantes ao governo a repugnância que tinham de se verem anexadas ao distrito de Vassouras, mo-

⁶⁰⁹ Atual cidade de Igrapiúna/BA. (N/E)

⁶¹⁰ Atual cidade de Itaboraá/RJ. (N/E)

⁶¹¹ Atual cidade de Iguaba Grande/RJ. (N/E)

⁶¹² Atual cidade de Nova Iguaçu/RJ. (N/E)

Iguaçu

tivo porque foi aquela povoação anexada à cidade de Niterói, de que se achava distante doze léguas por água e muito mais por terra, seguindo a estrada as voltas da margem setentrional da baía. Em 1836 a assembleia provincial, mudando de parecer, retirou a lei feita no ano precedente, e restituiu a Iguaçu as prerrogativas de vila, de que havia gozado no decurso de dous anos. Consta esta vila dum agregado de casas duma aparência simples, e ao mesmo tempo agradável, onde há mais gente do que de ordinário se encontra nas vilas do interior do Brasil, cujas ruas se acham desertas nos dias de trabalho. É cabeça duma legião de guarda nacional, e tem uma escola de primeiras letras instituída no princípio de 1837, três anos depois de sua primeira criação. Seu distrito, que em 1843 deu trinta e sete eleitores, é formado dos termos das freguesias de Maripocu, Jacutinga, São João de Miriti e Pilar, além do seu próprio, e sua população é avaliada em mais de quatro mil habitantes, pela maior parte cultivadores, fabricantes de aguardente e de tijolos; cujos gêneros são transportados pelo rio Iguaçu, para a cidade do Rio de Janeiro, em barcos que, com auxílio da maré, podem subir

por ele obra de cinco léguas, e muito mais as canoas, as quais vão até os ribeiros que nele deságuam.

Iguaçu. Um dos grandes afluentes do rio Paraná, com quem se ajunta trinta léguas abaixo do salto chamado das Sete Quedas. Consideram como sua principal origem o rio Curitiba, juntamente com o ribeirão de São José, os quais ambos regam a parte sul da província de São Paulo. (V. *Curitiba*, rio.) Toma o Iguaçu o nome que tem nas matas que ficam acima do salto Caiacanga, corre obra de cento e vinte léguas por terras frequentadas por diversas tribos de Índios bravos; seu curso é interrompido de distância em distância por cachoeiras que se sobem e se descem em canoa, com destreza e sumo cuidado. A primeira chama-se Vitória, e a derradeira, que jaz a quatro léguas de sua embocadura no Paraná, tem o nome de Funil, por se assemelhar com esta espécie de utensílio. No ângulo desta confluência existiu por algum tempo uma aldeia, chamada de Santa Maria, que foi desamparada dos moradores, e destruída numa grande fome que houve no século XVIII.

Iguaçu. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro. Nasce na cordilheira dos Órgãos, ao norte do distrito da vila de quem empresta o nome, engrossa-se com as águas de vários ribeiros, que dão navegação a pequenas canoas; rega a vila de Iguaçu, recolhe depois o rio Pilar, e no cabo dum curso total de nove léguas, pouco mais ou menos, em cinco das quais navegam barcos, vai desaguar na baía Niterói, ao norte da ilha do Governador, avizinhandose da parte do sul das faldas do Morro de Brito.

Iguaçu ou Castanheta. Canal natural que serve de sangradouro a várias lagoas do distrito da cidade de Campos, na província do Rio de Janeiro, entre o rio Paraíba e o cabo de São Tomé, e se ajunta com outro canal que deságua no Oceano, e que se chama Furado. Darão provas de patriotismo os membros da câmara, e mais autoridades, tirando proveito das lagoas, canais e rios do distrito de Campos, Cabo Frio, Maricá e Niterói, para estabelecer um sistema completo de navegação no interior das terras, de perto de sessenta léguas entre o rio Paraíba e a baía Niterói.

Iguape.⁶¹³ Pequena vila da província de São Paulo, nas adjacências do rio de seu nome. Está assentada num terreno pouco elevado, porém seco, no fundo duma lagoa comprida, chamada Mar Pequeno, quarenta e oito léguas ao sudoeste da cidade de São Paulo. Foi fundada em 1654 pelo capitão de marinha Teodoro Ebano Pereira, que foi também o fundador da vila de Curitiba. Assentou-se nesta vila uma fundição de ouro, onde se pagava o quinto do que se tirava das abundantes minas da cordilheira onde se acha de presente a vila de Apiaí. Sua igreja, dedicada a N. S. das Neves, foi criada paróquia nesse mesmo tempo, e possui uma imagem do Senhor *Ecce homo* que está em muita veneração. O porto de Iguape tem mui pouco fundo e não admite senão pequenas sumacas, o que não tolhe de fazer-se nele um comércio ativo de madeiras de construção e de arroz: fazem-se também nesta vila barcos, chalupas e pequenos brigues. Seu distrito é retalhado por um sem número de ribeiros e de pequenos rios que facilitam as comunicações entre os diversos pontos dele, e tornar-

se-ia muito mais animado, se se fizesse um canal entre o rio Una e o Iguape, e outro entre a lagoa formada pelo Iguape e a do Mar Pequeno, em cujas margens está assentada a vila. Com estes dous canais e com mais um entre a baía de Pinheiros e a de Cananeia, completar-se-ia um sistema de canalização que ofereceria uma navegação interior livre dos perigos que acompanham a do mar, num espaço de quarenta e oito léguas, entre as vilas de Paranaguá, de Cananeia e de Iguape, até a embocadura do rio Una que fica vinte léguas ao sul do porto de Santos. Colhe-se neste distrito grande quantidade de arroz, de canas-de-açúcar de que se faz aguardente, de milho e de mandioca, e nas terras altas de café. Sua população consta de oito mil indivíduos menos sujeitos às sezões que os dos demais distritos marítimos da província de São Paulo.

Iguape.⁶¹⁴ Antiga aldeia da província da Bahia, no distrito da cidade de Cachoeira. Foi fundada em 1561, perto da margem esquerda do rio Paraguaçu, pelos jesuítas, que

Iguape

erigiram uma igreja a São Tiago, a qual, depois da extinção da ordem, alcançou o título de paróquia. Tem além disto esta vila uma escola de primeiras letras, estabelecida por decreto de 16 de junho de 1832, e acha-se atualmente rica e bem povoada. O termo de sua freguesia é em geral próprio para canas. A pequena distância da igreja de São Tiago existe um convento de franciscanos.

Iguape. Praia semeada aqui e ali de abrolhos na costa da província de São Paulo, e separada do continente por um braço da baía de Cananeia apelidado vulgarmente Mar Pequeno. Estende-se esta praia entre o mar e este braço obra de dez léguas, não tendo mais duma de largo. A parte meridional dela concorre para formar a entrada da baía de Cananeia, e a setentrional fenece num canal natural, por meio do qual o Mar Pequeno comunica com o Oceano. Chama-se este canal Icapara, e fica, pouco mais ou menos, três léguas ao sul da vila de Iguape.

Iguape. Pequeno rio da província de São Paulo. Vem

⁶¹³ Atual cidade de Iguape/SP. (N/E)

⁶¹⁴ Atual distrito de Santiago do Iguape, município de Cachoeira/BA. (N/E)

Iguará

do distrito aurífero de Apiaí, corre fazendo voltas pela cordilheira do oeste ao nordeste, passa pelas vizinhanças da vila de seu nome, arreda-se ao depois, e faz um lago de perto de três léguas, onde deságuam vários ribeiros navegáveis, e todas estas águas se ajuntam num canal imperfeito de uma légua de comprimento que dá navegação às sumacas. Sua entrada no Oceano fica quatro léguas ao nordeste da do Icapara. Seria cousa fácil estabelecer uma comunicação entre o Mar Pequeno e a lagoa formada pelo rio Iguape.

Iguará.⁶¹⁵ Nova vila da província do Maranhão. (V. *Man-ga*.)

Iguará. Ribeirão da província do Maranhão, que dá navegação a canoas em grande parte de seu curso, tem a nascença perto da do rio Monim, e correndo rumo do norte, rega a vila de Manga, e se ajunta com o mesmo rio Monim pela margem esquerda, seis léguas abaixo do confluente do rio Preto. Abundam as suas margens de baunilha que ali nasce espontaneamente.

Iguaraçu ou **Higuarazu.** Nome de vários rios do Brasil que alguns escrevem com dous *ss*, sem atentarem que o alfabeto índio carecia desta letra. Deriva-se este nome de três palavras índias: *hi* ou *ig*, água; *guara*, ave aquática; e *açu*, grande. Nas províncias do norte compõe-se este nome de *iguara*, espécie de canoa de guerra ou de carga, e de *açu*, grande, e para evitar o concurso dos dous *aa* escreve *Iguaraçu*.

Iguaraçu.⁶¹⁶ Vila da província de Pernambuco, sobre o rio do mesmo nome. Algum tempo depois do descobrimento do Brasil pelos Portugueses, um certo número de armadores de Marselha fizeram comércio de pau do Brasil com os Índios, os quais davam a esta madeira o nome de *ibirapitanga*. Todos os anos vários navios iam carregar desta madeira que se depositava em armazéns. El-Rei de Portugal, querendo pôr cobro neste contrabando, ordenou a Duarte Coelho Pereira que fosse cruzar nas costas de Pernambuco. Este oficial capturou vários navios de diferentes nações, destruiu o estabelecimento francês do

rio Iguaraçu, fundou outro mais adiante em 1531, e fez incessantemente guerra aos Índios Caetés, que se indignavam de que os Europeus que eles haviam acolhido em suas terras, os maltratassem. Voltando Duarte Coelho para Lisboa, fez-lhe El-Rei, em recompensa dos serviços que acabava de render ao Estado, doação de cinquenta léguas de costa, nas paragens onde ele se havia assinalado. No ano seguinte foi Duarte Coelho estabelecer-se na aldeia de Iguaraçu, com algumas tropas e colonos que levava de Portugal, e erigiu uma capela a São Cosme e São Damião, em memória duma das suas mais assinaladas vitórias, que havia alcançado no dia em que a igreja soleniza estes dous santos, contra os estrangeiros que se haviam introduzido no país, e ali continuou a residir até ter concluído a fábrica da vila de Olinda. No século seguinte, Teodoro Vandemburg, tendo-se apoderado da ilha de Itamaracá, investiu a vila de Iguaraçu, em 25 de novembro de 1631, sem poder apoderar-se dela; o que todavia conseguiram os Holandeses em o 1º de maio do ano seguinte; e depois de

⁶¹⁵ Atual cidade de Vargem Grande/MA. (N/E)

⁶¹⁶ Atual cidade de Igarassu/PE. (N/E)

a haverem saqueado, a dessempararam para se vingarem da resistência que encontravam em Antônio Filipe Camarão à testa de seus Índios, a quem El-Rei de Portugal recompensou dando-lhe o título de Dom, e conferindo-lhe ao depois a ordem de Cristo. Depois da expulsão dos Holandeses vieram ali estabelecer-se novos colonos portugueses, e indo o número deles em aumento obteve esta aldeia o título de *leal vila* por alvará de 1811. Jaz esta vila em sete graus e quarenta e nove minutos de latitude, e trinta e sete graus e dezessete minutos de longitude oeste, a duas léguas do mar, e cinco a nor-nordeste da cidade de Olinda; tem hospital da Misericórdia com um recolhimento, uma escola de primeiras letras, uma cadeira de latim, uma ponte sobre o rio, uma igreja matriz, com a antiga invocação de São Cosme e São Damião, e mais quatro em diversos bairros com um convento de franciscanos. As canoas sobem pelo rio acima, e vão muito além da vila, porém seu porto, que fica a uma légua de distância, não admite senão sumacas que ali vão carregar-se de algodão e de açúcar que são os principais produtos da indústria de seus habitantes, avaliados em cinco mil.

Iguaraçu ou **Higuaraçu**. Pequeno rio da província de Pernambuco, em cuja margem haviam os Franceses feito um estabelecimento que foi destruído como dissemos no artigo precedente, em 1531, pelos Portugueses. Os ribeiros Otinga, Pitanga e Taipé, juntando as suas águas, dão origem a este rio, onde as sumacas entram até o porto de Iguaraçu, dando navegação a canoas por muito mais longo espaço.

Iguaraçu. Rio que nasce segundo uns na província do Ceará, do vertente ocidental e sul da serra Hibiapaba, corre por matas despovoadas que separam a província de Piauí da do Ceará, e dirigindo-se de sueste a noroeste até a lagoa Encantada, se inclina para o norte ao sair dela, e vai lançar-se no Oceano; e que segundo outros nada mais é que um braço que o rio Paraíba deita da margem direita, o qual atravessa igualmente as matas onde se acha a lagoa Encantada. Como quer que seja, todos concordam em que desta lagoa sai o Iguaraçu, e que se lança no Oceano, em dous graus, cinquenta e dous minutos e vinte e sete segundos de latitude, e quarenta e três graus, quarenta e oito minutos e vinte e sete segundos de longitude oeste.

Ilha

Navegam na maré enchente as sumacas por este rio unicamente distância de uma légua.

Iguaraí-Açu. Pequeno rio ao ocidente do Igatimi; dirige-se para oés-sudoeste, e depois de recolher em si o ribeiro Iguaraí-Mirim, se ajunta com o rio Chechuí, e serve, como ele, de limite entre os Estados espanhóis e o Brasil.

Iguarei. Pequeno ribeiro afluente do rio Paraná, pela margem direita, juntando-se com ele no cimo da cachoeira das Sete Quedas, depois de servir de separação entre o Brasil e o Estado independente de Entre Rios.

Ijuí. Pequeno rio da província de São Pedro do Rio Grande, nas Sete Missões, nasce das faldas ocidentais da serra Herval, rega o termo de São Ângelo, recolhe o ribeiro Ijuí-Mirim, na vizinhança desta aldeia, e se junta com o Uruguai, em vinte e sete graus e cinquenta minutos de latitude.

Ilha. Trigésima nona cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo. Sobem-na as canoas sem serem aliviadas, fazendo força de remos, e ao descer ateam-nas da margem. Jaz esta cachoeira légua e meia abaixo da cachoeira Utupanema, e em

Ilha

igual distância acima da de Mato Seco.

Ilha. Vigésima segunda e última cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Coxim, na província de Mato Grosso. Fica acima do ribeiro Taquari-Mirim, e uma grande légua antes da confluência do Coxim com o Taquari. Consta dum canal cavado em rocha que as canoas devem atravessar sem carga, transportando-se por terra as fazendas até o cabo dele.

Ilha das Cobras. Ilha e fortaleza da baía de Niterói, separada da cidade do Rio de Janeiro de cinquenta até cem braças. Os barcos costeiros costumam dar fundo no ponto em que ela tem maior largura. Vários viajantes deram em suas relações o nome de Ilha das Cabras à ilha de que tratamos, em lugar de *Ilha das Cobras*, que é o seu verdadeiro nome. É esta ilha coroada por uma grande fortaleza em quase todo o seu comprimento, que é de pouco mais ou menos seiscentas braças, mas deixam quotidianamente fazerem-se casas arimadas a ela, as quais em caso de ataque podem empecer a defesa. D. Pedro I fez cavar

na rocha em sua parte setentrional uma caldeira de quarenta e quatro braças de comprimento, de seis de fundo, e quinze de largura, para poder construir dentro dela e deitar ao mar um navio de cento e vinte peças, e pelo mesmo teor um canal entre o mar e a caldeira suficiente para saírem os navios novamente feitos sem o menor perigo. Avaliou-se esta obra em duzentos e quarenta contos de réis; mas a abdicação, a partida e a morte do imperador foram causa de ficar por acabar uma obra que se achava já tão adiantada. Encerra esta ilha mais de trezentos habitantes além da guarnição da fortaleza, que em caso de guerra pode alojar mil homens e ser guarnecida de cem peças de artilharia.

Ilha do Pão. Ilha do rio Jequitinhonha, na província de Minas Gerais, quatorze léguas abaixo da povoação de São Miguel. Deve este nome, segundo dizem, a um monte que nela há, que visto de longe se assemelha com um pão.

Ilha do Rio do Sino.⁶¹⁷ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Rio do Sino*.)

Ilha dos Ovos. Ilha da província do Maranhão, na entrada da baía de Cumá, em dous graus e quatro minutos de latitude. O capitão Vagnon, comandante do navio francês apelidado *la Pauline*, partindo do porto da cidade de São Luiz, em 10 de janeiro de 1836, corria ao longo das costas do Maranhão com um vento fresco de és-nordeste, quando tocou num rochedo desconhecido às dez horas da noite, e sondando achou quatorze para dezesseis braças de fundo. Passou a noite a tripulação a trabalhar em vão para salvar o navio, que foi despedaçar-se num rochedo, não deixando à gente senão o tempo necessário para embarcar-se na chalupa, e arredar-se à aventura de tão perigoso sítio. Logo que rompeu o dia, avistaram terra ao oeste, e governaram para ela a chalupa; então conheceu o capitão que se achava em uma ilha rasa, separada do continente por um esteiro estreito, e soube dos Índios que aquela ilha se achava à entrada da baía de Cumá, na província do Maranhão, e que era conhecida no país com o nome de Ilha dos Ovos.

Ilha Grande.⁶¹⁸ Antiga vila da província do Rio de Janeiro. (V. *Angra dos Reis*, cidade.)

⁶¹⁷ Atual cidade de Capela de Santana/RS. (N/E)

⁶¹⁸ Atual distrito de Abraão, município de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

Ilha Grande. Ilha situada na costa do Rio de Janeiro, em vinte e três graus e entre sete e quinze de latitude, e entre trinta e cinco e cinquenta e um graus e um minuto de longitude. Foi descoberta em 1532, por Martim Afonso de Souza, e pode ter três léguas de norte a sul em sua maior largura, e cinco de comprimento de este a oeste, em cuja direção a atravessa uma corda de montanhas. Segundo a relação de Francisco Mateus Cristianes, cronista deste distrito, foi esta ilha dada em sesmaria ao doutor Vicente da Fonseca, por carta do donatário da capitania de São Vicente, em 24 de janeiro de 1559, e povoada largos anos por um pequeno número de pescadores; sua população não foi em aumento senão no decurso do século passado. Nessa época, um dos fazendeiros principais erigiu em sua casa um oratório a Santana, e mandava todos os domingos vir um padre para nele dizer missa à sua família e vizinhos. Em 1803, o bispo do Rio de Janeiro concedeu a este oratório alguns privilégios paroquiais, e, em 1811, foi finalmente o dito oratório criado paróquia com o nome de Santana da Ilha Grande, agregando-se-lhe as duas ilhas que jazem ao sul no mar alto, chamadas de *Jorge Grego* e das

Palmas, em sua extremidade oriental. Contém esta freguesia mais de dous mil habitantes, pela maior parte lavradores de canas, mandioca, milho e feijões, e sobretudo de café, de que se hão feito grandes plantios nos montes do centro da ilha. Os navios acham na enseada das Palmas, ao nordeste desta ilha, e mais ao norte nas de Abraão e de Estrela, um ancoradouro, onde podem estar com segurança abrigados contra os ventos do oeste e do sudoeste; porém em todo o restante da costa não existe porto algum, por cujo motivo se acha despovoada.

Ilha Manoel. Ilha da província do Rio Grande do Norte, na embocadura do rio Açú ou Apodi, que forma o termo da freguesia de São João Batista. Faz-se nesta ilha um comércio seguido de sal e de peixe seco e salpreso.

Ilha Pequena. Pequena ilha do rio Tietê, e cachoeira dela vizinha, que vem a ser a décima nona que se encontra quando se desce por este rio na província de São Paulo. Fica esta cachoeira quatorze léguas depois da de Itaí, e sete antes da de Baranhão. Em metade destas sete lguas deságua no Tietê, pela margem direita, o

Piracicaba, dobrando-lhe o volume das águas.

Ilhéus. Antiga capitania do Brasil, entre as comarcas da Bahia e de Porto Seguro. Doou-a D. João III a Jorge de Figueiredo Correia, que a povoou e fez edificar a vila que conserva o nome dele ou antes o do seu santo. Passados anos, El-Rei D. José concedeu a D. Antônio de Castro, que era o possuidor desta capitania, o título de conde de Resende, e uma prestação annual de cinco mil cruzados, e incorporou nos domínios da coroa as terras dela, que constituem atualmente a comarca dos Ilhéus, a qual consta dos distritos das vilas de Barcelos, Maraú, Oliveira e São Jorge, que é a cabeça dela.

Ilhéus. Nome dado a quatro ilhotas que foram causa de se apelidar também assim a capitania de Jorge de Figueiredo Correia, atualmente uma das comarcas da província da Bahia. A maior delas é coberta de arvoredo, e acha-se em quatorze graus e quarenta e sete minutos e vinte e três segundos de latitude, e em quarenta e um graus, dezenove minutos e treze segundos de longitude oeste; a que jaz mais ao norte consta de rochedos escavados, e por conseguinte estéreis, e as duas

Imauri

restantes são meramente dous escolhos. Três milhas ao nascente deste grupo de ilhotas acham-se vinte braças de fundo.

Imauri.⁶¹⁹ Povoação e rio da província de Santa Catarina. (V. *Maruí*.)

Imbaí. Pequena ilha da província do Rio de Janeiro, ao sul da entrada da baía de Niterói, e na vizinhança dela.

Imbaú. Ribeiro da província de Santa Catarina: vai desaguar no mar, e serve de limite da parte do sul ao termo da freguesia de Morrinhos.

Imbauí. Ribeiro da província de São Paulo. Vem da serra da Mantiqueira, dirige-se para o sul, e ajunta-se com o Paraíba duas léguas abaixo da vila de Lorena, pela margem oposta.

Imbé. Ribeirão da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos. Nasce do vertente oriental da cordilheira dos Aimorés, recolhe o ribeiro Uraí, com o que se torna navegável entre este confluente e a lagoa de Cima, onde entra pela mar-

gem ocidental. É mister que se não confunda o ribeiro *Uraí* com o rio *Uruaí*. (V. estas duas palavras.)

Imbé. Ribeirão da província do Rio de Janeiro: vem da freguesia de Cantagalo, corre para o nordeste, e lança-se no rio Paraíba, seis léguas acima da cidade de Campos. Perto do Paraíba dão-lhe também o nome de rio do Colégio e dos Algodoeiros.

Imbiruçu. Dá-se este nome a três cachoeiras diversas do rio Pardo, duas das quais tem o sobreapelido de *Açu* e de *Mirim*: a chamada Imbiruçu é a vigésima primeira que se encontra descendo pelo dito rio na província de Mato Grosso, e vem a ser o último dos dez arrecifes que se sucedem de distância em distância, no espaço de obra de sete léguas. Levam as canoas um dia a descer por eles, e gastam vinte e vinte dous dias a subir.

Imbiruçu-Açu. Quarta cachoeira que se encontra no rio Pardo ao descer. Fica uma légua abaixo da cachoeira do Paredão, e meia acima da de Imbiruçu-Mirim.

Imbiruçu-Mirim. Quinta cachoeira do rio Pardo, na província de Mato Grosso, meia légua depois da de Imbiruçu-Açu, e uma légua antes da da Lage Grande.

Imbituba.⁶²⁰ Povoação da província de Santa Catarina. (V. *Emituba*, povoação.)

Imperatriz.⁶²¹ Vila da província das Alagoas. (V. *Vila da Imperatriz* e *Vilanova da Assembleia*.)

Impuca. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco. Jaz sobre o rio Joanes, onde se fez uma ponte em 1836, para facilitar o trânsito dos moradores duma e doutra margem.

Indaiá e Indaial.⁶²² Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Andaia* e *Andaial*.)

Indaiatuba.⁶²³ Freguesia da província de São Paulo, no distrito da vila de Itu. Sua igreja foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 9 de dezembro de 1830.

⁶¹⁹ Atual cidade de Imaurí/SC. (N/E)

⁶²⁰ Atual cidade de Imbituba/SC. (N/E)

⁶²¹ Atual cidade de União dos Palmares/AL. (N/E)

⁶²² Atual cidade de Dores do Indaiá/MG. (N/E)

⁶²³ Atual cidade de Indaiatuba/SP. (N/E)

Independência.⁶²⁴ Nova vila da província de Paraíba. (V. *Vila da Independência*.)

Índios Grandes. Ribeiro da província de Goiás, que serve de separação entre os termos das freguesias de Santana da cidade e de Jaguará.

Índios. Assim se chamam impropriamente os aborígenes da América meridional. Na parte dela que compete ao Brasil citam os escritores as nações e tribos seguintes:

TRIBOS E NAÇÕES PROVÍNCIAS

A

Ababás Mato Grosso
Abatirá Bahia
Acroás Goiás
Aimborés ou Aimorés Espírito Santo
Ambuás Pará
Amaniús Id.
Andirá Id.
Apiacás Mato Grosso
Apinagés Goiás
Aracis ou Araés Id.
Araras Pará e Minas
Aricunanés Mato Grosso
Arinos Id.
Aroaquis Pará e Guiana
Atabás Mato Grosso

B

Bacairis Mato Grosso
Bacarís Id.
Baniba Guiana e Pará
Baré Id.
Birapaçarapa Mato Grosso
Bororós Id.
Botocudos Minas e Espírito Santo
Bugres São Pedro e São Paulo

Bus Maranhão

C

Cabañas Mato Grosso
Cabixi Id.
Caã Id.
Caeté Paraíba.
Caiapós Goiás e Mato Grosso
Cairiri Ceará
Caiúva Mato Grosso
Cambeba ou Cambiva Pará
Camecrã Goiás
Canarim Bahia
Canoelinas Goiás e Mato Grosso
Cantáros ou Cantários Mato Grosso
Caepuxis Goiás
Caraiás Pará
Carajás Goiás
Carijós São Paulo
Caripaina Mato Grosso.
Catauixi Pará
Chacriabás Pernambuco, Bahia e Minas
Chamococos Mato Grosso
Charruas São Pedro do Rio Grande
Chavante Goiás
Cherente ou Xerente Id.
Chimanos Pará
Cocurunas Id.
Coroados Mato Grosso.
Cotochós ou Cotoxós Bahia e Espírito Santo
Crixás Goiás
Cupinharós Maranhão

G

Gaciá Mato Grosso
Gamelas Maranhão
Gê, com diversos prenomes Maranhão e Pará
Goitacás Rio de Janeiro
Gojá Goiás
Groaíra Rio Grande do Norte
Guaicanã São Pedro do Rio Grande
Guaicuru Mato Grosso
Guajará Maranhão
Guaná Id.
Guapindaia Id.
Guarani São Pedro do Rio Grande
Guaniteré Mato Grosso
Guaru ou Guarucho Rio de Janeiro
Guató Mato Grosso

Índios

Gueguê Piauí

I

Icó Ceará
Italapriás Pará
Itanhás Ceará

J

Jacundás Pará
Jaicó Piauí
Jamundás Pará e Guiana
Javaés Goiás
Jororós Rio de Janeiro
Jumas Pará

L

Lambis Mato Grosso

M

Machacaris Minas e Bahia
Macramecã Goiás
Macunis Minas Gerais
Magné Mato Grosso
Majuruna Pará
Mamanás Id.
Mambaré Mato Grosso
Manaus Pará
Manajós ou Tormembós Maranhão.
Maué Pará
Marabitana ou Marapitanas Id.
Marauás Id.
Marianas Id.
Mepuri Guiana
Mequém Mato Grosso
Mínuanos São Pedro do Rio Grande
Mongoiós Bahia
Mucori Mato Grosso
Mundrucus Pará
Mura Id.

N

Nambuicara Mato Grosso
Nhengaíba Pará
Norogugés Goiás

O

Omáguas ou Cambevas Pará
Opinaze Goiás

P

Pacaá Mato Grosso

⁶²⁴ Atual cidade de Guarabira/PB. (N/E)

Índios

Pacajá Pará
Pacuna Id.
Paiacu Rio Grande do Norte
Pama Mato Grosso
Panati Rio Grande do Norte
Paranaziná Mato Grosso
Pareci Id.
Parintintim Pará
Passé Id.
Pataxó Bahia
Paterui Mato Grosso
Pimenteiras Paraíba
Pitas Rio de Janeiro
Pocheti Pará
Potiguara Paraíba
Pucaxaré Mato Grosso
Purariônê Id.
Puris Espírito Santo
Purupuru Pará

Q

Quageju Mato Grosso
Quiriquinado Id.
Quinimura Bahia

R

Remaris Sergipe

S

Sacaru Rio de Janeiro
Saruma Mato Grosso

T

Tacanhuna Pará
Tacuná Id.
Tamarambaze Id.
Tamarã Mato Grosso
Tamaré Id.
Tamembós Goiás
Tamepunga Mato Grosso
Tamoios Rio de Janeiro
Tamuana Pará
Tapacoá Goiás
Tapanhuna Mato Grosso
Tapes São Pedro do Rio Grande
Tapirape Goiás
Tapiraqui Id.
Temembó Pará
Terenoc Mato Grosso
Timbira Maranhão
Torás Pará
Tramembé Ceará
Tumbira Pará.

Tupinambás Bahia, Pará, Minas
Tupiniquim Bahia e Espírito
Santo

U

Uacaranhã Pará
Uaiás Mato Grosso
Uaupé Pará
Uaraicu Id.
Umã Pernambuco
Urubu Pará
Urucaruni Mato Grosso
Urucunis Id.
Urupuca Id.
Ururi Id.

V

Vajari Mato Grosso
Vouvê Id.

X

Ximbiná Mato Grosso
Xiquitos Santa Cruz da Serra
Xumetos Rio de Janeiro

Esta série assaz numerosa de tribos índias, que foi ainda aumentada por alguns autores, se reduz a certo número de nações aborígenes, dos quais muitas se extinguiram e apagaram inteiramente, e outras se subdividiram e se dispersaram de tal maneira pelo Brasil, que seria impossível decidir decretoriamente da origem das que acabamos de enumerar. Nos primeiros tempos do descobrimento do Brasil, foram considerados como grandes nações os Aimborés, os Caetés, Goitacases, Potiguaros, Puris, Tamoios e os Tupinambás, que ocupavam o marítimo do país. Entranhando-se os Portugueses no sertão

ajuntaram a estas nações as dos Bororós, Guaicurus, Paiaçuás e Parecis, na província de Mato Grosso; dos Guaranis, na de São Pedro do Rio Grande; dos Goiás e dos Chavantes, na província de Goiás; e enfim dos Manoás, na parte da província do Pará que jaz ao norte do rio das Amazonas. Encontraram também em várias províncias uma nação distinta das demais, a que puseram o nome de Coroados, por isso que os Índios dela traziam as cabeças tonsuradas. Os Índios do Brasil são em geral rolhos e refeitos, robustos e bem dispostos de saúde. Os poucos dentre eles que deixam crescer as barbas são monstruosos por terem o rosto largo e achatado, e os olhos mal fendidos e quase imperceptíveis. Os demais são imberbes, de cabelos negros, corredios e bastos; olhos da mesma cor, porém pouco fendidos, nariz chato, boca larga, beijos grossos, maçãs proeminentes, pescoço curto, peito e espáduas largas. Os que ainda não estão civilizados andam nus, e a maior parte trazem rodela de madeira enfiada em buracos, que têm por costume fazer nos beijos, nariz e orelhas, e às vezes pedras e parcelas de metal. Quais vivem nas serras, quais folgam mais de residir nas terras chãs

e pantanosas; todos porém juntos em magotes mudam de morada segundo a estação, e vão em demanda do sítio onde sabem achar mais frutos e mais abundância de caça. Algumas tribos vivem em comunidade, porém na maior parte delas as famílias vivem separadamente cada uma em sua cabana. Todos têm os defeitos e vícios que se observam em geral nas nações que vivem à lei da natureza. Os homens de nada mais curam senão de caçar e de pescar quando a isso são obrigados pela necessidade, e às mulheres cai em sorte além do asseio da casa, o cuidado de plantar e colher os víveres de que hão mister. São por extremo hábeis em atirar pedras com funda, e ainda com mais destreza se servem dos arcos e setas, tanto nas caçadas, como na guerra. Nas grandes cabanas, como nas choças, os únicos móveis de que se servem são as redes em que dormem, as cuias e cabaças em que bebem, e algumas panelas de barro, utensílios de que as mulheres se encarregam quando levantam o campo, sendo que os homens se não empacham com cousa alguma, e somente le-

vam as suas armas, que consistem em arco e setas e uma clava de madeira, de obra de meia braça de comprimento. Quando a estação é úmida e chuvosa fazem fogueiras, ao redor das quais dormem, e quando se lhes aguarenta a caça, comem quanto colhem, como sejam serpentes, jacarés; mas o manjar com que mais folgam são aves, pescado, cabrito, paca, cotia, anta, porco montês, tatu, etc. São vingativos e mais propensos a perder a memória dum benefício, do que duma ofensa: atam os prisioneiros a um poste, matam-nos às frechadas, e depois comem-nos por vingança. Escolhem por cabo na guerra o mais valeroso, e este vem a ser o orador a quem escutam e obedecem já durante a ação, já nas solenidades e banquetes, em que lhes serve de pasto a carne dos inimigos, banquetes a que os guerreiros assistem armados, coroados de plumas, com colares e pulseiras de penas, nos pescoços, braços e pernas, e também trazem à roda do corpo uma cinta ora de penas, ora de algodão. O casamento entre parentes é entre eles lícito; porém apartam-se das

Inferno

mulheres com a mesma facilidade, com que as tomam. Vivem largos anos, e não é maravilha encontrarem-se entre eles centenários: cada nação enterra os seus defuntos dum modo particular, porém a maior parte deles tem por costume fazerem em honra deles certas danças fúnebres, ao passo que as mulheres carpindo-os rompem em gemidos lamentáveis.

A história da civilização gradual destes povos e a de seus costumes estando ligada à das diferentes províncias do Brasil, não insistiremos mais sobre um assunto que não caberia nos limites dum dicionário.

Indraí.⁶²⁵ Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Andaraí*.)

Inferno. Ribeirão da província de Goiás. Nasce da serra da Canastra, e dirigindo-se para o sudoeste, deságua pela margem esquerda no rio das Velhas.

Inferno. Grande salto das águas dos rios Chopotó e Gualacho. É depois deste salto que o rio Doce toma este

⁶²⁵ Atual bairro de Andaraí, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Inferno

nome, seis léguas antes do lugar onde se lhe ajunta o Piracicaba. Transportam-se por terra as embarcações e fazendas neste arriscado passo.

Inferno. Grande cachoeira do rio Jequitinhonha, na cordilheira que separa a província de Minas Gerais da da Bahia, vinte e oito léguas abaixo da povoação de São Miguel.

Inficionado.⁶²⁶ Povoação considerável e bem edificada da província de Minas Gerais, quatro léguas ao norte da cidade de Mariana. Deve esta povoação o nome que tem a uma vala ou canal profundo donde se tirou algum tempo ouro. Sua igreja, dedicada a N. S. de Nazaré, acha-se em vinte graus e onze minutos de latitude, e tem por filial a da povoação de Camargos. Seu termo encerra quatro mil e quinhentos habitantes entre agricultores e mineiros. Inficionado é a pátria de José de Santa Rita Durão, autor do poema do *Caramuru*.

Ingá.⁶²⁷ Antiga povoação da província de Paraíba. (V. *Vila do Imperador*.)

Inhaí.⁶²⁸ Lugarejo da província de Minas Gerais, dez léguas ao noroeste da cidade Diamantina, com um registo sobre o rio Inhaí, que serve de limite aos termos da freguesia da cidade e da vila de Formigas, e vai lançar-se no rio Jequitinhonha, pela margem esquerda. Este povo e rio encontram-se também designados com o nome de *Inhanzica*.

Inhambuê. Nova comarca da província da Bahia, criada pela assembleia provincial, que a compôs dos distritos das vilas de Conde e de Inhambuê.

Inhambuê.⁶²⁹ Pequena vila, cabeça duma das comarcas da província da Bahia, a doze léguas do mar e vinte e quatro ao norte da capital da província, nas adjacências do rio do mesmo nome. Foi esta vila decorada com este título por Vasco Fernando César de Menezes, quarto vice-rei do Brasil, em 1728; e fez mui poucos progressos antes da época da independência do Brasil; porém tendo-se dali em diante aumentado sensivel-

mente a sua população, a assembleia legislativa provincial a escolheu para cabeça da nova comarca. Havia nesta vila já de há muito uma escola de primeiras letras para meninos, e uma igreja matriz dedicada ao Espírito Santo. O distrito desta vila é montuoso e não tem senão três mil habitantes entre Índios e Brasileiros, pela maior parte cultivadores.

Inhambuê. Pequeno rio da província da Bahia. Nasce nas montanhas que jazem ao pé da antiga vila, hoje mera povoação de Águas Frias, e precipitando-se de rochedo em rochedo, passa pelas adjacências da vila de Inhambuê, a doze léguas de sua embocadura, onde rega vila de Conde. Sobem as sumacas por este rio até o porto de Vila de Conde, mas não passam além.

Inhamuz.⁶³⁰ Antiga freguesia da província do Pará. (V. *São Mateus*, vila.)

Inhangá. Ribeiro da província do Rio de Janeiro que se vai lançar na baía de

⁶²⁶ Atual distrito de Santa Rita Durão, município de Mariana/MG. (N/E)

⁶²⁷ Atual cidade de Ingá/PB. (N/E)

⁶²⁸ Atual distrito de Inhaí, município de Diamantina/MG. (N/E)

⁶²⁹ Atual cidade de Inhambuê/BA. (N/E)

⁶³⁰ O autor refere-se, presumivelmente, á freguesia de Inhamuz então existente na provincia do Ceará, atual cidade de Jucás/CE. (N/E)

Niterói, não tendo cousa que lhe dê importância senão o servir de porto da fábrica imperial da pólvora.

Inhazica.⁶³¹ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Inhai*.)

Inhaúma.⁶³² Freguesia da província do Rio de Janeiro, duas léguas ao nordeste da cidade deste nome. Sua igreja, dedicada a São Tiago, foi fundada no meado do século XVII por Custódio Coelho, e tida em conta de paróquia desde o ano de 1684, mas foi no de 1743 que um alvará de 27 de janeiro, quase um século depois de sua fundação, lhe conferiu este título. Seu termo, na terra firme, consta unicamente de duas léguas quadradas de superfície, porém pertencem-lhe muitas ilhas da baía vizinha: a maior destas ilhas, que é a Caqueirada ou dos *Frades*, poderá ter ao muito meia légua de comprimento; da parte do norte confina com o da freguesia de Irajá, a que dantes pertencia, ao sul com o do Engenho Novo, e ao oeste com o do Engenho Velho e o de Irajá.

Encerra este termo duas mil almas, cinco engenhos e fábricas de aguardente, e vários fornos de tijolo e de telhas. Cultiva-se também nele, além das canas e víveres do país, bastante hortaliça para bastecimento dos mercados da capital, para onde se transporta em carros; os gêneros de exportação se embarcam nos portos de Maria Angu, Inhaúma, Mangueiras e Olaria. Os ribeiros Gomes Tibau, Farinha e Maracanã regam e fertilizam este termo.

Inhomirim e originalmente **Anhumirim**⁶³³, de *anhu*, palavra índia que quer dizer campo, e *mirim*, pequeno, de que por corrupção se fez *Inhomirim*. Jaz esta povoação na raiz da cordilheira dos Órgãos, dez léguas ao norte da cidade do Rio de Janeiro. Teve princípio num ajuntamento dum certo número de colonos, os quais erigiram uma capela a N. S. da Piedade, a qual desde 1677 fez as vezes de paróquia e veio a alcançar o título em 1698, por um alvará de 12 de abril. Esta capela foi substituída dous anos depois por uma igreja

Inhomirim

maior, mas de mui pouca solidez. Como falecesse o vigário em 1709, passaram-se quarenta anos, no decurso dos quais não houve eclesiástico que se aventurasse a expor-se ao exame que era mister para ocupar o lugar do defunto, e neste lapso de tempo serviu de freguesia a capela de N. S. do Desterro, entretanto que se fazia uma nova igreja de pedra e cal num lugar mais propício aos numerosos habitantes que cada dia vinham ali estabelecer-se. Um novo alvará de 12 de janeiro de 1755 conferiu à nova igreja o título de paróquia, como se já o não tivera sido concedido à antiga capela, e todavia esta nova paróquia não foi acabada senão dez anos depois. O termo da freguesia de Inhomirim pega da parte do norte com os de São José do Sumidouro e do Pati do Alfêres; ao oeste, com o de Pilar; ao sul, com os de Pacobaíba e de Suruí; e a leste, com o do mesmo e juntamente com o de Magé. É regado pelo rio Inhomirim e pelos ribeiros Jaguará-Mirim, Ouro, Santa Cruz e Saracuruna, e contém pouco mais ou

⁶³¹ Atual distrito de Inhai, município de Diamantina/MG. (N/E)

⁶³² Atual bairro de Inhaúma, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

⁶³³ Atual distrito de Inhomirim, município de Magé/RJ. (N/E)

Inhomirim

menos três mil e quinhentos habitantes, em seis léguas de norte a sul de extensão e duas, quando muito, de leste a oeste, onde se acham as povoações da Conceição, Corvo Seco, Estrela, Mandioca e Tacuará. Há neste termo muitos engenhos e ainda mais fábricas de destilação de aguardente. A principal agricultura consiste em mandioca, cuja farinha se exporta para o Rio de Janeiro, bem como o café, arroz, marmelos, maçãs, pêssegos, uvas, além dos frutos da terra, como as pinhas, jabuticabas, e grumixamas. Cria-se também algum gado nos montes e grande quantidade de porcos. Deve-se mencionar também duas fábricas distantes uma da outra obra de uma légua, em cada uma das quais mais de cem negros estão empregados em fabricar ferraduras, e a bela estrada calçada da serra da Estrela que começa na povoação de Mandioca que jaz na falda dela e fenece na de Corvo Seco. Quando a povoação de Iguaçu foi elevada em 1833 à categoria de vila, o povo de Inhomirim pediu ao governo que o não anexasse ao distrito da nova vila, e em virtude desta reclamação ficou esta povoação anexa ao

antigo distrito de Magé, a que dantes pertencia: descontentes com isto insistiram em suas pretensões os habitantes de Inhomirim, e tanto trabalharam que alcançaram da primeira assembleia legislativa provincial a extinção da vila que lhes motivava inveja; mas a mesma assembleia por lei ulterior revogou a primeira e tornou a restituir a Iguaçu o título de vila, ficando-lhe anexa a freguesia de Inhomirim.

Inhomirim. Rio da província do Rio de Janeiro. Nasce na serra dos Órgãos, do monte Itacolumi, corre para o sul, recolhendo em si os ribeiros Ouro, Santa Cruz, Bonga e Caioaba, e depois de haver regado as povoações de Mandioca e de Estrela, entra na baía de Niterói, ao norte do morro de Brito, que separa a sua embocadura da do Iguaçu. Os barcos grandes vão com a maré até o porto de Estrela, que é mui frequentado dos habitantes de Minas Gerais, e as canoas deitam muito mais acima.

Inhumuçu.⁶³⁴ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, pertencente à freguesia de

Irajá, de que dista duas léguas, ornado duma capela de N. S. da Conceição.

Inhutrunaíba. Lagoa da província do Rio de Janeiro. (V. *Juturnaíba*.)

Inson. Sítio da província do Maranhão, na cabeceira do rio Mearim. Francisco Ferreira de Carvalho, natural do Brasil, solicitou e trabalhou por que se fundasse nele uma colônia, para povoar esta parte do rio, e facilitar a navegação dos ribeirões seus afluentes, e para juntamente pôr cobro nas incursões dos Índios bravos daquelas adjacências. Foi esta colônia fundada em 1841 por Luiz Alves de Lima, atualmente Barão de Caxias, que então era presidente da província. O promotor desta colônia pediu também à assembleia geral que fossem os colonos dispensados do recrutamento e dos direitos por tempo de dez anos.

Insua. Aldeia da província de Mato Grosso, na estrada que jaz entre a cidade de Cuiabá e a de Goiás, com um registo na extrema das duas províncias. Em suas adjacências existem águas termais.

⁶³⁴ Atual bairro de Irajá, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Insua. Grande serra da província de Mato Grosso, na margem ocidental do Paraguai, em dezessete graus e quarenta e três minutos de latitude acima do lugar onde se lhe ajunta o Porrudos ou rio de São Lourenço. Na raiz desta serra existe um canal que a separa da dos Dourados, e serve de sangradouro às lagoas Mandioré, Gaíba e Uberava. Estende-se esta serra, pouco mais ou menos, dez léguas de leste a oeste e três de norte a sul.

Inussu. Ribeiro da província do Ceará, que serve de limite entre o distrito de Vila Viçosa e o de Vilanova del Rei.

Inzu ou Inxu.⁶³⁵ Povoação ao norte da província de Pernambuco. (V. *Exu*.)

Ipané Guaçu e Ipané-Mirim. São dous pequenos rios da província de Mato Grosso, dos quais o último se lança no primeiro, que vem da serra Maracaju, corre por terras incultas cousa de vinte e cinco léguas, e vai ajuntar-se com o Paraguai pela margem

esquerda, trinta léguas além da confluência do rio Correntes.

Ipanema. Ribeiro da província de São Paulo, no distrito da cidade de Sorocaba; rega o termo da freguesia de São João de Ipanema, e incorpora-se pela margem esquerda com o rio Sorocaba.

Iparaná. Freguesia da província do Pará, sobre a margem direita do rio Negro e no ângulo setentrional da confluência do Ucaiari. Sua igreja é dedicada a São Miguel, e seus habitantes pela maior parte Índios da tribo Baniba.

Ipiranga.⁶³⁶ Povoação da província de São Paulo, perto da cidade deste nome, e a pouca distância duma planície célebre nos fastos do Brasil. Nela se deu princípio a um monumento rememorativo da independência deste vasto Império, proclamada e jurada pelo príncipe regente D. Pedro em 7 de setembro de 1822.

Ipitanga. Povoação da província e distrito da Bahia, com uma igreja da invocação de

Ipojuca

Santo Amaro, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Ipitanga. Lugarejo da freguesia de Araruama, na província do Rio de Janeiro.

Ipitanga. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no termo de Itapacorá.

Ipoconé.⁶³⁷ Nome da antiga aldeia, atualmente vila de Poconé, na província de Mato Grosso.

Ipoeira. Grande lago da província de Goiás, entre as fazendas de Jaburu e de Caiçara. É profundo, abundante de pescado; o ribeiro que lhe serve de sangradouro se ajunta com o rio Maranhão.

Ipojuca.⁶³⁸ Freguesia da província de Pernambuco, no distrito do Cabo de Santo Agostinho, a duas léguas do mar, e sobre a margem esquerda do rio de que toma o nome. Sua igreja matriz é dedicada ao Arcanjo São Miguel; além dela possui esta

⁶³⁵ Atual cidade de Exu/PE. (N/E)

⁶³⁶ Atual distrito de Ipiranga, município de São Paulo/SP. (N/E)

⁶³⁷ Atual cidade de Poconé/MT. (N/E)

⁶³⁸ Atual cidade de Ipojuca/PE. (N/E)

Ipojuca

freguesia um convento de franciscanos. Seu termo encerra oitocentos habitantes, quase todos lavradores, que abastecem de algodão e mais gêneros do país os mercados da cidade do Recife. Esta povoação adquiriu, em 1817, alguma celebridade pela derrota que experimentaram os partidários de Domingos José Martins.

Ipojuca. Rio da província de Pernambuco. Nasce da serra dos Cairiris Velhos, junto do nascente do Capibaribe, e correndo ambos paralelamente para o nascente obra de cinquenta léguas em terras próprias para o cultivo dos algodoeiros e cana-de-açúcar, posto que mal povoadas, lança-se o Ipojuca no Oceano, ao sul do cabo de Santo Agostinho, em oito graus e vinte e três minutos de latitude, e trinta e sete graus e dezoito minutos de longitude oeste. As sumacas sobem por este rio até o porto da povoação de seu nome, a duas léguas pouco mais ou menos do mar.

Ipopoca. Pequeno rio da província de Paraíba, no distrito da vila de Alhandra.

Vem do sítio chamado *Marreação*, corre para o nascente, e atravessando o lago Abiaí, deságua no Oceano, duas léguas ao norte da embocadura do Goiana. Se se alimpasse o álveo do Ipopoca desde o lago até o mar, a povoação de suas margens experimentaria um rápido aumento.

Iporunga.⁶³⁹ Povoação e nova freguesia da província de São Paulo, no distrito de Apiaí, criada por decreto da assembleia geral de 9 de novembro de 1830. Consta o seu termo de novecentos moradores, pela maior parte mineiros, sendo poucos os que se dão à criação de gado e amanho das terras.

Ipuca.⁶⁴⁰ Duas aldeias vizinhas da província do Rio de Janeiro têm este nome, e pertencem à comarca de Cabo Frio. Uma delas, situada na cordilheira dos Aimorés, nas cabeceiras do rio Ipuca, achase quase deserta, e é vulgarmente conhecida com o nome de Aldeia Velha. No meado do século XVII, o capucho italiano Francisco Maria batizou naquele lugar

grande número de Índios, e por meios dóceis e palavras persuasivas os levou a edificar uma igreja, na parte inferior do rio, no sítio onde se acha a segunda aldeia, e a dedicou à Família Sagrada. Por fatalidade foram os missionários estrangeiros expulsados do Brasil por ordem régia de 1699, e a este homem benéfico sucederam vários religiosos capuchos portugueses até o ano de 1761, e com esta mudança a maior parte dos Índios se acolheram aos matos, e as terras a eles concedidas foram repartidas com alguns brancos. Entretanto tratou-se de dar à igreja o título de paróquia, o que não se veio a efetuar senão no ano de 1800. No de 1802 seu termo, que era assaz vasto, e se estendia grandemente para a banda do sudoeste, foi desmembrado para se fazer o da freguesia de Capivari; em 1809 tornou a sofrer outro corte da parte do norte, quando se criaram as freguesias de N. S. das Neves e de Santa Rita, na aldeia dos Índios Guarulhos, e tornou a levar mais outro em 1812, na criação da nova freguesia de Juturnaíba. Achando-se de

⁶³⁹ Atual cidade de Iporanga/SP. (N/E)

⁶⁴⁰ Atual distrito de Ipuca, município de São Fidélis/RJ. (N/E)

todo arruinada em 1801 a igreja de Ipuca, o vigário teve de transportar a pia para a de São João Batista, na embocadura do rio de São João, e debaixo do pretexto de ser doentio o sítio onde se achava a igreja de Ipuca, não curaram de reedificá-la; porém como os moradores da Barra de São João se não concertassem com o vigário de Sacra Família, opuseram-se a suas pretensões e reclamaram para sua igreja o título da de Ipuca. Tal foi a origem da freguesia atual da Barra do Rio de São João, que se não deve confundir com a vila de São João da Barra, na embocadura do rio Paraíba. O termo da freguesia de Ipuca confronta, ao norte, com o de N. S. das Neves de Macaé, sobre o rio das Ostras; ao oeste, estende-se na cordilheira dos Aimorés até o de Nova Friburgo; ao sul, pega com os de Capivari e de Juturnaíba; e a leste, entesta no Oceano. Avalia-se atualmente o número de seus habitantes em três mil, que são sujeitos às sezões grande parte do ano por causa dos paus que existem nas terras chãs. As autoridades locais poderiam tornar o país sadio abrindo numerosas sarjetas nos campos, as quais comunicariam

com os ribeiros e rios que deságuam no mar. Estas terras, com serem alagadiças em alguns sítios, não deixam de ser cultivadas e dão mui bom arroz, e algumas canas-de-açúcar. O café, mandioca, milho e feijões prosperam nas altas e na encosta das serras. Há neste termo dous engenhos, um sobre o ribeiro Dourado, e outro sobre o Camboropi. Faz-se também nele um comércio rendoso de madeiras de construção, que descem pelos ribeiros até o rio São João, e são ao depois conduzidas para o Rio de Janeiro.

Ipuca. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro, e um dos afluentes do rio de São João, com o qual se ajunta pela margem esquerda, quase defronte, e um pouco mais abaixo do sangradouro da lagoa Juturnaíba. Rega este rio sucessivamente as aldeias Velha, Ganilhosa e Ipuca, e dá navegação a canoas por espaço de cinco léguas, entre a aldeia Velha e o rio de São João.

Ipu Grande.⁶⁴¹ Nova vila e antiga povoação da província do Ceará, na comarca do

Ipu Grande

Sobral ou da cidade de Januária, setenta léguas ao sudoeste da cidade de Fortaleza. No princípio deste século viviam alguns Brasileiros numa parte da serra dos Cocos, de mistura com os Índios; tendo-se esta povoação aumentado, erigiu-se uma capela a São Sebastião. Como em 1840 se suprimisse o título de vila de que gozava a povoação de Vilanova del Rei, transferiram-no para a de Ipu Grande, e tiraram igualmente o título de paróquia à igreja de São Gonçalo dos Cocos, e o deram à igreja de São Sebastião da nova vila. (V. *Vilanova del Rei e São Gonçalo dos Cocos*.) O distrito da vila de Ipu Grande é o mesmo que o da vila extinta, e confina, ao norte, com os de Viçosa e da cidade Januária; ao nascente, com a fazenda de Juoca, defronte do distrito da mesma cidade; ao sul, com a fazenda do Espírito Santo, que a separa do distrito de Quixeramobim; e ao ocidente, com o distrito da vila do Príncipe Imperial, pertencente à província de Piauí. Atravessam-no várias estradas quase impraticáveis, e semeadas de precipícios que vão ter às vilas vizinhas. Sua extensão, de norte a sul, é

⁶⁴¹ Atual cidade de Ipu/CE. (N/E)

Irajá

pouco mais ou menos de quarenta e cinco léguas, e corresponde à de alguns reinos da Europa, porém sua população não passa de oito mil almas. Amanham-se e cultivam-se as terras, e fazem-se neste termo criações de gado que abastecem a cidade do Recife de Pernambuco.

Irajá.⁶⁴² Antiga freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade deste nome. Sua igreja, dedicada à Apresentação de N. S., foi criada paróquia em 1644, e confirmada nesta qualidade por alvará de 10 de fevereiro de 1747, que lhe assinou por termo um território imenso, ou para melhor dizer desconhecido. À medida que este termo se foi povoando foram-se sucessivamente erigindo novas paróquias, as quais progressivamente o desmembraram e diminuíram: assim que existe atualmente um grande número de freguesias, que são as de Campo Grande, Engenho Velho, Guaratiba, Iguaçu, Inhaúma, Inhomirim, Jacarepaguá, Jacutinga, Miriapicu, Miriti e Pilar. A igreja da freguesia de Irajá é de pedra, e está assentada na margem do ribeiro

deste nome, acompanhada de casas mui vistosas. Seu termo acha-se atualmente encravado entre os de Miriti, da parte do norte; de Campo Grande, da do oeste; de Inhaúma, da do sul; e da do nascente, lavam-no as águas da baía de Niterói. Contam-se nele oito capelas dependentes da matriz; a de N. S. da Conceição, a uma légua de Irajá, é a mais linda delas; doze fábricas de açúcar, ou engenhos, e de aguardente se acham derramadas em todo ele, e sua população é avaliada em cinco mil habitantes, quase todos cultivadores; é regado por dous rios de seu nome, dos quais os barcos saem à noite na enchente da maré, e onde entram pela manhã quando ela o permite. Por este termo passa a estrada que vai do Rio de Janeiro para Minas Gerais.

Irapirang. Nome primitivo do rio Vaza Barris, na província de Sergipe. Talvez fosse melhor restituí-lo em lugar do nome insignificante com que hoje é apelidado.

Irapuã. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Caçapaba: de-

ságua no rio Jacuí, pela margem direita, acima do de Santa Bárbara.

Iriquiriqui. Nome índio do rio Gurupatuba, tributário do Amazonas, onde entra pela margem esquerda.

Iriri. Ribeirão da província do Rio de Janeiro; rega a planície que jaz ao pé da serra dos Órgãos, e lança-se na baía de Niterói, entre o rio Magé e o Suruí-Mirim.

Iriri. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Mangaratiba, que dá navegação a canoas unicamente por espaço de uma légua até a baía de Angra dos Reis.

Iriri Guaçu. Rio da província de Santa Catarina. (V. *Gravatá*, rio.)

Iriri Guaçu e Iriri-Mirim. São dous ribeiros da província do Rio de Janeiro; o segundo não é mais que um braço do primeiro: ambos eles regam uma parte do distrito de Parati antes de se lançarem na baía de Angra dos Reis, e facilitam o transporte por meio somente de canoas.

⁶⁴² Atual bairro de Irajá, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Iririf. Ribeiro da província de Santa Catarina, no distrito de São Francisco. Tem uma ponte na estrada imperial, entre a cordilheira e o mar, dá navegação a canoas, e deságua no mar, ao norte e perto do rio Gravatá. Dá-se-lhe por vezes o nome de *Iri-Mirim*.

Iiritiba. Nome primitivo do rio da província do Espírito Santo, que os jesuítas nos deram a conhecer com o nome de Reritigbá, e que é atualmente designado com o de *Benevente*.

Iriuama. Lagoa da província do Rio de Janeiro. (V. *Araruama*.)

Irituia.⁶⁴³ Freguesia da província do Pará, no distrito da cidade de Belém. Jaz a sua igreja perto do rio Guamá, e foi criada paróquia por lei da assembleia provincial de 9 de setembro de 1839. Conser-taram-na em 1841.

Iriuaná. Rio da província do Pará. Seu curso é ignorado; o que se sabe é que aumenta do dobro o volume das águas do rio Pacajás, pouco mais ou menos trinta léguas acima de

sua confluência com o braço meridional do Amazonas, chamado Tagipuru.

Iroí. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande. Nasce perto de Cerro Pelado da Encruzilhada, e se ajunta com o Pequiri.

Iruamé. Rio espanhol, afluente da margem esquerda do Mamoré. Sai do lago Caiubá, e ajunta-se com o Mamoré, dezesseis léguas acima da confluência do Aguapeí.

Iruzuí. Ribeiro que vem de matas despovoadas da província de Pernambuco, discorre pelos terrenos incultos da província de Paraíba, onde é susceptível de navegação, e ajunta-se com o rio Paraíba, ao sul da província de Piauí.

Issaíca. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito de Alegrete. É um dos tributários da margem esquerda do Ibicuí.

Itabaiana.⁶⁴⁴ Antiga vila da província de Sergipe, nas adjacências da serra de que tomou o nome. É de pouco trato: sua igreja, dedicada a

Itabaiana

Santo Antônio, foi criada paróquia em 1698, e um decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831 a dotou duma escola de ensino mútuo. Seu distrito se estende pelo sertão juntamente com o de itabaianinha. Nele se cria certa espécie de cavalos pequenos e muito ardentes, que são muito estimados nas províncias vizinhas. Avalia-se a sua população em dous mil habitantes. Em 1843, o colégio eleitoral deste distrito se compunha de quarenta e um eleitores.

Itabaiana. Serra a mais alta e dilatada de todas as da província de Sergipe. Fica a dez léguas do mar, entre os rios Real e o Irapirang ou Vaza Barris. Seu mais alto cume acha-se em dez graus, quarenta e um minutos e dez segundos de latitude e em trinta e nove graus, quarenta e três minutos e vinte segundos de longitude de oeste. Há nesta serra um lago que conserva quase sempre a mesma quantidade de d'água, e várias minas de ouro que nunca foram lavradas.

⁶⁴³ Atual cidade de Irituia/PA. (N/E)

⁶⁴⁴ Atual cidade de Itabaiana/SE. (N/E)

Itabaianinha

Itabaianinha.⁶⁴⁵ Nova e pequena vila do sertão da província de Sergipe, ao poente da cidade de São Cristóvão, e ao norte da cabeceira do rio Real. Sua igreja, dedicada a N. S. da Conceição, alcançou o título de paróquia em 1835. No decurso do mesmo ano, a primeira assembleia provincial, em virtude da lei das reformas da constituição, elevou a povoação de Itabaianinha à categoria de vila; em 1840 a câmara pediu à assembleia geral houvesse de aprovar aquela lei provincial, e assinalar-lhe os limites do distrito da nova vila do lado do rio Real, sobre os quais litigava com a câmara de Abadia, pertencente à província da Bahia, litígio que foi terminado por um decreto imperial de 23 de setembro de 1843, que declarou que toda a margem esquerda do rio Real ficaria pertencendo à província de Sergipe. Em 1843 eram dezesseis os eleitores de seu distrito.

Itabapoana. Pequeno rio que vai desembocar no mar, dez léguas ao norte da embocadura do rio Doce. Pertencia

este rio à província da Bahia, porém como no governo imperial os limites da província do Espírito Santo se dilatasse até o distrito de Porto Alegre, ficou o Itabapoana incluído nesta província. Como a sua embocadura no verão se acha a seco em todas as baixa-marés, dá-se-lhe vulgarmente o nome de *Barra Seca*. (V. este nome.)

Itabatingaí. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, e um dos afluentes da margem direita do rio Jacuí, entre os rios D. Marcos e o Pequiri.

Itaberava.⁶⁴⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, oito léguas ao su-sueste da cidade de Ouro Preto, e cinco a este da vila de Queluz. As tropas dos sertanistas que andavam em busca de minas de ouro debaixo do comando do Paulista Bueno e do Taubateano Manoel Garcia se encontraram na serra de Itaberava em 1797. Alguns indivíduos da de Bueno se deixaram ali ficar; enquanto os dous intrépidos cabos proseguiram em suas explorações, seguindo cada um diverso

caminho. Os que se estabeleceram naquela serra erigiram uma igreja a Santo Antônio, a qual veio a ser uma das mais antigas da província. Seu termo, de medíocre extensão, é povoado de sete mil habitantes, entre agricultores e mineiros.

Itaberava. Serra da província de Minas Gerais, onde, como já dissemos, se encontraram os sertanistas Bueno e Manoel Garcia, e deixando alguns dos seus deram origem à povoação da freguesia do mesmo nome.

Itabira.⁶⁴⁷ Nova vila e antiga freguesia da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio das Velhas ou Guaicuí, sete léguas oés-noroeste da cidade de Ouro Preto, em vinte graus e dezoito minutos de latitude. Sua igreja, dedicada a N. S. da Boa Viagem, é uma freguesia antiga que tinha por filiais as igrejas da povoação de São José sobre o rio Paraopeba, de São Caetano da Moeda, e de São João Batista. Foi esta freguesia criada vila por decreto da assembleia provincial de 1837 ou 1838, que

⁶⁴⁵ Atual cidade de Itabaianinha/SE. (N/E)

⁶⁴⁶ Atual cidade de Itaberava/MG. (N/E)

⁶⁴⁷ Atual cidade de Itabirito/MG. (N/E)

lhes assinalou por termo as terras que jazem entre o rio Paraopeba e o Guaicuí ou das Velhas. Descobriram neste termo alguns vieiros de ouro, cuja extração ainda dura. Avalia-se a sua população em quatro mil habitantes.

Itabira. Montanha alta, cônica e aurífera da província de Minas Gerais. Seu nome quer dizer pedra brilhante, de duas palavras índias: *ita*, pedra; *bira*, brilhante. Na falda dela existem ainda as escavações feitas pelos irmãos Ilbernaz, que deram princípio em 1720 à povoação de Itabira de Mata Dentro.

Itabira de Mata Dentro.⁶⁴⁸ Nova vila da província de Minas Gerais, perto das montanhas de Itabira e de Itabiraçu, vinte e duas léguas ao nordeste da cidade de Ouro Preto. Estabeleceram-se em 1720 os dous irmãos Ilbernaz na montanha Itabira, para tratarem de extrair o ouro da mina que havia ao pé, e em breve se lhes agregaram infinitos aventureiros, os quais edificaram uma igreja a N. S. do Rosário, que foi largo tempo filial da de Santo Antônio

da antiga povoação de Santa Bárbara, e foi afinal elevada à categoria de paróquia pela assembleia provincial, e a povoação à de vila. Vê-se nessa igreja matriz um órgão, obra dum natural da vila. A vila de Itabira de Mata Dentro é cabeça dum colégio eleitoral que em 1843 constava de trinta e cinco eleitores. Seu distrito abunda em copai-beiras; o ouro que se tirava de suas minas era de diversas cores e de vinte e três quilates; e a cava delas foi proveitosa até o ano de 1816; porém como afinal se achassem esgotadas, um Brasileiro chamado Manoel Fernandes Nunes assentou ali forjas e uma fábrica de ferro onde se fabricam canos de espingardas e mais objetos de que o país carece. A população deste distrito consta de três mil habitantes mineiros, cultivadores e criadores de gado.

Itabiraçu. Montanha piramidal e altíssima da província de Minas Gerais, no distrito de Itabira de Mata Dentro, oito léguas ao sul da cabeça dele. Abunda esta montanha em copai-beiras.

Itaboraí

Itaboca. Assim se apelida a enfiada de arrecifes que formam três cachoeiras no rio dos Tocantins, acima dos fortes de Alcobaça e de Arroios, na província do Pará, perto da confluência do rio dos Tacanhunas.

Itaboraí.⁶⁴⁹ Vila da província do Rio de Janeiro, cuja origem foi a seguinte. Em 1627 um fazendeiro da margem do rio Iguá mandou fazer uma capela a N. S. da Conceição, a qual serviu de freguesia até 1670, época em que a certa distância desta capela, que já não era suficiente para a povoação, se edificou uma nova igreja que foi dedicada a São João Batista. Passados nove anos, foi esta igreja elevada à categoria de paróquia, e como se viesse a arruinar, substituíram-lhe em 1742 a que atualmente adorna uma grande praça acompanhada de duas ordens de casas, quase todas térreas, que formam em redor dela um meio círculo. Um decreto de 15 de janeiro de 1833 conferiu a esta freguesia o título de vila com o nome de *São João de Itaboraí*, e por uma dessas circunstâncias que

⁶⁴⁸ Atual cidade de Itabira/MG. (N/E)

⁶⁴⁹ Atual cidade de Itaboraí/RJ. (N/E)

Itabuca

parecem ser efeito duma predestinação, dous anos depois esta nova vila competiu com a da Praia Grande, repartindo-se entre elas os votos da assembleia provincial sobre qual seria a capital da província do Rio de Janeiro. É esta vila cabeça da comarca de seu nome, duma legião de guarda nacional e dum colégio eleitoral composto atualmente de trinta e quatro eleitores; tem uma das mais belas igrejas da província. Seus habitantes são mui sociáveis e inclinados à música e à dança. O distrito da vila de Itaboraí consta dos termos das freguesias da Trindade, Rio Bonito, São José da Boa Morte, Itambi e Vilanova ou aldeia de São Barnabé; regam-no o rio Macacu, e o Cacerubu, que recolhe os ribeiros Bonito, Tanguá, Muticapira e Iguá, os quais todos dão navegação a canoas, e mais ao sudoeste correm por ele os ribeiros navegáveis apelidados rios de *Tambi* e da *Aldeia*. Cultivam-se neste distrito a maior parte dos gêneros do país, e com particularidade canas-de-açúcar e café, que se transportam em barcos de Porto das Caixas e de Vilanova para a cidade do Rio de Janeiro.

Itabuca. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, que fertiliza

o termo de Guaratiba, e admite barcos em sua embocadura nas enchentes da maré.

Itaca. Ribeiro do distrito de Parati, província do Rio de Janeiro. Dá navegação a canoas.

Itaca. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, na serra dos Órgãos. É um dos limites que separa o termo da freguesia de Inhomirim do de São José do Sumidouro ou da Serra.

Itacaciba. Pequeno porto da província do Espírito Santo, na margem meridional da baía deste nome. É do termo da freguesia de Cariacica, no distrito da cidade da Vitória.

Itacaiuna. Povoação da província de Goiás, sobre o rio dos Tocantins, perto do confluente do rio Araguaia. Teve princípio no governo de D. João Manoel de Menezes, que no começo do século actual pôs um registo sobre este rio no lugar onde se lhe ajunta o ribeiro Itacaiuna.

Itacaratu. Povoação da província de Pernambuco. (V. *Tacaratu*.)

Itacatiba ou **Itacibá.** Ribeiro da província do Espírito Santo, que passa pelo termo de freguesia de Viana.

Itacolumi. Cume o mais elevado da cordilheira da Mantiqueira, na província de Minas Geraes, que é um ramo da serra de Ouro Preto. Acha-se setecentas e noventa e nove braças acima do nível do mar, e por conseguinte tem menos altura que o cume do Sorate no Peru, na cordilheira dos Andes, que se avalia em doze mil e setecentas braças. Deriva-se o nome de Itacolumi de duas palavras índias: *ita*, pedra, e *corumi*, mancebo, de que por corrupção se fez *Columi*.

Itacolumi. Montanha da província de Minas Geraes, perto da cidade de Mariana. Há uma estrada nesta montanha que é muito menos alta que a do mesmo nome na serra de Ouro Preto.

Itacolumi. Montanha do continente da província do Maranhão, no ângulo oriental da baía de Cumá, em dous graus, oito minutos e trinta e oito segundos de latitude, e quarenta e seis graus, quarenta e oito minutos de longitude oeste. É parecida com um chapéu pontudo com abas mui largas que parece estar posto em cima do mar. Em tempo claro seu cume, que se avista a cinco para seis léguas de distância,

parece povoado de arvoredos. Os navios que vão ao porto da cidade de São Luiz do Maranhão a avistam de longe, e quando se acham seis milhas a leste, depois de haver dobrado o arrecife da *Coroa Grande*, governam para o sul para entrar na baía de São Marcos. Há nesta baía um farol que foi aceso pela primeira vez no 1º de janeiro de 1839, cuja luz muda a cor natural em vermelha e *vice-versa* no espaço de dous minutos.

Itacolumi. Grupo de rochedos sobremaneira desiguais semeados num baixo que tem quatro léguas de norte a sul, e que jaz defronte do monte Pascoal na província da Bahia, não mui longe da ponta de Corumbabo. Entre este baixo e o continente corre um canal estreito cuja boca, que fica ao norte, dá apenas passagem às embarcações pequenas. A quatro léguas do continente, e uma ao nascente deste baixo, acham-se de onze até vinte braças de fundo.

Itacuruçu. Ilha da baía de Angra dos Reis, na província do Rio de Janeiro. Em 1566 o governador general do Brasil,

Mendo de Sá, destruiu uma aldeia considerável de Tamoi-os, que havia nesta ilha, quando tomou aos Franceses a baía de Niterói ou do Rio de Janeiro, e antes de se retirar ajuntou o que remanesca de várias tribos de Índios, para os quais fundou a aldeia de Itaguaí, cujo governo cometeu à direção dos jesuítas. Como fosse partido, as famílias que se haviam escapado na destruição da aldeia, vieram outra vez residir para ela. Passado tempo, erigiram os jesuítas uma igreja a Santana, à qual a assembleia provincial, por decreto de 17 de dezembro de 1836, conferiu o título de freguesia, assinando-lhe por termo a própria ilha. Tem esta ilha e freguesia uma légua de comprimento e meia de largo: a face da terra é entremeada de vales e de outeiros sobremaneira férteis que são cultivados pelas famílias índias, cujo número se aumentou sensivelmente, e por alguns Brasileiros que se lhes agregaram. Entra esta ilha na dotação da vila de Mangaratiba, a quem os habitantes pagam uma renda enfiteutica pelas novas terras concedidas.

Itaguaçaba-Açu. Sétima cachoeira que se encontra no rio

Tietê ao descer, quatro léguas abaixo da vila de Porto Feliz. Fica esta cachoeira entre a do Machado e a de Itaguaçaba-Mirim, distantes umas das outras cousa de meia légua. Sobem por ela as embarcações, porém não sem custo.

Itaguaçaba-Mirim. Oitava cachoeira do rio Tietê, passada a vila de Porto Feliz, e meia légua abaixo da de Itaguaçaba-Açu. Dá fácil navegação às canoas.

Itaguaí.⁶⁵⁰ Vila da província do Rio de Janeiro, na comarca de Angra dos Reis, quinze léguas ao oeste da capital do Império, entre a serra de Santa Cruz e o rio que dá seu nome à vila. Foi originalmente povoada de Índios Tupiniquins, que o governador da capitania do Rio de Janeiro Martin de Sá trouxe da de Porto Seguro em 1615, quando veio tomar posse do governo, e que colocou em diversos lugares com o pressuposto de os desorientar. Parte destes Índios foram postos nas cabeceiras do Guandu, perto da reunião dos dous ribeiros que dão princípio a este rio. Tomaram os missionários jesuítas imediatamente conta

⁶⁵⁰ Atual cidade de Itaguaí/RJ. (N/E)

Itaguaí

deles para os doutrinarem, e transferiram esta aldeia, no ano de 1688, para o sítio chamado ainda agora *aldeia de Tinguá*, e em 1718 tornaram a transferi-la para um monte apelidado nessa época *Cabeça Seca*, que ficava mais perto do mar, e do colégio dos jesuítas de Santa Cruz. Deu-se princípio à fábrica duma igreja, que foi concluída em 1729, dedicada a São Francisco Xavier, e elevada à categoria de paróquia, em virtude do alvará de 22 de dezembro de 1795, aplicável a todas as aldeias do Brasil. De então por diante agregaram-se aos Índios infinitos Brasileiros e Portugueses, e D. João VI, por alvará de 5 de julho de 1815, elevou esta povoação à categoria de vila, dando-lhe o nome de São Francisco Xavier de Itaguaí, e concedendo-lhe por patrimônio as terras que haviam sido concedidas, havia dous séculos, aos Índios, além de meia légua onde estava sita a aldeia. O distrito desta vila foi pois originalmente vastíssimo; porém achou-se coarctado, quando a assembleia legislativa geral criou a vila de Mangaratiba. Passado tempo, em virtude da lei das reformas da constituição, tornou este distrito a ser desmembrado para se formar o da capital do Império; assim que atual-

mente consta unicamente da freguesia da vila, e da de São Pedro e São Paulo, e confronta ao norte com o da vila de Vassouras; a oeste com o de São João do Príncipe; a leste com os da cidade do Rio de Janeiro e da vila de Mangaratiba; e ao sul com a baía de Angra dos Reis, que o banha com suas águas. Regam-no os rios Guandu e Itaguaí, e os ribeiros Novo, Santana, Itemirim, Guandu-Mirim, e outros de menos cabedal. Na campina adjacente à vila existe um excelente engenho d'água, cuja presa é feita na cabeceira do rio Itaguaí, e de lá por um canal estreito praticado na encosta de vários montes por espaço de perto de duas léguas vem ter ao engenho, que põe em movimento. A população atual do distrito de Itaguaí é avaliada em quatro mil habitantes, quase todos agricultores. Foi esta vila instituída baronia por D. João VI, para recompensar os serviços de João Paulo Bezerra seu enviado em várias cortes da Europa, cuja viúva conserva o mesmo tratamento. Em 22 de março de 1841 os habitantes desta vila viram entrar dentro dela cinco sumacas empavesadas e coroadas de flores, por um canal novamente praticado entre a vila e o rio Itaguaí; o qual tem mil e trezentas bra-

ças de comprimento, cinquenta palmos de largo e quinze de profundidade.

Itaguaí. Rio da província do Rio de Janeiro. Nasce das montanhas elevadas do distrito de São João Marcos, por onde corre quase do poente para o nascente, tomando um pouco para o sul até o campo ou planície de Itinga, onde existe uma vala, que nele despeja parte das águas do rio Guandu, com as quais engrossando-se, dirige-se em direitura para o sul, e vai ter à parte da baía de Angra dos Reis, conhecida vulgarmente com o nome de baía de Santa Cruz, quase defronte da ilha Madeira. Subiam por este rio os barcos até o canal alimentado pelas águas do Guandu, e as canoas muito além dele. (*V. Guandu.*) Depois da abertura do novo canal entregue à navegação em 22 de março de 1841, chegam as sumacas, como já dissemos, até o centro da vila de Itaguaí.

Itaguira. Rio da província de Mato Grosso. (*V. Itiquira.*)

Itaí. Décima oitava cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo. É de fácil trânsito, e jaz seis léguas abaixo da Pederneira. Passada esta cachoeira, há quatorze léguas de boa navegação até a da Ilha Pequena.

Itaiabana. Freguesia considerável da província de Paraíba, na margem esquerda do rio do nome da província, duas léguas acima da vila do Pilar. O estado florescente em que se acha provém de se reunirem no lugar onde estão sitas as estradas que vão das províncias do Norte para a de Pernambuco. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. do Rosário, e são filiais suas as capelas de Canafístula e de Gurinhém. Seus habitantes são cultivadores.

Itaim. Pequeno rio da província de Piauí. Nasce nas raias da província de Pernambuco, corre rumo do noroeste quase paralelamente com o rio Canindé, e depois de recolher em si o ribeiro Guaribe, seu mais considerável afluente, vai se ajuntar com o Canindé pela margem direita, cinco léguas ao sul da cidade de Oeiras.

Itaípe. Rio da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus. Nasce ao norte da serra Itaraca, corre obra de sete léguas para o nascente, num leito fundo e estreito, engrossando-se com as águas que

nele trasborda a lagoa de seu nome, e vai lançar-se no Oceano, ao norte da baía dos Ilhéus. Abriu-se antigamente um canal que se não acabou, que devia unir com este rio a baía dos Ilhéus, por meio do ribeiro Fundão, que também desemboca nela. Os moradores das margens do Itaípe, para se transportarem com suas fazendas à vila de São Jorge, são obrigados a expor-se aos perigos do mar.

Itaípe. Lagoa da província da Bahia, na comarca dos Ilhéus. Tem obra de duas léguas de comprimento e uma de largo, com uma ilha que verdeja no meio dela. É profunda, abundante de pescado, recebe vários ribeiros, e sangra-se no rio de seu nome.

Itaipaba.⁶⁵¹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila Diamantina. Sua igreja, dedicada a São Miguel, obteve o título de paróquia em 1728, mas no ano seguinte foi este título transferido para outra igreja que se edificou junto da mina da Chapada. Há uma ponte no ribeiro de seu nome, que foi feita em 1841.

Itaipaba das Flores.⁶⁵² Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, duas léguas acima da povoação de Taquari, e sobre o rio deste nome.

Itaipu.⁶⁵³ Povoação da província do Rio de Janeiro, à beira do mar, três léguas a éssueste da cidade de Niterói. Os antigos escritores chamavam a esta povoação *Itaipuig*, hoje diz-se *Itaipu*, que no idioma índio quer dizer toque de sino. A igreja desta povoação é dedicada a São Sebastião, e existia antes de 1716; porém não foi criada paróquia senão no ano de 1755, por alvará de 12 de janeiro. Em 1764, um convento de freiras foi ali fundado por Manoel da Rocha, e dedicado a Santa Teresa. Confina o termo de Itaipu, ao norte, com o da freguesia de São Gonçalo; ao poente, com o de Icaraí ou de São João Batista de Niterói; ao nascente, com o de Maricá, na serra Itapuã; e ao sul, com o mar. Há nele perto de dous mil habitantes, que se acham derramados nas povoações de Itaocaia, de Perteninga, e em outras de menos importância,

⁶⁵¹ Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

⁶⁵² Atual localidade de Itaipava das Flores, município de Venâncio Aires/RS. (N/E)

⁶⁵³ Atual distrito de Itaipu, município de Niterói/RJ. (N/E)

Itajaí

e em cinco engenhos. O café, açúcar e mais produtos deste termo se exportam para o Rio de Janeiro por mar, e pela enseada de Jururuba, que faz parte da baía de Niterói. Ao norte e ao oeste desta povoação, acham-se os grandes lagos de Itaipu e de Perteninga, onde pescam os Índios o peixe que levam por mar para a capital em pequenas canoas, nas quais o atravessam, e dobram a ponta da fortaleza de Santa Cruz para entrar na baía.

Itajaí.⁶⁵⁴ Freguesia da província de Santa Catarina, na margem direita do rio de seu nome. Sua igreja, dedicada ao Santíssimo Sacramento, foi honrada com o título de paróquia por decreto de 12 de agosto de 1833, que assinalou por limites a seu termo, ao sul, o ribeiro Camboriú, e ao norte, o rio Gravatá. Depois da independência do Brasil, tem-se consideravelmente aumentado o número de seus fregueses.

Itajaí. Nome de duas colônias da província de Santa Catarina, sobre o rio de que se intitularam, e diferenciadas pelos sobrepelidos de *Grande* e de *Pequena*. A de Itajaí

Grande foi fundada pelo Imperador D. Pedro I, de dezessete famílias alemãs às quais se agregaram alguns Brasileiros. Em 1839 constava esta colônia de cento e cinquenta e dous colonos, trinta deles casados. Cultivam mandioca, canas-de-açúcar, alguns cereais, e fabricam aguardente. A de Itajaí-Mirim ou Pequena foi fundada mais tarde na margem dum ribeiro que deságua no Itajaí, e em 1841 constava unicamente de trinta e cinco colonos, três deles com mulher, que cultivavam os mesmos comestíveis. Devia-se demarcar os termos respectivos destas duas colônias, cada uma das quais havia de constar de dezoito mil toesas de terra, e tratava-se de abrir uma estrada entre a colônia de Itajaí Grande e a vila das Lages, por meio das matas, o que não foi avante por inconvenientes que se encontraram a quinze léguas da colônia, os quais motivaram a suspensão dos trabalhos preliminares.

Itajaí. Rio que nasce na província de São Paulo, entre os nascentes dos rios Negro e Correntes, caminha em sentido contrário, e atravessa a província de Santa Catarina,

onde recolhe os ribeiros Luiz Alves e Itajaí-Mirim, os quais ambos dão navegação a canoas, e vêm desembocar no mar, quatro léguas ao norte da baía das Garoupas. Os navios de cento e cinquenta toneladas sobem por este rio, obra de uma légua, até a freguesia de Itajaí; porém os barcos ordinários deitam mais adiante, e vão até o primeiro arrecife, além do qual navegam ainda as canoas, ora a remo, ora puxadas à sirga por espaço de doze léguas. Serve o rio Itajaí de limite entre as duas comarcas do continente da província, e separa o distrito da vila de São Francisco da de Porto Belo. Há ao pé desta povoação uma barca para serventia da estrada de São Paulo à província de São Pedro do Rio Grande. Começaram-se também os trabalhos necessários para facilitar a navegação deste rio até a estrada que vai para a vila das Lages.

Itajaí-Mirim. Ribeiro da província de Santa Catarina. Dá navegação a canoas por espaço de perto de dez léguas, e é um dos principais tributários do rio Itajaí. Chamam-no alguns *Trombudo*. (V. este nome.)

⁶⁵⁴ Atual cidade de Itajaí/SC. (N/E)

Itajubá.⁶⁵⁵ Freguesia da província de Minas Gerais, no vertente setentrional da serra da Mantiqueira, cinquenta e seis léguas ao sueste da cidade de Ouro Preto. Está assentada junto da nasçença do rio Sapucaí, numa das estradas que vai do Rio de Janeiro à cidade da Campanha. Sua igreja, dedicada a Santana, perdeu o título de paróquia de que gozava, o qual foi transferido para a igreja de N. S. da Boa Vista por decreto de 14 de julho de 1832, ficando-lhe pertencendo o termo da de Itajubá. Os habitantes desta freguesia lavravam antigamente trigo e centeio; atualmente cultivam unicamente os comestíveis do país, e fazem criações de porcos.

Itajuru. Nome de duas povoações da província de Minas Gerais. Ambas tiveram principio em duas fazendas apelidadas deste nome: uma no termo da freguesia de São Miguel de Mato Dentro, e outra no da de Santa Bárbara.

Itajuru. Lago da província do Rio de Janeiro, que se para a cidade de Cabo Frio do subúrbio dela chamado vulgarmente Passagem. Al-

guns escritores qualificaram de rio este lago, que não é outra cousa mais que a continuação da lagoa Arauama, pois que recebe as águas dela na vazante da maré, e as verte no canal Gamboa, com o qual faz um ângulo bem sensível. Uma lei provincial de 24 de dezembro de 1836 mandou fazer uma ponte de arame sobre este lago defronte da cidade, da largura de quatrocentas braças.

Itamaracá. Ilha da província de Pernambuco, separada da terra firme por um canal estreito e profundo que foi largo tempo tido em conta de rio, a que se dava o nome de Santa Cruz. Tem esta ilha três léguas do norte ao sul, e menos de duas em sua maior largura. Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso de Souza, a povoou de colonos, quando alcançou de D. João III, por carta datada de Évora, de 21 de janeiro de 1535, a doação de trinta léguas de terra na costa do Brasil, desde a baía de Acejutibiró até o rio Iguaraçu. Tendo-se estabelecido nesta ilha onde é sabido que residira três anos, não curou de povoar o con-

tinente, e embarcando-se pereceu num naufrágio. Seu filho único, não menos infeliz que o pai, morreu na catástrofe de Alcacerquibir. De então por diante a posse e direito daquela concessão foi alternativamente abandonada e disputada pelos herdeiros de vários descendentes ou parentes do donatário, até que por fim em 1617 foi confirmado nela o conde de Monsanto D. Luiz de Castro, em qualidade de herdeiro de Dona Isabel de Lima e Souza; porém em 1633 passou para o domínio dos Holandeses. Depois da expulsão destes, a Coroa mandou entregar a capitania de Itamaracá a D. Luiz Álvares de Castro Ataíde e Souza, que tomou dela posse em 1693 na qualidade de herdeiro dos primeiros donatários; porém como ela perigasse em poder de seus sucessores, D. João V a comprou em 1763 a José de Góis e Morais, que a tinha havido do marquês de Cascais, pela importância de quarenta mil cruzados que lhe foram embolsados. Foi então aquela capitania sujeita às ordens do governador da província de Pernambuco, no concernente ao militar e civil; a

⁶⁵⁵ Atual cidade de Itajubá/MG. (N/E)

Itamarandiba

administração da justiça ficou dependente da comarca de Paraíba, e a ela anexada até que um alvará de 30 de maio de 1815 a desligou, e uniu com a de Olinda, criada pelo mesmo alvará. O distrito de Itamaracá compreendia nessa época algumas freguesias da terra firme, como as de Goiana, de Iguaraçu, de Tijucupaba e de Tracunhaém, e na ilha a da Conceição. Atualmente esta ilha pertence sempre à província de Pernambuco; porém tendo sido esta província dividida em treze comarcas pela assembleia provincial, tanto esta ilha como as que lhe são vizinhas, constituem o distrito de Itamaracá, e pertencem à comarca de Goiana. Na extremidade setentrional da ilha de Itamaracá, jaz o porto de Catuama, na entrada do canal, onde os navios se acham amparados contra os ventos do sul e do sudoeste, e podem ser defendidos por um reduto que desgraçadamente está quase de todo arruinado, e na meridional há um excelente forte que defende a entrada do rio Iguaraçu. A vila da Conceição de Itamaracá fica defronte do continente; a povoação do Pilar olha para o

mar, e pelo mesmo teor a da chamada Praia, que tem uma capela da invocação do Bom Jesus: em diversos pontos se acham as povoações de pouca importância de Macaxeira, São João Batista, Amparo e Santa Cruz. As terras são férteis; nelas se cultivam os algodoeiros e as canas, e o açúcar e algodão são transportados para a cidade do Recife, bem como o superfluo dos víveres ordinários do país. As fábricas de destilação de aguardente e as salinas aumentam ainda o comércio desta ilha, cuja população é avaliada em oito mil habitantes.

Itamarandiba. Rio abundantíssimo de pescado da província de Minas Gerais. Foi descoberto em 1664 por Fernando Dias Pais, que teve a ventura de achar nele as esmeraldas em demanda das quais andava havia largo tempo. Um mancebo indiano a quem ele mandou que tratasse com as maiores atenções, vendo o quanto aqueles aventureiros folgavam com aquelas pedras, levou-os ao lago Vupabuçu, onde deparraram com grande quantidade delas. Falecendo Dias no

caminho, voltando para São Paulo, seu genro Borba Gato foi quem apresentou as ditas pedras a El-Rei D. Pedro II. Itamarandiba é uma palavra índia que quer dizer pequenas pedras mexidas. Nasce este rio ao norte da serra das Esmeraldas, e entra no Araçuai pela margem direita, seis léguas ao poente da cidade de Minas Novas.

Itamarati. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, na serra dos Órgãos. Rega o termo da freguesia de Inhomirim, e ajunta-se com o rio Piabanha.

Itambé.⁶⁵⁶ Freguesia da província de Pernambuco, na comarca de Goiana. Foi povoada pelo governador André Vidal de Negreiros, um dos restauradores da província que obrigaram os Holandeses a capitular. A igreja de Itambé, dedicada a N. S. do Desterro, foi criada paróquia em 1681. Seu termo, o mais dele montuoso, pode ter vinte léguas de norte a sul, e é regado pelo rio Capibaribe em sua extrema norte, na qual pega com o distrito de Taipu, da província de Paraíba; da parte do nascente, confina

⁶⁵⁶ Atual cidade de Itambé/PE. (N/E)

com o termo da freguesia de Goiana; da do sul, com o de Tracunhaém; e da do poente, com o distrito de Bom Jardim, da província do Ceará. Há neste termo quatro engenhos: seus moradores são cultivadores e criadores de gado, que servem para bastecimento da cidade do Recife, e para o transporte das fazendas. Em 1815, elevaram o número da população a oito mil almas com o fito de alcançarem alguns favores reais. Os antigos engenhos do Monte, Texeira, Caricé e Coroció, são atualmente outras tantas povoações.

Itambé.⁶⁵⁷ Povoação de pouco trato da província de Minas Gerais, situada num ameno vale, nas margens do ribeiro do mesmo nome e na rampa do monte Itambé, assim chamado das palavras índias *ita*, pedra, e *aimbé*, aguda, em razão de seu pico. A igreja de Itambé, dedicada a N. S. do Oliveira, foi largo tempo filial da matriz da freguesia da Conceição de Mato Dentro; porém uma resolução régia de 13 de abril de 1808 a anexou à paróquia de Gaspar Soares. Quando os

habitantes desta povoação, no princípio do presente século, viram ir-lhes falecendo o ouro das minas, foram-na deixando arruinar e acabaram por dessempará-la, por serem as adjacências dela pouco próprias para o cultivo. O ribeiro que passa por Itambé é uma das principais origens do rio de Santo Antônio, afluente da margem esquerda do Doce.

Itambé. Serra elevada da província de Minas Gerais, no distrito da cidade do Serro. Dela nasce o ribeiro Vermelho, que troca depois este nome no de Saçuí Grande. Afirma-se que seu cume se acha cinco mil e quinhentos e noventa pés ingleses acima do nível do mar. O ribeiro Itambé lhe lava em torno as raízes.

Itambé da Serra.⁶⁵⁸ Povoação da província de Minas Gerais, quatro léguas ao norte da cidade do Serro e na serra de Itambé. Sua igreja foi filial da matriz de Vila do Príncipe, hoje cidade do Serro, de quem foi desanexada e criada paróquia por lei provincial de 7

de abril de qual lhe assinou por filial a igreja de N. S. das Mercês. Há nesta povoação uma escola de primeiras letras instituída por decreto da assembleia geral de 7 de agosto de 1832.

Itambi.⁶⁵⁹ Freguesia da província do Rio de Janeiro. (V. *Tambi*.)

Itanguá. Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Minas Novas. Jaz na margem do ribeiro de que toma o nome, légua e meia ao nascente da povoação da Penha.

Itanguá. Ribeiro da província de Minas Gerais, que rega o termo da Penha, e o lugarejo de seu nome, e se lança no rio Araçuai.

Itanhaém.⁶⁶⁰ Antiga vila da província de São Paulo. Atribui-se geralmente a sua fundação a Martim Afonso de Souza; mas as indagações feitas nos arquivos provam que esta vila foi criada em 1561 na ausência do donatário pelo capitão-mor Francisco Morais. Depois da morte

⁶⁵⁷ Atual cidade de Itambé do Mato Dentro/MG. (N/E)

⁶⁵⁸ Atual cidade de Santo Antônio do Itambé/MG. (N/E)

⁶⁵⁹ Atual distrito de Itambi, município de Itaboraí/RJ. (N/E)

⁶⁶⁰ Atual cidade de Itanhaém/SP. (N/E)

Itanhaém

de Martim Afonso de Souza, houve grandes demandas sobre a posse da capitania de São Vicente, e a condessa de Vimieiro, sua herdeira, ficou unicamente com a parte dela que se achava entre o rio de São Vicente e o Saí, ao sul de Paranaguá. Mandou a condessa tomar posse desse quinhão por um seu procurador que se estabeleceu na vila de Itanhaém, e tanto ela, como os seus herdeiros, conservaram-se em posse pacífica até o ano de 1653, tempo em que o conde da Ilha do Príncipe se apoderou da colônia de Paranaguá. As diligências que fez D. Luiz Álvaro de Castro e Souza, marquês de Cascais, perante El-Rei, e as forças que empregou fizeram que recobrasse afinal de posse da colônia no cabo de três anos. Em 1679, querendo El-Rei pôr termo a uma demanda intrincada que sustentavam os possuidores das capitanias de São Vicente e de Itanhaém, despejou a ambos delas, e deu-as ao conde da Ilha do Príncipe. Pugnaram o marquês de Cascais e o conde de Monsanto em favor dos seus direitos contra a resolução régia até o ano de 1709, tempo em que D. João V, julgando contra o conde da Ilha do Príncipe, mandou pagar ao marquês de Cascais de então a

quantia de quarenta mil cruzados, e reuniu para sempre as duas capitanias à Coroa. (V. *Cananeia*, vila.) Está a vila de Itanhaém assentada sobre o pequeno ribeiro que lhe deu o nome que tem; vinte e duas léguas ao su-sudoeste da cidade de São Paulo. El-Rei D. João VI, por carta patente de 13 de maio de 1819, erigiu esta vila em baronia em favor de Manoel de Andrade Souto Maior, condecorado durante o governo imperial com o título de marquês do mesmo nome. Esta antiga capital da capitania está presentemente reduzida a uma mesquinha povoação, por vezes apelidada *Conceição*, por ser a sua igreja da invocação desta Senhora. Apenas se faz em seu porto algum comércio de farinha de mandioca e de taboado. Seu distrito abunda em baunilha e ipecacuanha, e todavia acha-se mal cultivado em razão da mediocridade de sua população, avaliada em mil e duzentas almas. Atribui-se isto às câmaras de sangue de que morrem todos os anos infinitas crianças.

Itanhaém. Rio da província de São Paulo. Vem do alto das cordilheiras fronteiras ao mar, passa pela vila de seu nome, e vai lançar-se no mar em vinte e quatro graus e onze minutos de latitude, e quarenta e nove

graus e quinze minutos de longitude oeste. Em sua embocadura há um baixio, o que não tolhe às lanchas de subirem por ele até o porto da vila, e às canoas seis léguas além. Ao nascente dela se acha no meio do mar o rochedo chamado da Lage com obra de dez pés fora d'água, com o qual se cosem os navios sem perigo.

Itanhaém. Quarta cachoeira que se encontra no rio Tietê ao descer, a qual jaz meia légua abaixo da de Araranhanduba e outro tanto acima da de Tiririca. Sobe-se e desce-se sem custo.

Itanhas. Aldeia da província do Ceará, no distrito de Montemor o Novo, com uma capela. Fica esta aldeia a dez léguas da cabeça de seu distrito, de cuja população é ela a maior parte, deve a sua origem e nome aos Índios, que ainda hoje nela moram.

Itanhém. Rio do meio dia da província da Bahia. Vem da cordilheira dos Aimorés, corre depois por terras rasas, e vem lançar-se no Oceano defronte da extremidade setentrional do parcel dos Abrolhos, cinco léguas ao norte da larga embocadura do rio Caravelas, qualificada frequentemente com o título de baía.

Itanhenga. Ilha da província do Rio de Janeiro, defronte do litoral do distrito de Parati.

Itaobira.⁶⁶¹ Nome primitivo da povoação de *Itabira de Mato Dentro*, atualmente vila.

Itaoca.⁶⁶² Povoação da província do Rio de Janeiro, na margem oriental da baía de Niterói, com uma igreja de N. S. da Luz, filial da matriz de São Gonçalo. Dizem que foi fundada na ocasião em que Mendo de Sá, governador do Brasil, lançou os alicerces da cidade do Rio de Janeiro.

Itaoca. Ilhota da baía de Niterói, ao norte da ilha de Paquetá, e pertencente ao termo de sua freguesia.

Itaocaia. Povoação da província do Rio de Janeiro, na freguesia de Itaipu, na estrada da cidade de Cabo Frio, e quatro léguas ao poente da capital.

Itaorna.⁶⁶³ Lugarejo da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de Mambucaba, perto do da cidade de Angra dos Reis.

Itapacoróia. Enseada e ponta de terra da província de Santa Catarina. A ponta jaz em vinte e seis graus, quarenta e sete minutos e dezoito segundos de latitude, e em cinquenta e um graus, quatro minutos e vinte e um segundos de longitude oeste. Ao norte dela há duas ilhotas onde os marítimos podem prover-se de mui boa água. A enseada oferece aos navios um bom abrigo contra os ventos do sul e do sudoeste, e à roda dela existem sete engenhos, algumas fábricas de destilação de aguardente, e uma armação de baleia fundada em 1778, com uma capela da invocação de São João Batista. (V. *Penha de Itapacoróia.*)

Itapanhuacanga.⁶⁶⁴ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Itapanhuacanga.*)

Itaparica. Grande ilha da província da Bahia, situada obliquamente na entrada da baía de Todos os Santos, e defronte da cidade deste nome, com seis léguas de comprimento e duas em sua maior largura. Foi nos baixos desta

Itaparica

ilha que o primeiro donatário dessa capitania, Francisco Pereira Coutinho, naufragou em 1547 voltando para a Bahia, donde se havia retirado por não poder defender-se dos Tupinambás que continuamente o atacavam; os quais o haviam chamado prometendo fazer com ele paz e aliança. Os que escaparam do naufrágio, e puderam ganhar Itaparica, foram nela mortos e devorados pelos Índios que a povoavam, à exceção de Diogo Álvares Correia, apelidado o Caramuru, e sua numerosa família, os quais escaparam por isso que sabiam falar o idioma dos Índios. Em 1560 os jesuítas se estabeleceram nesta ilha, e ajuntaram em várias aldeias os Índios para os doutrinar na religião, o que com efeito conseguiram, e dali em diante viveram estes em boa inteligência com os Portugueses. Em fevereiro de 1647, os Holandeses, comandados por Sigismund Van Escop, se apoderaram de Itaparica, e nela se fortificaram sem que se lhes opusesse o governador geral do Brasil, que residia na Bahia, Antônio Teles da Silva.

⁶⁶¹ Atual cidade de Itabira/MG. (N/E)

⁶⁶² Atual bairro de Itaoca, cidade de São Gonçalo/RJ. (N/E)

⁶⁶³ Praia de Itaorna, cidade de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

⁶⁶⁴ Atual distrito de Itapanhoacanga, município de Alvorada de Minas/MG. (N/E)

Itapararoca

Porém apesar dos redutos que Sigismund havia mandado fazer à roda da ilha foi esta atacada pelo mestre de campo Francisco Rebelo, por alcunha o Rebelinho, com mil e duzentos homens que foram recebidos com uma nuvem de balas, e depois duma ação bem renhida, obrigados a retirar-se com perda de muitos dos seus. A costa oriental de Itaparica é guarnecida de muitas e mui vistosas casas que juntas com as da cidade encantam os olhos do viajante que entra pela primeira vez na baía de Todos os Santos. A costa ocidental é coberta de plantas marinhas, e o interior povoado de coqueiros, cujos frutos são sobremaneira grandes, e se vendem na cidade da Bahia e também são exportados para fora do Império. Reparte-se esta ilha em duas freguesias. A que fica ao norte é mui populosa, e a outra muito menos, bem que o termo seja muito maior. As tropas portuguesas bloqueadas na cidade da Bahia no tempo da guerra da independência quiseram apoderar-se de Itaparica; mas os moradores unidos com a guarnição do forte repeliram com vigor os inimi-

gos, e o Imperador D. Pedro I, em recompensa desta ação, conferiu a esta povoação o título de *intrépida* vila de Itaparica. A igreja da Vera Cruz foi largo tempo paróquia, mas este título foi transferido para a soberba igreja do Santíssimo Sacramento, perto da ponta Jaburu. A vila é atualmente cabeça de colégio eleitoral, em virtude duma disposição legislativa do ano de 1840. No interior da ilha e na parte que respeita ao sul existe a igreja matriz de Santo Amaro, que foi criada paróquia em 1678. Possui Itaparica há muito tempo uma escola de primeiras letras, uma cadeira de latim, uma armação de baleia, uma cordoaria, e as igrejas da Cruz, de N. S. da Rocha, de São Gonçalo, além das freguesias. Os brigues e outros navios de menos porte acham-se amparados contra os ventos de oeste e de sudoeste no porto principal desta ilha.

Itapararoca. Antiquíssima povoação da província da Bahia, com uma igreja dedicada a São José, que foi criada paróquia desde o ano de 1698.

Itaparoa. Vila da província de Sergipe, ao nordeste da serra de seu nome e ao sul do rio Real. É a povoação que o barão Roussin marcou em sua carta com o nome de *Areias*.

Itaparoa. Montanhas de medíocre altura da província de Sergipe, as quais se acham juntas, e formam um grupo na praia do mar, ao norte do rio Itapicuru. O ponto mais elevado destas montanhas está em onze graus e trinta e quatro minutos de latitude sul.

Itapecerica.⁶⁶⁵ Povoação da província de Minas Gerais, doze léguas ao su-sudoeste da vila de Pitangui, com uma igreja dedicada ao Espírito Santo, que foi largo tempo dependente da da freguesia desta vila, e afinal criada paróquia pela assembleia provincial; porém em 1840 a mesma assembleia, por outra lei, a despojou deste título, por isso que os habitantes não tinham consertado a igreja que estava inteiramente arruinada.

Itapecirica.⁶⁶⁶ Povoação da província de São Paulo, dezoito léguas ao oeste da cidade

⁶⁶⁵ Atual cidade de Itapecerica/MG. (N/E)

⁶⁶⁶ Atual cidade de Itapecerica da Serra/SP. (N/E)

deste último nome, e na cabeceira do ribeiro Mbois, com uma igreja dedicada a N. S. dos Prazeres, que foi escolhida por lei provincial de 20 de fevereiro de 1841, para servir de paróquia, enquanto se edificava uma nova igreja na aldeia Mbois, em lugar da antiga que se tinha arruinado.

Itapema-Açu. Décima quinta cachoeira do rio Tietê, na província de São Paulo, meia légua abaixo da cachoeira de Matias Pereira, e outro tanto acima da de Itapema-Mirim. Sobem e descem por ela as embarcações com pouco trabalho.

Itapema-Mirim. Décima sexta cachoeira do rio Tietê, meia légua abaixo da cachoeira de Itapema-Açu, e três léguas acima da da Pederneira. No decurso destas três léguas encontram as confluências dos rios Capivari, Sorocaba, e do ribeiro Capivari-Mirim.

Itapemirim. Nova comarca da província do Espírito Santo, criada por lei provincial de 23 de março de 1835, de que é cabeça a vila de Itapemirim. Compreende esta

comarca o distrito desta vila e os de Benevente e Guarapari.

Itapemirim.⁶⁶⁷ Vila pouco importante da província do Espírito Santo, cabeça da comarca de seu nome, vinte e duas léguas ao su-sudoeste da cidade de Vitória. Teve princípio numa aldeia de Índios cristianizados no fim do século XVI. Em 1754, Pedro Bueno e Baltazar Caetano Carneiro estabeleceram um engenho por detrás desta aldeia, com uma capela que dedicaram a N. S. do Patrocínio, a qual gozou das prerrogativas de paróquia, desde o ano de 1771. Um alvará de 7 de junho de 1815 conferiu a esta povoação e aldeia o título de vila do Brasil, dando-lhe por patrimônio meia légua quadrada de terra, com condição de fazerem os moradores por sua conta a fábrica da casa da câmara, cadeia, e mais acessórios municipais. O mesmo alvará assinalou-lhe por distrito o próprio termo da freguesia. Está esta vila assentada na margem meridional do rio de seu nome, quatro léguas ao poente do monte Agá, e a meia légua do mar, e consta

pouco mais ou menos de oitenta casas cobertas de palha, situadas em redor duma praça, onde se vê uma forca. Seu distrito confronta, ao norte, com o rio Piúma; ao ocidente, serve-lhe de limite a cordilheira dos Aimorés; ao sul o rio Cabapuana; e ao nascente, o Oceano. Sua população é de dous mil habitantes, pela maior parte de Índios derramados em terras férteis, porém mal cultivadas.

Itapemirim. Rio da província do Espírito Santo: vem do norte da serra do Pico, ramo da cordilheira dos Aimorés, corre do ocidente para o oriente obra de oito léguas, dando navegação a canoas, rega a vila de seu nome, e perto de sua embocadura faz várias voltas antes de se ir lançar no Oceano. Sobem por este rio as sumacas até a vila, e depois de carregarem descem com a enchente da maré, por não haver nesta embocadura nunca mais de seis para sete pés de fundo.

Itapeteninga.⁶⁶⁸ Pequena vila da província de São Paulo, na comarca de Itu. Está assentada num campo fértil, doze

⁶⁶⁷ Atual cidade de Itapemirim/ES. (N/E)

⁶⁶⁸ Atual cidade de Itapetininga/SP. (N/E)

Itapetininga

léguas ao sul de Sorocaba, e trinta a oeste da cidade de São Paulo, em vinte e três graus e quarenta minutos de latitude. Foi criada em 1770 pelo governador D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão. Seu distrito é sadio e excelentes as suas águas, as casas são de taipa e sua igreja matriz é dedicada a N. S. dos Prazeres. Passa-lhe ao pé a estrada real. Um decreto de 7 de dezembro de 1830 autorizou o governo a dispendar cem mil réis para estabelecer nesta vila e nas de São Carlos, Garapuava e Itapeva um gênero de comércio que pudesse convidar e trazer os Índios a se civilizarem, sem ser mister empregar a força. O distrito de Itapeteninga encerra algumas minas de ouro pouco rendosas. As videiras e pessegueiros se dão ali mui bem, porém o principal comércio e riqueza dos moradores, que são avaliados em seis mil, consiste na exportação do gado que criam, e cujos numerosos rebanhos abastecem a cidade do Rio de Janeiro.

Itapetininga. Ribeirão da província de São Paulo; nasce nas montanhas vizinhas da

serra Guaraçoiava, corre primeiro para o ocidente, depois para o norte, e vai juntar-se pela margem direita com o rio Paranapanema.

Itapeva.⁶⁶⁹ Pequena vila da província de São Paulo, na comarca de Itu, quarenta e oito léguas a oés-sudoeste da capital da província. Teve princípio num ajuntamento de Índios em certa aldeia que se chamava Faxina, na qual havia uma igreja dedicada a Santana, que fazia as vezes de paróquia. Como o governador da província, D. Luiz Antônio de Souza Mourão, mandasse explorar os rios Curitiba, Paranapanema e outros, conferiu a esta aldeia as honras e título de vila com o nome de Itapeva. Acha-se esta vila situada à pequena distância do rio Verde, em vinte e quatro graus e dous minutos de latitude. Por ela passa a estrada que vai da cidade de São Paulo para a vila das Lagés, mas é pouco segura por ser frequentada pelas tribos de Índios bravos. Seu distrito é vasto, pouco povoado e quase inculto. Criam-se nele alguns bois e machos, e nisto consiste a indústria de sua população, que consta de dous mil

e duzentos habitantes que vivem arredados uns dos outros.

Itapeva. Sítio ao norte da província de São Pedro do Rio Grande, no esporão da serra Geral, perto dos rios Verde e Araranguá.

Itapiche. Dá-se este nome a certos arrecifes que se prolongam por espaço de oito léguas, por entre os quais corre o rio Sapucaí, na província de Minas Gerais, os quais empecem à navegação deste afluente do rio Grande.

Itapicima. Povoação da província de Pernambuco, na comarca de Goiana, com uma capela dedicada a São Gonçalo.

Itapicu. Pequeno rio da província de Santa Catarina. Desce em voltas da cordilheira fronteira ao mar, e recolhe vários ribeiros que dão navegação a canoas. Só uma cachoeira chamada *Cadeado* a empece, três léguas antes de atravessar a lagoa da Cruz, donde em saindo vai este rio lançar-se no mar entre a ponta Itapacoróia e o rio Aracari. Não há embarcação que possa

⁶⁶⁹ Atual cidade de Itapeva/SP. (N/E)

resistir à força da ressaca que se manifesta em sua embocadura. Há sobre este rio uma barca para serventia da estrada imperial.

Itapicuru. Nova comarca da província do Maranhão, criada pela assembleia geral no ano de 1834. Abraça os distritos das vilas do Rosário, de Itapicuru-Mirim, cabeça dela, de Manga, e de Icatu.

Itapicuru.⁶⁷⁰ Pequena e antiga vila da província da Bahia, chamada também *Itapicuru de Cima*. Está situada a vinte e duas léguas do mar, perto da margem esquerda do rio de que tomou o nome. Foi criada em 1728 por Vasco Fernando César de Menezes, quarto vice-rei do Brasil. Sua igreja, dedicada a N. S. de Nazaré, é paróquia desde o ano de 1598. No princípio do século corrente instalou-se nesta vila uma escola de primeiras letras. A assembleia geral tendo aumentado por diversas vezes o número das comarcas desta província fez escolha de Itapicuru para cabeça da de seu nome. Seu distrito é agreste e pedregoso, e apenas permite aos habitantes de cultivarem

os víveres necessários para sua subsistência. O rio Itapicuru, que o rega, é semeado de arrecifes e de cachoeiras que dificultam a sua navegação, e nenhuma estrada imperial lhe facilita as comunicações. Tais são as causas que empeceram e empecerão o aumento da população desta vila, cujo comércio consiste em algum gado que se cria nos montes e matas, e que se vende na Bahia.

Itapicuru. Antiga aldeia da província da Bahia; foi fundada em 1561 pelos jesuítas à beira do mar, na margem esquerda do rio do mesmo nome. É diferente das vilas e povoações conhecidas debaixo do mesmo nome.

Itapicuru. Rio da província da Bahia. Nasce nos montes da comarca de Jacobina, ao nascente do rio de São Francisco, dirige-se do ocidente para o oriente, rega o termo de Santo Antônio dos Queimados, o distrito da vila de Itapicuru, e a povoação de Itapicuru Grande, e caminha dez léguas mais antes de se ir lançar no mar, entre o rio Real e o Tareiri. Seu curso

total é de cento e quarenta léguas em montanhas agrestes, onde seu leito semeado de arrecifes dá por pouco tempo navegação a canoas. Em sua embocadura, cuja entrada é difícil por causa dos baixios, só se encontram seis até sete pés d'água. Uma aldeia que fica na ponta do sul, serve para se saber a carreira da entrada deste rio, pelo qual sobem os barcos e jangadas até a povoação de Itapicuru Grande.

Itapicuru Grande. Rio da província do Maranhão. Vem do sul desta província, e corre para o nor-nordeste, quase paralelamente com o rio Parnaíba, recebendo sobre a esquerda o rio Alpercatas, com cujas águas se torna navegável; trinta léguas depois desta junção atravessa o Itapicuru a vila de Caxias, onde começa a ser navegado por grandes barcas rasas, e tomando mais para o norte, rega sucessivamente as vilas de Codó, de Itapicuru-Mirim e do Rosário, onde principia a haver maré, e dez léguas mais adiante entra majestosamente na baía de São José, perto da ilha Maranhão. Os barcos que

⁶⁷⁰ Atual cidade de Itapicuru/BA. (N/E)

Itapicuru Grande

vão a vela pelo Itapicuru de-
vem resguardar-se dum rede-
moinho que fazem as águas
algumas léguas antes de sua
embocadura. Seu álveo é tor-
tuoso e rápida a sua corrente,
mas não impetuosa. Suas
margens são povoadas de
arvoredos frequentados por
numerosas tribos de Tapuias
e de Timbiras, que com o
volver dos anos se não feito
mais tratáveis. Entre a baía de
São José e a vila do Rosário
cursam a vela os barcos, po-
rém dali em diante são as
fazendas baldeadas em bar-
cos sem quilha que sobem
pelo rio acima até a vila de
Caxias, e desta vila até a con-
fluência do Alpercatas, nave-
ga-se em grandes canoas, e lá
finda a navegação do Itapi-
curu, em obra de cem léguas,
no decurso das quais vin-
gam-se cinco cachoeiras mais
ou menos vizinhas umas das
outras. As canoas navegam
muito mais nele, bem como
no Alpercatas. Para a embo-
cadura deste rio se retirou em
1624 Bento Maciel, cogno-
minado o carniceiro ou ver-
dugo dos Índios, depois que
viu baldada a tentativa que
fez para se apoderar do go-

verno do Pará: ali fez um
forte com quarenta soldados
que o seguiam, os quais dis-
correram ao depois em com-
panhia dele, por todos aque-
les arredores, penetrando nas
matas mais inacessíveis, e
matando ou reduzindo a ca-
tiveiro quantos Índios encon-
travam, os quais depois ven-
diam aos colonos. Algumas
famílias vindas dos Açores se
estabeleceram ao redor da-
quele forte, e deram prin-
cípio à primeira povoação
brasileira da província do
Maranhão.

Itapicuru Grande. Fregue-
sia da província da Bahia de
muito mais trato que a vila
de Itapicuru, a cujo distrito
pertence. Está situada a dez
léguas do mar, na margem
direita do rio Itapicuru; N. S.
do Rosário é o orago de sua
matriz. Em seu termo, que é
mui bem cultivado, e ao lon-
go do mar, se observa uma
corda de outeiros apelidados
de São Miguel. Seus mora-
dores Índios e Brasileiros, es-
pecialmente estes, lavram al-
godão e víveres, e criam gado
que levam a vender à cidade
da Bahia.

Itapicuru Grande.⁶⁷¹ Antiga
freguesia da província do
Maranhão. (V. *Rosário*, vila.)

Itapicuru-Mirim.⁶⁷² Antiga
povoação e nova vila da pro-
víncia do Maranhão, cabeça da
comarca de seu nome. Está
assentada na margem direita
do rio de que toma o nome, a
vinte e duas léguas da baía de
São José. Sua igreja paroquial
é dedicada a N. S. das Dores.
Perto desta nova vila havia
uma ponte para serventia da
estrada que vai da província
do Maranhão para a de Piauí,
que foi destruída na cheia
extraordinária de 1839: trata-
se de fazer outra com cinco
arcos, em vez de quatro que
tinha a precedente.

Itapiranguara. Ribeiro da
província do Ceará, que rega
parte do distrito da vila de
Sobral, à qual serve de limite.

Itapiva.⁶⁷³ Povoação da pro-
víncia de Minas Gerais, na
estrada do Rio de Janeiro pa-
ra São João del Rei, e nas
margens dum límpido ribeiro,
que com diferentes nomes
vem da soberba cachoeira dos
Banhos, no distrito da vila de

⁶⁷¹ Atual cidade de Rosário/MA. (N/E)

⁶⁷² Atual cidade de Itapecuru Mirim/MA. (N/E)

⁶⁷³ Atual cidade de Itapeva/MG. (N/E)

Ajuruoca, e vai se ajuntar pela margem esquerda com o rio Grande, que nesta junção leva ainda mui pouca água.

Itapoca. Povoação da província do Espírito Santo, ao sul da vila de Viana, nas margens do Itaquiari, no meio de espessas matas, com uma pequena capela.

Itapocu. Rio do continente da província de Santa Catarina, no distrito da vila de São Francisco. (*V. Itapicu.*)

Itaporocas.⁶⁷⁴ Nova freguesia da província da Bahia. Sua igreja é dedicada a São José, e como estivesse arruinada, uma lei provincial de 4 de abril de 1840 lhe concedeu uma lotaria para se fazerem os devidos consertos.

Itapuã.⁶⁷⁵ Povoação da província da Bahia, três léguas ao nascente da cidade deste nome, numa enseada formada por um rochedo que se estende algum tanto para o sudoeste. Há nela um telégrafo que corresponde com o mar e com a cidade, e uma

escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. Chamam-se também Itapuã a enseada e o rochedo: a partir de leste a costa se dirige em direitura para o nordeste, ao passo que a parte da do sul segue quase o rumo de oeste.

Itapuã.⁶⁷⁶ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, na margem ocidental da lagoa dos Patos. Houve nesta povoação um forte que foi demolido em 1840, depois de haver sido tomado de assalto pela intrepidez do chefe de esquadra Greenfell.

Itapuãzinho.⁶⁷⁷ Povoação situada a és-sueste da cidade da Bahia, numa costa encrespada de arrecifes, onde as ondas do mar se quebram de contínuo com violência. Teve princípio numa armação de peixe para bastecimento da cidade. A enseada em cujas margens jaz esta povoação, bem como a ponta de terra que se adianta para o mar, são também conhecidas com o nome de *Itapuãzinho*.

Itaquaquecetuba

Itapuia. Vigésima terceira cachoeira do rio Tietê, uma légua abaixo da cachoeira Pitunduba, e meia antes da de Bauru. Sobem e descem por ela as canoas sem muito trabalho.

Itapura. Quinquagésima sexta cachoeira do rio Tietê, três léguas antes de sua confluência com o Paraná. Acham-se as águas represadas por um monte de arrecifes, e despenhando-se por três pontos diferentes, caem em cima doutros que se acham em baixo da altura de seis braças. Transportam-se por terra as embarcações e as fazendas.

Itapura-Mirim. Quinquagésima quinta cachoeira do rio Tietê, uma légua abaixo da última das cachoeiras chamadas os *Três Irmãos*, e outra antes da do grande salto de Itapura. Sobem e descem por ela as embarcações sem muito trabalho.

Itaquaquecetuba.⁶⁷⁸ Povoação da província de São Paulo, na estrada que vai de Paranaguá a Jacareí.

⁶⁷⁴ Atual distrito de Maria Quitéria, município de Feira de Santana/BA. (N/E)

⁶⁷⁵ Atual subdistrito de Itapuã, município de Salvador/BA. (N/E)

⁶⁷⁶ Atual distrito de Itapuã, município de Viçosa/RS. (N/E)

⁶⁷⁷ Atual cidade de Salvador/BA. (N/E)

⁶⁷⁸ Atual cidade de Itaquaquecetuba/SP. (N/E)

Itaquari

Itaquari. Ribeirão da província do Espírito Santo. Nasce na serra dos Aimorés, e depois de servir de limite ao termo da freguesia de Viana, vai engrossar com suas águas o rio Jecu. Dá navegação a canoas até a povoação de Itapoca.

Itaqui.⁶⁷⁹ Povoação da província de São Pedro do Rio Grande, na comarca das Missões, pertence ao distrito da vila de São Francisco de Borja.

Itaraca. Grupo de rochedos, no litoral da província da Bahia, dez léguas ao norte da vila de Belmonte, e outro tanto ao sul da vila de São Jorge dos Ilhéus. Estendem-se estes morros do ocidente para o oriente, até o monte Comandatuba, que se avizinha do mar.

Itararé.⁶⁸⁰ Povoação da província de São Paulo, no distrito da vila de Itapeva.

Itataprias. Tribo de Índios bravos que vivem nas margens do rio Capaná, um dos afluentes

da margem esquerda do rio Madeira. Sustentam-se de pescado e de ovos de tartaruga.

Itatiá-Açu.⁶⁸¹ Povoação medíocre da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação de São Sebastião. Esta povoação era do termo da freguesia do Curral del Rei, e pertence à nova freguesia de Mateus Leme desde 1832.

Itatiaia ou Ititiaia.⁶⁸² Povoação da província de Minas Gerais, três léguas ao sudoeste da cidade de Ouro Preto. Sua igreja, dedicada a Santo Antônio, gozou largo tempo do título de paróquia, e tinha por filiais as das povoações de Santo Antônio e de Santa Rita, que estavam na vizinhança; porém como a população fosse gradualmente diminuindo por ser toda composta de mineiros, um decreto de 14 de julho de 1832 a despojou deste título, e a anexou à matriz de Ouro Branco.

Itatindiba. Serra da província do Rio de Janeiro, no distrito

de Maricá. É uma ramificação da cordilheira dos Aimorés.

Itaubira ou Itaobira.⁶⁸³ Povoação da província de Minas Gerais. (V. *Itabira de Mata Dentro*.)

Itaúnas. Serra no norte da província do Espírito Santo, com um registo na cabeceira do ribeiro Guaxindiba, para impedir o contrabando de ouro e diamante da província de Minas Gerais. Esta serra separa o termo da Barra Seca do de São Mateus.

Itenez. Nome que os Castelhanos dão comumente ao rio Guaporé, na província de Mato Grosso.

Itereré. Rio da província de São Paulo, que serve de separação entre os distritos da vila de Castro e de Itapeva: propunham-no para limite da projetada província de Curitiba. Seu curso é pouco conhecido, o que se sabe é que corre sessenta léguas ao oeste da cidade de Curitiba, que atravessa a estrada da Vila do Príncipe a Sorocaba, desa-

⁶⁷⁹ Atual cidade de Itaqui/RS. (N/E)

⁶⁸⁰ Atual cidade de Itararé/SP. (N/E)

⁶⁸¹ Atual cidade de Itatiaçu/MG. (N/E)

⁶⁸² Atual povoado de Itatiaia, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

⁶⁸³ Atual cidade de Itabira/MG. (N/E)

parece e some-se passando por baixo de rochas e torna outra vez a aparecer. Ignora-se se este rio deságua no Tabaji, se no Paranapanema.

Itibiri. Povoação de pouca monta da província do Maranhão, na comarca de Itapicuru. É assim chamada do nome dum ribeiro que rega o sítio onde está sita.

Itinguá. Serra da província do Rio de Janeiro. (V. *Tinguá*.)

Itinguçu. Ribeiro que serve de limite entre os distritos das vilas de Mangaratiba e de Itaguaí, na província do Rio de Janeiro; lança-se na parte da baía de Angra dos Reis, vulgarmente apelidada *baía de Santa Cruz*.

Itiqueira. Serra ao sul da província de Mato Grosso. Estende-se por largo espaço ao longo da margem direita do rio Paraná: dela nasce o ribeiro de seu nome, que corre para o norte, e vai ajuntar-se pela margem esquerda com o rio Pequiri, afluente do São Lourenço, e também com o ribeiro Verde que se lança no Paraná.

Itiquira. Serra da província de Goiás, parte da cordilheira que separa esta província da de Minas Gerais. Dela nascem os pequenos rios Bagagem, Luiz Alves, Preto, São Felis e o Maranhão; que é mui diferente do das Amazonas, parte do qual também teve este nome.

Itiúba.⁶⁸⁴ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Urubu. Um decreto de 16 de junho de 1832 havia ali criado uma escola de primeiras letras, porém a assembleia provincial assentou que era melhor colocá-la na povoação de Monte Alegre, para onde foi transferida.

Itiúba. Serra da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, na qual está assentada a povoação de seu nome.

Itu. Nome da quarta comarca da província de São Paulo, a qual encerra, além do distrito da cidade de seu nome, os das vilas de Apiaí, Araraquara, Capibari, Itapeitinga, Pirapora, São Roque e Sorocaba.

Itu.⁶⁸⁵ Vila considerável e mercantil da província de São Paulo, vinte léguas a oeste da cidade deste nome, e sete ao nor-nordeste da vila de Sorocaba, em vinte e três graus e vinte e oito minutos de latitude, e quarenta e nove graus e cinquenta e dous minutos de longitude oeste. Davam os Índios o nome de *Itu*, cuja primeira sílaba quer dizer *água*, e a segunda *salto*, a uma cascata do rio Tietê, a que se seguiam outras muitas. O mesmo nome tinha a aldeia em que viviam, que se achava distante do rio, obra de uma légua, e o conservou quando, em 1684, um dos condes de Monsanto, então donatário da capitania de São Vicente (V. esta palavra) lhe conferiu o título e prerrogativas de vila. Em 1811, foi esta vila escolhida para cabeça da comarca de seu nome, criada por decreto de 2 de dezembro do mesmo ano, e tornou a sê-lo em 1833, quando a província de São Paulo foi repartida em seis comarcas. Teve também a honra de receber do Imperador D. Pedro I o título de *fidelíssima*, e a assembleia provincial a elevou à categoria de cidade.

⁶⁸⁴ Atual cidade de Itiúba/BA. (N/E)

⁶⁸⁵ Atual cidade de Itu/SP. (N/E)

Itu

Acha-se Itu cercada em torno de altas serras, motivo por que é fria de inverno e muito quente no verão. As principais ruas são calçadas, e a maior parte das casas de taipa, térreas, e com seu quintal: os edifícios mais notáveis são a casa da câmara com a cadeia, a igreja matriz dedicada a N. S. das Candeias, e mais três outras com as invocações do Bom Jesus, de N. S. do Patrocínio e de Santa Rita, um convento de São Bento, outro de carmelitas descalços; enfim um hospital de lázaros, infelizmente mui comuns no Brasil. Há nesta vila uma cadeia de latim e escolas de primeiras letras para os meninos e meninas. Faz-se nesta cidade um comércio considerável de bestas muares e de cavalos que vêm de fora, e de gado vacum que se cria no distrito, onde se cultivam todos os comestíveis do país, e em particular as canas-de-açúcar, que prosperam melhor que em nenhum outro. A população passa de dez mil habitantes.

Itu. Grande catadupa do rio Tietê, na província de São Paulo, meia légua ao oeste da cidade do mesmo nome. Al-

gumas léguas abaixo desta catadupa, é que começa a verdadeira navegação deste rio para a província de Mato Grosso. (*V. Porto Feliz, vila.*)

Itucambira.⁶⁸⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, vinte e duas léguas ao noroeste da cidade de Minas novas, noventa pouco mais ou menos ao nor-nordeste da cidade de Ouro Preto, e doze ao norte da vila de Formigas. Teve princípio esta povoação em 1698, tempo em que uma bandeira de Paulistas comandada por Miguel Domingos, entranhando-se nas matas, se estabeleceu entre as montanhas escabrosas que jazem ao sul do rio Itucambira. Os companheiros de Miguel Domingos foram expulsos daquele sítio por outros Paulistas, a que os primeiros puseram o nome de Papudos. No cabo de muitos anos de contínuas rixas, ficando os papudos senhores das minas que só foram conhecidas do governo em 1707, edificaram uma igreja da invocação de Santo Antônio, que não teve o título de paróquia senão passados trinta anos. O termo da freguesia de Itucambira, que dizem ser de quarenta léguas

de comprido, e quase outro tanto de largura, encerra tão somente uma população de oito mil habitantes mineiros e criadores de gado.

Itucambira. Serra dilatada e não menos sombria que uniforme, na província de Minas Gerais, perto do rio do mesmo nome. Os ribeiros auríferos que descem desta serra levam de envolta com as areias pedras preciosas. Esta serra foi pela primeira vez explorada em 1666 por Agostinho Barbalho e Fernando Dias Pais, que iam em busca de esmeraldas por ordem régia.

Itucambira. Rio aurífero da província de Minas Gerais, formado por dous rios que nascem a leste um do outro, ao oeste da vila de Formigas, na parte da serra de Santo Antônio que olha para o sudoeste. Ambos fazem várias voltas no rumo do norte, antes de se ajuntarem; dirigindo-se então para o oriente, o rio Itucambira começa a dar navegação a canoas, rega a povoação de seu nome, recolhe os ribeiros Pedras, Extrema e Santo Antônio, os quais aumentando-lhe o cabedal das

⁶⁸⁶ Atual cidade de Itacambira/MG. (N/E)

águas, o fazem correr majestosamente até ajuntar-se com o Jequitinhonha, no cabo dum curso total de perto de trinta léguas, em vinte das quais navegam somente canoas.

Itucambira-Açu ou **Itucambiraçu**. Estes dous nomes acham-se empregados indiscriminadamente para designar o rio Itucambira, na parte navegável, depois que se acha junto com os seus três principais afluentes Pedras, Extrema e Santo Antônio.

Itucambira de Baixo. Registo estabelecido na confluência do rio Itucambira com o Jequitinhonha, para reprimir o contrabando de ouro, e a busca de diamantes no primeiro destes rios.

Itucambira de Cima. Registo da cabeceira do rio do mesmo nome.

Itunama ou **Tunama**. Rio da província de Mato Grosso, nas adjacências da antiga província de Moxos, que oferece trinta léguas de navegação entre os rios Mamoré e Guaporé, e se ajunta com este último pela margem esquerda, quatro léguas abaixo do confluente do rio Bauré, a cento e sessenta léguas da cidade de Mato Grosso, em doze graus e vinte minutos de latitude.

Engrossa-se este rio com as águas do ribeiro Machupo, e com as de alguns outros de menos cabedal. Os Espanhóis da serra de Santa Cruz frequentavam o rio Itunama, onde os seus missionários haviam fundado as Reduções de Santa Madalena e de Santa Rosa, que largaram em consequência do tratado de limites de 1750.

Itupira. Quinquagésima primeira cachoeira do rio Tietê. Estende-se por obra de meia légua, durante a qual é mister transportar-se por terra metade da carga das embarcações. Fica esta cachoeira doze léguas abaixo da Guaicuritiba-Mirim, e uma acima da dos Três Irmãos.

Ivaí. Rio da província de São Paulo, a que os Espanhóis chamam Ubaí. Nasce nos campos de Garapuava, onde dá navegação a canoas até a sua cabeceira, e engrossa-se sucessivamente com os ribeiros Tinto, Bom, Soberbo, Capibari e Tua; seu curso daí em diante é majestoso até o ponto onde se ajunta com o Paraná, no qual entra pela margem esquerda por uma larga embocadura, oito léguas abaixo do confluente do rio Ivinheima. A trinta léguas do Paraná se veem ainda os vestígios da cidade espanhola de

Ivinheima

Vila Rica, destruída pelos Paulistas em 1631. As margens do Ivaí são férteis, o ar puro e a facilidade da navegação estão convidando o governo a fundar ali colônias para a civilização dos Índios.

Ivinheima. Rio que discorre pelos vastos territórios da província de Mato Grosso, dirigindo-se para o sul para se ir juntar com o Paraná, sobre a margem direita, por três bocas pouco mais ou menos iguais, vinte e seis léguas abaixo da confluência do rio Parapanema.

J

Jabari.⁶⁸⁷ Povoação da província do Pará, na margem direita do rio das Amazonas, cento e trinta léguas abaixo da missão espanhola de São Joaquim, e quatrocentas e setenta léguas pouco mais ou menos da cidade de Belém. Foi ao princípio a aldeia São Paulo, a maior das seis que foram fundadas naqueles sítios no decurso do século XVI pelo padre Samuel Fritz, que soube reunir nelas grande quantidade de Índios, os quais foram por ele instruídos na religião cristã e batizados. Sua igreja tem por orago o santo de que a aldeia se intitulava. Esta povoação é assinalada nos autores com o nome de vila de Olivença, mas é provável que nunca teve título legal nem autoridades municipais, e vulgarmente é conhecida com o nome de Jabari ou *Hiavari*, por se achar assentada perto dum rio assim chamado, afluente do Amazonas. Seus moradores são Índios das tribos Cambebas, Tecunas e outros que vivem de veação de que abundam as matas, e colhem cacau, ao passo que as mulheres cul-

tivam algumas batatas-doces e legumes. O único comércio deste povo consiste na permutação da salsaparrilha e cacau que apanham contra alguns instrumentos e quinilharias.

Jabari ou Hiabari. Rio da província do Pará, e um dos afluentes da margem direita do Amazonas, servindo de limite neste ponto entre as missões Peruvianas e o império do Brasil, em virtude do tratado de 1750 celebrado entre as coroas de Portugal e Espanha. As margens deste rio são povoadas de Índios bravos, entre os quais os da tribo Maiuruna têm os cabelos compridos, o nariz e as orelhas furadas e nos buracos grandes puas que tiram das árvores espinhosas do país; alguns há que furam também os cantos da boca, e metem nos buracos penas de araras. Os chamados Chimanos se distinguem por terem o rosto abocetado com grandes olhos. O curso do Jabari é desconhecido, sabe-se somente que deságua no Amazonas pela margem direita, entre as confluências dos rios Putomaio e Napo que nele entram pela margem esquerda a sessenta léguas ao poente do rio Jutai.

As pessoas que partem da cidade de Belém, subindo pelo rio Amazonas, levam perto de três meses para chegar ao forte de São José, no confluente deste rio, e dizem ser a distância de quatrocentas e oitenta léguas.

Jabitacá. Serra da província de Paraíba, no distrito de Vilanova da Rainha, ramo da dos Cairiris Velhos, onde há um eco que é o objeto de admiração dos moradores da vizinhança, e donde nascem os rios Paraíba, Capibaribe, e o das Piranhas.

Jaboatão. Ribeiro da província de Pernambuco, do nome do padre Jaboatão, um dos que escreveu primeiro sobre as cousas do Brasil. A sociedade de Jesus a que ele pertencia tinha uma casa nas margens deste rio com uma capela dedicada a N. S. do Rosário. Deságua o Jaboatão no mar juntamente com o Parapamba, e a esta barra chamam vulgarmente *Jangada*.

Jacaiobi. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande, e um dos nascentes do rio Jacuí, como o são os ribeiros Ibiraopira e Jaí.

⁶⁸⁷ Atual cidade de São Paulo de Olivença/AM. (N/E)

Jacaracanga. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, na margem do rio ou antes ribeirão de Joanes, com uma ponte feita em 1836.

Jacaracica. Ribeiro da província de Sergipe, que serve de limite ao distrito da vila de Laranjeiras.

Jacaré. Povoação de pouca importância da província da Bahia, no distrito de Rio de Contas, no termo da freguesia de São Felipe. Uma lei provincial de 26 de março de 1840 instituiu nela uma escola de primeiras letras para os meninos de ambas estas povoações.

Jacaré.⁶⁸⁸ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Tamanduá, com uma igreja da invocação de Santana, filial da matriz da povoação do Amparo.

Jacaré. Porção da serra Negra, limítrofe da província de Pernambuco e de Sergipe, habitada pela tribo dos Chocós, descendentes da numerosa nação dos Tupinambás, e pouco adiantados em civili-

zação: acham-se derramados nas adjacências do ribeiro Jacaré, tributário do rio de São Francisco.

Jacaré. Ribeiro da província de Sergipe: sai da serra Negra, e depois de correr cousa de dez léguas em terras agrestes vem ajuntar-se com o rio de São Francisco, três léguas abaixo da povoação de Canindé. Em tempo de seca converte-se este ribeiro em algumas poças d'água ora salobre, ora potável em todo o seu curso.

Jacaré. Ribeiro da província de Goiás: nasce na cordilheira em que fenece a província de Minas Gerais, e vai-se perder no rio Paranaíba.

Jacareí.⁶⁸⁹ Pequena vila da província de São Paulo, na margem direita do rio Paraíba, em vinte e três graus e dezoito minutos de latitude e vinte e três graus e quarenta e oito minutos de longitude. Foi fundada em 1652, dezoito léguas a és-nordeste da cidade de São Paulo, na estrada que vai desta cidade para as províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Sua igreja matriz é

Jacarepaguá

dedicada a N. S. da Conceição, e suas terras excelentes para a cultura do café, tabaco e mais gêneros de consumo dos habitantes do distrito, que se avaliam em sete mil. O café e tabaco vão por terra até o porto de São Sebastião, e dali por mar ao Rio de Janeiro.

Jacarepaguá.⁶⁹⁰ Freguesia da província do Rio de Janeiro, obra de quatro léguas oés-sudoeste da cidade deste nome. A requerimento dos habitantes que se achavam mui longe da igreja de Irajá, uma capela que pertencia ao padre Manoel de Araújo foi elevada à categoria de paróquia em 1664 com a invocação de N. S. do Loreto e de Santo Antônio, porém passados três anos, uma nova igreja foi sagrada pelo prelado da província, Manoel de Souza de Almada, em presença do governador do Rio de Janeiro, com todas as cerimônias em tais casos usadas. Esta igreja, que atualmente subsiste, é de pedra, e, como as demais matrizes, é consertada à custa da irmandade do Santíssimo. Há nesta freguesia uma escola de primeiras letras criada recentemente por decreto de 4 de janeiro de 1842. Seu termo

⁶⁸⁸ Atual cidade de Santana do Jacaré/MG. (N/E)

⁶⁸⁹ Atual cidade de Jacareí/SP. (N/E)

⁶⁹⁰ Atual bairro de Jacarepaguá, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

Jacarepaguá

primitivo foi dividido para se fazer o de Campo Grande, e atualmente tem por limites ao norte os de Campo Grande e de Irajá, e confronta ao nascente com os do Engenho Velho e da Lagoa de Freitas, ao sul com o Oceano, e ao poente pega com os de Guaratiba e de Campo Grande. Contam-se nele oito engenhos, alguns deles d'água. Os fregueses de Jacarepaguá, que são avaliados em seis mil pelo menos, lavram café, canas, para exportação, e arroz, milho e mandioca para seu próprio consumo. Entre esta povoação e o mar se acham as lagoas Camorim e Marapendi. (V. estes nomes.)

Jacarepaguá ou Jaracapauá. Lagoa a cinco léguas ao poente da cidade do Rio de Janeiro. Tem quatro léguas de comprimento desde o engenho apelidado Camorim até o mar, com que comunica perto da montanha chamada *Gávea*; é estreita com pouco fundo, salgada e muito piscosa. Nela entram pela margem ocidental vários ribeiros como são o Grande e o Pirapitingui, que apenas dão navegação a canoas. Na boca desta lagoa a quinze braças do mar, existe um bom surgidouro para as lanchas, e em suas margens

vários lugarejos ou engenhos, cada um com seu porto tão somente para canoas. Esta lagoa é também denominada Camorim por ser este o nome da primeira povoação que neste sítio houve, na qual havia uma capela da invocação de São Gonçalo (Pirapitingui).

Jacaré Pipira. Rio da província de São Paulo, a que alguns ajuntam o epíteto de *Açu*. Corre por entre vastas matas, entre o rio Paraná e o Tietê, com quem se ajunta, duas léguas abaixo da confluência do ribeiro Jacaré Pipira-Mirim, e outro tanto acima da cachoeira de Vamiranga. Alguns autores foram de parecer que este rio provinha do ajuntamento do rio Moji com o ribeiro Jaguari-Mirim, ao passo que certos exploradores afirmam que tanto o Moji como o Jaguari-Mirim são afluentes do rio Paraná. Com o tempo e com o estabelecimento de novas povoações vir-se-á a conhecer a verdade.

Jacaré Pipira-Mirim. Ribeiro que atravessa as matas que jazem ao ocidente da província de São Paulo, e vai juntar-se com o rio Tietê, pela margem

direita, seis léguas abaixo da cachoeira Congonhas.

Jacarepuá. Lagoa da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio, entre a lagoa Sequarema e a Araruama. Tem obra de meia légua de comprimento, do nascente ao poente.

Jacarés. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará, abaixo das ilhas João e José.

Jacarés. Lagoa da província do Rio de Janeiro, a és-sueste da cidade de Campos; comunica por sua extremidade setentrional, por meio dum canal de algumas léguas de comprimento, com o rio Paraíba, e ao mesmo tempo pela extremidade meridional, por via doutro canal de muito maior extensão, com o Furado, o qual desemboca no mar, perto do cabo de São Tomé, da parte do sudoeste.

Jaciparaná. Rio da província do Pará, afluente do Madeira, onde entra pela margem direita, entre as cachoeiras Jirau e Caldeirão do Inferno.

Jacobina.⁶⁹¹ Vila considerável da província da Bahia, e cabeça da comarca de seu nome.

⁶⁹¹ Atual cidade de Jacobina/BA. (N/E)

Deve o princípio aos exploradores Paulistas, que descobriram as minas que encerravam as suas serras e delas extraíram ouro no tempo em que os Holandeses se iam apossando das vilas marítimas do Brasil. Estabeleceu-se naquele ponto uma fundição de ouro para a arrecadação do quinto, e os habitantes quase no mesmo tempo edificaram uma igreja a Santo Antônio, que serviu longo tempo de paróquia, dado que não obtivesse legalmente este título senão no decurso do ano de 1677, que foi como tal instalada por procuração do primeiro arcebispo do Brasil que então residia na Bahia. D. João IV elevou afinal esta freguesia à categoria de vila por alvará do ano de 1723. Está assentada a dita vila na margem esquerda do rio Itapicuru, e na cabeceira dele, sessenta e quatro léguas oés-noroeste da cidade da Bahia, em onze graus e trinta e quatro minutos de latitude, e consta duma só rua do comprimento da vila, cortada por várias travessas, e é repartida em duas por um rio denominado do Ouro, que se passa por uma ponte, e que se vai lançar no Itapicuru. Todas as

casas são chãs e de pedra. Além da igreja paroquial, que é dedicada a Santo Antônio, há as de N. S. do Rosário e do Bom Jesus. Há muito que esta vila foi dotada duma escola de primeiras letras e duma cadeira de latim. A comarca de Jacobina ao princípio era assaz vasta, porém foi coarctada por ocasião da criação das do Rio de Contas e de Centocé. O distrito da vila é montuoso, mas tem excelentes terras de lavra, onde prosperam as canas-de-açúcar, os algodoeiros, bem como a planta do tabaco, que é de superior qualidade, assim como o arroz, milho e mais comestíveis. As laranjeiras, videiras e marmeleiros dão-se também ali admiravelmente. Os habitantes, que andam por dez mil, além do cultivo das terras criam gado vacum e cavalar, e também cabras, e fazem grande quantidade de marmelada que mandam para a Bahia. O ouro, a prata e o cobre são ali raros, não assim o ferro e o granito, que por toda a parte se encontram; nos ribeiros acham-se pedras preciosas, e as matas abundam em árvores de Sebastião de Arruda, ótimas para a marcenaria, mas por

falta dos meios de transporte se não aproveitam como era mister.

Jacoca.⁶⁹² Nova vila da província de Paraíba, cujo distrito fornece três companhias de guarda nacional.

Jacoracica. Ribeiro da província de Sergipe, que serve de limite ao termo da freguesia da vila das Laranjeiras.

Jacotiba. Ribeiro da província do Rio de Janeiro: nasce nos montes do termo da Roça do Alferes, e vai engrossar o rio de Santana.

Jacu. Ribeiro que nasce da serra da Mantiqueira, nas fronteiras do distrito da Vila das Areias.

Jacuacanga.⁶⁹³ Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Angra dos Reis, a que alguns apelidam *Jacuecanga* e *Jacuicanga*, com uma capela que tem por orago a Santíssima Trindade, e um colégio fundado em 1797 por Manoel da Cunha de Carvalho, o qual adquiriu certa celebridade, e a conservou por algum tempo, porém não bastando os ren-

⁶⁹² Atual cidade de Conde/PB. (N/E)

⁶⁹³ Atual distrito de Jacuecanga, município de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

Jacuari

dimentos que tinha para o conserto e conservação dos edifícios, e para o pagamento dos professores e manutenção dos discípulos, em 1837 o governo mandou consertar a casa, e encarregou da administração dela a um dos missionários do colégio da Carança (V. esta palavra), o que não obstante dizem que existe um projeto de transferi-lo para outra parte.

Jacuari. Ribeiro da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Jaguari*.)

Jacuí.⁶⁹⁴ Pequena vila da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí, em vinte e um graus e dezoito minutos de latitude, noventa e cinco léguas pouco mais ou menos oés-sudoeste da cidade de Ouro Preto. Teve princípio no século XVIII, no decurso do qual vários aventureiros fundaram alguns estabelecimentos rurais nas margens do rio Grande e do ribeiro seu confluente, que pelo tempo adiante foi denominado de São Pedro; por isso que ali edificaram uma igreja da invocação de São Pedro de Alcântara, a qual fez largo tempo vezes de paróquia,

posto que não gozasse de todas as prerrogativas anexas a este título. O alvará de 19 de julho de 1814, que criou a vila de Baependi, conferiu a esta povoação as honras e título de vila com o nome de São Carlos de Jacuí, assinalando-lhe por distrito o termo de sua própria freguesia, juntamente com o da de Cabo Verde. Acha-se este distrito separado da banda do sul da província de São Paulo pelo rio Pardo, tributário da margem esquerda do rio Grande. Os moradores que se acham deramados são em pequeno número, e além do cultivo do milho e do feijão, que colhem em grande abundância, criam gado que levam a vender ao Rio de Janeiro.

Jacuí. Registo da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Jacuí, onde se arrecadam os direitos de saída dos gêneros que se exportam da província.

Jacuí. Grande rio da província de São Pedro do Rio Grande. Vem do vertente meridional da serra Geral, onde é formado pela reunião das águas dos rios Jacaioiba, Ibiraiopira e Jaí, e

recolhe em si outros muitos correndo do norte para o sul pelos campos da Vacaria; depois dobrando para o nascente engrossa-se com as águas do Vacai, Santa Bárbara, Dom Marcos, Irapuã, Piquiri e outros pela margem direita, porém os seus principais afluentes que vêm da banda do norte, e se lhe ajuntam pela margem esquerda, são os rios Butucaraí, Pardo, Tacoari, Cai, dos Sinos e Gravataí ou *rio da Aldeia*, os quais contribuem a formar a grande embocadura que deságua na lagoa Viamão, que é uma continuação da dos Patos.

Jacuí. Pequeno rio da província de São Paulo; dá navegação somente a canoas, e lança-se no Paraíba abaixo da vila de São Luiz.

Jacuípe.⁶⁹⁵ Freguesia da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira, sobre o ribeiro de seu nome, com uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. Sua igreja, que foi condecorada com o título de paróquia, e tem por orago Santo Estevão, tendo neces-

⁶⁹⁴ Atual cidade de Jacuí/MG. (N/E)

⁶⁹⁵ Atual distrito de Jacuípe, município de São Sebastião do Passé/BA. (N/E)

cidade de ser consertada, uma lei provincial de 4 de abril de 1840 lhe concedeu a quantia que para isso era mister. É esta freguesia cabeça dum colégio eleitoral que em 1842 apresentou quarenta e dous eleitores, número superior de três tantos ao que havia apresentado nos anos anteriores. Cultivam-se neste termo canas-de-açúcar e grande abundância de víveres e legumes que abastecem as vilas vizinhas.

Jacuípe. Pequeno rio da província das Alagoas; atravessa as matas chamadas da Panela, correndo rumo do nordeste, e vai-se juntar na vizinhança do mar com o rio Una, no qual entra pela margem direita. Os Índios que moram nas margens do Jacuípe estão ainda por civilizar-se, alguns porém já se aplicam a cortar e preparar várias madeiras de construção, que descem por este rio, e se embarcam no Una para as cidades do litoral. Este rio, pouco conhecido no reinado de D. Pedro I, adquiriu certa celebridade no do Imperador D. Pedro II, seu filho, pela resistência que opuseram as tropas da facção do Caramuru. (V. *Panela*.)

Jacuípe. Ribeiro da província da Bahia, que nasce no morro do Chapéu, na comarca de Jacobina, atravessa grande extensão de terras, correndo de cachoeira em cachoeira, até a margem esquerda do Paraguaçu que o recolhe, quatro léguas abaixo da cachoeira Timbora e outro tanto acima da cidade da Cachoeira.

Jacuípe. Ribeiro da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, onde tem origem. Rega a povoação de Santo Antônio, e lança-se no Oceano, em doze graus e quarenta e dous minutos de latitude. Dá navegação somente a canoas, e sua barra se acha entupida com as areias que acarretam as ressacas, motivo por que deram o nome de *Ressaca* à aldeia dos jesuítas, convertida presentemente na povoação de *Santo Antônio*.

Jacuma. Rio espanhol que atravessa a missão dos Santos Reis, e vai juntar-se com o Marmoré, entre as Missões de Santana e da Exaltação.

Jacundás. Rio da província do Pará: nasce nas serras que demoram ao poente do rio

Jacutinga

dos Tocantins, encaminha-se para o norte, e vai juntar-se com o braço do Amazonas, apelidado Tagipuru, a leste da boca do rio Pacajás.

Jacuné. Lagoa da província do Rio de Janeiro, com três quartos de légua de comprimento, ao nascente da vila de Maricá, entre as lagoas Cururupina e Sequarema.

Jacuruna.⁶⁹⁶ Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Jacutinga.⁶⁹⁷ Antiga povoação da província do Rio de Janeiro, oito léguas pouco mais ou menos ao noroeste da cidade deste nome. Havia antigamente nesta povoação uma mesquinha igreja dedicada a Santo Antônio, que fazia as vezes de paróquia desde o ano de 1657 a qual achando-se de todo arruinada, foi transferida a pia batismal para uma igreja nova que se havia edificado nas adjacências do ribeiro chamado de Santo Antônio, a qual com o

⁶⁹⁶ Atual distrito de Jacuruna, município de Jaguaripe/BA. (N/E)

⁶⁹⁷ Atual bairro de Jacutinga, cidade de Mesquita/RJ. (N/E)

Jacutinga

decurso do tempo veio a ser substituída por outra feita de pedra, no ano de 1733, que alcançou o título de paróquia em 1755, posto passassem quarenta anos antes que lhe fossem concedidas as prerrogativas. É ao pé desta igreja matriz que se acha assentada a povoação cujas casas são telhadas, e onde se veem alguns mercadores de retalho. Seu termo se acha com desigualdade encravado de todas as partes, e pega, ao norte, com os do Pilar e de Iguaçú; ao poente, com o de Maripocu; ao sul, com o de Meriti; e ao nascente, limita-o a baía do Rio de Janeiro; encerra três mil e seiscentos habitantes lavradores de canas, mandioca, milho e café, vários fornos de telha e de tijolo, onze engenhos ou fábricas de destilar aguardente, e é regado pelo rio Iguaçú, que dá navegação a barcos, e pelos ribeiros Taipu, Novo e São Pedro, que se navegam somente em canoas. A esta freguesia pertencem as povoações de Porto dos Saiveiros, Serapuí, Livramento, Cachoeira e Pantanal, cada qual com sua igreja. Depende a freguesia de Jacutinga por tudo quanto diz respeito às

causas crimes da cidade do Rio de Janeiro, por virtude dum decreto de 14 de novembro de 1831.

Jacutinga. Cachoeira do rio Chopotó, na província de Minas Gerais. Jaz uma légua abaixo da dos Óculos. Para evitar-se este salto perpendicular da altura de duas braças transportam-se por terra as fazendas e as canoas.

Jagoaraba. Certa porção limitada de terra do distrito da cidade de Campos, na província do Rio de Janeiro, que passa por ser a melhor para a plantação das canas.

Jaguanão. Ilha da província do Rio de Janeiro, diante da baía de Angra dos Reis, do distrito de Mangaratiba, com uma capela e uma aldeia em que vivem alguns Índios.

Jaguapiri. Pequeno rio da província do Pará, tributário do rio Negro, que entra pela margem esquerda, quase defronte da vila de Moura. Crê-se que vem de mui longe, e suas margens são em poder dos Índios das tribos Aroaquis.

Jaguará.⁶⁹⁸ Nova vila e antiga povoação da província de Minas Gerais, na estrada real da margem esquerda do rio das Velhas ou Guaicuí. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. da Conceição. Havia outrora nesta vila uma prebenda que andava vinculada nos descendentes duma família, a qual foi suprimida por lei da assembleia geral de 1843, e a assembleia provincial suprimiu igualmente um recolhimento que se tinha começado a edificar para as meninas pobres que se consagravam ao estado religioso, e um hospital de lázaros, por isso que o capital destinado para estas três instituições era insuficiente, e porque era mais acertado aplicá-lo a melhorar os estabelecimentos do mesmo gênero, já formados nas cidades de Mariana e de Ouro Preto. A criação desta nova vila é, em nosso entender, do ano de 1842.

Jaguari.⁶⁹⁹ Nova vila da província de Minas Gerais: foi antigamente a povoação de Camanducaia, cuja igreja, que tinha por padroeira a Senhora da Conceição, alcançou no decurso do século passado o título de paróquia.

⁶⁹⁸ Fazenda da Jaguará, município de Matozinhos/MG. (N/E)

⁶⁹⁹ Atual cidade de Camanducaia/MG. (N/E)

Em 7 de setembro de 1837, os moradores de Camanducaia lembraram-se de nomear uma câmara, e de levantar um pelourinho sem terem para esse efeito a competente autorização, o que não obstante, uma lei provincial de 23 de março de 1840 sancionou aquele ato, conferindo àquela freguesia o título de vila, com condição que se faria uma casa para a câmara e uma cadeia segura, trocando o nome de Camanducaia no de Jaguari. Jaz esta nova vila no vertente ocidental da serra da Mantiqueira, na cabeceira do rio Jaguari-Mirim, afluente do Moji, e é cortada pelas estradas que vão do Rio de Janeiro para as cidades de São Paulo e da Campanha. O distrito desta vila, desmembrado do de Pouso Alegre, não foi positivamente demarcado pela já citada lei de 23 de março, porém é natural que conste do vasto termo de sua freguesia, que confina, ao sul, com a província de São Paulo; ao poente, com o distrito da vila das Caldas; e ao nascente, com o de Pouso Alegre. Seus habitantes cultivam os gêneros de seu consumo, e colhem algodão que exportam por terra para a cidade do Rio de Janeiro, com sola, e couros.

Jaguari. Registo da província de Minas Gerais, na estrada real que corre entre a serra do Lobo e o rio Jaguari-Mirim, onde se arrecadam os direitos de saída dos produtos que se exportam para as províncias vizinhas.

Jaguari. Monte da província de São Paulo, entre os rios Una e Itanhaém. Seu cume é coberto de bastos arvoredos no melhor estado de vegetação que dar-se pode, e que parecem tanto mais soberbos quanto a sua base é nua, descalvada, tismada com o volver dos anos, e sem cessar batida das ondas; o que oferece aos olhos dos navegantes um painel digno de retratar-se.

Jaguari. Ribeiro aurífero da província de São Paulo, que correndo para o ocidente, se vai lançar no rio Paraíba, perto da vila de São José.

Jaguari ou Jacuari. Ribeirão da província de São Pedro do Rio Grande: nasce nos campos da Vacaria, corre para o sudoeste, no distrito das Missões, onde se ajunta com o rio Ibicuí, pela margem direita, obra de quatro léguas abaixo do confluente do Toropi.

Jaguari. Ribeirão da província de Mato Grosso; dá navega-

Jaguaribe

ção somente a canoas, e se ajunta com o rio Pequiri, tributário do Paraná.

Jaguari. Ribeiro da província de Mato Grosso, um dos afluentes do rio Ivinheima.

Jaguaribe. Rio da província do Ceará. Nasce na serra da Boa Vista, ramo da cordilheira Hibiapaba, corre em direitura para o norte até a vila de São João do Príncipe, donde se inclina para o sueste antes de ir regar a povoação de Arneiros, e a da Cruz; então arredando-se para o nascente, passa pelas abas da vila de São Mateus, que lhe fica à esquerda, recolhe pela direita o rio Salgado abaixo da vila de Icó, e dirigindo-se para o nordeste fertiliza as povoações de Santa Rosa, de São João, e as vilas de São Bernardo e de Aracati, e caminhan do três léguas mais vai desembocar no Oceano em quatro graus, vinte e três minutos e trinta segundos de latitude, e em quarenta graus e nove minutos de longitude oeste. Correndo por diversas serras recolhe o rio Jaguaribe em seu curso tortuoso um grande número de tributários, sendo os de mais cabedal o Salgado e o Banabuiú. A totalidade de seu curso é pouco mais ou menos de cento e vinte léguas. A maré sobe pelo

Jaguaribe

Jaguaribe acima até a vila de Aracati, porém os barcos costeiros com dificuldade nele navegam por ser o seu leito de areias e de desigual fundo. Sua entrada ou barra se acha defendida por um forte, situado na margem esquerda perto do mar, em suas margens pastam fatos de cabras, e rebanhos de ovelhas, de que com mais alguma indústria se colheria grandíssimo proveito. O leito deste rio mostra que devia de ser em outro tempo muito mais caudaloso, e que as aluviões hão espalhado as suas águas, e encaminhado sobre terras arenosas que as embebem, antes de sua embocadura no mar. Talvez que com alguns diques nos pontos onde a corrente se reparte, se remediará este inconveniente, e o rio teria um curso regular que ofereceria meios de transporte fáceis, com o que cobraría muito mais atividade o comércio interno da província.

Jaguaribe. Serra da província do Ceará ao nascente do rio do mesmo nome.

Jaguaribe. Ribeiro da província de Paraíba, que fertiliza as terras vizinhas da vila de

Souza, e vai engrossar o rio do Peixe deste distrito.

Jaguari-Mirim. Pequeno rio que tem origem nos montes ocidentais da serra da Mantiqueira, rega a nova vila de Jaguari, e passando da província de Minas Gerais para a de São Paulo, corre paralelamente com o Moji, com o qual se ajunta, e ambos reunidos em um só se lançam no rio Paraná entrando nele pela margem esquerda, algumas léguas acima do salto Urubu Pongo. Pretenderam alguns autores que o Moji junto com o Jaguari-Mirim davam nascimento ao rio Jacaré Pipira-Açu, um dos grandes afluentes do rio Tietê.

Jaguaripe.⁷⁰⁰ Pequena se bem que antiga vila da província da Bahia, na margem direita do rio do mesmo nome, duas léguas acima de sua confluência com a Barra Falsa. Diz-se fora esta vila criada no ano de 1694 no governo do Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, a quem se atribui em geral a sua instalação. Suas ruas são calçadas de tijolo, e as casas térreas. A igreja matriz é dedicada a N. S. da Ajuda. Por

alvará de 15 de janeiro de 1810 o juiz de fora da vila de Maragogipe ficou com a administração da justiça da vila de Jaguaripe, que é cabeça dum colégio eleitoral, tem cadeira de latim e escola de primeiras letras para a mocidade de ambos os sexos. Os moradores fabricam tijolos, telhas e louça de barro que mandam para a cidade da Bahia, e parte se aplica ao cultivo da terra e colhe os gêneros necessários para o consumo da população. Sobem pelo rio acima obra de seis léguas os barcos, o que promete um futuro aumento a esta vila.

Jaguaripe. Aldeia da província da Bahia, na margem direita do rio de cujo nome se intitula; doze léguas acima da Barra Falsa da baía de Todos os Santos. Foi fundada em 1550 com uma capela da invocação da Santa Cruz. Em 1563 uma epidemia cruel deu cabo de muitos Índios, e a fome que se lhe seguiu fez que grande parte dos que sobreviveram se vissem na necessidade no ano seguinte de venderem a troco do sustento a própria liberdade, e os que não fizeram se retraíram às matas onde continuaram a

⁷⁰⁰ Atual cidade de Jaguaripe/BA. (N/E)

viver como faziam antes de haverem sido doutrinados. Passado muito tempo, novos Índios foram outra vez colocados nesta aldeia, e nela continuaram a residir. Em 1820 a igreja, que tem por orago o arcanjo São Miguel, alcançou o título de paróquia, e um decreto de 16 de junho de 1832 instituiu nesta povoação uma escola de primeiras letras para meninos. Seus moradores, que chegam a setecentos, são pela maior parte Índios, e cultivam os vegetais do país, principalmente o tabaco que é de superior qualidade e muito estimado.

Jaguaripe. Rio da província da Bahia: vem da estrada que vai ter à província de Minas Gerais, onze léguas ao poente da cidade da Cachoeira, rega a aldeia e a vila de Nazaré, bem como a aldeia e vila de Jaguaripe, e vai se lançar ao mar na margem ocidental da baía de Todos os Santos, perto da Barra Falsa. Favorecidos com a maré podem os barcos subir por este rio acima obra de sete para oito léguas, e suas margens são povoadas de fornos de telha e de tijolo. Serve este rio de

limite ao termo da freguesia da Estiva.

Jaguariquatu. Ribeiro da província de São Paulo. Nasce nos montes que demoram ao norte da vila de Castro, perto do monte Pirapirapuã, e vai engrossar com seu cabedal o Tibaji, em que entra pela margem direita.

Jaguaruna. Lagoa da terra firme da província de Santa Catarina, ao sul da lagoa Garopaba, para a qual tem um sangradouro.

Jaguaruna. Ribeiro ao norte da terra firme da província de Santa Catarina, de cuja margem direita sai um braço, vulgarmente apelidado *Jaguaruna Pequeno*; ambos vão ter à baía Babitonga.

Jaicós. Tribo de Índios que viviam no sul da província de Piauí, nas margens do rio Itaim, tributário do Canindé.

Jaicós.⁷⁰¹ Pequena vila da província de Piauí, na comarca de Oeiras, vinte léguas a êssueste da cidade deste nome. As terras que se achavam encravadas entre o rio Itaim e a ribeira das Guaribas se acha-

vam povoadas de Índios que viviam da caça e da pesca. Fizeram-lhes edificar uma igreja a N. S. das Mercês num sítio ameno e perto da margem direita do Itaim, porém a aldeia não medrou em população, senão no princípio do século em que estamos, e para aumentá-la foi esta povoação elevada a categoria de vila por decreto de 6 de julho de 1832, que lhe assinalou por distrito o vasto termo de sua freguesia que ao oriente feneceia na corda de montes que separa o Ceará e a província de Paraíba da de Piauí, e ao sul na província de Pernambuco. Em 1838 concluiu-se a fábrica duma nova matriz para substituir a antiga, de que são filiais as igrejas de N. S. da Conceição de Bocaina e de N. S. de Nazaré. Todos os domingos e dias de festa veem-se vir de bem longe os fregueses de ambos os sexos para assistirem aos officios divinos, e esta reunião dá um ar de vida à vila, porém no restante da semana acha-se esta quase de todo em todo deserta. A população deste vasto distrito é avaliada em dous mil habitantes, que poderiam amanhoar as terras, que são excelentes, e tirar delas grandíssimos proveitos.

⁷⁰¹ Atual cidade de Jaicós/PI. (N/E)

Jamari

Jamari ou **Candeias**. Rio da província de Mato Grosso; nasce das faldas da serra dos Parecis da banda do nordeste, no território dos Índios Guariterés, e vai se lançar no rio Madeira, pela margem direita, quatorze léguas abaixo da cachoeira de Santo Antônio. Nas margens deste rio é que jazem as minas de ouro de Urucumacuã; seu leito, não oferecendo senão a cachoeira que se acha ao pé destas minas, poderia servir de meio de comunicação entre a cidade de Cuiabá e a província do Pará.

Jamui ou **Jaumui**. Pequeno rio da província do Pará, tributário do rio Negro, pela margem direita, onde entra algumas léguas antes do lugar onde está sita a povoação de Airão.

Jamundá. Rio da província do Pará, que reparte em duas metades a Guiana brasileira, uma oriental e outra ocidental, e vai lançar-se no Amazonas, entre as confluências dos rios Negro e Gurupatuba. Supõe-se que foi nas adjacências deste rio que o aventureiro Orelana descendo de Quito cuidou ver mulheres armadas, não sendo outra cousa mais

que um magote de Índios imberbes. (V. *Amazonas*, rio.)

Jangada. Barra onde se lançam no mar os rios Jaboação e Parapamba. Deram-lhe os Portugueses este nome porque acharam aí uma jangada de que os Índios se serviam para navegarem nos rios e lagos, e mesmo nas bordas do mar. (V. *Jaboação* e *Parapamba*.)

Jangapi. Povoação da província do Pará, na margem do ribeiro de que tem o nome. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 9 de setembro de 1839, e seu termo se estende ao longo de ambas as margens do ribeiro Jangapi.

Janovarém. Aldeia da ilha de Maranhão. Já existia no século XVI, e se achava grandemente povoada, quando os Franceses se estabeleceram nesta ilha, com o intento de traficar com os indígenas.

Januária.⁷⁰² Antiga vila de Sobral e nova cidade populosa e mercantil da província do Ceará, cabeça da comarca de Sobral. Está assentada numa campina regada pelo rio Aca-

racu, a vinte léguas do mar, e trinta e oito pouco mais ou menos a oés-sudoeste da cidade da Fortaleza. Foi originalmente a aldeia Aca-racu, assim chamada do rio que a regava no lugar onde ele começa a ser navegável. Esta aldeia foi elevada à categoria de vila no princípio deste século, e deram-lhe o nome de Sobral. Um alvará de 27 de junho de 1817 fez substituir os dous juizes ordinários por um juiz de fora, que tinha a seu cargo juntamente a administração da justiça das vilas de Granja, Vilanova del Rei e de Viçosa. Estabeleceram-se duas escolas de primeiras letras, uma para meninos e outra para meninas, por leis provinciais de 1833 e 1839, e outra lei da mesma assembleia, de 12 de janeiro de 1841, lhe conferiu o título e o nome de *fidelíssima cidade de Januária*, em honra da princesa hereditária, irmã do Imperador Pedro II. Os únicos edifícios desta cidade que merecem alguma contemplação são a casa da câmara, a cadeia, a igreja matriz dedicada a N. S. da Conceição, e a de N. S. do Rosário. O termo de sua freguesia se acha cercado de toda parte pelos sítios de

⁷⁰² Atual cidade de Sobral/CE. (N/E)

Cortes, Boqueirão, São João, Conceição, serra Carnutum, que o separa do distrito de Granja; do pequeno rio Guraíras, da capela do Rosário, das fazendas Taipu, Guraíras e Jardim, dum parte do ribeiro Jucuruçu até o rio Acaracu, e dos ribeiros Itapiranguara e Taipu, da serra do Rosário e da Boa Vista. A cidade de Januária é cortada por uma estrada que estabelece a comunicação entre a cidade de São Luiz do Maranhão e a de Fortaleza, e por outra que vem da cidade de Oeiras juntar-se com a de que acabamos de tratar. Seu principal comércio consiste em algodão e couros brutos ou curtidos, que vão por mar para a cidade de São Luiz, e em carros por terra até a cidade do Recife. O distrito da cidade de Januária, da parte do norte, acaba no Oceano; da do poente, o rio Camucim o separa do da vila de Granja; da banda do sul a serra Tatajuba lhe serve de limite, dividindo-o do distrito de Campo Maior de Quixeramobim; e ao nascente, confina por uma parte com o da vila da Imperatriz, ao passo que por outra se acha separado do da cidade da Fortaleza pelo ribeiro Mandaú. Cultiva-se nele grande quan-

tidade de canas, na serra Meruoca, onde também se fabrica bastante aguardente. Este distrito, que tem obra de cinquenta léguas de norte a sul, falece d'água no tempo em que não chove, o que empece a agricultura, e a lavra das minas do ribeiro Juré. Sua população é pouco mais ou menos de quinze mil habitantes, repartidos pela cidade, e pelas freguesias de Acaracu e de Santa Quitéria. As povoações mais importantes dele são Almofala, Amontoada, Castelhanos, Jericoacoara, Pernambuco e Timbaúba, todas na beira-mar, e no sertão Guimarães, Lapa e Meruoca.

Januária.⁷⁰³ Vila da província de Minas Gerais, na comarca do Rio de Jequitinhonha, quarenta léguas ao norte da cidade de Minas Novas, cento e cinquenta ao norte da de Ouro Preto, em quinze graus e três minutos de latitude. Em 1698 assentou Antônio Luiz dos Passos morada num lugar desviado, porém ameno, donde nascem e se ajuntam dous ribeiros, um vindo do norte e chamado *Pardo*, e outro do poente intitulado *Preto*, os quais juntando-se trocam

estes nomes no de *Patipe*, que corre por entre as serras da cordilheira dos Aimorés. Agregaram-se-lhe muitos indivíduos, uns com o desejo de colher ouro nos ribeiros e outros com o intento de criarem em suas margens gado. Assim que no começo do século seguinte se achava aquele deserto povoado, havendo os habitantes de Goiás aberto caminho pela província de Minas Gerais para irem levar bois à Bahia. Tinha-se erigido uma simples capela de que era padroeira N. S. da Conceição naquela povoação a que se dava indiferentemente ora o nome de Rio Preto, ora o de Rio Pardo. Aumentou-se o número dos moradores, quando em 1727 se descobriram os ribeiros auríferos de Minas Novas, e se abriu a estrada de Fanado à Bahia, atravessando pelo lugar onde estava assentada a colônia de Antônio Luiz dos Passos. A modesta capela foi substituída por uma igreja, a qual foi elevada à categoria de paróquia com a mesma invocação no ano de 1740. Pertencia aquele país à província da Bahia, sobre o que houve várias reclamações por parte dos governadores de

⁷⁰³ Atual cidade de Januária/MG. (N/E)

Japão

Minas Gerais, até que um alvará de 10 de maio de 1757 veio pôr fim à contenda, anexando-o à derradeira destas províncias, decisão que foi confirmada em 1760 por outra resolução régia. Em 1810 contava-se naquele povoado quarenta e quatro grandes fazendas onde se criavam cavalos e bois. Em 1831 uma lei da assembleia geral lhe concedeu afinal o título e honras de vila, com o nome de Rio Pardo, que se trocou passado tempo no de Januária, por uma lei provincial, em honra da princesa herdeira presuntiva da Coroa. Está assentada esta nova vila num terreno parte chão, parte montuoso e povoado de matas, retalhado pelos ribeiros Pardo e Preto, ambos com sua ponte para comodidade dos viandantes: as casas são feitas de grades de madeira com adobes: a casa da câmara, com a cadeia por baixo, foi concluída em 1841; falece porém esta nova vila de estabelecimentos de beneficência, e de pública utilidade. O principal comércio dos habitantes consiste em cavalos, bois e algodão que se exportam por terra para a Bahia. Seu distrito é vasto e consta

dos termos das duas freguesias da vila e de São Miguel, confrontando da parte do norte com o de Urubu, e com o de Vilanova do Príncipe ou Caeteté; ao nascente com as faldas ocidentais da cordilheira dos Aimorés; ao sul, com o termo de Itucambira, e ao poente com o distrito da vila do Grão Mogor. Este distrito não é verdadeiramente povoado senão nas adjacências da estrada que vai de São Romão para a Bahia, e da que vem topar nele vindo da cidade de Minas Novas, outrora vila de Fanado, e nada obstante, conta-se nele obra de seis mil habitantes, que além da criação de gado colhem grande quantidade de algodão de arroz do que em grande parte se alimentam, de milho e de mandioca, e que tem por vizinhos Índios meio civilizados em quem não pôde até aqui o exemplo dos que trabalham vencer o hábito antigo de vadar que herdaram de seus antepassados.

Japão.⁷⁰⁴ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, com uma igreja da invocação de N. S. do Carmo, filial da matriz da povoação de Passa Tempo.

Japaraná. Lagoa da província do Espírito Santo, a cinco léguas do mar, com um desaguadouro natural de obra de meia légua que entra no rio Doce pela margem esquerda perto da vila de Linhares. Tem mais outro canal de comprimento de légua e meia que na estação das chuvas lhe serve de desaguadouro para a Lagoa do Campo. Dá-se a esta lagoa quatro léguas de circunferência e cinco braças de profundidade. Nela deságua o ribeiro Cachoeira e se pesca grande variedade de pescado. Suas margens são povoadas de bastos arvoredos, e serve de limite aos termos das freguesias da vila de Linhares e da Barra Seca.

Japaratuba.⁷⁰⁵ Aldeia da província de Sergipe. Está assentada na serra Japaratuba, aliás Pacatuba; sua igreja, dedicada a São Felis, foi elevada à categoria de paróquia em 1818, com a invocação de N. S. da Purificação, e um decreto da assembleia geral de 7 de abril de 1832 lhe concedeu uma escola de primeiras letras. Consta a totalidade da povoação de Índios que colhem algodão, e os víveres ordinários do consumo.

⁷⁰⁴ Atual cidade de Carmópolis de Minas/MG. (N/E)

⁷⁰⁵ Atual cidade de Japaratuba/SE. (N/E)

Japaratuba ou **Pacatuba**. Serra da província de Sergipe, separada do mar pelas medas de areia apelidadas outeiro de Santa Isabel. Nesta serra se acha a aldeia do mesmo nome, que fica ao sul do rio de São Francisco.

Japaratuba. Ribeirão da província de Sergipe; nasce ao norte da serra do Curralinho, corre do norte ao sul no vale que a separa da de Japaratuba até a sua extremidade meridional, toma então para o nascente para se ir lançar no Oceano, sete léguas ao sudoeste da embocadura do rio de São Francisco. Com entrar nele a maré não dá navegação senão a canoas em razão de ter pouco fundo.

Japitaraca. Povoação da província do Ceará, no distrito da vila de Bom Jardim, na serra Grande, a pequena distância da povoação de Cocal.

Japo. Ribeirão da província de São Paulo a que os Espanhóis chamam Hiapo: rega a vila de Castro, e volve em suas águas palhetas de ouro e várias pedras preciosas, mas em tão diminuta quantidade,

que ninguém se ocupou de aproveitá-las.

Japoaíba. Lugarejo da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia da Trindade.

Japoca.⁷⁰⁶ Antiga aldeia da província de Paraíba. (V. *Conde*, vila.)

Japoré.⁷⁰⁷ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Paracatu, sobre a margem esquerda do rio de São Francisco, e direita do rio Japoré. Sua igreja, dedicada a São Caetano, foi anexada à matriz de Morrinho por um decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832.

Japoré. Pequeno rio da província de Minas Gerais, na serra das Araras; corre rumo de leste e vai juntar-se com o de São Francisco, quinze léguas abaixo do confluente do Salgado.

Japuiba. Enseada da baía de Angra dos Reis, na província do Rio de Janeiro; entra dentro da terra firme, uma légua ao nordeste da cidade de Angra dos Reis; em sua margem oriental se vem lançar um

ribeiro do mesmo nome, que dá navegação a canoas.

Jaraguá.⁷⁰⁸ Vila da província e comarca de Goiás. Manoel Rodrigues Tomás descobriu em 1731 o ribeiro ou corrente aurífera do Jaraguá, e pouco tempo depois a desamparou; mas alguns negros que andavam fugidos vieram a descobri-la, e foram apanhados a extrair ilicitamente o ouro. Como este metal fosse ali muito abundante, acudiram algumas famílias brasileiras e indianas, e formaram uma povoação nas margens do mencionado ribeiro, e quando o ouro veio a falecer-lhes, aplicaram-se à agricultura, com o que se enriqueceram e contribuíram grandemente ao aumento da população. Uma lei do 1º de julho de 1833 lhes deu a merecida recompensa elevando a povoação de Jaraguá à categoria de vila. Jaz esta nova vila em quinze graus e trinta minutos de latitude, vinte léguas pouco mais ou menos ao nascente da cidade de Goiás, e oito ao poente da vila de Meia Ponte, e é decorada com uma igreja dedicada a N. S. do Rosário, que foi criada paróquia por

⁷⁰⁶ Atual cidade de Conde/PB. (N/E)

⁷⁰⁷ Atual distrito de Nhandutiba, município de Manga/MG. (N/E)

⁷⁰⁸ Atual cidade de Jaraguá/GO. (N/E)

Jaraguá

decreto de 5 de julho de 1833, e de mais outra com a invocação de N. S. da Rocha. O distrito de Jaraguá, desmembrado do da Meia Ponte, acha-se dele separado pelo ribeiro do Padre Souza, e pelo rio das Almas; do distrito da vila do Pilar, pelo pequeno rio do Peixe, que se lança no das Almas, pelo ribeiro Manoel Lopes, pela serra Negra, e enfim pela estrada imperial; o rio dos Bois o divide do distrito da cidade, e acha-se além disto limitado por outros pontos pela serra Cubatão, e pelo ribeiro Sucuruí. Sua população é avaliada em mais de dous mil e quinhentos habitantes, cuja principal indústria consiste em criar vacas que passam pelas melhores da província. As principais povoações deste distrito são as aldeias Maria e Mossâmedes, e a freguesia de Santana.

Jaraguá. Um dos portos de mar mais frequentado da província das Alagoas. Jaz na margem meridional do promontório chamado Ponta Verde, meia légua ao nascente da cidade de Maçaió, tendo a entrada da banda do sudoeste.

Nele surgem os navios e se acham abrigados contra a violência das vagas que se quebram no arrecife que delas os separa; porém na costa acham-se expostos aos ventos na monção em que reinam os do sul. A uma milha de distância da costa acha-se por toda a parte onze braças d'água. Lá costumam os navios invernar com mais segurança. (V. *Pajussara*.)

Jaraguá. Ribeirão do continente da província de Santa Catarina, afluente do rio Itapicu. Vem da cordilheira, corre do sudoeste para este, e vai juntar-se com o Itapicu, pela margem direita, perto da lagoa da Cruz. Dá navegação a canoas por espaço de cinco léguas.

Jaraguá. Ribeiro da província de Goiás, que rega o distrito da vila de Jaraguá, e se lança no rio das Almas, perto de sua cabeceira.

Jarão. Serra da província de São Pedro do Rio Grande, que passa por aurífera.

Jararaca. Serra do continente da província de Santa Catarina, nas matas do distrito de

São Francisco. Em 1842, ainda dominavam nela os Índios bravos da nação dos Bugres.

Jarubaíba. Ribeiro da província de Mato Grosso, um dos afluentes da margem direita do rio Sipotuba.

Jardim.⁷⁰⁹ Povoação da província de Minas Gerais, a oito léguas da freguesia de Ibitipoca, com uma igreja dedicada ao Senhor do Bonfim.

Jardim das Piranhas.⁷¹⁰ (V. *Piranhas*, povoação da província do Rio Grande do Norte.)

Jardim do Rio do Peixe.⁷¹¹ Povoação da província de Paraíba. (V. *Vilanova de Souza*.)

Jari. Pequeno rio da província do Pará, na Guiana brasileira; corre por despovoados, rega a povoação de Fragoso, e vai juntar-se sete léguas abaixo dela com o rio das Amazonas, pela margem esquerda abaixo do confluente do rio Paru. Suas margens abundam em cacauzeiros, salsaparrilha e árvores de cravo.

⁷⁰⁹ Atual distrito de Jardinésia, município de Prata/MG. (N/E)

⁷¹⁰ Atual cidade de Jardim de Piranhas/RN. (N/E)

⁷¹¹ Atual cidade de Sousa/PB. (N/E)

Jariguá. Fazenda da Companhia de Jesus, nas Sete Missões do Paraguai, que é atualmente parte integrante da província de São Pedro do Rio Grande, e poderá ter obra de trinta léguas quadradas. Na expulsão desta ordem religiosa acharam-se nela trinta mil cabeças de gado vacum, e perto de seis mil machos. Os algodoeiros, tabaco, canas-de-açúcar, e várias espécies de cereais se acharam ali cultivados; colhia-se também grande quantidade de mate, arbusto de cujas folhas se faz um chá que dizem ter algumas virtudes.

Jarixinó. Serra da província do Rio de Janeiro, ramo da cordilheira dos Órgãos, no termo da freguesia de Miriti. Serve de limite ao termo da freguesia de Campo Grande. No seu cume existe uma lagoa do mesmo nome, que abunda em excelente pescado.

Jatobá. Lugarejo da província de Paraíba, nas margens do rio Carateús ou Poti, pertencente à freguesia de Catolé, no distrito da vila de Piancó.

Jatobá. Serra da província do Ceará, no distrito e ao nascente da Vila da Imperatriz.

Jatuarana. Lagoa da província do Pará, que deságua no rio Madeira, pela margem di-

reita, entre a vila de Borba e o canal ou braço do Madeira apelidado umas vezes Canomá, e outras Furo dos Tupinambaranas.

Jatuaranas. Nome que se dá a três ilhas do rio Madeira, na província do Pará, as quais se acham entre a vila de Borba e o Furo dos Tupinambaranas, defronte do canal ou braço que serve de desagudouro à lagoa do mesmo nome.

Jatubá. Lugarejo da província de Piauí, no distrito e ao nascente da vila de Valença, perto da província do Ceará e dos nascentes do rio de São Victor.

Jatubá. Ribeiro da província de Mato Grosso, um dos tributários do rio Porrudos ou São Lourenço, perto da nova estrada de Cuiabá a Goiás.

Jaumuí. Pequeno rio da província do Pará, afluente da margem direita do rio Negro, com o qual se ajunta um pouco acima da povoação de Airão

Jauri Guaçu. Ribeiro da província de Mato Grosso: nasce nas cabeceiras do rio Itiquira, aliás Itaguira, e vai engrossar o Tacoari.

Jauru. Serra da cordilheira dos Parecis, na província de

Mato Grosso. Começa nos campos Parecis da banda do norte, e corre do nascente para o poente, até o rio Guaporé. Ao pé dela existem várias lagoas d'água salgada, e a pequena distância delas se vê o grande salto do rio Aguapeí, que se despenha nos campos Parecis, e vai desaguar no rio Jauru. A quatro léguas deste salto se acha o ribeiro dos Barbados, que também se precipita da mesma serra, vestida de espessa mata. Dela nasce o rio Jauru e vários ribeiros que correm rumo do norte, e se vão ajuntar com os grandes afluentes do Amazonas.

Jauru. Rio da província de Mato Grosso; nasce na serra de seu nome, ramo da cordilheira dos Parecis, oito léguas a leste dos nascentes do Guaporé; corre em direita para o sul, perto das salinas que bastecem de sal os países vizinhos, arreda-se do Guaporé, e caminhando para o sueste até quinze graus e quarenta e cinco minutos de latitude, onde jaz o registo de seu nome, toma para ésueste, e fazendo obra de trinta léguas mais, entra no Paraguai, pela margem esquerda, dez léguas abaixo da Aldeia Maria. Seu curso total é de sessenta léguas pouco mais ou menos, não tendo

Jauru

outros tributários senão os rios Aguapeí, a Bahia, e alguns ribeiros de pouco cabedal. Foi no ângulo meridional da confluência do Jauru, em dezesseis graus e vinte e três minutos de latitude, e sessenta graus e vinte minutos de longitude oeste, que se assentou em 1754 um padrão vindo da Europa com as armas da Espanha duma parte, e com as de Portugal doutra, com uma inscrição latina anunciando a conclusão do tratado celebrado quatro anos antes, entre El-Rei D. João V de Portugal e Fernando VI de Espanha. Neste ponto tem o rio Jauru cento e quarenta e cinco braças de largura. O governo imperial, certo que se não descuidara de fortificar esta posição importante defendendo a passagem dos dous rios, e cobrindo ao mesmo tempo a estrada que vai de Mato Grosso a Cuiabá.

Jauru. Ribeirão aurífero da província de Mato Grosso, tributário do rio Coxim, em que entra pela margem direita, seis léguas acima da confluência deste rio com o Tacoari.

Jauru. Décima sétima cachoeira do rio Coxim, assim chamada por isso que o ribeiro aurífero deste nome deságua a pequena distância desta correnteza por onde sobem e descem com facilidade as canoas. Acha-se esta cachoeira meia légua abaixo da de André Alves, e outro tanto acima da de Avandava-Açu.

Javaés. Tribo de Índios da província de Goiás, que foram reunidos com os Carajás, na aldeia de Santana, pelo governador José de Almeida de Vasconcelos de Sobral e Carvalho, no ano de 1772. (V. *Santana*, aldeia, na ilha do Bananal.)

Jecu. Ilhota da província do Espírito Santo, perto do continente e da embocadura do rio de seu nome. Os mestres dos barcos costumam passar por fora desta ilha, que jaz ao sudoeste dos arrecifes chamados Pacotes.

Jecu. Pequeno rio da província do Espírito Santo, ao sul da cidade de Vitória. Nasce na cordilheira dos Aimorés, recolhe os ribeiros Claro, Itacoari e Santo Agostinho, e não obstante, só dá navegação com favor da maré, ou na

estação das chuvas, e ainda assim as cachoeiras Rio Claro e Ferrugem a dificultam. Há neste rio uma ponte para serventia da estrada real. Os jesuítas tornaram sadias as más margens, abrindo um canal do comprimento de oito léguas até a baía do Espírito Santo, que serve atualmente para o transporte dos gêneros; preferindo os habitantes esta via à do mar, que é muito mais longa e perigosa, sendo forçoso, saindo-se da barra do Jecu, passar por diante dos arrecifes do mesmo nome, e dobrar o monte Moreno que se acha à entrada da baía.

Jenipaga. Ilha do rio da Madeira, acima do confluente do Anhangatini.

Jenipapo.⁷¹² Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade de Cachoeira, assentada na margem dum lago do mesmo nome que a torna mui aprazível, com uma igreja da invocação de São José, dependente da freguesia de Aporá, da qual dista quatro léguas. A estrada que vai da Bahia aos sertões do Brasil passa por esta povoação, que tem novecentos habitantes, quase todos cultivadores.

⁷¹² Atual povoado de Jenipapo, município de Castro Alves/BA. (N/E)

Jenipapo. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito da vila de Piancó. Está assentado na margem do rio das Piranhas, perto do sítio chamado Boqueirão.

Jenipapo. Lugarejo da província de Maranhão, no distrito atual do Riachão, e à margem esquerda do rio das Balsas.

Jequi. Povoação da província do Ceará, no distrito e ao sul da vila de Aracati, com uma capela dependente da igreja matriz desta vila.

Jequiá. Pequeno rio da província das Alagoas, que deságua no mar, entre as embocaduras dos rios Poxim ao sul, e de São Miguel ao norte. Fez-se neste rio uma ponte em 1841, para o serviço da estrada que vai da cidade de Paraíba para a da Bahia, atravessando do norte ao sul a província das Alagoas.

Jequibá ou Jiquibá. Lagoa da província das Alagoas, ao norte do rio Cururipe, piscosa, mas salobre: pode ter cinco léguas de comprimento e uma de largo, com um ribeiro que lhe serve de desaguardo, e que se lança no mar, quatro léguas

ao norte da embocadura do Cururipe.

Jequitaí. Rio da província de Minas Gerais, que dá navegação a canoas somente na estação das chuvas. Nasce na serra de Curmataí, e correndo para o nordeste, vai recolhendo os ribeiros Mandassaia, Traíras, São Lamberto ou do Cipó, até que se vai lançar no rio de São Francisco pela margem direita, quatro ou cinco léguas abaixo da confluência do rio das Velhas ou Guaicuí.

Jequitibá.⁷¹³ Lugarejo da província de Minas Gerais, na estrada que corre à esquerda do rio das Velhas ou Guaicuí, quatorze léguas ao nor-noroeste da cidade de Sabará, com uma igreja da invocação do Santíssimo Sacramento, que foi anexada à de Catas Altas, por lei provincial de 3 de abril de 1840, criada pela mesma lei matriz.

Jequitibá. Ribeiro da província de Minas Gerais, tributário do rio das Velhas, com o qual se ajunta, perto da povoação de Jequitibá.

Jequitinhonha. Comarca da província de Minas Gerais. Fez

originalmente parte da província da Bahia desde 1730, época em que foi descoberta, até 1757, em que foi anexada por decreto de 10 de maio à província de Minas Gerais, com o nome de Minas Novas, que conservou por algum tempo. Presentemente tem esta comarca o nome do rio que por ela passa, e por cabeça a cidade de Minas Novas; confronta, ao norte e a leste, com a província da Bahia; ao sul, com a comarca do Serro; ao oeste, com o rio de São Francisco, e encerra os distritos da cidade de Minas Novas, das vilas de Formigas, Gurutuba, Grão Mogor e Januária; sua população é avaliada em vinte mil habitantes.

Jequitinhonha. Rio do Brasil: nasce na serra Pedra Redonda, oito léguas pouco mais ou menos a oés-sudoeste da cidade do Serro. Começa este rio a dar navegação a canoas no ponto em que se lhe ajunta o ribeiro São Gonçalo, e caminhando para o norte faz várias voltas recolhendo as águas dum sem número doutros ribeiros. A trinta léguas de seu nascente inclina-se para o nordeste, e atravessa uma

⁷¹³ Atual cidade de Jequitibá/MG. (N/E)

Jequitinhonha

vasta extensão de terras pouco povoadas, engrossando-se com as águas do ribeiro Macaúba, e um pouco mais adiante com as do rio Itucambira, que o obriga a tomar rapidamente para o nascente, regando pela direita a povoação de Tocoios, e recolhendo o rio Vacaria e o ribeiro Salinas sempre pela mesma margem, e mais adiante da oposta o rio Araçuai, que dá mor vulto às suas águas, donde vem que neste ponto dá-se-lhe vulgarmente o epíteto comum de *Grande*, aplicado com prodigalidade a um sem número de rios e ribeiros de diversas províncias do Brasil; epíteto que perde no Salto Grande, no cimo do vertente oriental da cordilheira dos Aimorés; lugar onde dous altos morros lhe estreitam a tal ponto o leito, que as águas se despenham da altura de vinte braças, numa caldeira formada de vários rochedos mais ou menos altos, soltando-se em borrifos dum tão grande tenuidade que encobrem o horizonte à semelhança dum névoa: o fracasso das águas se ouve a quatro léguas de distância. Desta caldeira para baixo dava-se em outro tempo ao Jequitinhonha o nome de Belmonte. Neste passo corre este rio por entre rochas escarpadas que se vão

insensivelmente arrasando, e que ao depois alargando-se o deixam volver com majestade as ondas numa vasta planície, e depois de haver banhado com suas águas a vila de Belmonte, vai misturá-las com as do Oceano, ao norte dela, em quinze graus e cinquenta minutos de latitude. (V. *Salsa*, braço do Jequitinhonha.) Em 1804, o governador da província ordenou a João da Silva Santos, capitão-mor de Porto Seguro, houvesse de ir explorar o nascente do rio de Belmonte subindo por ele acima. Santos empreendeu esta exploração com cinquenta homens armados, e um morteiro para se defender se fosse mister. Como com efeito aconteceu, tendo sido obrigado a bater-se com os Botocudos que lhe vieram por diversas vezes tolher o passo; porém no cabo de dous meses dum navegação trabalhosa, chegou a oitenta léguas de Belmonte, e encontrou os primeiros colonos portugueses que lhe deram as informações de que necessitava. Reconheceu Santos neste lugar alguns Índios Machaculis, que haviam residido na vila de Caravelas, e dela haviam desertado. Disseram-lhe que se achava no rio Jequitinhonha, famoso entre os moradores de Minas Gerais, por volver diamantes

em suas areias, mas que se não sabia onde tivesse a embocadura. Quando se espalhou a notícia do bom sucesso desta viagem, o ouvidor da comarca de Porto Seguro, José Marcelino da Cunha, deu as providências necessárias para se povoar as margens do Jequitinhonha. Julião Fernando Leão, comandante militar do novo distrito da província de Minas Gerais, mandou fazer em 1818 um caminho, perto do rio, desde a povoação de São Miguel até o Salto Grande, que atualmente se estende até a vila de Belmonte. Abunda este rio em pescado desde a sua cabeceira até a sua foz, a qual, por fatalidade, não oferece nas grandes marés senão dez a doze pés d'água; nela se pescam grandíssimos camarões. A assembleia geral legislativa deu o nome deste rio à comarca que criou de novo na província de Minas Gerais, e votou a quantia de vinte contos de réis, no orçamento de 1843 a 1844, para o desentupimento de sua barra, e o melhoramento da navegação em todo o seu curso. Junto deste rio, entre a cordilheira e o mar, há pedreiras de mármore cor-de-rosa descobertas em 1840, que merecem ser aproveitadas.

Jeremoabo.⁷¹⁴ Vila do sertão da província da Bahia, e antiga povoação da comarca de Jacobina. Dizem que fora fundada por Vasco Fernandes César de Menezes, quarto vice-rei do Brasil, que ajuntara naquele sítio quantos viviam derramados pelas matas do rio Itapicuru, e lhes nomeara uma justiça particular, atenta a dificuldade das comunicações pelo mau estado das estradas, e a distância em que aquele novo povo se achava da vila de Itapicuru, a cujo distrito pertencia. Erigiram os habitantes uma igreja a São João Batista, que foi desde logo tida em conta de paróquia. Um decreto de 25 de outubro de 1831 desanexou esta povoação do distrito da vila de Itapicuru, conferindo-lhe o título e prerrogativas de vila com o mesmo nome que dantes tinha. Consta presentemente o seu distrito do termo de sua própria freguesia, e dos do Coração de Jesus, Montes Altos e Boqueirão. Tem esta nova vila uma escola de primeiras letras criada em 1832, e sua população anda por três mil habitantes contando os de seu distrito, pela maior parte lavradores e criadores de gado.

Jericoacoara.⁷¹⁵ Povoação da província do Ceará, numa eminência vizinha da baía de seu nome, quarenta léguas ao poente da cidade da Fortaleza, no distrito da vila da Granja. Consta esta povoação dalgumas mesquinhas casas, que não são mais que umas espécies de tendas cobertas com courama.

Jericoacoara. Morro em que fenece uma pequena serra; jaz perto da enseada do mesmo nome, e é um dos abrigos dela; seu cume se acha em dous graus, quarenta e sete minutos e vinte e oito segundos de latitude sul, e quarenta e dous graus, quarenta e sete minutos e quarenta segundos de longitude oeste.

Jericoacoara. Enseada da província do Ceará, cuja boca provém das quebradas ou roturas feitas na serrania que corre ao longo da costa do Brasil, nas quais as ondas se espedaçam continuamente. Somente sumacas podem passar pela boca desta enseada que no interior é vasta, e onde podem carregar-se de couros e de algodão, que os lavradores ali têm prestes em

certos tempos do ano. Nesta enseada deságua um ribeiro do mesmo nome que dá navegação a canoas.

Jerimuabo. Lugarejo da província da Bahia, no distrito da vila de Santo Amaro.

Jerobaíba. Ilhota da província do Rio de Janeiro, entre o termo da freguesia de São Gonçalo e a ilha de Paquetá, de que depende.

Jerubatiba. Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Geribatiba*.)

Jerumenha.⁷¹⁶ Pequena vila da província do Piauí, na margem direita do Gurgueia, afluente do Parnaíba, quatro léguas acima de sua embocadura. Era primitivamente uma aldeia de Índios da tribo Gurgueia, cujo nome conservou até que no princípio deste século ou no fim do precedente alcançou as honras e título de vila. Jaz a vila de Jerumenha na estrada que vai da cidade de Goiás para a de Oeiras, vinte e oito léguas oés-sudoeste desta última. Sua igreja foi ao princípio dedicada a Santo Antônio, e a

⁷¹⁴ Atual cidade de Jeremoabo/BA. (N/E)

⁷¹⁵ Atual cidade de Jijoca de Jericoacoara/CE. (N/E)

⁷¹⁶ Atual cidade de Jerumenha/PI. (N/E)

Jesus Maria José

N. S. do Ó, quando foi declarada paróquia. Seu distrito era assaz vasto, mas foi mutilado em 1832 por ocasião da ereção da vila de São Gonçalo de Amarante. Os habitantes, avaliados em três mil, criam gado nas terras altas e nas chãs, e nas margens dos rios onde reinam endemicamente as sezões, cultivam tabaco, arroz, milho e colhem bastante algodão.

Jesus Maria José. Nova freguesia da província de Sergipe. (V. *Pé do Banco*.)

Jeuípe. Ribeiro da província da Bahia: nasce ao poente da vila de São Francisco, perto da margem direita do rio deste nome, e no cabo dum curso de dez léguas na direção do nascente, vai desaguar no mar, duas léguas ao sudoeste da embocadura do rio de São Francisco. Dá-se o nome de *Barra Nova* à embocadura deste ribeiro.

Jibóia. Serra da província da Bahia, de que nasce o rio Jiquiriçá, que desemboca no mar, defronte da ilha Tinharé.

Jinado. Povoação da província de Paraíba, pertencente

primeiramente ao distrito da vila de Bananeira, e atualmente anexada à vila de Brejo de Areia por lei provincial de 21 de outubro de 1840.

Jiparaná. Rio da província de Mato Grosso, cuja nascença é na serra Parecis, ao nascente da do Jamari. Seu curso é pouco conhecido, por isso que a terra que rega se acha em poder dos Índios bravos; o que se sabe é que deságua no rio Madeira, onde entra pela margem direita, vinte e duas léguas abaixo da cachoeira Santo Antônio. Em suas margens medram sem cultura os cacauzeiros e a salsaparrilha.

Jiquiá. Pequeno rio da província das Alagoas: corre pouco tempo por entre matas viçosas, dirigindo-se para o nascente, e vai lançar-se no Oceano ao norte do rio Poxim. Sua barra nem sempre é acessível aos barcos, porém nas grandes marés das luas nova e cheia as sumacas de oitenta toneladas entram pela barra dentro; as que são de maior dimensão fundeiam fora dela e ali mesmo tomam carga.

Jiquibá. Lugarejo da província das Alagoas. (V. *Jequibá*.)

Jiquié. Rio da província da Bahia; rega o distrito de Cairu, e vai desaguar no mar por duas bocas desiguais no canal que separa a ilha Tinharé da terra firme, deixando entre ela a ilha Tupiaçu. A boca ao norte desta ilha é mais larga que a que fica ao sul, e em ambas entra a maré.

Jiquiriçá.⁷¹⁷ Povoação medíocre da província da Bahia, ao sul da baía de Todos os Santos, na margem do pequeno rio do mesmo nome, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Jiquiriçá. Pequeno rio ao sul da baía de Todos os Santos, na província deste nome. Nasce na serra da Jibóia, corre rumo do nascente, e vai lançar-se no Oceano entre a ponta Garcia e a ilha Tinharé. Entram em sua barra as embarcações de pouco porte ajudadas da maré.

Jiquitaí. Vigésima primeira cachoeira do rio Coxim, légua e meia abaixo da cachoeira

⁷¹⁷ Atual cidade de Jiquiriçá/BA. (N/E)

Choradeira e uma légua acima da da Ilha.

Jirau. Salto considerável do rio Madeira, em nove graus e vinte e um minutos de latitude, oito léguas abaixo da cachoeira dos Três Irmãos, e légua e meia acima da do Caldeirão do Inferno. Consta este salto de cinco cachoeiras em distância de trezentas e sessenta e cinco braças; as fazendas e canoas são transportadas por terra tanto na subida, como na descida. Sente-se o efeito deste salto uma légua abaixo dele.

Jirau e Tanque.⁷¹⁸ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja, filial da de Santana dos Ferros.

Joana ou Joaninha. Lugarejo da província de Minas Gerais, na estrada que vai da cidade de Sabará para a Diamantina, no termo da freguesia de Gaspar Soares.

Joanásia.⁷¹⁹ Povoação da província de Minas Gerais, sobre o rio de Santo Antônio, afluente do Doce. Compete ao vasto termo da freguesia de Santana dos Ferros. Minando os roche-

dos que pejam o rio entre estas duas povoações, poder-se-ia navegar por ele, e as povoações e terras que medeiam veriam aumentar-se progressivamente a sua população.

Joanes. Ilha da província do Pará, mais conhecida atualmente com o nome de Marajó. (V. este nome.)

Joanes. Ribeirão da província da Bahia. Nasce no distrito da vila de São Francisco, rega as povoações de Impuca, Boneçu, Jacaracanga e a vila de Abrantes, antes de se ir lançar no mar, três léguas pouco mais ou menos ao nordeste de Itapuã.

João Amaro.⁷²⁰ Aldeia do interior da província da Bahia, agradavelmente situada na cabeceira do rio Paraguaçu, e atravessada pela estrada real que vai para as províncias centrais do Brasil. Foi fundada no reinado de Afonso VI por um Paulista cujo nome guarda. D. Pedro II, sendo ainda regente do reino, a autorizou a conservá-lo em contemplação do trabalho e desvelo com que o seu fundador havia tratado de

João de Leão

civilizar os Índios, que faziam entradas das vilas marítimas. (V. *Cairu*.) Fica esta aldeia quarenta léguas ao poente da vila de Muritiba: suas casas são cobertas de sapé, e sua igreja, que foi criada paróquia pelo alvará de 22 de dezembro de 1795, aplicável a todas as aldeias do Brasil, é dedicada a Santo Antônio. É o único edifício de pedra e telhado que existe naquela povoação. A população desta aldeia vai diminuindo insensivelmente. Seus habitantes, que se avalliam em quinhentos, são descendentes dos antigos Cairiris, e vivem de caça, de pescaria e de alguns gêneros do país que as mulheres e filhos granjeiam.

João Bicudo. Ribeiro da província de Mato Grosso, um dos afluentes do rio Coxim pela margem esquerda.

João de Leão. Ponta a mais eminente da cordilheira dos Aimorés; avista-se da comarca de Porto Seguro pertencente à província da Bahia, e jaz em dezessete graus e vinte minutos e vinte e seis segundos de latitude, e quarenta e um graus, cinquenta e seis minutos e

⁷¹⁸ Atual cidade de Santa Maria de Itabira/MG. (N/E)

⁷¹⁹ Atual cidade de Joanésia/MG. (N/E)

⁷²⁰ Atual distrito de João Amaro, município de Iaçú/BA. (N/E)

João e José

cinquenta e sete segundos de longitude oeste.

João e José. Nome que os primeiros exploradores deram a duas ilhas que se encontram no rio Madeira acima da dos Jacarés.

Joatinga. Promontório e ponta de terra no continente do Brasil, ramo da cordilheira dos Órgãos. Esta corda de montanhas, porção da serra Facão, separa a província do Rio de Janeiro da de São Paulo. Uma ilhota situada defronte deste promontório fecha a entrada da baía de Angra dos Reis, juntamente com a ponta Acaia ao sudoeste da Ilha Grande. Jaz este promontório em vinte e três graus, dezoito minutos e trinta segundos de latitude e em quarenta e seis graus, cinquenta e nove minutos e dous segundos de longitude. Os navios de todas as dimensões podem-se coser com ele sem perigo.

Joazeiro.⁷²¹ Nova vila e antiga povoação pertencente à província da Bahia. Está assentada na margem do rio de São Francisco, no lugar em que se acha uma barca para o serviço da estrada do Piauí

para a cidade da Bahia. A frequência desta passagem contribuiu para o aumento da povoação de Joazeiro; concedeu-se-lhe primeiro, por lei da assembleia geral de 16 de junho de 1832, uma escola de primeiras letras; pouco tempo depois a igreja dedicada a N. S. da Lapa alcançou o título de paróquia, tendo o seu termo por limites, ao norte, o ribeiro Curaça, que o separa do de Pambu; ao sul as fazendas das Pedras e da Salgadinha, que fazem parte do distrito de Santa Sé; e afinal a assembleia legislativa provincial a elevou à categoria de vila, assinalando-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia. Esta pequena vila é cabeça dum colégio eleitoral, e seus moradores se aplicam ao amanho das terras e à criação do gado.

Joazeiro. Lugarejo da província de Minas Gerais, ao poente da serra Branca, e perto das raias da província da Bahia. Acha-se no termo da freguesia de Contendas.

Jordão. Ribeiro de bastante cabedal da província de São Paulo. Ignora-se o seu curso, sabe-se porém que deságua no

rio Iguaçu, afluente do Paraná, pela margem direita, quinze léguas abaixo do rio de São João, e outro tanto acima do de Santo Antônio.

Jorge Grego. Ilha da província do Rio de Janeiro, fora da baía de Angra dos Reis, obra dum quarto de légua ao sul da ilha Grande, com um bom surgidouro para os navios que ali podem fazer aguada, munirem-se de lenha e víveres frescos.

José Machado. Serra mui alta da província de Goiás, que começa na fazenda do mesmo nome, e vai fenecer na serra Amaro Leite.

Juassema ou Insuacome. Rio sem importância da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro, em cuja margem existia antigamente a vila do mesmo nome, perto da ponta de Corumbabo, que foi arruinada em 1564 pelos Abatirás, tribo, segundo se diz, da nação dos Aimorés. No mesmo lugar existe atualmente uma povoação de obra de vinte casas que tem por nome Corumbabo.

⁷²¹ Atual cidade de Juazeiro/BA. (N/E)

Jucaiacanga ou **Jucaicanga**.⁷²²
Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Jacucanga*.)

Juçara. Povoação da província das Alagoas, no distrito da Vila da Imperatriz. Acha-se ainda mui pouco povoada, e seus moradores são Índios que cultivam mui pouca couça, e se aplicam à pesca e à caça.

Jucoca. Grande fazenda da província do Ceará, no distrito de Vilanova del Rei. Serve de limite ao distrito de Campo Maior de Quixeramobim.

Jucuném. Lagoa da província do Espírito Santo, ao norte da cidade de Vitória, com pouco mais ou menos légua e meia de largura. É mui piscosa, e tem um desaguadouro para o rio Caraípe.

Jucurucu. Pequeno rio da província da Bahia, que começa a ser assim apelidado no ponto onde se ajuntam dous ribeiros chamados *Rio do Norte* e *Rio do Sul*, em distância de seis léguas do mar. Rega este rio a vila do Prado, e na margem direita de sua embocadura, há uma aberta nos

arvoredos que a acompanham. As sumacas sobem por este rio acima até a sua cabeceira, onde se ajuntam os dous ribeiros de que acima falamos.

Juína. Pequeno rio da província de Mato Grosso; nasce dos campos Parecis, duas léguas ao poente da nasença do rio Galera, corre para o nordeste, e vai ajuntar-se com o rio Juruena, pela margem ocidental ou esquerda.

Juiz de Fora.⁷²³ Povoação da província de Minas Gerais, na estrada do Rio de Janeiro para a cidade de Barbacena. Pertence à freguesia do Engenho do Mato, e jaz dous mil e quarenta pés acima do nível do mar. Um regato do mesmo nome passa pelo meio desta povoação, e vai lançar-se no rio Barros, pela margem esquerda.

Jumas. Tribo de Índios numerosa que vive nas margens dos rios Coari e Tefé, na província do Pará. Além das setas e arcos, armas de que de preferência usam, trazem uma espécie de clava com um arpão na ponta. Colhem

Jundiáí

salsaparrilha, cravo e cacau que trocam por quincalharias e lençarias.

Jumirim. Segunda cachoeira do rio Tietê: fica a uma légua da vila de Porto Feliz, na província de São Paulo, entre as cachoeiras Cangureira e a Aranhanduba. Sobe-se e desce-se por ela com facilidade.

Jumirim. Cachoeira do rio Chopotó, na província de Minas Gerais, entre a cachoeira Pirapora e a da Anta, donde começa a navegação do rio Doce. É para esperar-se, que a companhia da navegação deste rio facilitará igualmente a navegação do rio Chopotó até a cachoeira Pirapora.

Jundiáí.⁷²⁴ Antiga vila da província de São Paulo, perto da margem esquerda do ribeiro do mesmo nome, assim chamado dos jundios que nele se pescam. Jaz em vinte e três graus e dez minutos de latitude, e em quarenta e nove graus e alguns minutos de longitude oeste, dez léguas ao noroeste da cidade de São Paulo. Foi fundada esta vila em 1656 pelo conde de

⁷²² Atual distrito de Jacuecanga, município de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

⁷²³ Atual cidade de Juiz de Fora/MG. (N/E)

⁷²⁴ Atual cidade de Jundiáí/SP. (N/E)

Jundiaí

Monsanto, que se havia feito reconhecer por herdeiro do primeiro donatário da capitania de São Vicente, e sua matriz é dedicada a N. S. do Desterro; tem uma ponte sobre o Jundiaí, um convento de beneditinos, e é também cabeça dum colégio eleitoral desde 20 de maio de 1841. A indústria de seus moradores consiste na fabricação de selas, albardas e outros aparelhos para bestas muares, que ensinam e adestram para longas jornadas. O distrito de Jundiaí tem pouca extensão, mas as terras são mui férteis; nelas se cultivam canas, de que faz grande quantidade de açúcar, e colhem-se também os víveres necessários para o consumo dos habitantes, que se avaliam em cinco mil. Faz-se nesta vila um comércio considerável de bestas muares.

Jundiaí. Pequeno rio da província de São Paulo, navegável por espaço de seis léguas somente; passa pela vila de Jundiaí, e vai lançar-se no Tietê, pela margem direita, acima da grande cachoeira da vila de Porto Feliz.

Jundiaí. Canal formado pela violência das águas do rio Jequitinhonha, na margem esquerda dele, pelo qual nas cheias elas se escoam no Patipe, entre o canal Salsa e o

mar. O canal de Jundiaí se dirige em direitura do sul para o norte.

Junipanon. Uma das três aldeias que se achavam já formadas na ilha do Maranhão, quando os Franceses nela se estabeleceram em 1594.

Junqueiro. Ribeiro da província do Ceará, no distrito da vila de Icó.

Juparanã. Lagoa da província do Espírito Santo, e ao norte dela, no meio duma mata, e com cinco léguas pouco mais ou menos de circunferência. É profunda e semeada de ilhotas. Suas águas cavaram um desaguadouro que tem muitas léguas de comprido, e fenece no rio Doce, pela margem esquerda, a oito léguas de distância do mar. Suas margens abundam de toda casta de veação, e suas águas de pescado.

Jupiá. Grande cachoeira do rio Paraná, entre os confluente dos rios Pardo e Tietê. Os que vão da província de São Paulo para a cidade de Cuiabá em canoa encontram-na, quatro léguas abaixo da confluência do Tietê.

Jupiá do Tejuco. Décima oitava cachoeira do rio Pardo. Transportam-se por terra as

embarcações e fazendas, na subida e descida dela. Acha-se este arrecife, entre a cachoeira Anhanduí-Mirim e a Mangabal, a meia légua de distância.

Juquiriqueré. Grande enseada da província de São Paulo, ao norte da vila de São Sebastião. As pontas Arpour e Guaromim lhe formam a boca, e o rio Curupacé nela vai desaguar; este rio é apelidado por alguns do nome da enseada.

Juré. Ribeiro da província do Ceará: rega o distrito da vila do Sobral e da vila da Granja, e vai juntar-se com o rio Acaracu ou com o Camucim. Acham-se nele ametistas, e nas montanhas vizinhas existem minas de ouro de mui alto quilate, porém por falta de máquinas para a condução da água necessária para a bateação jazem inutilizadas.

Jureia. Ponta do continente da província de São Paulo, entre as bocas dos rios Una e Iguape, em vinte e quatro graus, trinta e dous minutos e quarenta segundos de latitude, e quarenta e nove graus, trinta e nove minutos e dez segundos de longitude oeste. Desta ponta de terra nasce o pequeno rio Verde, tributário do Tibagi.

Jureré-Mirim. Assim apelidavam os Índios a ilha de Santa Catarina, antes dos Portugueses a ocuparem.

Juriari. Lugarejo e ribeiro da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia de Campo Grande.

Juruá. Rio que dizem nascer dos montes do Peru, perto do vertente do rio Ucayale ou das adjacências da lagoa Rogagualo, e que, correndo para o nor-nordeste, se vai ajuntar com o Amazonas pela margem direita, entre as confluências do Tefé e do Jutaf. A parte das margens que é conhecida é povoada de bastos arvoredos onde pululam as formigas e os mosquitos, a que os Índios chamam *pium*. Recolhe este rio as águas da lagoa Cupuca, abaixo duma cachoeira que tolhe as embarcações de irem por diante.

Juruânia. Terras da antiga divisão da província de Mato Grosso, que ficavam entre o rio Juruena, ao nascente, e o Madeira e o Guaporé, ao poente. Serão obra de cem léguas, do norte ao sul, e muitas mais do nascente ao poente; são porém mui pouco conhecidas, se se excetuam as margens do Guaporé.

Jurubaúba. Ribeiro da província de Mato Grosso, o qual ajuntando-se com o rio Sipotuba o torna navegável. No fim do século passado descobriram-se em suas margens algumas minas de ouro que estão postas em abandono.

Jurubaxi. Rio da província do Pará, na parte ocidental da Guiana brasileira, que vai engrossar o rio Negro, em que entra pela margem direita acima da povoação de Santa Isabel. Crê-se que este rio dá origem a várias lagoas, e que comunica com o Hiapura em sua cabeceira por via duma delas. Suas margens abundam em pexurim, árvore que dá certa espécie de noz-moscada.

Juruena. Grande rio que separa em grande parte de seu curso o Peru do império do Brasil. Nasce vinte léguas ao nor-nordeste da cidade de Mato Grosso, do vertente setentrional da serra dos Parecis, onde faz uma grande cachoeira ou salto, passada a qual, corre em um leito de quinze braças de largura, dirigindo-se no rumo do norte por espaço de cento e vinte léguas, engrossando-se com as águas dos rios Juína, Sucuriú,

Jurujuba

e com as doutros de menos cabedal, e com ser semeado de cachoeiras ou correntezas dá navegação, até que se ajunta com o rio Arinos, em nove graus e trinta minutos de latitude, dando nascimento ao Tapajós. As férteis margens do Juruena são povoadas de Índios não civilizados, e em sua confluência existe uma ilha perto da qual a limpidez de suas águas se diferencia das do Arinos.

Jurujuba.⁷²⁵ Nova freguesia da província do Rio de Janeiro, entre o mar e a baía Jurujuba, vulgarmente chamada saco de São Francisco. Deve a sua origem a uma fazenda dos jesuítas, onde eles fizeram em 1696 uma capela que dedicaram a São Francisco Xavier. Agregaram-se-lhes os Índios, e formaram uma povoação assaz numerosa que ainda hoje subsiste, povoada de pescadores e dalguns fazendeiros, os quais edificaram uma igreja a N. S. da Conceição da Vargem, que foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 23 de maio de 1840, desmembrado do termo de antiga freguesia de Icaraí tudo quanto fica entre o morro Cavalão

⁷²⁵ Atual bairro de Jurujuba, cidade de Niterói/RJ. (N/E)

Juru-Mirim

e o termo de Taipu para constituir o seu. É neste termo que se acha situado o forte de Santa Cruz, que defende a entrada da baía de Niterói, e o do pico, um pouco mais para trás, que bate no de Santa Cruz, caso o inimigo se tenha apoderado dele.

Juru-Mirim. Segunda cachoeira do rio Tietê, meia légua abaixo da Cangureira, a uma da vila de Porto Feliz, e meia antes da de Aranhaduba.

Juruoca. Serra e povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Ajuruoca*.)

Jussiape. Antigo nome do rio de Contas, na província da Bahia. (V. *Contas*, rio.)

Jutaí. Rio da província do Pará, e um dos afluentes da margem direita do Amazonas, onde entra sessenta léguas abaixo do confluente do rio Jabari, e quatro abaixo da aldeia Eviratuba, uma das seis missões do padre Samuel Fritz. Supõe-se que nasce perto da lagoa Roguagualo, na província de Cusco, e que rega uma vasta extensão de país onde dominam Índios de diversas tribos, armados de frechas e arcos e duma espécie de zarabatana, os quais dizem têm por costume ervar as setas. Este rio não é na verdade co-

nhecido senão nas adjacências do das Amazonas, perto da aldeia Traquatuá e da de Eviratuá, hoje vila de Castro de Avelães. As margens do Jutaí são infestadas de certa espécie de mosquito, chamado *Pium*.

Juturnaíba. Lagoa da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio. Poderá ter três quartos de légua de comprimento e meia légua de largura, e recebe da banda do sul o rio Capivari e o Bacaxá, que a atravessa ao comprido, e sai pela margem setentrional para se ir ajuntar uma légua mais longe com o rio de São João, pela margem direita, a seis léguas do mar. É piscosa e mui profunda, e nela entram as sumacas que sobem pelo rio de São João. Alguns autores lhe dão o nome de *Inbutrunaíba*.

Juva. Ribeiro da província de Mato Grosso, e um dos afluentes da margem direita do Sipotuba.

L

Lagarto.⁷²⁶ Vila medíocre da província de Sergipe, obra de vinte léguas ao poente da cidade de São Cristóvão, com uma igreja matriz dedicada a N. S. da Piedade. É cabeça dum colégio eleitoral que em 1843 constou de sessenta e um eleitores. Seu distrito encerra além de sua própria freguesia a de Simão Dias, e a de Campo de Itabaiana de fresca data, e tem mais de dous mil habitantes que cultivam os vegetais do país, principalmente algodoeiros, cujo produto levam a vender por terra ou por água, ao marítimo vizinho, e criam gado que é consumido na província. Há nas adjacências desta vila uma pedreira donde se tiram ótimas pederneiras, o que constitui um ramo importante do comércio de seus moradores.

Lage.⁷²⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de São José. Sua igreja, dedicada a N. S. da Penha de França, foi ora filial

da matriz da vila, ora da de Alagoa Dourada, até que, por lei provincial de 3 de abril de 1840, alcançou o título de paróquia, tendo por filial a capela de Santa Rita, e outra lei do 1º de abril de 1841 lhe ajuntou mais a capela nova do Desterro, desanexada da freguesia de Passa Tempo.

Lage. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Jaguaripe, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Lage. Ilhéu que reparte em duas partes desiguais a entrada da baía de Niterói, ocupado com um forte do mesmo nome construído em 1713, cujo fogo cruza com o dos fortes de Santa Cruz e de São João. Tem este forte covas, cavadas em rocha, onde as ondas se despedaçam furiosas, que servem de prisão para os presos do Estado.

Lageada. Assim se chama uma das principais cachoeiras do rio dos Tocantins, por isso que as águas correm por cima dum rochedo, de feição dum

largo lajedo antes de despenharem-se, tolhendo às canoas a navegação do rio que neste ponto toma o nome de rio das *Tabocas*.

Lage da Canhota.⁷²⁸ Povoação da província das Alagoas, no distrito da vila da Imperatriz, com uma igreja filial da matriz desta vila.

Lage Grande. Sexta cachoeira que se encontra descendo pelo rio Pardo, na província de Mato Grosso, uma légua abaixo da cachoeira Imbiruçumirim, e meia acima da da Lage Pequena.

Lage Pequena. Sétima cachoeira no curso do rio Pardo, província de Mato Grosso, entre as da Lage Grande e da Canoa Velha, a meia légua de distância umas das outras, e todas de difícil trânsito.

Lages.⁷²⁹ Vila do sertão da província de Santa Catarina, trinta e seis léguas ao poente da cidade do Desterro, em linha reta, e sessenta em razão das voltas, em vinte e sete graus e quarenta e oito minutos de latitude, sobre a

⁷²⁶ Atual cidade de Lagarto/SE. (N/E)

⁷²⁷ Atual cidade de Resende Costa/MG. (N/E)

⁷²⁸ Atual cidade de São José da Laje/AL. (N/E)

⁷²⁹ Atual cidade de Lages/SC. (N/E)

Lages

estrada que corre entre a província de São Pedro do Rio Grande e a de São Paulo. No fim do século XVII, alguns lavradores Paulistas assentaram morada nas adjacências dos ribeiros Caveira e Caraá, afluentes do rio Curitiba ou Iguaçu, onde o solo era sumamente pingue, e edificaram uma igreja a N. S. dos Prazeres, donde veio o chamar-se aquela povoação largo tempo do nome desta invocação. Foram estes colonos obrigados a defenderem os novos estabelecimentos contra as agressões dos Índios bravos, e derrotaram-nos em vários encontros, pondo-os em fuga com o auxílio das armas de fogo, até que em 1774 o governador de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, conferiu a esta povoação o título de vila, dando-lhe o nome que hoje tem, e quase no mesmo tempo foi a igreja de N. S. dos Prazeres elevada à categoria de paróquia. Em 1786, o governador da ilha de Santa Catarina, João Pereira Pinto, deu princípio a uma estrada por meio das matas, entre o rio Tubarão e a vila das Lages, para se poderem transportar os gêneros ao porto de Pouso Alto, no mencionado rio, e conduzi-los à vila de Laguna, ou até a cidade do Desterro. Em 1820 foi esta vila desa-

nexada da província de São Paulo, em virtude dum alvará de 9 de setembro, e ficou pertencendo à de Santa Catarina, como o é ainda hoje, sendo compreendida na comarca do sul. Teve porém a desgraça de ser tomada várias vezes, correndo os anos de 1839 e de 1840, pelos rebeldes da província de São Pedro do Rio Grande, que foram outras tantas obrigados a evacuá-la. Seu distrito é vasto, porém pouco povoado, e estende-se fazendo uma ponta rumo do poente, entre as províncias de São Paulo e de São Pedro do Rio Grande, até as adjacências da de Mato Grosso, sendo regado por grande número de ribeiros, e pelo rio Curitiba ou Iguaçu. Seu clima é sadio e temperado; sua população é avaliada em cinco mil habitantes, entre cultivadores e criadores de gado; cujo principal comércio consiste na venda de bois, couros e mate, sendo estes dous últimos artigos encaminhados para a vila de Laguna e para a cidade do Desterro. Dão-se muito bem neste distrito as árvores frutíferas da Europa, e suas matas abundam em madeiras de préstimo, em árvores que dão várias espécies de gomas, etc.; mas a dificuldade do transporte para um porto de mar faz que sejam inúteis tão preciosas produções, e que a

povoação, em vez de ir em aumento, se conserva quase do mesmo ser; todavia não deixa de haver neste distrito alguma indústria, e nele se contam quarenta e oito fábricas de açúcar e de destilação de aguardente que se consome na província.

Lages. Ribeirão da província do Rio de Janeiro, assim chamado pelos seixos enormes que se encontram em seu curso tortuoso por meio dos montes: poder-se-ia, talvez sem muita despesa, torná-lo em parte navegável, despachando-o das pedras movediças de que se acha cheio. Nasce este ribeirão, que alguns autores qualificam de rio, do vertente setentrional da serra de Itaguaí, corre do sudoeste para o nordeste, pelo distrito de São João do Príncipe, recolhendo os ribeiros Cosmo, Panelas, Passa Vinte, Moçambique e Piloto, até ir topar com o rio de Santana, com o qual misturando as águas trocam ambos os nomes que tinham no de Guandu, com o qual se vão lançar na baía de Santa Cruz, que faz parte de Angra dos Reis.

Lages. Quinta cachoeira do rio Guaporé, na província de Mato Grosso, entre a cachoeira do Pau Grande e a confluência dos rios Guaporé e Mamoré, que trocam estes

nomes no de Madeira. Com ser neste passo grandíssima a correnteza das águas, vingam-na com facilidade as canoas.

Lagoa.⁷³⁰ Nova vila e antiga freguesia da ilha de Santa Catarina, na parte oriental dela, que teve princípio numa armação de baleia, situada na margem da Lagoa Grande, na qual se edificou em 1772 uma capela da invocação de N. S. da Conceição, que pelo tempo adiante veio a ser elevada à categoria de matriz. Foi esta povoação dotada em 27 de agosto de 1832 duma escola de primeiras letras, por decreto da assembleia geral, e sucessivamente condecorada com o título de vila por lei da assembleia provincial, que lhe assinalou por distrito o termo de sua antiga freguesia. A população é avaliada em três mil habitantes, que cultivam canas, mandioca, milho, linho e legumes. Há em seu distrito obra de trinta engenhos e fábricas de destilação de aguardente que trabalham todos os anos no tempo da safra.

Lagoa.⁷³¹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Ajuruoca, perto da cabeceira do rio

Grande, na estrada que vai do Rio de Janeiro para a cidade de São João del Rei. Sua igreja, de que é padroeira N. S. do Rosário, é filial da matriz da vila.

Lagoa. Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Ouro Preto, com uma capela dependente da matriz de Cachoeira do Campo.

Lagoa Brava. Lagoa da província do Rio de Janeiro, a qual provém do ribeiro Bacaí; tem obra de meia légua de comprimento, e vai se unir com a de Maricá.

Lagoa Clara. Povoação da província da Bahia, no distrito de Rio de Contas, com uma escola de primeiras letras para meninos, criada por lei provincial de 26 de março de 1840.

Lagoa da Serra. Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Barros*, lagoa.)

Lagoa de Cajubá. Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande, entre a lagoa Mirim e o Oceano, ao noroeste da lagoa da Mangueira. Tem perto de duas léguas de comprimento.

Lagoa de Mostardas

Lagoa de Cima. Lagoa da província do Rio de Janeiro, quatro léguas ao poente da cidade de Campos, com obra de duas léguas de comprimento, e perto de uma no ponto onde é mais larga. Suas margens são cobertas de canaviais, objeto de indústria de parte de seus moradores, sendo que o restante deles se ocupam em fazer corte de madeiras de construção nas matas que ficam ao poente da lagoa, a qual comunica com o rio Paraíba por um sangradouro do comprimento de mais de uma légua. Nesta lagoa deságua pela margem ocidental o rio Imbé, e de sua extremidade ocidental nasce o rio Ururaí, que vai desaguar na lagoa Feia.

Lagoa de Jesus. Lagoa da província do Rio de Janeiro, na comarca de Campos, ao norte da lagoa Feia, com a qual comunica. Junto desta lagoa existe um engenho com uma capela da invocação da Madre de Deus.

Lagoa de Mostardas. Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande, entre a lagoa dos Patos e o Oceano, perto da estrada que vai da vila de São José para a cidade de Porto

⁷³⁰ Atual cidade de Florianópolis/SC. (N/E)

⁷³¹ Atual cidade de Alagoa/MG. (N/E)

Lagoa do Campo

Alegre. Dá-se-lhe vulgarmente o nome de Lagoa do Peixe por ser mui abundante de pescado; tem nove léguas de comprimento, pouca largura, e de cinco até oito palmos de fundo.

Lagoa do Campo. Lugarejo da província do Espírito Santo, na margem oriental da lagoa de que tomou o nome, e perto do canal ou desaguardouro que leva ao mar o supérfluo de suas águas. Foi neste canal que se estabeleceu em 1800 o quartel dos Comboios, de que se originou esta povoação.

Lagoa do Campo. Lagoa da província do Espírito Santo, entre o rio Cricaré ou São Mateus, e o Doce, a pouca distância do mar. Comunica com a lagoa Juparanã pela margem ocidental, por um canal estreito, e com o mar por outro que se acha na oriental.

Lagoa Dourada.⁷³² Povoação da província de Minas Gerais, seis léguas ao nor-noroeste da vila de São José. Está situada na margem duma lagoa onde havia uma mina de ouro abundante, hoje de todo esgotada, e

é ornada de duas igrejas: a principal delas foi elevada à categoria de paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filiais as igrejas das povoações de Curralinho, Desterro, Lage e Olho d'Água. As casas acham-se dispostas sem ordem junto da lagoa, e têm cada uma seu quintal. Os fregueses da Lagoa Dourada são quase todos cultivadores de mistura com alguns mineiros.

Lagoa Grande. Lagoa na parte oriental da província de Santa Catarina, com duas léguas de comprimento e meia de largo. Esta lagoa estreita-se no meio, de sorte que parece repartir-se em duas, ambas mui abundantes de pescado. Na estação das chuvas veem-se os moradores da vizinhança obrigados a abrirem um desaguardouro para dar saída para o mar às águas que alagam as terras baixas vizinhas, desaguardouro que é em breve entupido com as areias que o mar acarreta.

Lagoa Santa.⁷³³ Povoação da província de Minas Gerais, nas margens da lagoa do mesmo

nome, na comarca do Rio das Velhas, quatro léguas ao nordeste da vila de Sabará. As qualidades medicinais das águas desta lagoa, assinaladas em 1749 pelo doutor Cialli⁷³⁴, deram ocasião à fundação desta povoação pelo grande número de doentes que a elas acudiram; edificou-se uma igreja dedicada a N. S. da Saúde, e como a população fosse em aumento, um decreto de 28 de junho de 1831 a dotou duma escola de primeiras letras.

Lagoa Santa. Lagoa da província de Minas Gerais, quatro léguas ao nordeste da vila de Sabará. Suas águas são cristalinas, mas nelas não se dissolve o sabão: quando o tempo está sereno vê-se o fundo da lagoa, que é de cor amarelenta. O médico Cialli, natural de Roma, analisou em 1749 estas águas, e achando nelas aço e vitríolo, efetuou um sem número de curas de afecções cutâneas, surdez, obstruções viscerais, disenteria, doenças venéreas e escorbuto. Que fonte de prosperidade para o país, se se soubesse tirar proveito delas! Em 1820 publicou-se no Rio de

⁷³² Atual cidade de Lagoa Dourada/MG. (N/E)

⁷³³ Atual cidade de Lagoa Santa/MG. (N/E)

⁷³⁴ O autor refere-se ao médico italiano Antônio Cialli Romano, que escreveu em 1749 obra sobre as propriedades das águas de Lagoa Santa. Título da obra: Relação histórico-médica que no descoberto das águas minerais da Lagoa Grande oferece a Majestade Del Rei Fidelíssima D. João V, Antônio Cialli Romano, Mestre em Artes, Doutor em Medicina pela Universidade de Roma e sócio da Pontifícia Academia Hyacinthina com o particular emprego de botânico. (N/E)

Janeiro uma descrição desta lagoa, na qual se dizia que tinha meia légua de comprimento e um quarto de légua de largura, com trinta e cinco palmos de profundidade, e que dela manavam vários olhos d'águas minerais, sempre cristalinas e tépidas. Quando as águas estão quedas oferecem na superfície uma espécie de película ou teagem cor de aço, que se desfaz com a menor agitação e prateia os beiços dos que delas bebem. Um sem número de pessoas se não curado tomando-as interiormente ou em banho. Abunda esta lagoa em pescado, e em certo tempo do ano acha-se coalhada de aves, e verte o supérfluo das águas num ribeiro que se junta em distância de duas léguas no rio Guaicuí ou das Velhas, pela margem oriental.

Lagoas de Camacho ou de Gamacho. Lagoa da província de Santa Catarina. (V. *Camacho*.)

Lagoa Verde. Lagoa da província de Minas Gerais, na margem esquerda do rio de São Francisco, entre a lagoa Feia, e o confluente do rio Bambuí. Chamam-na *Verde* por causa da cor de suas

águas, tem légua e meia de comprimento com metade de largo, e é um viveiro de sucuriús e jacarés.

Lagoinha. Pequena lagoa da serra de Tejuco, perto da cidade do Rio de Janeiro. Abriu-se em 1832 um canal de obra de alvenaria para conduzir as águas desta lagoa ao aqueduto de Santa Tereza que alimenta d'águas a capital.

Lagoinhas. Dá-se este nome a várias lagoas que se acham na ilha de Santa Catarina, perto de sua margem ocidental, e ao sueste da cidade do Desterro. A maior pode ter meia légua de comprido e um quarto de légua de largo com dez braças de fundo, segundo dizem; e a mais pequena, chamada *Lagoinha de Leste*, tem obra de trezentas e cinquenta braças de comprido e cem de largo. Nas adjacências destas lagoas existe uma armação de baleia, fundada em 1772, com uma capela dedicada a Santana, e as terras são ótimas para o plantio das canas.

Laguna.⁷³⁵ Vila medíocre, se bem que a mais considerável da província de Santa Catarina, em vinte e oito graus, vinte

e oito minutos e vinte e três segundos de latitude, assentada na margem ocidental da lagoa de que toma o nome, ao pé dum outeiro que a provê de excelente água e perto da embocadura do rio Tubarão. Jaz esta vila dezoito léguas pouco mais ou menos ao sul da cidade do Desterro, e quatro ao norte do cabo de Santa Marta. No meado de século XVII, Domingos Peixoto de Brito, natural de São Vicente, alcançou uma sesmaria com licença para fundar uma vila nas margens da lagoa de Camacho; preferiu ele estabelecer-se nas bordas da de Laguna (1654 ou 1656) e pretendeu estender a jurisdição da nova vila até o rio da Prata ou antes até o Rio Grande, que ainda se não achava povoado. O primeiro monumento que se edificou nas margens desta lagoa foi uma capela da invocação de Santana, onde os quatro filhos do Velho Monteiro se vieram refugiar depois de presenciarem o assassinato do seu pai na ilha de Santa Catarina. Aumentando-se rapidamente a população edificou-se mais outra igreja, na entrada da lagoa, com a invocação de Santo Antônio das Areias, a qual conservou este nome até

⁷³⁵ Atual cidade de Laguna/SC. (N/E)

Laguna

o ano de 1795, em que se lhe concederam vários privilégios, trocando-lhe o nome no de Santo Antônio dos Anjos, e foi afinal definitivamente elevada à categoria de paróquia, por lei de 11 de novembro de 1797. A vila da Laguna foi condecorada com o título de baronia em 1818, por El-Rei D. João VI que conferiu o título de barão ao tenente general Frederico Lecor, depois visconde do mesmo nome. Consta esta vila dum quadrilátero formado por três ruas paralelas as quais são cortadas por muitas outras, com uma praça, onde se vê a casa da câmara, cuja loja serve de cadeia. Grande parte das casas são de pedra, e algumas de sobrado; a igreja matriz é a única que há na vila, cuja população é avaliada em mil habitantes que caçam e negociam nos gêneros do país. O distrito de Laguna consta da freguesia da vila e da de Santana de Vilanova, e encerra perto de seis mil habitantes pela maior parte lavradores de mandioca, linho, arroz e milho, cujos gêneros, junto com madeiras de construção e peixe salgado, são os únicos objetos de exportação. Nos tempos antigos cultivavam-se

neste distrito trigo e mais cereais, porém este gênero de cultivo cessou de ser proveitoso, e foi por conseguinte abandonado, depois que os Americanos Ingleses introduziram em todas as principais vilas do Brasil as suas farinhas, e as deram a baixo preço. As embarcações que não demandam senão dez pés d'água entram e vão tomar carga no porto desta vila.

Laguna. Lagoa da província de Santa Catarina, quatro léguas ao norte do cabo de Santa Marta. Estende-se de norte a sul na vizinhança do mar obra de cinco léguas, e pode ter duas em sua maior largura, e une-se pela extremidade sul com o rio Tubarão perto de sua embocadura. Com ser frequentada por tubarões e outras espécies vorazes, não deixa esta lagoa de ser piscosa; nela pescam os moradores várias qualidades de pescado que salgam para a venda e exportação. As sumacas navegam nela e vão até a povoação de Santana, vulgarmente apelidada Vilanova. Suas margens são semeadas de lugarejos, cujos moradores têm cada um sua canoa. A vila de

Laguna, assentada na margem oriental desta lagoa, oferece uma vista agradável de qualquer parte que se olha.

Lamalonga. Freguesia da província do Pará, na Guiana brasileira, sobre a margem direita do rio Negro, três léguas acima de Tomar. Deve a sua origem à desunião em que viveram os capitães José João Dari e Alexandre de Souza Cabacabari, ambos residentes na aldeia de Tomar: por ocasião dela deixou o primeiro a dita aldeia, e foi residir com os seus a três léguas dela, e ali edificou uma igreja ao santo de seu nome, e fez com que se lhe agregassem Índios de diversas tribos, com o que se engrossou a povoação.

Lambari.⁷³⁶ Povoação da província de Minas Gerais, numa estrada assaz frequentada entre o rio Verde e a cidade da Campanha; é assim chamada do ribeiro do mesmo nome, afluente da margem esquerda do rio Verde, que por ela passa. Sua igreja, dedicada ao Bom Jesus, depende da igreja matriz da cidade.

⁷³⁶ Atual cidade de Lambari/MG. (N/E)

Lambari. Rio da província de Minas Gerais, que passa pelo distrito de Tamanduá, e se ajunta pela margem direita com o rio de São Francisco, treze léguas acima da junção do Paraopeba.

Lambari. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Resende. Lança-se no Paraíba pela margem esquerda.

Lambari. Ribeiro da província de Minas Gerais: rega a povoação de seu nome três léguas a leste da cidade da Campanha, e se perde no rio Verde pela margem esquerda.

Lamego. Pequena aldeia da província de Mato Grosso, na margem direita do rio Guaporé, duas léguas ao norte da junção do rio Bauré pela margem esquerda.

Lamim.⁷³⁷ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Queluz, que pertenceu por muito tempo ao termo da freguesia de Itaberava, e foi em 1840 anexada por lei provincial à freguesia de Catas Altas, criada nesta mesma ocasião pela dita lei.

Lançóis. Ribeiro da província de São Paulo: corre por terras ocupadas por Índios bravos, e vem se unir com o Tietê pela margem esquerda, tendo neste ponto quatro braças de largura, distância de seis dias de jornada da vila de Porto Feliz.

Lançóis Grandes. Praia arenosa da costa da província do Maranhão, entre a embocadura do rio Preguiça e a praia dos Mangues Verdes. São tão brancas as areias, que vista de longe parece-se esta praia com um vasto lençol estendido, e tem de leste a oeste obra de seis léguas, indo fenecer no monte Alegre.

Lançóis Pequenos. Praia arenosa e baixa da costa da província do Maranhão fronteira às dunas, entre o rio Tutóia e o Preguiça, com quatro léguas de extensão. Deram-lhe este nome pela mesma razão que dissemos no artigo precedente.

Lanhosa. Aldeia sem importância da província de Goiás, vinte e duas léguas ao sul da vila de Desemboque, e ao sueste da capital da província.

Foi fundada em 1750 e povoada de Índios Bororós, para resistirem aos acometimentos dos Caiapós que infestavam a estrada do sul desta província. Com se achar numa situação agradável sobre uma estrada real, e sobre o rio Uberava Falsa, a dez léguas de sua junção com o rio Grande da província de Minas Gerais, sua população está reduzida a mui pouca cousa.

Lapa. Nova vila e antiga povoação de pouca importância da província de Santa Catarina entre o rio Itajaí e a vila de Lages, que se aumentou sensivelmente com a frequentação da estrada que jaz entre ela e a cidade do Desterro; assim que entendendo a assembleia provincial que se devia criar uma vila neste ponto, fez escolha da povoação da Lapa, e conferindo-lhe este título por lei de 1839 ou 1840, lhe conservou o mesmo nome.

Lapa.⁷³⁸ Povoação da província de Minas Gerais, três léguas a és-nordeste da cidade de Sabará, com uma igreja da invocação da Senhora da Lapa, que foi largo tempo filial da matriz

⁷³⁷ Atual cidade de Lamim/MG. (N/E)

⁷³⁸ Atual distrito de Ravena, município de Sabará/MG. (N/E)

Lapa

da vila de Sabará, e é hoje dependente do distrito de Caeté.

Lapa. Povoação da província do Ceará, no distrito da Vila da Imperatriz. Jaz na serra Meruoca e tem uma capela que depende da freguesia de Almofala.

Lapa. Povoação da província de Goiás, na margem do rio Vermelho, com uma ponte sobre o dito rio, a qual foi levada pela cheia de 1839, que tantos estragos fez nas terras do distrito da cidade de Goiás.

Lapa do Ribeirão.⁷³⁹ Antiga povoação da ilha de Santa Catarina. (*V. Ribeirão*, vila.)

Laranjal. Lugarejo da província do Maranhão, no distrito da vila de Turiaçu, assentado na margem oriental do rio Turi, a vinte léguas do mar. Chegam a este lugar as canoas subindo pelo dito rio.

Laranjeiras.⁷⁴⁰ Vila da província de Sergipe, a quatro léguas do mar, na margem esquerda do rio Cotindiba. Apesar da bondade do sítio, a povoação da antiga freguesia

de Laranjeiras se conservou no mesmo ser durante mais dum século, sem que houvesse mudança nem aumento, não obstante a excelência de suas terras, enquanto durou o sistema colonial. Haviam os primeiros moradores edificado uma igreja de que era padroeiro São Joaquim, a qual em 1821 foi elevada à categoria de paróquia, em virtude duma resolução régia de 17 de dezembro. Esta igreja é presentemente dedicada ao Santo nome de Jesus. Quase nesse mesmo tempo instituiu-se nesta povoação uma escola de primeiras letras para os meninos, e em 1831 outra para as meninas. No ano seguinte um decreto da assembleia geral de 7 de agosto lhe conferiu afinal o título de vila, assinando-lhe por distrito o próprio termo de sua freguesia. Edificou-se na nova vila um hospital da caridade o qual foi dotado com algumas lotarias votadas pela assembleia provincial de 1839. É esta vila cabeça dum colégio eleitoral que constou de trinta e oito eleitores em 1843. Há alfândega em seu porto em que grande número de sumacas vêm carregar al-

godão, couros e víveres que levam ora para a cidade da Bahia, ora para Pernambuco, e para o Rio de Janeiro. Seu distrito se acha circunscrito pelos ribeiros Poxim-Mirim, Jacaracica, e Salobro, e pelos rios Poxim e Sergipe. Avalia-se a sua população em mais de três mil habitantes entre lavradores, mercadores e criadores de gado.

Laranjeiras. Freguesia da província de Pernambuco, na comarca de Goiana, com uma igreja dedicada a São Joaquim, que foi criada paróquia no princípio do presente século.

Laranjeiras. Pequena aldeia de índios na ponta do mesmo nome, na província do Rio de Janeiro, duas léguas ao nascente da cidade de Angra dos Reis, e perto da vila de Mangaratiba.

Laranjeiras. Ilha da baía de Niterói, na província do Rio de Janeiro. Seus moradores pertencem à freguesia da ilha do Governador.

Laranjeiras.⁷⁴¹ Povoação da província do Rio de Janeiro, perto da cidade, e nas mar-

⁷³⁹ Atual distrito de Ribeirão da Ilha, município de Florianópolis/SC. (N/E)

⁷⁴⁰ Atual cidade de Laranjeiras/SE. (N/E)

⁷⁴¹ Atual bairro de Laranjeiras, cidade do Rio de Janeiro/RJ. (N/E)

gens dum ribeiro do mesmo nome, que se lança na baía de Botafogo.

Laranjeiras. Ribeirão que nasce na província de Minas Gerais, passa ao ocidente da serra das Safiras, e vai juntar-se com o rio Doce pela margem esquerda, entre a cachoeira intitulada Cachoeirinha e o confluente do rio Cuiaté.

Latadas. Lugarejo da província do Ceará, pertencente à freguesia da vila de São Bernardo.

Lavandeiras. Um dos três arrecifes do cabo de São Roque, na província do Rio Grande do Norte, quase defronte da ponta dos Três Irmãos, em quatro graus, cinquenta e quatro minutos e quarenta segundos de latitude, e trinta e oito graus, vinte e dois minutos e vinte e cinco segundos de longitude oeste. As sumacas passam entre a costa e este arrecife, porém os pescadores se aventuram às vezes a passar entre ele e o das Urcas, que fica algumas léguas mais ao poente.

Lavras da Mangabeira.⁷⁴² Antiga povoação da província do Ceará. (V. *São Vicente das Lavras*, vila.)

Lavras de Funil.⁷⁴³ Pequena vila da província de Minas Gerais, quinze léguas ao nordeste da cidade de Campanha, e quarenta ao oés-sudoeste da de Ouro Preto, em vinte e um graus e dezessete minutos de latitude. Teve princípio em 1720, época em que se descobriram em suas adjacências alguns vieiros de ouro abundantes que foram lavrados pelos Paulistas, aos quais se agregaram muitos dos moradores da província, os quais, aplicando-se especialmente ao amanho e cultivo das terras, vendiam por alto preço aos mineiros os víveres de que necessitavam. Havia-se ali edificado uma igreja a N. S. da Conceição, que foi tida em conta de paróquia desde o ano de 1724, posto que não alcançasse definitivamente este título senão no ano de 1813, por uma resolução régia de 19 de julho, que a anexou ao distrito da vila de São João del Rei. Foi esta freguesia afinal criada vila por lei de 13

de outubro de 1831, que lhe assinalou por distrito o termo de sua freguesia e o de Dores do Pântano. A maior parte das ruas, que ainda estão por calçar, são tortuosas; só uma é direita e se distingue por sua largura, tendo num topo a igreja matriz e noutra a igreja de Santo Antônio. As casas de sobrado são raras. No alto existe outra igreja, da invocação de N. S. do Rosário, que se avista de longe. Construiu-se nesta vila uma cadeia cujo primeiro andar serve de casa da câmara. Esgotadas as minas, aplicaram-se os habitantes à agricultura, comércio, e outros ramos de indústria; assim observa-se neles certo ar de opulência que raramente se encontra naqueles que se obstinam na extração do ouro que se tornou raríssimo. Vê-se nesta vila oficinas de sapateiros e alfaiates; as mulheres fiam, e fazem teias de algodão, ao passo que os escravos se ocupam de descarotá-lo com um engenho próprio para este fim. O algodão fiado, como o que se acha em rama, é transportado para o Rio de Janeiro em bestas muares, e em carros puxados

⁷⁴² Atual cidade de Lavras da Mangabeira/CE. (N/E)

⁷⁴³ Atual cidade de Lavras/MG. (N/E)

Lavras do Sutil

por bois que o levam até a vila de São João del Rei. Vários ribeiros e rios fertilizam o distrito desta nova vila, o qual se acha circunscrito ao norte pelo rio Grande, e ao sul pelo Verde, tributário do Sapucaí. Cultivam-se nele em abundância algodoeiros, e colhe-se igualmente grande quantidade de milho, arroz, feijões, laranjas, e vários frutos do país, posta de parte a lavra do trigo, depois que os Europeus e Americanos abasteceram de farinha todas as vilas e cidades marítimas do Brasil. Avalia-se a população deste distrito em doze mil habitantes.

Lavras do Sutil.⁷⁴⁴ Antiga aldeia da província de Mato Grosso. (V. *Cuxipó*.)

Lavras Novas.⁷⁴⁵ Povoação da província de Minas Gerais. Fazia antigamente parte da freguesia de Itatiaia, a qual tendo sido suprimida por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, foi esta povoação anexada à freguesia de Antônio Dias Abaixo.

Lavrinhas. Povoação da província de Mato Grosso, na

estrada que vai da cidade de Mato Grosso para a de Cuiabá, e dezesseis léguas ao nor-nordeste desta, em quinze graus e treze minutos de latitude. Acha-se esta povoação mui descaída da antiga opulência depois que se estancaram as minas, e consta tão somente de seiscentos habitantes, incluindo nesta conta algumas famílias de Índios que vivem de caça e de pesca; os demais continuam ainda na lavra das minas, em vez de tratar da da terra, que lhes daria mais abastança.

Lavrinhas. Povoação da província de Goiás, no distrito da vila do Pilar, entre esta vila e a povoação d'Água Quente, quarenta e duas léguas ao norte da cidade de Goiás, com uma igreja da invocação de São Sebastião, filial da matriz da vila do Pilar. Sua população tem insensivelmente diminuído, depois que se foram tornando mais dispendiosas as lavagens e lavra das minas.

Lenheiro. Serra da província de Minas Gerais, perto da vila de São João del Rei. Achou-se no princípio do descobrimento por entre a relva que en-

tapizava as suas faldas uma camada de ouro em pó de duas para três linhas de espessura, e atualmente para se ter algumas palhetas deste metal é mister pulverizar bocados de rocha.

Leonil.⁷⁴⁶ Aldeia da província de Mato Grosso, sobre a margem direita do rio Guaporé, oito léguas acima do forte do Príncipe da Beira. Foi originalmente apelidada *Casa Redonda*, e nela residiu longo tempo Domingos Álvares da Cruz que se tinha ajuntado com três caciques das tribos Meões, Guajarutas e Mequéns, que ele tinha a indústria de trazer sujeitos à sua obediência. Morto ele, estavam os Índios a ponto de se deramarem, quando interveio o missionário Agostinho Lourenço, que os fez mudar de resolução, e obrigou-os com boas razões a edificar uma igreja a São José, para nela instruí-los nos deveres da religião cristã; porém como todos os anos lhe levassem as febres grande número de neófitas, ele trasladou-os para as terras altas perto do confluente do ribeiro Meões, chamado também *São Domingos*,

⁷⁴⁴ Atual distrito de Coxipó do Ouro, município de Cuiabá/MT. (N/E)

⁷⁴⁵ Atual distrito de Lavras Novas, município de Ouro Preto/MG. (N/E)

⁷⁴⁶ Atual cidade de Costa Marques/RO. (N/E)

e fez-lhes fazer outra igreja com a invocação do mesmo Santo, nos fins do ano de 1756. Ensinou-lhes o missionário a cultivar as canas-de-açúcar, e a plantar algodoeiros, a fabricar panos de algodão para se cobrirem, e a destilar alguma aguardente; porém quando o novo estabelecimento começava a prosperar, viu-se aquele instituidor, não menos religioso que filósofo, obrigado a retirar-se do Brasil, em consequência do decreto de 3 de setembro de 1759, que desterrava para sempre os jesuítas dos domínios da Coroa de Portugal. O governador de Mato Grosso, Rolim de Moura, pôs no lugar do missionário o padre Domingos Gomes da Costa, a fim de manter nas mesmas disposições os Índios, cuja igreja foi desde então reputada paróquia. Em 1769 o governador Luiz Pinto de Souza pôs a esta aldeia o nome de Leonil. Consta a população desta freguesia de mil habitantes de diferentes raças índias mescladas umas com outras, cujas mulheres fabricam louça de barro que vendem aos Paraenses e aos habitantes de Mato Grosso, ao

passo que os maridos caçam e pescam, e o mais do tempo passam sem fazer cousa alguma.

Leonissa. Aldeia de Índios Coroados, na província do Rio de Janeiro, distrito de Cantagalo. (V. *Pedra*, aldeia.)

Leopoldina.⁷⁴⁷ Colônia alemã da província da Bahia, perto do rio Peruípe, no distrito da vila de Caravelas. Foi fundada por D. Pedro I em 1825, que lhe pôs o nome da Imperatriz sua esposa. Em 1835 constava de cento e cinquenta e seis famílias que se ocupavam no cultivo do café, cuja exportação nesse mesmo ano chegou a vinte e sete mil, cento e trinta arrobas. É natural que novos habitantes se estabeleceram nas terras do sertão e tornaram produtivo um país que era um ermo antes da fundação desta colônia.

Limão. Serra da província do Ceará, perto da antiga aldeia Mecejana. Divide o distrito da cidade de Fortaleza do da vila de Aquirás.

Limeira.⁷⁴⁸ Freguesia da província de São Paulo, no

distrito de Piracicaba, célebre pela rebelião que fomentou em 1842 o cirurgião Patrício da Silva Manso, rebelião que foi imediatamente comprimida.

Limoeiro.⁷⁴⁹ Pequena vila da província de Pernambuco, cabeça da comarca de seu nome, na margem setentrional do rio Capibaribe, vinte léguas ao poente da cidade do Recife. Um alvará de 27 de julho de 1811 conferiu à povoação de Limoeiro o título de vila, assinando-lhe por distrito o termo de sua própria freguesia com os das de Bom Jardim e Tacuaritinga. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. da Expectação. Há nesta vila um mercado por semana, e os habitantes de seu distrito, avaliados em dez mil, cultivam os víveres do consumo e algodão que exportam pelo rio para a cidade do Recife.

Limoeiro.⁷⁵⁰ Povoação da província das Alagoas, no distrito da Vila da Assembleia, com uma igreja dependente da matriz da vila.

Limoeiro. Canal natural ou *iguarapé*, na província do Pará,

⁷⁴⁷ Atual localidade de Colônia Leopoldina, município de Nova Viçosa/BA. (N/E)

⁷⁴⁸ Atual cidade de Limeira/SP. (N/E)

⁷⁴⁹ Atual cidade de Limoeiro/PE. (N/E)

⁷⁵⁰ Atual cidade de Limoeiro de Anadia/AL. (N/E)

Limonha

que o rio Tocantins forma sobre sua margem esquerda, o qual separa da terra firme a ilha Araraí; jaz cinco léguas abaixo da vila de Cameté.

Limonha. Serra da província do Ceará, vizinha da dos Cairiris.

Limpeza. Povoação da província do Maranhão, no distrito da cidade de Caxias, nas margens dum ribeiro de seu nome que se lança no Itapicuru, pela margem direita, entre Caxias e Codó.

Linhares.⁷⁵¹ Vila da província do Espírito Santo, entre a lagoa Juparanã e a margem esquerda do rio Doce, a quatro léguas do mar. Foi originalmente uma aldeia de Índios Botocudos, na qual o governador da província, Antônio Pires da Silva Pontes Leme, colocou no ano de 1792 um destacamento a que pôs o nome de *Contins*. À imitação de Sebastião Fernandes Tourinho, o qual primeiro que todos explorou este país em 1593, subiu o

comandante pelo rio Doce, e deitou até a cachoeira Escadinha, onde ora jaz o Porto de Souza, e colocou nas margens do dito rio vários postos tanto para ter em respeito os Índios bravos, como para animar e facilitar a civilização dos Índios mansos, postos que se converteram em povoações mais ou menos importantes. O conde de Linhares, ministro secretário de Estado, interessou-se na prosperidade daquele país novamente descoberto, e criou uma freguesia que devia compreender todas as pequenas povoações que se formassem perto do rio Doce, entre a cachoeira Escadinha e o mar. Com esta ligeira esperança foi a aldeia de Contins escolhida para cabeça da nova paróquia, e tomou o nome de Linhares; porém a morte veio atalhar os projetos do ministro, e o termo da projetada freguesia se foi despovoando sem que em tão vasto país se edificasse uma só igreja. Francisco Alberto Rubim tratou durante quatro anos de realizar este

projeto do governo, e alcançou em 24 de julho de 1815 um decreto que ordenava a fundação da igreja de Santa Cruz, que devia ser a matriz de quantas se edificassem nas adjacências do rio Doce, na província do Espírito Santo, e o primeiro vigário tomou posse em 1818. No governo constitucional e imperial, engrossou-se este povo em gente, mais do que era para se esperar, e a assembleia provincial, por lei de 1839, lhe conferiu o título de vila, título de que a mesma assembleia o despojou em 1841 por uma nova lei que não foi sancionada pelo presidente da província. O termo da freguesia desta vila confronta, ao norte, com o de Barra Seca; ao sul, o rio Doce o separa do da vila de Almeida; ao oeste, estende-se na cordilheira dos Aimorés, e a leste acha-se limitado por uma parte do termo da freguesia de Barra Seca, que se estende ao longo da beira-mar até o rio Doce. É natural que com o andar dos anos Linhares e Porto de Souza venham a ser

⁷⁵¹ Atual cidade de Linhares/ES. (N/E)

duas vilas sumamente importantes em comércio e agricultura, se a companhia dos barcos de vapor do rio Doce conseguiram alhanar as contrariedades que experimentou desde 1835

Livramento.⁷⁵² Nova vila da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto. (V. *Piumhi*, vila.)

Livramento.⁷⁵³ Antiga povoação da província da Bahia, na comarca de Jacobina. Foi criada vila com o nome de Rio de Contas, num ano, e logo no outro transferida para duas léguas mais longe sobre o ribeiro Brumado. (V. *Rio de Contas*, vila.) Uma lei da assembleia geral de 16 de junho de 1832 instituiu na povoação do Livramento uma escola de primeiras letras para meninos, e outra para meninas. N. S. do Livramento é o orago de sua igreja.

Livramento.⁷⁵⁴ Povoação da província de Mato Grosso, sobre a estrada que vai de Cuiabá para a cidade de

Mato Grosso, com uma capela da invocação do Menino Jesus, que depende da aldeia de Cocais da mesma província.

Livramento.⁷⁵⁵ Povoação da província de Paraíba, no distrito da cidade e uma légua ao norte dela, sobre a margem esquerda do rio Paraíba. Sua igreja, da invocação de N. S. do Livramento, foi criada paróquia por alvará de 2 de setembro de 1813, que lhe assinalou por termo as povoações de Lucena, Fagundes e outras de menos importância; porém uma lei provincial de 12 de novembro de 1840 a despojou deste título, e o transferiu para a igreja da povoação da Guia, a qual ficou com os territórios que pertenciam ao termo do Livramento.

Livramento. Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade, dependente do termo da freguesia de Jacutinga, com uma capela da invocação de N. S. do Livramento.

Livramento. Povoação de pouca importância da província do Ceará, no distrito da vila de São Bernardo, com uma capela da invocação da Senhora do Livramento, filial da matriz da vila.

Livramento. Povoação da província do Ceará, no distrito da vila da Granja. Seus moradores cultivam os gêneros do consumo, e exportam algodão.

Livramento.⁷⁵⁶ Antiga povoação da província de Piauí, a que os Índios haviam posto o nome de Paranauá. (V. *Pernaguá*, vila.)

Livramento do Piumhi.⁷⁵⁷ Antiga povoação da província de Minas Gerais. (V. *Piumhi*, vila.)

Lixa. Povoação da província de Minas Gerais, na comarca de Ouro Preto, com uma igreja da invocação de N. S. da Conceição, filial da matriz da freguesia de Forquém.

Lobos. Pequena ilha da província de Santa Catarina: jaz

⁷⁵² Atual cidade de Piumhi/MG. (N/E)

⁷⁵³ Atual município de Livramento de Nossa Senhora/BA. (N/E)

⁷⁵⁴ Atual cidade de Nossa Senhora do Livramento/MT. (N/E)

⁷⁵⁵ Atual cidade de Livramento/PB. (N/E)

⁷⁵⁶ Atual cidade de Parnaguá/PI. (N/E)

⁷⁵⁷ Atual cidade de Piumhi/MG. (N/E)

Logrador

diante do canal da lagoa Laguna, na embocadura do rio Tubarão.

Logrador.⁷⁵⁸ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito da vila de Porto Alegre, na qual houve durante muito tempo um juiz pedâneo, sujeito ao ouvidor de Paraíba, até que o contrário foi determinado por alvará de 18 de março de 1818, o qual separou a comarca de Paraíba em duas partes, uma com este nome, e outra com o de Rio Grande do Norte.

Lombas.⁷⁵⁹ Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, no distrito da vila de Santo Antônio da Patrulha. Quando os primeiros exploradores, no meado do século XVIII, se estabeleceram nas adjacências da costa do norte desta província, acharam aquelas terras desertas; porém como edificassem uma igreja que dedicaram a Santana, passado algum tempo, foi a dita igreja elevada à categoria de paróquia por ordem régia de 26 de março de 1772, que lhe assinalou por termo parte da freguesia de Santo An-

tônio da Patrulha, ao nascente e ao norte da dita povoação, a qual veio ao depois a ser criada vila. Os fregueses de Lombas cultivam mandioca, linho, arroz, milho e cebolas mui grandes, gêneros que têm extração na província, e que exportam até ao Rio de Janeiro. A população desta freguesia é avaliada em mil e duzentos habitantes.

Longá. Rio da província de Piauí: nasce nos campos que demoram ao norte do rio Poti, passa a duas léguas da vila de Campo Maior, caminhando no mesmo rumo que o rio Parnaíba, com quem afinal se ajunta pela margem direita, a doze léguas do mar. Seu curso total é de perto de cinquenta léguas, porém não começa a ser navegável senão do sítio da Vitória por diante, donde caminhando obra de vinte léguas mais, antes de ajuntarse com o mencionado Parnaíba, recolhe sobre a esquerda o ribeiro Marataoã, e sobre a direita o Sorubim e Piracruca, que lhe engrossam a corrente. Suas margens são rasas, e com muitas lagoas que se secam, quando as calmas aturam muito; o mesmo

acontece em algumas partes de seu leito.

Lontra. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Cabo Frio: nasce da cordilheira, e corre para o nascente até ir juntar-se com o rio de São João, pela margem esquerda, entre o rio Ipuca e o ribeiro Dourado.

Lopo. Serra da província de Minas Gerais, na comarca de Sapucaí, no termo da freguesia de Cabo Verde.

Lorena.⁷⁶⁰ Vila da província de São Paulo, na margem direita do rio Paraíba, quarenta léguas pouco mais ou menos, ao nordeste da cidade de São Paulo. Ao princípio era um arraial chamado Guaipacaré, com uma igreja matriz que tinha por orago N. S. da Piedade: foi criada vila em 1788 pelo governador de São Paulo, Bernardo José de Lorena, que lhe deu o seu nome. Esta vila é atravessada pela estrada que vai da cidade de São Paulo para a província de Minas Gerais, e que se cruza com a principal do Rio de Janeiro. Seu distrito foi coarctado para se formar o da

⁷⁵⁸ Atual cidade de Logradouro/PB. (N/E)

⁷⁵⁹ Atual localidade de Lombas, município de Santo Antônio da Patrulha/RS. (N/E)

⁷⁶⁰ Atual cidade de Lorena/SP. (N/E)

vila das Areias e o da do Bananal; nele se colhe, além dos objetos ordinários de consumo, grande quantidade de café, e cria-se um grande número de porcos e de galinhas que se levam a vender ao Rio de Janeiro, que fica distante de Lorena trinta e oito léguas. A população é de seis mil habitantes.

Loreto.⁷⁶¹ Freguesia da província do Pará, na margem direita do rio Negro, seis léguas abaixo da cachoeira Maracabi; sua igreja é dedicada a N. S. do Loreto. Seus moradores são de raça indiana.

Loreto. Antiga missão portuguesa, na margem esquerda do Uruguai, trinta léguas abaixo da confluência do Iguaraçu. No fim do século passado constava ainda de mil habitantes, mas em 1823 apenas havia ali nove famílias, e presentemente se acha quase desamparada.

Lucena.⁷⁶² Povoação da província de Paraíba, perto da ponta de terra do mesmo nome, e na barra da enseada da banda do norte da dita ponta. Acha-se esta povoação com-

preendida no termo da segunda freguesia da cidade de Paraíba; nela residia um prefeito em virtude da lei provincial de 15 de abril de 1837, o qual foi suprimido, depois que se nomearam chefes de polícia para cada província com subdelegados.

Lucena. Ponta da costa da província de Paraíba, ao norte da embocadura do rio deste nome, em seis graus, cinquenta e três minutos e trinta e cinco segundos de latitude, e trinta e sete graus, doze minutos e cinquenta segundos de longitude oeste. Ao norte da ponta de Lucena jaz a enseada do mesmo nome, onde vai desaguar o rio chamado Meriripe, a qual tem bom surgidouro para os navios, que ali se acham amparados contra os ventos do sul e do sueste, mas não assim contra os do norte até leste.

Lugar dos Índios. Povoação de Índios, no centro da ilha do Maranhão, no distrito da vila de Passo do Lumiar, com uma igreja matriz e uma escola de primeiras letras instituída em 1841.

Luiz Alves. Rio da província de Goiás, conhecido também com o nome de Manoel Alves Meridional. Conservar-lhe-emos o primeiro para o diferenciar do rio Manoel Alves Setentrional, situado oitenta léguas mais para o norte. Nasce este rio da serra do Duro, ao norte do registo do mesmo nome, corre do nascente para o poente obra de quarenta léguas por terras pouco conhecidas, e vai se lançar no Tocantins, vinte e oito léguas abaixo do lugar, onde este rio se forma da junção do Maranhão e do Paranatinga. O curso deste rio, se se excetuam alguns lugares onde se encontram algumas cachoeiras, é livre e desembaraçado; nele se encontram algumas espécies de tremelgas, e as horríveis serpentes apelidadas minhocão, sucuru e sucuriú, e grande quantidade de jacarés.

Luiz Alves. Ribeiro da província de Santa Catarina, na terra firme: desce do serro Baú, conhecida baliza dos navegantes, e tomando o rumo do sul se vai ajuntar com o rio Tajai.

⁷⁶¹ Atual localidade de Loreto, município de Santa Isabel do Rio Negro/AM. (N/E)

⁷⁶² Atual cidade de Lucena/PB. (N/E)

Luiz Antônio

Luiz Antônio. Arrecife do rio Coxim, na província de Mato Grosso. A correnteza das águas faz que este passo seja perigoso, mas com cautela pode-se vingá-lo sem muito custo.

Luiz Gomes. Serra assaz dilatada, ramo da cordilheira Borborema, nas províncias de Paraíba e do Rio Grande do Norte; dela nasce o rio do Peixe, afluente do das Piranhas. Metade desta serra se acha erma e coberta de arvoredos, ao passo que outra metade se acha inteiramente povoada.

Luiz Gomes.⁷⁶³ Povoação da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Porto Alegre, ao poente do rio das Piranhas, e na serra de seu nome. Seus habitantes cultivam e colhem os gêneros ordinários para seu consumo, e grande quantidade de algodão que exportam.

Lumiar.⁷⁶⁴ Vila da província do Maranhão. (V. *Passo do Lumiar.*)

Luminárias.⁷⁶⁵ Sítio do termo da freguesia de Carrancas, na província de Minas Gerais, que foi desmembrado do distrito da cidade de São João del Rei, e anexado ao da vila de Lavras do Funil, por lei provincial de 15 de março de 1840.

Lustosa. Fazenda considerável, nas matas que jazem entre as províncias de Piauí, Goiás e Pernambuco, por onde passa o rio Preto ou Dourado, pelo qual se navega obra de quinze léguas para ir ter à serra da Mangabeira e dali ao registo do Duro, limite da província de Goiás. A casa do dono desta fazenda, onde os viajantes costumam ir pernoitar, acha-se a vinte léguas da vila de Pernaguá. Entre a fazenda e o registo do Duro jazem terras incultas, faltas d'água e infestadas por Índios bravos da nação Acroás.

Luzéa.⁷⁶⁶ Pequena vila novamente criada da província do Pará, na margem direita do rio Madeira, acima da vila de Borba. Era uma povoação me-

díocre que a assembleia provincial condecorou com o título de vila em 1837, na esperança de que por aquele meio ela assumiria alguma importância e se aumentaria em população; porém os levantamentos que houve no decurso do ano de 1838 a arruinaram completamente, tendo sido tomada e retomada pelas tropas dos rebeldes e pelas da legalidade. Depois deste tempo estabeleceu-se nela um júri, e acabou-se em 1840 a cadeia.

⁷⁶³ Atual cidade de Luís Gomes/RN. (N/E)

⁷⁶⁴ Atual cidade de Paço do Lumiar/MA. (N/E)

⁷⁶⁵ Atual cidade de Luminárias/MG. (N/E)

⁷⁶⁶ Atual cidade de Maués/AM. (N/E)

M

Mabá. Ribeira da Guiana brasileira, afluente do rio Negro, com quem se ajunta pela margem direita entre as povoações de Lamalonga e de Santa Isabel.

Mabé. Nova vila da província do Pará, na Guiana brasileira, na margem esquerda do rio Negro, trinta léguas pouco mais ou menos acima do forte de São Gabriel, com uma igreja dedicada a São João Batista, uma das mais antigas matrizes do Brasil. Teve o título de vila em 1840 por lei provincial, e é povoada de Índios da nação Baniba.

Mabuiauá. Rio da Guiana brasileira, que nasce em Colômbia nas adjacências do nascente do Ixié, e vem ajuntar-se pela margem esquerda com o rio Coiari, afluente do Içana.

Macabu. Ribeirão da província do Rio de Janeiro, que tem nascença no vertente setentrional da serra do Frade, e correndo de oeste para nordeste vai engrossar com suas

cristalinas águas a lagoa Feia. Sobem pelo Macabu acima as canoas por espaço de cinco léguas que são pouco povoadas, não obstante ser o solo na aparência superior para a lavra; em sua cabeceira não se vê vestígio algum de humana indústria, não assim nas terras que ficam na parte inferior do rio, onde se colhe além dos comestíveis do país excelente qualidade de tabaco.

Macacos.⁷⁶⁷ Povoação da província das Alagoas. (V. *Vilanova da Imperatriz*.)

Macacos. Registo da província de Minas Gerais, nas margens do rio Paraopeba, para impedir o extravio do ouro. Ao pé deste registo, na margem esquerda do rio, a vinte léguas de sua junção com o rio de São Francisco, e dez ao nordeste da vila de Pitangui, existe um lugarejo do mesmo nome.

Macacos. Lagoa da província do Pará, com um canal que lhe serve de desaguadouro, e que vai ter ao rio Madeira pela margem direita, entre a vila de Borba, e o Canomá ou Furo dos Tupinambaranas.

Macacos. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, afluente do das Lages; não dá navegação, nem tem outra importância senão a de servir de demarcação entre as freguesias de São Pedro e São Paulo sobre o último destes rios, e a de Tingá, e entre os distritos das vilas de Vassouras e Itaguaí.

Macacu.⁷⁶⁸ Vila da província do Rio de Janeiro. (V. *Santo Antônio de Sá*.)

Macacu. Serra da província do Rio de Janeiro: nela fenece a cordilheira dos Aimorés, e a pequena distância dela começa a serra dos Órgãos.

Macacu. Rio da província do Rio de Janeiro e o maior de quantos deságuam na baía de Niterói. Nasce da serra das Águas Compridas, na extremidade setentrional da dos Órgãos, e no curto espaço de três léguas recolhe um sem número de correntes, e despeñando-se de serra em serra, corta uma e outra vez, descrevendo vários giros, a estrada que vai do Rio de Janeiro para a vila de Nova Friburgo, e começa a dar navegação a ca-

⁷⁶⁷ Atual cidade de União dos Palmares/AL. (N/E)

⁷⁶⁸ Atual cidade de Cachoeiras de Macacu/RJ. (N/E)

Macaé

noas depois que se lhe ajunta o ribeiro Batatá que lhe engrossa do dobro as águas: correndo então do nordeste para o sudoeste, passa pela vizinhança das povoações da Conceição, de Santana, do Carmo ou Colégio e de Ponte de Pinheiro; abaixo desta existe um canal em sua margem direita, que comunica com a esquerda do Guapiaçu, e é vulgarmente chamado *Rio dos Morros*: depois de haver regado a vila de Santo Antônio de Sá, faz o Macacu obra de quatro léguas mais em linha reta e de pouco mais ou menos dez, se se contam as voltas, antes de se ir lançar na baía Niterói. Neste intervalo se engrossa, recolhendo pela esquerda as águas do Cacerubu, do rio da Aldeia ou Tambi, e pela margem oposta perto de sua embocadura as do Guapiaçu. Sua largura é neste lugar de pouco mais ou menos três quartos de légua. Um banco de areia e de vasa que se acha defronte de sua embocadura faz que os barcos não possam nele entrar nem sair nas vazantes das marés, e que sejam em ambos os casos obrigados a esperar pela enchente. O Macacu só abunda em pescado em sua emboca-

dura até as adjacências de Vilanova del Rei, onde por vezes se acha coalhado de aves aquáticas de arribação. As sumacas e outras embarcações do mesmo gênero cursam por ele até o engenho do Colégio; as canoas deitam até Santana, e as que são mais ligeiras vão duas léguas mais adiante até o ribeiro Batatá.

Macaé.⁷⁶⁹ Vila e porto do mar da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio, quarenta léguas pouco mais ou menos a és-nordeste da cidade do Rio de Janeiro, em vinte e dous graus e dezessete minutos de latitude, e quarenta e quatro graus e quatorze minutos de longitude oeste. Foi em sua origem uma fazenda dos jesuítas, que a fundaram no século XVII, na margem do rio Macaé, então dominado pelos Índios Goitacases, e edificaram uma igreja dedicada a Santana. Depois da expulsão da ordem, ocorrida em 1759, algumas famílias brasileiras se foram estabelecer naquelas terras que foram repartidas entre elas pelo governo: tendo-se a povoação aumentado, um alvará de 29 de julho de 1813 lhe conferiu o título de vila com o nome de

São João de Macaé, ficando por conta dos moradores as despesas necessárias para a fábrica dos edifícios indispensáveis numa vila. Determinou-se que seu patrimônio seria de uma légua quadrada de terra, e que seu distrito teria por limites ao norte o rio ou canal Furado; ao sul, o rio de São João; ao nascente o mar, e a cordilheira dos Aimorés ao poente. Consta este distrito da freguesia de São João da vila, e das de N. S. das Neves e Santa Rita, da de Sacra Família do Rio de São João e da de Quiçamão. Em 1815 um alvará de 6 de maio conferiu à igreja de Santana o título de paróquia, com o nome de São João, em honra d'El-Rei D. João VI então príncipe regente, e no mesmo se determinou que o juiz de fora da cidade de Cabo Frio seria encarregado da justiça da nova vila, cujo aspecto é triste. Suas ruas todas mal-alinhadas e por calçar são guarnecidas de casas térreas, pela maior parte cobertas de palha; porém o porto é excelente e acha-se defendido por um forte situado na embocadura do rio. Os brigues podem aproximar-se da vila, e os navios de maior dimensão acham um surgidouro

⁷⁶⁹ Atual cidade de Macaé/RJ. (N/E)

cômodo e seguro na barra entre o continente e as ilhas de Santana. Consiste a indústria dos habitantes de Macaé no cultivo de milho, arroz, feijões, café e canas-de-açúcar, e no corte de madeiras de construção e de tinturaria, taboado, etc., os quais são exportados continuamente em embarcações para diversos portos. Para o do Rio de Janeiro no ano de 1836 constou a exportação de quatorze mil novecentas e quarenta e três sacas de café, cento e quarenta e seis caixas de açúcar, trezentas e oitenta e cinco dúzias de pranchas, e vinte e oito cargas de madeiras de construção.

Macaé. Serra da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Macaé, perto do rio do mesmo nome, e ramo da cordilheira dos Aimorés.

Macaé. Rio da província do Rio de Janeiro: nasce da cordilheira dos Aimorés, ao sueste da vila de Nova Friburgo, corre fazendo mil voltas por espaço de obra de dezesseis léguas, e torna-se navegável depois que se engrossa com as águas do rio de São Pedro: antes de se ajunta-

rem apenas ambos estes rios dão navegação a canoas, mas, passado este ponto, admite o Macaé grandes barcos que por ele navegam distância de sete léguas até se lançar no mar de frente das ilhas de Santana. Os viajantes atravessam-no na vila de seu nome em uma canoa, e levam os cavalos pelas rédeas e a nadar arriscados a serem arrastados pela violência da corrente. Num ponto tão importante como é o de que falamos, e que se acha entre a cidade de Campos e a do Rio de Janeiro, seria de absoluta necessidade a construção duma ponte, que se faria sem muita despesa, atentas as disposições do lugar.

Macaia.⁷⁷⁰ Povoação da província de Minas Gerais, na margem direita do rio Grande, perto da confluência do das Mortes: acha-se incluída no termo da freguesia de Ibituruna, e fica dezesseis léguas ao poente da cidade de São João del Rei.

Maçaió.⁷⁷¹ Cidade marítima e nova capital da província das Alagoas, situada em nove graus e trinta e nove minutos de latitude, e em trinta e oito

graus e quatro minutos de longitude oeste. Está assentada numa eminência da ponta chamada *Verde*, e acha-se de toda a parte rodeada de arvoredo, o que lhe dá um aspecto encantador. Era uma povoação antiga que foi elevada à categoria de vila por alvará de 5 de dezembro de 1815, que lhe assinalou por distrito sete léguas de costa desmembradas do da vila das Alagoas, entre o rio deste nome e o de Santo Antônio. A matriz desta nova vila tinha por padroeira a Senhora dos Prazeres, e havia, além desta igreja, mais duas outras com as invocações de N. S. do Rosário e do Livramento. Volvidos anos, no de 1839, em 9 de dezembro, foi a dita vila condecorada com o título de cidade, por lei provincial desta data, e juntamente escolhida para capital da província, em lugar da das Alagoas, cuja população ia quotidianamente diminuindo pelo ar inficionado que nela se respirava, ocasionado dos miasmas que se exalavam das lagoas e paus vizinhos. Tem a nova cidade de Maçaió uma cadeira de latim, uma escola de primeiras letras, uma casa de inspeção do algodão, para evitar a falsificação deste gênero, e manter

⁷⁷⁰ Atual distrito de Macaia, município de Bom Sucesso/MG. (N/E)

⁷⁷¹ Atual cidade de Maceió/AL. (N/E)

Maçambaba

a reputação bem merecida de que goza. Seu distrito é regado pelo rio Santo Antônio Mirim, pela lagoa Doce e pelos ribeiros Paripueira, Paratigi e Cabuçu, e encerra atualmente mais de cinco mil habitantes, entre lavradores de algodão, de canas e de comestíveis, fabricantes de aguardente de cana, de cachaça, carpinteiros da ribeira, e homens de negócio. Os navios costeiros podem surgir perto da cidade, e estarem abrigados do mar pelo Recife, mas não assim dos ventos do alto por ter este mui pouca altura. (V. *Jaguará e Pajussara*.)

Maçambaba. Praia arenosa do continente da província do Rio de Janeiro. Estende-se do nascente ao poente desde o Cabo Frio até a Ponta Negra, e pode ter oito para dez léguas desde o mar até a cordilheira, sendo encrespada neste intervalo de vários serros, e ocupada em partes por várias lagoas: toda a parte rasa desta praia é imprópria para a agricultura, por constar o seu fundo de areia e ser alagada uma parte do ano.

Macambira. Ribeira da província do Ceará: nasce na serra dos Cocos, rega as terras de

Vilanova del Rei, e correndo para o poente entra na província de Piauí, onde se ajunta com o rio Poti pela margem direita, abaixo da cachoeira da Cordilheira, e da vila do Príncipe Imperial.

Macamecrã. Índios que dominavam nas margens do Tocantins, no princípio do século atual, quando Francisco José Pinto Magalhães fundou a aldeia de São Pedro de Alcântara. (V. este nome.) Avaliam-se em três mil, dizem que obedeciam a um cacique hereditário, e a sete outros cabos que os conduziam à guerra; que não pareciam ter religião, mas que mostravam grande curiosidade de conhecer os costumes dos Europeus, e seus diversos trabalhos a que de boa vontade se aplicavam. Executavam pontualmente as ordens de seus cabeceiras, e tinham grande respeito a Pinto Magalhães que chegou quase a civilizá-los.

Macapá. Nova comarca na Guiana brasileira, criada por lei da assembleia provincial do Pará em 1841. A cabeça desta comarca é a vila do mesmo nome, mas suas demarcações deviam de ser definitivamente

determinadas pelo governo provincial.

Macapá.⁷⁷² Vila grande e forte da Guiana brasileira, na margem esquerda do rio das Amazonas, cinquenta léguas ao sudoeste do Cabo do Norte, e quarenta e cinco ao noroeste da cidade de Belém, três minutos ao norte da linha equinocial. O porto desta vila, bem como a passagem do rio, se acham defendidos por um forte. Os edifícios mais notáveis que nela se acham, além do forte, são o hospital, a cadeia e por cima dela a casa da câmara, e a igreja matriz que tem por orago São José. Em 1840 o presidente da província pediu à assembleia provincial houvesse de arbitrar a quantia necessária para o conserto dos edifícios, e os habitantes da vila solicitaram a criação duma nova comarca que incluiria os distritos das vilas de Macapá, Chaves, Gurupá e Porto de Moz. As ruas da vila de que tratamos são grandes e largas, as casas de tijolo e telhadas. A população consta de seis mil homens entre Europeus, Índios e mestiços, sendo mui poucos os negros. Colhe-se em seu distrito arroz, milho, mandioca, algodão, cacau e diversas fru-

⁷⁷² Atual cidade de Macapá/AP. (N/E)

tas das árvores que crescem espontaneamente e sem cultivo, e suas matas abundam em guatiará, madeira de cor amarela com veias negras, bem como em árvores que dão a madeira chamada *macaco*.

Macapá.⁷⁷³ Povoação de pouca importância da província do Ceará, no distrito da vila de Bom Jardim, e cinco léguas ao nascente dela. Está exposta às incursões dos Índios bravos, os quais, no ano de 1838, arruinaram-lhe os fazendeiros, e os de Carnaúba e de Pajeú.

Maçaricos. Ilhota da província do Rio de Janeiro, defronte da costa do distrito de Parati: jaz despovoada, e deve o nome que tem à grande quantidade de maçaricos que ali encontraram os primeiros exploradores.

Mácaro. Povoação da província de Pernambuco, com uma capela da invocação de Santo Antônio, dependente da matriz de Tejucoabo.

Macau.⁷⁷⁴ Povoação da província do Rio Grande do Norte, onde havia um cobra-

dor de direitos, estabelecido por lei da assembleia provincial, o qual deve ter sido suprimido em 1837.

Macaúba.⁷⁷⁵ Vila da província da Bahia, na comarca de Urubu, três léguas ao nascente do rio de São Francisco. Foi originalmente um lugarejo que tinha o nome duma das numerosas espécies de palmeiras que o rodeavam. Posto que a população crescesse rapidamente, só em 1832, e por um decreto de 16 de junho, se criou nesta povoação uma escola de primeiras letras, e por outro decreto de 6 do mês seguinte, se lhe conferiu o título de vila, conservando-se-lhe o nome de Macaúba, e assinando-se-lhe por distrito quatorze léguas quadradas, desanexadas do de Urubu: porém tendo sido criada a vila de Monte Alto, por lei provincial de 19 de maio de 1840, foi o distrito de Macaúba, bem como alguns mais, desmembrado, e atualmente pega, ao norte, com o distrito de Urubu; a leste, com o de Monte Alto, e é separado, ao sul, da província de Minas Gerais pelo rio Verde; e ao oeste, banhado pelo rio de São Francisco. Sua

igreja, erigida em matriz pelo artigo 5 da já citada lei provincial, é dedicada a N. S. da Conceição. É no distrito desta vila que existe a caverna que foi transformada em uma capela com a invocação do Bom Jesus da Lapa. (V. este nome.) Os habitantes do distrito de Macaúba colhem milho e algodão, cultivam canas, fabricam rapadura e aguardente, e criam gado.

Macaúba. Lugarejo da província de Minas Gerais, no distrito da vila da Formiga, assim apelidado de certa espécie de palmeira de que se achava rodeado: jaz a três léguas da margem direita do rio de São Francisco, na estrada que vai da dita vila para São Romão. Sua igreja é filial da matriz de Formiga.

Macaúba. Ribeiro da província de Minas Gerais, que fertiliza as terras que jazem ao sul da vila da Formiga, dirigindo-se de nor-noroeste para o sueste, até lançar-se no rio Jequitinhonha, pela margem esquerda, defronte da povoação de Santa Cruz. Acham-se em seu leito ouro, diamantes e outras pedras finas.

⁷⁷³ Atual cidade de Jati/CE. (N/E)

⁷⁷⁴ Atual cidade de Macau/RN. (N/E)

⁷⁷⁵ Atual cidade de Macaúbas/BA. (N/E)

Macaúbas

Macaúbas.⁷⁷⁶ Povoação da província de Minas Gerais, cinco léguas ao norte da vila de Sabará, perto da margem esquerda do rio das Velhas ou Guaicuí. Há nesta povoação um recolhimento de cinquenta mulheres que se consagram ao ensino dum cento de educandas, o qual foi fundado em 1727; sua dotação consiste em fazendas onde se empregam obra de cem escravos. A igreja de Macaúbas, de que é padroeira N. S. da Conceição, goza pouco mais ou menos das prerrogativas de matriz.

Macaúbas.⁷⁷⁷ Sítio da província de Minas Gerais, quatro léguas ao noroeste da cidade de Minas Novas, na margem esquerda do rio Araçuaí, onde o padre Manoel dos Santos fundou um recolhimento em 1750 que foi ao depois apelidado o *vale das lágrimas*. Duas irmãs, D. Quitéria e D. Isabel, ali passaram o restante de seus dias, e outras muitas seguiram ao depois aquele pio exemplo. Assim o nono arcebispo da Bahia, D. Manoel de Santa Inês, entrado da admiração à vista da regularidade de vida que observavam aquelas monjas, fez doação ao recolhi-

mento, que não tinha outras rendas senão o trabalho da agulha das recolhidas, e algumas caridades dos habitantes da província, de alguns escravos. A mais idosa das recolhidas tinha o governo das outras, e chamava-se regente. Entravam para o recolhimento sem se obrigar por voto, e podiam sair dele, quando queriam. Havia pegada com o recolhimento uma igreja de que era padroeira N. S. do Bonfim, e onde se solenizava todos os anos a festa de Santana.

Macaxeira. Lugarejo da província de Pernambuco, na ilha de Itamaracá, com um engenho e uma capela da invocação de N. S. dos Prazeres.

Machacaris. Tribo de Índios descendentes dos Aimorés, que viviam na cordilheira deste nome, entre Serro Frio e Porto Seguro.

Machadinho. Povoação medíocre da província de Goiás, sobre o rio Maranhão, cinco léguas abaixo do lugar onde se lhe ajunta o das Almas.

Machado. Serra da província de Goiás, entre a fazenda do

mesmo nome e a de Amaro Leite. É quase da altura da serra do Fanha, no distrito de Lavrinhas.

Machado. Sexta cachoeira que se encontra no rio Tietê, abaixo da vila de Porto Feliz, meia légua depois da cachoeira Tiririca, e outro tanto antes da de Itaguaçaba-Açu. Sobem e descem por ela as canoas sem serem aliviadas da carga.

Machado. Rio da província de Mato Grosso. (V. *Jiparaná*.)

Machupó. Ribeira da província de Mato Grosso, que corre rumo do norte, entre os rios Guaporé e Mamoré, e vai-se lançar no rio Itunama ou Tunama, três léguas acima de sua confluência com o Guaporé. A missão de São Romão está assentada na margem desta ribeira.

Macunis. Aldeia de Índios bravos da província de Minas Gerais, que vivem nas margens dos ribeiros que dão origem ao rio de Todos os Santos.

Macuxis. Índios da Guiana brasileira, que vivem ao su-

⁷⁷⁶ Convento de Macaúbas, município de Santa Luzia/MG. (N/E)

⁷⁷⁷ Atual cidade de Chapada do Norte/MG. (N/E)

doeste da serra Baracaina, e são uma das tribos mais consideráveis das destas paragens.

Madalena ou Madanela.⁷⁷⁸

Nomes com que era antigamente conhecida a cidade das Alagoas.

Madalena.⁷⁷⁹ Nome primitivo da cidade atual das Alagoas. (V. *Alagoas*, cidade.)

Madeira. Ilha da província do Rio de Janeiro, na parte da baía de Angra dos Reis, vulgarmente chamada baía de Santa Cruz. Os moradores pertencem à freguesia da vila de Mangaratiba.

Madeira ou Caiari. Rio da América meridional e o de mais cabedal, entre quantos são tributários do Amazonas. Nasce das vizinhanças de Santa Cruz da Sierra, corre por espaço de cousa de quinhentas léguas com diversos nomes, divide os Estados do Peru do império do Brasil, e atravessa as províncias de Mato Grosso e do Pará, do sul ao nordeste, até três graus e quarenta e três minutos de latitude meridional, e neste ponto se ajunta com o Amazonas pela margem direita,

por uma boca que tem quatrocentas e sessenta e quatro braças de largura. Os Índios apelidavam a este rio *Caiari*, nome que conservou até o ano de 1725, no decurso do qual Francisco de Melo Palheta explorou grande parte dele, e lhe pôs o nome que hoje tem por causa dos grandes troncos de árvores que flutuavam em suas águas, e embaraçavam a passagem. Passados doze anos, subiram os jesuítas por este rio, com o intento de doutrinar na religião os selvagens que viviam em ambas as margens dele, e pararam em uma aldeia, a pequena distância da cachoeira a que puseram o nome de Santo Antônio, a qual jaz em oito graus e quarenta e oito minutos de latitude. Manoel de Lima foi o primeiro que, em 1742, com cinco Índios, três pardos e um negro, desceu pelo Guaporé, Madeira e rio das Amazonas até a cidade de Belém, onde chegou sem saber que lá iria ter; porém enquanto descia pelos sobreditos rios, um mercador do Pará, chamado Joaquim Ferreira, tinha ido ter à missão espanhola da Exaltação, subindo pelo Madeira e pelo Mamoré. Em 1747, João de Souza de

Azevedo abalançou-se com alguns dos seus, a abrir uma nova estrada descendo pelo Arinos, Tapajós e Amazonas, e indo desembarcar em Belém, onde aportou por mero acaso, costeando sempre à margem que lhe ficava à direita, e voltou daí para a província de Mato Grosso, com várias canoas carregadas de fazendas mas no regresso preferiu subir pelo rio Madeira, seguindo o itinerário dos que haviam subido por ele alguns anos atrás. Quase neste mesmo tempo, Miguel da Silva e Gaspar Barbosa de Lima se embarcaram em São Luiz do Maranhão, levando muitas fazendas, e subiram igualmente pelo Amazonas, Madeira e Guaporé, e as venderam com grande lucro em Vila Bela, atualmente cidade de Mato Grosso. De então em diante começou o rio Guaporé a ser mais frequentado que o Arinos e o Tapajós, bem que a viagem fosse mais comprida, de cento e cinquenta léguas pelo menos, e atalhada por um maior número de cachoeiras. Os geógrafos até o presente discordam sobre a nascença do Madeira mais remota de seu confluente ou embocadura. Uns lhe assinam

⁷⁷⁸ Atual cidade de Marechal Deodoro/AL. (N/E)

⁷⁷⁹ Atual cidade de Marechal Deodoro/AL. (N/E)

Madeira

o rio Beni, que nasce na serra de Santa Cruz no Peru, e se ajunta, segundo dizem, com o Mamoré, ao passo que outros sustentam que o Beni se ajunta com o rio Apurimaco, em onze graus de latitude, toma o nome de Ucayale, e vai-se unir com o Tanguarágua, os quais juntos dão princípio ao rio chamado das Amazonas: parece-nos porém verossímil que o mais remoto nascente do Madeira é o rio da Paz, que nasce perto da vila do mesmo nome, corre para és-sueste, entre dezessete e dezenove graus de latitude, e dali faz uma volta para o oeste, e caminhando depois rumo de nordeste, se vai ajuntar com o Mamoré, que vem do Potosi. Sendo este rio muito mais caudaloso que o da Paz, conserva o seu nome, e inclinándose para leste obra de sessenta léguas, se une ao Guaporé, em dez graus e vinte e dous minutos de latitude, e suas águas juntas tomam o nome de rio da Madeira. Abaixo desta confluência existe uma ilha de rocha onde se poderia fazer um forte para defender o trânsito destes dous rios a todos quantos quisessem atravessá-los hostilmente. A começar desta ilha encontram-se em diferentes distâncias no decurso de setenta léguas doze arrecifes que tornam a navegação

sobredifícil arriscada, e às vezes impossível. São estes arrecifes ou cachoeiras os seguintes nesta ordem: 1º Madeira, 2º Misericórdia, 3º Ribeirão, 4º Figueira ou Araras, 5º Pederneira, 6º Paredão, 7º Três Irmãos, 8º Jirau, 9º Caldeirão do Inferno, 10º Morrinhos, 11º Salto de Teotônio, 12º Santo Antônio. (V. estes nomes.) Esta porção do Madeira é navegável por canoas de seis para sete braças e meia de largura, que levam mais de duas mil arrobas de carga; mas em se chegando aos diversos saltos é mister transportarem-nas por terra, bem que algumas se aventuram a ir por diante com manifesto risco das vidas e das fazendas. Uma língua de terra que se adianta da margem direita deste rio para o oeste, de nove graus quarenta e cinco minutos de latitude, até sessenta e oito graus e trinta minutos de longitude oeste, é considerada como o ponto mais ocidental da província de Mato Grosso. As canoas que descem pelo Guaporé e pelo Madeira levam ordinariamente vinte dias a ir da cidade de Mato Grosso até o confluente de Mamoré, e deste confluente onde o Madeira toma o seu nome até o Amazonas, dezesseis; e dez do confluente do Madeira até a cidade de Belém, sendo o total de qua-

renta e seis dias; mas para subir pelos mesmos rios levam, conforme a estação, três, quatro, e às vezes cinco meses. Ambas as margens do rio da Madeira são povoadas de cacauzeiros e de árvores de cravo, e outras de sumo preço, e abundam em salsaparrilha, baunilha, e várias plantas medicinais que ali se dão espontaneamente. Um sem número de tribos índias, nômade, ou não, ali vivem de frutas e da carne e ovos das tartarugas que pululam de toda a parte. Os Índios sujeitos aos Estados do Peru, e apelidados Moxos, fabricam chocolate sem açúcar que se conserva por muitos anos. Segundo a diversa temperatura dos diversos países regados pelo Madeira, podem se cultivar em suas margens quase todos os vegetais dos trópicos, e muitos dos da Europa. A estes dons da natureza ajunta este rio a vantagem de se achar numa posição que o destina a dar uma espécie de vida a países desconhecidos que com o correr do tempo se converteram em ricos Estados. Quão extenso seria com efeito o comércio das províncias interiores do Brasil, se se abrisse um canal entre os rios Arinos e Porrudos, e entre o primeiro destes rios e o Madeira, passadas as cachoeiras! Por este meio juntar-se-ia com o Ama-

zonas o rio da Prata, e se navegaria com toda a facilidade pelos sertões do Pará e de Mato Grosso, e pelo Paraguai defronte da parte que respeita ao poente da província de São Pedro do Rio Grande até o rio da Prata, nas raias dos Estados do Chile, do Paraguai, de Entre Rios e de Buenos Aires. Na falta deste projeto, que talvez se taxasse de nimamente grandioso, atenta a escassez da população nas margens dos rios de que acabamos de falar, poderia o governo do Brasil concertar-se com os das repúblicas do Peru, para, senão destruir de todo, arrasar pelo menos os arrecifes que pertencem aos respectivos Estados, e em breve ver-se-iam simples lugarejos transformarem-se em povoações consideráveis, surgirem nas margens destes rios vilas opulentas, e porem-se em cultivo campos imensos; ver-se-iam povoadas solidões profundas e bosques seculares, onde ninguém atualmente ousa penetrar.

Madeira. Primeira cachoeira do rio deste nome, que se encontra duas léguas abaixo do lugar onde se ajuntam o Marmoré e o Guaporé, e onde o Madeira começa a ser conhe-

cido pelo nome que vulgarmente tem. No espaço de menos de meia légua encrespada de arrecifes, vingam as canoas descarregadas três saltos vizinhos uns dos outros, sendo puxadas de fora à sirga, ao passo que as fazendas são transportadas por terra distância de trezentas braças. É este salto o duodécimo quando se sobe por este rio acima.

Madre de Deus.⁷⁸⁰ Povoação da província do Rio de Janeiro, no distrito de São João de Itaboraá, e a mais antiga daquelas circunvizinhanças. Sua igreja, de que é padroeira a Madre de Deus, gozou das prerrogativas de matriz de 1768 até 1796, tempo em que se edificou a igreja da Conceição, nas margens do ribeiro Bonito. (V. *Rio Bonito*, freguesia.)

Madre de Deus.⁷⁸¹ Povoação da província de Minas Gerais, na comarca do Rio das Mortes, com uma igreja dependente da matriz da povoação de Cajuru.

Madre de Deus.⁷⁸² Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, com uma igreja dedicada à

Madre de Deus, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Madura. Ribeiro da província de Mato Grosso, na nova estrada que vai da cidade de Cuiabá para a província de São Paulo, a uma légua do rio Porrudos ou São Lourenço, e a quatro do de Água Branca.

Mãe dos Homens. Povoação da província de Mato Grosso, no distrito da cidade de Cuiabá, com uma igreja fundada em 1753, que gozou algum tempo das prerrogativas de paróquia, e passou depois a ser filial da matriz da vila, atualmente cidade. Foi esta povoação fundada pelo juiz de fora Teotônio da Silva Gusmão, que foi quem fez edificar à sua custa a igreja dedicada à Mãe dos Homens.

Magari. Cabo sobre o Oceano, na extremidade quase oriental da ilha de Marajó, entre as embocaduras do Tocantins e do Amazonas, em um grau de latitude sul, quarenta léguas ao sul do Cabo do Norte, e dez ao norte da ponta Tigioca.

⁷⁸⁰ Atual cidade de Rio Bonito/RJ. (N/E)

⁷⁸¹ Atual cidade de Madre de Deus de Minas/MG. (N/E)

⁷⁸² Atual cidade de Madre de Deus/BA. (N/E)

Magé

Magé.⁷⁸³ Vila da província do Rio de Janeiro, sete léguas pouco mais ou menos ao nor-nordeste da capital do Império. Deve a sua origem a Simão da Mota, que em 1565 assentou vivenda num campo à borda da Bahia, e erigiu uma capela que dedicou a N. S. da Piedade. Converteu-se esta capela, no decurso do século seguinte, em uma igreja que foi decorada com o título de matriz, em virtude dum alvará de 18 de janeiro de 1696. Indo a população sucessivamente aumentando-se, fizeram os habitantes fabricar uma nova igreja perto duma estrada e do rio, no lugar onde podiam aportar os barcos com o favor da maré. Com a nova igreja foi a antiga posta em esquecimento, até que afinal desapareceu. No governo do vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza, e no ano de 1789, obteve esta povoação as honras e título de vila, trocando o nome de Magepé, que então tinha, no de Magé, e passou ao depois a ser Baronia, e sucessivamente Viscondado, por decretos de 1810 e 1811, em favor de Matias Antônio de Souza Lobato, e é atualmente cabeça dum colégio eleitoral composto de vinte e um eleitores. O distrito da vila de Magé, que consta dos termos de sua própria fre-

guesia e dos de Guapimirim, Suruí, N. S. da Guia e de Inhomirim, se estende de norte a sul entre a baía Niterói e a serra dos Órgãos, obra de oito léguas e seis de leste a oeste entre os rios Guapimirim e Inhomirim. No termo de sua freguesia, que se acha encravado entre o de Guapimirim ao nascente e o de Suruí ao poente, e circunscrito da do norte pelas altas cristas da serra dos Órgãos, e da do sul pelas águas da baía, não se encontram senão três engenhos. A farinha de mandioca que nele se fabrica é fina, branca e de excelente gosto. Colhe-se também café, milho, arroz e feijão, que se levam a vender nos mercados do Rio de Janeiro pelos portos de Magé, Piedade e Capitão. No de Magé, faz-se grande comércio de lenha, que se leva em barcos pelo rio até a baía na preamar e que voltam vazios quando a maré começa a encher. Em 1836 deu-se princípio à fábrica dum hospital para os doentes e enfeitados, bem como à duma estrada vicinal entre a vila de Magé e a da Nova Friburgo, e doutra real que deve atravessar a serra dos Órgãos, e fenecer nas margens do Paraíba, no lugar chamado *Mar de Espanha*: apesar de ter a estrada de passar por cima de

serras alcantiladas, deve-se adoçar o declivo para poderem transitar por ela carros. Seria muito para desejar que se diminuíssem as voltas que fazem os rios que regam este distrito; que se pudesse cortar o banco de areia que se acha atravessado na barra, de modo que se viesse a desentupir a carreira dos barcos todas as vezes que se achasse entulhada com a violência das marés e cheias.

Magé. Rio de pouco cabedal da província do Rio de Janeiro. Nasce na serra dos Órgãos, recolhe os ribeiros Andorinhas, Meio e das Pedras, passa pela vila de Magé, onde faz uma barra que admite grandes barcos, e depois de fazer muitas voltas por terras pantanosas se lança na baía de Niterói ou do Rio de Janeiro, no cabo dum curso de seis léguas pouco mais ou menos. Abunda este rio em pescado e dá navegação a canoas, por espaço de três léguas; os barcos vão até o porto da vila de Magé com as enchentes das marés, e saem dele com a preamar.

Magné. Tribo de Índios do norte da província de Mato Grosso, assim denominados de certo rio em cujas margens

⁷⁸³ Atual cidade de Magé/RJ. (N/E)

vivem, o qual se lança no Madeira pela margem oriental. Passam estes Índios por inventores do guaraná, que fazem de uns pequenos cocos do mesmo nome, cujas amêndoas, que são do tamanho dum grão de bico, depois de torradas pisam num pilão ou ralam, com uma espécie de grossa feita da língua do peixe chamado *pirarucu*, e reduzidas a massa fazem uns paus redondos que endurecendo-se ficam da cor do chocolate, de que alguns sustentam que lhe ajuntam seu tanto ou quanto. Atribui-se a esta composição curas, e efeitos admiráveis; o autor da *Corografia Brasileira* diz que o seu mais seguro efeito é de afugentar o sono; mas algumas experiências feitas ultimamente em Paris nos autorizam a classificar esta substância entre os tônicos, úteis nos fluxos do ventre, e outras afeções procedidas de debilidade. O guaraná ralado e desfeito em água dizem que embebida quando se bebe copiosamente.

Maia. Nome duma ilha de pouca importância, das que formam o arquipélago da entrada da baía de Niterói, do lado do forte de Santa Cruz. Fica perto da do Paio; ambas

são alcantiladas, o que não empece a entrada da baía, podendo os navios passarem por junto delas sem perigo.

Maioridade.⁷⁸⁴ Nova vila da província do Rio Grande do Norte. Era uma mesquinha povoação do distrito do sertão da vila de Porto Alegre, na qual foi proclamada, em 1840, a maioridade do Imperador D. Pedro II, motivo por que foi elevada à categoria de vila, por decreto da assembleia provincial. Em 1842 o presidente da província criou nesta nova vila um colégio eleitoral, independente do de Porto Alegre.

Maiurunas. Tribo de Índios que vivem nas margens do Jabari ou Hiabari. Cortam estes Índios os cabelos no alto da cabeça à feição duma coroa, e deixam o restante crescer quanto podem, e quanto mais compridos os têm tanto mais formosos cuidam que são.

Majuruna. Tribo de Índios que vivem nas cabeceiras do rio Jabari ou *Hiabari*, afluente da margem direita do Amazonas. Distinguem-se dos demais Índios daquelas adjacências pelas longas madeixas negras, e por uma espécie de coroa que trazem no meio da cabeça, carpindo naquele

lugar com todo cuidado os cabelos. Furam o nariz e os beiços, e introduzem nos buracos rodelas de pau, trazem nos cantos da boca penas de araras, e por vezes nas orelhas e ponta do nariz certas conchas. Dizem que matam os pais em estes enfermado, antes de emagrecerem, e os comem por veneração, fato que não tem toda a autenticidade que se requer, para o darmos por certo.

Majuuichi. Rio da província do Pará, tributário do rio Negro, que o recolhe pela margem direita, entre a cachoeira Maracabi, e a povoação da Castanheira.

Malalis. Tribos nômadadas da cordilheira dos Aimorés, que passam da província da Bahia para a de Minas Gerais. São tidos por descendentes dos Coroados, bem que não tenham conservado todos os costumes de seus maiores; são porém como eles de pequena estatura, espadaúdos, têm as pernas delgadas em proporção do corpo, grande e redonda a cabeça, bem proporcionado o pescoço, bastos os cabelos, o nariz chato, e as maçãs proeminentes. São governados por capitães ou ca-

⁷⁸⁴ Atual cidade de Martins/RN. (N/E)

Malhado

bos, e os mais experimentados presidem em seus conselhos. Os que são civilizados falam português, os bravos têm um idioma só deles conhecido. São estes Índios de gênio brando, porém tímidos e desconfiados, o traje dos homens consiste numas celouras de pano de algodão grosseiro, e por cima delas umas camisas compridas; o das mulheres consta de camisa e saia; o arco e as setas são as únicas armas de que se servem contra os inimigos, bem como para matar as veações de que se sustentam.

Malhado. Registo da província da Bahia, na margem direita do rio de São Francisco, abaixo do lugar onde com ele se ajunta o rio Verde. Cobra-se nele um direito de saída em razão do peso de todas as fazendas que passam desta província para a de Minas Gerais.

Malvão. Ilhota da província do Rio de Janeiro, defronte da costa do distrito de Parati.

Mamangua.⁷⁸⁵ Freguesia da província do Rio de Janeiro, no distrito da vila de Parati, situada agradavelmente, numa enseada do mesmo nome,

entre a mencionada vila e a ponta Joatinga. Em 1720, edificou-se neste lugar uma capela de que era padroeira N. S. da Conceição, a qual foi depois convertida em uma igreja de pedra, ao pé da enseada Mamangua e do ribeiro Parati-Mirim. Em 7 de dezembro de 1836, um decreto da assembleia provincial elevou esta igreja à categoria de paróquia, desanexando o seu termo do da vila, e dando-lhe por limites do cume dos montes da serra Escalvada até o registo do Curralinho, com os vertentes da serra dos Calhetés, até ao mar, e às pontas de Joatinga e de Cairuçu, que são as extremas da província de São Paulo. A ilha do Algodão e várias outras que se acham ao pé desta parte do continente são do termo desta freguesia.

Mamanguape.⁷⁸⁶ Nôva vila e antiga e florescente povoação da província de Paraíba. Jaz na margem esquerda do rio de cujo nome se intitula, a seis léguas do mar, e quatorze nor-noroeste da cidade de Paraíba. Quando os Holandeses se apossaram, nos fins do ano de 1634, desta província, havia já uma aldeia de Índios Potiguares chamada Maman-

guape. Nela se estabeleceram os jesuítas, depois de expulsos os Holandeses, para doutrinar os Índios já nesse tempo dispostos a receber o batismo, e edificaram uma igreja que dedicaram aos apóstolos São Pedro e São Paulo. Com o correr do tempo juntaram-se com os Índios um grande número de colonos; mas da diferença dos costumes e modo de pensar dos novos moradores foi ocasião de rixas e dissensões, que obrigaram as autoridades a interporem-se, fazendo instalar os Índios num alto vizinho do rio que ficava muito mais perto do mar que a antiga aldeia, e em compensação da mudança, foi a nova aldeia criada vila com o nome de Montemor, e a igreja, de que é orago a Senhora dos Prazeres, alcançou o título de paróquia; mas por fatalidade a conhecida incapacidade dos Índios em tudo quanto diz respeito à administração, fez com que as autoridades municipais ficassem residindo na povoação de Mamanguape, que é muitas vezes qualificada de vila, bem que este título pertença realmente a Montemor, vulgarmente apelidada a *aldeia da preguiça*. Tornou-se a povoação de Ma-

⁷⁸⁵ Atual distrito de Parati-Mirim, município de Parati/RJ. (N/E)

⁷⁸⁶ Atual cidade de Mamanguape/PB. (N/E)

manguape por extremo mercantil, por ser o depósito dos algodões que das capitâneas vizinhas passavam para a cidade do Recife, bem como pela passagem do gado para bastecimento dos açougues da mesma cidade; porém como em 1815 El-Rei D. João VI fizesse cessar o monopólio que dos algodões desta província faziam os mercadores do Recife, entrou Mamanguape a declinar, ao passo que uma vila rival foi criada em sua vizinhança. Em vão tinha esta povoação uma igreja que era considerada como a única paróquia de todo o distrito, a de Montemor limitando-se às poucas terras povoadas de Índios, e uma escola de primeiras letras para os meninos; em vão se achava nela instalada a câmara municipal com o nome pomposo de senado, não lhe foi possível conservar a supremacia comercial que no princípio tinha. A assembleia geral, por decreto de 20 de julho de 1834, a dotou duma escola de primeiras letras para meninas, e uma lei provincial de 23 de janeiro de 1839 transferiu definitivamente o título de vila para a povoação de Mamanguape, e suprimiu o título de paróquia de que estava

de posse a igreja de N. S. dos Prazeres, para o conceder à dos apóstolos São Pedro e São Paulo da nova vila. O distrito de Mamanguape pega ao norte, com o da vila de São Miguel; ao poente, com o de Brejo de Areia, desmembrado de Montemor em 1815; ao sul, com o da cidade de Paraíba; e ao nascente, acha-se circunscrito por uma muralha de rocha que parece ali haver sido posta de sobremão pela natureza, para ampará-la do furor das ondas do mar. As cheias do rio de seu nome fertilizam as terras chãs que são próprias para canaviais, e as altas são povoadas de árvores de pau-brasil de excelente qualidade, e nos montes da cordilheira vizinha acha-se excelente maneira de construção. A população é avaliada em quatro mil habitantes, pela maior parte lavradores de algodão, gênero que é atualmente o mais rendoso ramo do comércio de exportação.

Mamanguape. Pequeno rio da província de Paraíba. Nasce nas serras do distrito do Pilar, ao poente da vila de Mamanguape, engrossa-se antes de regá-la com as águas de vários ribeiros, e depois de fertilizar

o seu distrito bem como o de Montemor, vai lançar-se no mar, quatro léguas ao norte da embocadura do Paraíba, uma ao sul da baía da Traição ou de Acejutibiró, sendo a totalidade de seu curso de sete léguas quando muito: da vila de Mamanguape para cima só canoas podem navegar neste rio; mas daí para baixo admite sumacas que vão carregar-se de algodão e doutros gêneros na dita vila. Uma ilha rasa arenosa e povoada de mangues, que jaz em sua embocadura, a divide em duas partes desiguais. A boca do norte é a única que dá navegação às sumacas, que acham sempre doze a dezoito pés de fundo, e um surgidouro cômodo e perfeitamente abrigado contra os ventos do oeste e do sul que são, como é sabido, os mais perigosos de todos nas costas do Brasil, pela muralha de rocha que defende esta entrada das ondas do mar. Perto deste porto se acha o lugarejo de Tramataia.

Mamão. Lugarejo da província do Pará, no distrito de Cameté.

Mambaba.⁷⁸⁷ Povoação da província do Ceará, nos mon-

⁷⁸⁷ Atual distrito de Mumbaba, município de Massapé/CE. (N/E)

Mambaré

tes da serra Grande, do distrito da vila de Bom Jardim, onde os rebeldes se fortificaram em 1840, e donde se retiraram depois de dous dias duma ação renhida em 31 de junho. Custou às tropas imperiais a tomada desta posição um soldado e um alferes mortos e dezesseis soldados gravemente feridos.

Mambaré. Tribo de Índios que vivem com especialidade nas margens do rio Taburuína, primeiro confluente de maior cabedal do Juruena pela margem oriental, na província de Mato Grosso. Vivem estes Índios como nômadas e assentam morada onde acham de que viver com abundância.

Mambucaba.⁷⁸⁸ Freguesia da província do Rio de Janeiro, na beira-mar, vinte e seis léguas ao poente da capital, entre a vila de Parati, e a cidade de Angra dos Reis. Havia muito tempo que nesta povoação existia uma igreja da invocação de N. S. do Rosário, que tinha sido edificada em 1757, o que não obstante, só em 1812 é que se lhe conferiu o título de paróquia. Está esta freguesia assentada nas margens do rio Mambucaba, de cujo nome se intitula, e pela

disposição de suas casas, situadas ao redor da igreja, cativa os olhos de quantos do mar a avistam. A parte de seu termo, que fica à esquerda do rio, pertence ao distrito de Angra dos Reis, e a que demora à direita ao de Parati; da parte do norte servem-lhe de limite as serras da cordilheira dos Órgãos, donde nascem o rio Pirai e o ribeiro das Lages, da do poente o ribeiro Tacoari o divide do termo da freguesia de Parati; banham-no as águas da baía de Angra dos Reis ao sul, ao passo que pelo poente pega com o termo da freguesia da cidade do nome da já mencionada baía. Suas terras são por extremo férteis, e próprias para todo o gênero de agricultura do país. Colhe-se nelas grande quantidade de café, mandioca, milho, feijão e sobretudo de arroz; nelas prosperam admiravelmente os cacauzeiros. Existem nesta freguesia muitos engenhos, entre os quais há um de água e não poucas fábricas de destilação de aguardente, e oficinas onde se fazem grandes canoas. As matas abundam em ótimas madeiras de construção. Em 1815 havia o governo concebido o projeto de abrir uma estrada através da cordilheira, para estabelecer a

comunicação entre esta freguesia e a estrada real de São Paulo, mas não foi avante tão útil projeto por considerações de interesse particular. Abriu-se todavia, passados anos, uma estrada na mesma cordilheira, a qual vai da beira-mar à vila do Cunha. A população do termo de Mambucaba passa de quatro mil habitantes entre Portugueses, Índios, mestiços e Franceses, regam-no vários ribeiros navegáveis, tributários do Mambucaba, e facilitam o transporte dos gêneros desde o ponto mais remoto da freguesia até o mar, donde são conduzidos para o Rio de Janeiro.

Mambucaba. Pequeno rio da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Angra dos Reis. Nasce da serra da Bocaina, da parte do sul, corre por cima de rochas, fazendo várias catadupas, e torna-se afinal navegável por espaço de cinco léguas, durante as quais recolhe em si, fazendo muitas voltas, as águas de vários ribeiros que dão navegação a canoas em grandes distâncias. O rio Mambucaba poderia receber embarcações de grande porte se não fora um banco de areia, que existe em sua embocadura. Talvez que se em

⁷⁸⁸ Atual distrito de Mambucaba, município de Angra dos Reis/RJ. (N/E)

todos os anos os moradores o picassem, as lanchas e sumacas pudessem entrar e sair com toda a comodidade, oferecendo ali o rio uma caldeira que tem constantemente de duas até cinco braças de fundo, sendo que atualmente receiam aventurar-se a passar além deste banco de areia, ainda mesmo nas maiores marés.

Mameluco. Nome com que foram por largo tempo designados os indivíduos oriundos de pais portugueses, e de mães indianas, na província de São Paulo. Eram de ordinário estes indivíduos mais fortes que os Portugueses atenuados com o calor do clima, e mais expeditos e diligentes, que os Índios, de seu natural remissos, e formaram constantemente a milícia da província, fizeram excursões nos sertões para cativarem os Índios que não se queriam civilizar, e uma guerra acérrima aos jesuítas espanhóis, destruindo as missões que aqueles padres haviam assentado nas terras ocidentais do Brasil, motivo por que se acham qualificados com os nomes mais odiosos nos escritos dos autores da Companhia de Jesus. Subindo ao trono o duque de Bragança em 1640, o governador da província de São Paulo, Luiz Dias Leme, o fez aclamar no

ano seguinte, mas os Espanhóis do sul do Brasil, com serem inferiores em número, tentaram conservar aquele país debaixo da obediência de seu soberano, e com o receio de se comprometerem lisonjearam o amor próprio dos Paulistas, fazendo-lhes entender quão fácil e proveitoso seria para eles o constituírem-se em Estado independente, confiando que por aquele modo viria o Brasil a tornar a cair em poder da Espanha. Deslumbrados com estas lisonjas e promessas os mais considerados dos Paulistas, caíram no laço e elegeram por seu Rei a Bartolomeu Bueno Ribeiro, natural de Sevilha, que pertencia a uma das principais famílias da província, e havia conquistado o amor do povo; porém Bueno, entendendo quão vão, e de pouca duração seria o seu reinado, e assustado das consequências duma tal rebelião, se pôs em fuga, e a autoridade de D. João IV foi reconhecida em Minas em 1655. (V. *São Paulo*, província.)

Mamoré ou Marmoré. Grande rio que separa o Brasil das repúblicas do Peru, e especialmente da província dos Moxos Nasce na província do Peru, entre a serra Cochabamba e a cidade da Paz, em dezoito graus de latitude, e corre para o nascente até a

ponta oriental da serra de Santa Cruz, engrossando-se com as águas de muitos rios, e tomando para o poente da dita ponta, se dirige do sul para o norte, recolhendo da banda do poente os rios Chararé, Guapeí, Jacumá, Aperé, Iruamé e Tiamuchi, e do nascente o Ibaré, e no cabo dum curso de mais de duzentas léguas, se inclina para o nascente e vai juntar-se com o Guaporé, e a reunião de suas águas, em dez graus e vinte e dois minutos de latitude, constitui o rio da Madeira, o maior dos tributários do das Amazonas. Os Índios e os Espanhóis deram o nome de *Mamoré* ao rio Ubaí, ao Guaporé, e até a uma parte do Madeira, na suposição em que estavam de que estes três rios eram o mesmo.

Mampituba. Rio que vem do vertente ocidental da cordilheira, mais ou menos distante do mar; corre do poente para o nascente obra de oito léguas, separando a província de São Pedro do Rio Grande da de Santa Catarina, e vai lançar-se no mar, ao norte do outeiro, onde se hão posto os marcos das ditas províncias, em vinte e nove graus e vinte minutos de latitude. Tem corrente rápida, o que não obstante, com a enchente da maré as embarcações de pouco porte deitam

Mamuna

até a Forquilha, navegando obra de quatro léguas; as canoas deitam muito mais longe. Corta este rio a estrada imperial, e neste passo atravessam-no os viandantes numa canoa, e às vezes com as cheias o não podem fazer com a brevidade que desejam. Para facilitar a comunicação entre estas duas províncias, seria urgente que o governo imperial mandasse fazer neste ponto uma ponte.

Mamuna. Rio da província do Maranhão, que se lança na baía de São José, por duas bocas, das quais a ocidental é apelidada Anajatuba, e se acha sete léguas ao nascente da embocadura do rio Monim.

Manajós. Tribo de Índios oriundos dos Tupinambás, que vivem nas cabeceiras do Tocantins, e se estendem ao oriente até o rio das Balsas, na província do Maranhão. Têm estes Índios com pouca diferença os mesmos costumes que os Gameleiras e Timbiras, que vivem mais para o norte. Algumas de suas tribos habitavam nas margens do Itapicuru, e eram menos bravas que as do Tocantins, chamadas também Temembós. A aldeia de Santo Antônio, da província do Maranhão, que

jaz uma légua ao sul de Pastos Bons, é povoada por uma tribo destes Índios.

Manaus. Tribo numerosa de Índios belicosos, que dominavam nas margens dos diversos tributários do Amazonas, e particularmente entre os rios Negro, Hiapura e Chiuara. Atualmente quase todos se acham civilizados, e falam a mesma língua que os demais Índios da Guiana brasileira. Criam estes Índios na existência dum ente bom que reverenciavam com o nome de *Mauari*, e na dum mau a que chamavam *Surauá*.

Manaus.⁷⁸⁹ Vila da província do Pará, na comarca do Alto Amazonas. Está assentada numa eminência da margem esquerda do rio Negro, em três graus e nove minutos de latitude sul, três léguas acima do lugar onde este rio se ajunta com o Amazonas. Deve esta antiga vila a sua origem a um forte edificado neste ponto pelos Portugueses, para proteger-lhes a retirada, no tempo em que contra o direito das gentes e as ordens de seus próprios soberanos, iam atacar e cativar os Índios que viviam nas cabeceiras destes rios para ao depois

os venderem, como se foram animais, aos lavradores novamente estabelecidos nas terras do Baixo Amazonas. Agregaram-se a este forte algumas famílias das tribos Banibas, Passés, Barés e Manaus, juntaram-se-lhes alguns Portugueses, e a povoação tomou o nome de *Barra do Rio Negro*, alcançou o título de vila, no fim do século XVII, e veio a ser a residência dum ouvidor, cuja jurisdição abraçava a Guiana ocidental nas cabeceiras do Amazonas, a qual tomou nesta ocasião o título de *Comarca do Rio Negro*, que conservou até o tempo do governo imperial em que foi suprimida. A assembleia provincial do Pará, querendo perpetuar o nome da nação indiana a mais considerável daquelas terras, substituiu ao antigo nome de Barra do Rio Negro, que tinha conservado até o ano de 1836, o de *Manaus*. Tem esta vila atualmente um juiz de direito, um tribunal de jurados, uma igreja matriz dedicada a N. S. da Conceição, uma cordoaria, um forno de telhas e tijolos, e uma fábrica de panos de algodão, por conta do governo. As ruas são mal-alinhadas, se bem que otimamente guarnecidas de casas térreas. Serve a vila de Manaus de depósito dos gêne-

⁷⁸⁹ Atual cidade de Manaus/AM. (N/E)

ros do país, que os Índios colhem sem ter o trabalho de os cultivar nas cabeceiras do rio, e que trocam por panos de algodão, por instrumentos de ferro, quinquilharia e mais objetos de fábrica europeia, de que se acostumaram a servir. O porto jaz em uma enseada formada pelas pontas da Cachoeira Grande e dos Remédios e tem de fundo seis até doze braças d'água. Acha-se a vila retalhada por três canais naturais onde, com a enchente da maré, entram e vão descarregar as sumacas. A população de seu distrito é de seis mil habitantes; os objetos de comércio se reduzem ao que a terra produz espontaneamente, a saber: cacau, cravo, bálsamo, salsaparrilha, e breu.

Mandaú. Serra da província do Ceará, no distrito da cidade de Fortaleza. Estende-se do nascente ao poente por espaço de muitas léguas, e se acha oito distante do mar. Dela nasce o ribeiro do seu nome.

Mandaú. Ribeiro da província do Ceará: rega parte da serra donde nasce, e correndo depois do sul para o norte, separa o distrito da cidade de Fortaleza, do da cidade Januá-

ria, e lança-se no Oceano, em três graus e dez minutos de latitude, e em quarenta e um graus e trinta e sete minutos de longitude oeste.

Mandaú.⁷⁹⁰ Nome que tinha primitivamente a povoação que passou a ser sucessivamente vila de Madalena e cidade das Alagoas. Dá-se também este nome à lagoa em cujas margens jaz esta cidade: serve-lhe de desagudouro um canal, a que chamam o rio das Alagoas, por isso que recolhe em si o supérfluo das águas da lagoa Manguaba, e ambos se vão sumir nos areais do campo de Maçaió. Dizem que as sumacas navegavam em outro tempo na lagoa Mandaú; o que é certo é que atualmente as canoas não podem vogar pelo canal, por se achar entupido com areias.

Mandaú e Manguaba. Lagoa da província das Alagoas, a quatorze léguas uma da outra. Comunicam-se por dous canais cujas águas se vão ajuntar algumas léguas ao nascente da cidade de Maçaió, e constituem o que vulgarmente se chama *rio das Alagoas*. Os naturais do país, para diferenciar estas duas lagoas, chamam a uma *lagoa do Norte* e à outra

lagoa do Sul. Esta última tem perto de duas léguas em sua maior largura, e a primeira muito mais. Suas adjacências são povoadas de canaviais, de engenhos, de fábricas de destilação. Um sem número de ribeiros que nelas deságuam facilitam o transporte dos algodões das terras altas, único comércio de exportação que fazem os habitantes do sertão da província. As canoas e barcas carregadas deste gênero saem das duas lagoas descendo pelos canais até o chamado rio das Alagoas, onde em chegando deitam em terra a carga que é ao depois levada em carros à cidade de Maçaió ou aos portos de Jaraguá e Pajussara. (V. estas palavras.)

Mandioca. Povoação da província do Rio de Janeiro, ao pé da serra da Estrela. As chuvas e névoas que ali duram de contínuo são contrárias à cultura dos cereais, opondo-se ao dessecamento dos grãos; a mandioca porém prospera admiravelmente.

Mandioré. Lagoa da província de Mato Grosso, na margem direita do Paraguai, e ao sul das lagoas Gaíba e Oberrava, com as quais ela comunica. Pode ter cinco léguas de

⁷⁹⁰ Atual cidade de Marechal Deodoro/AL. (N/E)

Mandu

comprido, e deságua no Paraguaí, por uma aberta que jaz entre as serras Dourada e Chainês, defronte da junção do rio Porrudos ou São Lourenço.

Mandu. Rio da província do Espírito Santo, apelidado dos Índios Mandii. Nasce na lagoa do seu nome, corre em diversos rumos, pela cordilheira dos Aimorés, onde faz uma grande cachoeira, e depois dirigindo-se para nordeste, acompanhando as sinuosidades das faldas das montanhas por espaço de vinte e cinco léguas, vai desaguar pela margem direita no rio Doce, meia légua abaixo da cachoeira das Escadinhas. O viajor Manoel Nunes da Silva Coelho enganou-se dando o nome de Guandu a este rio, o qual de certo modo separa a província de Minas Gerais da do Espírito Santo.

Manduba. Ponta oriental na entrada da baía de Santos, fronteira à de Taipu. Jaz em vinte e quatro graus e um minuto de latitude, e em quarenta e oito graus e quarenta e quatro minutos de longitude oeste.

Mandu-Mirim. Ribeiro da cordilheira dos Aimorés, que corre do sul para o norte, nas adjacências do rio Mandu, e vai-se lançar no rio Doce.

Manduvi. Nome de duas ilhotas que jazem defronte do continente da província de Santa Catarina, três léguas ao nor-noroeste da ilha de Santa Catarina, quase entre as pontas do Zimbo e das Bombas.

Manga.⁷⁹¹ Nova vila da província do Maranhão, na confluência do rio Iguara com o Moni-Mirim, na comarca de Itapicuru. Era em outro tempo a freguesia de Manga do Iguara, cuja matriz tinha por padroeira N. S. das Dores. Tendo sido criada vila, uma lei provincial de 14 de junho de 1838 deu a seu distrito as seguintes confrontações: da fazenda de São Lourenço, seguindo a estrada em linha direita, até os limites do distrito de Itapicuru; da parte do Priá em direitura à fazenda Boritizinho; desta fazenda à chamada Serraria, até o sítio dos Matões, e deste sítio, seguindo o mesmo rumo até a extrema do distrito da vila de Tutóia. A população deste distrito é avaliada em perto de três mil ha-

bitantes, pela maior parte lavradores. Em 1838, Raimundo Gomes, com dez dos seus, quebrando as portas da cadeia, soltou os desertores e criminosos que nela se achavam, e retirando-se para a Vargem, a pequena distância da vila, arvorou a bandeira da rebelião.

Manga. Povoação da província do Maranhão, na margem esquerda do Parnaíba, no distrito da vila de Pastos Bons. A passagem deste rio, entre as províncias de Piauí e do Maranhão, é mui frequentada. Um decreto da assembleia geral de 28 de agosto de 1833 mandou ali pôr uma barca para o transporte dos viajantes, animais e fazendas, pagando os donos delas uma retribuição determinada pelos presidentes das duas províncias interessadas.

Mangabal. Décima nona cachoeira que se encontra quando se desce pelo rio Pardo, na província de Mato Grosso. É fácil de descer, porém na subida deve-se dobrar o número dos remeiros. Jaz esta cachoeira obra de uma légua abaixo da cachoeira Jupiá do Tejuco, e meia antes de se chegar à de Chico Santo.

⁷⁹¹ Atual cidade de Vargem Grande/MA. (N/E)

Mangabal. Nome da primeira cachoeira do rio Coxim, na província de Mato Grosso. Acha-se três léguas e meia depois do lugar onde com este rio se ajunta o Camapuã, e é mui custosa de subir.

Mangabeira. Grande e fértil serra da província da Bahia, na comarca de Jacobina.

Mangabeira. Serra da província de Mato Grosso, ao nascente da vila Diamantina. Estende-se do norte para o sul, paralelamente com o Paraguai, e a dez léguas de distância deste rio. Moram nesta serra muitos lavradores, e nela colhem milho, mandioca, feijões e outros comestíveis.

Mangabeira. Serra da província do Ceará, no distrito da vila de São Vicente das Lavras, onde se achou ouro.

Manga do Iguara. Antiga povoação da província do Maranhão. (V. *Manga*, vila.)

Manga Larga. Serra da província do Rio de Janeiro, no distrito de Vassoura; é ramo da cordilheira dos Órgãos.

Mangaratiba.⁷⁹² Pequena vila marítima da província do Rio

de Janeiro, ao poente dum promontório que divide em duas partes a baía de Angra dos Reis. Deve a sua fundação a Martim de Sá, nomeado governador general do Rio de Janeiro em 1618, o qual, no ano seguinte, havendo subjugado várias tribos de Índios Tupis, na capitania do Porto Seguro, assinou a uns por morada a praia de Marambaia e a outros o promontório de Mangaratiba, onde lhes fez edificar uma capela com a invocação de São Brás. A ressaca e mais alguns outros motivos particulares, obrigaram o governador, no princípio do ano de 1620, a transferir aquela aldeia um pouco mais para o fundo da enseada ou saco de Ingaíba; pôs então nela um capelão, e escolheu entre os Índios um capitão-mor, para governá-los debaixo das suas ordens, e foi tomar posse privatamente da capitania de São Vicente, deixando a Francisco Fajardo em sua ausência o governo da do Rio de Janeiro. Em 1688, achou-se esta aldeia sem padre que dissesse a missa, e os Índios foram ouvi-la à aldeia de Itinga, dirigida pelos jesuítas, até que em 1725 se lhes mandou um com condição que eles o proveriam à sua custa do necessário. Em 1761, o

bispo do Rio de Janeiro conferiu à igreja desta aldeia as prerrogativas de paróquia, dando-lhe por padroeira N. S. da Guia. Constava então a população da aldeia de Mangaratiba de trezentos Índios, que não se aliavam com os das demais raças, se conservavam sempre no mesmo número, e nenhum progresso faziam na agricultura por serem de seu natural remissos. As mulheres, além dos cuidados domésticos, tinham a seu cargo o cultivar mandioca, arroz e milho, para sustento da família, ao passo que os maridos iam à caça ou dormiam. Agregaram-se-lhes algumas famílias portuguesas, e com o exemplo dos novos hóspedes começaram os Índios a aplicarem-se a remar, e a falquear madeiras de construção: mas ainda assim tal é a aversão que naturalmente têm a todo o trabalho que ainda hoje em dia por nenhuma condição dele ferram, se lhes dá na vontade de folgar e dormir, e faltam à palavra que hão dado. A igreja de Mangaratiba é de pedra, foi começada em 1785, e acabada no cabo de doze anos, vindo a suceder às diversas que foram edificadas em diferentes épocas com materiais de pouca duração. Estradas que pare-

⁷⁹² Atual cidade de Mangaratiba/RJ. (N/E)

Mangaratiba

cem haver sido de indústria abertas nas serras pelas mãos da natureza, ribeiros que dão fácil navegação a canoas, facilitam o transporte dos gêneros, até a enseada de Ingaíba, onde os vêm buscar as sumacas; tais são as causas que desde o fim do século passado contribuíram ao aumento do comércio e da população brasileira desta povoação. A aldeia de Mangaratiba foi criada vila por um decreto da assembleia geral de 11 de novembro de 1831, que ordenou que o seu distrito se formaria com parte dos de Itaguaí, São João do Príncipe e de Angra dos Reis, e constava da freguesia da própria vila e da de Itacuruçu; porém um segundo decreto de 26 de março do ano seguinte, lhe assinalou os seguintes limites: ao norte o ribeiro Itinguçu, e do marco das terras imperiais, até o cume da serra; ao poente, a corda dos montes até o ribeiro Jacaraí, que o separa do distrito de Angra dos Reis, e as águas da longa enseada de Ingaíba; ao sul, as da baía de Angra dos Reis, no ponto onde jazem as ilhas de Itacuruçu e de Jaguano, que fazem parte dos bens municipais; as ilhas da Madeira, de Maria Martins, e outras menos consideráveis que pertencem a este distrito. Cultivam-se nele canas-de-açúcar, café, milho, feijões, mandu-

bim, etc.; há vários engenhos e fábricas de destilação de aguardente, produtos que são em parte consumidos no país. Em 1836, a exportação do porto de Mangaratiba constou de noventa e cinco mil e vinte e oito sacas de café, cento e vinte e nove rolos de tabaco e duzentas e setenta e seis sacas de arroz.

Mangaratiba. Ribeiro navegável para as canoas, no distrito e na península do mesmo nome; lança-se no saco de Ingaíba, na província do Rio de Janeiro.

Mangariúba. Pequena lagoa da província do Rio de Janeiro, entre a cordilheira dos Órgãos e a baía de Niterói, perto da povoação de Suruí, e ao sul dela.

Manguaba. Lagoa da província das Alagoas, salobre, piscosa, do comprimento de dez léguas, repartida por um estreito em duas porções, uma chamada *lagoa do Norte*, e outra *lagoa do Sul*; estas duas lagoas comunicam entre si por um canal, e dão navegação a grandes canoas. As margens da lagoa Manguaba são plantadas de canaviais, e têm alguns engenhos.

Manguapé. Rio da província das Alagoas. (V. *Pedras*, rio.)

Mangueira. Lagoa comprida e estreita da província de São Pedro do Rio Grande, entre a lagoa Mirim e o Oceano. Os Espanhóis a designam com o nome de Saquarembó. Dá-se-lhe vinte e vinte e três léguas de comprimento e uma só de largura; deságua no mar por um arroio chamado Taim, e fica-lhe ao norte a lagoa Cajubá.

Mangueiras. Povoação da província do Rio de Janeiro. (V. *Porto das Mangueiras*.)

Mangues Verdes. Parte da costa da província do Maranhão, ao poente do monte Alegre, entre a praia dos Lançóis Grandes, e a ilha de Santana.

Manguinha. Ponta de terra que se adianta no mar, ao sul da embocadura do rio de São Francisco. É rasa, sem eminências, povoada de mangues, e se estende para o nordeste até dez graus, vinte e oito minutos e cinquenta segundos de latitude, e trinta e oito graus, quarenta e três minutos e trinta e sete segundos de longitude oeste. Esta ponta, bem como a que fica ao norte que é toda de areia, e sem o menor vestígio de vegetação, são causa da ressaca que se experimenta no mar, distância de mais de uma légua. Entre

uma e outra a embocadura do rio oferece tão somente doze para treze pés d'água.

Manguinhos. Ponta ou espécie de cabo ao norte da província do Rio de Janeiro, entre os rios Cabapana e Paraíba.

Manhana. Nome dum dos braços do rio Hiapura, que se lança no Amazonas. Suas margens, frequentemente alagadas, são povoadas por uma tribo de Índios bravos, de cujo nome se intitula este braço de rio.

Manhuaçu. Grande rio tributário do rio Doce, que serve em vários pontos de extrema às províncias de Minas Gerais e do Espírito Santo. Nasce algumas léguas ao sueste da vila da Pomba, corre por espaço de perto de sessenta léguas rumo do nordeste, engrossando-se com o tributo de vários ribeiros, entre os quais o de mais cabedal que pela margem direita recolhe é o Panema, e vai ajuntar-se com o rio Doce, entre as Voltas do Eme e o rio Mandu. Em suas margens vivem várias tribos de Índios Puris e Botocudos, intitulando-se ca-

da uma do nome do que a governa, sendo o mais conhecido o chamado Guidopocrano.⁷⁹³ As minas de ouro, que foram achadas em 1780 por um indivíduo de Bueno, ao pé deste rio, foram chamadas *Descobertas*.

Manja Léguas.⁷⁹⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Piranga, com uma igreja filial de sua matriz.

Manoel Alves. Três são os rios do norte da província de Goiás, num espaço de pouco mais ou menos noventa léguas, a que os geógrafos hão dado este nome. Todos três se ajuntam com o Tocantins, pela margem direita. O primeiro, denominado com frequência Manoel Alves Meridional, é o que nós apelidamos Luiz Alves, nome que muitos autores lhe deram. O segundo, nada mais é que um ribeiro que corre mais ao norte, e se lança no Tocantins, pela margem direita, perto e acima da junção do rio do Sono. Enfim o terceiro, cognominado setentrional, é o mais possante e o mais dilatado de todos, e foi descoberto em 1728 pelo ser-

tanista cujo nome guarda, depois que este homem aventureiro viu perecer uma parte da sua gente, nas margens dum dos tributários do Araguaia, a que ele pôs o nome de *rio das Mortes*. O Manoel Alves Setentrional nasce nas serras que servem de limites às províncias de Pernambuco e de Piauí, donde correndo obra de cem léguas para oés-noroeste, recolhendo vários ribeiros e arroios, vai desaguar majestosamente no Tocantins, quarenta e cinco léguas abaixo da confluência do rio do Sono, acima da vila de São Pedro de Alcântara. O curso deste rio só é bem conhecido nas vizinhanças do Tocantins; ele parece formar o limite natural das províncias de Goiás e do Maranhão.

Manoel Gonçalves. Ilha da província do Rio Grande do Norte, perto da embocadura do rio Açu ou Mossoró. É ornada duma igreja da invocação de N. S. da Conceição, e nela faz-se um comércio considerável de sal, farinha de mandioca, e de peixe salpreso.

Manoel Homem. Ilha do rio Paraná, cinco léguas abaixo do

⁷⁹³ O autor refere-se a Guido Pokrane, líder indígena que se tornou aliado e intérprete do Diretor Geral dos Índios na região do rio Doce, Guido Tomas Marlière. (N/E)

⁷⁹⁴ Atual povoado de Manja Léguas, município de Piranga/MG. (N/E)

Manoel Rodrigues

confluente do rio Verde, e treze acima do do rio Pardo. Esta ilha adquiriu certa celebridade por uma imagem de Jesus Cristo que passava por mui milagrosa, a qual foi transferida para a cidade de Cuiabá.

Manoel Rodrigues. Pequena ilha da baía Niterói, na província do Rio de Janeiro. Vem-lhe este nome da primeira pessoa que nela residiu. Pertence ao termo da freguesia da ilha do Governador.

Manoel Vaz. Ribeirão da província de Minas Gerais: recebe pela esquerda o Itambé, e vai engrossar o rio de Santo Antônio, com o qual se ajunta pela margem direita, entre a povoação de Santo Antônio Abaixo e o pequeno rio do Peixe.

Manoel Vieira. Ribeiro da província de Minas Gerais, tributário do rio Chopotó, com quem se ajunta pela margem direita.

Manso. Ribeiro diamantino da província de Minas Gerais, afluente da margem direita do rio Jequitinhonha. Tirou dele bastante ouro o

sertanista Sebastião Leme do Prado em 1725, mas passados dous anos teve de deixá-lo por causa duma doença epidêmica que grassou na gente que o acompanhava, e foi-se em demanda do rio Piauí, que passava por ser mais rico. Por ordem de 12 de março de 1842 foi este ribeiro incluído no distrito chamado Diamantino, onde não era dado a pessoa alguma de entrar sem licença especial, e pôs-se um registo em suas margens.

Mantiqueira. Serra ou corda de montanhas que oferece os mais altos picos do interior do Brasil. Estende-se de leste para sudoeste, na parte meridional da província de Minas Gerais, e parece ser o centro de vários ramos que se estendem nas províncias da Bahia, Goiás, São Paulo e outras. Seus vertentes, da parte do nascente, acham-se separados da serra dos Órgãos pelos rios Paraíba e Parai-buna. Alguns de seus cumes se acham seiscentas braças acima do nível do mar. Desta serra nascem muitos rios e ribeiros, que engrossam o Paraíba, o Paraná, o rio Doce e o de São Francisco. Diversas

estradas a atravessam em muitos pontos, e se dirigem da província de Minas Gerais às províncias orientais banhadas pelo Oceano. Nestas estradas e nas gargantas das montanhas existem vários registros, que servem de alfândega à província de Minas, e onde se cobram os direitos de entrada e de saída das diversas fazendas que passam duma província para outra. Um destes registros, colocado numa das estradas que vão ter da cidade de Ouro Preto à do Rio de Janeiro, chama-se também Mantiqueira.

Mantiqueira.⁷⁹⁵ Lugarejo da província de Minas Gerais, cinco léguas ao sueste da vila de Barbacena, na estrada do Rio de Janeiro para a cidade de Ouro Preto. Esta povoação, que consta dum limitado número de agricultores, foi originariamente um couro de salteadores.

Mapendipe.⁷⁹⁶ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Valença, ao sul da baía de Todos os Santos, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

⁷⁹⁵ Atual cidade de Bom Jardim de Minas/MG. (N/E)

⁷⁹⁶ Atual bairro da cidade de Valença/BA. (N/E)

Maquiopó. Pequeno rio da província de Minas Gerais: corre por entre as matas que jazem sobre a margem direita do rio Doce, e perde-se entre o rio Costa e o ribeiro Sacramento.

Marabi. Nome primitivo do ribeiro Pilar, na província de Rio de Janeiro, distrito da vila de Iguaçu.

Marabitanas.⁷⁹⁷ Aldeia com um antigo forte apelidado de São José, nas margens do rio Negro, quarenta e oito léguas acima do forte São Gabriel. É povoada de Índios do mesmo nome, e doutros da tribo Ariíni, e vem a ser a povoação brasileira situada mais ao norte do rio das Amazonas, nas margens do Negro. Nove léguas acima dela, e na margem setentrional, se vê o canal Cassiquiari, que comunica com o Orenoco. Em 1842 e 1843, foi o forte de São José consertado por ordem do governo imperial.

Maracá. Ilha da Guiana brasileira, na embocadura do rio das Amazonas, e a oeste do cabo do Norte. Nela se observa bem sensivelmente o fenómeno chamado Pororoca. Poderá ter de comprimento

cinco léguas, e tem no interior uma lagoa mui piscosa.

Maracá. Ilha da província do Pará, no rio Madeira, defronte do canal chamado Canomá, ou Furo dos Tupinambaranas.

Maracabi. Aldeia da província do Pará, na cabeceira e sobre a margem esquerda do rio Negro, dezoito léguas acima da povoação de Santa Isabel. Devem as embarcações serem descarregadas e as fazendas transportadas por terra, para vingarem a cachoeira vizinha que tem o mesmo nome. Esta aldeia, onde a salsaparrilha se dá espontaneamente, é povoada de Índios Curanaus, os quais tiveram longo tempo guerra com os Manaus.

Maracaípe. Povoação do termo da freguesia de Ipojuca, na província de Pernambuco. Jaz à beira do mar, e a torre de sua igreja se acha em oito graus, vinte e nove minutos e vinte e seis segundos de latitude, e em trinta e sete graus, dezenove minutos e cinquenta e dois segundos de longitude oeste. Uma ponta da costa tem também o mesmo nome, e fica duas léguas mais ao sul do que a povoação e o ribeirão Maracaípe.

Maracaípe. Ribeirão da província de Pernambuco. Corre pouco mais ou menos na direção do nascente, e lança-se no Oceano, uma légua ao norte dos arrecifes e da ilha de Santo Aleixo, entre o Ipojuca e o Serenhém.

Maracaju. Grande serra ao sul da província de Mato Grosso. Dela nascem os rios Igatimi e Ipané, e se acha cortada pelo rio Paraná, que se despenha com impetuosidade de rocha em rocha, até passar as cachoeiras chamadas das Sete Quedas. Está esta serra em foro de ter o melhor mate ou congonha, a cujo chá atribuem a virtude de abrandar as dores da gota, e de dissolver os cálculos vesicais, se se faz dele contínuo uso.

Maracanã. Rio de pouco cabedal da província do Pará, na comarca de Bragança, que desemboca no mar, na pequena vila de Cintra, de cujo nome outrora se intitulava.

Maracanã. Ribeiro da província do Rio de Janeiro; vem da serra da Tejuca, e rega o termo da freguesia do Engenho Velho, perto do palácio

⁷⁹⁷ Atual povoado de Marabitanas, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. (N/E)

Maracu

imperial da Boa Vista. Suas águas encanadas alimentam as fontes da capital.

Maracu. Ribeirão da província do Maranhão, que passa pela vila de Viana, e vai juntar-se com o rio Pindaré.

Maragogipe.⁷⁹⁸ Vila florescente da província da Bahia, na margem esquerda do rio Guai, perto de sua junção com o Paraguaçu, quatro léguas ao sudoeste da cidade da Cachoeira. Foi fundada em 1726 por Vasco Fernandes César de Menezes, vice-rei do Brasil, e acha-se rodeada de montanhas. Um alvará de 15 de janeiro de 1810 lhe concedeu um juiz de fora. Há em Maragogipe uma cadeira de latim, uma escola de primeiras letras para meninos, e outra para meninas, criada por decreto de 16 de junho de 1832. Sua igreja paroquial é dedicada a São Bartolomeu, e além desta tem mais quatro com as invocações de N. S. de Nazaré, N. S. da Pedra do Monte, N. S. da Pedra de Sabão, e N. S. dos Mares. Possui esta vila excelente água; as casas são vistosas, porém térreas, e a vista topa nas montanhas. Em seu distrito acham-se minas de an-

timônio e de bolo armênio. A população é avaliada em três mil homens, lavradores de mandioca, canas, tabaco, cujos gêneros são conduzidos pelos numerosos ribeiros que engrossam o Paraguaçu, até este rio e daí à cidade da Bahia.

Maragogipinha.⁷⁹⁹ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Nazaré, com uma escola de primeiras letras criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Marajó. Grande ilha e uma das antigas comarcas da província do Pará, a qual divide em duas porções desiguais a embocadura do Amazonas, e jaz entre a vila de Macapá e a ponta Tigióca. Foi dada a Antônio de Souza de Macedo, barão de Joanes, e teve por algum tempo este nome, e poderá ter quarenta e cinco léguas do nascente ao poente, e quarenta na sua maior largura. Quando o donatário veio tomar posse dela, povoavam-na numerosas tribos de Tupinambás, que eram excelentes remeiros, e se apelidavam *Igaruanas* pelo grande número de canoas que possuíam, as quais em sua linguagem chamavam

igaras. Foram estes Índios civilizados pelo célebre padre Antônio Vieira, único jesuíta que levantou altamente a voz contra o cativo dos Índios. Depois da expulsão dos Holandeses, foi a ilha de Marajó incorporada na coroa, e os jesuítas continuaram a propagar o Evangelho até a época da extinção desta ordem. A Rainha D. Maria I ordenou a criação da vila de Marajó, mas isto se não efetuou senão doze anos depois e no de 1811, época em que por um alvará lhe foi concedido um juiz de fora, e todos os demais predicados de vila com o nome de Monforte. Outro alvará de 17 de agosto de 1816 erigiu esta ilha em comarca, dando-lhe um ouvidor que estabeleceu a sua residência na aldeia da Cachoeira, nas margens do Arari. Passados anos foi incorporada na comarca do Pará, e em 1835, como seus moradores abraçassem o partido da rebelião, foram alternativamente saqueados pelos rebeldes comandados por Vinagre e pelas tropas da legalidade; enfim comprimida a rebelião tornou tudo ao antigo estado. É esta ilha regada pelos rios Mondin e Arajás que poderão ter de quinze até dezoito léguas de

⁷⁹⁸ Atual cidade de Maragogipe/BA. (N/E)

⁷⁹⁹ Atual distrito de Maragogipinho, município de Aratuípe/BA. (N/E)

curso, navegáveis com o favor da maré, e por diversos ribeiros que também dão navegação por espaço de muitas léguas. A população é quase toda de raça indiana e da nação dos Tapuias, e as terras, próprias para toda espécie de cultura própria da zona tórrida, produzem uma imensa quantidade de arroz; criam-se também nelas muitos bois, que são os ramos mais rendosos do comércio de seus habitantes, os quais são avaliados em vinte mil.

Marambaia. Restinga arenosa entre o mar e a baía de Santa Cruz, uma das três partes em que se acha repartida a baía de Angra dos Reis. Estende-se esta restinga de oriente ao poente, obra de oito léguas, não tendo de largura mais do que meia. Sua extremidade oriental é separada do continente por um canal semeado de arrecifes chamado *barra do Guaratiba*; a ocidental fenece em uma meda de areia, apelidada morro de Marambaia; entre este morro e a ilha Grande há uma aberta de duas léguas de largo, por onde se entra na baía de Santa Cruz, e onde só

podem vogar brigues de duzentas e cinquenta toneladas, e daí para baixo. A restinga da Marambaia é povoada desde 1620 de Índios Tupis, que vivem unicamente de peixe, farinha de mandioca e milho. Há nela dous engenhos ou fábricas de açúcar e destilação de aguardente, e uma igreja de pedra e cal, edificada em 1760, da invocação de N. S. da Conceição, e atualmente da de N. S. das Dores, a qual é filial da matriz da vila de Mangaratiba.

Marambaia. Dá-se também este nome a uma serra da província das Alagoas, cuja parte mais elevada se apelida o monte de Santo Antônio; seu cume está em nove graus, vinte e dous minutos e dezessete segundos de latitude, e em trinta e sete graus, cinquenta e cinco minutos e vinte segundos de longitude oeste.

Maranguape.⁸⁰⁰ Povoação e serra da província do Ceará, no distrito da Vila da Imperatriz, com uma capela dependente da matriz de São José da vila, de que fica arredada de cinco léguas.

Maranhão. Província ao norte do Brasil, que conserva o nome primitivo do rio das Amazonas, descoberto pelos irmãos Vicente Yanes e Aires Pinzon, no começo do século XVI. D. João III fez doação desta parte do Brasil ao célebre historiador João de Barros, o qual, em 1535, preparou uma expedição capaz de despertar naquele tempo o ciúme dos soberanos. Constava ela de dez navios armados em guerra, novecentos colonos, entre os quais iam dous de seus filhos; cento e treze ginetes, um grande número de animais domésticos de todas as espécies, e grande quantidade de provisões de boca e de guerra; e deu o comando dela a Aires da Cunha e a Fernando Álvares de Andrade, os quais foram naufragar na costa da província do Maranhão, pelo mesmo teor que os dous Pinzons haviam encontrado a morte nas águas do primeiro rio do mundo. Foi posta em memória a história dum ferreiro por nome Pedro, único que desta expedição escapou com vida, o qual se tornou célebre entre os Tapuias barbados, tanto por isso que fizera diversos utensílios com

⁸⁰⁰ Atual cidade de Maranguape/CE. (N/E)

Maranhão

o ferro que havia tirado dos navios naufragados, como pelas vitórias que lhes fez alcançar contra os que com eles estavam em guerra. O maioral dos Índios, que nesse tempo dominavam no Maranhão, lhe deu a escolha duma de suas filhas, de quem teve o dito Pedro dous filhos que foram respeitados dos Índios com o nome de *Peros*. Em 1594 um Francês chamado Rifault naufragou nas adjacências da ilha do Maranhão, e foi bem recebido dos Índios; como um dos três navios em que ele tinha vindo pudesse ser consertado com o que ficara dos outros, carregou-o Rifault de pau-brasil, e voltou para França, deixando na ilha a gente da expedição debaixo do comando de Carlos Devaux. À vista da relação feita por este navegante, determinou-se Henrique IV a mandar ao Brasil La Rivardière, para se certificar dos úteis que se poderiam colher da nova colônia. Satisfeito La Rivardière do que observara na ilha do Maranhão, durante o tempo que nela estivera, voltou a França, para dar conta de sua missão, ao tempo que Henrique IV havia sido assassinado. O que não obstante, a Rainha regente fez aprontar três navios de guerra com mil e duzentos homens que desembarcaram na ilha do Maranhão em 20 de

julho de 1612, e se juntaram com os da primeira expedição. Edificaram casas e um forte com vinte peças de artilharia, que teve o nome de São Luiz em honra de Luiz XIII então menor. Estavam os Índios indispostos contra os Portugueses, por isso que lhes tolhiam de traficar com os demais Europeus, e penhorados da afeabilidade dos Franceses se aliaram com os novos hóspedes. Gaspar de Souza, nomeado de fresco governador general do Brasil, teve ordem de estabelecer a sua residência em Pernambuco, para ficar mais à mão que na Bahia de recobrar o Maranhão. Com efeito o novo governador despachou em 1613 a Jerônimo de Albuquerque com gente e oficiais de escolha, os quais se instalaram num entrincheiramento feito à pressa na embocadura do rio Pereá, que dedicaram a N. S. do Rosário. Ignorando Jerônimo de Albuquerque que os Franceses haviam recebido reforço, e se achavam fortificados na ilha, ordenou a Martim Soares Moreno, que se havia juntado a ele, quando passara pela embocadura do Potengi, se fosse apoderar dela, e tornou-se para Olinda, deixando obra de quarenta homens no forte Rosário. Tendo Martim Soares Moreno reconhecido a posição do inimigo, assentou que

não devia aventurar a pouca gente que levava, e voltou para o forte do Rosário, onde, passados três meses, teve de defender-se duma multidão de Índios capitaneados por alguns Franceses, os quais tiveram de retirar-se sem poder levar de assalto o forte. Voltou no ano seguinte Jerônimo de Albuquerque com tropas frescas, e cinco navios de guerra que tinham vindo de Portugal debaixo das ordens de Diogo de Campos, ao passo que por terra marchava o célebre Camarão, irmão do cacique Jacuana, amigo íntimo de Moreno, à testa de oitocentos Índios Potiguares. Atacaram os Franceses aos Portugueses em 2 e 19 de novembro. Neste último dia ambos os partidos experimentaram grandíssima perda, assim que foi entre eles estipulado que os sitiantes ocupariam a posição de Tapari na ilha do Maranhão, até que tivessem ordens de seus respectivos soberanos. Tinha neste tempo a Rainha regente de França muito em que se ocupar em sua própria corte, e não se podia distrair a prover do que era mister a colônia de São Luiz, e El-Rei de Espanha Filipe II, então de posse de Portugal, se não descuidou de fazer aprontar em Lisboa uma expedição comandada por Alexandre de Moura, a quem concedeu amplos poderes. O

novo governador general do Brasil, em chegando, exigiu a evacuação total da ilha, e os Franceses foram obrigados a capitular no 1º de novembro de 1615, e embarcaram-se com La Rivardière em navios portugueses no número de quatrocentos, extenuados por dous anos de privações e de guerras. De posse de toda a costa conferiu o governador general o título de capitão-mor das conquistas do Maranhão a Jerônimo de Albuquerque, que o tinha grandemente ajudado, autorizando-o a nomear os empregados nas terras sujeitas às suas ordens; deu o mesmo título a Francisco Caldeira de Castelo Branco pelo que diz respeito ao Pará, e partiu para a residência de seus predecesores, e entrou em Olinda em 5 de março de 1616. Jerônimo de Albuquerque aumentou a povoação que os Franceses haviam fundado, ao passo que os jesuítas se estabeleciam nas margens férteis do Monim, deixando para os religiosos doutras ordens os areais estéreis da ilha do Medo, e faleceu em 11 de fevereiro de 1618, de idade de setenta anos. Seu filho, Antônio de Albuquerque, governou interinamente até a chegada do novo capitão-mor Domingos da Costa Machado, o qual recebeu quatrocentos Açoristas que foram

transportados à custa de Jorge de Lemos. Então começaram as zizânias entre os jesuítas, os monges, o povo e os principais empregados, todos ciosos uns dos outros, e a estas discórdias cresceram as contínuas depredações e atos arbitrários cometidos por Bento Maciel, e pelos irmãos e primos de Antônio de Albuquerque, os quais foram causa da liga que as nações indígenas fizeram contra os Portugueses; porém não podendo estas resistir às armas de fogo dos conquistadores, tiveram de se acolher às serras e matas ínvias, guardando aos Europeus um ódio figadal, que o decurso de mais dum século não lhes pode extirpar do coração. Os capitães-mores posteriores tiveram de lutar com um sem número de flibusteiros ou corsários holandeses, e de contrabandistas de todas as nações que iam traficar com os Índios, e aguar as fazendas até pelo rios dentro. O general Antônio Muniz Barreiro, capitão-mor em 1622, foi o primeiro que fez dous engenhos nas margens do Itapicuru. Dous anos depois foi Francisco Coelho de Carvalho nomeado por Filipe III, primeiro governador general do Maranhão, em cujo governo entrava o Pará, o Piauí, e o Ceará. Este governador emendou um sem número de abu-

sos, desinfestou as costas de corsários e de contrabandistas e faleceu em Cameté em 15 de setembro de 1636, deixando a todos saudades pelo bem que se tinha havido no tempo de seu governo. Estava governando interinamente Jacome Raimundo de Noronha, quando os frades de Quito, embarcando-se em um rio no vertente oriental dos Andes, se deixaram levar da corrente e passando daquele rio em outros foram ter à cidade de São Luiz, onde chegaram em 1637. (V. *Amazonas*.) Bento Maciel, acérrimo filhador de Índios, que havia sido conduzido preso para Lisboa, voltou no ano seguinte de 1638, e veio tomar posse do governo do Maranhão que alcançara de El-Rei, e apenas chegado sem que houvesse queixa alguma contra Jacome Raimundo de Noronha, o remeteu preso para Lisboa, pelo mesmo teor com que ele mesmo havia sido remetido no ano antecedente. De posse do poder supremo, continuou Bento Maciel a fazer-se aborrecer de todos, e quando os Holandeses se apoderaram em 1641 da ilha do Maranhão, desamparou-o o povo, de sorte que teve de recolher-se a um forte donde tratou de se concertar com João Corneles, para conservar o fruto de suas extorsões, porém aquele oficial obrigou-

Maranhão

o a render-se, e a entregar-lhe vergonhosamente o forte, e o príncipe Maurício o mandou meter no de Potengi ou rio Grande, onde morreu passados poucos anos, infamado e detestado de todos, depois de haver brilhado um momento por alguns feitos de armas contra os corsários, contrabandistas e Holandeses. Vendo-se estes obrigados a concentrar todas as suas forças na cidade do Recife, desampararam a província do Maranhão; trataram então os habitantes de refazer-se de tão continuados desastres. Começavam enfim a gozar das docuras duma tranquilidade de que não haviam visto exemplo, quando o governador André Vidal de Negreiros recebeu em 1656 ordem de ir tomar o comando da insurreição de Pernambuco, deixando o governo de São Luiz do Maranhão e de Belém em mãos de dous comandantes. No governo de seu sucessor levantou-se o povo contra os jesuítas, que haviam medrado em pujança, e que dizia tinham em suas fazendas como escravos um sem número de Índios, e furioso, apoderando-se da pessoa do provincial, obrigou por força ao governo a remetê-lo para Lisboa. Enquanto tão escandalosas cenas se passavam no Maranhão e no Pará, chegou de Lisboa em

25 de março o governador Rui Vaz de Sequeira, cujo governo foi acompanhado dos mesmos tumultos que o de seus antecessores em consequência das contendas do povo com os jesuítas; contudo por tal modo se houve que conseguiu tornassem a seus colégios os frades que deles haviam sido expulsos e mandados a desterro. A Rui Vaz de Sequeira sucedeu Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, filho do primeiro governador geral do Maranhão, que falecera em Cameté, e segundo o costume dos procônules mandados a longes terras, desfez quanto seus predecessores haviam feito, e como fosse dum gênio áspero, viram-no com prazer ser rendido por Pedro César de Menezes, que governou sete anos a contento de todos. Neste tempo D. Gregório dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão, se fazia estimar por suas virtudes, quando o povo, em 25 de fevereiro de 1684, apeou o governo, e pôs em seu lugar uma junta escolhida pela nobreza, povo e clero secular do país. Tratou imediatamente a nova junta de expulsar do Maranhão os jesuítas, e de abolir o privilégio da companhia de comércio, cujo monopólio havia sido causa dos alevantamentos que tinham havido nos anos precedentes, e durou esta revolta

até o ano seguinte, em que chegou o governador Gomes Freire de Andrade, que foi quem lhe pôs termo. Beckman, que havia sido o principal autor dela, foi preso em uma fazenda que tinha nas margens do Meari, por um de seus filhos naturais, e justicado com muitos outros por crime de rebelião. Continuaram os Portugueses a reduzir os Índios a cativoiro, não obstante às leis e decretos em contrário, até o ministério do marquês de Pombal. Este homem de Estado conseguiu fazer observar à risca a lei de 6 de junho de 1775 de El-Rei D. José I, que declarava que todos os Índios eram livres, e isentos de cativoiro; que podiam dispor de suas pessoas e bens, sem outra sujeição senão a que era devida às leis; que podiam viver como bons cristãos entre os demais cidadãos, gozando dos mesmos direitos, honras e privilégios de que gozavam os demais vassallos portugueses, segundo seu nascimento, talento e haveres; verdade é que para fazer executar uma lei tantas vezes inutilmente promulgada por muitos Reis de Portugal, viu-se o marquês de Pombal obrigado a confiscar os bens da Companhia de Jesus, e abolir e extinguir esta ordem em todos os Estados portugueses.

A província do Maranhão consta em parte de

matas onde vegetam árvores que fornecem excelentes madeiras de construção, de marçhetaria e de tinturaria as quais se podem transportar até a borda do mar pelos rios de mais cabedal. Arroz, algodão e aguardente de cana são os gêneros nela mais abundantes, e neles é que consiste a principal riqueza dos habitantes que hão posto de parte a fabricação do açúcar: e contudo o comércio desta província não deixa de ser importante. Em 1842, exportação somente para Portugal, em algodão, arroz, goma, coiros, vaquetas, cornos, etc., foi de seis mil, novecentos e três mil réis. As principais frutas desta província são o caju, a ata, a carnaúba, o araçá nas terras arenosas, noutras o ambuz, cacau, manga e jabuticaba. A baunilha, gengibre, jalapa e ipecacuanha dão-se ali espontaneamente. O clima é quente, as trovoadas são frequentes nos meses de novembro e de dezembro, e às vezes continuam até março. Os dias e as noites são quase iguais em todo o ano. A parte da província que fica entre o Piauí e o rio Mearim é passavelmente povoada de Índios e de Brasileiros; mas a começar do poente deste rio até a extrema da província do Pará, são muitos os Índios bravos. Os jesuítas haviam feito um estudo

particular do idioma dos Tupinambás, idioma que ainda presentemente se fala, bem que houvesse prevalecido a língua portuguesa no ministério do marquês de Pombal. O governo do Maranhão foi por diferentes vezes desmembrado para se fazerem as províncias do Pará, do Ceará e de Piauí; assim que a do Maranhão se acha atualmente limitada, da parte do norte, pelo Oceano, que banha obra de noventa léguas de costa; da do oeste, pela província do Pará; da do sul, por esta mesma província e pela de Goiás; e da do nascente, pelo rio Parnaíba, que a separa da de Piauí. No princípio da menoridade de D. Pedro II, a assembleia provincial dividiu esta província em cinco comarcas, com os nomes de Alcântara, Aldeias Altas, Brejo, Ilha do Maranhão e Pastos Bons, porém a assembleia provincial lhe deu uma nova divisão e hoje ela se acha repartida em nove comarcas, que são: Alcântara, Brejo, Caxias, Chapada, Guimarães, Ilha do Maranhão, Itapicuru, Pastos Bons e Viana. Estas nove comarcas se acham subdivididas em distritos ou municipalidades, as quais têm por cabeças as vilas seguintes: Alcântara, Brejo, Caxias, Chapada, Codó, Guimarães, Icatu, Itapicuru-Mirim, Manga, Mearim, Pas-

sagem Franca, Passo do Lumiari, Pastos Bons, Riachão, Rosário, Santa Helena, São José, Turi, Tutóia e Viana, além da cidade de São Luiz, capital da província. A vasta província do Maranhão pode ter duzentas e cinquenta léguas de norte ao sul, e cento e vinte de este a oeste, entre os rios Tocantins e Parnaíba. Sua população é de duzentos mil habitantes, que mandam quatro deputados para a assembleia geral legislativa; dous senadores para o senado, e nomeiam vinte e oito membros para a assembleia provincial legislativa. Nesta província cria-se um inseto que parece ser da família dos bombices, um pouco maior que o bicho de seda da Europa, que faz casulos de seda amarela um pouco escura, de que os habitantes do Maranhão poderiam tirar grandíssimo proveito, pois que estes bichos se alimentam de folhas de laranjeiras e de pinheiro que se acham por toda a parte nas províncias do norte.

Maranhão. Ilha da província do mesmo nome, entre as baías de São José, ao oriente, e a de São Marcos, ao poente. Está separada do continente por um esteiro chamado *rio do Mosquito*, largo, mas guarnecido de arrecifes na parte oriental, e muito apertado na

Maranhão

ocidental, e tem sete léguas do nordeste ao sudoeste, e cinco na maior largura. Sua superfície é mais alta que a do continente, com o qual à primeira vista parece unida; dela brotam quinze mananciais de água de que nascem outras tantas torrentes, as mais principais das quais são o Maranhão e o São Francisco, que passam por verdadeiros rios, os outros são o rio do Anil, o Anodimba, Bacanga, Batuba, Cumbico, Cuti, Guarapiranga, Itafen, Jaquarema, Maioba, São João, Tapari-Açu e Vinhais. É esta ilha uma comarca que tem por cabeça a capital da província, e as principais povoações que nela existem são Passo do Lumiar, Vinhais, São José, há além destas outras menos importantes, todas povoadas de Índios. Avalia-se a sua população em quarenta mil almas, e acha-se repartida em cinco freguesias, duas na cidade de São Luiz, e as outras três em Passo do Lumiar, São José e Vinhais. Os gêneros em que mais abundam as suas terras são arroz, tabaco, mandioca, milho e abóboras. Os Índios, que são em grande número, descendem das diversas tribos da grande nação dos Tupinambás.

Maranhão. Rio da província de Goiás, que tem por principais fontanais a lagoa For-

mosa, na serra Itiquira, e a de Felis da Costa, ao pé da serra dos Perineus; corre para o noroeste para cima de cinquenta léguas, engrossando-se com as águas de vários ribeiros, e continuando a correr num leito fundo e de rocha da largura de oito braças, passa ao poente da povoação de Água Quente, onde tem de largura cento e sessenta braças, e meia légua mais adiante recolhe o rio das Almas, que lhe aumenta do dobro o cabedal. A certa distância desta confluência se acha o salto do Facão, que intercepta toda espécie de navegação; inclina-se então o rio Maranhão para o norte, recebendo sucessivamente o Traíras, o Bagagem, o Tocantins Pequeno, e um sem número de torrentes. Alguns geógrafos são de parecer que no ponto em que este rio recolhe o Tocantins Pequeno, deveria perder o nome de Maranhão, e chamar-se Tocantins até o Oceano; mas não se pode negar que este último rio é muito menos caudaloso que o Maranhão, que ele corre do nascente para o poente, e ao depois toma para o norte, de companhia com o que o recolhe muito tempo antes de se ajuntar com o rio Paranatinga. É nesta confluência que começa o Tocantins Grande a correr com o nome que tem até ir desaguar no Oceano.

Não se deve confundir o Maranhão com certa parte do Amazonas que teve largo tempo o mesmo nome.

Maranhão. Povoação de pouco trato da província de Goiás, no distrito de Traíras, na margem esquerda do rio de que tomou o nome, cinquenta e quatro léguas ao nordeste da cidade de Goiás. Alguns aventureiros da bandeira do sertanista Manoel Rodrigues Tomar deitaram, em 1730, até as margens do Maranhão, e como ali achassem grande cópia de ouro, fizeram uma povoação; porém como dous anos depois uma grande cheia alagasse o campo, e das águas estanques que dela ficaram se originasse uma epidemia que num só dia chegou a levar cinquenta pessoas, passaram-se os habitantes para a margem fronteira, e juntaram-se aos da povoação de Água Quente. Atribuíram os jesuítas a cessação desta epidemia a uma boiada que havia por ali passado; como quer que seja, esta povoação é atualmente um lugarejo, e consta de mui poucas famílias de mineiros.

Maranhão. Cidade e capital da província deste nome. (V. *São Luiz do Maranhão.*)

Maranhão. Pequeno rio da ilha do mesmo nome, que de-

semboçando na baía de São Marcos constitui o porto da cidade de São Luiz do Maranhão.

Marapatá. Braço do rio dos Tocantins, abaixo da vila de Cametá, formado pela ilha Araraí ou Aragachi, que ele banha da parte do oriente, como o faz, da parte do ocidente, o braço chamado Limoeiro; ambos estes braços são impropriamente denominados baías.

Marapendi. Lagoa comprida e estreita, na província do Rio de Janeiro, entre a lagoa Jacarepaguá e o mar, com o qual não tem comunicação; é mais funda que a Jacarepaguá, porém muito menos piscosa.

Marataoã. Ribeirão da província de Piauí; acha-se entre o rio Parnaíba e o Longo, de que é afluente, e rega o distrito de Campo Maior, correndo em um leito de pedras de amolar.

Maratuba. Serra do continente da província de Santa Catarina, a poucas léguas do mar, de que nasce o rio Aracari.

Maraú.⁸⁰¹ Pequena vila da província da Bahia, na co-

marca dos Ilhéus. Está assentada nas margens do rio de que toma o nome, sete léguas acima de sua embocadura na baía de Camamu. Tem igreja paroquial dedicada a São Sebastião, e escola de primeiras letras instituída por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832; o presidente da província estabeleceu nela em 1843 um colégio eleitoral. As embarcações de pouco porte sobem pelo rio acima até o porto de Maraú; as terras de seu distrito são férteis e excelentes para mandioca, melancias e ananases, que se levam a vender aos mercados da cidade da Bahia. Avalia-se em mais de mil e duzentos o número dos habitantes, quase todos empregados na agricultura, ou na preparação de madeiras de construção.

Maraú. Rio da província da Bahia. Nasce nos montes ao noroeste da vila de São Jorge, dirige-se para és-nordeste, rega a vila de seu nome, e vai-se lançar dali a sete léguas, na baía de Camamu. Sobem por este rio os barcos com carga até a vila de Maraú.

Marauá. Tribo de Índios bravos da província do Pará, que

vivem nas cabeceiras do rio Jutaí: ainda não são bem conhecidos; vão à guerra armados de arco, flecha e zarabatana, que ervam algumas vezes.

Marauia. Pequeno rio da Guiana brasileira, tributário do rio Negro, com quem se ajunta pela margem esquerda, abaixo da cachoeira e da aldeia de Maracabi. Suas margens abundam em salsaparrilha e cacau.

Marcela. Serra da província de Minas Gerais, que se estende entre a serra da Parida ao su-sudoeste, e a da Pindaíba ao norte. De seu vertente oriental nascem vários ribeiros tributários do rio Bambuí.

Marcos. Povoação da província da Bahia, sobre o rio Buranhém, um pouco acima da vila de Porto Seguro, de que é de certo modo um arrebalde.

Marcos. Enseada na costa do sul da província do Rio Grande do Norte, no distrito de Vila Flor. Deram-lhe este nome por se haver achado na entrada dela um dos marcos com as armas portuguesas,

⁷⁹⁹ Atual cidade de Maraú/BA. (N/E)

Mar de Espanha

posto por Cristóvão Jaques no litoral do Brasil, em 1503. Jaz esta enseada uma légua ao norte da embocadura do rio Camaratiba, entre a baía Formosa e a de Acejutibiró ou da Traição.

Mar de Espanha.⁸⁰² Povoação da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cantagalo, na margem direita do rio Paraíba. Defronte e na margem oposta há um registo do mesmo nome, dependente da província de Minas Gerais, para a arrecadação dos direitos de saída dos gêneros que dela se exportam.

Maré. Ilha assaz grande, no fundo da baía de Todos os Santos, em sua margem oriental, defronte da embocadura do rio Pitanga, que corre do norte para o sul, e do ribeirão Matuim, que vem do nascente. É quase redonda e poderá ter três léguas de circunferência, e setecentos moradores. A igreja, dedicada a Santana, foi criada paróquia por decreto de 19 de julho de 1832, e seu termo consiste unicamente na ilha, mas as terras são férteis, e povoadas pela maior parte de bananeiras que são a ri-

queza dos moradores. Criou-se nesta ilha uma escola de primeiras letras de meninos, em virtude dum decreto de 16 de junho de 1832.

Margaça. Lugarejo da freguesia de Guaratiba, na província do Rio de Janeiro, com uma igreja dependente da do Salvador do Mundo de Guaratiba.

Maria. Aldeia da província de Goiás, nas margens do ribeiro Fartura, tributário do rio dos Pilões. Foi fundada em 1784 pelo governador da província Luiz da Cunha Menezes, para nela colocar trezentos Índios Caiapós, que haviam sido batizados pouco tempo antes em Goiás. Agregaram-se a estes mais obra de duzentos, em razão do bom tratamento que encontravam. Os homens aprenderam diversos ofícios, e as mulheres a fiar e a tecer panos de algodão; não pode contudo a nova colônia prosperar, por isso que os brancos olhavam com desprezo para os Índios, os quais foram pouco a pouco desaparecendo, e apenas existem alguns no termo desta aldeia, que pertence ao distrito da vila de Jaguará.

Maria. Pequeno rio da Guiana brasileira, tributário do rio Negro, com quem se ajunta pela margem direita, entre a aldeia de Camundé e a freguesia de Camanaú. Suas margens são povoadas pelos Índios Mapuris.

Maria Angu. Pequeno porto da freguesia de Inhaúma, na província do Rio de Janeiro, sobre a baía de Niterói. Nele se embarcam muitos produtos agrícolas que são conduzidos para a capital do Império.

Maria Bachaara. Ribeiro do continente da província de Santa Catarina, e um dos principais afluentes do rio das Três Barras. Dá navegação a canoas por espaço de muitas léguas.

Maria Farinha. Povoação da província de Pernambuco, a uma légua pouco mais ou menos da cidade de Olinda. A igreja desta povoação, que é dedicada à Virgem Maria, se acha em sete graus, cinquenta e seis minutos e quarenta e três segundos de latitude, e em trinta e sete graus, dez minutos e cinquenta e um segundos de longitude oeste.

⁸⁰² Atual cidade de Mar de Espanha/MG. (N/E)

Mariana.⁸⁰³ Cidade episcopal da província de Minas Gerais, duas léguas ao nordeste da de Ouro Preto, oitenta e cinco ao nor-noroeste da do Rio de Janeiro, em vinte graus e vinte minutos de latitude, e em quarenta e sete graus e vinte e sete minutos de longitude oeste; acha-se elevada de dous mil oitocentos e noventa e um pés franceses acima do nível do mar. Teve princípio nas minas de ouro que em 1699 descobriu Manoel Garcia, sertanista da vila de Taubaté. Nos anos seguintes, João Lopes de Lima, natural de São Paulo, ali foi residir levando consigo um grande número de aventureiros, os quais formaram a povoação do Ribeirão do Carmo, que foi criada vila em 8 de abril de 1711, com o nome de Vila Real do Ribeirão do Carmo, pelo primeiro governador da nova província de São Paulo e Minas, Antônio de Albuquerque Coelho. El-Rei D. João V, por carta régia de 23 de abril de 1745, conferiu a esta vila o título e prerrogativas de cidade, dando-lhe o nome de sua augusta consorte. No mesmo ano foi criado nesta cidade um bispado para a província de Minas Gerais, e seu primeiro Bispo foi D. Manoel da Cruz,

o qual oito anos depois foi suspenso. Seguiu-se-lhe D. Joaquim Borges de Figueiroa, que não tomou conta do bispado, e o mesmo aconteceu a seu sucessor Bartolomeu Manoel Mendos dos Reis. D. Domingos da Encarnação Pontével, nomeado Bispo em 1778, veio assentar-se na cadeira episcopal no ano seguinte, e faleceu em Mariana, onde se conservam as suas cinzas. Em 30 de outubro de 1799, D. Cipriano de São José, que havia sido havia três anos provido neste bispado, veio ocupá-lo, e governou a diocese de Minas Gerais até a sua morte, ocorrida em 1817. Sucedeu-lhe, no ano seguinte, D. José da Santíssima Trindade, sagrado no Rio de Janeiro, em 9 de abril de 1820, e falecido em 1835. A regência de três membros, que nessa época governava o Império, nomeou-lhe por sucessor o senador Diogo Antônio Feijó, porém esta nomeação não tendo sido confirmada pelo Papa, foi nomeado em seu lugar Carlos Pereira Freire de Moura, vigário de Tocoios. Compõe-se o cabido de doze cônegos, e outros tantos capelães, além do Bispo e do vigário geral. A cidade de Mariana é regada dum banda pelo ribeirão do

Carmo, e da outra pelo do Seminário. As ruas principais são largas, pouco mais ou menos alinhadas, e todas calçadas com quinhentas casas dum exterior aprazível. Bem que esta cidade se acha entre dous montes, um ao oriente, e outro ao ocidente, o ar é puro e o clima temperado. É ornada de duas grandes praças, de sete fontes e dum ponte dum só arco, sobre o ribeirão Catete, que lhe passa pelo meio, dum casa da câmara por cima da cadeia, dum hospital da Misericórdia para os doentes e enjeitados, que tem obra de quarenta camas e infelizmente se acha muito arruinado. O palácio episcopal e o seminário ficam fora da cidade, a qual tem, além de duas escolas de primeiras letras, cadeiras de gramática latina e portuguesa, aulas de francês, de filosofia, de matemáticas e de desenho. As igrejas principais são a Sé, que era a igreja da Assunção, uma das mais antigas da província, a qual foi reedificada; as de N. S. do Carmo, São Francisco de Paula, N. S. do Rosário, Santana, São Gonçalo, com a de São Francisco dos Pardos e a de N. S. das Mercês dos Pretos. Tem esta cidade muito menos comércio que a de

⁸⁰³ Atual cidade de Mariana/MG. (N/E)

Maria Pereira de Mumbaça

Ouro Preto. Seu distrito era originalmente vastíssimo, porém foi sucessivamente coarctado para formar os das vilas novamente criadas que presentemente a rodeiam, como a de Barbacena ao sul, a de Pomba e do Presídio de São João Batista ao poente, confrontando no restante como distritos de Ouro Preto e de Caeté. A população desta cidade é avaliada em cinco mil e duzentas almas.

Maria Pereira de Mumbaça.⁸⁰⁴ Freguesia da província do Ceará. (V. *Mumbaça*.)

Maria Pinto. Serro da província de São Pedro do Rio Grande, superior às eminências Babiráqua.

Maria Preta. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, no distrito de Resende. Deságua no rio Paraíba.

Mariarana. Tribo de Índios da província do Pará, que vive nas margens do rio Tefé: consta de poucas famílias.

Maricá.⁸⁰⁵ Vila da província do Rio de Janeiro, na comarca de Itaboraí. Está assentada nas margens da lagoa Maricá, a

duas léguas do mar, e dez a leste da cidade do Rio de Janeiro. O governador interino da província, Duarte Correia Vasques Eanes, por escritura de 31 de outubro de 1635, fez doação aos beneditinos das terras que jazem à roda desta lagoa, das quais ainda hoje estão de posse, porém não se sabe ao certo em que tempo foi edificada a igreja de Maricá, da invocação da Senhora do Patrocínio; consta todavia que ela servia já de paróquia em 1687, posto que não obtivesse o título senão no ano de 1755, em virtude dum alvará de 11 de janeiro. A população desta freguesia ficou quase no mesmo ser até o princípio do século corrente. Quando a família real se transferiu para o Brasil, havia no seu termo quatro mil e oitocentos habitantes. Um alvará de 26 de maio de 1814 elevou esta povoação à categoria de vila, com o nome de Santa Maria de Maricá, em honra da Rainha reinante D. Maria I, concedendo-lhe por patrimônio uma légua quadrada de terras, ficando a cargo dos habitantes a fábrica dos edifícios necessários a uma vila. Deu-se princípio à fábrica da cadeia que foi concluída em 1841. É esta

vila atualmente cabeça dum colégio eleitoral de vinte e quatro eleitores e duma legião de guardas nacionais. Seu distrito consta do termo de sua freguesia, e encerra seis mil habitantes, sendo a terça parte deles Índios, e pega, ao norte, com o da vila de Itaboraí; ao poente, com o da cidade de Niterói desde a serra Malheira, seguindo para o sul as de Inuã, de Itatindiba e de Caçurituba até o mar, que o banha pela banda do sul, e ao nascente confronta com o da cidade de Cabo Frio. Há nele grandes plantações de café, uma dúzia de engenhos e fábricas de aguardente. Os Brasileiros cultivam os gêneros do país, e colhem café, mandioca, arroz, feijões, etc., ao passo que os Índios se aplicam com especialidade à pesca. Exporta-se do distrito de Maricá excelente farinha de mandioca e grande quantidade de arroz e de milho, que em grande parte se conduz em bestas muares até a cidade do Rio de Janeiro; as terras são regadas por várias lagoas que têm comunicação entre si desde o sítio de Bassuí até a Ponta Negra, onde existe um porto de mar frequentado pelas sumacas que ali vão tomar carga de caixas de açúcar, pipas de aguardente e

⁸⁰⁴ Atual cidade de Mombaça/CE. (N/E)

⁸⁰⁵ Atual cidade de Maricá/RJ. (N/E)

outros produtos agrícolas. Vários ribeiros banham as faldas das serras Tirica, Piba Grande, Piba Pequena, Itatindiba, Cordeira, Catimba e outras, e vão alimentar as lagoas ou engrossar o rio Macacu.

Maricá. Nome de duas ilhotas da província do Rio de Janeiro, a leste da entrada da baía de Niterói. A que jaz mais ao sul acha-se em vinte e três graus zero minuto e cinquenta e três segundos de latitude, e em quarenta e cinco graus, vinte minutos e oito segundos de longitude oeste. Deu-se-lhes este nome por se acharem defronte da lagoa Maricá, a uma légua da costa. Podem os navios aproximarem-se delas distância duma milha, sem correrem perigo.

Maricá. Lagoa da província do Rio de Janeiro, em cuja margem está assentada a vila do mesmo nome. Esta lagoa comunica com a de Cururupina, por meio dum canal chamado rio Bambuí, e tem perto de duas léguas de comprimento de nordeste a sudoeste, e uma no ponto onde é mais larga. Abunda em excelente pescado; o melhor é levado para a ribeira do Peixe do Rio de Janeiro, e o mais serve para

o consumo dos habitantes da vila. De tempos a tempos são os habitantes obrigados a picar o banco de areia que jaz entre esta lagoa e o mar, e abrir uma vala para dar despejo às águas. Suas margens são povoadas de aves aquáticas.

Marim. Rio da província do Maranhão: serve de limite ao distrito da vila de Tutóia, e vai lançar-se no Oceano, duas léguas a leste da embocadura do rio Pereá.

Marinheiros. Ilha na extremidade meridional da lagoa dos Patos, perto da nova cidade do Rio Grande, com pouco mais ou menos três léguas de circunferência, que abastece de lenha a gente da cidade, e de excelente água a do mar.

Maripi. Pequena vila da Guiana Brasileira, na margem direita do rio Hiapura, a dez léguas do das Amazonas, com uma igreja paroquial dedicada a Santo Antônio. Consta a população dela de diversas tribos de Índios que guardam ainda ressaído do estado de natureza de seus maiores, vivendo quase absolutamente da caça e pesca, não obstante dizer-se que os que dominavam nas

margens dos rios Negro e Hiapura, eram inclinados ao comércio. Os Europeus que se demoram algum tempo nesta povoação e nas adjacências do Hiapura são expostos a febres intermitentes.

Maripocu.⁸⁰⁶ Freguesia da província do Rio de Janeiro, a nove léguas oés-noroeste da capital do Império. Deve a sua origem a Garcia Aires, o qual alcançou em 1592 uma sesmaria de uma légua quadrada, nas margens do ribeiro Maripocu, chamado por corrupção umas vezes *Marapicu* e outras *Mariapicu*; agregaram-se-lhe alguns colonos, e edificaram uma capela da invocação de N. S. da Conceição. Em 1752, Manoel Pereira Ramos fez doação de sessenta braças de terra para se edificar uma igreja de pedra, a qual foi criada paróquia por alvará de 4 de fevereiro de 1759, pelo qual se desanexou uma parte do termo da freguesia de Jacutinga para fazer o de Maripocu. Acha-se este limitado, ao norte, pelo da freguesia de Itinga; a leste, pelos de Iguaçú, Jacutinga e Miriti, e ao sul, confronta com os de Campo Grande e de Guaratiba; e ao oeste, o rio Guandu o separa do de Itaguaí. Há neste termo

⁸⁰⁶ Atual bairro de Marapicu, cidade de Nova Iguaçu/RJ. (N/E)

Mariuá

cinco engenhos e mil e oitocentos habitantes, lavradores de canas-de-açúcar, mandioca, milho, arroz e café, gêneros que se levam em bestas muarres aos portos dos rios Jacutinga, Miriti e Irajá, donde se embarcam para o Rio de Janeiro. Os lavradores que se acham em grande distância destes portos, depositam os gêneros nas margens do rio Guandu, perto de sua embocadura, donde são carregados em sumacas e levados por mar à capital. Os ribeiros que passam por este termo são o Piava, o Cabuçu e o Guandu Pequeno. Nele também se cria algum gado vacum.

Mariuá. Uma das primeiras missões que se fundaram nas margens do rio Negro, na Guiana brasileira. Em 1756 havia oito; hoje já nenhuma existe ou se acham convertidas em povoações com diferentes nomes.

Mariuaí. Ilha do rio Madeira, na província do Pará, perto da confluência do rio Jamari, e na vizinhança da ilha Mundibu.

Marmela.⁸⁰⁷ Povoação da província de Minas Gerais, entre a povoação de Juiz de Fora e o registo de Mateus Barbosa, na

estrada que vai do Rio de Janeiro para Barbacena.

Marmelada. Rio da província de Minas Gerais, ao poente do rio de São Francisco. Vem da serra dos Quatis, e depois de correr por terras pouco conhecidas, se ajunta com o rio precedente, cinco léguas abaixo da confluência do Pará, e pela margem esquerda. Dá-se também este nome ao registo que existe na confluência deste rio, para reprimir o extravio do ouro e dos diamantes.

Marmelos. Ilha do rio Madeira, na província do Pará, junto à confluência do rio do mesmo nome, apelidado dos Índios Araxia: pode ter perto de duas léguas de comprimento.

Marmelos. Rio da província do Pará, cujo curso é pouco conhecido; é porém certo que se ajunta com o Madeira, pela margem direita, trinta e seis léguas antes de se ele lançar no rio das Amazonas, e duas acima do desaguadouro da lagoa Marucutuba.

Mar Pequeno. Lagoa, funda, salgada e estreita a que muitos chamam baía, na pro-

víncia de São Paulo. Tem de comprimento dez léguas de sudoeste a nordeste, e separa o continente da praia ou ilha de Iguape. As sumacas que entram pela baía de Cananeia podem cursar por toda ela. Em sua extremidade setentrional, que é muito mais estreita que a meridional, existe uma boca ou barra, chamada de Icapara, por onde esta lagoa comunica com o mar, a qual com ser funda por causa de suas tortuosidades não admite senão canoas e botes. Fez-se há algum tempo um canal perto da barra de Icapara, que faz que a lagoa comunica com o rio Iguape, de sorte que as embarcações podem da baía de Cananeia entrar no mar pela embocadura ou barra do mencionado rio.

Martins.⁸⁰⁸ Povoação importante da província do Rio Grande do Norte, na serra do mesmo nome, quarenta e oito léguas pouco mais ou menos ao oeste da cidade do Natal, e trinta e quatro ao sul da costa do Norte. A fertilidade da mencionada serra sempre coberta duma vegetação vigorosa fez que um grande número de lavradores portugueses para ali concorressem,

⁸⁰⁵ Atual cidade de Juiz de Fora/MG. (N/E)

⁸⁰⁶ Atual cidade de Martins/RN. (N/E)

os quais se misturaram com os Índios que ali residiam. Como o clima fosse saudável, as justiças de Porto Alegre, que se acha muitas léguas arredado, assentaram ali a sua residência, e a estrada que vai da vila de Aracati, às cidades de Paraíba e de Pernambuco, sendo mui frequentada, adquiriu esta povoação uma certa importância comercial. A antiga igreja, que estava de todo arruinada, foi substituída por outra muito mais espaçosa e de pedra e cal, que ainda hoje em dia dura. As ruas são alinhadas, as casas chãs à exceção duma, que tem um só andar. Desta povoação se descobre de toda a parte um vasto país, e os olhos se recreiam com os magníficos painéis que ante eles se apresentam. Encerra ela mais de dous mil habitantes derramados pela serra.

Martins. Serra a mais alta da província do Rio Grande do Norte, e limítrofe da província do Ceará. Estende-se por espaço de seis léguas do sul para o norte, a cinquenta pouco mais ou menos da cidade do Natal. Todos os montes de que se compõe se acham continuamente cobertos de verdura, e na sumidade dela,

existe a povoação do mesmo nome, junto duma lagoa que nunca se aumenta, nem transborda senão depois de grandes trovoadas. Os habitantes cultivam chicharos nas margens da lagoa, e fazem um comércio ativo de algodão com os lavradores de Porto Alegre.

Martírios. Freguesia da província de Minas Gerais, entre o rio das Velhas e o Paraopeba. Sua igreja, da invocação dos Santos Mártires, foi criada paróquia por decreto de 17 de dezembro de 1821, com o nome de igreja nova de N. S. dos Martírios. Seu termo encerra perto de sete mil habitantes, que colhem milho, feijão, arroz, cultivam canas-de-açúcar e fabricam rapadura e aguardente; alguns se ocupam ainda na malfadada extração de ouro em pó.

Marucutuba. Lagoa da província do Pará, na margem direita do rio Madeira, com quem comunica em seis graus e cinco minutos de latitude.

Maruí. Povoação da província do Rio de Janeiro, do termo da freguesia da cidade de Niterói, com uma linda capela na encosta duma colina

de que é padroeiro o apóstolo São Pedro. Nas adjacências há vários pequenos portos onde se embarcam todas as noites os produtos agrícolas que com o favor da maré são transportados para o Rio de Janeiro.

Maruí.⁸⁰⁹ Freguesia da província de Santa Catarina, sobre o rio de que toma o nome. Sua igreja, dedicada a São João Batista, foi elevada à categoria de paróquia por decreto de 23 de agosto de 1833, que assinalou a seu termo por limites a ponta Canguri da parte do norte, e a freguesia de Santana; da banda do sul a ponta da Pescaria Brava, pegando com o termo da freguesia da vila de Laguna; porém uma lei provincial de 27 de abril de 1839 desanexou da freguesia de Maruí a povoação da Pescaria Brava, e os moradores duma das margens do ribeiro de Siqueiro, para aumentar a da vila de Laguna, a cujo termo pertencem.

Maruí. Rio do continente da província de Santa Catarina. Corre do poente para o nascente, e depois de regar a povoação de seu nome, entra na baía de Santa Catarina, no meio do comprimento dela,

⁸⁰⁹ Atual cidade de Imauri/SC. (N/E)

Maruueni

perto da enseada de São José, e ao norte do rio Massambu. Dá navegação a canoas obra de seis léguas até o lugar chamado *Guarda*.

Maruueni. Rio da Guiana brasileira, que se ajunta com o rio Negro, pela margem esquerda, entre a aldeia de Camundé e a freguesia de Camanaú.

Marvão.⁸¹⁰ Vila medíocre da província de Piauí, teve o nome de Rancho do Prato enquanto foi mera povoação. Está assentada numa planície regada pelo rio Marvão, seis léguas antes dele se ir ajuntar com o Poti. Sua igreja matriz, dedicada a N. S. do Desterro, jaz quarenta e quatro léguas ao nordeste da cidade de Oeiras, e vinte e cinco a és-sueste da vila de Campo Maior da mesma província, e tem por filiais a igreja da Conceição, nos montes a sete léguas para o sul. Uma lei provincial de 10 de setembro de 1838 ordenou a construção da cadeia de que esta vila carecia. Seu distrito tem por limites duma parte a barra do ribeiro Sambito, até a fazenda de São Bartolomeu inclusivamente, e doutras os sítios e fazendas Caldeirão, Folha Larga,

Joazeiro, Tapera, Serrinha, Curralinho, Calumbi Alto, Carinaubal, Santa Bárbara, Taboacas, Brejinho, Quatis, Buriti do Meio e Alagoas, as quais foram desmembradas do distrito da vila de Campo Maior, em virtude duma lei provincial de 3 de janeiro de 1840. Existem neste distrito minas de caparrosa, de pedra-ume e de prata. A população é avaliada em três mil habitantes, que se empregam no cultivo das terras, e na criação de gado, tendo excelentes pastagens nas planícies.

Marvão. Ribeiro da província de Piauí: rega o distrito da vila de seu nome, e vai ajuntar-se com o rio Poti, pela margem esquerda, dez léguas abaixo da povoação e da cachoeira do Bom Jesus.

Mar Virado. Nome duma ilha diante da costa da província de São Paulo, ao su-sudoeste da ilha dos Porcos, e ao nor-nordeste da de São Sebastião, em vinte e três graus, trinta e quatro minutos e sete segundos de latitude, e quarenta e sete graus, trinta e quatro minutos e vinte segundos de longitude oeste. Entre esta ilha e o continente existem vários arrecifes, porém os navios

passam à ilharga deles duma e doutra parte, por terem muito de fundo ambos os esteiros.

Massaí. Ribeiro da província da Bahia, passa ao norte da torre de Ávila e vai se lançar no Oceano.

Massambaba. Parte da restinga ao poente do Cabo Frio. Dispôs a natureza o solo para nele se fazerem salinas. Nos primeiros tempos fizeram-se grandes quantidades de sal, porém o governo português proibiu aquele gênero de indústria no fim do século XVII, para favorecer a extração do sal de Portugal, e depois da independência os habitantes do distrito do Cabo Frio transcuraram de tirar proveito das antigas salinas mandando-as limpar, facilitando a entrada d'água do mar, e impedindo a d'água doce.

Massambu. Rio de curta extensão no continente da província de Santa Catarina. Seu álveo é bastante fundo, e fenece na boca meridional da baía, defronte da extremidade meridional da ilha que dá nome à província. Em 1841 e 1842 fizeram-se quatrocentas e quarenta e cinco

⁸¹⁰ Atual cidade de Castelo do Piauí/PI. (N/E)

braças de estrada, passando pelo morro do Cavallo, e faltavam ainda mil braças, para se chegar à estrada imperial que vai ter à província de São Pedro do Rio Grande.

Massaranduba. Povoação da província de Pernambuco, no distrito da vila de Goiana, e sobre o rio de que tomou o nome, com uma capela de invocação de N. S. da Boa Viagem, dependente da matriz da freguesia Tejucoaba.

Massaranduba. Rio da província de Pernambuco, cujo nome é derivado da madeira de que abundam as matas que acompanham as suas margens. Nasce este rio dos montes que jazem ao poente da vila de Goiana, e correndo por espaço de seis léguas para o nascente, vai desaguar no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente, de frente da entrada setentrional chamada Catuama, que tem cômodo surgidouro para navios.

Massarandúpio. Morro da província da Bahia, na planície que jaz entre a torre de Garcia de Ávila, e a embocadura do Inhambupe. Por ele se orien-

tam os que frequentam aquelas paragens.

Massaranguape.⁸¹¹ Povoação da província do Rio Grande do Norte, na enseada do mesmo nome, formada pelo cabo de São Roque que jaz mais ao norte.

Massaranguape. Rio da província do Rio Grande do Norte: nasce nas adjacências da povoação de Carnaubinha, corre pouco mais ou menos do poente para o nascente até a baía ou enseada do mesmo nome ao sul e perto do cabo de São Roque. Serve este rio de limite entre o distrito da vila de Toiros, e o da de Extremoz.

Massari. Rio da província do Pará, no sertão dela, entre os rios Madeira e Tapajós; ajuntase com o braço do primeiro destes rios vulgarmente chamado Canomá.

Massoeira. Ponta de terra na costa da província das Alagoas, perto da povoação do Porto Francês. Abriga algum tanto o surgidouro do porto.

Massurani ou **Massurari.** Lagoa da província do Pará,

entre o rio Madeira e o Furo dos Tupinambaranas, com um sangradouro natural para o rio das Amazonas.

Mata.⁸¹² Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de São Francisco, com uma capela da invocação do Senhor do Bonfim, e uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. Dá-se por vezes a esta povoação o nome de Bonfim da Mata.

Mata. Colônia alemã fundada pelo imperador D. Pedro I, na província de São Paulo, comarca de Curitiba, com uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto da assembleia geral de 13 de outubro de 1831.

Matacara. Lugarejo da província de Paraíba, no distrito de São Miguel, com uma capela dependente da matriz desta vila.

Mata Castelhana. Mata no norte da província de São Pedro do Rio Grande, ao sul dos rios Pelotas e Uruguai.

Mata da Corda. Serra da província de Minas Gerais, na

⁸¹¹ Atual cidade de Maxaranguape/RN. (N/E)

⁸¹² Atual povoado de Mata, município de Esplanada/BA. (N/E)

Mata Dentro

comarca de Paracatu. Dela nascem vários ribeiros dos quais se forma o rio Abaité. Há certeza de haver prata e estanho nos montes desta serra.

Mata Dentro (Conceição de).⁸¹³ Antiga povoação da província de Minas Gerais. (V. *Conceição do Serro*, vila.)

Mata dos Mutuns. Matas da província do Maranhão, na comarca de Pastos Bons, onde os rebeldes se acoutaram em 1840, e donde foram desalojados e totalmente derrotados em 15 de setembro, perdendo vinte e dois homens e deixando sete presos no cabo duma ação que durou duas horas.

Mata e Campos da Palma. Florestas na parte ocidental da província de São Paulo, e campos dilatados e férteis recentemente descobertos, a cem léguas da comarca de Curitiba, defronte dos Estados do Paraguai. Para promover a povoação desta parte da província, e civilizar as tribos índias que vagavam por aquelas adjacências, a assembleia provincial criou, por lei de 10 de março de 1836, uma colônia militar. É para se desejar que a revo-

lução de Sorocaba de 1842 não tenha totalmente arruinado.

Mata Grande.⁸¹⁴ Nova vila e antiga freguesia da província das Alagoas, setenta e cinco léguas com pouca diferença ao poente da cidade de Maceió. Por se achar muito distante das outras vilas, e pela dificuldade das comunicações, havia esta povoação sido escolhida para cabeça dum colégio eleitoral composto de vinte eleitores. Uma lei provincial de 6 de julho de 1839 lhe conferiu afinal o título de vila.

Mata Grossa. Povoação da província de Goiás, no distrito de Cavalcante, a certa distância da margem esquerda do rio Paranã, com uma igreja da invocação de N. S. da Piedade, filial da matriz da freguesia de Flores. Seus habitantes, que se acham derramados e arredados uns dos outros, criam gado e cultivam mantimentos.

Matança. Aldeia da província de Goiás, seis léguas ao norte da vila do Porto Imperial. Está assentada nas margens dum ribeiro do mesmo nome, o qual se lança no Tocantins, três léguas abaixo desta aldeia.

Acha-se presentemente pouco povoada, por causa das excursões dos Índios bravos, bem que a sua situação seja cômoda, e as terras férteis.

Matança. Aldeia da província de Piauí, no distrito da vila de Jurumenha, e na margem direita do rio Parnaíba, abaixo da confluência do Gurgueia. A passagem do rio é mui frequentada neste lugar.

Mata Porcos. Povoação numerosa da província do Rio de Janeiro, no termo da freguesia do Engenho Velho, por onde passa a estrada que vai da cidade do Rio de Janeiro à serra do Tejuco, com uma caserna para os permanentes, e uma linda igreja da invocação do Espírito Santo, que foi fundada em 1746. Era originalmente um mercado de porcos.

Mata Redonda.⁸¹⁵ Povoação da província de Paraíba, no distrito da vila do Conde, na estrada que vai para Pernambuco, seis léguas pouco mais ou menos ao sul da cidade de Paraíba.

Matari. Rio da Guiana brasileira, que se lança no Amazonas, perto do confluente do rio Negro. Suas margens são

⁸¹³ Atual cidade de Conceição do Mato Dentro/MG. (N/E)

⁸¹⁴ Atual cidade de Mata Grande/AL. (N/E)

⁸¹⁵ Atual povoado de Mata Redonda, município de Alhandra/PB. (N/E)

povoadas pelos Índios Cuchigaras.

Matari. Lagoa da província do Pará, na margem direita do rio Madeira, no qual se despeja doze léguas acima da vila de Borba.

Mataripe.⁸¹⁶ Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade, e perto da baía de Todos os Santos. O juiz de paz desta povoação mandou prender o príncipe de Joinville em 6 de setembro de 1840, por informações da gente do povo que entrou em susto, vendo um grande concurso de gente. A explicação que o príncipe deu foi ocasião duma cena jocosa, que redundou em confusão dos medrosos.

Mataruna.⁸¹⁷ Linda povoação da província do Rio de Janeiro, na comarca de Cabo Frio, na margem setentrional da lagoa Araruama, e sobre o ribeiro Mataruna, que se lança nesta lagoa. No século passado estabeleceram os capuchos um hospício na fazenda do padre Joaquim Ribeiro, e com as esmolas dos moradores vizinhos erigiram uma capela a São Sebastião, que

serviu para logo de paróquia. Mas com o andar do tempo os capuchos se foram daquele lugar, e a capela acabou por se arruinar, quando já desfrutava de certos privilégios paroquiais que lhe haviam sido concedidos por um edito de 9 de janeiro de 1799. Em lugar dela edificou-se na povoação de Mataruna uma igreja maior que teve o título de paróquia em 1812. De então por diante se foi esta povoação aumentando. Suas ruas são alinhadas, e uma ponte que se fez sobre o ribeiro Mataruna dá serventia à estrada que vai da vila de São João de Itaboraá para a cidade de Cabo Frio. Ao pé existe um pequeno porto cômodo, onde as lanchas vão tomar carga, e donde partem com a maré descendo ao longo da lagoa Araruama até entrarem no mar, defronte do Cabo Frio. Vários ribeiros que deságuam na lagoa facilitam o transporte em canoas dos produtos agrícolas do interior ao porto de Mataruna, cujo termo se estende da lagoa Araruama até a margem direita do rio Bacaxá, que é o seu limite da parte do norte; da do poente, o ribeiro da Dominga o separa do termo da

freguesia de Squarema; e da do sudoeste, o ribeiro de Bento Leite, que se lança na lagoa em sua extremidade ocidental; e ao nascente, pega com as terras dos Índios da aldeia de São Pedro. Avalia-se a população desta freguesia em três mil e duzentos habitantes, lavradores de canas e de mantimentos. Há neste termo uma dúzia de engenhos, sendo os mais notáveis os de Parati e de Iguaba, cada qual com sua capela, que fazem as vezes de filiais da igreja matriz de Mataruna.

Mataúra. Rio da província do Pará, que se ajunta com o rio Madeira pela margem direita, a trinta léguas do Amazonas, e seis abaixo do confluente do rio Anhangatini.

Mateus Barbosa.⁸¹⁸ Registo o mais importante de todos os da província de Minas Gerais. Acha-se na estrada do Rio de Janeiro para Barbacena, amparado por rios, lagoas e rochedos que tolhem o entrar-se nele sem ser sentido, e jaz em vinte e um graus e quarenta e cinco minutos de latitude. Cobravam-se em outro tempo neste registo mil e duzentos

⁸¹⁶ Atual distrito de Mataripe, município de São Francisco do Conde/BA. (N/E)

⁸¹⁷ Atual cidade de Araruama/RJ. (N/E)

⁸¹⁸ Atual cidade de Matias Barbosa/MG. (N/E)

Mateus Leme

réis por cada cavalo, três mil réis por macho, e mil e quinhentos réis por cabeça de gado vacum que passava para a província vizinha.⁸¹⁹

Mateus Leme.⁸²⁰ Freguesia da província de Minas Gerais, a duas léguas da margem esquerda do rio Paraopeba, e vinte e oito ao noroeste da cidade de Ouro Preto. Sua igreja teve o título de paróquia por decreto de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filiais as igrejas das povoações de Itatia-Açu e de Patafúfio.

Mateus Simões. Serro da província de São Pedro do Rio Grande, nas margens do Capivari, no distrito de Rio Pardo.

Matias Peres. Décima quarta cachoeira do rio Tietê, légua e meia abaixo da cachoeira Garcia, e meia acima da de Itapema-Açu, que se sobe com tripulação dobrada.

Matimento. Ilhota da província do Rio de Janeiro, na costa do distrito de Parati.

Mato Castelhana.⁸²¹ Lugar de Mato Castelhana, na província de São

Pedro do Rio Grande, nas adjacências da província de São Paulo e do rio Curitiba, no vasto termo da freguesia de N. S. do Oliveira. Chamam-no também às vezes *Mato Português*.

Mato Grosso. Província a mais ocidental das dezoito de que se compõe o império do Brasil, entre sete e vinte e quatro graus de latitude, e cinquenta e dois e sessenta e quatro de longitude oeste. Da parte do norte a corda de montes que mais perto fica do sétimo grau divide esta província da do Pará; da do ocidente servem-lhe de extremas de norte ao sul com as repúblicas do Peru, os rios Marmoré, Jauru e Paraguai; da do oriente o rio Araguaia, e uma longa corda de montes é, também no rumo de norte a sul, a extrema natural desta província e da de Goiás; enfim da do sul e do oriente ao ocidente, o Paraná a separa da província de São Paulo, o Iguareí do Estado de Entre Rios, e o Chachuí do do Paraguai. O primeiro que explorou esta província na parte que respeita ao meio dia foi Aleixo Garcia

com um seu irmão ou filho, e uma numerosa companhia de Índios já civilizados no meado do século XVI, o qual tendo passado além do Paraguai, e deitado ainda mais longe, chegou às adjacências dos Andes. Passados anos Manoel Correia, também Paulista, como o era Aleixo Garcia, explorou a parte setentrional passando o Araguaia, que separa esta província da de Goiás. Ignora-se o nome dos outros descobridores ou comandantes de bandeiras, que exploraram esta província; sabe-se porém que muitos nela entraram por diferentes partes, e em diversas épocas para capturarem Índios e vendê-los como a escravos. A mais conhecida destas expedições foi a de Antônio Pires de Campos, o qual subiu pelo rio Cuiabá em 1718, e cativou um grande número de Índios Cuxipós. No ano seguinte Pascoal Moreira Cabral, seguiu as mesmas pegadas na frente duma bandeira, porém como encontrasse algum ouro no rio Cuxipó, subiu por ele acima até o sítio chamado Forquilha, despachou um próprio ao conde de Assumar, que então gover-

⁸¹⁹ O registro e o povoado sempre se chamaram Matias Barbosa. (N/E)

⁸²⁰ Atual cidade de Mateus Leme/MG. (N/E)

⁸²¹ Atual cidade de Mato Castelhana/RS. (N/E)

nava São Paulo, com a notícia deste descobrimento. Divulgando-se este, organizaram-se em bandeiras várias tropas de aventureiros, e se embrenharam nos sertões seguindo os vestígios dos primeiros exploradores: porém a maior parte deles pereceram uns de cansaço, e por falta de mantimentos, outros às mãos dos Índios Paiaguás e Guaicurus, que os assaltavam de improviso. Para se preservarem de semelhantes desastres tentaram de seguir o curso dos rios descendo e subindo por eles cada qual segundo a sua inspiração, e desejo de correr aventuras; uns foram ter ao Cuiabá pelo Imbotetiú e o Paraguai, e outros, afrontando as cachoeiras do Tietê, desceram por ele até o Paraná, pelo qual continuando a descer cousa de trinta e cinco léguas, foram ter ao rio Pardo, que lhes era desconhecido, mas que parecia correr rumo do norte que era o que eles seguiam, assim que depois de haverem vingado as cachoeiras deste rio, bem como as do Sanguessuga, chegaram às cabeceiras deste, e buscando por terra outro rio que corresse na mesma direção, toparam no cabo de três léguas com o ribeiro Camapuã, que foram seguindo até o rio do mesmo nome, tributário do Coxim, que os conduziu ao Tacoari, tendo perdido gran-

díssimo tempo em vingar as cachoeiras que nele encontraram. Enfim chegados que foram ao Paraguai, subiram por ele, entraram no Porrudos já assinalado nos antigos roteiros, e chegaram à povoação de Cuiabá. Que dificuldades deviam de experimentar estes atrevidos exploradores em tais desvios! Que cuidado deviam de ter para que lhes não falcassem os víveres em tão longa peregrinação, e com tão poucos meios de transporte! De quanta paciência era mister que se armassem para superar tantos obstáculos e dificuldades. E para quê? Para apanhar alguns grãos de ouro.

A reputação de retidão de que gozava Cabral fez que fosse nomeado guardador das minas por consentimento unânime de seus companheiros, por escritura de 8 de abril de 1719, emprego que exerceu por diversas vezes, até que em 1724 foi substituído por um intendente debaixo das ordens dum superintendente. Nos fins do ano de 1726 o governador da província de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, visitou este novo distrito de seu governo, em companhia do ouvidor Antônio Álvares Lanhos Peixoto, e chegou à povoação ou arraial de Cuiabá, a quem conferiu o título de vila. No tempo em que o governador

ali se achava em visita, partiu de Cuiabá uma divisão com quatro caixotes que deviam de ter sete arrobas de ouro, do quinto e doutros direitos reais, para serem entregues ao tesoureiro de São Paulo, Sebastião Fernandes dos Reis, que mandou tudo muito bem arrecadado para o Rio de Janeiro, donde os ditos caixotes foram embarcados para Lisboa, onde sendo abertos, em lugar do ouro acharam-se dentro balas de chumbo. Ordenou a Corte uma devassa severa, o tesoureiro de São Paulo foi remetido preso para Lisboa e todos os seus bens foram sequestrados, e por fim, no cabo dum ano, veio-se a conhecer que estava inocente, sem que por isso se descobrissem os culpados. Residiu o governador um ano neste distrito, que lhe pareceu sumamente importante para a Coroa, e retirou-se no de 1729. Em 1730 saiu de Cuiabá a primeira divisão com destino para a vila de São Paulo, em que ia o ouvidor Peixoto levando para cima de sessenta arrobas de ouro, porém foi assaltada por obra de novecentos Índios, nos pântanos vizinhos de Fecho dos Morros. Dizem os historiadores que quatrocentos Índios foram mortos nesta ação, e que a maior parte de suas canoas foram metidas a pique; como quer que seja, o certo é

Mato Grosso

que se perdeu o ouro, e que a maior parte da escolta ali pereceu, sendo só dezessete os que escaparam com vida. Para tirar vingança deste insulto e desastre despachou o governador seiscentos homens com duas peças de artilharia, e suficiente espingardaria em trinta canoas de guerra, e cinquenta de transporte ao encontro duma armada de Índios, com a qual como se encontrassem na embocadura do Imbotetiú, investiram com eles os Portugueses ferindo, e matando neles, indo-lhes no encalço nos rios adjacentes, e metendo-lhes a pique as canoas, de sorte que ficaram os Índios tão cortados neste encontro, que se viram na impossibilidade de atacar a seguinte divisão que teve lugar no ano de 1732; mas como no ano seguinte destroçassem os Índios de nova frota portuguesa, aprestou-se outra armada comandada pelo tenente general Manoel Rodrigo de Carvalho, a qual chegou ao Paraguai no meado de agosto de 1734, e continuou a ir por diante sem novidade por espaço dum mês, mas como no cabo deste tempo os Portugueses descobrissem algumas fogueiras quase apagadas no fundo duma enseada, encaminharam-se para aquele sítio sem fazer ruído. Entendendo os Índios que se achavam cer-

cados, levantaram um grande alarido, a que responderam os Portugueses com uma descarga de mais de quatrocentos mosquetes de que morreram muitos, ficando prisioneiros obra de trezentos. Enquanto se passavam estes acontecimentos dava Gabriel Antunes Maciel princípio à vila de Diamantino, e os irmãos Fernando Pais de Barros e Artur de Barros fundavam no decurso do ano de 1734 a povoação de São Francisco Xavier e a de Pouso Alegre, nas margens do Guaporé, onde concorriam de toda a parte muitos aventureiros, com que se repartiam as terras auríferas com condição de pagarem o quinto. Em 1736 tornou a frota de São Paulo a ser acometida pelos Índios; foi sobremaneira renhido o combate. O comandante Pedro de Moraes, certo franciscano chamado Frei Antônio Nascetes, por alcunha o Tigre, e o pardo Manoel Rodrigues, mais conhecido pelo apelido de Mandu-Açu, obraram prodígios de valor; os dous primeiros morreram na ação, e ao terceiro conferiu o governador a patente de capitão, em recompensa do valor com que se houvera, e por isso que tivera a felicidade de conduzir a frota à sua destinação. Quase por este mesmo tempo outros aventureiros, abrindo um no-

vo caminho pelos sertões da província de Goiás, iam ter às minas das adjacências do Guaporé, onde já se haviam formado algumas povoações. Foram muitos os que de Cuiabá se foram para as novas minas desamparando as primeiras, por as considerarem já esgotadas, o que diminuiu grandemente a população daquele distrito. Em 1740 foi de novo atacada a frota de São Paulo, de que era comandante Jerônimo Gonçalves, natural da vila de Itu, pelos Índios que pretendiam tolher-lhes o passo quando iam a passar do Tacoari para o Paraguai, mas foram recebidos valerosamente dos Portugueses, que lhes mataram muitos, afundaram-lhes algumas canoas e puseram-nos em fuga; perderam-se porém duas canoas carregadas de fazendas, perda que não foi compensada com os despojos que haviam deixado os inimigos, sendo que não consistiam senão em arcos e setas. Começavam nesse tempo os jesuítas espanhóis a estabelecerem-se nas terras pertencentes ao Brasil, que ao depois desampararam desalentados mais pela inconstância dos Índios, do que pelo receio das ameaças do governador de São Paulo.

Em 1742 Manoel de Lima, homem dum atrevimento raro, com sós cinco Ín-

dios e três pardos, se embarcou numa canoa, e seguindo o curso do Guaporé, foi ter ao rio Madeira e deste ao das Amazonas, pelo qual como fosse descendo avistou por um mero acaso a vila de Belém, capital do Pará. Ao passo que este atrevido explorador descia pelo rio Madeira, subia pelo Mamoré Joaquim Ferreira, depois de haver subido igualmente pelo Amazonas e Madeira, e ia vender as fazendas que levava à missão espanhola apelidada *Exaltação* e a outras, abrindo novos caminhos para a exportação dos produtos mercantis do Pará e do Maranhão.

Continuaram por decurso de muitos anos as frotas de São Paulo a serem acometidas pelos Índios no Paraguai, até que o ouvidor João Gonçalves determinou de pôr termo às passadas calamidades, fazendo aliança com os Guaicurus que eram menos desafetos aos Portugueses. Para este efeito partiu o capitão Antônio de Medeiros com seis canoas de guerra, e outras tantas de transporte com suficiente cópia de presentes para os Índios, com instrução de fazer paz com os Guaicurus, imputando aos Paiaguás as passadas hostilidades. Na primeira vista que teve com o capitão dos Índios pareceu este querer entender no

concerto e paz, e retirou-se com as maiores demonstrações de amizade, mas logo no outro dia como alguns Portugueses fiados naquelas falsas aparências saíssem a negociar com os Índios, sem levarem armas, sentiram os que tinham ficado com Antônio de Medeiros um certo reboliço na terra donde inferiram estavam os companheiros em perigo: tomou Medeiros o arbítrio de mandar disparar uma peça de artilharia com cujo ruído fugiram os Índios, depois de terem tirado a vida a quarenta Portugueses, e as hostilidades continuaram de parte a parte como anteriormente.

O terremoto que em 1746 arrasou a cidade de Lima do Peru, se manifestou também em todos os lugares de Mato Grosso e Cuiabá, em 24 de setembro. E como já neste tempo havia uma grande seca que durou até 1749, seguiu-se a fome e todas as calamidades que ela costuma trazer consigo. Durava ainda este desgraçado estado de cousas, quando João de Souza de Azevedo, natural da aldeia de Aritaguaba (Porto Feliz), na capitania de São Paulo, partiu de Cuiabá, subiu pelo Paraguai até ir ter ao rio Sipotuba, donde foi por terra até o Sumidouro, que segue um rumo contrário ao dos dous precedentes, e passou dele no Ari-

nos, no Tapajós, e afinal no rio das Amazonas, e foi à cidade de Belém donde voltou com fazendas da Europa para Mato Grosso, subindo pelos rios Madeira e Guaporé, que achou embaraçados com frequentes cachoeiras; e tendo-as vendido com grandes benefícios voltou por água a seu país natal, onde chegou em 1749.

Lutavam as comarcas de Cuiabá e de Mato Grosso com os horrores da fome, quando por bula de Benedito XIV, de 6 de dezembro de 1746, foram erigidas em prelacia, ao passo que uma resolução régia de 9 de maio de 1748 ordenava a desanexação de ambas estas comarcas da capitania de São Paulo, e as constituía dali em diante em uma capitania distinta com o nome de Mato Grosso.

Havia já algum tempo que as chuvas tinham vindo dar vida aos sertões do Brasil, e facilitar as viagens por água, quando, em 17 de março de 1751, aportou em Cuiabá uma frota de São Paulo, a bordo da qual vinha D. Antônio Rolim de Moura Tavares, primeiro governador da capitania de Mato Grosso, acompanhado dum destacamento de dragões, do juiz de fora Teotônio da Silva Gusmão e de dous missionários da Companhia de Jesus, Estevão de Castro e Agostinho Lourenço.

Mato Grosso

Desvelou-se principalmente este governador em facilitar a comunicação por água entre aquela capitania e a do Maranhão, em desterrar das terras do Brasil os missionários espanhóis, e em fazer alianças com os Índios do norte de Cuiabá. Estabeleceu a sua residência na povoação de Pouso Alegre, sobre o Guaporé, à qual conferiu o título de vila com o nome de Vila Bela, em 19 de março de 1752. Fez abrir duas estradas por terra, uma para o Rio de Janeiro, e outra para a Bahia; porém os intrépidos Paulistas não deixaram por isso de continuar as suas explorações por água pelo Camapuã; tendo sempre a cautela de partir com grandes frotas comboiadas por algumas canoas de guerra. Em 1758 plantaram-se vários canaviais, e fundaram-se alguns engenhos que foram pouco tempo depois desamparados por uma mineração de pouca dura. Ao governador da sua parte não lhe faleciam cuidados, vendo-se obrigado a defender a nova capitania das usurpações dos Espanhóis, e das entradas e incursões dos Índios. No cabo dum governo de treze anos consecutivos recompensou-o El-Rei D. José I com o título de conde de Azambuja e confiou-lhe o governo da capita-

nia da Bahia, que era caminho para o vice-reinado.

João Pedro da Câmara, seu sobrinho, tomou posse do governo de Mato Grosso, no 1º de janeiro de 1755, e nada fez que seja digno de memória nos quatro anos que o conservou.

Sucedeu-lhe Luiz Pinto de Souza, que tomou posse do governo da capitania em 3 de janeiro de 1769. Promoveu este governador a plantação das canas e fabrico do açúcar; converteu em um esquadrão de husaros a legião auxiliar de cavalaria, criada pelo governador Antônio Rolim de Moura, e criou uma legião auxiliar de infantaria; pôs nomes a diversas aldeias; e o de Bragança ao forte Conceição, e mandou fazer uma carta geográfica da província que dizem se conserva em Lisboa. Foi durante o seu governo que o forte de Coimbra foi assaltado pelos Índios Guaicurus em 1771, os quais mataram a pequena distância dele acima de cinquenta pessoas; neste mesmo ano se estabeleceu a fundição de ouro de Mato Grosso.

Foi este governador rendido em 13 de dezembro de 1772 por Luiz de Albuquerque Melo Pereira e Caceres, o qual veio do Rio de Janeiro por terra, gastando quatorze meses em chegar ao

seu novo governo. Mandou este governador fazer um itinerário da jornada que fizera por serras e matas inacessíveis, e juntou-lhe uma carta geográfica do país por onde passara. Fundou a aldeia Albuquerque, onde foram reunidos os Índios Guatos e Quinquinados, já civilizados pelo missionário italiano José de Monserrate. No tempo de seu governo se fez a demarcação dos limites da capitania de Mato Grosso e das possessões espanholas, em 1775. Neste mesmo ano os Guaicurus, subindo pelo Paraguai, acometeram a aldeia Maria, e nela mataram dezesseis pessoas. Com o intuito de os coibir mandou o governador fazer o forte da Nova Coimbra, e criou a povoação e presídio do mesmo nome. No fim do ano de 1780, apresentaram-se os Índios em som de paz, e fizeram algumas trocas com os soldados e paisanos; no mês de janeiro seguinte tornaram a voltar em maior número, porém na aparência com as mesmas disposições, e no tempo que faziam algumas trocas caíram de improviso sobre a gente da povoação, e mataram obra de cinquenta pessoas, e foi este o último estrago digno de ponderação causado por esta nação de Índios, na província de Mato Grosso.

A Luiz de Albuquerque sucedeu, em 20 de novembro de 1789, João de Albuquerque, seu irmão, o qual fez um concerto com os cabeceiras Queima e Emavidi Xané, os quais se obrigaram a executá-lo enquanto eles e os seus fossem tratados como o eram os vassallos portugueses, obrigação que cumpriram religiosamente. Deu este governador princípio à fábrica suntuosa da igreja atual da Santíssima Trindade de Mato Grosso, onde foi sepultado no fim de fevereiro de 1789 antes de a ter acabado.

Por morte deste governador, em virtude dum alvará de 1770, ficou a capitania sendo governada por uma regência composta do ouvidor geral, Antônio da Silva Amaral, do oficial de maior patente Ricardo Franco de Almeida Serra, e do presidente da câmara Marcelino Ribeiro.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro recebeu o governo das mãos desta regência, em 6 de novembro de 1796, e fez imediatamente construir um forte, e estabeleceu um presidio nas margens do Embotetiú ou Mondego, a que deu o nome de Miranda. Em setembro de 1801, vieram os Espanhóis da cidade da Assunção pelo Paraguai, com quatro goletas e vinte canoas de guerra, e apoderando-se da

povoação de Nova Coimbra, quiseram tomar de assalto o forte, e com efeito o teriam conseguido; mas o oficial que o comandava se houve com tanta intrepidez que o comandante espanhol D. Lázaro da Ribeira teve de alevantar o sítio, e evacuar o país.

Depois da criação da prelacia desta província em 1746, José Nicolau de Azevedo Coutinho havia sido primeiro promovido nesta dignidade por nomeação régia de 23 de janeiro de 1782, e seis anos depois tinha também sido nomeado para a da província de Goiás, que estava vaga, mas não compareceu em nenhuma delas. Por sua morte foi promovido à prelacia de Cuiabá por decisão régia de 29 de outubro de 1803, Luiz de Castro Pereira, o qual se não determinou a ir nela residir senão depois duma ordem do ministério de 1807, e a viagem da família real para o Brasil, e tomou posse em agosto de 1808.

A Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que passou a governar a província de Pernambuco em 1804, sucedeu uma nova regência que entregou o governo da província de Mato Grosso a Manoel Carlos de Abreu e Menezes, o qual falleceu dentro de pouco tempo.

João Carlos Augusto Oeynhausen tomou posse do

governo da província em 1805, e passados cinco anos o entregou à regência nomeada em conformidade das leis. Durante o seu governo foram inutilmente nomeados para lhe sucederem dous governadores, e criou-se, por alvará de 13 de setembro de 1813, um tribunal supremo provincial composto do governador, do ouvidor da província, e do juiz de fora da capital dela. Afinal nomeou-se um terceiro governador, Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, o qual tomou posse do governo em 1818, e o conservou até 1821, que foi rendido por uma junta constitucional provisória, a qual foi ao depois substituída pela administração dos presidentes de província em todas as do Brasil.

Os primeiros Paulistas que em diversas épocas exploraram os sertões desta província deram-lhe o nome de Mato Grosso, por isso que acharam coberta de espessas matas a sua superfície, que é avaliada em sessenta mil léguas quadradas, e retalhada de rios, de lagoas, e com muitas catingas, e com efeito só nas adjacências das vilas e povoados se veem vestígios de cultura. As matas são povoadas de antas, onças, várias espécies de lobos, lebres, veados ou antes cabritos monteses, de

Mato Grosso

casuares, tuiuiús, e doutras aves terrestres e aquáticas. No distrito da vila do Diamantino acham-se diamantes, e ouro em quase todos os da província, bem que sua extração seja difícil, estando totalmente esgotadas as minas que passavam por serem mais abundantes; as de ferro se mostram por toda a parte, bem como as pedreiras de granito e de pedras calcárias, de que nenhum proveito se tem tirado. As salinas do Jauru abastecem de sal as cidades de Mato Grosso e de Cuiabá; em vários lugares se acham cristais, salitre e argilas de diversas cores, e em vários ribeiros diversas espécies de pedras preciosas.

Talvez que comparativamente a fitologia desta província seja menos variada que a do restante do Brasil, o que não obstante, suas matas abundam em árvores preciosas como são as que dão a resina chamada sangue de drago, e outras de que se tiram a goma elástica e diversas espécies de bálsamos; a do mate, o cacau, baunilha, jalapa e o anil, dão-se ali espontaneamente.

Nos primeiros tempos do descobrimento das minas de ouro de Cuiabá e de Mato Grosso aumentou-se a população rapidamente, porém depois ficou no mesmo

ser, e supõe-se que do princípio do século presente até o dia de hoje tem ela ido antes em diminuição que em aumento; atribui-se este estado de cousas ao descobrimento das minas de Goiás e às frequentes incursões dos Índios que se acolheram às matas.

Um decreto de 22 de novembro de 1831 criou nesta província um corpo de pedetres, espécie de guarda urbana salariada que tem a seu cargo a polícia dos distritos, e que deve, em caso de necessidade, servir ativamente contra as agressões dos Índios e de qualquer outro inimigo. Consta este corpo de quatro companhias, comandadas cada uma por um capitão, um alferes adido, um cirurgião, dous alferes, três sargentos, um furriel, um cabo de esquadra e cento e quarenta homens, entrando neste número os oficiais inferiores.

A província de Mato Grosso acha-se atualmente repartida em duas comarcas, a saber: Cuiabá e Mato Grosso, as quais se subdividem em muitos distritos. Sua população total não excede a quarenta mil habitantes, sendo a metade Índios, não entrando neste número os que estão meio civilizados e por se civilizarem: assim que em razão do limitado número de seus

habitantes fornece tão somente um deputado à assembleia geral legislativa, e um só senador ao senado. Sua assembleia legislativa provincial consta de vinte membros, e tem as suas sessões na cidade de Cuiabá.

Para dar vida a esta província seria mister: 1º provê-la de boas estradas, e de canais entre os rios que correm em sentido contrário, para facilitar as comunicações com os diversos distritos e com as províncias marítimas de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Pará e do Maranhão, onde há mais comércio.

2º Fazer leis locais acomodadas aos costumes e índole dos habitantes, para promover as plantações de algodão e o cultivo das anileiras e cochonilheiras, dando prêmios àqueles que se assinalassem neste gênero de indústria.

3º E sobretudo cometendo a administração da província a homens de conhecida probidade, já versados nas diferentes repartições da administração e desinteressados.

De 1838 em diante alguns melhoramentos se têm feito nesta província; abriu-se nas serras dela uma estrada de carro de quarenta léguas entre o rio Porrudos ou de São Lourenço e o Paranaíba, na pro-

víncia de Goiás. Começa esta estrada na cidade de Cuiabá, perto do engenho de José Joaquim de Sampaio, donde se fazem doze léguas para chegar à cabeceira do Porrudos, e atravessar o rio Tacoari no ponto em que ele se reparte em vários braços; passam-se sucessivamente as cabeceiras do Embotetiú e do Correntes, e vai-se ter à aldeia Pequiri, onde se acha o registo do mesmo nome que separa a província de Mato Grosso da de Goiás, e afinal chega-se ao rio Paranaíba, onde se ajuntam as estradas de São Paulo e de Minas Gerais para a cidade de Goiás. Estava-se fazendo outra estrada em direitura do ribeiro Jauru, tributário do rio Coxim, até o Paranaíba, perto da fazenda de José Pedro Garcia; tratava-se igualmente de facilitar e abreviar as comunicações por águas do norte da província com a do Pará, e diminuir as dificuldades da navegação do Embotetiú ou Mondego.

Mato Grosso. Vasta comarca da província deste nome; criada nos primeiros anos do Império: ela compreende a cidade de Mato Grosso, cabeça dela, os distritos das vilas de Diamantina, São Luiz, Teotô-

nio e Poconé, as aldeias Carlota, Lamego, Leonil, Príncipe da Beira e Viseu, com as povoações Arraias, Boa Vista, Carmo, Casal Vasco, Ouro Fino, Pilar, Santana, São Francisco Xavier, e São Vicente Ferreira.

Mato Grosso.⁸²² Cidade da província do mesmo nome, cem léguas oés-noroeste da cidade de Cuiabá, em quinze graus de latitude e sessenta e dois graus e quarenta e oito minutos de longitude oeste: está assentada perto da república de Bolívia, numa eminência da margem direita do Guaporé, abaixo da confluência do rio Alegre, rodeada de campos anualmente alagados. Fernando Pais de Barros e seu irmão Artur, naturais de Sorocaba, depois de haverem dado princípio aos arraiais de Santana e de São Francisco Xavier, se estabeleceram nas margens do Guaporé em 1734, e puseram o nome de Pouso Alegre à povoação que naquele lugar fundaram. Levaram as febres perniciosas à maior parte dos aventureiros que ali se vieram estabelecer para tratar da mineração do ouro, mas a sede deste metal fez que outros lhes viessem tomar o lugar. D. Antônio Rolim de Moura, ha-

vendo sido nomeado primeiro governador da província, estabeleceu a sede do governo na povoação de Pouso Alegre, elevando-a a categoria de vila, acontecimento que foi solenizado em 19 de março de 1752, em honra d'El-Rei D. José I. Tomou então a nova vila o nome de Vila Bela, em razão da beleza do sítio em que se achava fundada; no ano seguinte foi a sua igreja criada paróquia em prejuízo da povoação de Santana, que havia até ali gozado deste privilégio, bem como a de São Francisco Xavier da Chapada do Brumado. Fez este governador abrir duas estradas por terra para obviar às frequentes incursões dos Guaicurus e Paiaguás, que assaltavam os comboios por água: uma passava pelas cidades de Cuiabá e de Goiás, e pelas povoações de Santa Luzia e Arrepellidos da província de Goiás, à vila de São Romão na província de Minas Gerais, e caminhando para leste ia ter à cidade da Bahia; outra passava também pelas cidades de Cuiabá e de Goiás, e pelas vilas de Paracatu e de São João del Rei na província de Minas Gerais e ia ter ao Rio de Janeiro. Como concorressem para Vila Bela muitos dos moradores de Cuiabá,

⁸²² Atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. (N/E)

Mato Grosso

estabeleceu-se nela uma fundição de ouro em 1771. Em 1813, no corrente do mês de agosto, concedeu-se além do ouvidor um juiz de fora, e um alvará de 13 de setembro do mesmo ano instituiu um tribunal supremo, formado do governador da província, do ouvidor, e do juiz de fora. Em 1814 foi o governador autorizado por decisão régia a estabelecer uma casa de moeda, onde os pesos espanhóis foram convertidos em peças de duas patacas. Obteve esta vila o título de cidade com o nome da província de que era a capital, por alvará de 17 de setembro de 1818; porém as febres que ali reinam endemicamente, e que grassavam com mais violência do que nunca, foram ocasião para que as autoridades a desamparassem, motivo por que El-Rei D. João VI, por alvará de 1820, conferiu à cidade de Cuiabá as preeminências de capital da província de que gozava Mato Grosso. Esta cidade é presentemente mui pouco povoada, e consta duma dúzia de ruas mui bem alinhadas que se cruzam com outras. Os edifícios mais notáveis são a casa da câmara, a fundição, o hospital, a caserna e o arsenal com poucas armas e artilharia, a igreja matriz dedicada à Santíssima Trindade, a de Santo Antônio, que serviu de freguesia até o ano de 1798, em que a

outra se acabou, e a de N. S. do Carmo. As casas são baixas, feitas de madeira e de terra e telhadas; as paredes de dentro e de fora são caiadas com tabatinga. Possuía havia muito tempo esta cidade uma cadeira de latim e uma escola de primeiras letras para meninos; um decreto da assembleia geral de 26 de agosto de 1833 juntou-lhe mais outra para meninas. Esta cidade é cabeça da comarca de seu nome, a qual abraça obra de duzentas léguas do oriente ao ocidente, entre o rio Mamoré e o Araguaia, e cento e trinta do norte ao sul, desde a comarca de Cuiabá até as extremas da província do Pará. A população atual civilizada é quando muito de quinze mil habitantes de compleição robusta, os quais cultivam os mantimentos de que hão mister, e criam algum gado vacum e cavalar. Os produtos agrícolas desta província são em geral mui poucos em razão da falta de braços que nela se experimenta, e também pelo desprezo em que se tem toda a arte manual e em especial a agricultura. A distância em que se acha das demais províncias e os maus caminhos fazem que os únicos objetos de exportação que se conhecem são o ouro e os diamantes. Além das estradas de que acima falamos, servem-se também os desta cidade dos rios Jauru, Paraguai,

Tacoari, Coxim, Camapuã, Sanguessuga, Pardo, Paraná e Tietê, indo desembarcar em Porto Feliz, vinte e cinco léguas ao ocidente da cidade de São Paulo, mas gasta-se perto de seis meses para se ir e outro tanto para vir de Mato Grosso a Porto Feliz, e *vice-versa*. No meado do século passado abriram-se mais duas vias de comunicação entre Mato Grosso e a cidade de Belém. Numa desce-se pelo Guaporé, Madeira e Amazonas até a capital do Pará, e noutra vai-se pelo Arinos e Tapajós, e posto que seja mais curta que a primeira de perto de duzentas léguas, tem contra si o inconveniente de ser mister transportarem-se por terra as fazendas entre os nascentes do Arinos e a cidade de Mato Grosso, obra de vinte para vinte e cinco léguas antes de as embarcar. Em ambas estas viagens gasta-se perto de dous meses para se ir a Belém, e de quatro a seis para se voltar a Mato Grosso. Seria para se desejar que o governo provincial estivesse autorizado a fazer as despesas necessárias para dar mor fundo aos álveos dos rios, e para ensecar por meio de valas os campos dos arredores da cidade de Mato Grosso, dando fácil despejo às águas de que são anualmente inundados, com o que fariam fim às febres que afligem o povo numa grande parte do ano, e se faci-

litariam as comunicações com as províncias do Pará e do Maranhão.

Mato Grosso.⁸²³ Povoação da província da Bahia, duas léguas ao poente da vila do Rio de Contas, na comarca do mesmo nome, com uma igreja dedicada a Santo Antônio, que serviu em outro tempo de paróquia, e que atualmente é filial da matriz do Santíssimo Sacramento da vila vizinha.

Mato Grosso. Povoação da província de Goiás, no distrito da vila de Flores, com uma igreja da invocação de N. S. da Piedade. Os moradores são pela maior parte Índios, que vivem de pescado e de veação, e de alguns mantimentos que cultivam; os Brasileiros criam gado tanto vacum, como cavalar. A grande distância desta povoação, e nas vizinhanças do monte Caracol, observam-se algumas pedras, que representam grosseiramente uma figura humana e diversos objetos conforme no-lo pinta a imaginação, e tudo obra da natureza.

Mato Grosso. Ribeirão da província do Rio de Janeiro,

na serra dos Órgãos. Rega o termo da freguesia da Roça do Alferes, e ajunta-se pela margem direita com o Paraíba.

Mato Seco. Quadragésima cachoeira que se encontra descendo pelo rio Tietê, na província de São Paulo: é fácil de subir-se e descer-se, e acha-se meia légua abaixo da cachoeira da Ilha, e uma acima da de Ondas Pequenas.

Matozinho.⁸²⁴ Linda povoação da província de Minas Gerais, obra de meia légua ao nor-nordeste da cidade de São João del Rei, e na margem esquerda do rio das Mortes, com uma ponte de madeira coberta de telhas, uma grande praça circular no meio da qual se vê uma soberba igreja dedicada ao Espírito Santo. Várias quintas aformosentam esta povoação que tem uma escola de primeiras letras para meninos, criada por decreto da assembleia geral de 28 de junho de 1831.

Matozinho.⁸²⁵ Povoação da província de Minas Gerais, distante algumas léguas da margem esquerda do rio Guaicuí ou das Velhas, com

uma igreja da invocação do Bom Jesus, dependente da matriz da freguesia de Santa Luzia.

Matozinho. Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade do Serro, com uma igreja da invocação do Bom Jesus filial da matriz desta cidade.

Matozinhos.⁸²⁶ Ermida da província de Minas Gerais no cume dum monte distinto e separado daquele em que está assentada a povoação de Congonhas do Campo, pelo ribeiro apelidado também Congonhas, um dos primeiros afluentes da margem direita do rio Paraopeba. Esta capela pequena, se bem que rica de painéis, foi fundada em 1758, e acha-se no centro dum terado cercado dum parapeito de pedra onde se veem várias estátuas também de pedra, que seriam argumento da infância da arte, se não se soubesse eram elas obra dum homem, apaixonado pela escultura, que achando-se privado de mãos fazia atar nos cotos dos braços os instrumentos com que as havia la-

⁸²³ Atual povoado de Mato Grosso, município de Rio de Contas/BA. (N/E)

⁸²⁴ Atual cidade de São João Del-Rei/MG. (N/E)

⁸²⁵ Atual cidade de Matozinhos/MG. (N/E)

⁸²⁶ Atual cidade de Congonhas/MG. (N/E)

Matriz de Coité

vrado. Representam as ditas estátuas, segundo dizem, os profetas. Os irmãos da confraria do Bom Jesus, que é o padroeiro desta capela, fazem todos os anos uma festa a que concorre muita gente. Esta ermida é também visitada no decurso do ano, e sobretudo durante a quaresma, por muitos peregrinos. Na encosta do monte, e antes de se chegar à igreja, veem-se sete capelas quadradas com imagens feitas de pedra de sabão, representando os passos da paixão; e junto delas um banco, e a certa distância uma fonte, oferecem ao peregrino tudo quando se pode desejar, assento onde descanse, e água com que mate a sede; no debaixo do altar-mor se vê o Senhor no sepulcro, e num dos lados vê-se um grande número de ex-votos ou promessas cumpridas por curas maravilhosas que não são feitas: detrás da igreja há duas casas onde os peregrinos são recebidos pelos padres que ali assistem todo ano. A confraria de Matozinhos fundou um colégio para a educação da mocidade, motivo por que um decreto de 1841 a autorizou a adquirir por vinte milhões de réis de bens de raiz.

Matriz de Coité. Freguesia da província de Paraíba, no distrito da vila de Brejo de Areia. Seus moradores são lavradores de algodão e criadores de gado, e vivem deramados pela serra Coité, que divide esta província da do Rio Grande do Norte.

Matriz Velha. Povoação da província da Bahia, obra de três léguas ao sul da Vilanova da Rainha, com uma igreja da invocação de Santo Antônio, que dizem ser a mais antiga paróquia do sertão desta província, e uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto de 16 de junho de 1832. Seus habitantes cultivam arroz, milho e mandioca, e alguns deles criam gado.

Matuim.⁸²⁷ Freguesia da província da Bahia, no distrito da cidade deste nome, nas margens do ribeiro Matuim. Seu termo é fértil, e dá grande quantidade de bananas que se consomem na capital desta província.

Matuim. Ribeiro da província e do distrito da cidade da Bahia, afluente da baía de Todos os Santos. Sua embocadura forma uma pequena enseada defronte da ilha de Maré, motivo por que à pri-

meira vista parece ser a boca dum rio caudaloso; mas em se entrando nela, sobretudo na vazante da maré, vê-se que nada mais é que um mero riacho.

Matupiri. Ilhota da província do Pará, no rio Madeira, abaixo do Jenipaga. A ponta do sul acha-se em cinco graus e trinta e sete minutos de latitude.

Maturá. Ribeiro da província do Pará, no distrito da vila de Castro de Avelães, o qual se lança no Amazonas pela margem direita.

Maú. Pequeno rio da Guiana brasileira: nasce na serra Baracaina, e se ajunta com o rio Branco pela margem esquerda, a sete léguas do forte de São Joaquim, sendo contravertente do Essequibo de Suriname.

Mauá.⁸²⁸ Povoação de pouco trato da província do Rio de Janeiro, com uma capela da Senhora dos Remédios, dependente da igreja matriz de Pacobaíba.

Mauá. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, o qual serve de limite entre o termo da fre-

⁸²⁷ Atual município de Candeias/BA. (N/E)

⁸²⁸ Atual povoado de Mauá, município de Magé/RJ. (N/E)

guesia de Pacobaíba e o de Suruí, e vai-se lançar na baía Niterói, entre o ribeiro Suruí Guaçu e o rio Estrela.

Maué. Grande nação indiana da província do Pará, que deu o seu nome a várias ribeiras que regam o país onde ela dominava, entre o Tapajós, o Madeira e o Amazonas. Fabricam um guaraná que passa por ser de superior qualidade ao dos Índios Magnés, que dizem foram os primeiros inventores dele.

Maué. Rios da província do Pará: são três, e distinguem-se pelos epítetos de *Guaçu*, *Mirim*, etc. O mais caudaloso deles, onde os dous outros deságuam, vai juntar-se com o Amazonas, pela margem direita, cinquenta léguas abaixo da confluência do Madeira. As margens deste rio são pouco conhecidas, sabe-se porém que nelas nascem espontaneamente além das árvores de cravo o arbusto que dá cocos chamados guaraná.

Mazagão.⁸²⁹ Pequena vila da província do Pará, na Guiana brasileira, na margem direita

do rio Mutuacá, a cinco léguas de sua confluência com o Amazonas, e quatro a leste de Vilanova. Foi originalmente a povoação de Santana, criada vila com o nome de Mazagão, na ocasião em que ali foram colocadas famílias da ilha dos Açores, e a gente da praça de Mazagão de que tomou o nome. Colhe-se em seu distrito grande quantidade de arroz, de algodão e doutros objetos de grande extração no comércio, mas infelizmente vai-se a população diminuindo por causa das sezões que ali grassam e das bexigas que fazem grandíssimos estragos, por não quererem os pais deixar vacinar os filhos.

Mbois.⁸³⁰ Antiga aldeia da província de São Paulo, no distrito da vila de Santo Amaro, vinte léguas ao poente da cidade capital da província. Sua antiga igreja era dedicada a N. S. do Rosário, e uma lei provincial de 3 de fevereiro de 1841 havia concedido ao vigário dela o mesmo ordenado que aos demais vigários da província, porém como a igreja se viesse a arruinar, uma segunda lei de 20 do mesmo

mês autorizou o vigário a officiar na igreja da povoação de Itapicirica até os fregueses edificarem uma maior, e em lugar mais cômodo. O termo da freguesia desta aldeia deve abranger os vertentes ocidentais que engrossam o rio de São Lourenço, e pode estender-se por despovoados conforme convier.

Mearim.⁸³¹ Pequena vila e antiga freguesia da província do Maranhão, na comarca de Itapicuru. Está vantajosamente situada na margem esquerda do rio cujo nome tem, vinte léguas ao sul da cidade de São Luiz, e dez ao poente da vila de Itapicuru. Sua igreja matriz é dedicada a N. S. de Nazaré, de cujo nome se intitidou por largo tempo. Seu distrito alarga-se muito da parte do sul, porém da do norte achase entalado entre os rios Mearim e Pindaré. Seus moradores lavram canas, algodoeiros, e criam gado.

Mearim. Chama-se também assim uma das sete missões cuja criação foi ordenada na província do Maranhão pela assembleia provincial. Acha-se

⁸²⁹ Atual cidade de Mazagão/AP. (N/E)

⁸³⁰ Atual distrito de Santo Amaro, cidade de São Paulo/SP. (N/E)

⁸³¹ Atual cidade de Vitória do Mearim/MA. (N/E)

Mearim

a dita missão nas margens do rio Pindaré, cousa de seis léguas acima da aldeia Monção, e consta de Índios da tribo Guajará, governados pelo chefe Macarapé. Em 1841, andavam os Índios por mais de duzentos, é natural que se tenham ao depois aumentado.

Mearim. Rio rápido e fundo da província do Maranhão, que é mister não confundir com o rio Marim da mesma província, que se vai lançar no Oceano, ao oriente da baía de São José. O rio Mearim vem do sul da província, e corre tortuosamente no rumo do norte, entre a serra do Negro e a Alpercatas, quase que ainda desconhecidas, engrossa-se num curso de sessenta léguas com as águas de vários ribeiros que recolhe por uma e outra margem, e recebe depois o rio Grajeú e o Pindaré, que são os seus mais fortes afluentes. Entre a junção destes dous rios, uma cachoeira empece a navegação do Mearim acima da vila do mesmo nome. Suas margens são acompanhadas de arvoredos, e férteis várzeas. Desemboca na baía de São Marcos, defronte da ilha do Maranhão, por uma boca mui larga porém com pouco fundo, e

sua corrente é tão rápida, e tem tal força que impede a entrada da maré. De sorte que os arrais dos barcos, para não serem sorvidos pelas ondas nas chamadas pororocas, arribam às ilhotas e enseadas vizinhas, e esperam que a maré tenha contrastado o ímpeto das águas do rio. Na vazante da maré só canoas podem entrar na barra deste rio, por ser parcelada e cheia de bancos de areia. Seis engenhos trabalhavam em outro tempo em suas margens, o descuido e indolência dos donos fez que de todo se arruinassem, posto que fossem ali as terras mui acomodadas para a lavra das canas. Em 1841 assentou-se uma missão nas margens do Mearim, no confluente do rio da Corda, e outra no rio Pindaré. (V. *Mearim e Missão da Corda*.)

Mecejana.⁸³² Antiga aldeia da província do Ceará, três léguas a leste da cidade de Fortaleza, na estrada real que vai desta cidade para as do Natal, da Paraíba e do Recife. Pertencia esta aldeia aos Índios Potiguares, os quais foram nela doutrinados pelos missionários no meado do século XVII. Continuaram desde então os Índios a viverem de pescado e

de alguns alimentos que cultivavam em terras encravadas nos distritos da Fortaleza e de Aquirás. Alguns Portugueses se estabeleceram na vizinhança. Em 1811 o príncipe regente, depois D. João VI, desejando promover aquelas duas populações heterogêneas, elevou a dita aldeia à categoria de vila, assinando-lhe por distrito quatro léguas quadradas de terra. O que não obstante a população indiana ficou sempre no mesmo ser e pelo mesmo teor a indústria agrícola, tanto pela indolência natural dos Índios, como por serem as terras ingratas. Talvez que o principal motivo deste estado estacionário da população indiana se deva atribuir a que as filhas dos Índios se unem com os Europeus, donde vem que o número destes e dos mestiços se tem algum tanto aumentado. A igreja desta vila, dedicada a N. S. da Conceição, gozava havia muito tempo do título de paróquia, e um decreto da assembleia geral de 10 de setembro de 1832 estendeu os limites de seu distrito até o ribeiro Pacati, da banda do nascente, ao monte Alto das Balanças, da do sul e da do poente até o rio dos Cocos. Porém como quer que o nú-

⁸³⁰ Atual distrito de Messejana, município de Fortaleza/CE. (N/E)

mero dos Índios fosse diminuindo, e que se não notasse aumento algum na população brasileira, uma lei provincial de 22 de dezembro de 1839 suprimiu o título de vila de que esta aldeia estava de posse, e repartiu o distrito dela com os da cidade de Fortaleza e de Aquirás, assinalando-lhes por limite o ribeiro Recabura e a serra Limão. Assim que atualmente a igreja da aldeia Mecejana se acha rodeada de obra de sessenta casas, entre as quais se distingue a da câmara, cujas lojas serviam de cadeia. Avalia-se a sua população em dous mil habitantes, entre Índios, Brasileiros e mestiços. Os primeiros cultivam os gêneros de seu consumo, caçam, pescam, e os segundos e terceiros se consagram com especialidade à agricultura, colhem algodão e criam gado.

Medo. Ilha da província da Bahia, na baía de Todos os Santos: é pequena e rasa, e fica perto da extremidade setentrional da ilha de Itaparica. Ela e as mais que ficam ao ocidente de Itaparica e na Barra Falsa são povoadas unicamente de coqueiros.

Medo. Ilha da província do Maranhão, na baía de São Marcos, uma légua ao poente da cidade de São Luiz, perto da ponta da Guia, em dous graus e trinta minutos de latitude, e quarenta e seis graus e quarenta minutos de longitude. É esta ilha revestida de verdura e rodeada de baixos, onde naufragaram, depois do descobrimento do Amazonas, vários navios; talvez fosse este o motivo por que lhe deram também o nome de Boqueirão. Entre ela e a barra do porto de São Luiz existe um banco de areia que é mister que se não confunda com ela.

Medo. Pequena lagoa da província da Bahia, a seis léguas do mar, e ao sul do rio Jequitinhonha, com o qual comunica por um canal natural.

Megão de Baixo e Megão de Cima. São duas povoações da província de Pernambuco, que pertencem ao termo da freguesia de Tejucopaba. A igreja da primeira é dedicada a N. S. dos Prazeres, e a da segunda a N. S. do Bom Socorro.

Meiaipi.⁸³³ Povoação da província do Espírito Santo na

beira-mar, entre as vilas de Benevente e de Guarapari. Os moradores, além dos gêneros do consumo ordinário que cultivam, salgam e secam diversas espécies de pescado, que vendem aos mercadores das cidades de Campos, ou aos da de Vitória, que vão fazer ali as suas provisões em certo tempo do ano.

Meia Pataca.⁸³⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila do Presídio de São João Batista, na margem esquerda do rio da Pomba, perto duma ponte que se fez neste rio em 1841. Sua igreja é dedicada a Santa Rita, e dependia da matriz da povoação de São José da Paraíba, porém foi anexada à nova freguesia de Ubá, por lei provincial de 7 de abril de 1841.

Meia Ponte.⁸³⁵ Vila considerável e a mais mercantil da província de Goiás, assentada nas margens do rio das Almas, que leva ali mui pouca água, em quinze graus e cinquenta minutos de latitude, vinte e seis léguas ao oriente da cidade de Goiás. Conduzidos por Manoel Rodrigues Tomar, os primeiros que exploraram este rio em 1730 assentaram

⁸³³ Atual distrito de Meiaipe, município de Guarapari/ES. (N/E)

⁸³⁴ Atual cidade de Cataguases/MG. (N/E)

⁸³⁵ Atual cidade de Pirenópolis/GO. (N/E)

Mel

morada naquele sítio, e fizeram com dous madeiros uma ponte; um destes madeiros levou-o uma cheia, e outro estava ainda em seu lugar, quando se fundou a povoação, que por esse motivo teve o nome de *Meia Ponte*. No tempo em que as minas rendiam erigiram-se cinco igrejas que ainda hoje existem. A matriz é dedicada a N. S. do Rosário; três são da invocação de N. S. do Carmo, da Lapa e do Rosário, e a quinta tem por padroeiro o Bom Jesus. Foi esta povoação elevada à dignidade de vila por lei da assembleia geral de 10 de julho de 1832. Antes de se lhe conferir este título possuía esta povoação uma cadeira de latim, uma escola de primeiras letras, um hospício dos Esmoleres da Terra Santa, e a biblioteca do coronel Joaquim Alves de Oliveira, que a pôs à disposição do público em sua própria casa. Consta esta vila de mais de trezentos fogos, por ela passam as boiadas que vão para São Paulo, e para a província de Minas Gerais. Seu distrito é sadio, mas com os cortes que tem levado abrange poucas povoações notáveis, como a de Corumbá e a de Santo Antônio, a três léguas da vila. Seus moradores passam pelos mais civilizados da província, e avaliam-se em oito mil, comerciantes, mineiros,

e especialmente lavradores de milho, mandioca, algodão, tabaco, canas-de-açúcar e trigo; assim que são eles na província considerados como mestres no cultivo das terras; fiam e urdem panos de algodão que cada vez se vão tornando mais finos. Os engenhos e as fábricas de destilação de aguardente e de olaria trabalham assiduamente. Nos montes criam gado vacum, e grande quantidade de porcos que vendem em pé, ou salpresos nas diversas povoações da província e até nas das províncias limítrofes. Ao norte da vila existe certa pedra elástica, flexível e porosa como a pedra de amolar, de que as pessoas desta província se servem na fábrica dos fornos para torrar a farinha de mandioca e de milho.

Mel. Ponta ou cabo da costa setentrional da província do Rio Grande do Norte, que entra pelo mar dentro, entre a embocadura do rio das Piranhas e a do Apodi ou Mossoró. Jaz em quatro graus, cinquenta e cinco minutos e dezessete segundos de latitude, e em trinta e nove graus, dezenove minutos e trinta segundos de longitude oeste. Nas adjacências se acham os lugarejos Entrada, Cacimba do Viana e Ponta do Mangue.

Mel. Ilha da província de São Paulo, na entrada da baía de Paranaguá; ao sul dela, se acha a entrada ou esteiro chamado Ibupetuba, que não admite navegação por ser aparcelado, e ao norte a boca central da baía, de quinhentas braças de largura, por onde entram livremente os navios que não demandam mais de vinte pés d'água. É esta ilha rasa com muitas medas de areia que ao longe parecem outras tantas ilhotas, e poderá ter três léguas de comprimento e uma de largura. O cume da meda de areia que fica mais para o sul, acha-se em vinte e cinco graus, trinta e dous minutos e quarenta e três segundos de latitude, e em cinquenta graus, quarenta e cinco minutos e cinquenta e cinco segundos de longitude oeste.

Melancia. Medão de areia da costa da província do Ceará, no distrito da cidade de Januária, outrora vila do Sobral. Seu cume jaz em três graus, onze minutos e quarenta segundos de latitude, e em quarenta e um graus, trinta e nove minutos e quarenta e seis segundos de longitude oeste.

Melancia. Sítio da província de Minas Gerais, no território de Sete Lagoas, onde o naturalista Pedro Claussen achou em 1843 uma mina riquíssima

de cobre, chumbo e prata de que apresentou as amostras ao presidente da província Soares Andréa.

Melgaço.⁸³⁶ Vila da província do Pará, na comarca do Grão Pará, na margem ocidental da lagoa Anapu. O rio deste nome passa por esta vila antes de se ir lançar no Tagipuru, cinco léguas abaixo dela. Sua igreja matriz é do orago de São Miguel, e seus moradores, que em 1842 foram avaliados em quatro mil com pouca certeza, são quase todos Índios, que cultivam os víveres de que não mister, e não conhecem outra indústria fabril senão a da preparação das madeiras de construção, que exportam para as diferentes vilas da província.

Melgaço. Registo da província do Espírito Santo, no distrito de Viana. Foi estabelecido para coibir as entradas dos Botocudos, e promover a população na estrada que se deve fazer entre a cidade de Vitória e a província de Minas Gerais.

Melgueira. Serra ao norte da província de Mato Grosso, em

treze graus pouco mais ou menos de latitude: é ramo da cordilheira Parecis, e na parte dela que respeita ao norte existem sete pequenas lagoas, cujas águas unindo-se correm por um dos vales da dita serra, e vão ter aos campos Parecis. São estas lagoas o verdadeiro fontanal do Paraguai, um dos maiores rios da América meridional.

Melo.⁸³⁷ Lugarejo da província de Minas Gerais, com uma igreja filial da matriz de São José de Chopotó.

Melões. Ilha da baía de Niterói, perto do hospital dos Lázarus; foi do termo da freguesia do Engenho Velho, mas atualmente se acha incluída no de Santana da cidade do Rio de Janeiro.

Mendanha. Serra da província de Minas Gerais, no distrito da nova cidade Diamantina, e perto do registo do Pé do Morro.

Menino Deus. Ilheta no fundo da baía de Todos os Santos, na província do mesmo nome, ao nascente da ilha das Vacas.

Meões. Índios que viviam no norte da província de Mato Grosso, nas margens dum ribeiro que deles tomou o nome, e que se lança no Guaporé, oito léguas acima do forte do Príncipe da Beira.

Mequém. Tribo de Índios que dominavam nas margens dos rios Corumbiara e Mequém, no norte da província de Mato Grosso.

Mequém. Rio de medíocre cabedal da província de Mato Grosso: vem dos campos Parecis, dirigindo-se para o norte até se ir ajuntar, pela margem direita, com o Guaporé. Foi nesta confluência que se fundou, em 1746, a missão de São Miguel, há muito extinta. Os Índios Mequéns viviam nas margens deste rio, e deles lhe vem o nome que hoje tem.

Mercês.⁸³⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila da Pomba, entre os nascentes do rio deste nome, cinco léguas ao sudoeste da cabeça de seu distrito. Sua igreja, de que é padroeira a Senhora das Mercês, foi elevada à categoria de

⁸³⁶ Atual cidade de Melgaço/PA. (N/E)

⁸³⁷ Atual cidade de Desterro do Melo/MG. (N/E)

⁸³⁸ Atual cidade de Mercês/MG. (N/E)

Mercês

paróquia, por lei provincial de 7 de abril de 1841.

Mercês.⁸³⁹ Povoação da província de Minas Gerais, perto da margem esquerda do rio Araçuaí. Deu-lhe princípio Antônio de Magalhães Barros, que descobriu neste lugar tão aprazível como fértil, uma mina de ouro. Sua igreja é da invocação da Senhora das Mercês, e seus habitantes colhem os gêneros do país necessários à sua sustentação, e vendem o supérfluo nas povoações de Água Suja, Chapada e São Domingos, cujos moradores se ocupam especialmente de mineração.

Mercês. Povoação da província da Bahia, no distrito da cidade da Cachoeira, com uma escola de primeiras letras, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. Vem-lhe este nome do da Senhora das Mercês, padroeira de sua igreja.

Meripe. Ribeiro da província de Paraíba. (V. *Miripe*.)

Meros. Ilha da província do Rio de Janeiro, pertencente ao distrito de Parati. Está situada na entrada meridional da baía

de Angra dos Reis, entre a extremidade ocidental da Ilha Grande; e a ponta Joatinga.

Meros. Ribeiro do distrito da vila de Parati, na província do Rio de Janeiro: dá navegação a canoas por espaço dalgumas léguas.

Meruoca. Serra da província do Ceará, no distrito da cidade de Januária, a vinte léguas pouco mais ou menos do mar. Como as montanhas desta serra estivessem sempre vestidas de verde, determinaram alguns lavradores irem residir nelas, e aos poucos vieram a fazer uma povoação com uma capela, dedicada a N. S. da Conceição, que depende atualmente da matriz de Acaracu. O cume do mais alto monte desta serra vizinho ao mar acha-se em três graus, dezessete minutos e cinquenta e cinco segundos de latitude, e em quarenta e dous graus, vinte e cinco minutos e quarenta e seis segundos de longitude oeste.

Mestre Álvaro. Monte da província do Espírito Santo, o mais vistoso e alto da costa, três léguas distante da baía do mesmo nome. É de forma cir-

cular, e sua base se prolonga para o sul, e vai-se arrasando quase até o mar. Seu mais elevado cume jaz em vinte graus, oito minutos e cinquenta e quatro segundos de latitude, e em quarenta e dous graus, quarenta e dous minutos e vinte e seis segundos de longitude oeste. A maior parte deste monte se acha povoado e posto em cultivo pelos moradores das freguesias da Conceição da Serra e de Cariacica. Criam-se nele as árvores que dão o melhor bálsamo da província, e se acharam em outro tempo esmeraldas e pedra-ímã.

Miaba. Serra da província de Sergipe, no distrito da vila de Itabaiana, a doze léguas do mar. Em 1840 achou-se que tinha abundantes minas de ferro e de salitre.

Miamai ou Miamai. Rio da província de Mato Grosso, tributário do Paraná. (V. *Amambai*.)

Miguel Barbosa. Monte onde jaz um lugarejo do distrito de Vilanova de Souza, na província de Paraíba.

Miguel Dias. Serra elevada, ramo da cordilheira da Manti-

⁸³⁹ Atual cidade de Senador Modestino Gonçalves/MG. (N/E)

queira, na província de Minas Gerais, ao sueste e na vizinhança da cidade de Barbacena. Dela nasce o rio das Mortes.

Miguel Dias. Povoação da província de Minas Gerais, três léguas ao sul da cidade de Barbacena, nos montes da serra de seu nome.

Miguel Inácio. Serra da província de Goiás. Estende-se do nascente ao poente paralelamente com o rio Verde, tributário do Maranhão, entre a vila de Meia Ponte e a povoação do Pilar.

Miguel José. Monte da província de Mato Grosso, na margem esquerda do Paraguai, em vinte e um graus e vinte e dous minutos de latitude. Nele alevantaram os Espanhóis o forte Bourbon em 1792. Este monte é um dos que estreitam o álveo do Paraguai, e separa os campos Parecis do Baixo Paraguai, no sítio vulgarmente chamado Fecho dos Morros.

Milagres.⁸⁴⁰ Freguesia da província do Ceará, no distrito da vila de Bom Jardim, nas margens do rio Salgado, cortada pela estrada que vai da vila do Crato para a ci-

dade de Paraíba. Sua igreja, dedicada a N. S. dos Milagres, foi largo tempo filial da matriz de São José da Missão Velha, mas foi-lhe conferido o título de paróquia, de que gozava a sobredita igreja, por lei provincial de 5 de setembro de 1840, a qual lhe assinalou por termo a estrada da vila das Lavras, para a de Bom Jardim e o ribeiro Caiçara.

Milho. Ilheta da baía de Niterói. Acha-se deserta, e incluída no termo da freguesia da ilha do Governador.

Milho Verde.⁸⁴¹ Povoação da província de Minas Gerais, doze léguas ao nor-nordeste da cidade do Serro, e sete ao nordeste da Diamantina. Foi originalmente um registo para vigiar no extravio do ouro e dos diamantes. Sua igreja, dedicada a N. S. dos Prazeres, é filial da matriz da freguesia de Rio Preto. Acha-se esta povoação três mil quatrocentos e setenta e um pés acima do nível do mar.

Mina. Território aurífero da província do Maranhão, na margem direita do rio Turinana. As terras de ambas as margens deste rio são ótimas

para a plantação dos cafeeiros, algodoeiros e canas-de-açúcar, e mui próprias para o cultivo do chá.

Minas. Ilha do rio Madeira, na província do Pará, dezoito léguas pouco mais ou menos acima de sua confluência com o Amazonas. Tem três léguas de comprimento e uma de largura; e na opinião dos que não explorado o rio Madeira é a maior que em todo ele se encontra. A sua extrema norte está em seis graus e trinta e quatro minutos de latitude.

Minas Gerais. Província a mais populosa, e de maior extensão entre todas as do Brasil. O primeiro descobridor desta província foi Sebastião Fernandes Tourinho, o qual correndo o ano de 1573, teve a intrepidez, subindo pelo rio Doce, de se entranhar ao sertão dela, e depois de descobrir minas de ouro e de esmeraldas, abrindo caminho por entre matas virgens, seguiu o curso de vários rios, e descendo pelo Jequitinhonha se foi à Bahia, a apresentar ao governador general do Brasil, Luiz de Brito e Almeida, as amostras dos preciosos desco-

⁸⁴⁰ Atual cidade de Milagres/CE. (N/E)

⁸⁴¹ Atual distrito de Milho Verde, município do Serro/MG. (N/E)

Minas Gerais

brimentos que fizera, e contentando-se com a glória de se ter saído bem daquela empresa, deixou aberto aos demais o caminho para ultimá-la. Passados três anos, no tempo em que os sertanistas Dias Martim Cão, Marcos de Azevedo Coutinho, e outros menos conhecidos faziam entradas nos sertões desta província para cativarem Índios, antes do que para descobrirem metais e pedras finas, Antônio Dias Adorno, seguindo o exemplo de Sebastião Fernandes Tourinho, subiu pelo rio Cricaré, depois de haver aportado em Caravelas, com uma companhia de Portugueses e Brasileiros, e quatrocentos Índios conversados naquelas matas e rios, e transpondo as serras, foi até a lagoa Vupabuçu, e voltou também pelo Jequitinhonha. Em 1598 D. Francisco de Souza, então governador general, visitou as províncias do sul na esperança de excitar os Paulistas a fazerem novas expedições e descobrimentos, porém não lhe aconteceu como cuidava, e só em 1662, se aventuraram Augusto Barbalho e Fernando Dias Pais, a penetrar nos sertões ao norte da vila de São Paulo. Barbalho trouxe esmeraldas, e Pais descobriu o rio Itamarandiba em cujas areias se achava ouro de envolta com pedras preciosas. Seguindo as

informações que daquele descobrimento deram um e outro, o governador geral do Brasil, Afonso Furtado de Mendonça, encarregou a Fernando Dias Pais de ir outra vez em descobrimento de esmeraldas. E com efeito este intrépido sertanista empreendeu uma nova exploração, pesquisando e fazendo cavas por onde quer que passava até chegar ao Serro Frio, onde tirou grandes benefícios do rio Anhonhecanhuva e do Itamarandiba. Como, depois deste feito, deitasse até a lagoa Vupabuçu assinalada no roteiro de Marcos de Azevedo Coutinho, viu-se desamparado da maior parte dos seus e obrigado a voltar para a província, no cabo de sete anos de contínuas indagações e jornadas, e veio a morrer nas margens do rio Guaicuí ou das Velhas, deixando a Manoel Borba Gato, seu genro, as pedras que havia colhido e juntamente o seu roteiro, instrumentos de mineração e munições. Seu irmão, Garcia Rodrigues Pais, em consideração dos serviços feitos ao Estado pelo defunto, foi condecorado com o título de capitão-mor das minas de esmeraldas em 1683. Artur de Sá e Menezes, no tempo em que governava o Rio de Janeiro e as terras do sul do Brasil, teve ordem

d'El-Rei D. Pedro II, para promover os descobrimentos, e com efeito nisso empregou em 1692 Antônio Rodrigues Arzão e Carlos Pedroso da Silveira. Nos anos seguintes Bartolomeu Bueno de Sequeira, Miguel de Almeida e Manoel Garcia Velho alistaram gente nas vilas natais e se embrenharam nos sertões com intento de fazerem escravos, se por ventura não descobrissem minas de ouro. Arzão, tomando ao oriente das minas, foi ter à capitania do Espírito Santo, sem que em tal pensasse, e apresentou à câmara da vila de São Mateus três oitavas de ouro. Fundiram-se duas medalhas, uma das quais foi depositada nos arquivos da câmara, e outra foi entregue a Arzão, o qual, passando pelo Rio de Janeiro, a mostrou ao governador, e depois à câmara da vila de São Paulo. Bueno de Sequeira estabeleceu-se com a sua gente na serra de Ouro Preto, e deu princípio à povoação do mesmo nome, hoje cidade. Este sertanista recebeu a ordem de Cristo, e teve o título de moço fidalgo. D. Rodrigo de Castelo Branco, superintendente das minas, querendo também ter parte na glória do descobrimento das esmeraldas, achando-se junto ao rio Guaicuí ou das Velhas, quis obrigar a Manoel de Borba Gato a dar-lhe parte do

provimento, que lhe havia deixado Fernando Dias Pais, levantou-se entre eles certa disputa, no calor da qual foi o superintendente morto por um dos familiares de Borba Gato, o qual com medo de ser preso se refugiou nas matas e viveu com os selvagens de que veio a ser chefe. Morto D. Rodrigo de Castelo Branco os Paulistas que o acompanharam se dividiram, e as boiadas que levavam para se sustentarem se derramaram pelas margens do rio de São Francisco, então ainda despovoadas, e foram a origem do numeroso gado vacum que nelas ainda se observa. O governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Menezes, visitando aquele país em 1698, ofereceu a Borba Gato o perdão em nome d'El-Rei, com condição que ele diria onde se achavam as ricas minas do Sabará que ele havia descoberto, condição que Borba Gato aceitou, e chegou ao depois a ser tenente general. Desde então em diante um sem número de aventureiros exploraram por diversos pontos o país das minas. Salvador Francisco Furtado, Mateus Cardoso, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, Manoel Velho Pais, Salvador Cardoso, Januário Cardoso e Leonardo Nardez, foram os capitães de maior nome que se estabeleceram nesta parte do

Brasil. Segundo o que se dizia das terras auríferas, ordenou D. Pedro II que se estabelecessem fundições de ouro, onde quer que se julgassem necessárias para a arrecadação do quinto. Porém os Paulistas, os Europeus e os demais aventureiros que para ali haviam concorrido com a cobiça e desejo de se enriquecerem, não conhecendo outras leis senão a da força e da licença mais desenfreada, estavam bem longe de obedecer às ordens do soberano: nenhum quis estar pelos regimentos feitos por Artur de Sá e Menezes, nem reconhecer as pessoas encarregadas de os pôr em execução. Donde resultaram guerras intestinas e cruéis que se perpetuaram entre as diferentes raças de que constava a população. No começo do século XVIII dous frades se conduziam o mais licenciosamente que dar-se pode nas minas, exercendo um monopólio exclusivo sobre as bebidas espirituosas, a carne e outros objetos da primeira necessidade, e como achassem no povo resistência, ordenaram a todos os habitantes em geral, em nome do soberano, de depositarem em certa casa por eles escolhida todas as armas que tinham em seu poder, ameaçando de castigar com o rigor das leis todos aqueles que não obtemperassem com

aquele mandado. Domingos Rodrigues da Silva Monteiro e Bartolomeu Bueno Feijó foram presos por isso que eram conhecidos por homens resolutos e capazes de se porem à testa duma facção. Ficaram os Paulistas de princípio aterrados com aquelas providências, porém reabrando-se do primeiro abalo que os tinha lançado numa espécie de estupor, retiraram-se com os chefes a quem obedeciam, e foram estabelecer-se com tudo quanto tinham nas margens dum rio vizinho. Bento Amaral Coutinho, posto à frente da facção dos frades, se foi ao encontro dos Paulistas, e fez ao princípio rosto de querê-los atrair por meios brandos, mas afinal acabou por assaltar a alguns de improviso; originaram-se dali vários combates parciais, e por fim uma batalha renhida onde houveram muitos mortos por instigações dum religioso trino, chamado Francisco de Menezes, e daí vem, segundo se afirma, o nome de rio das Mortes, que foi dado àquela cujas margens haviam sido o teatro de tão sanguenta cena. Vendo os religiosos, e todos os que eram de sua facção, todo o país alvoroçado, e que não tinham seguras as vidas, fizeram com o povo que nomeasse por governador general das minas a Manoel Nunes

Minas Gerais

Viana, e consolidaram a nomeação celebrando o sacrifício da missa. Viana, ambicioso por natureza, houve-se com certa aparência de justiça e de retidão, recebendo a uns com agasalho, e ajudando a outros. Os membros do conselho decidiram que as minas seriam livres de direito por espaço de dez anos, dizem que com o intento secreto de tratarem de alcançar durante este prazo o perdão d'El-Rei, e no caso contrário de se refugiarem nas possessões espanholas, com o produto das minerações de que desfrutariam pacificamente, e sem receio das justiças portuguesas, porém dentro em pouco tempo repartiram-se em bandos os mineiros.

Os Paulistas escolheram por chefe a Amador Bueno, e Ambrósio Caldeira Branco se pôs à testa dos aventureiros portugueses e doutros, ocultamente estimulados pelos frades, cujos nomes não eram pronunciados. Vieram os dous partidos às mãos, e acometeram-se furiosamente, batendo-se sem descansar quatro dias e quatro noites a fio. Como os Paulistas fossem em menor número, perderam tão somente oito homens, e os adversários oitenta; o que não obstante tiveram os primeiros de retirar-se às ocultas. Acudiu o

governador do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, D. Fernando Martins Mascarenhas, com alguma tropa para restabelecer o sossego no país. Tiveram os rebeldes notícia a tempo de que era partido da vila de São Paulo, e dentro em poucos dias teve Viana a indústria de ajuntar alguns milhares de homens, e pôs-se na defensiva à espera do governador postado no território de Congonhas. Julião Rangel de Souza, oficial que servia debaixo das ordens do cabeça da rebelião, foi furtivamente ter com o governador, e deu-lhe parte das disposições que contra ele haviam sido feitas; porém Viana, tendo sido disto informado na mesma noite, pôs a preço a cabeça de Julião Rangel. Como nessa mesma noite ouvisse o governador os gritos sediciosos dos Mineiros, entendeu que era verdade o que lhe dissera Rangel, e assentou de retirar-se em boa ordem para São Paulo, resoluta a ajuntar ali forças, e ordenar aos regimentos de linha da praça do Rio de Janeiro de marchar sobre Ouro Preto ao mesmo tempo que ele para atacar os rebeldes por dous pontos diferentes. No tempo em que o governador fazia esta retirada, pôs-se o infatigável Viana num estado completo de defesa; conquistou o amor dos Mineiros por sua

afabilidade, e pelo cuidado que deles tinha, ajudando-os com o seu valimento e com sua própria bolsa, nomeando aos empregos vagos com tino e sagacidade, fazendo ver ao povo a necessidade que tinha de defender-se, e a obrigação de contribuir para isso sujeitando-se a um imposto, que ninguém curava de recusar. E foi em tudo ajudado pelo Paulista Domingos da Silva Monteiro, homem feroz, que se jactava de ter mais poder que o Papa, o qual dizia ele se cansava por meter uma alma no paraíso, enquanto sem nenhum trabalho ele mandava muitas para o inferno. Estava tudo posto no melhor estado de defesa nas Minas, e D. Fernando Martins Mascarenhas se dispunha a entrar em campanha, quando foi obrigado a ir para o Rio de Janeiro, receber e instalar no governo a seu sucessor Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, nomeado governador, o qual partiu *incógnito* da cidade do Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1709, e foi ter a Caeté com um negociante da Bahia chamado Sebastião Pereira de Aguiar, que ele sabia tinha tomado a seu cargo de armar o povo daquela povoação, e acometer os rebeldes de Ouro Preto de concerto com as tropas de D. Fernando Martins Mascarenhas. Desanimado

Viana com tão inesperada notícia, determinou de ir ter com o governador, e assim o fez, afiançando-lhe de mudar no futuro de conduta, e prometendo-lhe uma submissão inteira da sua parte bem como da dos Mineiros. Perdoou-lhe o governador em nome d'El-Rei, porém com condição que os principais cabeças da rebelião houvessem de retirar-se para suas fazendas, ou para as províncias vizinhas, e assim se concluiu a rebelião de Minas. Desejando El-Rei D. João V conhecer um homem que como Manoel Nunes Viana se tinha assim elevado acima da classe vulgar a que pertencia, depois de se ter partido o governador, foi com este pretexto o dito Manoel Nunes preso à traição, e conduzido para a prisão da Bahia, onde morreu de miséria à espera de partir para Lisboa. Em 1709, uma carta régia de 9 de novembro criou a nova província de São Paulo e Minas, e em 23 do mesmo mês foi o governo dela conferido a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com a faculdade de criar vilas as povoações que lhe parecessem dignas deste título. Foi este governador residir para a vila de São Paulo, e tomou posse do governo, em presença da câmara e do capitão-mor Domingos Dias da Silva, em 18 de junho de 1710.

No ano seguinte, foi outra vez a Minas Gerais, que visitou com mais particularidade do que fizera na primeira, e criou as vilas do Ribeirão do Carmo, Vila Rica, Sabará, e um regimento de cavalaria de linha para o serviço de toda a comarca de Minas. Sucedeu-lhe D. Brás da Silveira, que tomou posse do governo em 31 de agosto de 1713. Este novo governador, na visita que no seguinte ano fez a Minas, criou vilas as povoações de Caeté, de Vila do Príncipe e de Pitanguí. Algum tempo depois repartiu esta parte do seu governo em quatro comarcas, com os nomes de Vila Rica, Rio das Mortes, Sabará e Serro Frio. Enfim, nos quatro anos que governou São Paulo e Minas, executou fielmente as ordens régias anteriormente dadas de fazer sair das Minas todos os frades e padres que não tivessem ocupação certa, nem emprego. Seu sucessor, D. Pedro de Almeida, conde do Assumar, erigiu as vilas de São João del Rei e de São José, na comarca de Vila Rica; comprimiu os novos alevantamentos que houveram em Minas por causa da criação das portagens no rio das Velhas e no de São Francisco, castigando os cabeças com o degredo e com a pena de morte, conforme a gravidade do crime. Para confundir em uma só po-

pulação as diferentes raças de que se compunha a do vasto país de Minas, El-Rei D. João V, por um alvará de 2 de dezembro de 1720, criou a província de Minas Gerais, e nomeou por primeiro governador dela a D. Lourenço de Almeida, que a governou despoticamente, como havia feito o conde do Assumar, com a diferença porém que um pôs termo a uma rebelião, e outro teve a indústria de conservar a província em paz durante o longo tempo de seu governo que durou doze anos. Em seu tempo se descobriram em 1727 as minas de ouro de Aracuaí, e passados dous anos, se acharam diamantes em vários rios e ribeiros da comarca de Serro Frio, que então fazia parte da província da Bahia. Sucedeu-lhe André de Melo e Castro, conde das Galveias, o qual tomou posse do governo de Minas Gerais, em 10 de setembro de 1732, e tendo sido nomeado para administrar a Bahia com o título de vice-rei, ajuntou Gomes Freire de Andrade ao governo da província do Rio de Janeiro o de Minas Gerais em 1735. Estabeleceu o novo governador de Minas um imposto que fez fossem escusadas as fundições onde até então se arrecadavam os direitos. Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto, lhe é devedora de seu hospital da Misericór-

Minas Gerais

dia no ano de 1738; no de 1744 foram descobertas as minas de Paracatu, e por solicitações suas criaram-se trinta e duas paróquias nesta província e anexaram-se-lhe as minas de Fanado, por decreto de 10 de maio de 1757. Faleceu enfim o governador das três províncias do Rio, Minas e São Paulo, no 1º de janeiro de 1763, com saudade de todos os que viveram à sombra de seu governo que foi o mais longo de todos. Sucedeu-lhe no governo da província de Minas Gerais Luiz Diogo Lobo da Silva, em 28 de dezembro do mesmo ano. Aplicou-se este governador a civilizar os Índios, fez edificar para eles uma igreja nas margens do rio da Pomba, e outra nas do Cuiaté; alcançou vários privilégios para o hospital da Misericórdia de Vila Rica, que o fizeram prosperar, e por sua boa administração, e pelo exemplo que a todos deu de socorrer e ajudar aos necessitados, mereceu ser apelidado o Pai dos Pobres. Foi rendido em 16 de julho de 1768 por D. José Luiz de Menezes, conde de Valadares, o qual ordenou o estado militar da província, criando as companhias de milícia e um regimento de cavalaria, para o serviço da comarca Diamantina de Serro Frio: no decurso de seu governo desapareceram da pro-

víncia os padres sem emprego, e os frades que viviam fora de suas comunidades, bem como os malfeitores de quem foi acérrimo perseguidor. Sucedeu-lhe em 1773 interinamente o coronel Antônio Carlos Furtado de Mendonça, que governou até o princípio do ano de 1775, e foi rendido pelo coronel Pedro Antônio da Gama e Freitas, que em 29 de maio do mesmo ano entregou o governo a D. Antônio de Noronha. Fez o novo governador titular abrir uma estrada de trinta léguas por terras então pouco conhecidas, entre os rios Doce e Cuiaté, e fundou a aldeia e registou deste nome; porém como intentasse aumentar o número dos oficiais e soldados da província sem gravar o Estado, diminuiu-lhes o soldo, o que foi ocasião para todos prevaricarem, tornando-se dum venalidade até então desconhecida. Sucedeu-lhe em 20 de fevereiro de 1780 D. Rodrigo José de Menezes, a quem os habitantes de Minas Gerais devem as excelentes estradas de Mariana a Ouro Preto e a Sabará; em seu governo abriram-se caminhos pelas matas da serra da Mantiqueira, e estabeleceram-se registros nas gargantas das montanhas e nas margens dos rios Preto, Paraibuna e Paraíba, para coibir o extravio e

contrabando de ouro que havia largo tempo se fazia no termo de Ajuruoca às ocultas, e sem que os governadores de Minas Gerais e do Rio de Janeiro o pudessem tolher. Repartiu com diferentes pessoas perto de setecentas sesmarias no distrito aurífero, tanto para a agricultura, como para a mineração, nomeando cobradores que arrecadassem o quinto. Foi em pessoa reconhecer os ribeiros auríferos junto à serra de Arrepiada, ao norte dos nascentes dos rios da Pomba e Manhauçu, onde distribuiu perto de quatrocentas sesmarias, não se apartando daquele distrito senão depois que o teve organizado pelo mesmo teor que o precedente. E encaminhando-se mais para o nordeste, mandou abrir caminhos, e colocou na aldeia Cuiaté os vagabundos da província do Espírito Santo e doutras, dando-lhes terras, instrumentos e víveres com que se alimentassem até vir o tempo da colheita do que semeassem, conforme o prescreviam as leis da terra respeito aos vagabundos; organizou o distrito diamantino de Tejuco; foi ao de Sabará pôr termo à desobediência e revolta do povo, secretamente instigado por gentes mal-intencionadas. Na comarca de Serro Frio destituiu um ouvidor venal e arbitrário no exer-

cício de suas funções, pôs em liberdade um sem número de pessoas que se achavam retidas em prisão sem a menor culpa, e fez com que voltassem os que andavam foragidos com medo do despotismo daquele ouvidor. Luiz da Cunha de Menezes veio render a D. Rodrigo no governo desta província, em 10 de outubro de 1783; no cabo de dous anos descobriu-se nela uma conspiração que estava por momentos a arreentar; porém os autores dela não vieram a receber o merecido castigo senão no governo de seu sucessor Luiz Antônio Furtado de Mendonça, conde de Barbacena. O único que foi enforcado foi um homem de pouca conta, chamado Joaquim José da Silva Xavier, dous morreram na cadeia antes da sentença final, e dez outros, cujos nomes se ocultou, foram degradados para a África. Criou este governador três vilas durante o seu governo, Queluz, Tamanduá e Barbacena, no decurso do ano de 1791, porém a criação da última não teve a aprovação d'El-Rei senão em 1814. Veio render-lhe Bernardo José de Lorena, o qual criou a vila da Princesa da Beira, atualmente cidade de Campanha. Como fosse nomeado vice-rei da Índia, entregou o governo da província a Pedro Xavier de

Ataíde e Melo, o qual a administrou cinco anos, e foi rendido por D. Francisco de Assis Mascarenhas, depois marquês da Palma. Sucedeu-lhe D. Manoel de Portugal e Castro, em 11 de abril de 1814, e no cabo de seis anos foi substituído por uma junta provisória a que sucedeu o governo dos presidentes de província, em conformidade do artigo 165 da constituição do Império. Jaz a província de Minas Gerais entre treze e vinte e três graus de latitude, e entre quarenta e quatro e cinquenta e um graus de longitude oeste. Discordaram até aqui os geógrafos sobre a sua verdadeira posição, sabe-se todavia ao certo, que se acha limitada da parte do norte, e sobre a margem esquerda do rio de São Francisco, pelo rio Carinhonha, e sobre a direita do mencionado rio pelos rios Pardo, Cachoeirinha e Verde, os quais são os seus limites naturais na parte que confronta com a província da Bahia; da banda do nascente, a cordilheira dos Aimorés a separa das províncias da Bahia e do Espírito Santo; da do sul, servem-lhe de extrema com a província do Rio de Janeiro os rios Paraíba, Paraibuna e Preto, e acha-se separada da província de Goiás pela serra que corre do sul para o norte, com o nome de serras da Parida, da

Marcela, da Pindaíba, dos Cristais e da Tabatinga. Os rios de São Francisco, Jequitinhonha, Doce, Grande, e das Velhas ou Guaicuí, estão afluindo que no porvir a agricultura e comércio desta província hão de fazer grandíssimos progressos. Recapitulando o que atrás dissemos, vê-se que de princípio a província de Minas Gerais foi uma mera comarca do governo do Rio de Janeiro; que 1711, época da criação da província de São Paulo, ficou igualmente sendo comarca da nova província; que três anos depois foi repartida em quatro comarcas, com os nomes de Vila Rica, Rio das Mortes, Sabará e Serro Frio, e que afinal foi elevada à categoria de província por alvará de 2 de dezembro de 1720. Durante o século que decorreu depois que foi criada província, a margem esquerda do rio de São Francisco se povoou até as serras que a separam da província de Goiás, a ponto que um alvará de 17 de maio de 1815 fez destas povoações uma quinta comarca que teve o nome de Paracatu, vila que é dela cabeça. Passados anos e entrado o de 1833, a assembleia geral dividiu esta vasta extensão de território em nove comarcas, mas havendo-se criado outras mais, em virtude de diferentes leis provinciais, consta atual-

Minas Gerais

mente esta província de quatorze, que são: Barbacena, Ouro Preto, Patrocínio, Rio das Mortes, Rio das Velhas, Rio Grande, Rio Jequitinhonha, Rio Paracatu, Rio Parai-buna, Rio Paraná, Rio Piracicaba, Rio de São Francisco, Rio Sapucaí e Serro. Além dos distritos das cidades e vilas, cabeças destas quatorze comarcas, há os das vilas de Ajuruoca, de Araxá, de Baependi, Bonfim, Caeté, Caldas, Curvelo, Desemboque, Diamantina, Grão Mogor, Formiga, Itabira, Jacuí, Jaguarí, Januária, Lavras do Funil, Oliveira, Paracatu, Pitangui, Presídio de São João Batista, Queluz, Salgado, Santa Bárbara, São João Nepomuceno, São Romão, Sapucaí, Tamanduá, Uberaba e Vilanova da Formiga, que fazem o total de quarenta e três distritos. Uma lei da assembleia geral de 1840 criou nesta província um tribunal da relação, composto de nove desembargadores e dum presidente, com as mesmas funções e prerrogativas dos das províncias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão, com alçada sobre as províncias de Minas Gerais, de Goiás e de Mato Grosso. A guarda nacional, segundo o relatório apresentado pelo presidente da província à assembleia legislativa dela em

1843, se compunha de quarenta e sete mil homens, comandados por sete oficiais superiores, e se achava dividida em trinta e cinco legiões, com noventa e um batalhões de infantaria e quatro esquadrões de cavalaria. Esta província possui em sua capital, desde o ano de 1832, cadeiras de mineralogia, de geologia, de física, de mecânica, de estatística, de química elementar e docimástica, e uma enfim de exploração, mineração, e dos trabalhos preparatórios que é mister fazer nos montes. Os resultados de tão útil instituição são por agora ignorados. O que é inegável é o progresso que tem feito de 1830 por diante a instrução primária, pois que em 1841 havia cento e oitenta escolas de meninos e vinte de meninas, não incluindo neste número os colégios de Caraça, de Congonhas dos Campos e de Araxá, nem o seminário de Mariana e outros estabelecimentos particulares formados por pessoas que se consagram à educação da mocidade. Há também na província uma escola normal, onde se formam os professores de primeiras letras, nove cadeiras de latim, oito de filosofia e de retórica, uma de geometria, sete de língua francesa, duas de inglês, uma de anatomia e duas de farmácia. Formou-se, deve haver seis

anos, uma caixa econômica cujos fundos se vão anualmente aumentando, e que tem dado até onze por cem de interesse aos que nela depositaram as suas economias. Acha-se esta província retalhada de estradas que facilitam o transporte das fazendas em carros e em machos para os diversos pontos dela. Em 1836, foi ordenado por lei provincial que se fariam mais quatro estradas reais que deveriam cruzar-se, ficando no centro delas a cidade de Ouro Preto, e indo fenecer ao norte, na província do Ceará; a leste, na da Bahia; ao oeste, na cidade de Goiás; e ao sul, na província do Rio de Janeiro; só esta é que se acha começada, e em 1843 tinha-se feito obra de vinte léguas. Bem que situada debaixo dos trópicos, o clima da província de Minas Gerais é temperado e sadio. As terras chãs sujeitas a serem alagadas não deixam de ocasionar febres intermitentes, o que se poderia evitar com algumas valas. Os primeiros exploradores desta província arrotearam as terras onde presumiam achar ouro, e seus sucessores as fizeram plantar de canas, de algodoeiros, e as semearam de milho; a geração presente porém juntou-lhe grandes plantações de cafeeiros, de tabaco, de árvores frutíferas vindas da Europa, e

não poucas sementeiras de cereais. A principal fonte da prosperidade da província de que tratamos é a imensidade de gado vacum e de porcos que nela se criam. O reino mineral também é nela sobremaneira variado, e não falando do ouro que de ordinário tem de dezenove até vinte e quatro quilates, sabe-se de certo que existem ali minas de prata, de platina, de cobre, de ferro, de mercúrio, estanho, chumbo, e também de betumes, amianto, granito em abundância, pedras calcárias e de amolar, pedra-ume, salitre, argilas de todas as cores, diamantes, rubis, esmeraldas e outras pedras preciosas. Está esta província por toda a parte semeada de cavoucos e cavernas, obra dos mineiros. Os ribeiros Piauí, dos Calhaus, das Três Americanas e de Itinga fornecem grande variedade de pedras finas, e os rios Paracatu, Santo Antônio, da Prata e Itucambira, diamantes; enxofre, a fazenda de Tabuã, e antimônio, a chapada de Alto dos Bois. As matas e charnecas são povoadas de onças, jaguares, antas, tamanduás, porcos-monteses, guarás, cotias, pacas, capivaris, guaribas e outras espécies de macacos,

e de animais quadrúpedes. Entre as aves distinguem-se pela viveza das cores, os jacutingas, jacus, araras, papagaios e periquitos, tucanos, inhambupes e outras muitas. Dão-se ali espontaneamente várias plantas medicinais, como a ipecacuanha, alcaçuz, jalapa, bem como a anilheira, o urucu, o ibirapitanga, o ipê-corde-rosa, o braúna negro, o tajibá, madeiras que servem para a tinturaria. As matas encerram grande quantidade de árvores balsâmicas, que se poderiam cultivar, e não poucas frutíferas, cujos frutos seriam de melhor sabor, se se cuidasse de enxertá-las nas árvores silvestres congêneres. Bem que seja esta província a mais bem cultivada entre todas as do Brasil, está longe a agricultura do grau de perfeição a que poderia chegar. O comércio entre ela e as províncias do Rio de Janeiro, Bahia e de São Paulo é por extremo ativo. Os objetos de exportação desta província são gado vacum, porcos, toucinho, queijos, panos de algodão, tabaco, café, sola, despojos de vários animais silvestres, pedras finas, drogas de medicina, etc. Recebe-se em troca toda a qualidade de panos e estofos

das fábricas da Europa, objetos de luxo, vinho e farinha de trigo. Nos tempos passados era grandíssima a exportação que se fazia de algodão, gênero que era reputado por de primeira qualidade, e bem conhecido no comércio com o nome da província; mas a cobiça dos vendedores que o adulteravam e falsificavam arruinou de todo este ramo de comércio. Consome-se nesta província grande quantidade de milho e de carne de porco, e menos de vaca. De princípio não havia em Minas Gerais outra moeda corrente que o ouro em pó; porém as frequentes falsificações tanto do metal, como do peso e balanças fizeram que se lhe substituisse a moeda de prata e de papel. Além da mineração e extração de ouro, os naturais de Minas Gerais se empregam na criação de gado, de porcos, no fabrico de diversas espécies de açúcar e de aguardente, e também do tabaco em rolo. Do fim do século passado em diante começaram também a fazer alguns panos de lã, e chapéus de diversas cores da mesma matéria, que são de muito dura. Mr. Monleval⁸⁴², originário de França, estabeleceu em 1817 uma fundição de

⁸⁴² O autor refere-se a Jean-Antoine Felix Dissande de Monlevade, engenheiro militar francês. (N/E)

Minas do Castelo

ferro nas adjacências da cidade de Ouro Preto, onde se fundem caldeiras para os engenhos, e outros objetos concernentes ao fabrico do açúcar. Vários Mineiros, amigos da prosperidade de seu país, assentaram forjas e fábricas de instrumentos de carpintaria, de ferraduras, etc. O que não obstante, uma grande parte deles se obstinam na cava das minas, e na bateação da areia e terras dos ribeiros, na esperança de se enriquecerem, olhando com desprezo para a agricultura, a mais nobre das artes. A população da vasta província de Minas Gerais, numa superfície de quinze mil léguas quadradas, era em 1838 de setecentos e trinta mil almas. Do 1º de julho deste mesmo ano até 30 de junho de 1839, o número dos nascimentos foi de oito mil, cento e setenta meninos e oito mil, cento e trinta e seis meninas; total, dezesseis mil, trezentos e seis, constando de onze mil, oitocentos e trinta e cinco meninos e meninas livres, e quatro mil, quatrocentos e setenta e um escravos, e o número dos falecimentos foi de dez mil, cento e setenta e oito indivíduos, sendo o au-

mento da população de seis mil, cento e vinte e oito. Neste mesmo lapso de tempo celebraram-se três mil, trezentos e treze casamentos. A província de Minas Gerais manda vinte deputados à assembleia geral, e dez senadores ao senado. Sua assembleia provincial legislativa consta de trinta e seis membros, e tem as suas sessões na cidade de Ouro Preto. Na legislatura de 1840, cada um destes membros recebia um subsídio de quatro mil réis por dia durante o tempo das sessões. Já dissemos que havia nesta província uma relação; juntaremos que além deste tribunal cada comarca tem um juiz de direito, cada distrito municipal um juiz municipal, e cada freguesia um juiz de paz. A polícia é administrada por um chefe que reside na cidade de Ouro Preto, e tem debaixo de suas ordens dezoito juizes municipais, trinta e nove delegados nos quarenta e três distritos, trezentos e sessenta subdelegados, outros tantos substitutos, e pelo menos o quádruplo de chefes de bairro.

Minas do Castelo.⁸⁴³ Povoação da freguesia de Itapemi-

rim, da província do Espírito Santo. Deve a sua origem a alguns colonos que, tendo assentado vivenda na cabeceira do rio Itapemirim, erigiram naquele lugar uma capela que dedicaram a N. S. da Conceição, a qual foi ereta matriz em 1754 por se acharem os fregueses mui arredados da igreja paroquial de Guarapari; porém, correndo o ano de 1771, despojaram-na deste título, e foi o batistério transferido para a igreja de N. S. do Amparo, edificada por um dos Carneiros no seu engenho, ao pé do mesmo rio, porém a menos distância do mar. (V. *Itapemirim*, vila.) Esta povoação está reduzida a um simples lugarejo.

Minas do Rio de Contas.⁸⁴⁴ Vila da província da Bahia. Assim foi nomeada no orçamento de 30 de junho de 1840.

Minas Novas. Antigo nome da comarca atual de Jequitinhonha. (V. *Jequitinhonha*, comarca.)

Minas Novas.⁸⁴⁵ Nova cidade da província de Minas Gerais (dantes Vila do Fanado), ca-

⁸⁴³ Atual cidade de Castelo/ES. (N/E)

⁸⁴⁴ Atual cidade de Rio de Contas/BA. (N/E)

⁸⁴⁵ Atual cidade de Minas Novas/MG. (N/E)

beça da comarca de Jequitinhonha, em dezessete graus e trinta e sete minutos de latitude, setenta e cinco léguas ao nor-nordeste da cidade de Ouro Preto, e trinta e seis léguas ao nordeste da de Serro. Em 1727, Sebastião Leme do Prado, com os Paulistas que o acompanhavam, deixando as margens do rio Manso, onde se achavam estabelecidos, por causa duma cruel epidemia que ali grassava, se encaminharam para o Piauí, tributário do Jequitinhonha, mas como tomassem mais do devido para o norte e explorassem os rios Araçuai e Itamarandiba, pararam nas margens dum rio a que puseram o nome de Bom Sucesso, por isso que acharam nele grande abundância de ouro. Ali edificaram afinal uma igreja que dedicaram ao apóstolo São Pedro, a qual fez largo tempo vezes de paróquia, assim que aquela povoação tomou o nome de *São Pedro do Fanado*. As de Paiol, de Itaipaba e de Água Suja foram fundadas quase no mesmo tempo, correndo o ano de 1729. Desejava Sebastião Leme do Prado dar aviso ao governador de Minas Gerais daquele descobrimento; mas seus irmãos Francisco e Domingos Dias acabaram com ele que o noticiasse antes a Vasco Fernandes de Menezes, quarto vice-rei do Brasil

que residia na Bahia, o qual lhes deu a cada um deles, bem como a alguns dos companheiros segundo o seu merecimento, certo grau na milícia. Entrado o ano de 1730 fez o vice-rei estabelecer uma fundição na povoação de Fanado, a que conferiu o título de vila em 2 de outubro do mesmo ano, com o nome de *N. S. do Bom Sucesso das Minas de Fanado*, o que não obstante, prevaleceu somente o de Fanado. Sendo o governo informado que nas diferentes torrentes deste distrito se encontravam diamantes, estabeleceu dez registros em diferentes pontos em 1734, para obstar a todo o extravio deles e do ouro. No ano seguinte, foi o quinto dado de arrendamento, e suprimida a fundição. Em 1757, um decreto real de 10 de maio desmembrou a vila e distrito de Fanado da província da Bahia, e anexou-os à de Minas Gerais. Em 1810, um alvará de 22 de janeiro colocou nesta vila um juiz de fora, e a assembleia provincial, por lei de 9 de março de 1840, lhe conferiu o título de cidade, com o nome de *Minas Novas*. Está esta nova cidade assentada num alto entre os ribeiros do Bom Sucesso e de Fanado, tributários de Araçuai; as casas em geral são térreas com seu quintal por detrás: as três principais ruas, na figura dum Y, são lar-

gas e calçadas, as demais somente o são ao pé das casas, cujas paredes são de adobe. Os principais edifícios são a antiga intendência, que serve atualmente de casa da câmara; a antiga matriz de São Pedro e a igreja de N. S. da Piedade, recentemente criada paróquia, as de São Francisco de Paula e do Rosário, e as capelas de N. S. do Bonfim, de N. S. do Amparo, Santana, São José e São Gonçalo. Entre as instituições de pública utilidade, citaremos o hospital da Misericórdia, duas escolas de primeiras letras para a mocidade de ambos os sexos, uma cadeira de latim, e uma ponte sobre o rio. Em 1836, a câmara mandou desenhar o plano duma colônia para os degredados da província, e das que lhe ficam vizinhas dentro do seu distrito, entre o rio de Todos os Santos e a cabeceira do Mucuri. A população da cidade de Minas Novas é avaliada em mais de três mil habitantes, que se deixaram da mineração, aplicaram-se a diferentes officios de primeira necessidade, e são agricultores, comerciantes e tecelões. Seu colégio eleitoral em 1844 foi composto de cinquenta e nove eleitores. Seu distrito pega, ao norte, com os de Grão Mogor e de Januária; ao oeste, com o de Formiga; ao sul, com o da cidade do Serro; e a leste, com

Minuanos

a cordilheira dos Aimorés. O clima é seco e quente, as águas não são mui boas, bem que não sejam salobres. A indústria agrícola consiste unicamente na plantação e colheita do algodão e dos víveres ordinários. A mineração do ouro é mui pouca, tanto por causa da proibição concernente aos diamantes, como pela falta d'água para a lavagem das terras. Os metalurgistas Spix e Martius certificam que neste distrito e nas adjacências desta cidade existem minas de cobre. O distrito de Minas Novas poderá ter obra de dez mil almas, número que deve aumentar-se rapidamente, atenta a grande fecundidade das mulheres. O principal comércio consiste em algodão, sendo o de Minas Novas de superior qualidade. Para atalhar que incorresse esse gênero no mesmo descrédito em que se achava nos mercados da Europa o algodão de Minas Gerais, o juiz de fora da vila de Fanado ordenou em 1820 aos fazendeiros e donos dos algodões, de porem cada um a sua marca particular nas sacas; por cujo meio veio a conhecer os falsificadores, e castigou-os com um mês de prisão e doze mil réis de con-

denação. Assim que desde então conservou o algodão de Minas Novas a mesma reputação em que era tido pelos comerciantes. Muito nos pesa de não sabermos como se chamava este excelente administrador, para transcrevermos aqui o seu nome.

Minuanos. Nação índia de índole mais branda que os Tapes de que faziam parte, a qual dominava nas margens setentrionais e ocidentais das lagoas Mirim e dos Patos. Quando os Portugueses começaram a estabelecer-se na província de São Pedro do Rio Grande, retiraram-se os Minuanos para os rios Caziquei, Batuvi e Vacaí, e escolhendo algum descampado rodeado de matas, construíram cabanas cobertas com os despojos dos animais silvestres, e guarnecidas por três lados com esteiras, com uma porta, pela qual só podiam entrar quatro pessoas. Constava cada aldeia de cinquenta famílias governadas por um chefe. Reconheciam estes Índios um Deus a que chamavam Tupã, mas não lhe tributavam culto algum. Enterravam os mortos com suas armas, maca e utensílios de que se serviam em vida, na

persuasão de que lhes haviam de ser mister na outra, sem curarem de saber se era ou não imortal a alma. Eram em geral de maior corporatura que os Tapes, mais resolutos, generosos, e hábeis em ensinar aos diversos animais a serem-lhes úteis; montavam a cavalo, e sua linguagem era agradável. As armas que tinham em maior conta eram flechas e arco.

Mipibu.⁸⁴⁶ Pequena vila da província do Rio Grande do Norte, situada agradavelmente nas margens da lagoa Papari e do ribeiro de que tomou o nome; dez léguas ao su-sudoeste da cidade do Natal e a cinco do mar. Foi originariamente uma aldeia de Tupinambás, da tribo apelidada Papari segundo alguns, e segundo outros da chamada Mipibu, e talvez de ambas, Índios duma condição branda, rara entre os selvagens, os quais se submeteram com facilidade ao governo colonial. Agregaram-se-lhes sucessivamente vários colonos portugueses, e a população que dessa mistura resultou obteve o título de vila em 1728, com o nome de São José de Mipibu, no tempo em que Manoel de Souza Tavares

⁸⁴⁶ Atual cidade de São José do Mipibu/RN. (N/E)

governava a província de Pernambuco, dentro de cujos limites estava a aldeia. A igreja paroquial desta vila tem por orago Santana; um decreto da assembleia geral de 3 de agosto de 1832 a dotou duma escola de primeiras letras; a estrada que corre entre as cidades do Natal e de Paraíba, e que estabelece a comunicação da província do Ceará com a de Pernambuco, passa pela vila de Mipibu, cujo distrito confronta, ao norte, com o da cidade do Natal; ao poente, com o de Vilanova do Príncipe; ao sul, com o de Arês; e a leste, com o Oceano. Colhe-se nele grande quantidade de arroz, de milho, mandioca e tabaco, e tem também não poucos canaviais. As matas abundam em árvores frutíferas. A população, avaliada em dous mil habitantes, consta atualmente mais de Brasileiros do que de Índios; as margens do ribeiro Curu são povoadas de engenhos, bem como as do Mipibu e da lagoa Papari, que comunica com o Groaíras, ambos abundantes em pescado.

Mipibu. Ribeiro da província do Rio Grande do Norte; rega

o termo da freguesia da vila de seu nome e o da povoação de Papari, antes de se ir lançar na lagoa Groaíras.

Miradora. Aldeia de Índios da província do Maranhão, na cabeceira do rio Itapicuru, dez léguas pouco mais ou menos ao ocidente da vila de Pastos Bons.

Miradores.⁸⁴⁷ Povoação de pouca importância e trato da província do Maranhão, na margem direita do rio Manoel Alves. A estrada por onde se vai da vila do Riachão à de São Pedro de Alcântara passa por ela.

Miranda.⁸⁴⁸ Antiga povoação e presidio da província de Mato Grosso, no monte dos Pitas, perto da margem direita do Embotetiú ou Mondego, a doze léguas de seu confluente com o Paraguai. O governador da província, Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres, ordenou de fazer neste monte um forte, o qual foi com efeito construído em 1778 pelo capitão-mor João Leme do Prado. Em 1797, o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, tendo-se a povoação aumentado ao redor

do forte, instituiu nela uma justiça presidial, e tanto o forte como a povoação foram em consequência disto apelidados Miranda. Consta a povoação de cento e cinquenta vizinhos, sem falar na guarnição do forte, que é maior ou menor segundo as ocorrências.

Mirandela.⁸⁴⁹ Freguesia da província da Bahia, cinco léguas ao noroeste da vila de Pombal. Apelidam-na ordinariamente Saco dos Morcegos, pela grande quantidade destes animais que ali havia, e que faziam grande dano ao gado que se criava nos montes vizinhos. A igreja matriz desta freguesia é dedicada à Ascensão de N. S., e seus moradores, pela maior parte de raça indiana, vivem de pescarias e caçadas, e colhem tão somente a mandioca e milho de que hão mister. Há nesta freguesia uma escola de primeiras letras de meninos, criada por decreto de 16 de junho de 1832.

Mirim. Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande, que tem vinte e cinco léguas

⁸⁴⁷ Atual cidade de Mirador/MA. (N/E)

⁸⁴⁸ Atual cidade de Miranda/MS. (N/E)

⁸⁴⁹ Aldeia indígena Mirandela, município de Banzaê/BA. (N/E)

Miriripe

do nordeste ao sueste, e seis de leste a oeste em sua maior largura; comunica pela extrema norte com a lagoa dos Patos por um canal assaz largo, chamado vulgarmente rio de São Gonçalo, e é alimentada pela margem ocidental com as águas do rio Jaguarão, e com as do Taçoari do Sebolati do Estado Oriental e dum sem número de ribeiros. É piscosa e fácil de navegar-se em pequenas embarcações.

Miriripe. Pequeno rio da província de Paraíba; dirige-se do ocidente para o oriente, separando o distrito da cidade de Paraíba do da vila de Montemor, e vai desaguar na enseada de Lucena, ao norte da ponta do mesmo nome.

Miriti.⁸⁵⁰ Freguesia da província do Rio de Janeiro, cinco léguas ao noroeste da capital do Império. Havia uma igreja de pedra e cal, edificada antes de 1645 num sítio chamado Trairapunga; em 1647 foi esta igreja erigida em paróquia por alvará de 10 de fevereiro com o nome de São João de Trairapunga. Passados vinte anos, edificou-se uma nova igreja na margem setentrional do rio

Miriti, e transferiu-se para ela a pia batismal, assim que trocou a freguesia o antigo nome de São João de Miriti; mas como a nova igreja fosse de pouca solidez, em 1708 foram os fregueses obrigados a servirem-se da igreja da Conceição, que ficava mais perto da baía, até o ano de 1747, em que a pia batismal foi definitivamente transferida para a antiga igreja que acabava de ser reedificada. O termo desta freguesia foi desanexado, como o de Irajá, do da freguesia da Candelária do Rio de Janeiro, e tem por limite ao norte o rio Sarapuí que o separa do de Jacutinga; a leste, é banhado pelas águas da baía; ao sul, os rios Pavuna e Miriti o extremam do da freguesia de Irajá; e ao oeste confronta com o da de Maripocu. Nas terras chãs cultivam-se canas, e fazem-se sementeiras de arroz, e nas altas colhe-se milho, feijões e café, cujo superfluo se leva a vender aos mercados do Rio de Janeiro, em barcos pelo rio Sarapuí, e pelo Miriti. Contam-se acima de três mil habitantes na pequena extensão deste termo; os quais todos vivem do cultivo das terras, de dez engenhos, e de três fornos de telha

e tijolo. A estrada que vai do Rio de Janeiro para Barbacena, na província de Minas Gerais, passa pelo termo da freguesia de Miriti, do norte ao sul em direitura; nele existem as igrejas de São Mateus, de N. S. da Conceição perto da embocadura do Miriti, de N. S. da Conceição em Sarapuí, de N. S. da Ajuda e de N. S. do Bom Sucesso, no sítio chamado *Covanca* ou *Cobanca*.

Miriti. Rio tributário da baía do Rio de Janeiro ou Niterói: vem do norte da freguesia de Campo Grande, corre do ocidente para o oriente, recolhendo os ribeiros Piranguara e Sacurema, porém só dá navegação depois que recolhe o Pavuna, acima da freguesia de Miriti, a qual atravessa, e vai se lançar na mencionada baía entre os ribeiros Sarapuí e Irajá. Seu porto é bem frequentado, nele se carregam as caixas de açúcar, e víveres das freguesias vizinhas.

Miritiba. Povoação da província do Maranhão, no distrito da vila de Brejo, sobre o ribeiro Miritiba, tributário do rio Parnaíba. Esta povoação adquiriu um certo nome no fim do ano de

⁸⁵⁰ Atual cidade de São João de Meriti/RJ. (N/E)

1838, por ter sido a primeira em que o célebre Raimundo Gomes ajuntou os de sua facção, e proclamou um presidente de sua escolha diferente do que fora nomeado pelo governo.

Misericórdia. Segunda cachoeira do rio da Madeira, na província de Mato Grosso; jaz três léguas abaixo da cachoeira Madeira, e uma légua com pouca diferença acima da do Ribeirão. É mais ou menos perigosa de passar, segundo que o rio leva mais ou menos água, e vem a ser o undécimo arrecife que se encontra ao subir por este rio.

Missão da Corda. Missão da província do Maranhão. (V. *Missão do Rio da Corda.*)

Missão da Palmeira. Nova missão da província das Alagoas, fundada numa légua quadrada de terra, no distrito da vila da Palmeira dos Índios, com o fim de civilizar aqueles que vivem na corda de montanhas que fica ao poente da província. Em 1841 havia já nesta aldeia duzentos e quarenta e três homens e duzentas e uma

mulheres, que começavam a cultivar a terra e a empregar-se nos misteres próprios de seus sexos.

Missão de Joazeiro. Antiga missão nas margens do rio de São Francisco, que atualmente pertence à província da Bahia, onde os Índios foram doutrinados por vários missionários no decurso do século passado. Uma lei provincial de 26 de março de 1840 elevou a igreja desta missão à categoria de paróquia, com o nome de N. S. das Grutas de Joazeiro.

Missão de São João de Cortes.⁸⁵¹ Freguesia da província do Maranhão. Sua igreja, dedicada a São João de Cortes, foi criada paróquia por lei provincial de 23 de julho de 1832, que lhe assinalou por termo na parte que respeita ao mar toda a terra que jaz entre o canal Bacuriajuba e o ribeiro Jacaruana, ambos bem pouco conhecidos.

Missão do Jacuípe.⁸⁵² Aldeia de Índios estabelecidos nas margens do Jacuípe, onde os ajuntaram a fim de os trazer à

civilização. Acha-se num vasto território nas adjacências da povoação de Jacuípe, na província das Alagoas, perto da de Pernambuco. Havia já nesta aldeia, em 1831, oitocentos indivíduos de ambos os sexos, porém a desastrosa guerra apelidada dos *Cabanos*, que começou nesse mesmo ano e durou até 1835, reduziu a cento e cinquenta o número dos homens e ao dobro o das mulheres e meninos.

Missão do Rio da Corda. Foi esta missão fundada em 1841, na província do Maranhão, abaixo do lugar onde o rio da Corda se ajunta com o Mearim, oitenta léguas pouco mais ou menos ao sul da cidade de São Luiz.

Missão do Saí. Aldeia da província da Bahia, duas léguas pouco mais ou menos ao poente de Vilanova da Rainha, com uma igreja matriz de que é padroeira N. S. das Neves. Um sem número de ribeiros que vêm dos montes vizinhos fertilizam seu termo, e os moradores dele colhem arroz, milho e mandioca, e vivem de caçadas e pescarias.

⁸⁵¹ Atual distrito de São João de Cortes, município de Alcântara/MA. (N/E)

⁸⁵² Atual cidade de Jacuípe/AL. (N/E)

Missão Nova

Missão Nova.⁸⁵³ Antiga aldeia de pouco vulto da província do Ceará, no distrito da vila de Icó, povoada dos descendentes dos Índios Cairiris Novos, com uma capela que foi largo tempo dependente da matriz de São José da Missão Velha.

Missão Velha.⁸⁵⁴ Povoação da província do Ceará, no distrito da vila do Crato, oito léguas a és-sueste da vila deste nome. É um dos sítios do Ceará mais bem povoado, e susceptível de ser bem agricultado não obstante achar-se em um alto. Quando os Portugueses se internaram nestas montanhas, encontraram nelas uma aldeia de Índios Cairiris que foram postos debaixo da direção dos jesuítas. Deram-se estes pressa em lhes fazerem edificar uma igreja que dedicaram a São José, a qual, depois da extinção desta ordem nos Estados de Portugal, foi elevada à categoria de paróquia. Porém uma lei provincial de 5 de setembro de 1840 transferiu este título para a igreja de N. S. dos Milagres que era sua filial, e a antiga freguesia da Missão Velha foi anexada à de Barbalho do distrito da vila do Crato. Os moradores são pela maior parte de raça europeia;

e como as Índias queiram antes juntar-se com os Europeus do que com os seus, tem a raça dos aborígenes ido em diminuição. Continuam os Índios a passarem o tempo em pescarias e caçadas, mormente sendo as matas abundantes em veação e os rios em pescado. Os brancos e mestiços cultivam com sucesso víveres, e vendem o que não consomem nos distritos onde as secas e as terras por serem salitrosas não sofrem cultivo.

Missões. Quinta comarca da província de São Pedro do Rio Grande, entre vinte e oito e trinta graus de latitude, e entre cinquenta e seis e cinquenta e oito de longitude oeste. Começaram os missionários a pregar nestes países o Evangelho em 1631, e trouxeram à civilização os Índios Guaranis, Tapes e Charruas, reunindo-os em certas espécies de casas à feição de hospedarias a que chamam *Encomendas*. Os homens eram naturalmente indolentes, destituídos do talento de inventar, posto que amigos da novidade, e as mulheres lascivas e incontinentes. Aproveitaram-se os jesuítas das disposições naturais dum e doutro sexo, e instruindo-os

na religião cristã, tiveram a indústria de não os contrariar em seus hábitos; assim que deram alimento à paixão belicosa que lhes era natural, e à propensão que tinham para a música, fazendo-os trabalhar ao toque do tambor, ensinando-lhes a cantar e tanger diversos instrumentos, e reunindo-os nos dias de festa e de enterro para dar uma certa solenidade àqueles atos. Antes e depois de estabelecidas as missões não descontinuaram os Paulistas de fazerem armados entradas nas terras para cativarem Índios que repartiam entre si, e os vendiam como escravos. Os jesuítas se lhes tornaram odiosos, por isso que ensinavam aos Índios a defender-se; para tirarem vingança dos padres, alevantaram os Paulistas contra eles o povo, fazendo-lhes assuadas e algazarras todas as vezes que se lhes proporcionava ocasião. Cada aldeia das Missões constava dum igreja ricamente decorada, suficiente para duas mil pessoas, com um vasto cemitério dum lado, e um edificio doutro, onde estavam alojados os padres, e em que havia salas para as escolas, oficinas de carpintaria, de marcenaria e doutros ofícios, forjas,

⁸⁵³ Atual distrito de Missão Nova, município de Missão Velha/CE. (N/E)

⁸⁵⁴ Atual cidade de Missão Velha/CE. (N/E)

etc. Por detrás do cemitério da igreja e do colégio havia um vasto jardim, e um grandíssimo pomar, e na dianteira uma grande praça rodeada dos três lados por uma galeria, simetricamente repartida em quartéis de quatro braças de largura e vinte e quatro de fundo, todos telhados. Cada família tinha um quarto onde fazia a sua cozinha, comia e dormia em macas, que se levantavam pela manhã, e tornavam-se a armar à noite. Os homens amanhavam as terras quase inteiramente nus, e guardavam o fato que tinham para os domingos e dias de festa, e trabalhavam alternativamente uma semana para si, e outra para a Companhia, que em troca lhes dava todas as semanas três rações de carne por cada pessoa da família, certa porção de mate ou chá do Paraguai, e cada ano certo número de varas de pano de algodão grosseiro para camisas e celouras. Tiravam os filhos do poder dos pais, na idade de cinco anos, e punham-nos numa escola onde aprendiam e rezar debaixo do governo de dous alcaides Índios, sendo do sexo masculino, e de duas velhas, sendo do feminino. Acordavam-nos ao toque do tambor para irem primeiro rezar, e depois eram conduzidos cada um à oficina que lhe pertencia para nela

trabalhar conforme as suas forças e idade. As mulheres fiavam sem descontinuar, e dava-se-lhes por tarefa diária dez onças de algodão para descarçar e fiar, e se o não faziam eram severamente castigadas. Vinte anos depois de estarem ali estabelecidos os missionários, do padre Montoia mandou ensinar o manejo das armas aos Índios já maduros, e mais tarde deu-lhes um regulamento militar, a fim de evitar qualquer sedição que entre eles houvesse. Todos os domingos à tarde eram obrigados a comparecerem para fazerem exercício com armas de fogo e com arcos, ao toque de caixas, e mostrava-se-lhes o modo por que se deviam de haver no acometer do inimigo, e o como se deviam retirar em boa ordem. No cabo do exercício depositavam-se as armas nos armazéns até o domingo seguinte, e os que se haviam assinalado na prontidão e regularidade do movimento eram premiados. Passados anos, viu-se padre Mateus Sanches posto à frente dos Tapes e Guaranis, sem ter sido provocado ir combater os Charruas que pretendia exterminar sem motivo plausível, a não ser o de não quererem eles fazer parte das Encomendas. Via-se o padre Alfaro ir guerrear com os Paulistas, comandados pelo mestre de

campo Manoel de Campos Biscuido, e passados anos outros frades da mesma religião, comandarem uma multidão sem conta de Índios contra os Espanhóis e Portugueses que assinalavam os limites das terras pertencentes às duas Coroas. O governo dos jesuítas era um governo teocrático. O geral nomeava em Roma os provinciais, os quais eram nas suas províncias outros tantos vice-reis. O idioma guarani era o que estava em voga, bem que se falassem também outros muitos. Não havia código civil, nem penal: os missionários infligiam o castigo que lhes parecia, e se raramente eram injustos, quase sempre eram rigorosos, e por vezes o próprio criminoso se vinha acusar. As pequenas faltas eram castigadas com orações, jejuns e cárcere; os crimes com açoutes até seguir-se a morte, se acaso era muito grave. Os provinciais tinham o governo de todos os diversos ramos da economia política, deixando aos missionários o enfado das cousas miúdas. Recebiam os sinais de vassalagem dos chefes das tribos e dos principais delas, e em nome da Sociedade de Jesus, se metiam de posse e administravam fazendas imensas, onde se criavam um sem número de gado vacum, cavalos e muar, que vendiam nas al-

Missões

deias e nas províncias pertencentes à Espanha: faziam grandes plantações de algodoeiros, de tabaco, e colhiam toda a espécie de grãos; o açúcar que faziam, bem como os demais produtos, especialmente o do mate, eram vendidos nas diversas províncias do Brasil, e tirado o que era mister para o consumo, o excedente avaliava-se em um milhão de duros espanhóis, e contudo as despesas da companhia apenas chegavam à decima parte desta quantia. Em 1731, tinham as Missões trinta aldeias, ou antes trinta fazendas, onde cem mil indivíduos trabalhavam em proveito da Companhia: assim se acha escrito na *Dedução Cronológica*, porém não sabemos se devemos dar inteiro crédito a tudo quanto nela se contém; talvez fosse o verdadeiro crime dos jesuítas a grande influência que tinham adquirido, e a extinção desta ordem procedesse das mesmas causas que foram ocasião da ruína dos Templários, e que se lhes possa aplicar com razão o *voe victis!* Como quer que seja, o judicioso autor dos *Anais da Província de São Pedro do Rio Grande*, de acordo com o autor dos *Anais da Província da Bahia*, faz o devido elogio aos primeiros missionários que civilizaram um sem número de povos bárbaros, e realizaram o

plano da república de Platão, e censura a ambição dos que lhes sucederam. Quando os Portugueses tomaram em 1801 posse do vasto país das Missões, achava-se a população reduzida a trinta mil Índios, que continuaram a viver em sociedade, como haviam feito antecedentemente, em sete principais aldeias, e eram governados por seus cabeceiras e julgados pelos corregedores e outros ministros portugueses. Cada aldeia era administrada por uma câmara ou cabido nomeado pela câmara antecedente, somente por um ano. O cacique ou maioral dos Índios tinha o comando da força armada; mas a indolência natural dos Índios os entregou em breve nos braços da miséria; a licença dos costumes e a incontinência das mulheres foram causa de mil divisões entre eles; o ciúme e rivalidade entre as autoridades civis e eclesiásticas, as extorsões de uns, as vinganças doutros, foram outras tantas causas que meteram em desesperação os Índios, e fizeram com que se libertassem dum cativeiro aparente para viverem a seu sabor; porém pouco afeitos a uma vida livre, se bem que laboriosa, entregaram-se a todos os excessos da intemperança, e acabaram por sucumbir. Assim que um alistamento feito em 1814 nas

Sete Missões, não ofereceu mais que uma população de sete mil novecentos e cinquenta e um indivíduos, repartidos pelas aldeias reunidas de São Ângelo, São Francisco de Borja, São João Batista, São Lourenço, São Luiz, São Miguel e São Nicolau.

Índios de ambos os sexos	6.395
.....	
Branços	824
.....	
Livres de cor, e de dous sexos	77
.....	
Escravos de ambos os sexos	252
.....	
Recém-nascidos do ano	403
.....	
Total.....	7.951 almas.

A comarca das Missões encerra atualmente, além das sete aldeias já mencionadas, o distrito de Alegrete da parte do sul, e o da vila do Espírito Santo de Cruz Alta, da banda do norte, perto do rio Curitiba, que divide a província de São Paulo da de São Pedro do Rio Grande; ao oeste, ele fenece nos antigos limites traçados nos montes que demoram junto ao rio Pepirimirim e no Uruguai; ao sul, pega com o Estado Oriental, que é dela separado pelo Arapeí, tributário do Uruguai, e a leste as serras dos Tapes e do Herval a separam, do sul ao

norte, das comarcas de Piratininga e do Rio Pardo. A vila de São Luiz das Missões foi cabeça desta comarca desde 1817 até 1835, época em que passou a sê-lo a aldeia de São Francisco de Borja; onde há um posto de alfândega, como o há em Belém, na confluência do rio Arapeí. Sua população atual não chega a dez mil almas. Poder-se-ia estabelecer nesta comarca uma colônia estrangeira, repartindo-se com ela algumas terras; o exemplo dos benefícios que procuraria uma bem entendida agricultura estimularia os habitantes a amanhar as terras, e a tratar da criação do gado, e este país se converteria num dos mais importantes do Brasil por isso que se acha situado entre grandes rios que dão fácil navegação.

Missões. Nome de duas aldeias de Índios Tupinambás, no distrito de Vilanova de Santo Antônio, província de Sergipe. Ficam ao pé uma da outra, e ambas são mal povoadas.

Mituapira. Ribeiro da província do Rio de Janeiro; rega o termo da freguesia da vila de Itaboraí, mas não dá navega-

ção senão na estação das chuvas e somente para canoas.

Miuá. Rio de pouco cabedal da Guiana brasileira, tributário do rio Negro, com quem se ajunta pela margem esquerda, entre a aldeia de Camundé e a freguesia de Camanaú. Suas margens abundam em salsa-parrilha.

Mocacos. (V. *Macacos*, lagoa.)

Mocambo. Ribeiro da província de Piauí, no distrito da vila de Tutóia; ajunta-se com o ribeiro Preto, afluente do rio Moni.

Mocha.⁸⁵⁵ Antiga vila da província de Piauí. (V. *Oeiras*, cidade.)

Mochera. Forte da República Oriental, defronte da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Espírito Santo*, forte.)

Moconandiva. Ribeiro da província do Maranhão, no distrito da vila de Icatu: depois de regar vários terrenos férteis, vai-se lançar na baía de São José, sete léguas a leste da embocadura do rio Moni. Entram nele com a maré as canoas e barcos a tomar carga.

Moji ou Muji. Serra da província de Minas Gerais, entre o rio Mojiguaçu e o Pardo, tributário do rio Grande. Pertence à comarca de Sapucaí, e serve de extrema à fronteira da província de São Paulo.

Moji das Cruzes.⁸⁵⁶ Vila populosa e de muita indústria do sertão da província de São Paulo, a uma légua distante da margem esquerda do rio Tietê, e dez a és-nordeste da cidade de São Paulo, em vinte e três graus e vinte e sete minutos de latitude, e em quarenta e oito graus e trinta e um minutos de longitude oeste. Brás Cubas, fundador da vila de Santos, e substituto do donatário Martim Afonso de Souza, foi o primeiro que fez uma fazenda nesta parte da capitania de São Vicente; cinquenta anos depois esta fazenda converteu-se em uma povoação que foi decorada em 1611 com o título de vila. É ornada duma igreja matriz dedicada a Santana, e de mais três outras, uma da invocação do Bom Jesus, outra é um convento de carmelitas, e a terceira pertence à irmandade da ordem terceira do Carmo. As casas são pela maior parte de taipa. Há nesta vila uma escola de primeiras letras

⁸⁵⁵ Atual cidade de Oeiras/PI. (N/E)

⁸⁵⁶ Atual cidade de Moji das Cruzes/SP. (N/E)

Mojiguaçu

e uma cadeira de latim. Os moradores fazem panos de lã, lavram canas, algodão e café, fabricam aguardente, gêneros que são transportados em bestas muares até a cidade de Santos ou até a vila de São Sebastião, donde são embarcados para o Rio de Janeiro. Avalia-se a população de seu distrito em mais de nove mil indivíduos de ambos os sexos livres e escravos.

Mojiguaçu.⁸⁵⁷ Povoação antiqüíssima da província de São Paulo, no norte do distrito de Mojimirim, quarenta e cinco léguas com pouca diferença ao norte da cidade de São Paulo, na margem direita do rio de que tomou emprestado o nome, e no lugar em que este rio é cortado pela estrada que vai da cidade de São Paulo para a província de Goiás. Sua igreja matriz tem por padroeira a Senhora da Conceição. Seus moradores cultivam víveres, criam bois e porcos que levam a vender às feiras. Esta freguesia é provida de excelente pescado que lhe fornece o rio Moji.

Mojiguaçu. Rio que nasce da serra da Mantiqueira, e correndo rumo de oeste paralela-

mente com o Jaguari-Mirim, atravessa a estrada da cidade de São Paulo para a província de Goiás. Abaixo deste ponto existe uma cachoeira que os peixes não podem vingar; dali em diante o rio Mojiguaçu se entranha em países despovoados onde seu curso é ignorado, e onde segundo alguns se ajunta como Jaguari-Mirim, antes de se confundir com o Paraná, e segundo outros ambos estes rios unidos formam o Pipira que deságua no Tietê.

Mojimirim.⁸⁵⁸ Vila medíocre da província de São Paulo, na estrada de Goiás, trinta léguas pouco mais ou menos ao nordeste da cidade capital da província, em vinte e dois graus e vinte minutos de latitude. Foi esta povoação criada vila em 1769 pelo governador da província D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão. Está assentada perto da margem esquerda do ribeiro de seu nome, uma légua acima de sua confluência com o rio Mojiguaçu, e é ornada dum igreja paroquial dedicada a São José, e dum convento de carmelitas calçados. Seu distrito não é tão montanhoso, como os de sua vizinhança, e os

transportes se fazem com carros puxados por cinco e seis juntas de bois por caminhos que seriam impraticáveis, se não fora a bondade do solo. Avaliam-se em mais de seis mil os habitantes deste distrito onde se cria gado vacum e cavalos, e grande quantidade de galinhas; cultiva-se milho, algodão e canas-de-açúcar, fabricam-se queijos e aguardente, produtos que se levam a vender ao Rio de Janeiro e às vilas da província. Uma lei provincial de 14 de março de 1839 tendo criado uma sétima comarca, foi esta formada com os distritos de Vila Franca do Imperador e de Mojimirim, os quais pertenciam à terceira.

Mojimirim. Ribeiro da província de São Paulo; rega a vila de seu nome e obra de uma légua abaixo dela se ajunta pela margem esquerda com o rio Mojiguaçu.

Moju.⁸⁵⁹ Freguesia da província do Pará, no distrito da cidade de Belém, perto do rio cujo nome tem. Sua igreja foi elevada à categoria de paróquia por lei provincial de 9 de setembro de 1839, e foi consentada no ano seguinte. A fazenda de Santo Antônio sobre

⁸⁵⁷ Atual cidade de Moji Guaçu/SP. (N/E)

⁸⁵⁸ Atual cidade de Moji Mirim/SP. (N/E)

⁸⁵⁹ Atual cidade de Moju/PA. (N/E)

o rio Moju é do termo desta freguesia.

Moju. Grande rio profundo e navegável: vem do norte da província de Goiás, donde passa para a do Pará, regando as terras onde vivem os Índios Camecrãs, e depois atravessa um vasto território frequentado por diversas cabildas de Índios bravos, e vai lançar-se na baía de Guajará, perto da cidade de Belém. Doze léguas antes desta embocadura comunica este rio com o dos Tocantins, por um canal estreito e tortuoso apelidado Iguarape-Mirim, e a oito léguas deste canal recolhe pela margem direita o rio Acará. La Condamine achou que tinha este rio setecentas e quarenta e nove toesas de largura, duas léguas abaixo desta junção.

Moleques. Nome dum grupo de três ilhas ao sudoeste e na vizinhança da ponta da Rapa, na extremidade norte da ilha de Santa Catarina.

Molirão. Aldeia de Índios Coroados, na província do Rio de Janeiro. Está assentada

na serra dos Órgãos, entre os nascentes do rio Grande, afluente do Paraíba. Esta aldeia é por vezes apelidada Santa Rita, mas não se deve confundir com a aldeia deste nome, que jaz três léguas ao norte da vila de Cantagalo. Sua igreja, de que é padroeira a Santa de seu nome, foi elevada à dignidade de paróquia por lei provincial de 23 de dezembro de 1836. Seu termo é vasto, mas mal povoado, e confronta, a leste, com os das freguesias das vilas de Cantagalo e de Nova Friburgo; ao sul, com o de Sumidouro; ao oeste, com o da vila da Paraíba do sul, de que é separado pelo rio Piabanha; e ao norte, com o rio Paraíba. Seus moradores, pela maior parte Índios, vivem derramados, no número de mil, num território de doze léguas de leste ao oeste, e de nove léguas do norte ao sul.

Molunga. Povoação insignificante da província de Paraíba, no distrito de Brejo de Areia, com uma capela da invocação de Santo Antônio.

Momaná. Tribo de Índios da província do Pará, que

vivem nas margens do Jutai e do Jabari, e se alimentam de frutas e do que colhem em suas pescarias, única indústria que se lhes conhece.

Mompetuba. Rio da província de Santa Catarina. (V. *Mampituba*.)

Monção.⁸⁶⁰ Aldeia da província do Maranhão, na margem esquerda do rio Pindaré, cinco léguas pouco mais ou menos ao su-sueste da cidade de São Luiz, na qual nos tempos passados doutrinaram os jesuítas várias tribos índias que ali haviam ajuntado, ensinando-lhes ao mesmo tempo a cultivar os víveres ordinários e os algodoeiros. Esta aldeia acha-se em alguns escritos com a qualificação de vila, porém a verdade é que não tem câmara, nem outra igreja senão uma capela de Nossa Senhora. Seus moradores se conservam qual ao princípio foram sem se misturarem com as demais raças, e por conseguinte continuam a viver na indolência, guardando sempre a paixão dominante das caçadas e pescarias.

⁸⁶⁰ Atual cidade de Monção/MA. (N/E)

Monçaras

Monçaras.⁸⁶¹ Pequena vila assaz antiga da província do Pará, na ilha de Marajó. Foi originariamente a aldeia Caiá, onde viviam os Índios Tupinambás. Jaz na embocadura dum ribeiro que se lança no Tocantins, três léguas ao sul da vila de Monforte, e sua igreja é dedicada a São Francisco de Assis. Todos os seus moradores são Índios que vivem da pesca e caça, e de alguns mantimentos que cultivam.

Mondego. Rio da província de Mato Grosso. (V. *Embotetiú*.)

Mondin. Rio da ilha Marajó, pertencente à província do Pará, corre por espaço de quinze léguas do poente para o nascente, passando pelas aldeias de Soure e de Salvaterra, e dando em todo o seu curso navegação com o favor da maré.

Monforte.⁸⁶² Antiga vila da província do Pará, na ilha de Marajó, quinze léguas ao norte da cidade de Belém. Era primitivamente a aldeia Joanes, que foi criada vila quando passou a ser a capital da baronia concedida a Antônio de Sou-

za de Macedo, e conservou o nome de Joanes até depois da expulsão dos Holandeses desta província. Como a ilha voltasse de novo para os domínios da Coroa, tornou a aldeia de Joanes a ser criada vila com o nome de Monforte, título que perdeu em virtude dum decreto da assembleia provincial, motivado pela escassez de sua população que ia todos os dias diminuindo. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. do Rosário. O sítio em que está assentada esta povoação, que é um teso que domina a baía de Marajó, lhe afiançava no porvir uma numerosa população, mas para maior desgraça dela juntaram-se os seus moradores, em 1834, com os rebeldes de Acará e de Belém, e foram arruinados por ambos os partidos: são eles todos Índios, mas aplicados à navegação e agricultura, e lavram bastante arroz que mandam vender na cidade de Belém.

Monforte. Povoação da província do Espírito Santo, na cordilheira dos Aimorés e no termo da freguesia de Viana. Foi em princípio um registo estabelecido no princípio do

corrente século para proteger os viandantes contra as agressões dos Índios, na estrada então projetada e ainda atualmente pouco seguida, pela qual se vai desta província para a de Minas Gerais. Em dezembro de 1844 o governo Imperial deu as necessárias ordens para a continuação desta estrada em ambas as províncias.

Mongoiós. Nação de Índios que dominava na cordilheira dos Aimorés, na margem do rio Patipe. No começo do século em que estamos, tinham estes Índios sete aldeias ao norte do mencionado rio, e viviam em choças, cada família de per si. Submeteram-se os chefes deles ao governo do Brasil, em 1806, e de então por diante viveram em paz com os demais Brasileiros. Colhem estes Índios abóboras, melancias, batatas-doces, inhames e mandioca, e fazem uma bebida espirituosa e embriagante com a cera e abelha das colmeias, e outra com batatas-doces e com mandioca que os faz entrar em furor, e passam o tempo a caçar com cães ensinados. Suas armas naturais são arco e setas,

⁸⁶¹ Atual distrito de Monsarás, município de Salvaterra/PA. (N/E)

⁸⁶² Atual distrito de Joanes, município de Salvaterra/PA. (N/E)

porém atualmente preferem servir-se de espingardas, e dão tudo pelas haver. Andam nus com uma tanga de pano de algodão, ou de certo tecido de folhas de palmeiras, e as mulheres cobrem-se por diante com uma franja de algodão que lhes desce até os joelhos. São bem marcados nas proporções do corpo, de parecer agradável, e dançam ao som dum instrumento mui simples, o qual consiste em um arco com uma corda delgada. Não costumam solenizar o nascimento dos filhos, a quem os pais põem os nomes que querem. Enterram os mortos nus e assentados, choram-nos e celebram as suas ações com cantos. A medicina entre eles consiste em aplicações de ervas pisadas, em banhos e beberagens do sumo delas, tudo por tradição e segundo a experiência dos avós.

Moni ou **Munim**. Rio da província do Maranhão. Vem do distrito da vila de Brejo, oito léguas ao poente do Parnaíba, corre para o nordeste, recolhendo pela direita o ribeiro Preto, que o engrossa do dobro, e o Iguará pela esquerda, rega as vilas de Manga e de Icatu, a quinze léguas dis-

tantes uma da outra, e vai lançar-se na baía de São José, duas léguas a leste da embocadura do Itapicuru. As lanchas sobem com carga pelo rio Moni, até o porto da vila de Icatu, no lugar onde se lhe ajunta o Iguará, e as canoas vão até além da vila de Manga, e entram nos ribeiros seus afluentes. Em suas margens vegeta grande quantidade de andirobas ou jandirobas, planta à feição do pepineiro, de cujas sementes se tira um azeite que dizem ser medicinal, e que é bom para luzes e para se fazer sabão.

Montalegre.⁸⁶³ Vila da província do Pará, na Guiana brasileira, num teso duma ilha do Amazonas, e na embocadura do rio Gurupatuba. Foi originariamente uma aldeia que tinha o nome deste rio, onde os jesuítas doutrinaram os Índios. Sua igreja matriz é dedicada a São Francisco Xavier. Há nesta ilha uma fábrica de serrar madeiras por conta do governo, em que se aproveitam as que povoam as cabeceiras do rio, as quais depois de serradas descem por ele até a ilha. A população deste distrito foi avaliada em 1842 em quatro mil habitan-

tes, número que nos parece exagerado. Como quer que seja, colhem os moradores mandioca, feijões, algodão, café, cacau, cravo do Maranhão, porém é a vila tão pobre que, em 1840, solicitava a câmara um subsídio para consertar a igreja matriz que estava de todo arruinada, e fazer uma casa para a câmara e uma cadeia.

Montalegre. Povoação de pouco trato da província da Bahia, no distrito da vila de Jacobina, cuja igreja foi sem embargo disso elevada à categoria de paróquia em virtude duma lei provincial.

Montão de Trigo. Ilha alta e povoada de arvoredos, defronte da província de São Paulo, quase no meio das ilhas Guaíba e São Sebastião, em vinte e três graus, cinquenta e um minutos e quatro segundos de latitude, e em quarenta e oito graus, doze minutos e dois segundos de longitude oeste. Acham os navios ao redor desta ilha mais de doze braças de água.

Monte. Povoação da província de Pernambuco. (V. *Nossa Senhora do Monte*.)

⁸⁶³ Atual cidade de Monte Alegre/PA. (N/E)

Monte Alegre

Monte Alegre.⁸⁶⁴ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava, com uma igreja da invocação das Chagas de São Francisco, filial da matriz da freguesia de Morrinhos, e uma escola de primeiras letras que foi transferida por lei da assembleia provincial da povoação de Itiúba.

Monte Alegre. Monte da província do Maranhão, a pequena distância do mar, em cuja falda existe um lugarejo. Seu cume é pouco elevado, e jaz em dous graus, vinte minutos e dezesseis segundos de latitude sul, e em quarenta e cinco graus, vinte e três minutos e vinte e nove segundos de longitude oeste. Separa este monte a praia dos Lançóis Grandes da dos Mangues Verdes.

Monte Alegre. Serro da província de São Pedro do Rio Grande, ao norte da vila de Cachoeira, e junto dos rios Pardo e Tacoari.

Monte Alto.⁸⁶⁵ Nova vila da província da Bahia, na comarca de Urubu. Foi em sua origem uma povoação do

mesmo nome, que fez largo tempo parte do distrito da vila de Macaúba, até que afinal foi elevada à categoria de vila por lei provincial de 19 de maio 1840 a qual conferiu igualmente à sua igreja da invocação da Mãe dos Homens o título de paróquia, assinalando ao seu distrito e ao termo de sua freguesia os seguintes limites: o rio de São Francisco, uma parte das fazendas de Campo de São João e Cana Brava dos Caldeiros; o termo da freguesia de Caiteté até a aldeia dos Índios; a fazenda de Santa Rosa, e voltando dali para a Boca dos Impossíveis, o rio Verde Pequeno até as sete léguas do São Francisco que pertencem ao distrito de Urubu. Cultivam os moradores deste distrito algodoeiros, semeiam milho e criam gado.

Monte Gordo.⁸⁶⁶ Freguesia da província da Bahia, na comarca da cidade capital da província, com uma igreja da invocação de São Bento, que foi criada paróquia em 1818, e uma escola de primeiras letras, instituída em virtude dum decreto de 16 de julho de 1832.

Monte Grande. Monte da serra de São Martinho, na comarca das Missões. (V. *São Martinho*, serra.)

Montemor.⁸⁶⁷ Vila de pouco trato, se bem que antiga, da província de Paraíba, num tesoro por detrás da margem esquerda do Mamanguape, e a três léguas do mar. É mais conhecida com o nome de *Perguiça*. (V. este nome.) Foi em princípio uma aldeia de Índios Potiguares, que dominavam nas margens do Mamanguape, com os quais se juntaram muitos brancos, logo depois da expulsão dos Holandeses desta parte do Brasil; como entre as duas raças se levantassem frequentes contendas, foi mister separá-los, e estabeleceram-se os Índios num alto que ficava mais perto do mar, e nele edificaram uma igreja que dedicaram a N. S. dos Prazeres, para lhes servir de paróquia, e esta nova povoação tomou o nome de *Montemor* e o título de vila, porém a pouca instrução dos Índios foi ocasião para a câmara ir mais tarde residir na povoação dos brancos, e sua indo-

⁸⁶⁴ Atual cidade de Monte Alegre de Minas/MG. (N/E)

⁸⁶⁵ Atual cidade de Palmas de Monte Alto/BA. (N/E)

⁸⁶⁶ Atual distrito de Monte Gordo, município de Camaçari/BA. (N/E)

⁸⁶⁷ Atual cidade de Mamanguape/PB. (N/E)

lência e natural aversão aos trabalhos rurais foram causa do apelido que lhe puseram de Aldeia da Perguiça, que ainda hoje retém. (V. *Mamanguape e São Pedro e São Paulo*.) O que não obstante, não deixam os moradores desta vila de ter uma certa indústria, e exportam anualmente esteiras de palha de peripiri por seis mil cruzados.

Monte Moreno. Monte cônico que forma a ponta da parte do sul da baía do Espírito Santo, na província deste nome. Da parte que respeita ao mar é este monte nu, e descalvado, e das outras mais ou menos povoado de arvoredos. Quando o tempo é claro serve de baliza aos navegantes, que o avistam a dez léguas de distância, e com ele se cosem entrando na baía, para irem ao porto da cidade da Vitória. Seu cume está em vinte graus, dezenove minutos e vinte e três segundos de latitude, e em quarenta e dois graus, trinta e nove minutos e quarenta segundos de longitude oeste.

Montemor Novo.⁸⁶⁸ Vila de pouco trato da província do Ceará, por detrás dos montes

da serra de Botarité, obra de trinta léguas ao sul da cidade da Fortaleza, vinte e seis da vila de Aracati, e outro tanto ao norte de Campo Maior de Quixeramobim. Consiste esta vila numas poucas de choupanas cobertas de palha, apinhadas ao redor da igreja paroquial, dedicada a N. S. da Palma, onde vivem os Índios conhecidos vulgarmente com o nome de Cairiris Novos, duma indolência extrema, e por cima disto mal parecidos. O distrito desta vila consta de terras pela maior parte arenosas, mas tem excelente água que lhe vem dos poucos montes de que é cercado, e confronta, ao norte, com o distrito de Botarité; ao oeste, com o da vila da Imperatriz; ao sul, com o de Quixeramobim; e a leste, com o de São Bernardo e o de Aracati, em razão dos cortes que lhe foram feitos por diversas vezes. Sua população não arriba atualmente de dous mil indivíduos, pela maior parte Índios, que vivem repartidos em um certo número de famílias, e colhem o melhor algodão da província que exportam ordinariamente para a cidade de Paraíba, cultivam

os gêneros do país, fabricam aguardente, e o excedente destes produtos, quando o há, levam a vender a Quixeramobim, a Canindé e à aldeia de Itanhas, que são os lugares mais povoados do distrito.

Montemor Velho.⁸⁶⁹ Antiga aldeia da província do Ceará. (V. *Botarité*, vila.)

Monte Pascoal. Monte elevado da serra dos Aimorés, na província do Espírito Santo. (V. *Pascoal*.)

Montes Altos. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Jeremoabo, na serra de que se apelida, com uma igreja cujo orago é a Mãe dos Homens.

Montes Altos. Serra da província da Bahia, a qual se dilata por espaço de doze léguas, junto ao rio de São Francisco. Tem minas de salitre, de que se acham saturadas as águas do pequeno rio Verde.

Monte Santo.⁸⁷⁰ Nova vila da província da Bahia, sessenta e cinco léguas ao noroeste da cidade capital da

⁸⁶⁸ Atual cidade de Baturité/CE. (N/E)

⁸⁶⁹ Atual cidade de Baturité/CE. (N/E)

⁸⁷⁰ Atual cidade de Monte Santo/BA. (N/E)

Montes Claros

província. Deve esta vila a sua origem a uma ermida que havia num alto dedicada a N. S., cuja imagem havia feito muitos milagres, motivo por que deram a este alto o nome de *Monte Santo*. Como a população se fosse aumentando, foi aquela igreja elevada à categoria de paróquia no princípio do século em que estamos, com o nome de N. S. da Conceição. A escola de primeiras letras que havia sido criada em Tiúba, no ano de 1832, foi transferida para a nova vila por decisão da assembleia legislativa provincial que, em 1838, assentou era a sua população suficiente para gozar do título e prerrogativas de vila, assinalando-lhe por distrito grande parte do de Jeremoabo, e criando nela em 1842 um colégio eleitoral. Os arrabaldes de Monte Santo abundam de pedras calcárias e de minas de ferro, que se fossem aproveitadas dariam impulso à indústria dos habitantes, os quais fariam um comércio rendoso com as vilas das margens do rio de São Francisco, que recebem

este metal das cidades e vilas marítimas com muitas despesas, por ser mister transportá-lo em bestas muares até o porto, onde o vêm receber os navios.

Montes Claros.⁸⁷¹ Povoação da província de Goiás, na estrada de leste, a quatorze léguas da vila de Meia Ponte, perto dum oásis onde jaz a ermida de Santa Luzia. O ribeiro Montes Claros, afluente do rio Corumbá, rega os montes vizinhos desta povoação, e uma ponte dá serventia à estrada da cidade de Goiás para a vila de Paracatu, da província de Minas Gerais. Os arredores foram, em outro tempo, muito bem cultivados, porém atualmente estão postos em pouso, e a capela de Santo Antônio se acha de todo em todo arruinada.

Montes Claros das Formigas.⁸⁷² Vila da província de Minas Gerais. (V. *Formigas*.)

Montes do Boqueirão.⁸⁷³ Freguesia da província da Bahia, no distrito de Jeremoabo, com uma igreja dedicada a N. S. do Bom Caminho.

moabo, com uma igreja dedicada a N. S. do Bom Caminho.

Montes Pireneus. Montes da província de Goiás. (V. *Pireneus*.)

Moquém.⁸⁷⁴ Povoação de pouca gente da província de Goiás, nove léguas a leste de Santa Rita, e quinze da vila de Tocantins. Teve princípio em 1736, época em que Antônio da Silva Cordovil descobriu algum ouro neste sítio. Edificou-se em consequência da gente que para ali concorreu uma capela da invocação de São Tomé, que ficou sendo filial da matriz da freguesia de São José da vila de Tocantins. Esta povoação é regada pelo ribeiro Descoberto, afluente do rio Crixá. Sustenta-se a povoação de Moquém pelo fervor dos fiéis que vêm de muito longe implorar a Senhora da Abadia, na igreja de São Tomé, cuja festa se soleniza em 13, 14 e 15 de agosto, de cuja imagem todos os anos se citam muitos milagres. Nas adjacências desta povoação existem duas fontes d'água mineral que se ajunta com o

⁸⁷¹ Atual cidade de Santo Antônio do Descoberto/GO. (N/E)

⁸⁷² Atual cidade de Montes Claros/MG. (N/E)

⁸⁷³ Atual cidade de Cícero Dantas/BA. (N/E)

⁸⁷⁴ Atual distrito de São Luís do Tocantins, município de Niquelândia/GO. (N/E)

ribeiro Descoberto, e mui grandes fazendas em que se cria gado.

Moreno. Monte na entrada da baía do Espírito Santo. (V. *Monte Moreno.*)

Moreira. Povoação da província do Pará, por vezes qualificada de vila, posto que não tenha câmara. Deu-lhe princípio no século passado o capitão José de Menezes Cabuquena, que por descontentamentos que teve trouxe de Barcelos os Índios que seguiam as suas partes, e os estabeleceu num outeiro que domina nos vastos campos alagados com as cheias do rio Negro. Sua igreja paroquial é dedicada a N. S. do Carmo, e os moradores são descendentes dos Índios Manaus e doutros, e tirando o cultivo dos gêneros de seu consumo, nenhuma outra indústria conhecem senão a da caça e pesca.

Moretes.⁸⁷⁵ Nova vila e antiga aldeia da província de São Paulo, nas margens do ribeiro Nhundiaquara, que se lança na baía de Paranaguá, e ao sul dos montes de Curitiba. Nos primeiros tempos havia neste

lugar um registo onde se cobravam os direitos de entrada em benefício da tesouraria de São Paulo, sobretudo quanto saía da província de Santa Catarina; porém como a população se tivesse consideravelmente aumentado, a assembleia provincial de 1º de março de 1841 conferiu a esta povoação as honras e título de vila, conservando-lhe o mesmo nome, e desanexando o termo de sua freguesia do distrito da vila de Antonina, para dele formar o da nova vila. O principal comércio dos moradores de Moretes consiste no mate ou chá do Paraguai, e na aguardente de cana que levam pelo ribeiro Nhundiaquara, que passa pela vila até o porto do Paranaguá.

Morrinho.⁸⁷⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila do Salgado, situada num alto sobre a margem esquerda do rio de São Francisco ao sul do Japoré. Sua igreja foi criada paróquia por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, que lhe assinalou por filiais as igrejas das povoações de Japoré e de Gerais do Salobro. Seu termo acha-se separado,

da banda do norte, da província da Bahia, pelo rio Carinheira, e da do sul pega com o da vila do Salgado pelo ribeiro Missão, e das do oriente e do ocidente se dilata desde o rio de São Francisco até as serras despovoadas que servem de limites à província de Goiás. Seus habitantes são em pequeno número, e colhem algodão e criam gado.

Morrinhos.⁸⁷⁷ Freguesia da província de Minas Gerais, na comarca do Rio de Jequitinhonha e no distrito da vila de Formiga. É a mais antiga povoação de ambas as margens do rio de São Francisco, entre a confluência do rio Guaicuí ou das Velhas e do rio Verde. Deu-lhe princípio Januário Cardoso em 1704, o qual, acompanhado dos seus, de seu filho Mateus Cardoso e de seu sobrinho Manoel Francisco de Toledo, fugiram da cidade de Ouro Preto, onde haviam morto o principal agente do governo no país das Minas; e subtraindo-se aos que estavam encarregados de prendê-los, fizeram um estabelecimento rural nas terras dos Índios Chacriabás, com os quais travaram ali-

⁸⁷⁵ Atual cidade de Morretes/PR. (N/E)

⁸⁷⁶ Atual cidade de Arinos/MG. (N/E)

⁸⁷⁷ Atual cidade de Matias Cardoso/MG. (N/E)

Morrinhos

ança, depois de os terem combatido. Se acreditarmos no que dizem as tradições, D. João V perdoou a todos os desta família; o pai teve a patente de marechal de campo dos Índios, e ao sobrinho e filho coube em sorte quanta terra pudessem correr, com uma embarcação, duma e doutra parte do rio, e acrescentam que um deles assentou morada na margem esquerda do rio em 1711, onde se lhe agregaram vários colonos que não tardaram a fazer fazendas que se converteram em vilas e povoações, as quais deveram à sua situação nas margens dum grande rio e à atividade de seus primeiros povoadores o estado próspero a que chegaram. Janeiro Cardoso tinha logo em princípio mandado edificar num alto uma igreja que dedicou a N. S. da Conceição, a qual conservou largo tempo o nome de seu fundador, e foi elevada à categoria de paróquia em 1755. Constava então seu termo das terras das duas margens do rio, entre os confluente do Guaiçuí ou das Velhas e do Carinhonha, e estendia-se tanto, ao poente como ao oriente, por terras desconhecidas. No tempo da criação desta freguesia, a povoação de Cardoso prosperava; a população se tinha derramado pelos

montes vizinhos, conhecidos depois com os nomes de Cardoso, Contendas e Retiro, circunstância que motivou o dar-se a esta freguesia o apelido de *Morrinhos*. Edificou-se uma soberba igreja numa eminência que ficava ao meio dia, a qual foi ricamente dotada pelos habitantes por isso que se persuadiam teria a preferência sobre a antiga, e alcançaria o título de paróquia de que esta gozava havia um ano. Originaram-se daí gravíssimas alterações e disputas entre os diversos contendentes, motivo por que puseram à nova igreja o nome de Contendas, assim como à povoação que existia à roda dela. Os principais motores destas desavenças, vendo que desarmavam em vão as esperanças que haviam concebido, deram sumiço aos ornamentos da igreja, ao gado e até aos títulos das terras de que havia sido dotada, assim que quando, passado tempo, o vigário de Morrinhos se determinou a residir em Contendas por serem ali mais puros os ares, achou a igreja arruinada, e sem nenhum dos objetos de sua dotação. Nesse tempo os viandantes e as boiadas que, partindo de Goiás, atravessavam a província de Minas Gerais para irem à Bahia, abandonaram a estrada de Morrinhos e toma-

ram outra feita de fresco que era mais curta e passava pelo presídio de São Romão. Desde então começaram as povoações de Cardoso, Contendas e Retiro a descair. No fim do século passado esperava-se que elas engrossassem e se aumentassem em população por isso que os habitantes se inclinaram ao cultivo dos algodoeiros; mas a preguiça e indolência deve ser longo tempo nociva ao progresso da agricultura, que só por si poderia alimentar um sem número de famílias, mormente num país onde as mulheres são de ordinário por extremo fecundas. O vasto termo da freguesia de Morrinhos foi desmembrado em diversas épocas para se fazerem os de Barra das Velhas em 1755, de São Romão em 1804, de Salgado em 1811, de Formiga, Contendas e Gurutuba em 1832. Por um decreto de 14 de julho deste mesmo ano ficaram pertencendo à antiga paróquia de Morrinhos, hoje em Contendas, as igrejas e povoações de Boa Vista e de Pedra dos Angicos. Acha-se seu termo encravado na província da Bahia, e os habitantes mais industriosos colhem víveres e algodão de superior qualidade nas terras mais secas; os dos montes criam gado de que perdem não poucas cabe-

ças de calor e de fome nas secas aturadas, e na estação das chuvas de doenças e das ferretoadas dum multidão de insetos. Os demais passam a vida numa ociosidade em que parece que fazem consistir a ventura, cultivando escassamente os víveres de que hão mister, apanhando o ouro dos ribeiros quando com as chuvas engrossam, porque a maior parte do ano estão secos. O termo desta freguesia, em ambas as margens do rio de São Francisco, encerra uma população de obra de três mil almas. Há na povoação de Morrinhos um registo onde se cobra um direito de saída dos gêneros que da província de Minas passam por água ou por terra para as províncias vizinhas.

Morrinhos.⁸⁷⁸ Freguesia da província de Minas Gerais, no distrito da vila de Uberava. Sua igreja, da invocação de N. S. do Carmo, foi elevada à categoria de paróquia, em virtude do art. 1º, § 2 da lei provincial de 9 de março de 1840, que lhe deu por filiais as igrejas das povoações de Monte Alegre e de Tejuco.

Morrinhos.⁸⁷⁹ Freguesia da província de Santa Catarina, entre a povoação de Garopaba e o monte Siriú. Um decreto da assembleia geral de 9 de dezembro de 1830 criou uma paróquia nesta povoação, debaixo da condição de que os fregueses fariam reedificar de pedra e cal a igreja da invocação de São Joaquim, e fazer uma casa decente para alojamento do vigário. Seu termo tem por limite, ao norte, o ribeiro Piraquera; ao sul, Imbaú; a leste, o mar; e ao oeste, espessas matas.

Morrinhos. Décima cachoeira que se topa quando se desce pelo rio Madeira, sete léguas abaixo da do Caldeirão do Inferno, sessenta pouco mais ou menos abaixo da junção do Guaporé, e seis antes de se chegar ao salto do Teotônio. Acha-se esta cachoeira ao pé de três morros cobertos de salsaparrilha, e vem a ser a terceira quando se sobe por este rio.

Morro. Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Cairu, nome que lhe veio dum morro vizinho, com uma escola de primeiras letras

criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Morro Agudo. Morro alto e cônico da província do Maranhão, no distrito da vila de Caxias, célebre nos fastos da província por se terem a ele acolhido os rebeldes, quando se retiraram de Caxias, nos fins de janeiro de 1840. Ali foram atacados e derrotados no corrente de setembro seguinte, pelo sargento João Tomás de Cantuária.

Morro da Andaia. Monte da província de Minas Gerais, no distrito da cidade de Serro e no termo da freguesia da Penha. Seu cume oferece uma planura de terra arenosa que não admite agricultura.

Morro da Garça.⁸⁸⁰ Povoação num monte do mesmo nome, no distrito da vila de Curvelo, província de Minas Gerais, a sete léguas da dita vila, e na estrada que vai para São Romão, com uma igreja da invocação de N. S. dos Milagres.

Morro das Almas. Dá-se este nome ao pico mais elevado da

⁸⁷⁶ Atual cidade de Prata/MG. (N/E)

⁸⁷⁷ Atual praia de Morrinhos, município de Garopaba/SC. (N/E)

⁸⁷⁸ Atual cidade de Morro da Garça/MG. (N/E)

Morro de São Paulo

serra Pinga da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, ao poente da povoação e da serra da Vila Velha. Das fraldas desta serra nascem vários ribeiros que vão levar o fraco tributo de suas águas ao rio de São Francisco onde entram pela margem direita.

Morro de São Paulo.⁸⁸¹ Povoação e promontório na extrema norte da ilha Tinharé, ao sul da baía de Todos os Santos, na província da Bahia. Estabeleceram-se neste promontório os jesuítas em 1560, para instruírem na religião cristã os Índios Tupinambás, e erigiram uma igreja da invocação de São Paulo. Atualmente ao pé deste morro há uma povoação defendida por uma bateria, com uma igreja de N. S. da Luz, e uma escola de primeiras letras instituída por decreto de 16 de junho de 1832. Na monção do sul os navegantes que fazem derrota para a Bahia devem guiar-se por este promontório para entrarem com mais facilidade na barra. É fácil reconhecê-lo de longe por uma touca de coqueiros, e certas manchas es-

branquiçadas no meio da verdade de que todo o restante do morro está revestido. Seu cume está em treze graus, vinte e um minutos e cinquenta e três segundos de latitude, e em quarenta e um graus, quatorze minutos e vinte e três segundos de longitude oeste. O pequeno rio Una se lança no mar entre este promontório e a terra firme.

Morro do Chapéu.⁸⁸² Povoação da província de Minas Gerais, no distrito de Queluz. Uma lei provincial de 3 de abril de 1840 anexou esta povoação à freguesia de Catas Altas da Noruega, criada em virtude da mesma lei.

Morro do Chapéu.⁸⁸³ Povoação da província da Bahia, no distrito da vila de Jacobina, com uma escola de primeiras letras para os meninos, criada por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832.

Morro do Chapéu.⁸⁸⁴ Povoação da província de Goiás, cento e doze léguas ao norte da capital e sete ao sueste da vila de Arraias. Está assentada

no sopé dum morro que se parece com um chapéu desabado. As ricas minas de ouro que neste lugar se descobriram em 1769 foram ocasião de para ali concorrerem muitos aventureiros, os quais erigiram uma igreja a São Domingos, a qual depende atualmente da matriz da vila de Arraias. Colhe-se nas terras desta povoação milho e outros víveres, e grande parte de seus habitantes se empregam na criação de gado para exportação. O morro que deu o seu nome à povoação jaz ao sul da Campanha do Neiva, que se intitula do nome do primeiro morador destes sítios.

Morro do Fogo. Lugarejo da província da Bahia, na comarca de Rio de Contas, com uma capela de N. S. do Carmo, filial da matriz da cabeça da comarca.

Morro do Pico. Morro da província de Goiás, no distrito da vila da Barra da Palma, na estrada que vai da vila de Arraias para São Domingos. É digno de admiração por sua altura e forma cônica.

⁸⁸¹ Atual povoado de Morro de São Paulo, município de Cairu/BA. (N/E)

⁸⁸² Atual cidade de Santana dos Montes/MG. (N/E)

⁸⁸³ Atual cidade de Morro do Chapéu/BA. (N/E)

⁸⁸⁴ Atual cidade de Monte Alegre de Goiás/GO. (N/E)

Morro do Pilar.⁸⁸⁵ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito da nova vila do Grão Mogor, com uma igreja da invocação de Santo Antônio, filial da matriz de Gurutuba. Os moradores que vivem derramados são lavradores e criadores de gado. (V. *Gurutuba*, povoação.)

Morro Grande.⁸⁸⁶ Freguesia da província de Minas Gerais, cinco léguas ao sueste da vila de Caeté, em dezenove graus e cinquenta e sete minutos de latitude. Foi esta povoação ao princípio um presidio; sua igreja, dedicada a São João Batista, é uma das mais belas da província, e tem por filiais as das povoações de Brumadinho, Cocais, Cocal e Córrego. A população de seu termo, avaliada em cinco mil habitantes, se acha repartida em mineiros e lavradores; mas deve-se observar que o número dos primeiros vai em diminuição depois que as minas começaram a render menos.

Morro Moleque. Morro da província de Goiás, no distrito de Arraias, perto da estrada real.

Morro Pelado. Morro da província de Minas Gerais, entre as nascentes dos rios Saçuí Grande e Guanhões: sua encosta é destituída de verdura, e arenosa a plataforma do cume.

Morro Preto.⁸⁸⁷ Lugarejo da província de Minas Gerais, com uma igreja dedicada ao Espírito Santo, a qual, por decreto da assembleia geral de 14 de julho de 1832, foi escolhida para ser filial da matriz de Pouso Alto, ou como outros lhe chamam, *Pouso Alegre*.

Morro Vermelho.⁸⁸⁸ Povoação da província de Minas Gerais, com uma igreja da invocação da Virgem Maria, filial da matriz de Caeté.

Mortes (Rio das). Rio da província de Minas Gerais, na comarca do seu nome. Vem dos montes ao oriente da vila de Barbacena, dirige-se para o ocidente, regando diversas povoações, e é cortado pela estrada do Rio de Janeiro para a cidade de Ouro Preto, entre as vilas de São João del Rei e de São José, e algumas léguas abaixo dela recolhe pela mar-

gem esquerda o ribeiro das Mortes Pequeno, e engrossa pela direita o caudaloso rio Grande, perto da povoação e porto de Macaia, num curso total de obra de trinta léguas. Dizem alguns autores que o nome das *Mortes*, dado a este rio, vem duma sanguenta batalha que houve em suas margens entre duas nações de Índios que contendiam sobre o domínio daquelas terras, porém se assim fora deveria aquele nome ser do idioma dos Índios; a opinião mais geral é que assim foi chamado do grande número de cadáveres de que suas margens foram alastradas quando, no princípio do século XVIII, a facção paulista, comandada por Domingos Rodrigues da Silva Monteiro, veio às mãos com os demais aventureiros de diversos lugares, governados por Manoel Nunes Viana, que ficou com a vitória.

Mortes (Rio das). Rio da província de Mato Grosso, descoberto por Amaro Leite em 1728. Um grande número dos que o acompanharam em suas explorações e descobrimentos pereceram de doença nas mar-

⁸⁸⁵ Atual cidade de Morro do Pilar/MG. (N/E)

⁸⁸⁶ Atual cidade de Barão de Cocais/MG. (N/E)

⁸⁸⁷ Atual cidade de Elói Mendes/MG. (N/E)

⁸⁸⁸ Atual distrito de Morro Vermelho, município de Caeté/MG. (N/E)

Mortes Pequeno

gens doentias deste rio, motivo por que lhe puseram o nome significativo que ainda hoje conserva. Nasce este rio do vertente ocidental da serra Caiapó, não muito longe do nascente do rio Araguaia, corre sucessivamente para noroeste e para leste, engrossando-se com um grande número de ribeiros, muitos dos quais atravessam a estrada da cidade de Mato Grosso para a de Goiás, sendo os de maior cabedal o Roncador e os dous sangradouros da Lagoa Grande; e depois dum curso navegável de cousa de cem léguas, vai-se ajuntar com o braço do Araguaia que corre ao ocidente da ilha do Bananal ou de Santana, em doze graus de latitude. A navegação fácil do rio das Mortes assegura às terras por onde ele passa uma numerosa população, sendo atualmente o ar puro em suas margens.

Mortes Pequeno (Rio das). Ribeirão aurífero da província de Minas Gerais que se ajunta com o rio das Mortes, pela margem esquerda.

Morto. Ribeirão da província do Rio de Janeiro, no distrito da cidade de Campanha, ao

norte do rio Paraíba. Atravessa por terras baixas que rega com suas águas cenosas e pouco sadias, e parece envergonhar-se de turvar com elas as do rio Muriaé. Nas margens deste torrente nasce espontaneamente o cipó venenoso que mata os peixes, chamado *timbó* ou *tingui*, e a árvore a que dão o nome de *guaratimbó*, cujas raízes não são menos nocivas. As águas deste rio devem de ser perniciosas para os que delas beberem, bem como as do Muriaé depois que se lhe ajunta o ribeirão das Mortes.

Morto. Ribeiro da província do Rio de Janeiro, na serra dos Órgãos; rega o termo da freguesia de Inhomirim, donde se dirige vagarosamente para o norte, e vai ajuntar-se com o rio Piabanha.

Moruim.⁸⁸⁹ Nova vila e antiga aldeia da província de Sergipe, nas margens do ribeiro Ganhomoraba, tributário do rio de Sergipe, ao poente da vila de Santo Amaro. Foi esta aldeia fundada pelos jesuítas, para nela doutrinareem os Índios Tupinambás. Um decreto da assembleia geral de 7 de agosto

de 1832 lhe concedeu uma escola de primeiras letras, e no ano seguinte tendo a província, por outro decreto, sido repartida em três comarcas, a aldeia de Moruim alcançou o título de vila. Por uma ordem do governo de 30 de setembro de 1841, estabeleceu-se nesta vila uma alfândega com regulamento para o porto que foi aprovado em 6 de junho do ano seguinte pela assembleia geral. Este porto é o entreposto do açúcar fabricado nos engenhos circunvizinhos, os quais são encaminhados para a Bahia, Pernambuco ou Rio de Janeiro, e todos os sábados há um pequeno mercado onde se vendem as produções do país, o qual, com o andar dos anos, deve tornar-se de maior importância.

Mosqueirão. Porto da cidade do Recife: os navios que demandam somente de dez até doze pés d'água podem nele entrar, e para isso devem coser-se com a parede de rochas da parte de dentro, para salvarem o banco de areia que se acha na entrada do porto. Entre a dita parede e o cais da cidade poderá haver trezentas braças, fundo suficiente para

⁸⁸⁹ Atual cidade de Maruim/SE. (N/E)

os navios poderem dobrar a ponta e ir por de avante até a ponte de Santo Antônio.

Mosquitos. Lagoa da província do Ceará, perto da aldeia Mecejana e da lagoa Botarité.

Mosquitos. Ribeirão que nasce na província de Pernambuco, onde passa pelas adjacências da serra Paranã, e dali a doze léguas vai engrossar do dobro o rio Potengi ou Grande.

Mosquitos. Canal com seis léguas de comprimento, que separa a ilha de Maranhão do continente. Da parte do nascente a sua entrada é larga, bem que semeada de ilhotas e vai-se estreitando de mais a mais à medida que se vai avizinando da extrema oposta. Seu fundo por ser de rocha tem pouca altura e largura, e só as canoas se aventuram a sulcá-lo para irem à cidade de São Luiz.

Mossâmedes.⁸⁹⁰ Aldeia da província de Goiás, cinco léguas ao sudoeste da cidade deste nome. Foi fundada em 1774 pelo governador José de Almeida de Vasconcelos de

Sobral e Carvalho, para nela colocar os Índios Javaés, Acroás e Carajás, que se haviam submetido. Pôs o governador à testa deles homens industriosos, para ensinar-lhes a lavrar as terras sem usar de violência, e foi esta a primeira aldeia da província onde se ajuntaram Índios de várias tribos. Edificou-se uma igreja que foi dedicada a São José, e elevada à categoria de paróquia em 1780. Passados alguns anos, o governador Tristão da Cunha Menezes agregou aos primeiros Índios algumas tribos dos Bororós, com o intuito de desorientá-los. Quantos povoam esta aldeia presentemente parecem descender desta última nação.

Mossoró.⁸⁹¹ Povoação da província do Rio Grande do Norte, perto da embocadura do rio Apodi. Seus moradores trabalham nas salinas, e fazem grande comércio de sal com os distritos da província, e com os das vizinhas.

Mossoró. Salinas da província do Rio Grande do Norte, na costa setentrional, entre o rio Apodi e o das Piranhas. Dilatam-se do norte ao sul estas

salinas, desde o mar até perto da povoação de Santa Luzia. Dá-se também o nome de Mossoró ao rio Apodi, quando corre ao longo delas. Com o sal que delas tiram, salgam os habitantes uma prodigiosa quantidade de pescados que se exportam para o interior da província ou para a de Ceará.

Mostardas.⁸⁹² Freguesia da província de São Pedro do Rio Grande, em terras arenosas e pouco férteis, entre a lagoa dos Patos e o Oceano. É uma das povoações da província que foram povoadas por Europeus, os quais edificaram uma igreja, e a dedicaram a São Luiz. Aplicaram-se estes primeiros povoadores à fabricação de selas e mais arreios, e com esta indústria conseguiram viver em certa abundância. O governador José Marcelino de Figueiredo tendo solicitado do governo a ereção de várias paróquias da província que governava, obteve a igreja de São Luiz esse título em 1775. Segundo um alistamento feito nesta província em 1814, sua população achava-se assim repartida:

⁸⁹⁰ Atual cidade de Mossâmedes/GO. (N/E)

⁸⁹¹ Atual cidade de Mossoró/RN. (N/E)

⁸⁹² Atual cidade de Mostardas/RS. (N/E)

Mostardas

Branços de ambos os sexos	723
Índios id	5
Livres de cor dos dous sexos	68
Escravos de ambos os sexos	281
Recém-nascidos	74
.....	—
Total.....	1.151 almas.

Hoje porém este total é de três mil. Esta freguesia é cabeça dum colégio eleitoral desde 1832. Os rebeldes estiveram de posse dela durante muitos anos. Colhem-se em seu termo milho, feijões e excelentes melancias.

Mostardas. Lagoa da província de São Pedro do Rio Grande. (V. *Peixe* [lagoa do].)

Moura. Pequena vila da Guiana brasileira, na margem direita do rio Negro, cinquenta léguas pouco mais ou menos acima de sua embocadura no Amazonas. Sua igreja é dedicada a Santa Rita, e seus moradores cultivam os víveres de seu consumo, e fazem um comércio de permutação.

Moxotó. Rio da província das Alagoas nasce na serra Araripe, corre de monte em monte, do norte para o sul, por espaço de trinta léguas, e lança-se pela margem esquerda no rio de São Francisco seis léguas acima do salto de Paulo Afonso; seu leito é empachado com obstáculos que só concedem às canoas navegação na estação das chuvas, e seca-se, se elas falecem.

Moz.⁸⁹³ Vila da província do Pará. (V. *Porto de Moz.*)

Mozambo. Ribeiro da província de Minas Gerais; vem da serra da Mantiqueira, e vai lançar-se no rio Sapucaí. Nas suas margens há águas sulfúreas com diversos graus de calor.

Muanãa.⁸⁹⁴ Nova vila da província do Pará. Seus moradores seguiram as partes de Vinagre em 1838, e foram submetidos no ano seguinte pelo Marechal de Campo, presidente e comandante militar da província, Francisco José de Souza Soares de Andréa. A câmara reclamou por limites, defronte do distrito da vila de Oeiras, a fazenda Acurana até

o ribeiro Virinduba, entrando também as ilhas à exceção da de Paquetá, e em 1840 pediu fundos para acabar a fábrica da cadeia que se achava já adiantada.

Mucuri. Rio que passa pelas províncias de Minas Gerais e da Bahia. Alguns viajantes o tomaram por um braço do rio de São Mateus, que vem da cordilheira dos Aimorés, mas o autor da *Corografia Brasílica* e outros o fazem com mais razão nascer dos ribeiros Pretos grande e pequeno, Mimanáqui e doutros, que são os seus primeiros afluentes pela margem esquerda. Também se lhe ajunta na cordilheira o rio de Todos os Santos, e descendo dela rega a comarca de Porto Seguro. Entre a serra das Esmeraldas e os montes que separam a província de Minas Gerais da da Bahia, suas margens são povoadas por cabildas de Índios bravos, e por tanto ignoradas. Na comarca de Porto Seguro seu curso é constantemente rápido, e as terras que rega férteis; passa pelas abas da vila de Porto Alegre, e continua a precipitar as suas águas até a boca meridional do canal que jaz entre o parcel das Paredes

⁸⁹³ Atual cidade de Porto de Moz/PA. (N/E)

⁸⁹⁴ Atual cidade de Muaná/PA. (N/E)

e o continente. Sua embocadura fica oito léguas ao norte da do rio de São Mateus, em dezoito graus e seis minutos de latitude e em quarenta e dois graus e cinquenta minutos de longitude oeste. As canoas sobem pelo Mucuri até o pé da Cordilheira e as sumacas até a vila do Porto Alegre, onde vão tomar carga. O governo imperial havia concedido o projeto de colonizar os degradados das províncias da Bahia e de Minas Gerais na cordilheira entre o rio Mucuri e o de Todos os Santos: seria para se desejar que este projeto fosse posto em efeito; pois que por aquele modo se povoariam terras virgens, e dando-se uma boa direção aos trabalhos, a sorte dos degradados seria mais sofrível, e o governo imperial e os provinciais colheriam grandíssimos proveitos. As pedras e os metais que dali se tirariam, bem como as produções da agricultura, teriam fácil extração na cidade da Bahia, e nas vilas mais vizinhas da nova colônia.

Mugiquçaba. Ribeiro da província da Bahia, na comarca de Porto Seguro. Nasce na margem oriental da lagoa do

Braço, serve de limite ao distrito de Belmonte, seis léguas ao sul desta vila, e vai se lançar na enseada chamada Concha.

Mumbaça.⁸⁹⁵ Freguesia da província do Ceará, no distrito da vila de São João do Príncipe. Era ao princípio uma capela de Nossa Senhora, com algumas casas sitas nas margens da ribeira Banabuiú, a dez léguas da cabeça do distrito de São João do Príncipe, de que ela servia de limite. Dependeu por largo tempo esta capela da matriz de Telha; mas indo a população em aumento, a assembleia provincial a elevou à categoria de freguesia em 1837 ou 1838, desmembrando o termo da freguesia de Telha para formar o seu, assinalando a um e a outro por limite a serra Flamengo. Mumbaça foi designada para assento dum colégio eleitoral, que constou em 1842 de dezoito eleitores. Seus habitantes são brancos, Índios e mestiços; cultivam algodão e os gêneros ordinários do consumo e criam algum gado.

Mundibu. Ilha do rio da Madeira, na província do Pará,

quinze léguas abaixo da cachoeira de Santo Antônio e perto do confluente do rio Jamari.

Mundo Novo. Lugarejo da província de Pernambuco, no distrito de Goiana, perto da ilha de Itamaracá, com um engenho e uma capela de N. S. da Conceição.

Mundo Novo.⁸⁹⁶ Pequena povoação da província de Minas Gerais, no distrito da cidade da Campanha, e a pequena distância dela.

Mundo Novo. Povoação de Índios civilizados da província do Ceará, três léguas ao poente da vila de Bom Jardim. Em 1839 ou 1840 Mr. Gartner⁸⁹⁷ achou nas vizinhanças desta povoação um grande número de peixes fósseis.

Mundurucu. Nação numerosa e belicosa que dominava nas terras que jazem entre o rio Madeira e o Tapajós, nas províncias de Mato Grosso e do Pará. Enfeitavam estes Índios as choupanas em que viviam com as cabeças dos inimigos que haviam morto, e

⁸⁹⁵ Atual cidade de Mombaça/CE. (N/E)

⁸⁹⁶ Atual povoado de Mundo Novo, município de Monsenhor Paulo/MG. (N/E)

⁸⁹⁷ O autor refere-se ao viajante inglês George Gardner (1812-1849), que escreveu o livro *Viagem pelo Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante, durante os anos de 1836-1841*. (N/E)

Mundurucu

não podiam ser chefes se não apresentavam pelo menos dez. Além do arco e flechas serviam-se duma espécie de zarabatanas, em que metiam setas ervadas. Quase todos se submeteram ao governo do Brasil no princípio deste século, o que não obstante ainda conservam o antigo costume de pintarem o corpo com jenipapo; cultivam alguns víveres, mas a caça é sempre a paixão que neles mais domina.

Mundurucu. Aldeia de Índios da nação do mesmo nome, na província do Pará, na margem esquerda do rio Tapajós, muito acima de Vila-nova de Santa Cruz. Povoam-na Índios pouco civilizados, fortes e membrudos, que andam vestidos, e cultivam alguns víveres. Em 1838 alguns rebeldes se acolheram a esta aldeia que pertence ao distrito de Santa Cruz, porém os Índios os dispersaram, e submeteram-se ao governo imperial.

Muras. Tribos de Índios que dominavam nas margens do rio Madeira, acima da vila de Borba, na província do Pará, os quais têm ainda uma grande aldeia na margem direita do mencionado rio. Andavam es-

tes Índios ao princípio inteiramente nus, mas com o tempo tornaram-se mais conversáveis. Os homens enfeitam os braços e pernas com penas das mais vivas cores, furam o nariz, orelhas e beiços, e metem nos buracos conchas e dentes de animais. Alguns deixam crescer as barbas e pintam todo o corpo para fazerem medo aos inimigos, e por vezes ferram algum lugar do corpo pintando nele diversas figuras. As mulheres têm cuidado da casa e ajudam aos homens a remar nas canoas. Os chefes têm muitas mulheres, os inferiores uma só, mas deixam-na, e tomam outra conforme lhes apraz.

Muriaé. Rio da província do Rio de Janeiro, no norte do distrito da cidade de Campos. Vem da serra do Pico, e ajuntase com o Paraíba pela margem esquerda, depois de haver recolhido as águas cenosas do ribeiro Morto. Sobem por este rio acima as canoas até os montes onde antigamente residiam os Índios Guarulhos. Há em suas margens obra de muitas fábricas de açúcar, e neles vegetam o timbó ou tingui, e a árvore chamada guaratimbó, de que fizemos menção no artigo

do ribeiro Morto. As águas do Muriaé devem de ser perniciosas, e talvez o deixassem de ser, se se extirpassem estas plantas venenosas, arroteando as terras e campos adjacentes.

Muribeca. Freguesia da província de Pernambuco, a quatro léguas do mar, entre a cidade do Recife e o Cabo de Santo Agostinho. Sua igreja, que era já paróquia no tempo dos Holandeses, é dedicada a N. S. do Rosário, e domina uma enfiada de colinas ao poente da vila do Cabo de Santo Agostinho. Seus habitantes, que se avaliam em novecentos, são lavradores de canas. O açúcar fabricado nos engenhos de seu termo é levado para a cidade do Recife.

Muribeca.⁸⁹⁸ Povoação da província do Espírito Santo, no distrito da vila de Itapemirim. Foi primitivamente uma fazenda dos jesuítas, perto do rio Cabapuana, com uma capela da invocação de N. S. das Neves, que em 1771 era filial da igreja da Conceição da povoação de Minas do Castelo, e o é ainda da matriz da vila de Itapemirim. Os habitantes desta povoação, além dos víveres de seu consumo, lavram

⁸⁹⁸ Atual cidade de Presidente Kennedy/ES. (N/E)

canas que servem de alimentar um engenho, onde se fabrica açúcar, e aguardente.

Muribeca. Serra da província da Bahia. (V. *Borracha*.)

Muribeca. Nome que também se dá por vezes ao rio Cabapuana. (V. este nome.)

Murici.⁸⁹⁹ Povoação da província das Alagoas, no distrito da vila de Atalaia; pertencia ao distrito de Vilanova da Imperatriz, antes de ser suprimida por lei provincial de 5 de maio de 1843. Os moradores são quase todos Índios que cultivam algum algodão, e se sustentam especialmente de veação e de pescado.

Muriqui. Rio da província do Rio de Janeiro; rega o termo da freguesia de Mangaratiba, e vai se lançar na baía de Angra dos Reis, dando navegação a canoas por espaço de duas léguas.

Muritiba.⁹⁰⁰ Freguesia da província da Bahia, uma légua ao sudoeste da cidade da Cachoeira, num sítio aprazível e com excelente água. Dá-se-lhe algumas vezes também o nome de *Passé*. É ornada de duas igrejas; a do orago de São Pedro é

paróquia há muito tempo, a outra é da invocação de N. S. do Rosário; ambas são de pedra e cal. As casas são de tijolo sobre uma armação de madeira. Possui esta freguesia uma escola de primeiras letras que lhe foi concedida por decreto da assembleia geral de 16 de junho de 1832. O termo da freguesia da Muritiba é próprio para o tabaco, e o que ali se colhe é de superior qualidade. As canas e os cafeeiros também se dão mui bem, e as laranjeiras e jaqueiras são mui abundantes, o anil e jarrinho nascem espontaneamente.

Murucutuba. Lagoa da província do Pará, na margem direita do rio Madeira, em que deságua acima da vila de Borba e do sangradouro da lagoa Matari.

Muta. Ponta de terra da costa da província da Bahia: é menos alta que a dos Castelhanos que se acha mais ao sul, distância de uma légua. Estas pontas e a ilha Quiêpe separam do mar alto a baía de Camamu.

Mutuaca. Rio da Guiana brasileira; nasce nas terras altas junto ao Oiapoque, corre no

rumo do sul, e lança-se pela margem esquerda no rio das Amazonas, vinte e oito léguas ao sudoeste do cabo do Norte. Em sua embocadura há ilhas em que se colhe algodão, arroz e cacau.

Mutuca.⁹⁰¹ Povoação da província de Minas Gerais, no distrito e a seis léguas da cidade da Campanha. Neste lugar se ajuntaram os rebeldes em julho de 1842, porém foram derrotados e postos em fuga, em 20 do mesmo mês.

Mutuns.⁹⁰² Povoação de pouca importância da província do Maranhão, nos nascentes do rio Moni, e no distrito da vila de Brejo, onde os rebeldes tinham em 1840 o corpo principal da reserva, bem como no Caraubal.

Mutuparana. Rio da província de Mato Grosso: vem do norte da cordilheira Parecis, e ajunta-se com o rio Madeira pela margem direita, abaixo da cachoeira dos Três Irmãos.

⁸⁹⁹ Atual cidade de Murici/AL. (N/E)

⁹⁰⁰ Atual cidade de Muritiba/BA. (N/E)

⁹⁰¹ Atual cidade de Elói Mendes/MG. (N/E)

⁹⁰² Atual distrito de Mutuns, município de Madeiro/PI. (N/E)




FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS


GOVERNO
DE MINAS

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Secretaria de
Assuntos Estratégicos

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Apoio


FAPEMIG